REVISTA

DO

INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO

BRASILEIRO

REVISTA

DO

INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO

BRASILEIRO

Fundado no Rio de Janeiro em 1838

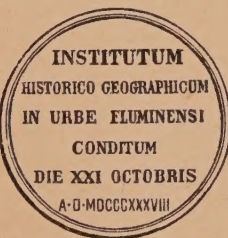
TOMO LXXVI

1913

PARTE I

Hoc facit, ut longos durent bene gesta per annos
Et possint sera posteritate frui.

DIRECTOR

Dr. B. F. Ramiz Galvão

RIO DE JANEIRO

IMPRENSA NACIONAL

1915

Pedro I e a Marqueza de Santos

EXCERPTO

PELO

Dr. Alberto Rangel

(SOCIO EFFECTIVO DO INSTITUTO)

PEDRO I E A MARQUEZA DE SANTOS

(*Excerpto*)

CAPITULO XI

De 1808 em deante, o charrúa, o *tupamaro* e o caudilho platino nos incommodaram sempre. Procuravam o equilibrio, quando o nosso estava feito com a felicidade do regime politico que então era, por excellencia, regulador e estatico.

Abandonada Mercedes pela divisão do bronco José de Abreu, o incendio da insurreição nos campos uruguaios veio alar-se nas macegas de nossos campos. Buenos Ayres, creando um derivativo aos seus males internos, punha lenha á fogueira, em que se nos evaporou a Cisplatina. . .

Ferviam os gringos da campanha na esperança de sacudir, enfim, o jugo sobretudo funesto aos arranjos sanguinolentos da caudilhagem indomesticavel. Aos faccinorosos gaúchocratas da correria oriental não conviria nunca a politica do extrangeiro, que lhes tomava as contas e integrava os nomades e bandidos na ordem vital do Imperio.

Os elementos intellectuaes de Montevidéo annexaram-se com sympathia ao Brasil ; só não se conformaram as bolas e o laço de Artigas e Lavalleja, os trinta dinheiros de Fructuoso Rivera, o facalhão de Oribe. . . Os quadrilheiros blasonavam de patriotas e serviam ao mesmo tempo aos interesses da pilhagem e degola intra-muros.

Conchavou-se a peonada nas bochechas do marechal Lecor, e a 19 de Abril de 1825 os celebrados « Treinta y tres campeones »

pisaram a areia da Agraciada, para subscriptarem ao Brasil o seguinte desafio: — « Libertar la patria o morir en la demanda ». Pouco mais de seis mezes depois, o governo argentino nos communicava a incorporação da Cisplatina ás Provincias Unidas do Rio da Prata. Buenos Ayres desmascarava as baterias. A 10 de Dezembro de 1825 o Brasil, vencido no Rincão das Gallinhas e no Sarandi, mas que seria vingado nas sovas de Serro Largo e Pirahi, acceita o cartel de desafio. A Argentina retruca, auctorizando o corso, e pela voz de D. Juan Gregorio de las Heras, fallando ao pampa, com hyperboles deste jaez: « Ciudadanos! desde hoy todos sin ecepcion somos soldados. » Todo o anno de 1826 Lecor atarracha-se á Capua de Montevidéo, triscando com Magessi, que tomou posse do govêrno da provincia da Cisplatina a 3 de Fevereiro de 1826. O bloqueio de Rodrigo Lobo é um crivo. Rosado e Gordilho de Barbuda implicam reciprocamente. Formígam desertores dignos dos dez ou seis pesos, com que Lavalleja amilhava os judas. . . A 20 de Julho de 1826, o visconde da Laguna avizava da invasão do Rio Grande nestes termos peremptorios e alvorotadissimos: « O inimigo em Força de seis a sete mil homens vae marchar para essa Fronteira, se bem que ainda se ignore a que ponto se dirigirá, por tanto chame V. Exª. todos os habitantes ás Armas, pois que do contrario essa Provincia soffrerá hum damno consideravel, fazendo retirar os Gados e Cavalhadas para o interior da Provincia » etc.

José de Castro Canto Mello, a 21 de Julho de 1826, utilizava-se das relações imperiaes, participando os horrores dos pagos rio-grandenses para as intercessões do Throno. A 12 de Septembro o imperador atira aos hombros de Barbacena o encargo do commando em chefe. A 25 de Novembro, o Monarcha não se refreia e parte á inculca...

Eram pessimas as conjuncturas, arcas vasias do Thesouro, e segundo Barbacena afiançava: « A despeza dupla do que marca a Ley.» O exercito, reduzido a uns 3.000 homens, sem unidade e sem preparo, em grande parte inamovivel e mazorro, prenhe de analphabetos, de mandriões, de covardes e sobretudo de cansados.

O imperador teria recordações classicas e lido o apologo das cotovias de Manuel Bernardes. Precedera-o de vinte e um dias o marquez de Barbacena, rumo do Sul, levando com tres creados, cinco escravos e o Estado Maior, o bastão de commando embrulhado na carta imperial do marquezado novo em folha.

A 8 de Novembro aportava Barbacena no Desterro, entre as furias do vento Sul, que o impediu de desembarcar no primeiro dia. As noticias que alli recebeu do exercito o desolaram, embora puzesse de quarentena as informações, que lhe ministravam. Nos habitantes da ilha de Sancta Catharina vislumbrava-se a tristeza corvejada da campanha. A 23 o general alcançou Porto-Alegre.

Não se sabia a quantas se andava. O Estado Maior do visconde de Laguna calculava as fôrças brasileiras em 5101 homens contando com os 1831 destacados e doentes. Mas o general Rosado negava a exactidão do numero. Barbacena propendia ao total de 6832 praças. O soldo atrazado de cinco e oito mezes, em Dezembro, achando-se entretanto o Estado Maior pago em dia! A 15 de Dezembro escrevia Barbacena ao conde de Lages: « Seria mesmo necessario escrever resmas de papel para notar os abusos observados, além dos que hei de ainda encontrar » e « todas as rendas do Imperio, e todo o armamento da Grãa Bretanha não poderião resistir a tantas causas combinadas para frustar as Ordens, e providencias do Ministerio. »

Apenas chegado á provincia de S. Pedro, Caldeira Brant age com a maior intelligencia e decisão, estabelece o serviço de communicações, fortifica o Rio Grande, organiza a defesa da Lagôa Mirim, reforça a esquerda, ordena uma demonstração naval na costa de Maldonado, organiza um depósito de recrutas e manda recolher aos corpos a « alluvião » de soldados e officiaes distrahidos dos seus postos. Somente este rol de medidas, sábias e rapidas, salvará Barbacena nos lentos juizos da Posteridade.

Ainda sobrava o tempo ao general para reclamar do Govêrno a solução de questões bysantinas, taes como, si a duração legal dos cavallos terminava com a morte das alimarias pelas balas, si as

bagagens dos officiaes, saqueadas pelo inimigo, deviam ser indemnizadas pelo Govêrno, etc.

« Eu sou tão Piedoso quanto Forte. Escolhei, e Decidi-vos » era este o final de um edito imperial aos habitantes da Cisplatina; como se vê, documento roncante e cheirando ao chamusco das pederneiras do marechal João Henrique de Böhn. Cansado de soprar palavradas ribombantes e inefficazes, quiz d. Pedro attender, com os olhos animosos, da vanguarda ás bagagens, o aperreamento dos esquadrões, a inercia ignava das vedetas, a tibieza e desorientação dos chefes, para dissolver a negligencia, o terror e a fadiga na incendida catalyse do brio e decisão. Diz bem o proloquio, que o rei é como o sol, que quanto vê alenta.

No officio de 22 de Dezembro de 1826, dirigido por Villa Bella a S. Leopoldo, apontam essas esperanças: « e porá termo a tantos males, que tem soffrido pela luta em que nos achamos com os rebeldes, valendo Sua Imperial Presença mais que um exercito ! »

A viagem de d. Pedro regozijara a Barbacena, que officiava ao Lages a 15 de Dezembro: « Se não tivesse em abono o testemunho do Imperador, que minha boa estrella o trouxe a esta Provincia para reconhecer as difficuldades em que estou involvido », etc.

O problema da avançada campanha tinha ainda de ser resolvido nos primordios estrategicos. Precisaria apressar e completar a concentração, isto é, provendo as intendencias, arrastar ás fronteiras uns doze mil homens indispensaveis. Os corpos disponiveis da tropa amarravam-se ao ocio de engorda das guarnições do interior, bandos, sem cohesão, de negros, de allemães, de caboclos, de indios e portuguezes, surdos de proposito ou molles de natureza, para correrem aonde o dever da defesa, no theatro das operações, os chamasse. Recrutar soldados e levar por deante os grupos de parasitos e paraplegicos, arrebanhar os soldados bisonhos e mofosos na tarimba e apontar á corja retardia o caminho que tinha de seguir, para o que era estipendiada e necessaria, seria a intenção do imperador correndo aos campos rio grandenses. No tom ordinario de espalhada, peculiar ás proclamações officiaes, d. Pedro desenrolara, a 12 de Novembro de 1826, os motivos que o instavam á viagem: — a ne-

cessidade de sustentar a honra nacional, fazer com que a guerra do Sul acabasse, animar o engajamento dos habitantes das provincias do Sul e vêr com os proprios olhos as necessidades do exercito. O que elle a respeito escreveu a d. Domitilla não desmente as declarações « aos Fluminenses », precisando-as no ponto essencial: « Pertendo partir se Deus quizer depois de á manhan para o Rio Grande, pois assim farei que com mais facilidade a tropa se vá encorporar ao Exercito ».

O apresto da partida de d. Pedro no Rio foi a trancos e barrancos, varrendo-se os depositos e arsenaes; attestaram-se os porões de munições de bocca e de guerra. Officiaes, soldados do 27 de Caçadores e avulsos recolheram-se a bordo das dez unidades, reparadas a trouxe mouxe, sob as vistas de d. Pedro, mais do que nunca indefessas.

A 29 de Novembro fundeava a frota em Sancta Catharina, tendo sido logo visitada por um furacão e tendo dado caça ao corsario, que escapara, tal qual um baleote ás ganas do espadarte... Mal caïra o ferro na agua do Desterro, assim escrevia d. Pedro á amiga que, segundo affirma o ministro prussiano, escapou de acompanha-lo, dando-lhe contas da viagem: « Neste momento fundiamos com muito boa viagem e com o comboio todo junto ao largar ferro cahiu um Pampeiro etc. com trovoada, mas fraca. Esta manhan as 9 horas avistamos huma curvetta com bandeira franceza demos-lhe cassa por 2 horas, e meia, e não entrando com ella pois andava mais voltamos a entrar com a Comba. Mandei o Passaro por excellencia que he a fragatta Izabel que tendo este nome não podia ser má, e anda muito, e tenho subejas esperanças que seja agarrado o tal inimigo que he uma linda curvetta, e esteve tão perto da Nau como pode ser de tua casa a ilha da Caxassa. »

Pondo o pé em terra, d. Pedro enveredava a 1 de Dezembro para Porto Alegre, afivelando azas nos pés.

Durante a estada na provincia de São Pedro, a tenacidade do imperador não se desmente um só instante; a todos falla e de tudo se lembra. A 7 de Dezembro torna effectiva a promoção de Barbacena a tenente-general, o que presuppõe intenções de resi-

gnatario. D. Pedro passa em revista as tropas, fazo computo das fôrças, recolhe informes, delinea marchas e reservas, pensa em comboios da Intendencia e projecta requisições... E' o elemento preferido do imperador, a atmosphera, em que se acha, de preparativos de lucta, de azafama de armas. O enthusiasmo dos Rio-grandenses pede meças á febre agitatoria e contentamentos do generalissimo. Renasce a confiança em todos. O soberano ardente e novel é penhor da victoria, amiga quasi sempre dos que a disputam com a fé e o calor da mocidade.

José Feliciano Fernandes Pinheiro queixa-se de que, segundo plano prévio e por elle indicado, d. Pedro não tivesse desembarcado no Rio Grande para atirar á fronteira, pelo São Gonçalo, as fôrças do exercito vindas nos seis transportes, quando todas as razões impunham a presença immediata do imperador na capital, centro administrativo, mil vezes mais estrategico que os areiaes da laguna.

Enquanto Barbacena concertava com o amo os grandes traços da campanha e lhe dava os primeiros accentos, Robert Gordon emergia de um mergulho de espreita em Massiambú... O ministro de Extrangeiros recommendara-o, a 20 de Dezembro, aos presidentes de Sancta Catharina e Rio Grande. Embarcou no Rio o ministro inglez, a 22 de Dezembro, na fragata *Doriz,* com o disfarce de ir ao encontro do monarcha e corteja-lo, no fundo para lhe disparar o torpedo da mediação britannica, offerecendo-lhe proposições de paz com Buenos Ayres.

Subitamente apparecera o decreto de 15 de Dezembro, em que d. Pedro declarava: « Exigindo negocios da maior importancia minha augusta presença na capital do Imperio, não consentindo por isso que por mais tempo me demore nesta Provincia, como tencionava » etc. Nesse mez embaraçoso Gordon continuava a corrrespondencia inaturavel de Lord Ponsomby. A pressão pacifista do bretão, as noticias da molestia de d. Leopoldina e o receio do desfecho funebre não deixariam de pezar nessa resolução, sôbre que se ergueram as mais phantasticas supposições, tendentes a desmoronar o patriotismo em evidencia de d. Pedro.

No entanto, o marquez de Paranaguá, quando escrevia a 6 de Dezembro ao imperador, calculava perfeitamente os effeitos de suas imprecações: «Como he natural e proprio do Coração e Ternura de V. M. I. a que de todo modo parta para esta Corte, Permitta V. M. I., que pelo fiel zelo e verdadeira amizade que lhe consagro, pondere a V. M. I, que não tendo ahi a Nau e a Fragata, se faz arriscada a viagem por mar, presentemente infestado de Corsarios; e que por terra além de ser longe, é trabalhosa, poderá perigar a sua preciosa saude!»

Nada mais cruel que as faculdades refractivas da politica, bem como curiosos e varios os seus moveis; fazem desviar toda a luz, quebrando as direcções consequentes, e mascarar e controverter as razões de origem. O Brasil repartiu-se, desde que se alentou e individualizou, entre dous grupos de odio ethnico, o dos «cabras» e o dos «pés de chumbo». Em 1826 ia funda a rivalidade no conflicto do antagonismo colonial subjacente, separando aspirações e divergindo programmas.

D. Pedro estava na tradição lusa, que então via profundamente no Prata a nossa grave e irrevogavel questão continental, o flanco doente, o ponto sensivel... A opposição que reclamava a paz nas fronteiras do Sul e tractava d. Pedro de intremulo e desmiolado, prodigo do sangue e dinheiro alheio, não era somente um partido de campanario, mas a população anti-metropolitana, reagindo por nativismo estreito á herança dolorosa da lucta, cuja victoria Portugal bem sentiu indispensavel á tranquillidade dos destinos nacionaes.

Explica-se d'esta forma que o nosso chauvinismo não só recusasse suas chammas vitalizadoras á campanha que perdemos, prorogada na impopularidade, como procurassem os corrilhos, deante do arranco explicito e nobre de d. Pedro, comparecendo ao Rio Grande, intrica-lo na pretendida impostura e mandinga de uns amores entimidados...

Na cidade do Rio Grande chegou, com effeito, a noticia da morte de d. Leopoldina. O árdido e soffrego monarcha, nas preoccupações de estimulo e desvelo mavorcio, levou um choque, de

cuja violencia nos dará medida a emotividade do imperador, já de si exaltada nas excitações de a todos incutir coragem e inflammar de enthusiasmo. O marquez de Paranaguá attribulava-se, pensando nos effeitos do sentimento imperial com o seu estalão e mesurices de homem de côrte, quando a 11 de Dezembro de 1826 communicava a d. Pedro : « Entretanto nada ha, nem haverá, que perturbe a nossa justa magoa. A par desta porém anda o cuidado da dolorosa sensação, que forçosamente ha de produzir esta terrivel noticia no coração de V. M. I. » Não havia de ser somente a dôr que, rebentando em decasyllabos, tornaria a impôr a d. Pedro a ordem de regresso. Medeou um mez justamente entre o annúncio de despedida e a retirada dos rincões do Sul : tempo de sobra para tomar d. Pedro alturas e enterreirar as idéas. No presidi o de Torres en contra-se elle com o barão de Quixeramobim, que vindo no brigue portuguez « Constancia » lhe trouxera um monte de despachos e de cartas. Eram consolações e nenias a granel. O bispo Silva Coutinho reclamava a sua presença na Côrte, desta forma : « Permitta-me tambem V. Magestade que lhe diga que hum golpe tam cruel pela sua natureza, e ainda mais pelas suas consequencias só poderá ser reparado pela presença de V. Magestade nesta Côrte. Taes são os sentimentos e os desejos de hum fiel Brasileiro ; que ama sinceramente o povo, e o soberano »

Fr. Antonio de Arrabida incitava-o ao contrario, açulava-o com a gloria e a sancção do Deus das batalhas... A's 2 horas da tarde de 4 de Janeiro de 1827 a nau Pedro 1º, trazendo a seu bordo o imperador, levantava ferro do porto de Sancta Catharina, rumo Rio de Janeiro.

Não era o programma de d. Pedro, afinal de contas, desenvolver os paineis vermelhos da guerra, nos laços e desataduras da tactica, o que demonstram inilludivelmente a publicação solenne de 12 de Novembro e a carta á marqueza de Santos de 29 do mesmo mez. No desvario dos sentimentos de esposo, teria intervindo tambem o pensamento judicioso dos perigos, a que se arriscava o Throno, achando-se vasia a capital do Imperio da guarda respeitosa e fiel, que nella havia deixado. Quem diria que os inimigos do re-

gime e da ordem, andando por longe o detentor da Corôa, não haviam de espalhar os boatos de desapparecimento de d. Pedro, para o assalto premeditado ao poder? Serviria de pretexto a lenda repentina de um morto e a corôa exposta a ficar como a da ballada de Uhland, carbunculando no fundo de uma sanga, sem que a ninguem tentasse ir busca-la....

Quem o livraria do golpe em distancia e nas trevas? Para o soberano, mais do que para qualquer outro, avultam os perigos, a que se expõe quem fica *longe da vista*. . .

Teria pezado isso no espirito atilado de d. Pedro, predisposto além do mais a volver ao Rio, porque afinal o haviam de enojar e esmorecer as demoras da organização, as quaes exigiriam resignações sobrehumanas para vencer a poltroneria dos individuos, a babel dos estados maiores e a mingua das arrecadações. . . Ainda si elle tivesse encontrado tudo a postos, bem municiado e fosse preciso saltar á frente das columnas de ataque, pagaria o sacrificio. Elle saberia arvorar o pennacho de Henrique IV como signal de « assembléa ».

No desconfôrto do lucto e isolamento, d. Pedro inventaria phantasmas em soliloquios de insano, como quem se vê no escuro e com medo. No raciocinio de precipitado haveria de exaggerar a situação, evidentemente melindrosa, pezando os prós e rebatendo os contras.

De um lado, a provincia desencravada da Patria, e por outro toda a Patria tombada na anarchia e para sempre desgraçada por um passe provavel de tranquibernia, executado pelo grupo de especuladores, que se apossassem do centro politico do paiz. A ausencia de d. Pedro favorecia a artimanha audaz, o arrôjo da escalada.

O acampamento sinistro da coxilha de Sanct'Anna, na capella do Livramento, fôra levantado; Barbacena começava a estiraçar o exercito para o defrontar com os « Castelhanos ». Justamente, dous dias depois, calçava d. Pedro novamente as suas botas de septe leguas, de regresso á Côrte. Na villa de S. José do Norte impacientou-se com as demoras de um peão e experimentou sacudir-lhe o torpor ou o desazo com uma vergastada irreflectida. . .

José Bonifacio, sempre vigilante e exacerbado, ao fim de um epitaphio amargo edita admiravel prophecia : « A morte da Imperatriz me tem penalizado assás. Pobre creatura ! Se escapou ao veneno, succumbiu aos desgostos ; mas este successo deve trazer consequencias ponderosas não só para D. Domitilla, mas talvez para grande parte do Ministerio. »

A 15 de Janeiro de 1827, sem pompa de especie alguma, desembarcou o viuvo, sob a impressão lancinante da perda, de que se não consolava.

Armitage, Pereira da Silva e outros historiadores que os copiam, dão curso a respeito do retôrno de d. Pedro ao desejo de vingar-se dos inimigos da marqueza, que delles acerbamente se queixara.

No relatorio de 11 de Dezembro de 1826, enviado ao imperador pelos ministros, diziam estes : « Julgamos do nosso dever, e fidelidade communicar a V. M. I. que S. M. a Imperatriz durante a sua cruel infermidade soffreu alternadamente violentas convulsões, e ataques nervosos com perturbação de cerebro e em seus delirios pronunciando palavras que indicavam os motivos de sua inquietação, deixava perceber que algumas Causas moraes ocupavam sua imaginação, e que objectos de desgosto, e de resentimento se tinham apoderado grandemente do Seu Espirito e que tendo chegado ao Conhecimento do Publico, a quem nada póde ser oculto em taes circumstancias excitou nelle grande murmuração com ameaças de vingança, proferindo a esse respeito proposições inconsideradas, e temerarias ; mas podemos asseverar a V. M. I. que se tem tomado as competentes medidas para que se conserve tudo na maior pacificação como até agora havemos conseguido. »

Os signatarios não pouparam allusões as mais directas ao amo, calaram no entretanto os motivos que acirraram da parte do povo, caroavel a taes vexames, as represalias que foram provocadas imprudentemente pelo ministro da Marinha, se abalroando com a primeira dama nos humbraes da camara da agonizante. Da mensagem de Paranaguá ao imperador, datada do dia 6 de Dezembro, não transpira a menor referencia ao celebre incidente. O aulico nos

cita a « assistencia e zelo dos seus Creados » silenciando completamente sôbre o encontro vexante da vespera com a « creada » mais notavel.

A proposito escreveu J. M. de Macedo: « O marquez de Paranaguá teve razão. Mas quem sabe, quem pode dizer que não era o desejo, o empenho de ajoelhar-se aos pés da imperatriz, e de implorar o seu perdão o sentimento que levava a marqueza de Santos a chegar até o leito da augusta e imperial quasi moribunda, a quem tantos desgostos tinha causado?... Não é acreditavel que a marqueza de Santos quizesse apresentar-se em face de duas Magestades, a Magestade da Imperatriz e a Magestade da Morte, levando no animo outros sentimentos que não fossem o respeito mais profundo e o empenho de seu perdão? »

O illustre memorista complica de melodrama o empacho deairoso...

A questão é outra. Em Dezembro de 1826, não foram certos servidores e amigos pessoaes de d. Pedro, em suas altas funcções, como seria de esperar que o fossem. Eram elles, e todo o mundo, conhecedores da situação especial da marqueza de Santos, a quem a propria d. Leopoldina, segundo affirmava o ministro americano, « via sem apparente resentimento ». A não ser talvez Carneiro de Campos, o resto do ministerio era velho cortejador de d. Domitilla. Como o imperador andasse por longe, á excepção do Lages e do Caravellas, deu-lhes serodiamente a cocega da pudicicia e o prurido da popularidade. D'ahi não terem concorrido a impedir o que desagradavelmente se passou e por culpa d'elles entrou de modo irremissivel nas arenas divertidas da Historia.

Não foram consequentes, não foram habeis e não foram probos. Certa lealdade, que é a honestidade e a logica do coração, como a gratidão é a sua memoria, seria incompativel com a estrallada do dia 5 nos batentes da camara da imperatriz. Esses orgãos, representantes e amigos do Poder, não prevenindo com a devida habilidade o que se passou, foram réos de lesa confiança; tomados de pejo de encommenda, excitaram implicitamente a Rua contra uma infeliz senhora, fazendo com que resvalasse a lama com

que a cobriram, na purpura do amo a quem serviam, na face da nação em que cuidavam.

O imperador, encontrando esses singulares individuos, fez reservas na affabilidade e algumas horas depois de sua chegada, no dia 15 de Janeiro de 1827, foi designada a Nogueira da Gama, Villela Barbosa e Pereira da Cunha, a porta de saïda do Ministerio. Não poderiam servir juncto ao throno, sôbre o qual se assentava o homem, a quem seria util um pouco menos de servilismo e um pouco mais de san dedicação e cavalheirismo intelligente. O sêcco decreto de demissão do marquez de Paranaguá foi lavrado em termos differentes dos que foram endereçados aos collegas e se referia a molestias e insistencias do exonerado. Ainda no dia 15 de Janeiro, d. Pedro nomeou Nazareth para a Justiça, Maceió para Extrangeiros, Souzel para a Marinha e Queluz para a Fazenda, tendo sido suspensas as nomeações dos tres ultimos, e remodelado subsequentemente o gabinete com o Queluz interinamente na Fazenda, Maceió na Marinha e Queluz effectivamente para Extrangeiros. Em suas memorias, o visconde de São Leopoldo, referindo-se ao desembarque de d. Pedro e ás exequias por alma de d. Leopoldina, monta uma incognita: «Deixo á historia do tempo revelar os motivos que determinaram uma occurrencia extraordinaria que então se deu, e que veiu affligir-me sobremaneira!» Ainda não foi decifrado o periodo sibyllino. A 2 de Fevereiro de 1833 o orgão «exaltado» e portanto insuspeito «O Sete de Abril» attribuia a queda do ministerio ás faltas de etiqueta nos funeraes de d. Leopoldina. Nas rodas da diplomacia foi dilecto assumpto a hypothese complicada e descaroavel da vinda de d. Pedro por causa de d. Domitilla. O barão de Olfers o dá a entender no seu relatorio de 24 de Janeiro de 1827: «Sa Majesté reçut en même temps des lettres de la Marquise de Santos: elle se plaignait du mauvais traitement qu'elle essuyait de la plupart de ses ministres, elle informait du danger, auquel elle se voyait exposée journellement vis-à-vis d'une populace, que l'on ne cessait d'inciter contre elle. Elle lui representait, que tout le monde conspirait pour la séparer de celui, qui lui était le plus cher, et le con-

jurant enfin de revenir le plus tôt possible, pour sauver son empire et son amie...» O vice-consul Kielchen affirma que os decretos de demissão haviam sido redigidos em Porto Alegre e refere-se á epistola queixosa da favorita.

Mareschal parece mudo a respeito. Além do consul hispanhol Delavat y Rincon, põe-nos a par desses enredos o marquez de Gabriac, juncto a quem foi intrugir o marquez de Paranaguá. Observe-se á parte, que não seriam os ouvidos de representantes extrangeiros o logar mais proprio aos ex-ministros de Estado para desfolhar desillusões e desvendar arcanos... Em resumo, contou Villela Barbosa ao ministro da França, que escrevêra algumas vezes ao imperador annunciando-lhe a morte de d. Leopoldina e tranquillizando-o sôbre a situação no Rio, mas que temia que a marqueza se dirigisse tambem ao mesmo destinatario; outrosim, que sabia ter a marqueza enviado contra elle e os outros collegas uma carta accusatoria, repleta de pessimos prognosticos em relação á integridade da sua pelle de galante, á segurança da cidade e do Imperio, caso Sua Magestade não regressasse logo.

No portaló da corveta, tendo d. Pedro recebido mal certos membros do gabinete, não foi extranhada pelo público a attitude do recenchegado, vezeiro nessas arrancadas de pastas. Só mais tarde, a cabala e os mexericos entre gente de vulto e responsabilidade deram-lhe character significativo com o deslinde de uma intriga de bastidores, o que teria sido, na verdade, rendimento de justiça ao desaso de serventuarios, á felonia de uns ingratos.

Não é curial admittir que d. Pedro tivesse deixado o Rio Grande e os graves problemas, que lá desataria, para vingar em pessoa as desfeitas á marqueza de Santos. Não se pode negar que para castigar os desaffectos da amiga, Jupiter poderia de longe forjar e mandar os raios, que entendesse. A carta com os possiveis e reaes pavores de d. Domitilla nunca poderia ter decidido o monarcha á resolução da volta. Aproveitaria d. Pedro o regresso para servir ou defender a amante, mas nunca seria exclusivamente determinado por ella a dar esse passo. Senhor da politica e conhecedor dos homens, com que se acotovellava diariamente, o

imperador não podia ser presa facil aos enredos sem pés nem cabeça de uma mulher assustada, embora a requestasse muito.

Demais, si porventura d. Domitilla compoz a gravidade da situação, não mentiu. Era de facto excepcional e de negras perspectivas o momento historico do Brasil.

Creara-o a morte abstrusa de d. Leopoldina e a situação do soberano, por assim dizer de mochila ás costas, ao acaso dos acampamentos de guerra. E no fim de 1826 não morrera a paixão e o espirito de anarchia de 1823 e de mais longinquas origens.

Para dar uma idéa do grau de virulencia d'esses odios, basta lêr a «proclamação da Sentinela da Liberdade á beira do mar da Praia Grande refugiada em Buenos Ayres aos habitantes livres do Brazil». Assignava-a José Estevão Grondona, foragido por um roubo de quadros, segundo insinuações no *Diario Fluminense* e companheiro do célebre Cypriano José Barata de Almeida.

A politica havia passado para o seio do inimigo da Patria, afim de lá assentar illesa a tenda do testa de ferro. De «sobrinho de Fernando VII» a «antropofago vil» a verrina contra d. Pedro não conhece o *smorzando.*

Arranquemos do pasquim um trecho para lhe orçar a acrimonia e os ascos do calão: «Que podeis esperar de um perjuro, lacaio de estribaria, burraxo caxaceiro, sem educação, e sem principio, sem onra, e sem fé, sem probidade, e sem moral, sem talentos, e sem virtudes, sem costumes, e sem religião, sem palavra, e sem vergonha; máo filho, peor pai, pecimo marido, iniquo monarca, de cuja boca nunca se tem ouvido uma boa palavra, e de cujo coração jámais tem aparecido uma obra boa?» Quem tinha inimigos de taes bofes não poderia cochilar e dar as costas. . .

Sabido que d. Pedro se embrenhara no pampa, para além do rio Jaguarão, a instar pelo exito juncto á fortuna precaria das armas, quem diria que nas ruas cariocas, soprado por todos esses elementos de desordem em fermento nas sociedades, pre[illegible]s por um punho de dictador ou por um acervo qualquer de leis, não se levantaria o vendaval de uma revolta? Quaes seriam as consequencias de tudo isso? Ou com a derrota numa canhada da Banda Oriental, o

trambolhão do throno, e esta instituição riscada prematuramente do continente, para que ficassemos inutilizados, dissentidos e aos pedaços!

Foi sacrificio a retirada de d. Pedro, e mais ainda para os seus brios de combativo, os seus ideaes de guerreador, reconhecidos pelo marquez de Queluz, quando se queixando do amo ao marquez de Gabriac, dizia: « não gosta elle senão dos cimos e das batalhas. » Si ficasse d. Pedro no Rio Grande, provavelmente a geographia politica do continente soffreria modificações...

O anno de 1827 abriu-se no maior arrôjo das interpresas dos « criollos independentes » contra os « imperiales e usurpadores », as tres divisões do exercito de Alvear investiram pelo solo brasileiro, adivinhando o recúo fortuito de d. Pedro.

Exclusivamente aos cuidados do anglomano e plutocrata, general e gentil homem, amigo de saraus, pelotiqueiro de cifras e practico de secretarias, ao marquez de Barbacena entregou d. Pedro as tropas, que haviam de se « entreverar » com as de Alvear em Passo do Rosario.

Eram os inimigos quasi doze mil combatentes. A 22 de Abril de 1827, segundo o proprio boletim argentino, elevavam-se ainda as fòrças, diminuidas após Ituzaingo, a 8847 homens, (1) embora um espião do bravo Bento Gonçalves computasse-os em 5653 individuos.

Orçava a gente de Barbacena por pouco mais de 7000, depois da juncção de Brown, em Palmas. (2)

A's seis e meia da manhã de 20 de Fevereiro de 1827, trocaram-se os primeiros tiros. Por duas vezes cederam as linhas inimigas aos estouros e cutiladas de nossas armas.

Cerro Largo, cuja validez tão bem impressionou a Barbacena, reclamara o posto na vanguarda, declinando do commando em

---

(1) O mappa argentino datado de 22 de Abril de 1827 refere-se à 54 chefes, 573 officiaes e 8.220 soldados.

(2) Brown com o 4º e 5º Regimentos de Cavallaria, os Lanceiros allemães, o 27 Batalhão d'infantaria e metade do 18, junctou-se às forças de Barbacena a 5 de Fevereiro de 1827.

chefe para ser mandado no mais bello dos postos de combate. O velho centauro porém, com a gauchada da frente afrouxou...

Lanceiros guaranis do Uruguai, voluntarios do pampa rio-grandense e o 24 Regimento, mil e quinhentos cavallerianos dispersaram, no panico. Issás Calderon e Bento Manuel, nas reservas, copiaram Grouchy...

A honra do Brasil salvou-se, porém, nas baionetas escoradas nos macissos de seus infantes. Depois de onze horas de cargas e de fogo de espingardas e macegas, retiraram os Brasileiros para o Norte, por divisões, durante vinte e quatro horas, na ordem e calma do passo ordinario e das formaturas em quadrado, e as hostes « hespanholas » rumaram os esquadrões indomados para Currales. Teria assim nossa derrota um effeito passivo de victoria, varrer o terreno patrio, limpando-o do inimigo...

Na fusão momentanea e final do choque, os Argentinos agarraram a fortuna pelos cabellos e, desconhecendo-lhe o rosto, abandonaram-na na pilhagem de um prelo, de carretas de commercio e artilharia, na apanha manubial de um par de estandartes... A morte do coronel Brandzen compensou a de José de Abreu; assim o rincão de Ruivo Malo valeu os cerros pedrentos de Camaquan. Perdemos 120 homens no combate, mas os contrarios 500, segundo o proprio relatorio de Mancilha, chefe do Estado Maior do « Ejercito Republicano. » Seriam o objecto de uma troca satisfactoria as 280 almas, pelas quaes apreçariamos o material dado em consumo na batalha, si não nos contentassemos com esta reliquia: — a memoria honrosa de Felippe Neri d'Oliveira, conseguindo arrebanhar nas coxilhas e em plena refrega trezentos cavalleiros noviços do seu desbaratado regimento, levando-os á carga por tres vezes...

A batalha maldicta ainda está por decidir ha oitenta e cinco annos. Si uns desejam ve-la resolvida em face aos couraçamentos de Martim Garcia, onde passeiarão clamando os manes suspirosos do barão do Cerro Largo, outros infinitamente mais sensatos abençoam os fados de te-la deixado assim, capitaneada por dous generaes mais instruidos que predestinados á victoria, nem derrota nem

triumpho, nem opprobrio nem gloria, ou tudo isso a um tempo, demonstração do poder mutuamente indestructivel de duas raças e dous povos, hombro a hombro na America.

Como quer que seja, foi mais consentaneo com os interesses dynasticos e propriamente nacionaes que d. Pedro volvesse ao Rio de Janeiro. Entraram no preço de nossa unidade politica a campanha frustrada, os arranhões no pundonor nacional, a perda do appendice de alheia contextura. Valia muito ficarmos como somos; mais que fossem os damnos, para manter a nossa integridade não perdiamos nada.

Fallou-se que d. Pedro voltaria ao Sul a 15 de Fevereiro de 1827. O boato, que se fundamentava, desmentiu-se redondamente. O golpe do monarcha e estadista previdente, desistindo do exercicio do marechalato espectaculoso, que lhe ia como uma luva, foi, por obra e graça de vesgos e interesseiros, transformado na cedencia de boneco de engonço aos caprichos vingativos da cortezan de arromba...

Será preciso remontar sempre ao terreno comprehensivo da equidade e deixar afogados na estupida estreiteza dos odios humanos os despauterios, que elle mesmo gera para o proprio e monstruoso repasto.

Apontamentos genealogicos

da familia Andrada

PELO

Dr. José Bonifacio de Andrada e Silva

(SOCIO CORRESPONDENTE DO INSTITUTO)

Com a publicação destas notas e dos apontamentos genealogicos de toda a familia Andrada, somente tenho o intuito de methodizar elementos para trabalho historico mais completo.

As omissões, porventura havidas, devem ser consideradas involuntarias, sendo-me extremamente agradavel o recebimento de quaesquer rectificações e esclarecimentos, valioso subsidio para o meu *desideratum*.

José Bonifacio.

APONTAMENTOS GENEALOGICOS DA FAMILIA ANDRADA

Bonifacio José de Andrada nasceu em Santos, provincia de S. Paulo, era filho do coronel José Ribeiro de Andrada, natural de Portugal, e de d. Anna da Silva Borges, natural de Santos. Neto paterno de Gaspar Ribeiro e de d. Felippa de Andrada Machado, naturaes de Portugal; neto materno de Balthazar da Silva Borges, natural de Portugal, e d. Luiza dos Reis, natural de Santos.

Coronel do regimento de dragões auxiliares da capitania de S. Paulo, occupou varios cargos publicos na villa de Santos, serviu desde 1746 como fiscal da Intendencia das Minas de Paranapanema, de 1759 a 1764 como almoxarife da Fazenda Real exercendo ainda de 1768 a 1772 o logar de escrivão da Junta da Real Fazenda da cidade de S. Paulo. Era ermão do dr. José Bonifacio de Andrada, que se distinguiu nas sciencias physicas e medicas, do dr. Tobias Ribeiro de Andrada, thesoureiro-mór da Sé de S. Paulo, que foi notavel jurisconsulto e canonista, e do p^e. João Floriano Ribeiro de Andrada, que foi um poeta celebre e do qual existem varios fragmentos poeticos, como a *Vida de S. João Nepomuceno*, que dá, no dizer do velho Antonio Carlos, testimunho da sublimidade de sua phantasia poetica e da sua condição litteraria.

O coronel Bonifacio José de Andrada falleceu aos 16 de Septembro de 1789, deixando de seu casamento com d. Maria Barbara da Silva, filha de Gonçalo Fernandes Souto e d. Rosa Viterbo da Silva, os seguintes filhos:

I, Patricio Manuel de Andrada, sacerdote, abastado proprietario em Santos, fallecido em 1847;

II, José Bonifacio de Andrada e Silva, o patriarcha da Independencia do Brasil, casado com d. Narciza Oleary de Andrada, natural de Irlanda;

III, Antonio Carlos Ribeiro de Andrada Machado e Silva, conselheiro, senador, casado com sua sobrinha d. Anna Josephina, filha de d. Anna Marcellina;

IV, Martim Francisco Ribeiro de Andrada, conselheiro, casado com a sua sobrinha d. Gabriella Frederica Ribeiro de Andrada, filha de José Bonifacio;

V, D. Maria Flora de Andrada, que foi camareira-mór da primeira imperatriz do Brasil;

VI, D. Barbara Joaquina de Andrada, casada com o capitão-mór, depois coronel, Francisco Xavier da Costa Aguiar;

VII, Bonifacio José de Andrada, que falleceu solteiro;

VIII, Francisco Eugenio de Andrada, negociante;

IX, D. Anna Marcellina Ribeiro de Andrada, casada com o coronel José de Carvalho e Silva.

José Bonifacio e seus descendentes

José Bonifacio de Andrada e Silva. Nascido em Santos, a 13 de Junho de 1763, fez sua educação primaria na mesma villa, e a secundaria em S. Paulo sob as vistas de frei Manuel da Resurreição. Formou-se na Universidade de Coimbra em jurisprudencia e sciencias naturaes. Viajou a Europa durante dez annos como naturalista e mineralogista, por proposta da Academia Real das Sciencias. A Sociedade Philomathica, a dos Naturalistas, em Pariz, a Linneana de Iena, a dos Investigadores da Naturuza de Berlim, a Academia Real de Stockolmo, a de Copenhague e muitos outros institutos o chamaram a seu seio. Os sabios mais distinctos do Norte e Sul da Europa lhe dispensaram sua amizade.

Recusou em paizes extrangeiros cargos como o de inspector das minas da Suecia, que lhe foi offerecido pelo rei. Em Portugal foi incumbido de crear a cadeira de Mineralogia na Universidade de Coimbra, nomeado intendente geral das minas, desembargador da Relação do Porto, encarregado do encanamento do rio Mondego. Commandou o batalhão academico contra a invasão franceza de Napoleão, serviu como intendente de policia do Porto.

Na Europa já havia levantado grande nomeada, sendo respeitado como um sabio, cheio de serviços sufficientes para immortalizar seu nome.

Saudoso do Brasil, voltára em 1820, com 57 annos, trazendo a aureola de sabio, o talento enriquecido pela illustração, a experiencia que lhe deram os annos e o manejo dos negocios publicos.

No Brasil foi sempre devotado patriota, luctador indefesso, preoccupado com a fundação da nacionalidade, com o futuro e a grandeza do paiz.

Patriarcha da Independencia, ministro, deputado á Assembléa Constituinte, tutor de d. Pedro II, José Bonifacio de Andrada e Silva tem na sua vida as mais eloquentes e formosas licções de civismo, de honestidade e de amor á Patria. Intelligencia, saber, virtude, character illibado, coração bondoso, tudo o velho Andrada possuia e dedicava ao Brasil.

Desterrado com seus ermãos, em 1823, por d. Pedro I, foi mais tarde por este mesmo nomeado tutor de d. Pedro II e suas augustas ermãs.

Transcrevemos adeante o decreto da nomeação :

« Tendo maduramente reflectido sobre a posição politica deste Imperio, conhecendo quanto se faz necessario minha abdicação e não desejando mais nada neste mundo, senão a gloria para mim e a felicidade de minha patria, hei por bem, usando do direito que a Constituição me confere no capitulo 5º, art. 130, nomear, como nomeio, por este meu Imperial Decreto, tutor de meus filhos ao muito probo, honrado e patriotico cidadão José Bonifacio de Andrada e Silva, meu verdadeiro amigo. Boa Vista, em seis de Abril de mil oitocentos e trinta e um, decimo da Independencia e do Im-

perio. *Pedro*. Imperador Constitucional e Defensor Perpetuo do Brazil. »

Ao proprio José Bonifacio dirigiu o imperador as cartas seguintes:

« *Amicus certus in re incerta cernitur*. E' chegada a occasião de me dar mais uma prova de amizade, tomando conta da educação do meu muito amado e prezado filho, seu imperador.

Eu delego em tão patriotico cidadão a tutoria de meu querido filho, e espero que, educando-o naquelles sentimentos de honra e de patriotismo com que devem ser educados todos os soberanos' para serem dignos de reinar, elle venha um dia fazer a fortuna do Brasil, de que me retiro saudoso.

Eu espero que me faça este obsequio acreditando que a não m'o fazer, eu viverei sempre atormentado. Seu amigo constante.— *Pedro*.

Porto, 28 de setembro de 1832.

« Meu amigo. Com grande magoa e menoscabo de meus paternaes e inalienaveis direitos recebi a noticia da despotica resolução tomada pela Camara dos Deputados, por 45 votos contra 31, para se lhe tirar a tutoria do meu querido filho e adoradas filhas.

Triumpha a Intriga, a Inveja e a Ignorancia da Honra, da Paternidade e do Patriotismo; impera o Despotismo, a Desmoralização e a Tyrannia aonde devia imperar a Razão e a Lei, a Boa fé e a Moral, a Segurança e a Liberdade; postergam-se todos os foros e direitos ainda os mais sagrados, a despeito de todas as considerações; finalmente querem se entregar os Principes Brazileiros a homens conhecidamente incapazes e que, de modo algum poderiam, mesmo querendo, concorrer para dar-lhes uma educação como convém, principalmente ás Princezas, e que tivessem um decidido interesse por suas pessoas. Ah! meu caro amigo, que desgraça é a minha, longe de meus amados filhos, e estes, a estas horas, entregues ao cuidado de pessoas minhas inimigas, incapazes de os educarem!

Não sei se o Senado annuirá pela sua parte; mas é impossivel que existindo nelle invejosos da Tutoria, elle não votte conforme-

mente com a Camara dos Deputados. O partido dominante, que hoje tyranniza o Brazil, deseja acabrunhar o meu amigo, só porque he meu amigo, só porque me ajudou, na luta da Independencia, em que nenhum dos que hoje atroam os ceos e a terra, tomou parte activa e muitos contra...

Peço-lhe que faça os meus cumprimentos a seus manos; e que não se esqueça do que me disse a bordo da Náu. — Quando a Assembléa não approve a nomeação, esteja certo que, como Brazileiro, lhe hei de deffender seus filhos; e que se quizerem attentar contra elles, lá lh'os levarei.— A sua palavra para mim é sagrada, e conto que ainda que, por segunda vez, e contra a sua pessoa, prevaleça a Intriga e a Ingratidão, á Honra e ao Patriotismo, o meu amigo olhará por esses desgraçados innocentes. Seu verdadeiro amigo. — *D. Pedro.*

Em 13 de Junho de 1834, de Queluz, assim escrevia a José Bonifacio:

« Meu amigo. A distancia e a longa separação não tem podido fazer esquecer-me do meu velho amigo; eu o saúdo neste dia, e lhe dou os meus parabens por contar mais um anno de idade, desejando-lhe immensas felicidades sendo a principal o triumpho completo dos seus amigos que são tambem os do Brazil e de meu filho e filhas, pelos quaes estou sempre em continuados sustos que não pouco tem concorrido para o estado enfermo em que me acho, e de que vou um pouco melhor.

Peço-lhe que faça os meus cumprimentos aos seus e a todos os amigos.

Aproveito mais esta occasião para lhe assegurar que sou e serei seu amigo. — *D. Pedro.*

P. S. Não lhe dou noticias porque pelos jornaes entrará no conhecimento do modo honroso porque findei a guerra civil. »

No exercicio do cargo de tutor, José Bonifacio soffreu injustificadas aggressões, mas nunca se lhe abateu o animo.

Em Dezembro de 1833, quando lhe communicaram haver sido suspenso da tutoria, respondeu em tom altivo e energico ao ministro Antonio Pinto Chichorro da Gama:

« Tendo de responder ao officio de V. Ex. que acompanhava o decreto da Regencia de 14 do corrente digo que não reconheço na mesma o direito de suspender-me do exercicio de Tutor de S. M. o Imperador e de suas Augustas Irmãs.

Cederei á força, pois que não a tenho, estou capacitado que nisto obro conforme a Lei e a razão ; pois que nunca cedi a injustiças e a despotismos, ha longo tempo premeditados, e ultimamente executados, para vergonha deste Imperio.

Os juizes de Paz fizeram tudo para me commoverem porém a tudo resisti e torno a dizer que só cederei á força. Deus guarde a V. Ex. Paço da Boa Vista, 15 de dezembro de 1833. Illm. Exm. Sr. Antonio Pinto Chichorro da Gama.—*Dr. José Bonifacio de Andrada e Silva.*»

Falleceu José Bonifacio a 6 de Abril de 1838 e está sepultado em Santos. Deixou tres filhas:

I, D. Carlota de Andrada, casada com Alexandre Antonio Vandelli ;

II, D. Gabriella Frederica Ribeiro de Andrada, casada com seu tio, o conselheiro Martim Francisco Ribeiro de Andrada ;

III, D. Narciza Candida de Andrada, casada a primeira vez com seu primo Francisco Eugenio de Andrada, e a segunda com Antonio Augusto da Costa Aguiar.

— Conservo de d. Gabriella diversas e interessantes cartas dirigidas a seu filho e meu pai, o dr. Antonio Carlos Ribeiro de Andrada. Nellas se vê que foi essa distincta senhora educada em elevada escola de patriotismo. Em seu espirito havia vibrações civicas, e no seu coração o affecto e o interesse pelas causas nacionaes.

Era eu ainda creança e bem me lembro que, nas alvoradas pelo *Sete de Setembro*, fazia despertar meu pai para agradecer as saudações e commemorar em discurso a gloriosa data da Independencia.

Transcrevo duas de suas cartas. Na primeira allude á sessão parlamentar de 17 de Julho de 1868, em que o visconde de Itaborahi apresentava seu ministerio :

« Meu querido e presado filho.

Rio de Janeiro, 20 de julho de 1868.

Pelos jornaes, já sabes o que houve, mas o que não sabes he que ha muito tempo se não tinha visto espectaculo tão bonito e animado como o que se deu na Camara dos Deputados no dia 17 do corrente ; as galerias, tribunas, corredores e recinto da Camara estavam apinhados de gente, tinha mais de duas mil pessoas, tua cunhada Bemvinda e Gabriella, foram e só acharam lugar na tribuna dos Senadores que já estava cheia de Senhoras e Senadores ; ambas vieram electrizadas. Ellas contaram-me que no momento em que o Itaborahy fallou para apresentar o programma do Ministerio e dizer o que esperava obter da Camara, teus dous manos chegaram para perto delle por um movimento expontaneo, estando antes em pontos oppostos se acharão quasi a par hum do outro como duas sentinellas avançadas ; logo depois do Itaborahi, fallou teu mano José e todos dizem que fallou muito bem e muito animado ; eu como podes avaliar estou muito contente com a sahida de Martim do Ministerio, e se terem unido todos os liberaes.»

A sessão de 17 de Julho, da Camara dos Deputados, a que se refere a carta, é uma pagina brilhante e notavel da historia parlamentar. Nella tomaram parte Martim Francisco, Itaborahi, José Bonifacio, Paranhos, Saldanha Marinho, Christiano Ottoni e Saião Lobato. Martim Francisco, ministro do gabinete demissionario, explica de modo leal, nobre e elevado, o motivo de sua retirada e a divergencia com a Corôa na escolha de Salles Torres Homem para senador pela provincia do Rio Grande do Norte. Em seguida, o visconde de Itaborahi expõe o seu programma de Governo.

José Bonifacio responde a Itaborahi em nome da maioria liberal. Seu discurso foi um dos muitos successos oratorios em pról das grandes idéas do partido.

Depois dessa memoravel sessão, indo a S. Paulo, José Bonifacio assiste ao banquete politico, que a 13 de Agosto lhe offerecem os academicos liberaes. Era a geração brilhante de Affonso Penna, Joaquim Nabuco, Ferreira de Meneses, Aureliano Coutinho, Sal-

vador de Mendonça, Ruy Barbosa e Bias Fortes. Ahi Joaquim Nabuco, "como representante de seus collegas, que o elegeram, eleva, em nome da mocidade, uma eloquente saudação a José Bonifacio, esse homem que é uma idéa, ao dia 17 de Julho, data que vale uma historia, e ao partido liberal, partido que é um povo. Um sentimento mixto trava-se-lhe n'alma, porque tendo de saudar o berço do seu partido, grande e um, só póde sauda-lo no tumulo de seu paiz. O dia 17 de Julho marca no interior a formação de um ministerio, filho legitimo da Corôa; no exterior a esterilização do heroismo e do sangue do soldado quando elle acabava de plantar em Humaitá a bandeira da patria. José Bonifacio só é grande, porque na sua phrase *os homens publicos nos governos livres não são meras individualidades, sombras que passam para nunca mais voltar, são antes de tudo projecções brilhantes do pensamento nacional.*

José Bonifacio é mais do que uma projecção brilhante do passado sôbre o futuro, porque sustem deante do mundo a responsabilidade do grande nome dos Andradas (*vivos apoiados*). Depois de muitas considerações, o orador conclue o seu magnifico discurso, pedindo uma saudação á regeneração do paiz pala reconstrucção do partido liberal, e saudando ao vulto presente como o melhor operario dessa idéa, pede aos céos que a aurora da nossa regeneração politica não venha envolta em sangue brasileiro (*Applausos*).

José Bonifacio agradece cordialmente a saudação. Fraco interprete de um grande pensamento, écho debilissimo de um numeroso partido, não tem glorias que lhe pertençam (*vivos apoiados*). A animação vinha dos amigos que o tinham eleito representante da Nação, de seus distinctos collegas da provincia, dessa illustre maioria que morreu dignamente em seu posto, e daquelles que o saúdam neste momento. (*Muito bem*).

Parecia-lhe ouvir a voz da mocidade, envolta nos perfumes de uma verdade que nunca se extingue, bradar-lhe: Defendei a causa do Governo constitucional; defendei-a, é a herança dos nossos pais, queremos tambem lega-la a nossos filhos. E esse brado era a esperança, a lnz e a vida (*applausos*). O presente e o passado

pertencem aos combatentes de hoje; o futuro é da mocidade. *(Applausos)*. A mocidade é o sól que nasce, as mariposas em busca da luz...

Ferreira de Meneses: — A luz é V. Ex. (*Numerosos apoiados.*)

José Bonifacio: —... as andorinhas em busca da primavera. Os combatentes de hoje são as aves já em meio caminho pousadas nas ramas sêccas da floresta. (*Applausos repetidos*).

Quando no meio das ruinas das instituições, o Brasil apresentar o espectaculo da desolação, a mocidade de hoje será a phenix renascendo das cinzas para ser a historiadora das glorias deste tempo de proscripção. Então os combatentes de hoje poderão dizer: Não morremos de todo. (*Numerosos applausos*).

A saudação volta, portanto, ao seio de onde partiu, ao talentoso orador que o felicitou e que neste momento, com o seu proprio nome, recorda um acontecimento memoravel. Saúda a mocidade que o escuta. (*Prolongados applausos*).

(Extrahido da «Imprensa Academica», de 3 de Septembro de 1868).

* * *

Na segunda carta, escripta a 11 de Septembro de 1872, referia-se d. Gabriella á festa da inauguração da estatua de José Bonifacio e censurava os filhos porque nenhum comparecêra á solennidade.

Meu querido filho, e amigo.

11 de Setembro de 1872.

Recebi a tua carta de 5 do corrente no dia 9, e fiquei muito admirada de me mandares dizer que não vieste á inauguração da estatua de teu respeitavel avô, por eu não te ter mandado dizer nada a este respeito; eu tambem escrevi a teus manos e nada lhes disse, pois sempre julguei que viessem, sem ser preciso nada dizer, os que mais deviam applaudir, e apreciar as honras que se faziam

a memoria daquelle de quem muito devem honrar-se de descender. Tive bem sentimento que tres filhos meus, nenhum comparecesse, pois se hum dos tres aqui estivesse, apezar de muito incommodada, eu teria feito esforços para comparecer, mas estava muito fraca, e commovida mesmo em casa, e não me animei a comparecer, até para me furtar a comprimentos e parabens, que muito havião de sensibilisar meu coração de extremosa filha, a quem a lembrança de tão respeitavel Pay enche de gloria.

Foi sublime a festa, não houve hum só brasileiro de qualquer credo politico que se não enthusiasmasse ao descobrir-se a estatua. O Imperador estava commovido, e antes na sala assim que entrou perguntou logo por D. Gabriella e ficou triste quando Antoninho Carlos lhe disse que eu não tinha podido hir por doente; conto-te isto não por vaidade, mas para dizer-te que na festa nacional tudo me agradou, menos a ausencia de meus tres filhos, primeiros representantes de meu illustre Pay.

. . . .

. . . .

Octaviano, Homem de Mello e o Penedo estiveram aqui no Cattete e muitas outras pessoas me perguntaram porque nenhum de meus tres filhos tinha vindo, e eu fiquei muito embaraçada pois nada podia dizer; agora se tiveres tempo, lê as descripções da festa que foi muito mais brilhante do que está descripto, parecia que tinha revivido o enthusiasmo da Independencia.

Honra aos Brasileiros que souberam honrar ao Brasileiro que tudo sacrificou á sua patria, viva a memoria daquelle de quem muito e muito me honro de ser filha, e cuja lembrança nunca se apagará em meu coração, e que apezar de velha e doente sabe avaliar o amor da Patria e lançar para longe o apêgo ás grandezas e riquezas deste miseravel mundo. Adeus meu prezado filho, recebe hum saudoso abraço e a benção de

Tua mãi e amiga

Gabriella.

Netos de José Bonifacio

I. Filhos de d. Carlota de Andrada, casada com Alexandre Antonio Vandelli:

A — José Bonifacio de Andrada Vandelli, casado com d. Maria Leonor Souto.

B — D. Narciza Emilia de Andrada Oliveira Coutinho, casada com Aureliano de Sousa Oliveira Coutinho (visconde de Sepetiba).

C — D. Feliciana Andrada Nascentes de Azambuja, casada com o conselheiro Joaquim Maria Nascentes de Azambuja.

D — D. Julia de Andrada Vandelli, solteira.

II. Filhos de d. Gabriella, casada com o conselheiro Martim Francisco Ribeiro de Andrada:

A) Martim Francisco Ribeiro de Andrada;

B) José Bonifacio de Andrada e Silva;

C) Antonio Carlos Ribeiro de Andrada;

D) D. Maria Flora de Andrada;

E) D. Narciza Ribeiro de Andrada.

(Ver adeante o capitulo sôbre os filhos do conselheiro Martim Francisco.)

III. Filhos de d. Narciza Candida de Andrada, casada com seu primo Francisco Eugenio de Andrada;

A) José Bonifacio de Andrada e Silva;

B) Francisco Eugenio de Andrada;

C) D. Narciza Josephina de Andrada;

D) D. Maria Flora de Andrada Dodsworth, que foi casada com o desembargador Henrique João Dodsworth;

Filhos de d. Narciza com Antonio Augusto da Costa Aguiar:

E) D. Anna de Andrada Aguiar;

F) D. Brasilia Paulina de Andrada, que foi casada com o desembargador Diogo José de Andrada Machado;

Bisnetos de José Bonifacio

I. Filhos de José Bonifacio de Andrada Vandelli, casado com d. Maria Leonor Souto:

A) José Bonifacio de Andrada Vandelli;

B) D. Carlota de Andrada Vieira Souto, foi casada com o dr. Luiz Raphael Vieira Souto, lente da Eschola Polytechnica do Rio e deixou os seguintes filhos:

1, Carlos Vieira Souto;

2, D. Olga Vieira Souto, casada com o capitão-tenente Ignacio Amaral;

3, Luiz Raphael Vieira Souto;

4, Julio Vieira Souto;

5, Paulo Vieira Souto;

6, D. Carlota Vieira Souto;

C) D. Olympia de Andrada Pimentel, casada com João Pimentel;

D) D. Josephina de Andrada Vandelli.

II. Filho de D. Narciza Emilia de Andrada Oliveira Coutinho (viscondessa de Sepetiba):

A) Aureliano de Sousa Oliveira Coutinho, formado em direito pela Faculdade de S. Paulo, juiz de direito em Barbacena (Minas), depois em Taubaté (S. Paulo), chefe de policia na antiga Corte, desembargador, lente da Faculdade de S. Paulo, advogado e senador estadual. Nasceu no Rio de Janeiro aos 19 de Janeiro de 1847, e falleceu em S. Paulo aos 20 de Abril de 1897, deixando de seu casamento com d. Joanna Victorio da Costa, filha do conselheiro Victorio da Costa, os seguintes filhos:

1, Aureliano de Sousa Oliveira Coutinho, formado em direito;

2, Adolfo Oliveira Coutinho, formado em direito, advogado em S. Paulo, hoje no Rio de Janeiro, casado com d. Virginia Quirino de Oliveira Coutinho;

3, José Bonifacio de Oliveira Coutinho, formado em direito,

lente da Faculdade de S. Paulo, advogado, deputado ao Congresso do Estado, casado com d. Sophia Campos Salles;

4, Alberto de Oliveira Coutinho, formado em Engenharia, casado com d. Valentina Andrada de Sousa Queiroz;

5, D. Joanna de Oliveira Coutinho.

III. Filhos de d. Feliciana Andrada Nascentes de Azambuja:

A) Martim Francisco Andrada Nascentes de Azambuja, funccionario dos Correios do Districto Federal;

B) Joaquim Maria Nascentes de Azambuja;

C) Arthur Nascentes de Azambuja;

D) Pedro Nascentes de Azambuja.

IV. Filhos do conselheiro Martim Francisco Ribeiro de Andrada (2°)— Ver adeante netos de Martim Francisco (1°).

V). Filhos do conselheiro José Bonifacio de Andrada e Silva. Ver adeante netos de Martim Francisco (1°).

VI. Filhos de dr. Antonio Carlos Ribeiro de Andrada— Ver netos de Martim Francisco (1°).

VII. Filhos de d. Maria Flora de Andrada Dodsworth, casada com o desembargador Henrique João Dodsworth.

A) Eugenio de Andrada Dedsworth, formado em Engenharia. Nasceu no Rio de Janeiro a 13 de Novembro de 1874.

B) Alfredo de Andrada Dodsworth, capitão-tenente da Marinha. Nasceu no Río de Janeiro a 15 de Dezembro de 1877.

C) Elvira de Andrada Dodsworth, casada com o dr. Oscar de Sousa, lente da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.

Antonio Carlos e seus descendentes

Antonio Carlos Ribeiro de Andrada Machado e Silva — Nasceu em Santos a 1 de Novembro de 1773. Fez seus estudos primarios nessa mesma villa, os secundarios em S. Paulo com frei Manuel da Resurreição e os superiores na Universidade de Coimbra, onde se diplomou em Direito.

Juiz de Fóra em Santos, ouvidor e corregedor da comarca de Olinda, em Pernambuco, desembargador da Relação da Bahia. Em

1817, na revolução de Pernambuco, é membro do Governo Provisorio, foi preso até 1821, tendo naquella data planejado com lord Cockrane a fuga de Napoleão da ilha de Sancta Helena. Em consequencia do movimento de 1817 outros haviam sido levados á forca. Antonio Carlos nunca teve abatido o seu animo; sua coragem foi sempre altiva e inspirou-lhe a poesia seguinte :

SONETO A' LIBERDADE

Sagrada emanação da Divindade,
Aqui do cadafalso eu te saudo;
Nem com tormentos, com revezes mudo
Fui teu votario, e sou, ó Liberdade.

Póde a vida brutal ferocidade
Arrancar-me em tormento mais agudo:
Mas das furias do despota sanhudo
Zomba d'alma a nativa dignidade.

Livre nasci, vivi, e livre espero
Encerrar-me na fria sepultura,
Onde imperio não tem mando severo ;

Nem da morte a medonha catadura
Incutir póde horror num peito fero
Que aos fracos tão somente a morte è dura.

Em 1821 é eleito deputado ás Côrtes portuguezas, onde foi estrenuo, devotado e imperterrito defensor da causa do Brasil. Atacado, vaiado e aggredido pela gente rude de Lisboa, quando em seus discursos violentos e arrebatadores se referia á independencia de sua Patria, nunca recuou nem esmoreceu.

Em 1823 deputado á Assembléa Constituinte e relator do projecto da Constituição. Desterrado com seus ermãos, nesse mesmo anno, a 12 de Novembro. Em 1831 recusa a nomeação de enviado extraordinario e ministro plenipotenciario juncto á côrte de Lisboa. Deputado geral por São Paulo, tomou parte activa no movimento da maioridade. Em 1840 ministro do Imperio. Em 1845, senador

pela provincia de Pernambuco. Grande orador, eloquente, vigoroso, altivo. Falleceu a 5 de Dezembro de 1845, no Rio de Janeiro, e está sepultado no Mosteiro de S. Bento.

Seu ultimo discurso na Camara dos Deputados, em 2 de Junho de 1845, é uma affectuosa saudação aos collegas e um agradecimento á gloriosa provincia de Pernambuco.

« dessa provincia que na historia do Brasil, tão fertil em feitos historicos, occupa uma das mais brilhantes paginas della, dessa provincia que, pela sua illustração, anda de par com a mais illustrada, e, pela sua coragem, pede meças a quasi todas; dessa provincia que teve o ardimento de erguer o primeiro grito da liberdade em 1817, grito generoso, embora desassisado, e talvez imprudente, de cujos resultados vieram miserias, das quaes fui testimunha e em que tive grande parte.

Quœque ipse miserrima vidi, quorumque magna pars fui.

E fazendo o confronto das duas Camaras Legislativas, assim perorava:

" Aqui, snr. presidente, o fogo de uma mocidade esperançosa, o calor que lhe transpira por todos os póros da alma e se me communicava, desgelava e derretia o gêlo que já ia invadindo a alma do velho, aviventava os meus sentidos amortecidos, e talvez enregelados, e despertava minha intelligencia ás vezes somnolenta; e acharei isto no outro corpo? Não sei; a massa do gêlo que me esfria é a mesma que me vai rodear. Como, pois, tirarei dessa massa resfriada scentelhas e faiscas, que animem o pobre velho? Isto me assusta. Eu encaro nesta casa o reino da vida, aqui está o Indostão moral, terra feliz, onde ao sôpro dos zephyros, ao estimulo benfazejo do monarcha do dia, surge a creação buliçosa, garrida, matizada de variadas cores e gorgeando feiticeiros cantos, e o logar para onde vou assusta-me talvez sem razão, mas cuido que acharei nelle o pêzo do abatimento, o reino do somno muito vizinho da morte, finalmente a Siberia moral, na qual a natureza muda, immovel e silenciosa, comprime o coração e enfraquece a intelligencia.

Todavia, é preciso obedecer: mas a lembrança que levo desta

casa ficará gravada eternamente em mim, o reconhecimento será perpetuo, eu sempre louvarei quaesquer acontecimentos que ennobreçam uma Camara tão respeitavel. Recebei, collegas meus, as minhas saudosas despedidas."

O presidente da Camara dos Deputados — Muniz Tavares — disse:

"Orgão da Camara, é para mim muitissimo lisonjeiro poder declarar em seu nome que ella sempre se recordará dos relevantes serviços, da illustração não vulgar, do patriotismo decidido do sr. deputado. (*Numerosos apoiados.*) Posso asseverar que deixa-nos a todos saudosos (*numerosos apoiados*): e como Pernambucano, eu me orgulho de ver que foi a minha provincia que concorreu para que sua magestade fizesse recaïr sua escolha sôbre pessoa tão digna. (*Numerosos apoiados*)."

De seu casamento com sua sobrinha D. Anna Josephina de Andrada deixou o velho Antonio Carlos dous filhos:

1. Antonio Carlos Ribeiro de Andrada Machado e Silva — doutor em Direito, lente da Faculdade de S. Paulo, advogado, deputado provincial, deputado geral, procurador geral do Estado de S. Paulo. Nasceu em Santos a 13 de Outubro de 1830, foi casado com sua prima d. Anna Marcelina, filha de Diogo José de Carvalho, e falleceu no Rio de Janeiro aos 19 de Outubro de 1902, sendo sepultado em S. Paulo.

Do artigo que a seu respeito escreveu o *Jornal do Commercio* de 20 de Outubro de 1902, extrahimos as seguintes linhas:

"O dr. Antonio Carlos nasceu a 13 de Outubro de 1830 na cidade de Santos e era filho do conselheiro Antonio Carlos, cujo nome fulgurou no periodo de nossa emancipação politica com grande lustre e honra para a patria. Aos onze annos foi mandado para a Europa, onde estudou humanidades no Collegio Fontenay-aux-Roses, dirigido pelo padre Tavares. Com 17 annos voltou para o Brasil, cursando o Collegio Pedro II, onde conquistou o grão de bacharel em lettras. Em 1855 formou-se em sciencias juridicas e sociaes na Faculdade de Direito de S. Paulo, defendendo these e sendo distinctamente approvado no anno seguinte. Depois

de brilhante concurso foi nomeado lente substituto da mesma Faculdade em 1859, e cathedratico da cadeira de Direito commercial seis annos depois.

Durante o tempo que exerceu o magisterio, por varias vezes interrompeu o exercicio dessa funcção, afim de representar a sua provincia na Assembléa Legislativa de S. Paulo e na Camara dos Deputados por mais de duas legislaturas.

Voltando á Europa em 1881, teve occasião de travar amistosas relações com o grande historiador Cesar Cantu, de quem recebeu varios livros com honrosas dedicatorias. Na Universidade de Pavia tambem fez relações com Vidari, professor de Direito commercial, e com o padre Baccelato, professor de Direito ecclesiastico.

O dr. Antonio Carlos, ás suas qualidades de professor muito estimado das gerações que preleccionou, alliava os dotes de litterato e orador brilhante, tendo occupado com vantagem, além da tribuna politica, a judiciaria onde alcançou virentes triumphos. Era sobretudo um grande coração."

Na Camara dos deputados, de S. Pa [illegible] Rubião Junior proferiu sôbre o seu fallecimento este discurso:

O sr. Rubião Junior.— Sr. presidente, ha poucos momentos baixou á sepultura, em um dos cemeterios desta cidade, o corpo do conselheiro Antonio Carlos Ribeiro de Andrada Machado e Silva, fallecido hontem na Capital Federal.

Esse luctuoso facto assignala o desapparecimento completo de um Paulista illustre que, pelos seus serviços, recommenda-se á estima e á benemerencia do Estado de S. Paulo, e tornou-se um continuador e um representante digno dessa familia notavel, cuja tradição se impõe ao nosso apreço, ao nosso respeito e á nossa veneração, pelas paginas brilhantes que lhe devem a historia da nossa nacionalidade e a historia da nossa vida politica.

O SR. ANTONIO MERCADO—Muito bem.

O SR. RUBIÃO JUNIOR—Intelligencia de primeira grandeza, alma aberta aos sentimentos mais generosos, o luctador para o qual soou a hora do descanso prestou, incontestavelmente, assignalados serviços ao nosso paiz e principalmente ao Estado de S. Paulo

(*apoiados, muito bem*). Na sua cadeira de lente, na tribuna da então Assembléa Geral, na Assembléa Provincial, na investidura de altos cargos de administração, e, ultimamente, no exercicio do logar de procurador geral do Estado, deixou traços indeleveis do seu peregrino talento, de seu purissimo character, indefectivel justiça, e de sua inexcedivel dedicação pelos interesses confiados á sua competencia e lealdade.

O Estado de S. Paulo recebeu com profundo pezar esse doloroso e triste acontecimento.

Permitta-me, pois, v. exa., sr. presidente, permittam-me os nobres collegas da Camara que, compartindo dessa magua, que certamente é commum a todos nós, eu, em homenagem á memoria de um servidor tão digno, illustre e distincto, e como uma manifestação aos serviços por elle prestados, como uma lembrança saudosa de um amigo extremoso, e, finalmente, como um preito de gratidão ao mestre que tanto concorreu para nosso preparo e para o preparo de muitas das gerações que passaram pela Faculdade de Direito, requeira a v. exa. que se insira na acta de hoje um voto de profundo pezar, levantando-se a presente sessão.

VOZES—Muito bem, muito bem.

Vai á mesa, é lido e posto em discussão e, sem debate, approvado o seguinte

REQUERIMENTO N. 11 DE 1902

Requeiro que se insira um voto de pezar na acta e se suspenda a sessão, pelo fallecimento do conselheiro dr. Antonio Carlos Ribeiro de Andrada Machado e Silva.

Sala das sessões, 20 de Outubro de 1902.—*Rubião Junior*.

* *

Na sessão de 20 de Outubro, no Senado de S. Paulo, o senador Paulo Egydio pronunciou a seu respeito estas palavras :

O sr. Paulo Egydio — Sr. presidente, fui encarregado, por alguns de meus illustres collegas, de pedir ao Senado a suspensão

de sua sessão, em virtude do acto doloroso que acaba de passar-se na Capital Federal, do fallecimento do nosso distincto conterraneo e compatriota, dr. Antonio Carlos Ribeiro de Andrada Machado e Silva.

Cumprindo com pezar a missão de que fora encarregado por esses distinctos collegas, eu não posso, sr. presidente, neste momento, aproveitando-me da tribuna, deixar de lançar algumas palavras de affecto e de despedida a esse homem distincto, que aqui, durante tantos e tantos annos, teve a ventura de distinguir-se não só na antiga provincia, como no Estado de S. Paulo, no Imperio do Brasil, como na Republica Brasileira, por actos da mais impolluta pureza, na vida publica e privada, por actos de uma intelligencia subida e alevantada, por actos de um coração nobre, puro e patriota, bem mostrando que esse espirito que hoje fina era o representante hereditario de uma raça nobre de gigantes, que foram exactamente aquelles que nos deram a emancipação e os germens da independencia, da qual brotou a grande arvore da Republica Brasileira.

Senhores, Antonio Carlos era um dos poucos e raros descendentes dessa estirpe gloriosa de Brasileiros que se denomina — a familia Andrada : Antonio Carlos era dos poucos, que herdaram de Martim Francisco, o grande financeiro, de Antonio Carlos, o grande orador, e de José Bonifacio, o grande estadista, que herdaram, dos tres um pouco de cada virtude, um pouco de cada qualidade, um pouco de sua pureza, um pouco de sua severidade de costumes, um pouco da sua missão de evangelizadores da liberdade, um pouco de sua abnegação, um pouco do seu civismo, um pouco de seus talentos, um pouco de sua grandeza !

Eis aqui o que foi Antonio Carlos, e, portanto, Antonio Carlos merece de todos nós um voto de pezar.

Antonio Carlos foi nosso mestre ; Antonio Carlos foi deputado provincial ; Antonio Carlos foi deputado geral em diversas legislaturas ; Antonio Carlos foi indigitado para ministro do Imperio ; e Antonio Carlos, no ultimo quartel da vida, proclamada a Republica, vendo-se exhaurido de meios, pobre, teve de recorrer ao em-

prego publico, para o qual, em boa hora, o Governo o nomeou :— o logar de procurador do Estado de S. Paulo...

O Sr. Almeida Nogueira — Logar que desempenhou com muita austeridade e talento,

O Sr. Siqueira Campos — E com muita lealdade.

O Sr. Paulo Egydio — Logar que desempenhou como um homem que procura descobrir a verdade...

O Sr. Almeida Nogueira — Tinha a energia e a curiosidade de um moço.

O Sr. Paulo Egydio — Estudando as questões de Direito como um verdadeiro apostolo, afim de dictar os bons principios da vida social.

Antonio Carlos merece tudo, e nesta ultima hora, neste ultimo instante, devemos dizer-lhe o nosso ultimo adeus de despedida.

E' para isso que eu pedi a palavra, concluindo por apresentar um requerimento neste sentido.

Vozes — Muito bem, muito bem.

Vai á mesa, é lido, apoiado posto em discussão e unanimemente approvado, o seguinte.

REQUERIMENTO

Requeiro que em signal de pezar pelo fallecimento do dr. Antonio Carlos Ribeiro de Andrada Machado e Silva suspenda o Senado a sua sessão, consignando-se na acta de nossos trabalhos um voto de condolencias

Senado, 20 de Outubro de 1902. — *Paulo Egydio*.

* * *

II — D. Brasilia Antonietta de Mello e Andrada, casada com seu primo Antonio Carlos Cesar de Mello e Andrada, chefe da secção da Secretaria dos Negocios da Marinha.

NETOS DE ANTONIO CARLOS (1°)

I — Filhos de Antonio Carlos Ribeiro de Andrada Machado e Silva (2°).

A — Antonio Carlos Ribeiro de Andrada Machado e Silva Junior, maestro, diplomado pela Eschola de Milão, lente da Eschola Normal de S. Paulo. Nascido a 1 de Junho de 1857, é casado com D. Zulmira Furtado e tem dous filhos — Zulmira e José.

B — Diogo José de Andrada Machado, formado em Direito, desembargador da Côrte de Appellação. Foi juiz em Sancta Rita do Passa Quatro, advogado em Belém do Descalvado, pretor e juiz no Districto Federal. Nascido em S. Paulo a 9 de Maio de 1859, foi casado com sua prima d. Brasilia Paulina de Andrada Machado, que teve deste consorcio uma filha — Zaïra.

C — D. Anna Elisa de Andrada Machado, professora do Jardim da Infancia de São Paulo.

D — D. Elisa Josephina de Andrada Machado.

E — D. Brasilia de Andrada Machado.

II — Filhos de d. Brasilia Antonietta de Mello e Andrada:

A — D. Anna Josephina de Mello e Andrada, professora cathedratica no Districto Federal.

B — D. Maria Carolina de Mello e Andrada, tambem professora no Districto Federal.

Martim Francisco e seus descendentes

Martim Francisco Ribeiro de Andrada — Nasceu em Santos no anno de 1776. Fez seus estudos primarios nessa mesma villa, os secundarios em S. Paulo, sob a direcção de frei Manuel da Resurreição, e os superiores na Universidade de Coimbra, diplomando-se em Mathematicas. Em 1800, com José Bonifacio e o general Napion, fez viagens scientificas. Regressando ao Brasil, occupou-se em escrever trabalhos de Mineralogia e outros relativos ás riquezas naturaes de S. Paulo. Em 1821, secretario do governo provisorio de S. Paulo. Em 1822, feita a Independencia, para que contribuiu efficazmente, é ministro da Fazenda. Deputado á Assembléa Constituinte. Em 1823, a 12 de Novembro, é desterrado com seus ermãos para a França, onde viveu ensinando Mathematicas. Em 1828, processado por crime de sedição, defende-se e a Relação o absolve. Sai da ilha das Cobras já eleito deputado á

2ª legislatura pela provincia de Minas-Geraes. Em 1830 recusa entrar para o ministerio. Em 1838, eleito deputado por S. Paulo. Em 1840, triumphante o movimento da maioridade em que tomara grande parte, é ministro da Fazenda. Em 1841 deputado provincial e geral. Escreveu o *Manual de Mineralogia, Tratado sobre o canhamo, Diario de uma viagem mineralogica pela provincia de S. Paulo*. Falleceu a 23 de Fevereiro de 1844, e está sepultado em Santos. Orador eloquente e correcto, administrador de inatacavel probidade, character austero e alevantado espirito. Em todos os seus actos ha sempre accentuada nota de uma perfeita integridade moral e do seu grande valor de estadista. E' um vulto majestoso da Historia do Brasil.»

Transcrevemos dous trechos eloquentes de discursos seus, em 1823 e 1840.

Na sessão de 22 de Maio de 1823 em defesa de José Bonifacio:

«Phocio, caminhando para o logar do supplicio, recompensa ordinaria que conferem ao merito e á virtude republicas degeneradas, dizia ao magistrado que o acompanhava: «Magistrado, ensina á mocidade insensata a respeitar a velhice». Eu tambem direi da mesma fórma: Legisladores, ensinae a esse desattento ministro a respeitar a velhice ataviada com os adornos de serviços relevantes, de probidade e saber.

Manes dos Washingtons, dos Adams, dos Jeffersons: que diriam vossas grandes almas si, evocadas da região sombria dos mortos, presenciassem um velho respeitavel e que mais parte teve na independencia de sua Patria, mordido pelo dente afiado de reptis venenosos, e tocado pela baba impura de vis calumniadores!?

Sem duvida exclamarieis, cheios de dôr: Providencia, tu erraste quando fizeste do Brasil parte integrante do sólo virgem da America, porque alguns de seus filhos estão ainda verdes para os gozos da verdadeira liberdade.

. . . .

. . . .

Eu não sei qual seja o resultado destas ameaças: sei, porém, que esta minoria, fiel ao mandato que acceitou, rigida observadora

da Constituição e das leis, sobranceira aos embates da adversidade, sempre surda ás seducções, sempre corajosa e incorruptivel, preferirá antes sepultar-se debaixo das ruinas da liberdade a um só momento viver escrava do mais atroz dictador.»

Na sessão de 16 de Julho de 1840, defendendo a Maioridade:

«Quero que o monarcha suba ao throno não por amor do poder, porque nunca o procurei, nem o procuro; não por amor de honras, pequenos nadas, futeis frivolidades da vaidade humana, porque eu tenho titulos meus nas acções minhas; não por amor de riquezas, paixão baixa e vil, a que nunca queimei incenso, mas por amor da Patria, paixão nobre, que arde em meu coração, puro como o fogo de Vesta. Quero o monarcha no throno, porque estou persuadido que elle será o anjo da paz, que virá salvar-nos do abysmo que nos ameaça; quero que o monarcha suba ao throno, porque supponho que é a unica medida que póde trazer remedio aos nossos males; quero que o monarcha suba ao throno, porque amo esta angusta familia, senhores, para cuja defesa e gloria tenho contribuido com todo o cabedal das minhas forças. Quero, finalmente, para cumprir a promessa dada a um respeitavel velho, que jaz hoje na Eternidade, meu fallecido ermão, tão injustamente maltractado por tantos, o qual no resto de seus dias dizia não poder morrer contente sinão vendo o sr. d. Pedro II no throno e o systema constitucional consolidado.

Ah! senhores, si eu consigo ver isto, os meus votos estão satisfeitos, e cheio de jubilo posso exclamar com o poeta: oh, Patria, ainda esta gloria me consentes!?»

Delle escreve Araujo Porto-Alegre:

« Homem exemplar na rigidez de seus costumes, na severidade de suas acções, na decencia de suas palavras, na amenidade de seu tracto e do amor paternal, physionomia de aguia, talhado á antiga, elle era um typo desses homens raros... O conselheiro Martim Francisco tinha o privilegio dos sitios amenos, onde um ar saudavel purifica a saúde, e dá á alma sensações puras e innocentes; seu commercio tinha alguma cousa de sancto, e derramava no cora-

ção virgem da mocidade o enthusiasmo e a esperança sôbre o futuro da Patria. »

Foi casado o conselheiro Martim Francisco com sua sobrinha d. Gabriella Frederica Ribeiro de Andrada, e deixou os seguintes filhos:

I — *Martim Francisco Ribeiro de Andrada*, conselheiro, doutor em Direito, lente da Falcudade de S. Paulo, deputado á Assembléa Provincial, deputado geral, ministro e conselheiro de Estado. Teve sempre legitima influencia em sua Provincia, onde era chefe liberal. Prestou ao paiz serviços os mais relevantes e durante a phase mais aguda e grave da guerra do Paraguai foi um estadista de extrema e patriotica dedicação á frente de duas pastas: a da Justiça e dos Extrangeiros. Foi casado com d. Anna Benvinda Bueno de Andrada. Nasceu em Marselha a 10 Junho de 1825 e falleceu em S. Paulo em 2 de Março de 1886.

II— *Josè Bonifacio de Andrada e Silva*— conselheiro, formado em Direito, lente das Faculdades do Recife e de S. Paulo, deputado provincial, deputado geral, ministro, senador, foi convidado para presidente do Conselho. Poeta e grande orador parlamentar. Foram innumeros os seus triumphos na Camara e no Senado do Imperio. Na campanha abolicionista, a que está ligado o seu nome, os seus discursos são notaveis de eloquencia, patriotismo, de argumentação brilhante e convincente.

Foi casado com sua prima d. Adelaide Eugenia. Nasceu em Bordéos aos 8 de Novembro de 1827 e falleceu em 26 de Outubro de 1886.

III — *Antonio Carlos Ribeiro de Andrada*, formado em Direito, juiz municipal, depois advogado em Barbacena, provincia de Minas Geraes. Avesso á politica, sempre se conservou extranho a ella; mas em 1884, foi obrigado a acceitar, por imposição de amigos, o mandato de deputado geral, e em 1891 o de senador, no Estado de Minas Geraes. Exerceu a presidencia da Camara do municipio em que residia, e, no desempenho de sua profissão de advogado, obteve os mais completos triumphos e grande nomeada. Foi casado com d. Adelaide Duarte de Andrada, filha do com-

mendador Feliciano Coelho Duarte, e ermã do conselheiro, senador do Imperio, José Rodrigues de Lima Duarte. Nasceu em Santos a 3 de Março de 1836 e falleceu em sua fazenda da Borda do Campo, municipio de Barbacena, a 26 de Dezembro de 1893.

Nas «Ephemerides Mineiras», do illustre publicista José Pedro Xavier da Veiga, encontra-se o seguinte artigo sôbre o dr. Antonio Carlos:

« No districto da cidade de Barbacena, (fazenda da Borda do Campo) fallece o dr. Antonio Carlos Ribeiro de Andrada, senador estadual de Minas Geraes, nascido na cidade de Santos a 3 de Março de 1836. Era filho legitimo do primeiro conselheiro Martim Francisco e de d. Gabriella Frederica Ribeiro de Andrada, e sobrinho neto do primeiro José Bonifacio e ermão dos segundos conselheiros Martim Francisco e José Bonifacio, todos illustres e venerados nos annaes politicos, administrativos e litterarios do Brasil.

O dr. Antonio Carlos Ribeiro de Andrada graduou-se em 1862 na Faculdade de Direito de São Paulo. Dous annos depois veio residir em Barbacena, onde casou-se com distinctissima senhora, filha de respeitada e estimada familia mineira.

Ahi exerceu o cargo de juiz municipal e de orphãos, e depois a profissão de advogado, dignificando esta como aquelle pela rectidão invariavel de seu character, por seu culto severo aos principios da justiça e pela elevação de sentimentos com que constantemente soube impor-se á estima e ao respeito da sociedade.

Era um verdadeiro homem de bem e um cidadão modêlo na comprehensão e desempenho dos seus deveres.

Ao contrario de seus illustres ermãos, o dr. AntonioCarlos esquivou-se por muito tempo ás luctas politicas, não deixando todavia de prestar serviços ao municipio de sua residencia, não só no seu character particular, mas tambem no de vereador á respectiva Camara, cuja presidencia merecidamente lhe coube e honrou em todos os sentidos.

Mais tarde e por indicação reiterada de muitos e prestimosos amigos, foi eleito deputado á Assembléa Geral em 1884 e reeleito em 1885, como candidato do Partido Liberal pelo antigo 7° districto.

Em breve, entretanto, desgostou-se profundamente da politica, descrendo dos antigos partidos militantes sob o regime monarchico. Por isso afastando-se da actividade politica, declarou-se francamente republicano, applaudindo e secundando com o prestigio de sua intelligencia e de seu character a propaganda, que já então era activa no paiz para a mudança radical do nosso regime governativo.

Proclamada a Republica e cedendo a honrosos convites, que eram outras tantas homenagens ao seu merito, foi eleito senador estadual de Minas Geraes, em Janeiro de 1891, e no Congresso Constituinte e Legislativo Mineiro, nas sessões ordinarias e extraordinarias desse anno até o de 1893 a que compareceu, sua attitude correspondeu sempre a quanto se esperava de sua illustração e integridade moral jamais vacillante.

O dr. Antonio Carlos Ribeiro de Andrada, chefe de familia modêlo que soube educar primorosamente, tornando-a digna das tradições gloriosas vinculadas ao nome dos Andradas, distinguiu-se egualmente como cidadão patriota por um espirito de inflexivel probidade e pela paixão nobre do direito e da justiça, que mais se accentuava quando elle via o pobre, o fraco, o desvalido, victimas de potentados audazes. Então, enfrentando os perseguidores, punha todo o seu valimento ao dispor dos infelizes, não raro livrando-os de iniquidades revoltantes.

Era uma alma generosa e grande, leal, expansiva e na intimidade dos amigos illuminada pelos mais suaves e captivantes affectos ».

IV. — D. Maria Flora de Andrada.

V. — D. Narcisa de Andrada. Ambas falleceram solteiras.

Netos de Martim Francisco (1°)

I. Filhos do conselheiro Martim Francisco Ribeiro de Andrada e d. Anna Benvinda Bueno de Andrada :

a) *Martim Francisco Ribeiro de Andrada*, formado em Direito, advogado em Santos. Foi presidente da Provincia do Espirito Sancto, deputado provincial, deputado geral, senador e secretario

das Finanças do Estado de S. Paulo. Polemista vigoroso, orador e publicista, advogado de grande destaque. Martim Francisco é o mais velho e illustre dos Andradas da terceira geração. Nasceu em S. Paulo a 11 de Fevereiro de 1853. E' casado com d. Ursula de Andrada.

b) *Antonio Manuel Bueno de Andrada*, formado em Engenharia, deputado federal por S. Paulo. Foi senador estadoal, exerceu diversos cargos technicos e desempenhou importante commissão no Alto Juruá. Nasceu em S. Paulo a 22 de Janeiro de 1875. E' casado com d. Idalina Bacellar de Andrada e tem dous filhos :

1, Martim Francisco Bueno de Andrada, doutor em Medicina pela Faculdade do Rio.

2, D. Julieta de Andrada Noronha, casada com o capitão-tenente Carlos Frederico de Noronha Sobrinho.

c) *José Bonifacio Bueno de Andrada*, formado em Direito, falleceu como secretario da Legação de Vienna.

d) *D. Gabriella de Andrada Dias de Mesquita*. Foi casada com o dr. Theophilo Dias de Mesquita e tem dous filhos : Gabriella e Theophilo Dias de Andrada.

e) *D. Anna Benvinda de Andrada*, casada com o dr. Antonio da Silva Jardim, teve quatro filhos : Antonio, Danton, Beatriz e Franklin.

f) *D. Maria Flora de Andrada*, casada com o dr. José Augusto Pereira de Queiroz, advogado e curador de orphãos em São Paulo, tem os seguintes filhos ; Luiz, Paulo, Evangelina, Maria e Angelo.

II. Filhos do conselheiro José Bonifacio de Andrada e Silva e de d. Adelaide Eugenia de Andrada :

a) *José Bonifacio de Andrada e Silva*, proprietario e commissario de café na Praça de Santos. Nasceu em S. Paulo aos 2 de Janeiro de 1857, é casado com d. Maria Vicencia de Azambuja Andrada e tem os seguintes filhos : José Bonifacio, Noemia, Durval, Olga e Maria de Lourdes.

b) *Martim Francisco Ribeiro de Andrada Sobrinho*, formado

em Direito, advogado em S. Paulo. Nasceu em S. Paulo aos 28 de Novembro de 1859, é casado com d. Julia Olympia de Campos e Andrada, e tem os seguintes filhos: Marina, Gilberto, Mario, Wanda, Dora e Raul;

c) *Narcisa Andrada de Sousa Queiroz*, casada com o dr. Paulo de Sousa Queiroz, formado em Direito, capitalista, proprietario e agricultor em S. Paulo;

q) *Maria Flora Andrada de Sousa Queiroz*, casada com o sr. Carlos de Sousa Queiroz, capitalista e agricultor em S. Paulo, tem os seguintes filhos: Adelaide, Valentina, casada com o dr. Alberto de Oliveira Coutinho, Lucilia e Silvia.

F) *D. Gabriella Andrada de Oliveira*, casada com o dr. Carlos Coelho de Oliveira advogado em S. Paulo, tem os seguintes filhos: Carlos, Octavio, Renato, Edgard, Oscar, Fabio Roberto.

III. Filhos do dr. Antonio Carlos Ribeiro de Andrada e d. Adelaide Duarte de Andrada:

A) *Martim Francisco Duarte de Andrada*; nasceu em Barbacena a 18 de Março de 1866, e falleceu em Bello Horizonte a 22 de Julho de 1911. Formado em Direito, foi advogado em Barbacena, lente do Gymnasio Mineiro, vereador da Camara Municipal, advogado e procurador fiscal em Bello Horizonte. Intelligente e digno, bondoso e leal, Martim Francisco esteve sempre rodeado de affectuoso apreço e grande estima. Seu prematuro desapparecimento, em plena actividade de sua nobilissima profissão, produziu sincera e profunda magua, sendo geraes as demonstrações de pezar.

Foi casado com d. Maria José Fonceca de Andrada, filha do commendador Francisco Ferreira de Assis Fonseca, e deixou os seguintes filhos: Maria Adelaide, Maria José, Antonio Carlos, Martim Fraucisco, José Bonifacio e Geraldina.

A seu respeito *O Estado* de Bello Horizonte publicou as seguintes linhas:

« *Impressões* — Era bem um fidalgo esse Mineiro illustre, que hontem levámos á paz do Campo Sancto.

Martim Francisco revelava magnificamente as suas origens na esbelteza do pórte, na linha nobre do nariz grego, na physionomia, a um tempo austera e doce, emmoldurada pela barba a Sadi Carnot, que elle costumava cofiar lentamente.

Vendo-o a perlustrar audiencias e cartorios, na labuta forense, ou em simples passeios pelas ruas, na capital, dir-se-hia que aquelles passos cadenciados conduziam o seu corpo esguio para o saráo elegante de um palacio aristocratico ou para o voltarete costumeiro de algum marquez de alta linhagem. . .

Mas a linha impeccavel de suas attitudes e gestos, tão natural, tão espontanea, não collidía com a lhaneza do seu tracto; sob a apparencia do aristocrata havia todo o encanto de uma alma simples, de um coração bondosissimo.

Foi esse musculo do sentimento que lhe paralysou de subito a vida, tão indispensavel ainda ao amparo e carinho do lar, ao cultivo das lettras juridicas, ao affecto e admiração dos seus amigos.

Pouco antes de emprehender a grande viagem mysteriosa, regressara elle do trabalho afanoso, a que se entregara sempre, como um luctador, para quem a familia era um culto sagrado.

A morte espreitava-o no lar e nem lhe permittiu proferir a ultima palavra de affecto e lançar o derradeiro olhar de despedida áquelles que elle extremecia.

E o claro azul do ultimo Domingo teve uma tarja negra, ao transcorrer a noticia brutal de que desapparecera do nosso convivio a silhueta sympathica e varonil desse Mineiro illustre, que era bem um fidalgo da mais fina linhagem. — *Mario Silva.* »

B — *Antonio Carlos Ribeiro de Andrada*, formado em Direito, advogado em Juiz de Fóra. Presidente da Camara Municipal, deputado federal pelo 2º Districto de Minas. Foi promotor da justiça em Ubá, lente da Eschola Normal de Juiz de Fóra. Secretario das Finanças, prefeito de Bello Horizonte e senador estadoal. Nascido em Barbacena a 5 de Septembro de 1870, é casado com d. Julieta Guimarães de Andrada, filha do barão do Rio Preto e neta do marquez de Olinda; tem os seguintes filhos: Antonietta, José e Fabio.

C — *José Bonifacio de Andrada e Silva*, formado em Direito, advogado em Barbacena, deputado federal pelo 3º districto de Minas, lente do Internato do Gymnasio Official no mesmo Estado. Foi lente da Eschola Normal de Barbacena, e vereador da Camara Municipal.

Nasceu em Barbacena aos 29 de Septembro de 1871, é casado com d. Corina Lafayette de Andrada, filha do conselheiro Lafayette Rodrigues Pereira, e tem os seguintes filhos: Antonio Carlos, Lafayette, José Bonifacio, Martim Francisco, Luiz Bonifacio e Corina.

D — *José Rodrigues Duarte de Andrada*, funccionario da Recebedoria de Minas no Rio. Nascido em 28 de Fevereiro de 1873, falleceu a 21 de Fevereiro de 1904.

E — *João Evangelista Ribeiro de Andrada*, primeiro official da Directoria de Estatistica. Nascido a 5 de Agosto de 1874, é casado com d. Laura Costa de Andrada, filha do commendador José da Costa Rodrigues; tem um filho, Gerardo.

F — *D. Narciza Andrada de Miranda Ribeiro*, foi casada com o desembargador José Cesario de Miranda Ribeiro.

G — *D. Gabriella Frederica Ribeiro de Andrada*, ermã de Caridade de S. Vicente de Paulo (Ermã Julia).

H — *D. Maria Flora Ribeiro de Andrada*, fallecida aos 16 annos.

I — *D. Constança Ribeiro de Andrada*, ermã de Caridade de S. Vicente de Paulo. (Ermã Adelaide).

J — *D. Maria Antonia de Andrada*, diplomada pela Eschola Normal de Barbacena.

K — *D. Maria José de Andrada*, foi casada com o dr. Amadeu de Lacerda Rodrigues e tem um filho de nome Amadeu.

L — *D. Maria Antonietta de Andrada.*

M — *D. Carlota de Andrada.*

....

D. Barbara e seus descendentes

D. Barbara Joaquina de Andrada, casada com Francisco Xavier da Costa Aguiar, teve os seguintes filhos :

I. Francisco Xavier da Costa Aguiar de Andrada, casado com d. Maria Zelinda de Andrada.

II. Bento Francisco da Costa Aguiar de Andrada, casado com d. Barbara Pacheco.

III. Antonio Carlos da Costa Aguiar de Andrada, casado com d. Cesaria.

IV. José Ricardo da Costa Aguiar de Andrada, formado em leis, deputado ás Côrtes Portuguezas, á Assembléa Constituinte deputado geral, membro do Superior Tribunal de Justiça .

Nascido em Santos a 15 de Outubro de 1787, depois de ahi receber a educação primaria seguiu para Coimbra, onde se diplomou em leis. Ainda no 4º anno, alistou-se no Batalhão Academico, sob a direcção de seu tio José Bonifacio, para combater a invasão franceza. Voltando ao Brasil, já formado, foi nomeado em 20 de Janeiro de 1812 Juiz de fóra em Belém do Pará, onde esteve até que foi crear a Ouvidoria Geral de Marajó, na Ilha de Joannes, sendo depois desembargador da Relação da Bahia. Ahi esteve durante dous annos prestando relevantes serviços, fazendo-se querido e respeitado pela singeleza de seus costumes, grande rectidão e notavel desinteresse.

Foi sempre magistrado modêlo, tendo occupado todos os postos da magistratura, pois foi tambem ministro do Supremo Tribunal de Justiça (1828). Quando no Pará escreveu uma importantissima memoria ou annaes da provincia do Pará, manuscripto precioso, na phrase de um de seus biographos, rico de interessantes documentos e noticias historicas.

Em 1821 foi eleito deputado ás Côrtes de Lisboa, e ao lado de Antonio Carlos, Feijó, Vergueiro, tambem representantes de S. Paulo, combateu altivamente pelos direitos do Brasil, intervindo com energia e intelligencia nos debates mais notaveis.

Estava na Inglaterra, para onde havia seguido em consequencia

dos graves acontecimentos de Lisboa, quando foi eleito deputado á Assembléa Constituinte, e nesse cargo foi o mesmo patriota a defender principios sãos com grande elevação e devotamento.

De 1826 a 1829 esteve como deputado á 1ª Legislatura ordinaria da Assembléa Geral.

Era espirito de grande illustração. Fez estudos especiaes sôbre os povos antigos, sôbre os feitos dos povos modernos e conhecia as linguas e dialectos europeus. Em 1843 partiu em viagem pela Terra Sancta e ahi esteve em peregrinação scientifica durante dezenove mezes aperfeiçoando-se não só nos seus estudos historicos como no conhecimento das linguas orientaes.

O conselheiro José Ricardo da Costa Aguiar de Andrada falleceu no Rio de Janeiro a 23 de Junho de 1846, deixando de seu casamento com d. Jesuina de Sousa Moreira uma filha de nome d. Jesuina, casada com seu primo, o diplomata conselheiro Francisco Xavier da Costa Aguiar de Andrada.

Do caderno de assentos particulares do velho coronel Francisco Xavier da Costa Aguiar transcrevo a seguinte nota :

Depois das 3 horas da tarde no dia 15 de outubro de 1787 nasceu o meu segundo filho José, foi baptisado na Matriz desta Villa, com beneplacito do Revdmo. Vigario José Xavier de Toledo pelo Revdmo. Luiz José dos Reis a 21 de outubro, sendo padrinhos seus tios João Xavier da Costa Aguiar e D. Anna Marcellina de Andrada».

« Meu filho José Ricardo formou-se em a Universidade de Coimbra na Faculdade de Leis, fazendo o seu ultimo acto publico de formatura em 9 de junho de 1810 : no Desembargo do Paço, a 18 de setembro do 1º anno, e em 20 de janeiro de 1911, sahiu pela Barra fôra de Lisboa, para a Côrte do Rio de Janeiro, aonde chegou em 25 de março do dito anno, e foi despaxado para o seu primeiro logar, de Juiz de Fôra do Pará, em 17 de dezembro do dito anno. Veio visitar-me a esta Villa de Santos, aonde chegou em 24 de janeiro de 1812, e em 2 de abril do dito anno, sahiu pela Barra Grande desta villa para o Rio de Janeiro afim de seguir o seu destino no Real serviço, para a dita cidade do Pará. Este

meu filho esteve no Rio de Janeiro alguns mezes por falta de embarcação, thé que sahindo, chegou a Pernambuco com 16 dias de viagem, em 20 de julho de 1812 e demorando-se ahi 2 mezes, partio em 21 de setembro pelas 3 horas da tarde para o Maranhão, aonde chegou em 28 do mesmo mez ; e donde partio em 25 de outubro pelas 11 horas da manhã para a cidade do Pará, aonde chegou a 31 do dito outubro de 1812, passando por todos estes incommodos e grandes despesas, thé chegar á dita cidade do Pará para nella assumir o logar de Juiz de Fóra de que tomou posse, penso que em 6 de novembro do dito anno.»

V. D. Rita da Costa Aguiar de Andrada, casada com o marechal Candido de Almeida e Sousa.

VI. Joaquim Maria da Costa Aguiar de Andrada, casado com d. Miquelina.

Netos de D. Barbara

I. Filhos de Francisco Xavier da Costa Aguiar de Andrada :

A) D. Maria Barbara da Costa Aguiar de Andrada, falleceu solteira.

B) D. Carlota Emilia da Costa Aguiar de Andrada, casada com o dr. Francisco Ignacio de Carvalho Moreira (barão de Penedo).

C) Francisco Xavier da Costa Aguiar de Andrada (barão Aguiar de Andrada). Notavel diplomata de bons e utilissimos serviços ao Brasil. Nasceu em S. Paulo. Formado em Direito, iniciou sua carreira como magistrado, distinguindo-se pela sua intelligencia e integridade, bem assim pela energia com que combatera o trafico de escravos africanos. Occupou os mais altos postos da diplomacia, servindo importantes missões no Rio da Prata, Chile e Estados Unidos.

Para essa carreira entrou como addido de legação em Washington, passando depois para Londres como secretario. Nomeado encarregado de negocios na Colombia e Venezuela em 9 de Outubro de 1863, no Chile em 26 de Dezembro de 1866, foi ministro residente desse paiz em 21 de Dezembro de 1871, e do Uruguai em 19

de Septembro de 1873, e serviu como enviado extraordinario e ministro plenipotenciario no Uruguai a 25 de Novembro de 1874, na Republica Argentina em Dezembro de 1875, na Austria Hungria em 27 de Julho de 1878, no Chile em 11 de Dezembro de 1886, em Portugal a 20 de Agosto de 1888, na Suissa a 2 de Agosto de 1890, Italia (Sancta Sé) a 2 de Março de 1892 e nos Estados Unidos a 30 de Abril de 1892.

Varias vezes, no desempenho desses cargos, interveio em delicadas questões de grande alcance internacional. Na Republica Argentina, como plenipotenciario, tomou parte nas negociações para os tractados entre esse paiz e o Paraguai assignados a 3 de Fevereiro de 1876: definitivo de Paz, de Limites e Arbitramento, e de Amizade, Commercio e Navegação. Ahi, de accôrdo com ordens do barão de Cotegipe, o conselheiro barão Aguiar de Andrada procurou obter de Bernardo Irigoyen, então ministro das Relações Exteriores, a troca das ratificações do Tractado de limites de 14 de Dezembro de 1857, que fôra celebrado pelo conselheiro Paranhos (visconde do Rio Branco) com o govêrno do general Urquiza.

Quando encarregado de negocios no Chile, havendo o presidente Perez, na mensagem de 1 de Junho de 1867, ao Congresso, declarado, em confirmação do protesto apresentado pelo Perú, por si e pelos seus alliados Chile, Bolivia e Equador, que a guerra da Triplice Alliança Brasileira, Argentina e Uruguaia prejudicava interesses vitaes e communs ás nacionalidades do continente, Aguiar de Andrada reclamou contra essas palavras em nota de 6 do mesmo mez, respondida a 15 pelo ministro Alvaro Covarrubias.

Nessa mesma Republica do Chile esteve mais tarde, em 1886, o barão Aguiar de Andrada como ministro plenipotenciario em missão especial para presidir as commissões mixtas encarregadas de resolver as questões resultantes da guerra entre o Chile, de um lado, Perú e Bolivia do outro. Essas commissões eram compostas de arbitros nomeados pelos governos de cada um dos paizes reclamantes e do Chile, sendo o terceiro árbitro nomeado pelo im-

perador do Brasil. Nessa missão serviram Lopes Netto, Lafayette Rodrigues Pereira e o barão Aguiar de Andrada.

No Uruguai, tambem no desempenho do alto cargo de enviado extraordinario e ministro plenipotenciario, assignou, com o ministro Ambrosio Velasco e o encarregado de negocios da Argentina em Montevidéo Jacintho Villegas, o protocollo de 30 de Julho de 1877 para a garantia effectiva da independencia, soberania e integridade territorial do Paraguai.

O barão Aguiar de Andrada terminou sua brilhante carreira diplomatica nos Estados Unidos, onde falleceu em 28 de Março de 1892. Estava no exercicio do honroso cargo, para o qual fôra distinguido pelo Governo republicano. Pelo tractado de 7 de Septembro de 1889 devia ser submettida ao arbitramento do presidente dos Estados Unidos da America do Norte a questão das Missões; foi então escolhido para 1º plenipotenciario, chefe da missão especial incumbida da defesa dos direitos do Brasil, o illustre sr. Aguiar de Andrada que apresentou ao presidente Harrison a sua credencial em 18 de Janeiro de 1893. A morte não lhe permittiu prestar ao seu paiz mais esse notavel serviço, confiado á competencia, ao patriotismo e tino diplomatico de que sempre dera eloquentes provas.

D) D. Jesuina Aguiar de Andrada, casada com Joaquim Guilherme Peixoto;

E) D. Francisca da Costa Aguiar de Andrada, casada com Leopoldo Diedericksen;

F) D. Leonor da Costa Aguiar de Andrada, casada com Charles Glenie;

G) José Ricardo da Costa Aguiar de Andrada (official de marinha), falleceu solteiro;

II. Filhos de Bento Francisco Aguiar de Andrada:

A) Bento Francisco da Costa Aguiar de Andrada, foi casado com d. Josephina, fallecendo pouco tempo depois;

B) D. Josephina da Costa Aguiar de Andrada, casada com Francisco Martins dos Santos;

C) D. Adelaide Eugenia Aguiar de Andrada, casada com o conselheiro José Bonifacio (2º);

D) D. Maria Isabel Aguiar de Andrada, casada com José Gonçalves Pimenta;

E) Carlos da Costa Aguiar de Andrada, falleceu solteiro;

F) Luiza da Costa Aguiar de Andrada, solteira.

III. Filha do dr. José Ricardo da Costa Aguiar de Andrada:

A) D. Jesuina da Costa Aguiar de Andrada, casada com seu primo Francisco Xavier da Costa Aguiar de Andrada (barão Aguiar de Andrada).

IV. Filhos de d. Rita da Costa Aguiar de Andrada, casada com o marechal Candido de Almeida e Sousa:

A) Candido Xavier de Almeida e Sousa, casado com d. Basilisa Ribeiro dos Santos Camargo, fallecidos;

B) D. Barbara de Almeida e Sousa;

C) D. Amelia de Almeida e Sousa, casada com Charles Glenie;

D) Francisco Xavier de Almeida e Sousa;

V. Filhos de Joaquim Maria da Costa Aguiar de Andrada:

A) Francisco da Costa Aguiar de Andrada;

B) Antonio da Costa Aguiar de Andrada;

C) João da Costa Aguiar de Andrada;

D) Constantino da Costa Aguiar de Andrada;

E) Gabriel da Costa Aguiar de Andrada;

F) Theophilo da Costa Aguiar de Andrada;

G) Maria Leopoldina Aguiar de Andrada;

H) Faustino da Costa Aguiar de Andrada.

Bisnetos de D. Barbara

I. Filhos de d. Carlota da Costa Aguiar de Andrada (baroneza de Penedo):

A) Francisco Ignacio de Carvalho Moreira, fallecido solteiro;

B) D. Carlota Moreira Andrada Pinto, foi casada com o conselheiro José Caetano de Andrade Pinto, tem um filho: Arthur José de Andrade Pinto, formado em Direito;

C) Arthur de Carvalho Moreira, formado em Direito, diplomata, serviu como secretario na Embaixada á Conferencia de Haia;

D) Alfredo Carvalho Moreira, fallecido solteiro;

II. Filhos de Francisco Xavier da Costa Aguiar de Andrada (barão Aguiar de Andrada):

A) Alberto de Aguiar Andrada, fallecido solteiro;

B) D. Mathilde de Aguiar Andrada, casada com Carlos dos Santos Silva, tem dous filhos: Maria e Francisco Xavier;

C) D. Georgina Aguiar Andrada, solteira;

D) Ernesto de Aguiar Andrada, solteiro;

E) Francisco Xavier Aguiar de Andrada, fallecido, casado com d. Adalgisa Siqueira;

F) D. Helena Aguiar de Andrada, casada com João Antonio dos Santos Silva, tem dous filhos: Francisco e Maria;

G) Eduardo de Aguiar Andrada, engenheiro, casado com d. Eliza de Aguiar e Castro, tem dous filhos: Antonietta e Mathilde;

H) D. Maria de Aguiar Andrada, casada com Annibal Roque de Pinho, tem um filho: Francisco José.

III. Filhos de D. Jesuina da Costa Aguiar de Andrada, casada com Joaquim Guilherme Peixoto:

A) Adolfo Andrada Peixoto, já fallecido, foi casado com d. Maria Antonietta Pereira da Cunha, deixou os seguintes filhos:

a) Adolfo Andrada Peixoto;

b) Alfredo Andrada Peixoto:

c) Alvaro Andrada Peixoto:

d) Agueda Peixoto, casada com Alfredo Navarro de Andrada;

e) Anesia Peixoto, casada com Theodoreto Barroso Franco.

f) Affonso Celso de Andrada Peixoto, solteiro.

B) D. Julia Emilia Peixoto, casada com André Míller fallecido, tem um filho, André Míller, casado com d. Irene Navarro Caldeira.

C) D. Carlota de Andrada Peixoto, casada com o dr. Herculano Marcos Inglez de Sousa, advogado e lente de Direito no Rio de Janeiro, tem os seguintes filhos:

a) Henrique Inglez de Sousa, formado em Direito, casado com d. Alzira Lemos;

b) D. Jesuina, casada com o dr. Thomaz Lopes;

c) Carlos Inglez de Sousa, casado com d. Guiomar Portella;

d) Luiz Inglez de Sousa, solteiro;

e) Marina, solteira;

f) Esther, solteira;

g) Paulo Inglez de Sousa, formado em Direito, solteiro;

h) Guiomar, solteira.

i) Alice, solteira;

j) Marcos Antonio, solteiro;

D) D. Alice Peixoto, casada com Joaquim Carlos do Rego Duarte, tem oito filhos;

E) Heitor Peixoto, formado em Direito, advogado no Rio de Janeiro, casado com d. Marianna Ribeiro Ratto;

F) José Ricardo Aguiar Peixoto, fallecido;

G) Joaquim Guilherme Peixoto, fallecido;

IV. Filhos de Francisca da Costa Aguiar de Andrada, casada com Leopoldo Diedericksen:

A) Luiz, fallecido solteiro;

B) Elizabeth, solteira;

C) Arthur Diedericksen, foi representante de S. Paulo no Congresso Nacional, lavrador, casado com d. Adelaide de Araujo, tem dous filhos: Francisco e Raul.

D) Brasilia Diedericksen, solteira;

E) Francisco Diedericksen, solteiro;

V. Filhos de d. Leonor da Costa Aguiar de Andrada:

A) Carlos de Andrada Glenie, fallecido solteiro;

B) D. Carolina de Andrada Glenie, casada com o sr. Miller (Escossia) tem dous filhos: Selina e Leonor Carlota;

C) Maria Zelinda, fallecida, casou-se com John Stewart Templeton (Glasgow), deixou uma filha, Maria;

D) D. Leonor de Andrada Glenie, casada com Roberto J. Nisbet (Escossia) tem dous filhos: Zelinda e Arthur.

VI. Filhos de d. Josephina Aguiar de Andrada, casada com Francisco Martins dos Santos:

A) Francisco Martins dos Santos Junior, foi casado com d. Mathilde Bloem, tem cinco filhos;

B) Horacio Martins dos Santos, foi casado com d. Maria Luiza Bloem, tem dous filhos;

C) Antonio Iguatemi Martins, casado com d. Anna Flora de Sá, tem seis filhos;

D) D. Isabel Martins dos Santos, casada com o dr. Silverio Fontes, tem seis filhos;

E) Elias Martins dos Santos, casado com d. Cecilia Aguiar, tem tres filhos;

VII. Filhos de d. Adelaide Eugenia, casada com o conselheiro José Bonifacio (2º).

A) Martim Francisco;

B) José Bonifacio;

C) Narciza Andrada Queiroz;

D) Maria Flora Andrada Queiroz;

E) Gabriella Andrada Oliveira;

(Ver bisnetos de José Bonifacio, e netos de Martim Francisco).

VIII. Filhos de d. Maria Isabel, casada com José Gonçalves Pimenta:

A) D. Josephina, casada com João Nunes de Carvalho, guarda livros no Rio de Janeiro;

IX. Filhos de Candido Xavier de Almeida e Sousa, casado com d. Basilisa dos Santos Camargo:

A) Antonio Candido Xavier de Almeida e Sousa, formado em Direito, advogado em S. Luiz de Parahitinga, S. Paulo, o casado com d. Francisca Lacerda de Almeida e Sousa, tem um filho de egual nome.

B) D. Maria Joanna de Almeida e Sousa Neves, casada com o dr. José da Costa Barros Pereira Neves, advogado em Santos.

C) D. Anna Rita de Almeida e Sousa, solteira.

Francisco Eugenio de Andrada e seus descendentes

Francisco Eugenio de Andrada, commerciante no Rio de Janeiro, deixou um filho de nome Francisco Eugenio de Andrada, o qual se casou com sua prima d. Narciza Candida de Andrada, filha de José Bonifacio.

Netos de Francisco Eugenio (1°)

I. Filhos de Francisco Eugenio (2°):

A) Francisco Eugenio de Andrada.

B) José Bonifacio de Andrada. Ambos falleceram sem filhos.

C) D. Narciza Josephina de Andrada.

D) D. Maria Flora de Andrada Dodsworth, casada com o desembargador Henrique João Dodsworth.

Bisnetos de Francisco Eugenio (1°)

I. Filhos de d. Maria Flora de Andrada Dodsworth:

A) Eugenio de Andrada Dodsworth, formado em Engenharia;

B) Alfredo de Andrada Dodsworth, official de marinha;

C) D. Elvira de Andrada Dodsworth, casada com o dr. Oscar de Sousa, lente da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.

D. Anna Marcellina e seus descendentes

D. Anna Marcellina Ribeiro de Andrada, foi casada com o tenente-coronel José de Carvalho e Silva e deixou os seguintes filhos:

I, José Viriato de Carvalho e Silva, fallecido sem filhos;

II, D. Anna Josephina de Carvalho, casada com seu tio, o conselheiro Antonio Carlos (1°);

III, D. Maria Barbara de Carvalho, casada com Manuel Joaquim de Mello e Andrada;

IV, Diogo José de Carvalho, casado com d. Elisa de Aguiar.

Netos de D. Anna Marcellina

I. Filhos de d. Anna Josephina :

A) Antonio Carlos Ribeiro de Andrada Machado e Silva.

B) D. Brasilia Antonietta de Mello e Andrada ;

(Ver os filhos de Antonio Carlos (1º).

II. Filho de d. Maria Barbara de Carvalho :

A) Antonio Carlos Cesar de Mello e Andrada, chefe de secção da Secretaria dos Negocios da Marinha.

III. Filhos de Diogo José Carvalho :

A) D. Anna Marcellina de Andrada Machado, casada com o seu primo o Dr. Antonio Carlos Ribeiro de Andrada Machado e Silva ;

B) D. Eliza de Carvalho Whitaker, casada com o coronel Arthur Whitaker ;

C) D. Carolina de Carvalho Rocha, casada com o coronel José Elias do Amaral Rocha ;

D) D. Josephina de Carvalho Pacheco, casada com o dr. Francisco de Assis Pacheco Junior ;

E) Bento José de Carvalho, casado com d. Candida Melchert.

Bisnetos de D. Anna Marcellina

I. Filhos de d. Anna Marcellina, casada com o dr. Antonio Carlos:

A) Antonio Carlos Ribeiro de Andrada Machado e Silva Junior ;

B) Diogo José de Andrada Machado ;

C) D. Anna Eliza de Andrada Machado ;

D) D. Eliza Josephina de Andrada Machado ;

E) D. Brasilia de Andrada Machado ;

(Ver netos de Antonio Carlos (1º).

II. Filhos de D. Eliza Whitaker :

A) Arthur Horacio de Carvalho Whitaker, casado com d. Helena Pereira de Carvalho ;

B) D. Angela Whitaker Ferreira Penteado, foi casada com Antonio Ferreira Penteado;

C) D. Eliza Whitaker de Moraes Cohn, casada com o dr. Ernesto de Moraes Cohn, advogado no Rio de Janeiro.

III. Filhos de d. Carolina do Amaral Rocha:

A) D. Carolina Eliza do Amaral Rocha, casada com seu primo Antonio de Assis Pacheco;

B) José Elias do Amaral Rocha Junior;

C) D. Anna da Rocha Fajardo, casada com o dr. Arthur Fajardo, residente em S. Paulo.

IV. Filhos de d. Josephina de Carvalho Pacheco:

A) Francisco de Assis Pacheco Netto, formado em Direito;

B) Diogo de Assis Pacheco;

C) Juvenal de Assis Pacheco, casado com d. Esther Fernandes Pinheiro;

D) Antonio de Assis Pacheco.

E) Oscar de Assis Pacheco, capitão-tenente da Armada, casado com d. Agar Fernandes Pinheiro;

F) D. Maria José de Assis Pacheco, casada com o dr. Rogerio Fajardo;

G) Silvio de Assis Pacheco, casado com d. Adelaide Carneiro.

V. Filhos do coronel Bento José de Carvalho:

A) D. Candida Elisa de Carvalho, casada com Carlos Melchert;

B) Diogo José de Carvalho, formado em Engenharia, casado com d. Eugenia Month;

C) Bento José de Carvalho Junior, casado com d. Angela Dias de Aguiar;

D) José de Carvalho Silva;

E) Adolfo Julio de Carvalho;

F) D. Dulce de Carvalho:

G) Gumercindo de Carvalho;

H) João de Carvalho.

João Francisco Lisbôa

CONFERENCIA

PELO

Dr. Pedro Augusto Carneiro Lessa
(SOCIO HONORARIO DO INSTITUTO)

JOÃO FRANCISCO LISBOA

Foi uma vida simples, e ao mesmo tempo exemplar, a de João Francisco Lisboa. Nascido em 1812, num insignificante logarejo da provincia do Maranhão, a freguezia de Nossa Senhora das Dores do Itapecuru'-mirim, que o seu comprovinciano e biographo, o litterato Antonio Henriques Leal, affirma com uma certa ingenuidade ser muito fertil em vigorosos talentos, não poude Lisboa fazer estudos regulares, não se lhe tendo siquer facultado a admissão num curso de ensino superior. Como alguns annos antes Theophilo Ottoni, o grande patriota liberal mineiro, que, embora tenha sido um mero politico militante, pela constante elevação moral, nunca desmentida nobreza e independencia de character, patriotismo sem jaça e rara combinação da mais inquebrantavel energia com uma ininterrupta moderação e prudencia, mantem com o escriptor maranhense, que, além de historiographo e politico, foi sobretudo um doutrinador, um propagandista, um convencido apostolo da Moral na Politica, um traço inconfundivel de profunda similhança, naturalmente explicavel pela circunstancia de serem ambos producto dos mesmos factores sociaes, do mesmo alevantado e generoso estado da alma nacional, que succedeu á proclamação da nossa independencia; e como alguns annos depois um espirito de indole e destino radicalmente diversos, o popular vate das « Primaveras », que com seu facil e descuidado lyrismo, todo saturado de morbida melancholia, tem feito o encanto da adolescencia de tantas gerações; Lisboa aos 15 annos de edade iniciou a sua vida

de trabalho nas labutações do commercio, entrando como caixeiro em casa de um negociante de São Luiz, a capital de sua provincia. Muito cedo, porém, lhe veio tão invencivel desgôsto da ingrata e obscura profissão, que, tendo-a exercido apenas por cêrca de dous annos, della se afastou para aprender algumas humanidades. Foi discipulo de latim do afamado grammatico Sotero dos Reis, que então, além dessa lingua, ensinava, com brilhante nomeada que irradiara por todo o paiz, a vernacula e a Litteratura nacional. Tão aproveitado foi o discipulo, que logo depois entrou a emular com o mestre, proporcionando ao bem formado coração deste motivo de muito contentamento e do mais justo orgulho.

Decorridos poucos annos, Odorico Mendes, o traductor de Homero e de Virgilio, poeta e orador politico, Sotero o grammatico e litterato, traductor dos « Commentarios » de Cesar, e João Francisco Lisboa, o « Timon Brasileiro », com alguns outros, menos notaveís, tanto renome davam á capital maranhense, que esta passou a ser cognominada a « Athenas Brasileira ». Hoje, quando entre as figuras culminantes da, nessa epocha, tão culta cidade do Norte divisamos homens de lettras, que se destacaram especialmente pela versão de obras primas, como Odorico Mendes, ou pelo ensino da grammatica, como Sotero dos Reis, não podemos evitar que um sorriso levemente ironico involuntariamente nos afflore aos labios, ao repetirmos a orgulhosa hyperbole— « Athenas Brasileira». Mas, o sorriso logo se esvaece, para dar logar á expressão séria de bem diversa emoção, quando nos recordamos de que pelas ruas daquella cidade passeava nesse tempo aquelle, que pelo conceito de muitos tem sido consagrado o maior dos poetas brasileiros, Gonçalves Dias. Eis como, descrevendo num dos seus folhetins a «Festa de Nossa Senhora dos Remedios », e enumerando as pessoas gradas que viu no adro da egreja, Lisboa se refere ao auctor das « Sextilhas de Frei Antão », desfechando-lhe uma farpazinha, em que mais transparece a lisonja do admirador do que a severidade do critico : « O nosso poeta Gonçalves Dias, dando o braço a umas senhoras, conversando alegre e satisfeito, sem deixar rever o menor vislumbre daquella melancholia e desesperação que nos vende em

seus mimosos versos. Hei de estimar que continuem as suas infelicidades ». Bem merecia o cantor dos Timbiras que appellidassem « Athenas Brasileira » á cidade, onde elle passeava, conversando alegre e satisfeito com as damas de suas relações, sem deixar rever a melancholia dos seus mimosos versos.

Mas... não invertamos a ordem chronologica da narração dos factos. A revolução de 7 de Abril de 1831, que dera em resultado a fuga, ou, como querem outros, a retirada do primeiro imperador, atiçou de novo entre Brasileiros e Portuguezes os odios despertados por occasião de se proclamar a independencia. A 7 de Agosto do mesmo anno, tentando um movimento restaurador, o partido « caramurú », ou portuguez, depoz o presidente da provincia do Pará, visconde de Goiana, e barbaramente perseguiu e trucidou alguns dos mais illustres e queridos representantes do partido liberal dessa provincia. Os graves acontecimentos echoaram logo na capital do Maranhão, provocando indignação e pavor. A 13 de Septembro amotinaram-se o povo e a força publica, e, dirigindo-se ao palacio do presidente, Araujo Vianna, mais tarde visconde de Sapucahi, exhibiram-lhe uma representação, na qual exigiam fossem destituidos de todos os empregos, que exerciam, os Portuguezes residentes no Brasil, que se naturalizaram por força do paragrapho quarto do artigo sexto da Constituição do Imperio, a deportação de alguns desses Brasileiros naturalizados e a de varios Portuguezes. Entre os signatarios da representação, não poucos dos quaes foram depois vultos preeminentes da politica imperial, estava João Francisco Lisboa, então joven de 19 annos de edade. Sem meios de resistir no momento, Araujo Vianna cedeu, e deportou, não os Brasileiros naturalizados, o que lhe era vedado, mas cêrca de quarenta Portuguezes. Logo depois cuidou de se desforrar dos que pela imposição dessa medida o haviam desprestigiado e humilhado, e entre as victimas de sua vindicta incluiu-se o redactor do « Pharol Maranhense », José Candido de Moraes e Silva, moço tão notavel pela intelligencia como pelo patriotismo e sentimentos generosos. Moraes e Silva foi coagido a homisiar-se, suspendendo a publicação do seu jornal, que era

então o labaro de um grande partido. Segundo o testimunho dos contemporaneos a influencia do « Pharol Maranhense » no Norte do Imperio — só podia comparar-se á da « Aurora Fluminense », de Evaristo da Veiga, nas provincias do Sul.

Foi então que, para supprir a falta do « Pharol Maranhense » fundou Lisboa em Agosto de 1832 o « Brasileiro «, jornal em que se estreou, e que pelo titulo bem revela o partido a que se filiava. Morrendo poucos mezes depois Moraes e Silva, Lisboa fez cessar a publicação do « Brasileiro », para redigir durante dous annos o « Pharol Maranhense », que assim reappareceu. Em Junho de 1834 um novo jornal começou a ser editado sob a direcção de Lisboa, o « E'co do Norte ».

Nesses periodicos, redigidos por um joven de vinte e poucos annos de edade, o que mais nos impressiona não é o talento do escriptor, que ainda não ostentava no estylo a fluencia, a naturalidade, a elegancia e a nobreza, o numero e a harmonia dos periodos, que mais tarde adquiriu com o prolongado exercicio da arte de escrever ; o que nos empolga, é a ponderação, o raro descortino do patriota, e o conjuncto das qualidades superiores do chefe de um partido politico, digno de o ser, de um homem que nasceu para pastor de rebanhos humanos, e que tinha como ponto de apoio e como arma de defesa a couraça de um procedimento irreprehensivel, de uma vida sem mácula, que os proprios adversarios eram forçados a respeitar, reconhecendo-a inattingivel, a cavalleiro de quaesquer increpações e calumnias. Vêde como em Outubro de 1833, quando contava apenas vinte e um annos, este jornalista, quasi imberbe, poude, sem exaggeração, sem fatuidade, narrando exactamente um facto verificado, publicar no « Pharol Maranhense » um artigo, em que se lia o seguinte trecho: « Quando comecei a escrever, não havia opinião publica no Maranhão ; o partido do governo só tractava de processar os cidadãos e de devassar o interior de suas casas ; o povo andava areado com a repentina mudança de linguagem dos « moderados », do Rio, e todo dividido em pareceres deixava brecha ás armas de Araujo Vianna e outros, que por via de alguns periodicos se

davam por interpretes da opinião provincial; alguns outros periodicos, que contra o governo se escreviam, não faziam mais do que aggravar o mal, segundo eram desacreditadissimos, já pela immoralidade de seus auctores, já pela confusão das doutrinas que prégavam, agora contra restauradores, agora a favor da opposição Andradina que os protegia. Escrevi, e logo tive o gôsto de ver a parte mais sã da provincia abraçar a minha opinião, segundo claramente o mostrou nas eleições geraes, que desenganaram a « moderados », a Portuguezes, e direi tambem a todos quantos são amigos de desordem. E agora que deixo a redacção, tambem folgo, lembrando-me que ainda os patriotas preponderam por toda parte ».

Em Novembro de 1833 interrompeu Lisboa a carreira de jornalista, para servir o logar de secretario do presidente da provincia. Duas vezes foi depois eleito deputado á assembléa provincial do Maranhão. Naquelles bellos annos do inicio da nossa vida politica, e quando apenas se ensaiava a promissora creação do «Acto Addicional», ser deputado provincial era uma honra appetecida pelos mais intelligentes e illustrados Brasileiros, que nesses pequenos parlamentos se adextravam para as luctas da tribuna politica. Um do sassumptos que mais preoccuparam a Lisboa na assembléa de sua provincia foi a organização da instrucção publica.

Conservava-se o jornalista maranhense afastado da imprensa, quando um facto de muita gravidade, o cruel assassinio do popular chefe do partido liberal, Raimundo Teixeira Mendes, o fez retomar a penna de publicista. Não tendo o presidente da provincia revelado o menor empenho em punir os auctores do inqualificavel attentado, Lisboa immediatamente deixou o cargo de secretario do governo provincial, com que então provia á subsistencia, e a 2 de Janeiro de 1838 iniciou a publicação de um novo jornal, a «Chronica Maranhense.»

Pouco tempo depois estalou na provincia a rebellião, que ficou sendo conhecida pelo nome de «Balaiada», por ter sido o principal dos seus chefes um homem de infima condição, Manuel Francisco dos Anjos Ferreira Balaio. Lisboa sempre se conservou absoluta-

mente extranho a esse movimento popular, sem norte nem direcção; mas o partido, que então governava, teve a singular phantasia de accusa-lo de ser o chefe occulto dos rebeldes. Tão fracos eram os meios de resistencia de que dispunha o presidente, que os revoltosos sem grandes difficuldades occuparam diversos ponctos da provincia, inclusive a cidade de Caxias, então, como ainda hoje, uma das mais importantes, e ameaçaram invadir a capital.

Não se descrevem o pavor e a consternação que se apoderaram dos habitantes de S. Luiz, inclusive o presidente da provincia, que, completamente desorientado, não sabia a quem recorrer em tão afflictiva conjunctura. Os jornaes do partido do governo recolheram-se ao mais profundo silencio, preparando talvez desse modo nova transformação na sua linguagem, caso lograssem a victoria os revoltosos.

Foi esse um dos lances mais felizes e brilhantes da vida de jornalista de João Francisco Lisboa. Em meio do terror e do profundo desalento, conservou Lisboa, conforme narra o biographo, Antonio Henriques Leal, «a serenidade de animo do verdadeiro patriota, e, unico, rompeu o silencio, procurando desvanecer o panico, reerguer a força moral e estimular os amortecidos brios de seus concidadãos, concitando-os ao mesmo tempo ao exquecimento de odios e rivalidades, e á concordia e união de todos, para poderem conjurar o perigo, que ameaçador e imminente se mostrava.» O curto espaço e o breve tempo de que disponho não me permittem, senhores, reproduzir alguns dos trechos mais eloquentes siquer dos artigos de Lisboa, sempre recheados de nobres conceitos e de patrioticas e corajosas admoestações.

Seja dicto, entretanto, para consôlo e animação dos jornalistas, que com honra e patriotismo desempenham a sua missão, que, quanto mais alto se elevava e impunha o nome do publicista maranhense, e quanto mais fulguravam a sua intelligencia e o seu raro character, tanto mais recrudesciam nessa epocha perturbada as accusações, as invectivas e as injurias dos adversarios.

Além desse galardão para os seus grandes serviços á causa publica, foram taes os sacrificios que se viu obrigado a fazer para

continuar a publicação da « Chronica Maranhense », que dentro em algum tempo tinha gasto toda a pequena herança paterna.

Em 1840 apresentou-se candidato á deputação geral; mas, logo depois, desistiu da candidatura, nauseado deante das perfidas manobras dos « amigos politicos».

Em 1842 voltou á imprensa, fundando o « Publicador Maranhense », em que escreveu por espaço de tres annos, mantendo a mais rigorosa neutralidade em assumptos politicos.

Eleito de novo deputado á assembléa provincial proferiu o seu famoso discurso acerca da amnistia, no qual, alludindo ao legendario Nunes Machado, dizia (e aqui reproduzo este trecho, porque é um exemplo frisante da eloquencia daquella epocha, por fim de contas um pouco superior á desta em que vivemos): «... a morte o tomou nos braços, e, tolhendo que invadisse armado o recincto da materna cidade, certo o subtrahiu a um sacrilego triumpho: os companheiros, posto que derrotados, o levaram piedosamente sôbre os hombros para uma capella bem distante. A este ao menos parece que a morte o tinha amnistiado. A historia refere que um grande homem da antiguidade, Cesar, apartara consternado os olhos rasos de agua, quando viu a cabeça do seu illustre rival decepada por covardes assassinos, que, buscando o premio, só acharam o castigo do crime: os grandes homens modernos, esses procedem de outro modo. Houve em Pernambuco um homem, um chefe de policia, inimigo pessoal do illustre morto, que pelos seus corvos farejou o cadaver no asylo solitario em que jazia: dalli o fez arrancar já em putrefacção e conduzir pelas ruas da cidade, no meio dos ultrajes e baldões dessa vil gentalha, sempre prompta ao appêllo de todos os poderes, para deshonra de todas as causas, a insultar todas as victimas».

Arredado da politica e da imprensa partidaria, passou Lisboa algum tempo todo absorvido no estudo das leis acerca da escravidão e dos usos e costumes e soffrimentos dos escravos. Conta-se que planeava escrever um romance de propaganda contra a maldicta instituição, que tanto e tão radicado mal nos tem feito. Já estava delineado o arcabouço do livro, quando a publicação, nos Estados Unidos

da America do Norte do admiravel e famoso romance de Henriette Beecher Stowe, a « Cabana do Pae Thomaz », veio demovê-lo desse intento; pois, segundo lhe pareceu, estavam concretizadas no genial estudo algumas de suas ideas, e realizado o fim que tinha em mente. Si isto é verdade, não tenho por justificavel a resolução do escriptor maranhense. A escravidão entre nós, e sob o imperio, foi bem diversa da que tiveram os Norte-americanos, assim como bem differentes foram as impressões que ella deixou na litteratura dos dous povos. Ao lado de alguns typos de senhores humanos, imbuidos de espirito christão, a « Cabana do Pae Thomaz », que pelo proprio sub-titulo é a narração da « Vida dos negros na America do Norte », referindo-nos o modo como eram tractados os captivos, exhibe-nos uma série de atrocidades usuaes, que entre nós só excepcionalmente se davam. Em um trabalho litterario de menos folego, como de menor envergadura, o auctor das « Victimas algozes », « Quadros da Escravidão », Joaquim Manuel de Macedo, que se revela um observador intelligente, só nos pinta os males inherentes á condição do escravo. A cuidadosa attenção de naturalista, com que esmerilhou e descreveu o hediondo instituto civil, não descobriu nenhum desses traços especiaes que mostram a insensibilidade moral, a fria crueldade, que tanto occupou a palheta de Beecher Stowe na America do Norte. Na « Escrava Isaura », uma especie de melodrama, amplificado e transformado em romance, a penna fluente e elegante de Bernardo Guimarães mostra bem que a differença entre a escravidão brasileira e a da America do Norte, devida provavelmente ao clima e á raça, póde reduzir-se a esta fórmula : aqui houve menos crueldade e mais immoralidade.

Approximamo-nos, senhores, do momento em que João Francisco Lisboa vai editar a sua verdadeira obra de escriptor, a que o tem feito, e ainda ha de fazê-lo, conhecido da posteridade, a que hoje lêmos e apreciamos; pois, os seus artigos de jornaes e os seus discursos nas assembléas politicas passaram; ninguem mais os lê, ninguem delles se lembra. Os politicos que não são dotados de especiaes, de extraordinarios talentos para a tribuna (e estes são tão raros!) apenas logram subtrahir-se a um rapido

exquecimento pela acção, pelas obras, pelos melhoramentos, pelos beneficios que legam á sociedade. Em Junho de 1852 appareceu o primeiro dos folhetos mensaes, que sob a denominação de «Jornal de Timon» formam com a «Vida do Padre Antonio Vieira» a obra litteraria de João Francisco Lisboa.

Si neste illustre auditorio houver alguem que ainda não tenha tido o ensejo de conhecer a significação do nome — «Timon», facil será satisfazer-lhe a curiosidade com a reproducção de um trecho do prospecto do «Jornal de Timon»: «O leitor perguntará agora naturalmente a que proposito este nome de Timon? Que sei eu? Esse nome, illustrado por um dos mais bellos talentos da literatura moderna, pertenceu na antiguidade a um homem singular e extranho, que, azedado pela injustiça e ingratidão que com elle usaram alguns dos seus contemporaneos, votou um odio tão entranhavel ao genero humano, e de maneira o reputava entregue aos crimes e aos vicios, que se pagava mais do desprêzo que da estima dos homens... Timon viveu em um tempo em que os costumes e as leis antigas luctavam com as paixões ligadas para destrui-los. Como se vê, as epochas de transição remontam á mais alta antiguidade. São epochas em verdade perigosas para as nações; nos characteres fracos, e amigos do repouso, as virtudes são indulgentes, e se amoldam ás circunstancias: nos characteres vigorosos, porém, redobram de energia, e se tornam as vezes odiosas por uma inflexivel severidade. Timon era homem de engenho, amigo das lettras, não menos que da virtude; mas azedado pelo triumpho e preponderancia do crime e do vicio, tornou-se tão rude de maneiras e linguagem, que alienou todos os espiritos. Alguns contendem ainda que pelo seu zêlo exaggerado perdeu elle a occasião de contribuir para o bem; todos, porém, são accordes em que uma virtude rispida e intractavel occasiona menos perigos que uma covarde e vil condescendencia...»

Ahi está, senhores, a casta de homem com quem nos temos de avir, o critico severo, frio, implacavel, das miserias politicas do Brasil, que a minha malicia, ou, antes a minha inveterada maldade, elegeu propositadamente, quando a «Sociedade de Cultura Ar-

tistica » me honrou com o convite para esta conferencia. Ninguem me pareceu mais digno de ser lembrado nesta vil actualidade, e festivamente commemorado, e exhibido como um grande, luminoso e fecundo exemplo de jornalista e de escriptor, do que o « Timon Brasileiro », o austero patriota, João Francisco Lisboa.

E' o primeiro volume (composto de uma collecção de fasciculos mensaes) do « Jornal de Timon » todo consagrado ao estudo das eleições e dos partidos, e encerra uma artistica photographia dos usos e costumes eleitoraes e da vida politica da provincia do Maranhão, o que quer dizer que ahi temos uma fiel miniatura do que então se passava, nesse assumpto, em todo o Brasil.

Pois que! não faltará provavelmente quem exclame neste illustrado auditorio: tal estudo, que interessa quasi exclusivamente aos politicos militantes, offerecido como um trabalho litterario!.. Antes de formulardes a arguição, notae que Lisboa não escreveu o « Jornal de Timon » como um politico; pois, bem desilludido e descrente da Politica, e della completamente afastado, já estava ao iniciar essa publicação. Quanto a partidos, o seu estado de alma era o daquelle célebre militar e politico francez, por elle citado, o qual, alludindo á politica dos moderados, dos imparciaes, do « justo meio », então muito em voga, definia os partidos de sua epocha por esta phrase: uma das agremiações extremadas sustenta que tres e dous são oito; a radicalmente opposta que tres e dous são quatro; vem o « justo meio », e convencida, calma e triumphantemente, affirma que nem uma cousa, nem outra; porquanto a verdade inquestionavel é que tres e dous são seis.

Não é um politico que escreve; é um philosopho e um historiador. A Philosophia é bem amarga e pessimista, posto que inspirada nas « Memorias de Alem Tumulo », desse grande e solenne cultor da sua propria pessoa, que foi o visconde de Chateaubriand. Quereis algumas de suas idéas fundamentaes? Ei-las: « A falta de energia na epocha em que vivemos, a ausencia das capacidades, a nullidade ou degradação dos characteres, por via de regra esquivos á honra e votados ao interesse; a extincção do senso moral e religioso; a indifferença para o bem e para o mal, para o vicio como

para a virtude; o culto do crime; a inercia e apathia com que assistimos a acontecimentos que em outros tempos teriam revolvido o mundo; tudo isto inclinaria a crer que o desfecho se approxima, vai levantar-se o panno, e começar novo espectaculo: — de nenhum modo. Ninguem creia que atraz dos homens actuaes se occultem outros differentes; não é uma excepção que fere os nossos olhos, sinão o estado commum dos costumes, das idéas e das paixões; é a grande e universal infermidade do mundo que se dissolve. Si tudo mudasse amanhã com a proclamação de novos principios, nada mais haviamos de ver, além do que estamos agora vendo: os devaneios destes, os furores daquelles, todos egualmente impotentes e infecundos». E', então, irremediavel o estado social, que tão grande abatimento produzia no espirito de Timon? Não: « Um dia virá, porvir possante e livre em toda a plenitude da egualdade evangelica; mas, ainda está bem longe, e muito, de todos os horizontes visiveis. Antes de ferir o alvo, e de attingir á unidade dos povos e á democracia universal, será mister atravessar a decomposição social, tempo de anarchia, de sangue talvez e de grandes soffrimentos por certo. A decomposição, sim, começou já; mas não está a reproduzir, dos seus germens ainda mal fermentados, o mundo novo e regenerado.»

E' desanimador o scepticismo de Timon? Ouçamo-lo em uma pagina, em que explana o seu pensamento de modo concreto, referindo-se particularmente aos males do Brasil: « Timon, de resto, quando pinta o mal, sem exaggera-lo, é certo, mas sem dissimular tambem toda a sua grandeza e intensidade, não entende nisso estabelecer a negação absoluta do bem. Felizmente ainda respiram entre nós muitos homens egualmente dotados de sentimentos honestos e de grandes qualidades; nos partidos mesmo notam-se ás vezes movimentos generosos; e em algumas epochas as tendencias para a emenda e reformação têm sido manifestas e animadoras. E por mais que a corrupção, a immoralidade e o vicio estejam generalizados e patentes, não é impossivel fazer calar os bons principios, si uma voz e uma acção poderosa se quizerem fazer ouvir e sentir, porque existem sempre secretas e sympathicas harmonias entre o

homem de bem e de genio que falla e obra, e a multidão que escuta e vê.»

Com essa direcção philosophica bem se casa o trabalho do historiador. Antes de nos edificar com a narrativa das eleições e dos partidos de sua provincia, lembrou-se Timon de remontar ás eleições na antiguidade. Começa pelas eleições em Sparta, descrevendo-nos minuciosamente o processo eleitoral, e illustrando o estudo com as mais interessantes notas e informações. E' assim por exemplo, que, ao tractar das inegibilidades, assignala bem que os Lacedemonios estatuiram uma, que tem escapado aos nossos legisladores, a dos covardes, que não podiam votar, nem ser votados, e, para que todos facilmente os reconhecessem, eram obrigados a andar sempre com a cabeça descoberta, e vestidos com andrajos de cores variegadas. Quem os encontrava pelas ruas, podia livremente espanca-los, sem que lhes assistisse direito algum de queixa ou de defesa. Narra-nos em seguida Timon a liberdade e o escrupulo, com que a principio se faziam as eleições em Athenas; a decadencia dos costumes politicos, que deu em resultado substituirem a eleição pelo sorteio; e afinal o proprio sorteio abolido, e os cargos publicos francamente comprados por vil dinheiro. Não exquece o esplendor e a decadencia da tribuna atheniense, nos primeiros tempos occupada unicamente pelos mais eloquentes artistas da palavra, e mais tarde invadida por marinheiros bebedos e boçaes, facto que tão amargos queixumes arrancava a Demosthenes.

Passando a Roma, mostra-nos Timon como desde a extincção da realeza até á epocha dos Gracchos se fizeram as eleições com uma certa regularidade. Depois com a grande prosperidade economica, com a riqueza e com o requinte da civilização daquelle tempo, vieram e cresceram os vicios; e as eleições se transformaram em mero simulacro do que antes haviam sido. No periodo que mais gloriosos nomes contou, o de Catão, Cicero, Pompeu e Cesar, em logar da observancia da lei e da pureza dos costumes, nota-se a corrupção, a fraude, a venalidade, a violencia e o crime. Os candidatos armavam suas mesas e balcões nas praças publicas, e despejadamente compravam os votos dos cidadãos. Os eleitores

vendidos não se compromettiam sómente a votar no candidato que os comprára : guiavam para o Campo de Marte, e lá sustentavam o seu candidato a espada, a pau e a pedra. Descrever as eleições sob o imperio fôra tarefa curiosissima, que Timon desempenha concisamente. Nada mais hilariante do que uma eleição presidida por Tiberio, que prohibia que se pronunciassem os nomes dos candidatos, designando-se estes pela familia e pelos feitos mais notaveis.

Das eleições da Roma antiga ás dos papas na Roma catholica, nem é grande a distancia, nem variam profundamente as scenas. De fraudes e violencias nada faltou nestas ultimas eleições, chegando-se a ter não sómente a duplicata, hoje tão familiar entre nós aos congressos dos Estados e ás camaras municipaes, mas a triplicata, como succedeu com a eleição dos papas Urbano VI, Clemente VII e Alexandre V, eleitos e apurados ao mesmo tempo por tres grupos distinctos de cardeaes, engalfinhados na mais renhida lucta.

Temos depois as eleições na Inglaterra, que o escriptor maranhense qualifica — celebre pela corrupção, e onde havia pequenas povoações de um a dous mil habitantes, em que todos se vendiam, variando o preço de cada voto entre uma e cinco libras ; e nos Estados Unidos da America do Norte, que, no conceito de Timon, se não se notabilizavam naquella epocha, pela corrupção e pela venalidade, offereciam no momento de suas eleições as mais deploraveis e escandalosas scenas, em que bandos de desordeiros, percorrendo as ruas das cidades, impunham a sua vontade pela força e pelo crime.

E' a França a nação que mais respeito tributa á liberdade e á pureza das eleições. Dá-nos Timon alguns traços desses nobres costumes. E... no furor de investigar e descrever as eleições por toda parte, não exqueceu as da Turquia, eleições, já se sabe, feitas exclusivamente para disputar « les honneurs du mouchoir. »

E' natural que me interrogueis : qual o pensamento final de Timon, a sua conclusão, o desfecho de todo esse longo estudo acerca das eleições em éras tão remotas e em paizes tão diversos ? Oh ! senhores, é um pensamento profundamente desolador, e tão singular e inesperado, que só podia germinar no cerebro de Timon : é que todas as nações, e em todos os tempos, teem tido periodos de

corrupção, de venalidade, de violencias e desordens, mas ao lado dessas miserias moraes teem tido tambem rasgos de virtude e de heroismo, e epochas de grande esplendor nas lettras e nas artes, ao passo que nós, os Brasileiros, só nos assignalamos por essas ignobeis scenas de nossa vida politica!... Recordando as fraudes e as violencias que acompanhavam as eleições em Athenas e em Roma, accrescenta logo Timon: « A Grecia foi a patria de um pequeno tropel de heroes, que contrastou e venceu todo o poder do grande rei; foi tambem a de Homero, de Phidias e de Pericles. Athenas empunhou o sceptro das lettras e das artes, e, ainda hoje, quem ha que tenha excedido essa gloriosa antiguidade? Roma resumiu o universo antigo; os seus limites eram os do mundo. Bebeu o genio da força e da grandeza no leite da fera, que amammentara Romulo; e, antes della, nunca os tempos viram prodigios tão monstruosos, na virtude como no crime, na guerra e na paz, na tyrania e na liberdade, na pobreza e na mediania, como na opulencia e no luxo ». E assim vai passando em revista os aspectos brilhantes de cada um dos povos, cuja corrupção pintou com as mais vivas e apropriadas cores, para em seguida traçar paineis admiraveis, pela fidelidade e precisão, dos nossos costumes politicos e especialmente dos nossos usos eleitoraes. Pintar os odiosos quadros de corrupção, de fraude e de violencias criminosas, em meio dos quaes se faziam as eleições na epocha de Timon, é com algumas variantes reproduzir scenas que os Brasileiros estão habituados a presenciar periodicamente.

Em substancia, senhores, o primeiro volume do *Jornal de Timon* é um perfeito transumpto dos costumes politicos e dos processos eleitoraes, não direi do Brasil naquelle tempo, mas de toda a America latina, em todo este longo periodo, que ainda perdura, de aprendizagem do regimen constitucional. Quando lemos o facto, recordado por Timon, e que se passou na provincia do Pará em 1835, do fuzilamento de Malcher por Vinagre, o qual, succedendo no govêrno á sua victima (notae bem — ao presidente que elle mandara fusilar), dirigiu a todos os presidentes de provincia do Imperio uma circular em que dizia: « Participo a v. ex.

que, tendo fallecido o presidente Felix Clemente Malcher, tomei posse do govêrno, em cujo exercicio me acho prompto a cumprir as ordens de v. ex., quer tendentes ao serviço publico, quer ao particular de v. ex.. a quem Deus guarde por muitos annos », ficamos em duvida sôbre si temos deante dos olhos acontecimentos dos primeiros tempos do Imperio, ou dos primeiros annos da Republica no Brasil, ou factos quasi habituaes do Perú, do Mexico, de Costa Rica ou do Haiti.

Desculpae-me, senhores, si, mais espaçadamente talvez do que devera, occupei a vossa attenção com a primeira parte da obra de Lisboa. A mim não é a que mais attrahe e seduz ; mas não faltam entre nós homens de lettras de grande auctoridade, que a essa parte dos escriptos de Lisboa deem a primazia. Assim pensava, por exemplo, Gonçalves Dias, que, interrogado uma vez acêrca do estylo de Lisboa, respondeu com a seguinte carta : « Qual é o meu parecer acerca do estylo de Lisboa ? Que é que se póde dizer em materia tão vasta, quando o espaço é tão resumido, como o que tenho deante de mim ? Acho que é excellente, que elle prima no epigramma, naquelle dizer faceto, alegre, espirituoso, um pouco chasqueador, no qual se desmandava algumas vezes falando, mas na escripta irreprehensivel. A elle com toda a propriedade (que ha bem poucos exemplos taes na lingua portugueza) se póde applicar o dicto de Rodrigues Lobo, quando quer characterizar uma das suas figuras da « Côrte n'Aldeia » — « E' muito natural, de uma murmuração que fica entre o couro e a carne, sem dar ferida penetrante ». E porque isto nelle é o que mais me captiva, acho incomparavelmente superiores aos outros os seus primeiros folhetos, quando tracta dos costumes politicos do Maranhão, que o são de todo o Brasil, e, mudadas as scenas, de muitos paizes onde prevalece o regimen constitucional ».

Escriptos bem diversos dos que compõem o primeiro volum ; são os que preenchem o segundo e o terceiro das obras de Lisboa e pois, aqui se nos depara uma longa serie de interessantes estudos historicos sôbre o nosso paiz. O descobrimento da America e do Brasil, especialmente o do territorio do Maranhão ; o êrro de Por-

tugal de, em vez de mandar lavradores e artifices para o Brasil, e povoar pacificamente uma vasta região, deserta ou habitada por pacificos indios, pretender quasi quixotescamente transformar o Brasil em um theatro de guerras, ao poncto de seus escriptores, referindo-se á colonia sul-americana, só descreverem combates e conquistas, como si aqui houvesse uma nação inimiga; a invasão franceza e a invasão hollandeza, a cujo respeito a suprema verdade incontestavel, que bem resume quanto perdeu este pedaço da America por não ter sido conquistado por esse povo intelligente, cavalheiresco e tão culto e adeantado nas sciencias, nas lettras e nas artes, que tem sua deliciosa capital ás margens do Sena, e a relativa inferioridade da raça hollandeza, foi dicta por Gonçalves Dias nesta phrase lapidar — « a expulsão dos Francezes levou consigo muitas esperanças; a invasão dos Hollandezes estragou muitas fortunas »; os indios e os jesuitas, notadamente, o contraste entre os primeiros jesuitas que aportáram ao Brasil, «os sanctos e valorosos missionarios, Manuel da Nobrega e José d'Anchieta, cujos feitos e virtudes illuminam as primeiras paginas da nossa historia colonial, e dão a esses soldados da fé catholica perfumes de sanctidade, attestados pelo martyrio e pela abnegação da vida e dos seus gosos», e os que vieram depois, inclusive o proprio padre Vieira, mais occupados das mesquinhas cousas temporaes do que dos elevados ideaes da sua religião; as primeiras expedições para o Maranhão; a legislação colonial, os senados ou camaras; os nobres, os plebeus e os africanos no Brasil, e algumas dissertações mais: eis o que se contém nos dous volumosos tomos.

Ao versar esses varios assumptos, não ostenta por certo Lisboa na sua forma a soberba opulencia com a magistral impeccabilidade do padre Vieira, nem a perfeita correcção com a esplendida melodia ininterrupta dos periodos musicaes de frei Luiz de Sousa. O que imprime relêvo ao estylo de Lisboa é a clareza, a concisão, a elegancia, a nobreza de linguagem, e mais que tudo aquella simplicidade, de que nos « Dialogos Parisienses », de Maurice Barrés, que têm por sub-titulo « Huit jours chez Mr. Renan », o maior mestre da arte de escrever na edade moderna, Ernesto Renan,

com a sua modestia superiormente artistica, nos dá uma idea, quando diz ao auctor de « Le Jardin de Bérenice » : « quasi nada entendo de litteratura ; apenas sei narrar menos mal, na ordem logica, pequenos factos, que para alguns são interessantes. »

Para que bem possaes ajuizar do estylo de Lisboa, lerei algumas paginas do escriptor maranhense, as que contêm o retrato de Sancto Ignacio de Loyola, o fundador da Ordem dos Jesuitas :

« Num obscuro recanto da Hispanha vivia um obscuro fidalgo, cavalleiro e namorado, sem outro mister que o das armas, sem outra distracção que o galanteio, sem outra instrucção e leitura que a dos livros de cavallaria. Ferido em um combate e obrigado a uma operação dolorosa, onde mostrou não menos valor que em face do inimigo, a cura e a convalescença o retiveram longo tempo em um leito solitario e enfadonho. O ocio e inacção do corpo escandecem uma imaginação naturalmente ardente e irritavel ; o enfermo procura espairecer o espirito na leitura dos seus amados livros de cavallaria ; mas o tecto, que o abrigava, não os tinha, e força lhe foi contentar-se com vidas de sanctos, e outros livros de piedade, proprios a desligarem o homem das cousas terrenas, e a elevarem-n'o em pensamento ao céu e a Deus.

Esta leitura, verdadeira novidade ou revelação, toca, converte e transforma para logo o antigo cortezão, dissipado e peccador, em cavalleiro de uma nova dama, que nada menos era que a Virgem Sanctissima ; ei-lo ahi, primeiro simples devoto illuminado, depois mendigo, peregrino, theologo, doutor ; e afinal beato e sancto, como foi successivamente declarado pela Curia romana.

Este homem extraordinario era Ignacio de Loyola ; e desta forçada residencia no castello de seu pae data a primeira entre as diversas grandes phases de sua vida, que o deram a conhecer ao universo por esse padre S. Ignacio, chefe da mais poderosa confraria religiosa do seu tempo.

Invalido desde então para a galanteria e para a guerra, a sua vida passa toda nos jejuns e macerações, nas leituras asceticas, nos extases e nas visões ; no meio das quaes, opprimido de delirios nervosos, e suffocado em lagrimas e suspiros, practicava longamente

com a Virgem. Estes excessos e excitações physicas e moraes o levaram quasi a um estado de demencia; mas não é impossivel que por entre tão extranhas aberrações de espirito começassem já a despontar aquellas outras qualidades, que, mais tarde, se desenvolveram em alto grau, e lhe deram tamanho poder e nomeada — a profundeza, a reflexão, a observação, a astucia, a dissimulação, a paciencia e a longanimidade. Parece cousa averiguada que a fraude e o embuste, ao menos em toda a sua nudez, não foram jamais o movel das acções deste homem; julga-se pelo contrario que, sorteado com os dons mais disparatados, alliava as operações de uma razão superior aos sonhos enfermos de uma imaginação ardente e desregrada, de cuja fallacia era victima. Macaulay, historiador inglez protestante, de um grande merito, faz esta justiça á boa fé e sinceridade do sancto catholico; e accrescenta que não sabia a gloria que os reformadores podiam alcançar, deprimindo o nome do seu mais illustre antagonista, e rebaixando o merito do homem, que, mais que nenhum outro, soube oppor resistencia efficaz á propagação dos novos dogmas, e conseguiu salvar o edificio romano de uma ruina imminente.

Mendigo não só humilde, mas sordido, começou Ignacio a peregrinar de uma terra para outra, esmolando o pão de cada dia, e abrigando cada noite o corpo extenuado e flagellado pelos cilicios e disciplinas na primeira caverna que encontrava. Mas bem depressa as inspirações do genio, e talvez uma forte Previsão dos seus futuros destinos, lhe fizeram comprehender a necessidade do estudo. Na edade de trinta annos, entrou Ignacio para uma eschola de latim, frequentada por meninos!

Aqui foram novas difficuldades e trabalhos; a intelligencia e a memoria o não ajudaram nesta rude tarefa; custava-lhe ainda mais a soletrar o latim que os seus antigos romances, a poncto tal que Ignacio bem conheceu andar nisso empenho formal do demonio para atravessar os seus sanctos designios. Felizmente (e é elle proprio quem o diz) as disciplinas do pedagogo eram um excellente remedio para afugentar aquelle impertinente e cruel inimigo do genero humano.

Concluidos estes rudimentos, Ignacio de Loyola entrou a fazer de doutor, e a prégar e ensinar uma tal theologia da sua invenção ; até que a Inquisição hispanhola, a cujos ouvidos chegara a noticia do caso, lhe poz a mão, e o aferrolhou nos seus carceres. Por este successo bem se vê quão cedo os reverendos padres de S. Domingos começaram a dar signal da má vontade, que sempre guardaram depois aos seus ermãos da Companhia. Conduzido Ignacio, entretanto, á presença do tribunal, com tal segurança e dexteridade se houve nos interrogatorios, que não foi possivel acharem-lhe culpa, si bem que, como medida de cautela, sempre lhe ficou prohibido continuar no ensino da sagrada sciencia, antes de aprendê-la elle mesmo por um modo regular, e durante quatro annos, em alguma das universidades estabelecidas.

Ignacio antepoz Pariz a Salamanca e Alcalá ; e guiou para França, guardando no porte e no trajo o antigo humilde teor da sua vida de peregrino, mas descartando-se já da sordidez e dos andrajos, que a principio alardeara. Alli não tardou muito que entre os companheiros de estudo não entrasse a fazer proselytos e discipulos, sôbre os quaes exerceu desde logo essa influencia decisiva, que soube sempre conservar depois o seu genio superior e predestinado ao imperio. Esses discipulos eram homens ardentes e dedicados, e promptos a segui-lo na vida e na morte, até os confins do mundo. Naquelles tempos, e sobretudo num paiz aventuroso como a Hispanha, patria de Cortez e de Pizarro, não faltavam soldados dispostos para as conquistas dos reinos da terra ou do céo. »

Anteriormente na sua peregrinação a Jerusalém, ajoelhado sôbre o sancto sepulcro, e vendo com seus olhos carnaes o Deus vivo que a sua piedade invocara, Ignacio fizera voto solenne de dedicar a vida toda inteira ao serviço daquelle, cujo nome devera servir de estandarte ao instituto que meditava ; e á sua fé ardente foi então dado descobrir em uma visão beatifica a longa serie de trabalhos gloriosos, que os missionarios da Companhia, movidos do seu exemplo, haviam de acabar e perfazer em todo o orbe.

Este voto foi renovado em 1534, sob as abobadas de S. Diniz,

depois de celebrado o sancto sacrificio da missa, e de haverem commungado Ignacio e os nove fieis discipulos que por então o acompanhavam. Quando se deu este successo não havia bem nove annos que o futuro chefe da ordem, impellido por uma especie de loucura raciocinada, singular mixtura de exaltação e de calculo, havia começado a sua vida de contemplação, de torturas e até de milagres, cuja existencia todos os chronistas da mesma Ordem attestam, e foi de resto solennemente reconhecida e consagrada na sua canonização.

Dous annos mais tarde, e depois de uma nova peregrinação á Hispanha em busca de proselytos, Ignacio e a sua pequena esquadra guiaram para Roma por differentes vias; e não foi sem difficuldade e sem grande despesa de tempo e trabalho que conseguiram alli do sancto padre o consentimento necessario para a existencia legal da Ordem. Com um instincto admiravel presentiu a Curia os embaraços e perturbações, que o porvir desta Ordem tinha de trazer á Egreja; e foi só depois de mil solicitações, empenhos e promessas, em que se moveram as potestades do céu e da terra, que Paulo III se resolveu enfim a promulgar a bulla — «Regimini» — a 27 de Septembro de 1540. »

Fôra demasiadamente longo reproduzir todas as paginas recheiadas desses excellentes predicados de linguagem. E' com difficuldade que resisto ao desejo de vos dar mais uma amostra da arte de escrever de Lisboa, transcrevendo o bello capitulo relativo a S. Francisco Xavier e á sua missão na India, o qual encerra, quasi ao finalizar, este conceito «... que empresa nobre e gigantesca proseguiam estes homens simples e energicos, movidos de um impulso divino, e porventura sem a si mesmos se proporem, em consciencia clara e liquida, todo o alcance della! Nada menos que a unidade da fé e a solidariedade moral de todas as familias do genero humano, dispersas sôbre a face do globo!»

Vê-se bem que para a formação do estylo de Lisboa o que mais contribuiu foi aquelle velho preceito capital, que manda primeiro adquirir idéas bem claras, precisas e logicamente encadeadas, e depois vertê-las na escripta sem nenhum artificio, sem rebuscar termos desusados, ou excusados neologismos, sem pretender im-

primir mais força, ou mais belleza, ao periodo por estudadas transposições ou constrangidos hyperbatos. A sua linguagem se filia a essa limpida corrente de escriptores, que sem epochas e nacionalidades, superior a todas as escholas, vem desde Xenophonte na Grecia e Cesar em Roma, atravessando os seculos, para se engrossar com os Fustel de Coulanges e os Taines em França, os Macaulays em Inglaterra, os Mommsens na Allemanha e os Ferreros na Italia, produzindo esses escriptos admiraveis pela naturalidade, que nos permittem engolfar-nos, embeber-nos completamente no assumpto, sem a cada passo se metter de permeio entre o leitor e a pessoa, o objecto, o facto, ou a idéa que se descreve no livro, a figura impertinente, pedantesca, e insupportavelmente pretenciosa do auctor, a impor-se á nossa attenção com suas excentricidades de forma, a desviar com suas extravagancias de estylo o nosso espirito das cogitações em que a leitura o ia embebendo, a perturbar-nos — em summa — com as esquipaticas innovações, oriundas da sua importuna e odiosa vaidade.

A linguagem de Lisboa é a que bem se casa com o seguro criterio, o claro entendimento, o espirito penetrante e a austeridade de principios do historiographo, amigo e admirador de Alexandre Herculano, e que tanto illumina alguns capitulos da nossa historia.

Quem mais precisamente do que elle retratou os governadores que teve o Brasil desde os seus primeiros tempos até ao fim do regimen colonial, «mandões ignaros, corrompidos e perversos, que obcecados pela cobiça, e encarniçados nas luctas civis, e na perseguição da raça desvalida dos indios, calcavam todos os seus deveres, e preteriam todos os outros meios, cujo emprêgo intelligente conduziria sem duvida e para logo aquella pobre colonia á prosperidade agricola e commercial, de que se viu privada durante o longo periodo de mais de seculo e meio?». Ao ouvirdes essas palavras candentes do escriptor brasileiro, não vos lembram immediatamente as figuras, tão vulgarizadas pelo ferrete da mais justa reprovação publica, de certos governadores de estados da Federação Brasileira, que parecem repetir, por uma especie de lei dos «corsi e ricorsi» de Vico, os typos ancestraes dos nossos mandões politicos?

Grande é o empenho de Lisboa em defender o Brasil da pecha de ter sido colonizado por gente condemnada ao degredo por crimes commettidos na metropole. Cuidadosamente verificou que no quinto livro das Ordenações do Reino estava comminada essa pena para duzentos e cincoenta delictos; e que taes crimes consistiam frequentissimamente em simples peccados, maus costumes, opiniões e pensamentos então reprovados, e até no exercicio por um dos sexos de uma industria, incontestadamente honesta, que para o outro se reservava. Punidos com o degredo eram continuadamente o adivinho, o feiticeiro e o alcoviteiro. Pelo que me toca, senhores, confesso-vos, que não me julgo no dever de manifestar uma profunda gratidão ao escriptor maranhense, por ter elle demonstrado, com os mais convincentes argumentos, que, em vez de sermos descendentes de réos confessos de graves delictos, somos apenas bisnetos de feiticeiros e alcoviteiros.

A esse trecho de historia patria bem preferivel me parece o em que o infatigavel excavador do nosso passado, e critico judicioso, posto que austero, dos factos narrados, patenteia o atrazo, a boçalidade com que Portugal tractava a sua vastissima colonia da America. Promulgado o alvará de 5 de Janeiro de 1785, que extinguiu e mandou fechar todas as fabricas existentes no Brasil, julgou o govêrno da metropole necessario expedir instrucções para a execução desse alvará, e nessas instrucções se liam pensamentos estupefacientes como estes: «O Brasil é o paiz mais fertil e abundante do mundo em fructos e producções da terra. Os seus habitantes têm por meio da cultura não só tudo quanto lhes é necessario para o sustento da vida, mas ainda muitos artigos importantissimos para fazerem, como fazem, um extenso commercio e navegação. Ora, si a estas incontestaveis vantagens reunirem as da industria e das artes para o vestuario, luxo e outras commodidades, ficarão os mesmos habitantes totalmente independentes da metropole. E' por consequencia de absoluta necessidade acabar com todas as fabricas e manufacturas do Brasil».

E' a obra prima de Lisboa a «Vida do Padre Antonio Vieira», não obstante ter sido achada entre os papeis, que, em virtude de

expressa recommendação do auctor, «deviam ser queimados sem ser, lidos», e posto que ainda faltasse aperfeiçoar e polir o estylo, e uma synthese final em que pretendia condensar, como em um painel, o conjuncto das acções e dos escriptos do grande jesuita, orador sagrado, epistolographo, escriptor politico, diplomata e estadista, « mixto admiravel de grandeza e pequenez », estupendo composto de extremos, com as mais estupendas contradicções.

Nesse trabalho, e no que acêrca do mesmo padre escreveu no «Jornal de Timon», depara-se-nos o bastante para ficarmos bem conhecendo, não só o biographado, como a epocha e o meio em que viveu este.

Modelo litterario do estylo descriptivo é toda a parte do livro, em que Lisboa narra como passaram os primeiros annos de Antonio Vieira, a sua fuga de casa e recolhimento ao collegio dos jesuitas, aos quinze annos de edade, « ou fosse que a sua intelligencia e ambição precoce lhe dessem a conhecer que nos jesuitas estava concentrado todo o poder da epocha, e que, abraçando o instituto, entrava pela porta mais facil e azada para quem queria seguir os caminhos que guiam á grandeza humana, ou fosse que os padres, sondando com um só lanço do seu olhar profundo e penetrante tudo quanto o porvir reservava áquella flor apenas desabrochada, e, fieis ás maximas da Ordem, empregassem todos os meios para capta-lo e seduzi-lo » ; a impressão de terror, produzido pelos successos das armas hollandezas em 1640, em meio da qual prégou Vieira o seu famoso e eloquentissimo sermão que começa pelo texto — « Exurge, quare obdormis, Domine ? » ; a viagem de Vieira a Lisboa depois da restauração da independencia de Portugal, em Fevereiro de 1641, e os triumphos e louros que colheu como prégador na capital do reino; a privança e o valimento juncto de d. João IV ; o célebre plano da instituição das companhias de commercio, tão habilmente resumido por Lisbôa ; a intervenção de Vieira nas negociações com a Hollanda para a cessão das capitanias brasileiras desde o Ceará até Sergipe, intervenção que Lisboa estigmatiza nestes termos : « São passados mais de dous seculos depois destes graves debates, em que correu

tanto risco a integridade do futuro imperio de Sancta Cruz; os auctores que figuraram nessas scenas, os interesses e paixões que os moviam, tudo desappareceu; e a justiça da Historia pode já agora proferir desassombrada a sua sentença. Si nos é permittido ser o seu orgam, o nosso juizo não será duvidoso um só instante: a razão estava toda da parte dos antagonistas do astuto jesuita, sinão em todos os pormenores, ao menos no essencial da questão, que é o que importa. Nunca em verdade se vira palinodia mais solenne, nem a falsa politica accumulou jámais tantas contradicções e incoherencias, tantos sophismas e tantas maximas immoraes para desfigurar a verdade, e justificar o êrro e a iniquidade. Dir-se-ia que o auctor do parecer, como esses advogados resolvidos de antemão a sustentar indifferentemente o pro e o contra, fazia valer como podia todos os argumentos, bons e maos, para sustentar a these preferida, sem se embaraçar absolutamente com a realidade dos factos, a natureza das cousas e a justiça da causa, sem hesitar um momento deante das contradicções e incoherencias mais flagrantes»; e as visitas que fez Vieira a diversas côrtes da Europa, para syndicar do procedimento dos embaixadores portuguezes, visto não inspirarem elles muita confiança a el-rei, pois occultavam a verdade, «querendo antes agradar que entristecer, que era a moeda que então corria, tão falsa como perigosa»; e especialmente o modo como se havia e portava o astucioso jesuita: «Estes negocios graves e serios, é Lisboa quem escreve, não o impedem de dar-se ás distracções mundanas proprias das côrtes, e da alta sociedade que frequentava, si não é que de proposito as procurava como meio facil e azado para tomar informações, rastrear os segredos, e regular os proprios actos. O certo é que trajava á secular, e vivia com luzimento á lei da nobreza, assistindo ás reuniões, funcções, solennidades, e dissertando á sobre-mesa em tom ora serio ora jovial, já sôbre os negocios de estado, já sôbre assumptos frivolos e amenos, mixturando as observações profundas com os dictos galantes e remoques finos e agudos, contentando em tudo aquella admiravel flexibilidade de espirito e de maneiras, e aquella pasmosa aptidão, que tão facilmente e com tanta vantagem

sabia amoldar-se a todas as situações de uma vida tão vária, e tão cheia de complicados accidentes. E' verdade que, arrebatado pelo ardor de seu character e pelos habitos irresistiveis da verdadeira profissão, o improvisado diplomata deixava entrever a roupeta mal dissimulada, e cedendo o logar ao jesuita e ao theologo, travava nas mesmas occasiões longas e ardentes controversias com os herejes e judeus, genero de exercicio e combate, assevera Barros, em que naquellas regiões do Norte adquiriu uma gloria immortal, e triumphos não menos assignalados que nas luctas politicas».

O talento com que Lisboa narra concisamente, ao mesmo tempo que as diligencias e tramas de Vieira, o grande empenho posto pelo famoso jesuita em conseguir o casamento do herdeiro da casa de Bragança, o principe d. Theodosio, com a infanta de Castella, casamento que importava a união da peninsula iberica, ou, mais precisamenie, a absorpção de Portugal pela Hispanha, e portanto a extincção da independencia do velho reino lusitano, e a arte com que nos refere a entrevista de Vieira com tres padres hispanhoes, na qual o jesuita portuguez tanto encareceu os predicados do seu principe «reconhecido e celebrado no mundo pelo principe mais perfeito de toda a Europa, e o mais digno da mão da infanta, a quem levaria em dote Portugal, e tudo quanto Portugal possuia em a metade do mundo. O meio da conquista com a espada em punho que intentava a Hispanha, quando Portugal o buscava com o amor, mostrava a experiencia de dez annos quanto era illusorio», merecem tanto o nosso apreço e admiração, quanto a severidade com que aprecia o facto: » Não é nosso proposito discutir aqui esta complicada e espinhosa questão da união iberica, sempre pendente e sempre ameaçadora ; limitamo-nos a encarar os factos do poncto de vista da independencia absoluta de Portugal, que em presença da opinião e do mundo era o mesmo destes negociadores, que no segredo dos seus gabinetes a sacrificavam com tão pouco escrupulo. Assim uma velha nacionalidade de cinco seculos, duplamente consagrada e remoçada pela exaltação da dynastia de Aviz, e pela recente revolução de 1640 : o sangue e os thesouros sacrificados nas guerras passadas e presentes ; a longa oppressão de

sessenta annos, os esforços empregados durante os ultimo dez annos para evita-la, as antipathias nacionaes, o odio do extrangeiro, o amor da liberdade e da independencia, tudo era exquecido, a trôco de uma simples acommodação dynastica. Por este preço Portugal cedia tudo, nem siquer se empregavam as attenções costumadas da linguagem para o disfarçar; Hispanha recuperava simplesmente o que era seu. No dia mesmo da alliança, as armas, que se empenhavam na fronteira em lucta fratricida, marchariam unidas a domar os rebeldes da Catalunha, e ainda os de Napoles, levantados, sabemos bem, a cuja voz e instigações, e seriam apontadas ao coração da França, onde até então Portugal mendigava auxilio e protecção, que Mazarino pela sua parte lhe regateava. Mas ao menos, nessa famosa paz dos Pyreneus, tão justamente qualificada de assaz indecorosa pelos politicos portuguezes. limitou-se a França ao abandono, sem estipular com o inimigo da vespera ajudar com as suas armas a opprimir o alliado trahido.

... Grande foi sempre a reputação do jesuita Antonio Vieira como portuguez extremamente amante da sua patria. D. João IV andou sempre em fòro de restaurador da independencia nacional, e ainda hoje, passados mais de dous seculos, como tal o festeja e acclama o espirito anti-iberico do povo, suscitado e avivado deante de novas ameaças de annexação; mas a historia imparcial, compulsando os documentos, pesando as acções, e fundando-se na propria confissão dos culpados, pronunciará sem escrupulos e sem piedade que, si nesta tremenda crise a alguem deveu Portugal a sua salvação, foi ao monarcha hispanhol, que na sua cegueira e imprevidencia politica refusou a compra que se lhe offerecia por preços tão vantajosos. Nos conselhos da sua politica não podia ainda ter entrada a idea de uma transacção com o reino rebellado, e a esperança de o sujeitar enfim pelas armas ainda o animou bem perto de dezoito annos; e no seu orgulho de monarcha omnipotente foi talvez maior a extranheza e o assombro que a cholera, ao ouvir a proposição de uma aliança matrimonial da parte de um vassallo, réu de alta traição, e presa já porventura destinada ao verdugo, nos seus sonhos de triumpho proximo e infallivel, e tanto menos digno de contemplação

quanto no momento mesmo em que por uma parte a implorava, por outra aggravava a culpa antiga, favorecendo a conspiração de Napoles ».

Não se descuida Lisboa de mostrar e encarecer as notaveis qualidades intellectuaes e moraes de Vieira, desde o assombroso talento verbal, manifestado nessas cartas, tão admiraveis pela perfeição da fórma opulenta como pelo desembaraço e singular afoiteza das lisonjas do cortezão, e nesses sermões de uma maravilhosa, arrebatadora eloquencia, até aos inestimaveis predicados do desinteresse, do completo desprendimento dos proveitos e commodidades pessoaes, do raro desapego ao dinheiro, do grande jesuita: « O seu desinteresse em materia de dinheiros e riquezas nunca se desmentiu um só instante em tantas occasiões, em que a tentação era tão facil e natural. Até os proveitos licitos engeitava, quando tantos outros em posição muito menos vantajosa não se descuidariam de enriquecer illicitamente. Nas missões da Hollanda e Roma, teve avultadas quantias á sua disposição, em que nunca siquer tocou. Para suas despesas pessoaes nestas e outras missões, satisfazia-se com ajudas de custo muito limitadas, pois sempre andava com extrema simplicidade, e sem outra comitiva além de um moço para lhe descalçar as botas, como elle mesmo diz ; e ainda assim, si lhe ficavam algumas pequenas dobras, as repunha escrupulosamente.»

Com o mesmo espirito penetrante, com o mesmo elevado criterio e severo juizo, com que fulmina a intervenção de Vieira para o fim de se transferirem á Hollanda as capitanias brasileiras desde o Ceará até Sergipe, e as manobras do fingidissimo e refolhadissimo jesuita no sentido da união da peninsula iberica, disseca Lisboa a credulidade, extremamente absurda, de seu biographado, as suas inqualificaveis crendices, abusões e patranhas, as suas grotescas historias de cometas, que davam á costa com os navios, de doentes que tinham no corpo dragões de um covado de comprimento e com duas azas da grossura de dous dedos, e particularmente esse monumental acervo de ridiculas superstições, insupportaveis trocadilhos e sesquipedaes dislates, que sob a denominação de « Quinto Imperio do Mundo », « Clave dos Prophetas » e « His-

toria do Futuro », encerra um longo commentario das prophecias do sapateiro — Gonçalo Annes Bandarra, vastas e cerebrinas explicações da Escriptura sagrada, em que se demonstra que o termo — « columba » designa Christovão Colombo, « gentem concul-catam » os indios do Brasil, a expressão — « cujus diripuerunt terram ejus » a região do Amazonas, e outras similhantes baboseiras, que nem a epocha nem o ambiente social explicam, ou siquer attenuam.

O illustre mestre da critica litteraria entre nós, meu prezado amigo, sr. José Verissimo, parece que não approva as severidades dos conceitos de Lisboa nesta parte. E' o que infiro deste trecho do notavel escriptor: «O seu estudo sôbre a revolta do Bequimão, onde todas aquellas suas capacidades e qualidades se reunem e apuram, é uma das nossas melhores monographias historicas, e a «Vida do Padre Antonio Vieira», não obstante inacabada e sem o ultimo polimento, uma das mais bem feitas biographias da nossa lingua. Com a ultima demão do escriptor, e menos preconceitos liberaes, que ás vezes empanam o juizo do historiador, poderia facilmente ter sido o livro definitivo, que ainda espera o grande jesuita».

Permittirá por certo o abalisado crítico que eu divirja de tão acatada opinião. Contemporaneo de Vieira, que nasceu em 1608 e morreu em 1697, foi Bossuet, que viveu entre 1627 e 1704. Não obstante o excessivo rigor da sua Theologia, que, aggravado por um pequenino e pertinaz sentimento de rivalidade, o levou á mais cruel perseguição do affectuoso e doce arcebispo de Cambrai, Fénelon, ou talvez por isso mesmo que se adstringia austeramente aos ensinamentos theologicos, a aguia de Meaux, quando adejou sôbre a Historia, o que produziu foi esse soberbo e famoso. « Discurso sôbre a Historia Universal », cujas ideas podemos repellir por contrarias á sciencia e á razão, mas cujo merito e extraordinario brilho dentro da sua eschola não nos é dado pôr em duvida. Que immensa distancia entre essas paginas majestosas, de uma eloquencia empolgante, em que, de accôrdo com principios divulgados por uma Egreja que, ha quasi dous mil annos, tem presidido aos destinos da melhor parte da humanidade, se explicam a creação do

mundo e as revoluções dos imperios por esse providencialismo, que dirige todas as acções dos homens e todos os feitos dos povos, ora moderando as paixões, ora soltando-lhes as redeas, e esse amontoado de sophismas e phantasias disparatadas, conjecturas astrologicas e insensatas prophecias, que compõem uma grande parte da philosophia da historia do sempre contradictorio e sempre astuto jesuita portuguez !

Nem se nos diga que diverso era o ambiente social dos dous grandes oradores. Não : Vieira esteve em Pariz, em Londres, na Haya e em Roma, onde se demorou longamente, chegando até a prégar em italiano com grande successo, e prestando-se a defender as lagrimas de Heraclito contra o riso de Democrito nas justas academicas, talvez mais frivolas que as discussões dos nossos collegiaes acèrca de certos pontos corriqueiros de Historia, que a rainha Christina da Suecia dava em seu palacio. Não lhe podia, pois, ser extranho o movimento philosophico e litterario das mais cultas nações da Europa.

Tecendo um caloroso elogio do engenho e do estylo de Lisboa a proposito da narrativa da revolta de Beckman, conhecido por Bequimão, e reproduzindo este trecho do seu biographado : «Eis aqui certamente uma revolução, em que a accumulação das causas, a tempera dos characteres, o extranho e variado dos incidentes e o tragico e sanguinolento do desfecho dão á historia o attractivo pungente e seductor do drama e do romance», lamenta o biographo, Antonio Henriques Leal, que o escriptor maranhense não nos tenha com esse tão dramatico episodio da historia patria composto uma obra de arte, um romance historico, por exemplo, á maneira de Manzoni e de W. Scott. Chega a conjecturar que já Lisboa revolvia na mente a obra, que suppõe talvez necessaria á gloria de seu biographado. Mas ter-se-ia de facto augmentado a gloria do illustre escriptor brasileiro, si elle tivesse deixado um ensaio desse genero tão espinhoso, em que Alfred de Vigny naufragou, e o genio de Hugo não conseguiu legar-nos uma obra escoimada de graves defeitos ? Tão difficil é combinar nas justas e exactas proporções, dosar a parte de Historia e a parte de phantasia, que devem

entrar num romance historico, para que este não se transforme em um trecho de historia sem os severos requisitos desta, ou em uma narrativa romanesca, em um romance sentimental, sem as qualidades seductoras deste : tão difficil é alcançar essa evocação pittoresca do passado, de que nos falla René Doumic, que para o renome do inolvidavel Maranhense julgo preferivel que não tenha tentado a arriscada empresa. A sua lingua nobre e classica, o seu profundo criterio e raro descortino e a sua grande segurança nos julgamentos e conceitos, cabem melhor em livros de Historia do que nessas delicadas, subtis e custosas mesclas de imaginação e de realidade, em cujo tentamen o proprio genio meticuloso do auctor de Madame Bovary não logrou colher os louros, que lhe grangeára o romance naturalista.

Não devemos tão pouco lamentar que Lisboa não nos tenha deixado o drama, a que alludiu na passagem transcripta. O theatro nunca foi, nem é por enquanto, um genero brasileiro. Num livro ha pouco tempo publicado, a «Evolução do Theatro», o escriptor portuguez Eduardo de Noronha enumera mais de cem auctores brasileiros de dramas, comedias e tragedias. Si attentamente examinardes a longa relação, vereis que o seu defeito é a deficiencia. Nota-se a falta de um numero não pequeno de auctores contemporaneos de producções theatraes, cujos nomes não ignoramos. Pois bem : de todo esse vasto repertorio, felizmente quasi todo banido para bem longe da scena, que é que se pode ouvir com algum interesse, ou siquer com um pequeno sacrificio ? A's nossas composições theatraes falta o elemento dramatico, a analyse e a comprehensão vigorosa da realidade, o relêvo dos characteres, os dialogos interessantes, engenhosos, animados, «saltitantes, scintillantes, crepitantes», as scenas que dão uma sensação immediata da vida, a vida,o espirito, a graça», o instincto das combinações que surtem effeito, a arte particular do theatro que «nada tem de commum com a litteratura, que não precisa da poesia, nem do estylo», falta a acção, «personagens que mais agem do que fallam, situações que se accumulam, intrigas que se cruzam», o drama que corre ao desenlace «num movimento violento, arquejante» falta, em summa,

essa deliciosa arte em que os Francezes são insignes, e os de Flers, de Caillavet e tantos outros, ainda com os mais simples enredos e com os factos mais vulgares, têm composto modêlos admiraveis.

Para ser um benemerito da patria basta a Lisboa a memoria do incessante combate, que durante tantos annos, pelos seus periodicos e por esse famoso *Jornal de Timon*, elle pelejou indefessamente em favor destas ideas extraordinarias, exoticas, inacreditaveis, em nosso meio social: o govêrno e a administração publica competem aos mais notaveis pela intelligencia, pelo saber e pelo character; os homens, que governam, devem subordinar-se ás leis, e respeitar as liberdades e os direitos dos cidadãos; deante das auctoridades, especialmente no comêço dos governos, não se desfaçam os individuos em salamaleques, lisonjas, e aviltantes humilhações, bem como, sobretudo no fim dos governos, não se desentranhem tão pouco em aleivosias, convicios e calumnias, cumprindo-lhes em qualquer tempo absterem-se de conspirações e de revoltas. Em meio deste vasto tremedal, que é hoje a vida politica no Brasil, em que tudo se afunda e desapparece na mais infecta lama, sobrenadando quasi unicamente a absoluta incapacidade, o cretinismo em suas mais expressivas revelações, a suprema inconsciencia e o completo e desnudado impudor, a servirem as ambições do mais rombo, esteril e envilecido egoïsmo, com a silenciosa acquiescencia dos que em immensa legião, perdidos os ideaes dos homens civilizados, só cuidam tranquilla e sordidamente dos interesses e das commodidades materiaes, evocar a figura historica do austero patriota João Francisco Lisboa, si ainda houvesse possibilidade de arrependimento e de remorso, fôra, para me utilizar de uma imagem outr'ora muito ao sabor dos nossos politicos e jornalistas, produzir a mesma impressão que o apparecimento da sombra de Banquo em meio de festim de Macbeth.

E, si para a consagração do patriota, basta recordar a sua vida de jornalista e de politico, é sufficiente a classica « Vida do Padre Antonio Vieira » para a gloria do escriptor.

BREVES NOÇÕES DE PHYSIOGRAPHIA BRASILICA

(Fragmentos)

PELO

Bacharel Gastão Ruch

(SOCIO EFFECTIVO DO INSTITUTO)

BREVES NOÇÕES DE PHYSIOGRAPHIA BRASILICA

(FRAGMENTOS)

ASPECTO GERAL DA AMERICA DO SUL E ESPECIALMENTE DO BRASIL.

Apresenta a America do Sul configuração incontestavelmente mais regular do que o complemento septentrional do Novo Mundo. De fórma triangular, demanda o seu vertice extremo o Sul do continente ao passo que a sua base, em direcção opposta, corre de um modo geral para Nordeste.

As costas deste immenso tracto de terras, quer confinem com o Pacifico ou venham morrer no Atlantico e no Mar Antilhano, não offerecem aquellas chanfraduras innumeras, com que justamente se envaidecem a Europa e a Asia Oriental. Não se encontra em todo o littoral brasileiro ou nas lindes maritimas das republicas do Prata e do Occidente sinus comparavel ao golpho do Mexico ou ao Bothnia : no entretanto uma superficie de 18.000.000 de kilometros com um desenvolvimento costeiro consideravel auctorizava a existencia de cópia avultada de reintrancias e saliencias.

Considerada em seu todo constitue a America meridional enorme massiço, em que sobresae na parte occidental uma extumencia prolongando-se sem interrupção desde o Mediterraneo antilhano até o estreito de Magalhães, dos 12°,30' de latitude Norte aos 54° de latitude meridional.

A cordilheira dos Andes, que tal é o nome dessa escarpa, apresenta em seu desenvolvimento duas secções distinctas com tra-

çado diverso: descreve a primeira um grande arco, cuja concavidade está voltada para o Oriente, ao passo que a segunda com rigidez quasi absoluta abraça a direcção de um meridiano, da Bolivia ao cabo Forward, em terras chilenas da peninsula de Brunswick.

Um exame mais aprofundado desta parte do globo revelará, porém, não ser tão simples, como parece, a sua configuração, pois a Norte e Leste existem dous grandes nucleos separados do massiço andino por depressões, que jazem a Oriente da cordilheira. Por outras palavras, entre os massiços do Brasil, dos Andes e das Guianas se extendem os *lhanos do Orinoco, a depressão amazonica e a depressão argentina*.

Entre a cordilheira andina e o Grande Oceano demora a zona littoral quasi sempre rectilinea, sem chanfraduras que lhe quebrem a monotonia, pobre em rios principalmente em territorio chileno, de Iquique para o Sul.

A escassez de aguas, e concomitantemente, a falta de abras ou angras, onde desaguassem os rios, é devida a duas causas principaes: o regime das chuvas pouco frequentes na vertente occidental andina, com especialidade do 15° de latitude Sul em deante, e a natureza do terreno desprovido de valles transversaes á cordilheira, onde avultam ao contrario gradins successivos, disposição esta que prohibe a formação de um declive ininterrupto.

Para o extremo meridional do continente a depressão littoral accentua-se a poncto de immergirem as terras, de que resultam os estreitos de Moraledo e Corcovado e a grande ilha de Chiloé.

Sob o poncto de vista geologico a cordilheira dos Andes foi constituida originariamente por um conjuncto de cadeias, que formavam a escarpa occidental dos massiços guianense e brasileiro; suas grandes fracturas posteriores resultantes de extraordinaria actividade vulcanica deram saïmento á enorme massa de materias eruptivas, de que se originou o systema actual com os seus dous bordos parallelos e os seus vulcões geralmente obedecendo a uma mesma direcção.

Na secção mediana a cadeia andina apresenta serranias diver-

gentes, porquanto, ao passo que a cadeia oriental foge para Nordeste, a occidental conserva sua primitiva direcção. Entre ambas se extende o alteroso massiço, que o grande naturalista americano Orton chamou *Thibet* do Novo Mundo. E' um planalto de 4000 metros de altitude média, sem escoadouro exterior. Occupa o seu centro o lago Titicaca, cujo excesso de aguas se vai perder pelo rio Desaguadéro no lago Aullagas. Estes dous lençóes de aguas formam com o pantanal da *Pampa de Empeza* os restos de um dilatado reservatorio contemporaneo da epocha quaternaria, mas infelizmente fadado a um proximo desapparecimento.

Para Sueste, e além da cordilheira, desenrola-se vasta zona desertica e arida conhecida por *Puna* ou *Planalto despoblado*, de declive lento, que se vai accentuando até se confundir com a depressão argentina. E' abundante a região em paúes salinos e outros depositos de aguas salobras, mas a presença destes elementos além de alguns mais (certos amphipodes, coraes etc) não auctorizam a acceitação da hypothese, que varios sustentam, da sobrelevação dos Andes em epocha recente. O que se sabe a respeito não basta para affirmação tão categorica.

Outro facto interessante é a frequencia dos terremotos no poncto de juncção das duas grandes directrizes andinas, coincidindo o phenomeno com a ausencia de cones vulcanicos ou de boccas ignivomas em actividade.

No Perú e no Equador a vergação das cadeias determina a existencia de planaltos, em cujas escarpas existem picos elevados e vulcões, alguns dos quaes de grande actividade, como o Chimborazo, o Antisana, o Cotopaxi, o Pechincha e o Sangai, um dos mais terriveis do globo e cujo transbordar automatico de lava, em periodo certo de tempo, o assemelha a gigantesca valvula reguladora de enormissima caldeira.

Na Venezuela as duas cadeias colombianas ainda continuam, mas á oriental vem soldar-se uma terceira um pouco a Sul do Puracé; é desprovida de vulcões activos e vai terminar no mar antilhano sob o nome de *Sierra Nevada de Merida*.

Ao desenvolvimento e orientação dessas serranias se devem os

cursos dos rios Magdalena e Cauca, a Oeste dos quaes e com o mesmo parallelismo corre outra caudal, o Atrato, apertada por entre duas dobras de terreno.

Ao terminar este rapido esbôço da grande Cordilheira, tão notavel pelo seu desenvolvimento como tambem pelo numero avultado de picos e crateras que a encimam, não é possivel calar a presença ahi latente das duas grandes fôrças que a trabalham incessantemente, alterando-lhe de um modo constante o modelado : *a erosão e as erupções*. Testimunham a primeira nos Andes peruanos *o sulco de Huaylas*, e comprovam a segunda as profundas alterações, que offerece o *planalto de Quito-Riobamba* no Equador.

Entre a Sierra Caraíba e as massas graniticas das terras altas guianenses ficam o valle do Orinoco, a região *dos lhanos* e a zona a Oriente do Essequibo. Por sua vez o primeiro na sua apparente uniformidade se desdobra em duas regiões tão differentes no seu aspecto exterior como em sua constituição geologica. No tracto de terras relativo ao curso inferior do grande rio, e no que lhe fica a Norte, a inclinação para o mar é fraca, resultando esse territorio de conquistas operadas pelo Orinoco sôbre as aguas do Oceano ou representa elle antigos planaltos, que a acção das aguas gastou a poncto de lhes emprestar o character de planicies.

Já se não dá o mesmo a Sul da grande arteria venezuelana e na secção oriental do seu curso superior, onde apparecem as ramificações do massiço das Guianas, characterizadas por montanhas de forma tabular e dilatados valles ricos em pantanaes e paúes.

Correndo do Occidente para o Oriente fica o planalto guianense, a cavalleiro das duas depressões do Orinoco e do Amazonas, dividido por duas massas, a Norte e Sul da cumieira principal, mais extensa sem duvida a primeira do que a segunda. Quando tractarmos da constituição physica do Brasil terá opportunidade um estudo mais desenvolvido dessa grande ilha encravada no continente sul-americano e que circundam as aguas de tres grandes rios além do Oceano. Apertada pelo massiço brasileiro, que de um certo modo a domina e cinge, e as terras altas da Bolivia e do Chili, que lhe circunscrevem o ambito a Norte, Noroeste e Oeste, começa a de-

pressão argentina logo após os *lhanos de Chiquitos*, e se extende sob os nomes locaes de *Chaco boreal*, *Gran Chaco*, abrangendo, visto attingir o Pampa, o curso inferior da triade fluvial Paraguai Paraná-Uruguai. A altitude média da depressão não excede ahi 200 metros. Encerra grande cópia de lagôas e banhados (lagôas *Porongos*, *Chiquita*) e é cortada por alguns rios tributarios do Paraguai e do Paraná como o Pilcomaio, o Bermejo e o Salado.

Qual barreira isolada se ergue no seu extremo Sul a *Sierra de Cordoba*, de composição identica á dos Andes, com os quaes se devêra ligar em era anterior á nossa. Esta serrania separa a depressão argentina da curiosa região sul-americana chamada o *Pampa*.

De formação terciaria e de relêvo accentuado não conservou esta os accidentes de terreno, que lhe eram proprios; aos poucos a sua superficie ficou reduzida a um plano sensivelmente horizontal pela existencia de regime hydrographico de singular riqueza e do da qual hoje apenas perduram vestigios.

Com o seu trabalho incessante arrazaram as aguas pampeanas todas as irregularidades que lhes detinham a marcha, arredondando as asperezas, quando não as destruiam completamente.

As pesquisas de ordem geologica ahi feitas demonstram que, em epocha anterior á nossa, devia o planalto do Pampa extender-se muito mais a Leste da posição, que lhe assignam os seus limites actuaes.

Contribuiram e muito para a unificação dos relevos não só depositos terciarios marinhos como tambem camadas de *lœss* alli deixadas pelas aguas fluviaes; entretanto ainda persistem elevações obedecendo á direcção geral de Leste-Oeste, que attestam a existencia de serranias ligadas ao grande massiço andino. São as *Sierras de Vulcan e Tandil*, continuadas pela de *Guamini*, na altura do cabo Corrientes, e, mais a Sul, a de *Ventana* proxima á Bahia-Blanca.

A Sul do Pampa, hoje dividida pelos geographos em duas zonas distinctas, vem a *Patagonia* submergida nos ultimos periodos da era terciaria. Emergira sob a forma de um planalto pouco elevado com declive pronunciado para o Atlantico, com rede hydrographica notavel (Chubret, Santa-Cruz, etc.) e depo-

sitos lacustres. Quanto á *Terra do Fogo* é ella sob o ponto de vista geologico simples prolongamento das terras patagonicas.

O massiço brasileiro comprehendido entre as duas grandes depressões do Amazonas e do Paraná-Paraguai constitue com a primeira, parte da segunda e mais a vertente meridional do planalto guianense, esse todo immenso que se chama *Brasil*. Tractemos agora de considerar particularmente o planalto brasileiro, desde que acabamos de esboçar os demais elementos que o cercam.

O character verdadeiramente montanhoso do massiço apenas transparece a Leste e no centro, sendo que todas as demais elevações que lhe modificam o aspecto são devidas ao trabalho de erosão, como se verifica pelo grande numero de serras de aspecto tabular localizadas especialmente a Norte e Oeste. Quer resultem da acção neptuniana, quer se originem de movimentos do solo, merecem as serras do Brasil particular attenção quanto ao modo por que são orientadas, pois de sua direcção depende em grande parte a rêde hydrographica do Brasil.

As cadeias orientaes formam o rebordo de Leste do planalto, accusando maior altitude entre Porto-Alegre e os limites do Espirito Sancto com a Bahia. E' nas terras fluminenses, na *Serra dos Orgãos*, que é encontrado o seu poncto culminante na *Pedra-Assú* (2232 metros).

Poucas vezes se affasta do mar a extensa serrania, que por isso recebeu o nome generico de Cadeia Maritima, e esta circunstancia do seu traçado concorreu poderosamente para o amesquinhamento da zona oceanica quasi sempre estreita.

E' mais para o centro do paiz, no angulo de Sudoeste do Estado do Rio de Janeiro, que é encontrada a maior elevação do Brasil nas *Agulhas Negras* (Itatiaia-Assú), na serrania da Mantiqueira. Variam os auctores quanto á determinação da altitude; assim, ao passo que Glaziou e Cruls lhe attribuem respectivamente 2712 e 2841 metros, Orville Derby lhe dá 2979, e Homem de Mello quasi 3000 metros (exactamente 2994).

De summa importancia é a Serra da Mantiqueira no regime hydrographico do Brasil, porque é desta cadeia que se destaca

uma lombada, que por sua união com as Serras da Canastra e da Matta da Corda vem formar junctamente com as montanhas do sul de Goiaz e as elevações de Matto-Grosso o grande *divortium aquarum* brasileiro, de que resultam as duas sub-vertentes geraes de Sul e Norte. Para maior facilidade de expressão, convém dizê-lo de passagem, empregamos na enumeração dos elementos constitutivos da linha de separação das aguas a denominação serranias, quando em muitos pontos é na verdade inadequada, como succede por exemplo com as elevações, que separam as aguas tributarias do Tapajoz das que demandam o Paraguai ou o Araguaia. Devidas ao lento trabalho da erosão offerecem, na phrase de Reclus, o aspecto de taboleiros e a que dão no paiz o appellido de «chapadões».

Dentre os muitos existentes quatro ha principaes e são: o Amazonico, o do Parnahiba, o do Paraguai e o do S. Francisco.

O primeiro vem morrer na depressão do rio-mar, o que equivale dizer que apenas abrange parte do Sul do Estado do Amazonas, mas comprehende grande parte de Goiaz e Matto-Grosso, parte do Oeste do Maranhão e Sul do Pará. Os rios que o cortam vão todos para o Amazonas, obedecendo á directriz geral de S.SW—N.NE. Profundamente excavado pelas aguas apresenta maior elevação nas nascentes do Paraguai e do Guaporé (altitude média 407 metros).

O chapadão do Parnahiba tambem dá testimunho da violencia da acção das aguas; é egualmente a Leste e Sul que se manifestam as maiores elevações conhecidas pelos nomes de Serras de biapaba, Vermelha, Dous Ermãos, Piauhi e chapadão das Mangabeiras.

As aguas que nelle correm pertencem todas á bacia do Parnahiba. Este rio no seu traçado obedece á direcção do maior eixo, constituindo-se como que a calha das terras altas, que lhe demoram todas a Leste. Corre pois de SW para NE. Os affluentes do Parnahiba, que lhe vêm de Leste, demonstram que a direcção geral do chapadão é contrariada, pois todos elles se dirigem

para N.NW. Relativamente aos Estados abrange elle o Piauhi, Oeste do Ceará e parte do Sul do Maranhão.

O chapadão do S. Francisco apresenta o sulco characteristico do trabalho de erosão na sua parte mediana; o que porém o torna mais notavel é, como o assignalou Lapparent, o ter conseguido a cauda, que o excavou, unica dentre os rios brasileiros, vencer a escarpa oriental, que a impelliu para o N, e correr para Leste, para o Atlantico.

E' a Occidente do S. Francisco que o chapadão ostenta maior desenvolvimento, alcançando ahi uma média de 800 metros de altitude. A direcção do declive é dada naturalmente pelo rio eixo, isto é, accentua-se de Sul para Norte e Nordeste. As serranias da Matta da Corda, da Canastra do Espinhaço, as duas primeiras a Sul e a terceira a Leste, como que formam os rebordos meridional e oriental dessas terras tabulares. Quanto á escarpa de Oeste é apenas assignalada pelas elevações denominadas serras do Paraná, S. Domingos e do Duro, que separam as aguas do S. Francisco das do Tocantins. Orville Derby, baseando-se na insignificancia do relêvo do *divortium aquarum* dos dous rios supra mencionados, sustenta a hypothese de constituirem os dous chapadões um só todo. Limitam a Norte e N. W. o chapadão do Paraná as serras que constituem o extremo meridional da bacia do S. Francisco e as elevações que as continuam para Oeste. A maior elevação dessas terras altas é encontrada a N. E., notando-se ahi um decrescimo da altitude á medida que se caminha para o Sul.

O declive do chapadão é, de um modo geral, do Oriente para o Occidente, visto correrem todas as suas aguas para a grande arteria fluvial, que o atravessa vindo de N.N.E. Abrangem essas terras altas a bacia do Uruguai, rio este cujo curso obedece ás duas directrizes geraes do chapadão.

Assim, quando a caudal percorre as terras altas, segue a direcção de L-W; já o mesmo não succede quando penetra o Uruguai na depressão argentina, onde o seu curso é orientado de N. para S.

No Brasil abrange o chapadão do Paraná o sul de Goiaz, o Sudoeste de Minas e a quasi totalidade do territorio occupado por

S. Paulo, Paraná, Sancta Catharina e Rio Grande do Sul. Fazem parte delle as terras paraguaias, excluidos o extremo-sul e o angulo de Noroeste pertencente á depressão do Prata, e o Uruguai.

CONSTITUIÇÃO GEOLOGICA DO MASSIÇO BRASILEIRO (ESBÔÇO)

Não é desejo nosso estudar aqui o modo por que se constituiram os actuaes continentes, nem tampouco estabelecer os varios perfis, que vieram a possuir nos diversos periodos geologicos atravessados pela Terra em seu trabalho de formação; apenas sim buscaremos dizer algo a respeito da America e principalmente do —massiço brasileiro—, considerando-o desde o seu apparecimento á superficie do oceano primitivo até o seu estado presente.

E' este tracto do globo uma das mais antigas terras que se conheçam, pois desde muito antes do carbonifero emergira das aguas como rebordo extremo a Occidente de vasto continente, que se extendia pelo Sul e centro da Africa actual, Madagascar e a peninsula do Dekan, cujas terras altas, de tão afastada éra para cá, jamais foram cobertas pelas aguas do mar. Pelo menos nunca se encontraram alli sedimentos marinhos identicos aos depositados pelo Indico.

A este immenso conjuncto de terras deu o eminente Suess o nome de *continente de Gondwana*, o qual na sua opinião apresentava perfeita equivalencia com a *Lemuria* dos zoologos.

Ao terminar o periodo cretaceo ou, melhor, ao iniciar-se o eoceno veiu a Australia soldar-se a tão enorme blóco, como aliás parece comprova-lo, sob o ponto de vista zoologico, a existencia parallela dos marsupiaes nos dous extremos meridionaes do grande todo (Nova Hollanda e America do Sul).

Mas não parece que se deva ter prolongado por muito tempo similhante união, porque novo recalcamento da crosta terrestre deu logar á formação do Oceano Indico e por conseguinte ao isolamento desta Australia. Mais tarde, e provavelmente por força de identico phenomeno, o prolongamento do Atlantico para o Sul

separou o Brasil e portanto a America do Sul do continente Africano. Entretanto si a massa central conservava, ainda que de modo relativo, o seu relêvo, já não succedia o mesmo com as suas lindes de Oriente e Occidente. Em alguns ponctos das costas de Oeste depressões se produziram, galgando as aguas do mar as penedias e submergindo-as completamente, ao passo que na outra borda do continente recuava o oceano para além dos seus actuaes limites, o que importa dizer que em periodo mais chegado a nós phenomeno contrario se produziu.

As pacientes pesquisas do dr. Orville Derby vieram projectar muita luz sôbre a constituição geologica do Brasil, que passamos a expor summariamente.

Si exceptuarmos as ilhas de Fernando de Noronha e dos Abrolhos, onde a presença de rochas basalticas e de phonolithos denuncia formação vulcanica, não encerra o Brasil vestigios capazes de permittir se affirme ter sido elle o theatro de erupções recentes; ao contrario, a existencia em grande abundancia de rochas metamorphicas no massiço auctoriza a opinião corrente de ser terra antiquissima demorando até nas vizinhanças do Rio de Janeiro, segundo opinião de abalisado geologo, as rochas protoarchaicas do continente. Nas serras do Mar e da Mantiqueira avultam os terrenos primitivos, gneiss graniticos naquella e micaschistos com gneiss schistosos nesta. Além dessas rochas muitos outros elementos ahi se deparam, entre os quaes convém distinguir as amethystas e turmalinas e minereos de ferro e ouro.

Mas é sobretudo nas cadeias centraes do Estado de Minas e nas serras do Sul de Goiaz que a éra archeana se manifesta com estructura analoga ao andar huroniano dos Americanos; além dos quartzitos e dos schistos micaceos ahi a presença de schistos ferruginosos é assignalada com frequencia: é a zona dos *itacolumitos* e *itabiritos*, de uma espantosa riqueza.

Apparece o *grez* na Serra do Espinhaço e tambem no chapadão intermediario ao Tocantins e S. Francisco, extendendo-se dahi para o Norte atravez o Piauhi e o Ceará, até terminar no Oceano. E' este lençol exempto de fosseis de um modo geral, si bem que no

chapadão do Parnahiba tenham sido encontrados do cretaceo, o que deixa entrever que descobertas analogas poderão ser feitas, desde que se proceda a pesquisas mais completas. Em todo caso, por isso se torna difficil estabelecer o periodo ou periodos, a que pertence.

Na secção Sul do massiço ainda surgem rochas da éra archeana cobertas de sedimentos carboniferos e devonianos ao lado de grez sem fosseis. E' o que se observa no Paraná, em Sancta Catharina e no Rio Grande do Sul.

Os dous chapadões do Paraná e do Amazonas constam em geral de camadas horizontaes ou quasi horizontaes de schistos argilosos, calcareos e de grez pertencentes aos periodos devoniano e carbonifero. No chapadão do S. Francisco, como refere O. Derby, apparecem tres camadas formadoras: a primeira representada por grez duro, schistos argilosos e elementos calcareos, talvez dos tempos primarios; a segunda formada por estratos horizontaes de schisto argiloso e grez (taboleiros a Oeste do S. Francisco), sem fosseis, opinando o alludido geologo pela sua classificação no permiano; a terceira constituida com o mesmo grez e schistos argilosos, mas com fosseis do cretaceo.

Existem pois ahi provas inequivocas da concurrencia de elementos saliferos.

Varios ponctos do planalto assignalam os tempos terciarios; no centro de Minas, no Nordeste de S. Paulo foram encontrados pequenos depositos de agua doce muitas vezes contendo lignitos.

Characterizam a epocha quaternaria sedimentos lacustres e fluviaes e tambem uma camada terrosa sub-aeria. Quanto ao chamado «periodo glaciario» ainda não está provado que se tivesse feito sentir em nosso paiz.

O illustre physiographo austriaco, acceitando as opiniões de O. Derby a respeito da depressão amazonica, opina por considerar todo o fundo da mesma como constituido por formações cretaceas; no secundario a bacia do rio-mar teria sido representada por extenso golpho oceanico rodeado de elementos paleozoicos.

Na verdade são encontradas na depressão rochas pertencentes

ao siluriano inferior, ás quaes se podem attribuir as corredeiras que apresentam os rios da vertente Sul do Amazonas; depositos do siluriano superior e finalmente elementos carboniferos de consideravel extensão. As terras baixas da depressão datam do pleistoceno, talvez mesmo do plioceno.

A Norte começam as terras altas do massiço guianense, em que egualmente deparamos com as provas evidentes de sua existencia remotissima. São ahi numerosas as rochas archeanas, como o granito. Do Orinoco em deante, em direcção á cadeia maritima venezuelana, esta constituição dos terrenos soffre algumas alterações.

A depressão do Paraguai apresenta formações dos tempos terciarios e quaternarios, além da co-existencia ahi de cabeços isolados, cujos materiaes são os mesmos do planalto brasileiro; para o Oeste e mesmo o Sudoeste as elevações accusam a presença de rochas archeanas, como aliás o attestam as serranias pampeanas de Tandil e Ventana, onde apparecem o granito, o gneiss e quartzitos.

Na zona do littoral estão localizados numerosos depositos arenaceos, rochas cretaceas e sedimentos terciarios, talvez em muitos ponctos de origem marinha.

Constituem esses mesmos depositos chapadas, que não excedem uma altura de 100 metros.

Os depositos cretaceos acham-se localizados sobretudo na zona, que do Rio de Janeiro se extende para o Norte; são ricos em fosseis de repteis e peixes.

Ainda characterizam o littoral grandes depositos lacustres, entre os quaes sobresaem os dos Estados do Rio e de Alagôas, e montes em geral desnudados, acanhados quanto á elevação e que se prendem ao massiço central.

Não nos parece inutil dizer algumas palavras a respeito dos fosseis encontrados na America do Sul, e principalmente no Brasil, pois seu estudo é indispensavel em qualquer trabalho sôbre Physiographia, dadas as relações intimas existentes entre elles e os materiaes que formam o arcabouço do nosso globo. Para esta nossa exposição de grande valor serão sem duvida os subsidios por nós

hauridos de um excellente artigo da lavra do dr. Manuel Bomfim e publicado na revista *Os Annaes.*

A constituição do continente de Gondwana e o seu posterior esphacelamento dão cabal explicação á permanencia na America do Sul de certos typos zoologicos, que em outras partes do globo já haviam sido eliminadas pelas fórmas superiores. Assim nos tempos terciarios, ao lado dos *didelpho-marsupiaes* ou *metatherianos* estudados por Ameghino *(eodidelphos, prodidelphos),* começava a evoluir typo superior, os *placentarios,* representado por *desdentados* como o *Megatherium*, gravigrado gigantesco de corpanzil excedente ao rhinoceronte, pesado ao andar, massiço, vegetariano e de costumes analogos aos da nossa preguiça; o *mylodonte*, de proporções menores; o *glyptodonte,* enorme, com o corpo revestido de placas corneas polygonaes; *perissodactylos,* como os *macrauchenideos* e *letanotherideos,* cujos esqueletos lembram os da anta e do cavallo; *toxodontes,* roedores de proporções excessivas e dos quaes os maiores, os *Megamys*, excediam em tamanho o rhinoceronte actual, etc.

Permaneceram assim essas especies até que a ligação das duas massas continentaes, constituindo um só todo, a America, veiu provocar uma dupla corrente emigratoria parallela, mas contrária quanto á direcção.

Resultou d'ahi a lucta e fusão dos differentes typos e como consequencia final o desapparecimento de uns e conservação de outros, isto no correr do pleistoceno. E' fora de dúvida que as perturbações climaticas, que characterizam este periodo, muito contribuiram para tal desenlace. Resta-nos agora alludir aos simios, dos quaes existem no estado fossil exemplares de *prosimios* ou *lemurianos* e *simios* propriamente dictos como os *arctopithecos,* cujos descendentes habitam ainda as nossas florestas, os *platyrrhineos*, etc. Não concluiremos sem citar observação justissima do dr. Manuel Bomfim, e é que possuindo o Brasil marsupiaes, desdentados e simios inferiores, apenas são encontrados aquelles na Australia e os demais na Africa Central e Austral e na grande ilha de Madagascar, sendo para notar que os desdentados se acham

localizados no extremo meridional do continente negro. Mais uma vez essas diversas especies de animaes pelo seu *habitat* vêm confirmar a existencia daquelle continente de Gondwana, de que nos fala Suess, ou do todo *brasilio-ethiopico* de Neumayer, contemporaneo dos fins do jurassico.

COSTAS E ILHAS DO BRASIL

Para maior methodo na descripção do littoral brasileiro parece-nos de alguma utilidade fazer certas considerações acerca das directrizes, que apresenta, como tambem dizer algo a respeito dos elementos geologicos que encerra.

Dos confins da Guiana franceza ao cabo de S. Roque (Rio Grande do Norte) o contôrno continental apresenta-se transversal ao massiço central, mas, a partir do alludido promontorio, para o Sul, obedece elle ao desenvolvimento successivo das serranias. Em tão grande extensão offerece a costa, como pondera O. Derby, em relação ao curso dos principaes rios do paiz, dispositivo curioso como deixamos ver. Assim notará o observador que o S. Francisco correndo de S. W. para N. E. e o Paraná levando as suas aguas por direcção opposta accusam rigoroso parallelismo com o littoral. Accresce mais que essas duas caudaes deslisam por um mesmo plano longitudinal, porém em sentido inverso, disposição apresentada por varios rios do Velho Continente, como o ndo e Brahmaputra, o Rheno e o Rhodano, etc.

Este mesmo facto ainda no-lo fornece o nosso proprio territorio com o Tocantins, cujas aguas contravertem com as do Corumbá, que pertence á bacia do Paraná.

Do Oiapok ao cabo de S. Roque a presença de terrenos alluvionarios recentes é quasi ininterrupta, existindo depositos dos mesmos elementos mais a Sul e notadamente na Bahia, no Espirito Sancto, no Estado do Rio e no Rio Grande do Sul.

Apparecem ahi tambem elementos do cretaceo e do archeano, este ultimo principalmente do Rio de Janeiro para o Sul.

Duas grandes directrizes geraes possue o littoral brasileiro: a primeira orientada do N. W. para S. E, da foz do Oiapok ao

cabo de S. Roque; a segunda obedecendo ao rumo N. N. E. — S. S. W, do cabo de S. Agostinho á emboccadura do Chui.

E'obvio ser cada uma dessas duas grandes secções susceptivel de fraccionamento em trechos, cujas directrizes ainda assim oscillarão entre os limites extremos acima indicados, havendo alguns com sinuosidades de raio muito accentuado, como por exemplo succede com a porção da costa comprehendida entre os cabos Frio e Sta. Martha-grande. Neste trecho foge o littoral para Oeste em curvatura bem pronunciada, a poncto de formar verdadeiro golpho.

Consideremos agora a costa mais de perto.

Do cabo Orange á foz do Gurupi é baixo o littoral, pois que apenas é avistado a 24 kilometros de distancia, arenoso, alagadiço, sem nenhuma firmeza ou permanencia do modelado. Recortado por innumeros canaletes e furos, rendilhado de ilhotas muitas vezes ephemeras, é elle o theatro da lucta perenne travada entre as aguas dos rios e as ondas do mar. Cada maré inunda as terras baixas, quando na enchente, para depois com o refluxo deixa-las em sècco. Nesse trabalho successivo e incessante, nesse acto diario sai ferido o elemento solido e vê suas particulas desagregadas desapparecer, arrastadas pelas correntes, ao mesmo tempo que a sua vegetação primitiva definha e é substituida pelos mangues, que aos poucos tudo avassallam.

Enorme hiato abre na costa o *Rio-mar,* com as suas 180 milhas de emboccadura, do cabo Norte á ponta Tijoca. As innumeras ilhas ahi existentes têm os seus dias contados, tragadas que hão de ser pelo mar.

Do Amazonas para SE até á foz do Gurupi, corre sempre baixo o littoral, rico em medões de areia, sem chanfraduras de nota, si exceptuarmos as bahias de Priá-Ungá e Caeté.

Do Gurupi á bahia de S. Marcos segue a costa na sua direcção uniforme de SE, descrevendo ligeiras curvas em que apparecem já angras e pequenas bahias, desaguadouros habituaes de rios (Cumá, Turiassú etc.); mostra-se mais accentuado o relêvo, por que alèm dos medões existem ahi elevações com algum

arvoredo. Não longe da praia e em disposição pararallela á mesma correm ilhas baixas (Archipelago de S. João) rodeadas de bancos de areia, o que lhes torna difficil o accesso.

E' do morro do Itacolomi em deante que o littoral, accusando funda sinuosidade, forma verdadeiro golpho, que a ilha de S. Luiz divide em duas partes distinctas. A chanfradura mais oriental é fechada pela ilha de Sanct-Anna, que canal tortuoso e estreito, mas ainda assim navegavel, separa da terra firme.

A presença ahi dos desaguadouros dos rios Mearim e Itapicurú nas bahias de S. Marcos e S. José mostra bem, como o assignala Reclus, a inteira similhança que ao hiato maranhense empresta o do Amazonas, pois ahi se desenrola o phenomeno das *pororocas* com o seu incessante solapar das terras continentaes. Para deante se desdobra a costa por perto de 100 milhas até o delta do Parnahiba, sempre monotona em sua uniformidade, dividida pelo rio Preguiças em duas secções, que receberam o nome local de Lençóes Grandes e Pequenos, sem dúvida por causa das extensas camadas de areia que os cobrem.

São characteristicos do delta do grande rio piauhiense seis boccas e tres canaes principaes. O mais occidental tem o nome de *Tutoya*, e o mais oriental o de *Iguarassú*. Constituido pelos accrescimos alluvionarios, que incessantemente lhe trazem as aguas do caudal, é o delta parnahibano contraste flagrante com o regime dos demais rios do Norte, onde o estuario predomina, isto é, o recúo das terras deante do assalto contínuo das ondas do mar.

A existencia de bancos de areia difficulta bastante a navegação dessas boccas, das quaes é a da Tutoia a mais accessivel.

Do Parnahiba á ponta do Touro não existe chanfradura merecedora de registo, apenas quebrando a linha da costa a foz de rios de somenos importancia. E' esta parte do littoral muito arida e arenosa.

Saldanha da Gama em estudo feito sôbre as costas do Brasil allude a phenomeno curioso, que ahi se observa em relação ás margens dos rios: assim, enquanto a ribanceira esquerda se

mostra coberta de vegetação, já não succede o mesmo com a opposta, sempre esteril e inçada de dunas.

Similhantemente os medões ingremes pelo lado oriental offerecem declive suave na sua encosta occidental.

A razão de tal phenomeno reside na natureza dos ventos reinantes, que sopram do quadrante de Leste.

Sob sua acção as areias, caminhando para W, se accumulam nas ribanceiras orientaes, caïndo o seu excesso nos rios.

A correnteza destes, arrastando estas areias para o mar, concorre poderosamente para a formação de extensos bancos, extraordinariamente prejudiciaes á navegação.

Da ponta do Touro ao S. Francisco a costa se subdivide em duas secções distinctas, comprehendidas, a primeira entre essa mesma ponta do Touro e a das Pedras, ao Norte de Olinda, e a segunda dahi em deante, até á foz do S. Francisco. A direcção geral oscilla entre S. e E. para aquella, e entre S. e W. para esta, notando-se que de Pernambuco para o S. segue o rumo de S. S. W.

Na primeira secção corre a costa uniforme, com medões de 15^m a 20^m de altura e despidos de vegetação quasi sempre, sem chanfradura de nota, pobre em rios, apenas salvando-se o Rio Grande do Norte e o Parahiba com o seu estuario; em terras pernambucanas accentuam-se os accidentes de terreno, onde tambem se mostra mais desenvolvida a vegetação. Neste trecho das costas ficam dous promontorios arenosos e de pequena elevação, os denominados cabos de S. Roque e Branco, este ultimo merecedor do epitheto por causa de sua côr alvinitente. Na segunda parte do trecho o relêvo das costas é mais acuusado, ainda que relativamente baixo, de perfil quasi uniforme, sem cabos ou pontas de importancia e tambem sem sinuosidade de vulto.

Apenas será conveniente citar o cabo de Sancto Agostinho e os portos de Pernambuco e Maceió.

Do Maranhão para o Sul, até á foz do S. Francisco, não existem ilhas costeiras, dignas de menção, apenas constituindo excepção a de Itamaracá, a N. de Olinda, cosida em extremo á costa. Neste poncto um phenomeno natural curioso, e já manifesto no trecho se-

ptentrional, aqui se evidencia melhor : consiste elle em uma barreira rochea fragmentada, por vezes erguida acima do nivel das aguas oceanicas, e cuja direcção obedece a um parallelismo quasi constante com a terra firme.

Estes recifes, que se devem prolongar com toda a probabilidade, do Rio Grande do Norte até á foz do Amazonas, extendem-se para o Sul até o Espirito-Sancto ; releva porém notar que o trecho mais estudado e conhecido é comprehendido entre a Bahia e o Ceará. Varios geologos ahi fizeram pesquisas, desde Agassiz até o dr. Branner, sem fallar de Darwin e Hartt.

Em resumo, pelos estudos feitos se podem repartir esses recifes no tocante á sua constituição em duas categorias : alguns são devidos ao trabalho incessante dos polypos, e outros a formações de grez.

A opinião do dr. Branner a respeito desses ultimos é que elles podem ser considerados como antigas praias solidificadas, o que já era aliás a hypothese formulada por Hartt, e em que representou papel saliente o carbonato de calcio. A rocha endurecida do recife não excede uma espessura de 4^{m}, sendo as materias subjacentes constituidas por conchas, argillas e areias em successão irregular.

Estudando os recifes coralligenos dos Abrolhos, das Rocas e e de outros ponctos, observa o mesmo geologo a existencia nelles de grande aberturas, que em geral coincidem com a foz dos rios costeiros. Em regra geral descansam sôbre a depressão continental. São de pequena espessura, com uma largura maxima de 50^{m}, dimensão esta que cresce na parte continuamente submersa, acima desses escolhos.

A Leste do Cabo de S. Roque, em pleno Atlantico, fica o *atoll* das Rocas, que se ergue dos abysmos oceanicos. De constituição classica, encerra elle uma laguna de perto de 10 kilometros de circunferencia.

Alguns desses recifes são de natureza composta, isto é, constam de uma base de grez encimada por depositos coralligenos. Cumpre no entanto observar que em outros a disposição dos elementos componentes é absolutamente opposta, pois, rochas de coral foram

encontradas sepultadas em camadas de grés. Em certos ponctos alcançaram altura esses escolhos, de modo a constituirem barreira opposta ás ondas vindas do largo; ficam assim mais calmas as aguas do canal encerrado entre o recife e a terra, canal procurado a miúdo pelas embarcações, como succede com o de S. Roque, em frente ao cabo de egual nome. Em outros logares a barreira se approxima do littoral o sufficiente para constituir dest'arte um verdadeiro porto, como se dá em Pernambuco onde formaram os escolhos verdadeiro quebra-mar natural.

A edade geologica desses recifes, que cobrem uma extensão de mais de 1.000 milhas em direcção quasi rectilinea, parece remontar ao terciario, sendo provavelmente a depressão em que assentam contemporanea do inicio do plioceno.

Do S. Francisco ao Cabo Frio se pode dizer que o littoral duas vezes muda de direcção; a principio corre para S.W. para mais tarde tender para a direcção N.S, sendo que é a partir da emboccadura do Doce que elle começa a fugir para o Occidente, desenhando curva pronunciada. Já avultam ahi as chanfraduras e angras a par do accidentado do terreno; demora ahi a chamada Bahia de *Todos os Sanctos*, no Estado da Bahia, que mais merecia o nome de golpho. Com a fórma de uma semi-ellipse, aprofunda-se pelas terras por mais de 50 milhas para o Norte, tendo por vezes largura superior a um terço de sua extensão. Dominada em sua parte septentrional pela lingua de terra denominada cabo de Sancto Antonio, é fechada pela grande ilha de Itaparica, que fórma com o continente duas barras: a do Norte, mais ampla e frequentada, e a do Sul, verdadeiro canal tortuoso, pouco navegavel, mais conhecido por *barra do Jaguaripe*. Rica em ilhas e ilhotas conta entre outras as da Maré, Madre de Deus, do Frade, etc. Desaguam ahi varios rios, entre os quaes se avantaja o Paraguassú, infelizmente apenas navegavel em pequeno trecho de seu curso.

Até á emboccadura do Doce segue quasi rectilineo o littoral, abundante em abras e portos, com muitos rios, alguns até de importancia como o Contas, o Pardo ou Patipe, o Jequitinhonha, o Mucuri, o S. Matheus e o alludido Doce, além de outros de so-

menos valor como o Una, o dos Ilhéos, o Itanhaém, o Canavieiras, etc. E' principalmente em territorio bahiano que ficam essas chanfraduras e barras, a que acima alludimos. Entre ellas convém citar as de Camamú, Ilhéos, Canavieiras, Sancta Cruz e Porto-Seguro, de valor historico. Não longe da barra do Traminuam ficam os parceis dos Itacolumis, agrupamento de depositos coralligenos extendidos parallelamente ao littoral por perto de 7 milhas. Já não se mostra a costa inteiramente despida de vegetação, quebrando-lhe, além desta, a monotonia, pequenas serras de 500 a 600 metros de altura por vezes vizinhas do mar. Dos cabeços que ahi existem é notavel o chamado « Monte Paschoal », de fórma conica, assim denominado por Cabral, sendo a primeira terra brasileira por elle descortinada. De Itacolomis para o Sul torna-se baixa a costa, uniforme no traçado, ainda assim orlada de escolhos, dos quaes é o mais notavel o dos *Abrolhos*.

Compete esta denominação a quatro ilhas graniticas, circundadas de outros recifes e cachopos, que com as mesmas formam verdadeiro archipelago annular com perto de 100 kilometros quadrados de superficie. De formação coralligena, a sua approximação é perigosa para os navegantes. A N. W. dos Abrolhos demora outro parcel denominado das « Paredes » pelos Portuguezes.

Entre os Abrolhos e o continente existe um canal de navegação franca e cuja largura varia de uma para duas leguas. São aridas e estereis estas ilhas e desprovidas d'agua doce, salvo na mais septentrional, onde existem tenues veias do precioso liquido.

Do rio Doce por deante não offerece o littoral chanfraduras de importancia, baixo e alagadiço que é, constellado de lagôas algumas de superficie regular como a de Jacamin ; apenas convém distinguir a pittoresca e ampla bahia da *Victoria* ou melhor do *Espirito-Sancto*, apertada entre as terras continentaes e a ilha, onde se acha a capital do Estado, e que está separada da terra firme por um estreito canal o «Maruipe», mais conhecido por « Passagem ». Extenso canal conduz da bahia para uma abra, protegida do lado do mar pelas duas ilhas do Frade e do Boi.

Dahi ao cabo de S. Thomé a costa se torna mais acciden-

tada, com montanhas de altura regular até á fóz do Parahiba, interrompendo-lhe o relêvo o golpho de Guarapari, a bahia de Benevente, e as barras de rios como o Itabapuana.

Da fóz do grande rio fluminense até á ponta dos Buzios de novo apparecem os terrenos baixos e pantanosos, constituindo-se verdadeira região lacustre com as lagôas das Bananeiras, Salgada, Feia, Carapebús, Imboacica, etc. De bellissimo aspecto, a lagôa Feia apenas merece este appellido por causa da violencia de suas ondas, quando levantadas as aguas pelo vento. Dividida em duas partes por uma peninsula é de todas a maior, pois attinge a sua superficie cêrca de 400 kilometros quadrados. Recebe rios de vulto, entre os quaes o Macabú e o Ururahi.

Quanto aos rios oceanicos neste trecho apenas ha para citar o Macahé e o S. João, descidos das fraldas da Serra do Mar.

Dos Buzios ao Cabo Frio, a costa muda de direcção, apresentando maior rendilhado e diversidade no terreno. E' o Cabo Frio promontorio, que fica em uma ilha proxima ao continente, bastante escarpado, alcançando cêrca de 400 metros acima do nivel do mar. Correndo francamente para W. vai a costa até alcançar o monte da Marambaia, mas dahi até á ponta do Cairuçu (nas vizinhanças do territorio paulista) offerece accentuada curvatura cheia de abras e angras, inçada de cabos e promontorios.

Detenhamo-nos porém um momento neste trecho, que vai do Cabo Frio á bahia do Rio de Janeiro. Fórma ahi o littoral estreita faixa de terras, arenosas e estereis, que do mar é separada por verdadeiro cordão de lagunas, entre as quaes se avantajam as de Araruaama, Saquarema, Maricá ; da ponta Negra para o Sul torna-se accidentado o terreno sulcado por pequenas ramificações da escarpa oriental do planalto, constituidas por massas graniticas quasi sempre alcantiladas, sem que contudo com isto soffra o seu aspecto em geral pittoresco. Da ponta do Itaipú para W. foge a fimbria das terras formando a « maravilhosa » bahia de Niteroi, que aliás bem merece seu nome, verdadeiro lago « escondido » recamado de ilhas, recortadas as suas margens, mil angras além de bahias espaçosas como as de Jurujuba e da Armação no rebordo oriental, cor-

respondidas pelas de Botafogo e do Sacco do Cajú na face opposta.

Muitas ilhas possue a bahia, algumas de superficie regular, outras menores, quasi todas situadas a pouca distancia do littoral. Excede ás mais a do « Governador, » ou « Maracajá » accidentada e de contornos caprichosos. Entre as outras convém citar as do Engenho, Sancta Cruz, Conceição, Paquetá, das Enxadas, das Cobras, Villegaignon e Lage, eminencia rochea onde se ergue um forte, na entrada da barra, que divide em duas entradas, das quaes é mais frequentada a septentrional, que dá accesso a navios de todo o calado. Ampla é a superficie da Guanabára, pois se approxima de 400 kilometros quadr.

Prolongam o littoral do Rio para o Sul terras baixas, de que muito se não afasta o massiço montanhoso do Estado do Rio, obedecendo a uma curva que vai terminar na altura da ilha Grande. Convém ahi lembrar que a verdadeira directriz da costa não parece ser dada pela terra firme, e sim por uma linha que seguindo a principio a « Restinga da Marambaia » fosse prolongada até á ilha Grande e dahi por deante até á ponta do Cairuçu.

Avultam neste trecho as angras e enseadas, os promontorios e pontas que lhe emprestam um rendilhado, cuja direcção geral se traduz por curva accentuada, que encerra em seu bojo bella bahia dominada por terras altas e fechada em parte pela alludida ilha Grande, montanhosa e pittoresca, de valor estrategico desnecessario de encarecer. E' á esta porção de aguas oceanicas apertadas entre terras que dão alguns o nome de « golpho de Parati » de grande importancia commercial e destinado a promissor futuro.

Do promontorio do Cairuçu ao cabo de Sancta Martha corre a costa com perfil irregular, abundante em portos e angras, accidentada, alcantilada por vezes, ficando quasi sempre á vista as elevações da Serra do Mar. Em regra geral a estreita faixa de terras, premida entre as aguas do mar e a Cordilheira costeira, é constituida por depositos marinhos onde avultam os banhados e paúes. De Santos para o Sul é notavel o contraste do littoral com o trecho comprehendido entre esta cidade e os raias fluminenses,

porque, si os alcantis ahi se mostram frequentes como tambem a existencia perto da costa de ilhas (a de S. Sebastião, por exemplo) e ilheus, já da barra da Bertioga até S. Martha, ou melhor até os limites extremos do Brasil, o perfil se torna mais uniforme, a pouca elevação do terreno mais accentuada, não sendo rara a intromissão do mar pelas terras sedimentosas, attestada pela existencia ahi de lagôas e alagadiços.

O grande geographo francez Reclus, referindo-se a esta parte da costa do nosso paiz, aponta a inconsistencia de seu modelado perennemente modificado pela acção das terras e das aguas, submettido que é a uma força de realçamento excessivamente lenta, porém indiscutivel. Nesta enorme extensão, que corresponde á segunda secção do grande arco da curvatura, cujos extremos são os cabos Frio e S. Martha Grande, duas chanfraduras de monta existem : a bahia de Santos e a de Paranaguá, similhante á do Rio de Janeiro, ambas cercadas de paúes e mangues, de terras baixas e lodosas e cobertas por vegetação characteristica. Entre essas duas reentrancias ha uma especie de braço de mar separado do oceano por terras arenosas de fraca elevação e a que dão o nome de «Mar Pequeno de Iguape».

De Paranaguá até Sta. Martha vae se acanhando a zona littoral, havendo ponctos em que contrafortes da escarpa do planalto se prolongam para Léste até mergulharem no mar; com estas terras alcantiladas alternam faixas de terrenos alagadiços e pantanosos, ostentando vegetação rasteira.

Não ha para notar ahi enseada de importancia, com excepção do canal que dá communicação com a lagôa, em cuja margem oriental se acha situada a cidade da Laguna. A Norte, em aguas tambem catharinenses, fica a ilha montanhosa de S. Francisco, separada do continente por braço de mar, cujas entradas septentrional e meridional são respectivamente denominadas «canal de Babitonga ou S. Francisco» e «rio Aracari». Ahi deixou a natureza amplo ancoradouro, excellente sob os ponctos de vista commercia e militar, dadas as grandes vantagens que offerece. Pouco abaixo demora outra ilha costeira, pittoresca pelo relêvo do terreno, de

natureza granitica, a de Sta. Catharina, que estreito canal isola da terra firme. O estudo dessas duas ilhas e da costa, que lhes é fronteira, leva a crer que o seu delineamento de Léste representa o verdadeiro perfil do littoral. Por outro lado, a pouca profundidade dos canaes de separação, tomando-se em consideração a hypothese do solevamento quasi insensivel da costa meridional do Brasil, auctoriza a acceitar num futuro relativamente não muito remoto a soldadura de S. Francisco e de Sta. Catharina com o continente.

Com effeito, bastaria um exalçamento de alguns metros para que tal phenomeno se realizasse.

De Sta. Martha ao arroio Chui segue o littoral invariavelmente na direcção de S W., sem chanfradura accentuada, salvo a reentrancia das « Torres » e a solução de continuidade provocada pela barra do canal impropriamente chamado de « Rio Grande» escoadouro das aguas da Lagôa dos Patos. De formação oceanica, não apresenta por assim dizer a costa vegetação, orlada que está de medões de monotonia desoladora, ou recortada de lagunas que se seguem, quasi de modo ininterrupto, do cabo de Sta. Martha por deante. Citando apenas como nomenclatura as de Tubarão, Sombria, da Fortaleza, convém fazer especial menção das tres mais meridionaes: Patos, Mirim, e Mangueira.

A primeira é separada do oceano por estreita faixa arenosa abundante em dunas, despida de vegetação, quasi deshabitada, com varios depositos naturaes de agua doce ou salobra, characteristica aliás deste trecho extremo do littoral brasileiro. A lagôa orientada de N E. para S W., isto é, em parallelismo com a costa apresenta uma largura média de quatro leguas por comprimento dez vezes maior. Tem pouca profundidade, além de a obstruirem muitos bancos de areia que ahi se formam, mercê da acção dos rios cujas aguas ahi vão ter.

Communica a dos Patos com a Mirim pelo canal erroneamente chamado rio de S. Gonçalo. E'esta ultima lagôa de dimensões menores (25 leguas por 6 na maior largura) muito piscosa e navegavel por pequenas embarcações. De permeio entre ella e o mar

demora a da Mangueira, de pouquissima largura, sendo o seu desaguadouro para o oceano o arroio Tahi.

Diversos nomes receberam as flechas arenosas, que ficam entre esses depositos lacustres e o mar; assim o trecho comprehendido entre a lagôa de S. Simão e a barra do Rio Grande recebeu as denominações de « Pernambuco » e « Praia do Estreito», ao passo que a secção seguinte da costa até o Chui é conhecida por Albardão », provavelmente em virtude de sua configuração.

AS ILHAS

Por dous grupos se podem repartir as ilhas brasileiras:

a) Ilhas oceanicas.

b) Ilhas costeiras.

Em importancia excedem sobremodo estas áquellas, já pelo seu numero, já pelo seu proprio valor. Ao demais fizemos, quando tractámos da descripção da costa, referencias a algumas, pelo que pouco teremos que accrescentar ao estabelecido.

Consideremos as primeiras.

Além do *atoll* coralligeno das Rocas apenas existem em pleno oceano tres ilhas pertencentes ao Brasil. São ellas: Fernando de Noronha, Martim Vaz e Trindade.

FERNANDO DE NORONHA

Tracta-se na realidade de um grupo de ilhas composto de uma ilha central cercada de outras menores. Demora a 75 leguas E N E. do cabo de S. Roque. E' Fernando de Noronha de constituição vulcanica, como o attestam as rochas basalticas e os phonolithos alli existentes. Constituem ainda characteristicos da ilha dunas de areia e grandes camadas de argila avermelhadas. De relêvo accidentado, possue um outeiro denominado « pico » ou « pyramide » de perto de 300 metros de altura. Muito chanfrado é o littoral de Fernando de Noronha orlado de penedias alcantiladas.

Na direcção da linha-eixo da ilha (S W — N E) ficam outras ilhotas como a Rata, a de S. Miguel, a da Plataforma etc.

Possue algumas nascentes d'agua, mas o regime das chuvas além de irregular é muito escasso. Tem alto valor estrategico.

MARTIM VAZ

Demora 50 kilometros a Leste da ilha da Trindade. Consiste em um grupo de tres ilhotas com 5 pontas emergentes, saiencias a descoberto dos isthmos rocheos, que as ligam umas ás outras.

TRINDADE

Foi descoberta pelo navegante portuguez Tristão da Cunha no dia da Ascenção e por isso algumas vezes assim denominada. Fica a 18 leguas a Leste da costa do Espirito Sancto. Montanhosa em seu conjuncto e de approximação difficil, já pelos muitos escolhos que a cercam e já pela natureza alcantilada do littoral que poucas praias conta, é a Trindade arida, desprovida de agua perenne, e falha de recursos. Existe a S E. uma enseada, a unica da ilha, onde podem atracar embarcações com mar calmo. Encontram-se ahi formações de coraes, sendo provavel não differir muito a sua constituição geologica da de Fernando de Noronha.

Conta alguns picos, dos quaes mede o maior approximadamente 2000 pés, lembrando a móle de pedra, que fica á entrada da bahia do Rio (Pão de Assucar).

No extremo meridional da Trindade fica enorme rochedo, em que abriram as aguas oceanicas extenso tunnel de 400 pés.

Das ilhas costeiras já vimos algumas, pelo que deixaremos de fazer a sua menção. Resta no entanto tractarmos de outras de valor, como seja por exemplo a de «Marajó ou Joanes», de todas a maior. As investigações de Bates corroboradas por outras observações de

viajantes e exploradores tendem a provar que não é ella sinão nesga do continente, do qual é separada pelos caudalosos Amazonas e Pará e por canaes como o Tagipurù. Como as suas ermãs, a «Mexiana» e «Caviana», é Marajó formada de grez e não por depositos alluviaes, com excepção da parte occidental. E' baixa, pantanosa, com bôa rêde hydrographica e lacustre (lagôas Arari e Atuan), sendo o seu nivel acima das aguas que a cercam pouco accentuado. A sua superficie excede á da Suissa, pelo que póde ser considerada como a maior ilha da America do Sul.

Caminhando para o Sul existem no golpho, onde desagúam o Mearim e o Itapicurú, as duas ilhas de «S. Luiz» e «Sancta» Anna, á cuja formação assistiram as mesmas causas que concorreram para as suas ermãs do estuario amazonense.

Na costa de Pernambuco, apenas separada do continente por um galho do «Iguaraçù», fica a ilha «Itamaracá», cuja constituição geologica não differe da do continente. Sua superficie não excede 90 kmq.

Ao Sul da bahia do Rio de Janeiro fica a «ilha «Grande» de relèvo accidentado, notavel pelas chanfraduras do littoral, bem abrigada, abundante em aguas, fertil e ainda possuidora de mattas.

Fecha o golpho de Angra pelo lado de Leste, protegendo a cidade e o seu ancoradouro dos ventos do largo.

Mais distante ainda e separada do continente por canal relativamente estreito fica a ilha de « S. Sebastião » similhante á «Grande», e como esta terminando o seu extremo meridional por duas peninsulas de recorte bem pronunciado. E' montanhosa S. Sebastião e apresenta um pico de 1.300 metros.

No interior do continente existem, sob o nome de «ilhas», vastas extensões territoriaes encravadas entre os braços de dous rios ou de uma mesma caudal. Pertencem a essa categoria a ilha de « Sancta Anna do Bananal, entre dous galhos do Araguaia; a de Tupinambaranas no Amazonas e a de « D. Pedro 2°, » cuja metade septentrional é venezuelana, e se acha circunscripta pelos rios «Guaimá», Negro», «Baria» e «Cassiquiare».

O OROGRAPHIA BRASILICA

O MASSIÇO GUIANENSE

O numero relativamente diminuto dos exploradores dessa região difficulta o seu estudo, que por isso se torna até certo poncto deficiente; ainda assim, embora sejam escassas as informações colhidas, sempre será possivel ter-se um conhecimento geral dessas terras altas, que demoram entre os lhanos do Orinoco e a vasta depressão amazonica.

O estudo geologico do massiço feito em varios ponctos de sua extensão já permitte adeantar alguma cousa a respeito de sua constituição. Assim, pesquisas feitas na confluencia do rio Caroni com o Orinoco e tambem nas elevações que o cortam de Leste para Oeste assignalam a existencia de rochas archeanas. Vélain, traçando o esbôço dos terrenos desta região, mostrou a presença ininterrupta ahi de rochas primitivas egualmente dispostas do Oriente para o Occidente.

Além do granito ha grandes massas de grez na constituição do massiço, avolumando-se a presença deste ultimo na sua secção occidental, isto é, no valle do Orinoco superior e no trecho inicial dos rios Negro e Branco, tributarios do Amazonas. A formação desses bancos de rochas primitivas é a causa determinadora das muitas cachoeiras e corredeiras dos rios dessa zona, como aliás succede com os tributarios da depressão amazonica descidos do massiço central brasileiro.

Em regra geral o grez affecta a forma de camadas horizontaes por vezes fragmentadas, si bem que em certos logares constitua elle verdadeiro revestimento de massas graniticas.

Exemplo typico desse segundo aspecto é o monte « Roraima » cuja altitude excede 2000 metros (exactamente 2286 metros). Situado no angulo de Nordeste da serra de Paracaima é elle, na phrase de Lapparent, «enorme bloco de grez roseo quadrangular, de paredes verticaes, descançando sôbre pedestal de granito ». Como os outros

picos seus ermãos do planalto guianense é elle montanha de aspecto tabular, recordando dest'arte as formas do Marima, do Kukenam e do Karawai.

No extremo occidental do massiço a transição para as terras altas andinas não se faria sentir, por assim dizer, si não existisse ahi o valle do Orinoco. Esse rio e o systema fluvial do Negro — Amazonas com o seu cordão umbilical, e curioso canal aberto entre os dous valles pela natureza, o célebre « Cassiquiare », concorrem para transformar o massiço guianense em ilha gigantesca, cujas costas orientaes são batidas pelas ondas do Atlantico.

Em epocha remotissima essas terras altas, que já deviam estar emergidas provavelmente nos fins da era mesozoica, constituiam enorme massa insular cercada a Sul e Norte pelas aguas oceanicas, e especialmente pelas do mediterraneo amazonico.

Mais tarde successivas alterações da crosta terrestre transformaram os mares terciarios d'ahi em extensas bacias de dous poderosos rios, pela acção mechanica das alluviões, que aos poucos iam sendo alli depositadas.

Entre o nucleo montanhoso e o mar extende-se a zona dos terrenos alluvionarios constituidos por elementos desagregados das rochas de grez corroïdas pelas aguas das chuvas ou pelas correntes, por sedimentos argilosos impregnados de depositos salinos e, finalmente, por detritos vegetaes.

Tal mixtura de elementos tão diversos determinou a formação de terreno de extraordinaria feracidade, manifestada por vegetação em extremo luxuriante.

Na margem direita da grande arteria venezuelana, no seu trecho superior, apparece tambem o lençol de grez, como o attesta o cerro «Duida» com 2.274 metros de alto, não longe do Esmeralda e do pico Ferdinando de Lesseps, onde demoram as cabeceiras do «soberbo Orinoco», conforme demonstram as pesquisas e explorações do seu descobridor, o viajante francez Chaffanjon (1886).

Do massiço central se destacam varios contrafortes orientados em direcções oppostas, achando-se contidos os da vertente sep-

tentrional na immensa fivela, que o mesmo Orinoco desenha em seu curso. Essas cadeias secundarias, ainda que não offereçam character algum eruptivo, affectam fórmas que lembram certas montanhas de origem vulcanica; assim, não poucas vezes se acham dispostas circularmente, evocando tal disposição immensos circos conhecidos pelos naturaes do paiz pelo nome de «potreros».

A Sul do massiço, os contrafortes que em geral correm para S. W. vão diminuindo gradualmente de altitude, á medida que se approximam do valle amazonico. Para conseguir passagem por entre taes massas graniticas, tiveram os rios Negro e Uaupés que obedecer ao regime das corredeiras e cachoeiras, que ahi apparecem com bastante frequencia.

Existem nessa parte da bacia do Amazonas alguns picos com regular altitude, como o « Curicuriari » (cêrca de 1000 metros segundo Reclus) e, mais a Leste, o « Carauma » na região do alto Rio Branco, de curso frequentemente interrompido por saltos e quédas.

Manifesta-se o mesmo phenomeno na vertente septentrional com o alto Orinoco. Até o Cassiquiare quebram a normalidade do declive innumeras corredeiras ou « raudales », mas a partir daquelle canal, salvo o apparecimento de alguns rapidos, que surgem isolados, apresenta a caudal os characteres de um rio de planicie.

E' sobremodo interessante observar ahi o contraste das duas margens do Orinoco : ao passo que a da direita limita região de relêvo accentuado, de perfil montanhoso, a opposta confina com extensissima planicie, que d'ahi se desenrola ininterruptamente até os Andes.

Como a differença de nivel entre o alto Orinoco e o « Guaimá » (alto Rio Negro) é deveras insignificante, nada se oppunha á existencia desse extranho canal, o « Cassiquiare » que estabelece communicação natural permanente entre dous rios. Quando tractarmos da depressão amazonica estudaremos mais detalhadamente este poncto importante da hydrographia sul-americana.

O MASSIÇO CENTRAL

Despertou a attenção de Suess a similhança do massiço dekanico com o planalto brasileiro: em ambos se operou recalcamento identico na parte central, de modo a determinar o realçamento dos rebordos. Nas terras brasileiras foi principalmente a Leste que se accentuou o phenomeno, e por isso muitos ponctos de contacto apresenta a escarpa oriental ou « Serra do Mar » com os Ghâtes indianos, lindes extremas das terras altas do Dekan.

Mas o que não soffreram os baluartes dekanicos na sua continuidade apparece na nossa cordilheira oriental, em que uma brecha da muralha granitica deu passagem ás aguas de uma caudal do interior, que, si não fosse esta falha, teria desenvolvido o seu curso com parallelismo fiel com o Tocantins, indo perder-se como este na vasta depressão amazonica.

A primeira difficuldade que surge na descripção da borda oriental do massiço brasileiro consiste na determinação precisa dos elementos formativos, attendendo-se ao duplo character de sua constituição, pois consta a escarpa de simples elevações e de serranias. Para algumas zonas possuimos dados que permittem o estabelecimento de classificação segura; não succede assim porém para certas regiões, cujo estudo incompleto e falho suscita divergencias e provoca dúvidas e confusões.

E' de presumir, e de um modo geral, que os accidentes do sólo a Nordeste, Norte e Oeste, constam de montanhas tabulares em que avulta o grez, prova evidente ahi do trabalho constante dos forças erosivas; no entanto, a Leste, no centro e a Sul cabe a preeminencia ás rochas archeanas, ao gneiss e ao granito.

Olhemos agora mais de perto a escarpa. Nos Estados do Rio Grande do Norte, Parahiba e Pernambuco o rebordo consiste em uma serie de elevações conhecidas pelos nomes locaes de Serras da «Borborema», «Jacarará», «Guandú» e «Pilões», e em que representam papel mais importante elementos pertencentes á era mesozoica. Já em Alagôas e Sergipe outro character geologico avulta nas montanhas: possuem rochas crystallinas como gneiss verdes,

mica amarella, grez em geral duro, e schistos. A Occidente da serrania se desdobra a terra sertaneja, de aspecto pittoresco e variado, notavel pelas planicies levemente accidentadas que lhe amenizam o desenrolar.

O geologo americano Branner que a estudou dá-lhes o nome de região «trans-serrana» ou ainda de «região archeana». Neste trecho é conhecida a escarpa por Cadeia de «Marabá» e serras de «Itabaiana», «Comprida» e «Cajahiba», de altitude média regular, não excedendo nunca as serranias 800^{m}.

A Sul da foz do S. Francisco percorrem o territorio bahiano, de Nordeste para Sudoeste, isto é em parallelismo constante com o littoral, duas series de elevações, das quaes póde ser considerada a mais oriental como o rebordo extremo do massiço brasileiro ahi. Dão-lhe os nomes de Serra da «Muribéca», «Monte Sancto» «Itiuba» e «Lençóes»,continuando pelas terras espirito-sanctenses para o Sul com a denominação de Serra dos «Aimorés». Ahi a altitude cresce bastante, approximando-se muito do maximo observado mais a Sul, pois o botanico Schwacke (citado por O. Derby) assignala para um pico quartzoso, cuja ascenção realizou, uma altitude de 2.200 metros.

Além do talude oriental se extendem as « chapadas », mais ou menos accidentadas, cortadas de rios encachoeirados, que só podem vencer a differença de nivel entre as terras altas e a zona-littoral por meio de uma sequencia de corredeiras e saltos.

Em terras fluminenses constituem a escarpa as serranias de «Macahé», «Orgãos», «Estrella», massiço do «Tinguá», «Lages», « Ariró » e « Bocaina », esta ultima constituindo um massiço alcantilado, nos confins de S. Paulo, com alguns picos excedendo 1.500 metros. Avultam em todas essas cadeias as rochas primitivas e, com especialidade, o gneiss granitoide.

Destacam-se entre todas estas serras a dos « Orgãos » e a do « Tinguá » ; a primeira, nas proximidades de Theresopolis, ostenta varios picos escarpados e nús emergindo de espessas florestas, com fórmas realmente singulares como por exemplo aquelle célebre « Dedo de Deus », que, contemplado a certa distancia, evoca

a imagem de uma mão fechada, com o indicador erguido para o céu.

Da fórma dos picos e do seu parallelismo talvez decorra o nome da serrania, a menos que proceda, conforme aventa Reclus, das extensas listras alternadas de lichens brancos e pretos de que são revestidas as rochas. A primeira explicação parece porém a mais acceitavel. O poncto culminante dos « Orgãos », e tambem da cordilheira maritima, é a «Pedra Assú», de 2.232 metros de altitude, conforme Glaziou, embora Mendes de Almeida lhe arbitre numero superior (2.400 metros).

O massiço do « Tinguá », cujo poncto mais alto attinge 1.650 metros, destôa sob o ponto de vista geologico das montanhas que o cercam. Conforme O. Derby é de natureza vulcanica, encerrando vestigios seguros da existencia alli de crateras obliteradas. Aliás não é este o unico poncto do massiço, onde a presença dos agentes plutonicos seja assignalada; na serra do «Espinhaço» encontraremos outros dignos de menção. Como os longos tubos de pedra dos « Orgãos » tambem possue o « Tinguá » fórma bem diversa dos outros montes da Serrania, destacando-se a pyramide truncada que o constitue, com o perfil classico das montanhas de sua natureza.

Entre os contrafortes da Serra do Mar convém citar o massiço montanhoso do Districto Federal, com as serras da « Tijuca », « Jacarépaguá », etc. O poncto culminante demora na primeira, (pico do Andarahi) com 1.025 metros. Existem egualmente ahi montes isolados, de constituição archeana, e de fórmas singulares, alguns até com regular altura, como o « Corcovado », o « Pão de Assucar », immenso cone de granito meio tombado, a « Gavea », de fórma realmente curiosa, como lembra seu nome, etc.

Em S. Paulo o rebordo oriental do massiço continúa a seguir o desenvolvimento do littoral, crescendo de altitude no seu

---

(1) Os ponctos mais elevados da Serra do Mar em S. Paulo ficam na serra de Guarahú e nas « Agulhas » da Serra de Itatins, que teriam na opinião de Mouchez 1.330^{m}.

extremo meridional (oscilla esta entre 600^m e 1.200^m) (1). Recebe em seu percurso os nomes locaes de: Serra « Ubatuba », « Cubatão », « Paranapiacába » « Itatins » e « Guarahú ». Além da escarpa, inclinado para S.W. se desdobra o planalto, extenso e variado de aspecto, cortado de valles separados por elevações; e assim numa sequencia de recalcamentos e lombadas vai elle morrer no grande fosso recurvo do Paraná. A composição geologica da Serra do Mar continúa ahi a mesma do trecho anterior, isto é, ainda consta de granito e gneiss, além da presença em alguns ponctos de rochas eruptivas.

No Paraná o rebordo tem o nome geral de Serra do Mar e as designações locaes de « Negra », « Mãe-Cathira » « Graciosa », « Cubatão », etc. Bastante ingreme para o lado do mar, a escarpa tem o aspecto de verdadeira cordilheira de crista irregular, seguindo-se-lhe para o Poente as terras altas, que accusam ahi declive constante, porém pouco accentuado até o fosso occidental. E' ahi o planalto verdadeiro « table-land », da terminologia ingleza, cortado de rios encachoeirados e abundantes em aguas.

Do mar se avista o ponto culminante ahi do massiço, o magestoso « Marumbi » com 1.430^m de altitude, avaliação esta contra a qual se insurge Leopoldo Weiss que lhe attribue 1.810^m.

Pertencem á era paleozoica os elementos componentes da serrania; ahi vizinham o granito e os gneiss schistosos com rochas porphyriticas e eruptivas muito antigas.

Em Sancta Catharina a Serra do Mar ainda se inclina mais pronunciadamente para Oeste, revestindo o seu aspecto character pittoresco que não escapou ao eminente Reclus, o qual entre outros ponctos cita os magestosos terraços dos « Campos da Boa Vista » e os picos da cadeia do « Cubatão » similhantes aos da serrania dos Orgãos em terras fluminenses. Quanto á constituição geologica, esta continúa inalteravel apenas com o accrescimo de depositos do carbonifero. O mesmo se dá no Rio Grande de Sul, onde, segundo Hettner, apparecem fragmentos do devoniano e formações lavicas.

De aspecto accidentado e por conseguinte irregular, é percorrido ahi o massiço por pequenas elevações de declive suave, « lombadas » ou « coxilhas » na linguagem local.

No interior do massiço encontram-se elevações que se sobrepujam ás terras-altas, sendo de maior importancia as localizadas na zona oriental, especialmente ãs chamadas serras do « Espinhaço » e da « Mantiqueira ». Atravessando o territorio mineiro em caminho do Occidente outras elevações se observam; o mesmo succede em Goiaz e Matto-Grosso, até o fôsso do Madeira. E' incontestavel que papel importante deverá caber a essa serie ininterrupta de alturas, pois separa, qual *divortium aquarum*, os tributarios da vertente norte-oriental dos da sua opposta sul-occidental ou por outra, os affluentes do S. Francisco, Tocantins e Amazonas dos rios que correm para os valles do Paraná e do Paraguai.

Desta aresta principal se destacam ramificações secundarias, verdadeiras linhas divisorias destes diversos rios, por vezes pronunciadas, outras de diminuta altitude a poncto de, em certas localidades, desapparecerem completamente e permittirem facil communicação entre tributarios de bacias oppostas.

Deve Minas Geraes o seu «facies» montanhoso ao facto de se desdobrarem ahi as cadeias, que constituem a espinha dorsal das tres grandes divisões hydrographicas brasileiras; é ahi e não longe de Barbacena que fica o poncto central, de onde irradiam as principaes arestas de delimitação. Uma dentre as de maior vulto é a do «Espinhaço» assim chamada por Eschwege, e cujo desenvolvimento orientado para o Norte offerece sensivel parallelismo com o curso do S. Francisco, de cuja bacia, por assim dizer, constitue o rebordo oriental.

Apresenta esta cadeia em sua composição grez amarello, quartzitos e elementos ferruginosos, entre os quaes os existentes nos picos de « Itabira » e « Itacolumi » receberam por sua composição e abundancia as denominações de « itabiritos » e « itacolumitos ». Encontram-se tambem ahi gneiss, granitos e micaschistos além de rochas eruptivas, estas últimas provas irrecusaveis da actividade, que ahi desenvolveram outr'ora os agentes vulcanicos.

Quasi sempre se apresentam arredondados os cimos dessas cadeias, evidente signal de que nelles o trabalho de erosão agiu por espaço de tempo consideravel. Na opinião do geologo John Ball o exame dessas serranias do centro de Minas, alliado ao estudo do regime hydrographico da região deixam bem patente que outr'ora os ponctos culminantes do massiço brasileiro deviam *exceder em altura o Everest*, isto é a montanha mais alta do globo!

Parecem constituir a continuação da Serra do Espinhaço as cadeias de « Itacambira », «Grão Mogol», e das « Almas », esta em territorio bahiano, quasi todas apresentando o aspecto de chapadas.

Numa extensão de mais de 400 km. encerra varios picos a cadeia do Espinhaço, sendo os mais notaveis: o « Itacolumi », montanha de quartzito, de 1920 m segundo avaliação de Burton,(1) de aspecto singular e extranho; o « Caraça » com 1955 m pela avaliação de Liais, tambem formado por quartzito, ambos não longe de Ouro-Preto; os dous « Itabira », o do « Campo » na bacia do Rio das Velhas e o do « Matto Dentro », com 1530 m (Reclus) na bacia do Doce; e mais para o Norte o « Itambé », de constituição vulcanica, com 1817 m (avaliação do dr. Cruls, Annaes do Observatorio).

A serra da « Mantiqueira » fórma a continuação para o Sul da cadeia do Espinhaço, não differindo muito a sua constituição geologica da do seu prolongamento septentrional. Além de quartzitos e micaschistos contém ella granito e gneiss; no seu extremo Sul apparecem terrenos com schistos argilosos e grez sem fosseis. As elevações ahi lembram a fórma tabular characteristica desse ultimo elemento. Em alguns pontos da Serra ha rochas eruptivas, como o attesta o proprio « Itatiaia », de origem relativamente recente, na opinião de O. Derby.

A partir do nó central, que demora a S. W. de Barbacena, vai-se elevando a serrania gradualmente até alcançar em terras fluminenses, mas nas proximidades de S. Paulo, o seu poncto de

---

(1) Gerber e Eschwege dão-lhe mais de 1700 m.

maxima altitude, o já citado Itatiaia, com perto de 3000 m. Neste trecho está a Mantiqueira flanqueada de contrafortes, que pelo seu desenvolvimento bem merecem o nome de serranias.

As duas cadeias do Espinhaço e da Mantiqueira constituem segunda escarpa de parallelismo accentuado com a barreira oriental, a Serra do Mar, estreitando entre si o valle do Parahiba do Sul, em cujas nascentes ellas se ligam correndo deste nó para o Sul as terras altas em declive accentuado para o fosso do Paraná.

Do nó central para W. desenhando pronunciada curva quasi circunferencial, se destaca um correr de elevações que representam bem a « espinha dorsal » do planalto brasileiro. São ellas verdadeiras saliencias, que na média não excedem de 1000 metros e a que se vêm ligar na direcção N. e N. W. ramificações, cuja importancia avulta pelo facto de representarem com esta espinha dorsal as determinantes das grandes bacias hydrographicas do paiz.

Sob o nome de Serra da Canastra se comprehende o trecho da curva, que estabelece o divortium das aguas do S. Francisco das do Paraná ; mas, si considerarmos o conjuncto das serranias conhecidas por « Matta da Corda», «Sancta Rita », «Pyreneus», «Sancta Martha », « S. Jeronymo » e « Parecis » e que formam a sequencia daquella, teremos a linha divisora das duas grandes vertentes centraes : a da depressão amazonica e a do Paraguai — Paraná. As ramificações, a que alludimos, constituem as linhas divisorias das bacias secundarias do S. Francisco e do Tocantins ; são as chamadas Serra de « S. Domingos», das Divisões etc.

A composição dessa « espinha dorsal » consta de gneiss, quartzo e grez, por conseguinte não differindo das outras cadeias do planalto ; a sua altitude vai decrescendo aos poucos, porque, si apresenta 1680 metros na chapada dos « Veadeiros », cai a menos de 800 metros em Matto-Grosso na Serra dos « Parecis », seu extremo occidental.

Esta ultima secção constitue como que a ribanceira do antigo mediterraneo cretaceo, que em epocha remotissima separava as terras altas brasileiras do massiço andino. O seu aspecto não é o de uma cordilheira e sim de uma serie de taboleiros de uns 500 metros de

altitude média, ás vezes interrompidos por montes isolados que os excedem de outro tanto. Couto de Magalhães deu a essa escarpa do planalto, tão alcantilada quando vista do Sul, o nome de «Araxá». O trabalho de erosão ahi demonstra ter sido fortissimo pelos traços ainda bem visiveis, que deixaram seus elementes da era paleozoica. No extremo Sul da depressão as alturas que a limitam a Oriente revelam a existencia de rochas eruptivas, que abriram caminho por entre as camadas de grez. Reclus, estudando esta parte do massiço brasileiro, cita curiosa observação do saudoso Taunay relativa á fórma dessas elevações, cuja horizontalidade segundo elle se originava das camadas sedimentosas ahi depositadas por mediterraneos de aguas doces ou quasi doces. Era por conseguinte phenomeno identico ao observado na depressão amazonica.

A DEPRESSÃO AMAZONICA

Apertado entre as tres grandes móles graniticas do planalto andino, do massiço guianense e das terras altas brasileiras, pouco a pouco soffreu o mediterraneo cretaceo as modificações e transformações que deviam fazer delle uma depressão, por onde se dilataria a bacia de um grande, de um enorme rio com affluentes egualmente colossaes. Os trabalhos de Derby, Hartt, Rathbun, Coudreau, Suess etc., permittem estabelecer a constituição geologica da bacia do Rio-Mar. Verificou-se que alli se acha perfeitamente representada a era paleozoica por elementos do siluriano inferior e superior, do devoniano e do carbonifero. Avultam os depositos deste ultimo, quer a Norte quer a Sul do Amazonas: apparecem entre as emboccaduras do Tocantins e do Madeira, principalmente juncto á foz do Tapajoz. Na margem esquerda do rio são encontrados depositos do carbonifero nas vizinhanças de Alemquer e tambem de uma recta traçada do Parú ao Uatumá.

A symmetria que apresentam na parte central da depressão essas jazidas carboniferas é realmente curiosa, observando-se que são encontrados os demais elementos em direcção á peripheria. Além desses terrenos primarios outros pertencentes ás eras seguintes

tambem apparecem na formação; o cretaceo por exemplo existe no curso inferior do Amazonas, em Monte Alegre, e tambem no Alto Purús e no Aquiri affluente deste, por conseguinte na parte superior da bacia. Nessas camadas de grez foram encontrados detritos de vegetaes e restos da fauna do ultimo quartel dos tempos mesozoicos (mosasaurios, chelonios, etc). Ao que parece durante o periodo secundario foi provavelmente a depressão um grande golpho, em que desaguava o actual Marañon, de curso insignificante então.

Vestigios de terrenos mais recentes alli são patentes. Assim em Pebas no Perú os ha com depositos terciarios, o mesmo dando-se no curso inferior do Amazonas.

Bættiger, que estudou os detritos peruanos alli deixados provavelmente pelo Marañon, opina que talvez representem o antigo estuario do rio numa epocha contemporanea do eoceno, isto é do inicio do terciario.

São esses os elementos constitutivos do arcabouço da depressão, mas o lento trabalho das aguas foi alterando insensivelmente esta sua apparencia primordial em virtude dos immensos depositos salobros, que ia depositando o grande rio, no avançar incessante do seu delta para Leste, como aliás procede egualmente em nossos dias o Mississipi no golpho do Mexico. Com o correr dos seculos o mediterraneo cretaceo foi sendo gradualmente aterrado, transformando-se em lençol lacustre e depois em bacia fluvial. Ainda em alguns ponctos a phase intermediaria subsiste com a presença de grandes depositos aquosos de contornos instaveis. Tal characteristica concorre poderosamente para apressar o trabalho de erosão de um regime hydrographico extraordinariamente rico e favorecido além disso pela disposição das terras altas limitrophes e direcção das correntes aereas. D'ahi decorrem as alterações incessantes da rêde fluvial, o labyrintho inextricavel dos canaes e canaletes afferentes uns á caudal, outros deferentes della, e ligando de modo continuo a arteria-mãe aos seus tributarios.

Estudada a depressão cumpre agora considerar o rio gigantesco que, atravessando-a de Occidente para Oriente, constitue o seu

eixo e representa o traço characteristico da actual phase de sua evolução.

Por diversas vezes mudou de appellidação a caudal, tendo a principio recebido o nome de « Marañon ou Maranhão » para depois ser chamada de « Solimões ou Sorimões » (Humboldt), caïndo por fim esta denominação deante do termo « Amazonas », por que é universalmente conhecida.

Hoje se applica a palavra « Marañon », já conhecida por Pinzon, apenas ao terço superior da arteria, ficando reservada a expressão Solimões, de origem indigena, segundo La Condamine, para o trecho comprehendido entre o Ucaiale e o Negro.

Divergem os geographos a respeito do galho, que deve ser considerado como eixo central do rio: uns como Humboldt e Orton apoiado por Wallace se mostram favoraveis ao « Tunguragua » ou « Paranátinga » ou ainda « Paranáguassú » dos indigenas, o « Marañon » dos Hispanhóes, ao passo que outros como La Condamine opinam pelo « Ucaiale-Apurimac» como sendo a origem do Amazonas propriamente dicto, para o que se baseiam na extensão do curso e no volume de aguas muito superiores aos elementos correspondentes do sangradouro do lago « Lauri». Solução intermedia talvez resolva a dúvida suscitada; pois que inconveniente adviria de se considerar o Amazonas como formado pela reunião dos dous galhos citados, á imitação do Danubio e do Mississipi? Consideremos entretanto o Tunguragua pelo facto de continuar a directriz determinada pelo curso do rio no Brasil.

Um dos mais conscienciosos exploradores do Rio-Mar, James Orton, assignala como nascente deste Marañon o pequeno lago Lauri situado não longe do Cerro de Pasco em uma altitude de cêrca de 4250 metros.

Nos seus primeiros 800 kilometros apresenta o rio todas as characteristicas de uma arteria fluvial de montanhas; interrompem-lhe o curso muitas cachoeiras e corredeiras neste arco de circulo que descreve na direcção de N. W., mas que não tarda a abandonar para orientar o seu curso a caminho de Leste, para a depressão cujo rebordo occidental outr'ora era o marco final de sua

carreira. Corre então pela região dos desfiladeiros ou «pongos», dos quaes é mais notavel o de «Manseriche» e atravessa a planicie de Maínas, onde já denota certa sinuosidade.

Recebe neste trecho tributarios de valor como o «Pastaza», o « Huallaga », o «Napo» etc. sem falar do seu grande confluente o Ucaiale, e finalmente penetra em territorio brasileiro com um volume de aguas superior ao da grande arteria européa, o Volga.

Arrastando-se preguiçosamente pela depressão caminha imperturbavel o Amazonas na direcção W — E, por mais de 3000 kilometros, crescendo extraordinariamente com o tributo, que lhe trazem affluentes importantes como o gigantesco «Madeira», que de resto em nada lhe fica a dever. Correm para elle pela margem esquerda o «Içá ou Putumaio», o «Japurá», o «Negro», o Urubù», o «Jamundá», o «Trombetas», o «Curuá», o «Gurupatuba», o «Parú», ó Jari», etc., e pela direita : o «Javari», o «Jutahi», o Juruá», o «Teffé», o «Coari», o «Purùs», o «Madeira», o «Maué-Assú», o «Tapajoz», o «Xingú, o «Tocantins», o «Guajará», o «Anauará-pucú», o Pacajaz» e o «Jacundá».

Phenomeno curioso assignala o curso do Amazonas: verdadeiro rosario de lagôas e lagos, alguns de superficie consideravel, em parte alimentados por fontes subterraneas ou por sangradouros da propria caudal, ladeiam-no ao mesmo tempo que verdadeiro labyrintho de canaes e canaletes, *paranás, furos, igarapés,* liga de modo confuso e multiplo esses depositos de agua, o Amazonas e os seus affluentes, pelo que não poucas vezes acontece correrem as aguas da arteria central para os seus tributarios e por meio destes regressarem á corrente, de onde fluiram.

Por outro lado a inconstancia dos elementos solidos marginaes concorre principalmente por occasião das enchentes, para a alteração continua do traçado desses canaes, alguns dos quaes desapparecem por vezes para depois serem substituidos por outros tambem ephemeros,

Baixas são as margens do Amazonas, elevadas apenas de alguns decimetros acima do nivel das aguas ; em alguns pontos no entanto surgem, e a pequena distancia da corrente, eminencias pouco

accentuadas, como acontece em Obidos na secção mais apertada do rio, onde ha um outeiro de perto de 30 metros de altura. Em Monte Alegre na margem esquerda, apparecem os taboleiros de grez, mas é necessario observar que a sua existencia na depressão é assignalada a uns 800 ou 900 kilometros do eixo da bacia.

O nó de Obidos, onde outr'ora se deu a soldadura dos dous chapadões, representou papel importante na evolução do rio ; funccionou como barreira que represava as aguas do Amazonas obrigado assim a expraiar-se, e deste modo concorreu para a formação de immenso lençol lacustre. Com o correr do tempo o dique opposto ao curso das aguas acabou por ceder, abrindo-se o escoadouro do enorme lago para o Atlantico.

Logo adeante começa o enorme estuario do rio-mar precedido por zona riquissima em canaes e ilhas. Dous grandes galhos representam os elementos constitutivos talvez do futuro delta, e entre elles se extende «Marajó» ilha tão grande quanto a Suissa. O braço septentrional, cuja largura é tal que evoca a idéa de um estreito marinho, é menos frequentado que o meridional de dimensões mais modestas, mas ainda assim alcançando 61 kilometros de margem a margem, do cabo Maguari á ponta Tijoca. E' conhecido pelo nome «rio Pará», porque por elle se escoam as aguas do Tocantins.

A enorme quantidade de elementos sedimentosos que trazem as aguas do rio deveria já ter constituido o seu delta ahi, mas o volume enorme das aguas e a existencia da corrente equatorial modificam o trabalho de assentamento dos detritos que, arrastados para o Norte, vão sendo depositados ao longo das costas da Guiana em varios ponctos dos mares das Antilhas e do Mexico e principalmente na vizinhança dos littoraes da Georgia e das Carolinas (America do Norte). E' ahi que se vai formando o verdadeiro delta do grande rio.

Ainda a 500 kilometros do estuario não se confundem completamente as aguas do Amazonas, de cor acinzentada, com as do Oceano. Um dos melhores observadores do grande rio, Avé-Lallemant, assim se exprime a respeito :

« A côr da agua do Amazonas é constantemente a da cinza, e é por ahi que se torna possivel reconhecer si as massas de agua que

acodem das selvas marginaes são na realidade tributarios ou simplesmente galhos do proprio rio, enfeixando ilhas. A côr caracteristica dos affluentes brasileiros é de um escuro carregado. A massa acinzentada sempre torvelinhando segue imperturbavel de Oeste para Leste, sem se deixar influenciar pelo Negro ou mesmo pelo gigantesco Madeira. Quanto áquelle, suas aguas negras deslisam a principio ao lado da corrente turva do rio-eixo, mas com a distancia este acaba por vence-las, absorvendo-as. Em regra geral as aguas do Amazonas correm com um mugido surdo e ininterrupto.»

A largura do Amazonas varia bastante, attingindo até dimensão consideravel, si forem nella incluidos os furos e igarapés que o ladeiam. Ainda assim apresenta o canal central em territorio brasileiro as seguintes proporções : em Tabatinga perto de 3000 ^{m} ; logo abaixo, pouco antes de receber o Madeira, cinco kilometros. No Passo de Obidos, nessa garganta em que se reunem as aguas da caudal, o seu maximo de largura na cheia é de 1900 ^{m} conforme Ferreira Penna, com uma profundidade, no entanto, accentuadissima. Não muito distante d'ahi, em Santarem, attinge 16 km, largura sómente excedida pelo galho meridional (61 km), porque o do Norte pelas suas dimensões antes lembra um braço de mar.

Ao entrar no Brasil a profundidade do Amazonas já é avultada, de uns 20 ^{m}, crescendo á medida que o rio vai caminhando para a foz. Em Obidos offerece uma média de 70^{m}, affirmando Herndon ter encontrado 80 ^{m}, com uma sondagem. Na emboccadura cresce naturalmente a profundidade. A correnteza tambem varia sendo que, si exceptuarmos o passo de Obidos em que alcança 7600 ^{m} por hora, em razão da pouca largura do leito e do grande volume de aguas reprezadas, a velocidade não excede 1 $^{1}/_{2}$ milhas por hora, na opinião de Herndon, o que se pode apenas attribuir á enorme massa liquida e não ao declive do leito.

Com effeito, si attendermos ao facto de se achar Tabatinga a 82 ^{m} acima do nivel do mar (para o barão do Ladario, porque conforme Orton apenas seria de 77 ^{m}), deve o rio vencer esta diffe-

rença por uma extensão de mais de 3000 km., o que corresponde *grosso modo* a uma queda de $0^m,0273$ por kilometro!

Com a enchente cresce a velocidade no curso superior do rio, porque na secção inferior a acção conjuncta da maré e dos ventos a diminue sensivelmente, sómente normalizando-se com a vasante.

E' este declive tão fraco uma das causas da existencia das lagôas e lagos, como por exemplo o chamado «Lago Grande de Villafranca» com uma superficie de cêrca de 70 kmq., e tambem de banhados que, reprezando cópia avultada de aguas, diminuem algum tanto a massa ainda assim prodigiosa da enorme caudal.

O tributo que recebe o Amazonas dos Andes Orientaes é sem duvida bem grande, porém talvez o exceda a quantidade de agua que lhe fornecem as selvas da Depressão, vindo em plano inferior a contribuição que lhe dão as terras altas do planalto da Guiana.

O derretimento das neves das cabeceiras e as chuvas torrenciaes na Depressão e no massiço guianense permittem por feliz alternancia ao grande rio não exceder certo limite minimo, de modo que se estabelece compensação por parte de affluentes, que entram na cheia, quando outros estão ainda na vasante. Assim o Maranhão, o Purùs, o Madeira têm o maximo da sua enchente em Abril, quando o Negro, o Japurá e outros tributarios septentrionaes, ainda na baixa das aguas, alcançarão o maximo do seu volume em Septembro.

Enormes extensões de terras ficam submergidas com a enchente, porque o rio excede de muito o seu nivel medio.

Agassiz calculou o maximo do crescer (1) das aguas em 17^m acima do normal!

Verdadeiro mar interior se fórma por conseguinte, pois com o desapparecimento dos furos e a união completa dos lagos e lagôas com a arteria central o antigo mediterraneo lacustre, por

---

(1) A vasante minima é de 10^m abaixo da normal.

assim dizer, ainda que de modo ephemero, se reconstitúe. Com a vasante, as terras aluidas cedem e as ilhas, cuja base a corrente solapou, seguem agua abaixo, aos poucos se desfazendo até total desapparecimento.

Duas enchentes e duas vasantes annuaes tem o Amazonas; a maior enchente começa em fins de Fevereiro e dura cêrca de tres mezes, e a segunda de menor intensidade tem o seu inicio nos ultimos mezes do anno. Segundo o que referem os habitantes das margens (communicação de O. Derby) as enchentes de maior vulto obedeceriam a um periodo triennal.

Faz-se sentir a maré além da foz do Xingú, o que muito auxilia, como faz observar o illustre Humboldt, a navegação aliás já favorecida pelos alizeos de Leste.

Phenomeno curioso ahi observado em muito maior escala, porém ainda assim commum a muitos rios brasileiros e extrangeiros (o Turiassú e o Sena, para não citar outros), é o da *pororoca*, verdadeira maré de que é theatro o rio, de proporções avultadas e ruido atroador, mas cuja realização apenas exige alguns minutos. Consiste ahi em tres ou quatro ondas de quatro a cinco metros de altura, que se seguem com pequeno intervallo occupando toda a largura da corrente, caminhando com regular velocidade e em direcção á nascente. Em geral é observada a pororoca no galho septentrional do Amazonas.

Resta-nos apenas dizer alguma cousa a respeito das ilhas da grande caudal. De um modo geral se podem considerar como pertencendo a duas categorias: *sedimentares* ou *recentes* e as *antigas*. As primeiras (Tupinambaranas, Paricatuba) são filhas do proprio rio; foram seus depositos alluvionarios, que as formaram e contribuiram para a verdadeira luxuria de sua vegetação, em que se destaca a imbaúba de tronco branco. As segundas, destacadas das margens ou nellas recostadas pela correnteza, têm naturalmente a mesma constituição geologica e sobresáem pela vastidão de suas dimensões (Marajó, Caviana etc.)

Assim concluimos o simples esbôço da mais volumosa caudal do globo, cujo debito é de 125.000 metros cubicos por segundo ou

seja de 450 milhões por hora! O seu curso excede de metade o do Volga e corresponde duas vezes ao do Danubio. Sua bacia é enorme: 5.594.000 kilometros quadrados, descrevendo o arco, que passasse pelas nascentes de seus affluentes e medido sôbre a adeia dos Andes, de 3° Lat. N. a 16° Lat. S., uma curva de mais de 2.400 kilometros!

RESENHA HISTORICA

DA

Cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro

DESDE SUA FUNDAÇÃO ATÉ A ABDICAÇÃO DE D. PEDRO I

POR

Alexandre Max Kitzinger

Resenha historica da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro desde sua fundação até a abdicação de D. Pedro I

> « . . . si in tanta scriptorum turba mea fama in obscuro sit, nobilitate ac magnitudine eorum, meo qui nomini officient, me consoler. »
>
> (TITO-LIVIO. *Hist. rom.* Pref.)

Cingia a corôa de Portugal o quinto soberano da dynastia de Aviz, el-rei d. Manuel, que a Historia denominou o *Venturoso*, quando, no dia 9 de Março de 1500, partiu de Lisboa — após a celebração, na vespera, um domingo, de uma imponente ceremonia religiosa em que pontificou D. Diogo Ortiz, bispo de Ceuta, na ermida de Belém, no sitio então chamado *Restello,* onde mais tarde se edificou o majestoso convento dos Jeronymos — uma esquadra composta de dez caravellas e tres navios redondos, tripulados por mil e duzentos homens, sob o commando em chefe de um fidalgo por nome Pedro Alvares Cabral, governador da provincia da Beira e senhor de Belmonte (1).

---

(1) « Este varão illustre; cujo nome está indissoluvelmente ligado ao do Brasil, descendia de uma nobilissima familia ; era filho de Fernão Cabral, alcaide-mór de Belmonte, e neto de Fernão Alvares Cabral, guarda-mór do infante D. Henrique . . . No dia 23 de Junho de 1501 estava Cabral de volta a Portugal,) depois de ter doado á patria e á civilização um vasto continente, depois de ter curvado a seus pés os altivos rajahs do Indostão. » (Pinheiro Chagas.)

« Desgostoso por lhe ser retirada a nomeação de capitão-mór de uma esquadra que, em 1502, foi confiada ao commando de Vasco da Gama, retirou-se Pedro Alvares Cabral para Santarém, não mais voltando á côrte.

« Deve ter fallecido entre 1518 e 1520, e está sepultado na egreja da Graça, em Santarém, onde a viuva, d. Isabel de Castro, contractou com os frades a capella de S. João Evangelista para jazigo perpetuo.

Zarpava tal expedição, a maior que até então do Tejo havia saïdo, com destino ás Indias, donde em 1499 voltara Vasco da Gama, coberto de gloria por haver, desde fins de 1497, dobrado o cabo da Bôa Esperança, e lançado na India as bases do poder de Portugal, dest'arte realizando o grandioso projecto do infante d. Henrique, o illustre fundador da eschola naval de Sagres.

Foi essa esquadra, cuja missão especial era ir estreitar relações de amizade com os reis do extremo Oriente, e estabelecer uma feitoria em Calicut, na costa de Malabar, que — demasiado afastando-se do littoral africano, em virtude de instrucções dadas ao capitão-mór, não só para evitar as calmarias alli reinantes, como tambem para livrar-se das molestias de que haviam soffrido as tripulações de Bartholomeu Dias e Vasco da Gama — se viu arrastada pela fòrça das correntes oceanicas, e veiu, na quarta-feira, 22 de Abril (2), a descobrir terras do Brasil.

O primeiro ponto descortinado foi um monte, que recebeu o nome de *Paschoal* (3) por se dar esta occurrencia no oitavario da Paschoa, que nessa occasião se commemorava em todo o mundo christão.

« A maneira de proceder dos Portuguezes em terras brasileiras, tão interessantemente descripta na carta de Caminha, é o maior titulo de gloria de Pedro Cabral.

« E' elle quem inicia as amigaveis relações entre Portugal e Brasil, e ligando para sempre, nessas entrevistas memoraveis, o destino de duas nações, estabelece a sympathia, a amizade, a solidariedade de dous povos irmãos.» (Bibliotheca do Povo — *O Descobrimento do Brasil*.)

(2) « A data de 3 de Maio para o descobrimento do Brasil é inteiramente arbitraria ; não a justifica a correcção gregoriana, que se tem allegado em falso para legitima-la. A data verdadeira é a de 22 de Abril em que se avistou a terra, e sobre esse dia nunca houve duvida que merecesse consideração. A correcção gregoriana, si fosse acceitavel, tractando-se de facto anterior a ella, daria a data de 2 de Maio.

« Ignorada nos primeiros tempos a data verdadeira, o sentimento religioso imaginou-a a 3 de Maio, dia da invenção da Sancta Cruz.» (João Ribeiro — *Hist. do Brasil*.)

Henrique de Beaurepaire Rohan, em um artigo publicado no *Brasil Historico*, em 1866, sustenta que, «si pelo calendario Juliano foi a descoberta do Brasil em 22 de Abril de 1500, é certo tambem que, reduzindo esta data á correcção gregoriana, não erram aquelles que a collocam no dia 3 de Maio ; e sabemos que foi para memorar tão plausivel acontecimento que a Constituição politica do Imperio a escolheu para a abertura annual do corpo legislativo ».

(3) Acha-se este monte no Estado da Bahia, ao Sul de Porto Seguro, entre a serra dos Aimorés e o littoral, e mede 356 metros de altura.

No dia 1º de Maio, juncto á cruz que se erigiu em terra firme, com o padrão das armas de d. Manuel, como testimunho da solenne posse que em seu nome tomou Cabral, celebrou frei Henrique de Coimbra, guardião dos Franciscanos que iam para a feitoria de Calicut, e posteriormente bispo de Ceuta, a segunda missa (4) que foi rezada naquellas paragens.

Recebeu o ancoradouro dos navios o nome de *Porto Seguro*, (5) e, pensando Cabral haver descoberto uma grande ilha, deu a toda terra o de *Ilha da Vera Cruz*, em consideração á festa que celebra a Egreja nos primeiros dias do mez de Maio. Esse nome foi, em breve, substituido pelo de *Terra da Sancta Cruz* (6), e, poucos annos depois, pelo de *Brasil*, em razão da abundancia que na região havia da madeira preciosa assim chamada.

Estava descoberto o Brasil.

Por uma náu que partiu a 2 de Maio, sob o commando de Gaspar de Lemos (7), foi a el-rei de Portugal levada a noticia do importante descobrimento, em uma carta escripta pelo escrivão da armada Pero Vaz de Caminha, datada de *1 de Maio de 1500, na Ilha da Vera Cruz*, e da qual constam as seguintes memoraveis linhas: « Esta terra S^or^... de pomta a pomta he em toda praya praina muito chãa e muito fremosa... E em tal maneira he graciosa que querando a aproueitar dar se a neela tudo per bem das agoas que tem » (8).

---

(4) A primeira missa foi celebrada no dia 26 de Abril, domingo da Paschoela, por fr. Henrique de Coimbra, com assistencia dos capellães da esquadra e dos septe Franciscanos que iam em missão para a India, num ilhéo chamado depois — « da Corôa Vermelha » — e que, segundo a opinião do general Henrique de Beaurepaire Rohan, fica dentro da enseada hoje conhecida sob o nome de Sancta Cruz ou « Bahia Cabralia ».

(5) Foi o piloto Affonso Lopes que, a 24 de Abril, descobriu o ancoradouro para a esquadra, um porto « muito bom e mui seguro ».

(6) « E' provavel que o nome de Sancta Cruz fosse usado depois da fundação de uma feitoria com esse nome, em Porto Seguro, em 1503. » (MATTOSO MAIA — *Hist. do Brasil.*)

(7) Caminha diz que foi a náu dos mantimentos.— João de Barros, Damião de Góes, Ayres de Casal, Varnhagen e Castanhéda dizem que foi Gaspar de Lemos o capitão do navio encarregado d'essa commissão. — Gaspar Corrêa, nas *Lendas da India*, dá, em vez d'este, André Gonçalves, sendo esta a opinião de Candido Mendes e do Sr. J. Capistrano de Abreu.

(8) « A carta de Vaz Caminha é o documento por excellencia da descoberta. » (JOÃO RIBEIRO, *ob. cit*,)

No mesmo dia em que partiu Gaspar de Lemos para Lisboa, proseguiu Cabral em sua derrota para a India.

Grande satisfação experimentou o monarcha *Venturoso* ao receber a noticia da descoberta de novas terras! (9).

Em 9 de Julho de 1501 communicava d. Manuel aos reis catholicos que o capitão-mór de uma expedição portugueza para a Asia tinha descoberto no Novo Mundo uma ilha grande e bôa *para refrescarem e fazerem aguada suas armadas da India*, e que a essa terra se tinha dado o nome de *Ilha da Vera Cruz*.

Apesar de nesse momento achar-se o rei de Portugal mais inclinado para os negocios da India, mandou no entretanto preparar diversas expedições para reconhecer e explorar o recente descobrimento.

Sôbre essas primeiras explorações do Brasil muito divergem os historiadores, procedendo a razão d'esse variado encontro de opiniões não só da falta absoluta do *Diario* ou *Roteiro* de viagem dos primeiros exploradores, como tambem da perda das obras *America Portugueza*, de Manuel de Faria (10), e *Terra da Sancta Cruz*, de João de Barros.

Dá-se, todavia, como certo, que foi a primeira de taes expedições, mandada em Maio de 1501, sob as ordens de André Gonçalves (11), tendo como piloto Americo Vespucio, que veio

---

(9) Não se sabe ao certo o dia e o mez, em que Gaspar de Lemos (ou André Gonçalves) chegou a Lisboa com a grata noticia.

(10) Mencionando os trabalhos de Manuel de Faria, escreveu Lope da Vega, no *Elogio* que, em 1639, dedicou ao commentador dos *Lusiadas de Camões*, as seguintes curiosas linhas que, nos parece, têm referencia á *America Portugueza*: « A sobras sobre a America, ou Brasil, que contem duas partes *estan « en borradores»*. (O grypho é nosso.)

(11) « Não combinam os auctores quanto ao nome do chefe d'essa flotilha exploradora... No meio das vacillações que conspiram contra essa expedição de 1501, somos propensos a julga-la como não perfeitamente apurada e portanto ainda objecto de controversia, que só documentos positivos poderão dirimir. Enquanto isso se não fizer — só nos é licito admittir que logo depois da chegada de Gaspar de Lemos com a bôa nova do descobrimento, algumas empresas de armadores, auctorizadas ou não pelo governo portuguez. viessem aventurar-se na terra descoberta, mas sem character official... A primeira expedição official, de que ha noticia exacta e incontestavel, é a de Gonçalo Coelho em 1503. E' a esta que muitos dão por chefe a Christovam Jacques, outros a André Gonçalves ou Fernando de Noronha e ainda outros a Americo Vespucio.» (ROCHA POMBO — *Hist. do Brasil.*

a descobrir, no dia 1º de Janeiro de 1502, a bahia do Rio de Janeiro (12).

Tomando-a por um rio, deu-lhe André Gonçalves o nome que ainda hoje conserva de — Rio de Janeiro.

Pouco se demorou nestas aguas a expedição de André Gonçalves, dirigindo-se logo para o Sul do continente na derrota que trazia.

Ficou então, por muito tempo, abandonada a vastissima bahia, a que os Tamoios, habitadores das suas margens, denominavam de Guanabara (13) e tambem de Nicteroi (14), pois que só em 1531 entrou em nosso porto a frota de Martim Affonso de Sousa (15).

---

(12) «A bahia ou antes golpho do Rio de Janeiro foi descoberta no 1º de Janeiro de 1502 por d. Nuno Manuel e Americo Vespucio.» (CANDIDO MENDES — *Atlas do Imperio do Brasil.*)

O Visconde do Rio Grande diz em sua obra *O Fim da Creação* que o primeiro nome, que teve esta bahia, foi *Lago* ou *Rio de Genebra*, que depois se tornou em *Rio de Janeiro*. Isto não é exacto. Foi J. Léry quem, em 1578, escreveu *Rivière de Geneure* que é antes corrupção de Rio de Janeiro, nome conhecido em épocha muito anterior a Léry. (MOREIRA PINTO — *Diccionario Geographico Brasileiro.*)

Fr. Francisco de Sancta Maria, fr. Gaspar da Madre de Deus, Silva Lisbôa, Ayres de Casal, Pizarro, Mello Moraes e outros, julgam que foi Martim Affonso de Sousa quem deu á nossa bahia o nome de *Rio de Janeiro*, por haver chegado a 1º de Janeiro de 1532; essa proposição, porém, não póde mais ser sustentada, depois que foi divulgado o *Diario* de Pero Lopes de Sousa na *Revista Trimensal do Instituto Historico*, T. 24, 1861.

(13) *Guanabára* ou, como escreve J. Léry, *Ganabara*. Pensa Varnhagen que deve ser *Guanapará* (seio de mar). Ha razões para acreditar que as denominações Nicteroi e Guanabára se applicavam, aquella á margem oriental e esta á occidental; outras considerações fazem crer que aquella designação se referia mais particularmente á parte da bahia, onde se acham as duas cidades, e esta ao seio mais largo e interior, onde existem todas as ilhas e desaguam os rios mais consideraveis.

(14) *Nicteroi* é como actualmente escrevemos. Segundo Ayres de Casal e outros chronistas, deveriamos graphar *Nyterõi*, isto é, agua escondida. Assim explica o dr. Baptista Caetano, baseando-se no testimunho de Hans Staden que fôra prisioneiro dos Tamoios nos primeiros tempos da descoberta.

(15) Nomeado por indicação do vedor da Fazenda d. Antonio de Athaide, ulteriormente conde da Castanheira, Martim Affonso de Sousa — que já era conselheiro, fidalgo da Casa Real, senhor do Prado e de Alcantara, alcaide-mór de Bragança e do Rio Maior, apesar de ainda não haver practicado feitos notaveis — tinha dotes pessoaes bastantes para que seu primo, d. Antonio de Athaide, não se enganasse na escolha que ao rei aconselhava, como veio comprovar não só o exito d'essa expedição ao Brasil, como a brilhante serie de serviços de tão illustre varão na Asia. Martim Affonso de Sousa foi o donatario da Capitania de São Vicente.

Partindo de Lisbôa a 3 de Dezembro de 1530, commandando uma armada composta de duas náus, um galeão e duas caravellas, vinha Martim Affonso de Sousa, enviado por d. João III (16), com os mais amplos poderes para fazer respeitar o pavilhão das quinas lusitanas, d'aqui expulsando os intrusos (17), e tambem para dar principio á colonização do vasto territorio pertencente á corôa de Portugal, fundando um ou mais nucleos nos pontos para esse fim mais apropriados (18).

Percorrendo essa esquadra a costa brasileira, desde a altura do cabo de Sancto Agostinho (19), onde aprisionou tres navios francezes, aportou á bahia do Rio de Janeiro no dia 30 de Abril de 1531 (20).

---

(16) D. João III, filho de d. Manuel, subiu ao throno em 13 de Dezembro de 1521, por morte de seu pae.

(17) Eram sobretudo os Castelhanos e os Francezes. Os primeiros pretendiam se estabelecer no Rio da Prata, e os ultimos, auxiliados por armadores de Honfleur e de Dieppe, já haviam chegado a crear feitorias na costa do Brasil, para mais facilmente practicarem o contrabando da madeira preciosa, que déra o seu nome á terra que fôra chamada de Sancta Cruz.

(18) Martim Affonso de Sonsa limitou-se a explorar o littoral brasileiro, onde foram collocados marcos do dominio portuguez; tocou successivamente no cabo de Sancto Agostinho, em Pernambuco, Bahia de Todos os Sanctos, onde se encontrou com Diogo Alvares (*Caramurú*), Rio de Janeiro e Cananéa. Graças ao auxilio que teve dos Guaianazes, entre os quaes vivia o portuguez João Ramalho, casado com Bartira, filha do cacique Tebiriçá, fundou a colonia de S. Vicente.

Accedendo aos reiterados convites de Tebiriçá e de João Ramalho, subiu Martim Affonso de Sousa a serra de *Paranapiacaba* (logar donde se avista o mar), e chegou aos formosos campos de *Piratininga* (peixe secco), onde fundou a segunda povoação chamada *Sancto André da Borda do Campo*.

(19) A 31 de Janeiro chegava a esquadra á altura do cabo de Sancto Agostinho. Esse cabo fôra descoberto em Janeiro de 1500 — recebendo o nome de *Santa Maria de la Consolación* — por Vicente Yanez Pinzon que, como capitão da *Niña*, havia sido um dos companheiros de Colombo no descobrimento da America. Tambem em Fevereiro ou Março do mesmo anno Diogo de Leppe avistava o mesmo poncto da costa brasileira.

Achava-se, pois, o Brasil realmente descoberto pelos navegadores hispanhóes Yanez Pinzon e Diogo de Leppe, e antes d'estes, por Alonso Hojeda, Americo Vespucio e Juan de la Cosa, precedendo a Pedro Alvares Cabral, o navegador portuguez. « O Brasil, diz João Ribeiro, foi para os Portuguezes uma dadiva da sua diplomacia ».

Entretanto a respeito da questão de prioridade chronologica, pretendem Damião de Góes e João de Barros que, a Cabral, na viagem do descobrimento do Brasil, accompanhou um fidalgo portuguez, Duarte Pacheco, notabilissimo cosmographo, um dos que assignaram o tractado de Tordesilhas, e que, já em 1498, havia feito uma viagem ao Brasil, como consta de seu livro *Esmeraldo de situ orbis*.

(20) Suppõe-se que o logar em que desembarcou Martim Affonso de Sousa — conhecido durante muito tempo sob o nome de *Porto de Martim Affonso*,— foi

Martim Affonso de Souza

Logo que aqui chegou, mandou Martim Affonso de Sousa construir uma casa forte com cêrca em roda, visto não haver ainda feitoria alguma.

Depois de uma demora de tres mezes no Rio de Janeiro, diz Pero Lopes de Sousa (21) no seu *Diario*, tendo tomado mantimentos para um anno para quatrocentos homens e feito construir dous bergantins de quinze bancos, continuou o capitão-mór a sua viagem para o *Rio da Prata*, que nesse tempo se chamava *Sancta Maria*.

« Ao excellente porto do Rio de Janeiro, talvez o primeiro do mundo, cuja importancia Martim Affonso de Sousa não comprehendeu ou não teve tempo de examinar, não obstante haver-se nelle demorado tres mezes, de 30 de Abril a 1º de Agosto de 1531, como se verifica no *Roteiro* de Pero Lopes de Sousa, seu ermão, se deve a creação desta Provincia (22) e sua denominação.

« Foi necessario que os Francezes viessem mostrar o alcance de tão magnifica posição, tendo-se perdido, de 1502 a 1567, mais de sessenta annos infructiferamente.

« Foi ainda necessario, para conseguir a posse, que os missionarios Nobrega e Anchieta, á custa de grandes sacrificios e abnegação apostolica, obtivessem a paz com os indigenas Ta-

---

a Praia Vermelha, onde hoje se acha a Eschola Militar do Brasil.— Diz o dr. Mello Moraes Filho, no *Archivo do Districto Federal*, que a Praia Vermelha foi a *Praia Martim Affonso*.

Martim Affonso de Sousa demorou-se tres mezes no Rio de Janeiro, estabelecendo em terra uma ferraria para concertar varias peças dos seus navios. (Moreira Pinto, *ob. cit.*)

Na 1ª edição da *Historia Geral do Brasil*, diz Varnhagen :

« Não é fora de proposito suppôr que esse estabelecimento fosse situado na bocca do riacho (hoje Cattete), e que d'ahi se originou o nome *Carioca*, casa de branco.» — Na 2ª edição, porém, diz o referido auctor ter suspeitas de que essa casa foi construida em 1502 por Gonçalo Coelho.— A opinião geral é que Martim Affonso desembarcou e occupou o sitio, onde está hoje o Hospicio Nacional de Alienados, o qual, por muito tempo, conservou a denominação de *Porto de Martim Affonso*.

(21) Pero Lopes de Sousa foi, em 1534, o donatario da Capitania de Sancto Amaro, e morreu em um naufragio, perto de Madagascar, em 1539.

(22) A Provincia do Rio de Janeiro, que sob o mesmo nome fórma hoje um dos vinte Estados da União Brasileira, foi constituida por territorios pertencentes ás antigas capitanias de S. Vicente, Cabo Frio e S. Thomé ou Parahiba do Sul.

moios; o que se teria talvez facilmente obtido na passagem e demora de Martim Affonso de Sousa em 1531 » (23).

Resolvido o estabelecimento de um govêrno geral (24) na Capitania da Bahia de Todos os Sanctos, alli desembarcou Thomé de Sousa (25) a 29 de Março de 1549, para occupar o alto cargo, a que viera despachado pela côrte de Lisbôa.

Para melhor conhecer das necessidades do paiz confiado ao seu govêrno, Thomé de Sousa — depois de fundar e vêr rapidamente progredir a cidade do *Salvador* (26)— d'alli partiu, em 1552, afim de visitar as capitanias do Sul, levando em sua companhia o padre Manuel da Nobrega, superior dos seis Jesuitas (27) que, de Lisbôa, haviam accompanhado o governador-geral.

---

(23) Candido Mendes, *ob. cit.*

(24) O systema de colonização inaugurado por d. João III em 1534, dividindo o Brasil em capitanias hereditarias, doadas a diversos vassallos, não produzira os desejados effeitos. Faltava a essas capitanias um laço commum, que lhes servisse de centro protector, donde se irradiasse a acção benefica da auctoridade, para soccorre-las não só contra as invasões dos indios e difficuldades internas, como tambem contra quaesquer tentativas de inimigos externos. Resolveu portanto d. João III, a 7 de Janeiro de 1549, comprar a capitania da Bahia ao filho do infeliz donatario Francisco Pereira Coutinho, que, em 1547, fôra devorado pelos Tupinambás — afim de ahi estabelecer a séde de um governo geral com a necessaria centralização politica e administrativa no Brasil.

(25) Thomé de Sousa, primeiro governador-geral do Brasil, filho bastardo de uma das primeiras casas do Reino, era notavel por seus grandes dotes governativos e pelo saber e prudencia, que provara em muitas conjuncturas difficeis na Africa e na Asia. Nomeado por tres annos, a 7 de Janeiro de 1549, houve-se Thomé de Sousa por tal fórma no desempenho da ardua missão que lhe fôra confiada, que, só dezoito mezes depois de findo aquelle prazo, e ao cabo de muitas instancias, a 13 ou 15 de Julho de 1553, conseguiu entregar as redeas do governo ao seu successor Duarte da Costa, e regressar ao reino, onde, pelos seus conselhos e suggestões, continuou ainda a beneficiar as nascentes colonias d'além-mar.

(26) E' do governo tão energico e tão fecundo de Thomé de Sousa que data a fundação da cidade de *Salvador*, capital do actual Estado da Bahia. Auxiliado pela gente que de Portugal trouxera em tres náus, dous bergantins e uma caravella, pelo Caramurú e pelo genro d'este, Paulo Dias, bem como pelos indios Tupinambás que se mostraram submissos, promptificando-se a ajudar aos recem-chegados nos trabalhos da installação, fundou o governador-geral a cidade, em uma altura pouco distante da praia, e não muito afastada do antigo estabelecimento ahi deixado pelo desditoso donatario Coutinho, e chamado, desde então, *Villa Velha*; fortificou a cidade que, em breve, teve a sua egreja, casas para as principaes repartições publicas e um collegio de Jesuitas.

(27) O padre Manuel da Nobrega e os seus cinco companheiros, que o tinham por superior, eram membros d'essa Ordem religiosa, denominada *Companhia de*

Chegando ao Rio de Janeiro, sentiu a mais agradavel impressão perante a magnificencia do logar, e lamentou não poder ahi fortificar-se por falta de gente; escreveu nesse sentido a d. João III, pedindo-lhe que mandasse povoar similhante terra por *gente honrada e boa* (28).

Continuou, entretanto, abandonada pelo govêrno portuguez a bahia do Rio de Janeiro.

Por isso, logo que se divulgou na Europa a existencia da abençoada região, que a Providencia revelara a Cabral, encaminharam-se os aventureiros, em grande numero, para esta parte do Brasil, com o fito de promptamente enriquecer.

Sobresaïram entre esses aventureiros os Normandos (29) que, em frageis baixeis, sulcavam o oceano; de tal arte souberam captar a amizade dos nossos selvagens, que activissimo commercio com elles entretinham, donde lhes provinham extraordinarios lucros.

Estreita alliança travaram assim com os Tupinambás e os

Jesus, fundada em 1534 por Sancto Ignacio de Loyola, e, trazidos da Europa por Thome de Souza, foram os primeiros que aqui aportaram. Relevantissimos serviços vieram esses missionarios prestar á Egreja e á civilização, devendo-lhes sobretudo o Brasil a rapida propagação do Christianismo, a que se dedicaram com um zêlo verdadeiramente apostolico.

« Procuravam levantar os costumes e nobilitar a descendencia d'esses homens que aqui lançavam os fundamentos da nossa civilização. Foram os Jesuitas os primeiros mestres da mocidade americana, e nas suas casas e collegios abriram escholas gratuitas, que o povo todo frequentava...

« O elemento moral desta sociedade que florescia pela decomposição das raças foi a Companhia de Jesus. A ella coube essa responsabilidade difficil no meio de todos os tropeços e perfidias creados pela inercia do Estado e pelo appetite voraz dos colonos. Só ella é quem préga os principios... Por isso os seus inimigos é a legião toda dos conquistadores... Mas não arrefeciam os padres nessa improba lucta, que teve varias phases e a que succumbiram por fim, expulsos do paiz que educaram e onde foram a voz quasi unica do espirito christão.» (JOÃO RIBEIRO, *ob. cit.*)

(28) Mostra este pedido que Thomé de Sousa, a quem haviam accompanhado quatrocentos degredados, bem reconhecia os inconvenientes da colonização por meio de gente desregrada e criminosa.

(29) Foram designados sob este nome os arrojados piratas do Norte da Europa, os quaes, do VIII ao X seculo, assolaram constantemente as costas da Frisia, das Ilhas Britannicas e sobretudo da França, conquistando por fim neste ultimo paiz a região que recebeu o nome de Normandia.

Os Normandos a que ora nos referimos, e que partiam para o Brasil em busca da fortuna, zarpando dos portos de Dieppe, Havre, Honfleur, ainda bem se mos-

Tamoios — tribus da raça tupi (30) que dominavam no littoral comprehendido entre Bahia e Rio de Janeiro — trocando muitos d'elles a vida civilizada pela selvagem : furando os labios, vestindo-se de pennas e tingindo os corpos.

Nenhum estabelecimento, porém, existia em nossa bahia : aqui se demoravam os navios unicamente o tempo necessario para a permuta dos objectos de pouco valor, como vidrilhos, missangas e espelhos pelo precioso pau-brasil, chamado pelos indigenas *ibiapiranga* (pau vermelho).

Foi, por esse tempo, que pensaram os Francezes em fundar uma colonia no Rio de Janeiro.

Reinava em França Henrique II, filho e successor de Francisco I, e gosava da sua privança o almirante Gaspar de Châtillon, conde de Coligny, quando este, que era em seu paiz considerado como chefe do partido calvinista, ou *huguenote*, como tambem o appellidavam, desejando offerecer aos seus correligionarios um asylo onde, em socêgo, pudessem viver e prosperar, lembrou-se de fundar uma colonia além do Atlantico.

Indicada para assento da nova colonia a bahia de Guanabara, de que faziam os viajantes tão poeticas descripções, recaïu a escolha para chefe do futuro nucleo colonial em Nicolau Durand de Villegagnon (31), cavalleiro de Malta, vice-almirante de Bretanha, cuja competencia era, em França, geralmente reconhecida.

---

travam os descendentes d'esses audazes aventureiros, os *Vikings*, celebres nos Sagas da Scandinavia, d'esses famosos *écumeurs des mers*, que alegremente navegaram *sur la route des Cygnes*.

(30) Os *Tupis* formavam uma das grandes nações de Indios que habitavam o Brasil na época da descoberta, e extendiam-se, em geral, pelo littoral, do Sul ao Norte. Segundo Varnhagen, *Tupi* significa raça primitiva ; *Tupinambá*, varão ; *Tamoio*, avô.

(31) Habil e intrepido official de marinha, nasceu Villegagnon, ou Vilegagnon (escrevia elle mesmo ora d'um ora d'outro modo), em Provins (Seine-et-Marne) em 1510, e morreu, segundo Gaffarel, perto de Nemours, a 9 de Janeiro de 1571. Era sobrinho de Villiers de l'Isle Adam, gran-mestre dos cavalleiros de Rhodes, o celebre defensor d'esta ilha contra os Turcos, os quaes, vencendo-o, obrigaram-no a transportar para Malta a séde da sua Ordem. Villegagnon cursou as aulas da Universidade de Paris, onde foi condiscipulo de João Calvin.

« Accompanhara (1541) Carlos V na expedição de Argel contra o tyranno Barbaruiva ; defendêra Malta, aggredida pelos Turcos (1551), e, quando os Escossezes quizeram mandar para França a jovem rainha Maria, Villegagnon illudiu os

Uma expedição de dous navios e uma chalupa, com cêrca de seiscentas pessoas, sob as ordens de Villegagnon, saïu do Havre de Gràce, então chamado *Franciscopolis*, a 12 de Julho de 1555.

Depois de contratempos que obrigaram os expedicionarios a arribar a Dieppe, onde se demoraram poucos dias em reparar avarias, vieram elles surgir, a 10 de Novembro do mesmo anno (32), deante do *Pão de Assucar* (33).

Escolheu Villegagnon, para o seu primeiro estabelecimento, um rochedo esteril, quasi ao nivel do mar, á entrada da bahia, ao

---

cruzadores inglezes rodeando a Gran-Bretanha, tomando a rainha em Dumbarton, e levando-a salva e segura a seu destino... Affirmavam diversos chronistas portuguezes que Villegagnon já fizera uma viagem ao Cabo Frio. . . O mesmo, pouco mais ou menos, repetiu o abbade Claudio Haton de Provins. São, no entretanto, os auctores do tempo accordes em affirmar que Villegagnon só conhecia o paiz por informações.» (Pe RAHHAEL GALANTI — *Hist. do Brasil.*)

« Lustre da marinha franceza, homem de energia e illustração notaveis, foi entretanto o heróe da mallograda *França Antarctica* victima das maiores injurias dos seus contemporaneos. Os calvinistas, attrahidos ao seio da sua tyrannia na America, puzeram-lhe o infame epitheto de Caim, para significar que assassinou os seus ermãos. Muitos historiadores resuscitaram e revigoraram as razões que o malsinaram ; mas sem verdadeira critica nem exame. . . Basta a justificar a honorabilidade de Villegagnon quem como elle conhecia a responsabilidade do governo colonial; Mem de Sà, que o exalta e nobilita aos olhos da posteridade, dando-o como um homem puro e philanthropo.» (JOÃO RIBEIRO, *ob. cit.*)

« Villegagnon pudera ter sido um dos grandes homens de França, não recordando todavia o seu nome sinão o infeliz resultado de uma tentativa de colonização, emprehendida entretanto com todas as probabilidades de bom exito.» (P. GAFFAREL — *Histoire du Brésil français.*)

« Hei frequentemente lido, mesmo em trabalhos modernos, que Villegagnon era sobrinho de Villiers de l'Isle-Adam, gran-mestre da Ordem de Malta. Bem longe estava elle de similhante parentesco. Sem o pequeno senhorio de Villegagon comprado, havia pouco, pelo pai, fôra simplesmente Nicoláo Durand. Houvera dissipado este erro uma leitura mais attenta do proprio documento, que lhe deu origem : o tractado *De Bello melitensi*, composto por Villegagnon. Os Villiers, de que descendia Joanna de Fresnoy, mãe de Villegagnon, não pertenciam à familia dos Villiers de l'Isle-Adam. (ARTHUR HEULHARD, *Villegagnon.*)

M. Paul Gaffarel, decano da Faculdade de Lettras de Dijon, escrevia em 1878 : « Villegagnon é um dos mais extraordinarios personagens do XVI seculo, tão fecundo, entretanto, em typos singulares ; soldado, marinheiro, diplomata, historiador, controversista, fazedor de projectos, agricultor, industrial, erudito ; até philologo foi elle; pode-se dizer. um homem universal.

(32) E' a data que se lê na segunda carta de NICOLAU BARRÉ, secretario do chefe da expedição. Essa carta vem reproduzida na obra citada de P. Gaffarel.

(33) « A' esquerda da entrada da barra do Rio de Janeiro depara-se — chamando desde logo a attenção do viajante — com o famoso penhasco de granito, despido de vegetação, de 385 metros de altura, e, pela forma do seu cume, chamado *Pão de Assucar*. Está assentado em uma base agradavel, como de proposito para indicar a entrada da grande bahia.» (VALLE CABRAL — *Guia do Viajante no Rio de Janeiro.*)

qual chamaram os Francezes *Ratier* e os nossos *Lage*, nome este que ainda hoje conserva.

Reconhecendo depois a impossibilidade de permanecer em similhante rochedo, açoitado pelas vagas, transferiu a colonia para um ilhéo, mais proximo á terra, denominado pelos Tamoios de *Serigipe*, e ahi construiu um forte, a que deu o nome de *Coligny*, em honra do seu protector.

Escreveu ao almirante pedindo-lhe novos soccorros, e a Calvin, solicitando a remessa de ministros de sua seita para catechizarem os selvagens.

Apressaram-se ambos em satisfazer os desejos de Villegagnon, mandando-lhe, em tres navios armados de dezoito peças, sob as ordens de seu sobrinho Bois-le-Comte (34), não só um refôrço de trezentos homens, como tambem alguns ministros e theologos calvinistas. Esta expedição, que saïra de Honfleur a 19 de Novembro de 1556, aqui aportou a 16 de Março de 1557 (35).

Foram recebidos todos com summa alegria por Villegagnon, e alojados em uma cabana de palha, provida de macas de algodão.

E assim apossaram-se os Francezes da bahia do Rio de Janeiro, tractando então seriamente de grangear toda a sympathia dos indigenas Tamoios e Tupinambás, que a povoavam.

Com todo o pessoal da sua colonia, achava-se pois Villegagnon estabelecido na ilha de Serigipe (36).

Nessa ilha, cercada de cachopos, levantaram os Francezes casas de pau a pique, cobertas de palha para sua residencia, porquanto tencionavam demorar-se, extender suas conquistas ao continente,

---

(34) Com a expedição de Bois-le-Comte, que constava dos navios *Grande Roberge*, *Petite Roberge* e *Rosée*, vieram varios theologos calvinistas — Pedro Richier, Guilherme Chartier, Philippe Dupont de Carguilleray e João de Léry — entre os quaes sobresaïa este ultimo, natural de Genebra, a quem se deve uma interessante obra intitulada *Histoire d'un voyage faict en la terre du Brésil*, etc., impressa pela primeira vez em La Rochelle, 1578 — em que tracta da expedição, dá curiosas noticias ácerca dos indigenas entre os quaes conviveu, e apresenta, sob o titulo de *Colloque*, uma lista de palavras da lingua tupi, um dialogo e algumas observações grammaticaes.

(35) São estas as datas apresentadas por Valle Cabral, *ob. cit.*

(36) Após a edificação do forte, foi a ilha de *Serigipe* chamada de *Coligny*, e mais tarde de *Villegagnon*, nome que ainda hoje conserva.

que devia receber o nome de *França Antarctica*, e elevar, na praia fronteira á ilha, uma cidade denominada *Henriville* (37), em homenagem ao rei Henrique II, de França.

Informado d. João III do estabelecimento dos Francezes nesta região, ordenou a d. Duarte da Costa (38), governador geral do Brasil, que mandasse reconhecer o forte e a barra do Rio de Janeiro, o que, com a maior diligencia, cumpriu o governador, transmittindo a el-rei as informações obtidas.

A 11 de Junho de 1557, porêm, fallecia o monarcha por-

---

(37) Menciona A. Thévet a fundação da cidade franceza de *Henriville*, e alguns escriptores acreditam nesse facto.— O mais certo, entretanto, é que tal fundação nunca se deu, mórmente tendo em vista o seguinte trecho do capitulo VII da obra de J. Léry: «... ie diray que ie ne me puis assez esmerveiller de ce que Thévet en l'an 1558 & environ deux ans après son retour de l'Amerique, voulant complaire au roy Henry second, lors regnant, non-seulement en une carte qu'il fist faire de ceste riviere de *Ganabara*, & fort de Coligny, fist pourtraire à costé gauche d'icelle en terre ferme, une ville qu'il nomma *Ville Henry*: mais aussi, quoy qu'il ait eu assez de temps depuis pour penser que c'estoit pure moquerie, l'a néantmoins derechef fait mettre en sa *Cosmographie*. Car quand nous partismes de ceste terre du Brésil, qui fut plus de dix huict mois après Thévet, ie maintien qu'il n'y avoit aucune forme de bastimens, moins villege ni ville à l'endroit où il nous en a forgé & marqué une vrayment fantastique. Aussi luy mesme estant en incertitude de ce qui devoit proceder au nom de ceste ville imaginaire... l'ayant nommée *Ville Henry* en sa première carte, & *Henry ville* en la seconde, donne assez à conjecturer que tout ce qu'il en dit n'est qu'imagination & chose supposée.»

(38) « D. Duarte da Costa, armeiro-mór do reino, nomeado governador geral do Brasil a 1º de Março, tendo partido de Lisboa no dia 8 de Maio de 1558 com uma flotilha de tres caravellas e uma náu, lançou ferro e desembarcou na Bahia no dia 13 de Julho do mesmo anno, tomando posse immediatamente. Vieram com elle duzentas e cincoenta pessoas. Tres d'estas eram padres, e quatro ermãos jesuitas, ás ordens do p. Luiz da Gran, já reitor do Collegio de Coimbra, que trouxe para Nobrega o titulo de provincial. Contava-se entre os quatro ermãos José de Anchieta, mais tarde sacerdote, provincial e apostolo do Brasil.

« ... E' provavel, diz Varnhagen, que d. Duarte da Costa chegasse ao Brasil animado de muito bons desejos ; mas do seu govêrno não o podemos deduzir.»

« A administração d'este governador tornou-se sobretudo notavel por suas desavenças com o bispo d. Pero Fernandes Sardinha.— Hoje, apesar de termos os documentos, é muito difficil formar um juizo seguro a respeito da innocencia ou culpabilidade de qualquer dos dous. O certo é que o povo em geral estava com o bispo contra o governador, e a Camara da Bahia, segundo refere Accioli, dirigiu em 1556 uma petição ao rei, pedindo em altos brados e em nome de todo o povo que pelas *chagas de Christo* mandasse com brevidade governador e ouvidor, retirando os actuaes, visto como para penitencia dos peccados, já bastava tanto tempo.» (P. RAPHAEL GALLANTI, *ob. cit.)*

Ouvindo as súpplicas da Camara da Bahia, resolveu a Côrte nomear a Mem de Sá para vir exercer o cargo de governador geral do Brasil.

tuguez (39), succedendo-lhe no throno d. Sebastião (40), seu neto, contando apenas tres annos e meio de edade, sendo então reconhecida, como regente do reino, sua avó, a rainha d. Catharina d'Austria, que em 1562 entregou a regencia a seu cunhado, o cardeal d. Henrique.

Resolvendo o govêrno da metropole dar execução aos projectos de d. João III, recommendou ao governador geral, Mem de Sá (41), que fosse expulsar os Francezes do Rio de Janeiro e castigar os indios seus alliados, confiando a Bartholomeu de Vasconcellos da Cunha o mando da esquadra, que devia cooperar para esse fim.

---

(39) « Em dezesepte annos, diz J. M. de Macedo, emprehendeu e consumou d. João III duas empresas difficilimas: o estabelecimento das capitanias hereditarias no Brasil, com o fim de coloniza-lo, e a reforma d'esse systema para dar bôa ordem, administração, segurança e futuro aos dominios portuguezes na America.»

(40) Decimo sexto rei de Portugal, que teve o triste destino de sepultar consigo nos areiaes africanos, em Alcacer-Kibir, a 4 de Agosto de 1578, o poder e a prosperidade da sua patria, nasceu d. Sebastião em Lisboa a 20 de Janeiro de 1554, sendo filho posthumo do principe d. João — unico filho varão sobrevivente d'el-rei d. João III — e de d. Joanna, filha do grande imperador Carlos V.

(41) « Terceiro governador geral do Brasil, Mem de Sá succedeu nesse cargo a Duarte da Costa em 1558, exercendo-o sem interrupção até 1572, em que o entregou á seu successor, morrendo pouco depois e sendo sepultado no cruzeiro da egreja dos Jesuitas da cidade de S. Salvador. Fôra nomeado desembargador da Casa da Supplicação em 12 de Maio de 1532, quatro annos depois corregedor dos feitos civeis da Côrte, desembargador dos Aggravos em 1541; obtendo carta de conselho no anno de 1556.

« Illustre e benemerito por valiosos serviços prestados á colonização e á nascente civilização do Brasil, Mem de Sá, na sua longa administração de cêrca de quinze annos, venceu a guerra contra os Indios nas capitanias de Porto Seguro e dos Ilhéos, onde morreu seu filho Fernando de Sá; dominou a conjuração dos Tamoios na capitania de S. Vicente, sendo seus principaes auxiliares os Jesuitas Nobrega e Anchieta : extinguiu a peste e a fome que assolavam a capitania da Bahia e despovoavam os aldeamentos de Indios amigos, os quaes foram dizimados pela variola e afugentados para as florestas pelo terror.

« Mem de Sá póde ser considerado o principal fundador d'esta cidade, porque nella lançou as bases do seu progresso, creando a vida politica e organizando a administração publica.

« Si nunca podem ser exquecidos, diz o illustrado archeologo dr. Vieira Fazenda, os serviços de Estacio de Sá e de seus denodados companheiros, si não podem ser olvidados os auxilios prestados aos Portuguezes pelo valente Ararigboia, largo nome e perpetua fama aureolarão a individualidade do integro ermão do poeta Sá de Miranda.

« A Mem de Sá pagarão os Cariocas em breve antiga divida, dando o seu nome a uma das importantes avenidas, que fazem parte do plano dos melhoramentos d'esta cidade.» *(Consolidação das Leis e Posturas Municipaes.)*

A' chegada da esquadra á Bahia, a 30 de Novembro de 1559, manifestaram-se muitas opiniões, oppondo-se á expedição contra o inimigo.

O padre Manuel da Nobrega, porém, por seu character e influencia, decidiu Mem de Sá a cumprir as ordens recebidas, sendo a armada reforçada por algumas caravellas e abundantemente provida de armas e munições.

Constava a expedição, ao saïr da Bahia, a 16 de Janeiro de 1560, de dous mil homens, embarcados em dous navios de alto bordo e oito menores. Tocando nas capitanias dos Ilhéos, Porto Seguro e Espirito Sancto, recebeu por toda a parte os pequenos contingentes, que lhe puderam fornecer os habitantes d'essas capitanias, vindo ancorar no Rio de Janeiro a 21 de Fevereiro do mesmo anno.

Tentou então Mem de Sá surprehender a guarnição. Nada, porém, conseguindo, e, diz Southey, « vendo que não podia chegar-se á ilha com os seus navios, nem ter canôas para desembarcar, e pilotos peritos que conhecessem a costa e a barra do Rio de Janeiro, expediu o jesuita Nobrega a S. Vicente a buscar reforços e practicos ».

Com zêlo e intelligencia desempenhou o padre Nobrega a commissão de que fôra incumbido, despachando logo, com um bom bergantim, canôas e botes carregados de munições e viveres, e tripolados por marinheiros portuguezes, mamelucos e indigenas, tudo gente que conhecia bem a costa, e tinha a practica necessaria para pelejar contra os Tupinambás e os Tamoios, alliados dos Francezes.

Forçando a barra, apesar da tenaz resistencia dos contrarios, tentaram os Portuguezes effectuar um desembarque na praia fronteira á ilha, que se achava admiravelmente fortificada. Renhida foi a lucta: com incrivel denodo combatiam os Francezes, posto que privados da presença do seu principal chefe, Villegagnon, que, oito mezes antes, partira para a França.

Desembarcaram finalmente os Portuguezes na ilha em uma sexta-feira, 15 de Março, e após dous dias e duas noites de encar-

niçado combate, apoderaram-se d'ella, obrigando os inimigos à se lançarem precipitadamente ás suas canôas, acolhendo-se uns aos navios, outros refugiando-se em terra (42).

Neste assalto foi de grande auxilio aos Portuguezes um indigena baptizado — *Ararigboia*, que tinha tomado o nome de Martim Affonso, cuja intrepidez foi remunerada por uma tença e o habito de Christo.

Em um conselho convocado depois da victoria deliberou-se, attenta a conveniencia de não dividir os escassos recursos da colonia, abandonar a recente conquista, sendo previamente arrasado o forte e recolhida a artilharia aos navios.

Feito isto, deixou Mem de Sá o nosso porto, no dia 31 de Março de 1560, e velejou para a Bahia com todos os seus soldados.

Vencidos, porém não expellidos do paiz, tractaram os Francezes, logo que viram longe as naus portuguezas, de elevar novas fortificações nas aldeias de *Uruçumirim* e *Paranapucuhi*, situadas, a primeira, no logar actualmente donominado *Praia do Flamengo*, juncto ao rio *Carioca*, hoje *Cattete*, e a segunda — por Varnhagen chamada *Paranapuan* e *Paranapecú* — na ilha a que davam os indigenas o nome de *Maracaiá* ou do *Gato Bravo*, e que foi mais tarde a do *Governador* por haver sido propriedade de Salvador Corrêa de Sá.

Tal era a situação do Rio de Janeiro, quando entendeu a rainha-regente, d. Catharina, que a todo o transe importava expulsar os Francezes das possessões portuguezas.

Para chefe d'essa arrojada empresa foi designado o capitão-mór Estacio de Sá, «já conhecido por seus gloriosos precedentes», sendo-lhe recommendado que na Bahia, para onde seguia, com dous

---

(42) « ...E naquelle dia entrámos á ilha, onde está a fortaleza posta, e todo aquelle dia e o outro pelejámos sem descansar de dia nem de noite, até que N. S. foi servido de a entrarmos com muita victoria e morte dos contrarios, e dos nossos, poucos; e si esta victoria me não tocára tanto, pudera affirmar á Vossa Alteza que ha muitos annos que se não fez outra tal entre christãos; porque, posto que vi muito e li menos, a mim me parece que se não viu outra fortaleza tão forte no mundo.» (*Carta de Mem de Sá á Côrte*, datada de S. Vicente, a 16 do mez de Junho de 1560.)

galeões carregados de pretrechos bellicos, recebesse as prestantes instrucções do seu tio, o governador geral.

Demorando-se na capital do Brasil unicamente o tempo necessario para reforçar a sua fraca expedição que, ainda no Espirito Sancto, obteve consideravel auxilio — « accompanhando-o, escreve Varnhagen, até o proprio capitão-provedor Belchior de Azevedo e o temiminó Martim Affonso *Ararigboia*, com todos os seus Indios, — entrou, em principios de Fevereiro de 1565, na enseada do Rio de Janeiro, para ver si tentava fortuna, sem mais soccorros. »

Não podendo executar as instrucções, que lhe prescreviam de attrahir os Francezes a uma batalha naval fóra da barra, procurando ao mesmo tempo conservar a amizade dos Tamoios — por isso que haviam estes rompido um armisticio anteriormente celebrado em *Iperoïg*, em 1563, e por toda a parte mostravam sua hostilidade aos Portuguezes — muito avisadamente dirigiu-se Estacio de Sá para S. Vicente e Santos, onde Nobrega e Anchieta lhe obteriam novos soldados e munições.

A 20 de Janeiro de 1566, saïa do porto da *Berriquioca* (hoje Bertioga) a expedição portugueza que, tendo antes tocado na capitania do Espirito Sancto, aqui aportou em 20 de Março desse mesmo anno.

Desenganado Estacio de Sá de vencer o inimigo em uma só batalha, escolheu para arraial o sitio perto do Pão de Assucar, onde marcou o berço da opulenta rainha da America Meridional. (43)

---

(43) «... Estacio de Sá, mal pisara terras do Rio de Janeiro, fizera logo surgir *em sua totalidade moral e politica* a cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro. Desde a Bahia a cidade vinha creada, a alma estava formada; só lhe faltava o corpo — *o mundus* —, dentro do qual se elevasse o Capitolio, que protegesse e unificasse a população, os muros e as portas. Fixou o termo da cidade que se extendia até um raio para cada lado de seis leguas e para patrimonio da Camara doou para rocio legua e meia de terra. Em 16 de Junho de 1565 fez a doação, e em 24 «immittiu-a na posse publica, solemne, na pessoa do seu procurador João Proyc e junto ao *Carioca* affirmou a personalidade juridica do Rio de Janeiro, cuja integridade dous annos mais tarde tinha de argamassar com o seu proprio sangue.» (CARLOS DE CARVALHO, *O Pat. Terr. da Municip. do Rio de Janeiro.*)

« Não obstante os reforços que trazia de Santos, Estacio, ao entrar na barra do Rio, entendeu fundear logo á entrada, á sombra do Pão de Assucar, desembarcando na penisula que se forma ao lado delle, entre o mar largo e o

Em escaramuças e refregas despendeu-se todo o anno, até que, informado Mem de Sá, por José de Anchieta, da arriscada situação em que se achava seu sobrinho, deliberou vir em pessoa, com todas as fôrças da colonia, pôr fim a tão prolongada guerra.

Saïndo da Bahia em Novembro, fez-se de vela para a capitania dos Ilhéos, afim de punir a revolta dos Aimorés, o que havendo conseguido, passou pelo Espirito Sancto, onde recebeu duzentos indigenas, chegando á nossa bahia a 18 de Janeiro de 1567.

Destinando sómente um dia para o descanso de suas tropas, resolveu o governador geral investir as aldeias inimigas no dia em que commemorava a Egreja o martyrio de S. Sebastião.

Mortifero combate travou-se sôbre as palissadas da aldeia de Uruçumirim (44): Tamoios e Francezes rivalizaram em valor contra

---

primeiro sacco ou concha da bahia, junto ao morro *Cara de Cão* de Gabriel Soares, hoje morro de S. João.

« Este sitio impunha-se como o local para fundação da cidade, começando logo, diz Varnhagen, « a roçar o matto, e a fazer, antes de tudo, uma tranqueira, que servisse á defensa contra qualquer surpreza; construiram-se arruados, alguns ranchos ou tujupares de taipa de sebe, ao modo dos dos Indios, e abriu-se na gandara junto à praia uma cacimba: tudo isto apesar das ciladas que por terra, por mar, intentavam os Barbaros, cujo principal *Ambiré* era destrissimo no armal-as aos inimigos.» (Felisbello Freire, *Hist. da Cid. do Rio de Janeiro.*)

(44) Dessa medonha lucta tentaram dar idéa os nossos poetas S. Rita Durão e D. J. G. de Magalhães nos seguintes versos dos seus poemas:

A cinza cobre o Céo caliginosa,
Muge o chão, treme a terra, o pégo brama,
E o mortal espantado, e tremebundo,
Crê que o Céo caia, e que se funda o Mundo.

(*Caramurú*— canto VIII, est. LII.)

Trava-se horrenda e se encarniça a lucta,
Roncam bombardas, arcabuzes troam,
Balas e flechas pelos ares zunem,
Ninguem cede em valor ao seu contrario,
E no ardor de matar ninguem se guarda.

(*Confederação dos Tamoyos* — canto X.)

Ainda com maior energia talvez é ella descripta pelas seguintes palavras daquelle, a quem J. C. Fernandes Pinheiro denominou o *Herodoto Brasilico*:

« Excitados do valor, pelejavão tambem os elementos: o fumo, e as settas tinhão occupado o ar; as balas, e o estrondo levantavão as ondas; tremia a terra na contingencia de quem a havia de possuir; o fogo achava varias materias em

os Portuguezes que, saïndo victoriosos, enthusiasmados pelo triumpho, voaram ás trincheiras de Paranapucuhi, que foram tomadas de assalto.

Entre os feridos no primeiro combate estava o valente Estacio de Sá, que, tocado no rosto por hervada setta de dextro Tamoio, veio a fallecer um mez depois de haver practicado tão gloriosas façanhas (45).

Foi sepultado na ermida, coberta de palha, que erguêra ao Sancto Padroeiro da cidade qua havia fundado, sendo-lhe ahi prestadas as honras funebres, a que tinha direito (46).

---

que arder : tudo era horror, mas superando a toda aquella confusão o nosso esforço, ganhamos aos inimigos todas as suas forças, e estancias, deixando mortos innumeros gentios, e muitos francezes. » (ROCHA PITTA, *Historia da America Portugueza*.)

(45) Estacio de Sá deu o exemplo da coragem, combatendo á frente dos seus, até que gravemente ferido

Cahindo o heróe na espada, que conserva,
Adora humilde a Cruz, e perde a fala :
Banha-se em sangue o chão, e em tanta gloria
Regada a terra produziu victoria.

(*Caramurú* — canto VIII, est. LVII.)

« E desta sorte as flechas, que ornam o escudo da cidade, tornaram-se mais expressivas, pois que a um tempo commemoram os soffrimentos do seu padroeiro e do seu primeiro fundador. » (MOREIRA PINTO, *ob. cit.*)

(46) Em 1583 foram transladados os restos mortaes de Estacio de Sá, da Villa Velha para a egreja de S. Sebastião (do morro), então Sé do Rio de Janeiro. Ainda no centro da capella-mór desta egreja se acha a lapide de granito primitiva da campa sepulchral, tendo na parte inferior as armas da casa dos Sás, rematando a seguinte inscripção, que apresentamos em orthographia corrente : «Aqui jaz Estacio de Sá, Primeiro Capitão e Conquistador desta Terra e Cidade E a Campa mandou fazer Salvador Correa de Sá seu Primo Segundo Capitão e Governador Com suas Armas E esta Capella acabou o Anno de 1583. »

A 16 de Novembro de 1862, foram os ossos de Estacio de Sá tirados do seu antigo jazigo, na presença do imperador e de membros do Instituto Historico, e a 20 de Janeiro do anno seguinte foram encerrados solennemente em uma urna de pau-brasil, e esta em um cofre de chumbo e collocado tudo em um carneiro de alvenaria para esse fim construido, e conjunctamente o auto de exhumação, as gazetas do dia, moedas de ouro, prata e medalhas. Fechou-se a abertura por uma lapide, tendo a seguinte inscripção : « Restos mortaes de E. de Sá, exhumados desta sepultura em 16 de Novembro de 1862. A' ella restituidos em 20 de Janeiro de 1863. »

« A sepultura do primeiro capitão-mór do Rio de Janeiro é para o Brasil uma veneravel reliquia, que não só a piedade, mas tambem a gratidão, nos impõe o dever de acatar, como de um heróe martyr, que sacrificou sua existencia pelo paiz, que hoje se deve gloriar em proclama-lo seu cidadão adoptivo. » (VARNHIAGEN, *ob cit.*)

Vencido o inimigo (47), mudou Mem de Sá muito depois o assento da cidade para o morro que foi conhecido sob o nome de *S. Januario*, e mais tarde do *Castello*, abandonando a povoação da *Villa Velha*, cujas choças de toscos ramos e palmas seccas pouco a pouco desappareceram.

Estando os aventureiros francezes pela segunda vez e, póde-se dizer, definitivamente desalojados das posições em que haviam permanecido durante um periodo de cêrca de doze annos, compenetraram-se os Portuguezes da indeclinavel necessidade de garantir para o futuro a integridade de uma conquista obtida á custa de ingentes sacrificios e de muito sangue precioso.

Conquanto bastante estrategicos os pontos conquistados, não offereciam, entretanto, todas as condições de perfeita segurança para o desenvolvimento da nascente cidade. Era mister encontrar um sitio que, mais vantajosamente, se prestasse não só á organização

---

(47) Jamais guerra em que tão pequenos esforços se fizessem, e tão poucas forças se empregassem de parte a parte, foi tão fertil de importantes consequencias... Portugal estava quasi tão desattento quanto a França. A morte de d. João III fôra para o Brasil irreparavel perda; porquanto, posto que a rainha regente durante alguml tempo proseguisse nos planos do finado monarcha, era com menos zelo e diminuido poder; e quando se viu forçada a resignar a administração nas mãos do cardeal d. Henrique, revelou este a mesma absoluta falta de resolução e actividade, que mais tarde manifestou no seu curto e triste reinado. Menos energico fosse Mem de Sá no cumprimento dos seus deveres, ou Nobrega menos habil e menos incansavel, e esta região, em que está edificada a capital do Brasil, seria hoje franceza. (R. SOUTHEY, *History of Brazil*).

A victoria dos Portuguezes acarretou para os Tamoios — os unicos representantes no Rio de Janeiro da raça tupi — a necessidade de abandonarem com suas familias as margens desta bahia.

« As miserandas reliquias de tamanha tribu, velhos e moços, tanto homens omo mulheres, tudo optando a liberdade pela escravidão, tomou a resolução de abandonar a predilecta Ganabára, testimunha de seus revezes e infortunios, depois das memoraveis batalhas de Uruçumirim e Paranapucuhi, em que baldados foram todos os esforços, e vencidos o seu valor e coragem. Tudo fugiu, tudo caminhou errante pelos bosques e brenhas; as mães com os filhinhos ao collo, os homens carregados de suas armas com suas maças ensanguentadas, e seus machados, com seus arcos e flechas, transportando seus enfeites de pennas e suas redes ou *tapoiranas*, deixaram-se guiar de seus *tobixaras*, que tambem seguiam os *Pagés* ao sussurro mysterioso do *maracá*, e proseguiram de Sul para Norte, procurando como os Tupinambás, guiados por Yapiaçú, as mesmas veredas que haviam trilhado seus antepassados. Mas estes vieram, e elles regressavam, como si na patria de seus avós pudessem ir viver mais felizes e tranquillos. » (JOAQUIM NORBERTO, *Mem. hist. das Aldêas de Indios da Prov. do Rio de Janeiro*, publicada na *Revista do Instituto Historico* em 1854.)

de meios de defesa, como tambem á disposição de um plano de ataque, quando deste fosse preciso lançar mão.

Ora, si nos remontarmos á phase historica da fundação desta cidade e, pelo pensamento, accompanharmos o olhar investigador dos vencedores lusitanos, quando á procura de um local apresentando todos os requisitos que assegurassem a estabilidade do novo nucleo colonial, forçoso será convir em que outro melhor se lhes não podia deparar do que o morro de S. Januario.

Qual, a não ser este, havia, porventura, de ser escolhido?

Das culminancias do morro abrangia a vista toda a bahia, e dilatada extensão de terra, em um raio de cêrca de quinze milhas: assim, livres estavam de uma inopinada e traiçoeira aggressão, tanto por mar como por terra. Ainda mais: — ahi perto ficavam os reductos conquistados ao inimigo, prestes a serem restaurados e a se tornarem, portanto, outros valiosos elementos de segurança e de defesa, mórmente estabelecendo entre esses diversos pontos os meios de rapida communicação, de que naturalmente logo tractariam.

Assim é que, devido á sua excepcional posição, estava o morro de S. Januario fadado a receber os primeiros alicerces de uma cidade, que não tardaria a eclipsar, em brilho e importancia, todas as mais até ahi fundadas no continente sul-americano (48).

Pouco tempo decorre; o morro é febrilmente assaltado pela pedra, a madeira, o ferro, o bronze e o aço que, lá em cima, se convertem em cidadella — onde, proximamente, darão entrada o governador e o seu sequito, onde tremulará o emblema que, em suas dobras, encerra o eloquente e definitivo symbolo de Vida e de Poder: — o regio estandarte portuguez.

---

(48) « A fundação de uma cidade não era um problema novo para os Portuguezes; muitas viram elles nascer nas ilhas e na Africa, ao redor dos fortes ou ao pé das feitorias; aqui, na America, dar-se-hia o mesmo mais tarde, e as cidades surgiriam, umas das missões e aldeias dos indios, outras das feiras do sertão, dos pousos de passagem e travessias dos grandes rios, muitas ao pé dos fortes que asseguravam as *entradas* pelo interior, como os *bourgs*, os *caster* e *abbadias*, e os *vada* dos rios, os mercados (*kermesses*) dos tempos medievaes. Entre todas essas, a primeira consideração intuitiva era a da defesa contra a ameaça externa.» (JOÃO RIBEIRO, *ob. cit.*)

Firmadas estão a voz e a logica dos canhões... Faltam agora dous principios essenciaes que ninguem então cogitava de separar: — a Luz e a Fé... Já sobem a encosta do morro...

Em breve, os raios do sol que ora fazem scintillar as lanças, as espadas e os canhões victoriosos, virão dourar a cumieira do collegio da Ordem de Jesus e beijar a cruz que rematará a torre do sanctuario, onde será adorado o Omnipotente!... Num espaço de quinhentos metros quadrados, achar-se-hão reunidos os attributos dos tres elementos primordiaes e indispensaveis á creação de toda sociedade: — o Poder, a Sciencia e a Religião, — e, á sua protectora e vivificadora sombra, desenvolver-se-ha a semente fecunda, d'onde provirá uma nova sociedade, uma nova nacionalidade, um novo mundo!...

No alto do morro foi logo dado começo á construcção do forte de S. Sebastião, da casa da Camara e do governador, da cadeia e da matriz, consagrada ao Sancto Padroeiro (49); na extremidade oriental do morro, em terreno cuja doação foi acceita em nome da Ordem pelo visitador geral, padre Ignacio de Azevedo, edificou-se o collegio e a egreja dos Jesuitas.

Não podendo por mais tempo permanecer no Rio de Janeiro, entregou Mem de Sá o govêrno da nascente cidade a seu sobrinho Salvador Corrêa de Sá — nomeado capitão e governador da capitania pela provisão de 4 de Março de 1568 — e partiu pouco depois para Bahia, onde falleceu a 2 de Março de 1572, sendo enterrado na egreja do collegio dos Jesuitas (50).

---

(49) As obras d'esta egreja, cuja edificação de taipa foi mandada começar por Mem de Sá, ficaram suspensas em 1572, e só continuaram no segundo governo de Salvador Correa, que as concluiu em 1583, e para alli então removeu os restos mortaes de seu primo Estacio de Sá.

Em 1569 foi elevada á categoria de matriz da freguezia da Sé, a primeira creada nesta cidade, e cento e sete annos mais tarde, em 1676, era a egreja cathedral.

« O atrio da actual egreja do morro do Castello é cercado com gradil de ferro, e, juncto ao cunhal da egreja, ve-se enterrado no chão um marco de pedra marmore de quatro palmos de altura, tendo em uma face as quinas portuguezas, e em outra a cruz de Christo.— Que recordará essa pedra enterrada ha seculos; indicará um tumulo ou será o marco da fundação da cidade?...» (MOREIRA DE AZEVEDO, *O Rio de Janeiro.*)

(50) « O govêrno de Mem de Sá é um dos que a historia deve considerar como dos mais proficuos para o Brasil, o qual se póde dizer ter sido por elle salvo,—

Durante o govêrno de Salvador Corrêa de Sá, de 1568 a 1572, teve o Rio de Janeiro rapido desenvolvimento, extendendo-se por todo o morro e varzea adjacente.

Tractou o governador, com serio empenho, de tomar as precisas providencias, as medidas preventivas, para evitar quaesquer surpresas dos inimigos (51).

Predios mais solidamente edificados, segundo o estylo adoptado nas construcções em Portugal, vieram substituir as miseraveis casas cobertas de palha, que haviam abrigado os denodados fundadores da incipiente e futurosa cidade (52).

No correr do anno de 1568 foi mais uma vez despertada a attenção do governador pela chegada, ao Cabo Frio, de uns aventureiros francezes, embarcados em quatro naus.

Apresentando-se á entrada da barra e não encontrando ahi opposição nenhuma — pois achavam-se ainda os fortes em construcção e desguarnecidos de artilharia — penetraram os navios francezes no porto e se dirigiram, escreve Varnhagen, « da banda d'além da cidade, no reconcavo de S. Lourenço, onde estava assente, com sua tribu, o principal Martim Affonso Ararigboia, com intentos de se apoderarem delle, para o entregarem á vingança dos seus contrarios ». Durante a noite, sob o mando de Duarte Martins, mandou Salvador Corrêa soccorros ao valente chefe alliado que, sem demora, conseguiu repellir os invasores (53), indo mais tarde o proprio go-

---

principalmente das invasões francezas, e das dos indios... Póde-se dizer que aos seus exforços deveu o Brasil o começar a viver independente de soccorro... Sua politica para com os colonos foi em geral tolerante. A' propria rainha d. Catharina escrevia elle : « Esta terra não se póde nem deve regular pelas leis e estylos do Reino. Si V. A. não fôr mais facil em perdoar, não terá gente no Brasil ; e porque o ganhei de novo, desejo que se elle conserve. » VARNHAGEN, *ob. cit.*)

(51) « Mandou romper as mattas para facilitarem-se as communicações, tirar dos inimigos os meios de fazerem ciladas, e, para mór segurança, circunvallou a cidade de muralhas.» (SILVA LISBOA.)

(52) « Infelizmente, como já succedera na Bahia e nas demais povoações, adoptou-se com servilismo o systema de construcção de Portugal e, nem da Asia, nem dos modelos da architectura civil na Peninsula, isto é, do uso dos numerosos pateos com repuchos e dos eirados, ou açotéas, houve quem se lembrasse, como mais a proposito para o nosso clima.» (VARNHAGEN, *Rev. do Inst. Hist.* vol., 22.)

(53) « Duvidamos que o combate de Ararigboia tivesse logar no reconcavo de S. Gonçalo, como affirmam todos os historiadores. — Por esse tempo, Ararigboia

vernador, com auxilios que mandara pedir a S. Vicente, ataca-los em Cabo Frio, aprisionando nessa occasião uma das quatro naus.

Durante o renhido combate entre os Portuguezes e os Francezes, o capitão do um dos navios inimigos, revestido de completa armadura, brigando com duas espadas, diz uma chronica antiga, defendia e animava aos seus com valor, discorrendo por todo o convez. Tres vezes caïu ao mar Salvador Corrêa que, não sabendo nadar, foi sempre salvo pelos Indios que lhe tripulavam a canôa.

A bordo da nau capturada, e como em triumpho, voltou Salvador Corrêa ao Rio de Janeiro, resolvendo, pouco tempo depois, expedir para a Bahia, ao governador geral, a referida embarcação, com uma relação dos acontecimentos que haviam tido como consequencia o apresamento do navio inimigo, aproveitando as boccas de fogo para a defesa da cidade. « Vêem-se hoje, diz o p. Simão de Vasconcellos, algumas das peças na fortaleza de Sancta Cruz na barra.»

Informado dos relevantes serviços, ainda nesta emergencia prestados por Martim Affonso Ararigboia, mandou-lhe o rei d. Sebastião alguns presentes, entre os quaes se notava um vestuario do seu proprio uso (54).

A Salvador Corrêa de Sá succedeu — nomeado por carta de 31 de Outubro de 1571 — Christovão de Barros (55), que governou até 1573. A este governador deveu a cidade novos ele-

---

ainda não tinha tomado posse da sua sesmaria, na aldeia de S. Lourenço, o que teve logar a 23 de Novembro de 1573. Morava por conseguinte ainda no mesmo lado da cidade. Além d'isto, é difficil comprehender como os governos do Rio nesse tempo poderiam dispensar Martim Affonso, consentindo que elle fosse habitar um logar distante da cidade, em vista da situação permanente da guerra, em que viviam.» (FELISBELLO FREIRE, *ob. cit.*)

(54) « Como se vê, o indio Ararigboia prestou importante concurso á conquista do Rio, tornando-se uma figura historica proeminente em sua primitiva phase. Em pagamento d'estes serviços, recebeu a mercê do habito de cavalleiro da Ordem de Christo e do posto de capitão-mór de sua aldeia, que se extendia da montanha de S. Lourenço por todo o logar denominado *Praia Grande* ás areias de *Icarahi*. » (FELISBELLO FREIRE, *ob. cit.*)

(55) Christovão de Barros viera de Portugal commandando tres galeões, enviados a pedido de Mem de Sá para soccorrer Estacio de Sá no Rio de Janeiro.

mentos de defesa, consistindo na construcção de muralhas e torres de taipa.

Após o desastre succedido em 1570 á frota de seis naus e uma caravella, em que vinham para o Brasil o governador geral d. Luiz Fernandes de Vasconcellos e sessenta e tantos Jesuitas — entre os quaes o padre Ignacio de Azevedo, com o titulo de provincial — tendo todos sido victimas dos celebres corsarios huguenotes Jacques de Sore e Jean Capdeville (56), resolveu o govêrno de d. Sebastião dividir o Brasil em dous governos geraes, designando o conselheiro Luiz de Brito e Almeida para substituir a Mem de Sá, e administrar as capitanias do Norte até Porto Seguro, com a séde do governo na cidade do Salvador (57) ; fi-

---

Após a derrota dos Francezes, em 1567, regressára á Côrte, donde voltou nomeado capitão e governador.

Era filho do infeliz donatario da capitania do Ceará, Antonio Cardoso de Barros, que, vendo mallogrados os seus exforços para colonizar a sua capitania, veio servir de provedor-mór da Fazenda com o primeiro governador geral Thomé de Sousa. Antonio Cardoso de Barros achava-se com o bispo d. Pero Fernandes Sardinha, a bordo da nau *Nossa Senhora da Ajuda*, que naufragou nos baixios de D. Rodrigo, entre o rio S. Francisco e Cururipe, em 16 de Junho de 1556: foram ambos, assim como quasi todos os naufragos, devorados pelos indios Caetés.

(56) A frota, partindo de Lisboa, tocou na Madeira. Ahi, a nau *Santiago*, em que vinha o p. Ignacio de Azevedo, separou-se dos outros navios para ir ter á ilha da Palma. No dia seguinte ao da partida do p. Azevedo, appareceu na altura da Madeira uma frota de cinco vasos de guerra francezes, do porto de La Rochelle, commandada por Jacques Sore, calvinista, natural do condado d'Eu, na Normandia, ao serviço de Jeanne d'Albret, princeza do Béarn e condessa de Foix. D. Luiz de Vasconcellos fez-se á vela para o combater, mas Sore, conseguindo escapar-se, dirigiu-se á Palma, onde tomou por abordagem a náu *Santiago*. Quarenta jesuitas receberam nesse dia a palma do martyrio (15 de Julho de 1570).

O resto da expedição chegou ao cabo de S. Agostinho, que não pôde dobrar: uma violenta tempestade dispersou os navios, indo um ter á ilha de S Domingos, e outro a Cuba.

Reunida de novo a frota, foi ainda desviada da sua derrota e lançada sôbre os Açores, mas tão destroçada e falta de gente, que um só navio recebeu todas as tripulações. D. Luiz de Vasconcellos tornou a embarcar-se com quatorze jesuitas ; mas depois de septe dias de navegação, caïu nas mãos de quatro corsarios, tres francezes e um inglez, commandados por Jean Capdeville.

O governador foi morto, assim como todos os missionarios. Enfim, dos jesuitas que accompanhavam o desditoso p. Ignacio Azevedo, apenas um, que ficara em um dos portos visitados pela frota, conseguiu aportar ás plagas brasileiras.

(57) A carta régia nomeando a Luiz de Brito e Almeida, lavrada em Evora aos 10 de Dezembro de 1572, expõe do seguinte modo os motivos que determinaram a divisão do governo colonial: «Dom Sebastião etc... consyderando eu como por as

cando as capitanias do Sul sujeitas ao govêrno do desembargador Antonio Salema, ouvidor de Pernambuco, vindo o referido magistrado occupar o seu alto posto na cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro, séde do govêrno recentemente creado (58).

Sob o govêrno do dr. Antonio Salema realizou-se a expulsão definitiva dos Francezes, que ainda continuavam a manter relações com os indios estabelecidos no Cabo Frio, pertencentes ás tribus dos Tupinambás e dos Tamoios. Alcançou o governador uma completa victoria, seguida de horrorosa carnificina, sendo avultado o numero de prisioneiros. Os Tamoios, sempre fieis alliados dos Francezes, foram anniquilados, internando-se os Tupinambás pelos invios sertões, que foram atravessando até alcançarem o dilatado valle do Amazonas. Sabe-se que a narrativa deste feito foi escripta pelo proprio governador, não se podendo, porém, descobrir o paradeiro de tão curioso documento (59).

---

terras da costa do Brasil serem tão grandes e tão distantes humas das outras e auer já agora nelas muitas povoações e esperança de se fazerem muytas mais pelo tempo em diante, não podiam ser tão inteiramente governadas, como compria perhum só governador, como té quinelas ouve, asentei. . . de mandar dous governadores ás ditas partes, hum para residir na cidade do Salvador da Capitania da Bahia de Todos os Santos, e outro na cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro. . .»

(58) O seguinte facto, occorrido por occasião da chegada do dr. Antonio Salema, e narrado por fr. Vicente do Salvador, bem revela a nobre altivez de character, a perfeita hombridade de Martim Affonso de Sousa, o famigerado *Ararigboia*:» — El Rey D. Sebastião. . . encarregou o governo das Capitanias do Sul, de Porto Seguro para baixo, ao Doutor Antonio Salema, que havia estado em Pernambuco, em alçada, e então estava na Bahia, donde se partio em o anno do Senhor de mil quinhentos e setenta e cinco, e foi bem recebido no Rio de Janeiro, assim pelo capitão-mór, Christovão de Barros, como de todos os mais Portuguezes e indios principaes, que o visitaram, sendo primeiro e principalissimo Martim Affonso de Souza Ararygboia. . . ao qual, como o goveruador désse cadeira, e elle, em se assentando, cavalgasse huma perna sobre a outra, segundo o seu costume, mandou-lhe dizer o governador pelo interprete que alli tinha, que não era aquella bôa cortezia quando falava com um governador, que representava a pessoa de El-Rey. Respondeu o indio de repente, não sem colera e arrogancia, dizendo-lhe: « Si tu souberes quão cansadas eu tenho as pernas das guerras em que servi a El-Rey, não extranharas dar-lhes agora este pequeno descanso ; mas, já que me achas pouco cortezão, eu me vou para minha aldêa, onde nós não curamos desses pontos, e não tornarei mais á tua côrte.» Porém nunca deixou de se achar com os seus em todas as occasiões que o occupou.

(59) A esse trabalho alludem Gabriel Soares, Mariz e Barbosa e fr. Vicente do Salvador, recommendando este ultimo, a Salvador Correa de Sá, o livro «sobre a historia do Rio de Janeiro que fez o Salema».

Revelando a experiencia os serios inconvenientes que provinham da divisão do governo colonial, pela falta de unidade da acção governamental, deliberou a Côrte repôr a governança no mesmo pé em que anteriormente estava, nomeando, em data de 12 de Abril de 1577, «capitão da Bahia e governador geral da dita capitania e de todas as mais terras do Brasil», a Lourenço da Veiga (60), do Conselho do rei.

Foi, por esse tempo, creada a prelazia do Rio de Janeiro, independente do bispado da Bahia, então occupado por d. Frei Antonio Barreiros, da ordem de Aviz, terceiro bispo do Brasil, que tomou posse no dia da Ascensão, em 1576 (61).

Em virtude do breve apostolico de 19 de Julho de 1576, do papa Gregorio XIII, foi essa desannexação auctorizada, assignando el-rei d. Sebastião, a 11 de Maio de 1577, a carta régia pela qual nomeava primeiro prelado ao bacharel p. Bartholomeu Simões Pereira, que aportou ao Brasil em companhia do governador Lourenço da Veiga, em 1578. Tinha o novo prelado todos os poderes de bispo, salvo o de conferir ordens, extendendo-se a sua jurisdicção ordinaria sôbre todo o territorio do Rio de Janeiro e Capitanias do Sul.

Em consequencia da alteração havida na administração do Brasil, veio pela segunda vez nomeado governador do Rio de

---

(60) Lourenço da Veiga — e não, diz Varnhagen, Diogo Lourenço, como escreveu Southey sem nenhuma correcção de seu traductor, e outros compiladores — que tomou posse do seu cargo em 1 de Janeiro de 1578, foi o ultimo governador geral nomeado por d. Sebastião, que nesse mesmo anno morreu na memoravel batalha de Alcacer-Kibir, na Africa, em 4 de Agosto, com a flôr da nobreza de Portugal. — O throno occupado pelo cardeal d. Henrique, desde 28 de Agosto de 1578 até 31 de Janeiro de 1580, passou ao poder de Philippe II de Hispanha que, para impôr as suas pretenções, mandou invadir Portugal por um exercito de 25.000 homens commandados pelo duque d'Alba, e conseguiu assim abater os partidarios da duqueza de Bragança, neta de d. Manuel, e de d. Antonio, prior do Crato, pretendentes ao throno.

Acclamado rei de Portugal pelas Côrtes reunidas em Thomar, em 1581, foi Philippe II reconhecido no Brasil e nas demais colonias portuguezas.

(61) Os antecessores de d. frei Antonio Barreiros no throno episcopal da Bahia foram :

1º, D. Pero Fernandes Sardinha, que chegou á metropole do Brasil no dia 1º de Janeiro de 1552 ;

2º, D. Pedro Leitão, que tomou posse no dia 9 de Dezembro de 1559.

Janeiro, por provisão de 12 de Septembro de 1577, Salvador Corrêa de Sá, que nesse cargo se manteve 21 annos, durante os quase grande incremento deu á cidade, fundada por seu valoroso primo. Foi activada e terminada em 1583 a construcção da egreja de S. Sebastião, no morro do Castello, ao mesmo tempo que se estabeleciam as ordens religiosas dos *Benedictinos*, dos *Capuchos de Sancto Antonio* e dos *Carmelitas* (62).

Por iniciativa do padre José de Anchieta, teve principio em 1582 a Casa e Hospital da Misericordia (63), para attender aos doentes da expedição hispanhola, de cêrca de tres mil homens, ao mando de Diogo Flores Valdez.

Foi ainda neste periodo que — havendo Portugal, em 1580, passado para o dominio hispanhol, adherindo o Brasil, como as demais colonias portuguezas, ao reconhecimento de Philippe II — apresentaram-se tres naus francezas no Rio de Janeiro, intentando fazer valer os direitos de d. Antonio, prior do Crato. Salvador Corrêa, que já se havia sujeitado á acclamação de Philippe II, repelliu peremptoriamente essas embarcações, pelo que o rei castelhano lhe escreveu, bem como á Cidade do Rio de Janeiro, *agradecendo-lhes o que haviam feito em seu serviço*.

A par do rapido augmento da cidade, do progresso intellectual de sua população, tambem se desenvolvia a lavoura, começando a apparecer os engenhos de canna de assucar, dos quaes

(62) Em 1584 já os *Benedictinos* estavam na cidade do Salvador, donde dentro em breve passaram a organizar uma segunda abbadia no Rio de Janeiro, e em 1596 uma terceira em Olinda.— Os *Capuchos de Sancto Antonio* estabeleceram-se, a pedido de Jorge de Albuquerque, no Recifé, em Abril de 1585, tomando a 25 de Outubro do mesmo anno posse da ermida de Nossa Senhora das Neves. Em 1586 confirmou Xisto V a nova Custodia de Olinda, dependente por enquanto de Portugal. Dividiram-se mais tarde em duas provincias, a saber: a da Bahia e a da Conceição do Rio de Janeiro.— Os *Carmelitas Observantes* vieram pelo mesmo tempo; fundaram, primeiro, conventos em Olinda e em Santos, constituindo em seguida duas provincias, uma nas capitanias do Sul, e outra nas capitanias do Norte.

(63) Convém aqui observar que a primeira Casa de Misericordia fundada no Brasil foi a de *Santos*, em 1543, por Braz Cubas. — O mais antigo desses pios estabelecimentos, em Lisboa fundado por d. João II em 1492, e concluido por d. Manuel em 1498, denominava-se *Casa de Todos os Santos*, ou d'El-Rei.

tres já então funccionavam e pertenciam, um a Christovam de Barros, outro ao governador, sendo o terceiro de patrimonio real.

Para se ter uma idéa clara do que já era o Brasil, e especialmente a capitania do Rio de Janeiro, quando, em 1580, passou para o dominio hispanhol, bastará ler as narrações animadas de Fernão Cardim, das quaes apresentamos o seguinte excerpto:

« Esta capitania do Rio de Janeiro é muito sadia, de muito bons ares e aguas ; no verão tem boas calmas algumas vezes, e no inverno mui bons frios ; mas em geral é temperada : o inverno se parece com a primavera de Portugal, tem uns dias fermosissimos tão apraziveis e salutiferos que parece estarem os corpos bebendo vida : é terra mui fragosa e muito mais que a Serra da Estrella... é abundante de gados, porcos e outras criações ; dão-se nella marmellos, figos, romeiras, e tambem trigo se o semeam ; a um grão respondem 800 e mais, e cada grão dá 10 e sessenta espigas das quaes umas estão maduras, outras verdes, outras nascendo ; tambem se dão rosas, cravos vermelhos, cebolas cecem, arvores d'espinho, todo o genero d'hortaliça de Portugal, as canas tambem se dão bem, e tres engenhos de assucar, emfim é terra mui farta.

« A cidade está situada em um monte de boa vista para o mar e dentro da barra tem uma bahia que bem parece que a pintou o supremo pintor e architecto do mundo Deus nosso Senhor, e assim é cousa fermosissima e a mais aprasivel que ha em todo o Brasil, nem lhe chega a vista do Mondego e Tejo ; é tão capaz que terá 20 leguas em roda, cheia pelo meio de muitas ilhas frescas de grandes arvoredos, e não impedem á vista umas ás outras que é o que lhe dá graça ; tem a barra meia legoa da cidade, e no meio della uma lagea de sessenta braças de comprido, e bem larga que a divide pelo meio, e por ambas as partes tem canal bastante para naus da India ; nesta lagea manda El-Rei fazer a fortaleza, e ficará cousa inexpugnavel, nem se lhe poderá esconder um barco ; a cidade tem 150 visinhos com seu vigario, e muita escravaria da terra.

« Os padres teem aqui o melhor sitio da cidade ; teem grande

vista com toda esta enseada defronte das janellas: teem começado o edificio novo, e teem já 13 cubiculos de pedra e cal que não dão vantagem aos de Coimbra, antes lha levam na boa vista; são forrados de cedro; a igreja é pequena, de taipa velha; agora se começa a nova de pedra e cal, todavia tem bons ornamentos com uma custodia de prata dourada para as endoenças, uma cabeça das onze mil virgens, o braço de S. Sebastião com outras reliquias, uma imagem da Senhora de S. Lucas» (64).

Francisco de Mendonça e Vasconcellos, que succedeu a Salvador Corrêa de Sá e governou até 17 de Julho de 1602, teve occasião de hospedar a d. Francisco de Sousa (65), governador geral do Brasil que, por ordem de el-rei, partira da Bahia, em Outubro

---

(64) *Narrativa epistolar de uma viagem e missão jesuitica pela Bahia, Ilheos, Porto Seguro, Pernambuco, Espirito Santo, Rio de Janeiro, S. Vicente (S. Paulo), etc., desde o anno de 1583 ao de 1590,* indo por Visitador o padre Christovam de Gouvea. — Escripta em duas cartas ao P. Provincial em Portugal, pelo padre Fernão Cardim, ministro do Collegio da Companhia em Evora. — Impressa por Varnhagen, segundo os manuscriptos originaes da Bibliotheca de Evora, que vêm mencionados no *Catalogo dos Manuscriptos da Bibliotheca Publica Eborense* de Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara. Lisbôa, 1850.

(65) D. Francisco de Sousa (1591-1602), filho de d. Pedro de Sousa, senhor de Beringel, pertencia á casa dos condes do Prado. Nomeado governador geral do Brasil a 1º de Dezembro de 1590, desembarcou na Bahia a 9 de Junho do anno seguinte.

A administração deste governador geral a quem, por sua prudencia, diz frei Vicente, deram o appellido de *D. Francisco das Manhas*, foi assignalada pela descoberta de minas, pela conquista do Rio Grande do Norte, e por aggressões de corsarios e inimigos externos.

Foi no govêrno de d. Francisco de Sousa que, em 9 de Junho de 1597, falleceu na aldeia de Reritigbá (Espirito Sancto), com sessenta e quatro annos de edade, o celebre jesuita José de Anchieta, que foi, na justa apreciação de João Ribeiro, «o grande apostolo do Brasil, nos seus feitos e vida só comparavel a S. Francisco Xavier, o apostolo das Indias».

A 13 de Septembro de 1598 morreu, no palacio do Escurial, Philippe II de Hispanha e I de Portugal, deixando por successor seu filho Philippe III.

Accompanhando, desde 1580, os destinos da Hispanha, teve Portugal parte importante no memoravel desastre da *invencivel armada*, que Philippe II dirigiu contra a Inglaterra, em 1588, no intuito de vingar a odiosa execução de Maria Stuart.

Muitos navios portuguezes, incorporados á celebre esquadra, que partiu de Lisbôa, perderam-se completamente por occasião do vendaval que, no mar da Mancha, anniquilou a formidavel expedição, composta de cento e trinta e cinco navios, com dous mil e trezentos canhões e vinte septe mil homens.

Entretanto, os inimigos da Hispanha conjuraram-se contra Portugal; os Hollandezes e os Inglezes saquearam as costas, as ilhas e as colonias portuguezas, enquanto o govêrno, em Lisboa, entregue ao cardeal archiduque Alberto, poucos cuidados merecia da côrte de Madrid.

de 1598, dirigindo-se ao Sul do Brasil, com destino á capitania de S. Vicente, a fim de promover o descobrimento e a exploração de minas. Durante a sua estada no Rio de Janeiro,— « onde foi recebido do povo todo com muito applauso, por ser parte onde nunca vão os governadores geraes », — assignou Francisco de Sousa varias cartas de sesmarias.

Não se sabe ao certo em que dia começou a governar Martim Corrêa de Sá, filho de Salvador Corrêa de Sá. Em 1603, porém, já governava, «porque, diz o *Manuscripto da Bibliotheca Episcopal Fluminense,* publicado na *Revista do Instituto Historico*, anno 1839, assim o mostra um dos antigos livros de assentos de baptizados na egreja matriz de S. Sebastião desta cidade, onde foi padrinho, sendo governador no dicto anno».

Em 1607 achava-se ainda investido em suas elevadas funcções, pois no archivo dos religiosos de Sancto Antonio desta cidade existe a *Memoria* da fundação de seu convento, e nella vêm as palavras seguintes : «Não achando a proposito o padre Fr. Leonardo de Jesus aquelle sitio de Santa Luzia, que tinha sido designado para nelle se fundar o novo convento, representou os inconvenientes que achara, ao governador, que então era o Sr. Martim de Sá, e aos officiaes da camara, que de unanime consenso doaram aos religiosos este monte, em que existem, de cuja doação se lavrou uma escriptura aos 19 dias do mez de Abril de 1607.»

Em 1608 veio governar o Rio de Janeiro Affonso de Albuquerque.

Lançou este governador a primeira pedra do convento de Sancto Antonio (66), exercendo o seu cargo, segundo affirma o *Catalogo Benedictino,* até 1614, pois ainda nesse anno, a 18 de Junho, assignou uma carta de sesmaria de terras que concedêra.

---

(66) Na *Memoria* da fundação do Convento de Sancto Antonio, lê-se a seguinte noticia : «A 4 de Junho de 1608, vespera de Corpus Christi, foi lançada a primeira pedra para a egreja do novo convento de Sancto Antonio pelo reverendo Matheus da Costa Aborim, administrador ecclesiastico ; estando presentes o capitão-mór governador desta cidade Affonso de Albuquerque, Martim de Sá, seu antecessor, o padre reitor do Collegio de Jesus Pedro de Toledo, e o padre Martim Fernandes, vigario da egreja matriz de S. Sebastião.» (*Manuscripto* da Bibliotheca Episcopal Fluminense, publicado na *Rev. do Inst. Hist.* 1839.)

Em data de 23 de Septembro de 1614 achava-se á testa do govêrno do Rio de Janeiro Constantino de Menelau, que — diz o citado *Manuscripto*, segundo os fragmentos de um antigo livro da camara de Cabo Frio — fôra encarregado da fundação d'aquella cidade em 1615, expellindo os Francezes que ainda alli existiam e povoando o logar.

Ruy Vaz Pinto, que foi nomeado por provisão de 3 de Julho de 1616, pelo govêrno de Philippe III, assumiu o exercicio de seu cargo a 19 de Julho de 1617 (67).

O curso do seu govêrno foi cheio de intrigas, perturbações e desordens, pelo despotismo com que se oppunha ás resoluções da camara, «.. e, continúa o *Manuscripto*, a oppressão dos povos se augmentava, vendo espalhada por toda a cidade uma geral perturbação.

« Elle os obrigava com penas pecuniarias a fazerem guarda á sua porta, tanto de noite como de dia, e á noite com arcabuzes e fachos accesos, e aos que faltavam mandava condemnar em vinte cruzados, fazendo-lhes logo penhora em trastes de igual valor até pagarem : e deste modo continuou a oppressão até acabar o seu governo ou desgoverno.»

Foi este governador que, em proveito seu, introduziu o commercio de negros africanos, empregando-os em carregar e descarregar os navios que vinham a este porto. Terriveis effeitos decorreram d'esse facto, não só no monopolio odioso de tal commercio,

---

(67) Nesta epocha deram-se na administração do Brasil os seguintes factos : A 12 de Maio de 1602, succedendo a d. Francisco de Sousa, tomou conta do governo geral da Bahia, Diogo Botelho, que já anteriormente havia governado Pernambuco.

D. Diogo de Meneses e Siqueira (ulteriormente conde da Ericeira), nomeado em 22 de Agosto de 1606, substituiu a Diogo Botelho, e exerceu esse cargo em fins de 1607, residindo em Pernambuco e pondo em boa ordem a administração das capitanias do Norte. Vindo para a Bahia, em Janeiro de 1608, ahi recebeu ordem da divisão do Brasil em dous governos, ficando elle d. Diogo de Meneses com o Norte, 1608-1612, e d. Francisco de Sousa (então superintendente das minas) com as capitanias do Sul, 1608-1610.

A d. Diogo de Meneses succedeu nas capitanias do Norte Gaspar de Sousa, 1612-1616, e a d. Francisco de Sousa, nas do Sul, succedeu seu filho d. Luiz de Sousa, 1610-1616, vindo este a reunir os dous governos num só, geral, desde 1617 até 1622.

concedido a Duarte Vaz, como tambem na copiosa entrada dos negros da Costa d'Africa, de que progressivamente resultaram as mais tristes consequencias.

A 20 de Junho de 1620, em virtude da provisão de Philippe III, de 1º de Outubro de 1616, tomou posse do govêrno do Rio de Janeiro Francisco Fajardo que, durante cêrca de tres annos, administrou a capitania com muita prudencia e moderação, tractando de preparar a defesa do porto, pelo receio que já inspiravam os Hollandezes. Occupou-se da organização da justiça e proveu alguns logares, aproveitando-se da sábia resolução do alvará de 21 de Julho de 1629, pelo qual permittia el-rei « poder-se dar livramento nesta cidade, de todos os crimes, á excepção dos de pena ultima, sem dependencia de irem os moradores della correr os seus livramentos na capital do Estado ».

Pela segunda vez, em remuneração dos seus bons serviços, foi, por provisão de Philippe III, datada de 26 de Janeiro de 1618, encarregado do govêrno desta capitania Martim Corrêa de Sá.

Tomou posse a 11 de Julho de 1623, e quando — no fim de tres annos — esperava o seu successor, mandou o mesmo soberano que continuasse no seu posto. (68)

Tendo-se dado nessa epocha (Maio 1624) a invasão dos Hollandezes na Bahia (69), Martim de Sá, receiando o ataque dos ini-

---

(68) Eis a carta patente pela Côrte expedida nessa occasião :

« Martim Sá — Eu el-rei vos envio muito saudar; por justas considerações do meu serviço Hei por bem que continueis com o cargo de capitão-mór e governador d'essa Capitania do Rio de Janeiro, emquanto eu não mandar o contrario, posto que se acabe o tempo por que o estais servindo, e isto sobre a homenagem e posse que d'ella vos foi dada, e d'esta resolução avisei por outra carta minha ao governador geral d'esse Estado para que o tenha assim entendido.— Escripta em Lisboa, aos 24 de Junho de 1626.— Rei.— *El Duque de Villa Hermosa Conde de Eficalis.*— Para o capitão-mór do Rio de Janeiro.» (Arch. Mun., L. 9º do *Reg. das Ord. Reaes,* fl. 30.)

(69) A cidade do Salvador — apesar da resistencia opposta pelo governador geral Diogo de Mendonça Furtado e pelo bispo d. Marcos Teixeira, successor de d. Constantino Barradas, 4º bispo do Brasil — foi, no dia 10 de Maio de 1624, tomada por uma esquadra hollandeza, organizada pela *Companhia das Indias Occidentaes* e commandada pelo almirante Jacob Willekens.— No dia 11 assumiu o govêrno o coronel Johannes van Dorth, commandante das tropas e governador dos paizes conquistados.— O governador foi preso em seu palacio, e mandado para a Hollanda, onde só obteve soltura em 23 de Novembro de 1626.

migos, entrou a fortificar a cidade com trincheiras, excitando e promovendo tudo quando podia concorrer para maior segurança, em virtude do alvará de 3 de Agosto de 1624, em que Sua Magestade o auctorizava a tomar da sua real fazenda o necessario para as mesmas fortificações e a nomear para ellas os respectivos officiaes (70).

Concluida e de todo acabada a fortaleza, que levantou na praia d'esta cidade, designou a Sebastião de Sampaio para a commandar, em razão de ter sido essa fortaleza feita á sua custa, e pelo mesmo motivo nomeou a Bento de Oliveira para o forte do Carmo; e pelo conceito que fazia de Jorge de Sousa o encarregou do commando da fortaleza de S. Thiago; assim como, para o forte de S. Gonçalo, a Antonio Gavião Coutinho, que estava na fortaleza de Sancta Cruz da Barra, e que ficaria ás ordens de Gonçalo Corrêa de Sá.

Tomadas todas estas providencias, que se inspiraram no mais patriotico empenho, deliberou ir pessoalmente dirigir os trabalhos da defesa da barra, e por isso nomeou o capitão Gonçalo Corrêa de Sá e o prelado administrador ecclesiastico Matheus da Costa Aborim (71), para que, conjunctos, substituissem-n'o em seu cargo, si assim se tornasse preciso e, na falta de Gonçalo Corrêa, servisse com o mesmo prelado seu filho Salvador Corrêa de Sá e Benevides.

E para que os camaristas fossem testimunhas do seu trabalho e da efficacia dos seus exforços, de modo que em tempo nenhum

---

Julgando os chefes da expedição firmado o dominio hollandez na Bahia, foi o vice-almirante Pieter Heyn, em Março de 1625, com quatro navios e uma força de desembarque de trezentos homens, atacar a capitania do Espirito Sancto. Foram, porém, derrotadas essas tropas, graças aos soccorros levados por Salvador Corrêa de Sá e Benevides, filho de Martim de Sá, governador da capitania do Rio de Janeiro.

(70) No logar onde hoje existe a egreja da Cruz dos Militares houve um antigo forte, denominado Sancta Cruz, construido em 1605 pelo capitão-mór Martim de Sá. Edificado dentro do mar, já em 1623, d'elle ficava arredado e bastante damnificado; por isso, obtendo acquiescencia de Martim de Sá, resolveram os officiaes e soldados da guarnição construir nas ruinas uma capella que, concluida em 1628, foi inaugurada sob a invocação de Sancta Vera Cruz.

(71) O primeiro prelado Bartholomeu Simões Pereira retirou-se em 1591 para a capitania do Espirito Sancto, onde assistiu ás exequias do padre Anchieta.

Succedeu-lhe no cargo o presbytero secular, bacharel João da Costa, que se retirou para S. Paulo, onde falleceu.

Foi então eleito o dr. Bartholomeu Lagarto; este, porém, desistindo do logar, foi nomeado o dr. Matheus da Costa Aborim, que tomou posse em 2 de Outubro de 1607, e veio a morrer envenenado em 8 de Fevereiro de 1629.

lhe pudessem dirigir accusações injustas, os convidou a que viessem vêr tudo quanto elle fazia em prol d'esta « Cidade dos Sás ganhada », por carta datada da fortaleza de Sancta Cruz, em 5 de Novembro de 1624, nos seguintes termos : — « Bom foura que Vossas Mercès vierão cá tambem a gosar d'este trabalho, e assistirem alguns dias de serem testemunhas de minha ociosidade, e trabalho de minha Pessoa e gasto meu e da fabrica, que trago minha nestas obras, para que me não queiram, quando fôr tempo, escurecer a verdade, pois me sinto tão pouco venturoso nesta Cidade ganhada aos inimigos e povoada por meu Pai, por parentes meus sustentada e por mim, e que em occasião nenhuma faltei em minha obrigação, mostrando em as occasiões, que se offereceram, o logar, que devia e quem era, e o tronco donde mano nascido e criado »... por que Senhores meus, eu com S. Majestade, e os Senhores dos seus conselhos, assim em Castella, como em Portugal, sou conhecido, e não hei mister serviços de novo para me abonar, e o que me convida a estar nesta pedra assistente em occasião presente, he estar aguardando por horas o inimigo, que á porta temos, ver que estou actualmente occupado neste cargo, ver a opinião, que de mim se tem, tratar de a sustentar, e sobretudo ser esta Cidade dos Sás ganhada, e não he bem, que em tempo de um Sá se perca, como confio em o Sr. e em o Martir S. Sebastião que nos hade dar victoria com o bom animo de todas Vossas Mercês... porém faço lembrança a Vossas Mercês, que ajudem o meu Irmão, que em meu logar ahi deixei tratando da fortificação d'essa Cidade do pouco que faltava, da conservação do feito, em quanto eu trato do que entre mãos trago... »

Achava-se nessa occasião no Rio de Janeiro o desembargador João de Sousa Cardenas, que em commissão do governador geral Diogo de Mendonça Furtado viera syndicar dos governadores de todas as capitanias. A materia da commissão foi julgada odiosa a toda a população, mórmente á Camara e ao administrador ecclesiastico Matheus da Costa Aborim, e mesmo a Martim Corrêa de Sá.

No meio, porém, das perturbações oriundas do desaccôrdo, que reinava entre as auctoridades da capitania procurava Martim de

Sá, por todos os meios, serenar os animos exaltados, tendo sempre em vista a felicidade do povo, cujos destinos lhe haviam confiado (72).

Sem completar o tempo por que fôra nomeado para o govêrno d'esta capitania, falleceu em 10 de Agosto de 1632, na edade de 77 annos, sendo sepultado na egreja do Carmo.

Rodrigo de Miranda Henriques succedeu, no govêrno d'esta capitania, a Martim Corrêa de Sá, sendo nomeado pelo governador geral do Brasil Diogo Luiz de Oliveira, enquanto Sua Majestade não mandasse o contrario. Foi empossado a 13 de Junho de 1633, tendo, durante o periodo do seu govêrno, a 13 de Outubro do referido anno, dado uma sesmaria de terras, em Maricá, aos monges de S. Bento desta cidade.

No dia 3 de Abril de 1637 tomou posse do govêrno Salvador Corrêa de Sá e Benevides, em virtude da carta expedida por el-rei Philippe IV, na qual mandava o soberano que, além dos tres primeiros annos, governasse mais outros tres, si no primeiro triennio se comportasse como devia.

Após a Restauração de Portugal (73), foi por d. João IV, a 15 de Agosto de 1641, confirmada a sua patente; mas, na qualidade de administrador geral das minas, teve de ausentar-se d'esta cidade, e por isso, em 19 de Março de 1642, encarregou interinamente do govêrno a Duarte Corrêa Vasques, que neste posto se manteve durante cêrca de um anno.

---

(72) Diz Varnhagen que a Martim de Sá deveu o Rio de Janeiro a primeira idéa da fundação do Hospital dos Lazaros.

(73) Achava-se Portugal, desde 1580, sob o dominio hispanhol. Philippe IV, cujo reinado extendeu-se de 1621 a 1665 — seguindo o exemplo de seu pae e antecessor Philippe III, que confiara o poder aos duques de Lerma e Uzeda — entregou cégamente as redeas do govêrno ao conde-duque de Olivares; e este primeiro ministro, orgulhoso e inhabil, tentando unificar completamente a monarchia hispanhola, eliminou os restos das liberdades, que ainda alguns dos reinos conservavam — principalmente Portugal —, accelerando assim a queda d'aquelle immenso dominio.

No dia 1º de Dezembro de 1640, em Lisboa, dirigiram-se os patriotas portuguezes ao Terreiro do Paço, invadiram o palacio, desarmaram a guarda, mataram Miguel de Vasconcellos, prenderam a duqueza de Mantua e proclamaram a realeza do duque de Bragança.

Não se sabe ao certo em que dia voltou ao Rio de Janeiro Salvador Corrêa de Sá e Benevides ; entretanto em data de 27 de Junho de 1643, começou a administração de Luiz Barbalho Bezerra (74) que, nomeado por tres annos, não concluiu esse periodo, pois falleceu a 15 de Abril de 1644, sendo sepultado na egreja dos Jesuitas no morro do Castello.

Francisco de Souto Maior, eleito pela Camara, tomou posse em 7 de Maio de 1644 ; mas pouco tempo esteve no exercicio do seu cargo, por ter seguido para Angola, a fundar um presidio em Quicombo, depois que os Hollandezes se apossaram da cidade de Loanda. Falleceu nessa região da Africa em Maio de 1646.

Por alvará de 27 de Septembro de 1644 foi a Camara auctorizada a nomear governador interino, quando acontecesse fallecer

---

Num momento, o povo enthusiasmado correu a coadjuvar os *quarenta* heróes. A noticia espalhou-se por todo o reino, voou até ás colonias, proclamando-se em toda a parte a independencia.

A 16 de Fevereiro de 1641 chegou á Bahia — por carta régia confiada ao padre jusuita Francisco de Vilhena e dirigida a d. Jorge de Mascarenhas, marquez de Montalvão, primeiro vice-rei do Brasil —a noticia da Restauração de Portugal. Em todo o Brasil não sujeito ao dominio hollandez foi acclamado d. João IV, descendente dos monarchas avoengos portuguezes e successor legitimo do venturoso d. Manuel, por sua avó d. Catharina, neta d'esse rei, em cujo reinado o Brasil se patenteara ao mundo.

No Rio de Janeiro alguma hesitação houve da parte de Salvador Corrêa de Sá e Benevides, o qual, entretanto, aconselhado pelos Jesuitas, resolveu-se a reconhecer o novo rei. Em S. Paulo quizeram acclamar a Amador Bueno ; este, porém, homem de bom senso, envidando todos os exforços, conseguiu que fosse acclamado d. João IV.

A communicação do vice-rei ao conde Mauricio de Nassau, por Carta de 2 de Março, foi correspondida com a maior cortezia pelo governador hollandez, que mandou salvar as fortalezas do Recife.

Apesar de haver o marquez de Montalvão procedido com toda a promptidão em adherir á causa do novo soberano, foi elle, a 15 de Abril, em virtude de ordens secretas e particulares, deposto e remettido preso para Lisboa, estabelecendo-se na Bahia uma juncta governativa composta do bispo d. Pedro da Silva Sampaio — successor de d. Miguel Pereira, 6º bispo do Brasil —, do mestre de campo Luiz Barbalho de Bezerra e do provedor-mór Lourenço de Brito Corrêa.

(74) Luiz Barbalho de Bezerra, nascido em Pernambuco em fins do seculo XVI, foi o patriota que, após a porfiada batalha travada nas costas do Brasil, em meiados de Janeiro de 1640, tão heroicamente defendeu a retirada da columna formada de cêrca de 1300 praças desembarcadas na bahia de Touros, no Rio Grande do Norte, e pertencentes aos navios da esquadra luso-hispanhola, commandada pelo governador geral d. Fernando de Mascarenhas, conde da Torre, e destroçada pela esquadra hollandeza commandada pelo almirante Willem Cornellisson. Esta columna de bravos, constantemente perseguida pelos Hollandezes, chegou á cidade da Bahia, perdendo apenas uns cem homens.

o governador effectivo e não *houvesse vias que declarassem* a succesão.

A carta régia de 21 de Dezembro de 1644 entregou, pela segunda vez, o govêrno do Rio de Janeiro a Duarte Corrêa Vasques, que tomou posse em 27 de Março de 1645 e governou até 1647.

Neste ultimo anno, pelo decreto de 6 de Junho, foi concedido á cidade do Rio de Janeiro o titulo de — *leal* — e á Camara a permissão de, por ausencia do governador ou alcaide-mór da praça, fazer o officio de capitão-mór e tomar as chaves da cidade.

Nomeado pela segunda vez governador d'esta cidade e, ao mesmo tempo, capitão-general do reino de Angola, partiu de Lisboa Salvador Corrêa de Sá e Benevides.

Aqui aportando, começou a reger a capitania em 16 de Janeiro de 1648; durou, porém, pouco tempo esta sua administração, porquanto, a 12 de Maio do mesmo anno, teve de seguir para Angola, donde expulsou os Hollandezes, ficando então no govêrno do reino, de que era general.

Duarte Corrêa Vasques foi, pela terceira vez, chamado para administrar a capitania, tomou posse no mesmo dia em que, para Angola, embarcara seu sobrinho, e falleceu a 23 de Maio de 1650, tendo sepultura na egreja do collegio dos Jesuitas.

Foi Salvador de Brito Pereira — por patente de 30 de Outubro de 1648, registada no Senado da Camara em Janeiro de 1649 — o successor de Duarte Corrêa Vasques.

Falleceu a 11 de Agosto de 1651, sendo enterrado na egreja do Carmo.

Em 19 de Agosto de 1651 nomeou a Camara, interinamente, a Antonio Galvão, que governou até 3 de Abril de 1652, data em que nesta cidade desembarcou d. Luiz de Almeida Portugal, cuja carta patente fôra expedida em 7 de Março de 1651.

Aqui permaneceu este governador cêrca de cinco annos, no fim dos quaes foi substituido por Thomé Corrêa de Alvarenga.

Não é conhecido o dia em que tomou posse do cargo este ultimo governador; entretanto já se achava á testa da capitania a 11 de Julho de 1657, pois nesta data assignava a carta de sesmaria

concedida aos religiosos do Carmo d'esta cidade. — Em 1658, estava ainda no govêrno, visto que, a 17 de Septembro d'esse anno, expedia Sua Majestade a patente de Salvador Corrêa de Sá e Benevides, nos seguintes termos: — « Ordeno a Thomé Corrêa d'Alvarenga, a cujo cargo está o governo do Rio de Janeiro, e em sua falta, aos Officiaes da Camara da mesma cidade, que lhe deem posse do dito Governo ». O *Catalogo Benedictino* mencionando a administração de Thomé Corrêa de Alvarenga a leva até o anno de 1659.

Tendo a seu cargo a regencia do reino, durante a minoridade de d. Affonso VI (75), conferiu a rainha d. Luiza a

(75) Filho segundo d'el-rei d. João IV e da rainha d. Luiza de Gusmão, nasceu d. Affonso VI em 1643 e foi jurado herdeiro do throno quando falleceu seu ermão primogenito, o principe d. Theodosio. Subiu ao throno no dia 15 de Novembro de 1656, tendo 13 annos de edade, e portanto começou a governar em seu nome, como regente, sua mãe a rainha d. Luiza de Gusmão.

E' triste a historia deste rei, que só teria os desprezos da Historia, si intrigas mais odiosas ainda do que o seu character e o seu procedimento não lhe tivessem conciliado a commiseração de todos os corações generosos.

No dia 29 de Junho de 1662 assumiu el-rei o poder, ou antes, em nome d'elle, o conde de Castello Melhor, que se fez nomear seu escrivão da puridade.

Casou-se D. Affonso VI, em 1666, com a bella princeza d. Maria Francisca d'Aumale de Saboya, filha do duque de Nemours, neta em quarto gráu da celebre Lucrecia Borgia, e bisneta de Henrique IV de França e da formosa Gabriella d'Estrées.

No dia 21 de Novembro de 1667, aconselhada pelo infante d. Pedro, dirigiu-se d. Maria Francisca ao convento da Esperança, e mandando chamar a abbadessa, declarou-lhe que vinha refugiar-se no seu convento, porque, não tendo consummado o seu matrimonio com el-rei e querendo desquitar-se d'elle, ia dirigir ao cabido de Lisboa uma carta, em que allegaria os motivos que tinha para a separação.

Reunidas as Cortes do Reino no dia 1 de Janeiro de 1668, depuzeram do governo o monarcha reinante, confiaram a regencia a seu ermão, e até offereceram a corôa a d. Pedro, mas a nobreza e o clero não annuiram, e o infante viu-se obrigado a contentar-se com a regencia.

O casamento de d. Affonso VI foi annullado, veio dispensa de Roma para poderem casar os dous cunhados, que effectivamente se desposaram em Março de 1668.

D. Affonso VI foi exilado para a ilha Terceira, encarcerado no castello de S. João Baptista da cidade de Angra, até 1673, e, removido nessa epocha para Cintra, ahi falleceu no dia 12 de Septembro de 1683 de subito, d'um ataque apoplectico, estando a ouvir missa na capella.

Com o titulo de regente e herdeiro, jurado em Cortes a 27 de Janeiro de 1868, governou d. Pedro II o Estado, enquanto viveu seu ermão d. Affonso VI, até 12 de Septembro de 1683; dessa data em deante assumiu a corôa até 9 de Dezembro de 1706. Soube aproveitar um longo periodo de paz, promovendo o desenvolvimento do commercio e uteis reformas, e occupando-se do bom go-

Salvador Corrêa de Sá e Benevides o govêrno do Rio de Janeiro, com o character de governador geral da Repartição do Sul, sem subordinação alguma ao governador geral do Brasil, « ordenando-lhe por este motivo que levantasse ao governador geral a homenagem que tinha feito pela dita Repartição ».

Partiu de Lisboa Salvador Corrêa para a cidade da Bahia, onde levantou a referida homenagem ao 23º governador geral Francisco Barreto de Meneses, lavrando-se por essa occasião um termo com data de 12 de Septembro de 1659.

Da Bahia dirigiu-se a esta cidade, de cujo govêrno tomou posse no dia 17 de Outubro; e, afim de dar execução ás ordens que trazia da Côrte, embarcou-se para a villa de Santos, com tenção de visitar as minas situadas nos districtos de Iguape, Cananéa, Paranaguá e villas de serra acima, deixando o govêrno d'esta cidade, durante a sua ausencia, ao cuidado de Thomé Corrêa de Alvarenga, que em outro tempo a tinha governado com geral satisfacção. Poucos dias havia que desembarcára em Santos, quando lhe chegou a noticia de que, logo após a sua saïda — por causa da cobrança de um imposto ultimamente lançado — o povo se amotinara, depuzera e prendera Alvarenga e outras pessoas das mais qualificadas da cidade, e, de accôrdo com a Camara, elegêra para governador a Agostinho Barbalho Bezerra, obrigando-o, sob pena de morte, a acceitar o cargo.

---

vêrno das colonias, entre as quaes lhe mereceu o Brasil solicitos cuidados. Durante a administração de d. Pedro II, deu-se a fundação da Sé do Maranhão em 1677, ficando suffraganea do arcebispado de Lisboa. Havia-se obtido, um anno antes, a creação do arcebispado da Bahia, metropolitano do Brasil, e tambem a creação dos bispados do Rio de Janeiro e Pernambuco, suffraganeos do arcebispado da Bahia. O primeiro arcebispo da Bahia foi d. Gaspar Barata de Mendonça, e o primeiro bispo do Rio de Janeiro D. José de Barros de Alarcão. Dispensando d. Pedro II ao Brasil maior attenção que os seus antecessores, mandou promulgar, a 23 de Janeiro de 1667, um Regulamento para a administração da colonia; trouxe esse regulamento Roque da Costa Barreto, quando em 1678 veiu substituir ao visconde de Barbacena, 26º governador geral. Começava então a caminhar mais esperançosa a grande colonia portugueza da America, e já lhe estava aberta a larga estrada do progresso, quando, a 9 de Dezembro de 1706, falleceu d. Pedro II. No reinado deste monarcha fizeram os Paulistas importantes descobertas de minas de ouro, havendo sido as primeiras amostras do precioso metal, encontrado em Minas Geraes, enviadas a Portugal em 1695.

Informado, ao mesmo tempo, de estarem os moradores de S. Paulo, instigados pelos rebeldes do Rio de Janeiro, resolvidos a não lhe prestarem obediencia, sob o pretexto de não terem os governadores do Rio de Janeiro jurisdicção alguma sôbre a capitania de S. Vicente, mandou Salvador Corrêa registar a sua patente na Camara de S. Vicente, e d'ella remetteu uma cópia aos vereadores de S. Paulo, conseguindo por esse meio serenar a exaltação dos Paulistas, os quaes — vendo por Sua Majestade confirmado a Salvador Corrêa de Sá e Benavides, o govêrno geral da Repartição do Sul— reconheceram o êrro dos amotinados do Rio de Janeiro, e sem contradicção alguma lhe deram prompta obediencia.

Tendo chamado os Paulistas a seu partido mandou, no dia 1º de Janeiro de 1661, lançar um bando a respeito do levante d'esta cidade, no qual perdoava a todos os sediciosos, com a condição, todavia, de se mostrarem arrependidos, e ao mesmo tempo comminava justas penas a várias pessoas, si perseverassem na rebellião. Ordenou tambem que Agostinho Barbalho Bezerra proseguisse no govêrno, mas com a clausula expressa de o fazer com jurisdicção delegada por elle, governador geral da Repartição do Sul, e não com a que lhe havia conferido o povo.

Chegando ao Rio de Janeiro, no principio de Fevereiro, a cópia do alludido bando, declarou Barbalho aos vereadores que só continuaria no govêrno, si fosse com jurisdicção delegada pelo governador; não consentiram, porém, os taes vereadores que elle governasse com jurisdicção diversa d'aquella que lhe havia conferido o povo, e por isso o suspenderam no dia 8 de Fevereiro, tomando a Camara conta do govêrno, que conservou até 11 de Abril.

Aquelles mesmos Paulistas que, antes de conhecerem a Salvador Corrêa de Sá e Benavides, não lhe eram affeiçoados, foram os seus maiores admiradores, depois de testimunharem o seu zêlo pelo augmento da Fazenda Real, e o seu desvelo pela felicidade do povo das capitanias sujeitas á sua jurisdicção. Em pouco mais de tres mezes, que se demorou na capitania de S. Vicente, fez levantar septenta pontes e melhorar caminhos por onde ninguem d'antes tran-

sitava sem muito trabalho e grandes perigos. A attenção que a todos dispensava, a sua innata affabilidade, a tal ponto captivaram os Paulistas, que estes desejavam perpetuar a estada do governador naquella capitania de S. Vicente. Constando-lhes que o referido governador estava resolvido a retirar-se para a Ilha Grande, reuniram-se todas as pessoas mais distinctas da villa, assim ecclesiasticas como seculares, e escreveram uma carta ao governador, pedindo com muita instancia que não saïsse de S. Paulo, nem fosse para a Ilha Grande, onde, ficando muito perto do Rio de Janeiro, não estaria segura a pessoa de Sua Senhoria. Finalizava a carta nos seguintes termos : « Todos os moradores desta Villa em seu nome, e de todos os desta Capitania, pedimos a Vossa Senhoria nos declare se leva intenção de passar a aquella Cidade do Rio de Janeiro, sem esperar nova ordem de S. Majestade porque nós como seus vassalos leaes estamos promptos com pessoas, vidas e fazendas, para acompanhar a Vossa Senhoria, assim em razão do serviço de S. Majestade, como da obrigação em que Vossa Senhoria nos tem posto com a sua affabilidade e bom governo de Justiça ».

Assignaram-se o parocho da villa, o d. abbade de S. Bento, o guardião de S. Francisco, o prior do Carmo, o capitão-mór, o ouvidor da capitania de S. Vicente, os vereadores em exercicio, e todos os nobres que se achavam na villa, attingindo a sessenta o numero de firmas.

Respondeu Salvador Corrêa de Sá e Benavides agradecendo o offerecimento, e, dando as razões urgentes que o obrigavam a retirar-se, dizia : « Considero que os moradores do Rio de Janeiro, á vista do bando que mandei lançar, em que lhes perdoava o excesso... obrem como leaes vassallos de S. Majestade, conhecendo que minha intenção não é mais que conservar a Jurisdicção Real, que supposto com ajuda d'estas Capitanias, e zelo dos moradores d'ellas no serviço Real, podia eu tratar do castigo como as occasiões o pedissem ; me conformo antes em obrar em materias do povo com toda a prudencia, esperando a resolução de S. Majestade, e de me fazerem mercê, os ache com a mesma vontade, que agora experimento ».

E assim conseguiu o prudente governador a desejada pacificação, porque a propria Camara, reconhecendo o seu êrro, entregou, em 11 de Abril de 1661, o govêrno interino ao mestre de campo João Corrêa de Sá, parecendo querer dest'arte demonstrar a sinceridade com que promettia obedecer ao governador, pois, sujeitando-se ao filho, dava provas de que o mesmo faria ao pae.

Salvador Corrêa de Sá e Benavides havia descido em Março de S. Paulo para Santos, e d'alli para a Ilha Grande, onde lhe foi participada a boa noticia de estar tudo socegado nesta cidade, para a qual então regressou, sendo recebido com grandes festejos. Reassumiu o seu posto, em que se manteve até Abril de 1662, passando nesse mez a administração ao seu legitimo successor (76).

No dia 29 de Abril de 1662 tomou posse do govêrno, na presença do seu antecessor, e de todos os camaristas, Pedro de Mello, nomeado por patente de S. Majestade, de 1º de Junho de 1661.

---

(76) Varão de nobres virtudes, administrador provecto e criterioso, e grande general, Salvador Corrêa de Sá e Benavides encheu o seu tempo com a fama de seu nome glorioso. Batalhador famoso, vencedor de muitas batalhas, foi elle o primeiro guerreiro, o mais illustre e glorioso general portuguez do seu tempo.

De Martim Corrêa de Sá — que, em 1590, casou-se com D. Maria de Mendonça Benavides, filho do governador de Cadiz, na Hispanha — é filho Salvador Corrêa de Sá e Benavides, que nasceu na cidade do Rio de Janeiro e foi baptizado na egreja de S. Sebastião do Castello. Filho e neto de governadores da Capitania do Rio de Janeiro, era descendente portanto de uma das familias que nos tempos coloniaes mais se empenharam pelo engrandecimento do abençoado sólo da Sancta Cruz. Seu nome aureolado pelo triumpho de suas acções heroicas e pela sua firme lealdade no serviço da patria, gravou-se com tintas indeleveis nas paginas da nossa historia.

. . . .

Na metropole portugueza foi recebido com frieza : nenhuma prova de apreço lhe deram. Em 1666 teve a consolação de ver seu filho primogenito — Martim Corrêa de Sá, egualmente natural do Rio de Janeiro — receber o titulo de visconde de Asseca, em remuneração do denodo com que se portara nas batalhas de Ameixial e Montes-Claros e no celebre cêrco de Badajoz, no qual foi ferido, sendo mestre de campo. Mas, a Salvador Corrêa de Sá e Benavides, general de maior merecimento, e cujo nome corria cheio de gloria em todos os paizes conhecidos, nada concederam, e antes o intrigaram e perseguiram.

Augmentava entretanto a impopularidade de Affonso VI...

O infante d. Pedro, depondo e prendendo o rei, seu ermão, assumiu a regencia, fez prender e processar o velho guerreiro, que foi condemnado a dez annos de degredo na Africa. Salvador contava então 73 annos de edade. . .

O regente d. Pedro insistia em não perdoar os que votavam fidelidade ao rei deposto ; mas, depois de empenhos de seus numerosos amigos, a pena de de-

Por carta de 17 de Abril de 1663, communicou-lhe a Côrte haver sido celebrada a paz com as Provincias Unidas. Em outra, de 21 de Março de 1664, declarou-lhe S. Majestade haver encarregado a Agostinho Barbalho Bezerra da administração das minas de Paranaguá e do descobrimento das jazidas de esmeraldas.

D. Pedro de Mascarenhas entrou a governar esta capitania a 19 de Março de 1666, em virtude de uma provisão régia de 7 de Dezembro de 1665.

Tem a data de 17 de Outubro de 1668 a carta, em que da Côrte lhe ordenam que providencie para que esteja preparada a defesa d'este porto, visto ser corrente a noticia de que os Hollandezes vão procurar invadir algumas praças desta capitania (77).

Por provisão de 5 de Septembro de 1669, fez Sua Alteza mercê do govêrno d'esta capitania a João da Silva e Sousa. Não

---

gredo, a que fôra condemnado o illustre Brasileiro, foi commutada em prisão no collegio dos Jesuitas. Foi-lhe dada por fim a liberdade, sendo elle reintegrado no Conselho de guerra e ultramar, em o qual tinha assento.

Apesar de velho e cansado, Salvador Corrêa de Sá e Benavides achava-se ainda prompto e disposto a marchar para os campos da guerra. Conta-se como certo que elle se offerecêra ao govêrno portuguez para reduzir á obediencia de Portugal um dos regulos da costa da Africa Oriental, abrindo communicações com a contra costa d'aquem no reino d'Angola. Não foi acceito o seu offerecimento, sem duvida em attenção á sua avançada edade. Dizem que sendo advertido por seus amigos de fazer similhantes offerecimentos em uma épocha da vida em que só devia pensar em descanso, replicara: « Que desejaria muito ter a consolação de ouvir tiros na hora da morte».

Finalmente, depois de uma vida activa, vigorosa e longa, sem as fraquezas da decrepitude, finou-se no dia 1º de Janeiro de 1688, aos 94 annos de edade, e foi sepultado na sacristia do convento (hoje extincto) fronteiro a seu palacio de Nossa Senhora dos Remedios dos Carmelitas Descalços, onde os seus ossos jazem accompanhados dos de outro Brasileiro não menos distincto— o celebre Alexandre de Gusmão — tambem pouco afortunado no ultimo quartel da vida.

Salvador Corrêa de Sá e Benavides foi 1º alcaide-mór do Rio de Janeiro, fidalgo da Casa Real, commendador de S. Salvador da Alagôa e de S. João de Cassia (Bispado de Coimbra) na Ordem de Christo; foi fundador, entre outras villas, das de Ubatuba e Paranaguá.

(77) Foi nesta epocha, em virtude de licença régia de 26 de Fevereiro de 1665, e das bullas de 9, 10, 13 de Maio de 1669 e 20 de Outubro de 1672, que se fundaram no Brasil os dous primeiros conventos de freiras. Quatro franciscanas de Sancta Clara d'Evora fundaram o da Bahia. No Rio de Janeiro, as primeiras a se recolherem foram uma ermã de Agostiuho Barbalho, com tres filhas. Era assumpto este, sôbre o qual, desde muito pugnavam tanto estas duas cidades como a de Olinda, onde apenas havia, desde o principio do seculo, o Recolhimento da Conceição.

se sabe em que data começou este a sua administração, porém, conforme o *Catalogo Benedictino*, já governava em 1670.

Em carta de 1º de Septembro de 1674, lhe recommenda Sua Alteza o reparo das fortalezas d'esta barra. Concluido aqui o seu govêrno, foi encarregado do de Angola, do qual tomou posse a 11 de Septembro de 1680.

Conferiu Sua Alteza o govêrno do Rio de Janeiro a Mathias da Cunha pela patente assignada a 30 de Outubro de 1674; ignora-se, porém, a data em que deu comêço ao seu mandato. A 9 de Julho de 1678, occupando ainda o seu alto posto, foi convidado para o lançamento da pedra fundamental do convento de Nossa Senhora da Ajuda.

Havendo completado o periodo da sua administração, regressou a Portugal, donde se tornou a embarcar com destino á Bahia, levando a patente de governador geral do Brasil, em substituição ao 29º, Tello de Meneses, marquez das Minas, em 1687. Falleceu a 24 de Outubro de 1688 na metropole do Brasil, tendo jazigo na capella-mór do mosteiro de S. Bento.

Querendo firmar o direito, que a corôa de Portugal pretendia ter á margem esquerda do Prata, mandou o principe regente d. Pedro ao mestre de campo d. Manuel Lobo, quando o nomeou governador da capitania do Rio de Janeiro em 8 de Outubro de 1678, que — perto da ilha de S. Gabriel, ou em qualquer outro ponto conveniente, nas vizinhanças de Buenos Aires — fundasse uma colonia, que servisse de limite ás possessões portuguezas na America.

Depois de haver, a 9 de Maio de 1679, tomado posse do seu govêrno, ao qual, por decreto de 12 de Novembro de 1678, ficavam tambem sujeitas as capitanias do Sul — afim de melhor poder executar as ordens que trazia — partiu d. Manuel Lobo para a villa de Santos em Outubro de 1679, e seguiu em Dezembro para o Rio da Prata com uma expedição de septe navios, levando quatro companhias de 200 homens, diversas familias de colonos e muitos operarios.

Para os aprestos expedicionarios havia d. Manuel Lobo sido

auxiliado pela capitão-mór de S. Vicente, Diogo Pinto do Rego, e por Jorge Soares de Macedo, que, para tomar parte na expedição, deixara o seu logar de encarregado superior das minas.

D. Manuel Lobo entrou em fins de 1679 pelo Prata, e subindo-o chegou, no dia 1º de Janeiro de 1680, perto da ilha designada: ahi assentou sôbre o continente, levantando uma fortaleza, a colonia que ficou sendo conhecida sob o nome de *Sacramento*.

Atacada alguns mezes depois, a 5 de Agosto do mesmo anno, por d. José Garro, governador de Buenos Aires, foi essa fortaleza, apesar de uma obstinada resistencia, tomada de assalto e arrasada, sendo d. Manuel Lobo preso e levado para Buenos Aires, aonde veio a succumbir ao pêzo da molestia e do desgôsto.

Durante a ausencia de d. Manuel Lobo, ficara encarregado do govêrno d'esta capitania, em virtude da carta de Sua Alteza, de 12 de Novembro de 1678, João Tavares Roldon, que exercia o posto de mestre de campo general na cidade da Bahia.

Não se sabe em que dia tomou posse do seu cargo, podendo-se apenas affirmar que governou pouco mais de um anno, á vista da seguinte carta que, com data de 19 de Outubro de 1680, lhe dirigiu Sua Alteza: « Eu Principe vos envio muito saudar. Vendo a vossa carta que me escrevestes, de 12 de Janeiro, em que me fazeis presentes os achaques e impossibilidades com que vos achaes para continuar nesse governo, emquanto durar a ausencia de D. Manoel Lobo, hei por bem de vos haver por escuso, e o entregareis ao Desembargador João da Rocha Pitta, para que elle haja de governar assim, e da mesma maneira que vós fazeis, e em falta deste Ministro, por estar ausente, ou se não achar já nessa Capitania, entregareis o governo á Camara dessa Cidade para que na mesma forma ella haja de governar, entregando juntamente ao que ficar governando a carta, que será com esta, e a copia della; e feita a dita entrega, e entregando-lhe as ordens que vos vão nesta occasião, e todas as mais que tiverdes tocante a esse governo, e aos soccorros da Nova Colonia, em que se acha D. Manoel Lobo, vos hei por levantada a homenagem desse governo, para poderdes vir tratar da vossa saude ».

Nomeado a 19 de Outubro de 1680, veio tomar conta da administração do Rio de Janeiro Pedro Gomes, mestre de campo da cidade da Bahia. Pouco tempo exerceu o cargo de governador, pois a 3 de Junho de 1682 teve successor na pessoa de Duarte Teixeira Chaves.

Tem a data de 6 de Septembro de 1681 a patente conferindo a este mestre de campo o govêrno d'esta capitania, com jurisdicção sôbre todas as capitanias do Sul. Vindo encarregado de reparar a colonia do Sacramento, que, por um tractado, voltara ao dominio de Portugal, partiu em 6 de Janeiro de 1683 para aquella colonia, deixando, em virtude de ordens vindas da Côrte por carta de 17 de Janeiro de 1682, o govêrno entregue ao Senado da Camara, que o conservou até 13 de Junho de 1683; nessa data, após haver concluido sua commissão no rio da Prata, voltou a esta cidade Duarte Teixeira Chaves, cujo govêrno prolongou-se até 1686.

Succedeu a Duarte Teixeira Chaves, no govêrno d'esta capitania com patente assignada a 25 de Agosto de 1685, João Furtado de Mendonça, que, começando a sua administração a 22 de Abril de 1686, nella se conservou pouco mais de tres annos.

D. Francisco Naper de Lencastre veio substituir, em 24 de Junho de 1689, como governador interino, a Duarte Teixeira Chaves, em virtude da carta régia de 24 de Fevereiro do dicto anno, que o encarregava d'este govêrno, enquanto não chegasse o governador effectivo (78).

A 2 de Janeiro de 1690 foi provido no govêrno do Rio de Janeiro Luiz Cesar de Meneses, que tomou posse a 17 de Abril do mesmo anno.

---

(78) Affirma Rocha Pitta que este official accompanhara a d. Manuel Lobo, quando passou ao Rio da Prata a fundar a nova colonia do Sacramento, e que alli se achava quando os Hispanhoes a surprehenderam, e passaram a guarnição á espada, sendo um dos que escaparam com vida naquelle conflicto; que, depois de fallecido d. Manuel Lobo, foi d. Francisco Naper remettido para a Hispanha, e d'alli para Lisboa, onde Sua Majestade premiara os seus serviços e trabalhos com o posto de mestre de campo e governador da praça da colonia. conferindo-lhe junctamente o governo d'esta capitania até que chegasse o governador, que para ella nomeasse.

Em 1692 exercia ainda o seu cargo, segundo mostra a sua assignatura na ultima carta de sesmaria de terras ao sargento-mór Martim Corrêa Vasques, a 5 de Maio d'esse anno, no districto de Maxambomba.

Retirando-se para Lisbôa, d'ahi tornou a saïr, afim de tomar conta em 1705 do govêrno de Angola, onde continuou a dar provas do bom administrador, que já aqui se revelara.

As acções de liberalidade e grandeza que practicava com os subditos eram, dizem, sempre accompanhadas das palavras — « ou Cesar, ou nada ».

No dia 25 de Março de 1693, começou o govêrno de Antonio Paes de Sande, nomeado por provisão de Sua Majestade de 27 de Dezembro de 1692.

Achando-se, porém, este governador impossibilitado de desempenhar as funcções do seu cargo, devido ao seu precario estado de saude, conferiu d. João de Lencastre, 32° governador geral do Brasil, a administração d'esta capitania ao mestre de campo André Cuzaco, no impedimento do governador effectivo. Em virtude desta determinação desistiu Antonio Sande do govêrno, entregando-o a 7 de Outubro de 1694 ao Irlandez André Cuzaco. Falleceu em 22 de Abril de 1695 e foi sepultado na egreja do collegio dos Jesuitas desta cidade, como constava de um livro dos assentos de obitos da freguezia da Candelaria.

Teve Antonio Sande o contentamento de vêr, pouco antes de sua morte, as amostras do primeiro ouro encontrado nas *Minas Geraes*, e extrahido pelos Paulistas Carlos Pedroso da Silveira e Bartholomeu Bueno de Cerqueira em principios do anno de 1695; as molestias que o acabrunhavam e a morte que o veio surprehender privaram-n'o do gôsto de á Sua Majestade remetter as referidas amostras.

A Sebastião de Castro Caldas foi conferido o govêrno do Rio de Janeiro pela carta régia de 4 de Fevereiro de 1695, « durante a ausencia de Antonio Paes de Sande nas minas de S. Paulo, ou sendo morto ». De conformidade com esta ordem, expirou o go-

vêrno interino de André Cuzaco, principiando o de Sebastião de Castro Caldas na data supracitada.

Coube a este governador a satisfacção de enviar á Côrte, reinando então d. Pedro II, a amostra do primeiro ouro que os Paulistas exploradores haviam descoberto nos sertões de Minas Geraes, no tempo em que ainda vivia Antonio Sande, a quem, como já vimos, não foi dado apresentar a Sua Magestade o tão precioso e cobiçado metal.

Governava Sebastião de Castro Caldas a capitania de Pernambuco, quando, em 1710, rebentou entre os moradores do Recife e os de Olinda a chamada Guerra dos *Mascates* (79), da qual decorreram as mais funestas consequencias a toda a capitania. As desintelligencias entre o governador — que escudava as pretenções dos do Recife—e o ouvidor—que pertencia ao partido de Olinda, —transformaram-se em hostilidades, cujo inicio foi marcado por um tiro desfechado sôbre o governador, que ficou ferido em uma perna. Sebastião de Castro Caldas usou de represalias, expedindo ordens de prisão, e perseguindo aos da facção adversa. Havendo, porém, séria reacção, o povo sublevou-se, e, auxiliado pela tropa, promoveu

---

(79) Já de muitos annos datava a inimizade entre os naturaes do paiz e os Portuguezes da Europa. O proprio João Fernandes Vieira, que tão assignalados serviços havia prestado a Pernambuco, na expulsão dos Hollandezes do Brasil, fôra victima desse sentimento hostil por ser Portuguez, chegando mesmo a ser ferido, em 1645. Com o correr dos tempos e dos acontecimentos, as relações se foram tornando cada vez menos amistosas, principalmente por causa da rivalidade de interesses entre Olinda e Recife.

O Recife — para o commercio, mais favoravelmente situado que Olinda — muito se engrandecera durante a occupação hollandeza, e a sua população, no principio do seculo XVIII, era calculada em oito mil almas; não tinha sido, porém, elevado a villa; continuava dependendo de Olinda. Sendo os seus habitantes, em maxima parte, Portuguezes de humilde nascimento, chegados ao Brasil pobres, e em pouco tempo enriquecidos no commercio, e continuando a cidade de Olinda a ser habitada por muitas das principaes familias — notavelmente aristocraticas — da capitania de Pernambuco, grande era a antipathia que separava a gente de Olinda da gente do Recife.

Travada a guerra dos *Mascates* — assim chamada porque, em signal de menospreço, davam os Pernambucanos essa alcunha aos Portuguezes — foi em 1711 o Recife posto em sitio. Correu o sangue em diversos e mortiferos combates, até que — depois de muitas perseguições e violencias de que sobretudo muito soffreram os Pernambucanos — havendo a Camara e o povo de Olinda representado á metropole, enviou esta, com data de 7 de Abril de 1714, ordens expressas para o restabelecimento da tranquillidade publica.

a quéda do governador (15 de Novembro), que fugiu para a Bahia, onde foi preso pelo 35º governador geral d. Lourenço de Almeida, e pelo successor deste, Pedro de Vasconcellos e Sousa, 3º conde de Castello Melhor, remettido para Lisbôa.

A 2 de Abril de 1697 tomou conta do poder Arthur de Sá e Meneses, primeiro governador a quem Sua Magestade fez mercê do govêrno d'esta capitania com a patente de capitão-general, sendo que os seus antecessores haviam exercido o mesmo cargo com patentes de capitães-móres.

Trazendo da Côrte a incumbencia de ir pessoalmente ás minas de S. Paulo, embarcou-se para Santos a 15 de Outubro do dicto anno, deixando como substituto no govêrno d'esta cidade o mestre de campo Martim Corrêa Vasques, em virtude da ordem régia de 27 de Dezembro de 1696.

Havendo concluido a sua commissão, voltou a esta cidade afim de continuar o seu govêrno, em que a 17 de Julho de 1699 já se achava, conforme consta de uma carta de sesmaria de terras por elle assignada no referido dia.

Continuou em exercicio até 1700. Nesse anno, pela segunda vez, por ordem superior que recebera, teve de ausentar-se d'esta capital, para ir a Minas Geraes examinar os riquissimos thesouros que se haviam ultimamente descoberto em diversos logares d'aquella vasta região. Ficou, nesta segunda ausencia, encarregado da capitania o mestre de campo Francisco de Castro Moraes, conforme mandava a carta de Sua Majestade de 5 de Dezembro de 1699.

Governou este substituto até durante a primeira quinzena de Julho de 1702, porque, a 15 do dicto mez, havia já regressado Arthur de Sá a esta cidade e, concluindo o seu govêrno, o entregava ao seu successor.

Com patente de Sua Majestade, datada de 5 de Abril de 1702, governou d. Alvaro da Silveira e Albuquerque, tomando posse do poder a 15 de Julho do mesmo anno.

Por alvará de 7 de Abril de 1704, mandou Sua Majestade á Camara, que «succedendo morrer o governador d'esta cidade

d. Alvaro da Silveira e Albuquerque, governasse o reverendo bispo d'esta diocese, d. Francisco de S. Jeronymo, com os mestres de campo Martim Corrêa Vasques e Gregorio de Castro Moraes ».

Ainda a 23 de Julho de 1705 exercia d. Alvaro da Silveira o seu cargo, pois nessa data assignou a ultima carta de sesmaria de terras concedida durante o seu govêrno.

Nesse tempo ordenou el-rei, para obviar aos descaminhos do ouro, que se não consentisse haver na cidade mais do que dous ou tres ourives.

Foi d. Alvaro da Silveira o governador que deu principio á casa da Alfandega do Rio de Janeiro.

Conferiu el-rei o govêrno d'esta capitania a d. Fernando Martins Mascarenhas de Lencastre por patente datada de 14 de Maio de 1704, vindo o nomeado a tomar posse do cargo no dia 1º de Agosto do mesmo anno.

Partiu o governador para Minas afim de combater os *Emboabas* (80); mas, encontrando da parte destes forte opposição, julgou prudente dirigir-se a S. Paulo, donde regressou ao Rio de Janeiro, sem nada haver alcançado.

---

(80) Desde os primeiros descobrimentos de ricas minas de ouro encontradas em Sabará e nos districtos vizinhos, bandos numerosos de audazes exploradores de todas as condições correram para aquellas regiões auriferas, que se chamavam então *Minas Geraes dos Cataguás* (do nome dos Indios que alli habitavam). Excitados pelo ciume e pela cobiça, começaram em breve esses aventureiros a guerrear os Paulistas que haviam organizado as primeiras *bandeiras* estabelecidas naquellas remotas paragens. A taes aventureiros chamaram os Paulistas *forasteiros*, ou, ao modo do gentio, *Emboabas* (pernas calçadas ou vestidas, como querem uns — e homens de além, como pensam outros).

O ciume tornou-se odio. Depois de varios conflictos entre os inimigos, travou-se em 1708 um combate juncto ao rio, que recebeu a triste denominação *das Mortes*, pela mortandade que resultou desse encontro, no qual foram destroçados os Emboabas. Simulou então o chefe destes, Manuel Nunes Vianna, desejar a conciliação: assim illudindo e apanhando de surpreza e desarmados os Paulistas, ataca-os, derrota-os e persegue-os sem piedade, obrigando aquelles que escapam a morte a fugir para S. Paulo, onde ouvem de suas mães, esposas e ermãs a bellicosa intimação de que, para serem por ellas bem recebidos, precisavam primeiro tirar completa vingança dos Emboabas.

Orgulhosos da sua desleal victoria, arrogaram-se os Emboabas em Minas, abusiva e atrevidamente, uma auctoridade absoluta, chegando a ponto de fazer com que o governador do Rio de Janeiro, d. Fernando Martins Mascarenhas de Lencastre, que viera com alguma tropa, em Julho de 1708, para restabelecer a tranquillidade em Minas, julgasse mais seguro retirar-se afim de reunir maior numero de soldados.

Em sua ansencia ficaram no poder o bispo d. Francisco de S. Jeronymo, e os mestres de campo Martim Corrêa Vasques e Gregorio de Castro Moraes, que governaram com satisfacção geral do povo d'esta cidade, ate á data em que reassumiu o cargo d. Fernando Martins Mascarenhas, que ainda exercia o seu mandato nos primeiros dias de Junho de 1709.

Em data de 11 de Junho d'esse anno principiou a governar Antonio de Albuquerqne Coelho de Carvalho, com patente de capitão-general e governador, assignada em Lisbôa a 7 de Março do dicto anno. Logo que tomou posse deste govêrno, partiu para Minas, afim de bater os revoltosos, conseguindo, graças á intervenção do capitão José de Sousa, que lhe viessem no arraial do Caeté fazer acto de submissão os chefes dos Emboabas. Mas os Paulistas, desejando vingar-se das traições que haviam soffrido, não attenderam ao governador, vendo-se este coagido a voltar para o Rio de Janeiro, afim de tomar as providencias exigidas pelas circunstancias.

Despachou então para Minas ao mestre de campo Gregorio de Castro Moraes, com duas companhias de linha, e ao mesmo tempo escreveu aos Paulistas, offertando-lhes o retrato de d. João V (81) para significar-lhes que el-rei os visitava e segurava-lhes completo perdão.

Promptos tambem já se mostravam os Paulistas para recomeçar a lucta quando a Côrte de Lisbôa fez serenar os espiritos, perdoando aos sublevados e creando, por carta régia de 3 de Novembro de 1709, a capitania de S. Paulo e Minas, independente da do Rio de Janeiro, e para ella nomeando governador a Antonio de Albuquerque, a quem Nunes Vianna prestou obediencia no arraial do Caeté.

(81) A morte d'el-rei d. Pedro II, a 6 de Dezembro de 1706, elevou ao throno seu filho o principe d. João, tendo apenas dezeseis annos de edade. D. João V, a quem a Historia appellidou de *Magnifico*, foi realmente dado ao fausto, despendendo, durante o seu reinado de quarenta e tres annos, sommas avultadissimas.

Exgottou os productos das minas do Brasil e os rendimentos do Erario Régio na construcção do convento e egreja de Mafra, e na acquisição da sumptuosa capella de S. João Baptista, em cujo altar celebrou missa solenne o Sancto Padre em Roma. Fabulosos thesouros enviou á côrte pontificia para conseguir que o Sacro Collegio concedesse aos reis de Portugal o titulo de Majestade *Fidelissima*, e á nação portugueza a posse de uma Sé Patriarchal. *O Investigador Portuguez*, tom. XIV, traz a quitação a Francisco da Costa

Tendo-se aplacado o resentimento dos Paulistas, reconheceu o govêrno da metropole a necessidade de estabelecer um govêrno especial nas capitanias, em cujos territorios se achavam as minas: por isso, desmembrou-as do Rio de Janeiro, em virtude da carta de 3 de Novembro de 1709, escolhendo para primeiro governador da nova capitania — de S. Paulo e Minas — a Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho.

Ficou no govêrno interino do Rio de Janeiro Gregorio de Castro Moraes que, a 30 de Abril de 1710, o entregou a seu ermão Francisco de Castro Moraes.

Nesse anno de 1710 foi a cidade do Rio de Janeiro invadida pelos Francezes.

Embarcando em Brest com mil homens em cinco navios e uma balandra, dirigiu-se João Francisco Duclerc a este porto, desembarcou em Guaratiba em 11 de Septembro, avançou para a cidade, onde entrou a 19 do referido mez, pela azinhaga de Matacavallos (rua do Riachuelo), tendo soffrido na lagôa da Sentinella (82) vigoroso ataque de Bento do Amaral Gurgel, que arregimentara os estudantes para repellir o inimigo. Ao descer o morro do Desterro (Sancta Teresa), na rua dos Barbonos, foram os Francezes investidos por duzentos paisanos guiados pelo religioso frei Francisco de Meneses, resultando d'esse encontro grandes perdas aos invasores.

Fortificado no campo do Rosario, não se moveu o governador

Solano, de 5 de Septembro de 1748, de 115.509.132 cruzados em dinheiro; 6.417 arrobas e 23 libras de ouro; 324 arrobas de prata; 15.679 arrobas de cobre; 2.308 quilates de diamantes brutos. Os vastos recursos do Brasil, a opulencia das suas minas, davam para sustentar tão extraordinaria ostentação!...

Os principaes acontecimentos do reinado de d. João V, no Brasil, foram: as guerras civis dos *Emboabas* e dos *Mascates*, as invasões de Duclerc e de Duguay-Trouin, e a restituição da colonia do Sacramento a Portugal. Continuou o Brasil a progredir com o augmento da sua população e da sua industria, com os descobrimentos de numerosas minas auriferas pelos Paulistas e com a colonização que, para fazer frente aos Hispanhoes do Prata, muito se extendeu para o Sul, internando-se tambem, em busca de preciosos mineraes, pelos territorios de Minas Geraes, Goiaz e Matto Grosso.

(82) A *lagôa da Sentinella* — que deu nome á *rua da Lagôa da Sentinella* — cobria, segundo mostra a planta da cidade levantada no anno de 1808, a área hoje cortada por parte das ruas Frei Caneca, General Caldwell, Areal de Sanct'Anna.

da praça, Francisco de Castro Moraes, deixando o inimigo penetrar no coração da cidade e avançar até á rua Direita, onde atacou o palacio do governador, a Alfandega e o convento do Carmo. Appareceu, entretanto, quem desaffrontasse os brios nacionaes : os estudantes sob o commando de seu capitão José da Corte Freire, Bento do Amaral Coutinho, o povo e o mestre de campo Gregorio de Moraes, á frente de seu terço, oppuzeram heroica resistencia aos invasores, caïndo ferido no ardor da peleja o valente Gregorio de Moraes, que deu a vida pela patria, protestando assim contra a inepcia e covardia do governador, seu ermão (83).

Accommettido por forças superiores ás suas, e perdida a esperança da victoria, tomou Duclerc o trapiche chamado da Cidade ou de Luiz da Motta (hoje uma das dependencias da Alfandega) para ahi fortificar-se. Sendo d'isto informado o governador, animou-se a avançar com as tropas, e intimou ao chefe francez que se rendesse. Assentiu este na tarde do mesmo dia 19, entregando-se prisioneiros, elle e seiscentos e quarenta Francezes. Contaram os

---

(83) Apesar de haver sido galardoado com uma commenda pelos pretensos serviços nesta occasião prestados á Corôa, manda a verdade historica reconhecer que Francisco de Castro Moraes perdeu, na grave conjunctura em que então se achou, toda a calma precisa a um general, que comprehende as pesadas responsabilidades do seu elevado posto ; effectivamente, como principal medida de defesa, tomou a deliberação de invocar a protecção de Sancto Antonio e de São Sebastião, conferindo-lhes, na critica situação em que se viu, o posto de capitão.

« Eis o que a tal respeito referem os *Annaes do Rio de Janeiro* : « Passou o governador huma patente de Capitão de Infanteria paga a Santo Antonio, que até então tinha o numeramento e soldo de simples soldado, a quem saudou e reconheceu por General do Exercito todo o campo dos soldados. O mesmo acto de reconhecimento foi feito para com S. Sebastião, o Padroeiro da Praça e Cidade. Immediatamente o Padre Provincial de Santo Antonio tirou das mãos d'aquelle Santo o rico bastão que lhe havia dado o Governador da Colonia, quando implorando o seu patrocinio outr'ora triumphara dos Hespanhóes, e o entregou ao Governador, dizendo que com elle nas mãos pelejasse ; e este levantando-o e o pondo sobre a sua cabeça, o beijou e o reenviou ao Provincial, rogando-lhe o pozesse entre as mãos da Santa Imagem, collocando aquella sobre a muralha do Convento, a cujo pedido se prestou de boamente o mesmo Provincial.»

Sancto Antonio — que, na justissima apreciação de Barbosa Machado, « é immortal gloria e illustre brazão do Reino de Portugal» — foi sempre, da parte dos Portuguezes, objecto de uma grande veneração. Já antes da expedição de Duclerc, fazia Sancto Antonio parte dos quadros da guarnição, apenas, porém, como simples soldado. D. João VI, em 1814, elevou o Sancto ao posto de tenente-coronel, com o soldo correspondente á patente, e o agraciou com a gran-cruz da Ordem de Christo.

inimigos duzentos feridos e quatrocentos mortos; da parte dos Portuguezes houve cincoenta mortos e oitenta feridos.

Duclerc e alguns officiaes foram enviados para o collegio dos Jesuitas, e os soldados remettidos para a Cadêa, Casa da moeda e conventos.

Em regozijo pela victoria celebrou-se um *Te-Deum*, fizeram-se procissões, e declarou-se o dia 19 de Septembro, que a Egreja consagra a S. Januario, festivo dos muros da cidade para dentro.

Tendo a cidade por menagem, e residindo em uma casa á rua hoje da Quitanda, esquina da General Camara, foi Duclerc assasinado, em 18 de Março de 1711, por dous embuçados que, apesar da sentinella, penetraram na habitação, e commettido o delicto, desappareceram (84).

Cedo voltaram os Francezes para vingar a affronta recebida com a derrota e o assassinato de Duclerc.

Saïu em 9 de Junho de 1711 do porto de La Rochelle uma expedição de dezoito velas com tres mil homens de desembarque, commandada por Duguay-Trouin (85), e em 12 de Septembro appareceu na barra do Rio Janeiro, onde entrou, perdendo no ataque das fortalezas cêrca de trezentos homens.

---

(84) O official da marinha franceza João Francisco Duclerc, natural da Guadalupe, devia ser remettido para Lisbôa, conforme se havia obrigado o governador do Rio de Janeiro. Transferindo a sua residencia do collegio dos Jesuitas para a casa do tenente Thomaz Gomes da Silva, ahi, tendo a cidade por menagem, foi confiado á guarda de um furriel e dez soldados.

No livro 8 dos fallecidos na freguezia da Sé, á fl. 51, diz Balthazar da Silva Lisbôa, nos *Annaes do Rio de Janeiro*, encontra-se o seguinte assento, lançado pelo reverendo cura o padre Bartholomeu da França: «Em 18 de Março, das sete para as oito horas da noite de 1711 annos, matarão o General dos Francezes. que entrara a tomar esta terra, o qual foi morto por dous rebuçados que entrarão pela porta dentro estando elle na cama, e dous ficarão guardando a porta da escada, e tinha sentinellas para que não passeasse e não lhe valerão, e chamava-se João Francisco que era o nome da pia, e o nome da guerra Moçú de Cré: está enterrado na Capella de S. Pedro na Igreja de Nossa Senhora da Candelaria da Cruz para o Campo....»

(85) Como era de prever, produziu em França a mais viva impressão a noticia do mollogro da expedição de Duclerc. Para vingar esse desastre apresentou-se Renato Duguay-Trouin, um dos mais distinctos officiaes da marinha franceza. No intuito de favorecer a empresa, poz Luiz XIV á sua disposição alguns navios de guerra e cêrca de 4.000 soldados, enquanto ao alludido official

O commandante das naus portuguezas ancoradas no porto, Gaspar do Costa Athaïde, appellidado o *Maquinez*, julgando não poder resistir ao inimigo, lançou fogo a seus navios. Irrompendo um incendio no paiol da polvora, na fortaleza de Villegagnon, e perecendo no sinistro dous officiaes e muitas praças, cessou esta fortaleza o fogo contra o inimigo que, encontrando abandonada a fortaleza da Ilha das Cobras, occupou-a, causando dalli muito damno á cidade.

Desembarcou no dia seguinte, na praia do Vallongo, o exercito invasor dividido em tres columnas de tres batalhões cada uma, commandada a da vanguarda pelo cavalheiro de Goyon, a da retaguarda pelo cavalheiro de Courserac, e a do centro por Duguay-Trouin, que escolheu o palacio episcopal da Conceição para seu quartel-general.

Apoderou-se o inimigo dos pontos mais elevados, das posições mais importantes da cidade, sem nenhuma resistencia encontrar, pois, como na primeira invasão, permanecia o governador Francisco de Castro no campo do Rosario, sem nada ousar emprehender, nem ao menos alentando o valor e denodo dos officiaes e soldados que o cercavam.

Havendo as fortalezas emmudecido, e estando Duguay-Trouin senhor da cidade, resolveu o povo fugir, salvando o que pudesse: foram então entregues ás chammas uma náu e duas fragatas ancoradas proximo ao morro de S. Bento, e diversos armazens e trapiches da cidade.

---

adeantavam alguns negociantes de Saint-Malo 1.200.000 libras, moeda corrente da França.

Duguay-Trouin tinha já um nome feito nos annaes da marinha franceza pelas suas proezas contra os Inglezes e contra a ilha de S. Jorge nos Açores; parecia mesmo reproduzir o brilhante papel, que havia representado o célebre Jean Bart.

Prevenido em tempo, Portugal não sómente mandou reforços importantes sob as ordens de Gaspar da Costa Athaïde (*Maquinez*), como tambem conseguiu que a Inglaterra, então sua alliada, mandasse uma esquadra impedir a saïda da expedição franceza de Brest. Duguay-Trouin habilmente evitou conflicto com a esquadra ingleza, partindo para La Rochelle dous dias antes que os Inglezes bloqueassem o porto de Brest; de La Rochelle velejou então para o Brasil com toda a sua esquadra, a 11 de Junho de 1711.

Intimando o vencedor a Francisco de Castro que entregasse a praça á mercê de el-rei de França, recusou-se o governador, declarando « que a defenderia até á ultima gotta de seu sangue » ; mas, sem mover-se dos seus arraiaes, occupou-se em reunir um conselho, no qual deliberou deixar a cidade ; e assim o fez, precipitadamente, com toda a tropa de linha, fugindo para a Fazenda dos Padres do Engenho Novo, e dahi para Iguassú.

Causou grande consternação e terror ao povo a noticia da fuga do governador e da tropa..... Então, aterrados e espavoridos, tractaram os habitantes de procurar um refugio no interior do paiz, desprezando suas casas, abandonando seus haveres...

Passou-se esta angustiosa scena durante uma noite sinistramente tenebrosa ; o vento, soprando rijo, destelhava as casas ; a chuva, caïndo torrencialmente, innundava as ruas ; amiudavam-se os relampagos e os trovões, roncava ameaçadora a artilharia inimiga, e o povo corria apavorado, vendo contra si o céo e os homens...

Quando, ao amanhecer do dia 21, preparava-se Duguay-Trouin para dar o assalto geral á cidade, soube por um prisioneiro, Mr. de Salles, antigo ajudante de campo de Duclerc, que se achava ella deserta, e que os prisioneiros francezes, arrombando suas prisões, andavam occupados em saquea-la, havendo já despojado varias casas e numerosos armazens.

Condemnando taes abusos, mais proprios de piratas que de soldados, tomou Duguay-Trouin energicas providencias por que fosse observada a mais rigorosa disciplina nas suas tropas ; e de tal modo comportou-se para com os moradores, quando — passado o susto — regressaram a seus lares, que se fez por elles estimado, bem como toda a gente que consigo trazia.

Em vez de combater para vingar os ultrages e soffrimentos do povo, acceitou Francisco de Castro as propostas do almirante francez para o resgate da cidade, que foi ajustado em 610.000 crusados, 100 caixas de assucar e 200 bois (86).

---

(86) Pizarro, em suas *Memorias historicas do Rio de Janeiro*, commentando a insufficiencia e cobardia reveladas por Francisco de Castro Moraes nos meios e modos de defender a cidade de que era governador, tendo recursos bastantes

A Casa da moeda, os cofres da real fazenda, dos orphãos, dos ausentes, da bulla, dos padres da Companhia de Jesus, dos religiosos de S. Bento e de diversos particulares, concorreram com diversas quantias para realizar-se o pagamento aos Francezes, que, após haverem conservado a cidade em seu poder durante quarenta e quatro dias, fizeram-se de vela no dia 13 de Novembro, levando, além de valiossimos despojos, cêrca de quinhentos homens da expedição de Duclerc.

Achava-se Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho em Minas Geraes, quando, no dia 21 de Septembro de 1711, alli chegou a noticia de haver entrado no porto d'esta cidade uma esquadra franceza composta de dezoito vasos de guerra. Sem mais certeza, nem aviso do governador, resolveu vir em soccorro do Rio de Janeiro, e nesse intuito partiu no dia 28 do dicto mez, com perto de seis mil homens da mais luzida gente de Minas Geraes e S. Paulo. Com dezesepte dias de marcha forçada, chegou á serra do Tinguá, aonde recebeu uma carta de Francisco de Castro, participando-lhe haver perdido a cidade, e solicitando ao mesmo tempo o seu auxilio para tentarem retoma-la. A' vista d'esta communicação, Antonio de Albuquerque desceu a serra, accelerando a marcha, para vêr si chegava a tempo de pôr em execução os seus projectos. No dia seguinte, porém, recebeu novo aviso do governador, dizendo que estava resolvido a capitular, e logo depois, ainda outro communicando-lhe haver com o chefe das fôrças inimigas ajustado o resgate da cidade e fortalezas.

Informado das vergonhosas condições da capitulação, não deu mais um passo, acampando a quatro leguas distante do Rio de Janeiro; e, vendo que não era mais possivel annullar o que já estava tractado, expediu ordens para Minas e S. Paulo, afim de suster a vinda de reforços e mantimentos, conforme havia disposto.

---

para repellir a aggressão de Duguay-Trouin, diz que « o Povo affrontado pelo seu procedimento assás indecoroso, certificando-se da perfidia de quem o governava, não só lhe negou obediencia, mas agradecendo a traição, recommendou á posteridade o heroismo do seu commandante, fazendo conhecer o autor de tanta desgraça pelo appelido — *Vacca* — com que ainda hoje o refere a Tradição.»

Evacuada a praça pela retirada dos Francezes, entrou Antonio de Albuquerque com seu exercito; e como no Senado da Camara da Cidade se guardava uma ordem régia de 6 de Novembro de 1709, na qual mandava el-rei que « se por algum motivo viesse Antonio de Albuquerque a esta Cidade, achando-se Francisco de Castro com o governo d'ella ficaria elle Albuquerque governando...», em consequencia da dicta ordem, entrou Antonio de Albuquerque na posse d'este govêrno, em que se conservou até o dia 7 de Junho de 1713.

Francisco de Castro Moraes — aberta devassa contra elle — foi condemnado a degredo e prisão perpetua em uma das fortalezas da India e confisco dos seus bens; tambem foram sentenciados outros officiaes, e enforcado em effigie, por se achar ausente, o capitão da fortaleza de S. João, Antonio Soares, que apressadamente se rendera ao inimigo.

Com patente de governador e capitão-general, datada de 2 de Julho de 1712, succedeu Francisco Xavier de Tavora a Antonio de Albuquerque, tomando posse do govêrno em 7 de Junho de 1713.

Em carta de 16 de Fevereiro de 1714, lhe approva Sua Majestade « a forma do assento e ajuste, que fez com os moradores d'esta cidade e suburbios, para o rateio da contribuição de resgate ».

Saïu d'esta capital para visitar as minas do Sul, e de volta, tendo se desgostado com os vereadores da Camara, obteve, por carta de 10 de Março de 1716, licença para regressar á Europa, entregando o govêrno interinamente ao mestre de campo Manuel de Almeida Castello Branco, enquanto não chegasse o seu legitimo successor.

No seu govêrno se deu principio á construcção da fortaleza da Lage (87), requerida muito antes pelo Senado da Camara.

Francisco de Tavora, muitos annos antes de exercer o govêrno desta cidade, fôra empregado no de Angola em 1669, contando então 23 annos de edade; por este motivo — causando admiração

(87) Concorreu o Senado da Camara para a construcção da fortaleza da Lage e reparação das de Sancta Cruz, Villegagnon e Gragoatá, serviços esses que o rei agradeceu em cartas de 30 de Outubro de 1695 e 10 de Novembro de 1696. (*Consolidação das Leis e Posturas Municipaes.*)

aos juizos mais criteriosos, pela sua capacidade e virtude — deram-lhe o epitheto de *menino prudente*.

Em 27 de Junho de 1717 tomou posse do govêrno desta capitania, com patente datada de 29 de Abril de 1716, Antonio de Brito de Meneses que, recebendo a administração das mãos de Manuel de Almeida Castello Branco, não chegou a completar o tempo do seu mandato, pois falleceu em 1719 e foi, conforme havia disposto em seu testamento, sepultado na egreja dos Jesuitas.

De novo recaïu o govêrno interino do Rio de Janeiro no mestre de campo Manuel de Almeida Castello Branco, por ser o official de patente mais antiga.

Informado do fallecimento de Antonio de Brito, conferiu Sua Majestade ao fidalgo Aires de Saldanha e Albuquerque Coutinho Mattos e Noronha o govêrno desta capitania com patente de governador e capitão general, datada de 3 de Janeiro de 1719.

Tomando posse a 18 de Maio do referido anno, d'aqui ausentou-se para ir, em virtude de ordem da Côrte, á villa de Santos afim de visitar as minas do Sul.

Neste govêrno, em virtude de deliberação da Camara, em sessão de 22 de Julho de 1719, principiou a contribuição da Guarda Costa (88) e realizaram-se os trabalhos para approximar do Rio de Janeiro as aguas da Carioca, « levantando-se a Fonte no lugar junto á ladeira do Convento, e Igreja de Sancto Antonio, principiada a trabalhar em 1719, que finalizando no anno 1723, começou a distribuir por 16 bocas de bronze as torrentes d'agua mal dirigidas

---

(88) « Tendo-se feito necessario guardar a costa desta Capitania por embarcações armadas, e de guerra, para desinfesta-la dos inimigos em conformidade de Ordem Superior, e positiva, diligenciou Ayres de Saldanha e Albuquerque, que a Camara apontasse os meios de sustenta-las, estabelecendo alguns impostos...

« Chegada a primeira náu, e sendo preciso para sua subsistencia maiores reditos, por novo Assento de 14 de Fevereiro de 1721 se augmentaram aquelles já votados com as novas imposições nos Couros, Solas e Tabacos, cujo total parecia preencher bem a despesa necessaria; mas no caso de ser ainda insufficiente, resolveu a Camara que do rendimento da Dizima da Alfandega, consignada voluntariamente pelo mesmo Senado para pagamento de infantaria e soldados da Praça, cujo redito era notorio exceder o computo da despesa, para que se applicara, se prefizesse quanto fosse necessario.» (PIZARRO, *ob. cit.)*

até esse tempo, e melhor encaminhadas então em beneficio do Povo da cidade » (89).

E' datada de Lisboa, a 26 de Novembro de 1724, a patente pela qual Sua Majestade conferiu a Luiz Vahia Monteiro, coronel de infantaria da praça de Chaves e cavalleiro da Ordem de Christo, o govêrno desta capitania, do qual tomou posse a 10 de Maio de 1725, recebendo do soberano, na occasião da sua nomeação, a mercê do titulo de Conselho.

Governou a principio com geral satisfacção, mas começando a soffrer das faculdades mentaes, entrou em desavenças não só com a Camara, usurpando-lhe attribuições, como tambem com a Justiça, executando os moradores da cidade sem as devidas formalidades legaes. Continuando e augmentando o desarranjo mental do governador, foi elle deposto pela Camara em 1732.

« Antes de reduzido a estado de saude tão lastimoso, refere Pizarro, lançou, por Ordem expedida da Côrte em 1723, os primeiros alicerces da nova fortificação da ilha das Cobras, e, protegendo a Irmandade de Nossa Senhora do Rosario dos Homens Pretos da Cidade, fez continuar as obras do templo, onde em memoria do beneficio recebido, conservou a Irmandade o retrato do seu protector, na casa nova do Consistorio, donde foi mudado para a sacristia, e ultimamente collocado na Casa dos Ossos, jazigo preparado pela ingratidão. »

Falleceu nesta cidade em 19 de Septembro de 1733, sendo seu corpo levado ao convento dos Religiosos de Sancto Antonio, onde lhe deram jazigo.

Recebera do povo a alcunha de « Onça », que tambem serviu para designar o tempo do seu govêrno, tornando-se desde então commum a phrase — « isto é do tempo do Onça », para declarar-se que qualquer cousa era antiga.

(89) « Por essa obra mui util, que durará perpetuamente com o nome do seu autor, pela doçura de governo, em que viveram os habitantes da Capitania, assás contentes, e satisfeitos, e finalmente pela rectidão da Justiça, que seu affecto particular fez chegar a todos, não tendo o povo modo mais significativo de mostrar a sua gratidão, explicou a magua geral pela ausencia ultima de tão benefico governador, offerecendo-lhe saudosas e copiosas lagrimas, com que o acompanhou a bordo da náu do seu transporte. » (PIZARRO, *ob. cit.)*

Deu principio ao govêrno desta capitania — interinamente entregue a Manuel de Freitas da Fonseca — Gomes Freire de Andrade, que tomou posse no dia 26 de Junho de 1733, com patente de capitão-general e governador, datada de Lisbôa a 8 de Maio do dicto anno, sendo, na mesma data, agraciado com a carta de Conselho de Sua Magestade.

Debaixo da mesma homenagem foi encarregado do govêrno de Minas Geraes, do qual foi tomar posse, recebendo-o das mãos do conde das Galvêas André de Mello e Castro, seu tio, no dia 26 de Março de 1735.

O govêrno de Gomes Freire de Andrada, mais tarde conde de Bobadella, durou perto de trinta annos. Este governador, que bem mereceu do povo o nome de « pae da patria », e é o heróe do poema epico *Uruguay*, de José Basilio da Gama, prestou relevantissimos serviços ao Rio de Janeiro : — edificou o convento de Sancta Teresa ; erigiu um chafariz de pedra marmore no largo do Palacio ; reconstruiu o aqueducto da Carioca ; fez a dupla ordem de arcaria de volta inteira, que conduz a agua deste aqueducto, desde o morro de Sancta Teresa até o de Sancto Antonio ; recolheu os Lazaros em dous predios, em S. Christovão, e lançou a primeira pedra da cathedral do Rio de Janeiro. Em 1743 mandou construir, na praça do Carmo (depois largo do Paço), o novo edificio para residencia dos governadores, e, juncto á fonte da Carioca, um tanque de lavar, para serventia da população.

Ordenou ainda o previdente governador a edificação da fortaleza da Conceição, e proseguiu as obras da fortaleza da Ilha das Cobras, principiadas por seu immediato antecessor, Luiz Vahia Monteiro, augmentando-lhe o plano de fortificações, e construindo outros fortins egualmente uteis. Veio tomar a direcção destes trabalhos, mandado pela Côrte, o brigadeiro José da Silva Paes, primeiro governador da capitania de Sancta Catharina, creada por provisão de 11 de Agosto de 1738.

Em 1752 embarcou para o Sul, como plenipotenciario do rei de Portugal, afim de dar execução ao tractado de Madrid, de 13 de

Junho de 1750, no que dizia respeito á demarcação de limites do Brasil com as possessões hispanholas.

Resolvido o estabelecimento do tribunal da Relação em 16 de Fevereiro de 1751, procedeu Gomes Freire á sua installação em 15 de Junho de 1752, sendo elle o primeiro presidente e corregedor.

Em virtude das ordens do marquez de Pombal (90), cercou o

---

(90) Sebastião José de Carvalho e Mello, conde de Oeiras (Junho de 1759) e marquez de Pombal (Septembro de 1770), foi o ministro a quem d. José I, reconhecendo-lhe os dotes governamentaes, entregou a direcção da administração publica. Durante a vida de d. João V, havia Carvalho e Mello começado a sua carreira politica como ministro plenipotenciario de Portugal em Londres em 1739, e passando depois, com egual categoria, para a côrte de Vienna.

Chamado a Portugal por influencia da rainha, d. Mariana, archiduqueza d'Austria, ainda no reinado de d. João V, para tomar conta da pasta da Guerra e Extrangeiros, foi sómente no reinado de d. José I que o novo ministro fez parte do govêrno, sob a presidencia do cardeal Pedro da Motta. Em breve, porém, foi o rei conhecendo a superioridade do seu talento administrativo, e lhe foi dando a direcção do Gabinete.

Ao entrar para o govêrno levava Carvalho e Mello planos preconcebidos para elevar Portugal á altura das nações mais civilizadas da Europa, estabelecendo nas altas regiões da administração publica a unidade de pensamento; por isso, em todo o decurso do seu longo ministerio, teve sempre em vista imitar os grandes estadistas da França, Sully, Richelieu, Louvois e Colbert.

Reformador inflexivel, promoveu o desenvolvimento da industria e do commercio do seu paiz, egualando em muitas occasiões aos estadistas que tomara por modelos. Applicando sua particular attenção ás colonias, reformou as repartições fiscaes, protegeu o commercio do Brasil, reduziu os direitos do tabaco e do assucar, regulou a extracção e o commercio de diamantes, creou a Companhia de Commercio do Grão-Pará e Maranhão, e depois a de Pernambuco e Parahiba. A creação d'essas companhias não podia deixar de favorecer um monopolio odioso, contra o qual appareceram representações sérias, como a da *Mesa do Bem Commum*, que substituira a *Junta do Commercio* em 1720; mas os defensores d'essa medida dizem que ella activava a construcção de navios em portos brasileiros, desenvolvia a plantação do arroz no Maranhão, e punha nas mãos dos Portuguezes o commercio, que se achava quasi inteiramente nas mãos dos Inglezes estabelecidos em Portugal. E' fóra de duvida que Carvalho e Mello tanto reconheceu os inconvenientes d'esses monopolios que, ao cabo de vinte annos concedidos para a duração dos privilegios d'essas companhias, não lh'os renovou.

Além da reversão de diversas capitanias hereditarias á Corôa, prestou mais o marquez de Pombal ao Brasil outros relevantes serviços, entre os quaes o de ter acabado com a obrigação onerosa de serem as viagens dos navios mercantes feitas unicamente com frotas, e protegido a construcção naval brasileira, dando preferencia aos navios construidos no Brasil; a fundação, em 1751, de uma Relação no Rio de Janeiro, a creação de escholas publicas nas diversas capitanias, a regularização da arrecadação dos direitos da Fazenda, a protecção dada a muitos Brasileiros distinctos, como o bispo-conde d. Francisco de Lemos, seu ermão, João Pereira Ramos, reformadores da Universidade de Coimbra, e José Basilio da Gama, que foi escolhido pelo ministro para seu official de gabinete, com carta, fóros e

collegio dos Jesuitas em 3 de Março de 1760, prendeu os padres, e no dia 16 enviou-os para Portugal (91).

Reunidos alguns homens de letras em seu palacio, ahi celebraram, sob o nome de *Felizes*, uma sessão litteraria, em 6 de Maio de 1736 : e talvez partisse d'esse grupo a idéa da creação da *Academia dos Selectos*, cuja primeira sessão se realizou no mesmo palacio a 30 de Janeiro de 1752. Nasceu d'essa associação a idéa de estabelecer uma typographia no Rio de Janeiro,— a primeira que aqui houve — pertencente a Antonio Isidoro da Fonseca : mas pouco durou, por ter vindo da Côrte ordem de a fechar e queimar, para não propagar idéas que podiam ser contrarias ao interesse do Estado.

Em 1758 obteve Gomes Freire de Andrada o titulo de conde de Bobadella, alcançando elle e seu ermão, José Antonio Freire de Andrada, além d'esta, muitas outras honras. Escrevendo

---

escudo de nobreza ; finalmente, diz Joaquim Manuel de Macedo, entre as excellentes medidas que tomou o marquez de Pombal, concernentes ao Brasil, basta, para sua maior gloria, a que refreou e diminuiu notavelmente os poderes do tribunal da Inquisição, que só do Brasil arrancara e condemnara perto de quinhentos infelizes de ambos os sexos.

Abrindo opposição contra a Companhia de Jesus, mandou o ministro publicar uma bulla de Benedicto XIV, de 1741, prohibindo a todos os seculares, ou religiosos de qualquer Ordem (e portanto aos Jesuitas), comprar, vender, ou receber em escravidão os Indios, separa-los das suas familias, priva-los dos seus bens, e coarctar-lhes de qualquer forma a liberdade. Como corollario d'essa medida, Carvalho e Mello decretou logo depois a emancipação dos Indios do Pará e Maranhão, 6 de Junho de 1755, e em seguida a de todos os Indios do Brasil, 8 de Maio de 1758.

Fallecendo d. José I, em 1777, pediu o ministro a sua demissão, que immediatamente lhe foi concedida, entregando d. Maria I a direcção do Estado a outros ministros. Após haver respondido a um longo processo, foi o marquez de Pombal por decreto de 16 de Agosto de 1781 mandado conservar-se a vinte leguas da Côrte, em cujo desterro já se achava : pouco tempo mais tambem viveu, pois expirou a 8 de Maio de 1782.

(91) A Ordem dos Jesuitas foi expulsa de todos os dominios sujeitos á corôa de Portugal a 3 de Septembro de 1759, sendo-lhe confiscados todos os seus bens por alvará de 25 de Fevereiro de 1761.

Havendo o conde de Oeiras expulso os Jesuitas de Portugal e suas colonias, não descansou enquanto não obteve a coadjuvação das tres côrtes bourbonicas — França, Hispanha e Napoles — para conseguir do papa Clemente XIV (Ganganelli), a abolição da Companhia de Jesus pela bulla *Dominus Redemptor*, de 1773. O summo pontifice Pio VII restabeleceu a Companhia de Jesus em 1814.

Pensa a historiador inglez Roberto Southey que a Companhia de Jesus não devera ser abolida, mas sim reformada, e lamenta a falta sensivel que essa suppressão occasionou no Brasil, principalmente em relação aos Indios, muitos dos quaes abandonaram as aldeias em que se haviam fixado, e voltaram de novo á vida nomade e selvagem.

ao conde de Oeiras — posteriormente marquez de Pombal — dizia Gomes Freire de Andrada: « Trabalharemos por nos fazer dignos da menor parte de tantas honras, e protesto o ultimo alento de vida, sacrifica-lo no real serviço ». E cumpriu sua palavra.

Como justo reconhecimento de suas assignaladas acções, permittiu o rei d. José I (92) que no paço da Camara se collocasse o retrato de tão benemerito varão.

Chegada em 5 de Dezembro de 1762, ao Rio de Janeiro, a noticia da perda da colonia do Sacramento, da qual se apoderara d. Pedro de Ceballos, governador de Buenos Aires, em 29 de Outubro d'aquelle anno, pela capitulação do governador Vicente da Silva da Fonseca (93), tanto pezar sentiu o conde de Bobadella, e tão sentido ficou por lhe lançar o commercio desta praça, ferido em seus interesses, a culpa d'este acontecimento, que caïu no leito, do qual não mais se levantou: — baldados foram todos os soccorros da medicina, porque profundo era o abatimento moral do

---

(92) Morto el-rei D. João V, a 31 de Julho de 1750, foi acclamado rei, com as solennidades do estylo, seu filho, o principe do Brasil, d. José, a 7 de Agosto do mesmo anno, tendo trinta e seis annos de edade.—D. José I achou vasios os cofres do Estado. Calcula-se que no reinado de seu pae, só em dinheiro, foi remettida para Roma a enorme quantia de cêrca de cento e oitenta milhões de cruzados. Avultadas despesas haviam sido feitas com a construcção do convento de Mafra e com a do utilissimo aqueducto que abasteceu de agua a capital do Reino. Tractou logo o monarcha de animar a agricultura, as artes e o commercio, para com estes solidos elementos fazer prosperar a nação, e augmentar os rendimentos do Estado. Entregou-se completamente el-rei nas mãos do seu primeiro ministro, Sebastião José de Carvalho e Mello, conde de Oeiras e marquez de Pombal, homem dotado de grande tino politico, e cuja influencia no govêrno do Estado tornou este reinado uma das phases mais importantes da historia de Portugal. Nas linhas que constituem a nota referente ao marquez de Pombal já enumeramos as medidas adoptadas em relação ao Brasil durante o longo e proficuo reinado de d. José I.

(93) Não se perdera a colonia do Sacramento por culpa do conde de Bobadella, que os maiores exforços empregara para defende-la. A 28 de Abril de 1762, escrevendo ao conde de Oeiras, dizia: « A praça da Colonia é o grande osso, o cuidado d'este governo: Deus me ajude em tão arriscado passo ». Procurava fornecer viveres e munições áquella praça, tanto que, em uma carta escripta por Vicente da Silva Fonseca, dizia este: « Não me mandem mais farinha ». Ora, si o governador da praça recusava mantimentos, é porque os tinha em abundancia.

D. Pedro de Ceballos atacou com 6.000 homens a colonia do Sacramento, e tomou-a por capitulação vergonhosa do governador Vicente da Silva da Fonseca, a quem sobravam meios de resistencia.

A colonia foi entregue a Portugal a 24 de Dezembro de 1763 em virtude do tractado celebrado em Paris a 10 de Fevereiro d'esse mesmo anno, que poz termo á guerra maritima e colonial travada pela Inglaterra e Portugal por um lado, e a França e a Hispanha pelo outro.

distincto servidor do Estado, havendo-se offendido seus brios, e duvidado de seu zêlo e virtude.

Concorreu tambem para compungi-lo a noticia de haverem sido destroçadas as duas embarcações inglezas *Clive* e *Ambuscade*, que, em 20 de Novembro de 1762, mandara em auxilio da colonia.

Falleceu o conde de Bobadella em 1 de Janeiro de 1763. Depositado o cadaver em uma das salas do palacio, vieram os Benedictinos cantar um responso na tarde d'aquelle dia; no dia seguinte realizaram-se os funeraes, sendo o corpo enterrado no presbyterio da egreja de Sancta Teresa, onde, nesse dia, pronunciou uma oração funebre o illustre monge benedictino frei Gaspar da Madre de Deus, que tornou a subir á tribuna sagrada em 22 de Janeiro, por occasião das exequias celebradas pelo abbade de S. Bento.

De accôrdo com a vontade expressa do conde de Bobadella, não se abriu epitaphio sôbre o seu tumulo.

« Seu respeitavel nome, diz o *Manuscripto* a que nos temos referido, será indelevel nos fastos d'estas Capitanias pelo seu talento, e virtudes, entre as quaes foram predominantes o desinteresse, castidade, e zelo do serviço de S. Majestade, a justiça e o amor com que regia os povos, fazendo-se por estas attendiveis circumstancias muito digno das honras com que S. Majestade o distinguiu nesta cidade, onde por sua Real grandeza mandou que para estimulo, e exemplo dos governadores, se collocasse no Senado da Camara o retrato d'este heróe...» (94)

Durante as vezes em que esteve o conde de Bobadella ausente do Rio de Janeiro, administraram interinamente a capitania diversos governadores. Em primeiro logar occupou esse cargo o brigadeiro José da Silva Paes, de conformidade com a ordem régia de 4 de Janeiro de 1735, sempre que Gomes Freire precisou ir a Minas; até que, tendo seguido o dicto brigadeiro para a colonia do Sacramento, com as náus de soccorro d'aquella praça — blo-

---

(94). Nesse retrato foi collocado a seguinte legenda:

Arte regit populos, bello præcepta ministrat.
Mavortem cernis milite, pace Numam.

Na auctorizada opinião de Varnhagen foi o conde de Bobadella o melhor governador dos tempos coloniaes.

queada então pelo general hispanhol d. Miguel Salcedo — e sendo chamado a Lisbôa, governou muitas vezes Mathias Coelho de Sousa. Quando em 1752 embarcou Gomes Freire para o Sul, ficou o govêrno da capitania entregue a seu ermão José Antonio Freire de Andrade, que nessa epocha já o estava substituindo no govêrno de Minas, e que, d'alli mesmo, enviando uma carta á Camara, com a cópia do decreto de Sua Majestade, em virtude do qual lhe era conferido o poder, entrou assim a administrar esta capitania, tendo como representante Mathias Coelho de Sousa, que por esse tempo já era brigadeiro.

Adoecendo este mortalmente, passou o govêrno na vespera do seu fallecimento, 22 de Março de 1753, ao tenente-coronel Patricio Manuel de Figueiredo, por ser a maior patente e a mais antiga que nesse momento havia nesta cidade. Esteve Patricio de Figueiredo em exercicio durante todo o tempo em que se achou José Antonio Freire fóra d'esta capitania até o dia da volta do seu legitimo governador, o conde de Bobadella, a 28 de Abril de 1758.

No dia anterior ao de sua morte, declarou o conde de Bobadella que no Convento dos Religiosos do Carmo se guardava a via da successão d'este govêrno, que elle proprio trouxera de Lisbôa; e, conforme a ordem que nella dava Sua Majestade, entraram a governar o bispo d. frei Antonio do Desterro, o brigadeiro José Fernandes Pinto Alpoim e o chanceller João Alberto de Castello Branco, cuja administração durou septe mezes e quinze dias.

Transferida a capital do Brasil da cidade da Bahia para o Rio de Janeiro, em vista da reconhecida importancia d'esta praça, mais proxima das fronteiras do Sul (95), foi nomeado vice-rei, em 27 de Junho de 1763, o conde da Cunha, d. Antonio Alvares da Cunha, com o soldo de 12,000 cruzados.

Chegou a esta capitania em 15 de Outubro do referido anno;

---

(95) Logo no principio das hostilidades dos Hispanhoes no Sul do Brasil e contra a colonia do Sacramento — por causa da lucta travada em consequencia do celebre *pacto de familia* — reconheceu o marquez de Pombal a inconveniencia de se conservar a séde do governo do Brasil na cidade da Bahia, e por isso transferiu-a para o Rio de Janeiro, elevando o Brasil á categoria de *vice-reinado*, por carta régia de 27 de Janeiro de 1763.

no dia 19 tomou posse do govêrno e, no dia 27, da presidencia da Relação.

Visitou as fortalezas, fazendo obras importantes em algumas; construiu na ilha dos Pombos, mais tarde de Sancta Barbara, dous armazens para depósito de polvora; para arrecadar o armamento militar, que se guardava em uma casa contigua á dos antigos governadores na rua Direita, edificou no morro da Conceição uma grande casa com diversas officinas de armas; na ponta chamada da Misericordia construiu uma casa para o parque da artilharia, e assim deu principio ao Arsenal de Guerra; no mesmo logar levantou um quartel para duas companhias de cavallaria ligeira, creadas em 31 de Janeiro de 1765, para servirem de guarda aos vice-reis.

Doara o mosteiro de S. Bento ao Estado, por escriptura de 26 de Abril de 1696, o terreno que possuia na base do morro do mosteiro, do lado da bahia, onde estavam situados os armazens da Juncta do Commercio; nesse terreno estabeleceu o vice-rei o Arsenal de Marinha e mandou construir a náu *S. Sebastião*, que foi lançada ao mar em 8 de Fevereiro de 1767.

Executou a carta régia de 28 de Novembro de 1698, prohibindo nesta capitania mais de dous ou tres ourives, e a de 26 de Septembro de 1703, ordenando a observancia da precedente, e mandando fechar as lojas e retirar os instrumentos das que excedessem aquelle numero; assim tambem cumpriu a ordem de 30 de Julho de 1766, que mandou extinguir o officio de ourives nas capitanias do Rio de Janeiro, Bahia, Pernambuco e Minas, fechar as lojas e recolher os instrumentos d'ellas á Casa da moeda.

Abriu a rua do Piolho, do largo da Carioca á lagôa da Sentinella; ordenou á Camara que mandasse cobrir com lages grossas a rua da Valla (Uruguaiana), onde o povo fazia o despejo de toda a immundicie, prejudicando a saúde publica; conseguiu, para Hospital dos Lazaros, a casa em que já estes se achavam, em S. Christovão, a qual pertencia aos Jesuitas.

Deu principio ao alistamento dos habitantes para formar quatro terços de infantaria auxiliar, mas não chegou a constituir estes corpos, apenas realizando a nomeação de alguns officiaes.

Para moralizar o povo, augmentar a população e diminuir o numero de vadios, obrigou os jovens a se casarem, indo servir como soldados aquelles que se não queriam sujeitar ao casamento; tão util foi similhante providencia, que, além do augmento da população, começou a haver muita moralidade e tambem socêgo e paz na cidade; e tal era a confiança, a tranquillidade, em que vivia a população, que, mesmo durante as horas do somno, ficavam abertas as portas das casas. Longe vão esses tempos!

Desejando manter em paz a capitania e dar á auctoridade o prestigio e a força das antigas éras, usou a principio o conde da Cunha de tanto rigor, que todos se aterravam em sua presença (96). Assim procedia por ser esta a justiça do tempo. Era, porém, magistrado honrado: rigido e austero, não perdoava a menor falta, nem deixava de applicar rigoroso castigo ao criminoso. Tão pobre saïu do govêrno que, para as despesas da viagem, pediu ao ouvidor Alexandre Nunes Leal a quantia de 400$000; entretanto, ao chegar a Lisbôa, tractou logo de mandar pagar esse dinheiro, assim como todas as dividas que contrahira no Brasil.

Governou até 12 de Novembro de 1767, data em que da Bahia chegou o conde de Azambuja; partiu para Portugal em 22 de Dezembro e falleceu a 9 de Julho de 1791, com pouco mais de oitenta annos.

D. Antonio Rolim de Moura Tavares, conde de Azambuja— nascido em 12 de Março de 1709, filho de d. Nuno de Mendonça e d. Leonor de Noronha, filha do marquez de Angeja — assentou praça em 23 de Janeiro de 1726. Nomeado governador de Matto Grosso, tomou posse em 1751, e em 19 de Março de 1752 elevou á categoria de villa, sob o nome de Villa Bella da Sanctissima Trindade (hoje cidade de Matto Grosso), a povoação de Pouso Alegre, á margem do rio Guaporé. Promovido a brigadeiro em 1754 e

(96) O seguinte facto, relatado por Moreira de Azevedo, mostra de modo frisante quanto era temido o vice-rei. Era o sal um genero de contracto real, mas o contractante, para vendê-lo mais caro clandestinamente, procurou occultar o sal nos armazens; do que tendo noticia o vice-rei, mandou collocar um tronco no largo do Palacio e vir á sua presença o contractante, a quem, mostrando o tronco, disse: « Amanhã o povo ha de ter sal». No dia seguinte appareceu na cidade sal em abundancia.

successivamente a governador da Bahia, conde, marechal do exercito, foi eleito vice-rei em 31 de Janeiro de 1767, de cujo cargo entrou em exercicio em 17 de Novembro do mesmo anno, e governou até 31 de Outubro de 1769, dia da chegada do marquez do Lavradio.

Instituiu a segunda companhia de cavallaria da guarda dos vice-reis, designando os principaes officiaes; não organizou, porém, a companhia, nem fixou o numero dos soldados. Procurou melhorar as fortificações, encarregando o marechal Diogo Funck do levantamento de alguns planos, mas nada poude fazer, por falta de dinheiro e de auctorização régia. Mudou do centro da cidade o hospital real para a casa do Collegio, que o seu antecessor preparara para servir de residencia aos vice-reis (97).

Restituido á Côrte, occupou a presidencia do Conselho da Fazenda, os logares de tenente-general dos exercitos de Sua Majestade, de conselheiro de guerra, de governador das armas da Côrte e Extremadura, e continuou no cargo antigo de veador da casa da rainha, até á data em que falleceu, 8 de Dezembro de 1782.

Ao conde de Azambuja succedera, em 19 de Abril de 1768, no govêrno da Bahia, d. Luiz de Almeida Portugal Soares d'Eça Alarcão Silva Mascarenhas, 2° marquez do Lavradio, e 4° conde de Avintes. Nomeado, ainda d'esta vez, para no Rio de Janeiro substituir ao conde de Azambuja, partiu da Bahia o marquez do Lavradio a 11 de Outubro de 1769, aqui aportando no dia 31 do referido mez. Assumiu no dia 4 de Novembro o cargo de vice-rei, e no dia 7 o de presidente da Relação.

Muito efficazmente concorreu este governador para o progresso e o embellezamento do Rio de Janeiro, emprehendendo numerosos e notabilissimos trabalhos, que perpetuarão no recohecimento do povo fluminense a grata memoria de tão insigne varão.

---

(97) A carta régia de 19 de Outubro de 1766 approvou a mudança da residencia dos vice-reis para o edificio do Collegio dos Jesuitas, e mandou alli fazer as precisas accommodações, saindo a despesa dos bens confiscados aos mesmos Jesuitas.

Mandou, para maior segurança da barra, construir a fortaleza do Pico, a cavalleiro da de Sancta Cruz, vencendo muitas difficuldades pela aspereza do sitio quasi inaccessivel; ordenou serios reparos na fortalezas da ilha das Cobras e da Lage, nos reductos de Gragoatá e da Bôa Viagem, e no forte de S. Thiago ou do Calabouço. Edificou nas alturas da Copacabana a fortaleza do Leme, da qual ainda existem ruinas, e levantou em S. Clemente um reducto (98). Continuou o trabalho começado pelo conde da Cunha, do arrasamento do monte das Palmeiras na ilha de Villegagnon, e mandou alli abrir uma cisterna e um fosso para isolar a fortaleza; construiu alojamento para a guarnição na fortaleza da Praia Vermelha, e ultimou, á sombra do morro de Sancta Cruz, a da Praia de Fóra, que tivera principio no govêrno do conde da Cunha. Fortificou o morro de S. Bento e o cume de S. Januario, no morro do Castello; edificou, na casa do Trem, novo armazem para deposito de petrechos bellicos, assim como uma grossa muralha do lado do mar, e casa para os officiaes artifices. Regulou as duas companhias de cavallaria da guarda dos vice-reis, marcando-hes a mesma lotação de praças que a do regimento dos dragões do Rio Grande, donde tirou dous capitães para commandar aquellas companhias, as quaes tambem ficaram encarregadas de fazer rondas na cidade.

Alistou o povo, formando tres terços de infantaria auxiliar de homens brancos e o quarto terço de pardos, dando a essa milicia disciplina egual á da tropa de linha.

Creou uma fabrica de cordas de guaxima em Mataporcos, (Estacio de Sá) (99), sob a direcção de João Hopman, na qual se

(98) Diz Pizarro que «na estrada de S. Clemente, que de Botafogo segue á Lagoa de Rodrigo de Freitas, estabeleceu o vice-rei marquez um presidio, protegido por dous pequenos baluartes occultos d'entre os mattos, a um e outro lado da mesma estrada».

(99) «Nesse sitio, coberto de arvoredos silvestres, se criavam, além de caças grossas, abundantes varas de porcos, que, depois de mortos, eram conduzidos á cidade. Por isso ficou conhecido com o nome, corruptamente expressado, de *Mata Porcos*, devendo-se dizer *Matta dos Porcos*. O logar é dos mais aprazíveis dos suburbios da cidade, não só por conter o seu districto propriedades nobres, e ser habitado por sufficiente povo, mas em razão da estrada geral, que o atravessa em

fizeram cordas de differentes grossuras, quer para embarcações, quer para uso de obras particulares; importou da Europa bichos da seda, e criando-os nas amoreiras do paiz conseguiu animadores resultados d'essa louvavel tentativa; pela falta de práctica, porém, no tracto d'esses bichos, foi o numero d'elles decrescendo, não indo ávante tão promettedora industria.

Mereceu-lhe particular attenção o desenvolvimento commercial d'esta praça, de accôrdo com os termos do decreto de 30 de Septembro de 1775, recommendando que « se facilitassem ao commercio todos os meios para que elle florescesse e se dilatasse ». Promoveu a cultura do anil, do arroz, do linho, da cochonilha, e iniciou a do café; tão grande foi o impulso assim dado á lavoura que, d'essa epocha em deante, os navios — que geralmente voltavam do Rio de Janeiro quasi só em lastro, ou apenas com alguns couros e pouco assucar, para irem receber carga na Bahia e em Pernambuco — puderam saïr carregados d'este porto, pela abundancia de generos novos que foram apparecendo. Estabeleceu, em 15 de Agosto de 1771, no largo da Gloria uma feira, que seu successor aboliu em 1779.

Cuidou da limpeza da cidade, mandou calçar e lagear as ruass aterrar os pantanos circunvizinhos, e construir matadouro e curraes na praia de Sancta Luzia; levantou dous chafarizes, um na Gloria e outro em Matacavallos (100), e abriu — d'esse bairro ao campo da Lampadosa, chamado depois do Rocio — a rua que recebeu o nome de Lavradio. Deu novo aspecto ás casas da cidade, mandando retirar os peneiros ou *grupemas* (tecidos de palha), que guarneciam as janellas e portas das casas terreas; removeu do centro da cidade,

---

direitura ao Campo de S. Christovão, e por elle vai ao interior dos Sertoens, até as capitanias mais remotas d'este Estado. Onde está a capella dedicada ao Espirito Sancto, que no anno de 1746 se fundou, reparte-se o caminho para a Tijuca. » (PIZARRO, *ob. cit.*)

(100) No tempo em que a passagem do morro do Desterro para a Lagôa da Sentinella se fazia por uma azinhaga coberta de altos arvoredos, era o caminho um perigoso atoleiro, onde os animaes de transporte morriam frequentemente, exhaustos pelas fadigas que supportavam. Por esse motivo, passou a ser conhecido com o nome de *Mata-Cavallos* não só a estrada que os estragava, como tambem toda a zona circunvizinha.

para a praia do Valongo, os armazens em que os negros da Africa eram expostos á venda, afastando, com essa providencia, as molestias contagiosas que os Africanos espalhavam na população, e tornando povoados os bairros da Saude, Gambôa e Sacco do Alferes.

Recolheu á Casa da Moeda o cofre publico, guardado até então na residencia de um thesoureiro particular, chamado depositario, tendo em vista, com similhante medida, tornar menos facil o extravio dos dinheiros publicos; conseguiu que as rendas do Senado, que não excediam de nove a 10 mil cruzados, se elevassem ao dôbro ou mais, descobrindo bens sonegados que lhe pertenciam.

Protegeu as letras, creando a Academia Scientifica, em virtude da proposta feita em Dezembro de 1771 por seu medico, dr. José Henrique de Paiva. Celebrou a Academia a primeira sessão em 18 de Fevereiro de 1772, no palacio do vice-rei, na presença d'este e de outras pessoas gradas, sendo eleito presidente o mesmo Paiva e secretario Luiz Borges Salgado. Creada com o fim de desenvolver as sciencias naturaes, a medicina e a agricultura, tornou essa associação mais conhecidas na Europa certas plantas da Brasil, e contribuiu para a cultura do anil, cacáo, cochonilha e outros productos.

Além de justiceiro e benfazejo, era o marquez do Lavradio amigo de festas e prazeres, amante do bello sexo, e bem se póde dizer que no seu govêrno teve comêço o theatro no Rio de Janeiro (101).

Soffrendo na viagem da Bahia para esta cidade grande tormenta, recorreu á protecção da Virgem da Conceição, e prometteu, si chegasse a esta cidade, ir logo render acção de graças na egreja d'aquella invocação; com effeito, ao desembarcar, dirigiu-se á egreja do Hospicio, e, desde então, instituiu nesse templo aos sabbados uma ladainha, devoção que só desappareceu quando se ausentou o marquez para Portugal.

---

(101) Já existia desde 1748 a *Casa da Opera*, do padre Ventura, no largo do Capim, hoje praça do General Osorio. Foi incendiado o edificio na noite em que se representava a peça *Encantos de Medéa*, de Antonio José.—Chegando de Portugal, com um regimento, o portuguez Manuel Luiz, tocador de fagote e dançarino elegante, obteve do marquez do Lavradio licença para construir a nova Casa da Opera, na antiga praça do Carmo ou da Assembléa, com frente para o Paço. Subiram então á scena as peças mais populares de Molière e de Antonio José.

Partiu para Lisboa no dia 19 de Junho de 1779 e, tendo alli occupado os cargos de conselheiro de guerra, presidente do Desembargo do Paço e de tenente-general, falleceu em 2 de Maio de 1790, com 61 annos incompletos. Chegando ao Rio de Janeiro a noticia de sua morte, houve solennes exequias na cathedral, orando o padre mestre frei Antonio de Santa Ursula Rodovalho.

Fallando deste governador, diz monsenhor Pizarro: « Constante na piedade, nem as leis o fizeram rigoroso, nem a espada sanguinolento, e sabiamente unia o poder com a ternura, e a justiça com a humanidade».

Ao marquez do Lavradio succedeu Luiz de Vasconcellos e Sousa, descendente da illustre familia dos condes de Castello Melhor. Nomeado vice-rei e capitão-general de mar e terra, em 25 de Septembro de 1778, chegou Luiz de Vasconcellos e Sousa ao Rio de Janeiro em 29 de Março de 1779; a fragata de guerra que o conduziu enfrentou a barra no domingo de Ramos, e entrou no dia seguinte; em 5 de Abril, segunda-feira de Paschoa, realizou-se na Sé o acto solenne da posse.

Melhorou o largo do Palacio (hoje praça 15 de Novembro), calçando-o com solidez e gôsto, e dando-lhe 75 braças de comprimento desde o cáes até o convento do Carmo e 45 de largura; removeu para a frente do mar o chafariz, que, collocado no centro da praça, impedia as manobras militares, e humedecia o terreno circunvizinho; mandou construir na mesma praça um cáes de 105 braças de comprimento, todo de pedra lavrada, com assentos e peitoris de pedra, e tres escadas e uma rampa para o mar, com o projecto de leva-lo até á Gloria. Annos depois, foi essa obra demolida pela Camara Municipal, que resolveu levantar outro cáes mais proximo do mar, havendo então o govêrno tomado conta de similhante emprehendimento.

Preparou materiaes para fazer obras no palacio, não chegando porém a realiza-las; construiu o Passeio Publico e abriu a rua das Bellas Noites (hoje das Marrecas); reedificou o Recolhimento e a egreja do Parto; favoreceu as pesquisas do botanico frei José Marianno da Conceição Velloso; creou a Casa dos Passaros, que foi

Luiz de Vasconcellos e Souza, depois conde de Figueiró, vice-rei do Brasil

(1779-1790)

o comêço do Museu Nacional; favoreceu a fundação da Sociedade Literaria, que succedeu á Academia Scientifica, e creou uma aula de Rhetorica.

Estabeleceu o vice-rei uma aldêa de Indios, denominada S. Luiz Beltrão, distante quatro leguas das margens do rio Parahiba, do lado da Mantiqueira, encarregando a um padre de catechizar os Indios; na aldêa de S. Bernabé — fundada pelos Jesuitas em 1584, e que o marquez do Lavradio elevara a villa, com o nome de Villa Nova de S. José d'El-Rei, sem outra formalidade além da de enterrar, entre a egreja e o cruzeiro do adro, um padrão de pedra com suas armas — levantou Vasconcellos, em Fevereiro de 1787, a casa da Camara, a cadeia e o pelourinho, nomeando os respectivos vereadores. Esta villa foi reduzida em 1834 a simples povoação, dependente da freguezia de Nossa Senhora do Desterro de Itambi, do municipio de Itaborahi. Por ordem de 9 de Junho de 1789, creou a villa de Magé, hoje cidade do Estado do Rio de Janeiro.

Providenciavam as cartas régias de 20 e 23 de Março de 1688 sòbre os castigos excessivos, que os senhores applicavam aos escravos: para lhes dar execução designou o governador uma casa chamada Calabouço na praia de Sancta Luzia, onde os escravos deviam ser castigados, porém com reserva e humanidade (102).

Protegeu o commercio e a industria, levantando de novo, em beneficio dos negociantes da praça, a casa da Alfandega, que já por esse tempo não dispunha de bastante espaço para receber as fazendas que chegavam de diversas procedencias; creou no Rio Grande do Sul uma feitoria de linho canhamo; diligenciou propagar a cultura da cochonilha, cujos resultados lhe pareciam dever proporcionar grande proveito ao Estado, e mais não fez no meritorio intuito de engrandecer a cidade do Rio de Janeiro, unicamente por não terem sido attendidas pelo govêrno de Portugal as suas constantes representações, como elle proprio declarou, se queixando, no relatorio dirigido a seu successor.

---

(102) Por decreto de 16 de Novembro de 1693 fôra já prohibido lançar em ferros, ou pôr em cadeias os escravos, por mandado sómente dos seus senhores.

Em seu tempo promulgou-se a carta régia de 25 de Janeiro de 1779, elevando o ordenado dos vice-reis a 20.000 cruzados annualmente, sem mais propinas e emolumentos, que antes se lhes pagavam, além do ordenado annual de 900, de presidentes da Relação.

Governou até 6 de Junho de 1790, data em que chegou de Lisbôa o conde de Rezende. Partiu para a Europa em 30 do referido mez, na fragata de guerra *Tritão*. Occupou em Lisbôa a presidencia do Desembargo do Paço, substituindo immediatamente ao marquez do Lavradio, o cargo de veador da princeza viuva d. Maria Francisca Benedicta, a presidencia do Real Erario, e a Inspecção Geral das Obras Publicas. Foi grã-cruz da Ordem de Santiago, e teve o titulo de conde Figueiró, por despacho de 17 de Dezembro de 1818.

Justissimo é ainda o conceito emittido sôbre este prestante governador por monsenhor Pizarro : « Grangeando-lhe os obsequios e attençoens repetidas, com que sempre tratou os seus subditos, o amor universal, tambem motivaram no povo a saudade do seu governo, cuja lembrança durará emquanto existirem os monumentos em que ficaram gravados o seu nome e a memoria dos seus beneficios ».

D. José Luiz de Castro, 2° conde de Rezende, começou a reger a capitania em 9 de Junho de 1790, dando-se, poucos dias depois, a 20 do referido mez, o incendio do edificio do Senado da Camara. Desappareceram nesse desastre quasi todos os livros e documentos importantes, que existiam no Archivo desde o comêço da cidade, salvando-se apenas os que, por um feliz acaso, se achavam nessa occasião em poder do escrivão do mesmo Senado e do doutor juiz de fóra.

Para diminuir as despesas do Estado, ou para molestar João Rodrigues Gago, commandante do *regimento velho*, supprimiu esse regimento creado por Estacio de Sá e Mem de Sá; reparou algumas fortalezas; collocou na de Sancta Cruz uma bateria baixa e 29 peças ao nivel da bateria antiga. Espalhando-se a noticia de um ataque inimigo, mandou levantar fortes de faxina pela ma-

rinha da cidade: no Trem, defronte do becco da Musica, no Arsenal de Marinha, na Prainha, no morro do Castello e em outros logares, e collocou peças de artilharia no adro da capella da Gloria; para commandar esses fortes nomeou capitães, tenentes e alferes, sem patente, os quaes obtinham o titulo de officiaes de fortaleza a trôco de dinheiro; com a retirada do governador desappareceram esses postos provisorios.

Projectou continuar o cáes, do largo do Palacio pela praia de D. Manuel, e formar alli um dique para pequenas embarcações; mas por ignorancia do engenheiro Joaquim Corrêa, ou por outro motivo, não foram avante taes obras, e, sob o entulho e arêa do mar, ficou soterrada muita cantaria lavrada. Para acudir á despesa desta obra e da fortaleza de Sancta Cruz, deu postos de capitães, tenentes e alferes por quantias estipuladas, com a designação de officiaes do cáes. Emprehendeu aterrar os campos da Lampadosa e de Sancta Anna, concorrendo os moradores mais abastados com quantias de dinheiro, pedidas a titulo de obras pias, e o povo com o trabalho de seus escravos. Construiu, na Prainha, em 1798, a fragata *Princeza do Brasil*, e estabeleceu uma carreira de botes para a ilha das Cobras, a 10 réis de passagem.

Estabeleceu a illuminação das principaes ruas da cidade; edificou um chafariz em frente ao quartel do Moura; cobriu o aqueducto da Carioca; substituiu por conductores de pedra os de ferro, que levavam a agua ao chafariz do largo do Palacio; arrancou as lages que cobriam o encanamento da rua do Cano (hoje Sete de Septembro), e calçou o meio da rua sôbre abobada; egual obra fez na rua da Valla, até á do Rosario. Recommendou á Camara o asseio das casas e ruas da cidade; abriu a rua dos Invalidos, onde preparou casa e chacara para o Asylo dos soldados invalidos, donde proveio o nome da rua (103).

Era homem cholerico, dado ao arbitrio e á prepotencia, e que — conquanto não deixasse de attender ás solicitações dos seus

---

(103) Passou essa chacara, no tempo de d. João VI, ao dominio do physico-mór, o barão de Alvaiazere.

subditos, (104) — revelou, por mais de uma vez, um character demasiadamente irascivel, como se viu na perseguição que moveu contra alguns dos membros da Sociedade Literaria, cujas portas no entanto haviam sido reabertas sob os seus auspicios (105).

---

(104) Os dous seguintes casos, referidos por Moreira de Azevedo, bem characterizam a energia um tanto despotica do conde de Resende:

Encarecendo a farinha na Bahia e em Pernambuco, deixaram os negociantes de vende-la aqui para envia-la áquelles portos. Em breve houve falta deste genero no Rio de Janeiro. Chegando ao vice-rei os clamores do povo, ordenou que viesse á sua presença o intendente do Arsenal de Guerra. « Quero, disse o vice-rei, que se arme uma barraca geral no largo do Palacio, e que se descarregue a farinha que houver a bordo, para ser vendida nessa barraca, por preço commodo.» Appareceu a grande barraca cheia de farinha, que foi vendida a 160 réis a quarta.

— Querendo os negociantes de sal formar monopolio, foram occultando e encarecendo o sal. Os clamores do povo chegaram ás portas do palacio do vice-rei, que ordenou que doze soldados, armados de machados, fossem arrombar as portas dos armazens de sal na Prainha, si os negociantes recusassem expô-lo á venda. Os negociantes não se oppuzeram ás ordens do vice-rei, e o sal começou a ser vendido a 100 réis a meia quarta.

(105) A Academia Scientifica, cuja fundação fôra approvada em 1771 pelo marquez do Lavradio, persistiu até Abril de 1779.

A *Sociedade Literaria* foi instituida em 6 de Junho de 1786. Organizados os Estatutos por diversos socios, sob a direcção do cirurgião Ildefonso José, escriptos por Manuel Ignacio da Silva Alvarenga, e rubricados por todos os academicos, foram approvados verbalmente por Luiz de Vasconcellos. Celebravam-se as sessões no primeiro andar do predio n. 78 da rua do Cano, residindo no segundo andar o poeta Silva Alvarenga, encarregado da bibliotheca da Sociedade. Retirando-se o vice-rei, suspenderam-se os trabalhos da Sociedade, os quaes só foram reatados em 1794, sob o governo do conde de Resende. Funccionou apenas seis mezes, porque, acreditando não ser a sociedade mais do que um club de jacobinos, ordenou o vice-rei a sua dissolução. Contrariados com esta ordem, não cessaram Silva Alvarenga e outros de censurar o governo do conde de Resende, que começou a ser conhecido pelo alcunha de *Conde de Resinga*, e conseguiram fundar uma sociedade secreta. Avisado o conde de Resende da existencia dessa associação, mandou prender, em 4 de Dezembro de 1794, os principaes membros della, como Alvarenga, o professor João Marques Pinto, o dr. Jacintho José da Silva e Mariano José Pereira da Fonseca (ulteriormente marquez de Maricá). Nos autos da devassa instaurada contra os associados, lê-se: « Devassa a que mandou proceder o Illm. Exm. Vice-Rei do Estado do Brasil para as pessoas que com escandalosa liberdade se atreviam a envolver em seus discursos materias offensivas á religião, e a fallar nos negocios publicos da Europa com louvor e approvação do systema actual da França, e para conhecer-se se entre as mesmas pessoas havia algumas que, alémd os ditos escandalosos discursos, se adiantassem a formar ou insinuar algum plano de sedição. Anno 1794. Desembargador Antonio Diniz da Cruz e Silva ».

Mais de dous annos gemeram os presos nas masmorras da fortaleza da Conceição e da ilha das Cobras ; até que — dirigindo Mariano da Fonseca uma petição de graça a d. Maria I, e havendo esta ordenado ao conde de Resende que mandasse soltar os presos, caso se reconhecesse que eram elles innocentes — recuperaram enfim a liberdade no dia 19 de Julho de 1797.

Retirou-se o conde de Resende para Lisbôa, depois de um govêrno de cêrca de onze annos, (106), alcançando a patente de tenente-general e a grã-cruz de Aviz.

Em 14 de Outubro de 1801 recebeu o bastão de vice-rei d. Fernando José de Portugal, da casa dos marquezes de Valença, tendo antes governado a Bahia, e occupado no reino os cargos de aggravista na Relação do Porto, e na Supplicação de Lisbôa.

Era homem honrado, affavel para com seus subordinados, e exacto no cumprimento de seus deveres.

Reedificou a Casa dos Contos, e governou até 21 de Agosto de 1806.

Como testimunho do grau de sympathia que soube grangear este governador, cita-se o facto seguinte: Tendo já o commandante do navio, que o devia conduzir a Lisbôa, recebido muita carga a bordo, dirige-se a d. Fernando, e pergunta-lhe si ainda tinha bagagem para embarcar.

— Tenho, e muita, porque ainda não enviei nada para bordo, respondeu o fidalgo.

Estava o navio carregado de presentes, offerecidos pelo povo ao saudoso governador.

Occupou em Portugal a presidencia do Conselho Ultramarino,

---

(106) Foi durante o governo do conde de Resende que — a 21 de Abril de 1792, depois das 11 horas da manhã, no campo da Lampadosa, no logar onde hoje se ergue a escola Tiradentes, á rua Visconde do Rio Branco — subiu ao patibulo o alferes Joaquim José da Silva Xavier, por alcunha *Tiradentes*, considerado *criminoso imperdoavel*, por ter tomado parte na celebre conjuração politica conhecida sob o nome de *Inconfidencia Mineira*.

Instauraram-se no Rio de Janeiro e na capitania de Minas Geraes, de 1790 a 1792, as devassas relativas á conspiração denunciada a 15 de Março de 1789 pelo coronel Joaquim Silverio dos Reis, ao visconde de Barbacena que, depois de participar o facto ao vice-rei Luiz de Vasconcellos, mandou prender os chefes dos conspiradores em Minas. Tiradentes foi preso no Rio de Janeiro, a 10 de Maio de 1789, na rua dos Latoeiros (hoje Gonçalves Dias), em uma casa onde se homisiara, cujo sitio é actualmente occupado pelo predio da Associação dos Empregados no Commercio do Rio de Janeiro.

A alçada proferiu, em 18 de Abril de 1792, a sentença que condemnou á morte os mais notaveis conjurados, e á infamia algumas de suas gerações. D. Maria I commutou em degredo a pena de morte, escapando ao supplicio da forca os infelizes condemnados, excepto o alferes Joaquim José da Silva Xavier, *Tiradentes*, que foi julgado indigno da real clemencia.

e foi conselheiro de Estado. Voltando ao Brasil, com a familia de Bragança, exerceu os cargos de ministro do Reino, de presidente do Erario, do Conselho da Fazenda e da Juncta do Commercio.

Foi provedor das obras da Casa Real, ministro de Extrangeiros e da Guerra; condecorado com a grã-cruz de Aviz, da Torre e Espada e de Isabel a Catholica; gentilhomem do Paço, conde de Aguiar por decreto de 17 de Dezembro de 1808; marquez do mesmo titulo, por decreto de 13 de Maio de 1813. Deixou uma traducção do *Ensaio sobre a Critica*, de Alexandre Pope, a qual enriqueceu de notas e mandou publicar em 1810 pela Impressão Régia. Aqui casou-se com uma sobrinha, e falleceu em 24 de Janeiro de 1817, com pouco mais de 64 annos, sepultando-se na egreja de S. Francisco de Paula.

Devia succeder lhe no govêrno do Rio de Janeiro o marquez de Alorna, d. Pedro de Almeida Portugal, nomeado vice-rei em 27 de Dezembro de 1804; mas, indicado este para governar o Alentejo, foi substituido por d. Marcos de Noronha e Brito, 8º conde dos Arcos que, deixando o govêrno do Pará e Rio Negro, chegou ao Rio de Janeiro depois de uma viagem de quatro mezes e quatro dias, em 9 de Agosto de 1806, entrando em exercicio doze dias depois.

Posto que de muito curta duração fosse o seu vice-reinado, contudo, no pouco tempo que decorreu desde a sua posse até a chegada da familia real a esta cidade, deu elle as mais decisivas provas de um zelo activissimo, uma prudencia consummada, e uma probidade superior a toda a expressão.

Revelou as suas raras qualidades de administrador habilissimo, quando lhe foi ordenado de fortificar a capitania, no tempo em que a França obrigára a côrte portugueza a fechar todos os seus portos aos Inglezes. E' impossivel descrever-se o enthusiasmo que o vice-rei accendeu tão promptamente no povo d'esta cidade e seus arredores: em poucos dias alistaram-se nas companhias de voluntarios que elle formára, tanto de cavallaria como de infantaria, as pessoas mais distinctas e poderosas, que até dispensavam elevadas

Vista da hoje Praça Quinze de Novembro, ao tempo da chegada da familia real portugueza; e vista geral da cidade da parte do mar (tiradas da obra de Debret, «Voyage pittoresque au Brésil»)

patentes, para terem praça de soldado, debaixo do commando de tão prestigioso chefe.

Todas estas disposições foram interrompidas, no dia 14 de Janeiro de 1808, pela chegada do brigue portuguez de guerra *Voador*, que se adeantou á esquadra, em que a familia real passára de Lisbôa para o Rio de Janeiro. Voltou-se então inteiramente o zêlo do incansavel conde para os preparativos que eram necessarios a hospedes tão illustres, aos quaes elle teve a gloria de principiar a receber, no dia 17 do referido mez, com a chegada dos navios em que se achavam embarcadas as princezas portuguezas.

Nomeado governador da Bahia em 1810, creou as commisões militares para julgar os implicados na revolução de Pernambuco, em 1817, com os quaes mostrou-se rigoroso, mandando enforcar alguns na cidade da Bahia.

Em 5 de Fevereiro de 1818 voltou ao Rio de Janeiro, e occupou o cargo de ministro da Marinha, tendo a grã-cruz de Aviz, a commenda da Conceição e o logar de gentilhomem. Foi ministro do principe regente d. Pedro, mas accusado de ser o chefe do partido portuguez, ausentou-se para Lisbôa em 1821, e lá falleceu em 6 de Maio de 1828, tendo nascido em 7 de Junho de 1771.

Alteradas as faculdades mentaes da rainha d. Maria I, teve de encarregar-se do govêrno do Estado em 1792 o principe d. João, seu filho, que era o herdeiro presumptivo da Corôa, e que, tomando o titulo de regente do Reino, por decreto de 18 de Julho de 1799, começou a governar em uma epocha tremenda, em que se achava toda a Europa abalada pela guerra.

Napoleão Bonaparte, imperador dos Francezes desde 1804, desejando ferir com um golpe mortal a Inglaterra, dominadora dos mares e inimiga da França, concebeu o plano do *bloqueio continental*, que consistia em fechar todos os portos da Europa áquella potencia, e impoz essa medida ao govêrno de Portugal. Comprehendendo a côrte de Lisbôa o perigo a que o reino se via exposto, e querendo preparar um asylo seguro para a monarchia portugueza, aconselhou ao regente, e este resolveu em Septembro, mandar para o Brasil, com o titulo de condestavel, ao principe

d. Pedro, o mais velho dos seus filhos vivos, que então contava apenas nove annos de edade, e que devia ser accompanhado por frei Antonio de Arrabida, depois bispo de Anemuria, como seu secretario mentor.

Já tinha até sido redigida, com data de 2 de Outubro de 1807, uma proclamação, em que o regente annunciava aos Brasileiros essa transcendente deliberação, quando, semanas depois, soube-se em Portugal que o plenipotenciario hispanhol assignara, a 27 de Outubro, em Fontainebleau, um tractado pelo qual se retalhava o reino de Portugal e Algarves entre principes extrangeiros, e se dispunha que opportunamente se dividiriam as provincias do Brasil pela França e Hispanha, chegando ao mesmo tempo a noticia de que o general francez Junot entraria em breve no reino á frente de um exercito.

O regente, vendo Portugal ameaçado pela Inglaterra por mar, e pela França por terra, não podendo conservar-se em neutralidade, resolveu, ao receber as ultimas noticias, seguir o prudente conselho de *sir* Sidney Smith, commandante de uma esquadra ingleza no Tejo, de transmigrar com toda a familia real para o Brasil, e, consequentemente, embarcou-se no dia 27 de Novembro, com a rainha, os principes, as princezas, — com toda a Côrte — e, no Domingo, 29 do mesmo mez, fez-se de vela com uma esquadra de septe naus, cinco fragatas, dous brigues e duas charruas, além de muitos navios mercantes (107).

Uma tempestade separou a esquadra, e, enquanto alguns navios com parte da familia real chegavam ao Rio de Janeiro (108), desembarcava d. João a 23 de Janeiro de 1808 na Bahia,

---

(107) Comprehendidas as tripulações, transportou essa esquadra um numero total de cêrca de quinze mil pessoas.

(108) A 17 de Janeiro entravam neste porto oito navios da frota, accompanhados por tres naus inglezas. Vinham a bordo desses navios a princeza d. Maria Francisca, viuva do principe d. José, e a infanta d. Marianna, ambas ermãs da rainha d. Maria I, e tambem as infantas d. Maria Francisca Benedicta e d. Isabel Maria, filhas do regente. Recebidas com os maiores transportes de alegria, foram logo convidadas a desembarcar; mas a princeza viuva declarou que não o faria enquanto não chegasse o principe regente. Todavia determinou-se a faze-lo a 19 de Fevereiro, quando soube que a esquadra havia entrado na Bahia.

Partida da familia real portugueza, de Lisboa para o Brasil, em novembro de 1807

onde foi recebido pelo governador conde da Ponte, João de Saldanha da Gama, e pelo arcebispo d. frei José de Sancta Escholastica, e accolhido com as mais vivas demonstrações de contentamento pelos habitantes d'aquella cidade. Ahi, aconselhado pelo illustre brasileiro José da Silva Lisbôa, ulteriormente visconde de Cairú, assignou o decreto de 28 de Janeiro de 1808 franqueando os portos do Brasil a todas as nações amigas.

A bordo da nau *Principe Real* partiu da Bahia o principe regente a 26 de Fevereiro, e chegou ao Rio de Janeiro a 7 de Março, sendo recebido pelo povo com o mais ruidoso enthusiasmo (109).

No dia 1 de Maio publicou d. João um manifesto de guerra á França, e nesse documento escreveu as seguintes memoraveis palavras: « *A Côrte levantará a sua voz do seio do novo imperio que vai crear.* »

O estabelecimento da séde da monarchia no Rio de Janeiro rouxe a esta cidade e ao Brasil consideraveis vantagens e rapido tincremento: — de 1º de Abril a 5 de Novembro de 1808 crearam-se na incipiente Côrte um Conselho Supremo Militar, um Hospital e um Archivo Militar, o Desembargo do Paço, a Mesa de Consciencia e Ordens, a Academia de Marinha, a Casa de Supplicação do Brasil a que foi elevada a Relação do Rio de Janeiro, a Fabrica de Polvora perto da lagôa Rodrigo de Freitas, transferida posteriormente para logar mais apropriado na raiz da Serra da Estrella, a Imprensa Régia, a Juncta do Commercio, o Banco do Brasil, uma Eschola Medico-Cirurgica e outras instituições. Continuou esta obra de engrandecimento nos annos subsequentes com a fundação do Jardim

---

(109) A frota em que chegou o regente entrou de tarde no porto e fundeou proximo á ilha das Cobras. No dia seguinte, 8, pelas quatro horas da tarde, o regente e a familia real, descendo das suas naus, passaram nas suas galeotas ao Arsenal de Marinha, onde, perante um altar levantado expressamente para esse fim, renderam graças a Deus pela feliz viagem. Seguiu então o principe, debaixo do palio e a pé, para a egreja do Rosario, que estava servindo de cathedral. Depois de se cantar alli um solennissimo *Te Deum*, o principe e a familia dirigiram-se em coches para o paço, que lhes havia sido preparado. A rainha só desembarcou a 10.

Botanico, da Bibliotheca Real, franqueada ao publico (110), da Academia das Bellas-Artes, da Contadoria da Marinha, da Guarda Real da Policia, e com a creação de muitas villas e comarcas, e outros melhoramentos. Foi mudada a séde da cathedral, da egreja do Rosario para a dos religiosos do Carmo, juncto aos paços reaes, que já se extendiam pelas casas do antigo convento. Reconstituiu-se o Cabido, elevando-se os seus membros a novas dignidades.

Com todos estes beneficios, não deixou o povo da nova capital da monarchia de resentir-se de alguns serios dissabores. Um grande numero de fidalgos, e ainda maior numero de creados de ordem inferior, haviam chegado com a familia real, e sendo preciso accommodar essa multidão, effectuou-se o despejo forçado de muitas casas, de que se tiveram os proprietarios de mudar precipitadamente. (111) Além d'este cruel vexame, deram-se muitos empregos publicos a pessoas sem habilitações, e cujo unico titulo de recommendação era terem accompanhado seus principes e precisarem viver á custa do Estado. Finalmente foi tão extraordinaria a prodigalidade da côrte, que a eucharia por si só consumiu seis milhões de cruzados por anno.

Caminhava entretanto a largos passos na senda do progresso a metropole do reino do Brasil: além das importantes instituições e dos uteis estabelecimentos já mencionados, surgiam officinas, fabricas e fundições; prosperava o commercio; augmentava a população (112). A par d'este desenvolvimento de actividade na vida do

---

(110) Chegando ao Rio de Janeiro as bibliothecas da Corôa e do Infantado, que o principe mandara vir de Lisbôa, no intento de organizar uma bibliotheca publica a que pudessem recorrer os espiritos estudiosos, foi escolhida para seu local a casa do antigo hospital da Ordem do Carmo, proximo aos paços da cidade, no centro do commercio; alli installou-se o utilissimo estabelecimento, que continha cêrca de cincoenta mil volumes impressos em todas as lingnas antigas e modernas e cópia interessante de estampas, curiosidades bibliographicas e preciosos manuscriptos.

(111) Bastavam duas simples lettras — S.R. — pregadas de ordem superior em qualqer casa, para se terem os moradores de mudar *in-continenti*, afim de cederem a moradia aos fidalgos e á criadagem palaciana.

(112) No tempo do conde de Resende, em 1790, a população da cidade do Rio de Janeiro era avaliada em cêrca de 50.000 habitantes, segundo uma carta de Thomas Jefferson, mais tarde 3º presidente dos Estados Unidos, publicada pelo *Jornal do Commercio* de 10 de Outubro de 1883. Sob o reinado de d. João VI,

Rio de Janeiro crescia espantosamente a cidade, então capital e centro supremo de toda a monarchia portugueza, extendendo as suas construcções e levando as suas raias muito além dos pontos que anteriormente a limitavam. Como se deixasse em abandono, já no meio da área urbana, uma vasta extensão de terreno insalubre e paludoso, cortado por um braço de mangue, onde chegava a maré, cobrindo-o nas enchentes, ao passo que nas vasantes só ahi deixava lodo e detritos de toda a especie carregados pelas aguas — quando a grandes distancias do centro se edificavam chacaras e residencias notaveis —, tractou o Govêrno de extinguir aquelle fóco de infecção atmospherica, aproveitando-o ao mesmo tempo para dilatar e aformosear a cidade. Não dispondo porém de meios para effectuar a obra á custa dos cofres publicos, e nem a podendo executar o Senado da Camara, baldo egualmente de rendas sufficientes, lembrou-se o Governo de ceder o terreno a particulares, que se compromettessem a secca-lo e utiliza-lo para a construcção de predios, de accôrdo com uma planta, demarcando as ruas e praças da referida área. Afim de animar os capitalistas a emprehenderem taes edificações, exenptou-os o Govêrno do imposto da decima por cinco, dez e vinte annos, segundo fossem os predios terreos, de um só, ou de maior numero de andares. Do campo de Sanct'Anna e da lagôa das Sentinella, dirigiu-se então a área da cidade, pelo aterrado, ou rua da Lanternas (hoje rua do Senador Eusebio) atravez de ruas e praças, — formando a Cidade Nova — para o arrabalde de São Christovão, occupando o terreno que fôra por todos até essa data desprezado, e que, com as enchentes da maré, d'antes se convertia em uma verdadeiral agôa.

Nessa mesma epocha grande animação tiveram as empresas para a exploração de minas, sôbre tudo as de ferro, que mereceram especial attenção do ministro, conde de Linhares. De Portugal, onde

---

elevou-se a população a 70.000 habitantes, de accôrdo com John Luccock — *Notes on Rio de Janeiro and the southern part of Brazil.*

Affirma Pereira da Silva na *Historia da Fundação do Imperio Brasileiro*, que em 1820 possuia a cidade do Rio de Janeiro, « que, mais que nenhuma, se tinha augmentado e florescido, 10.063 casas com 151.745 habitantes.

serviam debaixo das ordens de José Bonifacio de Andrada e Silva, passaram-se nessa occasião para o Brasil os mineralogistas barão de Eschwege, Frederico Guilherme de Varnhagem e Antonio Feldner. Contractara-se egualmente na Suecia o dr. Gustavo Heldberg, que, considerado por seus compatriotas como notavel mineralogista, viera ao Brasil trazendo em sua companhia vinte e quatro operarios habilitados em trabalhos de mineração.

Permittiu-se no Brasil toda a especie de industria fabril e manufactureira, sem exceptuar os ourives. Designaram-se premios e medalhas para os individuos que acclimassem no Brasil arvores de especiaria fina da India e promovessem o cultivo de vegetaes indigenas e exoticos uteis ao commercio e aos diversos ramos da industria.

Afim de dar publicidade aos actos officiaes, incumbiu d. João á Imprensa Régia de publicar uma folha diaria denominada — *Gazeta do Rio de Janeiro*. Foi o primeiro periodico que se imprimiu e publicou no Brasil (113). No correr do anno de 1814 appareceu no Rio, com o nome de *Patriota*, um periodico que durou algum tempo, publicando diversos artigos de valor a respeito da agricultura e commercio do Brasil. Em Londres, desde 1808, imprimiam-se em portuguez o *Correio Brasiliense* (114) e o *Investigador* (115), publicações que muito concorreram para uma benefica propaganda sôbre os negocios brasileiros.

Pela carta de lei de 13 de Maio de 1816 concedeu d. João —

---

(113) A *Gazeta do Rio de Janeiro*, propriedade dos officiaes da Secretaria dos Negocios Extrangeiros e da Guerra, durou de 1808 a 1822 e teve como primeiro redactor frei Tiburcio José da Rocha, official da referida Secretaria.

(114) O *Correio Brasiliense* era uma revista mensal que fundára, em 1808, na cidade de Londres, e redigia com talento notavel e rara imparcialidade um Brasileiro, proscripto de Portugal, que fugira ás perseguições do tribunal da Inquisição de Lisbôa, de nome Hippolyto José Soares da Costa. Sustentou-se esta publicação até 1822.

(115) O *Investigador* appareceu em Junho de 1811 e findou em Fevereiro de 1819. Publicou-se sob os auspicios do conde do Funchal, então embaixador na côrte de Londres, o qual obteve para esta publicação um subsidio pago pelo Governo do Rio de Janeiro, que muito lucrava em ter na metropole ingleza um jornal para combater até certo ponto as doutrinas abertamente hostis do *Correio Brasiliense*, redigido por Hippolyto, e mais tarde as do *Portuguez*, de João Bernardo da Rocha.

encorporando em um só escudo as armas de Portugal, Brasil e Algarves — armas especiaes ao reino do Brasil, consistindo em uma esphera armillar de ouro em campo azul com o escudo real inscripto e uma corôa sobreposta; e ordenou que essas armas fossem estampadas e gravadas nas bandeiras, nos estandartes, sellos e cunho da moeda. O decreto de 21 de Maio do anno seguinte permittiu que o Senado da Camara do Rio de Janeiro collocasse na frente da casa de suas sessões as armas do Reino Unido.

Na avançada edade de oitenta e um annos, a 20 de Março de 1816, falleceu a rainha d. Maria I, e d. João, manifestando o seu sentimento filial, differiu o acto solenne da acclamação para depois do anno de lucto. Chegando, porém, no anno seguinte, em vespera d'essa solennidade, a infausta noticia da revolução de Pernambuco (116), ficou a ceremonia ainda uma vez adiada, declarando o principe que não cingiria a corôa enquanto não visse todos os Brasileiros lhe obedecerem tranquillamente.

Tendo finalmente d. João VI deliberado permanecer no Brasil ainda por um tempo indefinido, mandou buscar na Italia can-

(116) A revolução de Pernambuco de 1817, á qual adheriram a Parahiba, o Rio Grande do Norte e Alagoas — oriunda das aspirações de um governo livre, de mixtura com o ciume que reinava entre officiaes e soldados brasileiros e portuguezes — tinha por fim a proclamação da republica. A revolta — cujo signal foi, no dia n6 de Março, a morte do brigadeiro Barbosa pelo capitão José de Barros Lima, alcunhado o *Leão corôado*, — a principio triumphante, organizou o seu governo provisorio no dia seguinte, sendo nomeado ministro do Interior o padre Miguel Joaquim de Almeida, mais conhecido por padre *Miguelinho*. Feita de sorpresa, sem plano anteriormente formado, viram-se em breve os insurgentes de Pernambuco reduzidos ás suas uuicas, escassas e mal organizadas forças; e, desanimados, ainda antes de combater, foram facilmente derrotados e inteiramente dispersos no engenho *Trapiche do Ipojuca*, no dia 14 de Maio. No Ceará foi preso no Crato o padre José Martiniano de Alencar, que tentava mover o povo no sentido da revolta; e na Bahia, o padre José Ignacio Ribeiro de Abreu e Lima, emissario do governo provisorio, alcunhado o *padre Roma*, foi preso, julgado por uma commissão militar e fuzilado no campo da Polvora, a 29 de Março de 1817. A victoria do governo legal, em 28 de Maio do mesmo anno, annunciou o castigo dos revoltosos, tendo sido sequestrados todos os seus bens e executados, pela pena de morte nove infelizes, entre os quaes o padre *Miguelinho*. Pela carta régia de 6 de Agosto foram suspensas as execuções, e instituida em 3 de Septembro uma alçada que tornou-se tribunal de sangue e de vigança. O governador de Pernambuco, Luiz do Rego, e a Camara do Recife representaram ao soberano, solicitando uma amnistia, que foi concedida pelo decreto de 6 de Fevereiro de 1818, dia da coroação do rei d. João VI.

tores para a capella real, e contractar em França artistas capazes de organizar a Academia de Bellas Artes do Rio de Janeiro (117), á qual foram annexadas diversas aulas de artes mechanicas. Trouxeram os referidos artistas grande brilho á capital do Brasil: installou-se então uma companhia lyrica no theatro de S. João, onde o povo começou a deleitar-se, ouvindo as composições dos maestros mais em voga na Europa.

Desejando o rei que o principe d. Pedro de Alcantara, seu primogenito, contrahisse enlace matrimonial, incumbiu ao marquez de Marialva, seu embaixador em Paris, de pedir a mão da archiduqueza d. Maria Leopoldina, filha de Francisco II, imperador da Austria. Realizado o casamento em Vienna mediante as respectivas procurações, a 23 de Maio de 1817, seguiu a princeza para Florença, e, partindo de Livorno a 14 de Agosto, chegou ao Rio de Janeiro a 5 de Novembro. Esperava-se anxiosamente a chegada da princeza, que vinha a bordo da nau *D. João VI*, accompanhada da nau *S. Sebastião*, da fragata austriaca *Augusta*, e de alguns vasos menores. Entrando no meio das saudações das fortalezas, e navios de guerra embandeirados, a esquadra deu fundo pela tarde. Correram para bordo el-rei, o principe real e toda a familia de Bragança, afim de saudarem a archiduqueza, que desembarcou no dia seguinte, e foi recebida com a maior solennidade. Os augustos esposos receberam a benção nupcial, e esta união foi celebrada por festas e illuminações esplendidas (118).

---

(117) Os principaes destes artistas, aqui chegados em Agosto de 1816, foram: Joaquim Le Breton, secretario perpetuo da classe das bellas artes do Instituto Real de França; J. B. Debret, pintor historico; Nicolau Antonio Taunay, pintor paizagista; Augusto Taunay, esculptor; Simão Pradier, gravador e abridor; Augusto Grandjean de Montigny, architecto; Francisco Ovide, professor de mechanica, e varios outros.

(118) Vieram nessa occasião ao Brasil diversos sabios europeus, que faziam parte de uma commissão scientifica organizada por M. von Schreibers, director do Museu Imperial de Historia Natural de Vienna; entre elles se notavam o hollandez Natterer, viajante, naturalista, o entomologista J. C. Mickan, o botanico Dr. J. M. Pohl, os pintores Th. Ender e Buckberger, o horticultor H. Schost e o mineralogista R. Schuch. Este ultimo ficou no Brasil, como professor de allemão de d. Pedro II, e falleceu no Rio de Janeiro em 1848; os outros, regressando para a Europa, depois de viajar pelo interior do paiz, publicaram obras de grande alcance scientifico, a

Galeria armada no Largo do Paço, por occasião de ser acclamado rei de Portugal o principe regente D. João (1818)

(Vista tirada da obra do Debret, «Voyage pittoresque au Brésil»)

Desembarque, no Arsenal de Marinha, da princeza d. Leopoldina, que vinha casar com o principe d. Pedro, depois primeiro imperador do Brasil (1817)

Estampa tirada da obra de Debret, «Voyage pittoresque au Brésil»

Em 1817 celebraram os governos da Inglaterra e de Portugal uma convenção a respeito do trafico dos negros, afim de fixar o methodo de fiscalizar esse commercio, tolerado apenas ao Sul do Equador. Estabeleceram-se commissões mixtas, de Portuguezes e Inglezes, no Rio de Janeiro e no presidio de Serra Leôa, para o julgamento dos assumptos referentes ao contrabando de Africanos.

No dia 6 de Fevereiro de 1818 realizou-se a acclamação solenne de d. João VI. Publicaram-se nesse dia varios decretos e graças régias. Instituiu-se a Ordem Militar de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa, cujos estatutos appareceram mais tarde, com data de 10 de Septembro de 1819. Listas extensas registaram os nomes dos que lograram titulos de nobreza, condecorações e outras honrarias. Tres dias e tres noites duraram os festejos publicos.

Nesse mesmo anno, a 6 de Junho, decretou-se a creação do Museu Real (119), que foi installado no predio sito no Campo de Sanct'Anna, vendido ao Govêrno por trinta e dous contos, pelo proprietario João Rodrigues Pereira de Almeida. Recebeu logo o novo estabelecimento uma importante collecção mineralogica, comprada a Werner, notavel scientista allemão, a qual estava servindo para os estudos practicos dos alumnos da Academia Militar. Ao Museu, que acabava de fundar, offertou d. João VI alguns objectos de arte em madeira, em marmore, em prata, em marfim, em coral, e uma

---

respeito de quanto aqui puderam observar. Aggregados a esta commissão vieram dous distinctos membros da Academia de Munich: o dr. J. B. von Spix e o dr. C. F. Ph. von Martius, que se deviam occupar, o primeiro de Zoologia e o segundo de Botanica. Com referencia aos uteis trabalhos destes sabios, auctoridade competente exarou este justissimo conceito:

« No seu genero a obra de Spix e de Martius é de importancia capital para o Brasil.»

(119) Eis na integra a primeira parte do decreto auctorizando a fundação do Museu Real : « Querendo propagar os conhecimentos e estudo das sciencias naturaes no Reino do Brasil, que encerra em si milhares de objectos dignos de observação e exame e que podem ser empregados em beneficio do Commercio, da Industria e das Artes, que muito desejo favorecer, como grandes mananciaes de riqueza : Hei por bem que nesta Côrte se estabeleça um Museu Real para onde passem, quanto antes, os instrumentos, machinas e gabinetes que já existem dispersos por outros logares, ficando tudo a cargo das pessoas que Eu para o futuro nomear. . . »

collecção de quadros a oleo. Para exercer as funcções de director foi nomeado frei José da Costa Azevedo, que já exercia o cargo de director do Gabinete Mineralogico da Academia Militar.

Dias antes, a 16 de Maio, foi assignado o decreto tractando de iniciar a fundação de colonias de extrangeiros, que viessem, como projectára o fallecido ministro conde da Barca, augmentar a população do interior do paiz e adeantar o cultivo das terras, quer com processos novos de industria, quer com melhoramentos de fabricas.

Julgou-se opportuno procurar Suissos catholicos e Sicilianos. A immigração siciliana não deu então resultados satisfactorios. Quanto aos Suissos — formando um nucleo de cêrca de dous mil colonos, alistados em Berna, em virtude de um contracto feito com Louis Gachet, agente do cantão de Friburgo — aportaram ao Rio de Janeiro pelos fins de 1819 e seguiram sem demora para o logar do seu destino, á margem do rio das Bengalas, na quebrada interior das serras de Macacú, no districto de Cantagallo, em um sitio conhecido pelo nome de Morro Queimado, onde fundaram uma povoação que, a 3 de Maio de 1820, tendo já os fóros de cidade, trocou o nome de Morro Queimado pelo de Nova Friburgo.

Em 1824 alli se estabeleceram numerosos colonos allemães, contractados pelo Govêrno, os quaes muito concorreram para a prosperidade do logar. Abriram uma estrada de rodagem entre aquella cidade e Nicteroi, activaram o commercio com a capital, tornaram enfim Nova Friburgo uma estação de recreio para os veranistas do Rio e converteram-n'a, pouco a pouco, em uma das mais florescentes cidades do Estado do Rio de Janeiro.

A 4 de Abril de 1819 deu a princeza Leopoldina á luz uma menina, que recebeu o nome de d. Maria da Gloria, e que foi mais tarde a rainha d. Maria II, de Portugal. Por tão faustoso successo houve grandes regozijos, e um sem numero de graças e titulos concedidos por d. João VI.

No dia 12 de Agosto, anniversario do principe regente do Reino Unido da Inglaterra, ulteriormente Jorge IV, assentaram os Inglezes a primeira pedra da capella do rito anglicano, em virtude da permissão concedida pelo tractado de commercio de 1810.

Este acto que, com satisfacção foi visto pelos habitantes da capital, fez ver aos extrangeiros que a nação portugueza havia adoptado o benefico systema da tolerancia religiosa.

Em Novembro chegou ao Rio de Janeiro Mr. Thornton, enviado extraordinario do principe regente da Inglaterra. Vinha este diplomata encarregado de renovar instancias, já anteriormente feitas a d. João VI, para que este voltasse á Europa. Mas d. João, satisfeito da sua situação, desafogado da influencia britannica, e não tendo que recear perigo algum imminente, se obstinava em resistir ás representações do gabinete de S. James. Medindo a importancia de Portugal pela limitada extensão do seu territorio, apenas considerava o berço da monarchia lusitana como uma dependencia da sua antiga colonia tão vasta e rica.

No decurso desse anno foi elevada a villa a povoação da *Praia Grande* (hoje Nicteroi), fronteira á cidade do Rio de Janeiro, e concedeu o Govêrno, por decreto de 16 de Dezembro, pensões a doze estudantes pobres para que pudessem cursar a Eschola Medico-Cirurgica.

Durante o mesmo anno foi o movimento do porto de trezentas e quatorze embarcações mercantes extrangeiras, e só cento e septenta e tres portuguezas, o que bem já denotava a decadencia da navegação nacional e a superioridade que sôbre ella adquiria de dia para dia a marinha mercante extrangeira que, no anno seguinte, figurava com trezentos e vinte e seis navios contra somente cento e dezoito portuguezes.

O alvará, com força de lei, de 23 de Agosto de 1808, creara a Real Juncta de Commercio, Agricultura, Fabricas e Navegação. Era um tribunal destinado a regularizar e favorecer o desenvolvimento do commercio e da industria. Crescendo o numero dos negociantes e augmentando o movimento commercial, se reconheceu a necessidade da construcção de uma Praça do Commercio. Em 11 de Junho de 1819, deu-se começo ao edificio, de accôrdo com o plano apresentado pelo habil architecto Grandjean de Montigny. Rapida foi o construcção, pois a 13 de Maio de 1820, anniversario de el-rei, inaugurou-se a nova Praça do Commercio.

Corriam assim os negocios interiores do Brasil, nas vesperas da famosa revolução politica que, na cidade do Porto, rebentou a 24 de Agosto desse anno (120) — firmando-se victoriosa em Lisboa a 15 de Septembro — e que devia tão poderosamente influir nos destinos dos dous reinos da corôa fidelissima. Geral foi o enthusiasmo que despertou no Brasil a noticia do movimento revolucionario de Portugal. Já antes de haver chegado ao Rio de Janeiro a noticia das sublevações do Pará e da Bahia, grande animação — augmentada pela indecisão do Govêrno — reinava na tropa e no povo, desde o dia 28 de Outubro, em que neste porto entrara o brigue mercante *Providencia*.

Os conselheiros de d. João VI, fieis ao systema de politica dilatoria, publicaram a 21 de Fevereiro de 1821, em nome do rei, um manifesto cheio de expressões affectuosas, dirigido aos Brasileiros, communicando-lhes a intenção em que se achava o monarcha de enviar o principe d. Pedro a Lisboa, com plenos poderes para negociar com as Côrtes relativamente á nova Constituição, da qual Sua Majestade promettia adoptar as disposições que se julgassem applicaveis ao Brasil.

O objecto deste manifesto era operar uma scisão entre as tropas brasileiras e as dos corpos vindos de Portugal, que já viviam em pouca harmonia, mas o resultado foi bem differente do que se esperava. Continuou a agitação, e na madrugada do dia 26, havendo o brigadeiro Francisco Joaquim Carretti tomado o commando dos diversos corpos da guarnição e decidido os soldados a seguir o partido constitucional, fraternizou a tropa brasileira com a portugueza, e foram todos occupar a praça do Rocio e as ruas circunvizinhas.

Estava el-rei com sua familia na quinta de S. Christovão. Informado do que se passava, mandou o principe d. Pedro com a missão espinhosa de accommodar as cousas.

---

(120) A revolução do Porto de 24 de Agosto de 1820 foi um protesto contra a *dependencia* em que Portugal vivia do Brasil, havia já treze annos, e o preludio de uma guerra para a reacquisição da perdida *independencia*. (LUIZ FRANCISCO DA VEIGA, *O primeiro Reinado*.)

Dentro em pouco, apresentando-se na varanda do theatro de S. João, dirigiu-se o principe ao povo e á tropa, que enchiam a praça do Rocio, perguntando-lhes o que queriam. — « A Constituição de Portugal! », responderam. Replicou o principe que, não podendo ser ella applicavel ao Brasil em todos os seus artigos, ia elle ler um Decreto, datado do dia 18, que annuia ao voto publico, debaixo de certas modificações. Debalde, porém, tentou o principe real illudir o povo e a tropa: o advogado Marcellino José Alves Macambôa, que representava o papel de tribuno, levantando a voz, declarou que taes modificações não eram admissiveis e que nada se acceitava sinão a Constituição futura de Portugal e as bases della já proclamadas; exigia, em nome do povo, a immediata demissão do ministerio e outros funccionarios, offerecendo uma lista das pessoas, que deviam ser nomeadas para preenchimento dos logares vagos.

Vendo d. Pedro quão inutil e perigoso seria insistir, retirou-se, dizendo que ia expor a seu augusto pae os desejos do povo, e dentro de pouco tempo voltou trazendo outro decreto, datado do dia 24, pelo qual ficava desde logo approvada a Constituição que se estava elaborando em Lisbôa, e que seria adoptada no Brasil e mais dominios da Corôa.

Encaminhou-se o principe á varanda do theatro, onde o esperavam os membros do Senado, e d'ahi leu ao povo o referido decreto e a nomeação de novos ministros e funccionarios, os quaes a esse tempo já alli estavam todos reunidos, chegando pouco depois o bispo. Perante este e sôbre os Sanctos Evangelhos prestou o principe o juramento, de que se lavrou auto; em seguida, extendendo a mão sôbre um crucifixo, clamou em alta voz que *de todo seu coração jurava a Constituição portugueza*.

Acabada a ceremonia de tão memoravel dia, regressou o principe á quinta da Bôa Vista, e informou a el-rei da alegria e reconhecimento, de que se achava possuido o povo pela generosa e patriotica resolução, que espontaneamente acabava de tomar o soberano.

Apesar da intensidade do calor, decidiu-se d. João VI a

transportar-se ao paço da Cidade, dando ahi entrada pouco depois das onze horas. Passando a carruagem pelo Rocio, o povo cheio de enthusiasmo correu a ella, desatrelou os animaes, levou-a até ao paço, onde tomando a el-rei em braços, carinhosamente o depositou no topo da escada, saudando-o com estrepitosos vivas. Desfilou então a tropa, affirmando publicamente o soberano, com voz forte e clara, *que approvava tudo quanto seu filho fizera e jurara*. Renovaram-se as acclamações e foi geral o jubilo. As fortalezas e a esquadra deram salvas, seguiu-se um beija-mão, e á noite assistiu Sua Magestade, com toda a familia real, ao espectaculo de gala no theatro, onde foi recebido com as mais calorosas demonstrações de gratidão e respeito. Nessa noite toda a cidade exhibiu-se espontaneamente illuminada.

Expediu-se logo a fragata *Maria da Gloria* para Lisbôa, com despachos participando ao Govêrno interino de Portugal os recentes successos, e a resolução tomada por el-rei de transferir para a Europa a séde da monarchia (121).

---

(121) O officio em que se fazia esta importante communicação, redigido e assignado pelo novo ministro dos Negocios Extrangeiros, é monumento historico digno de ser conservado. E' do teôr seguinte: «Tendo El-rei Nosso Senhor havido por bem declarar por seu Real Decreto da copia inclusa da data de 26 do corrente mez; que para mais firmemente consolidar os interesses de todos os seus vassallos de um e outro hemispherio, tinha resolvido approvar, como com effeito approvava, para ser acceita e executada em todos os Estados d'este Reino-Unido, a Constituição que pelas Côrtes actualmente convocadas nessa cidade, for feita e approvada: toda a Real Familia, o povo e tropa d'esta côrte jurárão da maneira a mais solemne observar e manter a mesma Constituição.

« Sendo por este modo chegada a feliz epocha marcada por sua Majestade no momento da sua partida d'essa cidade, para o desempenho da sua Real palavra, de que voltaria a felicitar com a sua augusta presença a antiga capital da Monarchia, logo que, restituida a paz geral, lhe fosse licito regressar sem comprommettimento dos interesses dos seus vassallos, nem da dignidade da sua Real Corôa: tem Sua Majestade resolvido partir para essa côrte com toda a Sua Real Familia, logo que sua Alteza Serenissima a Princeza Real do Reino-Unido, restabelecida do seu feliz parto, que se espera dentro em poucos dias, se ache em estado d'emprehender viagem de mar.

« Felicito-me de que a honra que sua Majestade me acaba de conferir, dignando-se de me encarregar nestas circumstancias do ministerio dos Negocios Estrangeiros e da Guerra, me procure a incomparavel satisfação de transmittir a Vossas Excellencias, de ordem de Sua Majestade, tão agradaveis noticias, que não podem deixar de encher de jubilo a todos os bons vassallos do mais benigno de todos os soberanos. Rio de Janeiro, aos 28 de fevereiro de 1821. *Assignado:* SILVESTRE PINHEIRO FERREIRA.— Senhores do Governo de Portugal.»

Sensações bem diversas excitou no publico a noticia da proxima partida d'el-rei com toda a familia real. Encheram-se de jubilo os Portuguezes: uns pela certeza de regressarem á patria, outros esperançados de verem o Brasil restituido á influencia da metropole. Entre os Brasileiros suscitaram-se logo os receios de voltarem de novo a ser opprimidos pelas auctoridades enviadas de Lisbôa para reger o Brasil e de verem este Estado privado de muitas das vantagens de que gosava desde 1808, passando de reino independente ao antigo estado de colonia.

A principio havia-se proposto em Conselho mandar a Lisbôa o principe real, ficando el-rei no Brasil; mas d. João VI rejeitou este plano, que além de ser directamente contrario aos votos da nação portugueza, expressos pelas Côrtes, não agradára a d. Pedro.

Em consequencia dessas diversas occurrencias começou a se formar um partido favoravel á completa independencia do Brasil. Collocaram-se á sua frente Joaquim Gonçalves Ledo, José Joaquim da Rocha, Januario da Cunha Barbosa, frei Sampaio e José Clemente Pereira, juiz de fóra da cidade do Rio de Janeiro e neste character presidente do Senado da Camara, e muitos outros cidadãos de merito e de importancia, que, além de professarem idéas liberaes, se sentiam patrioticamente offendidos com a resolução d'el-rei, deixando o Brasil sujeito de novo ao jugo de Portugal.

Os conselheiros da Corôa suggeriram diversos alvitres, que, embora divergissem na forma, convergiam todos para a retirada da Côrte para Lisbôa; o proprio ministro inglez Thornton julgava que a ida de d. João VI e da familia real para Portugal era o grande recurso, que as circunstancias reclamavam.

Muito custava a d. João VI resolver-se a deixar o Brasil, onde havia recebido o mais carinhoso acolhimento em epocha bem afflictiva e onde passára os melhores annos de sua vida. Por isso, não sem reluctancia, assignou o decreto de 7 de Março, no qual se destacam as seguintes linhas:

«... Cumpria pois, que, cedendo ao dever que me impoz a Providencia, de tudo sacrificar pela felicidade da Nação, eu resol-

vesse, como tenho resolvido, transferir de novo a minha Côrte para a cidade de Lisbôa, antiga séde e berço originario da Monarchia, afim de alli cooperar com os Deputados Procuradores dos povos na gloriosa empreza de restabelecer a briosa Nação Portugueza n'aquelle alto gráo de esplendor com que tanto se assignalou no antigo tempo. E deixando nesta cidade ao meu muito amado filho, o Principe Real do Reino-Unido, encarregado do governo provisorio d'este Reino do Brazil, emquanto nelle se não achar restabelecida a Constituição geral da Nação.»

Nesse mesmo dia pulicaram-se as instrucções para as eleições dos deputados ás Côrtes de Lisbôa, e no dia 20 de Abril effectuou-se a reunião dos eleitores, convocados pelo ouvidor da comarca na praça do Commercio. Tornou-se logo tumultuaria a referida reunião. Exigiam a proclamação da Constituição hispanhola de 1812 para ter vigor no Brasil; queriam que d. João VI mandasse desembarcar os cofres do erario brasileiro, que suppunham embarcados para seguirem para Lisbôa; intimaram ás fortalezas que não permittissem a saïda da esquadra com a familia real e quizeram dar ordens ao commandante das Armas sôbre o emprêgo da força publica.

Annuiu o rei á primeira exigencia, publicando um decreto, em que adoptava a Constituição hispanhola, até que as Côtes elaborassem uma outra, e, quanto ás outras exigencias, respondeu que os cofres publicos não haviam sido retirados dos seus competentes logares. Continuava entretanto cada vez mais o tumulto na sala da sessão: não eram sómente os eleitores que deliberavam; massas de povo invadiam o recinto; appareciam tribunos a vociferar e a propôr as mais subversivas medidas da causa publica. Durou a discussão até ás 3 horas da madrugada do dia seguinte. Nessa occasião chegou uma companhia do regimento de caçadores da divisão portugueza, e a sala foi evacuada depois de uma descarga de fuzilaria, seguida de uma carga á baioneta, resultando ficarem tres mortos e cêrca de vinte feridos.

Ainda mais exacerbaram-se os animos da população, reaccendendo-se antigos odios entre nacionaes e Portuguezes, e sendo o

Govêrno responsabilizado pelos ultimos acontecimentos, apesar mesmo do abuso dos eleitores.

Promulgou então d. João VI, no dia 22 de Abril, dous decretos: um annullando as concessões anteriormente feitas aos eleitores, e outro nomeando d. Pedro regente do Brasil e seu logartenente.

Depois de haver dado uma nova organização ao ministerio e feito duas proclamações sôbre a fidelidade devida ao principe, retirou-se Sua Majestade com sua augusta familia para a nau *d. João VI* (122), na tarde de 24 de Abril, e dous dias depois, a 26, partiu para Portugal.

« Narram as tradições populares, diz Pereira da Silva, que fôra extremamente enternecedor o espectaculo do embarque de d. João VI. Partia-se-lhe o coração ao desamparar uma terra onde alegres lhe haviam corrido alguns annos da vida, e encontrara quietação e repouso que nunca lograra desfructar no reino europeu. Banhado em lagrimas copiosas, balbuciando phrases desconnexas e cortadas com soluços repetidos, offerecia o aspecto visivel de uma dôr penetrante, e de uma saudade sentida que lhe suffocava o peito e acabrunhava o espirito. *Brasil! Brasil!* Escapava-lhe a miudo dos labios esta palavra expressiva.»

Multidão extraordinaria de toda a especie de embarcações accompanhou a frota até á saïda da barra. Foi ahi, defronte quasi da fortaleza de Sancta Cruz, que, olhando para a cidade, que se banhava nas aguas salgadas da bahia, coberta de verdes arvoredos, e ornada com o diadema dos morros que a partem em varios districtos, el-rei apertou pela ultima vez nos braços o filho, que devia passar-se para a galeota e regressar para terra. Lançou-lhe ao pescoço uma insignia do Tosão de Ouro, á qual consagrava particular estima. Entrecortadas de profundos e constantes suspiros,

(122) Além da náu *d. João VI,* contavam-se as fragatas *Carolina e Princeza Real,* seis charruas, muitos transportes e embarcações mercantes. Cêrca de quatro mil pessoas deixaram as plagas americanas, que as haviam abrigado durante a tormenta. Bens, dinheiro, joias copiosas se transportaram do Rio de Janeiro para a antiga metropole.

dirigiu-lhe as seguintes palavras: «Bem antevejo que o Brasil não tardará a separar-se de Portugal. Nesse caso, si me não puderes conservar a corôa, guarda-a para ti, e não a deixes caïr em mãos de aventureiros.»

Realmente embaraçosas eram as circumstancias, em que se encontrava o govêrno do Estado do Brasil, logo após a saïda de d. João VI para Portugal.

Os avultados capitaes que, repentinamente, eram daqui levados, retirados de chofre, bem sensivel falta deviam produzir no Banco do Brasil e no commercio em geral; a industria sentiu extraordinaria diminuição e esteve quasi paralysada, devido ao crescido numero dos que partiram para Portugal e tambem á pouca ou nenhuma confiança inspirada pelo novo estado de cousas.

Ao principe, entretanto, não faltaram coragem e resolução para enfrentar as difficuldades da situação; prestante auxilio encontrara na experiencia provecta do conde dos Arcos, que ficara com a pasta do Reino. Em uma proclamação dirigida á nação, manifestou o principe as suas intenções de promover a felicidade do Brasil, pedindo a coadjuvação geral; afim de mais facilmente attender a todos, estabeleceu audiencias publicas semanaes, e fixou a sua residencia habitual em S. Christovão, cedendo o Paço da Cidade para ahi funccionarem algumas repartições publicas.

Reduziu a 1:600$ a sua mensalidade e procedeu a reducções consideraveis nas despesas publicas; mandou organizar o orçamento da receita e despesa do Brasil, trabalho este que pela primeira vez aqui se fazia. Ordenou a abolição de certos impostos vexatorios e contribuições onerosas: egualou o soldo e etapa dos soldados brasileiros aos dos portuguezes, e tomou outras importantes providencias tendentes a melhorar o estado precario em que se achavam os negocios publicos. Permittiu a liberdade de imprensa, determinou que nenhuma prisão podia ser effectuada sem culpa formada e ao menos duas testimunhas contestes, e mandou abolir os instrumentos de tortura.

Mas enquanto assim procedia o principe d. Pedro, fazendo jus á estima e considerção dos Brasileiros, nem todas as provincias

prestavam obediencia á sua auctoridade, a qual verdadeiramente só era reconhecida no Rio de Janeiro, Sancta Catharina, Rio Grande do Sul, algum tanto ainda na provincia Cisplatina, e em Minas Geraes, onde já alguma agitação se começava a notar.

Em taes circunstancias realizaram-se as eleições dos deputados brasileiros ás Côrtes de Lisbôa, e entre estes mencionaremos os nomes de Francisco Villela Barbosa, Antonio Carlos Ribeiro de Andrada, José Feliciano Fernandes Pinheiro, Diogo Antonio Feijó, Nicolau Pereira de Campos Vergueiro, José Martiniano de Alencar, Pedro de Araujo Lima e o bispo d. Romualdo de Sousa Coelho.

Grande era a animação dos clubs e sociedades secretas no Rio de Janeiro. No meio de muitas opiniões politicas divergentes appareciam as brilhantes e patrioticas publicações do *Reverbero*, feitas ou inspiradas por Gonçalves Ledo, conego Januario da Cunha Barbosa, frei Sampaio e outros, com participação directa de José Clemente Pereira, que, apesar de nascido em Portugal, reconhecia a necessidade da independencia do Brasil e a promovia por todos os meios a seu alcance.

Neste entretanto, a 2 de Junho, chegaram noticias de haverem sido juradas em Lisbôa as bases da Constituição: aguardava d. Pedro, por conselho do conde dos Arcos, a vinda de noticias officiaes, para então proceder de accôrdo com ellas; a guarnição portugueza, porém, entendeu precipitar os acontecimentos. Na madrugada de 5 de Junho reuniram-se tumultuariamente as tropas, commandadas por Jorge de Avilez, exigindo o juramento das bases da Constituição, a demissão do conde dos Arcos, a formação de um Juncta que, com o principe, governasse o Rio de Janeiro, e uma commissão militar que tomasse parte no commando das armas. Annuiu D. Pedro a essas exigencias para não exacerbar os animos e para poder dirigir a marcha dos acontecimentos, sentindo-se contudo profundamente magoado pelo procedimento da divisão portugueza.

Para mais aggravar uma já tão melindrosa situação, chegou de Lisbôa a lei de 24 de Abril de 1821, declarando todos os governos provinciaes independentes do Rio de Janeiro e sujeitos

unicamente aos tribunaes e govêrno de Lisbôa. Facilmente se comprehende a desagradavel impressão, que devia similhante medida produzir no espirito do principe e no de todos os Brasileiros, principalmente com a noticia de que o partido portuguez na Bahia havia pedido a restauração do regimen colonial, e que as desobediencias da Juncta alli organizada ao principe, haviam sido julgadas muito regulares pelas Côrtes, que mandaram reforços para essa provincia, afim de poder mais energicamente resistir.

Explodiu francamente a indignação á chegada dos decretos ns. 124 e 125, de 29 de Septembro, supprimindo os tribunaes do Rio de Janeiro e ordenando ao principe d. Pedro que regressasse á Europa no intuito de aprimorar a sua educação, determinando que, dentro de dous mezes, se elegesse uma Juncta para governar o Rio de Janeiro, a qual só de Lisbôa receberia leis, como se dava nas outras provincias.

Geral reprovação mereceram tão aggressivas medidas, e os patriotas, que já pugnavam pela independencia, tractaram de se aproveitar de tão favoravel ensejo para a propaganda de suas idéas. Fizeram-se reuniões na rua da Ajuda, em casa do advogado José Joaquim da Rocha, para se combinar nos meios de impedir a partida do principe, decidindo-se mandar emissarios a S. Paulo e a Minas para solicitar a cooperação das Junctas d'essas duas provincias, afim de que o principe não embarcasse para a Europa. Tanto a Juncta da provincia de S. Paulo, de que era vice-presidente José Bonifacio de Andrada e Silva, como a Camara da capital da mesma provincia representaram nesse sentido, nos dias 24 e 31 de Dezembro de 1821.

A rapida successão dos factos claramente mostrava ao principe regente que a sua retirada para Portugal acarretaria a proclamação immediata da completa independencia do Brasil; nesse caso, porém, não mais sob a dynastia bragantina, e antes á imitação de Buenos Ayres e das outras republicas vizinhas. Não sorria tal perspectiva a d. Pedro, nem tampouco agradava ao numeroso partido que, almejando a independencia, não a queria entretanto

sob a forma de govêrno, que tão máo resultado práctico offerecia nas colonias hispanholas.

Tractaram, pois, os chefes influentes da epocha de conseguir a permanencia do principe no Brasil, e nesse intuito confiaram á habil penna de frei Francisco de Sampaio a redacção de uma representação ao proprio d. Pedro. Em muito poucos dias obteve esse documento para mais de oito mil assignaturas. Na falta de gazetas, que annunciassem os logares em que se podia assignar a representação, jovens enthusiastas corajosamente affixavam cartazes e convites patrioticos nas esquinas das ruas, affrontando as perseguições e hostilidades da divisão auxiliadora portugueza. Assignada a representação em casa de José Joaquim da Rocha, de José Mariano de Azeredo Coutinho e em varios outros logares, foi ella entregue, a 29 de Dezembro, ao Senado da Camara, a cujo presidente o Corpo Commercial pediu tambem, a 2 de Janeiro de 1822, que ponderasse ao principe a necessidade de se não sujeitar aos ultimos decretos das Côrtes portuguezas.

No dia 9 de Janeiro, concedido pelo principe para a audiencia, deu-se o maior apparato possivel á solennidade da entrega da petição dos Fluminenses. Depois de haver, imponente, desfilado o prestito pelas ruas do Ouvidor e Direita, foi o Senado da Camara recebido, ao meio-dia, pelo principe regente no Paço da Cidade. Pronunciou então José Clemente Pereira um discurso, em que principiava por dizer que *a partida de Sua Alteza Real seria o decreto que teria de sanccionar a independencia do Brasil*. Passava a enumerar os soffrimentos da nação e as injustiças das Côrtes de Lisbôa; manifestava as disposições dos Brasileiros de não acceitarem a recolonização; apontava os meios de obstar a separação, entre os quaes sobresaïa a continuação do principe na regencia, que lhe havia sido confiada por d. João VI. A representação do povo abundava nessas e outras considerações analogas e frisava terminantemente que *o navio que reconduzisse o Principe Real appareceria no Tejo com o pavilhão da independencia do Brasil*.

Funda impressão produziu no animo de d. Pedro a leitura destas mensagens, mórmente sabendo que, em breve, chegariam

de S. Paulo e Minas Geraes representações identicas, havendo elle já recebido o officio da Juncta Governativa de S. Paulo, com data de 24 de Dezembro de 1821. Depois de alguma hesitação sôbre a resposta que devia dar ao que pelo povo lhe era solicitado — parecendo a principio reluctar em acceder aos desejos que lhe eram manifestados — tomou afinal uma energica resolução e proferiu as historicas palavras, que pelo presidente do Senado da Camara foram immediatamente transmittidas aos peticionarios: «*Como è para o bem de todos e felicidade geral da Nação, diga ao povo que fico*». Enthusiasticos applausos acolheram tão favoravel resposta e, para solennizar o auspicioso successo desse dia, improvisaram-se esplendidos festejos.

Os partidarios da recolonização, descontentes com a solução que tivera a crise por que viera de passar o Govêrno, fortes pelo apoio da divisão auxiliadora, composta de tropas portuguezas, a cuja frente se achava o tenente-general Jorge de Avilez Zuzarte de Sousa França, resolveram intervir nos acontecimentos, oppondo-se á realização das medidas aconselhadas ao principe regente pelo partido que pugnava pela independencia. Começaram então as hostilidades: durante a noite de 10 de Janeiro praças da divisão auxiliadora dispersaram-se pelas ruas da cidade e foram contra os Brasileiros commettendo toda a sorte de abusos; tractou ao mesmo tempo Jorge de Avilez de promover um levantamento militar similhante aos que, já antes, se haviam dado, planejando egualmente surprehender o principe á saïda do theatro, leva-lo em acto continuo, com a princeza d. Leopoldina e os dous filhos (o principe d. João e a princeza d. Maria da Gloria), para a fortaleza de Sancta Cruz, donde embarcariam para bordo da fragata *União*, que estava prompta para seguir viagem.

Não tendo conseguido executar esse plano, pelas medidas acertadas de d. Pedro, avisado em tempo, e não tendo podido conservar em obediencia os regimentos brasileiros, foi Jorge de Avilez, com a divisão auxiliadora, tomar posição no morro do Castello, e preparou-se para romper o fogo, assestando uma peça de artilharia contra a casa de José Joaquim da Rocha, sita á rua da

Ajuda n. 64. A energia do principe, a attitude resoluta da população e a das tropas que defendiam o govêrno fizeram ver a Jorge de Avilez a pouca probabilidade de bom exito e as gravissimas consequencias da lucta sanguinolenta que ia travar. Cedeu ás intimações de d. Pedro, feitas pelo general Joaquim Xavier Curado, e offereceu-se para capitular, passando-se com a sua divisão para a Praia Grande, até chegarem de Portugal as tropas que deviam rende-la. Effectuada nesse mesmo dia, 12 de Janeiro, a retirada da divisão portugueza para a Praia Grande, ainda ahi, por algum tempo, tentou Jorge de Avilez ir de encontro ás determinações do principe; mas afinal submetteu-se, até equipar-se a esquadrilha que o havia de transportar com sua gente para Portugal, realizando-se a partida a 15 de Fevereiro,

Enquanto assim fracassava o acto de rebellião das tropas portuguezas, insistia o ministerio pela sua demissão, que havia pedido desde o dia do *fico*; por isso a 16 de Janeiro constituiu d. Pedro novo ministerio, do qual fez parte, como ministro do Reino e dos Extrangeiros, José Bonifacio de Andrada e Silva.

No dia 16 de Fevereiro publicou o Govêrno um decreto, convocando um Conselho de Procuradores Geraes das Provincias, o qual se devia reunir no Rio de Janeiro, com o fim de coadjuvar a auctoridade suprema do regente, propondo e examinando os necessarios projectos de reforma e todas as medidas tendentes á prosperidade do Brasil, seguindo-se, d'ahi a dias, a 21, umo utro decreto ordenando que lei alguma das Côrtes de Lisbôa fosseo bedecida no Brasil sem o *cumpra-se* do principe regente.

A 6 de Março apresentou-se no porto do Rio de Janeiro uma esquadra portugueza, sob o commando de Francisco Maximiano de Sousa: não se permittiu desembarque sinão aos que se quizessem alistar nos corpos brasileiros, e exigiu-se a entrega da fragata *Carolina* para serviço do Governo. A 23 do mesmo mez afastou-se do Rio de Janeiro a esquadrilha de Francisco Maximiano de Sousa, aqui deixando, além da referida fragata, cêrca de 400 homens que se alistaram ao serviço do Brasil, e grande numero de praças que desertaram de bordo.

Por esses tempos, mais ou menos, chegavam do Rio Grande do Sul, de Montevidéo, Goiaz e Sancta Catharina deputações manifestando adhesão á auctoridade regencial do principe. Mas, si pelo Sul do Brasil tão favoravelmente corriam as cousas, pelo Norte complicavam-se os negocios politicos, travando-se já, por alli, em muitos pontos, luctas sanguinolentas. Graves dissenções começavam egualmente a surgir em Minas Geraes, declarando-se muitos contra o govêrno do principe. No intuito de serenar os animos, julgou d. Pedro opportuna a sua presença nesta provincia; partiu a 25 de Março, levando, como seu ministro, o desembargador Estevam Ribeiro de Resende, posteriormente marquez de Valença. Tendo sido por toda a parte, até Villa Rica, enthusiasticamente acolhido, regressou á Côrte, onde chegou a 25 de Abril, sendo alvo da mais cordial recepção.

A orientação do sentimento publico tendia cada vez mais a apressar a proclamação da independencia nacional; nem se assustavam os patriotas com as bellicosas disposições de Portugal, cujo govêrno, por aviso de 7 de Março de 1822, havia determinado, aos seus agentes no extrangeiro, que se oppuzessem formalmente á remessa de armas e munições para portos brasileiros, e havia já mandado, com a maxima urgencia, preparar novas tropas que deviam embarcar para o Brasil. Com o fim de nullificar estas ordens do govêrno portuguez, communicou o ministro José Bonifacio, em Junho, aos agentes consulares extrangeiros, que o govêrno do Rio de Janeiro dispensava despachos de auctoridades portuguezas para os objectos de guerra e marinha, e que nas alfandegas brasileiras seriam taes artigos recebidos independentemente das formalidades fiscaes existentes.

Antes dessa circular, haviam os habitantes do Rio de Janeiro, no dia do anniversario natalicio de d. João VI, a 13 de Maio, conferido a d. Pedro, por intermedio do Senado da Camara, o pomposo titulo de *Defensor Perpetuo do Brasil*, que o principe se dignou de acceitar. Poucos dias depois, a 20 do referido mez, pediram a convocação de uma Assembléa Constituinte Brasileira, em vez do Conselho de Procuradores Geraes, já

decretado pelo Govêrno (123). Após breve hesitação, annuiu d. Pedro a essa idéa, e a 3 de Junho resolveu mandar convocar a referida Assembléa, sendo as eleições feitas pelas instrucções publicadas a 19 de Junho.

Uma das mais urgentes medidas, a que precisava attender o Ministerio, era a que se referia á difficuldade financeira; para esse fim, o ministro da Fazenda Martim Francisco Ribeiro de Andrada, ermão de José Bonifacio, contrahiu com os particulares desta capital um emprestimo de 400 contos, destinados aos auxilios que haviam de ser enviados aos patriotas bahianos, e que effectivamente seguiram em uma esquadrilha sob o commando do chefe de divisão Rodrigo Antonio de Lamare, levando 300 praças de desembarque, debaixo das ordens do brigadeiro Pedro Labatut, que servira nos exercitos de Napoleão I.

Respondendo aos preparativos bellicos de Portugal, publicou o govêrno de d. Pedro o decreto de 1 de Agosto, declarando inimigas, e tractadas como taes, as tropas que d'aquelle reino ou de qualquer outra parte fossem remettidas para o Brasil, sem conhecimento prévio do regente. Nessa mesma data dirigiu d. Pedro uma proclamação aos Brasileiros, a qual começava pelas palavras: « Está acabado o tempo de enganar os homens ». Terminava, desilludindo completamente aos que ainda esperavam o restabelecimento do regimen colonial, com as patrioticas phrases: « Não se ouça entre vós outro grito que não seja união... Do Amazonas ao Prata não retumba outro echo, que não seja independencia... Formem todas as nossas provincias o feixe mysterioso, que nenhuma força póde quebrar.»

A 6 de Agosto publicou o regente um manifesto aos governos

---

(123) A representação solicitando a convocação de uma Constituinte foi levada ao principe por José Clemente Pereira que, no discurso proferido nessa occasião, entre outros elevadissimos conceitos, empregou as seguintes significativas expressões: « Vossa Alteza Real achará neste Senado venerando... a invejada sorte de lançar a primeira pedra fundamental do imperio brasileiro, que, principiando por onde outros acabam, fará a inveja e admiração do mundo inteiro... Está escripto no livro das leis eternas que o Brasil deve passar hoje, oh! grande dia! á lista das nações livres.»

das nações amigas, expondo a marcha dos acontecimentos e a situação do Brasil, offerecendo-se a estabelecer com elles relações de amizade, e declarando continuarem abertos ao commercio os portos brasileiros.

Verdadeiro alarme causou em Portugal a noticia destas ultimas occurrencias, resolvendo as Côrtes lançar mão das mais fortes represalias, afim de desorganizar completamente tudo quanto se ia estabelecendo no Brasil. Formavam os deputados brasileiros naquellas Côrtes uma fraca minoria, e ainda assim eram insultados pela plebe desenfreada, sendo alguns d'elles até ameaçados em suas vidas; por isso, vendo perdidos os seus exforços, e achando-se expostos inutilmente ao furor de muitos desalmados, septe dos mais notaveis d'esses deputados, entre os quaes se distinguiam Antonio Carlos de Andrade Machado e Silva, Cypriano José Barata de Almeida, José Lino Coutinho e o padre Diogo Antonio Feijó, viram-se forçados a embarcar furtivamente para a Inglaterra, e, em Falmouth, com data de 22 de Outubro, publicaram um protesto em que historiavam os motivos de sua retirada de Lisbôa, increpando á Constituinte Portugueza as mais cabidas censuras.

Antes, porém, desta data, já no Brasil se haviam dado serios e extraordinarios successos. Lavrando em S. Paulo graves dissenções, que ameaçavam degenerar em lamentaveis conflictos, dirigiu-se o principe, a 14 de Agosto, para aquella provincia, a cuja capital chegou no dia 26, ahi conseguindo, no fim de poucos dias, captar a confiança geral e conciliar os partidos que se hostilizavam.

No dia 5 de Septembro partiu para Santos, com o fim particular de observar as fortificações alli existentes e, no dia 7, de madrugada, estava já de volta para a capital de S. Paulo. Pelas 4 horas da tarde desse memoravel dia 7 de Septembro de 1822, achava-se o principe com a sua comitiva nos campos de *Piratininga*, quando, nas margens do *Ipiranga*, apresentou-se-lhe um official, que a toda a pressa viera do Rio de Janeiro, trazendo despachos de Lisbôa (124), com ordem de José Bonifacio de entregar-

(124) Esses despachos eram quatro decretos das Côrtes de Lisbôa de 1 de Agosto: o primeiro annullando a convocação dos Procuradores das provincias brasi-

lh'os pessoalmente. Depois de uma attenta leitura da correspondencia que acabava de receber, em que o informavam da attitude hostil, que contra elle tomavam as Côrtes portuguezas, — reconhecendo que lhe não era mais possivel contemporizar, que todos os vinculos de união politica do Brasil com Portugal deviam ser definitivamente quebrados, — tirou o chapeu e proferiu o legendario brado — Independencia ou Morte ! — que, repercutindo em todos os corações brasileiros, firmou para sempre a nossa autonomia nacional. « Camaradas, disse elle aos officiaes e soldados da sua comitiva, as Côrtes de Portugal querem mesmo escravizar o Brasil; cumpre, portanto, declarar já a sua independencia : laços fóra... » Arrancaram todos immediatamente o laço portuguez, e o cortaram em pedaços. « D'ora em deante, continuou o principe, traremos todos outro laço de fitas, verde e amarello, que serão as côres brasileiras. » Neste momento, a guarda, que já tinha formado em linha, respondeu com o mais estrondoso enthusiasmo : *Independencia ou Morte* !

Dous dias ainda demorou-se o principe na cidade de S. Paulo providenciando sôbre a marcha dos negocios publicos; no dia 10, de madrugada, seguiu para o Rio de Janeiro, onde tão rapidamente chegou, que a maior parte da sua comitiva não o poude accompanhar. No dia 15 de Septembro recebeu d. Pedro ruidosa ovação do povo, na occasião em que se apresentou no theatro, trazendo ao braço esquerdo o distinctivo patriotico « Independencia ou Morte ».

Entendendo o Senado da Camara que mais uma vez lhe cumpria tornar-se orgão dos sentimentos da população, publicou um edital designando o dia 12 de Outubro seguinte para a solennidade da acclamação do principe como Imperador Constitucional do Bra-

---

leiras ; o segundo mandando responsabilizar os ministros do principe, os membros da Juncta de S. Paulo e os signatarios das representações de Janeiro ; o terceiro ordenando a mais completa sujeição ás deliberações e leis das Côrtes ; quarto nomeando ministros novos para o principe, arrancando-lhe o direito de escolher os seus conselheiros Acompanhava tudo isso uma carta de d. João VI, de 5 de Agosto, repassada de tão frias e severas expressões, que bem revelava ter sido uma imposição das Côrtes. (PEREIRA DA SILVA, *Ob. cit.*)

sil. No dia marcado, — anniversario natalicio de d. Pedro, e data do descobrimento da America, por Christovão Colombo, — realizou-se no Campo de Sanct'Anna a imponente solennidade da acclamação. Ao direito de successão que, nos titulos das casas reinantes se acha implicito nas palavras por « Graça de Deus », a Nação associára a sua adhesão á dynastia de Bragança no Brasil com a « Unanime Acclamação dos Povos ».

Revestiram-se de extraordinaria pompa as solennidades da coroação e sagração do primeiro imperador do Brasil, no dia 1º de Dezembro de 1822, sendo nesse dia publicados dous decretos, um creando a *Imperial Ordem do Cruzeiro*, e outro instituindo a *Guarda de Honra* (125), corporação militar que pouco tempo durou.

Tratou logo o Govêrno de tomar as necessarias medidas para regular as fórmulas officiaes do novo Imperio; occupou-se tambem de obter, das demais nações, o reconhecimento da independencia do Brasil, encarregando de missões diplomaticas a diversos conspicuos cidadãos; decretou diversas providencias tendentes a augmentar as forças de mar e terra, outorgando cartas de corso a nacionaes e extrangeiros contra o govêrno de Portugal, concedendo perdão aos desertores, liberdade aos escravos que assentavam praça, e organizando um regimento de extrangeiros, constando de tres batalhões com um estado-maior; — dirigindo-se aos Portuguezes, fez d. Pedro publicar uma proclamação em que lhes offerecia as condições, a que se deviam submetter no caso de desejarem continuar a residir no Brasil.

---

(125) Constava a *Guarda de Honra* de tres esquadrões de cavallaria: um de São Paulo, um de Minas e um do Rio de Janeiro; entre os seus privilegios sobresaïa a precedencia que tinha sobre todos os corpos do exercito, podendo seus officiaes entrar na sala do docel. Foi extincta pelo art. 22 da lei de 25 de Outubro de 1832.

E' egualmente datado de 1º de Dezembro o decreto, que manda substituir pela corôa imperial a corôa real que se acha sobreposta no escudo das armas. Esse escudo, creado pelo decreto de 18 de Septembro, consistia em uma esphera de ouro sobre uma cruz da Ordem de Christo, rodeada de dezenove estrellas, correspondentes ao numero das provincias, em que nessa epocha se dividia o Brasil. O escudo teve como remate a corôa imperial sustentada por dous ramos, um de cafeeiro, outro de tabaco.

No dia 10 de Novembro foi feita a entrega das bandeiras nacionaes ás fôrças da guarnição da Côrte.

No meio de todas as difficuldades com que luctava o Govèrno, uma das maiores era certamente a da campanha a emprehender para a inadiavel expulsão das tropas portuguezas, que ainda occupavam as provincias do Pará, Maranhão, Piauhi, Bahia e Cisplatina. Ao cabo de uma encarniçada lucta entre as fôrças imperiaes e os partidarios do governo portuguez,— depois de se haver derramado muito sangue em varios mortiferos combates, e commettido muitas atrocidades, tanto de um lado como de outro,— conseguiu o Govèrno no correr do anno de 1823 a completa sujeição do Norte do paiz ao regimen do Imperio. Causou esta noticia, na provincia cisplatina, o mais favoravel effeito. D. Alvaro da Costa de Sousa de Macedo, — que, á frente de 4.000 homens, se entrincheirára em Montevidéo, resistindo por dezesepte mezes ao sitio posto pelo general Lecór (visconde da Laguna)— reconhecendo, enfim, a nenhuma vantagem em perseverar na defesa do unico ponto, que no continente americano ainda obedecia ao govêrno portuguez, capitulou a 18 de Novembro de 1823, embarcando para Lisbôa com a sua *Divisão de Voluntarios Reaes*.

Dos importantes actos officiaes publicados durante o anno de 1823 destacamos os seguintes: decreto de 9 de Janeiro, concedendo á Camara da cidade do Rio de Janeiro o tractamento de — Illustrissima —; carta imperial da mesma data, dando á mesma cidade o titulo de — Muito Leal e Heroica —; aviso de 20 de Fevereiro, auctorizando uma subscripção para um monumento commemorativo da Independencia do Imperio, no logar denominado *Ipiranga*; aviso de 23 de Abril, declarando o logar que, na sala do docel, competia ao cidadão que levava o estandarte do Illmo. Senado da Camara d'esta cidade; aviso de 30 de Julho, mandando libertar os escravos que serviram nas fileiras do exercito brasileiro contra as tropas portuguezas, na lucta da Independencia, na provincia da Bahia; lei de 20 de Outubro, dando nova forma ao govêrno das provincias, creando para cada uma d'ellas um presidente e um conselho; decreto de 12 de Novembro, dissolvendo a Assembléa Geral Legislativa e a Constituinte, e convocando outra (126). Havia a Assembléa dissolvida

(126) Apresentamos, como realmente interessante, esse famoso decreto, attentatorio aos direitos de uma Assembléa Constituinte, e fundado no falso pretexto de

inaugurado seus trabalhos no dia 3 de Maio; na occasião da dissolução foram presos os deputados José Bonifacio, Antonio Carlos, Martim Francisco, Montezuma, padre Belchior Pinheiro e José Joaquim da Rocha, os quaes nos ultimos dias de Novembro seguiram deportados para a Europa, fixando-se-lhes a França como logar do exilio, e o porto do Havre como destino do brigue *Laconia*, em que tiveram de embarcar.

« A Providencia divina, diz Pereira da Silva, estabeleceu na terra a pena do talião, e não se emendam contudo as cousas do mundo. Pouco mais de um anno decorrêra desde que os Andradas preponderantes no paiz, haviam creado o precedente nocivo e injusto de prender discrecionariamente e deportar sem processo e nem sentença os seus adversarios politicos para fóra do Imperio. Andavam ainda por distantes plagas José Clemente Pereira e o general Nobrega, comendo o pão amargo do destêrro, e enviando á patria saudosos e pungidos queixumes. Gonçalves Ledo abrigava-se tambem ainda á protecção de Buenos-Ayres afim de escapar á vingança dos seus inimigos. Por muitos mezes tinham arrastado suas existencias no fundo dos carceres e fortalezas o conego Januario, o brigadeiro Muniz Barreto, Pedro José da Costa Barros, o padre José Antonio de Lessa e tantos outros Brasileiros de merecimento, reputados inimigos dos Andradas. Eram agora os Andradas punidos com pena identica, e tanto elles como seus adversarioss upportaram perseguições e castigos de certo injustissimos, porque só em erros

---

violação do juramento prestado ao imperador, que aliás não cumpriu a sua promessa de convocar outra Assembléa Constituinte : « Havendo eu convocado, como tinha direito de convocar, a Assembléa Geral Constituinte e Legislativa, por decreto de 3 de Junho do anno proximo passado, afim de salvar o Brasil dos perigos que lhe estavam imminentes, e havendo esta Assembléa perjurado ao tão solenne juramento que prestou á Nação de defender a integridade do Imperio, sua independencia e a minha dynastia : Hei por bem, como Imperador e Defensor Perpetuo do Brasil, dissolver a mesma Assembléa, e convocar já uma outra na fórma das instrucções feitas para a convocação d'esta, que agora acaba, a qual deverá trabalhar sôbre o projecto de Constituição que eu lhe hei de em breve apresentar, que será duplicadamente mais liberal do que o que a extincta Assembléa acaba de fazer. Os meus ministros e secretarios de Estado de todas as differentes repartições o tenham assim entendido, e façam executar a bem da salvação do Imperio. Paço, 12 de Novembro de 1823, segundo da Independencia e do Imperio.»

politicos, só em divergencias de opiniões, só em despeitos e odios particulares, talvez mais que em doutrinas e idéas, se cifravam as suas faltas, e repousavam os seus crimes apregoados. »

Por um outro decreto, datado egualmente de 12 de Novembro, foi creado um Conselho de Estado, sendo logo feita a nomeação de quatro membros que, junctamente com os seis ministros de Estado, deviam compôr essa alta instituição. Dissolvida a Constituinte, tractou o imperador de dar um Codigo Politico ao Brasil, visto como, — nem tendo podido entrar em discussão —, não lográra ser approvado o projecto apresentado pela commissão da Assembléa. Incumbiu portanto, no dia 26 de Novembro, ao Conselho de Estado, a redacção d'essa lei organica. Após haver sido elaborado com a mais louvavel diligencia, foi o notavel trabalho apresentado ao paiz por intermedio das Camaras Municipaes, que o approvaram, sendo, a 25 de Março de 1824, jurada, no Rio de Janeiro, a *Constituição Politica do Imperio do Brasil*, pelo imperador, imperatriz, ministerio, bispo, Camara Municipal e demais funccionarios publicos. Nesse anno, infelizmente, deu-se em Pernambuco o levante politico tendo por fim a proclamação da *Confederação do Equador* (127).

---

(127) O acto prepotente da dissolução da Constituinte por d. Pedro I profunda divergencia motivou entre elle e os cidadãos que pertenciam ao partido liberal. Pernambuco — onde ainda, desde 1817, pairavam idéas republicanas, deu o signal da resistencia revolucionaria, organizando, á 13 de Dezembro de 1823, um grande conselho de auctoridades e de pessoas gradas da provincia, convocado por Francisco de Paula Cavalcanti de Lacerda. Escolhido Manuel de Carvalho Paes de Andrade para governador interino, foi repellida a auctoridade do presidente Francisco Paes Barreto, nomeado pelo imperador. Era o começo da revolta de Pernambuco de 1824. A 2 de Julho publicou Manuel de Carvalho um manifesto e uma proclamação, convidando os povos de Pernambuco e das provincias circunvizinhas a fundar uma republica independente com o titulo de *Confederação do Equador*.

Jugulada a revolução pelo coronel Francisco de Lima e Silva que tomou e occupou as cidades de Recife e Olinda nos dias 12 e 17 de Septembro, instauraram-se processos contra os rebeldes, mandando o Governo estabelecer em Pernambuco e no Ceará *Commissões Militares*, que, de accôrdo com a carta imperial de 16 de Outubro de 1824, deviam julgar *breve, verbal e summarissimamente* os chefes e cabeças da rebellião. Dos processados pelos tribunaes ordinarios e pelas commissões militares, foram dezesepte condemnados á pena ultima, figurando entre os executados no Rio de Janeiro, em 1825, no largo da Prainha (hoje praça Vinte e Oito de Septembro), o celebre João Guilherme Ratcliff, portuguez emigrado havia um anno, e homem de muitos conhecimentos litera-

Os outros actos mais salientes do anno de 1825 foram os seguintes: alvará de 15 de Abril, concedendo á cidade de Montevidéo o titulo de — Imperial ; aviso de 6 de Julho, designando o Campo da Acclamação para a collocação da estatua equestre de S. M. o imperador, a qual o Senado da Camara pretendia mandar erigir ; tractado de 29 de Agosto, em virtude do qual foi por d. João VI reconhecida a independencia do Brasil (128) ; decreto de 10 de Dezembro, declarando a guerra ás Provincias Unidas do Rio da Prata (129). Nesse mesmo anno, a 2 de Dezembro, deu a

---

rios. — Outra victima da mallograda *Confederação do Equador* foi frei Joaquim do Amor Divino Caneca, que morreu fusilado em Pernambuco, atado a um dos postes da forca a que om andara subir a sentença da commissão militar. Só não foi enforcado por se não encontrar carrasco que se prestasse a executar a sentença, como se deprehende da seguinte certidão, que é ao mesmo tempo curioso ducumento historico: « Certifico que o réo Fr. Joaquim «do Amor Divino Caneca foi conduzido ao lugar da forca das Cinco Pontas, e ahi, pelas nove horas da manhã, padeceu morte natural em cumprimento da sentença da Commissão militar, que o julgou, depois de ser desautorado das Ordens, na igreja do Terço, na forma dos Sagrados Canones ; sendo atado a uma das hastes da forca foi fusilado de ordem do Exm. general e mais membros da dita Commissão, visto não poder ser enforcado pela desobediencia dos carrascos, do que tudo dou fé, sendo este acto presidido pelo vereador mais velho do Senado desta cidade, o Dr. Antonio José Alves Ferreira, arvorado em Juiz de Fóra.

Recife de Pernambuco, 13 de Janeiro de 1825.— O escrivão do crime da relação, *Miguel Archanjo Posthumo do Nascimento.*»

(128) Havendo os Estados Unidos da America do Norte reconhecido a independencia do Brasil, preparando-se para firmar tractados de commercio, comprehendeu d. João VI a quem até então havia repugnado acceitar a independencia do Imperio, que o melhor era pôr termo a indecisões capciosas e exigencias inexequiveis. Para tractar com d. Pedro, deu plenos poderes ao embaixador inglez Sir Charles Stuart, que, chegando ao Rio de Janeiro a 18 de Julho, entabolou com o governo brasileiro negociações que deram em resultado o tractado de 29 de Agosto de 1825, pelo qual reconheceu finalmente d. João a independencia do Brasil. Por uma convenção posteriormente feita, concedeu-se a Portugal dous milhões esterlinos a titulo de indemnização de todas e quaesquer reclamações, salvo as relativas ao transporte de tropas.

Levado a Portugal pela náu ingleza *Spartiate*, encontrou alli o tractado tão grande opposição, que não seria ratificado, si o ministro Jorge Canning não ameaçasse o governo portuguez de lhe retirar todo o seu apoio e protecção. — Eis o artigo I do celebre tractado: « S. M. F. reconhece o Brasil na categoria de imperio independente e separado dos reinos de Portugal e dos Algarves, e o seu sôbre todos muito amado e prezado filho d. Pedro por imperador, cedendo e transferindo de sua livre vontade a soberania do dicto imperio ao mesmo seu filho e seus legitimos successores. S. M. Fidelissima toma somente e reserva para sua pessoa o tituto de imperador.»

(129) Havendo o Congresso das Provincias-Unidas do Rio da Prata decretado na sessão de 25 de Outubro de 1825 a incorporação da Banda Oriental á Con-

Antigo paço da Illma. Camara Municipal do Rio de Janeiro, inaugurado em 1826

imperatriz d. Leopoldina á luz um menino, que foi baptizado no dia 9 com o nome de Pedro, realizando-se por tão auspicioso successo brilhantes festas em todo o Imperio ; e como houvesse fallecido, em 1822, com cêrca de um anno de edade, o infante d. João, recebeu o recem-nascido o titulo de *Principe Imperial* e foi mais tarde acclamado imperador do Brasil, sob o nome de d. Pedro II.

Tendo-se dado alguns tumultos na Bahia, e muito desejando o imperador vêr definitivamente firmada a ordem em todo o paiz, para aquella provincia partiu a 3 de Fevereiro de 1826 a bordo da nau *D. Pedro I*, no intuito de tentar com a sua presença alli restabelecer a tranquillidade publica. Havendo felizmente alcançado o collimado intento, regressou o monarcha ao Rio de Janeiro, onde aportou a 1 de Abril do mesmo anno.

A 16 de Abril creou o imperador a nova Ordem de *D. Pedro I, fundador do Imperio do Brasil*, cujas insignias distribuiu ás pessoas mais distinctas da Côrte, do Exercito e das duas Camaras.

A 26 do mesmo mez chegou por um navio mercante do Porto a noticia de haver, no dia 10 de Março, fallecido d. João VI na

---

federação, foi esta resolução immediatamente communicada á côrte do Brasil pelo ministro dos Negocios Extrangeiros da Republica, d. Manoel José Garcia. Apenas recebeu d. Pedro esta participação, publicou o decreto de 10 de Dezembro, no qual declarava guerra á Confederação, expondo em um manifesto os seus motivos, e apoiando os seus direitos á posse da provincia cisplatina.

Prolongou-se esta guerra até ao anno de 1828, quando, por mediação do diplomata inglez acreditado no Rio de Janeiro, tractaram os generaes Belcarce e Thomaz Guido (Julho de 1828) de firmar a paz com o govêrno imperial. Recusando o Brasil abandonar a provincia cisplatina, que as Provincias Unidas reclamavam como provincia sua, propoz o mediador que fosse aquelle territorio declarado independente de ambos os paizes, auctorizando-o a constituir um estado autonomo, e nomeando-se desde logo um chefe provisorio, enquanto uma assembléa de deputados não determinasse a forma de govêrno que lhe aprouvesse. Tendo afinal concordado todos nesta proposta, estipularam que tanto o Imperio como a Republica retirariam as suas tropas, deixando livre o paiz com a condição de apoiarem o govêrno legal, que alli se estabelecesse dentro de cinco annos. Assignado a 27 de Agosto de 1828, sob a garantia da Inglaterra, poz termo esse pacto a uma lucta, que ao Brasil custara cêrca de cincoenta mil contos de réis e a perda de uns oito mil soldados.— Livrés dos extrangeiros, reuniram os Orientaes um Congresso, que nomeou o general Rondeau para seu governador interino, e decretou uma constituição politica, dando ao Estado livre o nome de *Uruguai*.

capital do Reino (130). Dolorosa impressão causou o recebimento de tão infausta noticia, porquanto grandes sympathias entre nós havia deixado o velho monarcha pela brandura do seu character e a benignidade de seu coração. E grata na verdade nos deve ser a memoria de d. Jaão VI, o rei *Clemente*, que muito se dedicou ao Brasil, lhe foi util e desejou sê-lo ainda mais ; que o elevou á categoria de reino, e sempre manifestou a maior estima pelo nosso paiz. Restituido ao exercicio de seus plenos direitos magestaticos em Portugal, pensou d. João VI que poderia, de accordo e harmonia com d. Pedro de Alcantara, restaurar no Brasil a auctoridade da corôa portugueza, e terminar a guerra que lavrava entre os povos ermãos. Os seguintes topicos da carta dirigida a d. Pedro, do Paço da Bemposta, com data de 23 de Julho de 1823, eloquentemente exprimem os sentimentos, que nutria o monarcha em referencia ao Brasil : «Meu filho. Tempo é já de se pôr um termo ás funestas discordias que têm desunido os dous reinos de Portugal, e do Brasil, que tantos damnos têm causado aos seus habitantes, e que tão profundamente têm magoado o meu coração... Já enviei ordem para a immediata suspensão de hostilidades na Bahia ; removi todos os obstaculos que as côrtes oppuzeram á communicação reciproca dos dous reinos : conservo os exclusivos favoraveis ao commercio do Brasil: nem-uma alteração existe da minha parte, que possa fazer variar as anteriores relações dos Portuguezes de ambos os hemispherios, e espero que concorras da tua parte para ellas se restabelecerem promptamente em beneficio d'esses *bons povos que algum dia deves reger*, que muito nos merecem, cuja prosperidade

---

(130) D. João Maria José Luiz de Bragança, filho de d. Maria I, rainha de Portugal e de d. Pedro III, nasceu em Lisbôa a 13 de Maio de 1767 e falleceu a 10 de Março de 1825, na edade de 59 annos, tendo reinado pelo espaço de 34. Governou em nome da rainha sua mãe septe annos ; como regente dezesepte ; e como rei dez. Foi muito infeliz como rei, como esposo e como pae ; houvera sido um grande rei para outra épocha, porém não para os tempos calamitosos em que viveu. Em Portugal, depois que regressou do Brasil, viu as suas boas intenções sempre contrariadas por influencia das pessoas que o cercavam. Teve, porém, a satisfacção de ver que, apesar da sua ausencia, os Portuguezes salvaram a patria e o seu throno das garras de Napoleão, ganhando o antigo renome dos heroes que conquistaram Portugal aos Mouros e a Castella, e o engrandeceram nas cinco partes do mundo, obrando maravilhas taes, que até parecem fabulosas.

deve ser objecto dos nossos sacrificios... » Encontramos na *Consolidação das Leis e Posturas Municipaes* a seguinte interessante nota : « Desejando o Senado da Camara perpetuar a chegada da familia real ao Brasil, tractou de erigir a d. João VI um monumento, cujo risco se encontra nas Memorias do padre Luiz Gonsalves dos Santos... O principe d. João declinou da honraria, ordenando que as sommas arrecadadas em subscripção popular fossem antes applicadas á instrucção publica. Esse exemplo foi, mais de meio seculo depois, repetido por seu neto d. Pedro II, que por sua vez recusou uma estatua, pedindo em vez d'ella escholas para o povo ».

Em cumprimento das ordens do finado monarcha veio ao Rio de Janeiro uma deputação composta do duque de Lafões, do arcebispo de Lacedemonia, e do juiz de fóra de Coruche, especialmente para felicitar o imperador sôbre a sua elevação ao throno de Portugal, com o titulo de d. Pedro IV. Convocou d. Pedro o seu Conselho, e, depois de ouvido o seu parecer, resolveu ceder a corôa de Portugal á sua filha d. Maria da Gloria, princeza do Grã-Pará, o que fez por uma declaração solenne datada de 2 de Maio; havendo, a 29 de Abril, publicado uma Carta Constitucional outorgada á nação portugueza.

Desejando estimular as tropas empenhadas na lucta contra os Argentinos e dar mais actividade ás operações da guerra, partiu o imperador para o Sul, no dia 24 de Novembro d'esse mesmo anno ; recebendo, porém, communicação official do fallecimento, na Côrte, a 11 de Dezembro, da imperatriz d. Maria Leopoldina, passou o commando do exercito ao marquez de Barbacena, e voltou para o Rio de Janeiro, onde entrou a 15 de Janeiro de 1827.

Afim de evitar á mocidade estudiosa do Brasil a obrigação de recorrer á Universidade de Coimbra, mandou a carta de lei de 11 de Agosto de 1827 crear dous cursos de Sciencias Juridicas e Sociaes, sendo um em Olinda e outro em S. Paulo. O de S. Paulo foi inaugurado a 1 de Março de 1828, e o de Olinda a 15 de Maio do mesmo anno. Pouco depois appareceu a lei de 15 de Outubro de 1827, mandando abrir escholas publicas de pri-

meiras lettras em todas as cidades, villas e logares mais populosos do Imperio.

Em virtude da lei de 15 de Novembro foi creada a Caixa Geral de Amortização, que funccionou na antiga casa da Provedoria da Fazenda, outr'ora residencia dos governadores. Creada a Real Juncta de Fazenda em 16 de Agosto de 1760, estabeleceu-se na Casa da Provedoria, e para ahi veio o Erario instituido em 28 de Junho de 1808. « Na antiga casa dos governadores, diz a citada *Consolidação,* residiu dez annos o conde de Bobadella ; mas, não julgando esse edificio digno da primeira auctoridade da colonia, tractou de construir, em 1743, no então largo do Carmo, um palacio para os governadores. Erguido o paço, nelle morou 19 annos e ahi falleceu. O Erario foi transferido em 1815 para o edificio da rua do Sacramento (hoje Avenida Passos), onde se acha o Thesouro Nacional ».

No dia 11 de Junho de 1828 deu-se a sublevação dos corpos militares de Allemães e Irlandezes ao serviço do Brasil, aquartelados os primeiros em S. Christovam e na praia Vermelha e os ultimos no Campo da Acclamação. Em serios embaraços viu-se o ministro da Guerra, Bento Barroso Pereira, para dominar esse motim militar, que trouxe, durante algumas horas, verdadeiramente alarmada a população da Côrte. Afinal, as forças milicianas, o corpo de artilharia e o de policia, assim como o proprio povo puderam bater os sediciosos que, na madrugada do dia 12, entregaram-se á discreção, depois de terem deixado para mais de 100 mortos.

Commandando uma nau e duas fragatas, apresentou-se no porto do Rio de Janeiro no dia 6 de Julho o contra-almirante francez Roussin, exigindo, de morrões accesos, immediata restituição das embarcações francezas tomadas no Rio da Prata e uma indemnização por perdas e damnos. Satisfeito logo quanto ao primeiro ponto, combinaram os negociadores,— marquez de Aracati e marquez de Gabriac,—no dia 21 de Agosto, que, até ao fim de 1829, se liquidariam as indemnizações pedidas pelos subditos francezes (131).

---

(131) Conquanto diversos deputados e o povo em geral tivessem pretendido que se obrigasse a esquadra, até com a força, a saïr do porto antes de entabolar

Com a data de 18 de Septembro de 1828 foi publicada a carta de lei creando o Supremo Tribunal de Justiça, conforme a disposição do art. 163 da Constituição do Imperio.

A 16 de Outubro de 1829 chegou ao Rio de Janeiro, — trazendo em sua companhia a rainha de Portugal d. Maria II (132) — a princeza d. Amelia Augusta, duqueza de Leuchtenberg, segunda esposa de d. Pedro I, nascida em 1812 do matrimonio do principe Eugenio de Beauharnais com a princeza Amelia, ermã do rei Luiz I de Baviera. Logo depois de haver o marquez de Barbacena effectuado o contracto nupcial e o consequente casamento por procuração, seguiu d. Amelia para Ostende e de lá para Plymouth, onde a esperavam as duas fragatas brasileiras *Imperatriz* e *D. Francisca*. Em uma d'ellas, junctamente com a rainha de Portugal, embarcaram, no dia 30 de Agosto, a noiva e seu ermão, o jovem principe de Leuchtenberg; na outra entraram todos os da comitiva e o marquez de Barbacena. Lançada aos augustos nubentes a benção matrimonial, houve, por tão faustoso successo na Côrte, grandes festejos que se prolongaram durante nove dias, instituindo d. Pedro nessa occasião, por decreto de 17 de Ou-

---

qualquer negociação, a Camara, todavia, não suscitou nenhuma opposição ao acto e ao proceder do Govêrno. (P. RAPHAEL GALANTI. *ob. cit.)*

(132) Abdicara D. Pedro a corôa de Portugal em sua filha menor d. Maria da Gloria, impondo, como condição—para ser ulteriormente realizado—o casamento da princeza com seu tio, o infante d. Miguel de Bragança, que governaria o Reino como logar-tenente até a maioridade da rainha. Simulando acceitar essa combinação, para mais facilmente se apoderar da corôa, d. Miguel, depois de haver jurado a Constituição, 26 de Março de 1828, dissolveu a Camara dos Deputados, procedeu á convocação dos Tres Estados, cuja assembléa abriu a 22 de Junho, e fez-se proclamar rei absoluto, 15 de Julho. Recebendo d. Pedro a noticia da dissolução da Camara dos Deputados Portuguezes, deliberou mandar sua filha para a Europa, acompanhada pelo marquez de Barbacena, 5 de Julho, afim de ser confiada ao imperador Francisco I da Austria, avô materno da mesma rainha, esperando que este obrigaria o infante a executar suas promessas e juramentos. Chegando a Gibraltar, e sendo ahi pelo consul brasileiro informado de que em Portugal reinava de facto d. Miguel, resolveu Barbacena levar para a Inglaterra a mesma augusta senhora, e entrega-la á protecção de Sua Majestade Britannica. Não conseguindo porém a Inglaterra animadores resultados contra a usurpação de d. Miguel, ordenou d. Pedro I que sua filha voltasse para o Brasil em companhia da princeza d. Amelia de Leuchtenberg, que vinha ao Rio de Janeiro contrahir nupcias com elle, em virtude do que fôra na Europa ajustado pelo marquez de Barbacena.

tubro, a *Imperial Ordem da Rosa*, civil e militar, cujas insignias foram conferidas a grande numero de pessoas.

Em circunstancias assaz embaraçosas achava-se d. Pedro com a chegada de d. Maria II ao Rio de Janeiro, porque, si por um lado, como pae, corria-lhe restricta obrigação de sustentar os direitos da rainha sua filha, reconhecia por outro, que a defesa desses direitos tendiam a arrastar o Brasil a uma intervenção em negocios internos de Portugal, e a consideraveis dispendios para coadjuvar aos que se declaravam contra a usurpação de d. Miguel. A questão dos emigrados portuguezes,— calorosamente debatida no Parlamento por oradores da fôrça de Bernardo Pereira de Vasconcellos e Lino Coutinho, e na imprensa por numerosos periodicos que então appareceram e sobretudo pela *Aurora Fluminense* (133), fundada e brilhantemente redigida por Evaristo Ferreira da Veiga,— veiu augmentar as difficuldades, com que já luctava o imperador para enfrentar a crise politica, em que via periclitar a sua corôa.

Para mais excitar o enthusiasmo dos opposicionistas aqui se divulgaram as noticias da revolução de Julho, occorrida em Paris, a qual havia feito baquear o throno de Carlos X: a exaltação dos animos propagou-se rapidamente em diversas provincias, e, no Rio de Janeiro, tractou a opinião publica, por todos os meios,

---

(133) « Em 1826, um francez, Emilio Seignot Plancher, estabelecido com uma typographia á rua do Ouvidor, publicou o *Spectador Brasileiro*. Dezesete mezes depois, em 1º de Outubro de 1827, passava o *Spectador Brasileiro* a denominar-se *Jornal do Commercio*, ainda hoje existente, como o primeiro e mais consideravel dos jornaes brasileiros, e o segundo decano do nosso jornalismo, pois, sómente como *Jornal do Commercio*, conta 73 annos, ou 74, contando-se-lhe o tempo em que se denominava ainda *Spectador*.

« No mesmo anno da publicação do *Jornal do Commercio* existiam no Rio cinco typographias e onze jornaes, dos quaes merecem especial menção pela parte que tomaram nos acontecimentos do tempo: o *Malagueta*, a *Astréa* e sôbre todos a *Aurora Fluminense*. A *Aurora* saïu primeiro da typographia do *Diario do Rio de Janeiro*, em Dezembro de 1827. No anno seguinte, Evaristo Ferreira da Veiga, patriota enthusiasta, livreiro, espirito feito na leitura dos publicistas liberaes da Europa, tomou a direcção e a redacção não só principal mas exclusiva da folha, fazendo d'ella o jornal de mais influencia e auctoridade, que talvez jámais houvesse no Brasil. Póde-se dizer sem exaggêro que foi consideravel a parte de Evaristo da Veiga e do seu jornal nos acontecimentos politicos da epocha, principalmente nos de 7 de Abril, e do primeiro periodo regencial (1828-1835).» (José Verissimo — *A Imprensa*, do « Livro do Quarto Centenario do Descobrimento do Brasil ».)

de instigar contra o Governo a hostilidade da Camara dos Deputados, que a 17 de Novembro de 1830 já tinha recorrido ao expediente da sua fusão com a do Senado.

Julgando conseguir ainda com a sua presença serenar a agitação, que já se notava na provincia de Minas, para alli partiu d. Pedro a 30 de Dezembro, levando em sua companhia a imperatriz e uma grande comitiva, na qual sobresaïa o ministro do Imperio José Antonio da Silva Maia que, apesar de mui distincto jurisconsulto, tinha contra si as mais fortes antipathias politicas. Friamente acolhido pelas povoações por onde passava, infeliz na sua proclamação de 22 de Fevereiro de 1831, em Ouro Preto, desenganado sôbre a reeleição do seu ministro do Imperio derrotado na votação eleitoral, desilludido pelo rapido progresso francamente accentuado na exaltação das idéas, — triste e apprehensivo, regressou d. Pedro para o Rio de Janeiro, onde o aguardavam acontecimentos da mais transcendente monta. Quizeram muitos cidadãos portuguezes e brasileiros adoptivos solennizar com ruidosos festejos, durante alguns dias, a volta do imperador ao paço de S. Christovam, 11 de Março, — enquanto que os nacionaes conservaram-se indifferentes. Nas primeiras noites as luminarias e festejos foram apenas interrompidos por animadas discussões, ameaças e rixas entre nacionaes e Portuguezes; mas, nas noites de 13 e 14 de Março, — *noites das garrafadas*, — houve serios conflictos em diversas ruas, especialmente nas da Quitanda, Rosario e Hospicio.

Depois das scenas tumultuosas que se deram nessas noites, 23 deputados e o senador Vergueiro reuniram-se em casa do deputado por Minas, padre José Custodio Dias, na rua da Ajuda, e ahi confiaram á redacção de Evaristo da Veiga uma representação ao Govêrno contra o procedimento dos Portuguezes, pedindo uma desaffronta para os brios nacionaes. Não tomou o Govêrno as providencias que o caso exigia, desgostando ainda mais os exaltados que entregaram-se com maior ardor á propaganda da « Federação ». No dia 20 de Março, modificou o imperador o Conselho de Ministros, julgando mais acertado confiar as differentes pastas a

Brasileiros natos e de prestigio, que pudessem dominar as circunstancias; o novo ministerio, porém, não satisfez ao partido liberal exaltado, e não teve a precisa energia para conter a marcha da revolução, que rapidamente se approximava.

Em uma solennidade religiosa, a que assistiam os patriotas na egreja de S. Francisco de Paula, para commemorar o anniversario do juramento da Constituição, 25 de Março, e para suffragar tambem a alma do dr. Badaró, assassinado em S. Paulo e considerado martyr da causa liberal, entrando d. Pedro no templo para assistir á festa, embora sem convite, foi recebido com vivas *enquanto constitucional.* — « Fui, sou e serei sempre constitucional », respondeu elle, enfrentando a multidão.— Aos vivas dados a d. Pedro II, retorquiu : « Ainda é muito creança ». E d'este modo se aggravava a situação de dia para dia, quando, para ainda mais comprometter a sua causa, demittiu d. Pedro o ministerio recentemente organizado, e o substituiu, no dia 5 de Abril, por um outro completamente da *facção aulica*. Similhante mudança ministerial foi no dia 6 recebida pela população brasileira com as mais vehementes demonstrações de protestos : pouco a pouco se foi o povo reunindo no Campo da Acclamação ; depois de uma hora da tarde, cêrca de 2.000 pessoas alli se achavam agglomeradas. Uma deputação composta de tres juizes de paz foi levar uma representação verbal ao imperador, pedindo a demissão do ministerio de 5 de Abril e a reintegração do anterior. D. Pedro, depois de algumas phrases em resposta, mantendo o seu direito constitucional de escolher livremente os seus ministros, terminou declarando que « estava prompto a fazer tudo para o povo, nada porém pelo povo ».

Transmittida essa resposta á multidão anxiosa, ainda mais se exacerbaram os animos. Declarou-se abertamente a revolução, collocando-se ao lado do povo as tropas commandadas pelo brigadeiro Francisco de Lima e Silva.

Depois de algumas horas de indecisão, vendo o aspecto ameaçador que apresentavam os acontecimentos, tomou d. Pedro uma resolução extrema : tendo conferenciado com os ministros da Ingla-

Palacio da Quinta da Boa-Vista desde 1808 até 1831

(Vistas da obra de Debret, «Voyage pittoresque au Brésil»)

terra e da França sòbre os meios que lhe poderiam fornecer para retirar-se do Brasil, entregou ás duas horas da madrugada um documento ao major Miguel de Frias, dizendo-lhe : « Aqui tem a minha abdicação. Estimarei que sejam felizes. Eu retiro-me para a Europa e deixo um paiz que sempre amei, e que amo ainda ». A abdicação era assim concebida :

« Usando do direito que a Constituição me concede, declaro que hei mui voluntariamente abdicado na pessoa de meu muito amado filho o Sr. D. Pedro de Alcantara.— Boa Vista, 7 de Abril de 1831. »

Ao romper do dia, embarcando no *caes da Igrejinha*, em São Christovam, transportou-se para bordo da nau ingleza *Warspite*, levando em sua companhia a imperatriz, a rainha d. Maria II, o duque de Leuchtenberg, o duque e a duqueza de Loulé, e a comitiva dos criados da sua casa.

Extraordinaria surpreza causou a abdicação de d. Pedro I, annunciada ás 4 1/2 horas da manhã do dia 7 de Abril de 1831, no Campo da Acclamação ! . . . Alcançavam os revolucionarios muito mais do que haviam pedido (134) : em vez da demissão do ministerio, dava o imperador a sua propria demissão, *abdicando*, e esperando que o paiz, satisfeito com essa prova de magnanimidade da sua parte, amparasse a infancia de d. Pedro de Alcantara e se lhe conservasse fiel. Para tutor de seus filhos, que aqui deixava (d. Pedro II e as princezas d. Januaria, d. Francisca e d. Paula), nomeou d. Pedro I ao venerando José Bonifacio de Andrada e

---

(134) « . . . A maior decepção de todas, porém, foi a da Nação. A abdicação tinha-a profundamente surprehendido, quando ella esperava do imperador somente uma mudança de ministerio ou antes o abandono de uma camarilha que lhe era suspeita. Os espiritos não se tinham preparado para a solução que não anteviam, e como sempre acontece com os movimentos que tomam o paiz de surpreza e vão além do que se desejava, as esperanças tornaram-se excessivas, os espiritos abalados pelo choque exaltaram-se, e deu-se então este facto que não é nada singular nas revoluções: os mais ardentes revolucionarios tiveram que voltar, a toda pressão e sob a inspiração do momento, a machina para traz e para impedi-la de precipitar-se com a velocidade adquirida. Foi esse o papel de Evaristo sustentando a todo transe a monarchia constitucional contra os seus alliados da vespera. . . Foi essa posição do partido moderado que governou de 1831 a 1837 e que salvou a sociedade da ruina é certo, mas da ruina que elle mesmo lhe preparou. » JOAQUIM NABUCO — *Um Estadista do Imperio.*)

Silva. « Foi, escreve Pereira da Silva, uma prova espantosa de ingratidão que achou na hora da desgraça, que, dentre todos aquelles que havia beneficiado e enriquecido, se visse obrigado a aproveitar-se do ancião que, em outro tempo, havia tractado com tanta crueldade. »

No dia 13 seguiram para a Europa, na fragata ingleza *Volage*, d. Pedro I, a imperatriz e o duque de Leuchtenberg; e, na fragata franceza *La Seine*, d. Maria II, com o duque e a duqueza de Loulé.

Inopinadamente terminou o reinado de d. Pedro I. Digno é certamente o primeiro imperador da admiração e respeito dos Brasileiros, não só por haver promovido com todos os exforços a independencia do Brasil, como por haver dado prova incontestavel de lealdade politica e patriotico desprendimento quando, abdicando a corôa de Portugal, demonstrou de modo cabal não cogitar absolutamente em de novo subordinar ao reino lusitano o paiz de que fizera um imperio e de que, com tanto enthusiasmo, fôra declarado *Defensor Perpetuo* — « por acclamação unanime dos povos ».

Reconhecida a independencia do Imperio, tractaram os Brasileiros da erecção de uma estatua em homenagem ao principe que, em tão gloriosa phase, presidira aos destinos do paiz. A marcha que então seguiu a politica, os acontecimentos occorridos em Abril de 1831, e o estado sedicioso e anormal da nação depois d'esse anno de crise e transformação social, fizeram adormecer a generosa idéa de perpetuar-se no bronze a memoria do benemerito fundador do Imperio.

Só a 30 de Março de 1862 foi inaugurado o primoroso monumento da praça da Constituição (hoje Tiradentes). Entre as muitas poesias que naquelle dia appareceram, houve uma do dr. José Bonifacio de Andrada e Silva, da qual destacamos os seguintes versos:

....

« Que vida foi a tua, heróe valente,
De povos dous libertador soldado!
Quem póde erguer um hymno alevantado
Igual de tanta gloria e tam ingente?!
Teu nome é um sec'lo — não precisa um hymno. . .
Não morrem sec'los, não! — é teu destino! »

....

Durante esse agitadissimo periodo historico, — que abrange cêrca de dez annos, em cujo decurso se deram eventos politicos de transcendente influencia na vida nacional, os quaes determinaram actos da maxima relevancia para a estabilidade das instituições do nascente Imperio, — pouco augmento se notou na cidade do Rio de Janeiro. A frequencia dos factos imprevistos, a rapidez com que se succediam os acontecimentos sensacionaes, não puderam dar ensejo a d. Pedro I de proseguir na grande obra — com tanto brilho emprehendida pelo conde de Bobadella, com tão louvavel empenho continuada pelos vice-reis, e ampliada com verdadeira dedicação por d. João VI, — de desenvolver e embellezar a capital do Brasil.

Estava esse nobre commetimento reservado a seu augusto filho d. Pedro II, que não cessou, no correr do seu extenso, laborioso e proficou reinado, de preoccupar-se com o progresso da cidade do Rio de Janeiro, dotando-a de muitos dos bellos e uteis monumentos que hoje admiramos. E, ainda neste particular, imitando a seu illustre avô, attrahiu a esta capital distinctos profissionaes e artistas celebres, que aqui deixaram eloquentes testimunhos dos seus notaveis trabalhos ou dos seus sabios ensinamentos.

HADDOCK LOBO

(TRAÇOS BIOGRAPHICOS)

POR

Noronha Santos

SOCIO EFFECTIVO DO INSTITUTO

Dr. Roberto Jorge Haddock Lobo,
nascido a 19 de fevereiro de 1817 em Cascaes
(Portugal) e fallecido no Rio de Janeiro
a 30 de dezembro de 1869

HADDOCK LOBO

(TRAÇOS BIOGRAPHICOS)

E' em trabalhos utilitarios e perseverantes de intellectuaes que se póde estudar e rebuscar a origem de certas questões sociaes, bem assim submette-las á ordem analytica, para exemplificar individualidades, cujos nomes definem o aspecto de uma epocha.

No cadinho das luctas e rusgas do partidarismo demolidor, em que o choque de ambições e o interesse de corrilhos intolerantes movem cousas e pessoas, o merito parece ephemero e nunca se terá julgado com justiça da obra dos protagonistas em evidencia. Mas o que quasi sempre acontece com os vencedores da politica jámais succede com os grandes homens da Patria. Para estes a lembrança historica edifica o culto civico á memoria do Passado.

E' desses raros homens o vulto, que tem seu nome a epigraphar estas linhas.

Dignificado por alevantados meritos, Roberto Jorge Haddock Lobo se tornou credor da homenagem de carinhoso apreço, que vimos render nos traços biographicos, qual divida retardada da terra carioca ao grande espirito, que muito fez em pról do estudo de suas questões historicas.

Entre os primazes que investigaram documentos administrativos de nossos maiores ninguem o póde exceder. Seu immorredouro nome está ligado ás tradições desta amada cidade e á opulentissima vida municipal. Em livros que consagram minuciosas pa-

ginas á conquista do territorio, destacando a verdade historica; em]chronicas de jornaes e revistas, que attestam nosso caminhar, e, melhor ainda, no monumento de saber e esfôrço a que denominou — *Tombo das Terras Municipaes*, o investigador illustre vive e revive através dos tempos.

Maior se torna e resurge, entretanto, a figura de estudioso pela grandeza extraordinaria do patrimonio da cidade do Rio de Janeiro, si attendermos á sua condição de extrangeiro.

Nascido a 19 de Fevereiro de 1817 na antiga villa de Cascale, dos tempos romanos, e á qual pertence hoje essa pittoresca freguezia de Nossa Senhora d'Assumpção de Cascaes, comarca de Cintra, — tão afamada e conhecida estação balnearia da sociedade lisboeta, — Haddock Lobo, desde os primeiros passos da infancia, se revelou dedicado amigo das lettras, a ponto de se distinguir no numero de seus condiscipulos por uma intelligencia de escól, subordinando taes predicados ás mais nobres virtudes de espirito.

Foi certamente alli, onde a tradição romanesca da peninsula iberica vive n'alma simples e boa do povo, que se lhe abriram os olhos de meridional ás manhãs perfumadas e aos luares clarissimos da primavera. Cresceu ouvindo ternas cantilenas de fados e a musica saltitante das guitarras, e em seu cerebro de criança guardou — quem sabe! — a recordação dessas trovas alegres, que estão sempre a entoar louvores á natureza e á luz acariciadora das terras de Portugal...

Um dia a seductora noticia do Brasil portentoso chegára-lhe aos ouvidos e, sem que tivesse necessidade de procurar abrigo em terra extranha, elle deixou a casa onde morára, para noutras plagas seguir novos caminhos, dizer a mesma linguagem da gente portugueza, mas sem ver o mesmo céo sob o qual nascera.

Daquelle out'ora humilde villarejo, reducto que foi ao tempo dos defensores contra as escaramuças do duque d'Alba, recordou o passado; reviu, talvez, cheio de saudade — a terra pequenina em que no meiado do seculo ergueriam o pharol da Guia, á borda do oceano revolto, como a indicar a rota aos navegantes e a dominar

altaneiro sesmarias e lavoiras do tempo de d. Affonso Henriques e d. Manuel.

Chegou ao Brasil justamente na epocha ardorosa dos combates, independentes em que o nacionalismo bem comprehendido e bem opportuno saïa das pugnas patrioticas do primeiro reinado, a desafiar velharias do regime colonial.

Formou entre nós seu espirito; aprendeu com os mestres da palavra escripta a transmittir as luzes, que lhe incendiaram o cerebro de trabalhador. Matriculou-se na Academia de Medicina do Rio de Janeiro e, em curto prazo, conquistou o grau de doutor em medicina, apresentando em 1842 á congregação a these « Dissertação ácerca do tumor e da fistula lacrimal ».

Entrou, depois, para o commercio, tendo alcançado posição vantajosa, como negociante matriculado, e no circulo de suas relações de homem de negocios nunca se descuidou de estudar e accompanhar o progresso, que se operava em todo o mundo culto. Sobrava-lhe, apesar dos affazeres commerciaes, tempo para attender ás pesquisas scientificas e historicas.

Exerceu cargos publicos e de distincção litteraria e scientifica. Foi delegado da Inspectoria da Instrucção Publica da Côrte na freguezia do Engenho Velho, sub-delegado de policia, juiz de paz nessa mesma freguezia; e membro da Imperial Academia de Medicina, socio da Sociedade Auxiliadora da Industria Nacional e de outras instituições.

Em 1846 publicou « *Necrologia da Cidade do Rio de Janeiro* », sob o criterio com que então se estudavam os processos de estatistica, mas que certamente muito se recommendavam. Na *Necrologia* de Haddok Lobo ha muito que aprender, tendo-se sobretudo em vista que foi uma das primeiras publicações sôbre Demographia sanitaria no Brasil.

Trabalhava sem descanso, escrevendo e lendo, e sua admiravel capacidade de trabalho se extendia a variados ramos de estudos. Era um dispersivo, destes raros que têm tempo para se subdividirem nas lides politicas, litterarias e scientificas. Ao mesmo tempo que submettia á Imperial Academia de Medicina o trabalho

« Cura do tetano traumatico pelo tartaro emetico em alta dóse », resultado da sua experiencia clinica, collaborava assiduamente na commissão encarregada de erigir estatua equestre ao primeiro imperador. Nesta commissão teve ensejo de, como secretario, esmerilhar papeis que se amontoavam desde 1825 e de deixar no Archivo Municipal a prova irrefragavel do muito que fez, dirigindo-se a todos aquelles que o podiam auxiliar na tarefa patriotica de se erguer um monumento ao fundador do imperio. Notas bem preciosas a respeito da estatua de d. Pedro I, e dos exforços empregados por Haddock Lobo na commissão de que era secretario, fazem parte do archivo particular do illustre jornalista sr. Luiz Jordão, neto do general Polydoro, visconde de Sancta Theresa. Em 1862, o historiador das terras da cidade publicou excellente trabalho, dedicado ao imperador d. Pedro II e referente á estatua equestre do primeiro imperante.

Na quarta operação censitaria mandada organizar em 1849 pelo conselheiro Eusebio de Queiroz, ministro da Justiça, coube ao dr. Roberto Jorge Haddock Lobo a direcção do recenceamento do antigo Municipio Neutro.

Dos recenseamentos havidos até aquella epocha, diz um contemporaneo — um, é certo, o de 1849, foi dirigido com toda dedicação, embora sem grande exito, por um homem cujo nome se acha indissoluvelmente ligado á historia da mais importante Municipalidade deste paiz. Mas, além de que só depois daquella data entrou o dr. Haddock Lobo a fazer parte da Camara Municipal, a investidura que lhe dera o encargo de tão espinhosa commissão emanara, não da pasta do Imperio, que superintendia então os negocios locaes, mas sim do Ministerio da Justiça — o que revela a natureza, antes policial, dessa tentativa censitaria, sinão em sua execução, ao menos nos intuitos que a determinaram.

O resultado do recenseamento de 1849, com dez mappas correspondentes a egual numero de freguezias da cidade do Rio de Janeiro e um mappa geral, seguido de considerações sôbre a operação censitaria e a utilidade deste importante serviço publico, foi em parte publicado, com acquiescencia do seu auctor, no « Alma-

nack Laemmert », de 1851, e, segundo Sacramento Blake (« Diccionario Bibliographico Brasileiro ») o original deste trabalho, — deveras interessante e utilissimo — está na Bibliotheca Nacional.

Além dessa messe de exforços que comprovam o valor e a perseverança de Haddock Lobo, publicou na revista « Annaes Brasilienses de Medicina » : *Bosquejo historico e philosophico ácerca da cirurgia ; Resultado da clinica particular do Dr. R. J. Haddock Lobo, durante o tempo da epidemia de febre amarella que grassou no Engenho Velho ; Hygiene Official — Projecto de lei e creação de um hospital militar.*

Fazendo parte do partido conservador, do qual foi um dos mais dignos partidarios, elegeram-no seus correligionarios ao cargo de vereador da Illustrissima Camara Municipal. Foi nesta funcção publica que melhores e mais assignalados serviços prestou á cidade, cabendo-lhe a honra de ter conseguido a inauguração do systema de calçamentos a parallelepipedos. Vereador nos quadriennios de 1853-1856, 1857-1860 e 1861-1864, cumpriu rigorosamente com os deveres de seu cargo : estudou a vida municipal, viu de perto suas necessidades, obtendo sempre, mesmo no mais acceso momento das luctas eleitoraes, significativas provas de estima, não só de amigos politicos como de adversarios ou extranhos a luctas partidarias. Em recompensa de serviços gratuitos prestados ao paiz, na clinica e em cargos de representação popular, foi-lhe dada a commenda da Ordem de Christo e o officialato da Ordem da Rosa.

Reconhecidos á sua proveitosa administração na Camara Municipal, habitantes de S. Christovam e do Engenho Velho offertaram-lhe artistico quadro, com retrato a oleo, do pincél de Vicente Mallio. Sua familia guardou por muito tempo, com grande amor, essa bellissima recordação, mas a pedido da Directoria do Tombamento Municipal, decorrido muitos annos da morte do illustre historiador, o dr. Haddock Lobo filho (fallecido recentemente em Teresopolis) fez doação daquelle quadro á alludida repartição da Municipalidade. Ainda se vê na Directoria do Patrimonio Municipal, na sala de expediente, a figura varonil, como se estivesse a presidir a repartição que fundou, enriquecendo-a de do-

cumentos valiosos. Si um dia tempo, que tudo destróe, consumir o trabalho pictural, restará a tradição, que dirá do motivo da nomeada do operoso investigador, realçando-lhe a memoria e o afanoso exfôrço para levar a effeito a sua obra immorredoura.

O destaque maximo da vida de Haddock Lobo se assignala sem dúvida com a publicação do *Tombo das Terras Municipaes*. Em 1864 fazia elle publicar esse trabalho, com 246 paginas, in 4°. Começada em 1863 a impressão da obra, para a qual fôram reunidos subsidios numa série de pesquisas e estudos, Haddock Lobo tomou a seus hombros o herculeo trabalho de muitas gerações. Antes delle, Pizarro e Silva Lisboa haviam tentado coordenar informações historicas detalhadas sôbre as terras da cidade, e a escassez de tempo os fez desviar do que melhor poderia servir ao estudo do territorio.

O historiador do *Tombo* teve que abordar todas as fontes de consultas, que elucidariam seu trabalho, e as questões suscitadas, as duvidas oppostas, elle as esclareceu, levando a todos a certeza, abrindo uma clareira nos pontos mais obscuros da pesquisa e concorrendo sobremodo para augmentar a renda municipal dos fóros seculares.

Seu preliminar interesse foi conhecer dos limites da propriedade a inventariar e quaes os legitimos titulos em que se firmava; em seguida, separou todos os livros, todos os documentos esparsos encontrados no Archivo Municipal, com referencia á materia. Depois de os ter lido e coordenado convenientemente, foi discriminando epochas e concessões, obedecendo á ordem chronologica e ás exigencias de consulta. Pouco a pouco ia verificando dúvidas, quanto ás differentes quadras ou grandes aforamentos anteriores ao alvará de 10 de Abril de 1810.

Do methodo, criterio e paciencia que fôram necessarios para lidar com manuscriptos, seleccionando-os, ajustando detalhes, organizando a prova historica, ninguem póde fazer idéa exacta; e num verdadeiro cháos, que era o Archivo Municipal, venceu impecilhos que se afiguravam insuperaveis: sobretudo, para decifrar centena de escriptos — provisões, cartas de ordem de sesmarias e

registos — datados de duzentos annos, num cursivo arrevesado e as mais das vezes pessimamente redigidos, com lettra quasi apagada pela incuria dos tempos, e noutros pontos destruidos pela traça e pelo cupim.

Com o intuito de amparar seu trabalho de sinões, procurou lêr documentos particulares; percorreu cartorios de tabelliães, para confrontar escripturas antigas; foi á Recebedoria do Municipio para verificar os lançamentos do imposto predial e livros de transmissão de propriedade e, em estafantes caminhadas, visitou arrabaldes, viu a transformação topographica que se extendia a Catumbi, Rio Comprido, Sancta Teresa, Cattete, Laranjeiras, Botafogo, Copacabana e Gavea.

Rarissimos papeis sôbre aforamentos municipaes ou religiosos — existentes no deposito, que outra cousa não era o Archivo Municipal — deixaram de passar por suas mãos; sob seus olhos viu um labyrintho de notas, provisões, alvarás e cartas régias que constituem o inventario dos seculos, de Mem de Sá até o segundo reinado. Tudo annotou e de tudo decidiu. Serviram de base a outras pesquisas as notas por elle deixadas no Patrimonio Municipal, dellas se encarregando Innocencio da Rocha Maciel, funccionario do Tombamento e posteriormente contador da Illustrissima Camara Municipal.

Roberto Jorge Haddock Lobo abriu horizontes illimitados á historia da cidade do Rio de Janeiro; venceu a inveja pequenina de alguns criticos improductivos, legando ás novas gerações a gloria de seu nome benemerito e para sempre relembrado.

« Mas venci » — elle bem o disse : — « porque o capricho e a tenacidade me deram fôrça de vontade para superar todos aquelles incommodos ».

A' obra gigantesca em defesa da propriedade conferida por sesmarias coloniaes — alliou o illustre cidadão dedicado amôr ás cousas da cidade, da qual foi enthusiasta pregoeiro do seu progresso, quer administrando, quer distinguindo-se como historiador do patrimonio territorial da Capitania do Rio de Janeiro. A tudo isto junctou methodo e clareza, como seguro orientador a todos que

se abalançam ao exame das questões de terras da Cidade e, ao mesmo tempo, offereceu excellente repositorio do que de mais consciencioso se ha escripto.

Traduzindo esses sentimentos em 4 de Outubro de 1866 o vereador Domingos de Azeredo Coutinho de Duque Estrada apresentou á Camara Municipal honrosa moção de apreço a Haddock Lobo, e a 15 do mesmo mez e anno o corpo da Camara reunido dirigiu-lhe officio reproduzindo os mesmos votos e altos conceitos, a que fizera jus o operoso historiador.

Quando, a 30 de Dezembro de 1869, se extinguiu a nobre vida do luctador, affluiram á sua morada homens de todas as classes, numa tocante romaria de affectuosa saudade. A's 5 horas da tarde de 31 de Dezembro de 1869 saïu o cortejo funebre da casa n. 19 da rua do Engenho Velho, hoje Haddock Lobo, e fôram os amigos levar ao cemeterio de S. Francisco Xavier os despojos do politico combativo, mas justo, do escriptor erudito, do medico caritativo, do esposo e pae amantissimo.

Interpretando a magua da população do Rio de Janeiro foi apresentada á Camara Municipal e, sem debate approvada em 28 de Janeiro de 1870, esta proposta do vereador Pereira de Abreu:

« A fria lousa da sepultura encerra os restos mortaes de um cidadão, que por muitos quatriennios occupou uma dessas cadeiras que o povo nos delegou.

Esse cidadão tão relevantes serviços prestou ao Municipio Neutro, que se torna credor da gratidão pública, inscrevendo seu nome nos archivos municipaes e dotando-lhe com uma importante obra, fructo de suas investigações e vigilias : essa obra, senhores, é o *Tombamento Municipat*. Por esse enunciado comprehendereis que fallo do dr. Roberto Jorge Haddock Lobo.

Assim, pois, como gratidão de tantos beneficios por elle prestados ao Municipio e em respeito á sua memoria, proponho que esta Illustrissima Camara, celebrando hoje a sua primeira sessão deste anno, mande inscrever na acta um voto de sentimento profundo pelo passamento de tão conspicuo, intelligente e dedicado cidadão, incansavel obreiro desta Illustrissima Camara,

e que cooperou com o seu voto e profundos estudos, não só a sustentar que o elemento municipal, legalmente constituido, deve possuir o prestigio e grau de força moral necessaria para ser respeitado. Como enthusiasta pela idéa do progresso e adeantamento civilizador iniciou e coadjuvou seus collegas na dotação de melhoramentos tendentes ao bem público e á segurança individual».

E, decorridos 43 annos da morte de Haddock Lobo — a cidade do Rio de Janeiro ainda guarda a reliquia do seu labor, relembrando-lhe o nome dignificado, cada vez mais, á medida que o tempo se distancia do scenario dos seus exforços.

Elle foi grande — porque teve a fortaleza dos abnegados com a fé sem esmorecimento dos vencedores.

RELAÇÃO

DO

MARQUEZ DE LAVRADIO

PARTE II

Entregando o govêrno em 1779 a Luiz de Vasconcellos e Sousa, escreveu o marquez de Lavradio extenso e minucioso relatorio. São interessantes informações sôbre a situação politica, militar, administrativa, economica e commercial da colonia. A 1ª parte deste trabalho está impressa no tomo 4º do anno de 1842 da *Revista do Instituto*. Era mister completar o referido relatorio, publicando a 2ª parte. Satisfazemos esse intento, obtida, graças á obsequiosidade do sr. dr. Rivadavia Corrêa, ministro do Interior, uma cópia do Archivo Nacional, devidamente authenticada.

O que ora se vai ler são as relações parciaes enviadas ao marquez de Lavradio pelos mestres de Campo, a cujo cargo estavam os districtos milicianos, comprehendendo as freguezias do reconcavo do Rio de Janeiro. Ha nesses escriptos verdadeiros dados estatisticos, que muito servem para se avaliar o grau de prosperidade da agricultura e lavoura das redondezas da Capital do Vice-Reinado do Brasil.

Da Direcção

RELAÇÕES PARCIAES APRESENTADAS AO MARQUEZ DE LAVRADIO

Relação q' fas o M.^e^ de Campo Alex^e^. Alz.' Duarte e Azevedo das Freg^as^. pertencentes ao seu Terço por Ordem do Ill.^mo^ Ex^mo^. S^or^. Marques do Lavradio, e V. Rey do Est^o^., em 8 de 8^bro^. de 1778.

Freg^a^. de Nossa Snr.^a^ do Desterro de Tamby hê Freg.^a^ collada, e de prez^e^. hè Vigario emcommendado Bartholomeo Martins da Motta, e Sacristão Fran.^co^ das Chagas Moniz, tem fogos 121.

Eng.^os^ q', há na d.^a^ Freguezia.—

Eng.^o^ de D. Clara Maria de Jesus Viuva do Cap.^m^ mor José da Costa Barr.^os^ terá 120 annos q', foi feito, tem 50 Escravos, alem de 40 de seus fi.^os^ Lavradores na mesma Fazenda, fas por anno 24 caixas, e outras tantas pipas de agoa ard.^e^

Eng.^o^ de João de Macedo Portugal, averá 150 annos q' fo feito, tem 123 Escravos alem de meya duzia de hum Lavrador, fas por anno 70 caixas e outros 80, e outras tantas pipas de agoa ard.^e^

Eng.^o^ de Jeronimo Coutinho da S.^a^ averá 80 annos q' foi feito, tem 27 Escravos, fas no anno 7 Caixas, e 3, ou 4 pipas de agoa ard.^e^

Eng.^o^ de Raymundo Soares averá 20 annos q' foi feito, e depois de varios annos não moer, foi reidificado, moeu alguns annos p.^a^ agoa ard.^e^, e 4 ou 5 q' moe para asucar, tem 30 Escravos, fará 8 Caixas por anno, 3 ou 4 pipas de agoa ard.^e^

Eng.^o^ de Joaq.^im^ José Moreira averà 30 annos q' se fabricou para Engenhoca para agoa ard.^e^ e 3 q' moe p.^a^ asucar, tem 14 Es-

cravos, e 8, ou 10 de húa Lavradora, fas por anno 6 Caixas, e 1, ou 2 pipas de agoa ard.e

Ouve mais hum Eng.o, que vendeo João Duarte do Couto, e o desfabricou pelas terras por fracas, e alagadissas não produzirem Canas, e hoje servem de pasto a quem as comprou, e averá cento e vinte annos, q' era feito.

Colherse-á de Farinha nas terras desta Frez.a 1500 Alqueires de Farinha, 500, ou 600 Alqueires de Arros, 80 de Milho, e 100 de Feijão terras todas m.to cansadas. Tem neste Destricto situada a Villa de S. Josê d'El Rey pertencentes aos Indios.

Portos o da V.a nova, com 3 barcos, e, pode chegar a elle barca ao porto da Olaria, q' hê mais asima donde tambem tem hum barco.

O Porto de João de Massedo tem hum barco e pode chegar ao d.o porto barca e no porto das Caixas tem dous barcos de Pedro Alg. Cabessa q' pertence a este Destricto, e Ant.o de Magalhães hum barco q' são as Embarcaçóes q' ademite o Rio, e porto das Caixas.

Freguezia de N. Snr.a da Ajuda de Goapymerim tem fogos 164:

Freg.a Colada, e de presente Vgr.o encomendado o P.e Ant.o Amaro Coutinho Botafogo. — Coadjutor o P.e M.el Per.a Montr.o tem mais nesta Freg.a o P.e Policarpio Jozê Gago da Camera, e o P.e Ant.o Luiz Gago.

Eng.os o do Cap.m Ant.o de Amorim Lima, e sua Irman, averà 80 annos q' hê fabricado, tem 54 Escravos, fas por anno 30 Caixas, e 2 pipas de agoa ardente, alem de outras colheitas de mantimentos.

Engo. do Cap.m Alberto Gago será feito a 5 annos, tem 25 Escravos, fas 20 caixas, e 2, ou 3 pipas de agoa ard.e

O Eng.o do defunto Anto. Vaz Tavares averá 100 annos que foi feito, tem 16 Escravos, fas 2 caixas, colhe algum pouco manti.o

A Engenhoca do Alferes João Ribro. averá 45 annos que foi feita, fas 1 ou 2 pipas de agoa ard.,e planta mantimto., tem 12 Escravos.

Portos q' tem esta Freg.ª entrando pe^{lo} Rº. de Goapymerim até donde podem chegarem Saveiros.

O do Cap.^{m} Antº. de Amorim.

O Porto da Olaria,

O Porto do Calundú.

O Porto de Josê Corr.ª

O Porto da Ilhota.

O Porto do Alferes Jorge Joaquim.

O Porto de Sarnambetiba, além de outros portos, q' se seguem p.ª cima por donde só navegão canoas.

Nestes portos todos conduzem efeitos 10 barcos além do porto grande de Magé, q', tem entrada pe^{lo} d.º Rio de Magé e pertence tambem algua parte a Freg.ª de Magé. Colher-se-á no Distrito desta Freg.ª 9.000 Alqueires de far.ª 2.500 Alqueires de Arros 200 Alqueires de feijão 200 de Milho 30 barcos de Carvam, 100 barcos de lenha sahirão pela Barra do R.º de Goapymerim.

Freg.ª da Villa de S.^{to} Ant.º de Sá, tem fogos 340.

Tem Vigr.º Colado o P.^{e} Jozê Perª. Brabo, dous Sacristães, hum Ant.º Pedro, e Domingos Ferrª. Veiga, Clerigos anexos o P.^{e} Pedro Marques X^{er}. Capelão da Capella de S. Jozê da Boa-morte, o P.^{e} Fran.^{co} da Fon.^{ca} Barreto, e o P.^{e} Antonio Glz'.

ENGENHOS

O Eng.º do Cap.^{m} Ignacio Nacentes Pinto, averá q' foi feito 80 annos, em m^{tos}. annos esteve sem moer, averá 20 que se reidificou, fas por anno 16 caixas de asucar, e 10 pipas de agoa ard.^{e}, tem 25 Escravos.

O Engº. de Maria da Concei̧ção D. Viuva de Domingos de Amorim Lima, feito a 11 a.^{nos}, fas 6 caixas, e outras tantas pipas de agoa ard.^{e}, tem 31 Escravos.

O Engº. de Domingoz Leão Furtado a 2 a^{nos}. q', se fabricou, faz 2 Caixas de asucar, e 1 pipa de agoa ard.^{e}, tem 25 Escravos.

O Engº. do D^{or}. Jozê Luiz da Fon.^{ca}, feito de novo, inda não moeu, tem 23 Escravos.

Engº. do P.e Fran.co da Fonseca Barreto, terá 60 a.nos fas por anno 20, ou 25 Caixas, 15 pipas de agoa ard.e tem 40 Escravos.

O Engº. do P.e Antº. Glz', tem 5 annos, faz por anno 12 Caixas, e 10 pipas de agoa ard.e tem 14 Escravos.

O Eng.º de João Antunes de Andrade tem 6 annos, fas 12 caixas e 10 pipas de agoa ardente, tem 22 Escravos.

O Eng.º do Cap.m Ant.º Jozé Coelho he feito á 6 annos, fas 16 caixas, e 13 pipas de agoa ardente, tem 40 Escravos.

Colhe este Destricto de Farinha 10$000.

De Fejão	400
De Milho	500
De Arros	3.000

Lenhas q', saem p.la Barra do R.º de Macacú fora hão de passar de 300 barcos.

De Madeiras de falqueijo hão de passar de 150 barcos duzias de taboados e pernas de As hão de passar de 1.500 duzias de barcos de carvão hão de passar de 40.

Portos the donde chega barcos.

O porto da Villa de S.to Antonio de Sá.

O porto de João Fran.co.

O porto do Alferes Bento Caldeira.

O porto de Ant.º de Massedo.

O porto de Manoel de Valadão.

O porto de Luis Manoel.

O porto Manoel Antunes.

O porto de Caetano Mendes.

O porto chamado Vendi.

O porto de Asenço Dias.

O porto de Cap.m Ignacio Nacentes.

O porto de Custodio Ferr.a.

Conduzem nestes portos todos 17 barcos, e 1 barca, the altura da V.a pode chegar barcas, e dahi p.a Sima algúas Legoas chegão barcos a carregar madeira, e destes tres portos para sima tanto no R.º de Goapyasú, como no R.º chamado Macacú ha varios portos, e uzão os Lavradores de canoas p.a conduzirem os

mantimentos p.ª a Cid.ᵉ, e indo as madeiras, athe o porto da Villa.

Canoas q' ha em hum e outro R.º p.ª as conduções 53 canoas q' carregão 100 athé 150 Alqueires de Farinha, e outros efeitos.

Freg.ª da Santissima Trindade tem fogos 288. Freg.ª Colada, e de pres.ᵉ Vigario encommendado o P.ᵉ Rodrigo Leite de Oliveira, coadjutor o P.ᵉ Ant.º Jozé de Oliveira, sacerdotes annexos, o P.ᵉ Fran.ᶜᵒ da S.ª Pereira, o P.ᵉ Anastacio, o P.ᵉ Martinho Pinto, o P.ᵉ Fran.ᶜᵒ de Souza Pinto.

ENGENHOS

O Eng.º de Marcos da Costa Falcão feito a 3 annos fas 26 caixas de Asucar, 15 pipas de agoa ard.ᵉ, tem 48 Escravos.

A Engenhoca q' ficou do defunto Vigr.º José Ferr.ª da Silva não moe a 3 annos por não ter Escravatura, e ter havido des Ordem entre os Erdeiros.

Mantimen.ᵗᵒˢ que produz o Destrito desta Freg.ª.

Alqueires	
De Farinha perto de	28$000
De Fejão	2$200
De Milho	1$700
De Arros	3$500

As madeiras e taboados e Embarcações vão incluidas na declaração da Freg.ª da Villa de St.º Antonio de Sá, por passarem pello R.º junto a Villa q.ᵈᵒ a conduzem p.ª a Cid.ᵉ

Terras q' se achão por cultivar nas Caxoeiras do R.º de Goapyasu.

Húa data pertencente ao Cap.ᵐ Pedro Corr.ª Lima.

Outra data pertencente aos Religiozos do Convento do Carmo.

Terras por cultivar e vacuadas por Ordem do Ill.ᵐᵒ e Ex.ᵐᵒ S.ᵒʳ Conde da Cunha a doze annos a esta p.ᵉ na Caxoeira do R.º Macacû aparte esquerda subindo para a Serra.

499 com húa Legoa de Sertão pertencentes ao Mestre de Campo Alex.ᵉ Alz' Duarte e Azevedo.

520 com húa Legoa de Sertão pertencentes ao P.[e] Fran.[co] da Silva Pe.[ra]

300 braças com o mesmo Sertão de João da S.[a] Beleira.

375 com o mesmo Sertão de Andre Roiz' Antunes.

200 braças com o mesmo Sertão de Manoel Jozê.

300 braças com o mesmo Sertão de Joanna Corr.[a]

750 braças com o mesmo Sertão de João Corr.[a] Marvam.

Húa Sismaria de meya Legoa com húa de Sertão pertencentes aos Indios.

Húa Sismaria de húa Legoa em Coadra pertencente a Braz Glz.' q' já compriende o alto da Serra agoas vertentes p.[a] o R.[o] Macacu.

R.[o] Macacu asima aparte direita.

400 Braças de testada com húa Legoa de Sertão pertencentes ao Cap.[m] Ign.[o] da Veiga de Barbuda.

100 Braças de testada com húa Legoa de Sertão pertencentes Aleixo Paz Sardinha.

900 Braças com o mesmo Sertão de João Corr.[a] Marvam.

432 Braças com o mesmo Sertão de Ign.[o] Roiz.

150 Braças de testada com o mesmo Sertão de Ant.[o] Soares.

714 Braças com o mesmo Sertão de Aleixo Paz Sardinha.

1480 Braças com o mesmo Sertão de João Corr.[a] Marvam.

Hua Legoa encoadra dos Erdeiros de Manoel Ferr.[a] da S.[a]

Hua Sismaria de Legoa encoadra do Conego Ant.[o] Lopes X.[er]

Hua Sismaria de Legoa encoadra pertencente a Jozê Fran.[co] estas duas ultimas Sismarias ja compriende virando a Serra para o Sertão.

Rezumo de tudo oq' compriende o Destricto do meu 3.[o]

4 Freguezias.

4 Vigarios.

2 Coadjutores.

3 Sancristaens.

9 Sacerdotes do abito de S. Pedro.

913 Fogos.

17 Engenhos de fazer asucar.

2 Engenhocas de agoas ardentes.

255 Caixas de asucar.

197 Pipas de agoa ard.^{e}

28$500 Alqueires de Farinha.

2$900 Alqueires de Feijão.

2$480 Alq.^{s} de Milho.

9$600 Alq.^{s} de Arroz.

70 Barcos de Carvão.

400 Barcos de lenha.

150 Barcos de madeira de falqueijo.

1$500 Duzias de taboados e pernas de As.

24 Portos donde chegão Saveiros e alguns podem chegar Barcos.

53 Carros de conduzir mantim.^{tos} além de outros de pescaria.

35 Barcos de conduzir mantim.^{tos} e mais feitos.

1 Barca q', serve do mesmo.

2 Villas de S.^{to} Ant.^{o} de Sá e Villa Nova de S. Jozê d'El-Rey.

Alex.^{e} Alz.' Duarte e Azevedo.

Mestre de Campo.

DECLARAÇOÈZ QUE FAZ DE TODO O SEU DESTRICTO O MESTRE DE CAMPO JORGE DE LEMOS PARADY NA CONFORMID.e DAS ORDENS DO ILL.mo EX.mo SENHOR MARQUEZ VICE-REY.

EM JAN.ro DE 1779		VIGARIOS COLADOS	COADJUTORES	SANCRISTAENS	FOGOS
Freguezias	São Gonsalo. . .	1	1	1	731
	Itaipuig	1	—	—	107
	São João de Caray	1	—	1	471
	Soma . .	3	1	2	1309

		ENGENHOS D'AGOA ARDENTE	ENGENHOS DE ASUCAR	D.tos Q, SE TEM AUGMENTADO	DESDE Q', ERA ENTRARÃO A AUGMENTAR-SE	CAIXAS DE ASUCAR INCLUSAS DOS LAVRADORES	PIPAS DE AGOA ARDENTE	ESCRAVOS DOS DI.tos ENGENHOS
Na Freguezia de S. Gonsalo	Do Cap.m Amaro Jozê Gomes da Silva.	1	—	—	—	—	4	40
	De Felis de Proença	1	—	—	—	—	5	12
	De Antonio da Rocha.	1	—	—	—	—	43	24
	Do Doutor Bartholomeu Correa . . .	—	1	—	—	15	10	30
	Do Alferes Sebastião da Cunha . . .	—	1	—	—	20	12	32
	Dos Erdeiros do Cap.m Miguel de Frias	—	1	—	—	23	17	111
	Dos Erdeiros de Ursula Ferreira . . .	—	1	—	—	30	25	50
	Outro dos mesmos Erdeiros do Cap.m Miguel de Frias	—	1	—	—	26	22	60
	Do Cap.m Claudio Jozé Pereira da Silva	—	1	—	—	12	7	20
	Outro do mesmo.	—	—	1	1.772	33	21	35
	De Domingos Rabelo Leite.	—	1	—	—	20	9	35
	De D. Rosa de Araujo	—	1	—	—	40	28	90
	De D. Cath.na Vianna	—	1	—	—	52	8	40
	De D. Anna Ferreira	—	1	—	—	19	6	30
	De Jozé Pacheco	—	1	—	—	8	4	20
	Do Alferes João Ribeiro.	—	1	—	—	41	25	65
	De Bento Lopes.	—	1	—	—	60	40	60
	Do Ten.te Fran.co Roberto Car Ribeiro	—	1	—	—	25	16	50
	Do Cap.m Thomaz Car. Rib.ro Bustamante.	—	1	—	—	12	8	28
	De D. Luiza Victoria Bustamante. . E de D. Anna Bustamante	—	1	1	1.774	10	9	23

	EM JAN.ro DE 1779	ENGENHOS D'AGOA ARDENTE	ENGENHOS DE ASUCAR	D.tos Q', SE TEM AUGMENTADO	DESDE Q', ERA ENTRARÃO A AUGMENTAR-SE	CAIXAS DE ASUCAR INCLUSAS DOS LAVRADORES	PIPAS DE AGOA ARDENTE	ESCRAVOS DOS D.tos ENGENHOS
Na Freguezia de S. Gonsalo	Do P.e José Leite, e de seu Irmão, o Cap.m Bento Leite	—	I	—	—	20	12	35
	Do Doutor Ant.o Pedro Roiz Ferrão.	—	I	—	—	8	6	22
	De Jozé de Souza Codeço.	—	I	—	—	6	—	10
	De Francisco Miz' Coutinho	—	I	—	—	10	15	30
Na de S. João de Caray	De D. Esculastica M.a de Oliveira. .	—	—	I	1.775	25	5	50
	De D. Mariana Pinta de Oliveira. .	—	I	—	—	19	10	25
	De D. Josefa Per.a	—	I	—	—	10	8	20
Na de S. Sebastião do Itaipuig.	Do Cap.m mor Domingos Vianna . .	—	I	—	—	22	15	40
	Do Doutor André Miz.	—	I	—	—	27	27	32
	De D. Brigida da Silv.ra..... arrendado	—	I	—	—	15	22	30
	Dos Erdeiros do Conego Pedro de Albuquerque arrendado.	—	I	—	—	15	18	30
	Soma.	3	25	3		623	451	1191

COLHETA DE MANTIMENTOS DE HUM ANNO	ALQUEIRES
Farinha	13800
Feijão	2800
Milho	2161
Arroz	1150

RELAÇÃO DAS EMBARCAÇOÉS, QUE SE ACHÃO NA ENSIADA INTERIOR OU SACO DA BOA VIAGEM, E A QUEM PERTENCEM	LANCHAZ	SAVEIROS
De Manoel da Silveira	1	—
De Antonio Alx.e Pacheco	1	—
De Manoel Roiz' de Moraes	1	1
Do R.do Carmelita Fr. Francisco de Mattos	2	—
De João Roiz de Moraes	1	—
De Domingos de Souza	3	—
De André João	2	1
De Barbara de Oliv.ra	1	—
De Manoel Gomes de Amorim	1	—
Dos Erdeiros de Jozé de Mattos	2	—
Do Cap.m Pedro Teixeira	—	1
De Jozé de Barcelos	1	—
De Alexandre Jozé Tinoco	2	1
De João Luiz	—	4
De Fran.co Miz'	—	2
Do Doutor André Miz'	2	—
Do Doutor Matta	1	—
De Elena de Mascarenhas	1	—
No porto de S. Domingos, e Praya Grande		
Do Ajud.e Caetano Lopes	1	—
De Jozé Gomes	—	6
De Vicente Ferr.a	1	—
De Manoel de Oliveira	1	—
De Maria Vieira	—	1
De D. Quiteria	—	1
De João dos Santos	—	2
De Francisco Gomes Guimaraens	—	1
De Sebastião da Costa	1	—
Do Capitam Manoel da Silva	1	—
De Manoel Barboza	—	1
De Jozé Frz' Coito	—	1
Do Padre Sebastião Pereira em huá Ilha immediata	—	4
De Anna Pinta, em outra Ilha	—	1
Soma	27	28

PORTOS PRINCIPAES	PORTOS, QUE CONTINUÃO DESDE A PRAYA GRANDE DE S. DOMINGOS CORRENDO A MARINHA INTERIOR DO DESTRICTO DE S. GONSALO	SAVEIROZ
Mata-porcos . . .	Do Alferes Jozé Gomes.	5
Maruhy	De Serafim Dias	2
Valla	De Fran.co Victoriano	2
	De Alexandre Per.a	2
	De Ignacio Pinto.	1
	De Thereza de Jezus	1
	De Fran.co da S.a Brandão	1
Barreto	De João Roiz'.	3
S. Gonsalo . . .	Do Reverendo Cura da Sé	4
Porto Velho. . .	De Antonio Ferr.a Guterres	2
Porto Novo . .	Do Capitam André Alz'	4
	Do Capitam Manoel Rapozo.	2
Boaçû	Do Alferes Manoel Lourenço.	4
	De Anna Carvalha	1
	Do Capitam Jozé Frz' de Souza	1
Portos particulares.	De Jozé Fernandes	1
	De Antonio Corr.a	3
	De André Borges	1
	Do Ten.e Roberto Car Rib.ro	2
Luz.	Do Capitam Amaro Jozé Gomes	2
Guaxindiba . .	De D. Cathar.a Vaz Moreira	2
	Do Alferes Eloy dos Santos	1
	Soma.	44

Neste Destr.o há hua Aldea de Indios com a Invocação de S. Lourenço, com hum Vigr.o encomendado

Não contem V.a algúa, ou Arrayal, nem fabricas de madeiras, nem Terras por Cultivar.

Jorge de Lemos Parady
M.e de Campo. Auxiliar.

Relação das declaraçoens, que na conformidade das Ordens do Ill.^{mo} e Ex.^{mo} S.^{or} Marquez Vice-Rey, fas o M.^{e} de Campo Miguel Antunes Ferr.^{a}, em o 1° de Novembro de 1778.

Tem este Destricto trez Freguezias.

A de N. Snr.^{a} do Amparo de Maricá.

hé Vigr.^{o} Encomendado,

O R.^{do} P.^{e} Vicente Ferr.^{a} Noronha.

COADJUCTOR

O R.^{do} P.^{e} Bartholomeu da Costa Medeiros.

ANEIXOS

O Sacristão Jozé Francisco.

Tem esta Freguezia . . . . 336 fogos

Esta Freg.^{a} tem sinco Engenhos.

1.° De D. Roza Maria Xavier fas pouco mais ou menos 23 Caixas de Asucar, 20 Pipas de Agoa ard.^{e}, tem 37 Escravos, foi feito no anno de 1756.

2.° De Josê Antunes de Oliv.^{ra}, fas pouco mais ou menos por anno 10 Caixas de Asucar, 5 Pipas de Agoa ard.^{e}, tem 19 Escravos, foi feito no anno de 1770.

3.° Do M.^{e} de Campo Miguel Antunes Ferr.^{a}, fas pouco mais ou menos 40 Caixas de Asucar, 20 Pipas de Agoa ard.^{e}, tem 50 Escravos. Foi feito em 1762.

4.° Do D.^{or} Ant.^{o} de Almada Cardozo, fas pouco mais ou menos 11 Caixas de Asucar, 4 Pipas de agoa ard.^{e}, tem 10 Esc.^{os}. Foi feito em 1772.

5.° De Joaq.^{m} Jozé Galvão, fas 12 Caixas de Asucar, 8 Pipas de agoa ard.^{e}, tem 4 Escr.^{os}. Foi feito em 1758.

Produzem as terras deste Cont.^{e}.

Alqueires de arroz	1.100
Alqueires de Farinha	4.561
Alqueires de feijão	2.461
Alqueires de Milho	2.054

Freguezia de S. José de Itaborahy.

Vigr.º Colado. O R.º Joaq.^{m} Nunes Cabral.

Coadjuctor. O R.º Manoel Jozé da S.ª.

Sancristães. Ant.º da Fon.^{ca}, Fran.^{co} da Fon^{ca}.

Tem esta Freg.ª 546 fogos.

Engenhos que tem esta Freguezia.

1º. O Eng.º de D. Catharina Izabel, fas 11 Caixas de Asucar, 5 Pipas de Aguard^{e}. Tem 45 Escravos. Foi feito em 1678.

2º. O Eng.º de Ant.º Pacheco de Fig.^{do}, fas 18 Caixas de Asucar. Tem 30 Escravos. Foi feito em 1771.

3º. O Eng.º do Alferes Manoel Gomes Antunes, fas 12 Caixas de Asucar. Tem 36 Escr.^{os}. Foi feito em 1773.

4º. O Eng.º do Cap.^{m} Alipo M.^{el} Cabral e Melo, fas 30 Caixas de Asucar. 20 Pipas de Agoa ard.^{e}. Tem 30 Escravos. Foi feito em 1658.

5º. O Eng.º do M.^{e} de Campo Alex.^{e} Als', fas 60 Caixas de Asucar. 30 Pipas. Tem 80 Escravos. Foi feito em 1668.

6º. O Eng.º de Manoel Luiz da Motta. Faz 30 Caixas de Asucar. 20 Pipas de agoa ard.^{e} Tem 25 Escravos. Foi feito em 1770.

7º. O Engenho do M.^{e} de Campo Miguel Antunes Ferr.ª Fas 20 Caixas de Asucar. 10 Pipas de Agua ard.^{e}. Tem 32 Escravos. Foi feito em 1758.

8º. O Eng.º de D. Juliana de Olivr.ª. Fas 30 Caixas de Asucar. 15 Pipas de Agoa ard.^{e}. Tem 16 Escravos. Foi feito em 1744.

9.º O Eng.º de M^{el} Als'. de Az.^{do}. Fas 50 Caixas de Asucar. 30 Pipas de Agoa ard.^{e}. Tem 80 Escravos. Foi feito em 1648.

10º. O Eng.º do Alferes M.^{el} Antunes de Az.^{do}. Fas 10 Caixas de Asucar. 4 Pipas de Agoa ard.^{e}. Tem 24 Escravos. Foi feito em 1658.

11º. O Eng.º de D. Roza M.ª de S. Jozé. Fas 15 Caixas de Asucar. 20 Pipas de Agoa ard.^{e}. Tem 25 Escravos. Foi feito em 1658.

12º. O Eng.º de Bento de Souza. Fas 20 Caixas de Asucar. 5 Pipas de Agoa ard.^{e}. Tem 30 Escravos. Foi feito em 1758.

13º. O Eng.º do Cap.^{m} Fran.^{co} Xavier de Azevedo. Fas 40 Caixas de Asucar. 20 Pipas de Agoa ard.^{e}. Tem 40 Escravos. Foi feito em 1658.

14º. O Eng.º do Cap.^{m} José M.ª Pr.ª da S.ª há 4 annos q', não moe por falta de gado, e mortandade de Escravos, incapacid.^{e} das Terras, e achar-se o mesmo Eng.º em algumas partes demolido.

15º. O Eng.º de Fran.^{co} Jozé da S.ª. Fas 10 Caixas de Asucar. 5 Pipas de Agoa ardente. Tem 15 Escravos. Foi feito em 1773.

16º. O Eng.º do Cap.^{m} Joaq.^{m} Luiz Fur.^{do} de Mendonça. Fas 20 Caixas de Asucar. 15 Pipas de Agoa ard.^{e}. Tem 40 Escravos. Foi feito em 1676.

17º. O Eng.º do Ten.^{e} João Pedro de Azeredo Cout.º. Fas 20 Caixas de Asucar. 15 Pipas de Agoa ard.^{e}. Tem 30 Escravos. Foi feito em 1668.

18º. O Eng.º de Ant.º do Couto, e seu Socio Ant.º da Costa Cardozo. Fas 10 Caixas de Asucar. 8 Pipas de Agoa ard.^{e}. Tem 18 Escravos. Foi feito em 1774.

19º. O Eng.º do Cap.^{m} João Cout.º, que proximamen.^{te} se está fabricando, por ter terras, e poses, para o poder fazer, e ainda não móe. Foi principiado em 1778.

20º. O Eng.º do R.^{do} P.^{e}. Pedro Vil.ª e seo Socio Sebast.^{am} Vilela. Fas 3 Caixas de Asucar. Tem 20 Escravos. Foi feito em 1758.

Engenhocas de fazer Agoa ard.^{e}.

1ª. A Engenhoca de D. Fran.^{ca} Xavier. Fas 10 Pipas. Tem 10 Escra.^{vos}. Foi feita em 1765.

2ª. A Eng.^{ca} de Agost.º Teix.^{ra}, há sette annos, que não móe por falta de Escravos, e só existem quatro Escravos.

Portos de embarcaçoens:

1. O Porto das Caixas do Rº. que divide do de Macacû, e não pode entrar nele, se não saveiros, e algumas barcas em conjun-

çóes de marés grd^{es}. Há neste Porto 14 barcos q' conduzem os mantimentos p^{a} . a Cid^{e} .

Donos dos Barcos :

Bento de Amorim e seu socio M^{el}. de Souza. Tem.	3
M^{el}. dos Santos Valadares	2
M^{el}. Botelho	2
Dom^{os}. Jozé de Brito.	1
Ant^{o} . Jorge e seu Socio Joaq^{m}. M^{el}.	1
Marcos João	1
O Cap^{m}. Andre Als', Vianna	4

Alqueires de Mantim^{tos}. que produzem as terras desta Freguezia :

Farinha	23295
Feijão	8040
Milho	11275
Arroz	2869

Freguezia de N. Snr^{a}. da Con^{cam}. do R^{o}. do Ouro.

Vigr^{o}. Encomendado. O R^{do}. Marcelo Corr^{a}. de Macedo. Coadjuctor, nem Sacristão tem. Fogos 114.

Esta Freg^{a}. tem Sinco Engenhos.

1^{o}. O Eng^{o}. do Alferes João Soares Ribr^{o}.

Fas 6 Caixas de Asucar. 3 Pipas.

Tem 30 Escr^{vos}. Foi feito em 1775.

2^{o}. O Eng^{o}. do Cap^{m}. Fran^{co}. Montr^{o}. Machado. Fas 25 Caixas de Asucar. 20 Pipas de Agoa ard^{e} . Tem 38 Escr^{vos}.

Foi feito em 1770.

3^{o}. O Eng^{o}. do Cap^{m}. Joaq^{m}. Jozê da Fon^{ca}. Fas 1 Caixa de Asucar. 1 Pipa de Agoa ard^{e} . 20 Escravos. Foi feito em 1769.

4^{o}. O Eng^{o}. do Alferes Ant^{o}. de Az^{o}. Als'. Fas 7 Caixas de Asucar. 3 Pipas de Agoa ard^{e} . Tem 20 Escr^{vos}. Foi feito em 1771.

5^{o}. O Eng^{o}. de Bento de Souza Couto. Fas 7 Caixas de Asucar. 4 Pipas de Agoa ard^{e} . Tem 16 Escr^{vos}. Foi feito em 1772.

Produção das terras desta Frega.

Alqueires de Farinha.	6600
Alqueires de Feijão	1400
Alqueires de Milho	2300
Alqueires de Arros	100

Soma total de todo o Contheûdo.

Freguezias	3
Vigros	3
Colados.	1
Encommendados	2
Coadjuctores	2
Sacristaens	3
Fogos	996
Engenhos	30
Engenhocas.	2
Caixas de Asucar por anno.	551
Pipas de Agoa ardc	320
Escravos	910
Alqueires de Farinha.	34456
Alqueires de Feijão	11901
Alqueires de Milho	15633
Alqueires de arroz.	4069
Portos	1
Saveiros de conduzir mantimtos.	14

As terras que se achão neste Destricto, estão possuidas por seus donos, e as estão cultivando e conservando para duração das mesmas fazendas, as quaes não podem existir, não havendo matos.

Neste Destricto não há Villas nem Aldeyas.

Miguel Antunes Ferra.

M. de Campo.

RELAÇÃO DAS DECLARAÇÕES QUE MANDA FAZER O ILLmo. E EXmo. SR. MARQUEZ DO LAVRADIO VICE REY DO ESTADO, NO DESTRITO DE CABO FRIO.

1º. O Nº. das Freguezias : Há quatro.

A de N. Snra. da Assumpção de Cabo Frio. He Vigario della encomendado o R.do P.e João de Alm.da Carv.o, Coadjutor o R.do P.e Fran.co Gomes Rodrigues, Sacristão Thomaz Pr.a Tem quinhentos e seccnta fogos..............................1.

A de N. Snr.ª do Nazaré de Saquarema. He Vig.º della Collado o R.do P.e Ant.º Jozê Victorino de Souza, Coadjutor o R.do P.de Vicente Alvares da Sa. Sacristão Felecissimo Jozê. Tem duzentos e secenta e hum fogos........................2.

A da Aldeya de S. Pedro. He Vig.º della encomendado o R.do P.e Narciso Pinto Lobato, não tem Coadjutor. He Sacristão hum Indio chamado Jozê Pr.ª tem cento e vinte fogos.........3.

A da Aldeya da Sagrada Familia da Ipucca, hè Vig.º della, encomendado o R.do P.e Manoel Duarte da Sa., não tem Coadjutor, nem Sacristão. Tem oitenta e oito fogos, incluzos os dos Indios, q' consta serem só tres casaes ....4.

2º. O N.º de Engenhos de Asucar, e Agoas ardentes. Engenhos de Asucar, ha oito.

Hum Engenho de Thomaz Cutrim de Carv.º, da por anno mais ou menos dezaseis Caixas de Asucar, treze do Engenho proprias, e trez de hum Lavrador chamado M.el Ant.º Pipas de Agoa Ard.e dá quatro proprias tem trinta e quatro Escravos.......1.

Um Engenho do Cap.m Francisco Leite Pereira, dá por anno pouco mais ou menos trinta Caixas de Asucar, vinte e duas do Engenho proprias, quatro de hum Lavrador chamado Fran.co Telles, duas do Cap.m João Freire de Sá, e duas do Cap.m Ayres Barboza, ambos Lavradores; Pipas de Aguardente dá duas proprias, Tem setenta e seis Escravos.........................2.

Um Engenho do Alferes Antonio Glz. Igreja, dá por anno pouco mais ou menos doze Caixas de Asucar proprias. Pipas de Agoardente dá quatro proprias. Tem quarenta e seis Escravos...3.

Um Engenho do Alferes M.el Lourenço de Araujo, dá por anno pouco mais ou menos vinte Caixas de Asucar proprias. Pipas de Agoardente dá quatro proprias, tem quarenta e dois Escravos ....4.

Um Engenho do Cap.m Mór Cypriano Luiz Antunes dá por anno pouco mais ou menos Sette Caixas de Asucar proprias. Pipas de Agoardente dá oito proprias. Tem trinta Escravos....5.

Um Engenho de M.el da Silv.ra de Azevedo dá por anno

pouco mais ou menos Sette Caixas de Asucar, proprias. Pipas de Agoardente dá duas proprias. Tem Sete Escravos............6.

Um Engenho do Cap.^{m} Antonio Ribeiro Vieira dá por anno pouco mais ou menos cinco Caixas de Asucar, proprias. Agoardente quarenta medidas. Tem vinte Escravos...............7.

Um Engenho de Gonçalo Marques de Oliv.^{ra} dá por anno pouco mais ou menos Vinte Caixas de Asucar proprias; Pipas de Agoardente dá quartorze. Tem duzendos e dazaseis Escravos, Oitenta de serviço os mais decrepitos, e de menor idade..........8.

Engenhos de Agoas Ardentes ha dez.

Uma Engenhoca de Joanna Coutinho de Bragança, dá por anno pouco mais ou menos huma pipa de Agoa Ardente propria. Tem quatro Escravos....................................1.

Uma Engenhoca de Ignacio de Mello da Fon^{ca}., dá por anno pouco mais ou menos hua Pipa propria. Tem onze Escravos...2.

Uma Engenhoca do R^{do}. P^{e}. Fran^{co}. Borjes da Costa, dá por anno pouco mais ou menos quatro Pipas e meya proprias. Tem vinte e dois Escravos................................3.

Uma Engenhoca de Antonio Nunes de Almeyda, dá por anno pouco mais ou menos huma Pipa propria. Tem cinco Escravos..4.

Uma Engenhoca de M^{el}. de Madureira, dá por anno pouco mais ou menos duas Pipas e meya de Agoardente proprias. Tem quinze Escravos......................................5.

Uma Engenhoca de Euzebio Coelho da S^{a}., dá por anno pouco mais ou menos Cem Medidas proprias. Tem trez escravos..6.

Uma Engenhoca de Silvestre de Araujo Lima dá por anno pouco mais ou menos huma Pipa propria. Tem oito Escravos...7.

Uma Engenhoca de Felipe da Cunha, dá por anno pouco mais ou menos dous Barriz proprios. Tem dous Escravos.....8.

Uma Engenhoca de M^{el}. Leite, dá por anno pouco mais ou menos hum Barril proprio. Tem trez Escravos...............9.

Uma Engenhoca de Manoel Roiz de Souza, dá por anno pouco mais ou menos hum Barril proprio. Tem hum Escravo.......10.

3°. Os Engenhos q,' tem acrescido, ou deminuido.

Os Engenhos q,' tem acrescido no tempo de S. Exa. o Illmo. e Exmo. Snr. Marqes. Vice Rey do Estado: São Seis.

Um Engenho de Thomaz Cutrim de Carvalho, no Pinguy..1.

Um Engenho do Alferes Antonio Gonçalves Igreja, em Iraruama..2.

Um Engenho do Alferes Mel. Lourenço de Araujo, em Bacaxá..3.

Um Engenho do Capm. Mór Cypriano Luiz Antunes, na Alagoa de Inhutuayba..4.

Um Engenho de Manoel da Silveira de Azevedo, em Capivarì..5.

Um Engenho do Capitão Antonio Ribeiro Vieira, no Matto Alto..6.

Engenhocas de Agoas Ardtes. que se tem diminuido no tempo de S. Exa: São duas.

Uma Engenhoca do Capitão Domingos Francisco de Carvo. em Saquarema, q' dis alargou por lhe não fazer conta no anno de 1715..1.

Uma Engenhoca de Jozé da Sa. Chagas, de pouco fabrico, que por não ter terra propria, era foreiro da Religião do Carmo, e foi impedido da mesma Religião a continuar com a sua fabrica da Engenhoca no anno de 1778..2.

4°. O N°. de efeitos q' produzem as Terras aos Lavradores.

Um Alqe. de Feijão de planta, dá pouco mais ou menos, trinta e dois Alqres. de Colheita..3.

Um Alqueire de planta de Milho, dá pouco mais ou menos quarenta Alqueires de Colheita.

Um Alqueire de planta de Arros dá pouco mais ou menos Secenta Alqueires de Colheita.

Um feixe de Rama de Mandioca, dá pouco mais de oito Alqueires de farinha de Colheita.

Ao todo se poderão colher neste Destricto em cada hum anno pouco mais ou menos trinta e cinco mil Alqueires de farinha.

De feijão pouco mais ou menos sete mil alqueires.

De milho pouco mais ou menos quatro mil alqueires.

De Arros pouco mais ou menos, dois mil alqueires.

De Taboado pouco mais ou menos quinhentos e secenta duzias.

De Adoéllas duas mil.

5º. As Terras q' se achão por Cultivar.

Todos os Certoens que correm pª. a Serra de Gurarapèna, que são de alguns moradores do fim da Restinga, de Saquarema the a Ponte Negra que são do Rdo. Pe. Euzebio de Mattos Henriques, Ignacio Ribeiro da Sa., Antonio Moreno, huns Erdeiros do Defunto Capitão Antonio Coelho de Britto, Manoel Pra. de Araujo, e Thomaz Cutrim de Caro. estão por cultivar por estarem os donos desses Certoens morando nas testadas das terras.

Todos os Certoens que medeião entre os moradores de Saquarema da terra firme, e a Fazenda dos Religiosos do Carmo chamada Hipitanga, the Bacaxâ estão por cultivar.

Todos os Certoens que medeião entre os moradores de Iraruama, a Fazenda chamada Paratì, as duas Iguabas a grande, e a pequena, the o Rio Bacaxâ estão por cultivar.

Todos os Certoens que medeião entre as terras dos Indios da Aldeya de S. Pedro the a Alagoa de Inhutruayba, estão por cultivar.

Todos estes Certoens estão por cultivar porq' os moradores da Margem da Alagoa de Saquarema e Hypitanga não se alargão para o Centro do Certão das terras e o mesmo acontece com todos os mais de Iraruama, Fazenda de Paratì, Iguabas, e Aldeya dos Indios, que estes só se entranham pellos mattos dentro, a fazerem Gamellas, e alguns taboado. Da parte de Bacaxâ, Rio de Bacaxâ e Alagoa de Inhutruayba acontece o mesmo porq' todos morão nas testadas das terras.

No Campo de Bacaxâ no Curral do meyo ha huma legoa de terra que corre do certão p.a o mar, e sobre ella correm demanda a Viuva do defunto cap.m Felis de Souza com Manoel Sebastião; tem no principio da data huma pequena Feitoria a Viuva, onde tem dois escravos, e algum gado, toda a mais terra está por cultivar.

Tem o Alferes Manoel Lourenço de Araujo duas legoas de terra que fazem testada no R.º de Bacaxâ e corre o Certão ao Norte, no principio desta data tem erigido hum Engenho de Asucar, e pella testada adiante, tem alguns moradores.

Todos os Certões desta terra estão por cultivar.

No Campo de Bacaxâ tem o Cap.m Jozé Antonio Barboza huma legoa de terra, onde já teve gado, escravos, e culturas, e de prez.te não tem, e só morão na dita terra algumas pessoas, sem fôro nem pensão; todos os certões estão por cultivar.

No R.º de Bacaxâ onde chamão os Cabiunas tem o mesmo referido Cap.m Jozé Antonio Barboza huma legoa de terra, e correm os fundos p.a o R.º Capivarí onde não tem culturas, e só tem hum Curral de gado, e morão, na mesma parte tres moradores, sem fôro, nem penção: Todos os Certões estão por cultivar.

No Rio Capivarí onde tem varios moradores, estão tres meias legoas de terra por cultivar, e consta ser huma meya legoa de Bento de Amorim Soares, outra de Domingos Dias, outra ignorase o nome do dono.

E todos os Certões das terras dos moradores deste Rio Capivarí estão por cultivar. No Rio de S. João da parte do Sul, assima da Alagoa de Inhutruahyba tem o Cap.m Mór Cypriano Luiz Antunes huma legoa de terra por cultivar.

No fim desta legoa da mesma p.te do Sul tem An.to Pinto da S.a e hum seu Irmão chamado Manoel Pinto, duas Legoas de terra por cultivar.

No Rio de S. João da parte do Norte estão muitas terras sem cultura, e consta teremse dado algumas por Sismaria, e por não se terem cultivado, não se sabe quem são os donos; e todos os Certões desta mesma parte do Norte estão livres, sem donos, e sem cultura.

Na Estrada Geral dos Campos dos Goaytacazes da Barra do Rio de S. João, seguindo p.a o Rio das Ostras, estão os Certões dessa terra, q' são duas legoas pouco mais, oû menos, por cultivar, e pertencem aos herdeiros do defunto Cap.m Luiz Gago, e a Fran.co da Costa Albernós; as testadas estão cultivadas.

No Rio dos Ostras seguindo pª. Macahe, está todo o terreno da costa do mar sem cultura, e consta correr demanda sobre essa terra o Exmo. Snr. Visconde da Asseca, com huns F. F. de Barcellos dos Campos; e os Certões da mesma terra tambem estão sem cultura.

6ª — O Nº. de Portos que tem. —

Ha quatro Portos em Cabo Frio em que entrão os dois Rios, a saber o Rio de S. João, e o Rio de Macahe.

O Porto de Cabo Frio	1
O Porto da Armação dos Buzios	2
O Porto da Barra do Rio de S. João	3
O Porto da Barra do Rio de Macahé.	4
	10

No Porto de Cabo Frio ha vinte Lanxas de pescaria. Onze de Taboados seis de conduzir mantimentos para esta Cidade tres.

A quem pertencem são os seguintes.

Duas Lanxas de Pescaria, de Jozê Francisco Ramalhete.	2
Duas Lanxas de pescaria, de Francisco Soutinho .	2
Huma Lanxa de pescaria, de Custodio Vicente. .	1
Huma Lanxa de pescaria, de João Gonçalves Santiago	1
Huma Lanxa de pescaria de João Gonçalves dos Santos	1
Huma Lanxa de pescaria de Vicente de Lomba. .	1
Huma Lanxa de pescaria de Luiz Gonçalves Vianna	1
Huma Lanxa de pescaria de Manoel Luiz dos Santos	1
Huma Lanxa de pescaria de João Botelho da Ponte	1
	11

Lanxa de carregar Taboados são seis.

Duas Lanxas de Antonio dos Santos Vianna . .	2
Huma Lanxa de Manoel Jozê Cruz	1
Huma Lanxa de Lourenço Gonçalves Vianna . .	1
Huma Lanxa de Francisco Jozê Flores	1
Huma Lanxa de Antonio Custodio dos Santos . .	1
	6

« Acontece algumas vezes estas Lanxas de Taboados, por faltas delles, conduzirem mantimentos pª. esta Cidade do Rio. »

Lanxa de Mantimentos são tres.

Huma Lanxa do Capam. Manoel Carvalho . . .	1
Huma Lanxa de Luiz Lopes Trindade	1
Huma Lanxa de Manoel Pereira do Lago . . .	1
	3

No Porto da Armação dos Buzios não ha embarcações grandes, nem Sumacas, nem Lanxas, só Canoas tem.

No Porto do Rio de S. João ha huma Sumaca grande, e he donno della João Francisco da Sa. Neste Rio de S. João entrão Sumacas e Lanxas.

No Rio de Macahê entrão Sumacas, e todas as Lanxas que ha neste Rio de Macahê. Pertencem aos moradores da Repartição dos Campos.

7.a As Villas, Arrayaes, e Aldeyas.

Não ha Villas nem Arrayaes.

Aldeyas ha duas de Indios.

Huma a Aldeya de S. Pedro, distante de Cabo Frio duas Legoas, pouco mais ou menos. Ha outra Aldeya de Indios no Rio chamado a Ipucca, denominada a Aldeya da Sagrada Familia dista de Cabo Frio dous dias e meio de Viajé. Consta ter só tres Cazaes de Indios.

MANOEL ANTUNES FERREIRA.
Mestre de Campo.

RELLAÇÃO DAS DECLARAÇÕES, Q', SE FIZERÃO NO DESTRICTO DE INHOMERIM, DO TERÇO DE Q' HÊ M.e DE CAMPO BARTHOLOMEU JOZÊ VAHIA, NA CONFORMID.e DAS ORDENS DO ILL.mo E EX.mo S.or MARQUEZ VICE REY.

Freguezia de N. Snra. da Pied.e de Inhomerim.

1.o Tem Vigario encommendado João de Andrade Veiga. Coadjutor Fran.co Jozê de Ar.o Carnr.o, não tem Sacristão, e tem 309 fogos.

2.o Tem 3 Eng.os 1 de Ant.o Freire Reboredo, fabrica 20 Caixas de Asucar e 10 pipas de agoa ardente, e tem 42 escravos.

Outro do Cap.m Angelo Josê Tavares, fas 18 pipas de agoa ard.e, e tem 30 escravos.

Outro do Cap.m Paulo Per.a de Mag.es não dão conta por se achar o d.o Cap.m em Minas, e o Feitor ser escravo, e não saber.

3.o Tem deminuido tres Eng.os de agoa ard.e 1 de João Luiz, auzentou-se p.a Minas, e he do tempo do S.or Conde da Cunha.

Outro de Jozê da S.a Per.a, não moe porque o gado da vizinhança lhe come a Cana.

Outro da Viuva Ignacia da Costa, e não moe porq' se repartirão os bens por morte do marido, estes dous são do tempo do S.or Marquez V. Rey.

Produzem as Terras em cada hum anno.

	alqr.s
Farinha.	4320
Milho	24150
Arros	800
Feijão	1900

4.o Achão-se por cultivar 400 braças de terras em Capeladas a Capela de S. Tiago e procurador Jeronymo Migl. Coutinho.

5.o Há hum porto chamado da Estrela, e tem 17 barcos das pessoas seguintes 4 de M.el Thome. 5 de Fran.co Jozê Dantas. 5 de Jozê da Costa. 1 de João Manoel. 1 Vitorino da Costa; e 1 Jozê de Araujo; neste R.o podem navegar barcas.

6.o Não tem Villas, Arrayaes, e Aldeyas.

BARTHOLOMEU JOZÊ VAHIA.
M.e DE CAMPOS.

Freguezia de N. Snra. da Guia de Pacobaiba.

1.o Tem Vigario encomendado, o P.e M.el Caetano Velho de Az.o, não tem Coadjutor, e hê Sacristão Ignacio Manoel das Chagas, e tem 216 fogos.

2.o Não há Engenhos de Asucar, nem Engenho de agoas ard.es

3.° Não tem cressido, nem deminuido nada respeito a Engenhos.

4.° Os efeitos que se beneficião em cada hum anno — São —.

Alqueires de Farinha	4$
Arros	2$
Cachos de bananas	3$

5.° As terras q' se achão estão cultivadas conforme a possibilid.e de seus donos.

6.° Há sinco portos o primeiro chamado Mauá, no q.l há dous Saveiros 1 de D. Fran.co da Pied.e . 1 de Antão de Almeida.

Segundo chamado o Porto da Guia, tem dous Saveiros 1 de M.el da S.a Braga, e outro de Ant.o Alz' da Cruz. Terceiro chamado o Piranga q' tem 1 Saveiro de Jozê Tavares.

Quarto chamado o Broxado, q' tem hum Saveiro de Anastacia Izabel, e todos estes portos acima são de marés, e podem navegar barcos e Canoas.

O quinto hê chamado a barra de Inhomerim, por onde navegão os Saveiros, q' andão aos fretes dos viandantes de Minas, e pode navegar barca.

Há mais 5 Saveiros, e hua Lancha, os qs os portos são na barra de Inhomerim, e não tem portos separados.

1.° de Antonio Ribr.o 2.° de João de Moura.

3.° de João Fran.co

4.° de Fran.co Roiz Branco.

5.° de Jozê Ferreira, e hua Lancha de Ignacio Xavier Salgado.

7.° Não tem Villas, Arrayaes, e Aldeyas.

Bartholomeu Jozê Vahia.

M.e de Campo.

Freguezia de Sam Nicolâo de Suruhi.

1.° Tem Vigario encomendado, o P.e M.el da Costa Matta, não tem Coadjutor nem Sacristão, e tem 208 fogos.

2.° Acha-se criando hum Eng.o de Asucar do Capm Amador de França, fes o anno passado 5 Caixas, e duas pipas de agoa arde, e tem 25 Escravos.

3.º Acha-se deminuta hua Engenhoca, de Josê Vaz Caldas e a ruina hê por elle ser mercador, e morar na Cid.e, e averá seis annos, q' não moe.

4.º Os efeitos q' se beneficião em cada hum anno são:

	Alqueires
Farinha	3.600
Arros	2.390
Feijão	60
Milho	200
Caixos de banana.	17.000

Madeiras não se fabricão.

5.º Todas as terras da Freguezia estão cultivadas.

6.º Asima da Freguezia se acha o porto principal com 6 barcos, 4 de Joaquim Jozê Ferr.a, 2 de Miguel Justo e p.la barra não pode entrar Embarcação mayor.

7.º Não há Villas, Arrayaes, e Aldeyas.

Bartholomeu Jozê Vahia.

M.e de Campo.

Freguezia de N. Snra da Pied.e de Magê.

1.º Tem Vigario colado Felipe de Seq.ra Vinhás. Coadjutor Fran.co Jozê Malta; Sacristão Jozê Joaq.m Baraxo, fogos 468.

2.º Há 2 Engenhos, 1 do Capm. mor Domingos Vianna de Castro. Fabrica p.a 20 Caixas, 12 pipas, e tem oitenta Escravos.

Outro da Religião do Carmo, fabrica p.a 10 Caixas, e 6 pipas e tem 37 Escravos.

3.º Nada.

4.º Os efeitos q' se beneficião em cada hum anno são.

	Alqueires
Farinha.	5200
Arros	570
Milho	250
Feijão	120

5º. Não há terras por cultivar.

6.º Há 4 portos de Embarcações na forma seguinte.

1.º porto gr.[de] tem 14 barcos das pessoas abaixo nomeadas, 1 do Cap.[m] Fran.[co] Lopes da S.[a] 1 do Cap.[m] Fran.[co] Jozê de Az.[o], 2 do Alferes Fran.[co] Jozê de Paiva, 1 de Mart.[o] Jozê, 1 de Manoel Frs' Leça, 1 de Pedro da Cunha, 1 do Ten.[e] Bernardo Jozê Dantas, 1 de D. Antonia Vianna, 2 Fran.[co] Manoelda Fon.[ca], 1 Fran.[co] Dias, 1 de Jozê Afonço, 1 de Leandro de Campos.

2.º porto Velho da Pied.[e] tem 5, a saber.

1 do Cap.[m] Salvador Corr.[a], 2 de Manoel da S.[a], 2 de João Manoel.

3.º porto de Iriri consta de 21 barcos a saber.

2 do Cap.[m] Fran.[co] Jozê de Mattos, 2 de João de Mattos, 1 do Cap.[m] Bento Borges, 1 de D. Antonia de Alvarenga, 1 de Jozê Per.[a], 1 de Estevão Gomes, 1 de Domingos Jozê, 1 do Cap.[m] Mor Domingos Vianna, 1 do Cap.[m] Jozê Caetano, 1 do P.[e] Agostinho, 1 de Fran.[co] Pais Sard.[a], 1 de Bernardino de Sene, 1 de Jeronymo Jozê, 1 de Bartholomeu, 1 do P.[e] Sebastião, 1 de Fr. Cosme, 1 de Thomaz de Souza.

4.º Ilha do Paquetá tem 28 barcos.

2 do Cap.[m] Manoel Jozê, 1 Custodio Luiz, 1 Maria do Nascimento, 1 Caetano Alberto, 1 Ant.[o] da Costa, 2 Manoel Ferr.[a], 2 Pascoa Dias, 1 Antonio da Costa Boto, 1 Jozefa Maria, 5 Jozê da Costa, 1 João Glz', 1 João Gomez, 1 Luiza Maria, 2 Manoel da S.[a] 2 Ign.[co] Jozê, 1 Manoel, Cap.[m] dos Henriques, 1 Dona Anna Maria, 2 Jozê Per.[a] dos S.[tos].

No Rio de Iriri podem entrar barcos.

7.º Tem um Arrayal na mesma Freguezia.

Bartholomeu Jozê Vahia. M.[e] de Campo.

RELLAÇÃO DAS AVERIGUAÇÕES Q' SE FIZERÃO NAS FREGUEZIAS PERTENCENTES AO DISTRICTO DO 3.º DE IRAJÁ, DE QUE HÊ MESTRE DE CAMPO FERNANDO DIAS PAIS LEME, COMO ABAIXO VÃO DECLARADAS E CIRCUMSTANCIADAS.

Freguezia do Engenho Velho.

1. Esta Freguezia de S. Fran.[co] X.[er] tem Vigario encomendado o Reverendo P.[e] Jeronymo Gago da Camr.[a] Mascarenhas,

Coadjutor o R.[do] P.[e] Sylverio Ferr.[a] Mendes e Sacristão Jozê Gago da Cunha, compoem-se esta Freg.[a] de Duzentos e cincoenta fogos.

2. No seu Destricto, não há Eng.[os] de asucar, mais do q' o Eng.[o] Novo da Mag.[e], q' por ser independente, e isento das ordens in comum, não faço menção.

3. Tão somente se deminuio o Eng.[o] Velho por ordem da Magestade, pelo confisco q' fez aos Padres Jezuitas de q' se venderão as terras, averão 18 annos. »

4. As terras produzem aos seus Lavradores os mantim.[tos] seguintes.

De Farinha, pouco mais, ou menos, dois mil alq.[rs]

De Feijão seis sentos alqueires.

De Milho quinhentos alqueires.

De Arros trezentos alqueires.

5. Não se achão neste Destricto terras devolutas, porq' todas estão occupadas e cultivadas.

6. Tem dous Portos, nos quaes só podem entrar Lanchas; nelles há dous Barcos, e huas canoas de Manoel dos Santos Bap.[ta] e de Josê da Cruz de Carvalho. . .»

7. Neste Destricto há hum Arrayal que hê o do chamado Mata porcos.

Freguezia de Inhauma.

1. Tem esta Freg.[a] Vigario colado o Reverendo P.[e] Ant.[o] da Fonçeca Pinto, q', por seu impedim.[to], está por Vigario encomendado o Reverendo P.[e] Sebastião de Brito Meyreles; não tem Coadjuctor; e sim Sacristão, João Baptista. Compoem-se esta Freg.[a] de cento, e setenta e cinco fogos. . .»

2. Nesta Freguezia, há quatro Engenhos de asucar. . . . . .»

O Engenho de Santo Ant.[o] da Pedra do Sargento mor Jozê Dias de Oliveira, q' fas cada anno vinte Caixas de Asucar, entre branco, e mascavado, e vinte Pipas de Agoa ardente, pouco mais, ou menos, com trinta e seis Escravos. . . . . .»

O Engenho do cap.[m] Jozê Per.[a] Amarante, q' fas todos os annos vinte Caixas de Asucar, entre branco e mascavado, e sinco

Pipas de Agoa ardente, pouco mais, ou menos, com vinte e sinco Escr.vos »

O Eng.º do Campinho do Cap.m Fran.co Feliz Corr.a de sociedade com o Thezoureiro dos Auzentes Jozê Furtuozo Mont.ro, q' fas cada anno vinte Caixas de Asucar, entre branco, e mascavado, e des Pipas de Agoa ardente, pouco mais, ou menos, com quarenta e seis Escravos. . . . »

O Eng.º de Inhauma de João Vas Pinheiro, q', fas todos os annos trinta Caixas de Asucar, entre branco, e mascavado, e vinte Pipas de Agoa ardente, pouco mais, ou menos, com setenta e nove Escravos.»

3.º No Destricto desta Freguezia sóm.te se deminuiu o Eng.º de D. Josefa Maria de Jezus, Viuva do falecido Felis de Souza Castro; p.la rezão do dito seu marido passar todos os cobres, e mais pertences p.a outro Eng.º q' teve em São João de Meritty; hade haver vinte e tres annos, pouco mais, ou menos. »

4.º As terras produzem aos seus Lavradores, pouco mais, ou menos.

De Farinha, dous mil nove centos, e oitenta e seis alqueires. »

De Feijão, quinhentos e oitenta e sette alq.rs

De Milho, quatro centos, e oitenta e dous alq.rs. »

De Arros, duzentos alqueires. »

5.º Todas as terras do Destricto desta Freg.a, estão occupadas e cultivadas.

6.º Os portos q' tem, são duas prayas, e dous portos particulares, e nelles tem quinze barcos, e vinte e sette canoas de pescaria. »

Na praya chamada de Maria Angû,, tem o cap.m Theodozio Roiz Mont.ro, hum barco, e hua canoa ».

Maria da Solidade, dous barcos e hua canoa. »

Perpetua Maria, hum barco. »

Manoel Fran.co de Pinho, outro. »

Franco de Almeida, outro. »

Jozê de Tal, outro. »

João da Costa, outro, e hua canoa. »

O Sarg.^{to} Mor Jozê Dias de Oliv.^{ra}, dous barcos e duas canoas. »

Jozê Luis, duas canoas. »

João Fernandes de Oliveira, hua canoa. »

Na praya de Inhauma, tem Felis de Sz.^{a} Castro hum barco.

D. Josefa de Jezus duas canoas. »

Salvador da S.^{a} Mattos hua. »

O Ajudante Mauricio Guerreiro, outra. »

Bernardina Joaquina duas. »

Miguel Antonio de Oliveira hua. »

O Cap.^{m} Ambrozio Pinto, outra. »

Jozê Fran.^{co}, duas. »

Fran.^{co} da Silva Lemos duas. »

João Pereira do Couto outra. »

Christovão Ribeiro outra. »

João Barbeiro outra. »

O Porto da Olaria, q. hê de R.^{o} do Cap.^{m} Luiz Vianna que só pode entrar com maré barco, e canoas, tem nelle hum barco. »

O Porto das Mangueiras, q' hê de maré, tem nelle Joaq.^{m} Roiz da Silva dous barcos, e trez canoas. »

Freguezia de Irajâ.

1. Nesta Freguezia de N. Snr.^{a} da Apresentação tem Vigario colado o R.^{do} P.^{e} Fran.^{co} de Az.^{o} Macedo, o q', por seu impedim.^{to} passou a Igreja a seu Irmão o R.^{do} P.^{e} João de Az.^{o} Macedo, com aprovação de S. Ex.^{a} R.^{ma}, o anno passado de 1777, q' está servindo de Vigario encommendado, coadjutor o R.^{do} P.^{e} An.^{to} de Souza Marmelo, e Sacristão Jozê Rib.^{ro}.

Compoem-se esta Freguezia de duzentos, e quarenta e dous fogos. »

2. Tem em todo o Destricto treze Engenhos de Asucar, a saber.

O Eng.^{o} de Inhomucú de Ant.^{o} Roiz Paiva, q', fas todos os annos pouco mais, ou menos, quatórze Caixas de Asucar entre branco, e mascavado, e oito pipas de agoa ardente, com trinta e seis Escravos.»

O Eng.º de Nazareth do Cap.m Bento Luiz de Oliveira, fas todos os annos quarenta caixas de Asucar entre branco, e mascavado, e vinte duas pipas de agoa ardente, pouco mais, ou menos, com sincoenta e sinco Escravos.»

O Eng.º do Campinho do R.do P.e Fr. Miguel Antunes, Religiozo Carmelita, fas onze Caixas de Asucar entre branco, e mascavado, e oito pipas de agoa ardente, pouco mais, ou menos, com quarenta Escravos.»

O Eng.º do Bota-fogo da Viuva do D.or Ig.co de Sz.a, q' traz arrendado o Sargento Mor da Cavallaria Jozê Corr.a de Castro, fas todos os annos vinte e duas Caixas de Asucar, entre branco, e mascavado; e quartorze pipas de agoa ardente, pouco mais, ou menos, com quarenta Escravos.»

O Eng.º de Luiz M.el de Oliveira, fas todos os annos trinta e oito Caixas de Asucar, entre branco e mascavado, e trinta pipas de agoa ardente, pouco mais, ou menos, com sesenta e oito Escravos.»

O Eng.º de Sacopema de D. Anna Maria de Jezus Viuva do Cap.m João Per.a de Lemos; fas todos os annos trinta e sinco Caixas de Asucar entre branco, e mascavado, e trinta e sette pipas de agoa ardente, pouco mais, ou menos, com oitenta Escravos.»

O Eng.º dos Afonços do Cap.m Antonio de Oliveira Durão, fas todos os annos dezoito Caixas de Asucar entre branco, e, mascavado, e dez pipas de agoa ardente, pouco mais, ou menos, com trinta e quatro Escravos.»

O Eng.º do Dr. Pm.or Fran.co Cordovil de Siqr.a, fas todos os annos dezoito Caixas de Asucar, entre branco, e mascavado, e treze pipas de agoa ardente, pouco mais, ou menos, com sincoenta Escravos.»

O Eng.º do Portela da Viuva Thereza M.a, fas todos os annos sincoenta Caixas de Asucar, pouco mais, ou menos, e trinta pipas de agoa ardente, com trinta e sinco Escravos.»

O Eng.º de Ant.º Corr.a Per.a, fas todos os annos, secenta Caixas de Asucar, entre branco e mascavado, e seis pipas de agoa ardente, pouco mais, ou menos, com quarenta Escravos.»

O Eng.º de Braz de Pina, está em ser com toda a sua fabrica de moer, porem por falta de Lenhas, bois, e Escravos, não moy.»

O Engenho do Juiz da Alfandega Antonio Miz Brito não quiz dar contas dos rendimentos, dizendo que sô as daria ao Ex.mo S.or Marquez Vice Rey. »

3º. No Destricto desta Freguezia não consta q', antes, nem depois da S. Ex.cia, tenha acrescido, nem deminuido Engº. algum. »

4º. As terras produzem aos seus Lavradores de mantimtos em cada hum anno, pouco mais, ou menos, os seguintes. »

De Farinha todos os annos, tres mil, e quinhentos alqueires.»

De Feijão, oito centos alqueires. »

De Milho, oito centos, e cincoenta alqueires. »

De Arros, oito centos, e sincoenta alqueires. »

5º. Nesta Frega. não ha terras devolutas, sô sim as q', os Senhores de Engenhos rezervão, por conta das Lenhas, sem as qes. nem podem Laborar as Fabricas, e nem serem duraveis. »

6º. Tem quatro Portos de marê, e Rº.

O Porto de Mirity, q', he de Rº., que sô entrão barcos, Lanchas, e Canoas, e nelle ha hum sô barco do dono da Fazenda Luiz Manoel de Oliveira. »

O porto do Juiz da Alfandega, em q' entrão com maré, por hua Valla, barcos, e Canoas, e nelle não há Embarcação alguma. »

O Porto da Fazda. do Dor. Provor. da Fazda. Real, em q' sômte. entrão barcos, e Canoas, e nelle tambem não ha Embarcação algua.»

O Porto de Irajà do mesmo Dor. Provor., em q' sô entrão barcos, e Canoas, e nelle hâ hum barco da dta. Fazda. »

7º. Nesta Freguezia, não ha Villa, Arrayal, nem Aldeya. »

Freguezia de S. João de Miritty.—

1. Nesta Freguezia tem Vigario Colado o Pe. Jacintho Josê de Sá Freire, coadjutor o Rdo. Pe. Manoel Franco. Ferra. tão sômente compoem-se esta Freguezia de cento e quatro fogos. »

2. Em todo o seu Destricto, hâ nove Engos. de Asucar.»

O Engenho do Porto do Ten^{e}. M^{el}. Mis'. dos Santos Vianna, q' fas todos os annos, quinze Caixas de Asucar, entre branco e mascavado, e seis pipas de agoa ardente, pouco mais, ou menos, com sincoenta Escravos. »

O Eng^{o}. de N. Snr^{a}. da Ajuda de Fran^{co}. Mis', q' fas todos os annos oito Caixas de Asucar, entre branco, e mascavado, e tres pipas de agoa ard^{e}. pouco mais, ou menos, com trinta e dous Escravos. »

O Eng^{o}. da Covanca de Marcelino da Costa Barros q' fas todos os annos sinco Caixas de Asucar entre branco, e mascavado, e duas pipas de agoa ardente, pouco mais, ou menos, com vinte Escravos. »

O Engenho do Barboza do Cap^{m}. Mor Domingos Vianna, q' fas todos os annos onze Caixas de Asucar, entre branco e mascavado, e onze pipas de agoa ardente, pouco mais, ou menos, com trinta Escravos. »

O Eng^{o}. da Pavuna do Cap^{m}. Ign^{co}. Roiz da S^{a}. q' fas todos os annos sinco Caixas de Asucar, e sinco pipas de agoa ard^{e}., pouco mais ou menos, com sincoenta Escravos ».

O Eng^{o}. de S. Matheus do Alferes Ambrozio de Souza, q fas todos os annos trinta Caixas de Asucar, entre branco, e masca vado, e quatorze pipas de agoa ardente, pouco mais, ou menos, com sincoenta Escravos ».

O Eng^{o}. do Bananal do Cap^{m}. Ayres Pinto, q' fas todos os annos dez Caixas de Asucar, entre branco e mascavado, e tres pipas de agoa ardente, pouco mais, ou menos, com vinte Escravos ».

O Eng^{o}. de Jerexinó de D. Maria de Andrade, q' fas todos os annos sete Caixas de Asucar entre branco, e mascavado, e duas pipas de agoa ardente, pouco mais, ou menos, com trinta e sete Escravos ».

O Eng^{o}. do Cap^{m}. Miguel Cabral, q' fes o anno passado de 1777, q' principiou a moer, treze Caixas de Asucar, entre branco, e mascavado, e pipa e meya de agoa ard^{e}., pouco mais, ou menos, com dezoito Escravos ».

3. Somte. tem acressido no tpo. de S. Exa. o Engo. do dito Miguel Cabral, por ser levantado o anno passado de 1777.

Há neste Districto duas Engenhocas de fabricar agoas ardentes do Capm. João Pera. Lemos, q' fas cada anno sinco pipas, e tem sette Escravos tão sómente ».

Do Capm. Antonio da Rocha Roza, q' fas cada anno doze pipas de agoa ardente, pouco mais ou menos, com dezaseis Escravos.

4. Produzem as terras aos seus Lavradores de mantimentos.

De Farinha mil alqueires ».

De Feijão duzentos e trinta alqueires ».

De Milho duzentos e quarenta alqueires ».

De Arros seis centos e sincoenta alqueires ».

5. Todas as terras do Destricto desta Freguezia, se achão occupadas, e cultivadas, e não consta, que hajão devoluto ».

6. Tem quatorze portos, q' começão do Rio de S. João de Miritty pla. Costa do Mar, e finda no Ro. de Saropohy, e nelles sô podem entrar Barcos, e canoas, e Lanchas com marés grandes.

O porto geral, q' hê de Ro., tem tres barcos, dous do Tene. Manoel Mis, e outro do Capm. Marcelino da Costa.

O Porto do Engo. Velho do Sargto. Mor José Dias de Oliveira, tem hua canoa.

O Porto da Pedra do Rdo. Pe. José Roiz, tem huma canoa.

O Porto de Pedro Alz Roiz, tem duas canoas de pescaria.

O Porto do Paoferro de Fran.co Pupo Corr.a, tem hum barco, e duas canoas.»

O Porto de D. Cathar.a Maria de Mendonça, q', hê de Valla, tem hum barco.»

O Porto do Cap.m Jozé Antonio Barbosa, tem hum barco, e huma canoa.»

O Porto de Anna Ferr.a, tem hum barco.»

O Porto da Xacra, tem duas canoas Ign.co Roiz, e de Ant.o Martins.»

O Porto de João da Silva, tem tres canoas.»

O Porto do Cap.m João Per.a de Lima Gramacho, tem hum barco, e hua canoa da Faz.da ».

O Porto do M.[e] de Campo Bartholomeu Jozê Vahia, tem hum barco da Fazenda.

O Porto do Cap.[m] Pedro Alz.' Frique, não tem embarcação.

7. Nesta Freguezia, não ha Villas, Arrayaes, e Aldeyas.»

FREGUEZIA DO PILAR DO IGOASU'

1. Tem esta Freguezia Vigario colado o R.[do] P.[e] Alberto Caetano Alz' de Barros, e seu Sacristão o P.[e] Jozê Ig.[co] Teixeira; compoem-se esta Freg.[a] de duzentos e oitenta e tres fogos.»

2. Nesta Freguezia há sómente hum Eng.[o] de fazer asucar, q', hê do Cap.[m] Luciano Gomes Ribeiro, o q', fas todos os annos quarenta Caixas de asucar, entre branco, e mascavado, e dezasete pipas de agoa ardente, com setenta e quatro Escravos.»

Há mais tres Enginhocas de fabricar agoa ardente, q' dellas não uzão seus donos, por lhes não fazer conta.»

A Engenhoca de Matheus de Chaves.»

A do Cap.[m] P.[o] Gomes de Asumpção.»

E a Engenhoca do Cap.[m] João Carv.[o] de Barros.»

Não consta q' nesta Freg.[a] acrecese, nem deminuise Eng.[o] algum.»

3. Produzem as terras aos seus Lavradores os mantim.[tos] seguintes.»

De Farinha cada anno, desazeis mil, duzentos e secenta e quatro alqueires.»

De Feijão pouco mais, ou menos, cento e setenta e sette alqueires.»

De Milho, duzentos e sincoenta e seis alq.[s].»

4. De Arros, tres mil quatrocentos e setenta alq.[s].»

5. Todas as suas terras se achão occupadas, e cultivadas, e somente se achão devolutas as da Serra da Boavista, q' alem de serem incapazes de se plantarem, e cultivarem, são da Maj.[e].»

6. A entrada q' tem p.[a] os portos desta Freg.[a], hê por hum R.[o], q', fas barra no mar, e nelles há nove portos, e desoito barcos, e hua Lancha, de conduzir mantim.[tos], tijolos e etc. os quaes barcos sam das seguintes pessoas.»

O R.do P.e Thedim Luis de Carvalho, tem hum barco.»
O Cap.m Luciano Gomes Ribeiro tem outro.»
O R.do P.e Vigario Alberto Caetano Alz' de Barros outro.»
Antonio Ribeiro Lamego outro.»
Pedro Jozê Ferreira outro.»
O Reverendo Padre João Caetano outro.»
Jozê da Costa, outro.»
Faustino Alz', outro.»
Manoel Carneiro Coelho, outro.»
O Capm. Mel. Barboza da Sa., outro».
Manoel de Lima, outro».
Francisco Xavier, outro».
Francisco Coelho da Costa, outro».
Manoel Gomes, outro».
O R.do. P.e. Joaqm. Gls., outro».
Manoel da Fonseca, outro».
Mariana de Moraes, outro».
O Coronel Joaqm. Jozê Ribeiro, outro».
Manoel Dias hua Lancha».

Para estes portos, não podem entrar plo Rio Embarcações mayores».

7. Neste Destricto ha o Arayal da Freguezia».

RESUMO

Freguezias coladas.	4
Freguezia sem ser colada.	1
Vigarios q', rezidem colados.	2
Encomendados	3
Coadjuctores.	3
Sacristaens	3
Fogos	1009

ENGENHOS DE FABRICAR ASUCAR

Ditos	27
Ditos acressidos.	1
Ditos diminuidos	2

Engenhocas de agoa ardente	2
Ditos q' não fabricão	3
Caixas de asucar	537
Pipas de agoa ardente	329

MANTIMENTOS

Farinhas	Alqueires	25750
Feijão	Ditos	2394
Milho	Ditos	2326
Arrozes	Ditos	5470
Portos		33
Barcos		48
Canoas		42
Arrayaes		2

FERNANDO DIAS PAIS LEME
M.e DE CAMPO.

« RELAÇÃO DO NUMERO DAS FREGUEZIAS, PADRES, FOGOS, ENGENHOS, ESCRAVOS, EFFEITOS, PORTOS, ALDEYAS, E TERRAS POR CULTIVAR, Q' SE CONTEM NO DESTRICTO DE GUARATIBA, DE Q' HÊ M.e DE CAMPO IGN.co DE ANDRADE SOUTO MAYOR RONDON.»

1ª. Neste Destricto há sete Freguezias, S. Salvador do Mundo da Guaratiba, S. Francisco X.er de Itaguay, Nossa Senhora do Desterro do Campo Grd,e N. Snr.a do Loretto de Jacarépaguá, Santo Ant.o de Jacutinga, Nossa Snr.a da Pied.e de Iguassú, Nossa Snr.a da Conceição de Marapicú. »

A Freguezia de Guaratiba tem por Vigario Encomendado ao R.do P.e Braz Luis de Pina, e Coadjutor, o Reverendo Padre Ant.o do Rego Camara Bitancourt, tem de fogos 277. »

A Freguezia de Itaguay tem por Vigario Encommendado o Reverendo P.e Caetano da Costa Oliveira. Tem de fogos 35. » A Freg.a de Campo Grande tem por Vigario Colado, ao R.do P.e Bernardo Ferreira de Souza, e dous Sacerdotes aneixos o R.do P.e Fran.co Dias, Capelão do Vig.o, e o R.do P.e Silvestre Cardozo Ramalho, Capelão das Capoeiras. Tem de Fogos 170. »

A Freguezia de Jacarepaguá tem por Vigario Encomendado ao Reverendo P.e Domingos de Azeredo; e aneixo ao R.do P.e Jozê Paes, Capelam de Nossa Senhora da Pena. Tem de fogos 198. »

A Freguezia de Jacutinga tem por Vigario encomendado ao R.do P.e Luiz Ign.co de Pinna, e dous Sacerdotes aneixos, o R.do Padre Antonio Maciel da Costa e o R.do P.e M.el Pinto, Capelão da Posse. Tem de Fogos 253. »

A Freguezia de Iguassú tem por Vigario Colado o R.do P.e Amador dos Santos, tem de fogos 204. »

A Freg.a de Marapicú tem por Vigr.o Colado o R.do Fructuoso Gomes Freire, e dous Sacerdotes aneixos, o R.do P.e Antonio Romualdo de Freitas Coutinho, Capelão da Caza de Marapicú, e o R.do P.e João Alves de Moura, Capelão do Madureira. Tem de fogos 105. »

2.a Neste Destricto há 34 Engenhos, a saber, 6 na Guaratiba, o pr.o dos Reverendos P.es do Carmo, q,' tem 70 Escravos. Faz 18 Caixas, e 16 pipas. O Seg.do chamado da Ilha do Cap.m Fran.co de Macedo Freire, q,' tem 40 Escravos, faz 14 caixas e 6 pipas.

O Tercr.o chamado o Morgado do Guardamor da Alfandega Fran.co de Macedo e Vasconselos, tem 35 Escravos, faz 15 Caixas, e 3 pipas. O 4.o chamado o Novo de D. Fran.ca Victoria Lucena de Carv.o, tem 40 Escravos, faz 4 caixas, e 1 pipa. O 5.o chamado de Fóra, do Alferes Fran.co Antunes Leão Figueira, tem 40 Escravos, faz 24 caixas, e 16 pipas. O 6.o chamado Magarça do Cap.m Fran.co Caetano de Oliveira Braga, faz 20 caixas, e 16 pipas. Nesta Freguezia há som.te hua Engenhoca de agoa ard.te na barra da Guaratiba, do Alferes Antonio Cardozo Ribr.o, com 35 Escravos, q,' faz 6 pipas.

A Frega. do Campo Grde . tem 10 Engenhos, o 1o chamado Bangú do Cor.el Gregorio de Moraes Castro Pimentel, tem 107 Escravos, fas 40 caixas, e 22 pipas. O 2o chamado do Viegas de Mel. Freire Ribro., tem 53 Escravos, fas 22 caixas e 10 pipas. O 3o chamado de Juari de Victoriano Roiz' Roza, com 27 Escravos, fas hua caixa, e meya pipa. O 4o chamado Cabossú de

Ursula Martins com 87 Escravos, fas 20 caixas, e 9 pipas. O 5º chamado Inhuayba do Capm. Ant.º Antunes, tem 14 Escravos, fas 1 caixa. O 6º chamado Guandú de Franco. da Sa. Sene, com 35 Escravos, fas 12 caixas, e 10 pipas. O 7º chamado Mendanha, do Capm. Franco. Caetano de Oliveira Braga, com 30 Escravos, fas 10 caixas, e 8 pipas. O 8º chamado Capoeiras de D. Anna Maria de Jezus, com 35 Escravos, fas 25 caixas, e 20 pipas. O 9º chamado Lamarão de D. Mariana Nunes de Souza, e mais Erdeiros com 28 Escravos fas 18 caixas e 10 pipas. O Descimo chamado Coqueiros, de Jozê Antunes Suzano com 32 Escravos, fas 25 caixas, e sete pipas. Este Engº. foi feito em 1773.»

A Frega. de Jacarépaguá tem 8 Engos. O 1º chamado de Fôra de D. Anna Ma. de Souza Per,a com 25 Escravos: fas 14 caixas, e 5 pipas. O 2.º chamado da Serra de Mel. Roiz' Aragão, com 110 Escravos, fas 19 caixas e 20 pipas. O 3º chamado Camorim, dos Rdos. Pes. Bento, com Escravos, fas caixas, e pipas. O 4º chamado a Varge dos ditos Padres, com Escravos, fas caixas, e pipas. O 5.º chamado Rio grde. do Capm. Mel. Pimenta, com 40 escravos, fas 25 caixas, e 8 pipas, O 6º chamado d'Agoa, do Exmo. Bisconde da Seca, com 30 Escravos, fas 18 caixas, e 14 pipas. O 7.º, e 8.º chamados novo, e velho da Taquara, pertencem ao Dor. Juiz dos Orfaons Franco. Felis Barretto de Menezes. O velho em 1770, por arruinado, deixou de moer, e em 71 foi reformado: O Novo se levantou em 1768, ambos depreztc. tem toda a fabrica necessaria, independe. hum do outro, com 80 Escravos; fazem cada hum 40 caixas e 40 pipas. Há nesta Freguezia hua Engenhoca chamada Covanca de Felis Monis, que fas 6 pipas.

A Frega. de Jacutinga tem 7 Engos. O 1º. chamado Madureira, de Mel. Luis de Olivra., com 70 Escravos, fas 40 Caixas, e 30 pipas. O 2º. chamado a Posse dos Erdeiros do Capm. Franco. de Veras Nascentes, com 25 Escravos, fas 20 Caixas e 5 pipas. O 3º. chamado de Machambomba do Sargto. Mor Martinho Corra. de Sá, com 12 Escravos, fas 15 Caixas e 4 pipas. O 4º. chamado do Brejo do Capm. a Polinario Maciel, e seu Irmão o Rdo. Pe. Antº. Maciel, com 35 Escravos, fas 25 Caixas, e 8 pipas. O 5º. chamado

a Cachoeira, do Cap^{m}. Manoel Corr^{a}. Vasquez, com 80 Escravos, fas 60 Caixas, e 30 pipas. O 6^{o}. chamado de S^{to}. Ant^{o}. do M^{e}. de Campo Ign^{co}. de Andr^{e}. Soutomayor Rendon com 30 Escravos: Este Engenho foi do Sarg^{to}. mor Fran^{co}. Sanchez de Castilho, por sua morte teve tal ruina, q' não moeu mais. Foi a sua decadencia em o anno de 1771; por dividas foi a Praça, e arrematou o d^{to}. M^{e}. de Campo em 1778, que se acha fabricando de novo inteiram^{te}. p^{a}. moer neste anno de 79. O 7^{o} chamado da Conceição dos Erdeiros de Ign^{co}. Gomes, com 14 Escravos, fas 3 caixas, e meya pipa, por que cuidão mais em mandiocas.

A Freg^{a}. de Iguassú tem sóm^{e}. duas Engenhocas, 1^{a}. do Cap^{m}. Luis Barboza, com 50 Escravos, fas 18 pipas. Esta hê feita de poucos annos. A 2^{a}. de D. Luzia M^{a}. tem 30 Escravos, fas 12 pipas.

A Freg^{a}. de Marapicú tem 4 Eng^{os}. Marapicú, Cabussú, Piranga e Matogroço. Os dous primeiros pertencem á Caza de Marapicú, os quaes entre Escravos de serviço, Velhos e menores, tem 200. O Tercr^{o}. hê do Ten^{e}. Ant^{o}. Marinho de Moura, tem 40 Escravos de serviço, e 24 menores.

O ultimo hê do M^{e}. de Campo Ign^{co}. de Andr^{e}. Soutomayor Rendon, tem 70 Escravos de serviço, e menores. Os Engenhos da Caza de Marapicú fazem uns annos por outros 120 Caixas, entrando as dos Lavradores; e pipas de 35 athe 60, conforme as Safras. O do Piranga fas 20 Caixas, e 12 pipas. O de Matogroço, como tem andado com obras, e abrindo a fazenda de novo, tem feito 12 caixas, e 4 pipas.

3^{a}. Neste Destricto tem acressido sóm^{e}. 4 Eng^{os}. O novo da Taquara, feito em 1768. O dos Coqueiros, feito em 1773. O Inhuayba, feito em 1775, e o do Matogroço, levantado em 1776. Todos estes Eng^{os}. forão feitos p^{a}. estabelecim^{to}. dos donos. Tem deminuido neste Destricto dous Eng^{os}. hum chamado de Cabral de Manoel Nunez; os Erdeiros dos seus antepassados pozerão-lhe hua tão forte demanda, q' tem durado 20 annos; e por isso teve tal ruina o Eng^{o}, q' já não aparessem signaes da Fabrica, e sô estão as terras. O outro hê do Calundú, do Cap^{m}. Fran^{co}. Garcia.

Teve a sua ruina á 30 annos; e por dividas foy rematado em Praça, já decadente. Acha-se o dº. Cap^{m}. cultivando nelle mandiocas com 35 Escravos. Tambem deminuio hua Engenhoca de João Pinto, por cahir em pobreza.

Pello que fica referido asima bem consta da decadencia e augmento, q' tem cada Eng.º

4ª. As terras da Freguezia de Guaratiba, e Itaguay produzem de Farinhas 5440. De Feijão 850, De milho 190, de Mendubis 200. De Arros 3800; e serram-se 300 Caixões.

A Freguezia de Campo Grd.^{e}, produz de Farinhas 2500. De Feijão 2040. De Milho 700. De Arros 400. Serrão-se 156 Caixões. A Freg.ª de Jacarépaguá produz de farinha 2888. De Feijão 1430. De Milho 1579. De Arros 281. Serrão-se 156 Caixões. A Freguezia de Jacarpaguá produs de farinha 2888. De Feijão 1430. De Milho 1579. De Arros 281. Serrão-se 156 caixões. A Fregª. de Jacutinga, produs de Farinha 25000, De Feijão 1000, de Milho 1000. De Arros 10000, serrão-se 100 Caixões. A Freg.ª de Iguassú produs de farinha 10000. De Feijão 400, De Milho 400. De Arros 10000. A Fregª. de Marapicú, produs de farinha 150. De Feijão 800. De Milho 300. De Arros 1500. Serrão-se 162 Caixões. Isto tudo pouco mais, ou menos. Nestas Freguezias se vai cultivando o Anil; da quantid.^{e} q' fazem não se pode averiguar.

5ª. Neste Destricto não há terras devolutas: as terras, q' se achão por cultivar são os Sertões dos Engenhos, e Fazendas, os q^{es} são necessarios indespensavelm.^{te} aos mesmos Eng.^{os} p.ª em cada anno tirarem delles o grd.^{e} nº. de Carros de Lenha, q' conforme a moagem: tirarem páos p.ª moendas, madeiras de carros, taboas p.ª Caixões, madeiras p.ª a reedificação dos Eng.^{oz} e haverem terras novas p.ª seplantarem as Canas.

Ha tambem por cultivar seis Legoas de terra, q' forão dos Jezuitas, citas no Sertão da Fazd.ª de S^{ta} Cruz, as q.^{es} estão no mesmo comfisco.

6ª. Neste Destricto ha 23 portos de Lanchas, barcas, barcos, e canoas.

Na Guaratiba 4. Barra de Guaratiba, Praya da Pedra, Prayas da Sapetiba, e Barra do R.º Itaguay.

Nestes Portos não há dos moradores outras embarcações que canoas; exceto na barra de Itaguay, em q' ha a Lancha da Caza de Marapicú q' carrega 40 Caixas.

Por estes portos navegão varias Lanchas de transporte, q' são as Embarcações de mayor porte, q' nelle podem chegar.

Em Jacarepaguá há 7 portos. 1 principal no lugar chamado Tijucas. Neste não há Embarcação algúa deporte: entrão nelle algúas Lanchas depescaria, na distancia de 14 braças, e deste Lugar p.ª Sima navegão Canoas, por ser a Lagoa de Jacarepaguá m^{to} baixa. Há 6 portos nesta d^{ta} Lagoa, q' são de Fran.^{co} Roiz', de Luis Jozê, de Apolinario, e de Ant.º Felis: nos quaes há 18 Canoas: de D. Fran.^{ca}, de Manoel de Andr.^{e}, de Izabel Maria, de Ann. da Fonseca, de Manoel Ant.º, de Franc.º Correa, de Vicente Ferr.ª- de Hilario Roiz', de Luis de Campos, de Salvador da Costa, de Angelo, de Manoel Roiz', de Ign.^{co} Vieira, de Ant.º Per.ª e de Jozê de Sampayo.

Em S.^{to} Ant.º, há 9.5 no R.º Iguassú, 4 no R.º Sarapuy. No R.º Iguassú o Porto da Tipuera, q' não tem embarcação.

O Porto do Alferes Jozê Felipe com dous barcos do d.º Alferes. O Porto da passagem, q' não tem embarcação; e o Porto do Mota, q' não tem embarcação; e o Porto dos Religiozos Bentos com 3 barcos, e hua barca dos mesmos Religiozos. No R.º de Sarapuhi; o porto de D. Ant.ª com hum barco da d.ª O porto de Domingos Coelho com 3 barcos: 2 do d.º Coelho, e 1 de Maria Jozefa. O porto de Maria das Neves com hum barco da d.ª, e o porto de D. Anna com 3 barcos: 2 da d.ª, e hum de Balthezar Jozê. Nestes portos, e Rios podem navegar barcos, barcas, Lanchas e Canoas.

Em Iguassú há dous portos; hum chamado do Teijam, outro dos Saveiros.

Há nos ditos portos 3 Lanchas. A 1ª de Antº Jozê. 2ª de Domingos de Oliveira. 3ª de Caetano Jozê. Há 2 barcos: 1 de D. Cathr.ª, e outro do Cap.^{m} Luis Barboza, e só são as Embar-

cações, q' podem chegar a elles. Em Marapicú há hum R.º navegavel chamado do Guandú: nelle navegão canoas grd.es, q' carregão 3 caixas de asucar; e sobem da Ilha grd.e, e mais Costa, muitas canoas carregadas de peixe, a comerciarem. E este R.º foi aberto p.lo Cap.m mor Manoel Per.a Ramos de Lemos e Faria, o qual á custa de m.to trabalho, e despeza, fes hua valla de mais de Legoa por honde encaminhou o R.º p.a se poder navegar, e fes hum porto na fazenda do Paul do Guandú.

7ª. Não ha neste Destricto Villas. Som.te A Ald.a dos Indios de Itaguay. — Ign.co de Andrade Soutomayor Rendon. Mestre de Campo.

Copia — Rellação das Villas, e Aldeas que há no d.º Destricto.

A Villa de S. Salvador q' fica a margem do R.º Paraiba da parte do Sul.

A Villa de S. João da Barra á margem do mesmo Rio pella mesma parte.

A Aldea de S.to Antonio dos Guarulhos, q' hê Freguezia, e dista meya Legoa da V.a de S. Salvador, á margem do mesmo R.º da p.e do Norte, a qual suposto seja de Indios, comtudo so tem oriundos della tres, e seis entre maixos, e femias adeventicios agregados á mesma, como consta da informação do Vigario, e toda a mais gente da d.a Freg.a hê de Brancos, e Libertos, por q' os mais Indios todos tem morrido.

A Aldea do Cap.m Felipe, q' se acha no R.º de Janeiro, chamado da Gamboa, de Nasção-Coroado, situada á margem do R.º Paraiba da p.e do Sul, em terras q' se supoem serem das que S. Mag.e tem na mesma paragem, q' se achão por medir, e demarcar em distancia de sette, ou oito Legoas da V.a em q' se diz tem sette ou oito Cazaes, e mais alguns Solteiros de menor, e velhos q' são batizados, domesticos, e dados com os brancos, alem de outros m.tos q' andão dispersos pello mesmo Sertão, divididos em famillias particulares.

Para Sima da dita Aldea p.la margem do dito R.º athe Minas dizem q' há mais de 60 Aldeas, do mesmo Coroado, q' se com-

poem cada hua de hua Caza grd.e com poucos Cazaes as mais dellas, e q' algumas tem athe meya duzia de Cazaes, e q' todos se comonicão huns com os outros.

Para Sima dos Caxoeiros do R.o Muriaê ha outra qualid.e de Gentio brabo, a que chamão Purê que dizem anda sempre disperço p.los mattos em guerra com o Coroado q' fica entre hum e outro R.o, de que tem morto muitos, e q' não tem Aldea certa.

A Aldea do Sertão do R.o Macaê da parte do Norte, q' hê Freg.a do Gentio chamados Guarulhos, hum dia de viagem da Povoação de Macaê, e tem Aldeados entre Solteiros, e Cazados 20, ou 25, alem de muitos, q' andão disperços p.lo Sertão.

Na fós do R.o Macaê achaçe hum principio de Povoação com esperança de se fazer mayor.

Copia — Rellação dos Portos q' ha no dito Destricto.

O Porto da Villa de S. João da Barra, onde vay desaguar o R.o Parahîba, p.lo qual não podem entrar, nem sahir Embarcações, q' demandem mais de 12 palmos de agoa, subindo estas em tp.o das agoas athe a V.a de S. Salvador, q' está a margem do dito R.o, e fica em distancia de 8 Legoas da barra.

Rellação q' ha de Embarcações no d.o porto, e seus respectivos donos.

1 Lancha de João Roiz' Povoa.
1 dita de Jozê Per.a
1 dita de Manoel Nunes.
1 dita de Fran.co Botelho.

Lanchas armadas á redonda.

1 de Antonio Glz'. Barboza.
1 de Jeronymo Pinto Neto.
1 de Manoel Fran.co da S.a
1 de Ignacio Nunez da Cunha.
1 de Gregorio Fran.co de Miranda.
1 de João Peixoto de Faria.
1 do Cap.m Manoel Fran.co da Cruz.
1 do d.o, e de Domingos de Oliveira.

1 de Gonçalo Rabelo, e Jozè da S.ª Barros.
1 de Jozê Ant.º Laura, e seus Socios.
1 de Cypriano da Costa.
1 de Custodio Jozê da Roxa.
1 de Jozê Miz'. Cortinhal.
1 de Luciano da Silva.
1 do Capitam Jozê Pereira Lobo, e seu Socio.
1 da Viuva de Pedro Freire.
1 do Alferes Jozê Luiz Miz'.
1 de Domingos Frz' Xaves.
1 de Vicente Roiz' Povoas.
2 do Capt.m Luiz Manoel Pinto.

O Porto da Povoa sae do R.º Macaê, que por elle desagua ao mar, por cuja barra não podem entrar senão Lanchas, que demandem oito palmos d'agoa, e ao pé da barra tem hua Enciada, onde podem carregar Curvetas, e hê a onde acabão de carregar algumas Embarcações mayores, e q' demandão mais agoa.

Rellação das Embarcações, que há no d.º porto, e seus respectivos donos.

1 Lancha de João de Oliveira.
1 de Domingos Glz'.
1 do Cap.m Jozê Fran.co Caldas.
1 de Gonçalo Marques.

Copia — Rellação dos efeitos que produzem as terras aos Lavradores do Continente dos Campos dos Goitacazes em cada anno pouco mais, ou menos.

Farinha	Alqueirse	28312
Feijão D.os		9277
Milho D.os		7152
Arros D.os		1326
Algodão Arrobas		2050
Taboado Duzias		860
Anil Arrobas		3

Na Conta do Taboado não se compréendem Tapinhoans, nem Parobas por que destas, só vão as quantidades que mandão as receitas da Fazenda Real.

Copia — Rellação das Freguezias que hâ no Destricto dos Campos dos Goitacazes, seus Vigarios, e mais anexos.

1ª. A Fregª. de S. Salvador Matris da dita Villa, de q' hê Vigrº. encomendado, q' tambem serve da Vara o Rdº. Pe. Andrê Duarte Carneiro, e Coadjutores os P. P. Josê da Cruz Domingues, Jozê Corrª. de Azeredo, João de Andrade Mota, e Sacristão Jozê Miz'. Barrozo: tem fogos p.lo rol da desobriga. 1064

2ª. A Fregª. de S. Gonçalo de q' hê Vigrº. encomendado o Rdº. Pe. Amaro da Silva Carneiro e Coadjutor não tem por haver falecido ápouco, Sacristão Jozê dos Santos; tem fogos p.lo rol da desobriga. . . . . «506

3ª. A Fregª. de Stº. Antonio dos Guarulhos, q' hê Aldea, q' hê Vigº. Encomendado o Rdº. Pe. Franciscº de Mattos Perª. não tem por hora Coadjutor, nem Sacristão; tem fogos pello rol da desobriga 110

4ª. A Fregª. de S. João da Barra, matris da mesma Vª. de S. João de q' hê Vgrº. Colado o Rdº. Pe. Francº. Furtº. de Mendonça, e Coadjutor o Pe. Diogo de Carvº, e não tem por hora Sacristão, tem fogos pello rol da desobriga 105

5ª. A Fregª. de Nossa Snrª. do Desterro, de Capivarì, de q' hê Vigrº. Colado o Rdº. Pe. Bento Ferreira Pinto, não tem Coadjutor, nem Sacristão, tem fogos pelº rol da desobriga 90

6ª. A Fregª. de Nossa Senhora das Neves e Santa Rita, que hê Aldea, no Sertão do Rº. Macaê, de que hera Vigario o Padre Francisco Ignacio, a quem matarão, não tem Coadjutor nem Sacristão, e além de muitos Indios que ainda não estão Aldeados, e andão disperços pellos matos, tem fogos. 8

Somão os fogos das 6 Freguezias deste Destricto . . 1883

Copia — Rellação de Eng.os, e Engenhocas de Asucar, e agoa ardente que há no Destricto dos Campos dos Goitacazes; Caixas de Asucar, e Pipas de agoa ard.e q' cada hum fas por anno com o numero dos Escravos; eregidos huns em terras proprias, e outros em terras aforadas, athe o anno de 1779 incluzivé.

	ENGENHOS REAES	ENG.OS DE ASUCAR	PIPAS DE AGOA ARD.E	ESCRAVOS
1	O de S. Mag.e Sequestrado aos Padres Jesuitas.	50	10	1400
	Da Religião de S. Bento	25	12	432
	Do Ex.mo Visconde d'Aseca	30	6	200
	De Clara Nunes	40	»	36
	De Ignacio Gago Machado.	30	4	83
	De Joana da Roza	20	3	46
	Do Alferes Jozé Luiz Miz', , ...	20	3	40
	Dos Erdeiros do Cap.m Antonio Per.a da Silva. .	16	»	33
	De Sebastião Ribr.o do Rozario.	15	»	16
	Dos Erdeiros do Cap.m mor Tomé Alz. Passanha .	15	1	44
	Do Cap.m Luiz Pinto de Queiroz	10	»	20
	De João Alz' de Araujo	30	»	80
	De Anna Maria da Mota	14	»	30
	De Maria das Neves Pinta.	20	»	36
	Do Padre Norberto de Azevedo.	12	1	31
	Engenhocas q', tambem fazem asucar			
1	De Ignacio Gomez Sardinha	12	»	23
2	Do Jozê de Oliveira	10	»	22
3	De João Senrra.	15	»	30
4	De Pedro Vasques.	12	»	19
5	Do Alferes Manoel Diaz.	25	11	21
6	Do Cap.m M.el Teixr.a de Mag.es	8	½	17
7	De Jozê da Costa Ribr.o	10	»	17
8	De Luiz Antonio Pinto	15	»	30
9	De Fran.co Ribr.o Cardozo	7	»	21
10	Dos Erdeiros de Jozê Licerio	10	»	16

	ENGENHOS REAES	ENG.os DE ASUCAR	PIPAS DE AGOA ARD.e	ESCRAVOS
11	De Caetano Per.a Rabelo	15	1	19
12	De S. Bento arrendado a Fran.co Lopes. . . .	14	»	22
13	De Carlos Jozê de Campos.	16	»	21
14	De Fran.co de Almd.a Pinr.o.	25	»	21
15	Do Alferes Fran.co. Nunes Cout.o	14	»	52
16	De Jozê Campelo de Queiroz	12	2	14
17	De Manoel de Carv.o	8	½	19
18	De Manoel Paxeco Freire	15	»	26
19	De Luiz Per.a S. Payo	12	»	23
20	De João Glz' Vianna.	10	»	21
21	De Fran.co Manhaens de Andr.a.	8	»	15
22	De Salvador Nunes de Toledo.	12	»	15
23	De Ant.o Nunes de Carv.o.	10	»	13
24	De Sebastiana de Almeida.	8	»	11
25	De João Gomez Per.a	12	»	15
26	De Manoel André da S.a	8	»	16
27	De Simão Alz' Soares.	12	½	15
28	De Manoel de Menezes	6	2	17
29	De Fran.co Machado Forte.	3	»	5
30	De M.el de Carv.o da S.a	6	»	7
31	De Salvador de França.	8	»	7
32	De Jozê Ribr.o do Rozario.	1	»	5
33	De João Soares de Souza	4	»	7
34	De João da Costa Alz'	2	»	4
35	De Leandro de Souza.	7	»	16
36	De Maria Ribeira, e seus Filhos.	4	»	12
37	De Fran.co Diaz Machado	2	»	4
38	De Estevão da Silva Riscado.	3	»	1
39	De João Per.a Silvr.a.	7	»	8
40	De Manoel Glz' Ramos	6	»	6
41	De Pedro Jozê da Rocha	4	1	12
		745	52 ½	3192

		ENGENHOS REAES	ENG.os DE ASSUCAR	PIPAS DE AGOA ARD.e	ESCRAVOS
		Eng.os fabricados desde o anno de 1770 inclusivè nos annos à margem			
1770	1	Do Cap.m Luiz Manoel Pinto	40	20	30
1772	2	De Caetano Jozê da Mota	20	2	27
1770	3	De Custodio João	15	2	21
1773	4	De Jozê da Silva Rego	12	»	21
1773	5	De Manoel Pacheco Freire	15	»	20
1775	6	De Custodio Valentim Codeso	20	»	18
1775	7	Do Rd.o P.e Ant.o Ramos de Macedo . .	10	»	15
1774	8	Do Ex.mo Visconde d'Aseca	15	3	30
1770	9	De Pedro de Souza Barros	20	»	36
1770	10	De João Baptista Per.a	30	»	20
1770	11	De Manoel Per.a da Costa	25	4	07
1773	12	De João Gomes da Mota	25	»	32
1771	13	De Belxior Rangel de Souza.	30	4	48
1772	14	Do Mestre de Campo Joaó Jozê Barcelos Cout.o.	25	4	40
1771	15	De Manoel Jozê da Silva e Cunha. . . .	15	4	24
1771	16	De M.el Fran.co da S.a.	15	1	12
1774	17	De Antonio Munhóz d'Abreu	12	»	11
1774	18	De Jozê Teixeira.	12	»	20
1771	19	De Sebastião Carv.o, e seu Socio. . . .	25	2	29
1774	20	De Jozê Joaquim Per.a	10	»	10
1773	21	De Amatildes de Souza	8	»	15
1772	22	Do Alferes Angelo da S.a, e seu Irmão. .	22	»	37
1770	23	De João Pinto da Silva	12	1	17
1775	24	De Jozê Soares	20	»	20
1775	25	De Carlos Jozê da Silva Lisboa	10	»	19
1771	26	De D. Maria do Nascimento, Viuva de Pedro Fr.e.	20	»	100
1771	27	De Antonio da Silva Esteves	15	2	30
1774	28	De Manoel de Gouvea.	25	2	30
1775	29	De Manoel Roiz. Pinto	12	»	11

		ENGENHOS REAES	ENG.os DE ASUCAR	PIPAS DE AGOA ARD.e	ESCRAVOS
		Engenhocas q' tambem fabricão asucar			
1777	1	Do Cap.m Ant.o Pacheco de Lima . . .	15	»	25
1774	2	De Gervazio Caetano Peixoto	16	»	21
1775	3	De Manoel Jozê de Carvalho	20	»	11
1773	4	De João Pinto da Silva	10	1	25
1771	5	De Euzebio do Couto	12	»	15
1771	6	De Antonio Jozê Palhares	15	»	16
1776	7	Da Viuva do Alferes M.el de Azevedo Lima	10	»	13
1775	8	De Fran.co Ribr.o Salgado	8	»	6
1772	9	De Domingos Alz' de Carvalho.	15	1	20
1773	10	De Antonio de Souza Montr.o.	10	»	21
1770	11	De Feliciano de Aguiar	35	»	28
1770	12	De Fran.co Per.a da Silva	30	2	31
1776	13	De Manoel de Souza Leal	10	»	8
1772	14	Da Viuva de Euzebio Jozê de Aguiar . .	7	»	16
1773	15	De Sebastiaó Miz' e seus Irmãos	8	»	10
1773	16	De Fran.co Per.a de Andrade	10	»	15
1770	17	De Alex.e Jozê do Amaral	3	»	6
1773	18	Dos Erdeiros de Pedro de Matos. . . .	5	»	3
1776	19	De Domingos Pires	3	»	6
1774	20	De Antonio Mendes Durão	3	»	4
1770	21	De Manoel Dias Monteiro	7	»	11
1775	22	De Manoel João Bacamarte.	2	»	3
1773	23	De Anna de Benavides.	5	»	5
1777	24	De Bento da Silva Carnr.o	6	»	10
1774	25	De Sebastião de Carvalho	8	»	7
1773	26	De Manoel Marques.	4	½	11
1770	27	De Matias Furtado.	5	»	3
1771	28	De Jozê Gomes Ferr.a.	5	½	12
1771	29	De Alberto Ferr.a	5	»	9
1776	30	De Pedro de Olivr.a.	2	»	6
1774	31	De Jozê Almeida Rabelo	2	»	8
1773	32	Dos Erdeiros do P. M.el Antunes. . . .	4		6

		ENGENHOS REAES	ENG.os DE ASUCAR	PIPAS DE AGOA ARD.e	ESCRAVOS
1774	33	De Fran.co Nogueira Monte	4	»	15
1775	34	De Jozê de Jesus.	2	»	1
1770	35	De Jeronymo da Costa.	8	»	10
1774	36	Do L.do Miguel Carlos.	6	»	13
1773	37	Dos Erdeiros de João de Barros	1	»	2
1773	38	Do Alferes Antonio Luis.	6	»	12
1770	39	De Jozê Barr.o de Alv.a que está parado por se lhe terem rematado os Escravos.	»	»	»
1775	40	De Manoel Glz'. de Jesus.	1	»	1
1773	41	De Jocomo Baptista.	3	»	7
1777	42	De Antonio Ribr.o	1	»	3
1775	43	De Vicente Gomes Rangel	2	1	6
1772	44	Do Cap.m Ant.o da Fonseca Dias. . . .	5	»	7
1773	45	De Jozê Alz'. Barreto	3	»	7
1777	46	De Jozê de Oliveira Grugel	3	»	6
1775	47	De Antonio Mendes Senrra	3	»	2
1774	48	De Ant.o Furtado de Mendonça	5	»	7
1774	49	De João Glz'. Servos	2	»	5
1774	50	Da Fazenda de N. Sn.ra d'Ajuda. . . .	8	»	27
1773	51	De Ign.co Per.a, e seu Socio.	10	»	13
1773	52	De Felix Vicente	6	»	10
1773	53	De Manoel de Azevedo Lima	2	»	3
1773	54	De Vicente Roiz' Povoa	7	»	10
1774	55	De Antonio Fran.co.	6	»	7
1773	56	De João Velho Barretto	10	»	11
1771	57	De Leandro de Souza.	5	»	11
1774	58	De Antonio Diniz e seu Socio	6	»	7
1774	59	De Mariana de Oliv.a Viuva de Pedro Montr.o.	1	»	3
1773	60	De Elena Roiz', Viuva de Domingos Foncca.	5	»	13
1775	61	De João Dutra da Silva	4	»	8
1776	62	De Amaro Alz', ...	4	»	6
1774	63	De Lourenço Justiniano	3	»	6
1773	64	De Domingos Per.a	1	»	2

		ENGENHOS REAES	ENG.os DE ASUCAR	PIPAS DE AGOA ARD.e	ESCRAVOS
1774	65	De Matheus da Costa	3	»	4
1776	66	Do Cap.m Ant.o Bartholameu Pasanha. .	3	»	10
1774	67	De João da Silva Rangel.	4	»	9
1773	68	De Custodio Ferreira	6	»	10
1770	69	De M.el da Silva Lx.a.	5	»	11
1772	70	De Manoel do Plado	8	»	13
1772	71	De Jeronymo da Silva.	2	»	3
1775	72	De Francisco Bernardino.	2	»	2
1774	73	De Jozê Velho	1	»	2
1777	74	De Manoel de Souza Leal	4	»	6
1772	75	De Ign.co Alz', Bar.los.	3	»	6
			1016	57	1676
		Eng.os q' se estão fabricando neste anno de 1778.			
	1	De M.el Per.a da Terra	»	»	15
	2	De Fran.co Per.a Borges, e seu irmão . .	»	»	19
	3	De João Manhaens Barreto	»	»	14
	4	De Ant.o Dias Ferreira	»	»	15
	5	De Fran.co Jorge.	»	»	10
	6	De Manoel Antonio de Carvalho	»	»	14
	7	Do Cap.m João Roiz' de Carvalho. . . .	»	»	40
	8	Do Cap.m Jozê de Souza Silva	»	»	15
			»	»	142
		Engenhocas de asucar antigas q', havia no dito Destricto, que já não existem desde os annos á margem pellas razões seguintes.			
1774	1	De Manoel da S.a Tavares por lhe rematarem os escravos por dividas.			
1775	2	De Diogo Alz', Machado por lhe rematarem todos os Escravos.			
1775	3	De Carlos Jozê de Campos por não ter Lenhas.			
1777	4	De Luiz da Silva Tavares por dividas, e o comprador a não conservar por ter outra.			
1777	5	De Jozê da S.a Veiga por lhe rematarem os Escravos.			
1776	6	De Antonio Rangel por não ter Lenhas.			

		ENGENHOS REAES	PIPAS DE AGOA ARD.e	ESCRAVOS
1775	7	Da viuva de Ignacio de Alvarenga p.la não poder conservar sem Escravos.		
1772	8	De Manoel de Souza Tavares por não ter Lenhas.		
1776	9	De Antonio da S.a Riscado por não ter Lenhas.		
		Engenhocas de agoa ard.e antigas		
	1	De Jozê dos Santos Pinto.	8	8
	2	De Paulo Montr.o.	3	9
	3	De Fran.co Alz', Linhares.	2	7
	4	De Inacia Ferr.a de Azevedo.	½	6
	5	De João Aires Pinto.	½	2
	6	De Jozê Mendes	2	17
	7	De Inacio de Souza.	6	3
	8	De Luciano de Carvalho prezentem.te não labora por ter pouco Escravos, e ocupalos em outra couza.	»	2
	9	De Fran.co Jozê de Souza está fabricando de novo.	»	12
			32	56
		Engenhocas d'agoa ard.e existentes		
1772	1	De Ricardo Lisboa por não ter Lenhas.		
1774	2	De João Soares por não ter Lenhas.		
	3	De Jozê Miz', Brito por q,' uza de outras lavouras.		
	4	Do Conego Antonio Lopes por ter caido, e uzar de anil.		

	ENGENHOS	EG.os DE ASUCAR	PIPAS DE AGOA ARD.e	ESCRAVOS
Numero dos Engenhos, e Engenhocas antigas athe o anno de 1769	56	745	52 ½	3192
Numero dos Engenhos, e Engenhocas modernas do dito anno athe o de 1778. . . .	104	1016	57	1679
Numero dos Engenhos que se estão fabricando no prezente anno	8	»	»	142
	168	1761	109 ½	5010
Caixas q', mais se poderão fazer nos ditos Engenhos p.a Lavradores pouco mais ou menos, por q', os Senhores de Eng.o só declararão as suas.	. . .	400		
Engenhocas de ágoa ardente existentes thê o prezente	9	»	32	56

Copia — As terras q' se achão entre o R.º Macaé, e Parahiba, extremid.es deste Destricto, forão consedidas á mais de 140 annos por Costa, e Sertão em duas Datas aos primeiros Descobridores, chamados hoje Erêos e estes entrarão a cultivalas, e povoalas, e logo forão vendendo, e doando, e se estabelecerão nestes principios as 4 Fazendas principaes do d.º Destricto, q' são a de S. Maj.e sequestrada aos Jezuitas, a da Relegião de S. Bento, a dos Ex.mos Viscondes de Aseca, e a do mestre de Campo João Jozê de Barcelos Cout.º, e outras menores de particulares.

Esta porção de terra se acha hoje inteiram.te cultivada com Engenhos, Lavouras, e Campos de criar gados, não só p.las 4 Fazendas d.as, e os seus Foreiros, mas por outras de particulares por compras, e heranças dos Sobred.os Erêos; e tambem por novas Sismarias tiradas nos lugares q' ainda estavão despovoados; e só se achão por cultivar, e povoar alguas q' abaixo se declarão dandose as versões de se acharem neste Estado.

No Destr.º da V.ª de S. João da Barra da parte do Norte p.ª a parte dos Campos novos, se acha hua Sismaria de Mateos Roiz, e outra de Nazario Ant.º no Sertão chamado das Cacimbas, ambas com m.to pouca cultura por se dizer não serem boas terras, e o mais q', dellas se utilizão hé de canoas, q' se fazem nos ditos Mattos para vender.

P.lo Rº. Paraíba da p.e do Norte achase por cultivar hua Sismaria de Pedro da Rocha, p.la razão do Gentio, q' athe o prez.te fazia naq.le lugar suas ostilid.es mas agora, que elles se vão domesticando, e há Erdeiros do d.º P.º da Rocha, se poderá culivar; e toda a terra desta Sismaria p.ª sima está devoluta. E da margem do Sul se acha outra Sismaria do d.º Pedro da Rocha tambem por cultivar p.la mesma razão do Gentio, e dahy p.ª sima estão as terras da mesma forma sem cultura.

No R.º Muriaé, q' está do Paraîba p.ª o Norte e desagua nelle, junto a Sismaria de Luiz Per.ª de S. Payo se acha huma de hua Legoa de testada, e duas de fundo consedida a hum Provincial de S. Ant.º com o pretexto de dizer ser p.ª os d.os Indios Guarulhos novam.te reduzidos, confirmada por S. Mag.e em 20

de Março de 1754, em os quaes, suposto, naq.[le] tep.[o], em q' erão adeministradores delles os d.[os] Padres, ouvesse para posse algua cultura, com tudo á mais de 20 annos, q' lá não tem Indio algum, por q' os q' lá havião, se anexarão á Aldea principal de S. Ant[o]. e forão morrendo de forma q', hoje não ha senão os q' forão expreçados na Rellação da d.[a] Aldea, e por isso se acha esta Sismaria toda por cultivar, nem haver p.[a] isso Indios dq.[la] Nasção; e só disperço por aquelles Sertões, dizem q' ha hum chamado Purê, q' hê m.[to] bravo, e guerreiro, e q' tem morto m.[to] Coroado q' fica p.[a] a p[e]. do Paraíba.

A ultima Sismaria de hua Legoa q' se acha da p[e] do Norte com alguma cultura, e huma de Joaq[m] da Fon.[ca], sem confirmação; e desta p[a] sima se achão mais quatro registadas na Camara, hua em nome do defunto Fran[co] de Seixas e seu Filho Domingos de Seixas, Pai e Irmão do d[o] Joaquim da Fon.[ca], e trez em nome de huns seus parentes moradores em Portugal, tiradas p.[lo] mesmo Seixas de duas Leguas cada huma em quadra nos annos de 1749, e 1750 as quaes todas quatro se encontrão humas com outras, porq' certam[te] na paragem, com q' se confrontão não há terra para todos, e todas estas quatro se achão sem posse, ou cultura, e nem confirmação.

Achase mais outra em nome do d[o] defunto Fran[co] de Seixas confirmada por S. Mag.[e] no anno de 1760 de legoa e meya em quadra, pedida entre as do d.[o] seu filho Joaquim da Fon.[ca], e outra pedida em seu nome, e de outro seu f.[o] Domingos da Fon[ca] de Seixas, q' hê a mesma paragem, adonde se achão pedidas as outras tres dos d.[os] seus parentes, desorte q' vem este defunto Seixas a ter em seu nome, e dos d.[os] seus dous filhos naq.[la] paragem quatro legoas, e meya de terra, das quaes só vão cultivando p.[e] dellas no lugar concedido em nome do d[o] seu Filho Joaquim da Fon.[ca], em q' este asiste com sua mulher, May, e Irmãos.

Das ditas sismarias p[a] deante, q' hê já mais de hum dia de viagem, seguem as mais terras, q' se achão por hua, e outra p.[e] do ditto R.[o], de q' não há noticia haver mais Sismarias, nem cultura alguma.

No R.º Embê, p.ª sima de hua posse que tem a Fazenda d' El Rey, seguem muitas terras devolutas, sem senhorios em q' proximamente se tem pedido trez Sismarias, q' ainda não vierão, e são em terras, q' dizia Diogo Alz' havia m.to ouro.

No Sertão descuberto da p.e do Sul do R.º Ururaî achase hua Sismaria de P.º da Rocha q' sem embargo de q' athe o prez.e está sem cultura, constam q' seu filho P.º Jozé quer estabelecer Eng.º de asucar por q' o q' tem está em terras aforadas, e sem lenhas; todas as mais terras q' seguem dahy p.lo Sertão dentro se achão devolutas.

O Rº. Macabû, q' corre do Norte ao Sul serve de fundo a varias Fazendas q' tem as suas testadas nos Campos q' há pla. Cósta; e tirandosse algumas Sismarias das terras á margem do leito do dº R.º á mais de 25 annos, os impedirão os Religiozos Bentos, e o Me de Campo João Jozê de Barcelos Cout.º, e hindo hum dos ditos Sismeiros tomar posse nos dos fundos das terras do Eng.º de Quisaman do d.º M.e de Campo, este lhe sahio ao encontro, por ter já de antes, e depois disto Curraes de Gado, e outras culturas; e indo elles mais pª Sima lhe impedirão pla mesma razão os Religiozos Bentos meeiros do dº M.e de Campo: e da outra margem do R.º se acha hua Sismaria do defunto Capitam Jozê de Azevedo, que ja cultivou, e teve curral de Gado, e deprez.e se acha sem cultura por pleitos, e dahy pª. Sima são terras devolutas.

No R.º Macaê p.la p.e do Norte q' pertence a este Destricto achase hua Sismaria tirada por Antonio dos Santos Carvalho Barreto de meya legoa, em quadra, a q.l não está ainda cultivada por se oferecerem algumas controversias com as terras da Aldea, q' ainda não estão decididas. E toda a mais terra q' ha desde a ultima Sismaria do Conego Antonio Lopes para sima, se achão inteiramente devolutas, e sem dono.

Pello R.º de S. Pedro da p.e do Norte q' desagoa no R.º Macaê se acha a Sismaria do Cap.m Antonio Jozê Ramalho pedida de proximo, e está principiando a fabricala.

Achase ao pé desta Domingos Glz, fabricando em virtude de outra Sismaria, q' tinha pedido mais abaixo em terras, q' já es-

tavão de antes pedidas, e cultivadas, por cujo motivo não tomou posse na d.ª paragem pedida, e se mudou para a paragem prezente onde está fabricando. E dahy para sima não consta haver mais Sismarias, e se achão as terras devolutas.

Copia — Rellação das Freguezias, Fogos, Vigarios Colados, e Encomendados, e mais pessoas aneixas, Eng.os de Asucar, Engenhocas de agoas ard.es, e do q' cada hum fas por anno, Escravos q' tem; como tambem dos Eng.os q' se tem eregido, e deminuido desde o tp.º q', Governa o Est.º do Brazil o Ill.mo e Ex.mo Sor. Marquez V. Rey, como de antes do referido tp.º; e os motivos, o N.º dos efeitos q' produzem as terras dos Lavradores; as terras q' se achão devolutas, e a cauza por q' se não cultivão, e a quem pertencem, e as paragens; o N.º de Portos, e Embarcações que podem entrar nos Rios.

As Villas, e Arrayaes, e Aldeyas do Destricto da Villa de Angra dos Reys da Ilha Grd.e em 15 de Novembro de 1778.»

Villa... 1.»

Freguezia... 1.»

Esta Freguezia hê de N. Snr.ª da Conceição, e Matriz da d.ª Villa da qual hê Vigario Colado

O Doutor Manoel Antunes Proença.

Coadjutor... 1.»

O P.e João Martins Garcia.

Clerigos.

O Pe D. João de S.ta Anna.

O P.e Salvador Garcia.

O P.e Salvador Francisco da Nobriga.

O P.e Jozê de Almeida Proença.

O P.e Ant.º Carvalho.

O P.e Fran.co de Sz.ª Passos.

O Pe. Manoel Homem de Azevdo.

Sácristães 3

Luis da Silva Madeira.

Jozê de Lima Gomes.

Manoel Montr°. Pimenta.

Aldeya de Indios. 1

Hê Freguezia desta Aldeya de N. Snrª. da Guia em Mangaratiba da coal hê Vigario Encomendado o Pe. Franco. das Chagas Suzano.

Fogos	808
Engenhos de Asucar.	10

	Escravos	Pipas
O dos Religiozos de N. Snrª. do Carmo	48	—
Faz por anno Caixas de asucar . . .	18	16
O do Capitm. Domingos Franco. Pereira.	16	—
Faz por anno Caixas de asucar . . .	8	4
O de Antº. Alz. de Oliveira. . . .	60	—
Faz por anno Caixas de asucar . . .	35	20
Engenhos erigidos depois da vinda do Illmo. e Exmo. Sor. Marquez V. Rey.		
O de D. Antonia Vianna	200	—
Faz por anno Caixas de asucar . . .	60	50
O do Dôutor Mel. Antes. Suzano . .	40	—
Faz por anno Caixas de asucar . . .	16	10
O do P.e Vigario o Doutor Mel. Antes. Proença	20	—
Faz por anno Caixas de asucar . . .	7	4
O do Capm. Mel. da Cunha de Carvalho	41	—
Faz por anno Caixas de asucar . . .	30	15
O de João Antunes de Lara	9	—
Faz por anno Caixas de asucar . . .	8	7
O de Antº. de Mattos.	35	—
Faz por anno caixas de asucar . . .	20	13
O do Capm. Alexandre Franco. Torres.	41	—
Faz por anno Caixas de asucar . . .	16	10
Engas. de agoa ard.e	82	—
A de João Martins de Aguiar . . .	15	20
A do Alferes Ignco. Franco. da Nobrega	26	8
A do Capm. Jozê Bento da Nobrega. .	12	16
A de Braz Alz' Chaves	13	10
A do Capm. de Campª. Alberto Franco.	7	8

	Escravos	Pipas
A de João Pacheco de Peralva . . .	13	8
A do Capm. Mor João Pimta. de Carvo.	37	16
A do Alferes Victorino Jozê Pimenta .	7	6
A do Dr. Josê de Almeida Pera. . .	25	8
A de Rafael Alz' de Souza	11	10
A de Maria da Conceição.	10	5
A de Luiz Maciel	5	4
A de João de Souza	0	5
A de Jozê Pera. Jorge	1	1
A de Mel. Roiz de Serqra.	12	6
A de Anto. dos Stos. Lara	8	8
A de Jozê Corra. de Moura. . . .	31	20
A de Mel. Carvalho Moreira. . . .	15	2
A de Joaqm. de Lara Leal	11	4
A de Custodio Gomes de Souza. . .	9	4
A de Ricardo Luz de Brito	4	4
A de Anto. Roiz	4	1
A do P.e Salvador Franco.	10	12
A de Domingos Rodrigues	4	5
A de Manoel Alz de Souza	17	12
A de Manoel Antunes.	9	6
A de Jozê da Silva Passos	5	3
A de Antonio de Lima.	16	21
A de Luiz Lopes de Araujo	2	6
A de João dos Ouros	3	6
A de Miguel da Silva	7	10
A de Jozê Doarte Folgoza	14	12
A de Costodio Gom.s da Silva . . .	29	30
A de Fran.co Doarte Caturro. . . .	9	20
A de Dom.os Ign.co Leal.	8	7
A de Domingos Lopes Moreira. . .	14	18
A de Manoel Frz.' de Olivr.a . . .	4	10
A de Manoel Gil Pimenta	4	10
A de Anastacio Franco.	3	4
A de Antonia de Lara.	9	8
A do P.e Salvador Garcia	15	20
A do P.e João Miz.' Garcia. . . .	9	10
A de Manrico Nunes da S.a. . . .	6	8
A de Manoel da Costa Teixr.a . . .	10	10

	Escravos	Pipas
A de Caetano das Neves	5	5
A de Manoel Antonio.	3	3
A de Manoel Fran.co Gomes . . .	13	12
A de Ant.o de Mello	18	8
A do Alferes Victorino do Rozario. .	9	18
A de Ign.co de Souza Antunes. . .	11	4
A de Maria Dias de Pontes	16	10
A de João Baptista Vieira	8	4
A de Zeferino Bueno de Macedo . .	2	4
A de Mauricia Gaga de Oliveira. . .	2	4
A de Jozê Dias.	2	6
A do Alferes Fran.co Dias Ferr.a . .	14	20
A de Damazo de Souza	5	3
A de João Ferr.a	3	6
A de Pedro Gomes Vilela	8	10
A de M.el Carv.o da Cunha. . . .	12	13
A de Fran.co Gomes Freire	13	5
A de P.o Alex.e Galvão.	14	7
A do Cap.m Alex.e Fran.co Torres. .	14	57
A de M.el Ferr.a Frias	10	16
A de M.el Jorge	6	10
A de Ign.co da S.a de Carv.o . . .	13	22
A de Matheos Glz.' Pimenta. . . .	31	12
A de Izidoro dos Reis Pe.ra	0	5
A de Ant.o de Olivr.a	12	10
A de Matheos Corr.a Linhares . . .	16	8
A do Cap.m Ant.o Soares Per.a . .	5	7
A de M.el Ant.o Freire	23	12

Eng.as erigidas do tp.o em q' o Ill.mo e Ex.mo S.or Marquez V. Rey Governa o Est.o do Brazil.

	Escravos	Pipas
A de Jeronymo de Souza	1	5
A de Ant.o Ribeiro	3	3
A de Manoel Fran.co Gomes. . . .	12	15
A de João Leite Roiz.	3	7
A do Cap.m Luis Pimenta de Ol.ra . .	6	20
A de João Dias Machado.	23	12

	Escravos	Pipas
A de Luciano da S.ª Barreto . . .	6	3
A de Luiz de Oliveira.	1	8
A de Jozé Borges de Oliveira . . .	6	8
A de Manoel Esteves Moreira . . .	16	12

Engenhocas demolidas.

A de Manoel Ferreira da Cruz em 1764 » por se repartir p.lo Erdeiros.

A de M.el Glz. Crasto em 1770 » por mudar de sitio.

A de Fran.co dos Reys em 1770 » por não poder conservala.

A do Cap.m Mor Felix Alz. Santos em 1771 » por se vender por dividas.

A de M.el de Olivr.ª Fr.e em 1773 » por se vender por dividas.

A de Thome Per.ª em 1774 » por se repartir p.los Erdeiros por seu falecimento.

A de Belchior Homem de Azev.do em 1775 » por naõ querer uzar mais della.

A do Cap.m Fran.co Borges de Serqr.ª em 1776 » por não querer uzar mais della.

A de Luiz Glz Ramos em 1776 » por não ter com q.' sustentala.

A de Jozé Fran.co Valverde em 1776 » por se queimar.

TERRAS DEVOLUTAS

Duzentas braças pertencentes a Testamentar.ª de D. Antonia Quaresma na praya brava q' se não cultivão por falta de Porto.

Setecentas ditas penhoras a Diogo Barboza Rego a requerim.to de Braz Alz' e outros na mesma praya brava que se não cultivão p.la mesma rezão.

Duzentas ditas de Ricardo Luz de Brito em Mambucaba q' as não cultiva por não estar medido e demarcado.

Trezentas ditas de Jozé Duarte Folgoza em Embé as q.es não cultiva por conservar as lenhas para a Fabrica de sua Engenhoca.

Cem braças ditas de Luiz Glz'. Ramos na paragem chamada Ipanema q' as não cultiva por não ter Escravos.

Cem braças ditas de Manoel Fran.co Gomes na mesma paragem q' as não cultiva por querer conservar as lenhas p.a a fabrica de sua Engenhoca.

Cento e sincoenta ditas pertencentes aos Erdeiros de Mathias Barboza na mesma paragem, por não estarem ainda medidas e demarcadas.

Cem braças ditas de Caetano das Neves na mesma paragem q' as não cultiva por conservar as lenhas p.a a fabrica de sua Engenhoca.

Trezentas brassas ditas de Joaq.m da Lara Leal na mesma paragem q' as não cultiva p.la mesma rezão.

Meya legoa de Terras no Certão de Japuiba q' pedio o Cap.m Jozê Bento e alcançou Sismaria, mas as não cultiva por lhas embarassar o Cap.m Domingos Fran.co Pereira.

Meya legoa no Certão de Bracuhy do Cap.m João Cardozo da S.a e as pedio o Alferes Ign.co Fran.co da Nobrega, mas como ainda não tem Sismaria estão contingentes com outros Ereos confrontantes.

Meya legoa ditas na Serra dagoa pertencentes aos Erdeiros do defunto Cap.m Lourenço Corr.a q' as não cultiva por incapazes.

Quinhentas braças ditas de Diogo Fran.co dos Santos na paragem chamada os Cutietazes, q' as não cultiva por não ter porto e ser o mar muito bravo.

Meya legoa pertencentes a Antonio dos Santos, Pedro dos Santos, os Religiosos de N. Snr.a do Carmo, e outros q' as não cultivão por não ter porto, cujas são na Ilha Grd.e na paragem chamada a costa do Pilam.

Duas legoas e meya pertencentes a Manoel Ant.o Fr.e Diogo Pimenta, e outros na paragem chamada o Acaya the Purubetá as q.es não cultivão por serem inhabitaveis, e circuladas de grandes Rochedos.

EMBARCAÇÕES Q' HA NESTE DESTRICTO

Sumacas.	3»
Lanchas de Carga.	20»

Há seis Rios, porem em nenhum destes pode entrar Embarcação se não Canoas quando está a maré cheya.

Todo este Destricto tem portos p.ª q.'q.r Embarcação de alto bordo.

Os Engenhos já referidos q' se fizerão em tp.º q' Governa o Estado do Brazil o Ill.mo e Ex.mo S.or Marquez V. Rey forão fabricados nas eras abaixo declaradas.

O de D. Antonia Vianna em 1771 ».

O do Dr. Manoel Antes Suzano em 1773».

O do Vigario o D.or M.el Ant.s Proença em 1774».

O do Cap.m M.el da Cunha de Carv.º em 1775».

O de João Antunes de Lara em 1775».

O de Antonio de Mattos em 1776».

O do Cap.m Alex.e Fran.co em 1778».

Escravos ao todo.	2865»
Farinhas alqueires.	25736»
Feijão alqueires.	1485»
Milho alqueires.	951
Arros alqueires.	2923»
Caixas de Asucar.	222»
Pipas de agoa ard.e	1030»

Taboados.

De diferentes qualidades de madeiras, duzias, 800»

João de Abreu Per.ª Sarg.to Mayor.

Copia — Rellação das Freguizias, Fogos, Vigarios Colados, e Encomendados, e mais pessoas aneixas, Eng.os de asucar, Engenhocas de agoas ardentes, e do q' cada hum fas por anno, Escravos q' tem, como tambem dos Engenhos q' se tem eregido, e deminuido desde o tp.º q' Governa o Est.º do Brazil o Ill.mo S.or Marquez V. Rey, como de antes do referido tp.º; e os motivos, o n.º dos efeitos que produzem as terras dos Lavradores; as terras q' se achão devolutas, e a cauza por q' se não cultivão, e a q.m pertencem, e as paragens; o n.º de portos, e Embarcações, q' podem entrar nos Rios.

As Villas, e Arrayaes, e Aldeyas do Destricto da Villa de Paraty em 15 de Novembro de 1778»

Villa.	1
Freguezia	1

Esta Freguezia, hê de Nossa Senhora dos Remedios, e Matriz da dita Villa da q.[l] hê Vigario Colado

O Doutor Manoel Roiz de Carvalho.

Coadjutor 1

O Padre Lourenço Jozé Vilasboas.

Sacristão mór 1

O Padre Fran.[co] Vieira do Espirito Santo.

Clerigos 6

O Padre João Moreira da Costa.

O Padre Ma [el] da Motta Carram.

O Padre Salvador Carvalho Molem.

O Padre Manoel Lourenço do Souto.

O Padre Fran.[co] de Az.[o] Menezes.

O Padre Antonio Pires Fernandes.

Sacristães. 2

Inocencio Manoel de Proença.

João Novaes.

Fogos 560

Engenhos de Asucar 5

Estes Eng.[os] herão de fazer agoa ard.[e], mas depois q' veio Governar o Est.[o] do Brazil o Ill.[mo] e Ex.[mo] S.[or] Marquez V. [e]Rey, fabricaram-se de novo p.[a] Asucar, e são os seguintes.

O do Cap.[m] Mor Fran.[co] Carvalho. Escravos 42. Fas por anno. Caixas de asucar 13. Pipas 12 na era de 1772.

O de Ant.[o] Miz dos Santos. Escravos 21. Fas por anno Caixas de Asucar 12. Pipas 7 na era de 1772.

O do Cap.[m] Ant.[o] de Barros de Abreu. Escravos 15. Fas por anno. Caixas de Asucar 12. Pipas 6 na era de 1772.

O de Sebastião Homem Cardozo. Escravos 22. Fas por anno, Caixas de asucar 20. Pipas 27, na era de 1772.

O do Cap.[m] Manoel Montr.[o] de Araujo. Escravos 40. Fas por anno, Caixas de Asucar 16. Pipas 16 na era de 1771.

Engenhocas de agoa ard.e 67.

	Escravos	Pipas
A de D. Maria Rangel	10	25
A de João de Peralta Ramos. . . .	6	5
A de João de Az.º Coutinho. . . .	8	14
A de Pascoal Dias.	10	10
A de Belchior Per.a de Menezes. . .	7	4
A de M.el de Couto Per.a.	11	8
A de Joana Cardoza	4	9
A do P.e Salvador Carv.º.	8	24
A de Jozê Pacheco Deornellas . . .	14	22
A do Cap.m Fran.co Xavier. . . .	9	12
A de Fran.co de Barros de Abreu. .	17	12
A de Ant.º Jozê de Almeida. . . .	5	10
A de Jozê de Peralta Ramos. . . .	6	12
A do Alferes Jozê de Barros. . . .	23	29
A de João Moreira de Carv.º . . .	6	25
A de Belchior Pacheco.	5	5
A de D. Thereza M.a de Jesus . . .	7	40
A de Thomas Frz' de Oliveira . . .	10	30
A de Ignacia Per.a do Amaral . . .	14	35
A de Fran.co Per.a do Amaral. . .	7	40
A de Salvador Frz' da S.a	2	28
A de Jacinto Homem Borges. . . .	25	29
A de João dos Santos.	3	19
A de M.el Marq.s dos Santos . . .	6	28
A de Jozê de Sz.a da Costa. . . .	4	52
A de Inocencio Alz'. da S.a	5	46
A de Policarpio Fernandes	6	51
A do Alferes João de Az.º Lima. . .	3	37
A de Jeronimo de Souza Barros. . .	10	39
A do Sargento Mor M.el de Almd.a .	16	26
A de Fran.co Corr.a de Jesus . . .	10	26
A de Mel. Frz' da Silva	9	30
A de Ant.º Alz.' da Crus.	11	24
A de Salvador do Couto Per.a . . .	3	30
As do Cap.m João de Barros. . . .	40	59
A de Mel. Velela	1	19
A de Fran.co Glz. Reys.	15	35
A de Thomé de Mello	5	21

	Escravos	Pipas
A do Alferes Pedro Soares	11	21
A de D. Isabel Mª. de Almeida	22	13
A de Inocencio da Costa	24	28
As de Antº. Alz' da Sª.	13	46
As de Salvador Lour^{ço}. da Costa	9	52
A de M^{el}. Roiz Dutra	4	27
A do Cap^{m}. Domingos Novaes	16	14
A do Cap^{m}. M^{el}. da Sª. Maris	11	16
A de Josefa Soares	6	25
A de João Nunes	5	19
A do Cap^{m}. Fran^{co}. Teixª. Pinto	6	10
A do Aju^{de}. Joaq^{m}. Ferrª.	4	10
A de Fran^{co}. Glz' Santo	5	9
As de Antº. Simões	11	32
As de Maria de S. João	45	44
A de M^{el}. Sirilo de Campos	1	4
A do Alferes João Pedro Carrão	29	19
A de Custodio Fran^{co}. Bouças	1	12

ENG.^{as} EREGIDAS DO TPº. EM Q' O ILL^{mo}. E EX^{mo}. SÔR MARQUEZ V. REY GOVERNA O ESTADO DO BRAZIL

	Escravos	Pipas
A do Cap^{m}. José de Souza Barros	13	22
A de Mª. Felis	2	1
A de Antº. Gomes Trin^{de}	8	29
A do Cap^{m}. Fran^{co}. de Caldas	5	6
A de Jozê Vieira Lopes	6	17
A de Vericimo Antº	11	12
A de D. Josefa do Couto	13	16
A de M^{el}. de Lima Borges	3	35

ENGENHOCAS DEMOLIDAS

A de Antº. Nunes em 1760 p^{la}. não poder conservar.

A dos Erdeiros de Andrade de Castro em 1760 p^{la}. não poderem conservar.

A de Thomaz Peres de Gusmão em 1760, por se lhe rematar por dividas.

A de Pº. Vas em 1764 por se lhe rematar por dividas.

A dos Erdeiros de Jozê Nunes em 1770 p^{la}. não poderem conservar.

A de Joaq^{m}. da Costa Teixeira em 1770 por se lhe rematar por dividas.

A do Cap^{m}. Domingos de Araujo em 1771 p^{la}. mesma razão.

A do Alferes Salvador de Castilho em 1771, pella mesma causa.

A de Eugenio de Souza Bern^{des}. em 1773, pella mesma rezão.

A de Matheus Roiz da S^{a}. em 1775, por se rematar pella mesma rezão.

A de Damazo Pimenta em 1775, pella mesma rezão.

A de P^{o}. Homem da Costa em 1775, p^{la}. mesma rezão.

TERRAS DEVOLUTAS

Legoa e meya de terras na Estrada da Serra q' vai p^{a}. Minas na paragem chamada a da pedra, athe o registro, q' se não cultivão por inabitaveis.

Huma legoa dita de Barbara Lopes, na paragem chamada o Cairussù, q' não cultiva por não ter porto, e ser o mar m^{to}. bravo.

EMBARCAÇÕES Q' HA NESTE DESTRITO

Sumacas	6
Hiates	2
Lanchas de Carga	2

Há oito Rios, porem em nenhum destes pode entrar Embarcações se não Canoas q^{do}. está a maré cheya.

Todo este Destrito tem portos p^{a} q^{l}. q^{r}. Embarcação de alto bordo.

Escravos ao todo	1.727
Farinhas, alqueires	14.533
Feijão alqueires	2.208
Milho alqueires	952
Arros alqueires	1.302
Caixas de asucar	73
Pipas de agua ard^{e}	1.554

JOÃO DE ABREU PER^{a}. Sarg^{to}. Mayor.

N. 11

Copia. Methodo pello qual se estabelece nova e melhor administração p^a. guarda, direcção e segurança do Depozito geral desta Cid^e.

CAPITULO 1º

Deduz^o. do Alv. de 21 de M^ço. de 1751, Cap. 1º § 3.

Tanto q' os Officiaes da Camara desta Cid^e procederem a eleição do Depositr.^o Geral preferirão sempre a húa pessoa de abonação, e probid.^e q' haja de prestar fianças idoneas a Satisfação dos mesmos Camaristas.

Por acordo de 3 de 7^bro. de 1774 apresentarão ao Tez.^ro da fiança na conformid.^e da insinuação do S^or. V. R. sobre os Tez^os do Real Erario, q' S. Mag.^e não manda dar fianças assim como no d.^o Alvara de 21. de a Junta do Depozito do d.^o tambem não a darem.

CAPITULO 2º

D^o Alv. Cap. 1º. § 2.

Deverá construir-se por Ordem, e despeza da Camara hum Cofre forte, e Seguro com duas chaves entre si diverças huma dellas se conservará em poder do Depozitr^o, e outra será entregue ao Vereador da Camara mais mosso como mais desempedido o qual servirá de Inspector do referido Cofre.

No caso, de doença, ou impedim.^to assim depozitario como « Camarista Inspector nomearão húa pessoa da Sua mayor confiança que haja de substituilos pois q' hãode ser responsaveis p^la Sua fidelid^e.

D^o. Alv. Cap. 2 § 3.

CAPITULO 3º

Referido Alv. Cap. 4.

Formar-se-hão trez Livros; dous q.' servirão das entradas, e sahidas dos Cabedaes depozitados: nestes lançarão as Verbas e termos necessarios os Escr.^ans concernentes aos mesmos depo-

zitos; percebendo da escrituração de cada termo e emolum.[to] de Oitenta réis, a exemplo do q' lhes concede o Seu Regim.[to].

O terceiro será o Livro da Caixa; no q.[l] em asentos concizos, e breves se lance a entrada do d.[ro] no Cofre como — Deve da Caixa — e sahida delle como hade haver — escripturadas as mesmas partidas clara, e mercantilmente.

Por evitar ao Depozit.[ro] e Inspector a laborioza fadiga da escrituração deste Livro bastará que as partidas enunciadas se lancem por q.[l] q.[r] manuense do Depozitr[o]., contanto porem, q' sejão autenticadas sempre com as Rubricas do Depozitr[o]., e do Inspector.

Os referidos trez Livros serão numerados, rubricados, e enserrados p[lo]. Juis de Fora, ou quem seu cargo exercer, e se conservarão guardados no Cofre.

CAPITULO 4º

Alv. 1º Cap. 3. § 9.

Em as tardes dos dias de Segunda, quarta-feira, e sesta de cada Semana de Inverno pellas duas horas, e deverão p.[las] tres se acharem promptos o Depozitr.[o], e o Inspector p[a]. q' se recebão, ou se entreguem os Cabedaes depozitados.

O mesmo Cap. 3º § 2.

As partes q' apresentarem mandados Legitimos passados por Ordem dos Juises respectivos dos depozitos, receberão por elles, sem delonga nem embarasso as quantias que lhes pertençerem: Salvo havendo duvida, não afectada, nem suposta sobre a legitimid.[e] dos mesmos mandados, por q' neste acontecimento poderá o Depozitr.[o] por meyo de huma simples replica propor ao Juiz a razão da sua duvida; satisfazendo emmediatam[te] a decizão que sobre ella se proferir.

CAPITULO 5º

Alv. d[o]. Cap. 5º § 1º

Os cabedaes depozitados pagarão athe agora 2 por 100 extrahidos, a saber do dr.[o] liquido p.[la] sua importancia, e das pessas

de ouro e prata, e pedras preciozas p.[lo] seu valor : com este mesmo objeto virão sempre acompanhadas de Certidão do conttraste : a q[l]. servirá tambem de provar melhor a verdadr[a] identidade das mesmas pessas.

CAPITULO 6º

De 2 p.[r] 100 q' produzirem os Cabedaes judicialm.[te] depozitados, serão destribuidos p.[lo] modo seg.[e] : Tres partes ficarão pertencendo ao Depozitr.[o], como mais onerado nesta arecadação, e a quarta p.[e] ao Camarista Inspector.

CAPITULO 7º

Todos e quaes q.[r] depozitos de dinheiro corr.[e], ou pessas de ouro, e prata, e pedras preciozas em q' haja de preterir-se a formalid.[e] aqui detreminada serão reputados nulos, e de nenhum vigor nem deverão prestar em Juizo, ou fora delle, e feito atendivel : E o depozitr.[o] q' houver de receber de outro diverso modo os Cabedaes destinados a este respeito digo depozito geral pagará o dobro dessas mesmas quantias aplicando-se esta pena pecuniaria p.[a] o denunciante, em falta deste p.[a] a Real Fazd.[a] na conformidade do Alvará expedido na data de 4 de Mayo de 1757.

CAPITULO 8º

Alv. de 3 de Agosto de 1759 § 10.

Em beneficio commum se permite a q.[l]q.[r] pessoa depozitar gratuitam.[te] no Cofre asima indicado os seus Cabedaes p[a]. mayor segurança delles ; sem q' por isso haja de satisfazer o menor emolum.[to], ou sejão os ditos Cabedaes em dr.[o] liquido, ou pessas de ouro, ou prata, e pedras preciozas ; estes depozitos porem voluntr.[os] se lançarão unicam[te]. no L.[o] da Caixa debaixo da mesma escrituração com q' elle deve ser dirigido.

CAPITULO 9º

L. fundam. do Erar. Reg. 15 § 1º.

Em cada hum anno se farão dous balanços ou recensiam.[tos] dos Cabedaes existentes no Cofre a saber hum desde o 1.º dia athe

o dia 1.º do mez de Julho, e outro desde o dia 1.º athe o dia 10 do mes de Janr.º proximo futuro.

Deduz.º do Alv. de 21 de Mayo sobre o d.º Cap. 3.º § 11.

Estes balanços serão asignados p.lo Depozitario e Inspector, e aprezentados na Camara desta Cid.e .

Os offi.es della poderão avocar a Sy o Livro da Caixa, ou ainda o das entradas e sahidas p.a q' feita a preciza conferencia se hajão de inteirar por elles da certeza, e exatidão dos mesmos balanços, ou recenciam.tos.

CAPITULO 10º

Como este methodo de arecadação he consebido no espirito do Alvará datado com 21 de Mayo de 1751 com tudo aquillo q.to podia ser adoptavel, se ficará observando inteiram.e athe q,' oferecendo-se na R.l Prezença de S. Mag.e detremine o mesmo S.or a este respeito o que for Servido.—*Marquez do Lavradio.*

A nomeação do novo Tezr.º da Cid.e q,' V. M." me participão a aprovo como feita em hum homem q,' julgo muito capaz de satisfazer as suas obrigações.

E pello q,' pertence ao methodo que se deve praticar na administração deste Cofre me pareceu q,' V. M." se não devião afastar naquilo em q,' possa ser aplicado nesta Cid.e do methodo q,' El Rey Meu S.or p.las Suas Reaes Leys, e Alvaras tinha estabelecido p.a o Cofre publico da Cid.e de Lisboa, e julgando do zello de V. M." q,' esta seria a Sua intenção, fiz o methodo incluzo q, remetto asignado por mim q.' me parece ser o mais competente por ser consebido seg.do o espirito das mesmas Leys.— Deos G.e a V. M." Rio de Janr.º, 6 de Agosto de 1774.— *Marquez do Lavradio.*

Vista a Representação de V. M." de 30 do mes proximo passado a respeito de Agostº de Faria Montr.º que se acha eleito p.a servir de Tezr.º dos Depozitos publicos desta Cid.e não querer servir o mesmo Offi.º sem ser aliviado do onos da fiança q,' devera prestar, devo dizer a V. M." q,' a Ley q,' se publicou na Cid.e de Lx.a depois do estabelecim.to do Real Erario, hê tão justa e asertada

afim de evitar todos os descaminhos que podem ter os Tezr.os nos Seus recebimentos q,' não preciza q,' elles dem fiança por não poderem ter alcançe no recensiamento das suas Contas depois das providencias da mesma Ley; porem sem embargo disto sempre me comprometo p.a o q,' V. M." virem que hé mais conveniente.

Deos G.e a V. M." o 1º de 7.bro de 1774.— *Marquez do Lavradio.*

Confere com o documento existente no livro catalogado nesta Secção sob o numero setenta e um, e tendo no lombo o titulo « Relatorio do Vice-Rei Marquez do Lavradio—1779 » Archivo Nacional, 20 de Agosto de 1913. O Chefe da 2ª Secção.— *Manoel José de Lacerda.*— *Alcibides Furtado*, Director.

O Ministro da Fazenda da Independencia

PELO

Dr. Antonio Carlos Ribeiro de Andrada

(SOCIO CORRESPONDENTE DO INSTITUTO)

O MINISTRO DA FAZENDA DA INDEPENDENCIA

O ministerio da Independencia, organizado em 16 de Janeiro de 1822 e extincto em 17 de Julho de 1823, teve como seu ministro da Fazenda Martim Francisco Ribeiro de Andrada, chronologicamente o primeiro titular dessa pasta, após a proclamação do Imperio.

Martim era formado em Mathematicas pela Universidade de Coimbra. Desempenhara, a contar de 1800, o cargo de inspector das Mattas e Minas e superintendera a fábrica de ferro de Ipanema.

Envolvido, com seu ermão José Bonifacio, no movimento preparatorio da Independencia, tinha, não só por isso, como pela feição de seus estudos e tendencias espirituaes, inteiramente legitimada a nomeação para ministro da Fazenda de tão assignalado gabinete.

E no decurso de sua accidentada carreira pública, de que este posto foi a primeira importante etapa, taes tendencias affirmaram-se valiosa e pujantemente, de modo que elle se nos afigura, através sua acção no govêrno e no parlamento, dos mais notaveis financistas do seu tempo, em nossa patria.

Ministro da Fazenda do referido gabinete e deputado á legislatura de 1830-1833, e á de 1838-1841; novamente ministro da Fazenda em 1840, no primeiro gabinete após a maioridade de Pedro II, Martim, não obstante as singulares peripecias de sua agitada vida politica, attrahido quasi sempre pela cogitação e irritante debate dos casos partidarios, arrastado, por vezes para o embate de fragorosas paixões, pôde ser, e sempre o foi, um cultor intelligente e assiduo das questões financeiras, para muitas indi-

cando soluções seguras e ao exclarecimento de todas concorrendo com a relevante contribuição dos seus solidos estudos em tão diffici especialidade.

E' o que se inferirá á luz dos actos governamentaes e documentos parlamentares que constatam e rememoram sua acção, em assumpto de finanças, no govêrno e no parlamento.

* * *

Era bastante sombria a situação das finanças em 1822. Desde 1808 que se accumulavam difficuldades de ordem financeira e economica. Precisamente no anno da Independencia tocavam ellas ao maximo.

A vinda de d. João VI, a instituição de novos apparelhos administrativos, o estabelecimento da côrte numerosa que accompanhara o monarcha, foram causas poderosas de grande accrescimo de despesas. Só da colonia tinham de provir os recursos para taes despesas, e ella foi submettida, por isso, a regime de impostos que tanto se distinguia pelo onus excessivo quanto pela extravagancia e arbitrio da concepção e práctica.

As principaes fontes tributarias foram, por muito tempo:

a) direitos de importação de 24 % sôbre as mercadorias extrangeiras, menos as que viessem por Portugal; *b*) taxa de transito dos productos de uma para outra provincia, a qual, por via de mar, era na razão de 15 % e variava de provincia a provincia; *c*) imposto dos dizimos; *d*) taxa de siza sôbre a compra e venda da propriedade territorial, na razão de 10 %; *e*) imposto de 20 % sôbre a mineração do ouro (1).

Os direitos de importação soffreram, em 1815, modificação notavel. Essa foi a resultante do convenio celebrado nesse anno com a Inglaterra e em virtude do qual passaram a ser de 15 % os impostos sôbre as mercadorias dessa procedencia. A excepção aberta para as que vinham de Portugal e a tarifa differencial instituida nesse convenio determinaram o monopolio do commercio entre o Brasil e o extrangeiro para essas duas nações. Desse facto

---

(1) *Systema Financial do Brasil*, por C. B. de Oliveira, pags. 7 e 9.

e do contrabando, que amplamente florescia, decorreu que as rendas provenientes dos direitos de entradas jámais alcançassem a grande expansão que era de esperar.

A taxa de trânsito entre as provincias, além de onerosissima, variava de provincia em provincia, salvo por via maritima. Não só ella, como a de siza, os dizimos e o imposto de ouro longe de produzirem, por excessivamente pesados, os rendimentos que, si mais modicas, determinariam, constituiam formidavel embaraço ao desenvolvimento economico da colonia, cuja capacidade tributaria por isso mesmo accentuadamente definhava.

A tão defeituoso e arbitrario regime de impostos, evidentemente incompativel com a prosperidade de rendas, accrescia a viciosa organização fiscal, cujos apparelhos de arrecadação e fiscalização funccionavam irregular e frouxamente.

No Rio, o Real Erario e o Conselho de Fazenda, exercendo a administração suprema das finanças; nas provincias as junctas de fazenda. A cobrança dos impostos se effectuava, porém, geralmente, por intermedio de rendeiros, ou, em poucos casos, por collectores especiaes; e pelas alfandegas quanto aos direitos de importação e de exportação, sendo aquelles, como estas, immediatamente subordinados nas provincias ás respectivas junctas de fazenda, e na Côrte ao Real Erario e ao Conselho de Fazenda (2).

Apontando os defeitos e erros de tal organização, além do mais inteiramente corrompida na práctica, bem observa o auctor do «Systema Financial» (3), quando, a proposito de similhante regime administrativo, considera-o perfeitamente symbolizado « pela concepção de um corpo composto de disparatados membros, e governado por duas cabeças eivadas e discordes: cujos effeitos são assaz characterizados nas seguintes observações: 1°, que os mais importantes empregos de alfandegas se davam como officios de propriedade vitalicia a quantos tinham em seu favor valimento proprio ou a indispensavel protecção de altos patronos; e, em

(2) *Ibidem* — pags. 30 e 31.
(3) *Ibidem* — pags. 32 e 33.

muitos casos com sobrevivencia de paes a filhos; 2º, que os contractos de rendas, especialmente os celebrados nas provincias, se faziam, em regra, sob os auspicios do mais escandaloso patronato das proprias auctoridades fiscaes, com enorme prejuizo da Fazenda publica; que, finalmente, o Real Erario, durante o tempo de sua gestão, nunca soube o que arrecadou, nem o que despendeu em todo o Brasil, e, o que ainda mais maravilha, nenhuma das junctas de Fazenda se achava habilitada para dar um balanço regular de suas limitadas transacções de receber e pagar.»

Não admira, pois, á vista de tão extravagante organização tributaria, do incipiente e já vicioso regime administrativo, e do apontado accrescimo de despesas, que, em 1812, a situação financeira fosse a descripta por Manuel Jacintho Nogueira da Gama, então escrivão do Erario, que assignalava «ser lastimavel o estado do Thesouro, obrigando os seus credores aos mais pesados sacrificios, nem mesmo satisfazendo, com a precisa ponctualidade, o pagamento das letras de cambio, deixando de pagar os juros dos emprestimos que era forçado a contrahir, e nem pagando os ordenados dos empregados, alguns dos quaes esmolavam o pão da caridade» (4).

As arrecadações directas pelo Erario haviam sido, em 1810, de 1.764:250$191, e, em 1811, de 1.604:270$950, na média annual de 1.684:265$075, quantia a que tinha de addicionar-se a contribuição das capitanias, na somma approximada de 1.447:734$925, destacando-se a Bahia com 600:000$ e Pernambuco com 310:000$000.

Similhante receita, no total de 3.134:000$, revelava-se insufficiente para attender ás despesas normaes e assim aconteceu, apesar de maiores receitas, até 1822, anno em que ao apogeu haviam attingido embaraços e difficuldades, verificando-se exgotado o Thesouro, vacillantes as rendas, precaria a arrecadação, ascendentes as despesas, depauperado o meio circulante, a divida accrescida e asphyxiadora.

---

(4) *Historia Financeira e orçamentaria do Imperio*, de Castro Carreira, pag. 75.

Em Maio desse anno, commissão nomeada para syndicar das condições do Thesouro as descrevia por fórma realmente assustadora.

Pelas contas recebidas, orçava essa commissão *as dividas de character urgente e mais intimamente ligadas com o credito e interesses do Thesouro, em oito milhões, duzentos e tantos mil cruzados, ou discriminadamente: pela Thesouraria Geral das Tropas* — 108:246$; *pela de ordenados e pensões* — 134:441$; *juros vencidos* — 171:986$; *pelo Arsenal de Marinha* — 993:700$; *pelo Arsenal de Guerra* — 1.373:462$, *no total de* 2.781:835$000.

Entendia a commissão ser urgente o pagamento de taes dividas, *attentas especialmente as circunstancias dos credores, porquanto muitos destes sendo da classe dos pensionistas em empregados publicos, que possuem mesquinhos ordenados e, pensões de que tiram mui parca subsistencia, não era possivel que, achando-se com grande atrazo de pagamento e privados dos soccorros com que contavam, não soffram fome, não vivam em miseria, e não se entreguem á mais cruel desesperação; outros vivendo do gyro dos seus capitaes empregados no commercio, expostos aos gravissimos prejuizos que resultam do empate de tão avultadas sommas, o que, quando não conduza a uma prompta e irremediavel ruina, não deixará de fazer perigar muito o seu credito, e não podem deixar de exigir e instar com a maior razão e justiça pelo pagamento do valor dos generos com que forneceram aos arsenaes e mais misteres publicos.*

Tornando mais grave, si possivel, tão intoleravel situação, figuravam sérios embaraços attinentes á circulação monetaria.

Alimentado, até 1808, por agentes reaes, « ouro e prata », o meio circulante, a partir desse anno, foi pouco a pouco sendo privado de metaes nobres até ficar constituido, em 1821, quasi sómente pelo papel moeda do Banco do Brasil.

Actos da administração, alterando a relação estabelecida entre o ouro e a prata, determinaram o escoamento daquelle: a cunhagem do cobre, com valor metallico quasi nullo, e a emissão

do papel-moeda paulatinamente practicada pelo Banco, expelliram as moedas de prata.

Em 1821 o cobre e o papel eram o meio circulante, sendo grande o agio sôbre este, não só do ouro e da prata, como até do cobre.

A lei de GRESHAM — a moeda má expelle sempre a boa — teve, uma vez mais, a consagração dos factos.

Instituido em 12 de Outubro de 1812 para operações de depositos e descontos e com faculdade emissora sem limites, o Banco do Brasil, arrastado pelo Governo, que já nesse tempo, recorria ao expediente das emissões para supprir a differença de rendas, lançou em circulação, entre 1814 e 1820, 8.566:450$ de papel-moeda, dos quaes 2.315:958$ para entrega ao proprio Governo e emittidos sem outra garantia e formalidades sinão *ordens verbaes* (5) dos governantes.

Essas emissões, reputadas excessivas para as transacções correntes, foram seguidas de grandes e contínuas desvalorizações das notas. A taxa de cambio, cujo par era de 67 1/2 pence, e que se expressara, em 1818, por 69-74, caïra em 1821 a 48-54, e em 1822 a 47 e 51.

A balança economica, entretanto, não era desfavoravel á colonia. A média dos cinco annos antes de 1817 foi de 32.213.000 de cruzados em exportação, do Brasil: a importação, aquella que recebeu de Portugal, de onde, apesar da abertura dos portos em 1808, provinha maior somma de valores, montou em 25.077,000 de cruzados.

A média nos cinco annos immediatos foi de 22:097$ em exportação do Brasil e de 22:496$ importados de Portugal.

Não provinham, pois, de desequilibrio da balança economica, si não das perturbações causadas á circulação pela moeda desnaturada, os algarismos em que se exprimia a depressão cambial.

O credito do Banco estava notoriamente abalado, e o abalo se fez estrepitoso no momento em que d. João VI voltou a Europa.

---

(5) J. P. Calogeras — «La politique monétaire du Brésil», pag. 33.

Desde logo, em 18 de Julho de 1821, a troca, em especie, dos bilhetes emittidos se tornou impossivel e foi suspensa. E' que d. João, segundo rezam as chronicas, á sua partida, mandou retirar e conduzir comsigo, dos cofres do Banco, toda a somma de metaes, que foi possivel reunir, não obstante a divida de seu Govêrno a esse estabelecimento, já então excedente a todo o capital do Banco.

Além disso, todos quantos o accompanharam, reunindo a maior porção de notas, mandaram exigir egualmente o seu trôco em metal, de maneira que o Banco ficou reduzido a circunstancias mais difficeis e precarias (6).

Apreciando com segurança e justeza a situação monetaria á chegada de d. João VI em 1808 e á sua partida em 1812, characteriza-a um escriptor do tempo nos termos seguintes, bastante expressivos para dispensar commentarios:

« Na sua chegada o ouro e a prata em abundancia, pouco cobre... o meio circulante era propriamente metallico. Na sua partida o ouro e a prata haviam totalmente desapparecido da circulação do paiz, que estava inundado por notas do Banco e moedas falsificadas. O cambio tinha descido de 84 para 48, e o ouro, a prata e até o cobre tinham subido a um grande agio sôbre as notas do Banco (7).»

Não differem dessas as palavras do historiador, que assim se exprime, a proposito do assumpto, ao se referir ao regresso de d. João VI:

« Como um final á sua administração das finanças do Brasil, o sr. d. João VI, ao retirar-se em 1821, para assumir o Governo de Portugal, deixou aos seus leaes e amados subditos do Brasil uma prova de sua real e paternal solicitude pelo seu bem estar, esvasiando o Thesouro, o Banco e até o Museu, levando consigo todo o artigo de valor, inclusive os specimens de ouro e diamantes, que ha annos pertenciam a este ultimo estabelecimento nacional (8).»

(6) « O meio circulante nacional » — por Amaro Cavalcanti, pag. 42, vol. 1º.
(7) A « Review Financial, Statistical and Commercial of the Empire of Brazil», J. J. Stuard, London, 1837.
(8) «Historia do Brasil», por J. Armitage, pag. 10.

* * *

Não apenas a situação financeira, cuja resumida narrativa é a que ahi fica, antepunha serios embaraços ao desempenho feliz da ardua tarefa do ministro da Fazenda.

A situação politica representava tambem vigoroso entrave á práctica dos bons principios de administração financeira, de um lado difficultando a severa arrecadação de tributos, de outro arrefecendo propositos intransigentes de economia dos dinheiros publicos.

O programma do gabinete tinha de ser propriamente politico— edificar em solidas bases, assegurada a solidariedade de todas as provincias, a grande obra da Independencia.

Fôra natural que os projectos de ordem financeira se relegassem para segunda plana. Elles só são possiveis e efficazes em epochas de tranquillidade.

Certo é, porém, que, aos olhos dos que perscrutam os documentos de tão afanosa phase, desvenda-se a acção do ministro da Fazenda como perfeito modêlo de energia, competencia e austeridade.

Na observação de taes documentos e no exame de mais de um acto da administração financeira sente-se a inteira veracidade do rapido perfil, que delle esboçou o historiador : « Martim Francisco não tinha consideração com ninguem, traçara uma linha recta que devèra percorrer, quebrando todos os obstaculos que encontrasse no caminho, até chegar ao seu destino. Nem com o principe admittia saïr desta regra, e não lhe fazia a vontade na cousa mais insignificante, uma vez que não estivesse na rigorosa condição da lei. Facil é conceber que sua presença no ministerio devia causar alguma mudança no sentido de maior auctoridade em todos os ramos da pública administração (9).

Empossado em 4 de Julho de 1822, teve o novo ministro, para o fim de prover ás novas exigencias prementes da situação,

---

(9) Mello Moraes — « Historia do Brasil-Reino e Brasil-Imperio » — vol, 1º, pag. 372.

em face de um Thesouro exhausto, de appellar para os commerciantes e capitalistas da Côrte, lançando emprestimo público, cujo successo bem provou *que se restabelecia o credito do Thesouro, perdido pela falta de cumprimento de palavra nas transacções* (10).

Ao tornar effectivo o lançamento do emprestimo, o ministro, em data de 3 de Agosto, dirigia aos commerciantes e capitalistas a seguinte falla :

« Senhores — Quando um povo está resolvido a reassumir direitos que lhe usurparam, a conservar e defender preeminencias, dignidades e gosos que lhe contestam, e a quebrar ferros, bem que dourados, com que de novo o pretendem agrilhoar, deve, com todo o apuro e sem perda de tempo, começar a nova éra da sua vida politica por uma legislação propria, que, transformando o berço do seu nascimento ou de sua adopção, de terra da escravidão em terra da liberdade, que, estabelecendo e firmando a sua sorte futura, lhe assigne logar escolhido nos annaes das nações bem constituidas ; e para obte-la é mister que, abundante de recursos e alhanadas todas as difficuldades, que hajam de estorva-lo ou empece-lo na vereda da gloria que vae trilhar, elle possa dizer aos inimigos internos : ou retirae-vos ou eu vos punirei ; aos inimigos externos : não vos temo, tenho fôrça sufficiente para repellir vossas aggressões, justiça demasiada para ganhar amigos que protejam minha causa, e quando esta se decida contra mim, quero antes sepultar-me debaixo das ruinas de minha patria, do que viver escravo.

Tal é, senhores, em resumo, a situação do Brasil: sem dùvida, para continuação e remate de seus trabalhos, elle carece de alguns meios ; porém estes serão abundantemente suppridos pelos energicos e heroicos sacrificios de seus habitantes ; porque todo homem livre sabe que a ultima gotta de seu sangue, o ultimo sòpro de sua vitalidade inda pertence á Patria.

Seguro desta verdade, o joven heroe de nossa escolha, o perpétuo defensor da nossa liberdade, o grande e incomparavel prin-

---

(10) Ibidem — Pag. 373.

cipe que nos rege, vendo o Brasil em algum perigo, e a assembléa constituinte e legislativa ainda não installada, persuadiu-se que pelo menos agora só a elle devia competir o direito e a gloria de salva-lo, e para este fim julgou indispensavel abrir um emprestimo de quatrocentos contos de réis, debaixo das condições que tenho a honra de apresentar-vos.

Convencidos da necessidade, justiça e legalidade, que abonam este procedimento, e combinando vossas possibilidades com o vosso patriotismo, declarae, senhores, livremente, o que podeis emprestar. Rio de Janeiro, 3 de Agosto de 1822.—*Martim Francisco Ribeiro de Andrada.*

O emprestimo fôra auctorizado por decreto do principe, assignado em 30 de Julho, e desse acto foi fundamento o *dever de accudir com prompto e efficaz remedio na crise das actuaes circunstancios do Reino e o de proporcionar-lhe todos aquelles meios que mais concorram a manter sua independencia, segurança e prosperidade.*

As condições do emprestimo, tambem auctorizadas pelo citado decreto, prevêm meticulosamente os fundos e a forma da amortização, dispõem sôbre as garantias asseguradas aos credores e regulam o pagamento dos juros.

Eis a integra desse interessante documento:

« Os 400:000$, de que a Fazenda Publica desta Provincia precisa para fazer face ás urgencias actuaes, e que pede emprestados serão infallivelmente pagos pelos rendimentos da Alfandega desta Côrte no prefixo termo de 10 annos, e talvez antes; e para este effeito proceder-se-ha da seguinte forma:

1°. Crear-se-ha no Thesouro um cofre com tres chaves, denominado Caixa dos juros e amortização desta dívida, e serão clavicularios della o conselheiro thesoureiro-mór do mesmo Thesouro, o escrivão e o contador geral da Primeira Repartição.

2°. No decurso do 1° anno, depois de effectuado o emprestimo, entrará para o dicto Cofre a quantia de 70:000$, proveniente dos rendimentos da Alfandega, a saber, 64:000$ para amortização da decima parte da dívida total e pagamento dos juros

á razão de 6 °/₀ no dicto 1° anno, e 6:000$ para fundo de reserva.

3ª. Eguaes quantias impreterivelmente entrarão para o dicto Cofre no 2°, 3°, 4° e 5° annos, e, depois de pagas as decimas partes da divida total e juros correspondentes, cada anno ficarão na Caixa não só 30:000$, somma dos accrescimos de cinco annos consecutivos, mas tambem 24:000$, sobras das quantias applicadas para solução dos juros, como si fossem juros da dívida total.

4ª. No 6°, 7°, 8° e 9° annos entrarão annualmente para o cofre 58:000$, sem haver precisão de entrada alguma no 10°, porquanto os 54:000$, já existentes em Caixa, junctos a 38:400$, sobras das quantias applicadas para a amortização e juros dos mencionados quatro annos, fazem a somma de 92:400$, quantia já superior em mais do dôbro á precisa para o pagamento da decima parte da dívida total e juro correspondente no 10° e ultimo anno; de sorte que toda a dívida póde ficar solvida no fim de nove annos, e ainda antes, como se verá mais abaixo.

5ª. As quantias acima, annualmente destinadas para a amortização da decima parte do emprestimo total, pagamento de seus competentes juros á razão de 6 °/₀, e para fundo de reserva, serão sagradas e nunca poderão ter outra alguma applicação que não seja esta, por mais urgentes que sejam as precisões do Estado.

6ª. No primeiro dia do anno subsequente ao primeiro anno findo, cada um dos credores se apresentará no Thesouro com o titulo que acredita o seu emprestimo, para receber, á bocca do cofre e em presença dos clavicularios, o que lhe tocar da quantia applicada para solução da decima parte da dívida total e dos juros correspondentes; e passará o competente recibo, que será guardado no cofre, e assim se practicará nos primeiros dias dos annos seguintes.

7ª. Depois de passados os tres primeiros annos, como do quarto anno em deante, já começam a avultar as sobras dos fundos consignados para a amortização da dívida e juros, e póde acontecer que algum dos credores, obrigado por imprevistos acontecimentos,

careça de uma quantia superior á que deve pertencer-lhe, neste caso poderá requerer ao presidente do Thesouro que, regulando-se pelo estado da Caixa, lh'a mandará pagar, passando o credor o competente recibo; subtrahindo-se, porém, dos juros a razão de 6 % que deviam competir á referida quantia pedida; 3 1/2, si lhe fôr adeantada no 4º anno; 3, si no 5º; 2 1/2, si no 6º; e assim progressivamente, decrescendo a perda dos juros proporcionalmente ao augmento dos annos.

8ª. Os titulos ou creditos, que se entregarem aos credores, serão assignados pelo escrivão e conselheiro thesoureiro-mór, e rubricados pelo presidente do Thesouro.

9ª. Depois de amortizada a dívida total e juros, os credores em um dia determinado comparecerão no Thesouro com os seus titulos, que apresentarão aos clavicularios, e estes áquelles os recibos; e conhecendo-se por escrupuloso exame da legalidade de todos, e que nenhuma dúvida ha na completa solução da dívida, queimar-se-hão tanto os recibos como os titulos, a melhor e mais valiosa quitação que se póde desejar em similhantes transacções, visto pôr um termo a futuras questões.

Taes são as condições do emprestimo pedido para acudir ás urgentes necessidades deste Reino; taes os fundos destinados para sua solução; tal o methodo seguido para gradual amortização da dívida e pagamento dos juros; cuja execução será religiosamente observada.

Rio de Janeiro, em 30 de Julho de 1822.— *Martim Francisco Ribeiro de Andrada.*

Este emprestimo foi immediatamente coberto, havendo até excedido as quantias subscriptas ao montante pedido. Assim é que, por decretos de 27 de Outubro seguinte, foi auctorizado o ministro a receber as quantias excedentes.

Esses foram os primeiros recursos angariados pera o grande lance da Independencia e com os quaes foi possivel attender a despesas inflexiveis que, sem elles, importariam em difficuldades e humilhações de toda ordem.

O exhaurimento do Thesouro, nesse instante, é facil de aqui-

latar-se desde que se conheça o seguinte testimunho, altamente expressivo .

« Quando Martim tomou conta da pasta da Fazenda pública, o cofre geral, como me disse o sr. visconde de Cabo Frio (11), seu companheiro de ministerio, estava sem numerario; e querendo-se apromptar a esquadra que se tinha de mandar contra a do general Madeira, havendo apenas 4:000$, e lord Cochrane necessitando de 20:000$, foi Martim Francisco pedi-los, sob sua responsabilidade, por emprestimo, ao marquez de Jundiahi» (12).

O exfôrço pela melhor arrecadação das rendas era tarefa que instantemente se impunha á administração das finanças. Não só modificações em tributos vigentes, como melhor apparelhamento dos processos de percepção tinham de ser postos em práctica afim de que das rendas annuaes proviessem os meios para a subsistencia do imperio nascente.

Modificativo dos impostos, que então vigoravam, o acto de maior realce practicado no momento é o que consta do decreto de 30 de Dezembro de 1822, relativo a taxas sôbre a importação de productos de procedencia extrangeira.

Em 1808 havia sido extincto o monopolio da metropole e tinham sido abertos os portos do Brasil a todas as importações. As taxas de importação baixaram de 48 % a 24 %. Mas da nova taxa excluiam-se as mercadorias vindas de Portugal. Essas gozavam de immunidade tributaria na importação da colonia. Tambem se exceptuavam as importadas de Inglaterra, que, pelo tractado de 1810, gozavam de tarifas differenciaes na razão de 9%.

Tal situação não pudera permanecer. A abertura dos portos carecia de ser mais realidade que ficção. Com esse proposito, e invocando a necessidade de pôr termo ao systema prohibitivo até o momento seguido, expediu-se o citado decreto, que, mantendo o respeito devido ao tractado existente, equiparou, para os fins da taxa alfandegaria, as mercadorias extrangeiras, sem distincção de proce-

(11) Luiz da Cunha Moreira, ministro da Marinha, official general da armada e 1º visconde do Cabo Frio.

(12) Brasil Reino e Brasil Imperio (Cit. pag. 250).

dencia, extinguindo o regime odioso e privilegiado, de que gozava a antiga metropole.

Eis a integra desse acto:

« Decreto de 30 de Dezembro de 1822.— Manda sujeitar os generos de industria e manufactura portugueza ao pagamento de direitos de 24 °/o de importação; admitte a despacho o rapé extrangeiro, e estabelece taxas fixas para os generos denominados molhados.

Havendo Portugal pela cruenta e injusta guerra que faz ao Brasil rompido os antigos laços de amizade, que reciprocamente prendiam ambos os Estados, e por conseguinte perdido o direito á continuação de favores mais que graciosos, e longo tempo feitos em beneficio do seu commercio, e notorio prejuizo do deste Imperio, e da sua renda publica, como tem sido a da prohibição directa ou indirecta de entrada de certos generos ou mercadorias estrangeiras, e igualmente o de direitos mui diminutos, ou de isenção absoluta dos mesmos, concedida ás mercadorias e producções portuguezas; e desejando Eu, não só remover todos e quaesquer embaraços, que possam resultar da immediata falta de algumas dellas, mas tambem extirpar os abusos e destruir os obstaculos, que tolheram o livre giro e circulação mercantil, pondo de uma vez termo ao systema prohibitivo até o presente seguido, que implicava contradição com os luminosos principios da liberdade e franqueza do commercio brasileiro: Hei por bem Ordenar o seguinte: Primo: que todo rapé extrangeiro seja admittido a despacho nas Alfandegas dos portos deste Imperio, pagando os direitos de 24 °/o, exceptuando algum de industria ingleza, que possa haver, o qual pagará 15 °/o na conformidade do Tratado de 19 de Fevereiro de 1810. Segundo: Que todos os generos ou mercadorias da producção, pescaria, manufactura, ou industria portugueza, importados em navios, e por conta de extrangeiros, paguem 24 °/o á semelhança do praticado com todas as nações. Terceiro e ultimo: Que os generos conhecidos pela denominação vulgar de molhados, como vinhos, aguardentes, licores, azeites, vinagres, sejam obrigados a pagar nos portos deste Imperio sómente os direitos de importação estabelecida pela tabella,

que baixa junto com este, assignada por Martim Francisco Ribeiro de Andrada, do meu Conselho de Estado, meu Ministro e Secretario de Estado dos Negocios da Fazenda, e Presidente do Thesouro Publico. O referido Ministro assim o tenha entendido, e faça executar com os despachos necessarios.

Palacio do Rio de Janeiro, em 30 de Dezembro de 1822, 1º da Independencia do Imperio.— Com rubrica de Sua Majestade Imperial, *Martim Francisco Ribeiro de Andrada.*

TABELLA DOS DIREITOS QUE SUA MAJESTADE IMPERADOR HA POR BEM SE COBREM DOS VINHOS, LICORES, AGUARDENTES, AZEITES E VINAGRES, QUE DEREM ENTRADA EM QUALQER DAS ALFANDEGAS DO IMPERIO DO BRASIL

Vinho tinto de qualquer denominação, ou paiz, por pipa de 180 medidas, média do Rio de Janeiro, e segundo esta proporção nas outras alfandegas	12$000
Dito branco de qualquer denominação, ou paiz, secco ou doce, por pipa de 180 medidas, na forma acima. . .	24$000
Azeite por pipa, na fórma acima.	75$000
Vinagre por pipa, na fórma acima	2$500
Aguardente por pipa, na fórma acima	36$000
Licor por pipa, na fórma acima	36$000
Vinho tinto, vindo em garrafas, por duzia.	$400
Dito branco, vindo em garrafas, por duzia.	$800
Licor ou aguardente, vindo em garrafas, por duzia . . .	1$200

Nos direitos acima mencionados não se comprehendem os que costumam pagar as garrafas, e por isso continuarão a pagal-os como antes.

Palacio do Rio de Janeiro, em 30 de Dezembro de 1822.— *Martim Francisco Ribeiro de Andrada.*»

E' intuitivo que esse decreto, de tão vasto alcance para o desenvolvimento das relações de commercio entre as demais nações e o Brasil, representava tambem a creação de nova e importante fonte de renda. As facilidades decorrentes para a arrecadação e fiscalização, da instituição das tarifas especificas para determinados generos, importam em outros tantos titulos, denotando o incontes-

tavel merito de similhante acto. Qualificando-o atravez daquelle primeiro criterio, assim se pronuncia o historiador:

« O acto tributario de 30 de Dezembro é a primeira manifestação de uma politica em que o pensamento dominante era pôr em pé de egualdade tributaria os productos portuguezes e os dos outros paizes extrangeiros. E' claro devia ser esta a politica que devia ser posta em execução desde 1808, quando se abriram os portos do Brasil a todas as nações, porque não se póde comprehender liberdade de commercio com a immunidade tributaria dos tributos de um paiz sôbre outros» (13).

Era certamente sob a inspiração dos principios contrarios *ao systema prohibitivo até o presente seguido e que implicava conradições com os luminosos principios da liberdade e franqueza do commercio brasileiro*, que, por ordem do ministro, se procedia então, á revisão da pauta da Alfandega, infelizmente não concluida em tempo do famoso gabinete. Releva consignar, a proposito da revisão dessa pauta, a decisão tomada pelo Govêrno sôbre a pretensão dos consules extrangeiros de collaborarem na confecção da mesma pauta. E' ella uma affirmação de altivez, e, ao mesmo tempo, a defesa intransigente *da soberania e independencia da nação*. Eis, em seus termos francos e energicos, a decisão do ministro:

« Sendo presente á Sua Majestade o Imperador a representação do Consul da Russia, Vice-Consules de Hollanda, Dinamarca, Hamburgo e Cidades Hanseaticas, Lubeck e Bremen, inclusa na Portaria do Ministro e Secretario de Estado dos Negocios Extrangeiros, em data de 22 de Novembro ultimo, concernente a serem ouvidos por deputados escolhidos de entre os negociantes das suas respectivas nações, na revisão da pauta da Alfandega, a que se mandou proceder: Manda o mesmo A. S. pela Secretaria de Estado dos Negocios da Fazenda, que o Ministro e Secretario de Estado dos Negocios Extrangeiros lhes faça constar que não póde annuir ao requerido na sua nota: 1°, porque a factura das pautas

---

(13) Felisbello Freire, «Evolução historica dos impostos do Brasil.

que deve regular o pagamento dos direitos, estabelecidos nas alfandegas, é privativo de qualquer Estado, o qual nunca póde admittir ingerencia extranha sem injuriar e atacar a propria Soberania e Independencia; 2°, porque não sendo os negociantes deste Imperio chamados nem ouvidos nas facturas das suas, por paridade de razão não o devem ser elles. Paço, em 4 de Dezembro de 1822.— *Martim Francisco Ribeiro de Andrada.*»

O decreto de 30 de Dezembro, porém, não ficou como regra uniforme e invariavel.

Abriu-se-lhe, pouco depois, uma excepção, cujo fim foi evidentemente favorecer aos interesses do commercio genuinamente brasileiro. A excepção consta da ordem n. 33, de 4 de Março de 1823, assignada por Martim, pela qual «Sua Majestade o Imperador manda pela Secretaria de Estado dos Negocios da Fazenda, participar ao Juiz da Alfandega que ha por bem que o genero extrangeiro e inglez, de propriedade brasileira, trazido de Lisboa, em embarcações pertencentes a subditos deste Imperio, só pague 15 °/o e que outrosim pague estes mesmos direitos interinamente, e, emquanto não mandar o contrario, os generos de producção portugueza, embarcados em navios da mesma nação, sendo de propriedade brasileira».

E, ainda no proposito de assegurar facilidades ao commercio em geral em materia de despachos alfandegarios, expediu o ministro, em data de 28 de Maio do mesmo anno, a seguinte ordem extinguindo os logares de despachantes da Alfandega e provendo sôbre a necessaria substituição:

« Constando a Sua Majestade o Imperador não haver lei que estabeleça na Alfandega despachantes privativos, e querendo obviar os inconvenientes que delles podem resultar, houve por bem determinar que se extingam taes despachantes e que se ponha em pratica o antigo methodo de serem as mercadorias despachadas pelos negociantes seus proprios donos, ou por seus caixeiros, e para esse fim por elles autorizados, e assim o manda participar, pela Secretaria de Estado dos Negocios da Fazenda, ao Desembargador do Paço, Juiz da mesma Alfandega, para sua devida execução.»

Modificando tributos vigentes ou a forma de sua arrecadação foram expedidos, em 1822, o acto de 7 de Septembro e, em 1823, os de 8 e 10 de Janeiro. O de Septembro dispoz sôbre a cobrança dos direitos de tonelada e ancoragem dos navios extrangeiros, sendo de 100 réis por tonelada a taxa, não sendo pagas em portos onde houvesse pharol. A alteração aproveitaria aos interesses da navegação e do commercio internacional, sujeitos a encargos maiores e não prejudicaria aos do Thesouro, cuja renda cresceria com o desenvolvimento de uma e de outra.

Os actos de Janeiro visaram : o de 8, a abolição do direito municipal de aguardente, devendo subsistir os geraes de consumo sôbre o mesmo genero, e foi expedido em decisão para a Juncta de Fazenda de Sancta Catharina ; o de 10, a arrecadação dos direitos relativos ás embarcações no trapiche do trigo. Com relação á aguardente teve em vista o ministro obstar a accumulação de impostos sôbre o genero, então dos mais tributados, de modo que pagasse elle apenas as taxas geraes que importavam em 8$400 por pipa, ao envez de 12$ que era a tributação exigida. Tambem em Janeiro desse anno decidiu o ministro, extinguindo controversias e dúvidas entre as administrações das provincias, que a renda proveniente das dizimas pertencia á provincia da producção dos generos dizimados, conforme consta da ordem de n. 4, de 8 do referido mez.

Provendo propriamente sôbre reorganização de serviços de arrecadação, o acto de maior relêvo e alcance foi o decreto de 4 de Fevereiro de 1823, do teor seguinte:

« Crea na Mesa do Consulado uma Administração para arrecadação de diversas rendas.

Tomando em consideração as conhecidas vantagens que têm resultado á Fazenda Nacional da arrecadação do dizimo do café, e miunças pela Mesa do Consulado ; e persuadindo-me, depois de ter ouvido os pareceres das pessoas doutas, e do meu Conselho, que iguaes proveitos e sem maior dispendio poder-se-hiam conseguir se tambem por ella se arrecadassem o imposto de $400 por arroba no tabaco de corda, o da aguardente de canna, o equi-

valente do contracto do tabaco, o subsidio literario, a siza e meia siza, e finalmente o imposto sobre os botequins e tabernas, contanto que se augmentasse o numero dos empregados, e que estes fossem escolhidos, e tirados da classe dos officiaes de Fazenda, ou dos que a esta vida se destinam, distinctos por seu saber, por sua probidade, e por seu notorio zelo pelo progressivo melhoramento das rendas nacionaes; hei por bem estabelecer na referida mesa do Consulado uma Administração composta dos empregados declarados nas instrucções, que com este baixam, assignadas por Martim Francisco Ribeiro de Andrada, do meu Conselho de Estado, Ministro e Secretario de Estado dos Negocios da Fazenda, e Presidente do Thesouro Publico, a qual, na conformidade das mesmas instrucções, ficará encarregada não só de arrecadar, fiscalizar, e escripturar os mencionados impostos, mas tambem de propôr-me tudo aquillo que julgar necessario ao bom desempenho das suas obrigações, ou que mais contribuir para o augmento desta parte da riqueza publica. O referido Ministro e Secretario de Estado assim o tenha entendido e faça executar com os despachos necessarios. Palacio do Rio de Janeiro, em 4 de Fevereiro de 1823, 2º da Independencia e do Imperio. Com a rubrica de Sua Magestade Imperial. *Martim Francisco Ribeiro de Andrada.* »

As instrucções que o ministro expediu para a boa execução desse decreto são longas e detalhadas.

A administração creada ficou debaixo da inspecção immediata do presidente do Thesouro Publico, e della passava a fazer parte a Mesa do Consulado, independente da Alfandega.

A ella competia arrecadar, além dos direitos de 2 % de saïda dos generos do paiz, do dizimo do café e miunças e dos 4$ por pipa de aguardente da terra para consumo, já percebidas na Mesa do Consulado, mais as seguintes rendas: dizimo do assucar, imposto sôbre a aguardente da terra, sendo 1$ por pipa da fabricada na provincia, 20 réis de subsidio literario por medida tambem da fabricada na provincia e 1$600 de subsidio por pipa da fabricada na cidade, tanto para ser consumida como exportada; imposto de

400 réis por arroba de tabaco de corda; siza dos bens de raiz; meia siza dos escravos ladinos; imposto sôbre botequins e tavernas.

A administração tinha os seguintes empregos: administrador, escrivão, thesoureiro, quatro escripturarios, dous amanuenses, agentes em numero que o serviço reclamasse e quatro guardas.

As instrucções dispõem minuciosamente sôbre as attribuições do pessoal, o processo de arrecadação de cada um dos impostos, estatuindo, quanto á escripturação e contas, por fórma assecuratoria de toda a clareza, facil exame e rigorosa fiscalização.

Durante esse anno de 1823 muitas outras providencias foram dadas com relação aos serviços e interesses da Fazenda. Grande foi a actividade do ministro deante das repartições arrecadadoras, ora recommendando e insistindo pelo exame rigoroso e economia na despesa publica, ora aconselhando e esclarecendo sôbre medidas e processos arrecadadores.

Várias são as provisões e portarias em que elle « recommenda mui particularmente a maior vigilancia e zêlo pela boa arrecadação das rendas públicas, a mais escrupulosa fiscalização no emprêgo dellas ou das despesas, visto que só por uma acertada administração financeira é que o Brasil póde ter excedente para empregar na sua defesa, e com ella obter a sua segurança, manter a sua independencia, promover sua prosperidade e constituir-se digno do respeito e consideração de todos os Estados », como, entre outras, na provisão de 2 de Fevereiro. Quasi que nem um só dos tributos então vigorantes escapou de uma providencia tendente a mais perfeita collecta, como quasi nenhuma repartição aduaneira ou mesa de arrecadação deixou de receber a necessaria provisão ou portaria dispondo sôbre a tarefa que lhes competia, sua exacta execução, prestação de contas, e até sôbre horas de trabalho do pessoal, como se lê na portaria de 4 de Março em que manda ao provedor da Casa da Moeda, « para remover todos os obstaculos que até ao presente têm retardado o prompto expediente e laboratorio, proceda, de ora em deante, da maneira seguinte: 1º, despeça do serviço a todo trabalhador que fôr vadio: 2º, suspenda os vencimentos a todo empregado que, ou fôr negligente, ou não comparecer sob

pretexto de doença, exceptuado o caso de verificar-se esta por meio de uma commissão nomeada para este fim: 3º, participe á mesa do Thesouro toda e qualquer desobediencia ou insubordinação que commetterem os empregados da sua repartição, para se darem em tempo as necessarias providencias; 4º, mande apontar a todos os empregados que se não acharem presentes, desde as nove horas até ás duas da tarde, a todos os trabalhadores e mestre de officinas desde sete até as mesmas horas.» Percorram-se as paginas do « Diario do Governo » e se verificará que foram muitos e minuciosos os actos relativos á ordem e bom funccionamento das repartições de Fazenda, ás contas de exactores, aos processos fiscaes e ao zêlo e economia nos gastos.

A energia e solicitude assim reveladas determinaram salutares alterações no serviço publico, melhorando-o e nobilitando-o, conorme se infere do seguinte valioso depoimento: « Nas repartições fiscaes havia muita relaxação. Martim Francisco as reformou sem demittir ninguem. Fez de homens relaxados homens honrados e bons empregados; porém, tudo isto elle conseguiu pelo medo que delle havia; porque todos estavam certos que o que fosse apanhado em alguma velhacada seria um homem perdido para sempre. Os maus corrigiram-se e serviram bem, por que o temor os continha, mas por isso mesmo minaram surdamente contra a orientação do ministro. Com a nova administração e medidas adequadas que elle adoptou, a receita do Estado cresceu. Martim Francisco tinha por maxima pagar com exactidão e receber com ponctualidade; com ninguem condescendia. No dia do vencimento forçava os devedores do Estado a entrarem com os seus debitos para o Thesouro. Na classe dos devedores entrava pela maior parte a gente chamada grande do paiz. A esta gente era costume velho nunca se pedir pagamento do que devia. Martim não exceptuou ninguem. Esta severidade, aliás proveitosa, chamou sôbre o ministro o odio de muita gente. Martim foi, muito perseguidor dos contrabandistas » (14).

A situação do meio circulante, cuja gravidade tinha uma de

(14) Ibidem — pag. 373.

suas causas nas emissões contínuas do Banco do Brasil, foi tambem objecto de providencias da parte do ministro.

Obstar, ou, ao menos, embaraçar essas emissões valia por adoptar medida relevante para o saneamento do meio circulante, tão fundamentalmente compromettido. Seria o primeiro passo para a regularização, que só poderia ser alcançada pela execução perseverante e contínua dessa e outras providencias, infelizmente pouco após abandonadas.

A portaria de 15 de Outubro de 1822 foi o primeiro acto visando tal fim. Seus effeitos foram bons; as emissões cessaram.

Em Abril de 1823, porém, constou que recomeçariam, á vista do que foi expedido novo acto, em data de 28 desse mez, contendo prohibição expressa para emissões novas e insistindo para que se observasse *a necessaria proporção entre as notas em gyro, o fundo metallico que lhes corresponde e a moeda em circulação*.

Eis os termos dessa portaria, primeiro alarma contra o papel-moeda inconversivel, *virus* que tanto devêra corroer, pelo tempo afóra, até combalir em seus mais intimos fundamentos o organismo economico e financeiro da nação:

« Havendo S. M. o I. recommendado á Junta do Banco do Brasil, em portaria de 15 de Outubro do anno findo, a gradual reducção das notas circulantes, medida esta que atalhando antigos abusos a este respeito commettidos, e procurando conservar a necessaria proporção entre as notas em giro, o fundo metallico que lhes corresponde e a moeda em circulação, só podia redundar em beneficio da nação, dos accionistas e do Estado, como um dos principaes a habilitar o mesmo Banco para servir á patria na gloriosa luta em que se acha empenhada, constando-lhe agora que a actual junta em menoscabo da referida portaria e manifesta contradicção com o que acudira e determinara a assembléa geral, em sessão de 17 de Outubro de 1822, resolveu fazer emissão e emprestimo em proveito particular, manda, pela Secretaria de Estado dos Negocios da Fazenda, extranhar-lhe um tal procedimento e declarar-lhe que semelhante resolução não póde ter o seu devido effeito sem que seja sanccionada pela assembléa geral. »

Procurando regularizar a situação do Estado em face do Banco, especialmente quanto á divida por que aquelle respondia, expediu o ministro, em 17 de Maio de 1823, portaria dando applicação aos impostos creados para o fundo do Banco.

Os referidos impostos, que passaram a ser arrecadados pela administração annexa á Mesa do Consulado, teriam de destinar-se, entregue o seu producto ao Banco, *metade ao complemento do numero de acções marcado no alvará de 20 de Outubro de 1812, e outra metade á amortização da divida de que o Banco é credor ao Thesouro.*

No proposito de moralizar a administração desse instituto, victimado, em boa parte, pela incorrecção de seus administradores, expediu o ministro, em data de 22 de Fevereiro de 1823, novo acto á Juncta respectiva, *mandando excluir da eleição para directores e deputados do Banco do Brasil os accionistas que fossem devedores do mesmo Banco.*

Characterizando a situação do meio circulante, durante sua gestão financeira, disse elle, em 1830, no memoravel discurso sôbre reorganização desse instituto, então extincto: «Notae que na epocha da emancipação, o Govèrno, não cunhando a quantidade de cobre hoje cunhado, alliviando o Banco de despesas antes forçadas, impedindo novas emissões e aconselhando o desapparecimento de notas pequenas, teve a gloria de conservar em circulação os metaes nobres e de manter as notas ao par com cobre, e quasi ao par com a prata, e de conservar o cambio entre 52 e 55, e tudo isso no meio do choque das paixões as mais corrosivas, e durante a crise terrivel da independencia e liberdade legal».

Realmente a taxa média do cambio foi, em 1822 e 1823, de 49 e 50 3/4 respectivamente, havendo por vezes attingido ao maximo de 51 1/2 em 1822, e de 53 1/2 em 1823 (15); o cambio par era de 67 1/2. No decurso do tempo a taxa devêra decaïr a numeros mais baixos, como em 1831, em que ella desceu a 20 (16), vigorando a mesma paridade.

---

(15) Vieira Souto, «Commercio Internacional do Brasil», pag. 80.
(16) Amaro Cavalcanti, «Meio circulante nacional», vol. 1, pag. 317.

Merece menção especial a resistencia, que o ministro oppoz sempre ás tentativas de emprestimos externos ou de quaesquer outros, havendo permanecido exclusivamente no de Julho de 1822, destinado a um fim todo excepcional. Essa resistencia, e as razões della, são affirmadas no documento em que Martim faz a crítica do emprestimo externo negociado e realizado em Londres em 1824 e em 1825.

Escreve elle: (17) « Sempre que o senhor e meus collegas, arrastados pelo exemplo quotidiano dos Estados novos e velhos, propuzeram em conselho um emprestimo para o Brasil, pude com argumentos sem réplica estorvar medida tão perniciosa. Estou e sempre estive convencido que a theoria dos emprestimos era um abysmo, em que mais cedo ou mais tarde deviam ser precipitadas todas as nações; que os governos nunca os adoptaram sinão para opprimirem mais facilmente os povos; que um emprestimo contrahido por qualquer Estado é um symptoma de prodigalidade de seu Govêrno ou a morte deste espirito de ordem e de economia, primeiras bases de toda a boa administração financeira; que os emprestimos concorrem a excitar a sordida cobiça dos cidadãos e a amortecer em seus corações o sentimento desinteressado do amor da patria; que as chamadas despesas extraordinarias são perolas douradas, engolidas por povos boçaes, porque de commum nenhuma ha que não tenha sido prevista com antecipação pelos olhos perspicazes da Politica e que se não possa remediar sem o cancro dos emprestimos; que, finalmente, os povos quando querem ser livres, têm muitos recursos em si proprios; os Gregos, abandonados de toda a Christandade, têm resistido ás forças da Porta e não é o emprestimo presente que os ha de salvar; os Hispanhóes, que não estavam maduros, caïram, e o emprestimo não os salvou; o Brasil resistiu a Portugal e prosperou sem emprestimo, e jaz hoje no estado o mais calamitoso com elle.

(17) Carta a Drummond, em 12 de Septembro de 1824, escripta em Bordeaux.

Si destes principios geraes, com que combatia similhante projecto, eu descia a miudas considerações sôbre a situação politica do Brasil naquelle tempo, eu via o povo contente e concorrendo com subscripções voluntarias para as novas precisões do Estado, via os melhoramentos e reformas da administração produzindo um progresso quasi incalculavel nas suas rendas, e estas bastando a tudo; via Portugal cada vez mais fraco e decrepito, seus exercitos sacudidos do Brasil e o de Montividéo prestes a soffrer a mesma sorte, e com a sua saïda o termo da grande divida que nos devorava; via por ultimo o Brasil livre de outros inimigos e cada vez mais forte pela união successiva de todas as provincias, e concluia, de tudo, que não havia necessidade de contrahir emprestimos.

O Conselho então annuia ás minhas ponderações; o despota (18), bem mau grado seu, acquiescia a tudo, e a questão do emprestimo dava em agua de barrela.

Note que já então o Felisberto (19), sem ter ordem, escrevia ao ministerio, fazendo ver a necessidade de um emprestimo, entendia-se com os capitalistas de Londres e os forçava a escrever com o offerecimento das mesmas condições, que elle agora acceitou. Note mais que, nesse tempo, eu o recusei com o premio de 5 %, e o juro de 5%, peso metallico por peso metallico; que não havia moeda, e baixa, fabricada em Londres; que não havia dividendos retidos, nem usuras das £ 300.000 adiantadas e nem as commissões de Felisberto e outras. Note, finalmente, que então não havia uma constituição que vedasse ao Govêrno similhante medida, e que, para encarregar-se de contrahir o dicto emprestimo, tinha vindo ao Rio de proposito um sujeito capaz, cujo nome calo. A nada disto attendi, recusei o emprestimo com tão favoraveis condições e disse a José (20), que Felisberto, pelos factos acima referidos e por outros de conhecida ignorancia, ou de notoria lesão dos interesses do Brasil, deveria ser mandado recolher».

---

(18) Pedro 1º.
(19) Felisberto Caldeira Brant, depois marquez de Barbacena.
(20) José Bonifacio.

O emprestimo iniciado em 1824 e ultimado em 1825 foi realmente uma operação infeliz, e assim sempre se o considerou— nominal de £ 3.000.000, foi celebrado, o primeiro milhão a typo de 75, os dous restantes a 85, com o juro de 5 %, a commissão de 4 % para os banqueiros e 2 % para os negociadores, sendo, pois, o liquido de 69 num caso, e de 79 em outro, sujeito ainda á deducção prévia de juros de outros beneficios (21).

Não é possivel a exhibição dos algarismos seguros, em que se deve ter expressado o balanço da receita e despesa de Julho de 1822 até á reunião da Assembléa Constituinte, em Maio de 1823. Que a situação das finanças havia melhorado sensivelmente verifica-se dos termos da Falla, com que se installou a referida assembléa. As informações que constam desse documento esboçam bem a condição financeira da phase immediatamente anterior á Independencia, as medidas em seguida postas em práctica pelo Govêrno, os effeitos salutares dellas resultantes e as esperanças quanto ao futuro. Eis como se exprimia essa Falla do Throno:

« As circunstancias do Thesouro Publico eram as peiores, pelo estado a que ficou reduzido e mui principalmente porque até quatro ou cinco mezes foi sómente provincial. Visto isto, não era possivel repartir o dinheiro para tudo quanto era necessario, por ser pouco, para se pagar a credores, a empregados em effectivo exercicio, e para sustentação da minha casa, que despendia uma quarta parte da de El-Rei, meu augusto pae. A delle excedia quatro milhões, e a minha não chegava a um. Apesar da diminuição ser tão consideravel, assim mesmo eu não estava contente, quando via que a despesa que fazia era mui desproporcionada á receita, a que o Thesouro estava reduzido, e por isso me limitei a viver como simples particular, percebendo tão sómente a quantia de 110:000$000 para todas as despesas da minha casa. — Sem embargo a tudo as rendas não chegavam; mas com pequenas mudanças de individuos não affectos á causa deste Imperio, consegui (e com quanta gloria o digo) que

(21) *Historia Financeira do Brasil* — Castro Carreira, pags. 100 e seguintes.

o Banco que tinha chegado a ponto de ter quasi perdido a fé pública, e estar por momentos a fazer banca-rota, tendo ficado, no dia em que o senhor dom João VI saïu á barra, duzentos contos em moeda, unica quantia para trôco de suas notas, restabelecesse seu credito de tal fórma, que não passa pela imaginação a individuo algum que elle um dia possa voltar ao triste estado, a que o haviam reduzido; que o Thesouro Publico, apesar de suas demasiadas despesas, as quaes deviam pertencer a todas as provincias, e que elle só fazia, tendo ficado desacreditado e exhausto totalmente, adquirisse esse credito tal, que já sôa na Europa, e tanto dinheiro, que a maior parte de seus credores, que não eram poucos, nem de pequenas, tinham sido satisfeitos de tal forma que suas casas não tinham padecido; que os empregados publicos estejam em dia, assim como os militares em effectivo serviço; que as mais provincias, que têm adherido á causa sancta, não por fôrça, mas por convicção, que eu amo a justa liberdade, tenham sido fornecidas de todos os petrechos de guerra para sua defesa, grande parte delles comprados e outra dos que existiam nos arsenaes. Além disto, têm sido soccorridas com dinheiro, por não chegarem suas rendas para as despesas que deviam fazer.

« Em summa consegui que a provincia rendesse onze ou doze milhões, sendo o seu rendimento, anterior á saïda de meu augusto pae, de seis a septe quando muito.

« Grandes foram sem duvida as despesas; contudo, ainda se não lançou mão da caixa dos dons gratuitos e sequestro das propriedades dos ausentes por opiniões politicas, da caixa do emprestimo, que se contrahiu de 400:000$ para compra de vasos de guerra, o que tudo existe em ser, e da caixa da administração dos diamantes.»

Tambem informa, embora superficialmente, sôbre algarismos relativos á gestão financeira do ministerio da Independencia a exposição apresentada pelo ministro da Fazenda do gabinete immediato, Manuel Jacintho Nogueira da Gama, depois marquez de Baependi.

Dessa exposição constam os seguintes trechos:

«Pela demonstração da receita e despesa do primeiro semestre do corrente anno de 1823 serão patentes todas as despesas, que se fizeram no dicto semestre, e as entradas que houve no Thesouro, sendo o saldo de todas as caixas, no ultimo de Junho, de... 278:103$962. No mesmo dia 30 de Junho, em que se fecharam as contas para proceder-se ao balanço do semestre, existiam disponiveis nas diversas caixas do Thesouro 210:014$952, entrando nesta somma 132:658$231 em escriptos da Alfandega e lettras a vencer; e devendo-se deduzir della a quantia de 70:000$ da decima parte e dos juros do emprestimo, a cujo pagamento se ia logo proceder.

Sendo o recebimento total do emprestimo dos dons gratuitos, da subscripção para a marinha, e dos sequestros, de 596:304$035, até o dia 30 de Junho se tinha despendido destes recursos extraordinarios 386:289$083.»

Esses algarismos fundamentam devidamente a affirmação de que «com a nova administração, e as medidas adequadas que Martim adoptou, a receita do Estado cresceu e chegou para fazer face ás despesas extraordinarias da epocha. O Thesouro estava reduzido aos rendimentos da Provincia do Rio de Janeiro, porque nenhuma outra do Brasil concorria então para ella. Pelo contrario, o Thesouro teve de soccorrer a todas que precisavam de soccorro para a despesa contra o inimigo commum. As rendas do Rio de Janeiro bem administradas bastavam para tudo» (22).

Pouco teria de durar, porém, tão proficua administração. As divergencias entre os Andradas e Pedro I tiveram seu epilogo em Julho de 1823. Em 17 desse mez José Bonifacio e Martim Francisco, que se haviam demittido, foram substituidos nos cargos que tanto nobilitaram. Pouco após, com a dissolução da Constituinte, foram deportados para França. Só alguns annos depois Martim reapparecia no scenario politico. Eleito deputado pela provincia de Minas Geraes teve elle assento na Camara durante as sessões de 1830 a 1833.

---

(22) Mello Moraes — *Ibidem*, pag. 373.

Essa legislatura de 1830-1833 teria de deliberar sôbre relevantes e complexos problemas de ordem economica e financeira.

A crise nas finanças se aggravára. Só mais tarde, com a melhor organização dos serviços, maior experiencia dos homens, e, sobretudo, com a cessação das luctas incandescentes e desapparecimento das agitações politicas, as finanças teriam de normalizar-se, embora ephemeramente, como aconteceu.

E essa crise bem se expressava no desequilibrio dos balanços de cada exercicio, exceptuado um ou outro. O *deficit* foi, em regra, o expoente do movimento financeiro.

Eis, successivamente, os algarismos desses *deficits*: 1823 — 900:000$: 1825 — 3.608:561$589; 1826 — 4.004:944$088; 1828, primeiro semestre — 3.421:422$255.

Em 1824 a situação foi de equilibrio, mas apparente, tendo sido de 9.618:197$ receita e despesa. Em receita, porém, incluiram-se o supprimento de 1.181:489$342 feito pelo Banco e a quantia de 2.382:744$ do primeiro emprestimo externo então realizado (23). Em 1827 o balanço assignalou saldo de 226:175$086, tendo sido de 12.068:466$632 a receita, e de 11.842:291$546 a despesa. Primeiro saldo que apparecia nos balanços não era, entretanto, real. Foi elle devido ao facto de se contemplarem na receita mais de 5.000:000$, de supprimentos do Banco, de venda de brilhantes e barras de ouro, não tendo attingido a 7.000:000$ a receita ordinaria (24).

A situação *deficitaria* se verificou não obstante a celebração de emprestimos, quaes, em 1824, 2.382:744$, do emprestimo de Londres; em 1825-1826, 4.469:630$789, do emprestimo tambem celebrado em Londres, primeiro em que figurou a casa Rotschild.

Para o anno de 1829-1830 a proposta orçamentaria consignou, quanto á receita: 21.673:119$504; quanto á despesa: 29.061:072$712, com o *deficit*, pois, de 7.387:953$112. Visando supprir esse *deficit* auctorizou a lei orçamentaria os emprestimos que

---

(23) *Receita e Despeza* por Agenor de Roure — *Jornal do Commercio* de 27 de Agosto de 1909.

(24) *Ibidem*.

se effectuaram, um de 4.3334:000$ pela venda de apolices que produziram 2.675:000$, outro, externo, com Wilson e Rotschild, em condições gravosas, destinado em parte ao resgate do de 1824. A importancia nominal deste foi de £ 769.100, mas a real foi de £ 399.400.

Melhor do que a financeira não era a situação do meio circulante. Uma e outra prendem-se sempre por intimos laços, sendo incompativel circulação sadia com finanças avariadas.

A moeda continuava sensivelmente depreciada, as notas do Banco achavam-se em pleno regime de curso forçado : o cambio, em consequencia, baixara bastante, oscillando no referido periodo entre 26-21 pence por 1$000. De papel moeda montava em 20.507:430$ a quantidade em circulação: de cobre, 3.091:198$000. — A circulação de metaes nobres era imperceptivel.

A situação financeira e a do meio circulante haviam determinado a convocação da assembléa legislativa, em sessão extraordinaria, para 1 de Abril de 1829. A falla do throno inicial particularizou, como assumpto a tractar, *o estado dos negocios da Fazenda em geral, e, com especialidade, o arranjo do Banco do Brasil.*

A esse appêllo correspondera a assembléa votando a lei de 23 de Septembro de 1829, pela qual o Banco do Brasil devera suspender suas transacções e entrar em liquidação a 11 de Dezembro seguinte, data em que terminava o prazo de existencia do mesmo Banco. As demais questões, attinentes umas ao estado financeiro, outras ao meio circulante, só mais tarde foram objecto de deliberação definitiva.

Em 1830 se installou a nova legislatura. Os problemas de ordem financeira a cogitar eram os mesmos expostos á legislatura finda e deviam preoccupar absorventemente a attenção do poder legislativo até 1833.

Dentre taes problemas tinha ainda destaque maximo o do Banco do Brasil. Seu desapparecimento causara sensivel abalo na vida do commercio. A solução ultima de tão absorvente caso — fosse a definitiva extincção, fosse o restabelecimento — era assumpto. para que intensamente convergia a attenção pública.

Martim, que não fizera parte da legislatura finda em 1829, logo de começo enfrentou tão commentado e debatido problema, para o qual apontou solução, que o juizo sereno de gerações immediatas reputou opportuna e acertada.

Em sessão de 7 de Junho pronunciou elle memoravel discurso, em o qual, fundamentando o projecto de creação do novo Banco, refutou as razões por fôrça das quaes se votara a extincção, e, com perfeita segurança doutrinaria, desvendou perante a Camara os mais solidos principios, muitos dos quaes se tornaram pacificos, pelo tempo afóra, á luz das affirmações da Economia politica e das boas theorias financeiras.

Esse discurso é tambem modelar pelos primores da fórma, constituindo exemplo da eloquencia parlamentar esmeradamente cultivada pelos estadistas da epocha.

« A lei de 23 de Septembro de 1829 — exordia o orador — dissolveu o Banco do Brasil creado pela lei de 12 de Outubro de 1808; podia a legislatura dissolve-lo? Respondo — sim. O legislador o havia creado, o legislador podia destruil-o; o legislador lhe havia assignado um tempo certo de duração, este tempo havia expirado, e expirado com elle havia tambem sua existencia. Devia a legislatura extingui-lo? Respondo — não —, e este — não — será verificado submettendo ao escalpello da mais escrupulosa critica as razões allegadas para destrui-lo.

E examina e estuda, em seguida, uma por uma, as razões allegadas, sôbre todas dissertando com proficiencia e acêrto.

PRIMEIRA RAZÃO: *Os povos saturados de metaes não têm necessidade de bancos.* Os que repetiram similhante proposição foram meros plagiarios de alguns economistas; mas a doutrina não é verdadeira no mundo das idealidades e muito menos no mundo dos phenomenos.

Antes, porém, de entrar em similhante questão, eu perguntaria a meus honrados collegas: um Estado com todo o viço de saude e de fôrça, um Estado inflammado pela novidade de especulações, e que já tem trilhado grande espaço do campo commercial, tem porventura os capitaes precisos para fertilizar todos os canaes

da riqueza pública? O homem do myopismo mais absoluto responderia seguro, não; a velha Inglaterra, que passava por saturada de riqueza, mostrou na ultima crise de 26, que o não era. Si, pois, nós carecemos de capitaes, como deixaremos de crear fiduciarios, uma vez que estes sejam fundados em obrigações valiosas? Esta simples consideração basta para fazer ver que não ha muitos povos saturados de metaes.

Mostrarei agora que a proposição não é verdadeira *a priori*, porquanto, abstrahindo da noção de bancos, tenho nella a considerar sómente duas entidades, isto é — metaes, quantidades finitas — homens, quero dizer paixões ou desejos humanos, quantidades intensivas, indefinidas, indeterminadas e por conseguinte, não sujeitas á lei de espaço e nem ao círculo: de onde se segue que, como o desejo de possuir a riqueza não tem limites assignaveis, qualquer que seja a riqueza possuida, sempre os desejos do homem cobiçarão ainda mais; segue-se ainda desta curta analyse, que em taes sciencias ha elementos extensivos que alteram e modificam as verdades economicas mais reconhecidas, e que o pretende-los representar por fórmulas algebricas, como fez Canard, é o êrro mais palmar que se póde commetter. *A' priori*, não ha quantidade de metal, que possa satisfazer a ardente sêde do homem em possui-la.

Para provar *á posteriori* que não ha povo saturado de metaes e que os Bancos não appareceram na epocha da pobreza, mas em grau já adeantado de riqueza da sociedade, será mister que eu lance um rapido golpe de vista sôbre a historia do homem desde o berço da sua vida social até á creação dos Bancos.

Supponde, senhores, uma horda que abandona a vida nomade para tornar-se estacionaria e agricultora. Cada individuo, reconhecendo que os fructos espontaneos offerecidos pela natureza não bastam ás suas necessidades, vê-se forçado a cultiva-los e, porque a experiencia ensina a todos que o trabalho de um só homem não dá um producto completo para a sua subsistencia, dividem-se os trabalhos e permutam-se os productos; esta mesma permuta tem um termo e vem a ser, quando productos superfluos a uns não são

necessarios a outros, e deixando de ser trocados deterioram-se com sensivel perda daquelle que os produziu : desta estagnação de permuta nasceu no homem social a idéa da moeda. Que vem, pois, a ser moeda ? Um producto preferido a outros pela necessidade maior que delle se tem, um producto admittido pelo uso para servir de instrumento dos escaimbos, um producto que se possa subdividir, e pela subdivisão formar um valor egual áquelle que se pretende comprar.

Foi debaixo desse ponto de vista que os povos da Abyssinia admittiram por moedas o sal, os de Gambia o ferro, os Mexicanos, ao tempo da conquista, grãos de cacáo, os povos de algumas partes da Africa e da Asia uma concha, os Lacedemonios o ferro, os Romanos o cobre ; mas, quando taes moedas se tornaram abundantes, deixaram logo de ser preferidas e depois foram desprezadas, ou pela sua corruptibilidade ou pelo seu grande pêzo e seu mui diminuto valor comparativo. Entraram então a figurar como moeda os metaes nobres ; sua raridade, e por isso, seu grande valor, sua incorruptibilidade e sua divisibilidade lhe haviam grangeado essas preferencias. Até aqui vós não vedes instituição alguma que dê idéa de valores de confiança hoje introduzidos, e todavia parece que era occasião de crea-las, porque todos os povos careciam de metaes nobres.

Não é, pois, a não saturação de metaes que crêa os bancos ; outras são as causas de similhantes estabelecimentos, como passo já a desenvolver.

A actividade humana tinha já fertilizado grande porção de cada um dos canaes da riqueza pública, o commercio e a industria tinham já dado agigantados passos ; em uma palavra, os povos já se achavam em um grau mui adeantado de prosperidade, quando os Judeus introduziram o uso das letras de cambio ; esta invenção, que sem dúvida fez epocha nos annaes do commercio, por haver simplificado suas operações, diminuindo as despesas de transporte de dinheiro, e preservado o commercio de riscos innevitaveis, roubou de mais os capitaes á sacrilega cubiça dos governos.

Vós sois chegados por ella á creação dos bancos, porque se-

guramente é pequena a differença entre uma nota de prazo determinado e outra cujo prazo depende da vontade do portador.

A' vista, pois, do exposto é o progresso da riqueza que os funda, são os erros do govêrno ou da administração dos bancos que os arruinam, assim como é a sabedoria de um e de outros que os conserva e faz prosperar.

Meditae, senhores, sôbre os bancos de Genova, de Veneza, de Amsterdam, de Rotterdam, de Hamburgo e de Londres, fundados em diversas epochas e sôbre o credito ou público ou particular, ou mercantil, e vós vos convencereis das causas de sua creação, e da sua ruina ou da sua prosperidade. No nosso foram os abusos do poder ou os erros administrativos da administração que obrigaram a legislatura transacta a extingui-lo, quando ella devia cingir-se a extirpar taes abusos por meio de sábias reformas, e conserva-lo.

Segunda razão: — *Era um estabelecimento do Governo e não dos particulares*. Perdoae-me, senhores, um banco é concentração de capitaes privados, o do Brasil estava neste caso. Si o Govêrno tinha nelle acções, estas deviam ser applicadas ao pagamento de sua divida: 1°, porque se não póde dar verdadeira sociedade entre a fôrça que commanda e a fraqueza que obedece; 2°, porque um govêrno constitucional só crêa as rendas necessarias á satisfacção de suas despesas; si o Govêrno lhe havia concedido privilegios que feriam a constituição, a legislatura devia anniquilla-los; si o Govêrno, finalmente, lhe havia concedido os favores ou mesmo tinha nelle uma ingerencia prejudicial, e em manifesta contradicção com as doutrinas economicas que regem similhantes estabelecimentos, ella devia revoga-los, porém nunca destruir uma associação, estimulo o mais activo da industria e do commercio, o primeiro movel da circulação. Ora, esta participação do Govêrno nos lucros, esta ingerencia, estes favores e privilegios concedidos não mudaram a natureza e essencia do Banco; foram, quando muito, excrescencias parasiticas, que extirpadas ter-lhe-iam dado nova vida.

Terceira razão: — *Si o Banco não existira, o Govêrno não teria entrado na carreira das guerras dispendiosas, e na vereda*

de criminosas prodigalidades. Ao que respondo, que um Govêrno capaz de golpear a propriedade collectiva, muito mais capaz seria de atacar a individual. Sabeis, senhores, o que auctorizou estes golpes do Govêrno? Foi o silencio do corpo legislativo e a nenhuma opposição delle a actos dignos do mais exemplar castigo. Porventura será tambem culpado o Banco nos emprestimos extrangeiros e nacionaes, que o Govêrno contrahiu?

QUARTA RAZÃO :— *Que se póde esperar de um estabelecimento onde os seus gerentes são os principaes auctores do extravio de seus capitaes?* E por que? Porque a lei de sua creação peccava na parte a mais vital, quero dizer, não tinha uma legislação penal apropriada. Porque a legislatura transacta não deu essa legislação, e com ella não poz termo a roubos escandalosos? Por que razão preferiu, como mau architecto, a acção de demolir á gloria louvavel de reparar? Eu ignoro os motivos desta falta. Estes roubos, porém, practicados por alguns dos seus administradores, ameaçavam quebra? Creio que não; porque lendo o ultimo balanço da commissão vejo que são mui inferiores aos seus fundos de reserva.

QUINTA RAZÃO — *O Banco emittiu uma somma que não tinha proporção com a sua hypotheca*. E quem foi causa dessa emissão? Lêde as portarias do marquez de Queluz e outras de outros ministros da Fazenda, e vós conhecereis os auctores de tantos males: tinha o Banco fôrça para desobedecer á rigorosa lei das baionetas? E'-me penoso dizer que a legislatura puniu na victima os crimes de seus algozes, e cerrou os ouvidos aos gritos da justiça e da genero sidade, reclamando a conservação do Banco e bôas medidas legislativas que seccassem a fonte de tantos abusos.

SEXTA RAZÃO :— *Daqui se seguiu que as notas, sem proporção com a hypotheca, não puderam ser realizadas á vontade do portador*. Si, como demonstrei, o Govêrno foi o primeiro motor deste mal; si desde 1818 elle faltou ao pagamento do premio de sua divida e aos ajustes que com o Banco havia contrahido pela lei de sua creação; si desde 1824 progrediu no inaudito systema de fraude, forçando o Banco a emissões violentas, a elle competia defende-lo e segura-lo no meio de uma crise, obra de sua

má fé. Na historia dos bancos e da desgraçada ingerencia dos seus governos, não são raros estes acontecimentos : lançae os olhos para os Estados Unidos da America Septentrional e para a Inglaterra ; a primeira, guiada talvez pelos mesmos principios que dirigiram a legislatura passada, derribou o seu banco, e os mesmos homens que haviam sido os mais obstinados em sua ruina, tornando a si do passo vertiginoso que haviam dado, foram logo depois os mais tenazes na creação de outro ; a segunda, amestrada de longa data na sciencia da riqueza e nos meios de promove-la, não só escudou o seu, mandando que as suas notas fossem recebidas como metaes e obrigando-se por ellas, mas até, quando o Banco, saïndo victorioso da crise, quiz realiza-las em dinheiro, a Camara dos Communs não consentiu por longo tempo, até que elle se saturasse dos metaes preciosos necessarios.

Dir-se-ha que a Inglaterra abriu com similhante passo o abysmo que cedo ou tarde a deve tragar ? Que ! a Inglaterra está a perecer ! Que tremor de terra, que convulsão da natureza tem de engolir essa ilha formosa, fóco inexgotavel da liberdade, das artes, da industria, do commercio e da riqueza ? Não, senhores, não vos assusteis ; ella ainda floresce para inteira instrucção do mundo ; em um glorioso silencio ella procura cicatrizar as chagas que lhe fez a ardente febre de uma guerra prolongada ; ella desenvolve todos os generos de industria, e lavra todos os sulcos da prosperidade humana com o vigor de energica mocidade e importante madureza de um povo envelhecido no caminho da riqueza ; esperemos que do mesmo modo ella corrija os defeitos da sua carunchosa legislação.

Septima razão : — *Daqui se seguiu o necessario depreciamento das notas, o que devia forçar a Camara a destrui-lo*. Seguia-se, pelo contrario, a necessaria e justa obrigação de escuda-lo. O Govêrno, que o havia precipitado em um abysmo, devia por principio de eterna justiça, arranca-lo desse abysmo, cerca-lo com a sua força, abona-lo com o seu credito, e responder por tudo de que fôra talvez o principal auctor.

Oitava razão : — *Daqui se seguiu que as notas, para poderem ser permutadas pelo cobre, perderam do seu valor nominal,*

e por conseguinte se tornara precisa a extincção de um estabelecimento já de todo inanido. Não: seguiu-se sómente a seguinte triste verdade, e vem a ser: o poder que têm o Govêrno e os legisladores quando, de mãos dadas, cuidam em desacreditar, sobretudo si as opiniões por elles emittidas têm de dirigir povos inteiramente verdes na sciencia commercial. E, sem dúvida, senhores, a nossa moeda de cobre, ganhando um agio na permuta com valores de confiança é e será sempre um facto unico na historia do nosso paiz. Como a nossa moeda de cobre, que não salda a balança do commercio, e que nenhum curso tem nos differentes mercados do mundo; uma moeda de differentes typos, differentes pesos e differentes fins; uma moeda, que só tem hypotheca do Govêrno, que acaba por não poder hypotheca-la; finalmente, uma moeda privada de quasi todas as qualidades que dão existencia a similhante entidade poderia ganhar com valores fiduciarios hypothecados por um capital metallico, pelo interesse commercial em mante-los pela enorme divida do governo, a não serem as opiniões erroneas dos governantes e a boçal credulidade dos governados?

Para vos convencerdes ainda mais desta verdade, recordae o passado de d. João VI: elle tinha dado golpes de morte ao malfadado Banco, e o havia forçado ao offerecimento de uma tabella aos seus credores, e todavia o cobre nada ganhava; notae, demais, que na epocha da emancipação, o Govêrno, não cunhando a quantidade de cobre hoje cunhado, alliviando o Banco de despesas antes forçadas, impedindo novas emissões e aconselhando o desapparecimento de notas pequenas, teve a gloria de conservar em circulação os metaes nobres e de manter as notas ao par com o cobre e quasi ao par com a prata, e de conservar o cambio entre 52 a 55, e tudo isto no meio do choque das paixões as mais corrosivas, e durante a crise terrivel da independencia e da liberdade legal.

Dissolve-se a Constituinte; apparecem e succedem-se ephemeros governos mais ou menos anti-nacionaes, contrahem-se emprestimos, cunha-se o cobre em quantidade nunca vista, porém sempre inferior á dissipação e prodigalidade de taes administradores, duplicam-se os golpes á liberdade e propriedade dos cidadãos, o

dinheiro foge ou se enthesoura; duplicam-se ou triplicam-se os golpes dados ao Banco, desacredita-se de todo este estabelecimento, e por um phenomeno extraordinario nos annaes do commercio, apparece a moeda de cobre valendo mais que as notas. Quereis uma prova mais evidente de que o Govêrno é o auctor dos males?

Nona razão: — *Seguiu-se daqui, finalmente, que o Govêrno se tornou devedor de uma enorme somma, dívida contrahida em valores inteiramente desacreditados.* Ao que respondo que uma tal divida é o justo castigo dos violadores da lei moral; um Govêrno que havia faltado a todos os ajustes, que sem pudor e sem pejo se havia apoderado das fortunas de tantos cidadãos, e se havia contentado com a simples confissão de sua dívida e longinqua promessa de indemnização, sem a menor applicação de uma renda, merecia bem o ver-se emmaranhado nas mesmas redes que desapiedadamente tinha urdido. Será, porèm, verdade que as notas do Banco tivessem inteiramente perdido a validade das suas obrigações? Creio que não, porque com ellas fez o Govêrno a guerra do Sul; porque ellas ganham 30 e 35 sôbre o credito do Govêrno, como elle proprio tem experimentado na venda das suas apolices.

Decima e ultima razão: — *Com que direito o Banco exige juros, ou premio de suas notas, elle que não paga aos portadores dellas?*

Quereis saber o direito? Consultae a lei de sua creação; ella tinha estabelecido um premio em favor das suas especies circulantes, por emprestimos ou descontos... ponhamos, porém, de parte a lei: quer o Govêrno que o Banco realize as suas notas em especies metallicas ou pague um premio pelas não realizadas? Restitua o que deve, e tudo se fará.

A' vista de todo o exposto e das razões victoriosas com que combato a extincção do Banco, devia elle ser conservado, protegido e reformado, e não dissolvido, como foi pela lei de 23 de Septembro de 1829.

Antes de entrar na analyse desta lei, examinarei as vistas da legislatura nas sessões de 28 e 29. Em ambas a Camara se havia pronunciado pela extincção realizada em 29. Nesta, o Govêrno

constituiu-se violentamente devedor da nação e continuou a ser do Banco, no caso de ser a emissão das notas inferior á sua divida ; na sessão, porém, de 28 a Camara parecia mostrar mais boa-fé, applicando para o pagamento desta divida a importancia dos bens das ordens religiosas ; esta boa fé, porém, era sómente apparente, como passo a demonstrar.

Si a Camara estava persuadida de que taes bens pertenciam á nação, devia primeiro extinguir as ordens, como fez a Constituinte Franceza, devolver os bens dellas ao Estado, proceder á sua venda com o maior proveito e applicar o seu producto ao pagamento do que devia ao Banco ; mas conservar as ordens, suppo-las tacitamente proprietarias desses bens, arranca-los para os vender e depois constituir-se devedora de sua importancia, é a medida mais inexplicavel, contradictoria e impolitica, que a historia das nações tem offerecido.

Ainda hoje é uma questão entre os publicistas, si a propriedade collectiva é tão valiosa como a particular ; felizmente a decisão em materia tão delicada não é precisa por agora. Si a Camara propendia em conceituar a propriedade collectiva não valiosa, que inexplicavel contradicção a obrigou a conservar as ordens, a reconhece-las como proprietarias, ou apoderar-se dos bens dellas, sem seu consentimento ? Si estava, porém, persuadida do contrario, como se não pejara de golpear e violar uma tal propriedade ? Um poder como o legislativo, escudado na opinião e força nacional, prefere sempre o nobre vigor do leão ás artimanhas e astucias da raposa.

Na Constituinte da França a legislatura, conforme com os sentimentos do povo em aborrecer o clero e ordens religiosas, como a classe mais inimiga da reforma começada, deu-lhe o garrote de morte e arrancou-lhe todos os bens ; o Brasil estava nas mesmas circunstancias ?

As ordens se haviam, porventura, opposto ao systema jurado e professado pela nação ? Pelo contrario, ellas se haviam submettido a tudo e até algumas vezes contribuido com seu contingente. Reputavam os Brasileiros os bens das ordens propriedade nacional ?

Pelo contrario, respeitavam como propriedade sagrada; eu já não fallo da expulsão de pobres familias foreiras, que teriam de ir mendigar de porta em porta o pão para os seus innocentes e desgraçados filhos; logo, similhante passo era, além de impolitico, até mesmo clamoroso.

Passarei agora a mostrar que elles não preencheriam os fins economicos, para que a legislatura os destinava. Dirigi, senhores, as vossas vistas para a Inglaterra na epocha das reformas religiosas, introduzidas por Henrique VIII; lêde a historia constitucional desse paiz por Hallam, e ella vos dirá que os bens do clero catholico e ordens religiosas foram enriquecer os parasitas do principe, sem proveito algum da fazenda pública; lêde os historiadores allemães sôbre a reforma de Luthero e outras, e elles vos dirão que estes mesmos bens foram, ou dotar as novas egrejas reformadas, ou engordar os principes e seus satellites, que haviam contribuido a sustenta-los contra a velha Egreja catholica. Lançae, por ultimo, as vistas para a historia do nosso proprio paiz na epocha da extincção dos Jesuitas; que interesse tirou o Estado da venda dos bens destes religiosos? Bem poucos; elles serviram somente de locupletar os favoritos dos pachás, que vinham desolar nossas provincias. Si ajunctardes á experiencia dos tempos passados e á dos acontecimentos presentes a nenhuma observancia das leis, a delapidação dos suores dos contribuintes e a moeda fraca que pagaria os bens dos frades, como outrora os assignados de França pagaram os novos dominios daquella nação, vós tereis resolvido o enigma da boa fé apparente e a realidade da pequena ou nenhuma entrada de taes valores nos cofres do Banco. Quereis ainda uma prova mais convincente: do emprestimo feito em Londres, assoalhado nos comicios para ser applicado em pagamento da divida ao Banco, que quantia entrou? Bem pequena em comparação com a despendida em ôcos projectos e inuteis prodigalidades; e logo depois esta somma, cessão forçada e filha da necessidade, talvez para domar o emprestimo, foi paga com usura desmesurada, extorquindo-se novamente ao Banco sommas até então nunca vistas. Em uma palavra, o Banco de Napoles não teve, no govêrno napo-

litano, um inimigo mais encarniçado do que o do Brasil no seu govêrno.

Passarei agora á analyse da lei de 27 de Septembro de 1829, e nella vos convencerei de que a legislatura passada, approvando similhante lei, arraigou no coração da classe proprietaria a triste convicção de que ella havia, ou aberrado dos verdadeiros principios economicos e juridicos que regem similhantes materias, ou embicado no caminho da fraude e da má fé sem o suspeitar.»

E analysa realmente, um a um, os artigos dessa lei, apontando a inconveniencia das disposições, especialmente quanto á do art. 8° pela qual — *a nação afiança as notas do Banco antes da substituição e depois as do novo padrão.* Commentando esse dispositivo observa: «Por este artigo desapparece o Banco; as notas são valores, por que responde o Govêrno. Este novo instrumento dos escaimbos, destinado a supprir as especies metallicas, muda inteiramente a natureza, não é mais um valor preferido, porque nada de real o hypotheca; todo o seu valor depende da confiança do Govèrno que o emittiu; não é um instrumento da escolha dos cambiadores, é só, sim, um instrumento que lhes foi imposto, bom grado, máo grado seu». E continúa prevendo inevitavel consequencia: «Em resultado da introducção violenta deste novo papel-moeda, todo o mundo deixa de permutar seus productos enquanto póde, e delles se não desfaz sinão quando seguro do prompto emprègo de um tal papel, donde resulta que os escaimbos, tendo por só estimulo a necessidade, fazem desfallecer a producção e egualmente a desanimam. Este semples golpe de vista dispensa-me de encetar o detalhe dos outros vicios, resultantes da incerteza de sua proporção com as necessidades da circulação, dos riscos da falsificação e da variação do valor monetario. Em uma palavra, o novo papel é a *peste circulante*, segundo engenhosa lembrança de Mirabeau.»

O projecto, de que foi lucido fundamento esse discurso, concretizou plano bem concebido e nelle se prevêm todas as minucias de uma organização bancaria. Contém 11 titulos e 81 artigos. De uns e outros os relevantes são os que dispõem sôbre a constituição do capital, as operações bancarias e o saneamento do meio cir-

culante, de que o novo Banco, dotado de faculdade emissora, seria o principal factor.

O fundo capital do Banco seria:

1º, o de 3.600:000$, parte existente nas caixas do antigo Banco, parte nas caixas filiaes da Bahia e S. Paulo, parte em poder dos agentes do mesmo Banco nas differentes praças de commercio do Imperio e extrangeiras, e parte emprestada ao Govêrno;

2º, o de 4.000:000$, em acções de 1:000$ ou meias acções de 500$000.

As operações do Banco consistiriam:

1º, no desconto mercantil de letras de cambio, sacadas ou acceitas a curto prazo, que não deveria exceder de 60 dias, por negociantes de credito, nacionaes ou extrangeiros, que se acharem incluidos nas listas semestraes organizadas e approvadas pela assembléa geral do Banco;

2º, na reforma das mesmas, sempre a curto prazo, quando os negociantes acceitantes e sacadores forem da qualidade dos referidos no paragrapho antecedente;

3º, na commissão dos computos, que arrecadar por conta de particulares e dos estabelecimentos publicos, ou que adeantar por conta dos primeiros a prazos certos, debaixo de segura hypotheca de propriedades validas, e de facil venda e sufficiente para o pagamento do capital adeantado e sua commissão;

4º, no depósito geral de qualquer peça de prata ou de ouro, diamantes, dinheiro, etc., recebendo na epocha da entrega o competente premio, segundo o valor do depósito;

5º, na emissão de letras ou bilhetes pagaveis ao portador, ou á vista ou em prazo certo de tempo, com a necessaria cautela, para que nunca deixem de ser pagos no acto da apresentação, sendo de 50$ a menor quantia emittida em letras ou bilhetes;

6º, na commissão dos saques por conta dos particulares ou do Thesouro Publico, afim de realizarem os fundos que mostrarem ter em paiz extrangeiro ou nacional;

7º, no recebimento de toda e qualquer somma, que se lhe offe-

recer a juro da lei pagavel a certo prazo em bilhetes á vista ou á ordem do portador;

8°, na commissão da venda de generos que são monopolio do Estado, si o Govêrno entender que é do interesse nacional encarrega-la ao Banco, e este que é do seu dever acceita-la;

9°, nos emprestimos ao Govêrno debaixo de segura hypotheca de uma renda disponivel ou nova, que baste ao pagamento da amortização do capital e juros convindos, depois de consentidos pela assembléa geral do Banco e approvado pelo corpo legislativo;

10°, no commercio das especies de ouro e prata, contanto que em consequencia delle o Banco se não intrometta em outro algum ramo de negocio, conhecido ou desconhecido, directo ou indirecto, estabelecido ou por estabelecer, que se não ache comprehendido em alguma das operações mencionadas.

Quanto ao meio circulante, cuja pessima constituição tão acertados commentarios mereceu em o eloquente discurso, as providencias eram de ordem a determinar, dentro do tempo, o seu saneamento e consequente valorização.

Dispunha o projecto que todas as notas que o Banco recebesse, quer provenientes de entradas de capital, quer de particulares em pagamento de suas dividas, seriam resgatadas e consumidas pelo fogo á porta do Banco, e publicamente em dias prévíamente marcados pela administração.

Havia um limite, porém, para essa queima e resgate: ficaria elle suspenso e mesmo cessaria desde que o fundo metallico do Banco estivesse para as notas emittidas como um para tres na côrte, como um para dous e meio na Bahia e outras grandes praças de commercio do Imperio, e como um para dous em S. Paulo e outras praças menores.

A queima do papel até esse limite, cuja proporção seria toleravel no momento para emissões sôbre fundo metallico teria de acarretar a extincção da *peste circulante*, ou pelo menos attenuar bastante os seus nocivos effeitos. Assim aconteceu bem mais tarde, quando, em circunstancias quasi identicas de desvalorização, no

decurso de 1898 a 1902, o processo foi adoptado e practicado com firmeza e constancia.

Infelizmente, tão notavel esfôrço pelo restabelecimento do Banco fracassou. Essa e outras iniciativas não mereceram favoravel accolhimento, sem solução ficando os complexos e instantes problemas presos á existencia e funccionamento do Banco.

A razão principal do insuccesso de taes iniciativas foi, provavelmente, a que consta do trecho final da seguinte narração do historiador do tempo:

« As recommendações do imperador acèrca da organização de um banco nacional encontraram ainda menos attenção do que nos outros casos. Quatro projectos foram apresentados: um já offerecido por Calmon em 1829; outro, pelo marquez de Barbacena, quando ministro da Fazenda; outro mais largamente desenvolvido por Martim Francisco, e, finalmente, o quarto proposto por dous membros da commissão do meio circulante e apresentado pelo deputado Ledo. Todos os projectos foram successivamente rejeitados pelos deputados, que estavam desanimados pela pessima conducta havida na administração do extincto banco, de sorte que nenhum desejo tinham de que tão depressa se organizasse outro » (25).

Não apenas de tão importante assumpto tractou, em as sessões de 1830, o deputado por Minas Geraes. Sua posição primaria se affirmara desde comêço com a missão que lhe coube de relator da commissão de resposta á Falla do Throno. E, no parecer que elaborou, esteve elle á altura das suas tradições.

Facto que prendia então as vistas dos politicos e das classes productoras era a celebração de tractados de commercio a que, com prejuizo notorio para o interesse público, se afoitara o monarcha. Esses tractados foram os firmados com a França, em 1826; Austria em 1827; Prussia e cidades hanseaticas tambem em 1827; Dinamarca, Hollanda e Estados Unidos, em 1828; Sardenha, em 1829.

Que valiam taes tractados narra-o, insuspeitamente, um chronista comtemporaneo: « A' medida que a administração se desna-

(25) J. Armitage — Historia do Brasil — pag. 277.

turava e se impopularizava por actos contrarios á prosperidade pública, notava-se que o principe, respeitando pouco os direitos dos cidadãos, aggravou sua delicada situação por tractados vergonhosos e perniciosos, que obrigaram a nação a estipulações tão prejudiciaes a um povo recentemente constituido, quão uteis e de grandes vantagens para o provecto na arte das negociações. Os differentes tractados que existem entre o Brasil e a quasi totalidade das potencias não são, para fallar francamente, sinão a estipulação dos tributos que o primeiro deve pagar aos segundos » (26).

Em o parecer sôbre a Falla do Throno, Martim, sem embargo de suas relações com o principe, então perfeitamente amistosas, emittiu opinião condemnatoria dos tractados. E' o que se conclue dos termos delle, atravez dos quaes se percebe a divergencia e a censura, adduzidas veladamente.

Eis como nesse documento se manifestou a Camara :

« Egualmente a Camara dos Deputados folgará muito que nos tractados annunciados por V. M. Imperial, a par dos interesses do commercio e navegação, respirem desassombrados a honra e a gloria do nome brasileiro ; mas consinta V. M. Imperial que a Camara lhe faça a respeitosa observação de que tractados de commercio são desnecessarios ao Estado, que se acha no gôzo pleno e legal de um commercio franco e livre, quasi sempre prejudiciaes ao mais fraco ou mais novo na carreira das negociações. »

Estigmatizando tão precipitados convenios de commercio e alludindo a actos prejudiciaes ás finanças públicas até 1829, consigna o seguinte um escripto celebre, de então :

« Si os Andradas, em vez de *voluntariamente* haverem abandonado os negocios publicos, estivessem até o presente á testa delles, o Brasil não faria tractados de reconhecimento dolosos, anticonstitucionaes, ignominiosos e lesivos, e estes tractados não conteriam, demais, artigos contrarios ao Direito das Gentes, e que só respiravam uma esteril e impotente vingança do Govêrno brasileiro

(26) D. José de Saldanha da Gama — Coup d'oeil philosophique et historique sur les affaires brésiliennes, 1831.

daquelle tempo contra seus desgraçados compatriotas que, fugindo de suas perseguições, iam buscar um asylo em regiões diversas; o Brasil não faria tractados de commercio que iam seccar, em parte, o primeiro manancial da sua renda pública, pela diminuição de direitos, e não se diga que esta ficou compensada com o accrescimo do consumo das mercadorias importadas, porque o poncto de saturação de um consumo superfluo, isto é, o augmento de direitos devido ao de consumo superfluo, nunca equivale á diminuição de direitos concedida; o Brasil não veria seus valores fiduciarios inteiramente desacreditados, as especies metallicas nobres enthesouradas ou desapparecidas, uma massa enorme de moeda de cobre, de valor intrinseco tão inferior ao nominal, sem relação alguma com as de ouro e prata, peior que as notas do Banco, porque só tem uma hypotheca: um thesouro exgottado, um emprestimo continuo; uma divida sem termo em seu augmento, a angustia e o descontentamento em todas as classes, e a miseria geral adejando sôbre o desgraçado povo; as leis extemporaneas, gravosas ao Thesouro, mancas ou inexequiveis, e, finalmente, as leis financeiras todas marcadas com o cunho da ignorancia dos bons principios economicos. Si os Andradas fossem auctores destes males, seus serviços não deveriam chamar-se problematicos, porém *crimes* contra a Nação» (27).

— A sessão ordinaria de 1830 tocou ao seu termo deixando em suspenso a solução dos problemas financeiros. Pelo que foi convocada sessão extraordinaria para 8 de Septembro, particularizando a Falla do Throno, *como assumptos urgentes, a organização de um banco nacional, uma lei que regularizasse a arrecadação dos dizimos, a conclusão da lei de orçamento e um prompto e efficaz remedio para melhorar quanto antes a circulação do papel-moeda e da moeda de cobre.*

Quanto ao Banco e ao meio circulante a collaboração de Martim se affirmara, e de modo vantajoso, em o projecto apresentado na sessão ordinaria.

(27) Refutação da defesa de J. E. Barbosa — Rio, 1829, Typ. da Astréa, pgs. 20, 21 e 23.

Restava-lhe manifestar-se sôbre a questão dos dizimos, e elle o fez na sessão de 17 de Septembro, pronunciando-se francamente pela extincção de tão anachronico e prejudicial tributo.

Regulando a arrecadação dos dizimos propuzera o deputado Lobo de Sousa um projecto estatuindo que todo o producto de agricultura, criação e pesca pagasse o dizimo sómente no acto de embarque para dentro ou fóra do Imperio. Submettido a debate em a citada sessão de 17 de Septembro, Martim interveio para propôr a suppressão do imposto e a sua substituição por direitos sôbre a exportação dos productos, cobrados em dinheiro.

Eis as acertadas considerações que então adduziu :

«A palavra dizimo, como a Camara sabe, não póde designar um tributo em uma nação adeantada em civilização ; o dizimo foi creado quando não havia moeda. E' tributo que está em contradicção com os principios do bem dos povos ; está em contradicção com o systema que nos rege e não póde ser cobrado com proveito da nação nem dos povos. E' necessario encontrarmos um meio, que menos pese ao povo e não desfalque as rendas da nação. A questão é : quem paga o dizimo ? Suppomos que o genero passa por exportação ; mas o dizimo é producção da riqueza do agricultor, e a exportação é a riqueza do commercio. Quem é o individuo que paga tudo em ultima analyse ? Paga sempre o consumidor. Appoiando o projecto, tomo a liberdade de mandar á mesa dous artigos que devem substituir o primeiro, e assim farei por deante. Na emenda que remetto fiz uma só differença sôbre duas provincias, porque sôbre ellas não tenho dado algum, e, como em materia de finanças não se devem estabelecer generalidades, não fallo nos dizimos das duas provincias.»

As emendas que apresentou, e que, approvadas, acabariam com o antiquado imposto, foram :

« Art. 1.º Fica abolido o dizimo em todas as provincias, excepto nas de Goiaz e Matto-Grosso.

Art. 2.º O imposto abolido é substituido por um direito de saïda ou exportação na fórma que abaixo se dirá.»

Sem dar solução aos problemas financeiros encerrou-se

tambem a sessão extraordinaria das Camaras; e tal aconteceu, não obstante as muitas diligencias para esse fim emprehendidas.

Só em 1833 o imperio de circunstancias prementes teria de forçar a adopção de soluções definitivas.

As sessões de 1831 tiveram o seu interesse maximo nos casos propriamente politicos.

Occorrera a 7 de Abril a abdicação. O paiz entrara no govêrno da Regencia, entidade nova cujos characteres tinham de ser fixados.

O projecto relativo ás attribuições que lhe deviam competir foi thema, em todos os seus detalhes, de importantes debates não só pelas considerações de ordem politica que foram accentuadas, como pela elucidação da doutrina constitucional.

A 7 de Abril seguiu-se periodo de agitação, uma de cujas manifestações frementes foi o levante de tropas, que em sessões permanentes manteve a Camara desde 15 até 20 de Julho.

Tanto no debate da lei da Regencia como no dos assumptos que a agitação das ruas levava ao parlamento, Martim teve intervenção effectiva e efficaz.

E' bem de ver-se que o decurso de taes sessões teria de mostrar-se indifferente ás questões financeiras. As outras, fallando aos sentimentos de partidarismo, constituindo centro de convergencia de paixões fortes e de controversias violentas, haviam de absorver preferencialmente a attenção da Camara. E' o que acontece sempre, com evidente sacrificio do interesse público.

Debate sôbre assumpto de finanças só um provocou attenção real e se fez interessante. Foi o que se travou nas sessões do mez de Junho e teve como causa — importante proposta do ministro da Fazenda, então o conselheiro José Ignacio Borges.

A proposta continha duas partes: em uma tractava do resgate da moeda de cobre, cujas falsificações e depreciação continuavam a justificar apprehensões; em outra, propunha a suspensão, por cinco annos, do pagamento dos juros e amortização dos emprestimos externos afim de applicar ao resgate da moeda de cobre as sommas annualmente destinadas áquelle fim.

Intenso, apaixonado e patriotico foi o debate. Iniciado desde logo, nelle tomaram parte, combatendo com vehemencia a moratoria, *em defesa do nome e dos creditos da nação*, as melhores figuras parlamentares do tempo: Montezuma, Martim, Rebouças, Cunha Mattos, Baptista Pereira, Ferreira França.

Commissão nomeada para emittir parecer, da qual fizeram parte Montezuma, Hollanda Cavalcante e José Maria do Amaral, opinou decisivamente pela rejeição da proposta, considerando-a *incompativel com a dignidade de um povo justo e livre, eminentemente impolitica e desnecessaria*.

Deante dos ataques á idéa do ministro, Vasconcellos, certamente no intuito de poupar ao Govêrno o máo effeito da rejeição da medida, propoz, em bem fundamentado discurso, o adiamento. Nem mesmo esse foi permittido.

Martim, que era então o presidente da Camara, não se esquivou ao debate. Em sessão de 9, contrariando o adiamento, elle disse: « tendo a Camara decidido que se tomasse em consideração a proposta com urgencia, afim de dar providencias para não assustar os capitalistas, nossos credores, era contradicção pretender agora o adiamento, que vinha a ser o mesmo que querer que dure o susto e o desasocego no coração dos mesmos credores, quando, dizia Rousseau, *o estado de duvida é de mais anxiedade que o estado de morte*.

Em sessão de 14, enfrentando o merecimento da proposta e criticando outras opiniões do ministro, disse elle, em importante discurso, de que só poucos trechos extractamos:

« Levanto-me para sustentar o parecer da commissão e para rejeitar a proposta. Approvando o primeiro e rejeitando a segunda, fallarei como cidadão, como deputado e como ser moral. Como cidadão, curarei dos interesses da patria; como deputado, defenderei a honra e a boa fé nacional; como ser moral, tirarei da lembrança a menor idéa de injustiça; farei mais, desagradarei a amigos, comtanto que promova os interesses da patria »; e, entrando em materia, disse: « Primeiro, que tendo o ministro dicto que dividas se pagam com taxas ou emprestimos, cumpria advertir que todos os

economistas affirmam que se faz emprestimo quando é necessario supprir uma despesa não pensada, urgente e immediata, mas quando se está certo ao mesmo tempo, passando em revista os recursos financeiros da nação, que ella tem meios para pagar; de outro modo faria absurdo ou seria ladrão quem contrahisse emprestimos; que não eram, portanto, emprestimos que pagavam dividas, bastando ver que sendo elles afinal extinctos pelas operações de fundos amortizadores, quando se creava uma caixa de amortização sempre era preciso funda-la sôbre taxas; segundo, que se recorrendo a qualquer diccionario de Economia politica se vê que o agio é a differença entre duas moedas do mesmo cunho, das quaes uma está boa e outra não; terceiro, que entre uma casa de commercio que faz poncto e outra que faz bancarrota, havia a differença de que na primeira se faz bancarrota temporaria e indeterminada, enquanto a segunda o era de facto, porque a primeira declarava que não pudera pagar por ora, mas que talvez pagaria passado algum tempo; quarto, que era mal fundada a accusação que se havia feito á commissão de tractar da segunda proposta antes que da primeira, porque, versando esta sôbre a reducção do cobre, para a qual propunha que fosse convertida a metade do valor do cobre circulante em apolice, de cujo resgate falla depois, para fazer esta despesa, era forçoso tractar primeiro da receita». Em seguida lembra «que a situação parecia similhante áquella em que se achavam os Russos no tempo de Pedro II e da imperatriz Anna, porque tinha havido os mesmos erros de administração, como podia ler-se nas memorias do conde de Onis, onde se veria que o projecto offerecido era uma miniatura dos projectos apresentados na Russia naquelle tempo, que serviram para mergulhar esse Imperio na ruina e confundi-lo em materia de finanças»; assignalando mais «que se reservava para provar, si preciso, que o projecto era desnecessario e ia augmentar o mal approximando a bancarrota, no caso de que, por desgraça, não passasse o parecer da commissão».

A esse discurso seguiu-se a votação, tendo sido approvado o parecer por 59 votos contra 23, sendo condemnado por essa forma o projecto do ministro.

Em 16 de Julho deixou o poder o ministerio, de que fazia parte José Ignacio Borges, substituido, na pasta da Fazenda, por Bernardo de Vasconcellos, figura proeminente do novo gabinete, ao lado de Diogo Feijó, titular da pasta da Justiça.

Ao problema do resgate do cobre teria de ser apresentada outra solução, qual a constante do relatorio, que o novo ministro apresentou á Camara em sessão de 23 de Julho.

Essa mesma, porém, ficou sem o esperado andamento.

— O debate sôbre os projectos orçamentarios realizou-se no decurso de Septembro e Outubro. Martim nelle interveio, orando a proposito dos que fixavam a despesa do Imperio, Fazenda e a Receita.

Em sessão de 1 de Agosto, discutindo questões attinentes a estes dous, expendeu opiniões no sentido da prioridade em a elaboração do orçamento da receita. « Sendo a despesa — disse elle — por assim dizer estacionaria e oscillante, e a receita na razão directa do augmento progressivo ou da diminuição da industria do paiz, convinha que fosse primeiramente considerada a receita, ou para nova imposição de taxas, no caso de ser insufficiente, ou para abolição de algumas quando seja excedente. »

Continuando, characterizou, sob a impressão de bons principios, o que se lhe afigurava ser uma lei de Fazenda ou *budget* — « nós ainda não temos tido um *budget*, nem o temos agora mesmo » — observa. « Que é uma lei de Fazenda ou *budget*? E' um balanço geral de receita e despesa orçada para o anno vindouro. Tivemos já uma lei de contas? não. Por que? porque não temos nenhum documento para examinar si uma conta é legal, e o que é mais importante ainda é que no balanço da despesa se dá por despesa feita despesa não feita, o que se não vê em parte alguma ».

Nesse mesmo discurso tratou elle da divisão das despesas, em geraes e provinciaes, assumpto que, no correr do debate, despertou controversia, opinando uns por maior descentralização, permanecendo outros no poncto de vista centralizador.

A tal respeito disse Martim : « Não tenho dùvida de admittir a divisão de despesas em nacionaes e provinciaes, si os senhores

que são deste parecer e a illustre commissão quizerem entender esta parte do artigo simplesmente como uma divisão de ordem, como methodo para facilidade de classificação, mas nunca para se deduzirem della as consequencias que querem tirar, porque ellas vão executar uma cousa que eu não quero fazer, que é superior ás minhas attribuições, isto é, invalidar a Constituição, pela qual tenho assento nesta casa, o que não posso. Todavia desejo estar com os honrados membros que querem affrouxar estes laços de centralização; mas de que fórma? Fazendo independente do consentimento do Poder Executivo aquellas despesas, que são determinadas por lei. Que precisão ha de ordenar aquillo que a lei determinou? por isso posso enfraquecer o laço nesta parte; mas aquellas despesas que não estão determinadas por lei não podem ser feitas sinão por ordem do Govêrno central.» Faz ver ainda «a necessidade de equilibrar, por qualquer fórma, as receitas das provincias, soccorrendo ás mais pobres aquellas que tiverem sobra, não se podendo suppôr, em uma extensão tão grande como o Brasil, que todas as provincias estejam em situação identica, de progressiva prosperidade, sendo indispensavel não deixar umas provincias em absoluta miseria por falta de renda, lembrando á Camara e ao Govêrno a consideração em que devia ter a provincia de Matto Grosso, pela sua extensão, posição geographica e importancia, cuja população não podia soffrer augmento de taxas para suas despesas, não havendo, portanto, durante longo tempo, outro meio sinão as provincias se soccorrerem mutuamente, aliás seremos fracos.»

Em sessão de 1 de Septembro, pugnando pelo equilibrio orçamentario, eis como elle se expressa:

«Si as despezas orçadas neste *budget* excedem á receita, é mister que a Camara empregue todas as suas diligencias a ver si pode economizar outras despesas, de modo que a receita fique balanceada e em equilibrio com a despesa, porque eu não votarei por credito supplementar ao Govêrno; e, si reconhecer que a despesa necessaria excede á receita, direi aos meus constituintes —devemos crear uma renda; porém não concorrerei para que se dê um credito supplementar, com o qual, demais, se venha a auctorizar o Govêrno a

contrahir emprestimos, que nas circunstancias actuaes seriam onerossimos e pelo duplo talvez da quantia que se carecer, sem que a nação fique salva de pagar depois este *deficit*. »

Grande era a aversão aos creditos supplementares, depois transformados em frequente expediente de govêrno. Dessa aversão participava o proprio ministro da Fazenda, Vasconcellos, que em 1828 combatendo com Paula Sousa, Lino Coutinho e outros, o primeiro pedido de credito supplementar, dizia : « eu acho que este exemplo de credito supplementar póde produzir terriveis consequencias, inutilizar a lei de orçamento e acabar com a principal arma que tem o povo nas mãos dos seus legisladores contra os excessos do poder!. . . »

* * *

A sessão de 1832 decorreu em meio de fortes rajadas das paixões politicas. Os Andradas, alvejados pelas prevenções e odiosidade dos dominantes, tiveram de attender preferencialmente aos grandes casos propriamente politicos, antes que aos de ordem economica e financeira, evidentemente relegados no correr da sessão para plano secundario.

A reforma constitucional; a defesa do ermão José Bonifacio, contra quem se agitava, de modo violento, a incendida campanha de que resultou ser-lhe arrancada a tutoria dos principes; a amnistia aos sediciosos de Maranhão, eis os assumptos que absorveram o espirito de Martim, para quem forçosamente perderam de interesse outros casos ou questões, que tão de perto não se prendiam á ingente lucta a que fôra arrastado e em que era um dos poucos aguerridos combatentes.

Sem embargo não abandonou elle os debates sôbre assumptos de finanças, a alguns dos quaes concorreu proveitosamente e serenamente.

Dentre os projectos dessa natureza figurou, nas sessões de Junho, o que permittia ás Camaras Municipaes contrahir emprestimos, cujo producto fosse empregado em obras de utilidade pública.

Martim combateu o projecto. Considerou-o violador do art. 83, § 3º, da Constituição, « porque esse dispositivo veda aos conselhos geraes propôr ou deliberar sôbre imposições, e, sendo um emprestimo verdadeiro imposto, pois não se paga sinão com renda creada ou existente ; não se podendo dizer que tal renda existe, porque pela lei dos municipios tem uma applicação especial ; a auctorização para emprestimo envolvia a de impôr, o que a Camara não podia fazer por não estar em seu poder o delegar suas attribuições e transmitti-las a outro corpo, aliás nunca se consolidaria principio algum e a Constituição estaria sempre em estado vacillante.

Sua opinião, em face do principio constitucional, foi a de que « quando as municipalidades tivessem de emprehender alguma obra necessaria, e para que suas rendas não chegassem, devia recorrer ao corpo legislativo para obter a necessaria auctorização afim de contrahir emprestimo ou supprir á despesa por meio que se julgasse conveniente, como acontece a respeito dos municipios de França, que pedem não só o emprestimo mas a creação logo de uma renda para sua amortização, para o que se manda alli augmentar alguns centimos nas taxas directas, como a territorial, que não temos, mas sim outras, que são directas, como a decima dos predios urbanos ».

Não apenas por esse motivo combateu o projecto, mas tambem o impugnava — « por ser inimigo de emprestimos, estando sempre disposto a oppôr-se a elles, excepto nos casos imprevistos e urgentes, porque são elles que têm levado a nação á situação extrema e a têm tornado individada ».

Esse projecto foi rejeitado em a sessão de 20 de Junho.

Ao debater-se, na sessão a que alludimos, o projecto sôbre o juro convencional ou legal, opinando alguns pela fixação de um maximo para o convencional, Martim refutou esse parecer, ponderando, que — « sendo varios os tres reguladores da alta ou baixa do interesse, isto é, a abundancia de capitaes, o proveito do seu emprêgo, e a solvabilidade de quem os pede emprestados, não se podia estabelecer o interesse fixo, o que seria até uma usurpação do di-

reito de propriedade, que os legisladores devem, não só respeitar, como proteger ».

Em sessão de 5 de Junho debateu a Camara um projecto da commissão de orçamento — comprehendendo na exempção do art. 51, § 4º, da lei de 15 de Novembro de 1831, os livros e machinas despachados nas alfandegas para consumo, quer estivessem nos seus armazens, quer posteriormente. Calmon propôz emenda, prescrevendo a exempção apenas para as machinas que o ministro do Imperio, na Côrte, ou os presidentes, nas provincias, considerassem de utilidade á Agricultura e industria do paiz.

Discutindo o projecto e emenda, Martim, depois de observar — « quanto era digno de admiração que tanto houvesse durado a discussão ou debate sôbre a exempção dos direitos de machinas e livros, os quaes no antigo govêrno despotico de d. João VI, por uma portaria de Thomaz Antonio, se tinham exemptado, « declarou-se » contra a emenda Calmon por não convir deixar a intelligencia da utilidade das machinas ao govêrno na Côrte, e aos presidentes nas provincias, primeiro porque nunca daria a departatamentos do poder executivo a interpretação de leis; segundo, porque nunca deixaria o campo aberto a patronatos e intrigas.» Divergiu, porém, da ampliação do dispositivo até as machinas e livros já existentes nos armazens ou importados— « primeiro, porque o direito de importação é imposto ao genero importado, que é impunivel desde que entra da barra para dentro e, ainda que não pague os direitos sinão no acto de despacho para consumo, a mercadoria responde por elles; segundo, porque uma tal disposição vai dar logar a pedidos de indemnização, visto que, quando pela lei da assembléa geral se reduziram os direitos de importação a 15°/o para todas as nações, as mercadorias que estavam nos armazens antes da promulgação dessa lei pagaram 24 °/o, e dando a Camara hoje effeito retroactivo ao citado paragrapho, os donos de taes mercadorias poderão allegar que eram obrigados a pagar sómente 15 °/o e exigir por isso a indemnização de 9 °/o».

Os dizimos foram objecto, nessa sessão, de nova critica da parte do antigo ministro, que já em 1830 contra elles se pronun-

ciara. Pugnando pela melhor doutrina, não só os combateu, como contrariou o plano de confiar sua arrecadação a arrematantes, entendendo que sua percepção deveria competir aos representantes do poder pùblico.

Insistiu em considerar que — « dizimos não são tributos e que são incompativeis com o systema constitucional, embora os haja na Inglaterra debaixo de outra forma, e que qualquer dos methodos empregados para a sua arrecadação devia produzir os males que se havia ponderado, sendo esta a razão porqne sustentava um projecto, que caïu, no qual se propunha a substituição dos dizimos por um direito na exportação dos generos.» Adverte que o Govêrno ainda não lhe mandara resposta « aos quesitos que formulara não só para substituir esse tributo por outro, como para fazer desapparecer do nosso systema financeiro tributos que gravam os capitaes e faze-los recaïr sôbre renda liquida.» Reaffirmando suas ideas de 1830 entendeu — « que longe de se approvar a resolução que queria continuasse a arrecadação dos dizimos como antigamente, a Camara devia tractar quanto antes de substituir este imposto por outro qualquer. »

Mais relevante do que os precedentes foi o debate travado a proposito do orçamento para 1833. Na parte relativa á receita o projecto modificava varios dos impostos vigentes, supprimindo alguns, creando ou augmentando outros.

Essas alterações haviam merecido a corresponsabilidade de Vasconcellos, primeiro ministro da Fazenda do gabinete da Regencia permanente.

Em a sessão de 28 de Agosto, já Vasconcellos fóra do ministerio, em o qual o substituira Torres, depois visconde de Itaborahi, pronunciaram Martim e Vasconcellos acrimoniosos discursos, aquelle de critica a alguns actos do ex-ministro, este, em defesa, e, revidando, em commentario de censuras a actos do ministro de 1822-1823.

De parte as allusões á gestão Vasconcellos, nas quaes muito havia certamente de paixão calorosa, Martim, nesses discursos, affirmou principios da mais absoluta procedencia doutrinaria e

emittiu opiniões de incontestavel alcance práctico para administração de finanças.

Ao intervir no debate, observou — « que nenhuma utilidade poderia resultar de se proceder a novas reformas dos tributos, quando o que se tem legislado não vai alcançando execução. Em taes circunstancias, trabalhar continuamente nas reformas sem esperar que as decretadas produzam effeito, é baralhar o systema de finanças, sendo até melhor, a este respeito, nas tempestades politicas, a doutrina da immobilidade. »

Pugnando por praxes que, infelizmente, a monarchia jamais adoptou, e a Republica só presentemente tenta practicar, reclamou pelas contas da administração, sôbre as quaes o parlamento nunca se pronunciara.

E, a esse proposito, acertadamente ponderava que — « desde a reunião do corpo legislativo no Brasil não tinha havido *lbudget*, porque sendo *budget* lei de contas e lei de orçamento, em que se approva a despesa depois de examinada, e se orça receita futura, a Camara nunca tinha tido esta lei, porque nunca havia examinado contas ».

Contrariando o pensamento de, a proposito dos orçamentos, adoptar-se modificação nos impostos, indicou sôbre elaboração orçamentaria principios salutares que, infelizmente, não foram observados no Imperio e não o estão sendo em o novo regime.

Accentuando a tal respeito a verdadeira doutrina, pondera que « a occasião não era propria para tractar de reformar os tributos, porque esta reforma devia ser feita, não no *budget*, mas por uma lei separada ». Pareceu-lhe que « era impossivel legislar por esse modo », citando o exemplo dos *budgets* geraes dos Estados-Unidos e particulares de differentes Estados daquella Republica para mostrar que elles apenas fixavam a receita e orçavam a despesa. Por taes motivos, « oppõe-se ao capitulo que crea novos impostos, fazendo desapparecer os antigos e reduzindo a um só muitos dos existentes ». Observou ainda — « que era da natureza dos povos o serem inimigos de innovações em materia de tributos; e que, si hoje os do Brasil recalcitram contra o pagamento de

muitos dos estabelecidos, menos quereriam pagar tributos novos, devendo até o legislador evitar que em epocha de paixões se exacerbem os animos, estabelecendo dúvidas, semeando novas divisões, fazendo aborrecidos os que governam ».

Referindo-se ao regime tributario de outros povos, accrescentou que « quanto aos exemplos das nações extrangeiras, em outras sessões produzidos, era de ver-se que o systema de imposições dos Estados Unidos não era bom, pagando-se tributos sôbre passagens, caminhos, etc., o que era o mesmo que pôr peas ao commercio ; bom tambem não era o da França, porque os impostos recaem sôbre objectos de primeira necessidade ».

Contrariando a creação de novas figuras tributarias, pronunciou-se especialmente contra o territorial — « por entender que delle resultaria grande mal para o Brasil, além das difficuldades de se fazer cadastro perfeito ».

Mas, a resposta definitiva a Vasconcellos quanto ás arguições relativas á administração financeira de 1822-1823, só na sessão de 6 de Septembro devêra ser dada. Aconteceu, porém, que um requerimento de ordem pôz termo ao debate. Não só por isso, como pela ausencia do contradictor, Martim deixou de orar. Publicou, porém, o discurso que pretendia recitar, lançando-o á circulação em impresso especial (28). Nesse trabalho, a parte que mais interesse disperta é a allusiva á administração do ministro da Fazenda da Independencia.

Eis como, sôbre taes arguições, elle se expressou :

« Que poderei eu, simples collector, pobre pigmeu, quando exprobrado pelo homem das verbas de não haver dado uma nova organização ao Thesouro ? — responder-lhe, como fiz, que estando proxima a reunião da assembléa constituinte, eu não queria legislar e sim deixar a ella essa tarefa, si a julgasse necessaria : e agora accrescento que não julgando similhante lei precisa e menos urgente della me não occupei, e nisto sou consequente, porque me oppuz á nova lei na discussão de 1830. — Que contradicção... Brada o colosso,

---

(28) O impresso se encontra no Instituto Historico, com o dr. Vieira Fazenda.

com voz de estentor : como diz que dera normas de escripturação para differentes rendas !... — Como legislou os decretos para sequestro das propriedades portuguezas, o dos vinhos e o do emprestimo de 400 contos de réis ? — A resposta está comprehendida no que disse acima ; a escripturação das rendas era do meu dever, como executor da antiga lei do Thesouro ; os novos decretos eram necessarios e urgentes, e por isso não admittiam espera. Eis a contradicção transformada em bolha de ar, que o menor sôpro desvanece.

O que ha, porém, de irrisirio no sr. deputado é que, si por um lado acha contradicções, por outro duvida de taes escriptas ; e eu respondo que tanto basta para provar que elle nada sabe do Thesouro que administrou. Consulte o livro das portarias, leia o *Diario Fluminense* daquelle tempo, e nelles as verá impressas. Ellas ainda hoje regem a escripturação da moeda de cobre e a da decima de legados. Consulte o decreto, que creou a mesa das novas rendas e as instrucções que o accompanharam, e por ellas se convencerá da escripturação que lhe foi dada, medida approvada pela Camara e similhantemente mandada estabelecer em outros portos do Imperio. Passe finalmente pelos olhos todas as minhas portarias dirigidas á Alfandega e particularmente uma de Junho de 1823, que dava um methodo novo de escripturação e despacho, que punha um termo á connivencia entre os officiaes da Alfandega e os despachantes, e as suas respectivas malversações, e então se convencerá de que, apesar do apêrto das circunstancias na epocha da Independencia, o ministro da Fazenda daquelle tempo era solicito em promover o melhoramento da arrecadação da renda pública. No meu tempo nunca houve mysterio : meus actos chegaram ao conhecimento de todos, porque a publicidade delles era a primeira lei da minha administração, e a economia das rendas do estado a segunda ».

Quanto ao emprestimo de 400 contos de réis, e ainda retrucando a Vasconcellos, disse : « que emprestimo em prazo tão curto e pagando um juro acima da lei !... exclama o contradictor ; palavras e palavras sem idéas. Quem era nesse tempo que emprestava

a juros de 5 %? O Banco descontava a 6 % e era imitado por todos. Recorde os emprestimos feitos pelos ministerios que succederam ao de 23 e approvados pela Camara, passe em revista os ordenados ou consentidos pela legislatura, e não achará um só com juro de 6 %. Quem recebe 70, ou 65 ou 60 e se obriga ao pagamento de 100 paga porventura o juro de 6 ou de 8 ou de 10? Qual é ainda o emprestimo de então para cá, em que o Govêrno se obrigou a pagar 100 e receber os 100?— em que recebeu £ 100 de moeda forte e teve de o pagar em moeda fraca? Não, senhores; esta gloria estava reservada ao Govêrno de 23, e nunca lh'a roubarão miseraveis zoilos. Era mister que o Brasil fosse demasiado pobre para que não pudesse pagar 40 contos de annuidades; os longos prazos só se demandam no emprestimo de grandes sommas. Cria-se com razão proxima o fim da guerra com Portugal, e com effeito esta crença foi justificada, e o Govêrno de então, inimigo de emprestimos, limitou-se a pedir 400 contos, persuadido de que com a paz, com o accrescimo progressivo da industria nacional, com uma efficaz e bem entendida arrecadação de rendas e escrupulo em sua distribuição, poderia facilmente salvar o Brasil da divida pouco mais ou menos de 30 milhões; mas as traições, as infamias, e as delapidações de tantos mallograram tão lisonjeiras esperanças ».

Refuta a seguir o antigo ministro a insinuação de que exhaurira os cofres de emprestimos, ponctuando ao mesmo tempo os serviços que executou, os melhoramentos introduzidos nos processos fiscaes, resumindo em rapido, mas expressivo escorço, a obra que poude realizar no famoso ministerio.

Eis as suas palavras: «*Deixei os cofres do emprestimo e outros exhauridos* — a resposta acha-se na exposição do estado da fazenda pelo ministro que me succedeu, que me não era affecto e que demais havia proposto um avultado emprestimo; nella verá que deixei 378:103$962, si ajunctarmos os 100 contos que foram entregues a um credor do Estado para compra de duas fragatas, por um decreto acompanhado de clausulas bastante explicitas, e que depois reverteram para o Thesouro, e deixei mais em valores, que equivaliam a dinheiro, dous mil quatrocentos e trinta quilates e

septe e meio grãos em diamantes de differentes classes, tres mil quintaes de páo-brasil em Pernambuco, vinte e nove a trinta mil barras na Alfandega, oitenta contos em Piauhi, e toda a prata obtida na guerra contra Artigas, além de mais de trezentos contos, com que assisti á Bahia e outras provincias em petrechos e munições de guerra para a sua defesa, recursos estes de que nunca deitei mão, e que, na volta da paz, podiam, com a concurrencia das provincias ricas, dar começo á amortização dos trinta milhões a que montava a divida.

Com as unicas rendas da provincia o ministerio de 23 reparou todos os quartelamentos da Côrte, reparou e levantou edificios nacionaes, fortificou as costas e os portos della; comprou e concertou differentes barcos de guerra a poncto de chegar a contar 44 embarcações de todos os portes; manteve tropas na Bahia e em Montevideo; 32 embarcações de guerra, ou duas esquadras, nestes dous portos, com 406 peças; pagou 3.065 praças de sua guarnição, e augmentou o seu exercito; sacudiu Madeira, conservou a Cisplatina, e firmou a Independencia ».

* * *

Em 10 de Abril de 1833 installou-se, em sessão extraordinaria, a Assembléa Legislativa.

O problema do meio circulante reclamava solução. O adiamento, ou a contemporização, já não era mais possivel, e isso ficou assignalado nos termos da *falla*, que á Assembléa no momento da installação dirigiu a Regencia.

A circulação fôra avassalada totalmente pela moeda de cobre e pelo papel-moeda, ambos desvalorizados em face dos metaes nobres, e este, o papel-moeda, deante do proprio cobre, na proporção de 40 %, de modo que a 140$ em cobre correspondiam 100$ em papel.

O ministro da Fazenda, Candido de Araujo Vianna, depois marquez de Sapucahi, leu em a sessão de 12 de Abril sua exposição, propondo as medidas que se lhe figuravam capazes de debellar os males decorrentes de tão viciosa circulação.

A primeira dessas medidas era a quebra do padrão monetario. A moeda de ouro de 6$400 passaria a ser computada pelo valor de 10$, constituindo o padrão legal. A oitava de ouro de 22 quilates ficaria valendo, na relação com o dinheiro do paiz, 2$500 ao envez de 1$600 do velho padrão. O cambio par, até então de 67 1/2, teria de fixar-se, para os dinheiros esterlinos, em 47 2/10. Seria admittido o curso legal de qualquer moeda de ouro e de prata, assim nacionaes como extrangeiras, debaixo de valores fixados pelo Govêrno em relação ao padrão estabelecido.

Explicando o criterio preferido, observou um dos collaboradores da reforma: « Pelo que respeita ao arbitrio seguido na fixação do valor nominal desse padrão monetario adoptou-se mui judiciosamente aquelle que póde reputar-se termo médio, entre o valor nominal da oitava de ouro deduzido da peça de 6$400, a saber, o de 1$600, e o preço então corrente da mesma em relação ao curso effectivo do papel-moeda, o qual fluctuava de 3$ a 3$600, correspondendo respectivamente aos cambios de 36 e 30 pence por 1$ sôbre a praça de Londres » (29).

A segunda medida proposta pelo ministro com relação ao meio circulante referiu-se á moeda de cobre; os pagamentos nessa moeda seriam limitados ao maximo de 1$, reduzida ella a *bilhão*, effectuado o trôco de cobre por estas até certa quantia, para que da circulação se retirasse parte delle.

Outras providencias foram propostas na exposição ministerial, dentre todas sobresaïndo, porém, pelo grande alcance que no momento se lhes attribuia, as duas citadas, relativas: uma, ao estabelecimento do novo padrão, outra, á circulação do cobre.

As Camaras adoptaram os principios fundamentaes da proposta do Govêrno, votando as leis de 3 e de 8 de Outubro de 1833.

A primeira provê sôbre a circulação do cobre: os possuidores dessa moeda teriam de recolhe-la á Thesouraria, recebendo cedulas representativas do valor das quantias recolhidas em razão do peso

(29) *Sistema Financial do Brasil* por C. B. de Oliveira, pag. 74.

legal com que haviam sido emittidas pelo Govêrno; ao cobre ficava destinado o unico officio de trôco, não só nos pagamentos legaes como em outras quaesquer transacções, porém somente até 1$000.

A segunda provê sôbre o padrão monetario, estabelecendo que na receita e despesa das repartições públicas entrariam o ouro e a prata, em barras ou em moedas nacionaes ou extrangeiras, a 2$500 por oitava de ouro de 22 quilates. Essa mesma lei contém disposições sôbre a creação de um novo Banco do Brasil, tentativa que não logrou successo.

As discussões travadas em tôrno desses assumptos foram das mais interessantes, sendo refundidos, por emendas, os projectos iniciaes, tendo sido necessaria quanto a esta ultima lei a fusão das Camaras em assembléa geral, a partir de 9 de Septembro e em seis sessões consecutivas.

O debate na Camara teve inicio na sessão de 18 de Abril, travando-se em tôrno da exposição do ministro e do projecto organizado pela commissão especial constituida por Montezuma, Calmon e Candido Baptista. O artigo 1º desse projecto dispunha sôbre a circulação do cobre, cuja funcção monetaria ficava restricta ao trôco até 1$ e sôbre a quebra do padrão, estabelecendo que as moedas de ouro e prata passariam a ser recebidas na razão de 2$ por oitava de ouro de 22 quilates.

Martim interveio, por vezes, nas discussões, e seu pronunciamento foi contrario ás medidas propostas.

Auctor, como fôra do projecto do Banco do Brasil, tinha de persistir nas idéas alli enunciadas e cuja execução parecia-lhe capaz de determinar a valorização do meio circulante. Não pudera convir em que este fosse officialmente desvalorizado, deprimindo-se o dinheiro nacional em face do esterlino, a cujo valor deveria de attingir, nos termos do padrão existente, desde que outro fôra o rumo da politica financeira

Seus discursos figuram nos annaes em ligeiros resumos, apenas alludindo aos detalhes de que tractou; delles resalta, porém, a opinião desfavoravel, affirmada por fim em declaração peremptoria.

Em sessão de 20 de Abril contraria elle a opinião dos *que dizem que é mistér não pagar o cobre*, entendendo que é dever paga-lo; assignala que « em 1830 tinha formado uma lei de reforma para o Banco e que ainda hoje o quer, mas, banco que nada tenha com o Govêrno, porque a palavra — Govêrno — ainda mesmo com principios constitucionaes,— é synonymo de força; que não entende como o Govêrno se ia arvorar em sociedade de commercio; quer um banco, como propoz, porque é o unico meio de fazer apparecer a moeda de ouro e de prata ».

Em sessão de 23 discute novamente o projecto, assignalando que « esta lei, que se pretende impôr, é um roubo da propriedade », concluindo por dizer, que « vota contra o projecto da commissão e todas as emendas que se têm offerecido ao mesmo projecto ».

Após a approvação do projecto, em sessão de 27 de Abril, foi lida declaração de *voto contra o projecto offerecido* pela commisssão do *meio circulante e contra todas as emendas approvadas*, declaração firmada, não só por Martim Francisco, como pelos deputados Antonio Ferreira França, Manuel Maria do Amaral, Ernesto Ferreira França, Antonio Pereira Rebouças, Soares da Rocha, Costa Ferreira, Pedro de Araujo Lima, Diogo Duarte Silva, Lopes Gama e Pereira Ribeiro.

Contra o parecer da commissão e respectivo projecto, menos na parte relativa ao Banco, tambem votaram Aureliano Coutinho e José Custodio Dias.

Si as medidas relativas á moeda de cobre, addicionadas, pouco após, pelas adoptadas em 1835, produziram no decurso do tempo as consequencias desejadas, egual objectivo não attingiu a modificação instituida no padrão monetario.

O papel-moeda nunca se fixou em o novo par dos cambios e, já em 1839, um dos mais enthusiastas collaboradores da reforma escrevia:

« O valor do novo papel desceu do anno de 1835 até o presente cêrca de 25 %, achando-se ha um anno num estado de quasi permanencia. Com effeito, tomando-se como regulador nesta materia o estado do cambio entre esta praça e a de Londres, o que é

evidentemente admissivel, em razão da generalização do gyro do papel em todo o Imperio, nota-se que, conservando-se elle de 1833 até 1835 no estado de cêrca de 40 pence por 1$, depois da fixação do padrão monetario e da limitação dos pagamentos em moeda de cobre até o maximo de 1$, começou a deprimir-se, conservando-se no decurso do corrente anno em cêrca de 30 *pence*»(*).

A taxa do cambio, successivamente baixando, desceu 24 7/8 em 1845, motivando uma nova quéda do padrão, a de 1846, tão improficua como a primeira. E' que, num e noutro caso « corria-se atraz de uma chimera, exactamente como o individuo que corresse atraz da propria sombra, pretendendo alcança-la » (30).

E essa chimera bem a characterizou o marquez de Barbacena quando, em discurso, impugnando a reforma, ponderava :

« Nenhum poder humano é capaz de fixar o valor dos metaes preciosos, quando ha na circulação papel-moeda e cobre demasiado. Pretender em taes circunstancias fixar o valor do ouro por uma lei seria o mesmo que pretender por lei regular os dias de chuva, seus graus de calor e de frio em cada dia. »

Nem por outros motivos Martim e seus companheiros de divergencia combateram a quebra do padrão, levada a effeito no dicto anno e sôbre a qual o juizo dos financistas que vieram depois, quasi sempre desfavoravel, expressivamente se firmou e se traduziu na seguinte irrefutavel apreciação :

« Não houve, pois, vantagens nas leis de 1833 e 1846 : o paiz não estava preparado para a reforma que ahi se estabelecia, as suas rendas raras vezes excediam os encargos do Thesouro, a sua industria era acanhada, o seu commercio pouco disciplinado, as suas contas com o extrangeiro apresentavam ordinariamente um saldo devedor, que a boa reputação exigia liquidar-se.

Elevando-se, em taes circunstancias, o valor do ouro, isto é, diminuindo-se o par do cambio, indicou-se apenas um novo poncto

(*) Relatorio do Ministro da Fazenda, C. B. de Oliveira, 1839.

(30) Vieira Souto. *A situação economica*, 1901, pag. 5.

extremo, em redor do qual tinham de gyrar as transacções e os contractos; desprestigiou-se inutilmente a moeda, tornou-se mais cara a vida » (31).

* * *

Para a legislatura de 1834-1837 Martim não logrou eleger-se. Mas, como supplente, tomou elle assento, em virtude da morte do effectivo, durante as sessões de 1836 e 1837.

Em 26 de Agosto daquelle anno pronunciou elle o mais importante dos discursos, que sôbre assumptos economicos e financeiros lhe foi dado proferir durante a deputação como supplente.

Discutia-se o recente tractado com Portugal, em revisão de anteriores, e nos quaes se visava especialmente regular o commercio entre as duas nações. O antigo ministro, coherente com as idéas enunciadas em 1830, expôz doutrina sadia e, em muitos ponctos, de inteira procedencia mesmo nos tempos que correm.

Suas tendencias, desde o ministerio de 22-23, foram pelo livre cambio. Nesse tempo, como em 1830, a plena liberdade de commercio, a par da inteira equiparação de todas as nações em face do Brasil, foi para elle objectivo constante.

Assim, era natural que esse novo tractado despertasse sua intransigente hostilidade, bem manifestada nos seguintes interessantes trechos relativos, uns propriamente ao tractado, outros a questões de ordem economica que com esse intimamente se relacionavam.

Disse elle:

« Como eu tenho de pronunciar-me contra o direito, que sancciona o presente tractado, permitta-me V. Ex. que eu desenvolva os principios, que no meu sentir regem materia tão importante, e que os confronte com algumas das proposições emittidas pelos meus illustres collegas; e que ao depois submetta ao escalpelo de uma critica imparcial cada um dos artigos mais essenciaes do referido tractado. Tudo isto farei com a maior sizudez, sem o menor azedume, e com o só fito de descobrir a verdade, persuadido de

---

(31) Leopoldo de Bulhões, Relatorio do Ministro da Fazenda, 1905.

que uma questão puramente de interesse nacional não póde deixar de ser interessante a ambos os lados da casa; e desde já declaro que estou muito longe de ferir com as minhas expressões os nobres deputados, que discorrem em sentido avesso ao meu, os illustres negociadores, e por ultimo a Nação Portugueza.

Quando más leis, leis prohibitivas empecem ou torcem a marcha livre do commercio, tolhem ou retardam o desenvolvimento e direcção dos capitaes e da industria, então eu posso admittir um tractado de commercio, como instrumento capaz de arrancar a mencionada industria e capitaes dos caminhos falsos e tortuosos em que se achavam, como meio o mais azado e efficaz para promover o círculo commercial e facilitar as communicações.

Quando porém um povo, em vez de tal systema de leis, conta pelo contrario com a franqueza absoluta de commercio, tem seus portos abertos para todos os povos, e para todas as mercadorias e producções do mundo mediante ligeiros ou toleraveis direitos de importação, ou consumo; e para complemento das boas doutrinas economicas egualou, pouco mais ou menos, estes aos direitos impostos na exportação de sua producção interna; em uma palavra, quando o estado de saude, ou a hygiene relativa aos capitaes e industria e o da liberdade, estado em que os interesses mutuamente se protegem: então similhantes tractados são pelo menos superfluos, e no geral acarretam consigo inconvenientes, quaes o de serem germe de discordia e inimizades para aquellas nações, que ficam excluidas do gôzo de eguaes favores, embora algumas tenham cedido a similhante pretensão por tractados anteriores, como no nosso caso: então o direito das gentes nelles invocado, a reciprocidade nelles preconizada é uma verdadeira chimera, e as estipulações douradas com o titulo sonoro e agradavel de reciprocas vantagens são verdadeiras extorsões ou tributos, embora disfarçados: e os que suppõem eguaes tractados uteis ao interesse dos administradores fingem, sinão desconhecem os fundamentos da prosperidade dos povos.

Considerando debaixo deste poncto de vista, que vem a ser um tractado de commercio? Um tractado, segundo a expressão sarcastica

do fallecido Martinho de Mello (quando perguntado sôbre o juizo que fazia do tractado entre Portugal e Hispanha, sendo o negociador d. Innocencio), é um complexo de clausulas mais ou menos onerosas que um negociador habil e geitoso sorprehende a um negociante nescio; que um corruptor compra a um corrupto e venal; que um negociante forte impõe a um negociador fraco, como a Inglaterra practicou com Portugal; e quer-se hoje que representemos para com esse Reino o mesmo papel, que elle representou para com a Inglaterra?

E' o que não posso capacitar-me.

Recordando-me, porém, da série não interrompida de tractados feitos pelo Govêrno do Brasil, desde a Independencia até hoje, apesar das reflexões, que hoje submetto á vossa consideração e que não podiam escapar á sagacidade de alguns dos nossos homens de Estado, muitas vezes eu me pergunto, no meu retiro, de onde nasce similhante epidemia? Será da soffregridão dos presentes do costume? ou da soffreguidão dos postiços ornatos futeis, nadas, com que se alimenta a vaidade dos homens? ou da puerilidade de figurarem na Europa, como grandes negociadores?

Senhores, eu não posso atinar com a verdadeira causa desta infermidade; sei sómente que um tractado de commercio no meio de leis financeiras que prescrevem franqueza e liberdade commercial, é um contra senso. Accresce a tudo isto que, para que elle realize a promettida egualdade de fórmas, é mister que os dous povos contractantes se achem em circunstancias quasi identicas, quero dizer, egualdade de direitos de consumo, de população activa e industriosa, de capitaes, franqueza geral de todos os seus portos e reciproca necessidade das producções internas de cada uma, requisitos estes que quasi nunca se acham reunidos.

Que se responde a tudo isto?

Politica chineza; delirio dos economistas. Mas, que paridade ha entre a politica dos Chinas e a nossa franqueza commercial? Quanto a mim nenhuma posso empregar ou descobrir: nós admittimos todos os povos e mercadorias do mundo e os Chinas nenhus, e nem outras a não ser peças de ouro ou pesos; nós

temos os nossos portos abertos para todo o mundo, e os Chinas apenas o de Cantão, por onde se escoam ou saem as suas producções ; nós com eguaes direitos de entrada para todos os productos da industria de outros povos, e os Chinas nenhuns, porque os não consomem. Si á vista disto ha ainda paridade, é alguma de natureza incomprehensivel. Quanto ao delirio, direi que sendo elle uma desordem ou desarranjo da razão, admira, como tantos economistas celebres duram por tão longo tempo nesse estado sem curarem do seu êrro, e é por isso que eu prefiro suas opiniões á de outros.

Com respeito, porém, ao systema restrictivo de desegualdade de direitos nos differentes objectos de consumo, que meu illustre collega professa e que eu não tracto agora de contestar, cifrar-me-hei unicamente á seguinte pergunta : qual de nós é mais consequente ? Eu, que, fiel á lettra da lei e dos tractados existentes, recuso o presente convenio, porque reduz os direitos para as mercadorias de Portugal a mais de dous terços do que antes pagavam, ou o nobre deputado que o approva, sem embargo da sua doutrina das restricções ?

Disse outro collega, tambem membro da commissão, e por conseguinte favoravel ao tractado — anima-se a importação pela diminuição dos direitos. Quem duvida ? e ainda mais a animariamos, si os reduzissemos a nada ; verdade inexequivel, porque sem impostos mal poderiamos pagar nossos funccionarios. Disse mais um dos nobres membros da commissão — o progresso da importação promove o progresso das producções internas, o que ninguem contesta ; mas, é mister advertir que estas se devem em parte á actividade material do productor, e em regra são desafiadas pela importação geral das outras nações extrangeiras. Que ficará para a importação portugueza ? Bem pouco ; e, si desse pouco deduzirmos certa porção de progresso, devida á actividade material desse povo, despertada com o termo de suas commoções politicas, que ficará em ultima analyse para o progresso de importação devido ao tractado ? Quasi nada.

Notou-se em um dos meus nobres collegas, que combate o tractado, a contradicção, em que caïra, admittindo differenças entre

exportação e importação; no meu sentir sem fundamento. Que importa, que na theoria haja uma relação determinada entre as importações e exportações, si na práctica ella desapparece? E' um facto reconhecido por todos os economistas o de que no commercio das nações velhas e ricas com as novas as importações superam sempre as exportações; e esta divida, muitas vezes crescente, que seria um indicio de decadencia, e pobreza para uma nação decrepita, é uma prova de progresso, de riqueza para uma nação nova. Arguiu-se egualmente o mesmo nobre deputado pela seguinte proposição, que enunciara: — Os Inglezes são os maiores consumidores dos nossos productos. — De facto elles compram os generos chamados coloniaes para os reexportar; todavia o termo *consumidor*, embora não fundado em rigorosa logica, é admissivel em linguagem economica, porquanto, na primeira venda, o comprador é o primeiro consumidor dos productos do vendedor; além de que ha generos, como o algodão, que é quasi todo consumido pelas fabricas inglezas. Demais disso, o que mais importa para o productor brasileiro, o que mais interessa, é a grande concurrencia de compradores, embora sejam consumidores ou corretores; a Hollanda fez e faz ainda este commercio, a Inglaterra o faz, e Portugal quer agora talvez enceta-lo, e com mais proveito, si obtiver a reducção de direitos, concedida pelo tractado, no qual nunca convirei.»

Esse discurso, que foi longo, contém outros e vigorosos raciocinios contra as clausulas do convenio, todas as quaes são detidamente examinadas. Os trechos referidos, porém, confirmando opiniões antigas, bem revelam qual era, em tão delicado assumpto, o parecer do ministro que, nos primeiros annos da Independencia, extirpara com real beneficio para a nossa nação os privilegios de que, quanto a direitos de importação, gozava Portugal.

Como deputado effectivo voltou Martim á Camara em 1838, eleito por S. Paulo. Era a legislatura de 1838-1841, em cujo decurso teria de operar-se a grande agitação, de que foi consequencia o importante feito da Maioridade.

Foi em tôrno desta aspiração que gyrou a actividade dos mais importantes politicos do tempo, que, por fim, viram-n'a realizada

em 22 de Julho de 1840, assumindo d. Pedro II o exercicio pleno dos seus direitos constitucionaes.

Dentre esses politicos alcançou Martim destaque maximo. Seus discursos na Camara pleiteando essa idéa foram incessantes e vigorosos. Em muitos delles a eloquencia e a perfeição da fórma hombreiam com as expansões do mais ardente e sincero patriotismo. Sua paixão pela causa da maioridade foi das mais ardorosas e resumbra vivaz e absorvente das palavras, com que rematou o memoravel discurso da sessão de 17 de Julho: «Quero que o monarcha seja quanto antes elevado ao throno, não por amor do poder, porque nunca o procurei nem o procuro; não por amor de honras, pequenos nadas, futeis frivolidades da vaidade humana, porque eu tenho titulos meus nas acções minhas; não por amor de riquezas, paixão baixa e vil a que nunca queimei incenso, mas por amor da patria, paixão nobre que arde em meu coração, pura como o fogo de Vesta. Quero o monarcha no throno, porque estou persuadido de que elle será o anjo da paz, que virá salvar-nos do abysmo que nos ameaça; quero que o monarcha suba ao throno, porque supponho que é a unica medida que póde trazer remedio aos nossos males; quero, finalmente, para cumprir uma promessa dada a um respeitavel velho que jaz hoje na eternidade, meu fallecido ermão, tão injustamente maltractado por tantos, o qual, no resto dos seus dias, affirmava não poder morrer feliz sinão vendo o sr. d. Pedro II no throno, e o systema constitucional consolidado. Senhores, si eu consigo isto, meus votos estão satisfeitos; e, cheio de jubilo, posso exclamar com o poeta: «Oh! patria, inda esta gloria me consentes!»

A campanha pela maioridade, porém, não desviou Martim das suas preoccupações sôbre problemas de finanças.

Verifica-se dos annaes de 1838 e 1839 que lhe foi dado ensejo de reaffirmar as idéas por que sempre propugnou, o mesmo succedendo no correr das sessões de 1840. Nestas elle teve destaque especialmente ao se debaterem as emendas que o Senado approvou ao orçamento para 1840-1841. Taes emendas foram discutidas na Camara em sessão extraordinaria para tal fim convocada. Martim

as impugnou, dando como fundamento de sua opinião o facto de que taes emendas augmentavam a despesa, o que lhe parecia escapar á competencia do Senado.

E' interessante seguir o desenvolvimento dos raciocinios, apoiado nos quaes negava elle á Camara alta tão importante attribuição.

Disse em sessão de 13 de Abril : « Sr. Presidente, entre as cousas que mais ou menos ameaçam o desenvolvimento do nosso systema ; entre as cousas que têm servido como de protesto, e talvez justificado, para tantas revoltas, figura em grande escala a não observancia da Constituição, das leis. E o que eu noto com dôr é que de ordinario esta inobservancia parte dos corpos deliberantes, daquelles que a Constituição instituira fiscaes naturaes e vigilantes guardas della. Vou, por consequencia, entrar no exame da anti-constitucionalidade das emendas : Diz o art. 36 da Constituição : Compete privativamente á Camara dos Deputados a iniciativa de impostos. A Camara inicia, por exemplo, uma despesa; o Senado emenda para mais ; pergunto eu : inicia ou não impostos? Inicia. O que suppõe iniciamento de despesa ? Suppõe o emprêgo de uma parte da receita proveniente dos impostos. A Camara nivela a receita e a despesa ; si o Senado augmenta a despesa, o que faz ? Não ha receita para pagar ; com que se pagar ? Com uma imposição ; por consequencia isto é connexo.

Ainda mais : nas circunstancias actuaes havia renda para pagar a despesa ? Não ; mas dir-se-ha : pediu-se um credito para fazer face ao *deficit* ; mas, havendo o Senado augmentado a despesa, segue-se necessariamente uma creação de renda ou novo credito para satisfazer á nova despesa creada pelo Senado. Não póde, portanto, o direito de augmento de despesa competir ao Senado. Nem se diga que o Senado fica annullado ; não, porque tem o direito de diminuir e mesmo rejeitar. Mas, disse o nobre ministro, então estaremos em continuado conflicto, e accrescentou que o meio constitucional é o da fusão. Não é este só o meio constitucional ; é tambem a iniciativa de uma lei ; é isto o que a Camara dos Communs tem feito muitas vezes, quando tem julgado que a

Camara dos Lords tinha razão para fazer alguma emenda, incluindo esta emenda na nova lei. Entre nós, não é nova esta practica; já se apresentou uma nova lei de fixação de forças, porque não tinha passado a primeira. Por consequencia, as reflexões que o nobre deputado fez para mostrar que a attribuição de fixar a despesa é dada egualmente ao Senado, em nada invalidam os raciocinios por mim expendidos. O Senado tem o direito de rejeitar a lei ou diminuir a despesa, e assim já concorre com a Camara dos Deputados para a confecção da lei. Ora, eu creio que já aqui appareceu uma questão similhante. Quando se tractou de differentes pensões, appareceram entre ellas as concedidas ás filhas do visconde de Cairú; membros desta Camara, entendendo serem muito diminutas as pensões que o Govêrno concedera ás filhas de um cidadão tão benemerito, lembraram-se de as augmentar. Esta materia foi discutida, e a Camara afinal reconheceu que sendo a iniciativa do Govêrno, não competia á Camara augmentar essas pensões, e que só o que podia era confirma-las, rejeita-las ou diminui-las. Pois nós reconhecemos no poder executivo o direito de iniciar pensões e queremos roubar-nos a iniciativa, que a Constituição nos dá em materia de impostos? O caso é identico e differe simplesmente em ser a questão não com o poder executivo, mas com parte do poder legislativo. »

Em a sessão seguinte, insiste: « Iniciativa — foi o que eu disse pela primeira vez — é synonymo de comèço; então, pergunto: o que é esta attribuição da Camara? Si iniciativa quer dizer pura e simplesmente — comèço, creio que o legislador mangou comnosco, porque é indifferente que uma materia seja primeiramente tractada aqui ou no Senado; si a iniciativa é pura e simplesmente comèço, o legislador devia riscar este artigo 33; mas não devemos crer que o legislador emitta proposições ociosas e sem justificação. Iniciativa de impostos quer dizer — exclusivamente — nenhum outro corpo tem direito de impôr. Agora, o que não entendo é essa nova doutrina — impôr quanto ao *quale* e não quanto ao *quantum*; como separar, como dividir o *quale* do *quantum*, quando o artigo da Constituição não faz essa separação? Seria

cousa linda que a Camara dos Deputados creasse uma imposição e nada mais; o *quantum* está annexo ao *quale*; quando se cria um imposto, cria-se o *quantum* e o *quale*; si a iniciativa é nossa, nós estabelecemos o *quantum* e estabelecemos a natureza delle. Disse o nobre deputado que o Senado fica sem ter parte nas confecções das leis. Como? Pois o Senado não emenda para menos? Não rejeita? Logo, não fica annullado; fica annullado em parte, assim como nós somos annullados em outras partes...»

Por taes motivos, ou por outros, as emendas foram rejeitadas pela Camara, o que determinou a fusão com o Senado, reunindo-se em assembléa geral as duas Camaras para que afinal se resolvesse sôbre taes emendas. Na sessão da assemblea de 25 de Abril, Martim reproduziu, e mesmo ampliou, os argumentos expostos á Camara. A assembléa, porém, delles divergiu, approvando as emendas. E esse voto foi conforme doutrina que sempre vigorou na comprehensão do citado dispositivo da Carta constitucianal do Imperio.

* * *

A proclamação da maioridade teve como consequencia immediata a volta dos Andradas ao poder. Em o ministerio de 24 de Julho de 1849 coube a Antonio Carlos a pasta do Imperio; Martim retomou a da Fazenda, de que se afastara desde Julho de 1823. Contava, então, 65 annos de edade, pois nascera em 1775. Sua primeira gestão durou um anno; a segunda teria duração menor— oito mezes. Foi-lhe sina servir a tão alto cargo em momentos de intensa agitação social e politica, quando tudo conspira contra a concepção e execução de planos reparadores de finanças. Suas idéas, o programma a que affeiçoara seu espirito, os propositos construtores que tantas vezes revelara, teriam de soffrer, quer de uma quer de outra feita, os embates das paixões de duas phases tormentosas, depressa afastando-o do govêrno, assim sacrificando os effeitos de uma acção, que tudo indicava teria de ser das mais competentes, austeras, energicas e proficuas.

Como da primeira vez em que lhe tocou assumir a pasta da Fazenda, Martim encontrava, em 1840, situação financeira das mais

precarias,—facto explicavel pela anormalidade do periodo regencial, em cujo decurso as constantes perturbações de ordem, expansões anarchicas e até mesmo revoluções tornavam impossivel qualquer tentativa de methodica e ordenada administração financeira.

Tal como aconteceu de 1822 a 1830, o decennio de 1830-1840 não logrou em um só anno apurar receita ordinaria maior que a despesa. A renda normal cresceu: de 12.711:515$895 em 1830-1831 ella subiu, em 1839-1840, a 15.241:253$503. Bem mais, porém, augmentou a despesa, sendo cobertos os *deficits* com os recursos de credito, que, de anno para anno, mais escassos se tornavam.

De 1830 a 1840 a renda total montou a 157.275:155$292; a despesa, a 163.110:641$126, com o *deficit*, pois, de.......... 5.835:485$834, com a média, por anno, de receita—15.727:515$529, despesa— 16.311:064$112; *deficit*—583:548$583.

Na renda total, porém, incluem-se importantes parcellas decorrentes de emprestimos. Assim é que, em 1830, importavam as dividas: interna—13.584:889$, externa ao cambio de 67 1/2—18.957:455$; fluctuante, inclusive papel moeda— 19.905:128$000.

Em 1840 taes compromissos representavam-se pelos seguintes algarismos, bem mais elevados: interna—30.282:600$; externa, ao cambio de 30—44.240:336$; (32), fluctuante—bilhetes do thesouro e papel moeda—45.351:122$000.

A lei do orçamento para 1840-1841 orçou a receita em...... 16.500:000$, fixando a despesa em 19.073:857$851, com o *deficit* portanto de 2.573:857$851.

Esse era o orçamento, cuja vigencia teria de coincidir com a administração do novo gabinete, de programma, em tal assumpto, exposto por Antonio Carlos em a sessão de 29 de Julho nos seguintes termos: «Um dos meus principios rigorosos de administração publica é a simplicidade na fiscalização da renda e a mais restricta economia nas despesas.»

A acção do ministro da Fazenda, em observancia a esse prin-

(32) Relatorio do Ministro da Fazenda, de 1841.

cipio e desenvolvimento de seus planos e idéas, teve de exercitar-se no parlamento e na administração.

No parlamento coube-lhe parte activa em o debate do projecto de orçamento para 1841-1842. E é a esse debate que convêm, primeiramente, referencias mais latas.

No decurso delle « encontrou Martim opposições individuaes numerosas e tenazes. Muitos deputados da maioria não lhe perdoaram aggravos antigos e aproveitaram-se da opportunidade para doesta-lo » (33).

A despesa para o ministerio da Fazenda e o orçamento da receita foram debatidos, em 2ª discussão, nas sessões de 12 a 15 de Agosto. No debate intervieram, além de outros, Gomes Ribeiro, Carneiro da Cunha, Tosta, Vianna, Sousa Franco, Henriques de Rezende, Alvares Machado e Montezuma; uns reclamando opiniões do ministro sôbre determinados pontos, divagando outros sôbre questões attinentes á administração da Fazenda.

Foi acudindo ao appêllo de taes deputados que Martim se pronunciou sôbre alguns dos problemas e casos suscitados. Fe-lo assignalando antes que « o deputado, hoje ministro, não mudou de pelle pela sua metamorphose, e, por conseguinte, elle tem de offerecer á consideração da Camara, em objectos financeiros, os mesmos principios e doutrinas que emittia quando deputado ».

Quaes alguns desses principios elle os affirma em seguida:

« Antes de considerar os differentes topicos de que se compõem a receita e despesa da repartição da Fazenda — diz elle — declararei que os principios da administração nesta parte são severa fiscalização da renda, religiosa economia no emprêgo della, acceitando, pois, os cortes que a commissão propoz. Devo declarar mais que o Govêrno está resolvido a não ser prodigo de pensões, porque no estado financeiro em que o paiz se acha, quando é mister cada anno pedir um credito supplementar para despesas, parece que é fóra da ordem pedir emprestado para esperdiçar, e muitas vezes sem razões que justifiquem similhantes pensões. Devo declarar tambem

(33) — Pereira da Silva — *Memorias do meu tempo*, pg. 25.

que o Govêrno está resolvido a ser demasiadamente parco em aposentadorias, porque de ordinario têm sido aposentados homens que podiam continuar a prestar serviços. Estes são os principios que me têm de dirigir como ministro da Fazenda, dos quaes procurarei nunca arredar-me, e que professei em 1822 e 1823, como ministro da Independencia.

O forte contrabando do páo brasil era uma das mais constantes preoccupações da administração financeira. O assumpto foi, então, debatido, tendo sido lembrado até, como medida apta, si seria possivel uma lei para revistar os navios inglezes, conforme palavras do deputado Carneiro da Cunha. O ministro, pronunciando-se sôbre esse ponto, opinou, muito razoavelmente, contra a lembrança, entendendo, com acêrto, que o *verdadeiro era extinguir o monopolio*, estabelecendo-se uma taxa de exportação. « Si nós iniciassemos uma lei a esse respeito, sem que primeiro o gabinete tomasse em consideração os artigos do tractado com a Inglaterra mais ou menos relativos a este contrabando, e procurasse entender-se com o Govêrno da Grã-Bretanha, talvez a Camara passasse por auctora de um comêço de desavença entre os dous Governos. Os tractados nunca poderão destruir o espirito de interesse que, apesar delles, ha de animar os particulares que não queiram practicar um commercio licito. E que culpa tem o Govêrno inglez desse contrabando? Não ha sinão dous meios de evita-lo: ou acabar com o monopolio do páo brasil e converte-lo em uma imposição sôbre a exportação, ou mais vigilancia nessa parte e melhores auctoridades; poderiamos lançar mão de algumas medidas, como, por exemplo, estabelecer um cruzeiro de pequenas embarcações nas costas dos portos, donde saem taes embarcações, mas o verdadeiro é destruir o monopolio. »

Tentativas feitas para a creação de impostos novos, como recurso de equilibrio financeiro, deram ensejo a que o ministro opinasse a tal respeito dizendo, com incontestavel propriedade: « Quando um povo está verdadeiramente consolidado, quando suas instituições nenhuma alteração soffrem, quando o povo marcha no caminho do progresso de civilização e de melhoramentos,

si a sua renda todavia é inferior á sua despesa, eu creio que é então acertado crear novas rendas até perfazer o cómputo necessario para occorrer ás suas despesas. Mas quando o contrario succede, quando nenhuma de suas instituições se acha consolidada, quando a vertigem revolucionaria delle se apodera, e paixões mais ou menos hediondas, productivas de mil immoralidades, enfermam este povo, de maneira que o Estado é obrigado a fazer despesas demasiado extraordinarias, eu creio que é um êrro a lembrança de novos impostos: então é melhor pedir emprestado do que impôr, porque de ordinario taes imposições pouco ou nada produzem, e muitas vezes até as imposições antigas decrescem; um mal de ordinario acarreta outro.»

Em seguida adverte elle, insistindo em idéas antigas sôbre a inconveniencia da creação de impostos em os projectos de orçamento, dizendo: « Demais, imposições novas na lei do orçamento creio que não são conformes com a Constituição. Nós orçamos a renda e a despesa decretadas por lei; como pois, orçando a a receita e a despesa, decretadas por lei, enxertamos por meio de emendas ao orçamento, impostos que ainda não estão decretados por leis anteriores? Conheço os motivos de similhante práctica, e vem a ser que sendo a lei do orçamento uma lei necessaria, e que não póde deixar de ser sanccionada, grudam-se nella materias muitas vezes extranhas e que, si apresentadas em leis separadas, talvez o poder moderador as não sanccionasse. E' desta fórma que tudo tem marchado entre nós, que nenhuma instituição constitucional tem sido consolidada, e é tambem por este motivo que eu me pronuncio contra toda a imposição nova. O que apenas se póde admittir relativamente a impostos é o augmento ou diminuição dos já decretados, que foram objecto de demorada discussão; mas crear impostos a esmo, sem cálculo prévio, sem meditação, sem discussão prévia, creio que não fica bem ao corpo legislativo ».

O tractado com a Inglaterra, que só a esta aproveitava, porque, em troca de vantagens illusorias, assegurava-lhe o imposto de 15 °/₀ sôbre a importação de mercadorias que de lá procedessem, foi tambem objecto de critica. O ministro, reaffirmando opiniões

conhecidas, diz : « Eu sempre aqui declarei que um paiz regido por uma lei de franqueza e liberdade commercial, um paiz que não tem um só porto vedado ao commercio das outras nações, este paiz não deve fazer tractados de commercio ; taes tractados são synonymos de *tratadas*, porque redundam em prejuizo do mais fraco contra o mais forte, do menos avisado contra o mais esperto. E' o que aconteceu. »

Interpellado por Sousa Franco e outros sôbre a situação da renda diamantina, assim se pronunciou elle : « Agora responderei a um nobre deputado, que fallou sôbre a renda diamantina, e a outro para quem o trabalho das minas havia sido a desgraça do Brasil, asserção esta devida ao fallecido bispo de Pernambuco, d. José Joaquim de Azeredo Coutinho.— O nobre deputado deve saber que esse bispo o que fez foi declarar um facto, isto é, que as minas tinham acarretado a desgraça do Brasil ; mas não por terem sido lavradas, por se terem aproveitado essas riquezas, mas pelo systema de imposição fixa, quando as minas variavam em producto, isto é, umas mais ricas, outras mais pobres, e por outras causas filhas da imperfeição de nossas leis.

As minas têm sido em outros paizes causa de grandes bens ; citarei, por exemplo, o que disse o célebre Humboldt em sua viagem ao Mexico ; ahi se verá que em todos os logares do Mexico, onde ha uma mina em actividade, a industria agricola e todas as mais industrias marcham de par ; mas porque ? Por que a legislação de taes paizes era em tudo differente da nossa. Para exemplo do que acabo de dizer citarei as minas de Guanachater e de Catorce, antes da revolução do Mexico. De ordinaaio, onde havia mina, havia a industria agricola adeantada e todos os outros ramos de industria egualmente prosperos ; entre nós succedeu o contrario, mas por causa de uma imposição pesada e fixa. Si o nobre deputado me pergunta o que é hoje esta renda diamantina, digo que é nenhuma ; porque as lavras ou metallicas, ou de pedras preciosas, não são trabalhos ao alcance de um ou de outro homem, de um ou outro capitalista. Na Europa, onde todos aborrecem o monopolio, como eu o aborreço, ainda não puderam extingui-lo no trabalho das

minas, porque é só por meio delle que se póde tirar dellas algum proveito; mas entre nós o monopolio não póde continuar, porque pela lei de 32 elle acabou de facto; os terrenos foram occupados por familias intrusas; deita-las para fóra, depois de estabelecidas, não é possivel. Taes são as causas que extinguiram esta fonte de renda; talvez fosse possivel tirar algum lucro ainda, mas isto pede exame mais detido da parte do Govêrno e maior meditação da parte do poder legislativo. »

Longo foi o debate a que teve de se deixar arrastar o ministro. Explicações lhe foram reclamadas sôbre o estado de repartições públicas, a situação de funccionarios, a arrecadação de determinados tributos e muitos outros detalhes relativos á administração da Fazenda. E ellas foram dadas com pleno conhecimento dos casos suscitados, mantendo-se o ministro com segurança e elevação, e assim os seus illustres interpellantes.

A terceira discussão do projecto, realizada e ultimada na sessão de 19 do mesmo mez, já não despertou o mesmo interesse observado na segunda.

Além do orçamento foi objecto de renhido debate, nas sessões desse anno, a proposta do Govêrno para o augmento da quantia de varios creditos constantes das leis orçamentarias para 1839-1840 e 1840-1841.

Essa proposta, apresentada em 13 de Agosto, fixava o augmento em 3.339:712$739, quanto ás despesas de 1839-1840, e auctorizava o Govêrno, para acudir ao *deficit* verificado nesse anno financeiro e no immediato, a contrahir um emprestimo até..... 10.444:000$000.

Nenhuma responsabilidade cabia ao novo ministro por taes reclamos. Os dados em que se baseava a proposta, sinão esta mesma, já se achavam organizados quando lhe competiu assumir o exercicio do cargo.

A commissão que emittiu parecer sôbre essa proposta, e da qual foi relator o deputado J. F. Vianna, mais tarde ministro da Fazenda, conveio na proposta.

Para as despesas devidas anteriormente a Julho de 1840 era

concedido o credito de 5.787:662$713. Para as relativas ao exercicio em comêço concedia-se, além dos orçamentarios já vigentes, o de 1.655:330$589. Reduzia-se a 9.804:467$117 a quantia do emprestimo.

O debate sôbre a proposta se travou nas sessões de 26 a 30 de Agosto, iniciando-o o proprio ministro que, em justificativa de similhante pretensão do novo Govèrno, allegou :

« Senhores, eu sei que devo governar com o apoio das Camaras, e declaro que nunca dispensarei esse apoio, porque não admitto, e nunca admittirei a fórma de govêrno que não seja nacional; é por essa razão que julgo do meu dever declarar-vos tambem que eu forcejarei sempre por merece-lo, pondo em práctica os seguintes meios — a publicidade e legalidade dos meus actos —, a verdade e a economia a mais estricta no emprêgo dos dinheiros publicos. Debaixo deste ponto de vista vou fazer as seguintes observações.

Quando tive a honra de apresentar esta proposta, pareceu-me que divisei em vossos semblantes alguns signaes de susto ou de desgosto ; mas devo declarar-vos que, si o *quantum* do credito vos pareceu excessivo, não me póde ser isso imputado, porque as despesas, para as quaes elle se pede, tambem me não podem ser imputadas ; ha 17 para 18 annos, senhores, que não sou ministro. Creio mesmo que este excesso não póde ser imputado aos ministros que me precederam, si se attender ás circunstancias criticas em que o paiz se tem achado, circunstancias que se têm prolongado a despeito dos maiores esforços para faze-los desapparecer.

Tambem me não posso arrogar o merito do trabalho da proposta, porque vós sabeis que similhante trabalho não é obra de 10 dias ; bem sabeis que eu havia entrado para o ministerio poucos dias antes, e que os primeiros dias de entrada no ministerio são como os primeiros dias de viagem por uma estrada desconhecida. Não era, portanto, dez dias depois da minha entrada que eu podia apresentar-vos um trabalho egual por mim feito ; donde se collige que eu não posso arrogar-me o merito deste trabalho, o qual, considerado absolutamente, não póde ter o cunho da perfeição, mas

considerado relativamente á deficiencia de uns dados, á inexactidão de outros, e mesmo ás circunstancias em que o paiz se tem achado, talvez seja credor de elogios. Demais esse ministerio cumpriu com o seu dever; não tinha meios para satisfazer as exigencias das outras repartições a que devia accudir, e, por este meio que lhe impoz a lei, procurou dispôr-se para satisfaze-las.

Quanto ás reducções lembradas pela commissão declaro que as adopto, e, por conseguinte, o *quantum* por ella orçado. Si novas observações forem feitas por algum nobre deputado, tractarei de responder da melhor maneira que me fôr possivel. »

No debate intervieram Henriques de Rezende, Carneiro da Cunha, Vianna, Castro e Silva, Montezuma, Carneiro de Campos, além de outros. Os dous primeiros, combatendo algumas das disposições do projecto, e mesmo a concessão de creditos, resalvaram, entretanto, a confiança que lhes inspirava o ministro, dizendo, o primeiro, Rezende: « Neste estado de cousas, não tendo apparecido nada liquido, não posso inclinar-me sinão a dar ao ministro o que elle pede para o seu exercicio, sem attender ao passado; não porque não tenha nelle confiança, em geral confio na administração, mas porque a instabilidade das cousas humanas, as progressivas mudanças de ministerio em cada mez, e, alêm disto, podendo ser verdade que o nobre ministro, em virtude do seu estado de saude não continue a ser ministro por muito tempo, e não possa por consequencia ser o executor do credito que se lhe dá, tudo isto e o não ter uma garantia bastante para que a confiança que deposito na sua pessoa possa por uma transição applicar-se naquelle que lhe succeder, faz com que eu esteja na opinião de não dar tudo quanto é pedido ». O segundo, Carneiro da Cunha: « não se conformando a politica do gabinete actual com a minha, eu poderia, seguindo a politica de outros deputados, negar todo o credito; mas tanta confiança tenho no nobre ministro que, si não fosse pelos motivos já allegados por um nobre deputado, eu não teria duvida de votar até por uma quantia maior; mas póde ser que o nobre ministro não continue a fazer parte do Govêrno, não só por causa do seu estado physico, como pela pouca duração dos gabinetes

no nosso paiz, o que tem concorrido não pouco para o estado deploravel das nossas finanças ».

Do projecto, a disposição mais debatida foi a que auctorizava o Govêrno a contrahir o emprestimo para acudir ao *deficit*. A quantia fixada na proposta fôra de 10.444:000$; a commissão, com accordo do ministro, a reduziu a 9.804:467$117. Mas, além dessa alteração, propoz a commissão a que consistia em particularizar qual o processo do emprestimo, e esse seria o de venda de apolices. No correr da discussão varios alvitres foram lembrados, inclusive o da emissão de notas ou o de suspender o resgate do papel moeda. O ministro combateu a particularização, entendendo que ao Govêrno devia ficar livre a escolha do processo, visto que só elle poderia, com segurança, apreciar as circunstancias dos meios financeiros, o estado das praças do paiz, e pois deliberar com acêrto maior.

Pugnando por esta solução, dizia elle, na sessão de 29: « A venda de apolices dentro do paiz ou fóra do paiz, a emissão mesmo de bilhetes ou letras do Thesouro não serão emprestimos? Si são, a commissão está coherente commigo: e, neste caso, não será uma completa superfluidade a individualização de cada um destes meios? Sendo isto incontestavel, porque se ha de negar ao Govêrno, habilitado mais do que ninguem para conhecer das epochas e do meio que com preferencia deve ser escolhido, o direito da escolha de um ou de outro, particularizando cada um delles? Taes são os argumentos porque tenho insistido na conservação do art. 3º, tal como se acha na proposta.

Responderei agora ao nobre deputado que por ultimo fallou.

Quer elle que para o Govêrno obter o *quantum* lance mão das apolices emittindo-as na Côrte e nas provincias de primeira ordem; vendendo mesmo certo quantitativo dellas em paizes extrangeiros; emittindo bilhetes ou letras do Thesouro; no que tudo concordo. Mas, agora pergunto ao nobre deputado: cada uma destas suas idéas exprimidas separadamente não se acha englobadamente comprehendida no art. 3º da proposta? Sem dúvida: logo para que enumera-las uma por uma, e pelo menos extender o artigo

com palavras superfluas e commetter uma manifesta superfluidade? De outro meio se lembrou o nobre deputado: de fazer suspender a amortização ou resgate do papel-moeda, no que não posso convir, porque o legislador perdeu toda a confiança do governador no dia em que violou o seu contracto com os possuidores de papel-moeda; porque o legislador deve ser religioso observador de suas promessas; e, quando a ellas falta, o chaos e a confusão succedem á ordem.

Por ultimo, ainda foi lembrado pelo nobre deputado outro meio de accudir-se ao *deficit*, e este cifra-se na venda dos proprios nacionaes. Em as circunstancias que nos achamos, no meio das revoltas que têm assolado nossas provincias e abalado todas as fortunas, similhante venda equivaleria a uma dadiva. Guarde o nobre deputado esta medida para tempos mais serenos e mais prosperos.

A disposição da proposta, tal como a defendeu o ministro, foi approvada pela Camara, que se limitou a reduzir a cifra do emprestimo, adoptando a da commissão, tal como o proprio ministro concordara.

Approvada que foi, converteu-se no decreto legislativo n. 158, de 18 de Septembro de 1840, cujas disposições auctorizaram ao Govêrno: *a*) abertura de credito até 5.787:662$713, destinados ao pagamento da divida pertencente ao anno financeiro de 1839 a 1840 e anteriores, liquidada até Junho; *b*) despesa a maior, além das verbas orçamentarias votadas para o anno de 1840 a 1841, até a quantia de 1.655:330$589; *c*) emprestimo, como mais vantajoso fosse ao Estado até 9.804:467$117, para accudir ao *deficit* decorrente dos citados creditos e á deficiencia da receita.

A acção administrativa do ministro não foi sacrificada pela promptidão e solicitude, com que teve de attender aos trabalhos parlamentares.

Nesse mesmo anno de 1840 elaborou e expediu varios regulamentos, dentre os quaes merecem destaque: *a*) o que regula a fiscalização de direitos na apprehensão de viveres e outros effeitos pertencentes a embarcações de guerra estacionadas nos portos do

Imperio ; *b*) o que dispõe sôbre a maneira por que se deve proceder nos casos de impugnação de mercadorias levadas a despacho por factura ; *c*) o que regula o pagamento do imposto do sêllo.

Além desses regulamentos constituiram assumptos de decretos expedidos no correr desse anno : *a*) fiança de exactores da Fazenda ; *b*) reorganização do serviço de loterias.

O primeiro desses decretos adoptou providencia salutar, ordenando, como o fez, *que os thesoureiros, recebedores e pagadores não continuem a servir sem prestar fiança e que aos novos nomeados não se dê posse sem a terem prestado*. O segundo imprimiu nova orientação, melhor organizando no ponto de vista do Thesouro o serviço de loterias.

No decurso de 1841 foram publicados actos de egual alcance para a boa fiscalização de rendas e em bem da ordem nos serviços do Thesouro.

Entre elles salientam-se : *a*) o que alterou o regulamento da Contadoria geral de revisão ; *b*) o que dispoz sôbre o modo de pagamento das despesas de exercicios findos ; *c*) o que determinou a fórma a seguir nas mesas do Consulado quanto ás apprehensões ; *d*) o que modificou disposições do regulamento da Typographia Nacional ; *e*) o que declarou os limites da auctoridade dos inspectores das thesourarias a respeito dos procuradores fiscaes.

A perseguição ao contrabando, já de africanos livres, já do páo brasil, que tanto despertava então a attenção des poderes publicos, foi programma que o ministro com fidelidade executou. Aos seus actos relativos a similhante campanha teria elle proprio de alludir em discursos pronunciados nesse mesmo anno de 1841, em Maio e Agosto, já então finda sua missão ministerial.

Em sessão de 18 de Maio disse elle, fundamentando requerimento de informações:

« O ministerio de que fiz parte, informado de que andavam em quasi toda a costa desta provincia embarcações americanas que contrabandeavam, furtando os direitos de importação á Alfandega do Rio de Janeiro, e que depois carregavam generos de exportação, furtando egualmente os direitos de exportação ao Consulado,

tomou a deliberação de armar um lanchão denominado *Invencivel*, para evitar que taes contrabandistas continuassem nesse trafico, evitando assim o extravio das rendas públicas. Outro tanto fez o ministerio a respeito do contrabando do páo-brasil e do de africanos, para isso estabelecendo um cruzeiro.»

Em sessão de 26 de Agosto, particularizou elle quanto ao contrabando de africanos : « A adminisitração passada, rigida observadora da convenção de 1826, escrupulosa na observancia da lei de 7 de Novembro de 1831, tractou de perseguir, com os meios que a lei lhe ministrava, todos os contrabandistas de africanos : differentes tomadias foram feitas ; mas destas algumas foram, pelos homens que nós chamamos juizes, entregues, e a quem ? Aos proprios contraventores ; e africanos livres foram condemnados á perda da liberdade, perda mais dura do que a da propria vida. »

E, no protesto contra esse innominavel abuso, exclam ava, em segura previsão do futuro: «Dia virá (eis o que me magôa, porque amo a minha patria), dia virá em que a nação será coberta de insultos e ludibriada por essas communs violações ; dia virá em que o solo brasileiro será tincto de sangue pelas amiudadas revoltas dos povoadores escravos, inimigos naturaes de todo homem livre ! E, então, aquelles que tiveram parte nestas desgraças, cheios de dôr, não poderão invocar a seguinte sentença do bom Horacio: *Durum, sed lævius fit patientia quidquid corrigere est nefas,* e com ella socegar os remorsos roedores de suas consciencias ».

Mas, o programma principal do gabinete de que — *a despesa publica seja administrada em todos os seus ramos com a mais severa economia* — e como lhe foi dada execução, narra o proprio ministro, sem contradicta, na mesmo sessão de 26 de Agosto : « Declararei já á Camara que na situação triste em que se acham as nossas fiananças nunca tive em vista outra cousa sinão economizar. Um nobre deputado disse que nunca ministerio algum havia pedido um credito tão avultado como o que se me havia concedido. Devo advertir aos nobres deputados que eu fui simplesmen te o instrumento para apresentação da proposta ; sabem os nobres deputados que não era possivel que eu tivesse parte nella, havendo entrado

poucos dias antes; apresentei, pois, o credito trabalhado pela administração anterior. Portanto, ha de meu no credito sómente o terceiro artigo, que foi a generalidade da medida e nada mais. Parece-me que um credito suppõe confiança na pessoa que o pede, e, concedido este, espera-se que a pessoa a quem se dá, use bem delle. Creio que não usei mal, porquanto, á excepção de 322 contos em apolices a 83 pagas aos credores do Estado, o credito ficou intacto, advertindo que 4.548 contos ficaram em ser, e 4.900 ainda não realizados têm de responder por £ 120, por 1.000 e tantos contos retirados do cofre das rendas com applicação especial e por 1.600 contos de letras que circulam na praça. A razão por que me servi da caixa das rendas especiaes é obvia: por não gravar a nação com premios e mesmo porque mandando-se contrahir um emprestimo, apenas realizado este, seria indemnizada a caixa da somma de que me havia servido. Todo mundo sabe a guerra que o commercio me fez, mas o Govèrno nunca teve falta de dinheiro, e tanto não teve que os pagamentos estiveram sempre em dia; pelas tabellas que vos foram presentes vós sabeis que obtive dinheiro a 5 1/2, a 6, a a 7 e a 7 1/2 %, já com corretagem e já sem ellas.

O emprestimo, a que o discurso se refere, é o auctorizado no citado decreto n. 158. Não foi possivel realiza-lo. Nesse mesmo discurso Martim attribue os embaraços que então surgiram a manejos da opposição, principalmente, no extrangeiro, ao exfòrço opposicionista do conselheiro Candido Baptista, então na Europa.

Detalhando outros actos em execução do programma de economias, diz Martim no referido discurso:

« Eu creio que cumpri egualmente tudo quanto a commissão de orçamento exigiu de mim. A commissão quiz dar, attento o augmento da renda da Alfandega de Pernambuco, augmento que tambem se observava na do Rio, quiz dar uma nova unidade para base da porcentagem. Eu dei essa nova unidade, e com isso se fez uma economia de 20 contos e tanto. A commissão diminuiu a quota para o Consulado e Recebedoria; eu acceitei a emenda e, em consequencia, outra economia foi feita; o numero que havia para mais do regulamento foi diminuido; houve, por

consequencia, beneficios para a Fazenda. Aboli a fundição de typos, estabelecimento que de realidade só tinha o nome e a despesa. Diminui as despesas, nomeando para as vagas aposentados ou empregados de repartições extinctas, reformados, e, por este meio, augmentei a receita, *id est*, diminui a despesa do Estado. Dei providencias novas para a Typographia, e disto resultou economia. Era desta maneira que eu pretendia continuar.»

A defesa do decreto de reorganização do serviço de loterias occupa grande parte do discurso de 26 de Agosto. Dos trechos a ella relativos merece menção aquelle em que se lê opinião radicalmente opposta a essa forma inilludivel de jôgo com permissão do Estado.

Ei-lo : « Nunca concedi e nunca votei loteria ; e nunca concedi pelas seguintes razões : si eram dadas para animar as fabricas, similhante fim não podia ser obtido sinão por associações de capitalistas, e por conseguinte, de capitaes ; si em beneficio dos estabelecimentos de caridade, não é o crime que os beneficia, e sim os donativos dos verdadeiros philanthropos ; si para edificação ou reparo de egrejas, os meus principios são os do celebre Hume : não gosto de abundancia de egrejas, creio que a religião foi abandonada desde que os fieis deixaram de reunir-se em um só templo ; quando os templos se espalharam não foram senão logares de dissipação e nada mais. Sou contrario ás loterias por outro motivo ainda : ellas têm por fim enfraquecer o amor do trabalho, dar nascimento á preguiça e crear a mendicidade ; sou finalmente contrario á concessão da loteria, por ser um jôgo, no qual até têm entrada o pão da miseria e os fructos do crime ; logo, não posso querer que o thesouro jogue com loterias ».

Observada em conjuncto, a administração financeira de Julho de 1840 a Março de 1841 se fez merecedora da seguinte apreciação :

« Tomando conta da gerencia financeira quando principia o exercicio, a administração vê-se sujeita á respectiva lei do orçamento n. 108, de 26 de Maio de 1840.

Decreta: despesa de 19.073:857$815; receita de 16.500:000$; *deficit* presumido de 2.573:857$815.

Deante desta má perspectiva o gabinete prefere sacrificar o interesse politico, que aconselha a dissolução do parlamento regencial que lhe é hostil, ao interesse financeiro que exige a decreação de recursos.

O venerando conselheiro Martim Francisco recorre á fonte constitucional e obtem a lei n. 158, de 18 de Septembro de 1840. Não perde um só instante; dedica-se todo a melhorar a fiscalização e a preparar e reunir os elementos necessarios para equilibrar o orçamento.

Não liquida o gabinete um só exercicio para attestar a sinceridade do seu programma e a lealdade com que começa a executa-lo, vencendo as maiores difficuldades.

Ainda assim basta notar que, com o credito de 19.073 contos, concedidos na lei do orçamento, somente gasta 5.127 contos!

E' uma nova estrada, larga e segura, que inaugura para administrar desassombradamente os recursos do paiz. E' a grande via de severa economia em todos os ramos da despesa publica, tendo como unica alavanca a maior veneração pelo voto legislativo» (34).

* * *

O ministerio da Maioridade marcou a etapa ultima da collaboração assidua de Martim na discussão parlamentar ou na acção administrativa quanto a assumptos de finanças. Pouco após, em 1844, occorreu o seu fallecimento, precedido do inevitavel repouso que a edade avançada impoz.

Dessa collaboração ha evidentemente ensinamentos a colher. Alguns dos problemas sôbre que se enunciou, e sempre o fez com exacto e seguro criterio, são até e ainda — septenta annos depois — de plena actualidade.

---

(34) Tito Franco — Balanço do Imperio, 1877, pags. 3 e 4

Como de tantos outros financistas do Imperio, tem-se a impressão, deante do seu austero feitio moral, da sua inteiriça envergadura de administrador, da solida competencia e segura visão politica, sempre reveladas nos actos com que assignalou sua trajectoria pela gestão da Fazenda — de que, si lhe fôra dado permanecer demoradamente no posto, a que ascendeu pelo seu merito e virtudes, teria edificado uma grande obra, capaz de assegurar ao paiz, pelo decurso dos annos, no dominio das finanças, tempos mais prosperos, ao envez dos dias sombrios que a nossa historia financeira rememora e lastima.

Aspectos geraes do Brasil

PELO

Dr. Alberto Rangel

SOCIO EFFECTIVO DO INSTITUTO HISTORICO

ASPECTOS GERAES DO BRASIL

O TREMEDAL DO NORTE

Rapido exame dos relevos da terra, no mappa physico da America do Sul, desperta immediatamente a attenção para a colossal baixada, onde, com o aspecto ordenado das nervuras no limbo de uma folha, se apresenta o rio Amazonas e sua rêde adjacente e radiciforme de affluentes : — a mais abundante das bacias fluviaes do mundo. Como que se interrompe o massiço continental com a fauna amphibia e a vegetação de angiospermos, todas permanecentes em traços de similhança familiar ás que se atolavam nas vasas do periodo neozoico.

E', na verdade, um dos poucos espectaculos que ainda restam no mundo, dando-nos a revivescencia dos antigos dramas da formação diluvial da terra. Agassiz contou-nos a sua historia problematica e das mais pujantes — uma creação de Hesiodo com tinturas geognosticas de Elias Beaumont. O canal que scindira o bloco sul-americano fechara-se nas boccas, formando bolsa enorme, de que se fôra escapando o liquido na barragem Éste, carcomido por fim o arenito da serra de Parintins, para o despejo de hoje, no delta falso dos campos marajoaras.

O Suisso-americano, pensativo entre os blocos de grez avermelhados da serra do Ererê, leu estrias de geleiras nessa terra de fogo e constituiu as hypotheses glaciarias com a precipitação intercortada de pasmo, que hoje as sacrifica um pouco. Mas, no limiar

desta exposição seja-nos licito levantar á sua memoria honrada o sincero preito que merece o amigo do Brasil, cujo desinteresse e cultura continuaram a accentuar para a nossa terra a éra fecunda das investigações do scientificismo sem charlatanismo e sem odios.

A circunstancia geographica singular do rio Amazonas é acompanhar a linha Léste e Oéste, sob as latitudes proximas de zero; embora o parallelismo seja obtido á força de boa vontade de geographos, pois que esse rio se afasta do Equador num arco, cuja ordenada maxima deve andar por perto de cem leguas.

A faixa extrema norte e alluvionica do nosso paiz comprehende-se entre a bocca do Gurupi e o cabo de Orange, moldando-se ao longo das cristas, ao Norte das serranias guiannenses e pelos pendores das vertentes em que vão morrendo, ao Sul, as terras do massiço central, até esbarrar com a serra de Contamana, o Javari e as linhas geodesicas que cortam ao meio as bacias do Putumaio e Japurá.

A divisão politica do valle amazonico obedeceu espontaneamente á distincção do aspecto da terra. A parte baixa da bacia, até onde se deixa de sentir a pulsação diaria das marés, pertence a uma divisão territorial, e á outra, a parte oriental, á montante. São ambas região litteralmente silvatica e lá devem estar de sentinella as Nayades de Martius. Os campos do Rio Branco, do Trombetas e os «mondongos» de Marajó são tres manchas de nada. Por felicidade não a fez deserto a disposição das correntes fluviaes, cujo systema é um verdadeiro tecido de arterias, rios, furos, igarapés e paranás, tornando possivel, em todos os sentidos, o devassamento e a exploração industrial, desde o oceano até os confins inhospitos do valle. Ainda no conjuncto de maravilha hydrographica os lagos innumeraveis servem ás garças placidas, aos peixes vorazes e bem assim á providencial compensação hydrostatica, que evita os maiores damnos nos derramamentos annuaes das cheias e reprezam o pirarucú, utilizado na salga, para resolver com a mandioca ralada e torrefacta o problema da alimentação possivel e mais prompta.

Referimo-nos ao prodigio da matta grossa; ella domina e collabora na humidade reinante, que serve para augmentar a sensação do calor e precipitar as chuvas do capitulo VII do Genesis, sofferecendo aos habitantes resistencias multiplas de vida e diathese inevitaveis de morte. Realmente nella nem tudo é benigno e aproveitavel. Embaraça muito com as lianas e sapopemas, e acoita todas as penas do Purgatorio. E' uma sociedade arborea, em que parece predominarem individuos completamente extranhos ao mundo da chlorophylla e da cellula vegetal, dos corpulentos coatás aos minusculos meruins. Porque a sua aggressão de palissadas verdejantes não é tão passiva, como se poderia suppôr á primeira vista, mas se activa com a legião volante de animaes e de animalculos a seu serviço. Della investe contra o gado a sussuarana e contra o homem o anophelideo. Mesmo a constituição botanica da floresta é apenas uma apparencia de substancia industrial espessa e com excessivo valor. A primeira viga, que se talhe na primeira arvore, só por acaso será de madeira real para o solo ou para o ar. Os lenhos prestadios são raros na preamar vegetativa. E' qual oceano de aguas pobres, com algumas ilhas de coral e uns bancos de perolas, de permeio.

A itauba, a piranheira e o acapú, cuja rijeza de cerne se eterniza na corrupção breve de todo o organico, a punan, preferida para a grelha das fornalhas, por exemplo, não fórmam o embastecido dos pinheiros paranaenses nas reboladas do planalto ou o do espinheiral, requeimado e infindavel do Cariri velho. Para se construir a habitação, derrubando as ingaranas e taxiseiros ordinarios do local, tem-se que ir buscar muitas vezes quatro esteios prestadios a um dia de viagem, gastando outro tanto ao palhal mais proximo, para conseguir a cobertura... Na seara do Booz amazonico o que tomba no córte é mais joio do que trigo. Contudo, o « pau atôa,» segundo a expressão generica local, se reduzirá cada vez mais, pelas especializações dos estudos da Chimica industrial, que descobrirá valores e virtudes em certas plantas, e pela crescente exigencia das manufacturas da cellulose, que não terá muito o que rejeitar, na offerta da materia prima que lá fôr obrigada a colher.

Foi um producto nativo da Hylea que serviu mais profundamente á Geographia paraense e á amazonense. Estaria longe de o julgar aquelle padre Manuel da Esperança, quando contemplava o selvagem Cambeba brincar com a pelota elastica ou beber o cauin das ceremonias, em garrafa branda e indeformavel. Aliás, é principalmente o interesse immediato da riqueza que conduz á descoberta e ao povoamento consecutivo. E quando não ha essa riqueza, suppõem-n'a para atiçar o appetite á aventura. A fome e uma de suas formas sublimadas — a ambição, — regeram sempre as migrações, a não ser um caso politico, como o abandono dos Boers do Cabo pelo veldt transvaliano, ou o incidente religioso, como o dos puritanos sob os Stuarts, que se refugiaram na Nova Inglaterra. O estabelecimento dos povos, descidos do Pamir, foi-se incontestavelmente fazendo em busca dos *placers* do ouro, das chanaans da oliveira ou das luzernas. E' na prosaica e dura contingencia do ventre que o planeta ainda hoje é investido e rebuscado, a não ser o caso dos polos, de um ou outro pico indiano ou nascente sudaneza, dados de sobra á vaidade de heroismos, nobres ou pantafaçudos, para os alcançar com rêclamo.

Hoje, a sciencia augmentando o poder da adaptação límitou essas manobras. Em ponto pequeno assistimos agora a taes deslocamentos, no Calabrez correndo a S. Paulo e á Argentina para as colheitas do café e do trigo, e no Amarello das costas do mar do Japão, empestando a California e Iguape...

O primeiro contacto do europeu com o Amazonas foi executado pelo tenente de um Pizarro, drama de soldado, transe de inflexivel disciplina, e de negra miseria. O segundo coube a Lacondamine que, depois de medir e conhecer em Quito um arco de meridiano, resolveu fazer o mesmo ao trecho novo de nossa terra — episodio de scientista e de radiosos sentimentos sobrados á cultura da liberdade e do amor á sciencia. Remontando o rio famoso, o excellente Pedro Teixeira verificou o astronomo e academico francez. Mas a Geographia da região já havia adquirido, no simples trancurso em descida da corrente, as linhas capitaes, porque effectivamente todo o valle tem mais ou menos a physionomia

topographica, que as suas aguas traduzem. Precipitem-se estas em cascatas, viajem em torneio de sinusoide, grudadas pelo inverno no escabroso das escarpas, a terra é aspera, alcandora-se nos degraus de seus fraguedos, numa latitude temperada com altos registos altimetricos; ao contrario, as aguas se escoem nas lentidões dos remansos, encharcando as margens, com horizontes de mar morto, de verão a verão, mais diminuidas ou mais refeitas, tracta-se de um rio de planicie, vago e insidioso, fazendo na zona torrida o pantanal, e creando as pragas e os morbos paludicos.

Para o observador de hontem, como para o de hoje, o grande rio patrio não enganou ao viandante, fosse caçador de indios, colhedor de seringa, cosmographo ou regatão. A' direita e á esquerda, no scenario edenico, de que Martius nos deixou uma visão deliciosa, contou o rio a sua propria historia, resumido o facies e revelados a estructura e o regime no passar da lympha. Tomemos o mappa de Abbeville, o de Coronelli, o de Fritz ou o de Del'Isle, e a comparação é illustrativa. Compulsemos com as velhas projecções a charta do commodore Thomaz Selfridge ou outra mais moderna. Que vemos? A foz quasi tocando a linha equinocial e dilaceradas as terras no embate refluente das pororocas e vertiginoso das corredeiras, e, todo o rio em direcção geral, não longe do que é na realidade. O Madeira e o Japurá tinham em 1675 os mesmos nomes e as mesmas situações que lhes achou Costa Azevedo. A longa extensão do Amazonas foi um dos elementos para o seu conhecimento immediato. Na demora de atravessa-lo os transeuntes tinham tempo de lhe notar os pormenores e de abraçar-lhe o conjuncto immenso. A épocha das vasantes, a elevação das margens, a natureza da vegetação, o numero de ilhas, os centros de vivenda, tudo lhes prenderia a attenção na longura dos pontos a alcançar, no vagar da navegação, aguardando vento ou o desabrimento dos temporaes.

Poucos enganos seriam possiveis. A bocca dos rios é um pouco da sua configuração longitudinal, a medida da largura dálhe a importancia do curso; a da profundidade, o volume das aguas; indicam a extensão e naturalmente a riqueza dos affluentes,

a côr e o movimento do liquido ; e os destroços, que descem fluctuando, tambem definem a natureza das terras e a da vegetação marginal, raspadas nas erosões possiveis do leito e ao longo dos taludes em que deslisa a corrente. Juan de la Cosa, em 1500, inscrevia deante da projecção das boccas do Amazonas a sua nota explicativa : « Mas alta la mar que la tierra ». A impressão do nauta hispanhol traçava a charta hypsometrica da bacia, a qual não andava longe da verdade.

O Amazonas reparte quasi ao meio a zona do quaternario, do terciario e do archeano em que se aprofunda. E' mais a mediana do valle que o parallelo á linha equinocial, inventado por Elisé Reclus. Tres accidentes o characterizam na sua estructura : o pongo de Manserico peruano, o passo de Obidos e o archipelago de Marajó, brasileiros. Salta no primeiro, expreme-se no segundo e apaga-se no ultimo. Mas nesses transes elle reproduz a grandiosidade, a riqueza, os perigos e a miseria das portentosas terras que irriga. Por sua causa o homem treme nas sesões, ergue a casa sôbre estacas e perde o que plantou ; outrosim póde pescar de dentro de sua rêde, colher os fructos das vasantes colmatadas, transportar-se facilmente levando o cachorro, a mulher e os filhos, sem mais esfôrço que iscar o anzol, introduzir na praia umas sementes e esperar o terral ou dispôr a montaria no fio da corrente...

No grupo antigo do Vaticano representando o Tibre, symboliza o rio um velho rodeado de creanças. A representação do extraordinario rio brasileiro exigiria talvez a concepção de um myriapode gigantesco, dando-lhe o numero dos affluentes o distinctivo desses apteros. Com effeito, não se contou ainda, não houve paciencia para enumerar as pernas do emboá...

No lado Norte, o rio Negro destaca-se com um porte immenso. E' o chefe do bando potamographico mandado pelas serras e contrafortes em divisa da Venezuela.

O Tumuc Humac e o Aracari enviam directamente de suas vertentes, ora ao proprio Amazonas : — o Atuman, o Trombetas, o Parú e o Jari, ora, sem outra vassallagem immediatamente ao mar : — o Oiapock e a miudeza do Cassiporé, Calçoene, Amapá e

companhia. Na margem Sul, a bacia do Amazonas não adopta uma primazia. Os affluentes principaes de Oéste para Léste vão diminuindo de extensão meridiana e augmentando de importancia economica e politica. Inscrevem-se em uma harpa septicorde. O Tocantins vem de 1º Sul ao parallelo 19º Sul, inscrevendo os ultimos filetes na serra de Caiapó, no extremo de Goiaz, e o Javari brota na latitude 7º e tanto. O prolongamento da linha Beni-Javari nos daria por assim dizer o limite de uma fiada de nascentes. O Madeira, como que se encolhe, para não ultrapassar a raia geodesica desse rumo historico, refugiando-se ao longo da serra dos Parecis.

Nestes affluentes do Amazonas, porém, está o capitulo mais curioso que porventura exista na historia e evolução das industrias humanas. São os productores da borracha, os Pactolos da legenda seringueira, arriscados hoje a se mudarem em Acherontes de abandono, porque Mister Wickam arrebatou uns saccos de sementes da euphorbiacea, apanhadas, em 1875, entre o Tapajoz e o Madeira, e fe-las brotar nos hinvernaculos de Kew. Não foi tão feliz o seu patricio Sir Walter Raleigh com o sonho de Porima, regressando de mãos vasias ao collo da rainha Elizabeth e perdendo a cabeça allucinada na realidade sangrenta do patibulo, enquanto o outro a mostra, coberta de cans, á objectiva dos photographos para a moderna galeria das glorias de Albion. Ultimamente gratificaram com duas mil libras o operador da transplantação gigantesca do Eldorado para as margens do Oceano indico; nunca houve gorgeta de porte mais mofino; de pequena, a importancia faria rir a Harpagão em carne e osso.

O que a exploração da borracha nos tonteou, quebrando, até a illusão collectiva de um certo ladinismo nacional, está na crise que seria impossivel com duas ou tres medidas administrativas, decretadas logo depois que as plantinhas gommiferas de Mister Wickam avultavam nas leiras de Ceilão.

A Geographia agricola do extremo Norte, mais conscienciosa, procurando representar as grandes culturas do café, da canna, do fumo e do algodão, na graphia empolgante dos coloridos convencionaes, conduz a erros e affirma em falso. O desenhista barra

de carmim ou sepia ambas as margens do Amazonas até Tabatinga e extende-o á bocca do Gi-Paraná, pintalgando-o aqui e alli com mais ou menos verdade ou perspicacia. E' um cacau possivel. A canna merece quatro manchas pequenas. Cobre-se o Javari de uma floresta de mangabeiras peruanas!

Não se póde precisar o que é a mesma imprecisão. No grande rio fluctuam discricionariamente as balsas de capim e de nympheaceas e assim tambem o dominio e a localização especial das culturas ordinarias. Por toda parte ha o café e a canna, o tabaco e o algodão. Acolá é um campo, mais além o tabacal, ainda mais adeante o arroz e o melancial verdejam entre os milhos e os cacaus. Amanhã se póde inverter tudo isso, ou uma só capoeira nova substituir os roçados, guardando consigo o segredo do recúo e do revez. Nenhum systematismo, pois, nenhuma sequencia ou determinação exclusiva. O algodão herbaceo deixa de ser annuo para se perpetuar com capulhos em todo tempo. A mandioca perde o veneno dos tuberculos na transformação mysteriosa da terra de certas localidades. Ha socas com dezeseis cannas enormes, e as resocas se fazem, por assim dizer, por si mesmas, lavrando a succulenta gramminea como as tiriricas e os « rabos de raposa » prejudiciaes. O cajueiro em alguns mezes apparece com maturis. E na pressa e alteração das cousas, os plantios não teem regra, nem precisão de ambito lavratorio. A indicação verdadeira das culturas pelas convenções do desenho, na Amazonia, seria uma atrapalhação de rabiscos, um pontilhado que nada figurasse ou extremasse de nitido ou seguro. A não ser assim, qualquer representação intruja cria limites inexistentes, prefigura characteres incoherentes.

A Agrologia da Amazonia embaralha-se tambem e não se a poderá designar em modalidades inconvertiveis e regularizadas. Onde foi humus, nas sombras da floresta, pódem apparecer os grés dos terrenos silico-argillosos. E' questão de queimada ou de aguaceiros. Onde será baixio arenoso e imprestavel póde empolar-se, no fim de algum tempo, a vasante preciosa. Como prender aspectos que mudam? Por que sarapintar a Amazonia com dez logares de café, planta da zona torrida e humida, si em grande parte della póde

prosperar a rubiacea, que em tôrno de cada habitação fornece as bagas purpureas de seus fructos? Por que fixar a terra vegetal, que raramente encapa em definitivo o lombo das rochas terciarias?

A Agricultura methodica, como se faz no Sul do Brasil, applicada á parte septentrional, é uma experiencia de riscos serios. Os humus das terras pelladas de mattas soffrem logo uma varridela pelas chuvas torrenciaes, que immediatamente se precipitam, ciscando as lavras anneiras até ficar a marga argillosa das terras firmes, da qual as queimadas fazem um tijolo recozido. As « terras pretas » são boccados excellentes e raros, e foram o que nos deixou o indio, estrumando com os seus detrictos a séde das antigas malocas desapparecidas. O infeliz deixou-nos o que poude...

A lavoura práctica, e mais á mão, tem de durar o maximo uns seis a oito mezes. Ha de ser rotativa, comprehendendo-se assim o intervallo de uma semeadura á outra, preenchido pelo « posio » da enchente.

Nas baixas enxugadas por occasião da estiagem semestral têm de se fazer os plantios que não demorem. Não ha necessidade das carpas, e não haveria tempo para isso. O « legume » vem com presteza tal, que espigas e vagens engrandecem a olhos vistos.

Dispensa-se o arado; quando muito servirá a semeadeira mechanica, si ella não se atascar para sempre nos limos das beiradas. Outros machinismos serão trambolho, por mais que sejam rendosos nas veigas do Sena e Oise e nos cafesaes de Jaboticabal. E' portanto uma Agricultura de transitoriedade e de natio — enfiar a semente no chão gordo de azoto e de carbono, e recolher d'ahi a pouco os grãos de leguminosas e grammineas, os fructos das cucurbitaceas. O rio é como o parente egypcio, aduba e dá espaço por periodos constantes, exigindo apenas que o agricultor venha a tempo e não demore mais do que convenha, para que a elevação do nivel fluvial não afogue a verde bordadura das roças.

A criação pastoril não dispensa tambem a varzea, que a enchente inutiliza por pouco tempo. O « teso » é a montanha de encalhe salvador, no diluvio annual do Equador. Sempre e sempre a subordinação ao amphibismo do meio, nas mais variadas preoc-

cupações do homem perdido nesse igapó geographico. O que isso custa de sacrificios e de lucta nos digam os picadós apagados, as colonias esvaecidas, o esfôrço ferocissimo da Madeira e Mamoré, assentada já onde o charco amazonico se transmuta nas primeiras pedranceiras dos socalcos bolivianos...

Concentrou-se em Belém e Manaus a administração central dos Estados do extremo Norte. A civilização, tendo por detraz della o dinheiro arranjado pelo judeu exportador, organizou nesses dous fócos os melhoramentos supremos e ultra modernos das obras do porto, da luz electrica e dos exgottos. A primeira cidade constituiu-a, desde 1616, Francisco Caldeira Castello Branco, na soleira do valle; a segunda assentaram-na posteriormente no entranhado das terras que Favella fecundou a sangue, e das quaes deveria ser centro de attracção e a sentinella avançada, com o forte de Motta Falcão por origem, antes da povoação de Guilherme Valente. As cidades europeizadas tiveram a modesta origem de uma taba de indios; si lhes fosse dado a todas organizar os seus escudos, deviam espetar no timbre o kanitar dos selvagens. Em ambas o velho mundo fez adeantamentos á hydraulica e ao saneamento, junctando-as na mesma aura de progresso effectivo, enquanto os campanarios da politica local repicavam na separação absurda de interesses e na bobagem da rivalidade e inveja entre aldeões.

As outras villas e povoados têm brilhos fugazes pela alta no cacau ou na castanha, mas decaem visivelmente ao fim de mais algum tempo. A prosperidade é uma febre, acaba remittindo sem se saber porque. Na maioria dos casos o phenomeno é da mais apprehensivel das causalidades. A peste dos mandões politicos e e amphictyões eleitoraes começa por fazer da justiça pública um tapete para os pés. A tyrannia não irrita, exinane; no cynismo, na philaucia e no ridiculo não estimula um protesto, mas empobrece. O commercio retrava-se, arruinam-se os predios, esvasiam-se as praias de viração, os campos encapoeiram-se...

Os chefetes locaes são os mais responsaveis pelas ruinas de todo interior. Muitas vezes, si deixam construir, é para impor e rapinar, si consentem passar é para acorrentar mais adeante. Inca-

pazes de independencia, quasi todos sem a noção honrosa e completa do poder que exercitam, sem aquilatar dos males que podem produzir e do bem que as suas influencias conseguiriam captar, sem o conhecimento dos problemas mais capitaes de uma civilização, que pelas difficuldades de estabelecimento só poderá subsistír no regime de garantias facultadas na liberdade e na lei, elles constituem a quadrilha dos estranguladores, operando o vasio nos cofres municipaes, enquanto vão atiçando a discordia, no assalto ás urnas e no garrote ás guelas dos concidadãos... Têm por isso mais poder offensivo e despovoador que o paludismo e a leishmaniose. Nas suas mãos de Procusto esquarteja-se o cacaualista ou seringueiro, o pobre do juiz extorce-se entre o ceder ou o romper. E nestas condições, abala-se a cupola forte que poderia abrigar a todos, no solo movel das vasantes de moralidade e das terra-caïdas do character. Os potentados suicidam-se ou engordam no igapó, arrastando o futuro dos filhos ou compatriotas na intolerancia que aggride e subverte, cultivando todos os abusos do poder sem peias... Ajoelhados perante os Governadores e de vara erguida para os seus administrados ou « amigos », elles são realmente orgãos maldictos de uma organização social, que só anda escripta, agentes constitucionaes de Nihilismo, manda-chuvas de graniso nas searas que vão nascendo...

A palinodia do pessimo clima não satisfaz para explicar a marcha cruel em altos e baixos do povoamento do valle da Amazonia. Defende-se o clima megathermico com o reconhecimento da isothermia favoravel. No verão real vem o banho das chuvadas. O verão nominal corresponde á passagem do sol nos signos do inverno astronomico. As médias da temperatura oscillam na escala de uns septe graus entre 25 supportaveis e 33 excepcionaes. Os alizeos alliviam os rigores da queimada cosmica, espanando-se as ventarolas e pennachos dos palmares de Santarem, diminuindo o sopro reparador do Solimões para cima, como si fosse parando o folego de Boreas, cansado de chafurdar no tijucal da baixada. As noites refrescam pelo madrugar. Alli viver póde ser agradavel, e os testimunhos competentes de Bates, de Wallace, de Smith, e

do reverendo Durand no-lo affirmam sem nenhum constrangimento.

De resto, a questão do clima não é actualmente primordial. Os recursos da prophyllaxia e da industria têm-na collocado em plano secundario, principalmente si se comparar com os tempos primitivos, quando o homem só dispunha da pelle do bicho ou do abano de palmeira para o aquecimento ou o refrigerio. A civilização hoje se faz no Alaska, como na Senegambia, nos baixos de Sumatra como nos altos Alpes, sendo outros os motivos de attrahimento e fixação do homem, nos trechos por elle escolhidos para viver na crosta planetaria.

O clima com a sua descarga ardente faculta a immigração na Amazonia. Não a permitte, porém, a violencia por assim dizer domestica dos cabos de eleições, dos cabeças e decuriões dos partidos, feitorizando o povoador, com suas folhas de recrutamento e inscripção annual de tributos, ao sabor das preferencias pessoaes e das perseguições em globo. Mais que a lava do clima, affrontam o pêso das contribuições e o desaforo do predominio de bruteza e compressão, por parte de uns tristes regulos...

A população adventicia, habituada ás coacções sociaes e climaticas em que nasceram, disseminou-se no valle amazonico por todos os cantos. A incola já mestiça, tendo o indio sido arrasado pelo rifle, pelo defluxo ou pela bexiga, não abandonou as ilhas do Pará pelas anfractuosidades do alto Yaco. Fixou-se a seu modo cada um em seu pedaço, não se mudando os que já estavam antes da invasão.

Nos lagos do Canuman continuou o caboclo a arpoar o peixe, a campear o gado nos «lavrados» de Monte Alegre. Não se despresou cousa alguma. Ha gente no Içá, esqueletica, tiritando de febre; ha no Xapuri com bem estar e as côres da saude. O colono veio de toda parte. Da Syria é o bufarinheiro lacustre; o taverneiro é do Algarve ou Beira Alta; tal seringueiro desembarcou de Hong Konk, aquelle outro é natural de Minas. No mesmo barracão dão-se *rendez-vous* todas as raças. O indio Uaupichana trabalha com o Marselhez e o preto de Barbados; o aviador pode ser Allemão, o aviado Cearense.

Mas o nortista do Brasil é o alienigena de maior numero. A massa mameluca não subiu na transmigração de ha trinta annos a esta parte os rios da Hevea e da Castilloa ; ficou no baixo Amazonas, assistindo ao deperecimento de Gurupá, Alemquer, Silves e Urucará, colhendo uns kilos de cacau, umas barricas de castanha, entaniçando umas folhas de tabaco, flechando pirarucús e tartarugas, trocando-os pelo sal e pelas chitas vistosas das cunhamucús...

A distincção entre esses dous grupos é sobremodo interessante. Um tem resignações mussulmanas, outro tão alerta, quão desperdiçado, conta sempre com o seu esforço delirante para vencer o destino. Devolvido ao littoral pela calcinagem do sertão de Nordeste, onde a natureza lhe ensinara a cultura da esperança, elle emigrou para a Amazonia com essa unica flôr, que não lhe seccara nas ribeiras e nos campos de mimoso, pela unica razão de a trazer sempre no coração, regada por algumas lagrimas. O aventureiro passou pelo caboclo « mariscador » quasi sem o vêr. Mesmo depois não lhe deu attenção, a não ser alguns cartuchos de bala gastos com os mais selvagens. Tractou de metter as madeiras « em pique », isto é, arregimentou-as para sangra-las e começaram a orgia e os dramas funestos...

O Tapuia, á beira d'agua, nos lagos do Nhamundá ou do Careiro, tomando tento ao boiar do tambaqui, ouvia vagamente estourar o champagne nos prostibulos de Manaus ou de Belém, e nunca se aventurou a dar um passo á riqueza facil, volatilizavel e acre como a fumaça dos cocos nos boiões defumadores.

O indigena não concorreu ao corta-corta dos seringueiros. Obidos continuou a fabricar pasta de tamarindo e a preparar o chocolate, Maués a amassar e modelar o guaraná, S. Gabriel a tecer as redes de tucum e pennas, Itacoatiara, Acará e Borba a fornecer o fumo. Enquanto isso, o trafego da navegação maritima e da cabotagem augmentava, desde a carta de liberdade de 31 de Julho de 1867. O navio que descarregava em Liverpool ancorava em Iquitos ; passavam pelos redomoinhos de Marapatá a montaria de Careiro e a igarité de Solimões, a gaiola do Rio Branco e a lancha de Juruá, o paquete da Red Cross e o piroscafo da « Liguria ».

A producção do cautchuc chegou a cifras formidaveis. De 394 mil kilos em 1839-1840 alcançou exactamente 39266 toneladas em 1909. Tres quintos da borracha do mundo nos pertencia. As rendas públicas de dous Estados alcançaram parcellas memoraveis.

De repente, tudo parece ceder com a queda abstrusa nos thermometros das pautas, nas caixas do erario e dos mealheiros. Aspecto de tremedal. O physico alluvional formaria a imagem flagrante á babel dos negocios desmoronados. Na confiança do terreno, o trabalho proseguia o seu programma, talhado nas necessidades evidentes da mão de obrá extrangeira supplice á porta dos mercados da gomma elastica, quando de repente afunda o homem incauto, na surpreza do solo alçapão, tão commum em certos lameiros disfarçados numa relva asseguradora. . .

O accidente peculiar ao industrialismo moderno, febril e cheio de embustes, tal qual uma arte de prestimanos, que já nos tinha roubado o commercio do anil, dando-o á India ingleza, foi um phenomeno de maremma e de mil e uma noites, fogo fatuo e riquezas de Ali Babá. . .

A moral tremenda do fastigio e decadencia phantasticas é tambem uma licção de cousas, para que alarguemos a nossa capacidade de triumpho no respeito judicioso ao cosmopolitismo dos problemas materiaes e não nos embalemos na confiança perigosa de inconscientes e de travessos. . .

Lembrando-nos que ha precipicios attrahentes, que a esperteza ou o repouso não póde ser o apanagio ou a fortuna exclusiva de um povo e bem assim que o destino social não se estatúe em reserva de graças a filhos predilectos e mimados, daremos com isso passos mais seguros e olharemos para mais longe.

As industrias florescentes numa « economia destructiva » têm a vitalidade ameaçada dos cardiacos. E' o facto geographico, segundo as vistas de Ratzel ou Brunhes, dos mais puros e verificados. E' a lei do exgottamentto e da morte nas regiões da terra, carcomidas pela ambição e imprevidencia dos povos mal civilizados. Assignalando-as, no ponto de vista de que a terra em si é nada,

sem o concurso do animal que a habita, apontamos apenas um dos phenomenos communs e incorporados áquillo, que ultimamente se convencionou chamar : a Anthropo-geographia, a geographia humana, por cujas directrizes se desenvolveram os planos das perspectivas a que nos propomos.

SECTOR DE NORDESTE

Uma Geographia pinturesca de allegorias brindou o Brasil, comparando-o á harpa e incrustando-o num presunto. A linha que parte do cabo de S. Roque ao rio de Vicente Pinçon ajuda a marcar a abertura do angulo constituido pela direcção de Sancta Victoria do Palmar ao Acre e a Pernambuco; é justamente o arco em cujo lance characteristico se legitima a lembrança da linda imagem de Magalhães Gandavo. Transportando o centro de curvatura, no extremo Sul, ao ponto 5°W 16 S, em pleno coração do Brasil, a harpa do historiador de 1576 reduz-se á cunha de Horace Williams e Roderic Grandall, limitando a area semi-arida dos phenomenos perturbadores e dolorosos da sêcca.

A marinha, na base desse triangulo, characteriza-se por ser o lado propriamente aberto do Brasil, com o bordejar das jangadas, a intercorrencia de praias alvas onde desabrocham as Rizophoras, Hibiscus e Avicennias dos apicuns e capongas, os tanques das salinas, a espinha mal emergida de um recife e a poesia dos uteis coqueiraes da costa. Ao longo da moldura, em cotovello, do rio Real ao Gurupi, se insere o theatro do drama historico e guerreiro da resistencia e dominação de Portuguezes, Francezes, Hollandezes e Potiguares e o do tremendo esfôrço das adaptações seculares do homem mestiço no Brasil central.

A primeira observação physica incidental é que as duas serras de importancia, da Ipiapaba e a Borborema, atiram as linhas de cumiadas e chapadas normalmente á linha do oceano. Póde-se imaginar o que seria, si, em vez da posição de flechas geometricas, os referidos accidentes, com maior altura e companhia de mais porte, se puzessem parallelamente á linha das dunas do littoral.

Modificar-se-hia não só o aspecto physiographico, como tambem, em consequencia, o climatico, e mesmo o agrologico e social, no regime radicalmente differente, que então se estabeleceria. De modo geral, com a grande altitude e a posição da montanha ao lado da inflexão do mar, ficaria desmentida em termos a asserção desolada do visitador jesuita do seculo XVIII, quando affirmava : todo o sertão do Brasil é muito esteril, de pouco matto e terra desaventurada ».

As barreiras geographicas, com a vegetação hygrophila nos picos e flancos, precipitariam as chuvas, detendo os ventos que por alli costumam passar, removendo consigo para Oéste as nuvens fecundadoras, quando não as dissidam jactos repuxados de ar fervente, nascidos nas reverberações do contacto terrestre. Seria este o resultado mais importante. A natureza não o quiz assim, dando a essas terras a inclinação de despejo ao oceano e fazendo a maioria dos cerros, excavada nas mesmas direcções em alongamento que os espinhaços mestres da Orographia local e similhantes a dedos estirados, deixando passar o que a palma da mão contivesse de aproveitavel, ao sôpro escaldante dos alizeos, que evaporam a agua das cacimbas e sacodem, com as poeiras de empobrecimento da capa terrosa dos taboleiros, as sementes perniciosas do matapasto e do tingui.

O clima apresenta-se regulado segundo certa constancia, embora a temperatura ascenda de 14° do ambiente nocturno excepcional aos 57° ou mais das reverberações da areia pelas 14 horas. Em meio ás variações barometricas, e ás de humidade e de calor, que só agora começam a ser devidamente observadas em alguns postos, apparelhados ao recolhimento e registo dos dados essenciaes no estudo de taes phenomenos, tempera-se o clima com o sôpro apaziguante dos ventos geraes, a que já Ives d'Evreux attribuia « o Sceptro e o reino » d'essa parte do Brasil. Clima quente, mas sêcco, a sua sanidade está julgada. Nos fracos coefficientes da porcentagem hygrometrica e nos dous ou tres graus da oscillação thermica normal concorrem os elementos principaes de salubridade, re-

conhecida unanimemente nas opiniões de observadores, em falta das tabellas rigorosas de estatistica demographica.

A vastissima região do Nordeste brasileiro não offerece de valor, sob o poncto de vista hydrographico, sinão as lagoas e as lagunas do Poxi a Maceió, estas os depositos inexgottaveis e gordos do marisco sururú, o S. Francisco, que é o vice-rei da potamographia brasileira, e o fronteiro e raso Parnahiba.

Este é o rio de pastagens, perenne, calmo e benefico, correndo a principio entre as rochas metamorphicas, depois pelo meio das chapadas de grez nú e afinal por sôbre a areia e argilla de cobertura de velhos schistos, por onde se extendem as campinas de «agreste» e os bosques de copernicias, piassavas e buritis. Elle prefere á pompa do estuario o delta immenso, fertil dos residuos que trouxe na marcha e distribuiu em archipelago de mais de seiscentas ilhas, fabricadas no lento e terminal espraio das babugens de sua bocca. E' o constructor incansavel, amparando a costa, que á sua ilharga vai sendo carcomida e arrebatada pela torrente amazonica de compadrio com o oceano. O outro, com tres mil kilometros de curso, vem se despenhando da serra mineira, entre as escabrosidades que o encaixam; e, quando se abaixa, procurando o mar, fa-lo com a arrogancia de immensa volteadura e o fragor convulsivo de canhões de espuma nas catadupas, remoinhos e penhascos da cataracta de Paulo Affonso, para descansar de tanto fragor e jorros atordoados, de Piranhas para baixo.

Afigura-se que a falta das grandes e volumosas torrentes, no Brasil oriental, é substituida pelos innumeraveis cursos d'agua, que descem dos serrotes proximos ou das longinquas vertentes, em hemicyclo, da serra do Tiracambú ás ramificações sulistas da Borborema, pela operação que levasse os grandes e ostentosos a se substituirem, pela divisão, em humildes e pequenos. Mas a não ser no Maranhão, em que a vizinhança das grandes aguas do Tocantins e a posse do Mearim e Itapicurú e outros o dispensam de collaborar na

bacia de 362 kilometros quadrados do Parnahiba, para a qual é tão avara de affluentes, a rêde numerosa de pequenos cursos d'agua assenta no solo impenetravel de lages crystallinas ou de esponja calcarea, por suas rachas ou bolsas de evasão, de modo a ser e não ser, vivendo todos na situação precaria, que vai do gorgolar das enxurradas á extagnação das ipueiras e das poças estranguladas nos areiaes e pedregaes quartzosos dos seus leitos.

A hydrographia da região nortista é, pode-se dizer, desenhada ás pressas pelo inverno. Nos velhos sulcos do solo poeirento e pedracento a chuva escreve, de Dezembro a Junho ou de Janeiro a Maio, o capitulo risonho da fartura, dando-lhe a lympha da vida ás veias contractas e esclerosadas. Do Poti ao Acarahu, do Balsas ao Gurgueia, do Jaguaribi ao Mossoró, do Trairi ao Piranhas, do Parahiba ao Cotinguiba e ao Vasa Barris, o que impera é a physionomia singular do mais terrivel, mais vasto e mais complexo phenomeno physico da nossa terra.

O chão vulgarmente constituido por placas de schistos, lascas de quartzo e affloramento de granito ou calcareo, dentre as suas proprias decomposições, é um filtro grosso ou compacta e larga placa de cimento em derivação, não podendo reter o beneficio do que lhe mandam as invernias. E como o céo pede o alimento em retôrno das condensações, para o devolver de novo ao terreno que fertiliza e refresca, a falta de correspondencia compensativa gera, em essencia, os caprichos da estiagem no sector de Nordeste.

Os effeitos da tremenda contingencia natural manifestam-se sôbre todos os elementos vivos que alli habitam, desde a liliacea de que nos falla Gardner e que em seis dias dá a haste, a flor e a semente, para aproveitar o regalo da primeira batega, até ao rustico e heroico plantador ou guardador de gado que, de Pastos bons ao Catolé do Rocha ou ao Pilão arcado, pede á arte dos pebas ou preás a hydraulica do cavouco e vai ao poncto em que os musculos estiriçados ainda resistam e os causticos do sol lhe consintam respirar.

O mar, em face do longo contôrno da baixa sedimentação praiana, não se recorta em angras ou bahias vastas e seguras, quasi que só tem o accidente na vertical :— o banco de areia ou a rocha do recife. Dahi a falta de ancoradouros para a facilitação de cabotagem numerosa e capaz, o que já havia concorrido a que, até 1700, se fizesse pelos fundos das terras a sua exploração. Soffre a costa, com os baixios e a falta de enseadas, dos males que lhe traz a regularidade e a constituição da linha continental. Para que não se percam todas as vantagens, a tira dos recifes, negra, argamassada de carbonato de calcio e ferro, na obstrucção á navegação commercial em 1.250 milhas, faz de caniçadas de um pesqueiro. Os bandos migratorios de peixes procuram refugio na reprêza natural da muralha lithificada, rectilinea e uniforme, que erosões supervenientes escarvaram, varrendo-a de boccados menos consistentes. Si a barreira, de creação eocena e corroïda de ouriços, embalsa as areias, que atulham nos gorgulhos as barras dos rios e os portilhos dessa costa, por outro lado funda um celeiro dos mais accessiveis e fartos ás populações e offerece asylo ás barcaças desamparadas.

Os problemas da communicação e do trafico, na costa do Brasil, topam alli os maiores escolhos. Em Fortaleza com o quebra-mar Haukshaw, ageitando um fundeadouro, falliu a arte das dragas e das muralhas, oppostas ao atêrro invencivel das correntes. A bahia de S. Marcos, Tutoya, Natal, Cabedello, e Amarração constituem outros tantos themas de Hydraulica a discutir e incognitas a achar e resolver. Começaria o homem a tropeçar com impossiveis, tocando a orla costal do Brasil de Nordeste.

E' por lá que surdem no horizonte marinho os pannos tufosos das jangadas. As embarcações fragillimas combinam-se para o traço geographico d'esse Norte, onde ellas são as unicas a indicar, com os seus largos bordejos, a peculiaridade continental. E' a aprendizagem, fluctuante e em fragmentos, da audacia, habilidade e firmeza de semideuses, accidentalmente pescadores. Para se livrar dos tubarões o jangadeiro atira á popa as cabaças que distrahem o peixe, carniceiro e marruaz, ás focinhadas com o fluctuador ; perdidas as linhas coincidentes de terra, guiam-no sem

intermedio de um reticulo ou limbo do mais simples instrumento, o Setestrello, o Cruzeiro e as tres Marias... E' a pilotagem arguciosa, experiente e singela dos primeiros navegadores escandinavos ou normandos no seculo das helices e turbinas. Alencar e Juvenal Galeno não poetizaram bastante esses gaivotões da costa septentrional brasileira. O jagunço é a expressão da terra, como o jangadeiro o é do mar. Pena foi que Hugo e Gœthe não os conhecessem, dariam mais umas estrophes para os poemas divinizadores da lucta entre a natureza e o homem.

As terras littoraneas, que chegam a galgar os cem metros altimetricos, vêm do Sul, apertadas sempre entre o mar e as escarpas mais fortes do araxá, dando volta pelas encostas orientaes da Borborema e espraiando-se para Oeste dos calcareos da baixa e dilatada intumescencia do Apodi. A chapada do Araripe, com as duas camadas da serie cretacea, interpolada na cinta calcarea, a Serra Grande e o altissimo paredão da vertente Éste da Ipiapaba, quasi toda em schistos e gneiss, inda não detem a planicie, para onde a vertente Oeste, com sedimentos de arenito de permeio aos schistos e aos gneiss, desce por ladeiras ao grande espaço de suave declive e pouco accidentado, do Piauhi e Maranhão. Atirando-se, alli, para o Sul, a baixada esbarra nas fragoas em contorno á chapada das Mangabeiras, fechando-se nos contrafortes da Serra dos Coroados. E' a faixa extensissima de duas altitudes e larguras médias differentes, a da matta e a do agreste, a da capoeira e a da catinga, a da praia e a do interior, em degraus de certo modo concentricos e que terminam por alcançar as curiosas terras do alto sertão.

Juncto propriamente ao oceano, a zona nortista é argillo-arenosa, extendendo-se em varzedos, até quando começam a empolar as rochas de serrotes abruptos, com elevação maxima de 300 metros e desnudada na identidade de constituição, provavelmente quando o mar primitivo as revelou ao sol e as patenteou mais e mais subindo para o Poente, até attingir o dominio das serranias fundamentaes.

O aspecto geral d'esse territorio em patamar é o que impressionou Henri Koster — chato e descoberto; terreno dos sedimentos

terciarios e aguas subterraneas, favoravel á canna e ao tabaco, ficando especialmente o algodão e a criação para os taboleiros de meia altura, os tombadores e as collinas ondeadas, semi cobertas, no granito que as compoem, e calcareo que as sub revestem, de detrictos de erosão e decomposição em vanguarda dos flancos asperrimos e cristas achatadas das serras do sertão propriamente dicto.

Como em toda parte, a civilização se fundou e cresceu em contacto mais ou menos directo com o mar, enquanto que para dentro das terras do Norte do Brasil, intercaladas no dominio das rochas crystallinas, o habitante se foi fixando na independencia em que o impederniu o exquecimento criminoso do littoral. Estabeleceram-se as capitaes nos estuarios, á excepção de Teresina e da que fica illuminada pelo pharol do Mucuripe.

De S. Luiz a Recife e a Aracajú escalam-se á beira d'agua salsa, os centros principaes da cultura brasileira, que têm por detraz delles as provincias do flagello, o recincto de fogo do sertão e da sêcca.

Para o estabelecimento no interior, vencendo as barranceiras dos altos valles, quatro seculos fizeram o que lhes foi possivel, no movimento natural das migrações lentas, que ultrapassaram o limite da chapada Diamantina e se encontraram com os elementos mais tardios na expansão e accorridos d'aquellas bordas maritimas.

Grajahú, Parnaguá, Picos, Crato, Pombal, Petrolina e Sanct'Anna de Ipanema, estadeiados no pleno carrasco da catinga e do agreste, fundaram-se no capricho da necessidade das trocas, immanente á sociedade que se constituiu por si, vestindo o algodão que plantava, apurando o assucar das rapaduras que devorava e pitando o tabaco que preparava. A feira, com a « carne de sol », o queijo « de manteiga », a trahira sêcca e a arribação é o resultado do arraial, o estimulo da villa ou da cidade futura. Dous ou tres caminhos conhecidos trazem na sua intersecção um rancho, attrahe este outros, ha demoras no trânsito de mascates, almocreves ou comboieiros, apparecem a venda, o « copiar », o « cercado » e a latada, funda-se e palpita mais um villarejo.

Por parte do poder público, em mãos do capitão, do presidente de provincia ou do governador republicano, não se deram passos de apoio á direcção desse desenvolvimento, que só os interessava no sentido do imposto e das levas do recrutamento. Dir-se-hia porém que, livres da tutella da administração pública, os mamelucos do Norte encontraram compensações no exercicio da liberdade consolatoria á vida cruel do meio de espectativas e de resignações oppressivas. Formaram-se-lhes com essa renúncia as qualidades innegaveis de energia e ao mesmo tempo as de acceitação de certa disciplina, impondo-lhes a sujeição obsediante aos caprichos e violencias do meio, em que vivem desamparados e aperreados.

A sua Moral tem as irregularidades de infracções devidas ao olvido e ao desleixo com que se os fulminou. São incapazes de negar pouso e bem assim agua para beber, cultivando no entretanto todas as fórmas da vingança e uma certa improbidade, com as fintas no commercio e o furto dos cavallos. . . A tanto os levam a excellencia da indole e o desgarre de abandonados. . .

Typo estupendo de original, por sua vivacidade, pelos transes da formação ethnica e pela fôrça de vontade imperecivel, que o reveste, o Brasil não produziu, no seu povo, nenhum mais interessante. Ao character da alma juncta o da compleição physica, com o segredo das grandes tensões elasticas e repentinas. E' um magro, todo em contractilidades de borracha, tendo ao mesmo tempo a indepressão do bronze. Salta para cima do quartáo das vaquejadas e rompe com as perneiras e o gibão de couro pelo chique-chique e palmatorias do cerradão, de tal modo incolume e veloz, que nada lhes tem a invejar os lagartos, correndo entre as macambiras e quipás da catinga.

Accusam-se as maneiras e as fórmas do espirito do homem, ao passo que se deixam as vizinhanças do mar, onde o mundo se nivela no intercambio dos productos. Nas terras progressivamente altas se lhe accentua a singularidade com as de uma flora tropophyta, nascida e propagada nas inconstancias da Meteorologia sem piedade e sem leis.

Na organização assimilavel a planta tem recursos extremos de viver no humido e no sêcco, si não dispara todos os elementos de organização, ao galope do cyclo de funcções completas, no espaço de alguns dias, apenas caia o chuveiro propicio. Aquellas são as especies leguminosas, arborescentes, lenhosas e permanentes, estas as herbaceas e periodicas. As Cactaceas e Bromeliaceas, xerophilas por excellencia, prosperam mesmo no calcareo crystallizado, os mofumbos e oiticicas crescem nos terrenos de alluvião, as carnaubeiras utilissimas farfalham pelas baixadas frescas dos ipús. Nas colonias das catingas associam-se os vegetaes resistentes ás Grammineas e Cyperaceas instantaneas. Mas o taboleiro, onde os arbustos hamadryadicos cravam as raizes, troca muitas vezes a seccura de pedreira pela humidade dos brejões. O vegetal continúa, armado das aptidões de um Protheu. Diminue os foliolos e os poros, espessa o tecido de cellulas do cerne, e as pelliculas fendilhadas da epiderme tomam a expressão de infermo. No esfôrço tenacissimo de supprimir todos os orgãos de evaporação, as juremas, os favelleiros e cardeiros despem-se de folhas, o imbuseiro e outros conservam quanto possivel as copas verdachas. As quixabeiras, os pereiros e por ultimo os joazeiros dão a grata illusão de ilhas de primavera, immarcessiveis nas combustões das lages, do pedregulho e do areial; os grãos das hygrophilas, desapparecidos na queima, guardam a vida latente em germinabilidade espantosa.

No rigor prolongado do verão o homem tambem continúa. O gado muge com sêde, correndo á fumaça dos facheiros. As folhas rigidas do joá ou então os chique-chique e mandacarús succulentos e chamuscados sustentam as derradeiras boiadas; o mel silvestre alimenta o pastor insistente. O boi acaba com a focinheira sanguinolenta e com as orelhas em lategos, de colher a comida nos espinhos. O sertanejo, opilado e lamuriento, extrahe a gomma do « pau de mocó » e esmóe a raiz da mucunan, sarmentosa que o envenena. As abelhas zoam nas cacimbas, as pombas de arribação abatem-se aos milhões e os morcegos pullulam, inanindo as rezes...

Retarda-se o sertanejo. Aguarda para além do equinocio de Março os aguaceiros providentes, temporaneos, e tardinheiros. Elle está certo que naquella terra rapada e triste ha de correr o manná da Biblia. E' a sua tradição desde 1710–1711, a primeira estiagem que affligiu os avós. O momento chegará, porém, em que o omnipotente contraregra ha de transformar o scenario. E si tardar, é porque hade o fazer mais depressa, razão para elle aguardar o sumptuoso decorar de Flora na magia da Abundancia. Na inconstancia dos sexos dir-se-hia predisporem-se os fundamentos paradoxaes da attracção reciproca; assim para a inconstancia perigosa e empolgante dessas devezas de inferno e paraiso. . .

De Janeiro em deante o sertanejo inspecciona os horizontes, horas a fio, feito um gageiro de insania numa galera em chammas. Desenrola-se o nimbus, é a « nuvem de chapéo » ; o cumulus se agiganta, é a «nuvem de torre». E nos desenhos de capricho vaporoso e aereo compõe-se a miragem das promessas, alicerça-se a esperança dos seus pobres dias...

Afinal, na insistencia do ceu limpo e varrido de rajadas, o homem foge. De ha muito se calaram os gritos retinintes das seriemas...

E' a odysséa da fome, cujo horror não se exprime, os bandos esgazeados de uma humanidade em ossos, reproduzindo a scena da expulsão pelo anjo com a espada de fogo. Somente, o par edenico apparece multiplicado, no bando sinistro de esqueletos esmolando. . .

De Beaurepaire Rohan ao engenheiro Revy, de Capanema a Arrojado Lisboa, compendiando-se as hypotheses mais razoaveis e as medidas mais prácticas, quanto juizo de valor e remedios aproveitaveis, dando todos a idéa da complexidade virtual do caso, enredado no seio de forças materiaes e no reflexo de questões moraes!

O terreno peneira sôbre o impermeavel e o profundo das rochas crystallinas ou calcareas, em declive perpetuo, e o regime anemometrico, que é a varridela constante de Éste, alimenta no fundo a disposição sahariana d'esse grande boccado de patria brasileira.

Mas, secundando a acção dos ventos e a conformação geologica, o homem tem collaborado na obra do deserto, derrubando as mattas e queimando-as, desenvolvendo os gados sem medida, nem regra de estabulação.

A arvore é condensador e chamariz de humidade, que chupa nas raizes e attrahe para a atmosphera, nas officinas chlorophylleanas das ramagens. Destrui-la é concorrer para a temivel adustez do solo, sabem-no todos. O dente do caprino é tambem um dos causadores mais notaveis da mingua vegetativa. A extensão dos rebanhos deste ruminante tornou as regiões ferteis da Africa do Norte conhecida tira de ruinas. O Arabe, pastoreando o gado miudo e voraz, apagou todos os traços da cultura de Roma. Mais tarde, viria o Turcomano pirata completar a obra do Beduino. A industria do « courinho », que tanto anima o commercio do interior, corrige felizmente a proliferação do animal, pela carencia e venda de sua propria pelle ás manufacturas extrangeiras.

A barragem nos valles, topographica e geologicamente dispostos a accolherem a agua das rapidas chuvas da região, e a regularem á fôrça de entrincheiramentos transversaes ou lateraes, o precipitoso estuar das torrentes nas ravinas, demoraria o liquido o mais possivel na sua marcha de carreira e conserva-lo-hia para que servisse com mais proveito ás evaporações necessarias e ás regas indispensaveis, que novo Zoroastro sanctificasse para os tempos magros. A denudação do solo pelos ventos crescentes e fortes poderia ir sendo melhorada, com a vegetação psammophila e os renques de Eucaliptus ou grupos de outras essencias egualmente adaptaveis, conforme o lembrou Alberto Löefgren.

Já as vias ferreas se inclinam pelo valle do Itapicurú, e de Fortaleza para o Sul, procurando por Quixeramobim o oasis de fabulosa productividade dos Cariris Novos; no rumo Oeste, a locomotiva entranha-se de Crateús em demanda de Teresina, de Taipú a Caicó, de Pesqueira a Triumpho, devendo correr um dia entre Mossoró e Cajazeiras, e de Pilar a Propriá.

Na penetração de paz proseguir-se-ha com a sábia e cautelosissima politica de trilhos e dormentes, assentados somente segundo

as linhas precisas e mais curtas da captação e do fomento da riqueza nacional, taes como as que já ligam o Recife a Pesqueira e Garanhuns, Camocim ao Poti, Porangaba ao Iguatú...

A acção do poder público entre nós perdeu-se mais em contar votos ou surripia-los e em recompensar dedicações eleitoraes, do que se applicou em enfrentar a serio o grandioso problema nacional. Os dinheiros publicos de 1825 a 1909, empregados contra a sêcca, passaram como a « cabeça d'agua » das enchentes repentinas ; não impediram a variola e o exodo, a consumpção e a miseria, nem deixaram grande cousa de util no sólo destroçado de seu rapido caminho.

Tacteando soluções, o Govêrno, depois de gastar na ternura aprazente as suas munificencias estereis, correu o exaggerado e dispendiosissimo paredão do Quixadá, tentou com fiasco acerbo a perfuração arteziana e enriqueceu intermediarios e compadres com a farinha ao retirante. Era pouco e inutil, ephemero e vergonhoso. O delineio do programma de estudos solidos, o desenvolvimento das communicações, a demonstração de novos processos de lavoura, com a experimentação dos campos e o ensino ambulante, a tentativa efficaz e systematica da reflorestagem e da açudagem começam apenas a ser iniciados, entre as custosas complicações de uma administração chineza e o favoritismo, que multiplica os dispendios e demora os resultados.

Affligidos pela calamidade nove Estados da Federação, é interessante notar, que entram elles francamente na exportação do paiz com elevadas parcellas. Na infermidade não se lhes paralysam totalmente os braços. Soffrem, mas produzem. Couros, maniçoba ou mangabeira, carnaúba, fumo, algodão e assucar, montam nos diagrammas da exportação em columnas animantes de maxima. Nelles nem tudo é esturricamanto e sólo amaldiçoado. Os valles do Itapicurù e do Mearim, o baixo Turiassú e o Parnahiba são terras de excellente lavradio, as margens do alto Canindé e do Poti espraiam-se em savanas, onde pastam manadas innumeraveis, imperando os maniçobaes da serra dos Mattões, o de Curimatan, as alluviões do baixo Jaguaribe, o valle do Acarahu, a chapada do Icó

e os Cariris Novos são de fertilidade pasmosa. Nas praias do Assú e Mossoró o sal enriquece o explorador, a região do Seridó produz o algodão de mais preço do Brasil; nos valles do Potengi, do Ceará, do Parahiba do Norte, ás margens dos rios Capiberibe, Ipojuca, Serinhahem, Una, Mundahú, Sergipe, e Piauhi, a canna é a lavoura dos prodigios.

A fortuna dessas circunscripções politicas está presa ás medidas de modificabilidade, já suffragadas pelo bom senso nacional. A práctica secular e as conquistas da sciencia e da industria moderna dão-se as mãos para considerar soluvel em grande parte o enigma do Nordeste. Effectuando as contas de balanço dos recursos dessa longa faixa, tão mal fadada nas quotas médias da immensa fecundez do sólo brasileiro, e, ao mesmo tempo, assignalando a situação das populações de sertanejos, que não cansam, nem desanimam na sua teima de apêgo ao solo ingrato que os seduz, avaliem-se as responsabilidades do Brasil de hoje e do que segue para deante, nas dobras do futuro nebuloso e carregado de gravames. A grande missão das nacionalidades hodiernas vem a ser tambem oppôr a civilização aos males cosmologicos, o genio humano ás aggressões terrestres.

Repitamos sempre, que a questão da sêcca não é simplesmente um facto meteorico, não é dependente exclusiva de depressões baricas, de pêcas ou fartas consignações udometricas, psychricas ou thermometricas. O problema é social, confinando com os vexames de circunstancias planetarias.

A estrada bem orientada, a replanta obrigatoria, o ensino racional da cultura agricola e pastoril em novos moldes, o desenvolvimento da açudagem pública e particular, a abertura de poços e canaes a policia e a lei corrigindo o malfeitor, concertariam o desastre de tal situação.

O cangaceiro é mais o artista da desforra e o amador do crime que o profissional da coragem, sendo capaz de mandar a bala do trabuco ás costas do inimigo e de applicar a pimenta num supplicio vergonhoso, de reclamar a bolsa do fazendeiro e de offender a uma creança, de sustentar a quadrilha e de exhaurir o municipio,

Esse typo é quasi sempre o instrumento de rivalidades e partidarismo, serventuario do odio, official de diligencias da vindicta. Desastrosas noções, com o nome emprestado de honra e dignidade, instinctos miseraveis servem-se desses elementos, acoroçoam-n'os e defendem-n'os. A's represalias tremem as cidades, o juiz regressa espavorido. E' a instituição infame e virulenta do salteador e da tocaia, peiorando a fome e exacerbando a sêcca... Romanticos modernos pediam o ABC para cerrar as portas das prisões, contentarmo-nos-hiamos que fechasse no Norte as tendas de ferreiro e atasse as mãos aos alfagemes da Pedra Tapada e da serra da Palmeira.

Com a educação conveniente, o sertanejo abandonaria a crueza de desvios sociaes, o fatalismo mussulmano, a credulidade infantil, o desleixo selvagem que lhe enchem a cabeça de sonhos de Pharaó e lhe fazem exquecer as parabolas do Evangelho. Arregimentar-se-hiam melhor os exforços maravilhosos de sua constancia, não vivendo mais ao acaso das nuvens que chofram a miseria ou a fartura, um anno por outro. Elle havia de assentar a existencia nas precauções da prudencia com os objectos e determinações positivas das noções ruraes verdadeiras e mais em voga, sentindo-a garantida na tranquillidade de direitos communs, reciprocamente respeitados.

As forragens seriam fenadas com cuidado. Não se quebraria pedra inutilmente, abrindo poços que a mais simples inspecção geognostica garante não poderem fornecer liquido algum, ou em condições de potabilidade, consumindo-se portanto a paciencia, os bens e o tempo de maneira obstinada e céga. Deixando intactas as essencias de porte e cautamente substituindo as que fosse obrigado a cortar, resguardando-as egualmente do fogo e do machado, como já o entendia Bobadella, delimentando outrosim os campos e evitando as queimas, para onde o nosso patricio erguesse o braço aproveitaria o golpe, para onde lançasse o olhar remediaria alguma cousa.

Não lhe haviam de impressionar a «pauta» com o demonio, nem a acção cachectica e regressiva dos quebrantos. A lua poderia ficar vermelha e a candeia bruxolear, sem que isso o inquietasse mais.

As baixas crendices de covardia e de illusão jamais perturbariam o sartanejo, amesquinhando-o ou revoltando-o. Deixaria as pedrinhas de sal, acompanhando as informações da Meteorologia official; não confiaria a rezadores os bernes e os outros males do gado, indo ao veterinario que lhe ficasse mais ao pé.

A secca perderia grande parte dos seus horrores. O monstro poeirento e caustico chegaria, sendo porém colhido e decepado, a meio da soalheira e das catingas, pela previdencia do homem, que não desperdiçasse trabalho, nem confiasse em imprevistos do « Deus dará... » O canto enorme da nossa patria não oscillaria mais entre as phrases um tanto isochronas da penuria collectiva, lavrada e oppressiva no despotismo da infanda politicagem e nas manchas de sangue do banditismo catingueiro. Kirchoff escreveu uma verdadeira legenda para o frontão das terras do Nordeste do Brasil: « cada terra pertence áquelle que melhor sabe aproveita-la e com maior bravura sabe defende-la ». Que as gerações futuras, estudando a geographia do Nordeste brasileiro, não se entristeçam mais com as opposições victoriosas da Natureza á pobre larva humana, limitada, até hontem, a lhe espiar a carranca de madrasta e a lhe offertar o coração de filho!

A CORDILHEIRA MARITIMA

A civilização effectiva e o povoamento mais denso do Brasil acham-se assignalados segundo um longo e extraordinario realce, no maior entalhe de sua estructura orogenica: — a Serra Geral. A barreira monumental, com os estratos inclinados de Léste a Oéste, tem a orientação da costa-sudoéste, como para a precisar no mesmo fuso horario, a reforços de pincaros altissimos e de temerosas gargantas. A sua situação marginiforme veio no entretanto servir de entrave ao accesso dos planaltos interiores. Até hoje, os mais serios problemas da viação pública no Brasil, tracejada segundo as exigencias da planimetria e do nivelamento, nasceram no embate do engenheiro dando golpes de nivel sôbre as escarpas violentas das vertentes orientaes da cordilheira maritima. E onde esta, com os fortes

angulos de inclinação, mais se approxima do Atlantico, é quando a posição tropical melhora e a terra, do Paraiba ao Jaguarão, garante sem discussões o exito da immigração extrangeira, a exploração dos mineraes e a prosperidade agricola, de modo a encaixar esse trecho de nossa Patria nos « paizes de Humanidade », a que Bruhnes magistralmente se refere.

Na verdade, o obstaculo ao pé de Chanaan obrigou ao tunnel da Central, ao cabo da « Ingleza », ao viaducto da « Paraná » e á cremalheira da Leopoldina. D'ahi a barranceira maritima pesar na economia nacional, aggravando o trafego com as difficuldades da construcção e da conservação. A rocha laurenciana do systema de montanhas, avistadas do oceano, deu-nos a paizagem estupenda da serra dos Orgãos, os panoramas do Scheid e do Pico do Diabo, e concorre poderosamente á quantidade regular das precipitações aquosas ; mas, a sua massa formidavel e quasi a pique obstrue e onera o commercio e a industria com uma verdadeira sobre-taxa nas tarifas, nascida nas complicações da terra-plenagem em pedra viva, no custeio de obras de arte e no grande desenvolvimento dos traçados, segundo a maxima declividade admittida entre pontos distinctos, por altas differenças de nivel. A descida para Noroeste, em cujas rampas successivas se alimentam e correm o Paranahiba, o Grande, o Tieté, o Paranapanema e o Iguassú, compensa até certo poncto os inconvenientes verticaes da face marinha. Tal disposição facilitou a entrada perquisitiva do sertão. A agua corrente parecia realizar um milagre, fugindo do oceano para dentro do territorio. A epopéa bandeirante só poude ter o desenvolvimento rapido, a que chegou, por causa da constituição das correntes que disparavam, arrastando balsas e pirogas para o mysterio do rumo á primeira vista absurdo. Resultou, portanto, que nós conhecessemos mais depressa estar o paredão enorme a excitar o transcurso da cupidez, e, para além delle o valle, do Paraná, do S. Francisco e o do Paraguai lhe offerecendo todas as margens e bocainas para a incursão aventureira.

A serrania, que ora nos occupa a attenção, appareceu na historia americana em momento de suprema solennidade : — annúncio

de um mundo, balisa da Descoberta, quando surgiu aos olhos do anciado tripulante da caravella de Cabral, confirmando os avisos dos « botelhos » e « fura-buchos », de que nos falla Vaz Caminha, ficando o accidente denominado, por piedosa coincidencia de calendario, o monte Paschoal. Assim se designou no topo norte da cordilheira uma de suas pontas avançadas.

As contravertentes da serra do Mar não têm a vegetação luxuriante e nem accusam a ingremidade de Leste. A selva magestosa das terras tropicaes espessa-se pelo acclive externo das encostas maritimas, intromettendo os lategos dos cipós e cravando a bastida dos troncos pelos valles a dentro, na cercadura theatral das correntes fluviaes.

A zona phytologica da cordilheira maritima, pelo menos até o parallelo 30° Sul, é hirsuta e lenhosa. Mas a vegetação acanhada e rala espalha-se no declive interior, entremeada á da steppe platina, confirmando o pinheiro, filho da Mantiqueira e já senhor da paizagem de S. Paulo meridional, as benignidades do clima temperado em que elle abre as folhas aciculares, pelo meio dos capões paranaenses.

Commandando a hydrographia de quatorze bacias, emitte a serra geral as ramificações gigantescas de grande relevo e cujos indices altimetricos se elevam dos 38 metros do morrote, onde assenta a villa de Itaguahi, passando pelos 804 da serra da Estrella, e 1.500 metros da serra da Graciosa aos 2.946 do píco da Bandeira, o maximum de perfil das mais altas cotas da orographia do Brasil.

A Mantiqueira, com o pico dominador — Agulhas Negras do Itatiaia — filia-se á identica formação antediluviana da serra do Mar, parodiando-lhe a direcção até o morro do Lopo. E' outra ossatura ampla, adaptada na solda de mesma hora, quando foi da fundição do bloco primitivo Pelos seus altos címos passam tres fronteiras politicas, dominando outrosim a historia das primeiras entradas dos sertanistas, caminho do Tieté e Parahiba. Esse systema parte da Cantareira á serra do Pinmhi, architectando os planaltos e ribanceiras em que Mínas

se estiraça e reclina, escondendo os thesouros subterraneos de seu reino encantado.

Formando topes alcantilados ou innumeros planaltos e dividindo as aguas, desde o Uruguai até á bocca do S. Francisco, desde o Paraná ao Jequitinhonha, a saliencia da longa cordilheira marinha incorpora ao dominio de suas linhas magestosas o melhor dos patrimonios,— aquelle em que figuram de eixos rectangulares, na epura do nosso progresso, a Estrada de Ferro Noroeste e a S. Paulo-Rio Grande.

Abarcando quasi todo o baixo S. Francisco, a Bahia recebe a cordilheira maritima pela serra dos Aimorés, dissolvendo-se-lhe o nome e o aspecto seguido nos immensos contrafortes e espigões que embasam a chapada Diamantina, de cujas encostas nascem os pequenos affluentes do S. Francisco e os que se lançam directamente para Occidente, como sejam o Itapicurú, o Paraguassú e o rio de Contas. O porte geographico destes cursos d'agua mostra perfeitamente que a serra geral, inflictindo em ramificações de Sul para Leste, perde acima do parallelo 16° a sua importancia de contingencia repressiva á formação e ao despejo desenvolvido das immensas torrentes fluviaes, que desemboccam pela costa norte do Brasil.

O Espirito Sancto aperta-se entre a cadeia maritima e os alagadiços da foz do rio Doce, unico rio que consegue atravessar a barra de cumes da cordilheira; serviu de primeira estrada á descoberta de Minas; os outros se reduzem a medir a baixada littoranea nas trinta leguas transversaes.

O Parahiba, na sua compridez de 950 kilometros, é um teimoso serrano. Nasce nas ribanceiras paulistas, onde se altera o diorito constitucional no grez ferruginoso, tão propicio ás lavouras, e cresce agarrado ás asperezas montarases, até que em S. Fidelis se despede das alturas de 1.600 metros do nascedouro, pela baixada assucareira de Campos e S. João da Barra. Contorcem-no as declividades por onde desce da elevada serra da Bocaina, talvez a dez leguas desse mesmo littoral, onde vai morrer, depois que começa a correr francamente para o Sul, dando volta no tropico, para

retomar a direcção Nordeste, banhando as terras de tres Estados.

Nenhum rio mais de grande importancia, até ás lagunas e sambaqueis do extremo Rio Grande, avulta no littoral sulista, opprimido pelas vertentes orientaes da serra do Mar, a não ser a ribeira de Iguape e o Itajahi. Quando o Jacuhi desce dentre Cruz Alta e Passo Fundo para a lagoa dos Patos e o Ibicui com elle se entesta, equiparados ambos nas distancias e arranjos dos percursos, na curiosa symmetria de posições reciprocas, em bacias tão diversas, a cordilheira está a se rebaixar e fundir nas devesas uruguaias de Maldonado.

A região costeira meridional, como que adivinhando o valor das terras que cinta, é a dos grandes portos do Brasil. A bahia de Todos os Sanctos, medindo 70 kilometros de diametro, é o formoso e immenso fundeadouro onde as sementes, deixadas em 1530 pela esquadra de Martim Affonso, deviam prosperar sobremaneira, com a Bahia « murada e torreada » por Thomé de Sousa.

O porto de Victoria revela-se a mais notavel das vinte angras que da Bahia ao Rio se cisalham na costa. A linda curva, ornada de caprichosa moldura de penhascos, sôbre um dos quaes faz de vedeta o convento de Franciscanos, guarda as tradições do Jesuita, dos Tupininquins e do Hollandez, começando a ser actualmente o desaguadouro da producção do Este mineiro, do Norte fluminense e da producção capixaba.

A bahia do Rio de Janeiro, entre bordas serreadas ou abahuladas de gneiss, é a maravilha dioramica decantada de Gabriel Soares a Mouchez e a Clemenceau e a qual, arroubando a inspiração de Manuel Porto Alegre, o fez pedir cem lyras e reclamar cem vozes para o hymno que a louvasse. Nella Varnhagen encontrou a reproducção do Brasil, a cujos contornos se sobrepõe, reduzindo-se escalas e invertendo posições de planos geometraes, em jôgo de innocente puzzle. Fausto de Sousa redigiu-lhe a chronica, o rol das particularidades physicas e apostillou as referencias dithyrambicas dos poetas, navegantes e sabios que a gabaram,

contemplando-a mesmo de soslaio, na sua luz, vegetação e relevos sumptuosissimos.

Santos é o ancoradouro seguro e franco da fortuna de S. Paulo, o emporio do transito cafeeiro. De antiga cidade vasosa e malsan, fundada por necessidades da fazenda de Braz Cubas e erguida na independencia da jurisdicção de Martins Namorado, a nossa capacidade technica e a coragem do futuro fizeram a metropole de hoje, corrigida das inconveniencias do lamarão por soberbo caes e drenos de saneamento.

Paranaguá é a vasta bahia de tres entradas, inutilizando-se na areia de bancos esparcellados, sacrificada pelos baixos alagadiços que a infectam e pelos rios que a estragam.

O porto de Sancta Catharina é um duplo sacco de fundo communicante, na vaga forma de gererê de pesca. A ilha e o continente collaboram, approximando-se a quatrocentos metros um do outro no grandioso fundeadouro, requestado pela sanha de inimigos, nas conflagrações externas ou internas, de d. Pedro Ceballos a Floriano Feixoto.

Rio Grande é o ancoradouro attingivel por entre areias, que se concertam e apinham a pêso de ouro, ao Norte dos baixios naufragosos do Albardão, eriçados de mastros e carenas perdidas.

Ao expirar do seculo XVII a Geographia politica do Brasil soffreu o deslocamento do seu fóco principal, mudando-lhe perpetuamente a face e consagrando a nova phase da evolução do Brasil. E' que urgidos por motivos de defesa, segundo as razões de Pombal, coincidiam os ciumes e pretenções, nas fronteiras do Prata, com os motivos profundos, latentes e geraes da expansão consummada e recompensada de Oéste. Chancellou-se pela intercallação da capital, a meia distancia dos extremos da cordilheira maritima, o primado hegemonico do Sul por suas qualidades de absorvedor facil e em primeira mão das correntes accentuadas na formação progressiva da fortuna pública. O padrão de Christovam Jacques em S. Salvador não poderá ser removido da Historia; porém, a Bahia ficou apenas com o usofructo honroso do

preestabelecimento colonial da civilização, de que não poude promover de perto as fontes e a sobrecarga.

Subordinada espontaneamente aos vagos dictames e predestinações da incursão sertanista, creou-se em 1532 a feitoria de S. Vicente, de que Santos começou a ser o melhor porto, para crescer e devora-la mais tarde. Pelos fins do seculo XVII, accentuado o bandeirismo que dilatara os seus inqueritos e despojamentos até ás missões hispanholas do Guaïra e ás vizinhanças do parallelo 6º, mais necessario se tornou subir o planalto, em fiscalização ás conquistas dos Paulistanos terra a dentro. A cidade de S. Paulo ergueu-se, não como estabelecimento de guerra, mas tal qual um marco de alliança entre o gentio de Piratininga e a missão do Jesuita. No Sul do Brasil aliás a maior parte dos brazões das cidades podiam metter no campo dos seus escudos a insignia dos filhos de Loyola, J. H. S.; influencia sacerdotal, que no Norte se divide entre o Franciscano, o Carmelita e o Dominicano.

As cabanas da aldeiola paulista de 1681 foram varridas pelas vastas construcções de taipa, que lá encontrou Pedro I em 1822, e as quaes anda a substituir o cimento armado de 1913. O seu progresso vertiginoso desdobrou-se do connubio das terras roxas com a energia intelligente, que celebrara em tres seculos de primeîras iniciativas as grandes empresas da perseverança e da coragem, as quaes ainda não soubemos compendiar para o catechismo manual de nossos filhos.

Curitiba, no local, segundo a tradição, indicado pelos olhos de certa imagem da Virgem, foi um pouso de mineradores paulistas, que penetrando pela cordilheira acima transpuzeram pelo meio das araucarias e de vegetação mofina os sedimentos devoneanos e carboniferos do « campos geraes » e as rochas trappeanas dos sertões de Guarapuava, reproduzindo-se alli o que se dera em S. Paulo, pois que Paranaguá e S. Vicente estavam no patamar da escada, de que Villa Velha e Curitiba foram os degraus correspondentes ao de Sancto André e de S. Paulo. Ayres de Casal tractou S. Paulo de mediocre, Paranaguá de

consideravel e Curitiba de consideravel e famosa. A adjectivação qualificativa do geographo teria hoje que soffrer transposições forçadas....

Ainda o Jesuita e o Vicentista, acamaradados em 1651, fundaram Desterro, hoje Florianopolis. Drama sangrento de piratas deu-lhe o collapso do abandono, até que, com a interrupção de quasi um seculo, a civilização retomou os direitos de abastecimento e prosperidade, prendendo os definitivamente ao magnifico posto na costa occidental da ilha de Sancta Catharina.

A invasão paulistana intrometteu-se no continente em face, continuando as arremettidas celebres, depredando as « reducções » do alto Paraná. Enquanto isso, se congregaram na povoação do Estreito alguns degredados e ilhéos portuguezes, tendo mais tarde se mudado para o outro lado do canal, onde se fundou e se manteve a cidade do Rio Grande. A ameaça ao Hispanhol foi obrigando a internação ao Sul, nos areiaes da laguna riograndense, e ao estabelecimento a Oéste de Viamão e Porto Alegre, destinada em 1773 a centro administrativo e politico dessas terras sobresaltadas pelo Castelhano. Durou vinte e tres annos a triplice creação urbana; indicaram-na a prudencia e firmeza ante os perigos da soberania em cheque, que alli substituira os impulsos da faiscação nas catas do minereo, pelos instinctos constructores e alarmados da defesa.

No progresso economico do Brasil a Serra do Mar, etiquetando a grande agricultura e os triumphos liberaes e evolutivos de nosso paiz, faz o papel de um eixo de rotação. Em tôrno della gyram as maiores parcellas da importação e no sentido do verdadeiro caminho do sol, balança a grande producção do café e dos minereos, a dos cereaes, a do tabaco e a da industria pecuaria — gadaria e couros. Escapam-lhe na Bahia somente as areias monaziticas, o cacau e o oleo das baleias. Por ella passam no Espirito Sancto o café e as madeiras, caminho ao oceano, não só varando as corredeiras do Rio Doce e Itapemirim, mas alimentando o trafico de 550 kilometros de vias ferreas, que beiram ou transpõem a serra.

O Rio de Janeiro, sendo o grande reservatorio de forças hydraulicas, de que simples barragem fez da capital do paiz, do dia

para a noite, um fóco eternal de industria, contrabalança na ostentosa fartura de hulha branca a meia esterilidade e o parcial abandono de grande parte do valle do Parahiba, cujos productos se escoam ainda assim atravez da serra, pela Barra do Pirahi e Petropolis, Nova Friburgo e Macahé.

Em S. Paulo todas as forças de cultura unica, desenvolvida apenas ha uns 40 annos, lhe deram o sceptro do monopolio, empachando os mercados com a superproducção lamentavel. A terra privilegiada, nos fastos do Brasil, pelo papel dominante desde os primeiros movimentos de occupação do solo, até os ultimos acontecimentos da politica nacional, engasta-se quasi a meia distancia por 480 kilometros entre os extremos da serra maritima, que do Bananal ao Apiahi está sob sua competencia administrativa particular. Pela vertente Oéste, em declinio para as aguas do rio Paraná, extende-se o sólo abençoado de S. Paulo. Nos valles da Ribeira e do alto Paranápanema está o massapé apropriado á cultura da canna; nos valles do baixo Paranapanema, ao longo do Tieté e Mogiguassú as milagrosas terras roxas, com que o café sonhou. Pelo tempo do braço escravo era o Parahiba o rio paradisiaco, o Euphrates das senzalas, com Taubaté por metropole; hoje na direcção de Noroéste são varios os centros da lavoura colossal, que para compensar o estacionamento de Itú e a decadencia de Sorocaba, já prepara Baurú a rivalizar com Botucatú, tal como Ribeirão Preto disputa as primazias de Campinas.

A marcha no mercado da rubiacea tem um assignalamento perfeitamente geographico, podendo-se aquilatar da expansão do povoamento pela formidavel plantação de 439 milhões de pés de café, dentro de uma decada, a qual entranhou acceleradamente, na deanteira do sertão, Barretos, S. José do Rio Preto, Baurú, Campos Novos do Paranapanema e a rêde de viação ferrea, que investe á americana o barbarismo da bugrada e o ermo feraz dos sertões de Oéste.

E' toda a massa dessa producção paulistana que, como a dos Estados vizinhos, se despenha annualmente pelas vertentes orientaes da Serra do Mar, num unico ponto do seu divortium

aquarum, na cota de 955^{m}, nesse Cubatão famigero de panorama e de antigas proezas de quilombolas, pelo qual se atiram ao solo nacional as maiores levas espontaneas ou subsidiadas da immigração, se rechupou em 1911 a importação no valor de 13 milhões sterlinos e se escachoou no mesmo anno os 48 % de todo o commercio exterior do Brasil!

No Paraná o pinho e o matte são colhidos, desde os mais longinquos limites dos campos de Ivahi, até os mais proximos de Piaraquara, para serem retirados pelos quinze tunneis, em contorno do Marumbi e abertos em rochas crystallinas, da Borda do Campo a Morretes.

Em Sancta Catharina prosperam as pequenas industrias e a plantação da Musa e dos cereaes; exprimindo Joinville, Blumenau e Nova Trento a actividade da colonização em meio que lhe é evidentemente propicio; mas ahi a serra maritima scinde o Estado em duas partes industrialmente incommunicaveis, enquanto não se puxar de S. Bento, Blumenau, S. José ou Tubarão os ramaes que hão de se entroncar nos trilhos da S. Paulo-Rio Grande. Em Serra abaixo o solo catharineta, cortado de pequenas estradas carreteiras, emergiu de successivas vasantes que o espraiam em trechos areientos e brejosos, enquanto mais ao Norte, em S. Sebastião, o mar bate directamente a rocha altanada e nua. Na estreitura da baixada, a « Sociedade Hanseatica » espalha e methodiza a seu modo, sob inspirações e apalpamentos da Allemanha, os nucleos coloniaes do Estado. O isolamento geographico e temporizado dos planaltos de Oeste, onde prevalecem os frios attrahentes da Suabia ou Pomerania, tem obstado nessa faixa o investimento do Teuto...

Ainda os ultimos esporões da cordilheira maritima se radicam ás coxilhas terminaes do Brasil, região rica de pastagens e de mineraes, de carvão do Candiota ás agatas do Taquari, dos porphyros do Herval ao ouro de Caçapava. Tres feições esbatem-se na topographia dessa terra. Empolam-se e marcham as dunas por um littoral despido e vario, insidioso á navegação, com o seu gado « quitoca », e os seus varaes de bagre sêcco; a banda da serra avulta

com a selvatiqueza das encostas cheias de vegetação e cobertas de geada; e os campos extendem-se a perder de vista para o Norte, Este e Sul do planalto, onde Passo Fundo, Cruz Alta e Caxias assentam as fundações proeminentes. O rio Uruguai, reconhecido ao seu berço, o que tem-nos custado bastante caro, concedeu-nos um pouco do ar da savana platina. E' a campina interminavel, cortada de sangas e bolhosa de coxilhas, a herbacea campanha rio-grandense, onde os mattagaes de cima da serra se delem nalguns capões esparsos nos jerivás, umbús e butiás das canhadas e descambadas gaúchas. Repletas de rebanhos, não tanto como nos tempos em que o homem abatia a rez, só para lhe churrasquear uma costella, desenrola-se o descampado para o Occidente e o Sul dos campos da Vaccaria, indo defrontar com a Argentina, na região das antigas Missões: — S. Borja, Itaqui e Uruguaiana, e com a Republica Oriental, nas planuras do Quarahi e Jaguarão. Os limites com o Uruguai não têm a distincção de alveo unico e profundo, o traço a meio no correr de uma bacia, a crista separativa de affluentes; é a fronteira de acaso, que parece ter-se fechado em jôgo de empurra, fixando-se no primeiro galho encontrado da rio Uruguai e da Lagoa-Mirim, quando se deslocavam as linhas de separação luso-hispanhola para aquém ou para além, ao sabor das lanças da peonada inquieta em paragens taes.

Nesse angulo de linhas fronteiriças assentaram-se com o tratado de 1851, o de 26 de Maio de 1826, a decisão de 5 de Fevereiro de 1895 e o acto de 11 de Maio de 1910 as acquisições da arbitragem, das guerras e das cessões de favor, com as provocações da Colonia do Sacramento e os recúos da margem, que Pedro o Crú imaginara talvez, e com razão, poder rematar as conquistas de Martim Affonso, e reparar-lhe a falta commettida no regresso do parallelo 35°.

Ao Sul dos hervaes, extendidos na faixa entre o Lageado e Piratini, os campos de criação esparzem-se longamente, creando acolá com o xarque e o chimarrão os costumes do pampa e a alma do gaúcho.

Aviventando a campina, o cavallo no Sul é a arma dos disturbios, enquanto que no Norte é o elemento geral e exclusivo da

paz e do trabalho. Empregados no pastorejo das manadas, o campeão guasca dispara nos rodeios, espalhando as « bolas », colhendo o laço aos pealos, enquanto o sertanejo, no « agreste », fura nos taboleiros o entrançado das catingas. Os centauros distinguem-se em dous meios diversos, o do sarandi e o do carnaubal, exercitados na mesma industria, com historias bem differentes, porque um faz a batalha e o outro a vaquejada. Nos lhanos da fronteira é o projectil de pêso nos entreveros da carga, age pela massa, coauctor do sangue na conquista e na defesa ; no sertão é o emittidor veloz do individuo, efficaz pelo isolamento que lhe favorece a varação do obstaculo, sendo o instrumento fundamental e obscuro da rotina campeira e da correspondencia pacifica. Dir-se-hia extremar no mesmo quadrupede a violencia guerreira do lanceiro e do potro e o serviço incruento do pastor encourado dos carrascos e do seu quartão, entrando a Geographia para explicar as disposições diversas, pelos motivos politicos e physicos que trocariam as almas dos cavalleiros, permutando as situações territoriaes respectivas com identico animal. No Estado de S. Pedro do Rio Grande do Sul tambem desce grande parte do gado e os cereaes por Bagé e pela garganta de Sancta Maria, no centro do Estado e no entroncamento de vias ferreas de Norte, Sul e Oéste que nesses pontos ganham a planicie enveredando para o Guahiba e a Lagoa dos Patos.

A cordilheira maritima é portanto aspiradora e vasadora de riqueza, tendo na economia nacional a culminancia por ella imposta ao conjuncto da Orographia brasileira.

O Capricornio e a linha longitudinal, divisora de escarpas, repartem em quatro zonas de médias climatericas diversas as regiões dominadas pela Serra do Mar. Em geral os geographos distinguem exclusivamente o clima da região maritima da do interior pela uniformidade, grandes evaporações e altas observadas na columna pluviometrica. Considerando somente as duas bandas territoriaes, comprehendidas pelo littoral e pela escadaria dos planaltos, exquecem o Tropico, quando esta serie de pontos de tangencia solar mette na mesothermia preponderante os grandes afastamentos, em média de 30°,

entre as temperaturas ordinarias do verão e do inverno na mesma costa, de Cannavieiras ao extremo meridional do Brasil.

Os alizeos, espiralados da zona de alta pressão dentre a Trindade, Sancta Helena e Tristão da Cunha, continuam do Norte até ao Rio de Janeiro na aeração methodica, moderando as furias estivaes, enquanto que pelo inverno o vento terrenho roda geralmente para os quadrantes de Sudeste ou Sudoeste.

Comprehende-se que nada é mais difficil do que precisar médias no jôgo de alternativas momentaneas dos phenomenos meteorologicos, passados na consideravel superficie geographica, onde a cada passo muda a physionomia topographica, e a atmosphera é, em principio, constantemente sujeita a influencias as mais tenues e complexas.

A Serra Geral entra no clima qual um regulador da maxima importancia ; as suas disposições especiaes, em comprimento e largura, em relação ao mar e á escala das altitudes, a maior ou menor inclinação dos flancos e os aspectos superficiaes cooperam sem dúvida alguma nos phenomenos de humidade absoluta ou relativa, de pressão atmospherica, de direcção e força dos ventos, da nebulosidade e carga de chuvas, cujos valores fugitivos e instaveis ainda não puderam ser presos dentro de limites que os hão de definir algum dia. O uranographo Liais, engenhoso e probo, fez um esfôrço de formulação respeitavel. A obra do meteorologo, porém, está ainda para ser revista e completada. Mas, como quer que seja, na parte Sul do Brasil, cortada e distinguida pela Serra do Mar, o clima é o da zona temperada, ficando entre os rigores do sol bahiano e do minuano do pampa, os quaes justamente castigam as extremidades da grandiosa serie de quebradas costeiras.

No mappa geothermico de Koppen, a zona isothermica subtropical passando pelo Brasil affecta a forma de um olhal, onde abotoasse o colchete da cordilheira maritima.

As condições do clima que desabotoa as camelias em Petropolis e amadurece egualmente os milhos da baixada do Macacú, o trigo e centeio do Irati e o arroz de Cananéa, são as mais favoraveis á saúde, começando a desmoralizar-se a proclamação de

insalubridade, com que, nos centros de emigração da Europa, se badalava a finados a partida do trabalhador da Polonia ou da Andaluzia, do Alemtejo ou da Lombardia em procura dos terreiros de café de S. Carlos, dos pinhaes curitibanos, dos arvoredos do Itajahi, das collinas do Jacuhi ou das lezirias do Taquari.

Com a adaptabilidade á fixação das populações que extravasavam do resto do mundo, offerece a faixa brasileira, por onde irrompe a cadeia magestosa da Serra do Mar, as mais solidas garantias do bello futuro da nação. Já historicamente nella se demarcava o Brasil, franca e rapidamente assimilavel e forte das seivas de subsolo, agricolas e ruraes. O estado do presente não faz sinão confirmar as disposições transactas e predeterminadas.

Com effeito, a colonização extrangeira alli se tem estabelecido com o melhor exito. Izabel, Nova Europa, Nova Hamburgo ou Garibaldi e dezenas de outros nucleos demonstram-n'o á saciedade. Ergue, porém, a serrania, maritima nos horizontes de nossa integridade e unidade ethnica algumas nuvens de terror. Mettidos nos socalcos da cordilheira ou á vista dos seus pincaros o allemão, o polonez e o italiano têm assentado as tendas de commercio ou as lavras de cereaes, excitando a curiosidade de sociologos, a benevolencia de philosophos ou a prevenção de jornalistas. Indiscutivelmente o germano se tem mostrado menos disposto á incorporação brasileira, procurando reagir pela cultura da lingua e das sociedades de tiro á avalanche de influxos de dissolução, que hão de actuar necessariamente sôbre elle, corrompendo-lhe o bloco das idéas, do sangue e dos costumes, importados com as malas e as trouxas de recemchegados de terceira classe.

O charivari orgulhoso e estrondiante da maioria dos publicistas teutões açulados pela mais precaria das soberanias não abandona o tom francamente intumescido e bellicoso, que deve alarmar todos os povos: — « nem uma Hansa arria mais, desanimada, a bandeira, porque a seus feitos gloriosos falta a segurança da protecção do imperio. Uma fôrça crescente de encouraçados sob o pavilhão nacional da Allemanha protege nossa marinha mercante

em todos os mares, presta seu braço protector até na ultima plaga a toda empresa de cidadãos allemães dentro e fora de nosso protectorado». São palavras traduzidas do apocalypse, em que a aguia bicephala dos Hohenzollern, crispando as garras, deita fogo e fumo pelos olhos, ameaçando céos e terras...

Ora, os vindiços de tres seculos de Historia brasileira investiram pelas montanhas, guahibas e pedraes dos nossos cursos d'agua, fundindo-se na mestiçagem de tres raças; o exotico de hoje tenta apenas crear industrialmente excepções sociaes, por esforços da politica imperialista, que é o agente das grandes transmutações geographicas na ruptura dos diques economicos. O commercio do néo-phenicio nem tudo poderá fazer além de collocar aqui e alli tecidos ou ferragens, bonecas de Nuremberg ou canhões de Krupp. Entretanto não convirá deixar á simples acção da natureza as reacções contra o Pangermanismo na sua radiação de empresas anonymas de extraterritorialidade; as nossas vigilancia e reflexão communs indicam a therapeutica do *similia*, concorrendo á propaganda no mesmo terreno da eschola de primeiras lettras e da de recrutas, que é por onde o Russo, o Teuto ou o Calabrez podem tentar conservar, reproduzir ou reforçar atravez dos mares a semente extranha que representam.

O Brasil assistindo impassivel ás tentativas de além Rheno, do Tibre ou de Tokio, commette um attentado geographico. E' a attitude das mais criminosas do paiz não guardar o interior das fronteiras de modo a salvar o patrimonio das raças, cuja fusão accentuada e geral não admitte as velleidades dos nucleos impermixtos que, em troca de alguma agricultura ou manufactura, nos offendem profundamente, tentando liquidar pela sonsa a soberania brasileira e quebrar immediatamente pelo verbo a fôrça imperecivel e a mais typica de nossa unidade fundamental.

Além do problema gravissimo, em que se attenta na paz contra as nossas fôrças íntimas de cohesão e subsistencia nacional, outro não menos perturbador suggere a cordilheira maritima, de suas atalaias mais meridionaes, e se envolve nas lugubres possibilidades da guerra. Um dente de terras, de Corrientes ao salto da Victoria na

sondagem do intestino do Brasil, intromette-se por Sancta Catharina, mordendo as fronteiras do Iguassú, Sancto Antonio e Peperi-Guassú. Ha pouco tempo, os estrategistas francezes, esmiuçando as condições technicas e rigorosas da defesa ao Norte dos Vosges, repararam que de Trèves, sem maior opposição, poderia partir o raio da concentração alleman sôbre os muros de Paris. Chamaram ao ponto de ruptura, mascarado pela ficção politica do principio de independencia de um Grão-Ducado, *la trouée du Luxembourg*. Nós tambem a temos ainda mais escancarada. Situa-se entre um affluente do Paraná e o Uruguai; é a aberta de Palmas. Tres colonias militares arruinadas guardam o flanco ameaçado. Enfiando por elle contornará o invasor provavel a resistencia rio-grandense e, sem os incommodos do rompimento contra o neutro, metter-se-ha a cavallaria abundante do inimigo entre S. Paulo e o Rio Grande, liquidando o confiado estrategismo da via-ferrea, dividindo as nossas fôrças nas linhas frageis de longas communicações terrestres, para alcançar afinal a costa entre S. Francisco a Tubarão, base de operações ás manobras da esquadra, que do Prata viesse ameaçar o Rio.

Dolorosos themas penduram-se nas fraldas da Serra do Mar. No Norte ha theses propriamente industriaes, borracha, assucar ou algodão que vender, e agua que armazenar; no Sul ha interrogações e ameaças mil vezes mais ponderosas. Voltado para a successão de montanhas, azuladas na distancia e na confiança dos que dormitam em suas abas, o Brasil tem de nellas assentar o mangrulho de observador desconfiado. Chaga de difficil cura está a se abrir no flanco do Brasil, podendo sobrevir terrivel hemorrhagia, justamente por onde certa liberalidade economica o deixa respirar por outro lado. A raça é uma expressão da patria, e esta é antes de tudo expressão geographica. Os nevoeiros das montanhas escandinavas crearam as mythologias trovejantes de combates e guerreiros; os da nossa cordilheira encobrirão apenas o que mais cedo ou mais tarde nos poderá surprehender e affrontar, sem que haja remedio que cure, sem que haja solução que honre...

E' doloroso, mas absolutamente necessario, lembrar taes conjuncturas. Não ha conveniencias possiveis perante a Geographia e

a Historia, a Logica e os designios plausiveis de outras fatalidades. Pedir a tripulantes de barco que exqueçam os escolhos á proa, que não se emocionem com o fogo no porão e nem estremeçam com a idéa de abalroamentos e explosões provaveis, é exigir um pouco além do que pode a resignação a mais fria e a mais diplomatica. A vida das nacionalidades garante-se na livre funcção e intangibilidade de nodulos geographicos melindrosissimos. Toda patria digna e prudente, pelo menos enquanto não se regerar o universo, é um circulo de armas, tendo por centro susceptivel feixe de prevenções potenciaes... Si as melhores assim se dispõem, urge não exquecer o exemplo.

A idéa da lucta nas fronteiras, com filiações historicas as mais recentes, e o medo de absorpção interna, num paiz necessariamente fadado ao imprevisto e arriscado factor progressista da colonização podem ser dous conceitos falsos e um par de visualidades. Nem por isso devemos deixar de pensar nas fórmas bruscas ou lentas de modificações geographicas e de transformação social, de que o mundo anda por toda parte adoentado. Em plena effervescencia da riqueza economica proseguida bem ou mal, conforme as exigencias do programma universal, em que, segundo Ferrero, a quantidade se disputa á qualidade, não nos exqueçamos nunca da independencia intangivel e da inteireza physica do territorio. Cogitação de vida, com os attributos indeleveis e ciosos de patria e raça, é já razão internacional para existir e evoluir.

Cita-se que os Persas costumavam ter a miragem de linda montanha ao approximar-se o crepusculo do razo das planuras; e que essa imagem os seguia por toda parte, era o « talisman» nacional. A nossa cordilheira maritima não sendo creação de nomades, mas uma solida e rude formação prozoica e eruptiva, póde ter o mesmo officio da montanha sagrada e protectora. Não se a absterja dos espantalhos da guerra e da colonização. Filhas do zêlo e do carinho pela nacionalidade, questão de amor proprio collectivo e imperterrito, as invenções do patriotismo são ainda e sempre patriotismo.

Perlongando a costa Sul do Brasil, e attonitos ante a grandeza da serrania continental, não fiquem tambem indifferentes ao

geographo os baixios dos Abrolhos e o rochedo da Trindade. Annunciam aquelles o grupo de cinco ilhas estereis, numa das quaes fuzila um pharol, situadas a trinta milhas de Caravellas e a dezeseis milhas dos recifes de formação corallina. A Trindade é enorme rochedo de tufo vulcanico, perdido no isolamento e murmurejo das vagas do oceano, tendo por companhia mais proxima tres ilhéos ainda mais inabordaveis, alcantilados e aridos, chamados de Martim Vaz.

E' a Trindade a nossa unica flôr marinha, a esparzir o pollen constante de legendas. Na realidade é uma toca de crustaceos, um ninho de estercorarios, tendo a historia obscurissima e contradictoria de todas as ilhas mysteriosas. Distante e pouco accessivel e fóra de mão aos velleiros ou paquetes, nas rotas de Nordeste ou Sudoeste, nada lhe falta ao interesse que deve despertar a sua propria indecisão de ponto perdido em horizontes remotos. Couto de piratas, entreposto de contrabando, forte lusitano e objecto de cupidez de marinheiros inglezes, para a emersão de cabos submarinos e o guindaste do deposito de carvão, teve o poder de fazer vibrar ha pouco melindres os mais justos, ensinando o exanime Portugal ao leopardo, que recolheu as unhas, uma licção de Historia e de Moral internacional. Passado o que, voltou a fabulosa ilhota a estremecer o sebastianismo dos thesouros, subjacente á alma de miseros herdeiros dos argonautas portuguezes dos seculos XV e XVI.

Os conhecidos parceis e a rocha de João da Nova estão ao largo da terra. Considerando o perigo de certas colonizações infusiveis, e a falsa ou superficial fraternização com vizinhos, certo symbolismo desprende-se da situação dos baixios e ilhéos no mar costeiro, uns mais proximos e outro mais remoto, dir-se-hiam a traição e a illusão, lembrados nos accidentes da Geographia patria, cada qual mais expressivo, nos arredores e em face da barreira gigante e verde da cordilheira maritima...

AS TERRAS CENTRAES

Depois de sufficientemente amadurecidos na experiencia de quatro seculos, quando de modo espontaneo se formou a noção integral de nossos destinos e se completou o conhecimento e posse dos lineamentos geographicos fundamentaes, julgamos azado citar, na ultima remodelagem das instituições politicas, a necessidade de dar séde á capital da Republica no planalto central do Brasil.

O acto legislativo, além de estabelecer á face do mundo e especialmente da sociedade occidental, um compromisso e um problema, na complexidade espantosa da execução, que não será para nossos dias, alertaria as esperanças de todo um povo, si na tela das opiniões nacionaes houvesse certa homogeneidade e firmeza de directriz, impondo ao conjuncto a disciplina das cooperações prescientes.

O facto é que a idéa de mudança de fóco á administração geral do paiz não surdiu no capricho e tresloucamento de parlamentares, por um jôrro de phantasia tropical no jacobinismo de occasião. Na verdade, abusamos das idéas novas, exquecendo a nossa bagagem de antigos ideaes. Mas, de vez em quando, a tradição tem a fôrça de romper com os desdens e os prejuizos do presente, consagrando um altar ás velhas aspirações.

Em 1808 o « Correio Brasiliense » apontava as cabeceiras do S. Francisco para a nova séde da capital do Brasil; em 1821, o govêrno de S. Paulo approvava a mudança idealizada, e em 1834 Varnhagen propunha-a, visitando o local alvitrado. O estupendo anhelo da capital no sertão filia-se portanto historicamente ao velho pensamento de patriotas, que se fundamentavam em razões de defesa e nas linhas de attracção e convergencia de mais campo, em tôrno dos muros da metropole, que se erguesse no alto seio do chapadão central. Aliás seria objectivo harmonioso, e sobretudo organico, dispôr o nucleo justamente ao meio do protoplasma em substancia da vasta cellula geographico-politica...

A cidade ideal assentava na chamada « ilha brasilica », que se define com a disposição regular, em elevadas altitudes médias, das

terras centraes, escoriadas por acções meteoricas, principalmente hydrologicas, e as quaes se chapam entre a serra dos Parecis, Aguapehi, Tapirapuan, Amambahi, Caiapó e as do Espigão mestre, fechando o circuito do massiço continental as ravinas septentrionaes, rampadas na denúncia do valle amazonico.

Na cinta da superficie, comprehendida entre os parallelos 15° 20' e 16° 10' ficou assentada a area de reserva entre os grandes arcos espheroidaes, de polo a polo, que interseccionam ao Oriente as cabeceiras do rio Preto, as cercanias de Formosa, e ao Occidente as proximidades de Pyrenopolis e as nascentes do rio dos Patos. Um accidente geographico, dos mais importantes, assignala para a chorographia do Brasil a necessaria limitação politica da cidade futura : — os cinco picos dos Pyreneus. No córte transversal pelos quatro Estados da federação e segundo o parallelo 15° 48' S, um desses vertices irrompe isolado, architectando-se nas resistencias do itacolomito e nas fraquezas do micaschisto, á acção alterante de meteoros, que o diminuiram da pretenção de sua topeteira culminante, por longo tempo radicada entre os geographos.

Essas elevadas montanhas, que se internam francamente para Oéste, conservando em geral as mesmas cotas de nivelamento, destacam-se da mais interessante e recta das cordilheiras nacionaes : — o Espigão mestre. Este, que tantas vezes serviu de base nas visadas dos antigos bandeirantes, ainda é esgalho da Mantiqueira, penetrando o sertão por uns dous mil kilometros, na direcção meridiana, e offerecendo, ao Occidente, a feição militar de verdadeiras cortinas abaluartadas. As bacias do Paraná, do São Francisco, do Paranahiba, do Tocantins e do Araguaia conformam-se ás denudações e solevamentos da chapada, cuja raiz mais accusada e mais ampla é essa cordilheira longigoiana.

Inçado de difficuldades é o caminho de precisar em minudencias o aspecto géo-topologico das regiões centraes do Brasil. N'ellas se tropeça com grande numero de problemas, para a resolução dos quaes faltam quasi sempre os dados verdadeiros da observação pessoal e directa, e o raciocinio, por mais crystallino ou mais subtil, não é bastante.

Muito foi na verdade que se tivessem já varrido de nosso atlas as creações phantasticas da Serra das Vertentes, a da nascente do Paraguai na cabeceira do Sete Lagoas, a do auge altimetrico dos Pyreneus e a praga das montanhas graphicas, crespas de alcantis por declineas, representadas de arbitrio no intuito de encher o vasio de curvas de nivel, colhidas por clinometros phantasticos e apertadas entre thalwegs distinctos, como aquellas, por exemplo, que scindiram o Brasil pelo meio, com o enfeite de charpa Léste Oéste, em serie de altanadas encostas de vertentes mentirosas, respectivamente lançadas para os lados do Prata e do Amazonas.

O geographo não pode effectuar ainda no ambito do Brasil central a marcha clara, desassombrada e segura. A stadia, o goniometro e o aneroide não mediram tudo, nem os olhos do geologo e paleontologista perscrutaram as formações geomorphicas ou geogenicas dessas terras desertas. Eshwegue e Saint Hilaire, d'Orbigny e Castelnau, Pohl e Stein, Lacerda e Leverger, Hartt e Derby não conseguiram exclarecer totalmente o antro ou responder satisfactoriamente á esphynge. Ha qualquer cousa da desorganização do cahos ou da indecisão dos limbos nesse mundo — o mais antigo na historia da terra, a acreditar nas hypotheses de Gerber ou de Peter Lund; tendo os 2.635 kilometros da recente exploração telegraphica do coronel Rondon apenas adeantado mais alguma cousa, no inventario secular das pesquizas de travez á medulla do grosso tronco do Brasil.

Desvendado para a rodagem pivotante e vindoura do machinismo governamental e para os dominios de ataque ás incognitas da Geographia de nossa casa, encruadas nas asperezas remotas do sertão, esse ponto de Goiaz foi demarcado pelos theodolitos e chronometros, bussolas e podometros do integro e laborioso dr. Luiz Cruls com seus valorosos companheiros, na missão de 1892; servir-nos-ha agora, ás referencias de horizonte, no immenso circulo de terras a visitar, de arremêsso pelas regiões que se encravam entre as bacias do Amazonas, do S. Francisco, do Paraná e do Paraguai.

Centrados a 1.385 metros de altitude, nos Pyreneus, entre os valles profundos e cobertos de bosques e pastagens, esquartelemos o escudo do Brasil pelos oito rumos principaes da agulha magnetica e sigamos do Septentrião, orientados no sentido da contagem directa dos azimuths, os accidentes e aspectos mais decisivos de Goiaz, Minas e Matto Grosso, as terras da polpa, ermans e convizinhas no massiço nacional.

Direito ao Norte da posição, subordinada aos raios da descripção circunjacente, antolha-se a chapada dos Veadeiros e a região dos campos e alagados, nos altos planaltos de grez e schistos argillosos, onde se estiram o Araguaia e o Tocantins. O Tocantins é o rio das preciosidades, segundo James Orton, descendo, entre povoados extinctos, á cota o, do nivel de 1200 metros, á razão de dous metros por myriametro. Julgam-no differentemente, achando-o doentio e pobre ou sadio e opulento, segundo as occurrencias sobrevindas nos trechos franqueados a seus navegantes. Respiradouro commercial de Goiaz, se-lo-ha mais amplo e desentravado, quando os trilhos ladearem a obstrucção das vinte e septe cachoeiras dentre Alcobaça e S. João do Araguaia, poupando aos barqueiros grande parte dos perigos e do tempo, na odysséa fluvial, por seis mezes de viagem de ida e regresso ao porto de Belém, a varejão, a gancho, a remo, a sirga e a septos de baeta contra os borrifos das cataractas.

E' voltado para a margem esquerda do Tocantins, entre as nascentes do rio do Somno e as do Maranhão, que o Espigão mestre se ergue com as escarpas aprumadas, na muralha heterogenea de areia, argilla e micashisto, do qual o coronel Cunha Mattos nos deixou a pittoresca descripção. Denominações várias accompanham a cordilheira, que segue para o Sul em busca das chapadas dos Couros e de S. Marcos, toda ella em divisa flagrante e natural do Estado de Goiaz com os da Bahia e Minas.

Noroesteando da alcandora, no alto cimo goiano, penetra-se no sertão de Minas, deparando-se com os affluentes da margem esquerda, e o proprio S. Francisco precipitando-se dentre montanhas

reveladas por denudações millenarias, ao longo das valleiras, que dragas subtis vão excavando...

Para E'ste d'aquelle sitio e mirante imaginario, seguem-se os terrenos ondulados e pantanosos, cobertos de buriti e macaúbas, por onde pararam indecisos os primeiros sertanistas. Januaria, Paracatú e Pirapora indicam a região, a que a Estrada de Ferro Central do Brasil acabou de dar certa animação commercial. Nasce o sol por detrás da serra das Almas, filiada ao chapadão bahiano, que separa o Paraguassú, o Contas e o Pardo do S. Francisco; e a aurora ainda abraza o divisor das aguas do Pardo e Jequitinhonha. E' o « Éste » mineiro e diamantino, com Theophilo Ottoni, Arassuahi e Peçanha de permeio.

Visando para Sudéste da estação central, escolhida num artificio de topographo, collimam-se ainda entre a serra da Canastra e a da Matta da Corda, o S. Francisco e o rio das Velhas, o massiço de Ouro Preto e o do Caraça e bem assim as nascentes do rio Doce, tocando nas alturas de Barbacena as divisas da Mantiqueira e da serra do Espinhaço. Attinge-se a « zona do campo », distinctiva em Minas pelo aspecto desmoitado, possança e variedade de jazidas. Promptamente se reconhece o circulo alteroso de picos e lombadas de serra, a confusão das anticlineas no coalho de itacolumito e itabirito, amontoados nas eras plutonicas, e dos numerosos grotões e sumidouros de formação cretacea, dentre o S. Francisco e o rio das Velhas. Foi nas terras nitrosas dessas bolsas de infiltração que o dr. Lund encontrou as ossadas, com que ensinou á culta Europa as maravilhosas licções de Prehistoria americana. O Dinamarquez alli resignou os gosos tranquillos da Jutlandia, trocando-os pelo exilio voluntario nas cavernas tropicaes da Lagoa Sancta. O estelita da sciencia, indifferente a outros interesses, que lhe pareceram cada vez mais passageiros e frivolos, buscou a pilastra de calcareo, onde pudesse meditar até á morte, perante as curiosas concreções e velhas peças de esqueletos de vertebrados, sôbre os problemas do terciario e quaternario. O simples pormenor physiographico determinou o admiravel movimento de consciencia, representado na fria e tocante abnegação

do sabio, fechado num fojo, para illustrar o mundo, decifrando *in loco* os mysterios da Speleologia e da Paleontologia brasileiras.

Na companhia ferrifera de Caeté, Sancta Luzia, Sabará, Septe Lagoas, Itabira e Marianna, está bello Horizonte. A cidade de hontem dispõe a planta em xadrez previsto, num antigo potreiro, delimitado nos arredores das serranias de Ouro Preto, abandonado successivamente pelos faiscadores coloniaes e pelos orgãos superiores do Governo republicano. A nova capital mineira é obra de um jacto, por habilidade de financistas, politicos, engenheiros e architectos. Tem a historia breve das operações de bolsa e do trabalho de agrimensores e mesteireis, que construiram a galope os jardins de Semiramis sôbre as brechas de um erario. Suas ruas e praças, corridas a cordel e a nivel, são um marco de tempos novos. Não conviria á Minas leiteira e agricola de hoje ter por significativa capital uma grupiara extincta. As ladeiras escuras e nevoentas da antiga Villa Rica é que se enchem de échos cada vez mais tristes. Castelnau encontrou-a com oito mil habitantes, tendo na vespera 20 mil. Esboroavam-se já então as suas vivendas historicas. Mais fundos agora deverão andar pela casa dos Contos os suspiros de Claudio Manuel da Costa e pela casa de Marilia os de Gonzaga... Talvez um dia os carunchos, ou outros iconoclastas de mais porte, destruam as esculpturas do Aleijadinho, ficando somente *ubi solitudinem facient* o espectro de Tiradentes, a junctar nas ruinas os membros esquartejados...

Para mais além é a tira da « matta », o primeiro andar das terras mineiras, recostado á Mantiqueira e aos rapidos do Parahiba, com os centros industriaes e agricolas de Juiz de Fóra e Cataguazes.

Avizinha-se-lhe a mais alta e velha séde da civilização mineira, S. João d'El Rei, Lavras e Campanha, bordada pelo Sapucahi e alto Rio Crande.

Rodando para o Sul do vertice, tomado nos Pyreneus, a terra soergue-se, apparentando com as bordas alcantiladas das chapadas regularmente humidas e ferteis a montanha seguida e ampla. Por tal região avançará a linha ferrea, que do Catalão hade alcançar

a cidade de Goiaz e ligará entre si Pyrenopolis, Bonfim, Ipameri e outras. Em 1672 passou por esse sertão o Paulista que demandava terras do Piauhi e do Pará, antecedendo os dous Bartholomeu Bueno. O Paranahiba, que nasce no arraial mineiro do Carmo, atravessa-se fazendo a fronteira de Minas Geraes e de Goiaz, e bem assim o rio Grande, que separa por sua vez Minas de S. Paulo. Entre estes dous rios dilata-se o chapadão de Uberaba e Monte Alegre, o « Triangulo mineiro », onde o augito porphyritico relembra a actividade vulcanica que o traçou.

Para Sudoeste da ponta pyreneica apparecem as cidades de Jaraguá e de Goiaz, as margens diamantiferas do rio Claro e Caiapó e o divisor de aguas entre os affluentes do Paranahiba e as ultimas radiculas do rio Grande, no angulo formado pela serra Sellada e pelo Caiapó. Prolongando-se ainda o caminhamento desse azimuth, alcançam-se as terras do Amambahi, serra que se desenrola entre os rios Paraná e Paraguai, e a fronteira que se apoia no salto das Septe Quedas e se desenvolve por todo o rio Apa, nos pantanos da Bahia Negra e na lagoa do Xaraes. E' nessa linha de chavascaes que Corumbá se ergue sôbre calcareo negro, onde vegetam agaves, embaúbas e cactos, olhando os campos, as serras e banhados de trez nações.

Levando para o Occidente a observação radiada dos cimos goianos, seguir-se-ha por uma chapada de grez que vai baixando, e por onde se suspeitam vestigios de remotos cataclysmos e vasam as correntes iniciaes do Araguaia, do rio Grande e do Vermelho, ao longo de plainos das chapadas, cujas barreiras limitantes a Oeste são mais velhas que os Andes. Topar-se-hão nessa linha de rumo, mais para além, as cidades de Matto-Grosso, Cuiabá e S. Luiz de Caceres. Esta é o centro do commercio matto-grossense, de que o rio Paraguai, baixando as aguas, suspende temporariamente as grandes pulsações da vida. Nasceu para alentar a marcha communicante entre as capitaes de Matto-Grosso. Cuiabá levantou-se das roças do aventureiro paulistano, que seguia as pegadas de Anhanguera. Bastou que apparecessem pepitas de ouro para se arraigarem, ao lado das mandiocas, as choupanas do primeiro

estabelecimento nos fins do seculo XVII. O garimpo construiu o burgo á borda da chapada central, sôbre camas de schistos argillosos, pardos, vermelhos e de grossos blocos de quartzo branco. Rodrigo Cesar de Meneses iniciava o anno de 1727, em Cuiabá, erguendo o pelourinho e elegendo os juizes da villa recem-inaugurada. Cidade desde 1818, a sua existencia é repousada sôbre a piçarra revolvida de antigas minerações. Nas taipas e adoubes da edificação, tem-n'a sobresaltado, no pleito de questiunculas, os motins politicos, enquanto os habitantes bocejam entre a chegada do vapor no porto, e o toque de corneta nos quarteis da tropa... Matto Grosso, a antiga Villa Bella, a 660 kilometros de Cuiabá, foi a apaixonada de d. Rolim de Moura e é hoje a villota esqualida das ruinas e do macúlo, sôbre a qual pesa o remorso das descautelas e prodigalidades de antanho. No principio do seculo XIX a população passava de 2.000 pessoas. O dr. João Severiano recenseou 700 almas. Ultimamente, especificando o acervo de suas miserias, o coronel Rondon apurou 340 moradores, chrismando-a de Villa Triste. Os livros do archivo dos governadores nella apodreciam illegiveis em 1877. No seu palacio fizeram de cozinha o dormitorio dos capitães generaes. A pintura anonyma de paineis, as inscripções de Camões ou de Voltaire, nos muros fortes da taipa secular, apagam-se no casarão mal assombrado das grandezas do passado. As muralhas da caserna colonial ruem a pouco e pouco. Ha arvores imitando gente, por dentro de casas particulares, espiando pelos telhados e humbraes de portas e janellas... Respeitoso silencio o da cidade tapera, mausoleu esboroado com os restos sagrados de Adriano Taunay e de Ricardo Franco!

Diamantino, na chapada que commanda os tributarios do Arinos, é hoje entreposto da borracha em trânsito do Norte ao rio Cuiabá. Foi a séde do antigo districto, disputado inutilmente pela Corôa á rapinagem dos mineiros. Alli, por baixo da capa da terra vegetal negra e argillosa e da camada de seixos grezosos e de quartzos rolados, jaziam os pedregulhos sem ganga, entremeados dos preciosos crystaes de carbono, depositados pela agua, em não lon-

ginqua inundação no valle, sôbre as piçarras de grez vermelho. O ouro em comêço, mais tarde o diamante e a navegação pelo Tapajoz, por onde subia o guaraná de Maués, deram-lhe a cauda e roda inquieta de arraiaes, que pouco a pouco foram fenecendo, pois viviam do brilho das pedras e do metal, tornados vasqueiros nas bateias e cascalhos, febrilmente espionados pelos negros mineradores. Verdadeiras creaturas prodigas, de pulmões brocados, — a imagem d'essas terras opulentas, excavadas nas catas e que já mal respiram na solidão...

Apontando para Noroeste do observatorio pyreneiro, apresenta-se em cheio o Araguaia, abraçado á immensa ilha do Bananal, e celebrado nas tentativas de colonização e navegação a vapor por parte de Couto de Magalhães, com o regime dos mais variaveis, em quasi mil kilometros de navegabilidade, por entre os «travessões» e a pausada que o enguiça. Entre a serra do Roncador e a serra Azul lacrimejam as nascentes do Xingú, o rio imponente e fervido de cachoeiras, que o principe Adalberto da Prussia e von den Stein perlustraram, agachados nas ubás dos Juruenas e Bacaeris. A visada nesse ultimo rumo perde-se no amphitheatro dos campos dos Parecis, onde começam o Juruena e outros formadores do Tapajoz, barrado do Madeira pela forquilha de cordilheiras. Lá, como por Sudoeste, morrem insensivelmente as altas chapadas, os rios não saltam nas anfractuosidades que recortassem nos schistos metamorphoseados dos itambés, mas vão demorando com o augmento de abertura dos valles, onde pullulam as febres malsans na reprêsa das correntes. Por essas alturas a energia de um punhado de Brasileiros, com sextantes, relogios e umas fórmulas de Philosophia práctica, executou ultimamente os perigosos lances, que expurgaram a Geographia e a Ethnographia contenciosas de meia duzia de supposições falsas, arrebatados os Nhambiquaras dos lendarios recessos que os sustentavam, infantilizados e insulados no atrazo do paleolithico. A pagina memoravel de sacrificios e de luctas foi escripta nos itinerarios de hontem, definindo para sempre, em titulo authêntico, o valor exclarecido e ardente de subraças mal cotadas...

Moritze dividiu o clima do Brasil em tres partes decisivas : — a torrida, a sub-tropical e a temperada doce. Para as localizar, legitimando a diversidade de collocação nos meridianos, utilizou-se do regime das chuvas, criterio que o devia approximar da verdade escondida maliciosamente entre vapores e nas volutas invisiveis da atmosphera variavel. Evidentemente as chuvas estão subordinadas ao capricho dos ventos, á maior ou menor altitude ou grau de humidade, são o factor complexo e componente, cuja estabilidade marca um certo lineamento no jôgo escapadiço dos phenomenos da Meteorologia. Por isso, o regime pluviometrico pode explicar-nos com sufficiencia a isothermia de ponctos irregularmente dispostos em differentes circulos minimos, dando á parte de Minas o clima equatorial e a um trecho do littoral paulista o mesmo que o de Pernambuco.

Sempre cresce de grau a complicação de achar constantes expressivas entre as variaveis dependentes do clima de vastas regiões, distinctas em latitude e nas suas disposições superficiaes ou estructuraes. Nas terras centraes do Brasil as curvas de isothermia como que se ennovelam. Da hyperthermia arabica ou tripolitanica das corixas matto-grossenses, attinge-se ao 15 minima e 25 maxima normaes da chapada pyreneica. O vento do pampa, que por lá chega, baixa a temperatura a alguns graus negativos; o do Norte, gargalaçado do valle amazonico, eleva-a a mais de 40 positivos. Em Minas, porém, circo de terras altas, placadas em taboleiros notaveis, o clima é de benignidade extrema, abrindo-se-lhe uma excepção para o arranjo topologico, que lhe quebra a regularidade hypsometrica e sanitaria do massiço, nos vãos do S. Francisco, rio Doce e Paranahiba. Matto Grosso, na parte mais habitada e trafegada, é uma parte da canhada brejosa, que sulca e define o alto Paraguai, encaixilhado entre as accentuadas contra-escarpas das chapadas goianas e das terras montuosas da Bolivia. O clima de Matto Grosso, em parte, é o de corredor atoladiço, melhorando evidentemente para Éste, quando a principio o solo se eleva do pantanal, que a mil e tantos kilometros do Atlantico está quasi rez-vez com o mar, chegando ás altitudes de

500 a 1.000 metros dos planaltos relevados nestas cotas, antes de passada a bacia pouco profunda do alto Araguaia. Em Goiaz a disposição topographica em chapadas, com o rasgão ao Norte dos valles do Araguaia e Tocantins e o do Paraná ao Sul, é o amphitheatro por onde marcham e se encontram as vagas de calor e humidade e tambem de frio, respectivamente centrifugas dos igapós do Pará ou da depressão platina. Porto Nacional e Palma, por exemplo, soffrem do calor amazonico, da chapada do Cavalcanti a Corumbahiba corre a tira de frio que, aproveitando-se da propiciação da altitude, se extende tambem pelos altos da serra, onde a villa do Duro goza de melhor clima que outras encontradas mais de um grau ao Sul.

O aspecto geologico mais impressionante, nas terras centraes do Brasil, é o da decomposição geral dos gneiss e das formas schistosas e talciticas transformadas na argilla, que se aprofunda em camadas as mais characteristicas e largas. Exercem-se nestas as acções exogenas de erosão e corrosão, abalando e gretando, na lavagem acida dos aguaceiros, o edificio estructural, em desvios monumentaes de terras carreadas pelo fundo dos valles, cada vez mais accentuados na denudação generalizada, em que a agua, como estatuario insatisfeito, modela e remodela os facies topographicos de nossa terra, erguendo a montanha, recortando-lhe as cristas e achatando os planaltos. No massiço central parecem ser essas as fôrças predominantes, que o delinearam e o emmoldam. Resistem as rochas mais compactas aos escopros meteoricos, que os torneam e fracturam, de accordo com a direcção e a maior ou menor resistencia dos estratos.

Martius com o espirito penetrante e claro de nomenclador, aguçado no dilucidar as confusões da natureza, reservou o dominio de uma de suas quatro provincias vegetaes,— a das Oreades, — ao Brasil central. A flora characteristica cobre grande parte das altas regiões, quer seja o elevado terreno dos taboleiros, quer o baixo das encostas. A incursão na provincia d'essa flora por parte de todos os outros sub-reinos do egregio naturalista é evidente. As planuras atapetam-se de quassias, bauhinias e mimosas

forrageiras, cuja excellencia a mandioquinha e o timbó miudo compromettem. Sôbre ella se entremeia a vegetação arbustiva, rareada e pêca, anonaceas varias, bromeliaceas cortantes, palmas erecteis, as rijas e feias vellosias. As epiphytas são raras e as phanerogamicas mais ainda. O Matto Grosso é antes denominação geographica que a realidade de um aspecto botanico. Ao longo das chapadas inferiores ou superiores, que successiva e interminavelmente formam o bloco das terras centraes, não existem as florestas impressionantes, ricas de parasitas e encordoadas de lianas, de aspecto asselvajado e melancholico, similhantes ás que engastam os charcos da Amazonia. A « canella de ema » e mais uma ou outra dicotyledonea entre os monticulos de cupins dominam as charnecas das chapadas simi-aridas; o ipê, o buriti, e a pindahiba pompeiam nos capões das baixadas humidas, onde se aninham rubiaceas venenosas, os jaós dão pios e a jatahi faz o mel. No fundo dos valles forma-se por vezes a vegetação luxuriante, sendo no entretanto raras as mattas de myrtaceas, laurineas e leguminosas, cujo porte, espessura e viço, nos cerrados, são sempre inferiores aos que nos acostumaram as cordilheiras proximas ao mar e o lagoeiro paludoso do extremo norte do paiz.

E' no Brasil central que se encontra ainda acoutada a maioria das tribus indigenas, de tanta importancia na physionomia ethnica e geographica do Brasil. O seu numero não deve ser grande. Quatrocentos annos de luctas e de penuria eliminaram quasi tudo e rechassaram o resto. Mais que fossem, não poderiam resistir a tanta perseguição e a tanto olvido. Hordas miseraveis de selvicolas erram ainda nas cabeceiras dos rios, nomades degredados e degradados, com vislumbres de Theogonia e traços de linguagem, catados pelos eruditos para cobrir lacunas e explicar origens e modalidades de religiões, costumes e glotticas mais perfeitas. A incorporação do indio fez surgir os processos violentos da escravização das « entradas de resgate » aos « bugreiros » de hoje, e encorajou a outros meios de extremos compassivos, infantis, dispendiosos e aleatorios, do missionario ao catechista leigo. O consenso e a legislação nada

resolveram de proficuo e de completo em tal assumpto. O philanthropismo inglez, ainda actualmente a esse respeito, só explora sentimentos de benignidade geral e incommoda de tempo em tempo as chancellarias sul-americanas. As pobres raças definham, no entretanto, acuadas nos ritos ineptos, nas roças e ranchadas de communistas, á espera de criterio novo e definitivo, que afinal os salve para a absorpção de suas derradeiras raizes na Sociedade e no Direito de hoje.

O centro do Brasil, hodiernamente, só pelo lado de Minas mostrou o poder multiplo e estavel de sua capacidade economica. Assentada nos planaltos de juncção da Mantiqueira com a cordilheira do Espigão mestre, Minas tem para lhe valorizar as riquezas a viação ferrea, que se desenvolve dia a dia e incrementa até a extracção mineralogica, peiada em legislação de anachronismos e de remendos, a qual ainda se debate sôbre obscuridades de direito á propriedade do solo e sub-solo, entre reservas e antagonismos das varias doutrinas sociologicas e documentos forenses em litigio. O diamante e o ouro formam contudo industrias, que lá remontam; o ferro e o manganez hão de attrahir os fortes capitaes extrangeiros e annunciam, entre discussões de tarifa e o possivel aproveitamento motriz das cachoeiras, o grande papel do Brasil como fornecedor da industria electro-siderurgica universal. As fibras de tecido e a criação pastoril renascem a olhos vistos. Com a emigração multiplicada a hematosar o velho sangue emboaba e bandeirante, o solo beneficiavel e rico e o tradicionalismo liberal do povo, apesar de afastada do oceano, Minas é um boccado próspero e prestigioso do Brasil. Matto Grosso e Goiaz com os gados, hervaes e seringaes, maltractados ou monopolizados, aguardam que lhes removam o isolamento e o torpor, o investimento da locomotiva e o assento miraculoso do aereoplano. O problema das communicações tem primado naturalmente sôbre todos os outros em face do Brasil central. Attingido e varado este pelas primeiras monções e bandeiras, as difficuldades rebatidas nessas correrias ambiciosas comporiam volumes de epopeia com os da escripturação commercial dos nossos valores quantiosos e mal desfructados. Propenso

o sentido das marchas para as minas, o caminho por agua e a canôa foram postos de parte, pouco a pouco, conservando-se apenas, até ultimamente, o do Tapajoz e do Tocantins, quando já se havia renunciado ao do Guaporé. A producção de grande parte de Goiaz e Matto Grosso prefere actualmente descer pelos trilhos terrestres nas tropas de cargueiros e boiadas, que veem do Camapuan ou Rio Claro no rumo de Uberaba. A viação ferrea, que conseguiu grades admissiveis para trepar a serra do Mar e a Mantiqueira, e bem assim a navegação do Paraguai e a da costa maritima apagaram as outras veredas, que ora jazem nos roteiros historicos das andadas sertanejas. Pirapora, Catalão e Tres Lagôas já servidas de trilhos, annunciam que se começa a romper a soledade, no programma mais adequado ao progresso dessas terrras, dando-lhes ao corpo ancylosado vibrações e medullas. A T. S. F. e a Teledynamica hão de benfeitorizar a solitude. E já apontam as aves mechanicas, acabadas de chocar no cerebro de inventores, as quaes hão de cobrir de estradas indestructiveis e infinitas, de um dia para outro, o Brasil inteiro, abrindo as azas de jaburús ou gafanhotos artificiaes e manobrando abaixo e acima em pleno céo do Cruzeiro do Sul.

Singrados os horizontes das terras centraes por caminhos que somente a Industria e a Poesia, — aquella um codigo scientifico de verificações, e esta um estatuto rythmico de antecipações —, seriam capazes de apontar ao homem, a civilização brasileira tem necessidade de se inclinar decisivamente para o centro do territorio, resguardando-se do littoral corrompido e ameaçado de desnacionalizar-se, despido das reacções sufficientes da originalidade do sertão para o contra-choque das correntes commerciaes e invasoras da Allemanha, da Norte-America ou do Japão.

Internemo-nos! é uma fórmula de patriotismo, um objecto e razão de progresso. A extracção transacta do ouro e diamantes em Coxipó, em Meia Ponte ou na serra do Espinhaço pareceu capaz de realizar tal conveniencia; não poude no entretanto fazer o impossivel, povoar de um jacto o Brasil e dota-lo de recursos para nelle constituir um nucleo fixo, amplo e desdobrado, fóco interno

de nossas fôrças applicadas, pela communicação facil, aos ponctos extremos e equidistantes do paiz.

A's industrias mineraes, meramente extractivas, e que foram prósperas entre nós, faltou a collaboração moderna do vapor e da electricidade, assim como a das idéas vigentes de solidariedade e convergencia humanas. Ainda por cima nellas pesou o tempo, com a sua curteza de vistas e precariedade de meios inevitaveis. O serviço inicial das bandeiras foi desvendar terreno, passando á inculca de thesouros e de braços auxiliares do autochtone. Effectuou-se contudo um verdadeiro trabalho de « broca », no tredos eio de serras infindaveis e mysteriosas, pelas campinas e carrascaes do centro.

A nacionalidade, em pleno periodo de attribulações littoraneas e depois d'esses primeiros movimentos de penetração no amago territorial, aguarda que as gerações se formem, dedicando-se com amor sincero á constituição geographica de paiz para que o Brasil se salve, digno enfim de sua propria grandeza.

Adivinhos mais ou menos qualificados da sorte dos povos sul-americanos já nos prognosticaram a divisão e nos inquinaram de incapazes para reger os nossos destinos. Prevenções dos observadores não subvencionados e o espectaculo contristador de certa falta de sensatez domestica na administração perfeita de nossa fazenda têm talvez concorrido ao juizo pessimista dos ledores de *buena dicha* internacional.

Importa trabalhar, prevêr e sentir eternamente as responsabilidades forçadas pela coaptação de elementos physicos e sociaes, que, constituindo esta nação immensa e a entresachando entre fronteiras, naturaes ou convencionaes, todas em aberto, a coordenam geographicamente, não só pela mestiçagem operativa de um só typo, como tambem pela cohesão definitiva da lingua, excepcional no relêvo de toda a America. Embora a unidade ethnologica e linguistica não baste aos fundamentos de uma nacionalidade e mais lhe sobrepuje como valor formativo e de sustento moral a ideia collectiva solidaria e firme de progresso, regida em sacrificio commum, a conformidade de sangue e de lingua é razão prévia de harmonia e consistencia continental.

Renan affirmava que a vida das nações era um plebiscito continuado dia a dia. Sob este poncto de vista, o nosso paiz não chegou ainda á posição politica, em que os Estados se definem. Na práctica da consulta propria, base do self government, subsistente ás transitorias organizações sociaes depois da grande Revolução, vivemos a trapacear, a torcer e a demolir, consentindo na empreitada lamentavel de espertalhões e de gangorristas eleitoraes. Estamos portanto na phase da barbaria, da pseudo-representação e democracia, fraudadas na perversão dos processos legaes, na rasteira e mascaragem de todos os suffragios publicos. As terras centraes do Brasil têm sido victimadas pelos influxos prejudiciaes ou insufficientes d'essa moral de peripheria.

O homem pouco fez no Brasil, tentando e querendo tudo, em meio de facilidades e estorvos da natureza, por não ter a verda deira e suprema coordenação de esforços, em face das questões, subordinados a empenho e lucro mais generalizado. Pensamos em desviar o curso do S. Francisco para o Norte e em ligar o Ore noco ao Paraguai, refundando o Cassiquiare e unindo por canal, na serra do Aguapehi, um affluente do Jaurú ao rio Alegre. Temos a imaginação propensa aos projectos de arromba... Desleixando a cultura real dos grandes sentimentos nacionaes, a qual só existe como exaltação verbal na lyra dos poetas e na bocca dos politicos, a nossa vontade é muita, mas poucas as realizações correlatas. A prova é que os problemas da borracha e da sêcca foram exquecidos pelo paiz, e entretanto si fosse mais solido e premente o interesse de objectivos communs, o resto do Brasil teria sabido ha mais tempo reagir sôbre os imprevidentes e deslembrados nas crises amazonica e cearense; tambem o Brasil central não continuaria invalidado na solidão, si mais profundamente comprehendessemos o valor do espolio historico e geographico, que é o miolo da nacionalidade, a massa consideravel onde se cruzam, expressamente a meio, os diametros geodesicos da superficie monumental, sublinhando amanhan as vias ferreas de Arica a Pernambuco e de Panamá a Buenos Aires.

A intuição justa, benefica e arrematada do patriotismo ainda

lucta entre nós com a estreiteza das preoccupações locaes. A *boutade* célebre de um Paulista resume a tacanhice dos casos bairristas: «A Bahia começa em Mogi das Cruzes!» Não se nos impoz na expressão do conceito — Patria — toda a fôrça magestosa, que supporta ou diviniza sacrificios e encara as soluções genericas, presas somente aos planos superiores, onde se devem projectar as componentes da civilização brasileira, apprehendida no seu conjuncto.

Alipio Gama comparou o Brasil a um grande diamante ainda em comêço de lapidação. Na sua belleza e profundidade, a imagem intima á esperança e estimula o exfôrço, pela recompensa dos brilhos, com que se hade compôr a obra do futuro.

Acabando de percorrer as faces da pedra preciosa, de que fizemos logicamente um tetraedro commodo, ficaram indicadas as proporções e irregularidades dos principaes aspectos geographicos de nossa patria, sem exquecer o interesse propriamente subjectivo, no arrolamento dos fructos momentaneos e na discussão das linhas mais ou menos auspiciosas de seu porvir. Talvez facilidades interpretativas e innumeras omissões venham reduzir os quatro esboços grosseiros e fervorosos, a valerem apenas por sinceros e abreviados.

O BRASIL

Traduzido do livro *Impressions of South America*
de James Bryce

PELO

Dr. Pedro Souto Maior
SOCIO EFFECTIVO DO INSTITUTO

A parte do livro do Sr. James Bryce, por elle dedicada ao Brasil, contém, ao lado de paginas brilhantes e curiosas sôbre a natureza brasileira, apreciações, nem todas muito justas, sôbre o nosso povo. Apesar deste sinão, julgamo-la merecedora de figurar na *Revista*, porque no seu todo revela um espirito observador e culto. As proprias injustiças, que nos são feitas aqui e acolá, têm certa apparencia de verdade, e devem servir de aviso aos bons Brasileiros para se corrigirem das lacunas e defeitos que o tempo, a ponderação e o patriotismo hão de apagar certamente. A bôa critica é sempre proveitosa e digna de respeito.

James Bryce, notavel estadista inglez, nascido na Irlanda em 1838, foi secretario d'Estado das Relações Exteriores, ministro no gabinete Gladstone e embaixador de Inglaterra nos Estados-Unidos da America do Norte.

(Da Direcção)

O BRASIL

CAPITULO XI

O facto de ter sido mais da metade da America do Sul colonizada e ainda pertencer á raça portugueza foi devido ao que se póde chamar um acaso historico. No anno seguinte ao da descoberta das Antilhas por Colombo, o papa Alexandre VI publicou a famosa bulla (A. D. 1493), que reservava para a corôa de Castella e Leão « todas as ilhas e terras que forem descobertas nos mares a Oeste e ao Sul de uma linha meridiana, tirada do polo Arctico ao Antarctico, a cem leguas a Oeste do Cabo Verde e dos Açores».

Conquanto na bulla não se fizesse menção de Portugal, havia, entretanto, a intenção de assegurar os direitos dessa nação sôbre qualquer terra, que ella já houvesse descoberto ou viesse a descobrir no outro lado, isto é, a Léste da linha demarcadora.

Os Portuguezes, todavia, não ficaram satisfeitos, e no anno seguinte um tractado entre a Hispanha e Portugal fixou a linha 370 leguas mais para Oeste. Isso teve por effeito dar, com o proseguimento das descobertas, a Portugal a parte oriental e á Hispanha a occidental do Continente, só alcançado por Colombo na sua terceira viagem (1498).

Succedeu que um dos primeiros navegantes que effectivamente viu aquella parte oriental foi um Portuguez chamado Cabral. Desviado da rota, quando navegava para a India em A. D. 1500, alcançou a costa da America Meridional em 18° de Latitude Sul e tomou posse della em nome de seu soberano.

Alguns mezes antes o navegante hispanhol Pinzon estivera na mesma costa e tomara posse para a Hispanha, mas como este paiz já possuia muitas terras descobertas e não quizesse se afastar do tratado de 1494, deixou que Portugal ficasse com o territorio.

Ambas as nações reconheceram o papa como a legitima auctoridade para dispôr de todas as terras descobertas, e é possivel que imaginassem em 1500 que essas novas terras fizessem parte das mesmas Indias, que Portugal alcançara pela rota oriental em 1498, seis annos depois de Colombo ter conseguido o mesmo, como então suppuzeram, pela occidental (*).

Assim o Brasil tornou-se e conservou-se desde então uma terra portugueza, excepto durante o eclipse de Portugal, quando esteve algum tempo, após a morte do rei Sebastião, sob a corôa da Hispanha.

A area do Brasil é de cêrca de 3.300.000 milhas quadradas, maior, portanto, do que a dos Estados Unidos e mais do dôbro da India. A maior parte do seu territorio é habitada somente por Indios aborigenes, muitos dos quaes selvagens bravios, e havendo ainda grande região inexplorada.

Tendo eu apenas visto uma diminuta parte, e é a que poderei tentar descrever, será conveniente, afim de que algum leitor não possa imaginar que essa simples parcella deva ser tomada como typo do todo, que eu esboce muito summariamente os lineamentos geraes do paiz.

E' geologicamente uma das partes mais antigas do continente sul-americano. As montanhas que formam seu nucleo central achavam-se onde estão agora muito antes de surgirem os grandes vulcões dos Andes, taes como o Aconcagua e o Chimborazo.

Essa cadeia central do paiz cai abruptamente a Léste para o Atlantico, e mais suavemente a Oeste para o planalto no meio do continente, e é composta de antigas rochas crystallinas, que

(*) Esta questão está envolvida com a que se refere ás viagens reaes ou allegadas de Americo Vespucio em 1497 e é demasiadamente intrincada para se poder discutir aqui.

provavelmente têm sido reduzidas de uma muito maior altura pela acção multisecular das chuvas, do sol e do vento.

Póde ser grosseiramente descripta como um *plateau* ondulante, com 800 milhas de extensão por 300 de largura, atravessado por várias serras que raramente têm grande elevação.

O seu poncto culminante é o Itatiaia, cêrca de 50 milhas a Sudoeste do Rio de Janeiro e com quasi 10.000 pés de altura. Poucos excedem de 7.000 pés, enquanto a média da elevação do terreno no todo é de 2.000 a 3.000 pés. A paizagem do lado oriental, toda coberta de matto, em declive rapido para o Atlantico, é tão linda que se não poderá encontrar egual nos tropicos.

Continúa para o Norte e para o Sul com montes mais baixos, descendo no Oeste em longas rampas, algumas vezes em uma serie de largas esplanadas até uma vasta planicie, que apenas se eleva ligeiramente do nivel do mar, e donde correm regatos em direcção do Sul para o Paraná e do Norte para o Amazonas.

Nesta planicie, ainda imperfeitamente explorada, o Brasil limita com o Paraguai e Bolivia. As regiões centraes, tanto as terras altas como as planicies, são menos humidas e, portanto, menos cobertas de matto do que a serra que enfrenta o Atlantico, tornando-se o clima cada vez mais sêcco, á proporção que se vai afastando do oceano, gerador da chuva, para o interior. Acredita-se ser grande parte dellas propria somente para a criação, mas o povoamento ainda não penetrou bastante nos districtos occidentaes, de modo a se poder determinar a sua capacidade para a agricultura; contudo sabe-se serem algumas inaproveitaveis por pantanosas, e outras por areientas.

Por outro lado, o paiz ao Sul da latitude 20° é geralmente fertil e bem regado, e mais desenvolvido do que qualquer outra parte do Brasil, excepto a zona do littoral.

Ha outra região, e ainda maior, situada na parte Noroeste; refiro-me ao valle do Amazonas e seus tributarios. E' a região denominada das Selvas, toda revestida de uma densa floresta e durante certa epocha do anno tão inundada pelas chuvas tropicaes que fazem transbordar seus rios, a poncto de em grande parte só poder ser

atravessada em barcos. Exceptuando poucos povoados aqui e acolá, os unicos habitantes são as tribus de indios selvagens, de que podem haver ao todo alguns centenares de mil, numero muito pequeno quando comparado com o espaço em que se acham dispersos.

Voltarei a fallar sôbre essas selvas e seu possivel futuro no capitulo XVI. No entretanto o leitor terá colligido:

1°. Que toda a parte oriental do Brasil entre as latitudes Sul de 5° a 30° é montanhosa ou ondulante, existindo entremeadamente vastas planicies.

Todo esse territorio é bom para a cultura, pastos ou extracção de madeiras, e contem ricas minas.

2°. A parte occidental e todo o valle do Amazonas e seus tributarios são todos planos, constituindo a maior parte uma solidão de florestas.

3°. Posto que se encontrem alguns districtos aridos ao longo das costas Norte e Sul da foz do Amazonas, não ha em parte alguma do Brasil desertos como os que cobrem tão largo espaço no Perú, Bolivia, Chile e Argentina.

4°. As unicas partes que actualmente se acham relativamente bem povoadas são as da zona do littoral e os ferteis valles que desemboccam naquellaf aixa, alguns districtos no Estado de Minas Geraes, e nos Estados Meridionaes — S. Paulo, Sancta Catharina e Rio Grande do Sul. Mesmo nestes o numero de habitantes é muito inferior ao que a area poderia comportar.

Fiz esses pequenos reparos afim de dar ao leitor alguma noção sôbre os traços geraes deste immenso paiz.

As unicas partes que vi foram as da costa oriental; e tentarei descreve-las antes de voltar á apreciação quanto ao povo e ás previsões sôbre o Brasil, considerado no seu todo.

O Atlantico Sul desde Buenos Ayres até o Amazonas gosa do credito de deixar fruir por elle viagens tão calmas e aprazIveis, como as que assim o forem em qualquer outra parte do mundo.

Muito differente disso foi a nossa experiencia entre Montevideo e Santos, pois houve alguma chuva, bastante vento e mar

bem aspero, e estava tão nublada a atmosphera, que pouco se podia distinguir a costa, ao longo da qual navegavamos.

E' certo que nos disseram que « aquelle tempo era absolutamente excepcional », mas velhos viajantes sabem que nada é mais commum do que o tempo excepcional.

Quando finalmente o nosso vapor, dobrando um alto cabo, voltou a prôa para entrar no porto de Santos, quão differente era a paizagem de qualquer outra que haviamos visto desde que passámos a linha equatorial no extremo Norte do Perú. Em todo o percurso na costa occidental se nos offerecia á vista uma costa aspera e geralmentce steril, com frias e cinzentas nuvens sôbre um mar tambem frio e cinzento.

Mas aqui, finalmente, encontravamos os tropicos. Aqui a região se revestia de luxuosa vegetação, sentia-se o ar suave e humido, e o mar era de vivo azul, povoado de embarcações.

Quando nos achavamos proximos, a ponto de poder ver as ondas espumarem nos rochedos, descortinámos um amphitheatro de montanhas cercando a larga planicie, atravez da qual desce um rio para formar o porto de Santos. Para o Norte extendia-se ao longo da costa uma linha de altos promontorios, contra os quaes investiam as vagas.

Ao fundo as montanhas todas cobertas de denso matto se revestiam de espesso nevoeiro, mas o sol enchia de luz as margens do rio, orladas de arvores baixas e arbustos florescentes, e as casas do suburbio pintadas de côres alegres entre alamedas de palmeiras, que se extendem da cidade de Santos até as brancas areias da praia.

Navegando lentamente pelo canal tortuoso, entrámos no porto, onde encontrámos muitos navios inglezes e allemães atracados ao caes, pois o porto tem sido tão profundado que póde admittir grandes vapores, e os seus melhoramentos por meio de processos de drenagem tornaram a cidade regularmente sadia.

Ha vinte annos era um ninho de febre amarella.

Disseram-me que uma vez, durante uma epidemia daquella febre, 43 navios inglezes se achavam fundeados no rio, impos-

sibilitados de saïr, pois as suas tripulações haviam sido dizimadas.

Actualmente essa calamidade desappareceu effectivamente, e o porto é um dos de maior movimento na America do Sul, pois é o centro exportador da producção da vasta região do café existente no interior. Todo o dia, e em algumas epochas, tambem durante a noite, póde-se ver uma extensa fila de robustos carregadores transportando saccas de café dos vagões da estrada de ferro, no caes, para os navios atracados.

Em 1910 foi exportado de Santos café no valor de quasi £ 19.000.000 ($93.107.000), mais do que a metade do que saïu do Brasil para todas as regiões do globo.

Tal commercio determina enorme trafego á estrada de ferro, que liga os centros cafeeiros e a próspera cidade de S. Paulo com o mar. E' realmente uma ferro-via notavel.

Construido em 1867 o seu trecho mais difficil, que vence a serra em declive muito forte, foi collocado em melhor posição entre 1895 e 1901 e é effectivamente uma obra de engenharia de valor, executada por engenheiros e empreiteiros inglezes. Como ficou referido, existe por detrás desta parte da costa do Brasil um *plateau* tendo na média 2.500 a 3.000 pés de altura, que desce abruptamente para o mar. A margem do *plateau*, vista de baixo, apresenta-se como uma cadeia de montanhas e é chamada a Serra do Mar.

Para alcançar o *plateau* partindo do nivel do mar foi necessario subir uns 2.500 pés, e isso teve de ser feito em uma distancia de cêrca de seis milhas, o que vem a ser uma média de 8 °/₀, da extremidade inferior á superior do declive. A linha foi conseguintemente construida numa serie de cinco planos inclinados, em que os trens são puxados por cabos de arame, cada plano tendo a sua casa de machinas e os apparelhos de tracção, sendo garantida a maior segurança, não somente pelo « *locomotive brake* », que está ligado como um ultimo carro a cada trem que sobe ou desce, mas tambem pela descida e subida simultanea dos trens em cada linha, e outras precauções, numerosas de mais para serem descriptas aqui, no conjuncto sufficientes para garantir a perfeita segurança.

A extraordinaria perfeição e acabamento de cada parte não somente do leito da estrada e trilhos, mas tambem das estações e outros edificios, e das pontes de ferro e dos treze tunneis, junctamente com os escoadouros de telha feitos com primor, collocados abaixo dos declives, para levar em canaes a agua da chuva que, si não fôra isso, occasionaria o deslocamento da terra frouxa de cima, enfraquecendo os diques em baixo, — tudo isso dá testimunho do excepcional exito e prosperidade da linha como empresa commercial.

E', depois da de Panamá, a que tem dado mais lucro na America do Sul.

Desde que os juros assignalados aos accionistas são limitados, os directores gastam o excedente em manter não só a efficiencia e solidez, mas mesmo dar-lhe elegancia.

Segundo dizem usualmente os Europeus, no Brasil só falta uma cousa a se fazer da linha de S. Paulo a Santos, e é dourar as pontas dos postes telegraphicos.

A paizagem que descortinamos á vista, commodamente sentados á frente do primeiro carro, é extremamente bella, quando o trem subindo os planos inclinados se lança o olhar para baixo sôbre os valles cobertos de riquissima vegetação, com cascatinhas descendo pelos barrancos, entre uma profusão de altos fétos.

Essa pequena região é muito humida, e antes de chegar ao alto ficamos envolvidos por nuvens e fortes chuvas, e perdendo, talvez, as mais bellas vistas, como as que se apanham dos planos mais altos para o valle principal e para o oceano, agora distante. No alto, parecia que as montanhas haviam desapparecido, pois surgimos sôbre terreno plano, sem descida alguma para o outro lado do monte.

O tempo clareou, e atravez uma planicie ondulante, com alguns bosques dispersos, tendo em algumas partes terrenos pantanosos, noutras campos cultivados, podiamos distinguir picos distantes, que surgiam agudos e limpidos no ar menos humido. Quem haja viajado do Norte ao Sul na Hispanha' recordar-se-ha de uma transição abrupta similhante, quando o caminho de ferro,

depois de subir as montanhas ao Sul de Santander, alagado com os temporaes de chuva que procedem do golfo de Biscaia, emerge no arido e secco *plateau* da Castella Velha.

O trem, correndo veloz pelo leito perfeitamente liso, de que este caminho se ufana, trouxe-nos, depois de vencer 50 milhas, á cidade de S. Paulo, a mais activa e progressiva em todo o Brasil, apesar de ter menos da metade da população do Rio de Janeiro.

E' uma das mais antigas cidades do paiz, pois foi fundada em 1553 por um missionario jesuita. Os primitivos colonos, muitos dos quaes se entrelaçaram por meio do casamento com os Indios, tornaram-se paes de uma raça singularmente valente e energica. que, á procura de ouro e prata, explorou o paiz e fez expedição não só contra os Indios, mas tambem contra os brancos, si é que alli os havia, afugentando-os em todo o caminho, desde S. Paulo até os rios Uruguai e Paraná.

Naquelles tempos o govêrno portuguez na Bahia, muito distante e fraco, raramente interferia com os seus subditos.

O espirito livre desses « Paulistas » passou aos seus descendentes.

Vivendo em territorio alto e saluberrimo têm patenteado mais actividade industrial e politica do que o povo de qualquer outro Estado na Federação. Desde 1875 a lavoutra do café cobrindo enormes tractos augmentou rapidamente a riqueza da região, e esta cidade, sendo o coração e o centro, cresceu e de uma pequena cidade de campo tornou-se uma cidade de quatrocentos mil habitantes.

Está situada sôbre varios montes, do mais alto dos quaes ha vistas encantadoras das pictorescas serras ao Norte e do valle de seu rio, o Tieté. Nascendo apenas a 30 milhas do mar, este rio afasta-se delle correndo para Noroeste para junctar-se ao Paraná, que entra no oceano acima de Buenos Ayres, pois logo que se atravessa a Serra do Mar a vertente dessa região é de Leste para Oeste. A cidade cresceu tão rapidamente que deixou poucos traços da sua antiguidade, excepto no centro, onde as ruas estreitas e tortuosas do bairro commercial têm uma variedade pictoresca, raramente encontrada nas cidades rectangulares do Novo Mundo. Os rostos

vivos e a apparencia de agitação e movimento, assim como os edificios publicos que surgem por todos os lados, com um vasto e bem plantado jardim publico no meio da cidade, dão a impressão de energia e progresso.

O ar deste *plateau* é picante e vivo e, apesar de ser forte o sol do verão, pois nos achavamos em meado de Novembro, as noites eram frescas, e o inverno, que traz algumas vezes ligeiras geadas, restaura o vigor physico do homem.

Fomos ver a algumas milhas de distancia da cidade o *Edificio* da Independencia, uma alta construcção num outeiro, de cujo cume se descortina um vasto panorama.

Foi erigido para commemorar a independencia do Brasil do dominio portuguez em 1822, e encerra uma das maiores pinturas a fresco no mundo, mostrando d. Pedro de Bragança, então regente do Brasil, cercado de seus generaes, proclamando a independencia da nação, quadro sem duvida animado, porém um tanto theatral.

Ha nesse edificio uma collecção de objectos de Historia natural, assim como de armas e ornamentos dos indigenas; mas, tanto aqui como em qualquer outra parte do Brasil, e mesmo geralmente na America do Sul, fica-se impressionado ante o pouco apreço mostrado por todos os ramos de sciencia, exceptuando os que têm uma feição práctica e valor pecuniario.

Considerando o enorme campo de investigações que este Continente apresenta e quanto adeantamento tem sido feito na sciencia da Historia natural durante os ultimos sessenta annos, muito pouco se fez para reunir ou pôr em ordem e classificar specimens illustrativos, quer do mundo da natureza, quer do homem prehistorico e selvagem. As collecções são pela maior parte inferiores ás que os museus europeus possuiam ha septenta annos. Por outro lado, convém dizer que o Estado de S. Paulo deu um admiravel exemplo ao resto do Brasil na abundante provisão que está fazendo de escholas primarias.

Entraram na ultima decada muitos immigrantes italianos no Estado e na cidade de S. Paulo, contribuindo largamente com o seu labor para a prosperidade geral.

Os negros são relativamente poucos; são portanto os Italianos que fazem a maior e melhor parte da obra. Os negocios mais importantes, tanto commerciaes como industriaes, pois existem agora muitas fábricas, estão nas mãos de extrangeiros — Italianos, Allemães, Inglezes e poucos Francezes, num estado de desenvolvimento, que accelera o progresso material e deixa os Brasileiros natos ou Portuguezes naturalizados mais á vontade para se dedicarem á politica, esphera de acção, como já dissemos antes, na qual os modernos Paulistas têm desenvolvido a energia de seus antepassados.

O Estado é não sómente o mais próspero, mas politicamente o de maior influencia na Republica.

De uma forma ou de outra, devido isso um tanto aos Paulistas, um tanto aos extrangeiros.

Não ha dúvida que a capital e o Estado possuem uma população activa, em vista do que o viajante verifica ser erronea a crença geral de serem os Sul-Americanos apathicos e indolentes.

A estrada de ferro de S. Paulo ao Rio, propriedade do Govêrno, corre a principio por aquelle campo alto e onduloso, situado atrás da escarpa que enfrenta a costa. A sua superficie accidentada, coberta de bosques em alguns pontos, sendo as arvores vistosas, mas raramente altas, dão-lhe linda apparencia, e dalli se lobriga a serra a Oeste, um de cujos cumes é o poncto culminante em todo o Brasil.

A estrada, ao approximar-se da costa, começa a descer, correndo á margem de profundos desfiladeiros, onde o verde claro das hervas e o luxuriante desenvolvimento de arbustos e fetos formam um contraste com o vermelho escuro do solo, produzido pela decomposição das rochas graniticas. Depois da arida severidade dos valles andinos da Argentina e Bolivia, e do rigor da fria Patagonia, havia alguma cousa de consolador nesta exuberancia de vegetação, a sensação de que a Natureza está empregando todos os exforços para facultar ao homem a possibilidade de uma vida facil e feliz.

O trem vae descendo, fazendo curvas ao longo de uma extensa quebrada, e passa por muitas cascatas até alcançar uma vasta planicie proxima dos arredores do Rio de Janeiro.

Como se deve descrever o Rio? Havia lido cêrca de vinte descripções, nenhuma dellas entretanto me preparara para a realidade.

Por que mais uma alcançaria melhor resultado?

A sua bahia, por exemplo, tem sido comparada ás de Napoles, Palermo, Sydney, S. Francisco, Hongkong e Bombay, assim como ao Bosphoro. Nada se parece com essas, excepto em ser bella, excedendo, segundo o meu modo de pensar, a qualquer outra do mundo.

Imaginae o fundo do valle Yosemite, ou o do Auronzo, nos Alpes Venezianos, cheios d'agua, e o effeito seria um tanto similhante ao da bahia do Rio. Faltaria, contudo, a vegetação e a vista das montanhas muito ao longe e a sensação da presença do oceano azul fóra dos cabos, que guardam a entrada.

O nome (Rio de Janeiro) suggere um rio, mas isso foi devido a um engano dos descobridores portuguezes, pois apenas pequenos rios desaguam nesta grande bahia.

E' um golpho todo cercado de terra, com 20 milhas de comprimento e cinco a 10 de largura, entre promontorios de rocha, em que erigiram fortes. Ao lado do Norte da bahia e a não grande distancia da entrada está a cidade de Niteroi, cujo nome commemora indirectamente uma tribu de Indios, extincta ha muito tempo. Acham-se situadas em frente della ingremes ilhotas de rocha, e por detrás se erguem altos montes.

A cidade do Rio está situada ao Sul da bahia, extendendo-se ao longo da praia cêrca de cinco ou seis milhas, e occupa todo o espaço entre a margem da bahia e as montanhas, sendo dividida em varias secções por uma serra ingreme, que corre para o mar. O littoral é extremamente irregular, pois entre esses promontorios que vão dar ao mar, elle recua, formando enseadas, de sorte que, quando se lança o olhar para o Rio, quer de bordo, a certa distancia da praia, quer do cume dos montes, parece uma successão de cidades edificadas ao redor de enseadas e separadas umas das outras por

montes cobertos de vegetação. Todas essas secções são ligadas por uma linha de avenidas correndo quasi parallelas com a costa, de sorte que a cidade, algumas vezes, se estreita a umas 200 jardas, outras se extende quando ha um espaço plano entre o mar e os montes, ou sóbe pelas ladeiras e mixtura as casas brancas com os bosques que cobrem as encostas.

Por detrás de tudo está a muralha da montanha, revestida geralmente de luxuriantes florestas, mas noutros pontos erguendo-se em precipicios de granito cinzento ou simples covas fundas de rocha. Assim o Rio se acha cercado de montanhas e enseadas.

Não ha quasi sitio algum em que, se lançando a vista para cima ou para baixo da rua, não se depare com o verde ondulante da floresta ou o resplandecente azul do mar.

Existem outras cidades, onde as montanhas erguendo-se ao redor formam um fundo nobre e alentam o coração dos habitantes que as sabem amar.

« Erguerei a minha vista para os montes, donde vem o meu auxilio.» Taes cidades são Athenas e Smyrna, Genova e Palermo, S. Francisco e Santiago do Chile.

Mas no Rio as montanhas parecem quasi constituir uma parte da cidade, pois esta agarra-se aos seus contrafortes, do mesmo modo que o mar, em baixo, banha os cabos que avançam na bahia. Nem se poderá ver em qualquer outra parte tão phantasticas formas, surgindo directamente dos quintaes e jardins das casas. Custa-se a retirar o olhar de dous dos mais extranhos, que são tambem os mais proeminentes sob todos os aspectos. O Pão de Assucar é um cone liso, de granito despido de vegetações, tão ingreme que só pode ser escalado pelos mais ousados excursionistas, num poncto do espinhaço do monte situado entre a bahia e o oceano. A outra elevação é ainda superior, — o Corcovado: agulha de rocha, assimilhando-se um tanto á Aiguille de Dru (do lado opposto ao Montavert, em Chamounix), attingindo uma altura de 2.300 pés.

Tão extranhas formas de montanhas dão um ar bizarro á cidade. São cousas que se podem sonhar, mas que é im-

possivel descrever. Recordam aquelles trechos de scenario phantastico de rochedos, que Leonardo da Vinci gostava de pintar para fundo de seus quadros, posto que os rochedos do Rio são muito mais altos e tambem mais duros.

Um pintor consideraria as paizagens surprehendentes de mais para toma-las como assumpto, e poucos saberiam preparar uma tela tão vasta quanto seria preciso para dar a impressão colhida numa vista geral.

Entretanto o exotico das formas perde-se no esplendor do conjuncto, — a abundancia de luz, uma praia de brancura deslumbrante, um mar de azul-turqueza, uma floresta empinada, ameaçando caïr do seu rochedo sôbre a cidade, qual cascata de vivo verde.

E' difficil ao homem fazer qualquer cidade digna de taes arredores, quaes os doados pela Natureza ao Rio. Exceptuando duas ou tres ruas antigas no bairro commercial, perto do porto e do arsenal, tudo é moderno, e tal pittoresco como lá existe pertence ás alternativas de praia e monte e á profusão de jardins.

Uma bella e moderna via, a Avenida Central, foi aberta atravez do antigo amontoado de casas de feio aspecto, produzindo o alegre effeito de um boulevard parisiense. Villas cercadas de arvores coroam os montes que apparecem aqui e acolá ; e uma rua é guarnecida por duas magnificas filas de palmeiras regias, com os seus troncos erectos e lisos, taes como columnas de marmore, ornadas com uns pennachos de folhagem. Na extremidade oriental a bahia semicircular de Botafogo é cercada por uma soberba esplanada plantada com palmeiras, de cujo parapeito se domina o mais bello panorama da entrada da bahia e dos morros situados atrás de Nicteroi e até da Serra dos Orgãos, que se ergue numa fila de altos cumes a 30 milhas de distancia.

Em tal cidade o viajante curioso não precisa andar á caça de egrejas do seculo XVI ou esdruxulas antigas casas coloniaes. Elle se dá por satisfeito com a admiravel moldura dos edificios. A viva luz, as sombras espessas, as côres variegadas das paredes e tectos das casas, as flores escarlates das trepadeiras,

subindo pelos muros, e as grandes e lustrosas folhas verde-escuras das arvores que enchem os jardins, com os incomparaveis fundos de rochedo e mar, — tudo isso é o sufficiente para tornar as ruas deliciosas.

Não menos apraziveis são os arredores. O Jardim Botanico, a uma milha de distancia, ha muito tempo que é famoso por sua longa alameda de palmeiras regias, de cem pés de altura cada uma, todas geradas da semente de uma plantada ha um seculo, no tempo em que o rei de Portugal estabeleceu aqui a sua côrte.

Mas, além disso, ha nelle outras cousas a mostrar, egualmente bellas e mais interessantes ao naturalista.

Nem mesmo o jardim de Calcuttá contém uma collecção mais notavel de arvores tropicaes, e as suas vistas de folhagens e bambús são encantadoras.

No que diz respeito á situação, não é possivel certamente o confronto; pois em Calcuttá, como mesmo no nosso Kew, tudo é plano, enquanto aqui os precipicios do Corcovado de um lado e ainda os mais grandiosos rochedos da Tijuca e Gavea de outro lado, irrompem milhares de pés para cima no azul.

Uma excursão mais prolongada ao Sul da cidade transporta o visitante por uma successão de paizagens de montanha, inexcediveis mesmo no Brasil.

Um caminho sobe em espiral pela encosta do monte atravez de caminhos frondosos, onde as trepadeiras e os fetos cobrem o espaço entre os troncos das grandes arvores.

De vez em quando elle emerge no cume de uma cadeia, e vêmos em baixo os abysmos profundos da floresta, banhada em vaporosa luz do sol. Chega-se atravez d'um labyrintho de valles a uma clareira na floresta, acima da qual se descortina o bello pico da Tijuca, e, além, a admiravel Gavea, verdadeira torre de granito, quadrada e chata no alto. No arròjo de suas linhas esses picos fazem lembrar um dos que se elevam ao redor do Mer de Glace, em Chamounix. Alli estão amontoados cascalhos e blocos de pedra nas bases dessas *Aiguilles*, e nada quebra a selvagem aridez de seus lados, excepto lençóes de neve nos *couloirs*.

Aqui os picos surgem de um mar encapellado de verdura. O alcantil de suas faces parece desafiar o ascencionista; entretanto ha nellas fendas assás grandes para os arbustos lançaram raizes, auxilio de que um homem ousado se pode aproveitar para fazer a subida. A Natureza tendo primeiro talhado esses picos em grandes precipicios, tractou depois de cobri-los de trepadeiras e de achar pontos, em que as arvores se possam manter em estreitos bordos, cobrindo a superficie com os brilhantes matizes de musgos e lichens, e enchendo as gretas e as aberturas com fetos e flores, que se inclinam e volteiam com a briza que passa.

Um pouco além, dentre uma abertura nos picos, vê-se repentinamenle o alto mar a uns mil pés abaixo,— o seu intenso azul moldurado entre verdes montes, com grandes vagas arremessando-se sôbre as brancas areias da bahia, e linhas de espuma reluzindo ao redor dos penedos que surgem além, quaes cumes de montanhas submergidas.

Posto que a bahia do Rio de Janeiro tenha sido descoberta em 1502 pelo marinheiro portuguez, que tomou a sua entrada por um rio, e foi colonizada não muito depois, primeiro pelos Francezes em 1555 e mais tarde pelos Portuguezes em 1567, a colonização desenvolveu-se lentamente, e só em 1762 a séde do govêrno foi transferida para ahi, da Bahia, situada a 700 milhas ao Norte.

A sua população actual, avaliada em um milhão, é apenas excedida pela de Buenos Ayres, e nos ultimos annos muito se tem feito para melhorar tanto a cidade como o porto e os caes. Maior serviço ainda foi prestado pelas medidas sanitarias, que não sómente fizeram desapparecer os logares mal asseiados e sem ventilação, mas tambem extinguiram effectivamente a febre amarella e reduziram a mortalidade das outras molestias tropicaes.

O Rio é agora sitio de aprazivel residencia no inverno, e a brisa do mar torna o clima agradavel em todos os mezes, excepto nos mais quentes, considerados pelos Europeus como debilitantes.

O imperador d. Pedro II mandou edificar para seu uso uma residencia de verão entre as montanhas, que se elevam além do poncto mais remoto ao fundo da bahia, e esse logar se tornou « o abrigo para a estação calmosa », como dizem na India, para a classe mais rica dos nacionaes e para os representantes dos paizes extrangeiros. Agora que o Rio é mais sadio, a necessidade da migração annual torna-se menos imperativa. O encanto natural, porém, assim como o ar muito mas fresco de Petropolis — que é o nome do logar — tem-no mantido como preferivel refugio no verão. E' um excellente centro, quer para o naturalista, quer para o amante da belleza panoramica.

A estrada de ferro, partindo do Rio e atravessando o terreno baixo e pantanoso ao longo da margem da bahia por mais de vinte milhas, chega á raiz da Serra dos Orgãos, que forma uma parte da Cadeia Maritima.

A Serra dos Orgãos, elevando-se em uma enfiada de torres de granito a uma altura de 7.300 pés, com as quebradas entre os picos guarnecidos de luxuriante floresta, fornece um nobre remate á vista apanhada do Rio, ao longo da extensão da bahia.

Um botanico não poderia gastar semana mais deliciosa do que vagando por ellas numa estação de chuvas menos abundantes e frequentes.

A estrada de ferro ganha o alto da Serra no seu poncto mais baixo, cêrca de 2.600 pés acima do nivel do mar, descendo um pouco do outro lado, ao Nordeste, para Petropolis.

A ascensão proporciona ao viajor vistas da bahia com suas ilhas e de todo o caminho a Sudoeste das montanhas que circundam o Rio, inexcediveis em belleza.

Petropolis é uma bonita cidadesinha, aninhada sob montes ingremes, de ruas bem arborizadas e sombrias, com filas de lojas que muito esperam do visitante do verão ; faz recordar um logar balneario dos Pyreneos ou do Rheno.

Mas o encanto de seus arredores sobrepuja o de qualquer outro logar na Europa, pois em nenhum clima temperado se poderão encontrar taes paizagens com aquelles bosques e aquellas

côres. Aqui, melhor do que nas vizinhanças do Rio, se póde explorar as encostas e penetrar nas florestas a pé, em qualquer logar que se encontre uma vereda para seguir, pois forçar passagens, abrindo caminho atravez do emmaranhado de arbustos e trepadeiras com um machete, é uma tarefa superior ás forças do pedestre solitario. Não é tão facil, como na Europa, ficar conhecendo aqui as montanhas, pois o pedestre não póde ir onde quer.

A espessura da floresta o detem. Elle não póde cravar o olhar em um cume e dizer que subirá alli para obter uma vista, porque o accesso a pé, e ainda mesmo a cavallo, só é possivel onde existir um trilho regular ou uma vereda bem determinada.

Entretanto é uma região alegre, que merece ser amada, e tambem não é tão vasta como os Himalayas ou os Andes. Ao percorrer ao longo dos valles, novas bellezas apparecem, quando as montanhas agrupam-se com picos de rochedo saltando inesperadamente fora da floresta, e novas cascatas descobrem-se no curso dos regatos, pois nesta terra de aguaceiros cada concavidade no terreno tem a sua corrente.

As alturas são sufficientes para impressionar (os cumes da cadeia contam de 4.5co a 7.000 pés de altura), e as formas são infinitamente variadas, tendo aqui e acolá pastos abertos ou declives de terreno rochoso, elevando-se a um pico de rochedo, enquanto que o calor é temperado pela altitude e pela brisa que raramente falha.

Ficámos ainda mais conhecendo o character do paiz, graças a uma excursão na Estrada de ferro Leopoldina, no valle do rio Parahiba, e regressando por um dos seus valles tributarios para o cume da Cadeia Maritima, donde descemos para a costa em Nicteroi, do lado opposto ao Rio. Geralmente não se tem a melhor impressão de qualquer vista e talvez ainda menos de floresta, quando se viaja em ferro-via. Aqui, entretanto, tem de tirar-se proveito das ferro-vias, porque os caminhos são poucos e maus para se andar de carro.

O nosso trem ia devagar, e as chuvas haviam abatido a poeira.

A Estrada de ferro Leopoldina (propriedade de uma companhia ingleza, a cujos gerentes ficámos muito gratos) desce por um estreito valle, cercado de alcantiladas montanhas, cujos contrafortes e esporões salientes fazem voltar para cá e para lá o curso do rio borbulhante.

A' direita e á esquerda saltam cascatas sôbre os rochedos, fazendo crescer suas aguas. As encostas são na maior parte ingremes de mais para a lavoura, mas com pequenos espaços ha casas construidas nas encostas, ao redor das quaes se vêem arvores fructiferas, milharaes ou pequenas hortas.

Finalmente a quebrada se alarga e emergimos no amplo valle, orlado de montes mais baixos, do Parahiba, um dos principaes rios do Brasil que desaguam no Atlantico.

Descendo por elle, atravez um campo magnifico, parámos em uma estação á margem do caminho, afim de obter cavallos e seguir para uma fazenda, cujo proprietario, hospitaleiro, nos convidara para admirar os seus cafesaes e gado. A casa situada em um outeiro com um bonito jardim em frente, vistas encantadoras ao redor, e habitada por sua grande familia de filhos e netos, trouxe-nos agradavel impressão da vida rural brasileira. Ahi havia simplicidade alliada á abundancia, belleza de alamedas e de flores, uma natureza generosa, e lavradores, quasi todos negros, que pareciam satisfeitos e affeiçoados ao amavel patrão.

Uma banda de musica, composta de gente de côr, veio saudar-nos, tocando o hymno inglez. A fazenda é administrada pelo proprietario e seu filho, que sentem prazer em vêr que tudo se passa do melhor modo. Tudo observámos, desde o processo, executado com todo o esmêro e a machina, de lavar e seccar os fructos do café, fazendo a escolha pelo tamanho e qualidade, separando as cascas e a polpa das favas, antes de estarem promptas para se ensaccar e embarcar.

A lavoura do café é ardua. Deve-se aproveitar, de vez em quando, as terras novas e deixar em repouso as velhas.

No dia seguinte á nossa chegada tivemos occasião de ver muitos tractos de terreno antes cultivados e agora abandonados á

floresta, por não mais recompensarem o trabalho da lavoura. Largo trecho de terreno estava prompto para receber novos cafeeiros e pediram-nos para fazer a inauguração, plantando os primeiros, o que occorreu accompanhado do estoirar de foguetes, que os negros faziam subir ao ar em plena luz do dia.

O amor aos fogos, levado pelos povos da Europa meridional para o Novo Mundo, chega ao apogeu entre os homens de côr.

Deixando com pezar este lar idyllico, descemos com demasiada pressa o valle do Parahiba. E' cousa notoria que nada ha de mais bello do que as vistas que se apreciam accompanhando um rio.

Mas aqui sentimos, como si antes não soubessemos, quão bello póde ser um valle, até ver esse do Brasil com a sua viva luz, com as sombras espessas de nuvens tropicaes projectando-se sôbre bosques e campos, as aguas do largo rio, ora borbulhando nos parceis, ora reflectindo as nuvens no seu placido remanso. As serranias mais proximas, que desciam suavemente nas duas margens, estavam coroadas de aldeias circundando as brancas torres da egreja; outras serranias erguiam-se umas após outras, para Oeste, os seus perfis desmaiando na nevoa da distancia.

Não é frequente encontrar nos tropicos a nudez e a mixtura de searas e prados com a floresta, que são o encanto dos scenarios do Sul da Europa. Alli a paizagem representava aquelle genero italiano que se encontra em Claudio e nos fundos dos quadros de Ticiano, illuminado pela luz mais intensa de um sol brasileiro. No Brasil e no Mexico existe scenario, alliando o esplendido ao romantico, á espera de um pintor digno de o reproduzir na tela.

Afastando-nos finalmente do Parahiba, que a linha principal da ferro-via accompanha até o mar, subimos por um ramal a um valle lateral, passámos por grandes extensões de terrenos escabrosos para a região mais alta de espessos bosques, e parámos durante a noite, no meio de uma tempestade. Roncou, trovejou e fusilou sem cessar, como succede frequentemente nessas latitudes, onde massas de nuvens vêm, umas após outras, renovar as descargas.

Na manhã seguinte a linha depois de se conservar pelas alturas durante algumas milhas, desceu atravez uma floresta mais admi-

ravel na sua exuberancia do que qualquer das que houveramos visto antes.

Do cimo contemplámos um cahos de profundos valles, o verde ondulante das copas das arvores, listradas pelo brilho prateado das cascatas, com muitas cadeias e picos ao longe, em poucos tópos dos quaes pisou pé europeu, pois apenas os fundos dos valles são habitados.

As vistas tornavam-se ainda mais bellas, porque os precipicios nas encostas, abaixo das quaes passavamos, estavam cheios de pequenos regatos gerados pelas chuvas da noite anterior, e as cascatas saltavam sôbre uma serie de recifes e desciam vertiginosamente em canaes borbulhantes para os fundos dos valles.

Na planicie abaixo está situada uma tranquilla cidadesinha, denominada — Nova Friburgo — por ter sido primeiro povoada por uma colonia suissa, levada alli, ha muitos annos, para plantar café.

Essas villas brasileiras são edificadas negligentemente, as casas espalhadas em ruas largas, entre arvores frondosas; mas esta conservava alguma cousa do alinho do povo industrioso, que primeiro a povoou.

Muitos dos cafesaes de quarenta ou mesmo trinta annos atraz foram abandonados, e não é mais possivel distinguir os sitios em que floresceram. Ainda não se sabe quanto tempo será preciso para a terra recuperar o seu primitivo vigor e, além disso, ha muita terra virgem aguardando cultura, tomando a questão mais importancia para o proprietario em particular do que para a nação em geral.

Desse risonho valle a estrada de ferro sobe uma alta cadeia e desce então outra vez por um longo valle á planicie, situada por detrás da bahia, chegando finalmente á cidade de Niteroi, do lado opposto ao Rio.

Essa longa corrida pelas montanhas, no cume das cadeias e mais abaixo pelas esplanadas cortadas nas suas encostas, donde se póde contemplar grandes espaços de matta, completou as impressões da floresta obtidas nas nossas excursões nos arredores do Rio

e de Petropolis. Consideradas como uma parte da obra da Natureza, essas florestas brasileiras são mais admiraveis do que as dos Himalayas orientaes ou dos montes Nighiri, na India, mais admiraveis mesmo do que a bella pequena floresta em Hilo, no Haway, que quantos hajam visitado aquella ilha extraordinaria podem jamais olvidar.

Não são porém muito altas estas arvores brasileiras. Disseram-me que mais ao Norte ha logares, onde os grandes troncos alcançam duzentos pés, mas aqui nenhum parecia exceder, e não muitos alcançar cem. Assim, no que diz respeito tanto á altura como á espessura do tronco ou grandeza de aspecto, essas arvores da Serra do Mar não podem ser comparadas nem com as denominadas « Grandes Arvores » da California (*Sequoia gigantea* das florestas da Mariposa e Caloveras) ou ás madeiras vermelhas da cordilheira da costa do Pacifico (*Sequoia sempervirens*), nem egualam as florestas da cordilheira da Cascata acima de Puget Sound, onde muitos pinheiros Douglas e os chamados « cedros » approximam-se, e dizem que alguns excedem, de trezentos pés.

Têm, porém, uma maravilhosa variedade e riqueza de côr, tanto de flores como de folhas. Muito poucas — nesta parte não vi nenhuma — são coniferas, muitas estão sempre verdes, não mudando todas as folhas ao mesmo tempo, como as arvores deciduas de paizes temperados, mas cada arvore por sua vez, de sorte que sempre ha algumas com folhas frescas, que vêm quando outras estão começando a caïr.

A variedade de côres é infinita, desde o verde escuro e lustroso de muitas arvores da floresta até o verde claro dos bambús.

Algumas folhas têm as superficies inferiores brancas, e ao se voltarem para cima, pela acção do vento, são assás brilhantes, tomando a apparencia de flores; e ha uma arvore, frequente nessas florestas, que fórma um grupo que parece bractea ao redor do corymbo na extremidade dos rebentos das flores.

Ainda mais variadas e ainda mais brilhantes são as flores; são vistas melhor de cima, porque é nos ramos mais altos, tocados pelo sol, que mais desabrocham.

Ainda que fosse muito cedo, pois nos achavamos no principio da estação calmosa, para poder ver vantajosamente a florescencia das arvores, a riqueza da côr era deliciosa mesmo em Novembro. Eram talvez mais frequentes o amarello e o branco, havia entretanto brilhante côr de rosa, purpura e violeta. As palmeiras, erguendo-se aqui e alli e elevando-se frequentemente acima do resto, davam uma variedade de côr e de fórma, enquanto que o espaço entre os troncos estava cheio de fetos de vinte pés de altura e de uma intrincada profusão de plantas, que sobem e pendem, e de parasitas, cingindo os ramos de flores. Eram em tal quantidade que seria difficil a qualquer dizer-me os nomes de todas, e como não tinha meio de descobrir os nomes scientificos, nada adeantariam ao leitor os portuguezes, tanto mais quanto verifiquei que o mesmo nome era applicado algumas vezes a plantas inteiramente differentes e só por serem de côr similhante.

E' em tal região que se começa a formar uma idéa da estupenda energia da Natureza. Viramos nos Andes o poder das chamadas forças inanimadas actuando por baixo para abalar a terra e irromper na sua solida crosta.

Alli o calor, agindo na agua, produziu explosões e amontoados cones gigantescos, quaes o Misti e o Tupungato, e destruiu por terremotos cidades como Valparaiso ou Mendoza.

Aqui são ainda o calor e a agua o poder e a materia, em que a fôrça trabalha; mas aqui é por meio da vida que actuam. Cada pollegada de terreno está coberta de alguma cousa que vive e cresce. Enquanto os altos troncos avançam para cima afim de sobrepujar os companheiros e conseguir que os seus mais altos renovos produzam flores pela exposição á luz do sol, trepadeiras delgadas como uma vergontea de videira, ou fortes como um cipó, abraçam o tronco, sobem pelos galhos e penduram-se em festões que se agitam entre uma arvore e outra.

Os troncos abatidos acham-se densamente cobertos de fetos e musgos.

Orchideas e muitas outras parasitas lançam raizes no tronco vivo e enfeitam-no, até a sua derradeira ruina, com flores que não

lhe pertencem. As proprias faces despidas da rocha gneiss, demasiadamente escarpada para qualquer terra fixar-se nellas, supportam uma planta com um espesso molho de folhas succosas, capaz, seja como fôr, de se sustentar do ar e da humidade, tendo as suas raizes ancoradas em alguma ligeira aspereza do rochedo. Quando se deita abaixo pela raiz um trecho de matta, bastam cinco annos para cobrir o solo novamente de arvores e arbustos tão viçosos, que mal se pode distinguir aquella da outra não cortada.

Essa rapida actividade de vida, quando muito, é mais admiravel do que a variedade de fórmas. Cada uma das grandes florestas da Europa e Norte America consta de poucas especies de arvores. Na Nova Floresta, a mais bella de todas da Inglaterra, em um logar se encontram principalmente faias, noutro carvalhos, mixturados talvez com alguns vidoeiros e espinheiros.

Os bosques do Maine e New Hampshire compõem-se de bordos, faias, pinheiros brancos e pinheiros do Canadá, com alguma arvore menos frequente de vez em quando. Nas majestosas florestas da costa do Pacifico raramente se apresentam mais do que tres ou quatro das maiores especies em alguma quantidade, e creio que o mesmo se dá com as florestas de Eucalyptus da Australia. Mas nesta costa do Brasil a diversidade é infinita. Os que atravessaram as florestas do Amazonas fizeram identica observação. Lá, assim como aqui, podeis encontrar, dentro de oitenta jardas de raio, quarenta especies de arvores, crescendo lado a lado, especies pertencentes a differentes familias, com grande quantidade de fórmas e côres de folha e flôr. Não satisfeita com a abundancia da sua producção, essa energia creadora da Natureza insiste em exprimir-se tambem por uma infinita variedade de fórmas.

Que principios descobertos até agora pelos naturalistas poderão explicar completamente tão extraordinaria diversidade em um sitio, em que as condições são as mesmas?

Depois da doutrina do « Struggle for life » ter sido proposta por dous grandes naturalistas que haviam visto, um a America do Sul, e o outro as ilhas tropicaes do Extremo Oriente, logo se

aprendeu a reconhecer e observar a acção do principio em todas as partes da terra até que no arido deserto ou no Norte glacial chegou-se a uma terra, onde a propria vida estava extincta. Mas é no Brasil que o principio é visto na plenitude de sua fôrça. Aqui, onde a vida é tão profusa, tão multiforme, surgindo tão incessantemente ao redor, como as ondas de um mar revôlto, essa lei da acção da Natureza parece fallar de cada folha, e a floresta proclama-a com as mil vozes dos seus braços e dos seus troncos.

Fazendo excursões ao redor do Rio e notando os characteristicos physicos do terreno que occupa, os montes de rocha, os promontorios e as ilhas, vêm á mente do viajante as cidades da Grecia e Italia, e naturalmente pergunta a si mesmo:

Na hypothese do Rio ter sido uma daquellas cidades, onde fôra a Acropole, em que sitio se reuniriam os cidadãos em assembléa antes de se arrojarem para atacar um tyranno, e para que fortaleza, cercada d'agua, um dominador mandaria os seus captivos, assim como os imperadores romanos agarravam os seus inimigos e mandava-os do Bosphoro em degredo? Lembrando-se então de que poucas ruas ou montes têm alguma associação com o passado, elle quizera ler no futuro e ver si taes associações ainda virão a ser um facto, e si insurreições e conflictos civicos tornarão famosos alguns desses ponctos.

Em cidades antigas como Florença, Paris e Edimburgo, os monumentos historicos contribuem muito para o interesse do logar.

Quantos successos da historia ingleza se acham ligados á Tower of London e a Westminster Hall!

Aconteceu que durante a nossa estada no Rio sobreveio um incidente, patenteando que a tranquilla superficie das cousas póde, mesmo em nossos dias, ser agitada por paixões explosivas, incidente que revelou nova especie de perigo a que, em caso de lucta intestina, está sujeita uma cidade maritima pelas modernas machinas de guerra.

No dia em que deviamos embarcar para a Bahia e Europa saimos de Petropolis, pela manhã cedo, afim de tomarmos o trem para o Rio, e ouvimos na estação boatos de uma revolução no Rio,

boatos confusos, pois ninguem podia dizer de quem partia a revolução, si é que a havia, ou contra quem era dirigida. Quando chegámos ao Rio as cousas se aclararam um pouco. Não era uma revolução politica ou um pronunciamento militar, mas uma sedição na marinha. As guarnições compostas quasi todas de negros, dos dous encouraçados dreadnought, que o Governo brasileiro encommendara e comprara a uma firma ingleza de constructores navaes, e, chegados, não havia muito tempo, revoltaram-se durante a noite.

O commandante de um delles, do *Minas Geraes*, foi assassinado pela guarnição ao pisar a bordo, de volta de um navio francez, onde jantára. Espalhou-se a noticia que elle fôra atravessado de baionetas e depois retalhado a machadinha.

Mataram poucos dos outros officiaes e o resto mandaram para terra. Os unicos homens brancos deixados a bordo foram alguns machinistas inglezes detidos afim de trabalharem nas machinas. As guarnições de um cruzador e dous vasos de guerra menores junctaram-se á revolta. Todos esses navios se achavam nas mãos das guarnições, que, todavia, se acreditava estarem sob as ordens de officiaes inferiores da sua côr, e que eram capitaneados por um negro chamado João Candido, homem alto, energico e resoluto, que deu logo prova da sua ousadia e auctoridade, mandando atirar ao mar todas as bebidas alcoolicas.

Os aggravos allegados pelos marinheiros foram: excesso de serviço, soldo insufficiente e frequencia de castigos corporaes. Pullulavam boatos, ligando os nomes de politicos proeminentes ao motim, mas tanto quanto se poude apurar no momento ou posteriormente, não havia fundamento algum nessas suspeitas.

A sedição parece ter sido um acto espontaneo das guarnições, que, na opinião de alguns, como houvessem estado em Lisbôa, onde houve ultimamente uma revolução, talvez tivessem contrahido alli o germe da rebellião.

Ao exigirem a reparação dos aggravos allegados, que, naturalmente, devia ser accompanhada de uma amnistia para elles, ameaçaram de pôr em cinzas a cidade, reforçando a ameaça com o disparo de alguns tiros (não empregaram todavia os grandes ca-

nhões) contra ella. Um tiro matou duas crianças, ficando feridas mais algumas pessoas.

O aspecto da cidade não se resentia tanto do estado de cousas, como seria de esperar. Havia algum movimento de tropas, de infantaria e cavallaria. Viam-se poucas carruagens ou automoveis, e raras mulheres appareciam á rua. Os negocios estavam frouxos; grupos de homens entretinham-se em conversas nas esquinas, evidentemente communicando-se uns aos outros as versões suspeitas, e conjecturas pullulavam no ar. Foi interrompido pelos sediciosos todo o trafego por mar com o lado opposto da bahia, e tambem forçaram á submissão um dos fortes da entrada.

Fazendo pequena digressão á grande esplanada de Botafogo, ao lado das palmeiras, vi uma bateria de artilharia de campanha com os canhões em alvo sôbre os dous encouraçados, o *Minas* e *S. Paulo*, contra os quaes seriam, seguramente, tão inoffensivas as suas balas, como si fossem de papel.

Alli estavam os magestosos monstros amarello-cinzentos, ainda frescos dos estaleiros dos snrs. Armstrong, em Newcastle, tremulando a bandeira do Brasil, mas tendo tambem içada á prôa a nsignia vermelha da rebellião.

Assim se passou o dia, o terror diminuindo, mas o sentimento de impotencia augmentando. Estavamos tomando um *lunch* no Ministerio dos Negocios Extrangeiros — era pequena a sociedade, pois considerações de segurança haviam afugentado as senhoras convidadas —, quando se ouviu de repente o troar de canhões, continuando com intervallos durante toda a refeição. Depois, ao saïr daquella secretaria, vi que os dous dreadnougt estavam bombardeando algumas torpedeiras tripoladas por guarnições ainda fieis, que se lhes haviam approximado. A pontaria era má e nenhum dos vasos alvejados foi alcançado, mas prudentemente se occultaram dentro da bahia, em logar raso, onde os encouraçados não as podiam perseguir.

Assim iam correndo as horas, e todo o mundo ainda estava perguntando, « Que se deve fazer? » « Os sediciosos », assim diziam, « não podem ser forçados pela fome, pois ameaçaram des-

truir a cidade si não os abastecessem de viveres, e a cidade acha-se á sua mercê. Por meio dessa ameaça obrigaram-nos a fornecer-lhes agua. Não podemos fazer saltar os navios pelo emprêgo de torpedos, primeiro porque extenderam as redes de torpedo ao redor dos cascos, em segundo logar porque seria cousa muito grave destruir uma propriedade, pela qual pagámos uma parte não pequena da nossa renda annual.

Não parece que temos de nos submetter aos sediciosos?

Não ha outro remedio.»

Mais tarde recomeçou o canhoneio, e eu subi ao terceiro andar do Consulado Inglez afim de observar o que se passava. Os navios estavam bombardeando o quartel do batalhão naval na Ilha das Cobras situada no porto, e a ilha respondia, e nos achavamos bastante perto, de sorte que viamos o relampago vermelho dos labios de ferro, antes de ouvir o estampido.

O paquete inglez, pelo qual deviamos seguir para Liverpool, estava fundeado a certa distancia na bahia. Os barcos de carvão que se dirigiam para elle foram impedidos de o fazer pelos sediciosos, mas nas carvoeiras do vapor havia o sufficiente para alcançar a Bahia.

A difficuldade immediata era que os passageiros tinham de atrevessar a linha de fogo para chegar a bordo.

Finalmente, porém, mandaram de terra um bote com a bandeira de paz hasteada, e o *São Paulo* assentiu em cessar o fogo e deixar os passageiros embarcarem no navio inglez.

Seguiram elles em uma lancha, tendo hasteada a bandeira do Consulado e atravessaram illesos a zona perigosa. Era o unico meio, mas percebia-se em cada rosto uma sensação de allivio ao pormos o pé a bordo, pois se désse na veneta a um artilheiro negro atirar mais uma vez contra a Ilha das Cobras, a sua má pontaria poderia pôr a pique a nossa lancha.

Quando o vapor ia saïndo lentamente para o oceano, o magnifico *São Paulo* passou muito perto ao nosso lado, e podiamos ver o seu convez apinhado de negros e a bandeira vermelha tremulando.

«Um estudo do preto e vermelho, observou alguem.

O *Minas Geraes* e o *Bahia* achavam-se fóra da barra tanto para estarem livres de torpedos, como para guardar a entrada da bahia. Aproámos para o Norte e despedimo-nos do Rio, illuminado parcamente por um cinzento occaso, nuvens espessas cobrindo o Corcovado, mas a sublime atalaia do Pão de Assucar ainda visivel atravez das sombras que se accumularam. Duas horas depois, olhando para traz pela noite escura, podiamos ver abaixo do horizonte o lampejo dos holophotes do *Minas Geraes*, investigando o mar ao redor para se guardar do furtivo ataque de alguma torpedeira do Governo.

Poucos dias depois, em Pernambuco, soubemos que se restabelecêra a ordem. As Camaras votaram uma amnistia com eloquentes phrases sôbre a belleza do perdão e prometteram a reparação dos aggravos allegados pelos sediciosos. Sobreveio um motim depois disso, que foi reprimido com a perda de muitas vidas, mas esses ultimos acontecimentos se deram quando nos achavamos muito longe dalli, proximos da costa da Europa, e sôbre elles nada diremos, portanto.

A costa até certa altura para o Norte do Rio continúa elevada, mas os vapores conservam-se muito distantes della, de sorte que não se póde apreciar as suas bellezas.

Antes de se chegar á Bahia as montanhas têm-se afastado, e naquella cidade, ainda que sejam visiveis alturas pittorescas, estão situadas muito atrás e apenas figuram na paizagem.

Mais para o Norte, em direcção a Pernambuco, e na maior parte do caminho em direcção ao Noroeste, para o Pará, a costa é muito mais baixa. A bahia de Todos os Santos é singularmente bella pela sua vasta curva, assim como pela verdura que franja as suas angras, e pelos vislumbres de montes distantes illuminados pelo sol. Nem é a cidade, que foi por muito tempo a capital do Brasil, falha em interesse; pois, ainda que nenhum dos edificios tenha muito merito architectural, ha uma singular

apparencia de antiguidade pelas ruas e praças, com muitas casas que permaneceram sem alteração alguma desde o seculo dezoito.

A cidade alta extende-se pela margem de uma terra elevada, de sessenta a oitenta pés acima da cidade baixa, que é uma simples linha de rua, mais suja mesmo do que pittoresca, occupando a nesga de terra entre o porto e o rochedo. Aqui muito mais do que no Rio aparisado se encontram reproduzidos os traços familiares de uma cidade portugueza : ruas irregulares e estreitas, casas frequentemente altas, cobertas de telhas vermelhas, e pintadas as paredes com todas as especies de côres : côr de rosa, verde, azul e amarello. Algumas vezes toda a frente ou lado de uma casa é coberta de ladrilhos azues ou pardo-amarellados, characteristico das cidades portuguezas — frequente no Porto e em Braga — proveniente do tempo dos Mouros. Mas encontra-se ainda maior contraste entre esta parte e a do Sul do Brasil na população.

Em S. Paulo ha poucos negros, no Rio muitos, mas aqui na Bahia toda a cidade é negra (*). Poder-se-hia imaginar estar na Africa ou nas Antilhas. Dá-se o mesmo em Pernambuco, e de facto em todo o caminho até á foz do Amazonas.

Vendo-se esta região occupada por gente de côr, ao passo que São Paulo o é por gente branca, e sabendo-se que mil milhas mais para Oeste encontrar-se-ha uma região completamente habitada pelos indigenas, começa-se então a fazer idéa da vastidão do territorio do Brasil, capaz de ser retalhado em dezeseis paizes, tendo cada um a superficie egual á da França. Si houvesse limites naturaes, isto é, si no seu aspecto physico existissem cadeias de montanhas ou desertos, que dividissem essa immensa região em secções, as partes povoadas do Brasil já se teriam fraccionado em differentes communidades politicas. Mas como não existem taes linhas naturaes, si a Republica mantiver a integralidade, isso só poderá ser produzido por differenças no character da população ou por algum conflicto de interesses materiaes.

(*) E' notoria a exaggeração do auctor.

Como poude ter succedido que tão vasto paiz coubesse em sorte a um povo tão pequeno demais para elle, visto que mal se póde avaliar a nação brasileira verdadeiramente branca em mais de septe milhões?

O que aconteceu foi que os Francezes, Inglezes e Hollandezes, estando muito occupados na Europa, não proseguiram nas suas tentativas de posse do paiz com sufficiente persistencia e com forças adequadas, e assim perderem as regiões, de que se haviam apoderado. Dessa forma se tornou possivel a um punhado de Portuguezes na costa do Atlantico mandar pequenos bandos colonizadores ao seu Hinterland desoccupado, e como não houvesse habitantes civilizados para lhes apresentar resistencia, foram adquirindo titulo de posse sem opposição, até encontrar os postos avançados do governo hispanhol, que se adeantou do Pacifico atravez dos Andes, exactamente como os Portuguezes haviam feito, partindo do Atlantico. Nem Portuguezes nem Hispanhóes tinham sido assás numerosos para colonizar a parte interior do continente, de sorte que ella permanece (exceptuando poucos postos commerciaes nos rios) em completa solidão.

Ainda que todo o Brasil constitua physicamente um só paiz, contém, entretanto, regiões differindo em clima, em recursos economicos e em população. Tentarei indicar em poucas linhas o character de cada uma.

A parte mais septentrional, ao longo das fronteiras da Guiana e tambem ao longo de uma boa parte da costa entre a foz do Amazonas e o cabo de São Roque, é a menos valiosa, pois contém grandes tractos pedregosos, e não raras são as sêccas prolongadas. O extremo Norte quasi não tem sido colonizado.

A parte central de Léste, consistindo em cadeias de montanhas e alturas planas, a que nos referimos, junctamente com as encostas que descem por todos os lados dessas terras altas, é uma região de grandes recursos naturaes, que pode produzir todas as colheitas e fructos tropicaes. E' geralmente salubre, e grande quantidade della não impossibilita, pelo calor, que o homem branco trabalhe e prospere, e as magnificas florestas, não menos do que as

minas, farão dessas montanhas, ainda durante muitos annos, uma fonte de riqueza não inferior á dos tractos mais planos. O seu poncto fraco é a falta de trabalho do branco e a inefficacia do do negro.

Esta região tropical passa imperceptivelmente para a temperada, que comprehende os estados de S. Paulo, Paraná, Sancta Catharina e Rio Grande, uma secção do paiz não menos fertil do que a ultima e mais apropriada ás compleições dos Europeus. Ahi todos os productos intertropicaes se dão bem, ahi tambem ha florestas, e ahi, nos logares em que a terra não foi cultivada, ha abundante e excellente pasto para todas as especies de gado. Assim como a região central de Léste é a terra do algodão e do assucar, essa do Sul é a terra do café e do gado, — café nas suas partes septenrionaes, gado e cereaes nas do Sul.

Restam os vastos espaços do Oeste e Noroeste, ainda tão mperfeitamente explorados, que é difficil calcular o seu valor economico.

As selvas amazonenses são a terra de outro grande producto brasileiro — a borracha. Acredita-se que quasi toda a região do Brasil que confina com a Bolivia, vasto territorio plano ou ligeiramente ondulante, parte prado, parte coberto de matta ou arbusto, seja apropriada tanto á cultura como á criação. Actualmente é pouco accessivel, e os mercados estão muito longe; mas quando os districtos do Brasil, Uruguai e Argentina, situados entre essa região e a costa, estiverem mais povoados, chegará a sua vez.

Tomando o Brasil no seu conjuncto, nenhum grande paiz no mundo, pertencendo a uma raça européa, possue tamanha extensão de terra aproveitavel para o sustento da vida humana e para a industria productiva. Nos Estados Unidos ha desertos, e do gigantesco Imperio Russo grande parte é deserto, e outro tanto é inutilizado pelo gêlo. Mas tudo que a Natureza presenteou aos Portuguezes do Brasil é de utilidade para o homem. Uma posse tal foi mais que sufficiente para compensar o pequeno reino da perda do imperio, que começou a fundar no seculo XVI na India, antes de chegarem os maus dias, após a morte do rei d. Sebastião.

A prosperidade material de um paiz depende todavia menos de seus recursos naturaes do que da qualidade do trabalho applicado ao seu desenvolvimento e da intelligencia que dirige o trabalho. A esse respeito o Brasil tem sido menos feliz.

Quando os Portuguezes se estabeleceram no littoral forçaram os indigenas a trabalhar para elles, e em alguns logares exterminaram por meio de crueldades o maior numero da população aborigene.

Os negros começaram a ser importados no anno de 1600, pouco mais ou menos, mas não em grande escala, até que a descoberta de minas de diamantes e de outras no interior creou a urgente necessidade de braços para a sua exploração. Depois disso houve grande importação de escravos de todos os dominios portuguezes da Africa e das regiões do Congo para o serviço da lavoura e das minas; e isso assim continuou, posto que já muito reduzido no fim, até os nossos dias. Dizem que entre 1825 e 1850 desembarcaram 1.250.000 escravos, e mesmo mais tarde ainda entraram outras carregações.

Por isso a população laboriosa da região tropical, incluindo as cidades do littoral, ficou composta em grande parte (o Norte na sua maior parte) de negros. A escravidão foi abolida gradualmente, sendo-lhe dado o ultimo golpe em 1888. A lavoura ficou desorganizada por algum tempo, mas a maioria dos libertos voltou ultimamente ao serviço. E' á custa de seu trabalho que se cultiva a canna e o algodão, ainda que levem vida facil, e frequentemente se contentem em empregar apenas o exfôrço em tantos dias da semana, quantos forem precisos para os prover de alimento e outros para as necessidades da vida. Aqui como em toda a parte essa raça é alegre e estouvada, cuidando pouco do futuro, amando os divertimentos nas suas formas infantis.

E' bondosa e submissa, mas perigosamente excitavel, e promptamente desmoralizada pela bebida.

Os lavradores acham difficil contar com os trabalhadores, pois se ausentam si sentem mais preguiça do que a de costume, e se passarão, quando contrariados, para outro patrão, que devido á

carencia de braços os acceita com satisfacção. Procriam muito, mas morrem-lhes os filhos em grande numero, especialmente na infancia, de sorte que tomando-se o paiz na sua generalidade, elles não parecem augmentar mais rapidamente do que as outras secções da população.

Taes são as regiões do assucar e do algodão: voltemos agora aos estados meridionaes da Republica, cujos productos são o café, gado e cereaes. Nelles e especialmente em S. Paulo e Rio Grande, as condições são completamente differentes. O numero de negros nunca foi grande alli, e não augmenta. Devido á elevação do terreno e ao sol menos forte, o calor não é excessivo em qualquer dos dous Estados, e os immigrantes europeus podem trabalhar, prosperar e viver felizes.

Por esse motivo os Europeus têm affluido para alli.

Entre 1843 e 1859 partiram cêrca de vinte mil pessoas da Allemanha para o Rio Grande do Sul, e diz-se que existem agora lá cêrca de duzentos mil, formando uma communidade compacta que conserva os seus habitos nacionaes e administra os seus negocios com pouca intervenção por parte do governo central.

Ella está, de facto, disposta a resentir-se de qualquer intervenção e a deixar as cousas correrem á verdadeira moda allemã.

Ainda maior é o numero de Italianos, que em annos mais recentes se estabeleceram nesses Estados meridionaes. O serviço nas grandes fazendas de café de S. Paulo é quasi todo feito por Italianos; e no Rio Grande tornaram-se proprietarios ruraes abastados, vivendo com menos confôrto do que os seus vizinhos allemães, mas trabalhando com a mesma constancia.

Essa melhor qualidade de população tem contribuido muito para tornar os Estados do Sul a parte mais adeantada do Brasil.

Si os Italianos e os Brasileiros natos do Sul, que têm muito menos sangue africano do que os dos Estados do meio, continuarem a espalhar-se como colonos nos districtos do Sudoeste, ainda pouco povoados, darão provavelmente prosperidade tambem áquella região.

A criação de gado é fomentada por Gaúchos, muito similhantes aos do Uruguai ou Argentina.

Dizem que elles communicaram seu amor pelos cavallos aos Allemães e Italianos, de sorte que nos dias sanctos até as mulheres dessa raça apparecem montadas a cavallo de uma forma que sorprehenderia as suas primas camponezas, que ficaram em casa na Suabia ou Lombardia.

O elemento extrangeiro no Brasil é mais importante pela sua energia e industria do que pelo numero, pois provavelmente pouco excede de um milhão bem contado, e a população total da Republica póde approximar-se de dezenove ou vinte milhões. Em 1910 entraram cêrca de 88.000 immigrantes, na sua maior parte Italianos, e o resto Portuguezes, Hispanhóes e Syrios, estes ultimos geralmente mascates ambulantes, ou pequenos negociantes que se estabelecem nas cidades.

O affluxo de Syrios, que se encaminharam para a America do Sul e Antilhas durante os ultimos annos, é uma feição nova e curiosa nas correntes do movimento ethnico, que assignala os nossos tempos.

Mas quanto ao proprio povo brasileiro?

As influencias que tendem a fazê-lo variar do seu typo original são contrabalançadas pela constante immigração de Portugal e tambem da Hispanha, pois, apezar de qualquer especie de Hispanhol (excepto o Gallego) differir materialmente do Portuguez, as duas raças differem muito menos uma da outra do que uma dellas de qualquer outra do tronco europeu. O Brasileiro é principalmente portuguez nos perfis do espirito e character. Tem sido, todavia, modificado pela mixtura com duas outras raças.

A primeira dellas é a dos aborigenes. Os colonos tanto em S. Paulo como ao longo da costa Nordeste, ao mesmo tempo que exterminavam a maior parte dos Indios, quer em peleja, quer fazendo-os succumbir pelo excesso de trabalho, casavam-se entretanto francamente com as Indias.

Os descendentes eram chamados Mamelucos, termo oriental que é exquisito encontrar-se aqui, e está começando a cair em

desuso. No Sul essa raça mixtiça, assim como a pura raça india, já foram absorvidas pelo resto da população.

Seria tão possivel encontrar um Pawnee em Philadelphia como um Indio em Santos. No Norte esses mixtiços são chamados *Caboclos*, nome dado no principio ao Indio manso, em opposição ao selvagem *Indio bravo*; e naquella região uma grande parte da população do campo é dessa raça mixtiça.

A segunda influencia modificadora é a dos Africanos importados. Quando os primeiros navios negreiros despejaram as suas carregações na costa do Atlantico, aborigenes daquelles districtos já haviam sido aniquilados ou fundidos com a população portugueza, de sorte que a mixtura das raças india e negra, que se suppõe produzir uma classe de cidadãos que especialmente não se deve desejar, era relativamente pequena. Entretanto o cruzamento da raça negra e branca tem proseguido a passos largos, constituindo os negros uma grande percentagem da população, e os mulatos escuros ou claros outra ainda maior. A fusão continúa pois aqui, assim como na Africa Oriental portugueza; nenhum sentimento de repulsão de raça se oppõe a isso. Quaesquer cifras que se apresentassem seriam completamente conjecturaes; pois a linha entre os mulatos e os brancos não póde ser tirada nem mesmo com approximada exactidão. Mesmo nos Estados Unidos, onde as condições permittem uma discriminação mais cuidadosa, ninguem póde dizer qual é a porcentagem de mulatos para a totalidade da população de côr, nem qual a proporção de sangue negro, que se encontra nos classificados de brancos, pois muitos que têm algum sangue negro nas veias conseguem occultar a sua presença, enquanto outros são classificados como sendo de côr e na Europa passariam por brancos. Muito mais difficil é dizer no Brasil quem deve ser julgado como pessôa de côr.

Até que poncto as differenças entre os Brasileiros e os Portuguezes de hoje são produzidas pela mixtura com outras raças, e até que poncto pelas condições da vida colonial e por um novo meio, material, é uma questão que se poderia estudar eternamente sem chegar a uma conclusão razoavel. Os descendentes de Inglezes que

estavam vivendo em Massachussets e Virginia em 1840, antes que a immigração da Europa continental começasse a affectar a raça ingleza, já accusavam differenças notaveis dos Inglezes da velha Inglaterra, e é impossivel dizer até que poncto as mudanças que se têm dado no povo dos Estados Unidos desde então são devidas a influxo de novos immigrantes da Europa, e até que poncto a outras causas. O Brasileiro ainda é mais do typo do Portuguez do que de qualquer outro. As suas ideas e gostos, os seus modos de vida, as suas alternativas de apathia e actividade, seu natural bom genio, sua susceptibilidade ás emoções e a uma rhetorica que póde produzir a emoção, pertencem ao paiz de sua origem.

O Brasil foi o ultimo paiz no continente americano a tornar-se uma republica. Isso se realizou em 1888. Em 1807, quando os exercitos de Napoleão Bonaparte entraram em Portugal, d. João, da casa de Bragança, que então reinava em Portugal, atravessou o Atlantico e estabeleceu a sua côrte no Rio até que a expulsão dos Francezes permittiu que elle fosse reoccupar o seu throno europeu. Em 1822 o povo ficára descontente com o mau governo dos Portuguezes. As idéas republicanas, estimuladas pela destruição progressiva do poder hispanhol nas costas do Pacifico, tomavam incremento; foi quando d. Pedro, filho do rei d. João, e regente do reino do Brasil, proclamou a independencia do paiz, que foi concedida pela metropole após alguma lucta, em 1825.

O seu acto provavelmente salvou as instituições monarchicas, e quando elle abdicou em 1831, desgostoso por causa das difficuldades que o cercavam, e da impopularidade, a que as suas proprias faltas o haviam exposto, foi succedido pelo filho, que reinou como imperador, d. Pedro II.

Este principe, affavel e illustrado, amante da sciencia natural, assim como das artes e das lettras, dedicou-se principalmente a viajar na Europa e ao melhoramento da economia e instrucção do seu paiz, intervindo muito pouco na Politica.

Uma conspiração militar e o resentimento dos agricultores pela subita abolição da escravidão produziram a revolução de 1889, em que se proclamou a Republica, e o imperador foi embarcado em um

navio e deportado para a Europa. Em 1891 reuniu-se um congresso que decretou uma constituição federal modelada pela dos Estados Unidos.

O immenso territorio do paiz e a sua falta de homogeneidade suggeriu um systema federal, para o que já existia uma base nas assembléas legislativas das provincias. Desde então o Brasil tem tido o seu farto quinhão de levantamentos armados e guerras civis.

A principio era permittido aos Estados o pleno exercicio das amplas funcções, que a Constituição lhes concedia, incluindo o criar rendas por impostos sôbre a exportação e a manutenção de uma força policial que em alguns Estados não se distingue de um exercito. Immediatamente fizeram-se tentativas para encurtar as redeas, e essas tentativas têm continuado até o presente.

O Governo nacional tem á sua disposição o importante campo da legislação financeira e da tarifa, a superintendencia sôbre o exercito e a marinha, e a competencia de ajudar os Estados necessitados ou atrazados, por concessão de dinheiro ou pela execução de obras publicas.

Tem-se exforçado ultimamente com o emprêgo desses meios por exercer sôbre os Estados maior fiscalização do que alguns delles parecem querer acceitar.

Nem é esta a unica difficuldade. Enquanto alguns dos Estados, especialmente os do Sul, têm uma população intelligente e energica, outros se conservam atrazados, os seus cidadãos demasiadamente ignorantes e preguiçosos, ou inconstantes e emocionaes, para serem aptos a se governarem. O suffragio universal nos districtos, onde a maioria dos eleitores consiste de ignorante gente de côr, suggere, si não justifica, os methodos extra-legaes de se fazerem as eleições.

Uma illegalidade gera outra, e alli fica perpetuada uma desconfiança para com a auctoridade e um recurso á violencia.

Um dos mais recentes e brilhantes viajantes europeus (M. Georges Clemenceau, no seu livro — *A America do Sul moderna*) em uma passagem transmitte a sua admiração pelas qualidades attractivas, que encontra nos Brasileiros :

« A Constituição gosa de uma auctoridade principalmente theorica... Ha uma falta de equilibrio entre os Estados que já têm uma civilização altamente aperfeiçoada e os districtos que theoricamente estão em pé de egualdade, mas cuja população negra ou india só pode comportar uma democracia nominal, manchada daquellas explosões irresponsaveis que characterizam a primitiva humanidade. » Que a auctoridade de uma Constituição devia ser » theorica, mais do que práctica, » deve-se esperar onde uma « democracia é nominal ; pois si as instituições, cujo manejo requer intelligencia e espirito publico, são impostas aos indios e negros, o insuccesso é inevitavel ».

Na politica brasileira hodierna ha muitas facções, mas nenhum partido organizado, nem quaesquer principios definidos ou politicos defendidos por qualquer ou quaesquer grupos de homens. As resoluções do Governo federal são frustradas e torcidas pelas dos Estados, as decisões dos Estados embaraçadas pelas federaes, e ambas as especies de decisões visam mais individualidades do que principios geraes ou intuitos especificos e practicos. Não se encontra, entretanto, uma fonte de dissenção — a lucta da Egreja e clericalismo contra os principios da egualdade religiosa que tem perturbado as republicas hispano-americanas.

No Brasil a separação da Egreja e do Estado é completa, e ainda que o corpo diplomatico gose da presença de um Nuncio papal, como um de seus membros, esse apêgo á tradição não tem actualmente importancia alguma.

Além de que aqui, assim como na Argentina e no Uruguai, a Egreja e a Religião parecem ter pouca influencia sôbre o pensamento ou a conducta dos seculares. A ausencia ou fluidez dos partidos torna o Poder Executivo mais forte do que o Legislativo, tanto na politica nacional como na estadoal.

Ha muitos homens de talento, especialmente talento oratorio, e muitos homens de energia, mas poucos os que tenham mostrado força constructiva e a comprehensão necessaria para tractar dos enormes problemas economicos, que um paiz tão vasto, tão rico e tão variado apresenta.

Entre as leis de rendas actuaes póde-se contar a de defesa, contraposta ao livre cambio. A politica brasileira, presentemente, é altamente proteccionista, e não hesita, quando algum poderoso interesse exige mais protecção, em augmentar pelo dôbro, ou mais ainda, qualquer imposto proteccionista que já exista. As principaes questões sociaes são as que se referem ao desenvolvimento da instrucção e o estabelecimento de melhores leis sôbre o trabalho em beneficio das crianças e garantia dos operarios.

A questão constitucional de maior importancia é a das relações dos governos federal e estadoal. Criticos europeus deploram que nenhum grupo legislativo promova uma politica definida e consistente, quanto a esses assumptos.

Entretanto deve-se recordar a taes criticos que o paiz é uma republica apenas constituida de 1891 para cá, e livre da mancha da escravidão somente em 1888, e que a paz tem sido desde então frequentemente perturbada. E' cedo de mais para se desanimar.

A sociedade brasileira parece a um bom observador estar em estado de transição, e não póde, por algum tempo, conseguir reconciliar os contrastes entre o velho e o novo, entre a theoria e a práctica, que agora apresenta.

O antigo systema era aristocratico, não somente porque um numero de familias respeitadas, cercando a Côrte imperial, gosavam de uma preeminencia de classe, mas tambem porque crescera uma classe mais nova, de homens ricos, principalmente proprietarios ruraes. A aristocracia de classe quasi desappareceu, mas a aristocracia da riqueza permanece e está de posse dos negocios publicos. Na maior parte do paiz está muito acima da população laboriosa, existindo entre as duas um pouco de classe média.

Os principios democraticos foram proclamados nos termos mais latos, mas os pensadores vêem, e mesmo os que não pensam não podem deixar de sentir, ainda que obscuramente, que nenhum Govêrno, por melhores que sejam suas intenções, póde applicar taes principios em um paiz, onde septe oitavos do povo são de analphabetos e metade delles pertence a raças atrazadas, incapazes de exercer os direitos politicos.

Podem pensar que as condições aqui notadas se assimelhem com as dos Estados do Sul na União Norte-Americana. Mas lá ha duas differenças notaveis. No Brasil não existe uma « linha de côr » social exactamente traçada, e a fusão de brancos e pretos por casamento continúa constantemente. No Brasil o puro elemento branco, posto que prepondere nos districtos temperados do Sul, é menos da metade de toda a nação, enquanto que nos Estados Unidos é de oito nonos. Accresce que no Sul dos Estados Unidos quasi toda a população de côr tem sido privada dos direitos civicos e se entende que todas as declarações de principios democraticos estão sujeitas ao dogma, agora fundamental, de que a supremacia branca deve ficar absolutamente assegurada.

Não obstante dizerem que a estabilidade financeira do Brasil mal se equipara á da que a Argentina gosou em 1910, e não obstante ter sido menos rapido o crescimento da riqueza nacional e individual, ha uma impressão de abundancia, e as classes superiores vivem facilmente, de maneira liberal. A posse de escravos produziu habitos extravagantes, especialmente entre os fazendeiros. —Pois de que serve cuidar de detalhes de despesa, quando ainda se tem trabalhadores prodigos, cuja negligencia infecciona todos os seus superiores? Os Brasileiros são alegres e hospitaleiros, como os seus antepassados Portuguezes, e têm o exemplo e a desculpa na Natureza generosa que os cerca. Parecem menos inclinados a corridas de cavallos e a apostas do que os Argentinos e Chilenos, mas o instincto do jôgo encontra muitas opportunidades na fluctuação do cambio, assim como nas rapidas alterações da Bolsa.

O Brasileiro é, principalmente, um homem do campo e não da cidade.

O Rio, grande como é, constitue factor menos poderoso do que Buenos Aires na Argentina, ou Santiago no Chile. O proprietario rural ama a vida do campo, do mesmo modo que o plantador da Virginia, na America do Norte, antes da guerra civil, e vive na fazenda, em uma especie de maneira semifeudal e patriarchal, frequentemente com filhos e filhas crescidos ao redor.

Os Estados (excepto no extremo Sul) são extensos; vizinhos proximos são poucos; as familias geralmente numerosas; a fazenda é uma especie de pequeno principado, e o seu proprietario com os outros collegas é auctorizado, mau grado toda a theoria democratica, a dirigir a politica do districto, exactamente como na Inglaterra, ha oitenta annos, as familias do Condado usavam superintender os negocios locaes e guiar a escolha dos representantes no Parlamento.

Já disse que o Brasileiro, ainda que modificado em algumas partes do paiz pelo sangue do indio ou do negro, é principalmente portuguez.

Ora, o Portuguez, um povo attrahente para os que vivem com elle, tem tambem uma historia notavel. E' um povo vivo, aventuroso e poetico.

Por mais de um seculo, quando explorava os oceanos e fundava um imperio na India, representou grande papel no mundo, e ainda que nunca mais recuperasse a posição, admiravel para um paiz tão pequeno, que era naquella epocha, e não produzisse mais tarde poeta algum egual a Camões, não lhe tem faltado homens de talento práctico e homens de brilho intellectual. Nem tem havido ausencia delles no Brasil. E' commum nas classes superiores o amor pelas bellas lettras, e a faculdade de escrever bons versos não é rara.

A lingua conservou as qualidades patenteadas nos *Lusiadas*, e a posse daquelle grande poema tem ajudado a manter o gôsto e o talento da nação. Ha admiraveis oradores, subtis e engenhosos advogados, astutos politicos, administradores cujas capacidades são comprovadas por feitos de tal ordem como a extincção da febre amarella no Rio e em Santos.

O fallecido barão do Rio Branco foi um estadista, que teria sido notavel em qualquer paiz.

Entretanto é extranho vêr, tanto aqui como em outras partes da America do Sul, homens de incontestavel talento serem frequentemente mystificados por phrases e parecerem preferir palavras a factos. Entre as vaidades e os habitos da *propria glorificação* de

differentes nações, não ha muito a escolher ; mas, em paizes como a Inglaterra e os Estados Unidos, a rhetorica de discursos de depois de jantar é considerada clara e scientemente pelos mais intelligentes dos oradores e quasi tão distinctamente pela maioria da audiencia, como mera rhetorica.

Elles conhecem as faltas e as fraquezas da sua nação e realmente não se suppõem mais talentosos ou mais virtuosos do que os outros povos.

Na America latina, cuja eloquencia vem naturalmente e parece tornar-se uma parte do proprio pensamento, o caso é differente. A exuberante imaginação toma as suas esperanças ou predicções como realidades, e acha nas nuvens douradas da phantasia uma base para edificar politicas prácticas.

Ufanos do que chamam o seu Idealismo Democratico, presumem já existirem nos compatriotas as virtudes, que os cidadãos de um paiz livre devem possuir.

Manter esses ideaes não realizados ante os olhos póde ser melhor do que não ter ideal algum ; mas, para os fins da actual politica, o resultado é o mesmo de qualquer dos modos, pois aquillo que é assegurado para os principios incorporados nas leis é o que M. Clemenceau chama com muita felicidade « uma auctoridade principalmente theorica ». Lembremo-nos, entretanto, que ainda que o habito de tomar palavras por factos e aspirações por execuções aggrave as difficuldades de realizar govêrno constitucional nos paizes sul-americanos, essas difficuldades existiriam de qualquer forma. São inherentes ás condições dos paizes. E' inutil esperar que uma Constituição exactamente modelada pela dos Estados Unidos funccione suavemente no Brasil, do mesmo modo que é impossive lesperar que o systema ministerial e parlamentar inglez funccione suavemente nas pequenas nações, que o têm estado recentemente copiando, sem um contraste continuo e muitas vezes burlesco entre a doutrina e a práctica. Uma nação é filha do seu proprio passado, do mesmo modo que diz Cervantes ser um homem filho de suas obras.

Os Brasileiros, que jámais exquecem que por algum tempo, durante a invasão franceza em Portugal, o Brasil tornou-se a sua

propria metropole, e a cabeça de todo o povo portuguez, afagam as tradições litterarias nacionaes com mais ardor do que os Hispanhóes do Novo Mundo, e produzem absolutamente tanto, no que se refere á Poesia e bôas lettras, quanto os escriptores de Portugal.

Elles possuem uma viva susceptiblidade para as idéas como a dos Francezes ou Russos, mas não têm apresentado até aqui contribuição alguma para a sciencia, quer nos campos de investigação physica quer nos de Economia, Philologia ou Historia. Difficilmente se ficará sorprehendido de ser a sciencia em geral, ou o lado abstracto da sciencia natural, desapreciado em um paiz que não possue uma Universidade, apenas existindo algumas Faculdades para ensinar os assumptos practicos de Direito, Medicina, Engenharia e Agricultura.

Essa deficiencia de gôsto e interesse pelos ramos da sciencia, que não são directamente practicos, é mais digna de nota, porque os Brasileiros não dão a impressão de um povo novo. Menos aqui do que na Argentina ou Uruguai tem-se a sensação de que a nação está ainda no primeiro verdor da mocidade, tractando avidamente de explorar e fornecer o lar e desenvolver recursos, cuja posse apenas começou a realizar. Negocios e *sport* não são themas tão absorventes de conversa aqui, como na Argentina ; não ha, tão pouco, uma ostentação de riqueza, nem uma tal furia em gasta-la. E' todavia duvidoso, si essa isenção das preoccupações da industria e commercio, estando o ultimo entregue aos extrangeiros, torna-se uma vantagem para a vida pública. A maior parte dos que accompanham a Politica parecem absorvidos em intrigas pessoaes.

Relativamente poucos se mostram conscientes dos tremendos problemas que a nação tem de enfrentar, com os seus centros dispersos de população a reunir, seus meios de communicação a extender, seu credito publico a sustentar, as suas rendas a serem escrupulosamente poupadas e applicadas a fins uteis, e, acima de tudo, a massa da população negra e india a ser educada e civilizada.

Em parte alguma do mundo ha mais urgente necessidade de uma administração do estado sábia e constructora.

E' difficil transmittir a impressão, com que se vê as costas do Brasil mergulharem no horizonte depois de viajar-se ao longo dellas por tres mil milhas da fronteira do Uruguai a Pernambuco, e de vir a conhecer alguma cousa da illimitada riqueza, que a Natureza prodigalizou ao homem neste vasto paiz. Nem mesmo a grande Republica Norte Americana tem um territorio ao mesmo tempo tão dilatado e tão productivo. Qual será o seu futuro? E' o povo digno de tal herança?

O primeiro pensamento que surge no espirito dos que estão dominados, como actualmente todos nós mais ou menos estamos, pela paixão do desenvolvimento dos productos naturaes, é um sentimento de pezar, que uma raça da Europa occidental, poderosa pelo numero e habilidade, digamos — a Norte-Americana, Allemã, ou Ingleza, para empregar a phrase familiar « não tenha passado a mão nelle ». A parte branca da nacionalidade brasileira, e é sómente a que se deve considerar, parece absolutamente pequena demais para as obrigações, que a posse deste paiz impõe.

« Como os homens do Missisípi fariam as cousas zunirem no Amazonas e no Paraná! » diz o viajante dos Estados Unidos.

Em trinta annos o Brasil teria cincoenta milhões de habitantes. Os vapores navegariam pelos rios, os caminhos de ferro varariam os recessos das florestas, e esse já tão vasto imperio seria inevitavelmente augmentado á custa dos vizinhos mais fracos, até alcançar os pés dos Andes. Segundo ou terceiro pensamento suggere uma dúvida, si tal consummação seria realmente de interesse do mundo. Convirá que os territorios se desenvolvam depressa demais?

Não teria sido melhor para os Estados Unidos, que o seu crescimento houvesse sido mais lento, que as suas terras públicas não houvessem sido alienadas tão depressa, que na sua anxiedade para obter lavradores, de que careciam, não houvessem feito entrar uma multidão de immigrantes ignorantes da Europa central e meridioual? Com a perspectiva de uma tão longa vida, que os homens de sciencia concedem ao nosso planeta, porque haveriamos de procurar abrir todas as minas e derrubar todas as florestas, não deixando ás futuras gerações cousa alguma a explorar dos recursos naturaes?

Com o correr dos tempos as terras, assim como os instrumentos, irão ter ás mãos dos que podem se utilizar dellas. Mas é bom esperar e ver que novas condições outro seculo trará ao mundo; e os povos latino-americanos talvez se transformem dentro daquelle tempo e se apresentem de fórma muito differente do que agora se mostram aos olhos criticos da Europa e America do Norte.

NOTAS — Ninguem sabe quantos Indios existem, mas o cálculo geralmente feito (talvez exaggerado) é de quasi 2,000,000, metade delles gentio, nas florestas do Amazonas, enquanto a raça mixtiça é calculada em 1.700,000.

Sir H. H. Jonhson (The Negro in the New World) conjecturaos negros de puro sangue em cêrca de 2,700,000, e os mulatos e quarto de sangue em cêrca de 5.600.000. O resto da população que pode ser classificada de branca, porque não representa signaes visiveis de qualquer infusão de côr, póde avizinhar-se de 8,000,000. Os Indios e meio sangue (indio e branco) constituiriam o resto da população não européa.

20.000 a 30.000 dos negros, puro sangue, vivendo na costa Noroeste, são ou musulmanos ou pagãos fetichistas.

"Ubique Patriæ Memor"

Tres conferencias européas sobre o Brasíl

PELO

Dr. Luiz Gastão d'Escragnolle Doria

(SOCIO EFFECTIVO DO INSTITUTO)

Achei-me na Europa, a estudos. Offereceu-se-me o grato ensejo de fallar de minha terra a extranhos. Eis o motivo das tres conferencias ora reunidas nas consultadissimas paginas da immorredoura *Revista do Instituto*.

Taes conferencias foram emprehendidas a serviço publico da patria, escusada a mofina do operario pela nobreza do escopo. Determinaram-as certas circunstancias; peço venia para referi-las.

Estava eu em Lisbôa, em Novembro de 1910, quando ahi se promovia intensa propaganda a favor do estreitamento dos vinculos intellectuaes, moraes e commerciaes entre o Brasil e Portugal.

Dirigia a campanha o sr. Conseglieri Pedroso, homem de prestigio, nome de escól na politica e nas lettras, presidente da Sociedade de Geographia lisboeta, fóco de onde irradiava a sympathia pela idéa da approximação luso-brasileira.

O sr. Conseglieri Pedroso, de saudosa memoria, dirigiu-se a mim, pedindo-me esforços em pról do accordo. Meditei-lhe as bases, examinei-o á luz de nossa Historia e de nossas tradições, da nossa Geographia economica. Ouvi diversos oradores e li varios escriptos, pró ou contra o projecto. Pareceu-me acceitavel, salvas as restrições offerecidas pelo tempo e pela experiencia. Decidi então annuir ao convite de Conseglieri Pedroso, varejado o assumpto pela reflexão e pela consciencia.

Sob os auspicios da Sociedade de Geographia de Lisbôa realizei no edificio della, na sala Algarve, na noute de 23 de Novembro de 1909, a conferencia sobre *A Conveniencia de um Accordo Luzo-Brasileiro*, presidida pelo sr. Conseglieri Pedroso, tendo a seu lado o ministro brasileiro em Portugal, o dr. Costa Motta.

Segundo póde attestar a imprensa da terra e da epocha, a conferencia echoou em Lisbôa, e a ella se referiu em termos, por demais generosos, o sr. Conseglieri Pedroso, deante de d. Manuel II, quando este soberano, a 30 de Janeiro de 1910, foi á Sociedade de Geographia empossar solennemente a commissão directora do accôrdo.

Como a primeira, a segunda conferencia visou ainda servir a terra natal no extrangeiro. De passagem em Roma, acceitei a lembrança do dr. Bruno Chaves, ministro do Brasil juncto á Sancta Sé, de realizar uma palestra sôbre José de Anchieta, cujo processo de cannonização, naquelle momento, era sério objecto de investigações da Curia romana. Entendia o dr. Bruno Chaves poder eu ser util, embòra em minima parte, ao personagem historico e á nossa terra commum.

Realizei, pois, a conferencia a respeito de *Anchieta e da significação de sua obra* na sala do theatro do Collegio Pio Latino Americano, a 25 de Janeiro de 1910.

Encontrei no numeroso e selecto auditorio convidados de industria, muitos participantes directos ou indirectos no julgamento da causa do grande Canarino.

Dias depois, alguns ouvintes da conferencia anchietina animaram-me a tentar nova conferencia, de maior amplitude, na qual fosse mostrada não mais uma individualidade da Historia patria, porém ella propria, vista de alto.

Da idéa e do apoio d'aquellas pessoas nasceu, pois, a terceira conferencia — *Un Coup d'œil sur l'Histoire du Brésil,* a 4 de Fevereiro de 1910, na Universidade de Roma e presidida pelo professor Angelo De Gubernatis, o qual proferiu então

peça oratoria de primeira ordem, exaltadora do Brasil e de sua influencia nas civilizações americanas.

Conservo, de todos esses desinteressados labores intellectuaes, viva e doce impressão. Relembro, aqui captivo de reconhecimento, quantos de mais perto os cercaram de sympathia e de applauso. Em Lisbôa, Conseglieri Pedroso; em Roma, Bruno Chaves, Alberto Fialho e Magalhães de Azeredo, o revd.mo padre Augusto Maria Anzzuini, reitor do Collegio Pio Latino Americano ; os professores Angelo de Gubernatis e Carlos Parlagreco. Offereço-lhes a saudade, copioso affluente no curso da gratidão.

E. D.

Rio — Dezembro de 1913.

Da conveniencia de um accordo luso-brasileiro

CONFERENCIA REALIZADA, A 23 DE NOVEMBRO DE 1909, NA SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA DE LISBOA

Senhoras e senhores.

A agulha magnetica, para lograr serventia benefica, ha-de submetter-se á direcção fatal do rumo norte. O homem policiado, representante superior de qualquer raça, ha-de seguir o rumo certo de sua origem ethnica, sob pena de ficar sem rota na civilização, ou ir de encalhe nas submissões aos mais fortes no escolho das raças extranhas.

O Brasileiro na Europa, norteando o pensamento, deve ir pela altura das nações latinas, sobretudo da gente portugueza. Palavras, costumes, religião, tradições, tudo é um pouco nosso em Portugal. N'elle o Brasileiro não pede, reparte, tal a somma dos bens communs.

A alma dos outros povos criados comnosco no berço latino, ao olhar de Roma, nunca nos concederá por inteiro a intimidade offerecida pela alma portugueza. Além oceano, por tres seculos, animou, pequena e ardente, o nosso corpo de colosso.

A historia luso-brasileira, até á transmigração da familia real, representa um museu de illustrações communs. E' Pedro Alvares concedendo ao Brasil registo e baptismo entre as terras do mundo e glorificado a patria no arduo serviço da India. E' Antonio Vieira a

illuminar de conselhos as acções de d. João IV e a cinzelar nos pulpitos do Maranhão e da Bahia as corôas de perfeição artistica para cingir com ellas o idioma vernaculo. E' o marquez de Pombal, na politica como nos terremotos, cuidando dos vivos, na pessoa do rei, e enterrando os mortos na pessoa dos Tavoras e dos Jesuitas, ao mesmo tempo entrevendo na tempestade, a lampejos de genio, a fulgidos relampagos de previsão, o exodo proximo e possivel da realeza para a colonia longinqua. E' d. João VI dando realidade á previsão pombalina, aos acicates da audacia de Junot, e abrindo para o Brasil a era do progresso num jôrro continuo e fecundo de grandes e pequenos actos administrativos, desde o « novo imperio » até ao desapparecimento das gelosias das casas do Rio de Janeiro. E' finalmente Pedro IV de Portugal e I do Brasil *rex et imperator*, desenrolando os fogosos dias de existencia cavalheiresca parallelamente aos primeiros momentos da autonomia brasileira e implantando na patria o regime constitucional, aos embates contra o interesse fraterno.

Creio ter exemplificado. Como o personagem hugoano, revendo glorias nos retratos da galeria dos antepassados, omitto muitos delles, e de preeminencia. Longe iria tambem querendo junctar na escuridão das edades os rebanhos de sombras illustres, que, sendo brasileiras, tiveram parte da existencia em Portugal, desde Bartholomeu ao Gregorio de Mattos, este o Juvenal capadocio pondo « Apollo a bailar as cançonetas de Momo », aquelle desditoso padre que pretendeu galgar o céo pelos vôos das machinas da terra.

Do pó ao qual revertemos, flexiveis á dura lei da morte, conviria subtrahir, para revesti-lo outra vez de carne humana e terrena figura, o paulista de Santos, Alexandre de Gusmão, valido na côrte de d. João V, o monarcha que no espelho dos Narcisos régios julgou poder reflectir o seu reinado a Versalhes e a Luiz XIV.

Em resumo, até 1822 só é licito estudar a Historia do Brasil fazendo canto na pagina do livro com uma data de Portugal. Querendo, por exemplo, assignalar, em 1640, a invasão hollandeza

em Pernambuco, temos de formar canto na pagina com a expulsão dos intrusos.

E por fallar em Hollandezes. . .

A pergunta formulada — si o Brasil teria lucrado mais com o dominio batavo do que com o luso — já recebeu, por parte dos doutos e dos pensadores, a mais categorica e favoravel resposta em honra aos Portuguezes.

Deve-lhes o Brasil inestimavel serviço, o de conservar-lhe integro o immenso territorio, sendo Portugal de fôrças minguadas, mórmente na proximidade das fragmentações epidemicas da America Hispanhola.

Segundo a felicissima comparação do visconde de S. Leopoldo, si a memoria me não atraiçoa, o Brasil nas mãos de Portugal, do descobrimento á independencia, foi transportado qual vaso de alabastro, que cumpre fazer chegar a destino sem o minimo toque, o mais insignificante arranhão na vestidura preciosa.

Nas margens do Ipiranga se partiu, ainda em mãos lusas, o laço politico. Mas a alma portugueza continuou fiel ao Brasil, identificada com elle, na symbiose da solidariedade, ao toque das dôres e das provações. Assim procede a massa anonyma que, ahi como em todo o curso da Historia universal, angustiada entre soffrimentos, róla formidavel e obscura para o olvido, dando realce aos poderosos, qual o atropêlo das aguas, confusas e numerosas, aos fervidos cachões entre rochedos, produz apenas a belleza e a fama da catadupa.

Para estes humildes, para taes desprotegidos, chorando por lhes não ter sorrido a sorte, é que com maior ternura se deve volver a nossa sympathia. Todos os annos, das aldeias, dos mais remotos confins portuguezes, das vossas Adjacentes terras de esmeralda no engaste azul do Atlantico, se dirigem ás cidades, ás varzeas, aos sertões, aos rios do Brasil dezenas e dezenas de emigrantes, muitos dos quaes, na bellissima phrase do poeta dos *Idyllios Brasileiros,* Theodoro Taunay, transpondo o oceano, pensando mudar de patria, apenas mudam o tumulo.

Deixam o sólo portuguez, os campos sulcados de rugas fecundas pelo arado. Dizem adeus aos pinheiros, aos cyprestes, aos choupos, aos parreiraes. Despedem-se do mar que acaricia, abraça e beija tantas orlas de Portugal, no branco leito de amor de tantas prais lindas.

Espera-os o Brasil, para sorve-los na rapida absorpção do amor. Entretanto, a minha patria, da qual me orgulho, recebe tambem outros factores ethnicos, allemães, inglezes, hispanhoes, italianos, polacos, syrios. O attributo ethnographico e as differenças de lingua, religião e costumes, d'esses factores tornam-se sensiveis até o caldeamento final.

Desdobrae o mappa do Brasil, presente a vosso coração, sinão a vossos olhos. Cada uma das colonias, que ennumerei, se agglomera em colmeia, em ponctos fixos. Adensa-se em sitios certos, empretecendo pelo numero, nuvem negra acudindo ao tetrico appello de céos de trovoada. Surge, pois, naturalmente á vigilancia jacobina a idéa de ameaça, de perigo, deante da possibilidade de ousadas tentativas futuras da expansão imperialista das grandes potencias, servindo-se da alavanca das populações de extrangeiros no Brasil, para qualquer invasão, qualquer atrevido *raid* militar.

Não acontece assim com os Portuguezes. Desaggregam-se, espalham-se por todo o territorio brasileiro, habitantes de toda a parte, de Manáos, de Porto Alegre, de Goiaz, do Recife, de Curitiba como de Fortaleza, do Natal ou da Victoria, beneficamente esfarelados pela disseminação.

Os casamentos, os filhos, as amizádes, os interesses de toda a casta completam a obra de nacionalização do Portuguez, no perfeito consorcio com o sólo brasileiro. De exemplarissimos lares lusitanos saïram Manuel Victorino e Rodrigues Alves para occupar a cadeira presidencial da minha terra...

Tudo arrasta Portugal para o Brasil e vice-versa, ao poderoso iman da raça latina, que, como tão felizmente disse d. Maria Amalia — cito de memoria —, produziu e produz quanto de bello, meigo e sublime se observa na superficie da terra.

Portugal e Brasil são duas moleculas do mesmo corpo historico, esperando o momento da cohesão. Constituem dous mananciaes nascidos da fonte latina, minguando não por falta de cópia ou excellencia das aguas, mas pelo desvio e desperdicio d'ellas em proveito de outras correntes.

Ai das nacionalidades pequenas ou isoladas no choque de ambições dos grandes grupos ethnicos! Ou fortalecem os élos da cadeia commum, ou as verão transformadas em algemas, quando partidas por culpa propria.

De ha muito, Portugal e Brasil se encontram em inexplicavel e mutuo retrahimento, especie de amuo internacional, de arrufo sem causa, perda de calor politico, já rastejante pelo frio intenso dos divórcios completos.

Portuguezes e Brasileiros estimam-se e respeitam-se isoladamente, individualmente, sem ideaes communs, sem que se perceba a fôrça de laços estreitos, tecidos em carinho pelos dous povos e mantidos em zêlo pela acção conjuncta de dous governos. Cada qual caminha para seu lado, ás cegas, ás surdas, ás mudas, quando tão facilmente se poderiam reconhecer, por tantos characteres distinctivos communs, nos mais altos cimos da civilização. O prestigio da fôrça pela resistencia da união, tal deveria ser contudo o nosso escopo, não me competindo dar-vos noticias das riquezas e energias do Brasil, pois sempre louvores em bocca propria tiveram som de vituperio.

Approximemo-nos, portanto, não com a molleza sceptica das idéas platonicas e sim com o impulso irresistivel das idéas calorosas. Fujamos das obras de Sancta Engracia, que, em eloquente licção desanimada, entre vós se avistam dos tectos de S. Vicente de Fóra.

A approximação luso-brasileira é realidade desde a memoravel noite de 10 de Novembro, em que neste mesmo salão Algarve, onde tenho a honra, a ventura e o orgulho de congregar-vos para me ouvirdes, esta idéa foi erguida pela Sociedade de Lisboa, na pessoa de seu presidente o sr. Consiglieri Pedroso, nome que, em Portugal e no Brasil, onde muitos de seus livros doutrinam a mocidade, symboliza talento, trabalho e saber.

Com grande profundeza de conceitos, servidos por forma elevada e castiça, s. ex. desenvolveu vasto programma, tendente á approximação. O enthusiasmo com que a colonia brasileira de Lisboa acolheu a idéa dá arrhas do accolhimento, que lhe reserva o Brasil.

Os meios de approximação, tal qual a delineou o sr. Pedroso, são multiplos. Devem ser estudados por uma commissão permanente com o titulo de luso-brasileira.

A desejada, e sobredesejada util união, se operará por meio de congressos periodicos, reunidos em Lisboa, no Porto, no Rio de Janeiro, ou outras cidades brasileiras, pairando sempre a discussão d'esses congressos na altura dos interesses geraes communs aos dous paizes, alliados pelo amor, sem a menor interferencia na vida interna de ambos.

A proposta cogita de um tractado de arbitragem internacional, de outro de commercio, da creação de uma linha de navegação, da fundação de entrepostos centraes para o intercambio commercial dos dous paizes, da construcção de palacios, um em Lisboa e outro no Rio, onde se exponham e vendam permanentemente os productos nacionaes de cada um dos dous paizes no outro. A proposta do congraçamento ainda vae adeante. Promove sempre que houver ensejo a unificação ou pelo menos a harmonização das leis civis e commerciaes portuguezas e brasileiras. Effectua a approximação intellectual, scientifica, litteraria e artistica, dando aos professores e diplomados de ambas as nações os mesmos direitos com equivalencia dos respectivos titulos de habilitação. Anima visitas regulares de excursionistas e de estudo entre intellectuaes, industriaes e commerciantes dos dous paizes, procurando-se o melhor meio de concretizar materialmente as idéas da proposta Pedroso numa revista destinada a ser o interprete permanente do movimento de approximação.

D'ahi se deve continuar a obra pelo commercio de relações ininterruptas entre a imprensa luso-brasileira, entre jornalistas e editores de livros, incluindo-se no movimento as sociedades sportivas, beneficentes e de todo o genero de Portugal e do Brasil,

assim como as associações academicas, creadas bolsas de viagem em ambos os paizes.

Taes são, em forçada synthese, os principaes fins da proposta Pedroso.

Nem todos talvez logrem exito. Alguns serão postos de lado pela práctica. Mas, não ha dúvida, são credores de applausos. Convinha repeti-los. Sem o repiso de assumptos, não ha propaganda. As massas custam a ouvir.

Todas as idèas da proposta Pedroso merecem attento estudo. Algumas ha, porém, que, no meu fraco sentir, são de extraordinario alcance. Fallo como homem de lettras, como professor, e, posso affirmar, sem vêr a minha affirmação arrastada pelo êrro, o nosso mutuo e completo desconhecimento no terreno litterario e sobretudo pedagogico. Posta a excepção dos nomes primaciaes, nossas litteraturas se ignoram por inteiro, viajando junctas pela estrada da mesma lingua, a distancia tão grande, que não parece haver juncção possivel. Somos egoisticos celibatarios intellectuaes. Que sabemos reciprocamente do estado de nossas artes, de nossas industrias, de nossa instrucção pública, de nossos mais notaveis jurisconsultos, medicos ou professores?

Formulo a pergunta sem ousar me haver com triste echo négativo de resposta. O echo póde responder-nos, affirmativa e alegremente, caso vingue, como é de esperar, a nobre iniciativa da Sociedade de Geographia de Lisboa, a proposta Pedroso. Hypotheco-lhe o meu fraquissimo, porém caloroso apoio. Já o fabulista immortal provou, com o rato roendo as malhas da rede nas quaes se debatia o leão, *qu'on a souvent besoin d'un plus petit que soi*.

Aliás a Sociedade de Geographia soube captivar-me por inteiro, elegendo-me seu socio correspondente. A honra sobremaneira excede meus insignificantes prestimos. Ora lh'a agradeço, com todas as véras d'alma. E' mais um vinculo para me prender a Portugal. Digo mais um vinculo, porque no seculo XVIII, quando a Revolução Franceza despojou as familias Escragnolle e Taunay dos seus privilegios de fidalguia, ellas encontraram no principe regente, em Lisboa, appoio, sympathia e protecção. O principe, o

conde da Barca, o marquez de Marialva, escolheram Nicolau Antonio Taunay, membro do Instituto de França, para, com seus filhos e outros artistas, ir fundar no Rio de Janeiro a Academia de Bellas Artes.

Do visconde de Taunay, o auctor da *Innocencia*, o livro em portuguez mais traduzido depois dos *Lusiadas*, lavrou aqui Pinheiro Chagas, a cujo tumulo no cemeterio dos Prazeres já levei por isso a devida homenagem, inexquecivel elogio. Referindo-se á *Retirada da Laguna*, obra na qual Taunay pinta a sublime e heroica retirada das forças brasileiras invasoras do Paraguai por Matto Grosso, escreveu Pinheiro Chagas que Alfredo d'Escragnolle Taunay apanhara a penna deixada caïr por Xenophonte, ha dous mil annos, nos desertos da Asia Menor. São cousas para mim inolvidaveis, das quaes me perdoareis a lembrança.

Ocioso, pois, será affirmar-vos que, pela bôa vontade, á mingua de forças de maior valia, tereis em mim um adepto da proposta Pedroso, digna de rapido crescimento e longa vida.

Ouvistes, ha dias, o sr. Augusto de Lacerda descrever, com vivas e eloquentes côres, a colonia portugueza no Brasil, em todos os pontos do Brasil, sempre unida á patria, ajunctando cabedaes a par de saudades, vibrante ao menor toque de dôr e de alegria das fibras da terra ausente.

O Portuguez no Brasil se identifica com o paiz, a ponto de nunca mais o desamparar, sem perder, como é seu nobre e inconcusso direito, a fidelidade de memoria do recanto natal. Os esplendores da terra americana não conseguem delir-lhe as recordações, a vida que fugiu e se envolveu no passado, paizagem longinqua antes batida de soalheira, que depois a vista mal consegue divisar no coração das neblinas.

Comecei frizando a minha ternura pelos humildes, que tanto sangram no ignoto martyrio das multidões. D'esses humildes, innumeros regressam enriquecidos a Portugal. Pagam-lhe o juro do desamparo e da ausencia sob a fórma do beneficio, levantando escholas, egrejas, asylos, monumentos, enfeitando a sua provincia, favorecendo a sua cidade, ajudando o progresso na sua aldeia, ornamen-

tando o seu logarejo. No voluntario exilio recordavam sempre, com a insistencia dorida dos espinhos que se não despregam, todo o seu logarejo, perto do rio a embalar no somno da natureza o berço de verdura das ilhas. Não lhes saïam da memoria os velhos solares, como aquelle tão deliciosamente pintado por Julio Dantas, tendo « um pequeno jardim Le Nôtre, de buxo mal tosquiado, com os seus canteiros altos de azulejo do Rato, o seu carinhoso e classico caramanchão, todo o seu ar aconchegado e terno de jardim de convento, — d'esses piedosos jardins claustraes, que ainda conservam o nome dos frades que os cultivaram ».

Enfeitada a provincia, favorecida a cidade, posto o progresso na aldeia, ornado o logarejo, o Portuguez regressa ao Brasil, e não raro para sempre, para continuar a obra de cooperação na segunda patria. Segundo a formula de Luiz Couty — pensador que si não tivesse a vida brutalmente esvaziada pela morte aos trinta annos incompletos, se encheria de fama universal — o que o Brasil precisa é « da energia europea activa e apta para o desencadeio das suas energias naturaes ». Cumpre, porém, estar attento á infiltração do genio e das civilizações trazidas pelos forasteiros, de modo que a infiltração se não torne inundação pela cópia das aguas avassalladoras. Haverá inevitavel conflicto « entre as energias dominadoras da vida civilizada » e « a originalidade de nossas tendencias, garantidoras entre as nações», conforme Euclides da Cunha, meu collega no famoso Collegio de Pedro II no Rio de Janeiro, tão tragica e estupidamente arrebatado ao pensamento.

Euclides, sob o nome de « nativismo provisorio », desejava que se engenhassem « medidas para nos salvaguardar ou amparar na pressão formidavel imposta pelo convivio necessario, civilizador e util dos demais paizes, pelo menos evitar os que de qualquer modo facilitassem, estimulassem ou abrissem a mais estreita frincha á intervenção triumphante do extrangeiro na esphera superior dos destinos do Brasil.

Realmente o Brasileiro possue qualidades, muitas dellas portuguezas, que convem conservar a todo o transe, pois o distinguem inconfundivelmente entre os outros povos do globo.

O « nativismo provisorio » não se dará mal, approximando-se mais das raças latinas do que das outras raças, pondo tempêro a estas com a presença d'aquellas.

A proposta Pedroso não deve repugnar ao « nativismo provisorio », que já tem tido seus embates, o da ilha da Trindade com a Inglaterra, o dos protocollos com a Italia, o da *Panther* com a Allemanha e até com Portugal o incidente da *Mindello*. Hoje, arrefecidas as paixões do tempo por quinze annos de distancia historica, o incidente da *Mindello* reverte em favor de Portugal. A 13 de Março de 1894, salvando a vida a dezenas de Brasileiros, o commandante Castilho, no estreito convéz de náos pequenas, prestou serviço á humanidade e á civilização, entidades acima das luctas armadas de qualquer especie. Portugal, n'esse memoravel dia, bem mereceu da civilização e da humanidade, atulhando a *Mindello* e a *Affonso de Albuquerque* com os revoltosos da armada brasileira, transviados, exhaustos, vencidos, concedendo-lhes o asylo negado a bordo dos navios americanos e allemães, negado pela *Arethusa*, máo grado a democratica bandeira tricolor, pela *Beagle*, apezar das côres inglezas. . .

A união Brasil-Portugal deve ser o prologo de obra mais vasta, a união latina entre americanos e europeus, que cada vez mais se distanciam. Questões complexas como essas se não resolvem facilmente, bem sei, num dia, a golpes de sentimentalismo. O interesse é a politica de hoje, como a poesia já foi politica em outros tempos. Não houve só cavalleiros, houve tambem nações andantes. Agora, quando estadistas sabem latim, só se recordam de uma phrase, *do ut des*. D'este utilitarismo levado ás ultimas consequencias, aos mais absurdos exaggeros, se originam as crises, pelas quaes vão passando os povos em geral e em particular aquelles que mais inveja nos causam por um progresso muitas vezes pyrotechnico, tantas vezes entra n'elle o fogo de artificio.

De onde a mór parte de taes crises? Da falta de necessaria reacção da Moral sôbre a Politica, guindados a dirigentes homens de probidade vesga, de escrupulos tenuissimos, de passado sujo, ou limpo ás pressas, de ambições desmarcadas e illicitas, de olhos fitos

na idéa de chegar, triste *looping the loop* observavel nos paizes onde, por ausencia de opinião publica, todas as tyrannias são possiveis pela viabilidade de todas as audacias.

Nada explica tão bem o Dezoito Brumario e suas consequencias como o vasto marnel politico do Directorio, meio corrupto sôbre o humus sangrento da Revolução, oloroso, effeminado, de *incroyables* e *merveilleuses*, rivaes de vossos peraltas, das vossas franças e sécias.

Regressemos, porém, á proposta Pedroso para lhe augurar detido estudo e acurada attenção por parte do Brasil, o qual tem grande porção de sua alma na crypta de S. Vicente de Fóra, romaria obrigatoria de quanto Brasileiro atravessa Lisbôa, cessadas as injustiças das paixões contemporaneas.

Paguei-lhe tambem esse tributo. Consenti-me descrever essa visita. Foi por dia sombrio de outomno triste e lacrimejado de intermittentes aguaceiros. O céo, carregado e iroso de nuvens pretas, trazia de todos os pontos da altura a promessa aguada da chuva. O vento, manto de invisiveis dobras glaciaes, trazia arrepios aos membros e fogachos ao rosto. O Rocio estava quasi deserto. O proprio d. Pedro IV, das alturas do bronze, parecia preoccupado com a chegada do inverno. De vez em quando vinham chuviscos para espanar a gottas pesadas meia duzia de pardaes mariscando fino no grosso calçamento alvi-negro do largo. Passavam automoveis, em indolencia bamba, n'uma preguiça de rodas, arrastando a voz das buzinas, qual pregoeiro enrouquecendo a fadiga, a vigilia e a somno. Do lado do D. Maria, municipaes se encolhiam, molles como a lei em férias, sob o peristylo da frontaria aos hombros eternos de columnas jonicas.

De subito, do lado da estação do Rocio, onde as locomotivas silvam, assobiando a cidade, surgiu, com a taboleta da Graça, um carro repleto, arca de conducção posta ás aguas da passagem modica. Seguiu viagem por uma rua em ladeira desgraciosa, especie de pescoço torto de pernalta posto ao chão. Costeou em breve a velha Sé Patriarchal, cujo zimborio tremeu e veio abaixo aos abalos do terremoto em 1755, para que depois o incendio puzesse no tecto

da egreja abobada infernal de chammas. Mais alguns minutos e estavamos em S. Vicente de Fóra, cujas duas torres se enxergam de longe, aos bracejos para o céo, como que lhe offerecendo a alma dos homens na voz dos sinos. Penetrei no claustro humido e melancholico, casa de vivos cheirando a mortos, e fui beirando differentes salas com o rótulo — camara ecclesiastica. No mosteiro, empretecido de antigas chuvas escorridas, como que aqui e alli ennegrecidas por dedos de gigantes ás pressas, mora um purpurado, o cardeal patriarcha.

Fica-se por instantes, sob as arcadas, á espera do guia introductor no Pantheon bragantino. No pateo central a chuva começara a peneirar, lenta, esvoaçante, e, vista de certos pontos, com o tremor resvaladio de gazes ao fundo de apotheoses de magica.

O sol...

Esse, magestade farta de queixas e commentarios terrestres, viajava incognito, deixando claridades baças de camara funebre.

Tilintou um mólho de chaves. Um policial agitou-as em distrahida e argentina brincadeira, n'um castanholar aborrecido de quem vive com ellas na mão para abrir portas a visitantes, avidos do que já satura de enfado o honrado mantenedor da ordem pública nos degraus do tumulo. O guarda caminhava de vagar, em silencio, até parar deante de singela porta, pintada de escuro, escancarada em tristeza para uma crypta de pouca luz. Entra-se. A' direita, n'uma ante-camara de Libitina, se destacam duas lapides sôbre as quaes se alastra a hera do latim, sempre apegada ás inscripções sepulchraes. São os tumulos dos duques de Saldanha e da Terceira, cujas sombras, de nomes retumbantes, ainda se põem de sentinella aos restos da dynastia, cortezãos funebres em côrte de reis cadaveres.

Penetro, por fim, na crypta de S. Vicente, precedido pelo cicerone policial, já na palrice phonographica dos guias, gravando na chapa das indicações encommendadas uma série de nomes entre citações por corda.

« Primeiro tumulo, d. João IV, subiu ao throno em 1640, morreu em 1656, tumulo de marmore de Carrara e jaspe. Segundo

tumulo, d. Luiza de Gusmão, mulher de d. João IV. Depois d. Affonso VI, d. Pedro II.

A voz tarda do guia juncta nomes régios quaes contas de tradição correndo ao longo de fio historico. Não ouço mais o guarda, cuja voz dolente parece vir a espaços da bocca de subterraneo.

Meus olhos já pousaram num recanto, onde verde-amarelleja a bandeira brasileira sôbre a esguia linha sinistra de um caixão.

Por movel escadinha de poucos degraus se sóbe para ver o rosto e o corpo dos reaes defuntos, collecção macabra de monarchas mumias. Licção de cousas terrivelmente util. Deante de cada esquife ha no espirito invisivel e lento incensar de reminiscencias, que se escapam da memoria no fio olente da saudade.

Eis o rosto de d. João V... Na Lisboa sem lampeões, onde as vidas dos transeuntes estão confiadas á policia caprichosa do acaso, lobriga-se o duque de Cadaval caçando amores na ousada venatoria das trevas.

Agora d. José... Dentro do esquife, ao lado do rei, parece estar a sombra do professor de energia da rude eschola das Janellas Verdes. Os tempos vêm se approximando na propria morte...

D. Pedro V... Roçamos pela poesia, ao nome do rei que tanto soube entrar no coração do povo. D. Luiz I... Na téla escura do passado se desenha o quadro da noite do Natal de 1861, em que d. Luiz, annuindo ás súpplicas dos magistrados lisbonenses, á luz das tochas, se transferiu para Caxias, deixando o fatal palacio, onde perdera tres ermãos na pausa tragica de poucos dias de intervallo.

Agora d. Carlos e d. Luiz Philippe, pae e filho, tornados ermãos na mesma morte, legando a corôa e as asperezas de reinar ao principe salvo por um ramo de flores, brandido em afôgo de angustia por mãos convulsas de mãe sublime.

E por fim, d. Pedro II do Brasil, cujo caixão encosta no da imperatriz d. Thereza Christina. Ainda a proximidade conjugal no gélido leito do exilio, da tristeza e da desgraça commum.

A emoção enrosca-se á alma, constringe-a 'na saudade, volta por volta, apertando, nó a nó, num lento triturar de recordações.

Pedro II era alto e possante de membros. Quando andava no meio do povo, de longe se o percebia, acimando-se pela estatura antes de elevar-se pela hierarchia. Agora, reduzido de proporções, se acreança na exiguidade da estatura. Amarellece-lhe, em tons de cêra, a comprida barba branca. As mãos descarnadas fingem suster um crucifixo, enquanto o collar da gran-cruz da Rosa lhe semeia de flôres o abatido peito.

Disse um dia d. Pedro II que, no Brasil, si não fosse o primeiro magistrado da nação, teria querido ser senador do imperio ou professor do Collegio de seu nome, estabelecimento ao qual durante longo reinado prestou de continuo o mais carinhoso desvelo.

Socio do Instituto dos Bachareis em Lettras do Rio de Janeiro e lente no Collegio de Pedro II, não me era licito contemplar os restos do nosso ultimo imperador sem a emoção dorida e grave, a melancholia serena dos espiritos habituados ao tracto e ás vicissitudes da Historia.

Si os mortos continuam a sustentar no além as predilecções da vida, grato, de certo, foi a d. Pedro II ter juncto de si, num minuto de communhão com a alma brasileira, um professor do Collegio de seu nome, ao qual consagrou tantas horas na existencia, tantos extremos e cuidados, reconhecidos pelo actual presidente da Republica, dr. Nilo Peçanha, ao restituir o antigo nome de Pedro II ao Gymnasio Nacional.

Largo tempo se contempla o velho monarcha. A patria alteia-lhe a cabeça sob a fórma de simples travesseiro enchido com terra vinda do Brasil.

Mas, cumpre partir. Reponho sôbre o caixão a nossa antiga bandeira nacional, que o recobre no symbolico entrelaçamento das folhas do fumo e do café, na chromia aurea do amarello, na gaia esperança da côr verde.

A tarde vinha, trazendo á caligem eterna dos finados as sombras da passageira caligem da noite. Da porta da crypta, em confusa massa de morte e de treva, amalgamada a lagrimas, se distinguiam os ataùdes sôbre muitos dos quaes brilhavam

ironicamente grandes corôas régias indicando os principes que reinaram.

Até o derradeiro momento, ao ultimo tactear da saïda, os olhos se pregam na bandeira auriverde do esquife de d. Pedro II, a descer em largos pannos, no estrangulado abraço das grandes saudades.

Quando o Brasil tem em Portugal, em poucos palmos, tantos annos gloriosos de vida recente ao pé de um patriota como o seu ultimo imperador, não é impossivel realizar-se um accordô luso-brasileiro á sombra de um passado, que serve de orgulhosa esperança até aos anhelos do regime democratico da geração presente.

A significação da obra de Anchieta na Historia do Brasil

CONFERENCIA REALIZADA A 25 DE JANEIRO DE 1910 NO COLLEGIO PIO LATINO-AMERICANO, EM ROMA

Eminencias Reverendissimas (1).
Exmos. Senhores (2).
Minhas senhoras.
Meus senhores.

Aos grandes pedestaes são devidas as grandes estatuas. Roma, a catholica, póde perfeitamente servir de pedestal á estatua de Anchieta, servo de Deus no reino do amor e da misericordia.

Juncto a José de Anchieta, aos seus feitos, gigantescos si não fossem medidos pelo estalão da sabedoria divina, póde e deve erguer-se a voz de um Brasileiro, amigo da Historia e inimigo da injustiça. E fallaria a injustiça em vez da Historia, caso não se proclamassem os serviços de Anchieta á causa do Brasil, mais ainda ao processo da civilização humana.

A 9 de Junho de 1897, epocha cujo calor ainda sentimos, tão perto se acha de nós, houve trezentos annos, dia por dia, que José de Anchieta deixou a terra para seguir a viagem do infinito pela escala da bemaventurança. O Brasil, graças lhe sejam dadas,

---

(1) Os cardeaes Martinelli e Vives y Tuto.

(1) Monsenhor Ibarra, arcebispo de Puebla, (Mexico).

(2) Exmos srs.: dr. Bruno Chaves, ministro do Brasil juncto ao Vaticano, e dr. Alberto Fialho, ministro do Brasil juncto ao Quirinal.

saldou ponctualmente a divida de gratidão para com o evangelizador de seus primeiros homens e de seus primeiros dias. Em S. Paulo, região á qual se vinculou o espirito de Anchieta, o tricentenario do padre jesuita ergueu longo e vibrante clamor de gloria. Os melhores oradores do Brasil exaltaram o modesto Canarino, com as fôrças do talento nas azas do bem querer.

A curiosidade, a critica, a analyse, projectaram o brilho de suas luzes sôbre a existencia inteira de Anchieta, esquadrinhando-a do berço á morte, ora com a insistencia, ora com a rapidez de fulgor desses compridos feixes de luz argentea, que excorrem dos navios e sondam o horizonte, em busca das surprezas do mar, do tempo ou do adversario. A luz viva, crua, implacavel excorreu sôbre a existencia de Anchieta. Quando tornou ao poncto de partida, trouxe intacta a pureza com que se escapara do fóco.

Hoje é ainda um Brasileiro quem falla de Anchieta, quem lhe renova ao pé da sancta memoria o odorifero tributo das flores do Brasil, onde conheceu o espinho das provações. Assim Deus o ajude a pôr em relêvo a enorme figura do veneravel Anchieta, que, a seus olhos, na Historia patria, se desenha com as proporções do Cristovalon, figura de quartoze metros pintada nos muros da cathedral de Toledo. Deus o inspire e faça com que a saudade do Brasil, lenta, majestosa e serena, suba na sua palavra, degrau a degrau, a escada da gloria de Anchieta.

Nasceu Anchieta nas Canarias, de gente nobre e sã, de boa casta e de boa raça. Facil lhe teria sido viver na preguiça e na ignorancia, duas ermãs existentes em muitas familias fidalgas. Preferiu trabalhar e instruir-se. Viram-no as aulas da Universidade de Coimbra. Trouxe-lhes a semente da applicação, a flôr do engenho e o fructo dos labores. Num meio geral e naturalmente propenso á facilidade de costumes, sem difficuldade conservou Anchieta a formosura da pureza, fazendo votos de conserva-la a Nossa Senhora, o espelho de virtude, em cujo crystal se reflectem as neves celestiaes das azas dos anjos. Muito moço ainda, ao aponctar alegre dos dezesete annos, despediu-se do mundo e do seculo, para entrar na Companhia de Jesus. Quem fizera voto de pureza a

Maria devia faze-lo de obediencia a seu divino Filho. Tal foi, porém, a ancia de servir á religião, a sêde de beber nas fontes do ideal christão que, em breve, lhe perigou a saúde e a imagem de possivel morte sombreou a joven existencia. A morte tinha, porém, de recuar, como tantas vezes acontece, ao gesto de Deus. Os physicos cuidaram salvar-lhe o physico, mandando-o a ares do Brasil; os superiores cuidaram salvar-lhe a alma pondo-o ás ordens de uma missão jesuitica, rumo do Brasil, « cousa mui nova naquelle tempo ». Era em 1549. Enquanto Thomé de Sousa e seus auxiliares tractavam da cidade do Salvador e do amanho de suas circunvizinhanças, o padre Manuel da Nobrega e seus companheiros cuidavam de traçar o sulco da idéa divina no coração da gente de terra. Tarefa ingente de poucos homens contra muitos. O paiz era virgem. Os habitantes atiravam para a ardencia do clima a desculpa de paixões sem conta e de vicios sem medida. A licença campeava sob o nome de liberdade, cousa pouco extranha numa sociedade em formação, quando tantas vezes o facto se oberva em sociedades com fóros de civilizadas. Além do Equador o peccado encontrava a mais seductora das prescripções moraes. A escravidão dos indios alliviava o europeu da lei de ganhar o pão quotidiano. A escravização das indias, algumas das quaes muito bellas, expellia do lar o recato, a solidariedade, e, não raro, as mulheres legitimas se viam espoliadas pela escrava, senhora do senhor. Os criminosos, com o mais arrogante desembaraço, punham-se a salvo das penas, habituados ás facilidades do couto e do homisio. A quasi totalidade de europeus moradores da terra brasileira tinha tido contas a ajustar com a justiça portugueza ou com a de outro qualquer paiz. O vinco da reincidencia assignalava-lhes a face dos crimes e delictos.

José de Anchieta aportou ao Brasil com a terceira missão da Companhia, a cuja frente o designio do céo e as ordens dos superiores puzeram o padre Luiz da Grãn, que outr'ora tivera em mãos as importantes funcções de reitor da universidade conimbricense. Com elle vieram de jornada os padres Ambrosio Pires e Braz Lourenço e, na turba modesta dos simples ermãos, Gregorio

Serrão, João Gonçalves, Antonio Blasques e José de Anchieta.

Para maior luzimento da comitiva com ella veio o segundo governador geral, Duarte da Costa, armeiro-mór do reino, que, deixando Lisboa, a 8 de Maio de 1553, pôz pé na Bahía a 13 de Julho, viagem veleira de dous mezes e quatro dias, que de certo fará sorrir quantos hoje podem alcançar a Bahia tendo saïdo do Tejo oito dias antes. Em Outubro de 1553, José de Anchieta novamente se achava em viagem, demandando S. Vicente, entre os riscos que as antigas navegações offereciam. Naufragou nos parceis dos Abrolhos, mas em Dezembro de 1553 attingia S. Vicente. Passada a Epiphania de 1554, deu-se principio ao nucleo de Piratininga, numa choça coberta de palha, uma esteira de canna por porta, onde, sem saudades dos palacios, moravam os ermãos, lembrados da manjedoura uncto á qual nasceu Christo, ao bafejo rude de brutos animaes, antes que descavalgassem os reis magos, com as mãos cheias de riquezas, em procura do thesouro maximo: Jesus.

Celebrou-se a primeira missa a 25 de Janeiro, dia da conversão de S. Paulo, o convertido que dera de redeas á alimaria e á descrença no caminho de Damasco.

Ahi começam os trabalhos de José de Anchieta, sob a sotaina, a farda de Deus. A esse tempo se desenvolvera no Brasil o govêrno de Duarte da Costa, tão encaiporado quão venturoso fôra o antecessor. Já se tinha aberto a lucta entre o governador geral e o bispo Sardinha, pelas demasias do filho do governador, que, por dextro caçador, entendia incluir as mulheres no numero das presas venatorias.

Enquanto governador e bispo se degladiavam ao redor de um escandalo, continuava Anchieta a pôr na terra pelas bôas obras a medida do céo. Vivia no remanso de Piratininga, ás beiras do Tieté, onde tudo lhe lembrava Portugal, desde as videiras vestidas de cachos e abotoadas em uvas até os pés de romã estalando em fresco rubor de sangue moço. Nem lhe faltavam rosas ou lyriose rosas sôbre as quaes a manhã pingava a joalheria crystallina ephemera dos brilhantes do orvalho, lïrios guardando o perfume para tornar odora a neve dos longos calices.

Anchieta trabalhou com afinco no collegio de S. Paulo até 1560. Subira no labor e na diligencia. De 1560 em deante começou a entrar pela heroicidade, com a pacificação dos Tamoios, a obra de paciencia, de diplomacia, de virtude com que Anchieta salvou as colonias portuguezas. Mal tornado a S. Vicente, põe-se a caminho para o Rio de Janeiro, onde se lançavam os alicerces da cidade de S. Sebastião. Foi, porém, na Bahia em busca de reforços para expulsar os Francezes do Rio de Janeiro, que José de Anchieta enfim se tornou padre. Reitor do collegio de S. Vicente, provincial, superior do collegio do Espirito-Sancto, continuou a repartir a vida pela prégação da fé e fez do exemplo o pão partido em pequeninos de Manuel Bernardes. Espalhou-o por quem delle tinha necessidade. Por ultimo se recolheu á aldeia de Reritigbá, onde, nas alturas de 1597, o corpo se lhe foi dobrando aos cansaços da edade e aos acenos da sepultura. Aos 9 de Junho de 1597 cerrou os olhos azues, onde o céo já tinha posto suas côres, e transportou-se para a barra dos julgamentos divinos, a pedir á Suprema Essencia o perdão de suas faltas.

Eis, senhores, contada na rudeza de linguagem sem realce a existencia e o valor do jesuita canarino. A principio tal existencia e tal valor parecem pequenos. Ora, o que merecem a vida de simples padre e o valor desenvolvido entre indios broncos! Attendendo para o momento historico, no qual se move Anchieta e para os resultados de seus trabalhos achareis no simples padre, no evangelizador de indios broncos, figura altruista de immenso relêvo. Com Anchieta succede o que acontece á sombra humana. Enquanto o individuo está parado a sombra se reduz, mal anda se alonga indefinidamente pelo chão illuminado. Anchieta, considerado nas linhas da biographia mingoa e se abate, porém quando começa a caminhar na significação de sua obra, eis que a sombra delle cobre todo o seu tempo e vae além, chega aos nossos dias, reproduzindo na ordem moral o alongamento da sombra no mundo physico.

A carreira de Anchieta no serviço do Brasil começa em 1553. Alcança fim em 1597. E' a benemerencia a correr quarenta e quatro annos da Historia patria. Similhante carreira atravessa

os governos de Duarte da Costa, Mem de Sá, este comprido em duração e glorias, a divisão do Brasil em dous governos, tendo por prologo o morticinio de Capdeville e Soria, a juncção dos dous governos nas mãos de Lourenço da Veiga, o govêrno de Telles Barreto, as invasões dos Francezes e o govêrno de d. Francisco de Sousa. E, si do Brasil remontarmos á Europa, veremos que a vida de Anchieta abrange os reinados de d. João III, de d. Sebastião e do cardeal d. Henrique, o velho prudente successor do moço imprudente, em cujo reinado se começou a discutir a successão da corôa deante do rei ainda vivo, como si o soberano estivesse posto na cova e não no throno. Por fim a vida de Anchieta no Brasil termina em pleno dominio hispanhol. Extincta a dynastia de Aviz com o cardeal-rei, a corôa portugueza se superpoz á hispanhola na cabeça de Philippe II, o infeliz bafejador da invencivel armada, que outro bafejo mais forte, o do vento, poz vencida antes de haver combatido. Desde Xerxes o mar e o vento se divertem a contrariar os reis, zombando de castigos. O oceano póde ser azorragado pela loucura de um soberano persa, mas o vento, esse, não consta que o tivesse varrido a insania humana.

No programma da vida americana de Anchieta cabem dous ponctos capitaes: a causa da corôa e a causa dos indios. De como as serviu o padre vae dizer-vos, muito mal, a minha palavra. Evangelizando, negociando, impondo-se como mediador aos selvicolas, Anchieta defendeu a causa da corôa. Tratou-a com o mesmo ardor de Nobrega e seus companheiros da Companhia, por largos periodos. Dedicação alçada ao sacrificio, pacto ao qual não faltou o sêllo do sangue. A causa dos indios teve em Anchieta um advogado, que não só defendia os clientes como os instruia, curava e divertia.

Em S. Vicente melhor se apurou o merito do jesuita Canarino, numa barraquinha de caniço e barro, coberta de palha, com quatorze pés de comprimento e dez de largura. Outros precisam de palacios, onde se evidenciem a riqueza de seus moveis e a indigencia de suas idéas. Dentro da barraquinha de caniço e barro, acudiu, porém, uma companhia aos jesuitas: a fome e o

frio, sobrando-lhes os ataques dos inimigos para possivel martyrio.

Assim se passou para Anchieta o govêrno de Duarte da Costa, curto, é verdade, mas sobrando-lhe em tempestades o que lhe faltou em tempo. Villegaignon e o sonho da França Antarctica serviram-lhe de pesadelo. Em tôrno do selvagem gyravam os interesses dos atacantes e dos defensores do Brasil. Tractavam os Francezes de po-los do seu lado, retendo-lhes em seu proveito a coragem, a sobriedade e o conhecimento da terra. Quem tractava de conserva-los ao lado da corôa? Anchieta. Sim, porque os Portuguezes tinham acuado o gentio e se espantavam, quando os perseguidos os odiavam e matavam.

Cet animal est si méchant
Quand on l'attaque il se défend

Tremenda confederação de tribus delibera destruir S. Paulo. O assalto teria logrado exito, pelo mysterio e calada com os quaes operavam os indios, si não fosse o aviso de um indigena baptizado pelos jesuitas. Veiu dar aviso do trama. Quem defendeu então S. Paulo contra o gentio? O gentio. Pasmaes? Como, ainda havia selvagens pugnando pela causa do algoz, victimas que lhe davam forças e vidas? Parece contrasenso, e o contrasenso contudo se explica. A acção de um só homem, Anchieta, neutralizava as indignidades de muitos homens.

Anchieta dispunha do antidoto da sympathia, e o veneno da maldade não lhe resistia. O selvagem sabia que os homens brancos se tingiam de vermelho com o seu sangue, espirrado ao menor pretexto, mas sabia tambem que o homem negro, o jesuita, os protegia e affagava. Assim foi o indio Martim Affonso, outr'ora chamado Tebiriçá, quem salvou S. Paulo. O ermão, o sobrinho, este feroz Jaguanhara, cuja ausencia de entranhas andava revelada na alcunha de Cão Bravo, estavam nas fileiras atacantes. As vozes da raça, do habito, do parentesco, do soffrimento commum, chamavam Martim Affonso para a causa dos indios, inimigos justos dos Portuguezes. Martim não desamparou a causa da Egreja, em cujas

dobras e refolhos se aninhava a causa da corôa. E tão certos traziam os atacantes o impeto da victoria, que « as velhas não haviam exquecido os alguidares para o banquete anthropophago ». Pois foram estrondosamente derrotados. Já então governava o Brasil aquelle Mendo de Sá, tornado em Mem de Sá pela lei do menor exforço, fidalgo de berço, de modos, de coração, tres cousas raras num pergaminho de nobreza ou sob brazões heraldicos. Ermão do poeta Sá de Miranda, Mem de Sá deu vida real ao célebre conceito litterario do « homem de antes quebrar que torcer », caïdo um dia da penna fraterna.

Trazia em mente e punha a peito a expulsão dos Francezes alliados aos Tamoios. Tal expulsão só é possivel depois do armisticio de Iperoïg. Isolou os Francezes e consentiu-lhes a eliminação, por deixa-los entregues ás proprias forças. E quem obteve o armisticio, quem abaixou as flechas ao levantar da cruz? Nobrega e Anchieta nos navios de Adorno. Iperoïg não foi obra de momentos e sim o resultado de cinco mezes da vida de Anchieta entre as tabas. Contra os Francezes e alguns indios, que ainda os serviam, marcham Mem de Sá e a sua gente, conseguindo os Portuguezes ganhar a victoria e perder Estacio de Sá. Os Francezes restantes fizeram-se de véla para Pernambuco, tentando ahi se fixar, mas encontraram repulsa e partiram deixando talhadas em uma rocha estas palavras: « O mundo vai de mal a peior ». Não era o mundo que ia de mal a peior, eram elles.

O govêrno de Mem de Sá illustrou-se por dous titulos de gloria: o rechassamento dos Francezes e a amizade dos indios. Mas a despedida dos Francezes não é resultado da amizade dos indios? Quem deu aos numeros da corôa o expoente do exito? E quem, na hibernação do valor, durante a governança de Duarte da Costa, conservou a linha da coragem? A resposta a tantas palavras só podem ser duas famosas lettras: S. J. A corôa estava muito longe e nem sempre acudia a tempo. *Os Brasis* tinham de mandar e obedecer a si proprios pela deficiencia, tardança ou minguas de providencias.

Até 1581 o pequeno quadro social do Brasil dansava por assim dizer na moldura gigantesca de natureza que, começando no primor,

findava na magia. No primeiro plano ficava o governador, fracção soberana da enorme somma da lei viva sôbre a terra, o rei, na phrase das legislações do tempo. O governador absorvera de golpe para o poder régio as prerogativas espalhadas pelos antigos donatarios. Sugara quasi toda a seiva do feudalismo brasileiro, á sombra da creação centralizadora de 1548. Ao redor do governador postavam-se alguns funccionarios, o ouvidor-mór, o provedor-mór da fazenda e o capitão da costa, fóra a gente subalterna sempre ao molde dos poderosos. O bispo representava outra figura de vulto na tela da epocha em cujo segundo plano official se achavam os missionarios. O resto, colonos, piratas, traficantes, indios, eram as massas que, deslocando-se á acção de varias solicitações, se moviam pelo fundo do quadro vivo. Mamelucos, mozambos, creoulos e ladinos serviam de comparsaria fusca ás tragedias e comedias da vida commum.

Em 1581 póde-se dar balanço ao progresso do Brasil e encontrar a columna do activo superando em progresso a columna do passivo. A canna de assucar era a principal riqueza explorada. Em Pernambuco se a encontrava com fóros historicos, pois o primeiro donatario da capitania já conseguira ser senhor de varios engenhos. O luxo campeava em Pernambuco. Atrás d'elle vinham festas frequentes e banquetes copiosos. Os cruzados serviam para pagar a delicia dos vinhos, a faceirice das sedas, velludos e damascos, a ostentação do ouro e da prata, da baixella da mesa aos arreios dos cavallos. A par da pompa jorrava o desperdicio. Trinta e nove mil cruzados annuaes manavam do arrendamento e do dizimo do páo brasil e do assucar, fóra o imposto da pesca, a redizima e quanta renda o poder sabe bordar no crivo dos impostos, exquecido do sabio e ironico conselho de Tiberio aos cupidos governadores de algumas provincias romanas: tosquiae as ovelhas, não as esfoleis.

Na Bahia o luxo campeava, como em Pernambuco. Si os homens da ralé andavam pelas ruas passeiando-se e passeiando calções de setim e damasco, não admira que as senhoras do escól só quizessem vestidos de seda e bordados carissimos.

A par da abundancia e da pouca regra no viver havia o exemplo revigorante da pobreza, eschola de character que nunca se fechará á mingua de discipulos. O exemplo vinha da Companhia de Jesus, cujo collegio na Bahia tinha dividas, cujas obras se não podiam concluir nem com as esmolas de d. Sebastião, e cujas outras casas se proviam parcamente de vestuarios, vinho, azeite, farinha para hostias, conforme escrevia Anchieta em 1584. A deficiencia de cabedaes da Ordem diz muito, comparada ao fausto da epocha. A's vezes, ao folheiar um livro de horas, deparamos com uma scena qualquer enquadrada na mais rica das illuminuras. O ouro, as tintas, as mais vivas, as mais finas, cobrem a pagina, alastram-se por ella. Num cantinho, porém, o pincel do artista, cansado de ser prodigo, colloca imagem austera. Põe a miniatura de um sancto em meditação, nos longes do deserto, olhos no céo que já espera merecer da terra, grosseiro burel sôbre os membros lassos, os pés nas sandalias que passos repetidos em favor do bem estão sempre fatigando, as mãos sôbre uma caveira que, a rir sem riso, abre a bocca descarnada por onde saiu, breve ou longo, o ultimo alento do proprietario humano, que a teve nos hombros. Esta nota de severidade, de mudo *memento homo*, tempera o luxo da pagina do livro de horas, como o rigor de disciplina, e frequencia das bôas obras de Anchieta e seus companheiros temperam as demasias do Brasil quando entrou para o dominio hispanhol.

José de Anchieta, sempre humilde, pondo em continuo exercicio o preceito de servir Deus servindo seu similhante, accompanhou a transferencia do Brasil para novo senhor como o vinha accompanhando quasi desde o descobrimento. Devia estar habituado a vêr a nossa terra ao assalto frequente de aventureiros de toda a casta e de todas as nacionalidades, desde Villegaignon até Withrington, Cavendish, Lancaster, Vener e aquelle Fenton, que, chegando a S. Vicente e declarando aos colonos ser portador de cartas de d. Antonio, recebeu delles, em face, a resposta altiva de que sabiam quem era o seu rei.

A transferencia do Brasil para a corôa de Philippe II não trouxe aliás grande mudança no quadro social do tempo. Anchieta

continuou a ve-lo, mais ou menos, como o havia visto anteriormente. Basta dizer que os governadores do Brasil hispanhol trazem todos os nomes portuguezes. O primeiro foi Manuel Telles Barreto. A práctica intelligente da metropole hispanhola importava no reconhecimento tacito da continuação da soberania lusa no Brasil. Esta continuou a ser exercida no paiz por governadores lusitanos com o *placet* hispanhol.

Na governança de Telles Barreto e depois na de d. Francisco de Sousa, por alcunha popular o d. Francisco das Manhas, continuou José de Anchieta a trabalhar pela civilização do Brasil no tempo em que d. Francisco das Manhas justificava a alcunha jogando a cabra-cega ao redor de Roberio Dias, o argentario da Bahia, senhor de serviços de prata, na capella e na mesa, para o uso de Deus e para o proprio. Enquanto Roberio Dias morria sem titulo de fidalguia para corôar bens avultados, o padre José de Anchieta assignava apenas, no fim das cartas, o nome de *Joseph*, por evitar o sobrenome de Anchieta, appellido de familia nobre, quando não se subscrevia, pura e simplesmente, o *pobre e inutil* Joseph. Humildade não lhe faltava. Delle se conta um dicto, que honra não tanto a humildade quanto a ironia. « Padre, disseram-lhe alguns, segundo corre, os passaros pousam-lhe no cajado, no braço e no breviario. » A resposta veiu na seguinte forma: « Bom dicto, grande milagre! E não se põem elles nos monturos e nas forcas ».

Assim continuou a viver este homem admiravel até os seus ultimos dias no Espirito-Sancto, onde, hoje, uma cidade se abriga sob seu nome, alongado em immensas e bellas sombras pelo chão da Historia e pelo sólo da admiração popular.

Nobrega, em uma de suas cartas á corôa, pedia que Portugal mandasse ao Brasil gente *que quizesse bem á terra e que a aproveitasse*. Respondeu-lhe o céo, mandando José de Anchieta ás terras do Brasil. Com effeito, bastaria na obra de Anchieta a fundação de S. Paulo para lhe dar direito de asylo eterno em corações brasileiros. A' força de meditar sôbre Anchieta e sua obra, não se percebe mais o *pobre e inutil* Joseph. Insensivelmente a obra da

Companhia vae-se substituindo á vida de um só homem e aquella obra tem no Brasil largos capitulos na Historia nacional. Desde que a nossa patria recebe logar na fileira geographica, os jesuitas lhe accompanham a evolução. Presidem-lhe o progresso aos pés da cruz, posta por Cabral na terra firme, cuja posse trouxe a reboque de suas caravellas ao regressar ao Tejo.

Deixemos á margem a conservação da unidade territorial. Contemplemos mais perto de outro serviço inestimavel da Companhia, o manejamento da raça indigena submissa ao aceno dos missionarios, dirão talvez inutilizada por elle. Mas basta que o missionario se ausente para que a antiga hostilidade contra o invasor reappareça, violenta, veloz, implacavel. Basta que o missionario surja de novo para obter de novo do selvicola a paz, o respeito e a ordem. Quão eloquente é o odio velho, portanto incansavel, do colono ao jesuita, o odio do rapinante ao defensor do objecto cubiçado, porque o jesuita no Brasil não se oppunha sinão ao roubo, ao despôjo e á venda dos indigenas. Pesa-nos acaso ter-nos faltado um Cortez, um Pizarro, um Almagro, isto é, a conquista desalmada, fôsse como fôsse, a ferro e a fogo, a exterminio que confundia o ser humano com o animal feroz? Que historia colonial, em largas dedadas de sangue, teriamos si não fosse o vestigio constante da brandura e do bem, que nella se encontra e que ficou para sempre impresso em elevação moral no character brasileiro?

Colonizar, na Historia, é em geral corollario de conquistar. Tanto mais a premissa foi violenta ou brusca, tanto mais o corollario deve ser geitoso e meigo. A Gallia, para escolher na cópia dos exemplos o mais bello, jamais desceu estandartes e coragens deante das armas romanas, mas não resistiu á politica de paz e de cordura de Cesar, a poncto de exquecer a propria lingua.

Desde a mais alta antiguidade a colonização surgiu da guerra, salvas algumas excepções de origem commercial, como as colonias dos Phenicios, vehiculos vivos das idéas, dos interesses e das civilizações do mundo antigo. Deixaram, em testamento historico, todas as suas qualidades aos Carthaginezes, que máos herdeiros universaes só lhes souberam aproveitar o legado da ambição traficante.

Mas em regra geral a guerra é a origem da colonização, desde Roma, cujo longo e brilhante collar de colonias, passado á volta do collo de monstruoso poder politico, vinha da Asia Menor e se extendia á Europa e á Africa.

Está hoje reconhecido que aos Portuguezes, máo grado erros e deslises, cabe a gloria de haver precedido os demais povos modernos na colonização, no sentido moderno da palavra. O principal campo de experiencias da corôa portugueza foi o Brasil, paiz privilegiado, cuja unidade territorial se conserva atravez das maiores crises, paiz privilegiado onde, apezar de todos os climas, de todas as differenças ethnographicas, se fala uma só lingua, limpa das complicações dos dialectos e sub-dialectos, que, por exemplo, na Italia, collocam um Milanez em frente de um Napolitano na posição de dous individuos que se não comprehendem.

Em Anchieta e seus companheiros reside o elemento moral da conquista portugueza. Esse elemento moral é não só o traço mais bello daquella conquista, como o distingue inconfundivelmente na épocha, no porvir e na Historia. Os outros povos colonizadores, soltando os seus colonizadores e não podendo depois conte-los, estavam um pouco na posição do discipulo do feiticeiro que, tendo aprendido com o mestre palavras magicas destinadas a libertar o diabo de um alambique, não poude mais prende-lo de novo por haver exquecido a palavra cabalistica que repunha o demo na primitivo sitio.

Si não fosse o sulco moral da Companhia no rosto da conquista, a que ficaria esta reduzida? A'cupidez, á crueldade, á sede do ouro, á inquieta devassa de riquezas naturaes? Anchieta, Nobrega e seus ermãos combatem não só os máos elementos da colonia nascente como até se pronunciam abertamente, com altivez e justiça inexoravel, contra os máos sacerdotes que tentavam pôr peias á sua obra piedosa, fazendo, na expressão de Nobrega, os officios do demonio. Que quer isto dizer? Que Anchieta e Nobrega não trepidavam em condemnar para a posteridade os sacerdotes transviados. Transviados e relapsos os ha em todas as classes sociaes sem desdouro para nenhuma dellas. Ainda o facto representa elemento moral. Não houve contemplações nem com os de casa. Quando foi preciso accusa-los, An-

chieta e os seus o fizeram com desassombro. Não exaggerou portanto o decreto pontificio de 31 de Julho de 1736, do papa Clemente XII, quando reconheceu a justiça entre as virtudes theologaes e cardeaes necessarias á beatificação de Anchieta. Nelle a justiça fez bôa companhia á fé, á esperança e á caridade, e bem se ermanou á prudencia, á fortaleza e á temperança.

Ha portanto mais de seculo e meio se processa a causa da beatificação e canonização de José de Anchieta. Dos processos informativos e apostolicos para a canonização de Anchieta se destaca um incidente. Vale a pena traze-lo á luz. Duas testemunhas de vista, depondo no processo promovido em S. Paulo, referem que com outras pessôas se achavam em travessia maritima. O sol punha sôbre o mar immensa chapa candente. O calor opprimia os peitos, desvairava os cerebros. Nem uma nuvem toldava o céo em cortinas de frescura. Morrera o vento na fornalha da atmosphera. Os viajantes, fóra de si, murmuravam. O murmurio já tomava proporções de gritaria. Anchieta invocou o soccorro das aves marinhas. Eis sinão quando o céo se ensombra. Sôbre elle não correram as nuvens nivea cortina de frescura ou negros pannos de trovoada. Não, o céo continuou limpido como d'antes, derretido num só azul. Quem o annuviou então? Um bando de aves que o escureceram á fôrça de azas extendidas. Atrás das garças vem os biguás. Logo após os colheireiros vôam as gaivotas, e o aligero exercito se fecha com os guarás, sanguinolentos como guerreiros regressando do combate. A grande nuvem tapa o sol e segue a canôa dando refrigerio a Anchieta e seus companheiros. Amortece a luz e abranda o calor. Assim, num recanto brasileiro se viajou com sombra, a sombra que outr'ora Leonidas desejára para combater quando Xerxes mandou avisa-lo que o número das flechas dos archeiros persas podia escurecer o sol. E quando vos digo que num recanto brasileiro se viajou com sombra, equivale evocar aos patricios presentes a saudade das nossas incomparaveis paizagens, os paineis do nosso paiz, os céos e terras do Brasil, que se confundem, na belleza e no ideal, com um realce no qual se imprime o traço divino.

O amor e o trabalho tornaram nosso o padre José de Anchieta, a ponto de ser dada significação nacional ao seu tri-centenario, celebrado em 1897. Foi a Historia quem naturalizou brasileiro o padre Anchieta. E' grato recordar a circunstancia na data de hoje. Com effeito, a 25 de Janeiro de 1554 « em pauperrima e estreitissima casinha » se rezou a primeira missa em S. Paulo, no dia da conversão daquelle mesmo temeroso Saulo que, soprando ameaças e mortes contra os discipulos do Senhor, foi ao principe dos sacerdotes pedir ordens para prende-los. Mas a uma volta do caminho de Damasco a voz divina o colheu, num resplendor de luz, para deixa-lo tres dias sem vista, sem sêde e sem fome até a vinda de Ananias. Anchieta não teve necessidade de ouvir perguntar-lhe : « Porque me persegues » como succedeu a Paulo de Tarso. Desde o alvorecer do entendimento se poz a caminho de Deus pelo trilho da terra. Amiuda passos, em todos os sentidos e por sôbre toda a especie de obstaculos, ora por montanhas que é preciso galgar, pelos rios que cumpre vadear, por lagôas, por brejos, por tremedaes, por mattarias invias, por mares tempetuosos, postos em furia, ao gigantesco descer da aza do vento sôbre a vaga antes em socego.

« Infelizes degradados que ficastes chorando na praia de Sancta Cruz, quando Cabral seguia sua derrota, adoçae um pouco a força de vossa magua. Sabei que aquelles barbaros, a cuja voracidade ficaveis expostos, estão civilizados ; que aquellas mattas melancholicas que tyrannizavam vossos olhos já se transformaram em campanhas risonhas, em seáras fructiferas, em sementeiras floridas ; que do seio daquelles ermos emmaranhados que denegriam vossos corações teem nascido villas e cidades florentes !»

Assim, repetindo as palavras de frei Francisco de S. Carlos, « que acudiam a Octaviano ao vêr lançar nossa primeira grande via ferrea », começa o sr. Joaquim Nabuco a sua conferencia sôbre Anchieta para ser lida em S. Paulo no dia do tri-centenario do veneravel jesuita. A citação do nome do sr. Joaquim Nabuco paira sôbre o seu tumulo, que ha dias a morte abriu em Washington, para nelle sepultar um nome e um passado, que abrange nossas duas fórmas de govêrno.

Irei agora além de S. Carlos. Logo após o descobrimento, os infelizes degradados viram sumir-se no horizonte as velas da esquadra cabralina, pontos brancos fugindo para o plano do mar alto. Podiam ter observado que os barbaros, a cuja voracidade tinham ficado expostos, começavam a não ser os mesmos, antes que as mattas melancholicas se transformassem em campanhas risonhas, em searas fructiferas, em sementeiras floridas, antes que dos ermos emmaranhados se erguessem villas e cidades florentes. E quem consentiu que os degradados adoçassem a magua do exilio? José de Anchieta, nome que põe em equação moral os serviços da Companhia. Foi o mesmo «inutil Joseph» que, sôbre as areias da praia, gravou muitos dos versos do seu poema á Virgem como si o lamento infinito do mar fosse a voz unica que lhe pudesse responder ao hymno ás excellencias de Maria Sanctissima.

Tambem na propria terra paulista, onde se desenrolou grande parte da vida de Anchieta, a gratidão nacional vai tomar corpo no bronze. Tracta-se de erguer uma estatua ao grande evangelizador, cuja vida e cuja acção social procurei esboçar deante de vós, nesta sala em que o favor de Deus me consentiu congregar, ao toque da memoria de Anchieta, tantas personalidades eminentes, cujo obsequio de ouvir-me não sei como agradeça. Tive a ventura de falar nesta sala, neste collegio onde se educam e instruem tantos filhos da America Latina, bloco de grandezas das civilizações futuras. Encontro no auditorio moços acudidos de todos os pontos da America hispano-lusitana para celebrar Anchieta, Hispanhol de berço, Brasileiro de vida e de tumulo. Sôbre as cinzas do evangelizador me animo a formular um voto, a dizer-lhes que ponham termo a malquerenças e trabalhem todos em favor do continente americano, cuja civilização será a aurora de um seculo futuro. A America Latina engrandecida constituirá uma das maiores surpresas da Historia vindoura, Mesmo nesse tempo a obra dos semeadores não terá perdido o valor e a altissima significação. A velha crosta resfriada do globo completa as incandescencias do calor central.

Sempre serão recordados os precursores como José de Anchieta

> Sôbre os verdes outeiros, sôbre os campos
> Meridionaes das regiões brazileas

conforme dizia Fagundes Varella, que no poema, *O Evangelho nas Selvas*, deixou sòbre a mão do missionario o respeitoso osculo da poesia patria.

O povo brasileiro entende agora, no torrão paulista, deitar remate á gloria de Anchieta, transferindo-o do pedestal dos corações para o das estatuas.

Não basta porém. A ambição do nosso povo deve ser maior. A' memoria de Anchieta não póde faltar a consagração suprema, a canonização, a ventura ultima da Egreja, que serviu em nossa Historia qual longo arco-iris conservado por milagre na vastidão do tempo.

Anchieta vai obter uma estatua, subir, pela indicação dos seculos, ao pedestal das admirações humanas. A justiça da Historia deve estar desvanecida. Mas o sublime Canarino tem direito a outra honra além do symbolo das admirações humanas — a estatua. Cabe-lhe o direito de subir ao altar, pedestal indestructivel do poder de Deus.

Um coup d'œil sur l'histoire du Brésil

CONFERENCIA REALIZADA A 4 DE FEVEREIRO DE 1910 NA UNIVERSIDADE DE ROMA

MESDAMES, MESSIEURS

Je dois commencer cette conférence, trop longue et en même temps trop courte, trop longue pour vous, trop courte pour moi, qui vous remercie de l'honneur de votre présence et du plaisir de votre attention, en me servant d'une image de la vie courante.

Je suis à l'ombre de l'exemple de Jésus, le semeur divin du sillon des vérités humaines. Il a fait lever les semences de l'amour, de la charité, de la justice et du bonheur, parmi les hommes, au moyen de paraboles très simples, très imagées, à la portée même de ces esprits doux et faibles auxquels il a si fortement promis le royaume des Cieux.

D'abord la parabole de la brebis égarée, à la poursuite de laquelle le pasteur se lance en laissant derrière lui le reste du troupeau. Ensuite la parabole du phariséen et du publicain priant ensemble dans le temple, et n'oublions pas, sur la gerbe des paraboles, la fleur exquise de la scène de l'enfant prodigue en débauche.

Vous avez tous voyagé, vous avez tous passé « par cette espèce de porte par où l'on sort de la réalité comme pour pénétrer

dans une realité inexplorée qui ressemble au rêve ». Vous avez tous voyagé et suivant les guides à couverture rouge :

Qui songe à voyager
Doit soucis oublier,
Dès l'aube se lever,
Ne pas trop se charger,
D'un pas égal marcher,
Et savoir écouter.

En courant le monde vous avez pu saisir le contraste entre la mer et les petits fleuves, ses humbles tributaires. Fixez votre attention sur ce contraste. Veuillez bien suivre le filet de mes idées, en vous rendant compte des difficultés de la définition. D'ailleurs on ne définit pas l'infini. La mer n'est que de l'infini, à la fois calme et changeant, un miroir toujours prêt à se mettre en pièces, une force capable de lever les abîmes á la hauteur du ciel.

Maintenant jetez les yeux sur un petit fleuve. Il porte ses eaux à la mer, en faisant tranquillement son devoir géographique de chemin qui marche. C'est à peine si vous le regardez. Vous ne faites qu'admirer la mer, si déserte à sa surface, si peuplée au fond de ses gouffres. Que vous importe le mince cours d'eau ? Ne le méprisez pas cependant. Suivez sa course capricieuse et folle comme une ligne en rupture de ban géométrique. Remontez-le jusqu'à sa source, modeste, ignorée, bruissant au fond des bois, liquide gazouilleur à la voix fraîche et monotone. Ce n'est qu'un murmure sous la feuillée. Il se pourrait même que quelque oiseau folâtre, du haut des branches, voulut bien répondre à ce murmure qui s'épanche sur la terre.

L'histoire universelle mise en regard de l'histoire particulière de chaque peuple, surtout de l'histoire des peuples jeunes, rappelle la mer et les petits fleuves. Quand la mer gronde on n'entend pas les sources.

Vous devez donc ignorer l'histoire du Brésil. Je ne vous en fait pas un crime. L'Europe, en général, ne connaît l'Amérique que par ses oncles. Mais je vous assure qu'il est temps de tourner les

yeux vers ce continent, qui n'a pas encore eu le temps de se mettre à vieillir.

Dans l'Amérique du Nord, les États Unis jouent le rôle des colosses. Ce rôle est tenu par le Brésil dans l'Amérique du Sud. Les deux pays, d'une origine si opposée, d'une civilisation si tranchante, suivent, il y a longtemps, un exemple très cher à la vieille Italie, l'exemple viril du *fare da sè*. Je sais très bien aussi qu'en italien *dal dire al fare c'è di mezzo il mare*, mais je puis vous assurer que les États Unis de l'Amérique du Nord et du Sud n'ont pas besoin de se mettre à déranger les flots pour avoir les moyens de réussir. Tandis que les atomes crochus et puissants de la race tournent les *yankees* du côté *old England and Germany*, les affinités les plus vives rattachent les brésiliens au monde latin. Ce n'est pas en vain que le Brésil a été façonné à l'image romaine par la domination portugaise. Pourquoi donc briser tant de liens? Pourquoi mépriser ces précieuses affinités de race, de mœurs, de sympathies, voir même de superstitions communes?

Un portugais, l'un des plus grands poètes épiques de l'univers, le Camöens, prétend que la langue portugaise, rien qu'avec un petit effort, n'est que du latin. Cette vérité a été exprimée par le poète en des vers pompeux, d'une superbe envolée. Virgile ne les aurait pas désavoués.

Les pays latins, par conséquence, ont le plus grand intérêt à jouer un rôle économique au Brésil. La France devrait prêcher d'exemple. S'il est vrai que la France a placé au Brésil des capitaux assez nombreux, la colonie française voit tous les jours, malheureusement, son influence directe baisser, s'amoindrir et s'effacer, bien que le 14 juillet aie toujours son rang parmi les fêtes nationales brésiliennes.

Jadis le prince de Joinville débarquait à Rio où il a épousé une sœur de Dom Pedro, la princesse Dona Francisca. En traversant la rue d'Ouvidor, alors la principale rue de la ville, le prince remarqua que seulement des noms français se trouvaient aux devantures des plus belles boutiques. « Messieurs, dit le prince en se tournant vers l'entourage de ses compatriotes, nous voici,

rue Vivienne ». S'il vivait, le prince ne retrouverait plus sa rue Vivienne.

D'autres peuples sont venus chez nous. L'Italie, par exemple, s'est fait jour à travers la grande population de l'État de S. Paulo au moyen d'un million et demi d'italiens qui ont emporté avec eux les traditions de la patrie pour les faire revivre sous d'autres cieux.

En effet les traditions italiennes comptent parmi les plus généreuses traditions du genre humain. Il suffit d'évoquer la splendeur romaine. Elle rayonne sur les plus hautes cimes de la pensée comme ces longs crépuscules d'été qui tout en n'étant plus du soleil sont encore de la grande lumière.

Oui, le poète a raison :

Fior del gentil sangue latino, Italia.

A Rome alors on marche sur de la gloire et on trébuche sur des souvenirs, parmi les grappes de ruines de la ville où tant d'âges ont vécu. Dans chacune de ses vieilles rues les pas foulent des traditions et soulèvent de l'histoire en poussière. J'ai souvent eu peur de rencontrer à l'angle d'une *salita*, ou au tournant d'un *vicolo*, le paysan du Danube venu de sa province pour élever a voix dans le sénat romain assis pour l'écouter. Je sais bien, en traversant la via Lucculus, qu'on n'y soupe plus, mais je rêve, je rêve longtemps à la vue de ce nom, car, selon Tacite, la face des lieux ne change pas comme celle de l'homme.

Pour vous prouver à quel point la jeunesse brésilienne a le souci de la gloire de l'Italie, je demanderai la permission de vous lire quelques passages du petit poème de Mr. Magalhães de Azeredo, inspiré par la terrible catastrophe de Calabre et de Sicile, nuage de profonde tristesse qui voile encore la vie nationale italienne. Mr. Magalhães de Azeredo est un de mes compatriotes. Il remplit à merveille, il y a longtemps, les fonctions de premier secrétaire de la Légation du Brésil près le Saint Siège. Et je veux dire aussi à mon pays qu'il doit être fier de l'accueil qu'on fait dans le monde romain à ses deux ministres, Mr. les Drs. Bruno Chaves et Alberto Fialho.

Mr. Magalhães de Azeredo, élevé par une mère des plus tendres et des plus chrétiennes, ayant épousé une jeune fille des plus artistes, a une âme douce et sensible, je n'ose pas dire féminine, parce que sa muse, à l'occasion, sait trouver des accents très-mâles. Le poète, connu dans son pays, connait à fond la haute idéalité esthétique et morale du génie latin. Il suffit de vous apprendre qu'il a fait un essai heureux pour introduire la métrification latine en portugais, ce qui lui a valu les éloges de Carducci.

Les vers de Mr. Magalhães de Azeredo, traduits en italien par Mr. Carlo Parlagreco, vous feront voir à quel point les affinités latines ont pris racine au Brésil.

Ecoutez le poète. Oubliez-moi bien vite. La muse s'adresse à l'Italie :

Serva ! non già qual t'imprecò, fremente
d'ira e disdegno, il Ghibelino ! Libera,
libera, Italia, e omai dominatrice
pel genio tuo, pei tuoi sforzi, pel santo
anelito dei tuoi duci e poeti,
e per virtù di popolo e per gesta
sacre d'eroi, per l'ardente magìa
del comune voler, che il fato avverso
costringere e frenar seppe in possente
cherchia di ferro e d'adamante. . . Oh ! lungi
va l'èra infausta, che, non solo Goti,
Vandali ed Unni, nel feroce aspetto
della grande barbarie, alto ululando
le ingorde voglie e i primitive istinti
ciecamente ogni cosa arsa e distrutta,
a templi, a curie, a palagi strappavano
ori e bronzi, e fondeanli, e brutalmente
rompean dell'arte i delicati fiori ;
ma generali e principi famosi,
truppe ben aguerrite e colte genti
gioghi imponeanti e dì d'onto e di scherno !
Ed eri, Italia, al par delle contese
terre del Mussulman, tavol da gioco
pei turpi intrighi e pei foschi disegni

d'Europa tutta. Eri l'aperto campo
che la bellezza e l'ubertà del suolo,
e la discordia dei tuoi figli, armati
sempre l'un contro l'altro, opima e facile
preda rendeano alle straniere brame.

Al ciel gridava il tuo sangue, e dal fondo
dei sepolcri per secoli clamarono,
inquiete e frementi in terra schiava,
l'ossa dei tuoi senza giustizia spenti.
E alfin giustizia venne ; ed ora il Genio
della tua stirpe, qual divino arcangelo
alle porte dell' Eden, la fiammante
spada impugnando inesorato, il nuovo
Eden di grazie e di bellezza vigila
alle frontiere, e gli avvoltoi rapaci
caccia fra l'ombre del passato. Ed ora,
attorno all'Alpi e all'Appennin, dal mare
d'Adria al Tirreno, agli operosi lari
attende il popol tuo : leggi e costumi
dànno alta prova di una sola lingua
e di una razza sola! Oggi sei libera...

Mais le poète brésilien, après avoir pleuré Reggio et Messine, secouées par la terre d'un formidable haussement d'épaules, après avoir gémi sur ces deux sirénes,

redivive del mar Mediterraneo

se rappelle de son pays. C'est la *saudade*, ce doux mot intraduisible dont aucune langue ne peut rendre le charme indéfinissable. C'est du souvenir pétri dans les larmes et figé par la douleur.

....

Degna sei tu di accompagnar le nuove
genti alla via d'un avvenir migliore,
qual madre bella e giovine le giovini
belle in gentil pellegrinaggio guida
per le fiorite e dilettose vie,
e egual negli atti e nelle grazie eguale

e in beltà, più che madre, par sorella.
Degna ti sa il poeta ospite tuo
che nel tuo lutto a te innalza questo inno !
non figlio tuo, ma cittadin di quella
occidental Repubblica latina,
che di là dell'Atlantico perpetua
i fasti de la stirpe dei Lusiadi,
e nell'integro petto un portentoso
lume alimenta che fasci di luce
proietterà sopra la terra intera.
Là i tuoi coi nostri fecondan le zolle
vergini, e due formose lingue insieme
nelle cittá, nelle foreste suonano,
e due genti latine fraternizzano.
Guarda la forte e generosa scuola
di libertá, di pace e di giustizia,
che con leggi e costumi, in cui le fiamme
vibran di un vasto sentimento umano,
edificando andiam nel primitivo
suolo, ove lotte di razze e di caste
e di credenze ignote sono, e dove
ogni diritto il ben di tutti alberga.
E non solo per noi ! Forza e fortuna
ci assistano propizie, e il nostro sogno
qual patrimonio universal risplenda !
Tu che tanto insegnasti e sempre insegni,
o Maestra immortal, tu che il primiero
Panteon a tutti gli orizzonti apristi,
propaga tu fra i rinnovati popoli
d'Europa il nostro alto ideal ch'è tuo,
e ultimo frutto d'albero gigante,
l'apice tien dell'anima latina.
Messaggera d'amor, la tua parola
porgi alle genti ; uniscile nel tuo
bacio ! Ed ancora il nome tuo nei secoli
sia benedetto, Italia ! Italia ! Italia !

Je crois vous avoir déjà assez prouvé, messieurs, que le Brésil est toujours attiré par l'aimant de la civilisation

latine. Venons à notre premier sujet, au sujet de cette conférence.

L'histoire du Brésil a un passé assez lourd en souvenirs, bien qu'il lui manque encore historiquement la patine des siècles. Mais elle n'est pas dénuée d'intérêt, comme je tâcherais de vous le faire voir, à grands coups de pinceau.

Découvert par les portugais, en 1500, à l'aube du seizième siècle, le Brésil devint l'objet de la cupidité de nombreux écumeurs de mer. Le gouvernement portugais se décida alors à coloniser le pays en prenant la résolution de le partager en plusieurs fiefs ou capitaineries héréditaires attribuées à des personnes de haut rang dont la plupart avaient fait leurs preuves dans l'Inde. Ce système de colonisation échoua et dut ceder le pas à un gouvernement central qui eut aussi à subir de nombreuses vicissitudes.

La dynastie portugaise d'Aviz, sous laquelle avait eu lieu la découverte du Brésil par Pedr'Alvares Cabral, s'éteignit en 1580.

Petit-fils de Don Emmanuel, du chef de sa mère, Philippe II monta sur le trône portugais, les droits de naissance d'une main, les droits de conquête de l'autre.

Ceux-ci valaient bien plus que ceux-là. Personne n'osait résister au sombre démon du Midi. Nous savons bien ce qui arrive même en dehors des fables, quand le lion lève la patte pour la poser sur la proie.

Quia nominor leo.

Le Brésil subit la domination espagnole. Comme les ennemis de nos ennemis sont en général les nôtres, mon pays fut en proie aux adversaires acharnés des espagnols détestés, surtout par les hollandais.

A cette époque-là la totalité des dépenses publiques au Brésil n'était que cinquante quatre contos de réis, c'est-à-dire quatre-vingt-dix mille lires.

Pendant trente ans — car la trêve de Dieu n'existait plus — les hollandais durent se défendre contre les brésiliens et les espagnols.

Les hollandais s'avouèrent vaincus. Quand on les éconduisit militairement du Brésil, le pays se développa très rapidement.

Son intérieur se peupla ; ses mines d'or, et de diamants commencèrent à verser sur le monde leurs flots de paillettes et de lumière.

Le peuplement de l'intérieur commença. Il a été dû à des expéditions qui s'appellaient des *bandeiras*. Les aventuriers qui les composaient avaient nom les *bandeirantes*.

Les exploits des *bandeirantes* sont fameux. Ces terribles professeurs d'énergie inconsciente faisaient la guerre aux indiens, qui leur rendaient les cruautés à coups de talion. Un peu à la manière des phéniciens, surnommés par Homère le peuple illustre qui a mesuré la mer, les *bandeirantes* ne se bornaient pas à piller. Ils avaient soin de fonder. Ils semaient de villages la route de la découverte des mines, leur rève d'or. Ne rebroussant jamais chemin, au sud, au nord, ils laissèrent partout des traces heroïques. Nombre de leurs expéditions eurent une odyssée.

Puisque cet mot vient de vous évoquer Ulysse, je rapprocherai de son vagabondage expiatoire de dix ans la fameuse *bandeira* de Fernando Dias Paes Leme, qui, pendant dix ans, chercha en vain de l'or et des pierres précieuses.

L'histoire poignante de cette *bandeira* a été retracée par le poète brésilien Olavo Bilac, et je saisis l'occasion de substituer à ma prose la magnifique traduction que M. Parlagreco a fait des vers de mon compatriote. Voici cette traduction, où sont si bien rendues toutes les finesses de l'*idioma gentile*, mis au tour de l'art par un ami du Brésil et par un lettré des plus fins.

. . . .

. . . .

Fu nel marzo, al finire delle pioggie, all'entrata
Quasi d'autunno, allora che la terra assetata
A lungo avea le viscere all'acque estive aperto,
Che, a fronte di una banda di pedoni, al cimento
Rotti dei boschi, in caccia de smeraldi e d'argento,
Fernando Dias Paes Leme penetrò nel deserto.

Ah ! chi ti vide allora, all'alba della vita,
Patria selvaggia, in culla, fra le selve sopita

Nel virginal pudore delle primitive ere,
Quando ai baci del sol, mal comprendendo il pieno
Fremito di quel mondo, che portavi nel seno,
Vibravi al calpestio degli Indii e delle fiere!

Già laggiù da l'azzurro specchio delle tue cale,
Dai verdi seni, in cui tranquille e in ritmo eguale
L'acque van gorgogliando fra gli scogli a cantar,
Dai gorghi e dalla foce dei tuoi fiume irruenti,
Prese della paura, per le secche latenti
Le piroghe dei tuoi tutte fuggiano al mar.

Fernando Dias Paes Leme poursuit sa marche:

Verde sogno! E' l'impresa al suol della follia!
Quante bande guidò già la stessa mania,
A la rincorsa cieca e il desio d'arrichire!
In ogni macchia, in ogni scarpa, in ogni pantano
Bacia il raggio lunare uno scheletro umano
Che le tigri affamate van ruggendo a lambire

. . . .
. . . .

Che importava? All'arbore il profilo del monte
Spiavano le turbe in fondo all'orizzonte!
Quando sarebbe apparsa, alfin, ne la vagante
Tetraggin vaporosa delle nebbie leggere
La serra di smeraldi asil, dalle cimiere
Verdi e come smeraldo immenso sfavillante?

. . . .
. . . .

Ma in un sentier del bosco una sera, all'occaso
Sosta, l'esangue volto freddo livore ha invaso.
E la febbre! l'eroe non passerà di qui;
Nella terra che vinse, egli cadrà prostrato
È la febbre! è la morte! vecchio ed estenuato
Affranto e rotto, cade presso del Guaicuhi.

Le *conquistador* va rendre l'âme. Les vers portuguais sanglottent à travers la traduction.

Muori! germineranno qui le sacre sementi
Del versato sudor, delle lacrime ardenti;
Le vigilie e i digiuni grandi frutti daranno,
E popolata un di la terra in che t'adagi,
Quando ai baci del sol messe feconde ed agi
Abbonderanno e ai baci d'amore cresceranno

Le famiglie, nei suoni dei bronzi e degli arati
Incanterai col fremito delle masse, nei prati,
Nelle vie, negli inni di pace e di lavoro,
E l'obblio soggiogando attraverso le età,
Violator di deserti, fondator di città,
Tu nel cor della patria avrai eterno alloro.

. . . .
. . . .

La visïon dileguasi! tutto ritorna in pace!
Ora per la foresta che tutt'intorno tace
Scivola, sargenteo pianto, della luna il chiarore!
E tranquillo, felice, alla gran madre in seno,
Nella pace stellata d'un bel cielo sereno
Fernando Dias Paes Leme gli occhi socchiude e muore.

C'est de la poésie qui s'envole du cadre de la vérité. Elle vous a fait un peu connaître l'héroïsme des *bandeirantes*.

L'abandon de leur foyer, le soleil flamboyant et tueur d'hommes, les eaux saumâtres ou bourbeuses, poisons liquides à la merci de la soif, les forêts profondes où le mystère attend et défie le courage, rien ne rébute les *bandeirantes* assoiffés d'or. Leurs pieds saignent, leurs pas s'allongent vers l'incertitude et la mort. Ils vont toujours en avant, riches d'espoir, dénués de vivres. Sans se douter ils accomplissent une grande œuvre. En marchant ils sèment du progrès.

Tout un peuple démenageait avec eux. Des femmes, des vieillards, des enfants, des troupeaux, à leur suite, traversaient les forêts pendant des années entières, sans être soumis à aucune loi, sobres, resignés, le long des fleuves, mangés de soleil, à la pluie battante, couchant à la belle étoile, sous le fourmillement des astres.

Cela dura un siècle.

Les *bandeirantes* traversèrent le Brésil comme des villes en marche, en découvrant des régions entières, tenant tête aux saisons, aux indiens, aux bêtes féroces, narguant le danger, faisant maigre chère, en haillons, indomptables, superbes, épiques, donnant des richesses à leur pays sans se soucier de l'avenir ou d'entendre le son de la gloire, que la mort sait si bien assourdir et faire planer sur les tombes.

Mais il est temps de quitter ces héroïques aventuriers et de jeter un rapide coup d'œil sur les luttes civiles qui suivirent les exploits des *bandeirantes*, la guerre des *mascates* et la guerre dite des *emboabas*, mot d'origine indienne, d'une étymologie encore douteuse, mais qui servait à insulter les portugais.

Les *paulistas* se crurent spoliés par les forbans d'outre mer, accourus par milliers à la curée des mines. Des luttes sanglantes s'ensuivirent et un horrible massacre au Rio das Mortes, en 1709, signala bien tristement la revanche des *emboabas*.

Une autre guerre, la guerre des *mascates*, éclata à Pernambouc au commencement du dix-huitième siècle.

Grâce à un port de mer excellent, le Recife se développa du jour au lendemain. Le Recife logeait de nombreux commerçants portugais. Tandis que les habitants d'Olinda étaient de riches propriétaires d'usines à sucre, ils prenaient de haut les habitants de Recife auxquels ils donnaient le sobriquet acerbe et outrageant de colporteurs (*mascates*).

D'ailleurs les affaires commerciales entre *olindenses* et *mascates* se brouillaient de plus en plus, car les *olindenses* ne payaient pas rubis sur ongle. Lorsque le roi de Portugal eut accordé à Recife le titre de *villa*, ce qui le mettait hors de la protection d'Olinda pour les affaires d'édilité, les haines ne connurent plus de bornes.

Le gouverneur Sebastião de Castro Caldas, avec plus de gaucherie que de violence, mit le comble à la fureur des *olindenses*. Des arrestations assez arbitraires ordonnés par le gouverneur finirent par soulever entièrement le peuple.

La guerre des *mascates* éclata.

Cette lutte nativiste, entre brésiliens et portugais, dura à peu près quatre ans. Par ci, par là il y eut des moments d'armistice où les deux partis semblaient mettre bas les armes. Elle cessa en 1714, très brusquement, comme à un coup de baguette dans un conte bleu, comme si chaque parti en avait assez de la guerre, à la simple promesse d'une amnistie.

Je ne dois pas clore la guerre des *mascates* sans vous parler d'un de ses héros, le *sargento-mór* Bernardo Vieira de Mello, un homme à poigne du bon vieux temps. *Sargento-mór* était un ancien grade qui correspond à celui de colonel dans les armées modernes. Vieira de Mello a droit aux sympathies italiennes, car il proposa la création très originale d'une république à Pernambouc, à l'image de la république vénitienne. D'ailleurs la ville de Recife, la capitale de l'Etat de Pernambouc, est surnommée la Venise du Brésil.

Mettons fin au récit des faits les plus importants de cette période. Passons à vol d'oiseau sur les expéditions de Duclerc et de Duguay Trouin, sur les luttes contre les espagnols, sur les questions de limites qui ont pris naissance dès l'accord fameux de Tordesillas. Nous voici au XVIII siècle. Le Portugal ne se faisait plus d'illusions au sujet de l'Inde, dont la crue de richesse baissait de plus en plus. Le Brésil eut les petits soins de la métropole.

Le marquis de Pombal, premier ministre de Joseph I et roi en second, s'occupa sérieusement des affaires du Brésil. Cet homme remarquable fit beaucoup de bien au pays, tout en ayant le malheur d'avoir commis des fautes très graves. Le système fiscal de la colonie se trouva amélioré, le commerce prit un grand essor à peine les droits sur le tabac et le sucre se trouvèrent reduits : les indiens furent affranchis, la construction navale dans le pays mérita le patronage royal, une cour d'appel commença à rendre la justice à Rio de Janeiro, des écoles publiques s'ouvrirent et le Brésil eut l'honneur d'être promu au rang de vice-royauté.

Le XVIII siècle touchait à sa fin. Des brésiliens élevés en Europe, des anciens étudiants des facultés de Coimbre et de Montpellier, enhardis par l'exemple de l'indépendence des Etats Unis, accomplie à l'ombre du pauvre Louis XVI, voulurent fonder une

république. Des traîtres se glissèrent parmi les conspirateurs. Ceux-ci furent arrêtés, emprisonnés, condamnés à mort, mais un seul d'entre eux, le lieutenant Silva Xavier, ou *Tiradentes*, mourut sur le gibet. Il expira noblement, en héros, sans faiblir, regardant l'au-delà avec de la résignation et de la fermeté.

Malgré cette répression sanglante, malgré l'esprit de méfiance toujours en éveil, le régime colonial craquait de toutes parts.

Le coup de grâce lui fut porté par la transmigration de la famille royale de Bragance en 1807. Elle avait osé désobéir au blocus continental, ce grand coup de foudre qui gronda dans la politique européenne contre l'Angleterre et ses destinées commerciales.

Junot envahit le Portugal. La cour de Lisbonne prit peur. Elle craignit le sort de Charles IV et de sa famille. Le prince régent, car la reine-mère était folle, donna l'ordre, cuisant pour l'amour-propre portugais, de faire voile pour le Brésil. Ce fut un sauve-qui-peut général, le panique national serrant de très près la frayeur royale. Il faut remarquer que la reine-mère Dona Maria I, malgré l'absence de ses facultés, sut montrer un singulier courage au milieu de la débâcle. « Allons moins vite, criait-elle, nous avons l'air de fuir ! ».

En arrivant à Bahia le prince régent ouvrit les ports brésiliens aux nations amies. Le pays en reçut une secousse, un vrai coup de catapulte. Le progrès se mit à germer ; le Brésil comptait alors quatre millions d'habitants, il en a aujourd'hui vingt-trois millions. L'essor fut rapide. Les intelligences fleurirent. Des naturalistes comme José Bonifacio, Alexandre Ferreira, les moines Velloso et Leandro do Sacramento, des mathématiciens, des jurisconsultes, des littérateurs, des artistes se signalèrent. Il est curieux de rappeler le nom d'un brésilien, Lucas Alves de Alvarenga, qui commanda en 1809 une expédition en Chine pour purger les côtes du Céleste Empire des pirates très inhumains, qui les infestaient.

Le prince régent resta treize ans au Brésil (1808-1821). Pendant cette période, des plus fécondes, le flux et le reflux des idées, le progrès, les lumières faisaient leur œuvre. Quand le prince, déjà roi, quitta le Brésil, à son très vif regret, l'indépendance,

trouvée partout, était déjà faite, intellectuellement si non politiquement.

L'Empire et l'indépendance nacquirent ensemble. Le premier empereur Dom Pedro Premier, le fils âiné de Dom Jean VI, eut un règne orageux, court, sillonné de fautes et de crises qui aboutirent à sa perte. Un simple changement de ministère suffit pour lui mettre entre les doigts la plume avec laquelle il signa son abdication, en la personne de son fils Dom Pedro, alors âgé de cinq ans. Des régences s'ensuivirent. Cette époque très agitée, où la vie nationale a été soulevée par des révoltes militaires, des émeutes, des haines politiques, des luttes sans trêve ni merci, fait le plus grand honneur aux hommes d'Etat brésiliens. Le sang coula à plusieurs reprises. La régence ne se départit pas de ses instructions patriotiques. Elle sut vouloir et agir. Deux conseils de régence tinrent tête au désordre. D'abord le général Lima e Silva, le sénateur Vergueiro et le marquis de Caravellas, ensuite le général Lima e Silva et les députés Costa Carvalho et Braulio Moniz eurent des relevées de sentinelles autour du trône. En 1834, pour mieux garantir l'ordre et les institutions, on dut voter un Acte Additionel à la Constitution de l'Empire. Cette mesure fit disparaître la régence de trois membres. Un seul régent gouverna le pays. Ce fut l'abbé Diogo Antonio Feijó, aux sentiments d'énergie exempts de crainte. Il me suffira de vous dire que cet homme à soutane osa se mesurer avec la troupe et eut le courage de la dissoudre quand elle lui sembla porter atteinte aux intérêts de l'ordre public. On ne peut méconnaître, sans affecter de la mauvaise foi ou corrompre le cours de l'histoire, que l'abbé Feijó est un des grands noms de l'histoire brésilienne. Feijó gouverna l'empire « comme une véritable république présidentielle », mais il eut de violents démélés avec le parlement et plutôt que se soumettre il préféra se démettre, bien avant Mac Mahon poussé à bout par Gambetta.

Son successeur, le sénateur Pedro de Araujo Lima, se rendit impopulaire, et l'opposition libérale profita habilement de l'occasion pour prendre fait et cause pour la majorité de Dom Pedro, alors

âgé de quinze ans. En 1840, malgré l'article 121 de la Constitution, Dom Pedro fut déclaré majeur.

Deux grands partis se présentèrent sur la scène politique, le parti conservateur et le parti libéral, une seconde édition sud-américaine des *tories* et des *whigs*. Le régime parlementaire prit le dessus. Le pouvoir, pendant toute la durée du second empire, fut confié, à tour de rôle, aux deux partis. Le combat politique de ces deux partis est d'ailleurs plein d'intérêt et il faut ajouter que ce fut une période heureuse de l'histoire du Brésil.

Les villes du littoral eurent leurs ports visités par les pavillons du globe entier. La navigation à vapeur, le peuplement de l'intérieur, le développement de l'agriculture et de l'industrie, l'accroissement des cantons et de villes, le progrès de l'instruction publique, signalèrent d'une manière brillante l'avenir du Brésil. En me rapportant aux progrès de l'instruction publique, qu'il me soit permis d'appuyer sur la fondation du Collège de Pedro II. Ce collège où les étudiants peuvent passer leur baccalauréat ès-lettres, a une histoire intellectuelle très remarquable. Nos personnalités les plus en vue ont étudié au Collège de Pedro II. Il n'y a pas longtemps tous les anciens élèves de l'établissement, le président de la République en tête, se sont réunis pour fêter ensemble la date de la fondation du collège, il y a soixante douze ans. L'une des sections du *Pedro II* a comme recteur un ancien élève du collège, Mr. Paranhos da Silva, qui a eu le bonheur d'arriver au premier poste de notre enseignement secondaire.

Malheureusement le règne de Don Pedro fut troublé par des guerres et surtout par une grande guerre étrangère : la guerre du Paraguay.

Solano Lopez, président de droit de la République du Paraguay et son dictateur de fait, fit capturer un paquebot brésilien, le *Marquez de Olinda*, qui remontait tranquillement les eaux du Paraguay ayant à son bord le président de la province de Matto Grosso, le colonel Carneiro de Campos, et après avoir eu la permission de naviguer, permission obtenue à Assomption, la capitale de la république paraguayenne ou, à mieux dire de la république de Lopez.

Foulant aux pieds le droit des gens, Solano Lopez ou Francia revenu à la vie, fit envahir la province de Matto Grosso. Il y a peu de jours, à Gênes, jai entendu des lèvres de l'éminent consul général du Brésil dans cette ville, M. le commandeur Rodrigues Martins, le récit des horreurs de l'invasion paraguayene à Matto-Grosso. Mr. Rodrigues Martins, qui servait à Matto-Grosso, a eu le malheur de tomber aux mains des soldats de Lopez et de rester leur prisonnier pendant quatre ans, au cours desquelles il dut subir nombre de mauvais traitements.

Solano Lopez s'attira l'antipathie de la république Argentine et de l'Uruguay par de nouvelles violations du droit des gens, dont il était l'iconoclaste américain. Une triple alliance s'ensuivit, qui engagea le Brésil, la République Argentine et l'Uruguay.

A l'appel du governement brésilien trente mille volontaires se presentèrent pour venger les affronts de Lopez en combattant à côté de l'armée regulière. Des simples civils, des simples médecins, comme les docteurs Faria Rocha et Pinheiro Guimarães devinrent en un clin d'œil, des généraux trés-remarquables.

Le Brésil, qui avait déjà eu l'occasion d'aider l'Argentine et l'Uruguay à secouer le joug de Rosas et Oribe, eut à supporter les plus lourdes charges de la guerre du Paraguay, guerre qui dura cinq ans. Solano Lopez, au mépris de toutes les lois, avait envahi l'Argentine et avait prétendu soutenir le président Aguirre, de l'Uruguay, au moyen d'une armée de douze mille hommes dont une partie se rendit à Uruguaiana, dans la province du Rio Grande du Sud. Elle se rendit à l'empereur Don Pedro II qui eut l'honneur d'inaugurer, dans l'Amérique du Sud, à la prise d'Uruguaiana, la guerre humanitaire « celle qui épargne et sauve les prisonniers, celle qui prend soin des blessés ennemis à l'égal des nationaux, celle qui considérant l'effusion du sang humain comme une déplorable éxtrémité n'impose aux peuples que les sacrifices indispensables pour le solide établissement de la paix ».

L'un des épisodes les plus poignants de cette grande guerre a été la Retraite de Laguna.

Cette expédition, je n'éxagère pas, est le seul pendant histo-

rique de la Retraite des Dix Mille. Elle eut pour object l'invasion du Paraguay par le nord, pour répondre à l'invasion des troupes de Lopez à Matto Grosso. Je vous en donnerai une faible idée en vous lisant un passage des plus émouvants d'un livre, trés connu en Europe, où un officier de la malheureuse expédition, le lieutenant Alfred d'Escragnolle Taunay, a raconté à l'avenir les souffrances de ses frères d'armes. Ce lieutenant est devenu, après la guerre, non seulement un homme de lettres très renommé en Amérique et en Europe, mais aussi un homme politique aux idées les plus libérales qu'il a mises en pratique et défendues comme préfet de deux provinces, comme député de l'empire, comme sénateur à vie. Le nom du vicomte de Taunay est désormais devenu inséparable des grandes mesures libérales de son pays, il est lié pour l'avenir à la promulgation du mariage civil, de la sécularisation des cimetières, de la grande naturalisation, de la loi Torrens.

Ouvrons le volume de la *Retraite de Laguna*. Cherchons y le passage, où l'auteur a raconté une des terribles souffrances endurées par le petit corps d'armée : le choléra. Les cas de cette cruelle maladie se multiplièrent à tel point qu'il était impossible de concevoir comment on ferait pour avancer. Alors le commandant de l'expédition, le colonel Moraes Camisão, après de longues incertitudes, après avoir bu silencieusement son calice jusqu' à la lie, prit la résolution, de vrai *salus belli*; d'abandonner les cholériques à l'ennemi, à l'exception des convalescents.

« Vers le milieu de la nuit le colonel Camisão convoqua de nouveau les commandants et les médecins. Il venait de prendre une suprême résolution qu'il avait débattu en lui-même pendant le jour précédent comme dernier recours et dont l'idée sans doute était présente à tous les esprits de même qu'au sien, sans que personne osât l'exprimer.

Après avoir exposé en peu de mots l'état des choses, l'urgence d'une marche precipitée en avant sans laquelle tout le monde était perdu, et l'impossibilité maintenant bien constatée et reconnue par tous de porter bien loin les malades. Il déclara aux commandants

que, sous sa propre responsabilité et selon la rigueur de ce qu'il voyait être un devoir pour lui, les cholériques, à l'exception des convalescents, allaient être abandonnés, à cette halte même !

Aucune voix ne se leva contre cette résolution dont il prenait généreusement tout le poids : un long silence en accueillit l'ordre, et le consacra.

Les médecins furent pourtant invités par le colonel à présenter les observations que pouvait leur inspirer le devoir de leur profession.

Le docteur Gesteira, après un peu de réflexion, dit qu'il ne pouvait se permettre ni approbation ni désapprobation, que son serment de médecin d'une part et de l'autre sa conscience de fonctionnaire public attaché à l'expédition lui paraissant dans le cas actuel être en contradiction absolue, il se trouvait réduit au silence.

Le commandant alors, comme hors de lui, ordonna qu'on allât immédiatement, aux flambeaux, ouvrir une clairière dans les bois voisins pour y transporter et y laisser les cholériques.

Ordre terrible à donner, terrible à exécuter, qui pourtant (il faut bien le dire) ne souleva nul dissentiment, nulle censure ! Les soldats se mirent, à l'instant même, à en faire les tristes apprêts comme obéissant à une consigne ordinaire ; et, ensuite (tant la moralité disparaît facilement sous la nécessité pressante), ils placèrent dans le bois, avec la spontanéité de l'égoïsme, tous ces condamnés innocents, les malheureux cholériques, souvent des compagnons de longue date, parfois des amis éprouvés par des dangers communs.

Et, ce qui peut sembler étrange, les cholériques eux mêmes, au premier moment et sans qu'il fût necessaire de recourir à aucun subterfuge, acceptèrent avec résignation ce dernier coup du sort. Sans doute les douleurs de cette horrible maladie contribuaient à leur indifférence, peut-être aussi l'idée du repos substitué aux tortures des cahots de la marche, mais surtout ce détachement facile de la vie propre aux brésiliens et qui en fait vite d'excellents soldats. Tous demandaient seulement qu'on leur laissât de l'eau.

Sous tant d'impressions funestes, nous nous étions groupés autour de la tente du lieutenant-colonel Juvencio ; ses gémissements

appelèrent sur lui l'attention de tous : le mal venait de le saisir lui-même. Il était déjà méconnaissable, la voix toute changée et sinistre. Courir à la barraque des docteurs fut notre premier mouvement, et nous en revenions, quand une détonation se fit entendre tout près de nous, suivie de plusieurs coups de feu des sentinelles ennemies. C'était le soldat de planton du quartier général qui s'était suicidé ; d'affreuses crampes s'étaient subitement emparées de lui : il venait de s'en délivrer.

Tous ces bruits s'étaient faits sans que le lieutenant-colonel parût en avoir le sentiment ou désirât en savoir la cause. Son agitation avait pris peu-à-peu le caractère d'une hallucination frénetique. Nous-même restant auprès de lui rompu de fatigue, épuisé par tant de secousses, nous ne pouvions combattre un écrasant demi-sommeil tout rempli d'images d'abandon et de massacres.

La translation des victimes avait duré toute la nuit jusqu'aux premières lueurs du jour. C'est à ce moment d'agonie des infortunés qu'on abandonnait, que le vieux guide Lopes, revenu la veille de son excursion sur ses terres et qui nous avait déjà appris que son fils était malade, vint nous annoncer sa mort. Il avait la voix tremblante, mais son attitude était calme. « Mon fils est mort, dit-il ensuite au colonel, et je désire porter son corps au premier lieu sur mes terres où j'aurai l'idée de le déposer : c'est une petite faveur que je sollicite pour lui et pour moi ; sa vie comme la mienne, appartenait à l'expédition. Dieu, qui est le maître, l'a sauvé plusieurs fois de la main des hommes pour le prendre Lui-même aujourd'hui .»

Tout s'assombrissait à tous moments sur tous les points autour de nous. Rien n'était plus digne d'inspirer la sympathie et la piété que l'aspect du colonel depuis l'ordre qu'il avait donné et qui s'accomplissait pendant que nous commencions à marcher : regret, remords, défaillance d'esprit à apprécier les raisons de pour et de contre qui l'avaient fait agir et qu'il voulait peser encore, à l'instant où il avait déjà fait passer son jugement dans le domaine des faits ; sous cet effort, il avait la pâleur d'un spectre, s'arrêtant malgré lui pour écouter.

Quelque silencieux et mornes qu'eussent été les préparatifs, ce n'est pas sans des cris, sans bruits nouveaux pour l'oreille et dont la cause étonnait l'esprit, que le moment de la réalisation était arrivé : il nous fut insupportable à tous. Nous laissions á l'ennemi plus de cent-trente cholériques sous la protection d'un simple appel à sa générosité par ces mots tracés en grosses lettres sur un écriteau fixé à un tronc d'arbre : « Grâce pour les cholériques ! »

Peu de temps après notre départ et déjà hors de portée de la vue, un bruit de vive fusillade qui éclata vint nous frapper tous au cœur ; et quelles clameurs sans nom n'entendîmes-nous pas ! nous avions peur de nous regarder les uns les autres.

Il paraît, d'après ce que nous raconta par la suite un de ces pauvres abandonnés sauvé lui-même par un miracle, que plusieurs des malades (il ne savait pas bien s'il y avait eu, ou non, un massacre général) que plusieurs de ces infortunés s'etaient relevés convulsivement, et, rassemblant toutes leurs forces, s'étaient mis à courir après nous : mais aucun n'avait pu nous atteindre, soit faiblesse, soit poursuite de l'ennemi. Notre colonne avait pourtant alors ralenti sa marche d'elle même, instinctivement, comme pour attendre ».

Fermons ces pages sur lesquelles la mort et la guerre ont promené leurs doigts ensanglantés. Ouvrons au plus vite les pages de la dernière période du règne de Dom Pedro.

Nous y trouverons la loi du 28 Septembre 1871, dite de la liberté du ventre, loi humanitaire, due au vicomte de Rio-Branco, en vertu de laquelle la mère esclave put enfanter des hommes libres. Elle mit un terme à ce que Salles Torres Homem appelait, d'une manière si belle, la piraterie exercée autour des berceaux dans les eaux de la jurisdiction divine. Le 13 Mai 1888, sous la seconde régence de la princesse Dona Isabel, l'esclavage s'éteignit au Brésil. L'année suivante la République était proclamée. Les présidences des maréchaux Deodoro da Fonseca et Floriano Peixoto furent très orageuses ; la présidence de Prudente de Moraes amena une accalmie. Le président Campos Salles eut à exécuter le programme de l'amélioration des finances. D'accord avec son ministre Joaquim

Murtinho, il s'acquitta dignement de sa tâche, et son successeur, le président Rodrigues Alves, put prendre à cœur l'assainissement, l'embellissement de la ville de Rio de Janeiro et l'amélioration des ports du Brésil..

A' l'époque coloniale, pendant trois siècles, Rio de Janeiro avait reçu le nom de « berceau des vieillards », nom qu'il continua à mériter, surtout après l'extinction de la fièvre jaune. Mr. Afranio Peixoto, professeur à la Faculté de Médecine de Rio, dans une monographie remarquable, a prouvé victorieusement que les conditions de salubrité de la capitale brésilienne étaient les meilleures possibles. En effet le dernier recensement à Rio a établi, en 1906, l'existence de cent quatre vingt sept centenaires, soit 22 pour mille de la population totale. Cette proportion admirable de vie et de longévité n'a été encore observée dans aucune autre ville ou dans aucun autre État. Et néammoins le Brésil et surtout Rio de Janeiro ont été flétris de l'épithète de « tombeau des étrangers ». « La peste, le choléra en tuent deux fois plus en une seule année aux Indes : la fièvre typhoïde, la rougeole, la dysenterie et la scarlatine causent de plus grands ravages, même en Europe. La peste et le choléra ont fait plus de victimes en d'autres villes du monde, et en moins d'un an, que la fièvre jaune n'en a fait au Brésil en soixante ans. »

A Cuba, dès 1881 un médecin, Charles Finlay, soutenait que les moustiques *stegomyia fasciata* transmettaient la fièvre jaune. Un médecin français au Venezuela, le Dr. Beauperthuy, soutenait l'opinion de son confrère cubain et un autre médecin français à Rio de Janeiro, le Dr. Jean Baptiste de Lacaille, dont le nom doit sortir de l'oubli, faisait aussi des recherches très curieuses sur la transmission de la fièvre jaune.

A l'État de Saint Paul revient l'honneur des expériences pour prouver l'opinion de Finlay et il faut signaler le fait des trois italiens obscurs qui se soumirent à des expériences *in anima nobili* pour le bien de l'humanité ; je regrette d'ignorer leur nom. Maintenant la fièvre jaune n'existe plus à Rio de Janeiro, dont l'assainissement est dû aux gigantesques efforts du président Rodrigues Alves

et des ses auxiliaires, surtout le Dr. Oswaldo Cruz, grâce à notre réhabilitation financière, qui est due à Mrs. Campos Salles et Joaquim Murtinho.

Le plus bel avenir s'entrouvre à nos yeux. Il ne faut pas un grand effort pour trouver la collaboration italienne dans l'œuvre de notre civilisation future. D'abord le Brésil, qui a eu une impératrice, née à Naples, dont les vertus domestiques et l'inépuisable bonté lui avaient valu le beau surnom de Mère des Brésiliens, se souvient toujours de Garibaldi, redresseur des nationalités à la manière de ces anciens preux redresseurs de torts qui mettaient à l'ombre puissante de leurs épées et de leurs lances la faible cause de la veuve et de l'orphelin.

Garibaldi a combattu au Brésil, en faveur de la liberté, pendant la guerre dite des *Farrapos* au Rio Grande du Sud, du temps de la régence de l'abbé Feijó. La marine de guerre de la république de Piratinim (ainsi se nommait la république rio-grandense qui a tenu tête à l'empire pendant dix ans) eut pour chef Giuseppe Garibaldi. Feuilletez ses *Mémoires* et vous y trouverez des pages très émouvantes où le nom du Brésil revient sans cesse, mêlé aux plus hauts faits et aux plus glorieux souvenirs de la vie du chef immortel de l'expédition des Mille. Anita Garibaldi, la femme bien aimée de votre grand Giuseppe, était une brésilienne, qui a fait le plus éclatant honneur à son sexe, à sa patrie et à son foyer. Je me rapporte à son éloge fait par Garibaldi. Celui-ci a toujours admiré la patrie de son héroïque compagne. «Avec la cavalerie rio-grandense on entreprendrait la conquête du monde.» C'est Garibaldi et son expérience des tristes choses de la guerre qui l'ont dit.

Ne vous étonnez donc pas qu'un municipe et qu'une ville rio-grandense aient pris le nom de Garibaldi. Voilà l'acquit par l'avenir d'une dette du passé.

C'est surtout à la jeunesse italienne que je m'adresse en ce moment. Je la sais prise toute entière par la croyance à l'idéal et à la liberté. Qu'elle élargisse ses études, qu'elle porte ses vues sur le Brésil dont la Constitution republicaine, à l'exemple de la Cons-

titution impériale de 1825, est des plus libérales et des plus avancées, ce qui ne lui doit pas être indifférent, car c'est l' Italie qui a fourni au Brésil le plus grand nombre d'immigrants, plus d'un million en cinquante ans, de 1855 à 1905.

L'étranger veut-il devenir brésilien ? Il est en possession immédiate de tous les droits politiques, hors une seule barrière très juste, l' élégibilité aux fonctions de président et de vice-président de la République.

N'importe quel culte ou quelle religion peuvent être publiquement, en toute liberté, exercés par des étrangers non naturalisés. Dans ce but ils peuvent s' associer ou non, acquérir des biens de toute espèce en se soumettant aux règles du droit commun.

Le droit de proprieté, *l'habeas-corpus*, l'inviolabilité de la cosrespondance, le libre exercice des professions, toutes les grandes conquêtes de la pensée contemporaine ont leur lieu et place dans la constitution brésilienne marquée au coin laïque. L'enseignement public est laïque, les cimetières sont sécularisés, la république ne reconnait que le mariage civil.

Brésiliens et étrangers ne sont forcés à s'incliner que devant la loi, devant laquelle ils sont tous égaux. Cette égalité se rapporte aux rélations de droit commun, elle protège la famille, les biens, les contracts, l'exercice de toute profession ou industrie, les prérogatives et les droits individuels ou commerciaux. Les étrangers sont d'ailleurs encore à l'abri des cas réglés par les principes de droit international, ce qui ne fait que tourner à leur avantage.

Pour vous prouver encore à quel point le souffle libéral anime la constitution de la république brésilienne, il faut vous dire qu'elle défend les guerres de conquête et qu'elle pose le principe de l'arbitrage comme la seule solution possible pour vider les différends avec d'autres nations.

Aussi le Brésil a eu l'honneur d'être invité à prendre part à la première conférence de la paix, et ce fut l'une des premières invitations de l'empereur de Russie, Nicolas II.

Aussi le Brésil a eu l'honneur de régler pacifiquement ses questions de limites, en les soumettant à l'arbitrage des Etats Unis, de la Suisse et de l'Italie. Ces vieilles questions qui traînaient à travers les siècles, à travers nombre de vieux traités poussiéreux, les traités de Madrid, de Pardo, de Paris, d'Utrecht, d'Amiens, de Badajoz et de Fontainebleau, ont été closes à jamais par l'homme le plus populaire du jeune Brésil, le baron de Rio-Branco, le fils du vicomte de Rio-Branco, auquel l'Empire est redevable d'une de ses plus remarquables gloires humanitaires. Le baron de Rio-Branco, auquel aussi le sort a réservé un beau soir de vie, mène nos affaires internationales, il y a bientôt sept ans, comne ministre des affaires étrangères. Il est à mieux dire le ministre de l'accroissement national. Il a pu et su, pacifiquement ou par l'arbitrage, agrandir son pays et en reculer les frontières. *Ubique patriæ memor*, c'est sa devise familière.

Ce n'est donc pas à tort que j'ai demandé surtout à la jeunesse italienne le concours de sa bienveillance et l'honneur de son attention. *Perchè sono orgoglioso del mio paese* vous dira mieux que moi le livre superbe du comte Affonso Celso, un brésilien d'élite, dont le livre a été traduit par votre compatriote Giuseppe Gaja.

Rien n'est plus beau que la jeunesse. Son enthousiasme pour la liberté, sa ferveur à la defendre attendrissent les cœurs les plus durs et lui gagnent les admirations les plus rebelles.

C'est la jeunesse qui sait mieux réaliser dans la vie les vers de Dryden empreints d'une grave tristesse : il appartient aux offensés de pardonner, car ceux qui ont commis l'offense ne pardonnent jamais.

> Forgiveness to the injured doth belong
> But they ne'er pardon who have don the wrong

La jeunesse connait le pardon et l'oubli, mais à l'occasion elle doit se souvenir...

Que la jeunesse de l'Italie se souvienne du Brésil et qu'il me soit permis, en finissant cette conférence, de lui de-

mander de redire avec moi les vers du poète, mon compatriote :

> .... Ed ancora il nome tuo nei secoli
> Sia benedetto, Italia ! Italia ! Italia !

Mais l'écho ne doit pas s'éteindre dans cette salle sans que j'aie redit le nom qu'il me faut bénir et ne pas taire, ce nom si doux sur mes lèvres et si fort au fond de mon cœur : Brésil ! Brésil ! Brésil !

Diccionario de brasileirismos

(Peculiaridades pernambucanas)

DE

RODOLPHO GARCIA

Ao Dr. Manuel de Oliveira Lima,

pelo seu grande amor á Terra Natal

offerece

O AUCTOR.

INTRODUCÇÃO

O presente trabalho data do apparecimento do *Novo Diccionario da Lingua Portuguêsa*, do illustre lexicographo sr. Candido de Figueiredo, em 1899.

No principio, constava de simples notas appostas áquelle excellente repertorio lexico, denunciando omissões, ou accepções ineditas de vocabulos já catalogados; depois, com o correr dos tempos, aquellas glosas se foram avolumando de tal maneira, que, por melhor ordem de trabalho, se fez necessario reduzi-las a papelètas.

Alimentavamos então o vago projecto de um estudo sòbre as vozes peculiares a Pernambuco, que não estivessem nos diccionarios, ou que ahi fossem apontadas com significação diversa; possuiamos para isso abundante material, que diligenciavamos tornar tão completo quanto possivel; tinhamos, sobretudo, enthusiasmo pela obra emprehendida; mas faltava-nos o essencial, que vinha a ser o estímulo para o seu acabamento pela possibilidade, ou mesmo esperança de vê-la algum dia reduzida á lettra de fôrma, com um destino melhor do que o de certas sentenças judiciaes, que são publicadas apenas em mão do escrivão...

Dada essa possibilidade, mercê da fidalga e generosa solicitude do sr. dr. M. de Oliveira Lima, o eminente e meritorio historiador patrio, tractámos de levar avante o nosso plano, proporcionando-lhe agora maior desenvolvimento, não só no que respeita ao inventario das palavras, como tambem ás pesquisas etymologicas, á variação de sentido e distribuição geographica.

Assim ampliado, não temos, entretanto, a pretenção de haver exgottado o assumpto (. . . *qui peut espérer de clore jamais un dictionnaire de langue vivante?*); e nada mais visamos, com esses subsidios, do que concorrer para a grande obra da lexicographia brasileira, que deve ser uma obra collectiva.

Fechando esta ligeira explicação, aqui deixamos os nossos votos sinceros para que outros, com melhores elementos de trabalho, mais vagar e demão, possam continuar em Pernambuco essa ordem de pesquisas, certos de que, no veieiro por nós apenas explorado nas mais emergentes aflorações, muito haverá ainda que recoltar.

§ 1º — Repugnava aos diccionaristas antigos o registo dos provincialismos, sob o falso pretexto de que eram corruptellas da lingua.

Littré, insurgindo-se contra tal práctica, que presuppunha uma involução, quando de facto o que alli se dá é uma evolução linguistica, escreveu no prefacio do supplemento ao seu monumental *Dictionnaire de la Langue Française:* « On rencontre maintenant dans les gazettes juridiques, dans les comptes rendus des sociétés régionales, dans le récit des exploitations agricoles une foule de mots qu'il s'agit d'inscrire et de faire comprendre. Les noms locaux d'engins, de plantes, d'animaux sont bons à enregistrer; ils tiennent leur place dans la langue et en méritent une dans le dictionnaire. Toute cette partie technique a une utilité manifeste pour quiconque s'est trouvé embarrassé devant un de ces mots provinciaux » (1).

Tentativas nesse sentido, em nosso paiz, datam de meiados do seculo passado.

Em ordem chronologica, o primeiro trabalho sôbre o assumpto é a *Collecção de Vocabulos e Frases usados na Provincia de S. Pedro do Rio Grande do Sul*, por Antonio Alvares Pereira Coruja, publicado na Revista do Instituto Historico e Geographico

---

(1) E. LITTRÉ : *Supplément au Dictionnaire de la Langue Française* — préface, p. III.

Brasileiro, tomo XV, 1852, e depois em Londres, por Trübner e Comp., 1856.

Vem logo após o *Vocabulario Brasileiro para servir de complemento aos diccionarios da lingua portuguêsa*, por Braz da Costa Rubim (Rio de Janeiro, 1853). Já é um trabalho de maior vulto, mais geral e tambem de mais util consulta.

Ao sr. dr. José Verissimo, escriptor nacional de grande e justificado renome, deve-se um estudo sôbre as *Palavras de origem tupi-guarani usadas pela gente amazonica e em pratica corrente na região*, incluido nas *Scenas da Vida Amazonica* (pags. 38-55), Lisbôa, 1886. Si bem que adstricto a determinada area geographica e comprehendendo apenas os termos de procedencia indigena, o trabalho do erudito escriptor é digno do maior e mais justo apreço, principalmente pela interpretação de etymologias tupis, que encerra, de cêrca de 120 palavras. Em nota final, declara o auctor que lhe sobejavam muitos termos, que teriam logar na sua lista; guardava-os, porém, para o estudo completo que tinha entre mãos sobre a linguagem popular amazonica, no qual seriam contemplados não só os de origem tupi-guarani, que deviam ascender a 500, como africana, portugueza, ou outra qualquer. Entretanto, essa promessa ainda não se converteu em realidade. Sê-lo-ha algum dia? O auctor vive e floresce, para gloria das lettras patrias, na capital da União; mas, difficilmente, — a experiencia de factos analogos o tem demonstrado — reenceta-se um trabalho lexicographico depois de uma longa interrupção.

Outro trabalho apreciavel é o *Vocabulario indigena em uso na Provincia do Ceará*, pelo dr. Paulino Nogueira, publicado na Revista do Instituto do Ceará, volume I (Fortaleza, 1887). O auctor apresenta uma lista assás extensa de provincialismos e nella inclue as denominações geographicas; dá a meúde etymologias tupis, citando o *Vocabulario das palavras guaranis*, de Baptista Caetano, nem sempre bem comprehendido e interpretado, assim como attribue as mais das vezes origem tupi a palavras que evidente e provadamente não têm essa procedencia: veja-se, como exemplo, o vocabulo *jangada*, que alli, com muitos e inuteis argumentos, se dá

como tupi... Contudo, é um trabalho copioso, que não deixa de ter merecimento.

O dr. Antonio Joaquim de Macêdo Soares é o auctor de um dos trabalhos mais recommendaveis sôbre o assumpto, pelos moldes scientificos de sua feitura: o *Diccionario Brasileiro da Lingua Portuguêsa*, publicado nos Annaes da Bibliotheca Nacional, volume XIII, 1888. E', como reza o seu sub-titulo, um — elucidario etymologico das palavras e phrases que, originarias do Brasil, ou aqui populares, se não encontram nos diccionarios da lingua portuguêsa, ou nelles vêm com fórma ou significação differente; — é lastimavel que tenha ficado por terminar, em meios da letra C, uma obra que, a julgar pelos methodos philologicos empregados, viria occupar uma situação culminante na litteratura linguistica americana. Ainda assim, pela abundancia vocabular, pela precisão e clareza de suas definições, pelas questões de phonetica e etymologia, que discute e elucida, a sua consulta é das mais proveitosas em ensinamentos e da maior utilidade no assumpto, apesar de declaração expressa do auctor, de não passar seu livro, debaixo de todos os pontos de vista, de méro ensaio, destinado a ser, no fundo e na fórma, total e inteiramente refundido num diccionario completo da lingua luso-brasileira, que não logrou ver a luz da publicidade. E' ainda do mesmo auctor um *Vocabulario da Provincia do Paraná*, inedito, de que temos noticia pela *Revista Brasileira*, tomo I (1879). Do *Diccionario Brasileiro* ha uma separata, datada de 1889.

Menção especial deve ter tambem o *Vocabulario dos termos technicos de construcção naval*, annexo á obra *Ensaio sobre as construcções navaes indigenas do Brasil*, pelo almirante Antonio Alves Camara (Rio de Janeiro, 1888). E' um trabalho criterioso, com definições claras e perfeita distribuição dos termos pelas regiões, onde são usados. A Pernambuco cabe numero avultado desses termos.

O mais completo dos vocabularios de brasileirismos, por ser o que maior cópia de termos contém e por mais geral e prestadio, é decerto o do visconde de Beaurepaire Rohan: *Diccionario de*

Vocabulos Brasileiros (Rio de Janeiro, 1889). « Entre los diccionarios de americanismos — diz o dr. Rodolfo Lenz — este es el mas cientifico. No ha incluido todas las voces de historia natural; da solo las etimolojias que parecen razonables, i cita las fuentes de las palabras de guarani o de orijen africano que menciona (aunque sin indicar las pajinas). A menudo se menciona la rejion a que pertenece la voz. Observaciones de fonética i morfolojia están con razon escluidas. (2).

O velho e indefesso lexicographo teve em todas as provincias o concurso de collaboradores illustres, cuja relação estampou nas primeiras paginas de seu livro. Com tal elemento conseguiu relativa exactidão na distribuição geographica dos termos, a qual de outra maneira seria talvez impracticavel. A quota de vocabulos peculiares a Pernambuco é assás importante na collectanea de Beaurepaire Rohan.

Contingente muito consideravel trouxe á lexicographia brasileira o *Vocabulario Sul Rio Grandense*, pelo dr. J. Romaguera Corrêa (Pelotas, 1898). O auctor colleccionou para mais de mil vocabulos e locuções peculiares á linguagem gaúcha, dando-lhes, sempre que poude, a respectiva etymologia, de mui variada procedencia, como tupi-guarani, quechua, araucano, castelhano e outras. E' esse o segundo vocabulario, de verdadeiro merito, sôbre o *dialecto* sul rio-grandense, como quer o auctor, pretenção que não é talvez de todo destituida de fundamento, pois que grande cópia de seus termos é completamente desconhecida, ou empregada em accepção differente em absoluto nas outras regiões do paiz.

O *Glossario Paraense, ou Collecção de vocabulos peculiares á Amazonia e especialmente á ilha de Marajó*, pelo dr. Vicente Chermont de Miranda (Belém, 1905), é, com o estudo de José Verissimo, antes citado, o segundo vocabulario com que a Amazonia concorre para a terminologia regional. Estão relacionadas nesse trabalho cêrca de 500 palavras, em sua maioria de proce-

(2) Dr. Rodolfo Lenz — *Diccionario Etimolojico de las voces chilenas derivadas de lenguas indijenas americanas* — (Santiago de Chile, 1905-1910). p. 81.

dencia tupi, de algumas das quaes, mais vulgares, dá a explicação etymologica, transcrevendo, segundo declara, das suas notas para um *Vocabulario comparado tupi-guarani,* que não chegou a publicar. Termos chulos e mesmo obscenos não foram, e com justo motivo, desprezados no glossario de Chermont.

Em seu interessante opusculo *Phrases e Palavras* (Recife, 1906) o dr. Alfredo de Carvalho consigna, a par de alguns toponymos e expressões usuaes, cêrca de uma dezena de pernambucanismos, que explica historica e etymologicamente. Sôbre o assumpto é esse, que nos conste, o unico livro existente em Pernambuco.

E' possivel, mesmo provavel, que ainda outras obras existam sobre a lexicographia brasileira; para quem sabe o quanto é difficil a acquisição de livros neste paiz, ainda quando se tenha noticia de sua publicação, é mais que desculpavel a escassez desta lista.

Citados pelo dr. John C. Branner, em sua *Brief Grammar of Portuguese Language* (New-York, 1910) temos noticia da *Giria Brasileira*, « an interesting litle book published at Bahia in 1899 by an able Brazilian scholar ». Por mais exforços que empregassemos perante os livreiros bahianos para compra de um exemplar desse livro, até o presente nada conseguimos.

Talvez o possuamos um dia, quando vier a figurar nos catalogos de Chadenat, de Paris, ou de Karl Hiersemann, de Leipzig...

Sabemos que na *Revista da Academia Brasileira de Lettras*, o erudito philologo sr. João Ribeiro tem publicado collecções de vocabulos brasileiros, como subsidios ao futuro diccionario que, conforme ao seu programma, aquella douta associação tem de elaborar. Desses trabalhos tambem não temos maior conhecimento, dada a inaccessibilidade da mesma publicação ao mercado de livros, mormente nos Estados.

Fóra da litteratura propriamente lexicographica, um livro benemerito sob todos os pontos de vista é a monographia *As Aves do Brasil*, pelo dr. Emilio A. Goeldi (Rio de Janeiro, 1894-1900).

§ 2º — A titulo de ensaio, adoptando o criterio do dr. Rodolfo Lenz com relação ás vozes chilenas, podemos distribuir os brasileirismos, quanto á sua procedencia, nos seguintes grupos:

I. Termos luso-brasileiros.

II. Termos pan-americanos.

III. Termos pan-brasileiros.

IV. Termos locaes, ou regionaes.

I — *Os termos luso-brasileiros* comprehendem aquellas vozes que, derivadas do antigo portuguez, caïram em desuso na velha metropole, persistindo, entretanto, na linguagem brasileira.

Entre essas, algumas desappareceram alli completamente; outras ainda vigoram em algumas provincias portuguezas, extranhas aos diccionarios da lingua. O Brasil foi assim mais conservador do que Portugal; para isso tenha-se em conta, além de outras causas, que este soffreu as invasões dos Francezes nas guerras de Napoleão: a sua lingua, portanto, afrancezou-se; ao passo que aquelle, com os seus portos fechados ao commercio extrangeiro até 1808, ficou segregado de todas as nações e, portanto, immune de toda influencia outra que não a da mãe patria.

A conclusão impõe-se de si mesma: o Brasil, colonia, manter-se mais perto de Camões, Antonio Vieira, Fr. Luiz de Sousa e outros exemplares castiços da lingua, mais portuguez, enfim, do que a propria metropole.

O que acabamos de accentuar refere-se exclusivamente, é claro, á linguagem vulgar e corrente, sem affectar a litteraria, onde apenas modismos syntaxicos e semanticos, por um phenomeno de verdadeira osmose, vão conseguindo lentamente infiltrar-se, mal grado o intercambio intellectual, mais restricto do que devêra e era natural fosse, no parecer de todos os que de taes assumptos se occupam. O facto assignalado é tão patente e de facil percepção, que os proprios extrangeiros cultores de nossa lingua immediatamente o notam. Assim, o sabio naturalista, dr. John C. Branner, diz textualmente: « It may be well to say here that the idea one often hears expressed to the effect that the Portuguese of Brazil is not good Portuguese is altogether erroneous. It is true that one hears purely

local terms and expressions in various parts af Brazil, but so he does in Portugal and, for that matter, in all languages and in every other part of the world. The language used by the educated Brazilians is just as correct in the main as that used by the educated Portuguese. The difference between the Portuguese spoken in Brasil and that spoken in Portugal is similar to the difference between the English of North America and the English of England » (3).

Deixando, porém, de parte esta ordem de considerações, passemos a examinar os outros grupos de brasileirismos que, si modificam a linguagem usada no Brasil, reagem por sua vez sôbre a empregada em Portugal, onde grande numero já conquistou direito de cidade.

II—Os *termos pan-americanos* abrangem aquelles que se usam em mais de uma das republicas da America do Sul e Central, com accepções mais ou menas relacionadas entre si. A sua procedencia è varia e complexa ; muitas são as linguas americanas que lhes deram origem, desde o mexicano ou nahuatl, o caraïba, o quechua, o aimará, mapuche ou araucano, o tupi-guarani, e outros.

Um ligeiro exame revelará quantas dessas vozes estão incluidas no lexico dos paizes americanos, testimunhando o intercurso dos povos que os habitavam, em maior escala entre os de origem hispanica e em menor, como é natural, entre estes e os de estirpe lusa.

Não é facil, talvez, explicar, dada a penuria de documentos coevos a respeito, como se fez o transporte e implantação em meios afastados e quasi desprovidos de communicações, de grande numero de termos designativos de mui variados objectos ; entretanto, o facto existe e não é possivel negá-lo, pois que as regras da etymologia ahi estão para patentear as suas certidões de origem. Podemos, por exemplo, suppôr tenha um habitante de extranha região trazido comsigo um vegetal util, que cultivou em a nova patria em que erigiu residencia ; esse forasteiro constituir-se-hia assim um centro irradiador de seu idioma, do qual alguns termos mui provavelmente

(3) Dr. John C. Branner — *A Brief Grammar of the Portuguese Language* (New York, 1910) p. VI, preface.

sobreviveram ao introductor. Esta e outras similhantes hypotheses que poderiamos aventar, seriam sem a menor duvida plausiveis; mas não descobrimos vantagem alguma em sua idealização, pois jamais passariam ellas de méras hypotheses.

Um meio haveria, apresentando sérias garantias de exactidão: seria o que se basease nas migrações reaes dos differentes povos através do continente que separa os dous mais vastos oceanos; infelizmente, até hoje não disse ainda a sciencia a sua ultima palavra sôbre tão magno problema, e cada ethnologo nos apresenta o seu systema mais ou menos bem fundamentado, mas todos elles entre si inconciliaveis. Assim, enquanto um não se apresenta que a todos os mais suppere, julgamos preferivel deixar aos especialistas livre o campo da controversia e passar a estudar o facto em si mesmo, sem a preoccupação de suas remotas causas.

Uma das linguas americanas, cuja interferencia no Brasil é mais difficil de explicar, é certamente o mexicano ou nahuatl; apesar disso um rapido exame lexicographico nos permitte apresentar como exemplos os seguintes nomes originarios daquelle idioma:

ABACATE: vegetal *(Persea gratissima*, Gaertn.); de *ahuacate* ou *aguacate*; toda a America do Sul.

CACÁO, vegetal *(Theobroma cacao*, L.); de *cacauatl*; toda a America do Sul.

CHICOTE, de *xicotl*; Mexico, Costa Rica, Colombia, Venezuela, Equador, Perú, Chile, Brasil.

CHOCOLATE, de *xocoatl* (?); termo geral.

GALPÃO, de *calpulli*; Colombia, Equador, Chile, Argentina, Brasil.

Tocayo, de *tocayo*, sem alteração; Chile, Argentina, Brasil.

O antilhano deu menor numero de vozes; assim somente dous exemplos citaremos:

BAGRE, nome de varios peixes d'agua doce *(Trichomycterus maculatus, Næmatogenis inermis*, e d'agua salgada *Porichthys poris)*; Cuba, Salvador, Honduras, Venezuela, Colombia, Perú, Chile, Argentina, Brasil.

Tabaco, vegetal (*Nicotiana tabacum*, L.); sem alteração; termo geral.

Modesta tambem é a contribuição do haitiano, do qual traremos á collação dous exemplos apenas:

Cacique, chefe de indios; sem alteração; termo geral (?).

Canôa, pequena embarcação; sem alteração; Salvador, Venezuela, Costa Rica, Colombia, Perú, Chile, Argentina, Brasil.

O quechua, o idioma geral do imperio dos Incas, que orlou grande extensão das nossas actuaes fronteiras, transpondo-as muitas vezes, conseguiu implantar, como era natural acontecesse, muito maior cópia de elementos do seu vocabulario; dos mais conhecidos daremos os que se seguem:

Cancha, curral; sem alteração; America Central, Colombia, Perú, Chile, Argentina, Brasil (Rio Grande do Sul).

Condor, ave (*Sarcorrhamphus Griphus*): *cuntur;* termo geral.

Cuica, roedor (*Cavia aperea*): de *kohue;* termo geral.

Chacara, de *chacra;* termo geral.

Charque, de *ch'arqui*; Perú, Chile, Uruguai, Argentina, Brasil (Rio Grande do Sul).

China, rapariga indigena, e outros significados correlatos: sem alteração; Mexico, America Central, Colombia, Equador, Perú, Chile, Argentina, Brasil (Rio Grande do Sul).

Chiripá, de *chiri-pac*; Chile, Argentina, Brasil (Rio Grande do Sul).

Chucro, de *chucru*; America Central, Colombia, Equador, Perú, Chile, Argentina, Brasil (Rio Grande do Sul).

Mate, vegetal (*Ilex paraguayensis*, St. Hil.): de *mati*; termo geral.

Pampa, grande planicie de vegetação baixa: sem alteração; Equador, Perú, Chile, Argentina, Uruguai, Brasil, (Rio Grande do Sul); a palavra é feminina.

O mapuche, uma das linguas a que se sobrepoz a precedente, forneceu ao lexico ibero-americano, entre muitos outros, os seguintes termos:

Gáucho, de *cachù*, ou *cathú;* Chile, Uruguai, Argentina, Brasil (Rio Grande do Sul); neste último com accento errado *gaúcho*, segundo Lenz.

Malóca, de *malon*; Chile, Argentina, Brasil.

Poncho; sem alteração; toda a America hispanhola, excepto Colombia, e no Brasil (Rio Grande do Sul).

Tambo, de *tampu;* Colombia, Perú, Chile, Argentina, Brasil (Rio Grande do Sul).

O tupi-guarani, depois de ter opulentado com os seus despojos opimos o lexico dos conquistadores, e de ter-se amalgamado com o castelhano no Paraguai, para formar o *abañeême*, ainda teve sobras abundantes para as outras regiões sul-americanas; alguns exemplos entre os muitos, que poderiamos adduzir:

Bagual, bravio: de *baquâ*; Chile, Argentina, Brasil (Rio Grande do Sul).

Mucama, (que alguns auctores julgam de origem africana), creada de estimação: de *poro-mo-cambu-hara*: ama de leite = que perdeu a designação de mistér para conservar apenas a de serviçal, por um processo semantico commum a todas as linguas; Chile, Argentina, Brasil.

Pitar, fumar cachimbo ou cigarro; de *pet i* = tabaco, ou *pité* = chupar; Perú, Chile, Argentina, Brasil.

Tapióca, preparação da fecula da mandioca (*Manihot utilissima*, Pohl) e outras accepções regionaes: de *tipioca*, litteralmente *tipi-og* = tirado, ou colhido do fundo, o sedimento; Chile, Brasil e provavelmente o resto da America, visto haver penetrado até em certas linguas européas, como o francez, notadamente.

De indiscutivel procedencia americana, sem que, entretanto, se pudesse até o presente determinar com precisão o idioma ou dialecto originario, muitos exemplos tambem se deparam nos falares americanos, dos quaes nos basta citar os dous seguintes:

Caucho, latex coagulado da *Castillôa elastica*, Cerv.: o nome foi dado pelos extractores e descobridores dessa nova especie de borracha, habitantes da região fronteiriça do Perú e Brasil; segundo uma noticia de Barberena, citado por Lenz (*Dicc. Etim.*, 186) a

voz seria da lingua dos indios Mainas, das margens do Amazonas.

GOIABA ou GUIYABA, vegetal (*Psidium guayava*, Raddi); alguns auctores dão como tupi-guarani, de *guaiab* = agglomerado de sementes; mas essa procedencia é duvidosa, porque a patria de origem do vegetal é ainda questão aberta na Geographia botanica. Segundo De Candolle, citado pelo dr. J. Huber (*Arvores fructiferas do Pará*, no Boletim do Museu Gœldi, volume IV, p. 382), a planta seria indigena no Mexico, na America Central e norte da America do Sul, da Colombia até o Perú; mas teria sido trazida ao Brasil antes da epocha do descobrimento, e levada ás Antilhas pouco depois daquella data, sendo posteriormente introduzida tambem nos outros paizes tropicaes; no Mexico occorre com o nome de *Xalxocote*, no Chile com o de *Guaiave*, no Perú e nas Antilhas com o de *Guaiava*; no Brasil *guaiaba* e *goiaba*.

Um elemento alienigena, o africano, concorreu tambem, em menor monta, é certo, para augmentar as linguas ibero-americanas; no Brasil, como veremos adeante, essa influencia foi mais dilatada, devido á importancia do elemento negro, que chegou mesmo a assumir o character de factor ethnico da nossa nacionalidade; enquanto que no resto do continente só de modo esporadico ella se exerceu. Entretanto, alguns vocabulos dessa origem lograram conseguir uma vasta distribuição geographica nos paizes da America hispanhola; sirvam de exemplos os seguintes entre os muitos que poderiamos citar:

CACHIMBO: Cuba, Honduras, Venezuela, Equador, Perú, Chile, Argentina, Brasil.

CATIMBAU: Perú, Chile, Brasil, — com accepções diversas em cada um desses paizes.

MANDINGA: Cuba, Costa Rica, Venezuela, Perú, Chile, Argentina, Brasil.

QUILOMBO: Venezuela, Chile, Argentina, Uruguai, Brasil (4).

---

(4) Os *pan-americanismos* acima citados, bem como sua etymologia e disseminação geographica, foram tomados ao diccionario do Dr. Rodolfo Lenz.

Ainda uma outra classe de vocabulos peregrinos do lexico brasileiro provém de modo directo do castelhano por intermedio das republicas vizinhas, principalmente nas regiões meridionaes, onde o intercambio é mais intenso, por ser maior a densidade de população.

Essa porta não se limitou apenas a franquear entrada aos termos de procedencia hispanhola, a que nos estamos referindo, mas serviu egualmente por maior numero de vezes para a introducção dos indianismos, de que atraz nos occupámos.

III — *Os termos pan-brasileiros* são os que se usam em todos ou quasi todos os Estados do Brasil. Devem sua formação precipuamente á superfetação do portuguez á influencia do tupi-guarani e das linguas africanas, em sua maioria filiadas ao grupo bantú.

Ao tempo do descobrimento do Brasil os Tupis occupavam toda a faxa littoranea que vai do Amazonas até Cananéa, com pequenas soluções de continuidade e algumas projecções para o interior. Falavam a mesma lingua os Tupinambás, Tabajaras, Petiguaras, Caetés, Tupiniquins e Tamoios.

No littoral pernambucano e na zona contigua habitavam os tupis das tribus Caetés e Tabajaras, que provavelmente haviam expulsado para o interior os Tapuias e os Cariris. Os primeiros tinham maior fixidez de residencia, enquanto os outros erravam pelos sertões, em esparsas cabildas.

A influencia exercida pela lingua dos Tupis sòbre os invasores europeus foi larga e consideravel ; a sua expansão, á medida que se realizavam as *entradas* e as *bandeiras*, mais dilatada se tornava.

« O portuguez era, sim, a lingua official, como ainda hoje o hispanhol no Paraguai, a lingua do commercio nos portos do littoral, nas cidades e villas mais importantes, e no seio das familias propriamente portuguezas ; mas ainda ahi apparecia o tupi, falado pelos famulos, quasi todos indios, ou de descendencia india » — informa o dr. Theodoro Sampaio (5), que accrescenta ser até o

---

(5) THEODORO SAMPAIO — *O tupi na Geographia Nacional* — São Paulo, 1901 — p. 12.

meiado do seculo XVIII a proporção entre as duas linguas faladas na colonia mais ou menos de tres para um, do tupi para o portuguez.

O padre Antonio Vieira escrevia para a côrte, em 1694, que nas familias dos Portuguezes e indios, em S. Paulo, a lingua que se falava era a dos indios—«e a portugueza a vão os meninos aprender á eschola ...» Tal era a importancia da *lingua geral* e o seu poder de expansão que, temendo-se fôsse exquecida a portugueza, uma provisão do governo metropolitano, de 12 de Outubro de 1727, prohibiu expressamente o seu uso entre os colonos.

«A *lingua geral*, é certo, morreu com o indio — escreveu Baptista Caetano — ou si não morreu ainda, vai morrer e desapparecerá com o derradeiro selvagem, que a locomotiva da civilização tem de aniquilar na sua marcha, no seu « avança para deante » (6); mas, penetrando o lexico portuguez, ahi estão para testimunhar a sua passada supremacia milhares de verbas fossilizadas na linguagem vulgar, nas denominações geographicas, ou applicadas á Fauna e á Flora.

De importancia incomparavelmente menor para a evolução glottologica do portuguez no Brasil foi o contingente prestado pelos idiomas africanos para aqui transportados com os escravos pelo trafico negreiro. Ainda assim, a raça infeliz que foi o principal factor do nosso progresso economico, até além de meiados do seculo passado, contribuiu para a linguagem brasileira com um vasto acervo de vozes designativas de utensis do serviço agrario, mineiro e domestico, de varias especies de iguarias, de plantas e animaes, em uso constante na elocução familiar, chegando mesmo algumas a transpôr as lindes da rusticidade para se incorporarem ao lexico litterario.

IV — Acabámos de passar em revista, conquanto perfunctoria, todas as causas externas modificadoras do portuguez falado no Brasil. Muito se enganaria, porém, quem acreditasse terem todas ellas, ou cada uma de per si, actuado com a mesma energia, com a

(6) Baptista Caetano de Almeida Nogueira — *Esboço Grammatical do Abañeênga*, introducção, p. XI (Annaes da Bibliotheca Nacional, vol. VI).

mesma persistencia por toda a dilatada extensão do nosso immenso territorio.

As causas que vão agora determinar a maior ou menor efficiencia dos factores modificativos e dar origem aos, por assim dizer, sub-dialectos regionaes, deixam de ser exclusivamente linguisticas para se derivarem de mui differentes ordens de condições mesolosicas. E' assim que a continuidade territorial, a facilidade de communicações terrestres, maritimas ou fluviaes, a homogeneidade ou heterogeneidade de culturas ou industrias, a dosagem, enfim, dos elementos ethnicos da população das diversas unidades da Federação, é que nos podem e devem explicar o phenomeno, de que óra nos occupamos. E' somente levando em conta os coeficientes citados, que poderemos ensaiar uma divisão do Brasil em zonas lexicographicas até certo ponto homogeneas.

Até hoje, sempre que ha sido necessario sub-dividir o paiz, o criterio da differenciação tem sido o méramente geographico, tomando por base a latitude: Norte, Centro e Sul.

E' claro que para um phenomeno tão complexo como o glottologico, esse criterio é por demais simples, e que só um nos póde conduzir a resultados aproveitaveis: o que se baseasse nos factos da linguagem. De feito, si prestarmos attenção á distribuição geographica dos *localismos* compendiados nos differentes glossarios que já possuimos, resaltará á mais ligeira inspecção a existencia inconteste das zonas seguintes:

I — Norte: Amazonas, Pará, Maranhão;

II — Norte-oriental: Piauhi, Ceará, Rio Grande do Norte, Parahiba, Pernambuco, Alagôas;

III — Central-maritima: Sergipe, Bahia, Espirito-Sancto, Rio de Janeiro;

IV — Meridional: S. Paulo, Paraná, Sancta-Catharina, Rio Grande do Sul;

V — Alti-plana-central: Minas Geraes, Goiaz, Matto Grosso.

Cumpre advertir, antes de particularizarmos, que essas divisões politicas não correspondem sinão *grosso-modo* ás fronteiras reaes das diversas circunscripções assignaladas. Assim, enquanto

as zonas sertanejas dos Estados maritimos das segunda e terceira alineas devem de direito incorporar-se á quinta, uma parte egualmente das quarta e quinta apresentam maior affinidade com a terceira. Si quizessemos levar mais longe a preoccupação de detalhe, teriamos occasião de vêr que a parte mais oriental de Minas se ligaria mais naturalmente á terceira zona, enquanto que o Rio Grande do Sul passaria a constituir uma provincia glottologica separada e autonoma.

Os characteres differenciaes da primeira zona são : a uniformidade do meio tellurico ; o indio como elemento quasi unico de mixtiçagem ; a egualdade de occupação do homem, reduzida, por assim dizer, exclusivamente á industria extractiva ; o modo de vida, afinal, que se poderia, talvez sem êrro, classificar de amphibia.

A segunda zona, com os seus limites já modificados como atraz ficou dicto, apresenta egualmente uma grande homogeneidade topographica ; mas não é desta que lhe advem a sua principal characteristica. Em nosso modo de ver é da uniformidade dos mistéres de seus habitantes, quer como marinheiros, quer como cultivadores do sólo, e, mais que tudo, da predominancia do elemento negro sôbre o elemento indio nos cruzamentos, que lhe promanam as qualidades que a tornam nitidamente distincta das mais.

A terceira zona, pelo papel politico desempenhado por duas das suas unidades constitutivas, Bahia e Rio, nos tempos coloniaes, como centros do governo geral, com relações mais frequentes com a metropole, mais directa e profundamente lhe sentiu o influxo. Juncte-se a isso o exterminio quasi absoluto dos indigenas e a onda avassalladora das hordas negras, unico factor ethnico a concorrer com portuguez para a formação da sub-raça, e teremos um conjuncto de condições sufficientes para explicar a sua differenciação.

A quarta zona offerece frisantes contrastes nas suas condições mesologicas com as precedentes : o systema orographico que orla o littoral dos Estados nella comprehendidos, apresentando, quasi sem transição, abruptamente, elevados planaltos, onde viceja uma Flora com fundas analogias com a das terras fronteiriças norte-

atlanticas, o que nos prenuncia um factor climatico de todo diverso do das outras zonas ; a quasi absoluta ausencia do africano na composição do sangue das suas gentes ; a variedade de suas culturas e o methodo de praticá-las, — tudo concorreu para imprimir-lhe um cunho nimiamente diverso dos que distinguem as suas cognatas.

A preoccupação de não multiplicar o numero de sub-divisões, si nos levou a englobar num só grupo os quatro Estados meridionaes do Brasil, não nos deve induzir a escurecer que é elle o menos homogeneo de quantos temos formado. De facto, á proporção que avançamos para o Sul, vemos as suas unidades se differenciarem mais a mais, até chegarmos ás pampas do Rio Grande, onde vamos nos ennovellar com o elemento castelhano, cuja influencia caminha de Sul a Norte.

Na quinta e ultima zona tudo differe : é a região das altas montanhas, dos profundos valles, dos dilatados *araxás*, de campos sem fim. Trilhada em todos os sentidos pelas impavidas *bandeiras* partidas das margens do Tiété, a terra feracissima, consorciando-se com os arrojados *caçadores de esmeraldas*, formou um todo absolutamente harmonico e superiormente characteristico. Como si tudo isso não fôsse sufficiente para abrir um largo vallo entre esse povo de rudes vaqueiros e seus vizinhos habitadores do cairel littoraneo, outra causa veio concorrer para lhes modelar a inconfundivel physionomia : a segregação em que têm vivido, por secular espaço, do resto da communhão brasileira.

O problema da fixação exacta da patria de origem dos *localismos*, a que devia estar precipuamente subordinada a sua designação, é, na grande maioria dos casos, de todo insoluvel. De facto, duas são em geral as fontes de que promanam os vocabulos dessa natureza : uma permanente, quasi sempre ligada a um accidente topographico, ou faunistico ; outra essencialmente transitoria, constituida por acontecimentos ás vezes de ordem minima, mas que, por qualquer motivo, attrahiram fortemente a attenção de um grupo de individuos, mais ou menos numeroso.

Si no primeiro caso é quasi sempre possivel a determinação do *localismo*, o mesmo, é bem de ver, não acontece quanto

ao segundo, mormente quando o facto que lhe deu origem se passou em epocha afastada. Mesmo admittindo tenha o acontecimento raiz merecido as honras da lettra de fôrma nas paginas da imprensa periodica, como será possivel ao diccionarista descobrir as suas pegádas, si de todo desconhece a localização exacta e a éra de sua realização?

E' claro que, nesse caso, resta tão somente ao lexicographo a tarefa de verificar, com a maxima exacção, a região ou regiões em que o vocabulo é usado, e despretenciosamente consigná-lo.

Verdade seja que algumas vezes nos cái sob os olhos, por méra casualidade, uma dessas explicações etymologicas; mas, contar, appellar para o acaso, pode ser tudo quanto quizerem, menos processo normal de investigação scientifica.

Foi baseados nessa ordem de considerações que resolvemos dividir o paiz em zonas lexicographicas, como atraz ficou dicto, subordinadas essas zonas á predominancia dos seus factores differenciaes.

Não adduzimos exemplos, que viessem confirmar as considerações apresentadas, porque elles implicitamente se encontram nas verbas deste vocabulario, referentes á classe de vocabulos, de que nos acabamos de occupar.

§ 3º — Este vocabulario contém:

I — termos e locuções que, de uso corrente em Pernambuco, não vêm apontados nos diccionarios da lingua;

II — termos e locuções que estão nos diccionarios, mas que são usados aqui com accepção diversa;

III — termos e accepções consignados no *Diccionario de Vocabulos Brasileiros*, de Beaurepaire Rohan, como peculiares a este Estado;

IV — termos e accepções consignados no *Diccionario Brasileiro da lingua portugueza*, de Macedo Soares, e alli annotados como pernambucanismos;

V — termos contidos no *Vocabulario dos termos technicos de construcção naval*, annexo ao *Ensaio sobre as construcções navaes*

indigenas do Brasil, de Alves Camara, e alli assignalados como usuaes em Pernambuco ;

VI — e nomes de aves que o dr. Emilio A. Goeldi, na monographia *As Aves do Brasil*, designa como pernambucanos.

Dentro destes limites procurámos, quanto possivel, tornar completa esta collectanea ; bem sabemos, e já disso fizemos declaração, que muito ha ainda que respigar nessa abundante seára. Com relação, por exemplo á zona sertaneja que não estudámos *in loco*, nem nos foi dado colher informações de conhecedores competentes, deve este vocabulario resentir-se de muitas e graves falhas. Em compensação, a zona da matta, onde Pernambuco tem a sua vida mais intensa, onde se desenvolvem as suas maiores fontes de riqueza na agricultura e na industria, foi aqui explorada convenientemente, de modo que, si falhas existem, não serão tão pronunciadas e sensiveis.

Na enumeração acima feita, os termos que maior cabimento têm neste glossario são os das duas primeiras alineas. Com elles somente pensámos a principio formar o nosso vacabulario ; mas depois reflectimos em que, elaborando um diccionario pernambucano, não havia justa razão para desprezar os subsidios trazidos por predecessores illustres.

Obedecendo a essa ordem de idéas foi que collectámos os pernambucanismos de Beaurepaire Rohan, Macedo Soares e Alves Camara, muito embora em grande numero já se encontrem no *Diccionario* de Candido de Figueiredo, como brasileirismos, sem especificação de *habitat*.

Nesses extractos, porém, não nos cingimos á cópia servil de definições e significados ; quer por deficiencia de informação, quer pela natural variação de sentido no tempo, o facto é que aquelles auctores por vezes ligeiramente claudicaram sob esse duplo ponto de vista. Por isso, ampliámos e corrigimos aquellas verbas que se tornaram passiveis, para sua exacta inclusão no vocabulario, de quaesquer modificações de fundo ou de fórma.

Cumpre aqui notar tambem, que toda vez que deparámos uma palavra brasileira de uso corrente em Pernambuco, que os diccio

narios consignem mal ou incompletamente, resolvemos dar-lhe accolhida. Incidem nesta clausula:

I — palavras, cuja etymologia não é tractada nos diccionarios: quasi todas as palavras de origem tupi-guarani estão neste caso.

II — palavras, ás quaes não é assignalada a respectiva area geographica.

III — palavras que, por grande variação de sentido nas differentes zonas, constituem factos de linguagem altamente curiosos.

Da monographia de Goeldi — *As Aves do Brasil*, extrahimos cêrca de uma dezena de nomes de aves, que estão notados como pernambucanos. Assim procedemos não só por essa circunstancia, como ainda porque julgamos que os nomes vulgares de Historia natural devem fazer parte dos diccionarios da lingua.

Esta é a opinião do douto philologo e americanista dr. Rodolfo Lenz, quando escreve: « Las voces de historia natural forman a parte del diccionario jeneral siempre que no sean de una configuracion fonética enteramente estraña ao jenio de la lengua castellana, a no ser que tengan su equivalente reconocido en otro termino mas usado » (7).

Julgamos deverem, egualmente, os nomes vulgares ser accompanhados de seus correspondentes na respectiva systematica. Parecerá isso truismo ou pedantismo; mas, sabido, como é, que aquelles nomes não raras vezes differem de uma localidade para outra, acontecendo alguns servirem para designar varios individuos, ou um mesmo individuo ser designado por differentes nomes, a concurrencia nos dous termos — o vulgar e o scientifico — encontra aqui plena justificativa, porque só assim se poderá tornar possivel a identificação aos menos versados em minucias taxinomicas.

Ainda, a proposito de nomes de Historia natural, devemos advertir em tempo que nem sempre conseguimos dar essa synonymia scientifica, maxime quando os termos foram colhidos directamente na linguagem popular, ou por falta de descripção com-

---

(7) Dr. Rodolfo Lenz, *ob. cit.*, pag. 14.

pleta, ou por ausencia de exemplares dos individuos por elles nomeados.

Os nomes geographicos foram excluidos deste vocabulario, porque o unico interesse que poderiam apresentar seria o que se prendesse á sua interpretação etymologica, positivamente fóra das nossas cogitações actuaes.

Quanto aos termos obscenos, que avultam sobremodo na linguagem popular, não nos achámos com direito de fazer o mesmo: recolhemos os mais genuinamente pernambucanos, definindo-os com sobriedade, sob o véo pouco diaphano do latim, que, como judiciosamente dizem os Francezes, *brave l'honnêteté*. . .

Em materia de definições foi nosso constante escôpo a maxima clareza e o maximo rigôr; talvez nem sempre o tenhamos conseguido, porque a verdade é que em muitos casos somente a representação iconographica dos objectos os pode tornar comprehensiveis. Em geral, os diccionarios da lingua definem por synonymia, e quando assim não acontece, mormente em se tractando de termos brasileiros, á manifesta insufficiencia se allia quasi sempre a inexactidão. Aliás, sendo, como têm sido quasi todos, obra de extrangeiros, não lhes cabe grande responsabilidade nesse particular.

Para abonação buscámos de preferencia o auxilio de jornaes pernambucanos, ou de obras de escriptores patricios; assim não podem padecer dúvida o emprêgo e a vulgarização do vocabulo collectado.

A algumas palavras junctámos umas tantas notas instructivas, historicas, ou simplesmente curiosas; parecerão verdadeiros *hors-d'œuvres* (permittam-nos a expressão extranha . . .) e não caberiam talvez nas linhas de um vocabulario; notaremos, entretanto, que ellas são necessarias, como elementos subsidiarios ao diccionarista futuro.

* * *

Terminando esta introducção, desejo tributar aqui os meus mais sinceros agradecimentos aos meus prezadissimos parentes e amigos dr. Miguel Augusto de Oliveira e Virgilio de Oliveira La-

menha Lins, pela abundante e prestimosa collaboração que me prestaram neste trabalho, com o maior interesse e a mais affectuosa liberalidade.

Ao primeiro, talentoso e illustrado engenheiro civil, devo a collecta de numerosos termos technicos de estrada de ferro, machinas, officinas e outros ; ao segundo, que é em Pernambuco adeantado e intelligente agricultor, devo egualmente grande cópia dos termos de lavoura e de pecuaria, que este vocabulario contém.

BIBLIOGRAPHIA

AFFONSO D'E. TAUNAY : *Lexico de termos technicos e scientificos ainda não apontados nos diccionarios da lingua portugueza* — S. Paulo, 1909 (Citaremos no corpo do diccionario: Taunay, com indicação da pagina) (1).

ALBERTO LÖFGREN : *Ensaio para uma synonymia dos nomes populares das plantas do Estado de S. Paulo.* —S. Paulo, 1895.

ALFREDO DE CARVALHO : *Phrases e Palavras* — Recife, 1906. (Cit. A. Carvalho, com ind. pag.)

ALFREDO DE CARVALHO : *O tupi na Chorographia Pernambucana* — Recife, 1907.

ALVARO DE AZEVEDO : *Apontamentos sobre a linguagem popular de Baião* (Portugal) in Revista Lusitana, vol. XI, — Lisbôa, 1908. Cit. Baião, *Rev. Lus.* XI, com ind. pag.)

A. GOMES PEREIRA : *Tradições populares e linguagem de Villa Real* (Portugal) in Revista Lusitana, vol. XI — Lisbôa, 1908. (Cit. Villa Real. *Rev. Lus.* XI, com ind. pag.)

ANTONIO ALVARES PEREIRA CORUJA : *Collecção de Vocabulos e Frases usados na Provincia de S. Pedro do Rio Grande do Sul* — Londres, 1856. (Cit. Coruja, com ind. pag.)

ANTONIO ALVES CAMARA : *Vocabulario dos termos technicos de construcção naval* — annexo ao *Ensaio sobre as construcções navaes indigenas do Brasil.* — Rio de Janeiro, 1888. (Cit. A. Camara, com ind. pag.)

(1) Annotámos assim as obras mais frequentemente citadas no corpo do diccionario; as outras, só esporadicamente mencionadas, sê-lo-hão *in extenso*.

ANTONIO JOAQUIM DE MACEDO SOARES : *Diccionario Brasileiro da Lingua Portugueza* — Rio de Janeiro, 1889. (Cit. M. Soares, com ind. pag.)

ARSÈNE DARMESTETER : *La Vie des mots* — 8ª ed., Paris, 1905.

BAPTISTA CAETANO DE ALMEIDA NOGUEIRA : *Vocabulario das Palavras guaranis usadas pelo traductor da* « Conquista Espiritual » *do Padre A. Ruiz de Montoya*, in Annaes da Bibliotheca Nacional, vol. VII — Rio de Janeiro, 1879. (Cit. B. Caetano, com ind. pag.).

BRAZ DA COSTA RUBIM : *Vocabulario Brasileiro para servir de complemento aos diccionarios da lingua portugueza.*—Rio de Janeiro, 1853.

BERNARDO MARIA CANNECATTIM (FR.) : *Diccionario da Lingua Bunda ou Angolense* — Lisbôa, 1804.

CARL FRIEDR. PHIL. VON MARTIUS (DR.) : *Glossaria Linguarum Brasiliensium.* — Erlangen, 1863.

DANIEL GRANADA : *Vocabulario Rioplatense Razonado*, 2ª ed.— Montividéo, 1890.

EMILIO AUGUSTO GOELDI (DR.) : *As Aves do Brasil* (II das Monographias Brasileiras) — Rio de Janeiro, 1894 — 1900 (Cit. Goeldi, *Aves*, com ind. pag.)

E'MILE LITTRÉ : *Dictionnaire de la Langue Française.* — Paris, 1889.

— *Supplément*, — Paris, 1910.

— *Comment j'ai fait mon Dictionnaire.* — Paris, 1897.

FRANCISCO PICANÇO : *Ensaio de um Vocabulario de Estradas de Ferro e de Rodagem e Sciencias e Artes accessorias.* — Rio de Janeiro, 1880. (Cit. Picanço, com ind. pag.)

FRANKLIN TAVORA : *O Cabelleira* — romance — (nova ed.) — Rio de Janeiro, 1902.

— *Lourenço* — romance — (nova ed.)—Rio de Janeiro, 1902.

— *O Matuto* — romance — (nova ed.)—Rio de Janeiro, 1902.

HERMANN VON IHERING (DR.) E RODOLPHO VON IHERING : Catalogos da Fauna Brasileira, vol. I. *As Aves do Brasil.* — São

Paulo, 1907. (Cit. *Catalogo das Aves do Brasil*, com ind. pag.)

HENRIQUE DE BEAUREPAIRE ROHAN (Visconde) : *Diccionario dos Vocabulos Brasileiros* — Rio de Janeiro, 1889. (Cit. B. Rohan, com ind. pag.)

J. B. P. CÔRTE REAL : Os Dramas do Recife — romance — Recife, 1881.

JOAQUIM DE SANTA ROSA DE VITERBO (FR.) : *Elucidario das palavras, termos e frases que em Portugal antigamente se usaram e que hoje regularmente se ignoram*, etc. — 2ª ed., Lisbôa, 1865.

J. PEREIRA DO NASCIMENTO : *Diccionario Portuguez Kimbundu.* — Huila, 1903.

J. ROMAGUERA CORRÊA : *Vocabulario Sul-Rio Grandense* — Pelotas, 1898. (Cit. Romaguera, com ind. pag.)

JULIUS PLATZMANN — *Das Anonyme Wörterbuch Tupi-Deutsch und Deutsch-Tupi.* — Leipzig, 1901.

LUIZ VICENCIO MAMIANI (PADRE) : *Arte de Grammatica da Lingua Brasilica da Nação Kiriri* — Rio de Janeiro, 1877.

M. PIO CORREIA : *Flora do Brasil,* — Rio de Janeiro, 1909.

NOAH WEBSTVR : *American Dictionary of the English Language* — Springfield, Mass., 1878.

PAULO RESTIVO : *Lexicon Hispano-Guaranicum* — Vocabulario de la Lengua guarani» — ed. Dr. C. F. Seybold. — Stuttgard, 1893.

PADRE A. RUIZ DE MONTOYA : *Diccionario de la lengua guarani, ó mas bien tupi.* Ed. Porto Seguro — Vienna, 1876.

RODOLFO LENZ (DR.) : *Diccionario Etimologico de las voces chilenas derivadas de lenguas indigenas americanas.* — Santiago de Chile, 1904 — 1910 (cit. Lenz, *Dicc. Etim.* com ind. pag.)

— *Estudos Araucanos* — Santiago de Chile, 1895 — 1897.

THEODORO SAMPAIO : *O tupi na Geographia Nacional* — S. Paulo, 1901. (Cit. Th. Sampaio, com ind. pag.)

R. DOZY E DR. W. H. ENGELMANN : *Glossaire des mots espagnols*

et portugais dérivés de l'Arabe — Seconde édition — Leyde, 1869.

VICENTE CHERMONT DE MIRANDA: *Glossario Paraense, ou Collecção de vocabulos peculiares á Amazonia e especialmente á ilha de Marajó.* — Belém, 1905. (Cit. Chermont, com ind. pag.)

ZOROZABEL RODRIGUEZ — *Diccionario de Chilenismos* — Santiago, 1875.

Breve noticia sobre a collecção de madeiras do Brasil — apresentada na Exposição Internacional de 1867, pelos srs. Freire Allemão, Custodio Alves Serrão, Ladislau Netto e J. de Saldanha da Gama — Rio de Janeiro, 1867.

* * * *Diccionario Portuguez, e Braziliano.*— Lisbôa, 1795.

ABREVIATURAS

Abon.	Abonação.
acc.	accepção.
adj.	adjectivo.
adv.	adverbio,
alt.	alteração, alterado.
ap.	apontado.
ar. geogr.	area geographica.
aug.	augmentativo.
cf.	conferir, confere.
contr.	contracção, contracto.
corr.	corruptella.
cp.	comparar, compare.
dicc.	diccionario.
dim.	diminutivo.
euph.	euphonia, euphonico.
etym.	etymologia.
freq.	frequentativo.
int.	interjeição.
l. c.	*loco citato.*
mb.	mbunda.
n.ap.	não apontado.
pl.	plural.
pref.	prefixo.
q. v.	*quod vide.*
s. f.	substantivo feminino.

s. m.	substantivo masculino.
s. 2.	» dos dous generos.
sign.	significação, significado.
suff.	suffixo.
syn.	synonymo, synonymia.
t.	termo.
t. guar.	tupi-guarani.
verb.	verbo.
v. pron.	» pronominal.
voc.	vocabulo.
}	derivado de
+	mais.
=	egual.

A

Abarbado: adj. — atrapalhado, atropelado, ou embaraçado com trabalhos difficeis e excessivos, ou incumbencias arriscadas.

ABON.: Das Publicações Solicitadas d'*A Provincia*, nº 243, de 1912: «E' preciso ficar o publico inteirado de que o Sr. Muniz, figurando com o nome de Mello & Cª., agora mesmo teve contra si o despacho do illustrado Dr. Juiz de Direito da 1ª vara e está *abarbado* com sérias difficuldades para occorrer ao pagamento, etc.»

N. ap. nesta acc.

Abarbar: verb. — atrapalhar, atropelar, estar embaraçado com trabalhos difficeis e excessivos, ou incumbencias arriscadas.

N. ap. nesta acc.

Abécar: verb. — deitar a mão ao peito de outrem, segurando-o de frente; aggredir.

ETYM.: de *béca? Béca* por casaco, ou paletot, diz-se em linguagem pejorativa.

SYN.: abotoar.

N. ap.

Abiu: em arvore fructifera da familia das Sapotaceas (*Lucuma caimito* (Ruiz e Pavon), Roem. e Schulth.

ETYM.: t. guar. *ybá — apyu* = fructo de pello molle, B. Caetano, 185.

NOTA — Está nos diccs. sem designações sufficientes.

Abiscoitar: verb. — receber, ganhar, lucrar, adquirir.

ETYM.: de *biscoito?*

N. ap. nesta acc.

Abodegado : adj. — aborrecido, zangado com excesso.

N. ap.

Abodegar : verb. — aborrecer, importunar.

Etym. : provavelmente de *bodéga*, depreciativo de certos estabelecimentos commerciaes. Significaria, nesse caso, tornar mau, egual a cousa réles, aborrecivel, estado similhante a *bodéga*.

N. ap.

Abolar : verb. — cantar á frente da boiada, para guiá-la.

Etym. : pref. *a* + s. *boi* + suff. verbal *ar*, chamar boi, M. Soares, 21.

Ar. Geogr. : O auctor citado consigna o termo como peculiar ao Ceará ; vigóra tambem em Pernambuco, e é natural que seja usado em toda a zona norte-oriental.

N. ap. nesta acc.

Abotoar : verb. — agarrar, segurar alguem pelas vestes, na altura do peito ; aggredir.

Etym. : pref. *a* + s. *bot (ã) o* + suff. verbal *ar* ; abotoar, no sentido proprio, é ligar (por botão) as bordas oppostas de qualquer peça do vestuario ; no acto de agarrar alguem pelo peito dá-se a mesma ligação : a analogia é frisante.

Syn. : abécar.

Nota — Chermont 3, dá para o Marajó como — prender a corda de laçar á cilha por meio de botão.

N. ap. nesta acc.

Abrejar : — verb. — I, transformar em pantano, paul ; II, abundar.

Etym. : pref. *a* + s. *brej (o)* + suff. verbal *ar*.

Nota — A acc. II é mais usual no sertão, para exprimir a fartura decorrente das chuvas, coincidindo com a formação dos brejos.

N. ap.

Abrir de chambre: loc. fugir, correr, abandonar a lucta — Diz-se tambem semplesmente — *abrir*, por catachrese.

Etym. : a necessidade do acto para permittir a corrida, explica a loc., verdadeiramente pintural.

Syn. : bancar veado.

N. ap.

Aça: adj. s 2. — albino, individuo affectado de albinismo; diz-se tambem dos animaes.

Nota — No Rio Grande do Sul, Romaguera, 129' dá-se ao albino, quer se tracte de pessôa, quer de animal cavallar e muar, a designação de *mellado*.

Ar. geogr.: Pernambuco, Parahiba e Rio Grande do Norte.

N. ap.

Acochar: verb. — apertar.

Nota — M. Soares, 25, define — conchegar apertando, calcando ; C. de Figueiredo, *Supplemento*, consigna e copia a definição sem citar a fonte; Chermont, 4, diz — torcer as pernas da corda de laçar no acto de fabricá-la, apertando-as uma contra a outra. Assim, o voc• é usado no Marajó, mas em acc. restricta.

Etym. : de *cocha* — torcedura de cabo, A. Camara, 198. Segundo C. de Figueiredo, viria de *cochar*, torcer ; como, porém, *cocha*, em castiço, significa um dos ramos que, torcidos, formam um cabo — julgamos a derivação da acc. brasileira mais directa e natural.

Acuado: adj. — I, parado, sem querer proseguir no caminho (o cavallo) ; II, na defensiva, cercado e ameaçado por cães.

N. ap.

Acuar: verb. — I, parar, não querer seguir (o cavallo); II, forçar um animal bravio a parar e pôr-se na defensiva.

NOTA — Segundo Chermont, 4, significa na Amazonia — enfrentar qualquer animal bravio, os que o perseguem.

N. ap.

Adjunto : sm.— auxilio que um vizinho tem o direito de exigir dos outros para os serviços da pequena lavoura, como a derrubada e plantio dos roçados, colheitas, etc.

NOTA — No Norte do Rio Grande do Sul, segundo Romaguera, 160, designa-se esse auxilio pelo nome de *pichurum*; na campanha chama-se *ajutorio*, e em Missões (Cima da Serra) *puchirão*; *mutirão*, em outros Estados.

ETYM. : lat. *adjunctus* } *adjungere* { *ad* + *jungere*.
N. ap. nesta acc.

Adomar-se : verb. pr.— habituar-se, acceitar de bom grado, resignar-se.

ETYM. : de *domar*.

N. ap.

Afobação : sf. — azafama, pressa, atrapalhação ; cançaço.

AR. GEOGR. : Pernambuco, Ceará.

Afobado : adj. — azafamado, apressado, atrapalhado ; cançado.

AR. GEOGR. : Pernambuco, Ceará.

Afobar-se : verb. pr. — azafamar-se, apressar-se, atrapalhar-se ; cançar-se.

AR. GEOGR. : Pernambuco, Ceará.

Agachadeira : sf. — ave da familia Charadriidæ. (*Gallinago paraguaiae*, Vieillot).

ETYM. : De *agachar* ; porque a ave sabe furtar-se admiravelmente á vista do caçador, *agachando-se* nas macegas, ou quaesquer accidentes de terreno, para esconder-se.

Nota — Goeldi, *Aves*, 461, dá o nome como peculiar a Pernambuco.

N. ap.

Agréste: sm. — uma das zonas geographicas, em que se dividem Pernambuco e Estados vizinhos, entre a *matta* e a *catinga*, characterizada pelo solo pedregoso, escassez e pequeno porte da vegetação; occupa o socalco do primeiro dos planaltos, que se succedem, caminhando para o interior.

Nota — M. Soares, 31, engana-se, quando define — o *littoral*, nas provincias do Norte, opposto ao *sertão*; A. de Carvalho, 69, consigna.

Etym.: lat. *agrestis* | *ager*, *agri*, o campo.

N. ap. nesta acc.

Aguardenteiro: sm. — almocreve que compra aguardente nos engenhos para revender por conta propria.

N. ap.

Ajuda: sf. — addicionamento ao caldo da canna de assucar de uma substancia alcalina, ou alcalino-terrosa, em geral cal, para, combinando-se com os acidos que o mesmo contém, e formando saes insoluveis, tornar possivel a sua eliminação.

N. ap. nesta acc.

Ajudar: verb. — fazer a ajuda, q. v.

Nota — M. Soares, 33, consigna esta acc., citando o seguinte passo de Antonil, na Obra *Cultura e Opulencia do Brasil*: «Sahida a primeira escuma per si mesma, começão os caldeireiros com grandes escumadeiras de ferro a escumar o caldo e *ajudal-o*: e chamão *ajudar o caldo* o botar-lhe de quando em quando já um reminhol de decoada, já outro de agua, que ahi têm perto: a agua nas tinas e a decoada nas fôrmas. Serve a agua para lavar o caldo, e a decoada para que toda a immundicia que resta na caldeira venha mais depressa arriba, e não assente no fundo».

Esta operação é usada nos engenhos de *banguê.*

N. ap. nesta acc.

Alcoviteiro: sm. — pequeno candieiro para kerozene, com torcida livre.

Syn.: mexeriqueiro, periquito.

N. ap. nesta acc.

Aldrabas: sf. pl. — especie de perneiras feitas de couro, usadas pelos sertanejos.

Etym.: do arabico *adh-dhabba*, que, segundo Freytag, citado por Dozy e Engelmann (*Glossaire des mots espagnols et portugais dérivés de l'arabe*, p. 96), significa *repagulum ferreum.* O voc. passou para o portuguez com a significação propria; a acc. pernambucana não tem explicação.

N. ap. nesta acc.

Alma de caboclo: sf.— ave da familia Cuculidæ (*Piaya cayana*, Linn.)

N. ap.

Alombado: adj. — preguiçoso, indolente, indisposto para trabalhar.

Etym.: de *lomba*, q. v.

N. ap.

Alvarenga: sf. — canôa grande de carga e descarga dos navios.

Nota — B. Rohan, 4, dá como peculiar a Pernambuco, Bahia, Maranhão e Pará: A. Camara, 190, restringe o uso aos dous primeiros Estados, dando como correspondendo no Rio ao *saveiro.* Em Portugal chama-se *gambarra* e *batelão.* Este ultimo, na data em que escrevemos (1910) já é commummente usado no Recife; dão-lhe, porém, destino ligeiramente diverso.

Etym.: B. Rohan, l. c., opina que o nome pro-

venha de algum senhor *Alvarenga*, que instituisse esse genero de transporte.

Ama-secca : sf. — creada encarregada de cuidar das crianças depois de desmammadas.

NOTA — Não está nos diccs ; é, entretanto, curioso notar-se não ser a expressão exclusivamente empregada no Brasil, pois que, segundo Lenz, Dicc. Etim.. 515, é usual no Chile.

AR. GEOGR. : Brasil, Chile.

Ambrozô : sm. — Comida feita de farinha de milho, azeite de dendê, pimenta e outros temperos.

ETYM.: para B. Rohan, 5, o nome parece ter relação com *ambrosia*, pelo sabôr primoroso da iguaria que designa; pensamos, porém, que o voc. é de origem africana, cujas linguas não permittem derivações eruditas.

AR. GEOGR. : B. : Rohan, l. c., dá como peculiar a Pernambuco.

Amofumbar : verb. — Vide *mofumbar*.

Amolação : sf. — importunação, aborrecimento, massada.

N. ap. nesta acc.

Amolador : sm. — importuno, massante, o que aborrece.

ETYM.: M. Soares, 42, attribue a origem do voc. a certo italiano que percorria as ruas do Rio, de rebôlo ás costas, offerecendo os seus serviços e gritando em voz fanhosa, de espaço a espaço, no mesmo tom : *Amolador!... Amolador!...* Dahi, *amolação* e *amolador*.

NOTA — C. de Figueiredo não consigna o voc.; dá entretanto, *amolar*, copiando M. Soares.

Amolar : verb. — aborrecer, massar, desagradar.

Está nos diccs.

Amoquecar : verb. — I, pôr-se a commodo, a coberto, em logar seguro ; II, fraquejar, fugir da lucta, acovardar-se.

Etym.: de *moquéca.*

N. ap.

Amunhecar : verb. — I, caïr, fraquejar das mãos ; II, fugir da lucta.

Etym.: de *munhéca.*

N. ap.

Andáca : sf. — planta medicinal da familia das Commelinaceas (*Tradescantia diuretica,* M.)

Etym.: t. guar. ?

Ar. geogr.: B. Rohan, 6, dá como peculiar a Pernambuco ; no Maranhão e Pará lhe chamam *Marianninha.*

Andador : adj. — diz-se do cavallo especialmente ensinado para montaria, e que tem um ou mais dos trez *andares* aqui conhecidos : *baixo, meio* e *esquipado.*

Nota — No Rio Grande do Sul diz-se do cavallo que tem *andadura,* segundo Coruja, 5 ; para Romaguera, 17, o voc. corresponde ao que nos Estados do Norte se chama *cavallo esquipador.* M. Soares, 42, consigna o t., o que não fez C. de Figueiredo, nas accs. acima.

Andar : sm. — qualquer um dos trez passos que se ensinam aos cavallos de sella. — Mais usado no pl.

Nota — No Rio Grande do Sul chama-se *andadura.* Romaguera, 17.

N. ap. nesta acc.

Anga : sm. — enguiço, mau olhado, *jettatura.*

Etym. : t. guar. *anga,* = espirito, alma.

N. ap.

Angú de caroço : sm. — Cousa complicada e confusa ; o que dá resultado contrario ao que se espera.

Etym. : Porque o *angú*, quando encaroçado, seja de difficil e desagradavel deglutição ?

N. ap.

Angusô : sm. — alimento feito de hervas, que se come com angú.

Etym. : M. Soares, 15 : *angú* + *z* euphonico + *ô* desinencia que reporta a voz ao fb. (*fongbê*) e ao jor. (*joruba*) e outros idiomas da Costa dos Escravos, etc.

Ar. geogr. : B. Rohan. 6, dá como peculiar a Pernambuco.

Anicéto : sm. — insecto.

Nota — Tambem usado em Portugal. Villa Real, *Rev. Lus*, XI, 290.

Etym. : por intercurrencia de Anicéto, n. p.

N. ap.

Animal : sf. — egua.

Nota — Os matutos empregam de preferencia este voc., porque consideram *egua* t. obsceno E' curioso que na campanha do Rio Grande do Sul, Romaguera, 18, sirva a palavra *animal* para designar principalmente o macho da especie equina, o contrario do que acontece nos sertões do Norte. No Marajó, Chermont, 5, para os vaqueiros, *animal* applica-se exclusivamente á raça cavallar tudo mais é *bicho*.

N. ap. nesta acc.

Ao atá : loc. — ao acaso, sem direcção. — Applicada aos caranguejos no tempo da desóva, e raramente, por analogia, ás pessôas quando desorientadas.

Etym.: t. guar. *atá* = andar, *o atá* = elle anda, B. Caetano, 51.

NOTA — M. Soares, 59, consigua *atá*; B. Rohan, 11, *auatá*; C. Figueiredo define insufficientemente.

Aparagatar: verb. — Vide *apragatar*.

Apartação: sf. — I, acto de separar o gado vaccum pertencente a diversas fazendas; II, partilha dos bezerros de anno entre o proprietario da fazenda e o vaqueiro, cuja percentagem é de 25 °/₀; o mesmo que *vaquejada*.

NOTA — No Rio Grande do Sul, Romaguera, 18, usa-se o voc. applicado ao acto de separar um certo numero de animaes de outros; no Marajó, Chermont, 6, é separar o gado de diversas fazendas, o qual se acha mixturado. São, pois, mais ou menos relacionadas as accs. do voc., que parece geral.

N. ap. nesta acc.

Aperuar: verb. — ficar em volta das mesas de jôgo para vêr jogar. — Entre pessôas instruidas é mais commum *peruar*.

ETYM.: de *perú*, a ave (*Pavo meleagris*), pelo habito de fazer roda, quando se empavona.

N. ap.

Apiabar: verb. — pedir por emprestimo pequenas quantias no jôgo. — Entre pessôas educadas é mais commum *piabar*.

ETYM.: de *piaba*; q. v.

N. ap.

Apojar: verb. — acto de deixar o bezerro mammar por alguns momentos, provocando a affluencia do leite, afim de facilitar a ordenhação.

NOTA — Romaguera, 19, consigna para o Rio Grande do Sul, como sendo o — acto de deixar o bezerro mammar pela segunda vez, depois de haver tirado o primeiro leite, mais gorduroso e agradavel.

N. ap. nesta acc.

Apombocado : adj. — Vide *pombóca*.

N. ap.

Apontamento : sm. — preparo para a moagem dos engenhos de assucar, ou das usinas.

Etym. : de *apontar* } *ponto*.

N. ap. nesta acc.

Apontar : verb. — preparar o engenho ou usina para a moagem.

Etym. : de *ponto*.

N. ap. nesta acc.

Apparelho : sm. — latrina, logar para dejecções.

Syn. : cambronne.

N. ap. nesta acc.

Apragata : sf. — especie de calçado feito de sola, que se ajusta ao pé por meio de tiras de couro.

Etym. : de *alpercata*, ou *alparcata*, por metathese. O *Elucidario*, de Santa Rosa de Viterbo, p. 16, traz *alpargata*.

N. ap.

Apragatar : verb. — achatar, machucar, esmagar um corpo com o pêso de outro ; o mesmo que *aparagatar*.

Etym. : de *apragata*, q. v.

N. ap.

Aracambús : sm. pl. — armação de paus encavilhados nos da jangada com um no centro, com forquilha, onde penduram os utensilios. A. Camara, 190.

Etym. : t. guar. *ará*, alt. *ybyrá* = pau + *camby* = forquilha : forquilha de pau.

Ar. geogr. : A. Camara, l. c., dá o t. como usual em Pernambuco, Alagôas e Ceará ; para a Bahia tem o voc. significação ligeiramenta diversa.

Arado : adj. — esfomeado, morto de fome.

ETYM. : p. p. de *arar*, verbo neutro = offegar, estar anhelante, sem ar, estar rafado de fome. M. Soares, 52.

AR. GEOGR. : M. Soares, l. c., dá como peculiar a Sergipe e littoral do Rio de Janeiro ; usado tambem em Pernambuco.

Arame : sm. — dinheiro.

AR. GEOGR : parece t. geral no Brasil, por ser giria de estudantes.

N. ap. nesta acc.

Areleiro : sm. — barco a vapor provido de um porão que se abre inferiormente, empregado no serviço dos portos para conducção das areias provenientes das dragagens para o alto mar.

ETYM. : de *arei (a)* + suff. *eiro*, designativo de continente, logar onde se guarda alguma cousa.

AR. GEOGR. : Pernambuco e provavelmente nos outros portos em construcção.

N. ap.

Arisco : sm. — terreno areno-humoso, em geral bastante fertil e eminentemente proprio ao desenvolvimento das plantas tuberculosas. — E' a formação commum do grande leito dos rios, quando constituido por planicies ; deve a sua uberdade ao contingente que lhe trazem as cheias periodicas.

NOTA — M. Soares, 54, citando Rubim, dá *areisco*— terra mixturada de areia e salão, serve para mandioca e legumes, mas não para canna. — C. de Figueiredo define simplesmente como — arenoso — e, portanto, esteril.

Armação : sf. — nome que se dá aos chifres do gado vaccum.

N. ap. nesta acc.

Armazenario : sm. — negociante de assucar ou algodão ; o que tem armazem ou deposito desses generos de commercio.

Etym. : de *armaze (m)* + *n* euph. + suff. *ario*, designativo de officio ou profissão.

N. ap.

Arraia : sf. — papagaio de papel de fórma polygonal regular.

Etym. : do peixe do mesmo nome.

N. ap. nesta acc.

Arraia-mijona : sf. — o mesmo que o antecedente, tendo a mais na base superior um triangulo de cordão com bandeirólas.

N. ap.

Arrampado : sm.— declive, talude.

Abon.: Do *Jornal Pequeno*, n. 257, de 1912 : « Estando ainda dois carros desligados, collocou-se á frente dos vagons, num *arrampado*, e fez signal para recuar. »

Etym. : de *rampa*.

N. ap.

Arrasto : sm.— modo de conduzir madeira da matta para fóra, fazendo-a deslisar sôbre o sólo por força animal.— Em geral, os troncos já soffreram uma primeira lavragem.

Nota — Alguns municipios prohibem por expressas disposições de lei o *arrasto* pelas estradas.

Etym. : de *arrastar*.

N. ap. nesta acc.

Arregaço : sm.— reprehensão, carão.

N. ap.

Arreia : sf.— parte terminal em fórma de segmento de circulo das ródas cheias (sem pino) dos carros de bois.— As outras partes são o *meião* e o *contra-meião*, q. v.

N. ap.

Arremediar-se: verb. pr.— Vide *remediar-se*.

N. ap.

Arribar: verb.— I, fugir, abandonar o posto; esgueirar-se; II, melhorar, convalescer.

Abon.: I acc.— Do *Jornal Pequeno*, n. 221, de 1911: «... Seguramente 6 horas da tarde, o soldado do 49° batalhão de caçadores João Ferreira da Silva Segundo arribou da guarda do referido quartel...»

Nota — Romaguera, 23, consigna a II acc. para o Rio Grande do Sul; Chermont, 8, a attribúe tambem á Amazonia, a par de outros sigs.— suspender, levantar, fugir, retirar-se.

N. ap. na I acc.

Arrocho: sm.— apparelho empregado nas *casas de farinha* para expremer a massa de mandioca.— Consta das seguintes peças: 1ª *prensa*, larga e espessa trave de madeira collocada horizontalmente, tendo excavado na parte superior e proximo de uma de suas extremidades o cocho, que recebe a massa, e que é perfurado inferiormente para deixar vazar a *manipueira*; 2ª, *virgem* — viga de madeira verticalmente encastrada e fixa á prensa por uma chavêta, cêrca de um palmo da borda posterior do cocho; sua parte superior é atravessada por um orificio em que se encaixa a *vara*; 3ª, *vara* — viga mais fina que a precedente, cuja extremidade posterior se aloja no orificio alludido, e a anterior é atravessada pelo *fuso*; 4ª, *fuso* — parafuso de madeira, de largo passo, que, conjugando-se com a rosca da vara, a faz subir ou descer; essa peça tambem se liga á prensa, que lhe serve de munhoeira; 5ª, *mão*— alavanca de madeira que se introduz nos alveolos transversaes do fuso e com a qual se lhe imprime o movimento rotativo; 6ª, *masseira* — prancha com que se cobre a massa e que recebe o *brinquêto*; 7ª, *brinquêto* — curta vigota collocada verticalmente para transmittir á masseira a pressão da vara. A esse conjuncto tambem se chama *prensa*.

N. ap. nesta acc.

Arruado : sm.— logarejo formado por uma serie de casas postas a um, ou a ambos os lados de uma estrada ou caminho.

ETYM. : de *rua*.

N. ap. nesta acc.

Arte : sf. — traquinada, travessura de criança.

N. ap. nesta acc.

Aruá : sm.— o mesmo que *uruá*, q. v.

NOTA — Conforme B. Rohan, 10, no Rio Grande do Sul e Paraná significa — desconfiado, espantadiço, indocil; applica-se a cavallos. Nesta ultima acc. C. de Figueiredo consigna.

Aramará: sm. — ave da familia Seteridæ (*Aaptus chopi*, Vieillot).

ETYM.: parece t. guar., mas não lhe encontro etym. conveniente.

AR. GEOGR. : Goeldi, *Aves*, 283, dá como peculiar a Pernambuco.

N. ap.

Assentada: sf.— Vide *esbarrada*.

ETYM.: de *assentar*.

NOTA — No Rio Grande do Sul, segundo Coruja, 6, significa — partida falsa ou pequena carreira dada do ponto de partida pelos cavallos parelheiros, antes de começarem a correr: costuma haver primeira assentada, segunda ou terceira, e ás vezes mais, conforme o tracto com que se amarrou a carreira. Romaguera, 191, em *sentada-assentada*, julga engano a definição acima, e dá como — parada subita do cavallo a galope, produzindo no cavalleiro choque mais ou menos forte,— o que se approxima da acc. pernambucana.

N. ap. nesta acc.

Assentar: verb.— Vide *esbarrar*.

NOTA — No Rio Grande do Sul, Romaguera, 191, além da acc. correspondente a *sentada=assentada*, menciona mais — diz-se do gado que ao ser recolhido ao curral procura, á entrada deste, fugir, recuando.
SYN.: esbarrar, riscar.

N. ap. nesta acc.

Assignalar: verb. — marcar o gado vaccum, cabrum e ovelhum por meio de córtes nas orelhas.

NOTA — Chermont, 8, restringe essa marca ao gado vaccum, apenas, no Marajó; ao passo que Romaguera, 24, a extende, no Rio Grande do Sul, tambem ao ovelhum.

N. ap. nesta acc.

Assistente: sf. — parteira — *Assistente examinada*, a que passou por exame de Obstetricia no Hospital Pedro II.

N. ap. nesta acc.

Assistida: adj. — menstruada; diz-se da mulher no periodo do fluxo catamenial.

N. ap. nesta acc.

Assistir: verb. — partejar, servir de parteiro, ou parteira.

N. ap. acc.

Assucareiro: sm. — negociante de assucar em grosso, armazenario.

ABON.: Do *Diario de Pernambuco*, n. 42, de 1913: «...Mas que diabo, Taborda, acaso você esquece que, antes de *assucareiro*, é presidente da consultiva, senador estadual e um dos demais proceres do P.R.C.?»

ETYM.: de *assucar* + suff. *eiro*, designativo de profissão, etc.

N. ap. nesta acc.

Assumptar : verb. — prestar attenção, attender ao assumpto, scismar.

Etym. : de *assumpt* (*o*) + suff. verbal *ar*.

Ar. geogr. : M. Soares, 59, dá como peculiar a São Paulo, Paraná e Rio Grande do Sul ; entretanto, é voc. genuinamente sertanejo.

Ataque : sm. — enchimento feito de fragmentos de tijolo, de pedra molle e argila para servir de bucha nas minas das pedreiras.

N. a. nesta acc.

Atiço : sm. — extremidade não queimada dos paus, que ficam nas cóvas de carvão.

Abon. : Do *Jornal de Recife*, n. 240, de 1906 : «Assim como diversos pedaços de pau que restavam da fogueira, restos estes a que os carvoeiros dão o nome de *atiço*...»

Etym. : de *tição* { lat. *titione*.

N. ap.

Atocaiar : verb. — esperar, espreitar, emboscar ; o mesmo que *tocaiar*, q. v.

Etym. : t. guar. *tócái* = o que cobre, tapa, ou esconde. + suff. verbal *ar*.

Atucanar : verb. — apoquentar, aborrecer, amolar.

Etym. : t. guar. de pref. *a* + *tucan* (*o*), nome generico dos Ramphastos + suff. verbal *ar* ; para M. Soares, 61, *tucano* provém do verb. t. guar. *tucan* (alias *tucá*) = bater, esbarrar, esmurrar ; não seria melhor de *ti-cang* = bico osseo, lingua ossea, conforme B. Caetano, 541 ?

Avançamento : sm. — assentamento da superstructura da via permanente das estradas de ferro.

N. ap. nesta acc.

Aventador : sm. — grande platafórma de madeira apparelhada,

sôbre a qual se retira o assucar das fôrmas, e se procede á divisão dos pães conforme ás diversas qualidades que contêm.

N. ap.

Aventar: verb.—I, retirar a fôrma do pão de assucar; II, abrir-se longitudinalmente, de modo espontaneo, uma taboa, quando serrada em direcção perpendicular ao *vento da madeira*, q. v.

N. ap. nesta acc.

Aza-branca: sf. —ave da familia Columbidæ. (*Columba picazuro*, Temm).

Ar. geogr.: Goeldi, *Aves*, 376, dá o nome como usual em Pernambuco; extende-se, porém, a toda a zona norte-oriental.

N. ap.

Azeite de dendê: sm.— oleo extrahido do fructo da palmeira dendê — *Elaeis guineensis*.

Nota — M. Soares, 62, e B. Rohan, 11, consignam; C. de Figueiredo não recolheu.

Azeites: sm. pl.— mau humor, zanga, capricho.

N. ap. nesta acc.

Azucrim: sm. — importuno, apoquentador, o que móe a paciencia dos outros com futilidades.

N. ap.

Azucrinar: verb. — azoinar, importunar, aborrecer, apoquentar, moer a paciencia alheia com futilidades.

Abon.: Das *Dominicaes*, de João Luso, no *Jornal do Commercio*, de 16 de Março de 1913: « E durante uma bôa hora, de mais aquem ou mais além ella me veiu *azucrinar* os ouvidos...» E' notavel que este termo, de uso tão geral, não esteja nos diccs!

B

Bababi : sm. — surra, sóva, tunda — metter-se em *bababi* é apanhar uma surra.

ETYM. : onomatopaico.

N. ap.

Babador : sm. — peça de metal articulada no meio, que prende as extremidades das pernas da brida. — A's vezes é substituida por uma corrente.

N. ap. nesta acc.

Babacuára : s2. — I, toleirão, individuo aparvalhado ; II, matuto.

ETYM. : t. guar. *mbaebê* nada + *cuaá* saber + suff. *ara*, agente do participio activo : de nada sabedor, ignorante, bôbo, M. Soares, 63.

NOTA — B. Rohan, 12, traz *babaquára*, reportando-se a *caipira*, que define — habitante do campo. C. de Figueiredo consigna apenas esta acc.

AR. GEOGR. : M. Soares, l. c., especializa Campos (Estado do Rio de Janeiro) ; mas em Pernambuco o voc. é de uso antigo e vulgarissimo.

Baboca : sf. — Vide *biboca*.

Babugem : sf. — herva nova que bróta com as primeiras chuvas.

ETYM. ; de *babar*.

AR. GEOGR. : Pernambuco, Ceará e provavelmente toda a zona norte-oriental.

N. ap. nesta acc.

Bacafusada : sf. — complicação, trapalhada.

N. ap.

Bacafusar : verb. — complicar, atrapalhar.

N. ap.

Bacorinha: sf. — I, chapéo alto; II, malote ou embrulho que constitúe a bagagem do *cassaco*.

Syn. I acc. — cantimplóra, cartóla.

N. ap. nesta acc.

Bacuára: adj. — esperto, diligente, sabido; o contrario de *babaquára*, q. v.

Etym.: t. guar. *mbaé* cousa + *cuaá* s. saber (das cousas), pericia, sciencia, arte. . . + suff. participio activo *ara* agente, M. Soares, 65.

Nota — C. de Figueiredo consigna sem dar etym., e em *babacuára*, derivado de *baquara*, apresenta uma definição deficiente; além disso, adopta a graphia com *qua*, que a etym. repelle.

Syn.: cuera.

Ar. geogr.: B. Rohan, 14, dá como peculiar a Pernambuco.

Bacuparí: sm. — nome commum a diversas especies de arvores, pertencentes a varios generos. Segundo B. Rohan, 12, a que fructifica no Rio de Janeiro é uma guttifera (*G. Brasiliensis*), ao passo que a indigena de Goiaz, conforme A. de Saint-Hilaire (*Voyage aux sources du rio S. Francisco*, vol. II, ps. 51), é uma sapotacea.

Etym.: parece t. guar.

N. ap.

Bacuráu: sm. — pequena cóva de carvão, formada pelos *aliços* da cóva primitiva.

N. ap. nesta acc.

Badéjo: adj. — grande, extraordinario, vistoso.

N. ap. nesta acc.

Baé: adj — diz-se de uma variedade de suinos baixos e muito gordos.

NOTA — M. Soares, 65, consigna baeco — baixo e reforçado — com applicação geral; C. de Figueiredo dá tambem esta ultima palavra.

N. ap.

Bafafá: sm. — barulho, discussão.

ETYM.: onomatopaico.

SYN.: bate-bocca.

N. ap.

Bagaceiro-secco: sm. — conductor do bagaço secco da bagaceira para a fornalha, nos engenhos de *banguê*.

N. ap.

Bagaceiro-verde: sm. — conductor do bagaço verde da moenda para a bagaceira, onde seccam, nos engenhos de *banguê*.

N. ap.

Bagage: sf. — o mesmo que *bagagem*, por ecthlipse.

N. ap.

Bagagem: sf. — carro de 2ª classe da companhia Ferro-Carril de Pernambuco, que transporta simultaneamente cargas ligeiras e passageiros; o que no Rio de Janeiro se chama, com mais propriedade, *bagageiro*. — *Chegar na bagagem*, diz-se do cavallo que chega por ultimo nos prados de corridas e, por extensão, de quem chega com atrazo em alguma parte.

N. ap. nesta acc.

Bagarótes: sm. pl. — designação graciosa de mil réis, ou, mais latamente, de dinheiro.

N. ap.

Bagos: sm. pl. — o mesmo que *bagarótes*, q. v.

N. ap.

Bagulho: sm.— basculho, cacaréus.

N. ap.

Baile: sm.— vaia, pateada, entre gente baixa.

N. ap. nesta acc.

Baita: adj.— grande, crescido; appetitoso, succulento.

Abon.: D'*A Provincia*, n. 32, de 1913: «Foi uma carga *baita*, a dos Cabeções, hontem.»

N. ap.

Baixa de capim: sf.— terreno baixo e humido, quasi sempre irrigado, onde se cultiva a graminea chamada *capim de planta* (*Panicum numidianum*, Lam.)

Abon.: Da lei n. 294, de 1905, do municipio do Recife: «Art. 1º... § 24 — Por *baixa de capim* no perimetro da cidade, 2$000 por metro corrente...»

N. ap.

Baixeiro: adj.— diz-se do cavallo andador de baixo.

Nota — Para o Rio Grande do Sul (B. Rohan, 13, accrescenta Pará (?) e S. Paulo), diz-se, Romaguera, 29 — *xergão* ou *suadouro* baixeiro, o que se colloca immeditamente sôbre o lombo do cavallo, por baixo dos arreios; *carona baixeira*, ou *baixeira* simplesmente, é a que se põe em cima do xergão, tendo por cima uma xerga ou outra carona, em geral de melhor qualidade.

Ar. geogr.: Segundo B. Rohan, l. c., nesta acc. é tambem usado na Parahiba e outras provincias do Norte.

N. ap. nesta acc.

Baixo; sm. — certa pisada, adquirida por ensino, dos cavallos de sella, muito commoda e macia, principalmente apropriada para viagens. Ha diversas variedades de *baixo*, taes como: *picado*,

legitimo, passado, etc. Os bons *baixeiros* cobrem de 15 a 18 kilometros por hora.

NOTA — Para a Amazonia, Chermont, 9, é — corôa de areia ou lama que, á baixa-mar, fica quasi á superficie, ou descobre completamente. *Baixio* tem sign. ligeiramente diversa.

N. ap. nesta acc.

Balaieiro: sm.— vendedor ambulante de hortaliças, fructas, etc; quitandeiro.

ETYM.: de *balai* (*o*) + suff. *eiro*, designativo de profissão, habito, etc.

SYN.: verdureiro.

N. ap.

Balanceiro: sm.— I, individuo encarregado da pesagem de mercadorias nos armazens da alfandega e outros; II, o encarregado da pesagem das cannas nas usinas.

N. ap. nesta acc.

Balandráu: sm.— I, especie de vestuario comprido para homens, tambem chamado redingote (do inglez *riding coat*), ou *croisé*; II, capa ou ópa usada pelos membros das irmandades religiosas.

ABON.: — II De uma cançoneta popular:

« Este emprego de sacóla
Eu não deixo nem a pau
Pois que vai rendendo cóbre
Este velho *balandráu*.... »

NOTA — Na acc. II é principalmente usado no Rio de Janeiro.— Romaguera, 29, para o Rio Grande do Sul, diz — por analogia á ópa dos ermãos da Misericordia e dos Passos, dá-se aquelle nome ao *poncho de pala*. C. de Figueiredo recolheu o voc. deficientemente e não consigna a acc. pernambucana.

Balde: sm. — I, paredão de terra, ou alvenaria que fórma a

represa para constituição dos açudes; II, papagaio de papel, de fórma de um hexagono inscripto em um rectangulo.

N. ap. nesta acc.

Balsa: sf. — nome commum a diversas plantas aquaticas da familia das Nympheaceas.

Etym.: O voc. tem nos diccs. diversas accs. brasileiras, como jangada, platafórma para descarregar navios, ou salvar gente em caso de naufragio, barcaça de tabuado para passagem nos rios, etc. nas quaes co-existe a ideia de fluctuação; o facto de ser applicado o nome a uma planta fluctuante explica-se naturalmente por simples extensão do sentido.

Nota — B. Rohan, 13, com acc. quasi concordante, consigna *balsedo*, como peculiar ao Maranhão.

N. ap. nesta acc.

Syn.: baroneza.

Balseira: adj.— diz-se da canna de assucar nascida em terreno humido e por demais rico em humus, e que, a par de um extraordinario rendimento cultural, é pauperrima em saccharose. Seu caldo, muito impuro, é de difficil trabalho.

Etym.: de *balsa*, na acc. pernambucana, porque o humus do solo em que vegeta a canna é principalmente formado por aquellas plantas aquaticas, que se desprendem e descem nas cheias dos rios e se depositam nos terrenos baixos adjacentes.

N. ap.

Bambá: sm. — sedimento que fica nas vasilhas, em que se fabrica o azeite de dendê.

Nota — Segundo B. Rohan, 13, é o residuo que fica no fundo do vaso, em que fabricam essa variedade a que chamam — azeite de cheiro; M. Soares, 73, além daquella acc., attribue ao voc. mais as de — dança de negros africanos e de jôgo de cartas; por sua vez, Ro-

maguera, 29, para o Rio Grande do Sul, como — jôgo entre os campeiros, por meio de quatro metades de caroços de pecegos.

ETYM.: t. mbunda, M. Soares, l. c.

AR. GEOGR.: M. Soares e B. Rohan dão como peculiar á Bahia; em Pernambuco o voc. é de uso antigo e vulgar. C. de Figueiredo, sem determinar a especie do azeite, dá como brasileirismo do Norte.

Bamburral: sm — plantação de bambús (*Bambusa arundinacea*), bosque da mesma essencia.

NOTA — M. Soares, 74, dá com esta acc. *bambual*, que C. de Figueiredo tambem regista; como *bamburral* este define — logar alagadiço, que tem pastagens. Chermont, 10, para a Amazonia, insere como — logar geralmente á margem dos rios, de densa vegetação arbustiva, ou arbórea pouco alta, e entrelaçamento de cipós tal que se torna quasi impenetravel.

N. ap. nesta acc.

Bancar: verb. — fazer banca no *jôgo de bichos*, ou outro qualquer jôgo de parada.

ETYM.: de *banc* (*a*) + suff. verbal *ar*.

AR. GEOGR.: Et. geral no Brasil, porque o chamado *jôgo de bichos* é hoje uma verdadeira instituição nacional. . .

Bancar-avestruz: loc. — ingerir bebidas alcoolicas, embriagar-se.

N. ap.

Bancar-veado: loc. — fugir, correr, abandonar a lucta.

ETYM.: allusão á ligeireza do veado ao correr, e suggerida pelo popular *jôgo de bicho*.

SYN.: abrir de chambre.

N. ap.

Banco de assentar : sm. — banco collocado no centro das jangadas, servindo para passageiros.

AR. GEOGR.: A. Camara, 192.: Alagôas, Pernambuco e Ceará.

N. ap.

Banco de governo: sm. — banco collocado á ré nas jangadas.

AR. GEOGR.: A. Camara, 192: Alagôas, Pernambuco, Ceará.

N. ap.

Bandeira : sf. — I, inflorescencia da canna de assucar; II, parte terminal do estipe da mesma planta, quasi de todo desprovida de saccharose, e muito empregada como *semente*, devido á rapidez de sua germinação e economia das partes aproveitaveis para a extracção do assucar; III, falsa promessa, compromisso apparente, com o fim de se obter o que se deseja dos poderosos.

NOTA — M. Soares, 75, consigna o voc. com quatro accs., das quaes uma castiça e trez obsoletas. B. Rohan, 14, diz que — no interior da Parahiba do Norte e, provavelmente, nas provincias circunvizinhas, se dá o nome de *bandeira* a uma léva de trabalhadores contractados por um só dia para executar algum trabalho rural.

N. ap. nestas accs.

Bandeirista : sm. — empregado de estradas de ferro que, por meio de signaes feitos com bandeiras, permitte ou prohibe a passagem em agulhas, cruzamentos, passagens de nivel, etc.

NOTA — M. Soares, 75, na 4ª acc. do voc. *bandeira*, diz, referindo-se ao Rio de Janeiro — empregado das companhias de bondes, de ordinario invalidos, que se sentam nas esquinas das ruas que os carros atravessam, para fazer signal com uma bandeiróla, afim de evitar abalroamentos. — Esta acc. é hoje alli obsoleta.

Ety.: de *bandeir* (*a*) + suff. *ista*, designativo de emprêgo, occupação, etc.

N. ap. nesta acc.

Bandoleiro: adj.— I, voluvel, inconstante em amizade e amor; II, ocioso, sem occupação definida, que não pára em logar algum; III, rez que se separa do rebanho e se extravia.

Nota — Chermont, 11, dá para o Marajó as duas ultimas accs.— Os diccs. consignam apenas a acc. propria de bandido e a translata de mentiroso.

Banga-la-fumenga: sm. — individuo sem importancia social, sem prestimo.

N. ap.

Banguê: sm.— I, engenho de assucar do antigo systema; II, ladrilho das taxas nos engenhos de assucar, por onde corre a espuma que transborda com a fervura, quando se ajuda as caldeiras, ou quando o fogo é de mais; III, a fornalha, e o terno das taxas assentadas sôbre a fornalha, o complexo do apparelho do cozimento do caldo; IV, trançado de cipós servido de varaes para a conducção do bagaço verde da moenda para a bagaceira.

Nota — São estas as accs. vigentes em Pernambuco. M. Soares, 76, além da II e III, consigna mais: *a*) cadeirinha, liteira puxada por dous animaes, um atraz, outro adeante, dentro de varaes, com assento para duas a quatro pessôas e cortinado nas portinholas, — usual em Matto Grosso, Goiaz, Minas, S. Paulo, Serra Cima, do Rio de Janeiro e na India Portugueza; *b*) padiola para carregar terra; *c*) padiola para conduzir cadaveres; *d*) carro da Misericordia que conduz a tumba; *e*) coxo de couro para curtir pelles ou fazer decoada; *f*) canôa de pelle ou couro, — usuaes na Bahia e outras provincias do Norte, sendo o coxo de couro para curtir pelles peculiar a Minas, Goiaz e Matto Grosso. B. Rohan, 14, insere cinco significados, mais ou menos concordantes. Chermont, 11, dá para o

Marajó como — couro de boi espichado, em cujas extremidades se amarram duas varas, e que serve para transportar terra para aterros.

Etym.: para M. Soares, l. c., a feição do voc. é mbunda, *mbanguê*; mas para A. de Carvalho, 37, citando Richard F. Burton, in *The Highlands of the Brazil*, *banghi*, deriva-se, ligeiramente alterado, da palavra hindustanica que designa um meio de transporte similhante a alguns dos citados.

Banguêzeiro: sm.— proprietario de engenho de *banguê*.

Etym.: de *banguê* + *z* euph. + suff. *eiro*, designativo de profissão, habito; é t. de formação recente, em concurrencia com a loc. *senhor de engenho* e por influencia de *usineiro*.

N. ap.

Banguêzista: sm. — o mesmo que *banguêzeiro*.

N. ap.

Banqueiro: sm. — I, o que banca no jôgo chamado dos bichos, e outros de parada; II, substituto do mestre de assucar nos engenhos de *banguê*, que trabalha sob a responsabilidade daquelle.

N. ap. nestas accs.

Banzé de cuia: sm. — barulho, desordem, assuada, discussão.

Nota — Os diccs. dão apenas *banzé*; o determinativo é pernambucanismo.

Baraquim: sm.— arvore da familia das Leguminosas, divisão Mimosacea. Madeira para construcção civil e naval, dormentes, obras expostas e hydraulicas, peças de resistencia, tôrno, esteios, postes, marcenaria e carpintaria.

Etym.: parece t. guar.

N. ap.

Barba-de-bóde : sf. — especie de graminea (*Sporabulus argutus* Nees Kunth.)

Nota — C. de Figueiredo consigna como nome de certa planta cultivada pelos jardineiros *Tragopogon porrifolium*, Linn.) A graminea pernambucana é silvestre e o seu colmo, longo, duro e resistente, é aproveitado para a fabricação de gaiolas de passarinhos.

N. ap. nesta acc.

Barbicacho : sm. — I, laçada feita no cabresto e com que se prende o queixo do cavallo, quando ardego e de difficil govêrno ; II, cordão que, passando sob o mento, segura o chapéo ou boné, ao qual se prendem suas extremidades.

Nota — Romaguera, 30, consigna o t. na II acc. para o Rio Grande do Sul, e assim o recolheu C. de Figueiredo.

Etym. : de *barba*, talvez por intermedio do castelhano, como quer Romaguera, l. c.

N. ap. na I acc.

Barcaça : sf. — especie de embarcação costeira destinada ao transporte de mercadorias, e tendo as velas como as das jangadas.

Ar. geogr. : B. Rohan, 15 ; Pernambuco e outras provincias do Norte.

Barcacinha : sf. — barcaça pequena de dous mastros.

Ar. geogr : A. Camara, 192 ; Alagôas e Pernambuco.

Bargado : adj. — diz-se do animal (equino ou bovino) que tem o ventre branco, no todo ou em parte.

Nota — Chermont, 11, consigna para o Marajó.

Etym. : De *bragado*, por metathese, com alguma transposição de sentido.

N. ap.

Baronêza : sf. — planta aquatica da familia das Nympheaceas.

ABON. : Do *Diario de Pernambuco*, n. 3, de 1912 : « Devido ás chuvas ultimamente caïdas pelo interior do Estado, hontem amanheceu avolumado d'aguas o Capibaribe, no qual se nota a presença de numerosos balsêdos formados das hervas aquaticas usualmente chamadas *baronêzas*. »

N. ap. nesta acc.

Barracão : sm. — estabelecimento para venda de generos de primeira necessidade, mediante dinheiro, ou vales de prestação de serviço. Primitivamente, a necessidade do fornecimento daquelles generos ao pessoal das turmas constructoras das estradas de ferro em logares nada ou pouco habitados, levou os empreiteiros a crear taes estabelecimentos, que, ou tinham por conta propria, ou por prepostos ; actualmente, a designação extende-se aos estabelecimentos similares nos engenhos e usinas.

N. ap. nesta acc.

Barrar : verb. — impedir alguem de realizar algum projecto, contrariar alguem.

NOTA — C. de Figueiredo consigna a loc. *ficar barrado* — saïr-se mal de qualquer proposito ou intento, — mas não dá o verbo em acc. similhante.

Barreiro : sm. — fosso excavado em terreno argiloso para reter e conservar por longo tempo a agua das chuvas, principalmente na região da catinga, onde ella escassêa.

NOTA — M. Soares, 83, dá como peculiar a S. Paulo, Paraná, Matto Grosso e Goiaz, com acc. differente da pernambucana ; C. de Figueiredo não recolheu.

Barriqueiro : sm. — fabricante de barricas para seccos.

ABON. : D'*A Provincia*, n. 93, de 1913 : « . . . a qual se diz desvirginada por José Pereira Rodovalho, homem de uns 24 annos, solteiro, *barriqueiro* e residente . . . »

Etym. : de *barric* (*a*) + suff. *eiro*, designativo de profissão, officio, etc.

N. ap.

Barruma : sf. — verruma.

Nota — Tambem usado em Portugal, Baião, *Rev. Lus.*, vol. XI, 185. E' uma das muitas formas archaicas, que persistem na linguagem popular de Portugal e Brasil.

N. ap.

Bate-bocca : sm. — barulho, discussão.

Syn. : bafafá.

Nota — Chermont, 11, consigna para a Amazonia.

N. ap.

Batité : sm. — variedade de milho, de espiga e grãos pequenos. Tambem chamado *catête* em outros Estados.

Etym : t. guar. *abati*, milho + *eté*, corr. de *etê*, verdadeiro, legitimo.

N. ap.

Batocada : sf. — rombo, perda de dinheiro em negocio, jôgo, etc.; despesa grande feita inesperadamente.

Etym.: de *batoc* (*ar*) + suff. *ada*, designativo de impulso, acção, etc.

N. ap.

Bauá : sm. — nome vulgar de uma ave da familia Icteridæ. — Tambem chamado *Xexeu-bauá*.

N. ap.

Bebe-gaz : sm. — individuo que se demora longo tempo em casa das meretrizes, para conversar apenas.

Syn. : chupa-gaz.

N. ap.

Bebida: sf.— bebedouro, fonte, logar onde bebem agua os animaes, quer domesticos, quer silvestres.

ÀR. GEOGR.: B. Rohan, 6: Pernambuco e outras provincias do Norte.

Bedegvéba: sm.— dono, patrão, chefe, superior hierarchico; nome dado pelos subalternos.

Beiradeiro: sm.— pequeno negociante que commercia quasi exclusivamente com os *cassacos* das linhas ferreas em construcção, accompanhando as turmas em seu *avançamento*.

ETYM.: de *beira*, pela posição de seus estabelecimentos ambulantes á beira, ou margem das linhas.

N. ap.

Bengo: sm.— designação depreciativa de ruas estreitas e tortuosas, caminhos escusos e quasi intransitaveis, estabelecimentos commerciaes de infima ordem, e, em geral, de quaesquer logares pouco ou mal frequentados.

ETYM.: E' nome africano de uma povoação angolense.

N. ap.

Bestar: verb.— estar distrahido, andar sem destino.

ETYM.: de *besta*.

SYN.: *lesar*.

N. ap. nesta acc.

Besteira: sf.— tolice, asneira.

ETYM.: de *besta*.

N. ap. nesta acc.

Bestialogico: I, adj.— asneirento, bombastico; II, sm.— discurso disparatado.

ETYM.: de *besta*.— E' giria de estudantes.

SYN.: bodionico.

N. ap.

Besouro : sm. I — pædicator ; II, estilhaço das rebarbas das brócas, escopros, etc., produzidas pelo percutir dos malhos ou martelos.

N. ap. nestas accs.

Bibóca : sf.— buraco, barróca, excavação feita no terreno pelas enxurradas.

Nota —M. Soares, 92, consigna com esta acc. e mais com a figurada de casinhola de palha, peculiar a S. Paulo; B. Rohan, 17, além destas, dá ainda a de qualquer terreno brenhoso de difficil transito ; Romaguera, 31, regista para o Rio Grande do Sul como barrancos, precipicios, dando para logares cheios de pedras e mattos.

Etym. : t. guar. *yby* terra, chão + *bóca* fenda, abertura, rasgão. — Alt. *babóca*, *bobóca*.

Bicada: sf.— certa porção de aguardente bebida de uma só vez.

Abon. : Do *Jornal Pequeno*, n. 182, de 1911 : « Pela manhã começou Cosme o serviço ; de vez em quando parava-o para ir tomar *bicadas* numa taverna proxima. »

Syn. : bicula, gornópe, etc.

N. ap. nesta acc.

Bicado : adj.— meio ebrio, em principio de embriaguez.

Syn. : riscado.

N. ap. nesta acc.

Bicar : verb.— beber, embriagar-se ligeiramente.

N. ap. nesta acc.

Bicha : sf.— aguardente de canna, cachaça.

Ar. geogr. : B. Rohan, 17, dá como peculiar a Pernambuco e outras provincias do Norte.

Bichão : adj.— valente, disposto ; diz-se do individuo habil para a lucta.

N. ap.

Bicheiro: sm.— individuo que practica o jôgo de bichos; o que banca, o que vende as *poules*, o que joga.

N. ap. nesta acc.

Bicho: sm.— I, cada um dos vinte e cinco animaes em que, por grupo de quatro numeros, se divide o chamado *jogo dos bichos*; II, individuo valente; III, bicho de pé *(Pulex penetrans)*; IV, animal qualquer.

NOTA — Chermont, 13, dá mais algumas accs. peculiares á Amazonia.

N. ap.

Bico: sm.— renda de almofada, ou de outra qualquer especie, que de um dos lados seja orlada de pontas ou recórtes.— *Ponta*, no Rio de Janeiro.

N. ap. nesta acc.

Bicuda: sf. — I, peixe acanthopterygio (*Istiophorus americanus*, Cuv.); II, faca de ponta, punhal.

NOTA — O peixe tinha entre os indigenas o nome *Kuibuçú* (t. guar.— *qui* ponta, bico + *buçú* grande, longo.)

ETYM: de *bic* (*o*) + suff. *udo* = *uda*, designativo de propriedade ou quantidade.

N. ap. na II acc.

Bicula: sf.— certa porção de aguardente bebida de uma só vez.

SYN.: bicada, gornópe.

N. ap.

Bispar: verb.— furtar, surripiar.

ABON.: D'*A Provincia*, n.º 256, de 1912: «... Hontem, cêrca de 10 horas da manhã, na ausencia deste senhor, um desconhecido conseguiu illudir um menor que ficou tomando conta do estabelecimento e *bispou* da gavêta do balcão 22$, em papel e nickel.»

NOTA — Tambem usado em Portugal, Villa Real, *Rev. Lus.*, vol. XI, p. 296.

N. app. nesta acc.

Bita : sf. — instrumento de madeira, terminado nas duas extremidades por pás, da fórma das de padeiro, e que serve para sócar o balastro sob os dormentes das vias-ferreas.

NOTA — C. de Figueiredo consigna com sign. ligeiramente diversa, parecendo referir-se ao malho de fórma especial, empregado para cravar os grampos dos trilhos.

ETYM. : Sendo, em sua grande maioria, os termos de estradas de ferro usados no Brasil, corruptellas populares do inglez, é acertado suppôr se derive *bita* — instrumento de madeira para sócar, — de *beater* — an instrument for pounding. (Webster, *American Dictionary of the English Language*, p. 118). Ha ainda em inglez *beetle*, que significa *pá*, mas a primeira parece mais natural.

Biteiro : sm. — empregado de estrada de ferro, que trabalha com a *bita*, q. v.

ETYM. : de *bit* (*a*) + suff. *eiro*, designativo de profissão, officio, habito, etc.

N. ap.

Bizarrona : sf. — Vide *bujarrona*.

N. ap.

Bobóca : sf. — Vide *bibóca*,

AR. GEOGR. : B. Rohan, 18, dá como usual em Pernambuco e outras provincias do Norte.

Boca-de-sino : sm. — antigo bacamarte de bocca muito larga e cano tronco-conico.

AR. GEOGR. : Pernambuco ao Ceará.

N. ap.

Bóde : sm.— I, pequena caixa de madeira envernizada, geralmente, para guardar dinheiro; II, refeição que os caçadores levam para as caçadas e os cassacos para o serviço.

N. ap. nestas accs.

Bodião : sm.— I, peixe acanthopterygio (*Bodianus Blochii*, Lacep.); II, individuo que profere discursos empolados, pernostico, asneirão.

Etym.: do appellido de um famigerado typo de rua, Fuão Duarte *Bodião*, ou, como era mais conhecido, *Bodião de escama*, que por longos annos fez as delicias dos estudantes da Faculdade de Direito do Recife, com os seus improvisos disparatados e ás vezes espirituosos.

N. ap. na II acc.

Bodionice : sf.— tropo bombastico, tolice, phrase sem sentido.

Etym.: de *bodião*, q. v.
N. ap.

Bodionico : adj.— bombastico, empolado, disparatado, asneirento.

Etym. : de *bodião*, q. v.
Syn.: bestialogico.
N. ap.

Boeiro : sm.— I, chaminé; II, obra d'arte destinada á passagem dos riachos através das estradas, sob aterros, quasi sempre.— Existem de differentes especies, taes como *abertos*, *capeados*, *em arco*, *de testa*, etc. Aos minimos se chamam *drenos*.

Nota — Os diccs. trazem *boeiro* e *bueiro*, mas com accs. diversas e restrictas; a segunda é a fórma mais usual e a exclusivamente empregada na linguagem technica.

Etym.: C. de Figueiredo dá para *bueiro* o etymo latino *bua* — voz de meninos quando querem agua...

(*Magnum Lexicon*, p. 87); está nos parecendo muito infantil...

SYN.: bomba.

Boi : sm.— fluxo catamenial das mulheres.

N. ap. nesta acc.

Bóla : sf.— pequena pelota de assucar refinado em ponto vitreo e envolta em papel.

NOTA — *Bala* nos Estados do Sul; *rebuçado* no Pará e em Portugal.

AR. GEOGR.: B. Rohan, 18, menciona como peculiar a Alagôas, Pernambuco e outras provincias do Norte.

Bolandeira : sf.— machina para descaroçar algodão.

ETYM.: castelhano *volandas*. *volar* = port. *voar* + suff. *eira*.

AR. GEOGR.: Zona algodoeira do Norte.

N. ap. nesta acc.

Bolão : sm.— porção mais ou menos arredondada de qualquer substancia plastica, como barro, massa, etc.

NOTA — Os diccs. consignam como aug. de *bola*, sem mais explicações.

Bolão de angú : sm.— porção de massa de farinha de mandioca cozida ao fogo, de fórma arredondada, que se vende com guizado de carurú.

AR. GEOGR.: B. Rohan, 18, dá como peculiar a Pernambuco.

Bolina : sf.— I, cabo fixo na tésta das velas redondas para levá-las mais á vante, afim de melhor receberem o vento; II, taboa que se colloca entre os *meios* das jangadas e nas bordas das canôas e barcaças a sotavento, afim dellas não rolarem, nem barlaven-

tarem, isto é, descaïrem no rumo; III, individuo que nos bondes e outros logares se achega ás senhoras, lhes pisa os pés, etc.

Nota — A acc. I é castiça e só a conservámos por nos fornecer a etymologia. C. de Figueiredo consigna as duas primeiras, mas define erroneamente a II, por não ter lido com attenção B. Rohan, 19, dizendo mesmo uma heresia nautica. Na III acc. é giria moderna do Rio de Janeiro, de onde o t. se tem irradiado aos outros Estados, já sufficientemente *civilizados* para produzirem degenerados desse typo...

Etym.: Do inglez *bowline* { *bow* = prôa + *line*, cabo, corda; dinamarquez *bugline*, hollandez *boelijn*, francez *bouline*. (Webster, *American Dictionary of the English language*, 156, e Littré, *Dictionnaire de la Langue Française*, 390).

Ar. geogr.: — A. Camara, 193, dá como usado da Bahia até Ceará.

Bolo: sm. — I, grande porção de dinheiro; II, furto que alguem commette de sommas que lhe são confiadas, desfalque.

Nota — Para as accs. acima C. de Figueiredo consigna *bolada*.

Bomba: sf. — cano subterraneo construido nas estradas para passagem das aguas através dellas.

Syn.: boeiro.

Nota — O voc. tem outra acc. no Sul: Romaguera, 36, tubo de metal, (em geral prata) ou de palha, tendo na parte inferior uma especie de ralo; serve para se tomar o matte preparado nas cuias.

Ar. geogr.: B. Rohan, 19: Pernambuco e Parahiba.

Bombear: verb. — I, seguir disfarçadamente uma pessoa, procurando occasião opportuna para fallar-lhe, ou pedir-lhe um obsequio; ageitar; II, espionar, espreitar, vigiar as acções de outrem.

Etym.: de *bombeiro*, hispano-americano, como propõe acertadamente Romaguera, 36, e não de *pombeiro*, como opina B. Rohan, 19.

Ar. geogr.: Pernambuco, na I acc.; Rio Grande do Sul, na II, Romaguera, l. c.

Só ap. na II acc.

Bonécar: verb.— acto da fructificação do milho; brotar das espigas, ou *bonécas*.

N. ap.

Bonécas: sf.— pl.— I, peças de tôrno entre as quaes se colloca a madeira, ou metal a trabalhar; II, espigas de milho em embryão.

N. ap. I acc.

Boquinha: sf. pequena refeição.

Nota — Chermont, 14, para a Amazonia, no sentido de — sonido de beijo; como *beijo* está nos diccs.

N. ap. nesta acc.

Bordalesa.: sf.— barril para vinho de Bordeaux, com capacidade para 225 litros.

Abon.: Edital da Alfandega, no *Diario de Pernambuco*, n. 240, de 1911: «Os rotulos serão escriptos em lingua nacional, e serão applicados: 1) á tinta indelevel, ou ao fogo, nas pipas, *bordalesas*, quartolas, barris, tinas e outros cascos; etc.»

Nota — Littré, *Supplément*, 46, dá *bordelaise* com identica acc., citando o *Tableau annexé à la loi du 13 juin 1866, concernant les usages commerciaux*.

Etym.: de *bordelaise* { Bordeaux.

N. ap.

Bordão: sm.— tensão dada ás redeas para sustentar a andadura do cavallo.— Diz-se — *fazer bordão*.

N. ap. nesta acc.

Bordos: sm. pl.— dous paus dos que compõem a jangada, que estão collocados entre os extremos e os do centro.

AR. GEOGR.: C. Camara, 193: de Bahia ao Ceará.

Borocotó: sm.— terreno desegual, escabroso, cheio de altos e baixos.

NOTA — Alt. *brocotó*, maís usado.

ETYM.: t. guar. *mború* contr. *pororú* = transtornado, atormentado, revôlto, que immerge e emerge, entra e sae + *cotog* = vacillante, vaivem, que sacóde e balança, mexe e remexe, levanta e abaixa, puxa e repuxa. M. Soares, 108.

AR. GEOGR.: M. Soares, l. c., e B. Rohan, 20, dão o voc. para Bahia, Pernambuco, Piauhi e Matto Grosso.

Bota: sf.— cousa de impossivel ou difficil consecução.

N. ap. nesta acc.

Botada: sf.— acto de *botar*, ou iniciar a moagem nos engenhos de assucar e usinas.

ABON.: Do *Matuto*, de Franklin Tavora, p. 63: « O dia da *botada* não tem egual, pelo reboliço que o characteriza, na grande propriedade. »

Botar: verb.— iniciar a moagem nos engenhos de assucar e usinas.

ABON.: Do *Matuto*, de Franklin Tavora, p. 62: « Em toda a vasta zona assucareira da provincia os engenhos começavam a tirar sua safra; o que ficava do outro lado da mata, que sabemos — o engenho Bujari — tinha de *botar* dentro de uma semana. »

NOTA — M. Soares, 105, consigna; C. de Figueiredo não recolheu.

Bóte: sm.— jangadinha que levam os pescadores dentro da jangada grande, quando vão á pescaria das agulhas.

AR. GEOGR.: A. Camara, 194, dá nesta acc. o t. como peculiar a Pernambuco.

Bozó: sm. — I, utensilio usado no jôgo da banca — franceza; I, jôgo de dados; III, barato das casas de tavolagem.

NOTA — C. de Figueiredo dá como brasileirismo do Norte, definindo como — jôgo que se faz com uma bola; copiou de M. Soares, 106, que o distribue á Bahia.

N. ap. nestas accs.

Brabeza: sf. — valentia, ferocidade.

ETYM.: corr. de *bravura*.

N. ap.

Brabo: sm. — I, caibro flexivel que se amarra ás duas extremidades da mesa dos carros de bois, sob o eixo, até que este bem se adapte aos couções; II, valentão, individuo dado a brigas; brigão, sanhudo.

NOTA — M. Soares regista a II, acc., que C. de Figueiredo recolheu.

N. ap. na I.

Branca: sf. — aguardente de canna.

ABON.: *Os Dramas do Recife*, de Côrte-Real, p. 89, « Tambem existiam garrafas com cerveja e com canna: porque dentre os convivas alguns gostavam da *branca*.»

SYN.: branquinha, canna, bicha, etc.

AR. GEOGR.: M. Soares, 107, dá como t. do Ceará, sendo tambem popular no Rio de Janeiro; em *abon.* cita Pernambuco. Pensamos ser t. geral no Brasil.

Branquinha: sf. — Vide *Branca*.

Brécar: verb. — manobrar os freios dos carros nas vias ferreas, para, applicando-os sôbre as rodas, immobilizá-las.

ETYM.: do inglez *brake*.

N. ap.

Brêdo: sm. — namôro, derriço.

N. ap. nesta acc.

Brêdo de porco: sm. — planta herbacea da familia das Nyctagineas (*Boerhavia hirsuta*, Linn.)

NOTA — Tem varios nomes em outros Estados.

N. ap.

Brêdo manjangôme: sm. — Vide *Manjangôme*.

Bréve: sm. — oração reputada milagrosa que, cosida dentro de um pequeno sacco de panno, trazem ao pescoço as pessôas supersticiosas, para que as livre de perigos.

ABON.: *Lourenço*, de Franklin Tavora, p. 119: « Era uma oração prodigiosa, um *bréve*, cosido dentro de um saquinho de setim, e preso a um rosario de contas... »

NOTA — M. Soares, 108, consigna; C. de Figueiredo não recolheu.

Bréque: sm. — freio dos carros das ferro-vias, em geral, accionado á mão.

ETYM.: do inglez *brake* freio (de locomotiva, etc.)

NOTA — M. Soares, 108, dá; C. de Figueiredo não recolheu.

Brequista: sm. — empregado das ferro-vias, a quem incumbe manobrar os freios dos carros.

ETYM.: de *bréque*} *brake* + suff. *ista*, designativo de emprêgo, profissão, etc.

NOTA — Apontado em M. Soares, 108, que abona com uma transcripção do *Jornal do Recife*, de 1884; C. de Figueiredo não consignou.

Briquêto : sm.— Vide *arrocho*.

NOTA — B. Rohan, 20, dá *brinquête*, peculiar ao Ceará ; sob esta fórma recolheu C. de Figueiredo.

Brocar : verb.— cortar preliminarmente as arvores novas e finas em mata que tem de ser derrubada.

NOTA — M. Soares, 109, consigna ; C. de Figueiredo não recolheu.

Brocotó — sm.— Vide *borocotó* — E' mais vulgar esta fórma.

Bronze : sm.— I, peça deste metal, sôbre que trabalha a *manga* dos eixos, afim de evitar o seu rapido desgaste e attenuar o aquecimento ; II, violão.

NOTA — A. d'E. Taunay, 35, consigna na I acc., conquanto restrinja por demais o emprêgo da peça. Nesta mesma acc. é mais usado no pl.

N. ap.

Bróte : sm.— biscoito de farinha de trigo ; bolacha pequena.

N. ap.

Bróziado : adj.— attingido pelo *brózio*, q. v.— Diz-se de madeiras.

N. ap.

Brózio : sm.— phytonose proveniente de uma alteração da seiva, de que decorre a reducção a pó da parte lenhosa do caule das arvores vivas, patenteada por occasião da lavragem ou serragem das mesmas — In M. Boudin (*Cours de Technologie*, 2ª edição, — Gand, 1875, vol. I, p. 220), descreve-se essa phytonose com a denominação de *carie*.

ABON. : Edital da Directoria Geral das Obras Publicas do Estado de Pernambuco n'*O Tempo*, n. 147, de 1913 : « 7º. Todas as peças da cobertura serão de madeira de lei, devendo as demais peças destinadas ao

edificio ser feitas em esquadria, livres de *brózio*, fendas, ou outros quaesquer defeitos ».

Nota — A. Camara, 194, dá como — parte fraca, ou arruinada de um pau, e o attribue á Bahia. — Está nos *Apontamentos sobre a linguagem popular de Baião* (*Rev. Lus.*, vol. XI, p. 187) como qualificativo de madeira. — Gonçalves Vianna recolheu em seus *Vocabularios Ortografico* e *Remissivo*, como adjectivo, sem qualquer definição. Chermont, 15, para a Amazonia, dá como — podridão, carcoma no interior dos troncos das arvores, que só depois de derrubadas e atoradas se pode verificar —, mas escreve *bródio*.

N. ap.

Bruzundanga : sf. Vide — *burundanga*.

N. ap.

Buchada : sf. — alimento preparado do fato e visceras do carneiro ou do bóde.

Etym. : De *bucho*, por ser cozinhado dentro do estomago ou bucho do animal.

N. ap. nesta acc.

Buduna : sf. — I, pau, cacête, II, surra, sóva.

N. ap.

Bujarrona : sf. — papagaio de papel, de fórma polygonal regular ; as hastes prolongam-se além do papel e têm as extremidades ligadas por um cordel com bandeirólas.

N. ap. nesta acc.

Burrama : sf. — porção ou lote de burros.

Abon. : Annuncio d'*A Provincia*, n. 278, de 1912 : « Na feira da Victoria, sabbado, 12 do corrente, acha-se á venda uma grande *burrama* vinda dos sertões da Bahia e Minas ».

Etym. de *burr* (*o*) + suff. *ama*, designativo de collecção.

N. ap.

Burrica : sf. — apparelho para divertimento infantil e que consiste em uma trave horizontal a gyrar sôbre um eixo vertical.

Syn.— jangalamaste.

N. ap. nesta acc.

Burundanga : sf. — trapalhada, confusão, cousa complicada.

N. ap.

C

Cabaú : sm. — mel de tanque nos engenhos de *banguê*.

Nota — B. Rohan, 22, e M. Soares, 119, consignam; C. de Figueiredo não recolheu.

Etym. : t. guar. *caba* marimbondo + *ú*, comida, M. Soares, l. c.

Ar. geogr.: Os auctores citados dão como peculiar a Sergipe; em Pernambuco é antigo e vulgar.

Cabeça de cavallo : sf. — cano de madeira que leva a agua aos cubos da roda dos engenhos *copeiros*.

N. ap.

Cabeça de prego : sf. — pequeno abcésso, espinha.

N. ap.

Cabeçote : sm. — I, parte saliente vertical de cada uma das duas forquilhas que compõem a cangalha, tendo na extremidade uma orla saliente, para que se não escapem as azelhas dos *cambitos* ou *cassuás*; II, parte deanteira superior da sella.

Nota — Chermont, 16, dá ambas as accs., divergindo ligeiramente na I, que diz ser a forquilha deanteira.

N. ap.

Cabelleira : sm.— individuo perverso, criminoso, salteador.

ETYM.: da alcunha de um facinora célebre nos fastos criminaes de Pernambuco. Franklin Tavora escreveu um romance, em que o tomou para protagonista.

N. ap. nesta acc.

Cabóge : sm.— parte dos gomos extremos dos rebolos da canna, que se inutiliza, afim de apressar a germinação dos brotos.

SYN.: vigario.

AR. GEOGR.: zona assucareira do Sul de Pernambuco.

N. ap.

Cabreiro : adj.— esperto, atilado, individuo diligente.

N. ap. nesta acc.

Cabrêma : sf. — corda munida de uma pequena forquilha ou gancho de madeira, que se emprega na amarração da parte deanteira das cargas de cannas transportadas em muares.

ETYM.: parece relacionar-se com *cabramo*, corda que se prende á ponta e ao pé ou mão dos bois, para impedi-los de fugir ou correr.

N. ap.

Cabresteiro : adj.— diz-se do cavallo que, puxado pelo cabresto, accompanha facilmente outro em que monta o conductor.

NOTA— No Rio Grande do Sul, Romaguera, 40, chama-se cabresteador; os diccs. consignam insufficientemente.

Cabrita : sf.— empunhadura da serra braçal. Mais usado no pl. por terem aquellas serras duas empunhaduras.

N. ap. nesta acc.

Cacarécos : sm. pl.— cacos, trastes velhos, imprestaveis, cousa de pouco ou nenhum valor.

ETYM.: M. Soares, 124: de *cac* cac (o) + *r* euph. suff. *eco* pejorativo, pedaço de louça quebrada, frandulagem, trastes velhos e estragados.

Nota — A palavra portugueza correspondente é *cacaréos*.

Syn.: muafos, mucumbagem, quimbembes.

N. ap.

Caçadores : sm. pl. — toletes encavilhados em uma travessa de madeira, fixa nos paus da jangada, na pôpa; são inclinados para fóra e servem para amarrar-se a escota de vela.

Ar. geogr. : A. Camara, 194: Alagôas, Pernambuco e Ceará.

N. ap. nesta acc.

Caça-foice : sm. — individuo rustico, grosseiro; matuto.

Ar. geogr. : recolhido no municipio do Brejo da Madre Deus.

N. ap.

Caçalóra : sf. — vaso com cabo, para cozinhar alimentos.

Etym. : de *caçarola*, por metathese, como *celouras* por *ceroulas*.

Nota — E' curioso o destacar-se a Bahia de todos os outros logares em que se fale portuguez, por darem os seus habitantes ao citado vaso o nome de *caldeirão*.

N. ap.

Caçar : verb. — procurar, buscar, andar a cata de alguma cousa.

Etym. : Menage e Diez presumem o verb. lat. *captiare*, donde *captare*, que no baixo-latim significava *caçar*, M. Soares, 123.

N. ap. nesta acc.

Cachaceira : sf. — logar onde se apara e ajuncta a cachaça, que se tira das caldeiras de assucar.

Nota — O t. foi recolhido por Moraes e está nos diccs.

AR. GEOGR.: B. Rohan, 24, dá como peculiar a Pernambuco.

Cachêcha: adj.— Vide *Caxêxa*.

Cachêtar: verb.— brincar, caçoar, zombar.

N. ap.

Cachimbo: sm.— I, planta herbacea cyperacea (*Trichophorum cachimbo*); II, grande porção de terra de fórma prismatica destacada de uma barranca vertical por dous profundos talhos lateraes, e que nos desaterros se faz abater, solapando-a; III, bebida feita com mel de abelha e aguardente; IV, pars pudenda mulieris; V, pl.— paus curvos que servem para formar a prôa e a pôpa das *canôas de embono* e *barcacinhas*.

NOTA — Taunay, 36, consigna nas duas primeiras accs.; Picanço, 25, na II. A cyperacea é mais conhecida em Pernambuco por *canudo de cachimbo*, por ser para esta parte que é utilizada. Na III e IV accs. não está nos diccs.; na V foi recolhida por A. Camara, 195.

ETYM.: Granada, *Vocabulario Rio-Platense*, 127, e Lenz, *Dicc. Etim.* 156, attribuem ao voc. procedencia africana; M. Soares, 126, precedendo a esses auctores, já affirmava tal origem, fazendo derivar a palavra do mbunda *quixima* — poço, buraco, cousa ôca — o que nos parece acertado.

AR. GEOGR.: I e II, geraes; III e IV, Pernambuco e Estados vizinhos; V, Pernambuco e Alagôas, A. Camara, l. c.

Caçoeira: sf.— rêde de arrastão para pesca em alto mar.

ETYM. de *cação*, nome de um peixe mustelideo (*Squalus mustelus*).

AR. GEOGR.: Pernambuco, Ceará e provavelmente Estados intermedios.

N. ap.

Caçóte: sm. — pequeno sapo.

AR. GEOGR.: De Pernambuco ao Ceará.

N. ap.

Cacular: verb. — Vide *cucular*.

N. ap.

Cacúlo: sm. — Vide *cucúlo*.

N. ap. na acc. pernambucana.

Cacumbú: sm. — resto de machado, ou enxada, foice, faca e cavadeira, gastos pelo uso.

ETYM.: M. Soares, 128: do mbunda *ca*, pref. dim. + *quimbú*, machado.

Está nos diccs., mas com acc. restricta de faca velha.

Caçula: sf. — jôgo que fazem duas pessôas ao pilão, quando sócam o milho, arroz, ou outro genero, batendo alternadamente; o mesmo que *sula*.

ETYM.: M. Soares, 128: mbunda *cuçula* = *caçula* pilar, socar.

Os diccs. registam nesta acc., mas definem parcamente, sem dar a ideia do jôgo.

Cadeia: sf. — cada uma das peças de madeira que prendem as diversas partes da mesa dos carros de bois.

N. ap. nesta acc.

Cafageste: sm. — antiga designação escholar de quem não era estudante; actualmente, individuo ordinario, sem importancia social.

ABON.: D'*A Provincia*, n. 212, de 1912: «Qualquer *cafageste* é hoje *chauffeur* no Recife.»

ETYM.: E', como *futrica*, t. importado de Coimbra, de cuja célebre Universidade, ao serem instal-

lados os cursos juridicos de Olinda e S. Paulo, vieram os primeiros estudantes, e com elles certos habitos, costumes e denominações.

Ar. geogr.: Pernambuco e S. Paulo, *apud* B. Rohan, 25, e M. Soares, 130.

Cafagestre: sm.— O mesmo que *cafageste*.

Nota — M. Soares, 130, dá esta fórma como a usual em Pernambuco; mas, em nossos dias pelo menos, a que predomina é a primeira.

Cafanga: sf.— desdem simulado por aquillo que se deseja; recusa apparente daquillo que é appetecido.

Etym.: t. de origem africana.

Ar. geogr.: B. Rohan, 25, dá como peculiar a Pernambuco.

Cafife: sm.— I, série de contrariedades, persistente falta de exito; II, mal estar, molestia indefinida, que traz desanimo para qualquer serviço; fraqueza de corpo e alma; III, o mesmo que *Nenen-de-gallinha*.

Nota — A acc. I é peculiar a Pernambuco e tambem usada em outros Estados, *apud* M. Soares, 131, e B. Rohan, 25; a II, do Rio de Janeiro e Minas, é aqui consignada por explicar a etym.; a III não ap.

Etym.: do mbunda, *cafife* sarampo, molestia que incommoda sempre, mas raro mata; que amofina, mas sem perigo, M. Soares, l. c.

Cafunar: verb.— impellir a castanha do cajú por meio de um piparóte, em um jôgo infantil, especie de *golf* nacional.

N. ap.

Cafussú: sm.— individuo inutil, sem prestimo, indolente; individuo perverso.

N. ap.

Caga-fogo : sm. — nome commum a varios insectos coleopteros do genero Lampyris : vagalume, pyrilampo.

N. ap.

Caga-sebito : sm. — ave da familia Tyrannidæ (*Phyllomyas brevirostris*, Spix).

Nota — C. de Figueiredo consigna *caga-sebo*, que tambem é usado em Pernambuco.

N. ap.

Caga-sêbo : sm. — I, loja de livros usados, em segunda mão ; o mesmo que *sêbo* ; II, a ave mais conhecida por *caga-sebito*, q. v.

N. ap. I acc.

Cãibro : sm. — um par de qualquer objecto, principalmente duas espigas de milho presas entre si, com a propria palha.

Ar. geogr. : B. Rohan, 26: Pernambuco e Alagôas.

Caiçára : sf. — I, especie de cêrca feita de varas ou ramos, postos horizontalmente ; II, galhada de arvores abatidas, no córte de madeiras ; III, especie de armadilha para attrahir o peixe.

Nota : Chermont, 18, consigna para o Marajó como — cercado de madeira, á margem de um rio ou igarapé navegavel, para embarque de gado ; no continente significa, tambem segundo Chermont, l. c., — cêrca tosca de troncos e galhos, em tôrno de uma roça ou plantação, para impedir a entrada do gado. B. Rohan, 27, dá a I e III accs ; a II é inedita.

Etym. : t. guar. *caá* matto + *içá* estaca, esteio : esteio de mato, estacada, trincheira, tapume, cercado.

Ar. geogr. : B. Rohan, l. c, attribue a Pernambuco; tem, entretanto, maior extensão.

Caíco : sm. — peixe pequeno, sêcco e salgado.

Ar. geogr. : sertões de Pernambuco, Parahiba e Rio Grande do Norte.

N. ap.

Caieira : sf. — fôrno constituido pelos proprios tijolos a cozer.

Nota : C. de Figueiredo consigna como — logar onde se calcina cal.

N. ap. nesta acc.

Caipira : sm. — jôgo de parada, jogado com um dado apenas, entre gente de baixa condição; é uma variante rapida do *jôgo de bichos*.

Abon. — Do *Diario de Pernambuco*, n. 272, de 1907: «... Alli diariamente, e com extranha animação, joga-se desde o *Caipira* até á banca franceza...»

Etym. : — t. guar. *caipira* rustico, roceiro, morador de fóra de povoado, gente que não vive em sociedade culta; comp. de *cái* queimado, tostado + *pir* pelle: o pelle tostada; ou de *caí* envergonhado, tımido + *pir* suff. para formar adjs. (Cp. Th. Sampaio, 118).

N. ap. nesta acc.

Caitetù : sm. — peça principal do apparelho de ralar mandioca, e que consiste em um cylindro de madeira, ao longo do qual se adaptam serrilhas metallicas, com uma das extremidades conformada em roldana de gorne para a passagem da correia, ou corda, que lhe imprime rotação.

Etym. : t. guar. *caitetú* (o *Dicotyles torquatus*, Cuv.) comp. de *tãi* dente + *titú* aguçado, ponteagudo. Segundo B. Rohan, 28, o nome é applicado ao apparelho em razão da roncaria que produz, similhante á que faz o animal, quando o enfurecem.

Ar. geogr. : B. Rohan, l. c., Ceará, Parahiba e Rio Grande do Norte; em Pernambuco o uso do voc. é corrente.

Está nos diccs., sem explicações sufficientes.

Caixa d'agua : sm. — ebrio, individuo que se dá ao vicio da embriaguez.

SYN. : chuva, mamoeiro, pau d'agua.

N. ap.

Caixeiragem: sf. — profissão de caixeiro, ou auxiliar do commercio.

ETYM. : de *caixeir* (*o*) + suff. *agem*, designativo de estado.

N. ap.

Caixeirar : verb. — exercer a profissão de caixeiro, ou auxiliar do commercio.

N. ap.

Calango : sm. — I, especie de lacertilio da familia Iguanidæ; II, musculo do braço, biceps.

NOTA — Quanto á I acc., M. Soares, 136, consigna, mas define como *tejú*, o que não é verdade, porque, pelo menos em Pernambuco e Estados vizinhos, o *calango* e o *tejú* são lagartos perfeitamente distinctos. O dr. Emilio A. Goeldi, nos *Lagartos do Brasil*, in Boletim do Museu Paraense, vol. III, p. 518, tracta do *calango* do Pará (*Tropidurus torquatus*); mas a sua descripção não coincide com a do lacertilio de que tractamos. Chermont, 18, dá para a Amazonia com a acc. antiquada de soldado de policia. C. de Figueiredo recolheu, no *Supplemento*, como especie de lagarto; a acc. II é inedita.

Calangro : sm. — O mesmo que *Calango*, que é mais usual.

Calão : sm. — pedaço de pau roliço, grosso no centro e afinado nas extremidades, nas quaes se suspendem os objectos a transportar ao hombro.

NOTA — Chermont, 18, consigna como — vara curta que se amarra de cada lado da rède de lancear.

ETYM. : De uma citação de M. Soares, 136, se collige que tinham esse nome os vasos, com que na India se

carrega agua. Ora, é commum na India carregarem-se vasos suspensos de uma vara; não é natural suppôr que dos vasos passasse o nome para a vara de suspensão?

N. ap. nesta acc.

Calcáreo : sm. — nome dos vales emittidos em 1895 pela Companhia de Productos Calcáreos de Pernambuco, dos valores de 100 e 200 réis, para circularem no commercio em falta de moeda divisionaria.

Etym. : do nome da companhia emissora.

N. ap. nesta acc.; em desuso.

Calda : sf. — residuo da distillação do alcool, ou aguardente, — Dá-se como alimento ao gado e constitùe excellente adubo.

N. ap. nesta acc.

Callo : sm. — divida que não se pagou, ou que se contráe com a intenção de não se pagar. — *Pregar callos* é não pagar o que se deve, é *callotear*, que está nos diccs.

N. ap. nesta acc.

Calogí : sm. — casa dividida em pequenos compartimentos, que se alugam, mediante diminuta paga, não só para dormida da gente da mais baixa ralé, como para a práctica de immoralidades, e serve de couto a vagabundos, etc.

Nota — B. Rohan, 147, assim define na verba *zungú*, a que se reporta em *calogi*.

Etym. : parece de procedencia africana, como alvitra aquelle auctor.

Ar. geogr. : B. Rohan, l. c., e 28, dá como usual em Pernambuco e Pará; com ralação a este ultimo Estado Chermont não consigna o termo.

Calundú : sm. — mau humôr, capricho nervoso, zanga.

Etym. : t. guar. *acã* cabeça + *nundú* palpitante, latejante : o latejar da cabeça, ter febre. (Cp. B. Caetano, 20 e 310). Este etymo é contestado, aliás com bôas razões,

por B. Rohan, 28, e M. Soares, 138, que se inclinam pela procedencia africana do termo.

AR. GEOGR. : Segundo M. Soares, l. c., Rio de Janeiro e Bahia, Parahiba e Rio Grande do Norte; B. Rohan, l. c., apenas esses dois ultimos Estados, notando, como tambem o faz M. Soares, que ahi occorre sob a forma *lundú*; em Pernambuco sempre ouvimos *calundú*, mais usado no pl. na expressão *estar de calundús*.

Calunga : s2. — I, boneco ou boneca; II, ajudante de carroceiro.

ETYM. : t. mbunda.

NOTA — B. Rohan, 28, consigna, além da I acc., mais como nome de uma planta da familia das Rutaceas, *Simaba ferruginea* e outras, extranhas a Pernambuco.

AR. GEOGR. : Segundo B. Rohan, l. c., as accs., que aponta, são pernambucanas.

A II acc. não está nos diccs.

Camafonge : sm. — I, moleque travesso; II, ente vil; gatuno.

ETYM. : Parece ser de origem africana, B. Rohan, 29,

AR. GEOGR. : O mesmo auctor dá como usual em Pernambuco, Parahiba e Rio Grande do Norte, na I acc., e em Alagôas na II. — M. Soares, 140, tambem consigna.

Camaleões : sm. pl. — elevações successivas de terreno comprehendidas entre sulcos transversaes, praduzidos nas estradas de leito argiloso pelo pisar dos animaes, na estação das chuvas.

ETYM. : de *camalhão*, por intercurrencia de *camaleão*, o lacertilio *Iguana tuberculata*, que C. de Figueiredo dá como — lagarto fabuloso, que mudava de côr segundo a variedade dos objectos que o rodeavam, — inadvertencia pasmosa que, felizmente, corrigiu no *Supplemento* do seu diccionario.

AR. GEOGR.: B. Rohan, 29, e M. Soares, 140, consignam como usual em Pernambuco e Alagôas, mas

ambos esses auctores definem o t. com transposição de sentido.

Camarinha: sf. — aposento, quarto de dormir.

Etym.: de *camar* (*a*) port., antiquado no Brasil, quarto de dormir + suff. *inha* dim., M. Soares, 141.

Ar. geogr.: segundo o mesmo auctor, usual nas provincias do Norte.

C. de Figueiredo recolheu no *Supplemento*, mas, lendo sem attenção M. Soares, accrescentou como acc. differente o que aquelle deu como abonação...

Cambado: adj. — diz-se do individuo atacado pelo bicho de pé (*Pulex penetrans*).

N. ap. nesta acc.

Cambembe: sm. — trabalhador que não era escravo, e se contractava para prestar serviços nos engenhos mediante salario.

Nota — O t. caïu em desuso, depois da abolição da escravatura. M. Soares, 141, consigna com três accs. differentes da que apontamos: 1ª, cambaio, torto das pernas; 2ª, esturdio, mal amanhado; 3ª o sino, que ás 10 horas da noite toca a recolher, esta ultima peculiar ao Cabo-Frio (Estado do Rio).

Etym.: parece de origem africana, quiçá mbunda.

N. ap. nesta acc.

Cambitar: verb. — carregar nos *cambitos*, em costa de animaes, cannas, lenha, capim, etc.

Etym.: de *cambit* (*o*) q. v. + suff. verbal *ar*.

N. ap.

Cambiteira: sf. — locomotiva da estrada de ferro geral, que conduz trens de cannas para as *usinas* particulares.

N. ap.

Cambiteiro: sm. — individuo empregado para transportar, em costa de animaes, cannas, lenha, capim, etc, em *cambitos*.

Abon.: Do *Jornal Pequeno*, n. 107, de 1913: « A policia do municipio do Cabo continúa em diligencias para fazer luz sôbre o crime occorrido em a madrugada de domingo ultimo, em terras da *Usina Trapiche*, do citado municipio, e do qual foi victima o *cambiteiro* daquella usina, Antonio Herculano. »

Etym.: de *cambit* (*o*) q. v. + suff. *eiro*, designativo de profissão, habito, etc.

N. ap.

Cambito: sm. — forquilha de pau para o transporte, em costa de animaes, de canna, lenha, capim, etc.

Nota — M. Soares, 142, dá como — pernil de porco, derivando do italiano *gambetta*, dim. de *gamba* perna, e usual em S. Paulo; Chermont, 19, consigna como especie de cabide para guardar esteiras, cordas de laçar ou outro qualquer objecto, e peculiar a Marajó.

Etym.: t. guar. *acambi*, forquilha, cousa de duas pernas.

Ar. geogr.: Provavelmente, de toda a zona do norte productora de canna; na Bahia é menos certo, por não ser lá usual amarrar a canna em feixes.

N. ap.

Cambôa: sf. — esteiro que enche com o fluxo do mar e fica em sêcco com o refluxo; *gambôa* em outros Estados.

Ar. geogr.: B. Rohan, 29, dá como peculiar a Pernambuco, advertindo que em Portugal tambem assim se chama.

Cambóta: sf. — parte circular da roda dos carros, onde se prendem os raios e sôbre a qual é fixado o aro.

Nota — C. de Figueiredo dá em acc. differente; Taunay, 37, e Picanço, 23, mencionam nesta acc.

Cambronne: s. m. — latrina, logar apropriado ao deposito de materias fecaes; W. C.

ETYM. : do nome do engenheiro francez Charles Louis *Cambronne*, que foi o installador do systema de canalização de materias fecaes em Pernambuco (Cp. A. de Carvalho, 18).

SYN. : apparelho.

N. ap.

Camumbembe : sm. — vadio, mendigo, individuo que pertence á ralé do povo.

ETYM.: parece t. africano, talvez mbunda.

AR. GEOGR : Pernambuco, B. Rohan, 30.

Cana (*do braço*) : sf. — cada um dos dous ossos *cubitus* e *radius*, que formam o ante-braço.

ETYM. : Certamente, por intercurrencia de *encanar* os mesmos ossos, ou os da perna, quando fracturados.

N. ap. nesta acc.

Canhengue : adj. — sovina, avarento.

ETYM. : Provavelmente do mbunda *kinjenje*, avaro. (Cp. Pereira do Nascimento : *Diccionario Português — Kimbundu*, 13.)

Canôa-de-embono : sf. — grande canôa, feita de muitos paus e com cavernas, na qual servem de fórma as duas bandas de uma canôa, serradas pela quilha, e armada com duas velas triangulares. Tem no costado de um e outro lado paus de jangada, ou de outra madeira leve, para aguentá-la melhor no mar, e são esses os embonos, de que tiram ellas o nome. (Cp. A. Camara, 196).

AR. GEOGR. : Pernambuco, conforme o auctor citado.
N. ap.

Canna : sf. — I, aguardente de canna, cachaça ; II, embriaguez.

SYN : branca, branquinha, sinh'anninha.

N. ap. nesta acc.

Cantante : s2. — I, meliante, malandro, patife, o que passa

conto do vigario; II, tractamento que se dá a um individuo qualquer.

Abon.: *Do Jornal Pequeno*, n. 251, de 1912: « Depois de percorrer Séca e Méca, o meliante foi ter á taberna n. 124, á rua da Concordia. No balcão estava um menor inexperiente que, logo ás primeiras palavras do *cantante*, caíu... »

N. ap.

Cantiplóra: sf. — I, sorveteira de folha de Flandres, movida á mão; II, chapéo alto.

Syn.: bacorinha, I, cartola na II acc.

N. ap. nestas accs.

Cão: sm. — demonio, diabo.

Syn.: capirôto, fute.

N. ap. nesta acc.

Capação: sf. — I, acto de castrar os animaes; II, epocha em que se procede a essa operação nas fazendas de criação.

Nota — No Rio Grande do Sul, Romaguera, 44, tambem se diz *capa*.

Ar. geogr.: Pernambuco, Rio Grande do Sul; provavelmente nos outros Estados criadores.

N. ap. nesta acc.

Capadinho: sm. — designação pejorativa de qualquer compendio escholar, ou de qualquer livro de pequeno volume.

Nota — O nome foi outorgado antigamente por estudantes ao opusculo *Memento das Questões Philosophicas*, de auctoria anonyma, mas attribuida geralmente ao dr. Antonio Herculano de Sousa Bandeira, professor de Philosophia no curso de preparatorios da Faculdade de Direito do Recife, e traductor ostensivo das *Questões Philosophicas* de A. Charma, das quaes era aquelle um resumo, pelo methodo de perguntas e respostas. A 2ª edição do *Memento*, unica que conhecemos, foi publicada em 1857,

pelo livreiro J. Nogueira de Sousa, com loja de livros á rua do Crespo, n. 2, Recife. Posto fóra da circulação o livro, por mudança de programma, ou motivo outro, ficou a designação que ainda presiste na giria escholar, e que por isso recolhemos.

N. ap.

Capão: sm. — porção de matto isolado no meio do campo.

Etym.: t. guar. *caá* matto + *paún* isolado, o que está no meio; ou *caá* matto + *apuã* redondo. Preferivel é a primeira.

Ar. geogr.: E' termo geral.

Capeamento: sm. — parte superior de um muro e dos boeiros capeados.

Nota — Picanço, 24, e Taunay, 37, consignam.

Capim de planta: sm.— planta forrageira de familia das Gramінaceas (*Panicum numidianum*, Lam.).

Nota: E' forragem bôa, nutritiva e estimada por todo o gado; serve apenas para córte e não para pasto, por ser muito sensivel. E' conhecida pelo nome de *capim da Colonia* no Pará; na Europa por *capim do Pará*, *Pará-grass* e *Herbe de Pará*. O dr. J. Huber (Boletim do Museu Goeldi, vol. V, p. 112) diz: « A questão de sua proveniencia ainda não me parece bem elucidada. Parece, portanto, que o nome de capim da Colonia, empregado geralmente no Pará, pugna em favor da hypothese de uma importação da Africa». De qualquer modo que se resolva a questão, o que é fóra de duvida é ser elle encontrado em estado silvestre em Pernambuco e outros Estados.

N. ap.

Capiongo: adj. — I, triste, macambuzio; II, diz-se do individuo, que tem defeito em uma das vistas.

N. ap.

Capirôto : sm. — Vide *cão.*

Capitão : sm. — tombo que se dá nas pedras para conduzi-las, fazendo-as gyrar em tôrno da menor dimensão. — Cp. *Vira.*

N. ap. nesta acc.

Capueira : sf. — matto que foi cortado, ou destruido ; matto virgem que já não é, que foi botado abaixo e em seu logar nasceu matto fino, miúdo, raso.

Etym.: t. guar.: *caá* matto + *puêra*, suff. do preterito nominal : que foi e já não é.

Ar. geogr.: Termo geral.

Capueirão : sm. — capueira bastante grossa.

Nota — Em Pernambuco, quando esse accidente floristico ostenta o porte de verdadeira matta, differindo apenas pela natureza das essencias, dá-se o nome de *capueirão de machado.*

Ar. geogr.: Termo geral.

Cara-de-assucar : sf. — prisma de assucar branco em rama, com fórmas mais ou menos artisticas, sendo as mais communs as cylindrica e parallelipipedica, e que os senhores de engenho enviam como presente aos amigos.

Nota — Os pequenos lavradores fazem a *cara-de-assucar* para o guardar, por ser sob essa fórma que melhor resiste á humidade atmospherica ; para a sua conservação por mais longo tempo costumam collocá-lo no fumeiro, envolvido em palha. Todos esses cuidados são motivados pela crença em que estão os matutos, de que somente o assucar em rama pode servir para os seus medicamentos caseiros.

Ar. geogr. : Zona assucareira nortista.

N. ap.

Cara-dura : s 2. — I, cynico, sem vergonha ; individuo de modos desembaraçados ; II, palito phosphorico, cuja cabeça é

formada por um producto pyrotechnico similhante ao fogo de bengala.

Abon. I: Uma antiga marca de cigarros da fabrica *A Moreninha*, do Recife, intitulados *Cara-dura*, continha uma vinhêta que representava um individuo com o chapéo alto na mão, em acção de cumprimentar, com a seguinte quadra collocada ao lado:

« Assim vive muita gente,
Assim passa por honrado...
Cara-dura no presente,
Sem vergonha no passado».

Abon. II: D'*A Provincia*, n. 180, de 1913: Deixei-o meu empregado Manfredo Farias, recommendei-lhe que encaixotasse uns pacótes de *cara-dura*, visto como não é mais epocha para venderem-se fogos.»

N. ap.

Caradurismo: sm. — cynismo, falta de vergonha; por analogia o opposto a acanhamento, desembaraço.

Etym.: De *cara-dura*, q. v.
N. ap.

Caranguêjo: sm. — machina usada na fabrica de phosphoros da Torre, Recife, para enchimento automatico das caixas.

N. ap. nesta acc.

Caraúna: sf. — ave da familia Icteridæ. (*Aaptus chopi*, Vieillot).

Etym.: t. guar. de *guirá* ave + *úna* negra.

Ar. geogr.: B. Rohan, 49, dá como peculiar a Pernambuco.

Carcamano: sm. — designação depreciativa dos Italianos.

Abon.: De M. Soares, 136, á verba *calabrez*: «Per loro il popolano d'Italia, principalmente delle provinzie meridionale, chi sà per quanto tempo ancora, restarà un

povero afamato, un *carcamano*, un ex-brigante calabrese.»

NOTA — C. de Figueiredo dá no *Supplemento* como t. da Figueira da Foz, com sign. de rapazola, garoto.

AR. GEOGR.: Parece t. geral, apesar de não estar nos diccs.

Cariaponga: sf. — ave da familia Caprimulgidæ. (*Caprimulgus ocellatus*, Tsch.)

N. ap.

Carimã: sf. — massa de mandióca molle reduzida a bolos seccos ao sol.

ETYM.: t. guar. *cañarîmã*, mandióca secca, contr. de *mandiog ag-iri pab-óc-agiripab = cagiripab = cañiribá?* (Cp. B. Caetano, 67).

NOTA — Chermont, 22, consigna em duas accs: 1ª, farinha sêcca muito fina; 2ª pellagem dos bovinos composta de dous pellos: branco e laranjo e constituida por um fundo branco com salpicos laranjos, ou vice-versa, ambas peculiares ao Marajó.

AR. GEOGR.: Termo geral.

Caritó: sm. — I, casinhola, habitação de gente pobre; II, especie de gaiola em que se prendem os caranguejos de Fernando; II, viveiro para a engorda dos guaiamuns.

NOTA — B. Rohan, 38, menciona as duas primeiras accs., dando a I a Pernambuco e a II á ilha de Fernando de Noronha; a III é inedita e quiçá uma extensão daquella no continente.

Carne do Ceará: sf. — carne salgada e sêcca.

NOTA — Em outros tempos a carne sêcca dada a consumo em Pernambuco provinha quasi exclusivamente da provincia do Ceará, commercio hoje de todo extincto; o nome, entretanto, continúa em uso para designar a

carne de charque importada do Rio Grande do Sul e Republicas platinas. B. Rohan, 38, refere-se a essa denominação, reportando-se a *charque*.

N. ap.

Carne do sertão: sf. — carne ligeiramente salgada e sêcca ao sol, usada em todo o interior da zona norte-oriental, e mesmo nas proximas do Norte, Sul e Oéste.

NOTA — B. Rohan, 38, consigna, confundindo-a com o charque, de que muito differe. Chermont, 23, assim descreve o processo de sua preparação: « Retalhada a carne de uma matolotagem em finas mantas, é polvilhada com mui pouco sal e posta no tendal, ao sol. Escurece, sécca, adquire um aroma especial agradavel e conserva-se por bastante tempo.» Em todos os Estados, em que essa carne é preparada, o processo, na essencia, é o mesmo.

SYN.: carne de sol, carne de vento.

N. ap.

Carne de sol: sf. — Vide *carne do sertão*.

N. ap.

Carne de vento: sf. — Vide *carne do sertão*.

N. ap.

Carnegão: sm. — parte purulenta e endurecida de certos tumores ou furunculos; carnicão.

ETYM.: de *carne*.

NOTA — Está no *Diccionario Portuguez e Francez* de Fonseca e Roquette; C. de Figueiredo não recolheu.

Carona: sf. — I, manta de couro acolchoada e com bolsos, que se colloca sôbre a sella; II, peça dos arreios formada de um ou dous pedaços quadrangulares, de couro crú ou curtido, que se colloca em cima do xergão e abaixo do lombilho (Romaguera, 47); III, falha de uma pretenção qualquer, e diz-se neste caso — levar *carona*.

ETYM.: segundo B. Rohan, 38, é de origem castelhana.

NOTA — B. Rohan, l. c., consigna as duas primeiras accs.; C. de Figueiredo apenas a II; a III não ap.

AR. GEOGR.: I e III, Estados do Norte; II, Rio Grande do Sul.

Carrasco: sm. — certa qualidade de vegetação rala e baixa, denotadora de terreno esteril.

AR. GEOGR.: B. Rohan, 39, dá para o Sul; entretanto, é usado tambem no interior de Pernambuco.

Carregação: sf. — I, doença de olhos que grassa epidemicamente; II, irrupção simultanea de varias doenças venereas.

N. ap. nestas accs.

Carrêgo: sm. — infecção syphilitica de character polymorpho.

SYN.: carregação II.

N. ap.

Cartola: sf. — chapéo alto.

SYN.: bacorinha I.

N. ap.

Caruára: sf. — especie de paralysia que affecta as articulações dos bezerros e outros animaes recemnascidos.

NOTA — No Pará, ou mais geralmente na Amazonia, o voc. tem outras accs., como, segundo J. Verissimo, *Scenas da Vida Amazonica*, 40: 1º, dôr rheumatica, dôr articular; 2º, quebranto, mau olhado, molestia motivada por feitiços, mal estar, indisposição physica, achaque; B. Rohan, 39, recolheu essas accs.; Chermont, 23, por termos similhantes, as consigna tambem. C. de Figueiredo restringiu os signs. á — dôr rheumatica, mau olhado, achaque; a acc., aqui apontada, aliás constante de B. Rohan, l. c., passou despercebida a esse diccionarista.

ETYM.: A etym. deste voc., incontestavelmente t. guar., é tão complexa quanto as suas significações. Na litteratura, a começar por Ives d'Evreux, citado por B. Rohan, encontra-se *karuare*, traduzido em francez por *goutte*; em Montoya: *Vocabulario y Tesoro*, 93, está *carúguar*, com o sign. de *dolores, bubas;* o *Diccionario Portuguez, e Braziliano*, 26, traduz *caruára* por *corrimentos*; P. Restivo: *Vocabulario de la lengua guarany*, 317, traz *mal de gota* com a traducção de *chepo carugua*; Martius: *Glossaria*, 38, dá *caruára* por *corrimento*; J. Platzmann: *Das Anonyme Wörterbuch*, 36, consigna o nome com os signs. de *fluxo corporeo, evacuação de diversas especies*; B. Caetano, 70, dá *caruguar carúar*, boubas, sarna (o que come); J. Verissimo, l. c., diz que lhe parece derivar-se a palavra da raiz não de todo decifrada *kara*, e a desinencia *guára, uára, ára*, que tem muitas significações, e com a qual ora adjectivam, ora substantivam os verbos; Th. Sampaio, 121, finalmente, insere o voc., com os signs. de *comichão, sarna, boubas*.

Do exposto se conclue que o nome comporta tres entidades morbidas dissimilhantes: uma affecção cutanea, um ingurgitamento das articulações e uma fluxão dos orgãos excretores. Convem ao sign., que aponctamos, o etymo de gota, ou rheumatismo, quer seja espontanea, devida a uma causa ainda não determinada, quer a um traumatismo, como affirmam os vaqueiros.

AR. GEOGR.: parece t. geral.

Casaca de Couro: sm. — ave da familia Mimidæ (*Donacobius atricapillus*, Linn.)

AR. GEOGR.: Goeldi, *Aves*, 259, menciona esse nome como peculiar a Pernambuco.

N. ap.

Cassaco: sm. — I, nome vulgar de um marsupio do genero Di-

delphys; II, trabalhador de estradas de ferro, *usinas*, e engenhos de assucar; III, servente de padaria.

Nota — B. Rohan, 40, consigna a acc. I como usual em Pernambuco; as demais não estão nos diccs.

Cassuá: sm. — cesto oblongo grande, feito de cipós rijos, com azelhas para prendê-lo ás cangalhas; serve para o transporte de generos, cereaes, etc.

Etym.: parece t. guar.

Ar. geogr.: E' termo geral de Alagôas ao Rio Grande do Norte, B. Rohan, 40; no Ceará tambem se usa, quiçá no Piauhi, abrangendo assim toda a zona Norte-oriental.

Castello: sm. — residencia de rapazes solteiros, que apenas della se servem para pernoitar.

Abon.: Do *Jornal Pequeno*, n. 180, de 1911: «Embora isto acontecesse, não deixou, porém, o rapaz de pernoitar, como dantes, com os caixeiros do citado estabelecimento (Armazem Abrantes) num *castello* sito á rua de S. Jorge, n. 6.»

N. ap. nesta acc.

Catabi: sm. — solavanco ou choque experimentado pelos automoveis, produzido por irregularidades das vias. — E' t. usado pelos motoristas.

N. ap.

Catatáu: sm. — falatorio, discussão, mexerico.

Nota — C. de Figueiredo consigna como provincialismo transmontano, definindo como — besta grande e velha; por extensão, pessoa velha e magra; familiarmente, castigo, pancada. — A acc. pernambucana não está nos diccs.

Catimbáu: sm.— práctica de feitiçaria ou espiritismo grosseiro.

Etym. : Lenz, *Dicc. Etim.*, 183, dá como provavel a origem quechua, de *katimpuy* — « seguir uno que debia haberse quedado atras » ; mas não julga impossivel que a voz se haja ouvido primitivamente aos negros e seja de origem africana ; aliás, já Zorobabel Rodriguez, *Diccionario de Chilenismos*, 311, lhe attribue essa ultima procedencia.

Ar. geogr.: o t. parece geral no Chile e no Brasil ; mas a acc. aqui apontada, e que não está nos diccs., é privativa de Pernambuco, onde tambem mais espalhadamente se usa *catimbó*.

Catimbauseiro : sm. — individuo dado á practica de feitiçaria, ou espiritismo grosseiro.

Etym. : de *catimbáu* + suff. *eiro*, designativo de profissão, habito, etc.

N. ap.

Catimbó : sm.— Vide *catimbáu*.

N. ap.

Catimboseiro : sm. — Vide *catimbauseiro*.

N. ap.

Catinga : sf. — a região denominada *Hamadryades*, na *Tabula Geographica Brasiliæ*, de Martius, characterizada pelas florestas de arvores de pequeno porte, de folhas frageis, e que abrange o Norte do Brasil, a partir do valle superior do rio S. Francisco, ainda pertencente a Minas Geraes, grande parte da Bahia, Pernambuco, Alagôas, Parahiba, Rio Grande do Norte, Ceará, Piauhi, a parte norte de Goiaz e a sul do Maranhão. — Em Pernambuco é particularmente a zona comprehendida entre o *agreste* e o sertão, isto é, a do primeiro dos planaltos, que se succedem, a partir da costa.

Etym. : t. guar. *caá* mato + *tinga*, branco, esbranquiçado.

Ar. geogr. : termo geral.

Catis: sm. — designação insultuosa que os italianos engraxadores e mascates se dão entre si.

Etym.: é palavra obscena do dialecto napolitano, relacionada ao italiano *cazzo*.

N. ap.

Catita: sm. — pequeno rato domestico (*Drymomys musculus*, Natt.)

Nota — Em outros Estados, *Camondongo*, *Morganho*, *Ratinho*; em Pernambuco tambem se chama *Rato catita*.

Ar. geogr.: B. Rohan, 43, Pernambuco, Parahiba, Rio Grande do Norte.

N. ap. nesta acc.

Catôta: sf. — secreção nasal deseccada.

Syn.: meléca.

N. ap. nesta acc.

Catraca: sf. — instrumento a que se adapta uma bróca para furar chapas de metal. — Corresponde ao arco de púa na marcenaria.

Nota — Picanço, 24, e Taunay, 38, consignam.

Etym.: o nome é onomatopaico, do ruido que produz quando posto em movimento o apparelho.

Ar. geogr.: termo geral.

N. ap.

Catrapoço: sm. — cousa inutil, imprestavel.

N. ap.

Catrevage: sf. — I, restos de materiaes de construcção e de utensilios; II, collecção de quaesquer objectos.

Etym.: parece relacionar-se com *caterva*.

N. ap.

Cavallo-do-cão: sm.— libelula da familia Mirmelcontidæ (*Mirmeleon formicarium*).

N. ap.

Caxexa: adj.— pequeno, enfesado, rachitico; emprega-se para qualificar tanto pessôas, como animaes.— Melhor que *cachêcha*.

N. ap.

Caxixi: sf.— aguardente ordinaria de 14 a 18° (Cartier).

Ar. geogr.: B. Rohan, 44, dá como usual em Pernambuco e outras provincias do Norte, de Alagôas ao Ceará.

Cayanna: s. f.— variedade de canna de assucar, muito rica em saccharóse.

Etym.: de *Cayenne*, de onde é originaria.

Ar. geogr.: zona assucareira do Norte.

N. ap.

Cazuza: sm.— especie de vespideo solitario, temido pela sua terrivel ferroada.— Tambem chamado *Cazuzinha*.

N. ap.

Cazuzinha: sm.— Vide *Cazuza*.

N. ap.

Celouras: sf. pl.— peça do vestuario masculino.

Etym.: metathese phonetica de *ceroulas*.

Nota — Tambem usado em Portugal, Villa Real, (*Rev. Lus.*, vol. XI, 280).

N. ap.

Cêpo: sm.— I, peça do *bréque* que se applica directamente contra as rodas; II, peça de madeira em que se fixa o ferro da

plaina, ou de qualquer outro instrumento a ella similhante, taes como desbastador, guilherme, garlopa, etc.

Nota — Taunay, 39, consigna na I acc.; C. de Figueiredo dá a II, mas define mal.

Céva: sf. — espesso caldo d'agua e barro de purgar, que se põe immediatamente sobre o *têsto*, na fabricação do assucar em engenho de *banguê*.

N. ap. nesta acc.

Cevar: verb. — chegar as raizes da mandioca ao *caitetú*, afim de reduzi-las á massa, de que se faz a farinha.

Nota — Romaguera, 51, dá para o Rio Grande do Sul como — encher e distribuir as *cuias de mate* entre as pessoas que o bebem.

Etym.: C. de Figueiredo, seguindo as pegádas de B. Rohan, 131, consigna, graphando *sevar*, e alvitra, de accôrdo com esse auctor, o etymo de *sóvar* — amassar. E' manifesto o engano: *cevar* (com *c*) tem sentido castiço de *alimentar*; de resto — alimentar uma machina — é expressão consagrada, quer se tracte de fornecer a energia, quer a substancia a transformar.

N. ap. com a graphia correcta.

Chamêgo: sm. — I, excitação para actos libidinosos; II, namôro; III, qualquer acto que denote pressa, ou açodamento.

N. ap.

Charuto: sm. — I, bebida feita de mel de abelha e vinho; II, designação pejorativa dos negros.

N. ap. nesta acc.

Chavascada: sf. — pancada, bordoada, chicotada.

N. ap.

Chéchéu: sm. — Vide *xexéu*.

Cheicheiro : sm. — individuo que não paga as meretrizes ; por extensão, caloteiro, o mesmo que *seixeiro*.

Etym.: corr. de *seixo*, q. v.

N. ap.

Cheicho : sm. — acto de não pagar as meretrizes, enganando-as ; calote.

Etym ; corr. de *seixo*, q. v.

N. ap.

Chifre-de-cabra : sm. — I, usurario, avarento, forrêta ; II, individuo sem prestimo.

N. ap.

Chimbúte : sm. — individuo baixo de estatura e barrigudo ; o mesmo que *ximbúte*.

N. ap.

Chiqueiro : sm. — I, pequeno curral para criar ou engordar porcos ; II, o segundo dos compartimentos de um curral de pescaria, de onde não póde mais saïr o peixe que lá entrou ; III, tapagem que se faz em um riacho para impedir que por elle desça o peixe tinguijado.

Nota — B. Rohan, 47, consigna as II e III accs ; Chermont, 26, dá as I e II.

Ar. geogr.: segundo B. Rohan, l. c., Pernambuco, Parahiba e Rio Grande do Norte ; segundo Chermont, Amazonia.

Chocar : verb. — ter medo, acobardar-se, fugir á lucta.

Etym.: de *chôco*.

N. ap. nesta acc.

Christo : sm. — paciente, victima de qualquer cousa desagradavel ; muito usado na locução — ser christo, correspondente a — ser quem paga as favas. . .

NOTA — Romaguera, 57, consigna na mesma acc. para o Rio Grande do Sul.

AR. GEOGR. : parece t. geral.

N. ap.

Chumberga : s.f.— Vide *xumberga*.

N. ap.

Chumbergar : verb.— Vide *xumbergar*.

N. ap.

Chupa-gaz : sm.— Vide *bebe-gaz*.

N. ap.

Chupar : verb.— ingerir bebidas alcoolicas e outras; embriagar-se.

SYN.: roêr, xumbergar.

N. ap. nesta acc.

Chuva : sf. — I, embriaguez, bebedeira; II, sm.— individuo que se embriaga, ebrio habitual.

SYN.: II — mamoeiro, pé de canna.

N. ap. nesta acc.

Chuvisco : sm.— crivo por onde cáe a agua canalizada nos banheiros.— Diz-se banho de *chuvisco*.

NOTA — No Rio de Janeiro chamam-lhe *chuveiro*.

ETYM.: de *chuv* (*a*) + suff. *isco*, de diminuição.

N. ap. nesta acc.

Cinto : sm.— especie de bolsa comprida e estreita, feita de tecido de malha com fios de algodão, que os viajantes atam á cintura, ora por cima e ora por baixo da roupa, e a tiracollo algumas vezes; serve para conducção de dinheiro.

AR. GEOGR.: B. Rohan, 48, dá como usual em Pernambuco, Parahiba e Rio Grande do Norte.

Ciscador: sm.— instrumento de ferro com cabo comprido de madeira, para junctar detritos vegetaes e outros, nas ruas, jardins, parques, quintaes, etc.; ancinho.

N. ap.

Ciscar : verb.— I, junctar com o ciscador folhas seccas e outros detritos; II, açular, incitar (cães) a morder.

NOTA — Na I acc. está insufficientemente definido; a II é inedita.

Cócó ; sm.— especie de penteado feminino, que consiste em enrodilhar de certo modo os cabellos no alto da cabeça.

NOTA — Esse toucado é o que os Francêzes chamam *chignon*, que não tem equivalente em portuguez.

N. ap.

Côco : sm.— I, vasilha feita do endocarpio do côco (*Cocos nucifera*, Linn.) ao qual se embebe, perto da bocca, um cabo torneado; por extensão, a vasilha de folha de Flandres ou outra qualquer materia, que tem, como a primeira, a serventia de tirar a agua nos potes e jarras; II. especie de dança popular.

NOTA — Na I acc. está em B. Rohan, 49; a II não ap.

Côcô : sm.— excremento.

ETYM. : é voz infantil.

N. ap.

Cocório : adj.— caviloso, fingido, falso.

N. ap.

Coivára : sf.— amontoado de ramos que se faz nas roças para tocar fogo e limpar o terreno.

ETYM. : t.guar. *co-ybá*, o matto secco, os gravetos da roça, os galhos, a galharada da roça (Cf. B. Caetano, 75).

Nota— Chermont, 32, consigna para a Amazonia, escrevendo *cuivara*.

Ar. geogr. : é t. geral.

Coivarar : verb.— Vide *encoivarar*.

Comboia : sf.— cesto grande, servido de varaes, para o transporte de bagaço verde nos engenhos de *banguê*.

Etym, : de *comboiar*, conduzir.

N. ap.

Come-longe : sm.— individuo que tem o habito de comer terra, geophago.

N. ap.

Comer-gerumba : loc.— supportar trabalhos pesados, curtir desapontamentos, forçado pelas conveniencias, ou pela necessidade, e analogos estados d'alma.

N. ap.

Communa : sf. — sucia, grupo de individuos que habitualmente se congregam para pandegas, ou para desordens, etc.

Syn. : regencia, negrada.

N. ap. nesta acc.

Comportas : sf. pl. — artificio de que se serve um pretendente para insinuar-se, para captar a confiança daquelle a quem se dirige ; labia.

Ar. geogr. : B. Rohan, 50, dá como usual na Bahia e Pernambuco ; neste ultimo parece estar caïndo em desuso.

Concriz : sm. — ave da familia Icteridae (*Xanthornus jamacai*, Gmélin).

Nota — Tambem chamado *Corrupião*, *Sofrê*, *João Pinto* em outros Estados.

N. ap.

Conducta : sf. — parte anterior das caldeiras das locomotivas, onde termina a tubulação e de onde parte a chaminé.

Nota — O termo technico é *Caixa de fumaça*, traducção litteral do francez *boîte à fumée*, ou do inglez *smoke-box*.

N. ap. nesta acc.

Confronte : adv. — defronte, em face, em frente.

Abon. : do *Jornal Pequeno*, n. 225, de 1912: «Hontem, no trem das 10 $^1/_2$ da noite para Olinda, quando o comboio passava *confronte* ao edificio da nova Faculdade de Direito, etc».

N. ap.

Conga : sf. — premio a que tem direito o proprietario da casa de farinha pelo producto de outrem alli fabricado, na razão de meia cuia por cada prensa.

Etym. : parece t. de origem africana.

N. ap.

Conquibus : sm. — dinheiro.

Etym.: do ablativo latino *cum quibus* — com os quaes — provavelmente por intercurrencia graciosa da expressão — com que se compram os melões — reduzida aos primeiros termos pela absorpção do terminante pelo determinado, por synecdoche.

N. ap.

Contra-frexal : sm. — peça de madeira parallela ao frexal, em que se pregam os extremos dos caibros do madeiramento dos telhados.

Nota — Taunay, 45, consigna,

N. ap.

Contra-meião: sm.— peça componente das rodas cheias, sem pinos, dos carros de bois, comprehendida entre o *meião* e a *ar-reia*, q. v.

N. ap.

Contra-fino: sm.— pequena cavilha de ferro, de duas pernas, que se atravessa na ponta dos parafuzos, ou das chavetas, para evitar que essas peças saiam do logar; com o mesmo fim afas-tam-se lateralmente, depois de introduzida, as pernas a que nos referimos.

NOTA — Taunay, 45, consigna nessa mesma acc.

N. ap.

Contra-pórca: sf.— segunda pórca, que se atarracha sôbre a primeira para evitar que esta desande.

NOTA — Taunay, 45, consigna.

N. ap.

Contra-trilho: sm.— segundo trilho que, nas bifurcações, cru-zamentos, etc., das linhas ferreas, se colloca lateral e interiormente ao primeiro, afim de evitar os descarrillamentos.

NOTA—Taunay, 45, recolheu.

N. ap.

Copeiro: adj.— diz-se do engenho, cuja roda se move com agua que lhe cae de cima em seus cubos mais altos. — Esse systema é o que melhor rendimento mechanico apresenta.

Copiar: sm.— varanda, alpendre.

ETYM.: t. guar.

AR. GEOGR.: B. Rohan, 50, consigna para Pernam-buco, Ceará e Pará. Segundo o mesmo auctor, significa, na Parahiba, *sala*, e no Rio de Janeiro, *tacaniça*.

Cordeação: sf.— acto de dar alinhamento ás edificações, de ar-ruá-las.

N. ap.

Cordeador: sm.— empregado municipal encarregado de determinar o alinhamento das construcções urbanas.

Ar. geogr.: B. Rohan, 51, dá como peculiar a Pernambuco e Parahiba.

Cordear: verb.— arruar, alinhar as edificações.

Nota—C. de Figueiredo consigna, mas define incompletamente.

Coringa: sf.— I, pequena véla triangular usada á prôa das *canôas de embono*, e quadrangular no mesmo logar das *barcaças;* sm. II, moço de barcaça.

Nota — C. de Figueiredo traz *curinga*, como termo de jôgo; — o dous de paus em certos jogos de cartas, Chermont, 29.

Ar. Geogr.: Alagôas e Pernambuco, conforme A. Camara, 198.

N. ap.

Corôa: sf.— baixio, persistente ou temporario, produzido por alluviões, nos estuarios e baixo curso dos rios.

Nota — Moraes dá como — medão que sobreleva o nivel do mar — que não é propriamente o sentido em que o voc. é usado em Pernambuco; C. de Figueiredo não recolheu.

Coróca: adj.— designativo de velhice extrema, senilidade.

Etym.: t. guar. Gonçalves Dias, *Diccionario da Lingua Tupy*, 48, traz *coróca*, accrescentando que o povo no Maranhão diz dos velhos adoentados; velho ou velha coróca. Chermont, 30, explica como — caduco pela edade.

Nota — C. de Figueiredo recolheu, mas incompletamente, pois copiou de B. Rohan, 51, apenas o sign. de adoentado.

Ar. geogr.: parece t. geral.

Corredor: sm.— osso da canéla do boi, muito apreciado pelos sertanejos, pelo abundante tutano que contém.

N. ap. nesta acc.

Corruchiar : verb.— chilrear, pipilar ; diz-se com referencia a certo canto baixo e seguido do canario da terra (*Sicalis flaveola*, Linn.) e outras aves cantoras.

Cortadeira : sf. — peça de metal curva e dentada que se applica acima das ventas das calvagaduras, e de cujas extremidades parte uma das redeas, a qual, por nella se firmar o governo, corresponde á do bridão, nas cabeçadas do sul do paiz e da Europa. Os almocreves applicam ás vezes a *cortadeira* ao cabresto.

Syn. : picadeira.

N. ap. nesta acc.

Córte : sm. — abertura talhada atravez de um morro, afim de dar passagem a uma estrada, diminuindo, ou supprimindo a rampa. Quando ultrapassa de 20 metros de altura é conveniente e de régra substitui-lo por um tunnel.

Nota — Picanço, 31, e Taunay, 45, consignam.

N. ap. nesta acc.

Corteiro : sm.— empreiteiro de *córte* nas construcções de estradas de ferro.

N. ap.

Cotôco : sm.— parte que fica de um braço, ou da cauda, depois de amputada a outra.

Etym. : de *côto* } lat. *cubitos*.

Ar. geogr. : Pernambuco ao Ceará.

N. ap.

Cousa-feita : sf. — bruxaria, feitiço.

Abon. : de J. B. P. Côrte Real, no romance *Os*

dramas do Recife, p. 84 : « — Isso por força é *cousa-feita* por aquella sirigaita da rua Larga » .

N. ap.

Cóva : sf. — pequena elevação de terreno bem trabalhado á enxada, em que se planta a maniva da mandioca, ou da macacheira, em geral um só pé.

NOTA — Chermont, 30, dá para a Amazonia como pequena excavação para o plantio de sementes, grãos e pequenas plantas.

N. ap. nesta acc.

Cóvócó : sm. — levada por onde excorre a agua, que sáe dos cubos das rodas dos engenhos de assucar movidas por força hydraulica.

AR. GEOGR. : B. Rohan, 52, dá como peculiar a Pernambuco.

Coxé : adj. — côxo, manco ; diz-se da pessôa que tem uma perna mais curta do que a outra.

ETYM. : de *côxo*.

N. ap.

Coxia : sf. — ruma de tijolos e de diversos outros objectos, que se collocam ordenadamente.

N. ap. nesta acc.

Craveiro : sm. — peça de pyrotechnia que imita, quando se accende, a planta a que deve o nome.

N. ap. nesta acc.

Criação : sf. — designação usual do conjuncto de aves domesticas.

NOTA — Em S. Paulo, e provavelmente em outros Estados do Sul, dá-se esse nome á — alvenaria de pedras miúdas e argamassa, servindo de enchimento aos vãos deixados pelas pedras mais volumosas. (Cp. Taunay, 46).

N. ap. nesta acc.

Crista de gallo: sf.— Vide *Fedegoso*.

N. ap.

Crivo: sm.— I, grelha das fornalhas dos engenhos, e outros; II, cada uma das barras de que ella se compõe; III, trabalho de agulha a que, em Pernambuco, entre pessôas cultas, se dá a denominação de *labyrintho*, q. v.

Nota — C. de Figueiredo consigna na III acc., mas define como sendo feito com agulha de crochet, o que é pura e simplesmente impracticavel.

Ar. geogr.: B. Rohan, 82, dá para as provincias do Sul; entretanto, o seu uso é vulgar em Pernambuco.

Cróssima: sf.— peça de ferro ou aço, de fórma triangular, collocada nos desvios das vias-ferreas, nos pontos em que os trilhos se interceptam.

Etym.: do inglez *crossing*.

Nota — O verdadeiro termo technico portuguez é *coração*, do francez *cœur*; entretanto, os mestres de linha, por influencia dos engenheiros inglezes, que foram os primeiros constructores das nossas estradas de ferro, empregam geralmente aquella corruptela. Não deixa de ser interessante que os Americanos do Norte, em vez do termo inglez, usem a expressão *railway frog* (Cf. Webster: *American Dictionary of the English Language*, p. 545).

Picanço, 30, consigna *coração*.

N. ap.

Crueira: sf.— I, residuos da fabricação da farinha de mandióca, que, por grossos, não passam na urupema; II, tumor sêcco que ataca a cabeça dos gallinaceos.

Etym.: I acc. t. guar.— de *cui*, desfazer-se em pó, farinha + *êra*=*uêra*, suff. do preterito nominal, farinha que já não é farinha, por ser grossa de mais; farelo. — Para a II acc. B. Rohan, 53, alvitra *caruára*; entre-

tanto, dada a sign. de *curú*, sarna, bouba, não é fora de proposito reportar a este etymo aquella acc.

AR. GEOGR. : I, t. geral ; II, Pernambuco, conforme B. Rohan, l. c.

Cuba : sm. — individuo entendido nas practicas da feitiçaria.

N. ap. nesta acc.

Cuca : sf. — I, mulher velha e feia, especie de feiticeira, que póde com seus sortilegios causar males á gente ; II, o mesmo que *quicúca*, q. v.

AR. GEOGR. : I, acc. Pernambuco e Alagôas, B. Rohan, 53 ; II, acc. Pernambuco.

N. ap. na II acc.

Cucular : verb. — encher um vaso qualquer acima das bordas ; diz-se dos seccos.

N. ap.

Cucúlo : sm. — a parte de uma substancia qualquer, que ultrapassa das bordas do vaso que a contém.

ETYM. : corr. do port. *cogúlo*.

NOTA — M. Soares, 128, aponcta, conquanto não tenha chegado a definir ; os mais diccionaristas não recolheram.

Cú de mãe Joanna : sm. — cousa que todos mexem, que ninguem respeita.

NOTA — Chermont, 31, consigna *cú da mãe Joanna* para a Amazonia.

Cuéra : adj. — valente, forte, tenaz, exforçado.

ETYM. : t. guar. ? Hilario Peixoto, em um esclarecimento prestado a Valle Cabral sôbre a palavra *barcaclué* (*Cartas Jesuiticas*, I, p. 188), reportando-se a Montoya, admitte *cuéra* como adjectivo com o sign. de — são, valente, exforçado ; B. Caetano, 79, attribue-lhe,

com a mesma funcção grammatical, a sign. de — persistente, tenaz, duradouro. Esses signs. estão em concordancia com a acc. actual do termo.

AR. GEOGR.: parece t. geral.

N. ap.

Cúia: sf.— medida de capacidade para seccos, equivalente a 1/32 do alqueire.

ETYM.: t. guar. *cúia* (fructo da *Crescentia cujete*, Linn.) que, segundo B. Caetano, in *Notas aos Indios do Brasil*, de Fernão Cardim, p. 89, tanto póde reportar-se ao verbo *cur* tragar, como *ú* comer, exprimindo em geral *vaso da comida*.

NOTA — No Rio Grande do Sul, *apud* Romaguera 68, é a cabaça, quasi sempre ricamente prateada e lavrada, em que se prepara e se bebe o *mate*; na Amazonia, Chermont, 31, *cuias pitingas* são aquellas que embebidas na decocção de cumateu, ou na seiva de pião (?) e em seguida expostas aos vapores ammoniacaes da urina, tomam uma côr preta lustrosa e indelevel, e servem de recipientes para liquidos e para solidos; são feitas tambem da fructa volumosa da *Crescentia cujete*.

AR. GEOGR.: segundo B. Rohan, 53, usual em Pernambuco e outras provincias do Norte.

N. ap. nesta acc.

Cundurú: sm.— arvore da familia das Urticaceas (*Brosimum conduru*, F. All.) — Fornece excellente madeira para construcções civis, marcenaria, marchetaria, etc.

NOTA — Conquanto esteja nos diccs., muito insufficientemente definido, recolhemos o voc. para corrigir a área de distribuição de um vegetal productor de tão reputada madeira.

AR. GEORG.: o nome é geral; quanto á arvore, a *Breve Noticia*, 11, designa-lhe como patria as provincias

do Pará e Maranhão; é, porém, abundantissima em Pernambuco.

Cupim : sm.— I, nome generico dos Termitas; II, habitação ou casa do mesmo insecto; III, toutiço, gêba do pescoço dos touros, principalmente Zebús.

Etym.: t. guar. *copii — cupii*, de *caá* ou *co-piir*, conforme B. Caetano, 76.

Nota — B. Rohan, 54, Romaguera, 68, e Chermont, 32, consignam; este dá a III acc. como peculiar ao Marajó.

Ar. geogr.: t. geral.

N. ap. em C. de Figueiredo a ultima acc.

Cupiúna : sf.— arvore da familia das Melastomaceas, da qual existem duas variedades: branca e vermelha. Da segunda extráhe-se materia colorante, arroxeada, com emprego na tinturaria. Cresce com especialidade nos Estados de Pernambuco e Parahiba.

Etym.: é t. guar. muito degenerado.

N. ap.

Curraleira . sf.— planta medicinal da familia das Euphorbiaceas (*Croton perdicipes*, St. Hil., ou *C. Anti-syphiliticus*, Meissn.)

Nota — As folhas e raizes dessa planta, em infusão, gozam de propriedades estimulantes, diureticas e sudoriferas; as folhas, quer frescas, quer sêccas, reduzidas a pó, favorecem a cicatrização das ulceras. Esse vegetal tem ainda os nomes de *Herva mullar*, *Pé de perdiz* e *Alcanforeira*.

Ar. geogr.: segundo Pio Correia, *Flora Brasileira*, 89, é encontrado de Pernambuco ao Rio Grande do Sul.

Está nos diccs., sem classificação e insufficientemente.

Currumbá: sm.— doce de côco ralado e mel de furo; algumas vezes, em logar de côco, empregam o mamão verde.

Etym.: é provavelmente de procedencia africana.

Syn.: sambongo.

Ar. geogr.: Segundo B. Rohan, 55, é peculiar a Pernambuco.

Curumba: sm.— immigrante, retirante, o individuo que desce do sertão em busca de trabalho nos engenhos, *usinas*, ou estradas de ferro.

Cururú: sm.— I, batrachio brasileiro (*Bufo brasiliensis*), muito vulgar; II, cipó (*Echites cururu*, Mart.) da familia das Apocynaceas, cujo caule é empregado em infusão como purgativo.

Etym.: segundo B. Caetano, 84, póde ser onomatopaico; mas póde provir tambem de *curú-rúb*, que tem ou faz sarna; conforme a crença vulgar, diz o mesmo auctor, o simples passar do sapo pelo corpo, e até pella roupa, produz uma erupção cutanea.

Nota — C. de Figueiredo consigna em ambas as accs., mas sem se referir á systematica.

Cutuba: adj.— importante, forte, valente.

Abon.: do *Pernambuco*, de 26 de Junho de 1913: «— Então? Eu sou um simples *assucareiro*. Apezar disso, nunca recusei discutir estatistica com o J. Elysio. Você deve ter visto.— Ah! você é bicho *cutuba*...»

Nota — Romaguera, 69, consigna *cutuba* ou *cotuba*, com signs. similhantes.

N. ap.

D

Damnado: sm.— individuo capaz de vencer difficuldades; adj.— habil, geitoso, esperto, disposto, valente.

N. ap. nesta acc.

Damnisco: adj. — Vide *damnado*.

N. ap.

Dar de rédea: loc. — fazer, com as redeas, um pequeno e leve movimento para o cavallo em que se monta partir; por extensão, usa-se a loc. para significar — fazer saïr o cavallo — qualquer que seja o meio para isso empregado.

NOTA — Segundo Romaguera, 70, significa no Rio Grande do Sul — fazer o animal rodopiar sôbre as patas trazeiras e tomar uma direcção opposta.

N. ap.

Debochar: verb. — flautear, escarnecer, não levar em conta, desafiar com zombarias.

NOTA — Chermont, 34, consigna para a Amazonia na mesma acc. — C. de Figueiredo recolheu em Portugal com o sign. exacto do verb. francez e, por isso, chama de *gallicismo inutil*. Nós, Brasileiros, si recolhemos o ouro, não o deixamos sob a fórma bruta de pepita: transformamo-lo no symbolo vocal de uma nova ideia.

ETYM.: do francez *débaucher*, que, segundo Littré, se fórma do pref. *dé* e uma antiga palavra *bauche*, de origem desconhecida, significando logar de trabalho, officina, e tambem tarefa; de modo que *débaucher* seria originariamente o mesmo que fazer cessar uma tarefa, um trabalho. (Cf. Littré, *Dictionnaire*, 966, e *Supplément*, 102.)

N. ap. nesta acc.

Debóche: sm. — tróça, flauteio, zombaria.

NOTA — Chermont, 34, consigna como usado em Belém (Pará), mas julga-o importado pelos estudantes que voltam do Sul. — C. de Figueiredo repete a annotação que fez a *debochar*, tomando o termo no sentido francez de libertinagem, devassidão.

Ar. geogr.: parece termo geral, pelo menos no littoral.

N. ap. nesta acc.

Defecador: sm. — apparelho das *usinas* de fabricar assucar, em que o caldo de canna, depois de previamente neutralizados seus acidos pelo leite de cal, ou pelo hyposulfito de calcio, é aquecido a uma temperatura vizinha da ebulição, afim de se coagularem e separarem, sobrenadando as substancias albuminoides que contêm; consta de um grande tanque cylindrico de ferro, em cujo fundo assenta uma serpentina, em espiral, de cobre, percorrida pelo vapòr, que assim eleva o grau thermico do liquido em tractamento.

Etym.: de *defeca* (*r*) + *d* + suff. *or*, agente.

Ar. geogr.: região assucareira em que existe apparelhagem aperfeiçoada.

N. ap.

Defecar: verb. — operação por meio da qual se separam do caldo de canna as impurezas nelle contidas, que se oppõem á crystallização da sacharóse; consta da neutralização dos acidos vegetaes por uma base que dá saes insoluveis, e da coagulação dos albuminoides pelo calôr communicado, atravéz de uma serpentina, pelo vapôr em baixa pressão. Terminado o aquecimento, e depois de algum tempo de repouso, é o caldo decantado.

Ar. geogr.: a mesma de *defecador*.

N. ap. nesta acc.

Deforéte: sm. — I, folga, descanço durante o serviço; II, pilheria de mau gosto.

N. ap.

De-meia-cara: loc. adv. — gratuitamente, sem pagar, de contrabando.

NOTA — Os diccs. trazem *meia cara*, como bras., com a significação, aliás antiquada, de escravo importado por contrabando.

N. ap.

Demeráre: sm. — typo de assucar crystal-amarello, de 96º de polarização, fabricado nas usinas, quasi exclusivamente para exportação extrangeira.

NOTA — Taunay, 49, consigna, definindo — typo commercial de certos assucares baixos.

ETYM.: de *Demérara*, região assucareira da Guianna Ingleza.

AR. GEOGR.: toda a zona assucareira, onde existe apparelhagem moderna.

N. ap.

Dependencia: sf. — edificação annexa a uma casa.

SYN.: puxada.

N. ap. nesta acc

Derrama-molho: sm. — pequena barcaça, ou canôa de embono, que tem diminuta bôcca, ou é muito estreita.

ETYM.: provavelmente, do muito que joga, devido á sua fórma.

AR. GEOGR.: segundo A. Camara, 198, Alagôas e Pernambuco.

N. ap.

Derrúba: sf. — operação agricola que consiste em abater as arvores de uma mata, depois de se tê-la *brocado*, q. v., afim de preparar o terreno para as plantações.

ETYM.: apocope de *derrubada*.

N. ap.

Derrubada: sf. — I, o mesmo que *derruba*, q. v.; II, demissões,

em massa, de funccionarios publicos, feitas pelos partidos politicos, quando ascendem ao poder.

NOTA — Na I acc. os diccs. consignam como brasileirismo; Chermont, 35, define com todas as minucias. Na II só foi recolhido por B. Rohan, 56. Os diccs. não consignam, apezar de velhissimos, tanto o facto, como a denominação.

AR. GEOGR.: termo geral.

Desboccado: adj.— I, individuo que não guarda as conveniencias no falar, que profere habitualmente plebeismos e obscenidades; II, cavallo que, ou por ser naturalmente de queixo duro, ou por se lhe ter tornado insensivel a bôcca pela brutalidade do governo, obedece com difficuldade ás rédeas.

N. ap. na II acc.

Descabaçada: adj. — *virgo corrupta*, *vitiata*.

N. ap.

Descabaçar: verb. — *virginem corrumpere*.

N. ap.

Descangotado: adj. — que tem a cabeça caïda para traz.

N. ap.

Descangotar: verb. — ficar com a cabeça caïda para traz.

ETYM.: de *cangóte*, por cogóte.

N. ap.

Desembestada : sf.— Vide *disparada* , na I acc.

N. ap.

Desembestador : sm. — Vide *disparador*, na I acc.

N. ap.

Desembestar : verb.— o mesmo que *disparar*, q. v. na I acc., e raramente na II, mas só se diz do cavallo.

ETYM.: para Ad. Coelho, *Diccionario Manual Etymologico,* é evidente que ha nesta palavra confusão ou pelo menos reacção dos sentidos dos primitivos *besta* e *bésta.* C. de Figueiredo opina pelo segundo etymo; mas, para o nosso sign., é mais curial derivar-se do primeiro. Sabe-se que, encontrando eguas (bestas), correm os cavallos após ellas, quasi sempre impetuosamente.

AR. GEOGR.: o verb. e seus derivados são mais peculiares ainda de Pernambuco que *disparar*; este nas cidades, aquelle no interior do Estado, principalmente no sertão.

Desempoladeira: sf.— instrumento de pedreiro, que consiste em uma tabua rectangular com uma empunhadura no centro; emprega-se para alisar e regularizar o rebôco.

N. ap.

Desencabeçar: verb. — fazer proceder mal, por conselho e exemplos, quem se conduz bem.

NOTA — C. de Figueiredo aponcta em acc. restricta.

AR. GEOGR.: na que consignamos, é t. geral no Brasil.

Desmentir: verb. — luxar, deslocar uma articulação.

NOTA — Chermont, 35, consigna para a Amazonia.

N. ap. nesta acc.

Despescar: verb.— colher com a rêde ou tarrafa os peixes dos açudes, viveiros, ou curraes.

NOTA — Chermont, 35, dá para a Amazonia, como — retirar, á baixa-mar, o peixe das cambôas, cacuris, curraes, ou tapagens

N. ap.

Desperdicio: sm. — Vide *extravio* — tambem se diz *esperdicio.*

N. ap. nesta acc.

Destorcedor : sm.— I, pequena moenda movida a braço e constando usualmente de dous cylindros ou tambores apenas, empregada nos botequins para obter o caldo de canna. Esta é, em geral, préviamente descascada ou raspada, o que muito melhora a bebida que della se extrahe ; II, adj.— individuo esperto que sáe das difficuldades, ou que se nega a cumprir o que promette.

Ar. geogr. : cremos ser t. exclusivamente pernambucano.

N. ap.

Destorcer : verb. — fazer-se desentendido, disfarçar, mudar de um assumpto, em que não se póde ter razão.

Nota — Chermont, 35, consigna para o Marajó, como — virar, mudar de direcção.

N. ap. nesta acc.

Detratar : verb.— detraïr, deprimir; fallar mal de alguem.

Etym. : forma irregular de *detraïr*.

N. ap., apesar de vulgarissimo.

Diamante : sm.— I, ferramenta de varia fórma para tornear metaes ; II, formão sutado e longamente biselado em ambas as faces, empregado para tornear madeira.

N. ap. nestas accs.

Dinda : sf.— dim. de *dindinha*, nome que as crianças dão ás madrinhas e ás avós.

Ar. geogr. : é commum em Pernambuco ; não sabemos, si tambem o será em outros Estados.

N. ap.

Dindinho : sm. — I, padrinho ; II, avô (formas infantis).

Nota — B. Rohan, 57, consigna a I acc. como t. geral ; não dá, porém a II, que é, cremos, exclusiva de Pernambuco. Quando os dous parentescos, consanguineo

e espiritual, se reunem na mesma pessôa, usam as crianças da denominação — *avô dindinho*. E' curioso ter C. de Figueiredo recolhido *dindinha*, exquecendo a forma masculina, unica que devia apparecer.

Etym. : voz infantil, corr. irregular de *padrinho*.

Disconfórme : adj. — enorme, fóra do commum.

Nota — Chermont, 36, consigna nesta acc.

Etym. : vem de *forma*, mas é curiosa a deformação semantica deste voc. ; *forma*, aqui, substitue *quantidade*.

N. ap. nesta acc.

Disparada : sf. — I, corrida insoffreavel do cavallo, quando toma o freio nos dentes ; por extensão, tambem se applica ás carreiras impetuosas de outros animaes ; II, dispersão do gado, á desfilada, em varias direcções.

Nota — Na I acc. é, que nos conste, puro pernambucanismo, e ainda não foi recolhido; na II já está em B. Rohan, 57, Romaguera, 72, e C. de Figueiredo.

Etym.: segundo Romaguera, l. c., é voc. da America Hispanhola ; julgamos, porém, que a acc. nasceu, por analogia, do *disparar* da arma de fogo, dado o modo subito e grande velocidade que o seu sentido representa.

Syn.: na I acc. — *desembestada*, q. v., na II, *estouro*, q. v.

Disparador : adj. — I, diz-se do cavallo que tem o habito de tomar o freio nos dentes, e não obedece ás redeas; II, diz-se do animal que foge quando o querem prender.

Nota — B. Rohan, 57, consigna na II acc., que C. de Figueiredo recolheu como brasileirismo. Romaguera, 72, dá além dessa acc. mais a de — individuo com arreganho de valentão, que foge á primeira repulsa do adversario.

Syn. : desembestador, na I acc.

Disparar: verb. — I, correr desabaladamente (diz-se tanto do cavallo, como dos outros animaes, homem inclusive); II, dar partida, começar a corrida; III, repellir energicamente offensas ou insinuações, depois de ter exgottado a paciencia; IV, trasmalhar-se uma manada.

Nota—Apenas recolhido na ultima acc. por B. Rohan, 57, Romaguera, 72, e C. de Figueiredo.

Etym.: vide *disparada*.

Syn.: desembestar (I).

Doléro: adj.— bonito, formoso, elegante, bem feito, bem vestido.

Etym.: corr. de *donaire?* Ou de — *cheio de lérias?*

N. ap.

Donzella-de-candieiro: sf.— I, peça de madeira torneada, com uma abertura no centro para nella se collocar candieiro, ou castiçal; II, *quæ virgo putatur impudica vero est.*

Nota — A acc. I é antiquada e está em Moraes apenas; a II naturalmente della se originou, por ironia.— C. de Figueiredo não recolheu nem uma nem outra.

Dormir: verb.— *cum mulieribus consuescere.*

Nota — Nesta acc. é o termo extranho aos diccs. da lingua; entretanto, era vulgar em Portugal nos primeiros seculos da conquista. Nas *Ordenações Philippinas*, bem como em outros livros antigos, occorrem numerosos exemplos; para citar um, baste-nos o seguinte, extrahido do Liv. V. das Ords., tit. XVII: « Qualquer homem, que *dormir* com sua filha, ou com outra qualquer sua descendente, ou com sua mai, ou outra sua ascendente, sejão queimados, e ella tambem, e ambos feitos per fogo em pó ».

N. ap.

Dunga: sm.— I, bravo, valente, valentão; II, o dous de paus em certos jogos.

Ar. geogr.: segundo B. Rohan, 57, a I acc. é peculiar a Pernambuco, a II a este e outros Estados.

E

Eita-pau! — interj. de alegria e incitamento; tambem se usa somente *eita!*

N. ap.

Embiriba: sf. — arvore da familia das Myrtaceas (Lecythideas) *Couratari sp.*

Nota — Fornece excellente madeira para construcções civis, principalmente hydraulicas. Do seu alburno lascado fazem-se optimas ripas, e do cerne fortes e duradouras estacas; do liber extrahe-se materia textil. Ha duas variedades, a branca e a preta. O que até aqui temos dicto applica-se mais designadamente á segunda, cujos characteres morphologicos principaes são: pêzo especifico 1,225; dimensões communs do tronco $0^m,30$ a $0^m,40$ de diametro; altura 10 a 12 metros; aspecto do cerne: côr parda, tecido compacto, poros longitudinaes bem visiveis.

Etym.: t. guar. *imbir*, lit. pelle de arvore, entrecasco, o liber, vulgo *embira* + *iba*, arvore: arvore que dá embira. (Cf. B. Caetano, 203).

Ar. geogr.: segundo André e José Rebouças, *Ensaio de Indice Geral das Madeiras do Brasil* (vol. II, p. 442), habita Pernambuco, onde, de facto, é abundantissima.

N. ap.

Embirussú: sm. — arvore da familia das Bombaceas (*Bombax retusum*, Mart.).

Nota — O liber deste vegetal fornece excellentes fibras para cordoaria, e a paina, que envolve as sementes, é

bom material para o enchimento de colchões e travesseiros (Cf. Pio Corrêa, *Flora Brasileira*, 90).

ETYM. : t. guar. *embir* (*a*) + *uçú* = *açú*, grande, grosso.

AR. GEOGR. : B. Rohan, 58, dá para *habitat* desse vegetal Pernambuco e Bahia.

Embonecar : verb.— Vide *bonecar*.

AR. GEOGR. : Romaguera, 74, dá como tambem usado no Rio Grande do Sul.

N. ap. nesta acc.

Embromador : sm.— individuo que *embroma*, engana.

ETYM. : do castelhano *embromar*.

AR. GEOGR. : Pernambuco, ou Estados meridionaes, conforme a acc.

N. ap.

Embromar : verb.— I, contar falsidades encomiasticas da propria pessôa, enganar ; II, muito prometter e nada cumprir, ou difficilmente fazê-lo ; III, gastar muito tempo para decidir um negocio, affirmando sempre realizá-lo ; IV, calotear, abusando da credulidade de outrem por meio de labias ; V, zombar, troçar de alguem.

ETYM. : voc. de origem castelhana, B. Rohan, 58 ; Romaguera, 74, confirma.

NOTA — E' deveras curiosa a historia da variação semantica deste voc. Introduzido, visto a sua origem, primeiramente no Rio Grande do Sul, foi em Pernambuco, onde, de certo, eram desconhecidos sua procedencia e sentido primitivo, que melhor conservou aquelle sign. ; aos poucos, por extensão, tomando a II acc., approximou-se da III, que é a mais usual na sua primeira patria adoptiva ; da intercurrencia dessa III e da I ganhou em Pernambuco a IV, já muito afastada da fonte, enquanto a evolução da I (que bem se póde dizer hispano-pernambucana), por

irradiação, como lhe chama Darmésteter, produziu uma outra acc., a V, directamente derivada da originaria, conquanto mais corrente no extremo sul do Brasil. Consignam esse voc., em suas diversas variações, B. Rohan, 58, Coruja, 14, Romaguera, 74; C. de Figueiredo cita apenas a III.

AR. GEOGR.: nas I, II e IV accs. Pernambuco; na III, B. Rohan, l. c., Estados meridionaes; na V, Ro manguera, l. c., Rio Grande do Sul.

Embrulhar: verb. — enganar, abusar da confiança de outrem em negocios.

N. ap. nesta acc.

Embrulho: sm. — engano, lôgro, confusão propositada em uma negociação com o fim de abusar da inexperiencia ou confiança de outrem.

ETYM.: de *embrulhar*, extendendo o seu sign. *envolver* ao de *tapar os olhos, vendar*.

N. ap. nesta acc.

Empalhador: sm. — operario cuja profissão é *empalhar* moveis.

N. ap. nesta acc.

Empalhar: verb. — tecer os assentos e costas das cadeiras e sofás, os lastros de camas etc., chamados de *palhinha*.

NOTA — Em todas as outras accs. está consignado nos diccs.; apesar de não aponctado na que damos aqui, suppomos geral o termo.

Empambado: adj. — empalamado; diz-se do individuo affectado de hypohemia intertropical.

N. ap.

Empacavirar: verb. — Vide *paquevira*.

N. ap.

Empinar : verb. — I, fazer subir aos ares ; II, por extensão do sign. castiço de *emborcar* (copo), beber com mais ou menos excesso.

NOTA — *Empinar papagaio* é expressão technica, si technica existe em uma diversão infantil.

ETYM. : de *pino*.

AR. GEOGR. : parece t. geral ; Chermont, 37, consigna-o para a Amazonia.

Empipocar : verb. — V. *pipocar*.

AR. GEOGR.: Romaguera, 75, consigna para o Rio Grande do Sul.

N. ap.

Emprestimo : sm. — excavação practicada á margem das vias ferreas ou de rodagem, para obtenção da terra necessaria aos aterros quando a dos córtes é insufficiente, isto é, quando não se dá a compensação. O termo technico inglez *side-cutting* pinta, por assim dizer, o objecto.

AR. GEOGR. : é termo geral no Brasil e está consignado em Picanço, 37.

N. ap. nesta acc.

Encabular : verb. — (transitivo ou reflexivo, mesmo sem o pronome) : I, envergonhar, atrapalhar, aborrecer, zangar ; II, encaiporar, *frexar* (ao jogo).

ETYM. : de cabula.

NOTA — C. de Figueiredo não consigna, apesar de ter recolhido *cabula*, em sentido restricto.

N. ap. nesta acc.

Encafifar : verb. — encaiporar, não conseguir exito.

ETYM. : de *cafife*, q. v.

NOTA — C. de Figueiredo aponcta como brasileirismo, mas define erroneamente, dando-lhe um sign. que jamais teve.

Encaleirar : verb. — formar uma *caieira*, q. v., com os tijolos a cozer ou a *queimar*, como dizem os oleiros.

N. ap.

Encalistrar : verb. — envergonhar, atrapalhar.

NOTA — Como o verb. *encabular*, tem este tambem, quando usado intransitivamente, sentido reflexo, sem o emprego da particula pronominal. C. de Figueiredo recolheu com o sign. de *encavacar*, que desconhecemos. Além disso, o dá como peculiar aos Estados meridionaes ; ora, o voc. pertence á giria dos estudantes e é, portanto, geral.

ETYM.: de Calixto, nome proprio?

Encanação : sf. — acto de collocar o encanamento. Os artifices distinguem-na deste ultimo, que é o conducto de um fluido.

N. ap.

Encangotar : verb. — Vide *encapotar*.

Encapotar : verb. — diz-se do cavallo que, ao andar, curva o pescoço, enfeitando-se com brio e garbo.

SYN.: encangotar

N. ap. nesta acc.

Encaranguejar : verb. — entrevar, ficar com os membros contrahidos em virtude de rheumatismo, ou doença com a mesma symptomatica.

ETYM. : de caranguejo, allusivo á conformação dos membros desse crustaceo.

NOTA — Na mesma acc. Chermont, 38, consigna *carangado* para a Amazonia.

N. ap.

Encedrar : verb. — augmentar o dinheiro no jogo de fórma a ter valor egual ao de uma cedula qualquer.

ETYM. : de cedula.

N. ap.

Enchimento : sm.— I, estabelecimento commercial destinado á compra de alcool e aguardente para exportação ou negocio em grosso; II, *metralha*, q. v.; III, *enxameação*, q. v.

Abon. : lei municipal do Recife, n. 394, de 1905 : « N. 21 — Sobre *enchimento* de aguardente ou alcool, 30 %/o».

Ar. geogr. : na I acc. julgamo-lo privativo de Pernambuco; na II é termo technico, consignado em Picanço, 38; na III é usado na Amazonia, tambem citado por Chermont, 38.

N. ap. nestas accs.

Enchiqueirar: verb.— I, metter o peixe no *chiqueiro*, q. v.; II, recolher ao *chiqueiro* porcos, carneiros, bezerros, etc; III, metter alguem por força ou manha em beco sem saïda, cercar.

Ar. geogr.: na I acc. B. Rohan, 59, consigna para Pernambuco, Parahiba e Rio Grande do Norte, e na II como geral; nesta ultima e na III, Romaguera, 75, dá para o Rio Grande do Sul.

Encoivarar : verb.— amontoar os troncos e galhadas não queimados inteiramente, para de novo lhes lançar fogo e desembaraçar assim o terreno desses residuos da roçagem.

Etym. : pref. *en* + *coivar (a)* q. v. + suff. verbal *ar*.

Ar. geogr. : termo geral, consignado por B. Rohan, 59, e Chermont, 38.

Encoivaração : sf.— operação de lavoura, que consiste em formar como que medas (coivaras) com troncos e galhos não queimados do mato, a que, depois de roçado, se lançou fogo, com o fim de limpar o terreno para o plantio.

Ar. geogr. : parece termo geral; Chermont, 38, consigna-o para a Amazonia.

N. ap.

Encollamento: sm. — bandas de canôa, ou paus com essa

fórma, com as concavidades voltadas para dentro, que servem de fôrma ás *canôas de embono* e *barcacinhas*.

Ar. geogr.: A. Camara, 199, dá como peculiar á Alagôas e Pernambuco.

N. ap. nesta acc.

Encompridar : verb. — I, augmentar o comprimento de um arreio; II, fazer durar.

Nota — C. de Figueiredo consigna, mas define insufficientemente.

Ar. geogr.: na I acc. Pernambuco e Rio Grande do Sul; em ambas neste ultimo Estado, conforme se vê de Coruja, 14, B. Rohan, 59, e Romaguera, 76.

Encontro: sm. — ave da familia Icteridæ (*Xanthornus cayanensis*, Linn.) — Tambem chamado *Xexéu de bananeira*.

N. ap. nesta acc.

Enfaroso. adj. — enfaruado, enfastiado, aborrecido.

N. ap.

Enfixar: verb. — I, pôr as *fixas* nas portas e janellas (cp. *fixa*); II, unir as extremidades de trilhos consecutivos com *fixas* ou talas de juncção.

N. ap.

Enfusta: sf. — espeque obliquo.

N. ap.

Enfustar: verb. — especar ou escorar traves com esbirros obliquos em fórma de cavalletes.

N. ap.

Engabelar: verb. — Vide *engambelar* e derivados.

Engaiolar: verb. — construir nas estradas de ferro e para diversos fins *gaiolas* ou *fogueiras*, q. v.

N. ap. nesta acc.

Engambelar: verb. — fazer a bôcca doce, seduzir com falsas promessas.

ETYM.: de *gambelo*, q. v.

AR. GEOGR.: é termo geral.

Enganjento: adj. — tolo, presumido, cheio de si.

NOTA — Apesar de B. Rohan, 60, dizer que o termo é apenas usado na Bahia e *ganjento* em Pernambuco, podemos affirmar que ambas as fórmas são correntes neste Estado.

N. ap.

Engarapar: verb. — I, dar *garapa*; II, fazer a bôcca doce a alguem para o reduzir áquillo que queremos.

NOTA — B. Rohan, 60, dá como peculiar a Pernambuco; mas quer nos parecer que se tornou antiquado, pelo menos na II acc., que é figurada.

Engazopar: verb. — enganar, mentir, embaçar, lograr, illudir.

NOTA — Os diccs. trazem *engazupar* com identica significação; C. de Figueiredo consigna com esta mesma graphia e como brasileirismo, na acc. de metter na prisão. Nenhum, porém, dá *engazopar*.

Engenho: sm. — apparelho que consiste em uma manivella fixada a uma tabua, destinado ao fabrico da corda de *caroá*, ou *croá*.

AR. GEOGR.: sertão, especialmente na *catinga*, onde aquella bromeliacea é assás abundante e aquella rudimentar industria muito generalizada.

Engica: sf. — aborrecimento, implicancia.

N. ap.

Engicar: verb. — aborrecer, embirrar, ter implicancia com alguem ou alguma cousa.

N. ap.

Engraxate : sm.— individuo que tem por profissão engraxar ou lustrar os calçados, em geral italiano; engraxador.

NOTA — Adoptámos a graphia *engraxate*, sem embargos do radical *graixa*, por ser assim que se ouve geralmente.

AR. GEOGR.: o t. é vulgarissimo em Pernambuco, onde raramente se usa o seu correspondente *engraxador*; em S. Paulo parece tambem vulgar, conforme se collige do *Guia do Estado de S. Paulo*, por Antonio Fonseca e Domingos Angerami, p. 106 (S. Paulo, 1912).

N. ap.

Engrujado: adj.— Vide *engurujado*.

N. ap.

Engrujar-se: verb. pron.— Vide *engurujar-se*.

N. ap.

Engurujado: adj.— encolhido com frio, ou por doença, de pennas ou pello arrepiados; embiocado, retrahido.

ETYM.: de *coruja*, a ave (*Strigidas*), por *encorujado*, ao modo das corujas.

N. ap.

Engurujar-se: verb. pron.— encolher-se com frio, ou por doença, estar com as pennas ou pello arrepiados; embiocar-se, retrahir-se.

ETYM.: vide o que ficou explicado na verba precedente.

N. ap.

Enjambrar-se: verb. pron.— acanhar-se, ficar confuso, envergonhado.

SYN.: *encalistrar*.

N. ap.

Enrabar : verb. — I, perseguir de perto na carreira ; II, acompanhar persistentemente a outrem, andar-lhe na rabadilha ; III, prender o cabresto de um animal á cauda de outro, afim de conduzi-lo.

ETYM. : de rabo.

NOTA — Na I acc. é muito usado na zona sertaneja, principalmente pelos vaqueiros, referindo-se ás rezes ; na II parece geral. Romaguera, 77, consigna para o Rio Grande do Sul as duas ultimas, com especialidade a III ; Chermont, 39, dá a I para a Amazonia e assignala para o Marajó uma outra acc :— amarrar com um atilho especial, á parte mais grossa da cauda do boi de sella, um relho ou qualquer materia textil vegetal, com a qual se arrasta qualquer objecto : canôa pelo campo alagado, madeira, jacaré, etc.

N. ap.

Entaliscar : verb. — junctar tabuas longitudinalmente, por meio da *talisca*, q. v.

N. ap.

Entrega : sf. — porção do gado vaccum, que um vaqueiro tem sob sua guarda.

AR. GEOGR. : Pernambuco ao Piauhi.

N. ap. nesta acc.

Entrupicar : verb. — tropeçar, caïr.

ETYM. : de tropicar.

N. ap.

Entufar-se : verb. pron. — zangar-se, amuar-se.

ETYM. : de tufo.

N. ap.

Entupigaitado : adj. — atrapalhado, embaraçado, confuso.

N. ap.

Entupigaitar: verb.— atrapalhar, embaraçar, confundir, calar-se.

N. ap.

Envarar: verb.— collocar varas, ou ripas, horizontalmente, prendendo-as, já por meio de pregos, já por atilhos de cipó, aos *enxameis* (q. v.) das casas de taipa, ou estacas das cêrcas.

ETYM.: de vara.

NOTA — Chermont, 40, consigna para a Amazonia.

AR. GEOGR.: primeira e segunda zonas provavelmente. Apesar de incrivel, não ap. em nenhuma acc.

Envelóppe: sm.— placa fina de ferro que fórma o envolucro externo das caldeiras das locomotivas, e que recobre uma camada de asbésto, ou outra substancia athermica.

ETYM.: do francez *enveloppe*.

NOTA — *Envelóppe* é gallicismo hoje geralmente admittido para significar sobrecarta, sobrescripto, e com esta acc. os diccs. consignam.

Note-se que ha uma tendencia popular para mudar o genero da palavra, quer nesta, quer na acc. que recolhemos aqui.

N. ap.

Enxameação: sf. — Vide *enxameamento*.

N. ap.

Enxameamento: sm.— acto de *enxamear*, q. v.

N. ap.

Enxamear: verb.— collocar os *enxameis* (q. v.) em uma casa de taipa.

NOTA — Chermont, 38, consigna para a Amazonia, nesta acc., o verbo *enchimentar*.

N. ap.

Enxamel: sm.— estacas ou grossos caibros que, com as varas, constituem o engradado das paredes de taipa, destinado a receber e manter o barro amassado.

NOTA — C. de Figueiredo, definindo de modo ligeiramente diverso, consigna *enchamel*. Dado o desconhecimento da origem do voc., preferimos a graphia com *x*, pois o emprêgo do symbolo *ch* só se justifica por fidelidade ao etymo. Na Amazonia *apud* Chermont, 38, chama-se *enchimento*.

Enxerido: adj. — intromettido, o que se mette onde não é chamado.

AR. GEOGR.: Estados do Norte.

Enxerir-se: verb. pron.— intrometter-se, tomar parte no que lhe não diz respeito.

ETYM.: de *inserir* { lat. *inserere*.

N. ap. nesta acc.

Enxerto de passarinho: sm.— planta-parasitaria da familia das Loranthaceas (*Loranthus marginatus*, Lam.?) — Tem varios nomes em outras regiões.

N. ap.

Enzenza: sf.— Vide *inzenza*.

N. ap.

Erado: adj. — I, diz-se do animal adulto e já provido dos characteres sexuaes, obtidos segundo Darwin, não pela *lucta pela vida*, mas pela *lucta para a reproducção*; II, gordo, bom para o córte, referindo-se ao gado bovino.

ETYM.: de *éra* — epocha, edade.

NOTA — E' termo scientifico, encontradiço na litteratura zoographica; entretanto, resolvemos dar-lhe acolhida neste vocabulario pelos dous seguintes motivos: 1°, por não estar ap. nos diccs.; 2°, pela sua II acc. evidentemente popular.

AR. GEOGR.: geral como termo erudito, na I acc.; marajoára, na II, Chermont, 40. E' deveras curioso dizer esse auctor que o voc. é de importação cearense. A palavra encerra um interessante problema linguistico, qual o de se saber si foi a erudição que a forneceu á linguagem popular, ou si, ao contrario, desta a recolheu... *Dicant magistri!*

Esbarrada: sf. — parada subita do cavallo montado, escorregando sôbre as patas.

SYN.: assentada.

N. ap. nesta acc.

Esbarrar: verb. — acto de, colhendo as rédeas de certo modo, fazer o cavallo parar subitamente, escorregando sôbre as patas, sem produzir choque violento.

NOTA— Nas *cavalhadas*, diversão hoje em desuso, constituia um dos mais valiosos ponctos para a classificação dos cavalleiros, conseguir assim parar o cavallo á disparada, sem se erguer absolutamente da sella.

SYN.: assentar, piscar.

N. ap. nesta acc.

Esbirrar: verb. — acto de collocar o *esbirro*, q. v.

N. ap. nesta acc.

Esbirro: sm.— escóra vertical de madeira applicada para sustentar um travejamento, quando se torna necessario alliviar, ou prescindir de seus ponctos de apoio naturaes.

N. ap. nesta acc.

Esborrar: verb. — transbordar, extrávasar.

N. ap. nesta acc.

Esborro: sm. — transbordamento, extravasamento; commummente empregado para designar os productos da fermentação e as impurezas expellidas pela ebulição.

N. ap. nesta acc.

Escarva : sf. — I, lesão nos cascos dos equideos, proveniente de enxoadas ; II, *trait de Jupiter,* — especie de juncta em zig-zag, empregada para unir de topo duas traves.

N. ap. nestas accs.

Escopear : verb.— operação de acertar preliminarmente com o escopro os córtes em grandes peças de ferro, como chapas, varões, carretas, etc.

Etym. : de *escop* (*ro*) + suff. dos verbos frequentativos *ear* ; a ausencia do *r* no thema se dá por intercurrencia de *escopo*.

N. ap.

Escorregar : verb.— exaggerar, levado pelo enthusiasmo da narração de algum facto ; alterar a verdade em detalhes ; mentir.

N. ap. nesta acc.

Escrôto : adj.— ordinario, baixo, ruim, mal feito.

N. ap. nesta acc.

Esfria : sm.— Vide *esfria varruma.*

N. ap.

Esfria-varruma : sm.— acolyto, aggregado, pessôa que acompanha sempre outra para lhe prestar serviços ; adulador.

N. ap.

Esipra : sf.— erysipela.

N. ap.

Espaço : sm.— disposição divergente dos chifres do gado vaccum, quasi rectos, ou em curta espiral.

Ar. geogr. : zona de criação, formada por parte das nossas I e II. Chermont, 41, consigna para Marajó, mas grapha anormalmente *espasso.*

N. ap. nesta acc.

Espadella : sf.— Vide *bolina*, II.

N. ap. nesta acc.

Espalongado : adj.— I, espadaúdo, de hombros caïdos, bamboleantes; mal feito, desengonçado ; II, gingador, mettido a valente.

Etym. : de espadua.

N. ap.

Espanta-boiada : sm.— ave da familia Charadriidæ, sub-familia Labivanellinæ. (*Hoploxypterus cayanus*, Lath.)

Esparrame : sm.— I, barulho, questão, briga; II, acção de espalhar, debandar, dispersar; III, apparato, ostentação.

Etym. : do castelhano, B. Rohan, 61.

Nota — O auctor citado consigna as duas ultimas accs.; C. de Figueiredo refere-se ao verb. *esparramar*, que define conforme a II e como — tornar estouvado, escrevendo, além disso, *esparramo*; a I é incontestavelmente a mais commum em Pernambuco, assim como a III.

Esparréla : sf.— Vide *bolina*, II.

N. ap. nesta acc.

Espelho : sm.— I, parte do cylindro nas machinas de vapor sôbre a qual escorrega o *sulaque*, q. v.; II, placas anterior e posterior das caldeiras, nas quaes são encastrados os tubos.

Nota — Taunay, 58, consigna na I acc.

N. ap. nestas accs.

Espéra : sf.— peça em que se apoia ou se fixa por parafuso de pressão a ferramenta do tôrno.

Nota — Chermont, 41, além de outra acc., consigna a de — abrigo em que se espera a maré seguinte para continuar a viagem.

N. ap. nesta acc.

Esperdicio : sm. — Vide *extravio*.

N. ap. nesta acc.

Espingolado : sm. — individuo alto, magrizela e desageitado.

Ar. geogr. : B. Rohan, 71, dá como peculiar a Pernambuco.

Espirrar : verb. — saïr subita e inesperadamente de um esconderijo, ou de um aperto de multidão.

Etym. : de *espirrar*, analogia com a subitaneidade do espirro.

Nota — Chermont, 42, consigna na mesma acc. para a Amazonia.

Ar. geogr. : t. geral.

Espolêta : sm. — I, factotum ; II, intrigante assalariado de um poderoso, leva-e-traz ; III, capanga.

Etym.: do francez *espolette*.

Nota — B. Rohan, 62, dá como *capanga* ; C. de Figueiredo tambem recolheu esta acc. Em Pernambuco são correntes apenas as duas primeiras.

Esporradéla : sf. — *ejaculatio*.

N. ap.

Esporrar : verb. — *ejaculare*.

N. ap.

Espôrro : sm. — barulho, desordem, assuada.

N. ap.

Estaleiro : sm. — girau alto sôbre forquilhas, para seccar milho, carne, etc.

Ar. geogr. : B. Rohan, 62, dá como peculiar de Pernambuco ao Ceará.

Estanhar-se : verb. pron. — zangar-se, arreliar-se.

ABON. : do *Jornal Pequeno*, n. 153, de 1911 : « Pelas 5 horas da manhã de ante-hontem, em um samba em casa de João Candido, onde se divertiam varios populares, Antonio Marques *estanhou-se* com Severino Gesuino e, como estivesse armado, desfechou-lhe um tiro de pistola ».

N. ap.

Estaquear : verb. — collocar estacas a prumo para a construcção de cêrcas.

NOTA — Romaguera, 82, consigna duas accs. differentes a este verb. — prender ao chão, por meio de estacas, o couro, com o fim de seccá-lo, e prender uma pessoa, por castigo, a quatro estacas, a que se amarram com cordas os dous pulsos e as extremidades das pernas, ficando o corpo por essa forma suspenso do chão. Essas duas accs. são peculiares ao Rio Grande do Sul.

AR. GEOGR. : segundo B. Rohan, 62, Pernambuco e outras provincias do Norte.

Esteira : sf. — I, especie de albardão feito de molhos de junco amarrados e juxtapostos, sôbre o qual se prende a cangalha depois de quebrada, isto é, vergada, para esposar a fórma do dorso do animal ; II, plataforma movel, arrastada por engrenagem em connexão com a das moendas, sôbre a qual se arrumam as cannas, e que as conduz á bôcca desse apparelho de esmagamento e compressão. Quando essa prensa é de dupla ou triplice pressão (*expressão*, dizem commum e erroneamente) entre os respectivos ternos de cylindros compressores, existem tambem *esteiras*, como as ha ainda depois do ultimo, para levar o bagaço ás fornalhas, ou proximo dellas. Consistem em duas correntes de élos planos transversalmente, em que se encastram tabuas de $0^m,10$ a $0^m,15$ de largura, entre estes, e ligando-os, se encontram outros élos, que se adaptam aos dentes dos rodêtes motores. Só as *usinas* possuem este dispositivo.

Nota — Chermont, 43, consigna na I acc. para Marajó.

N. ap. nestas accs.

Estiva : sf. — Vide *genero de estiva*.

Estouro da boiada : loc. — debandada de boiada ou rebanho em marcha.

Ar. geogr. : o sertão, na parte em que a criação é a industria predominante, comprehende, como explicamos, parte das nossas II, III e IV zonas. No Rio Grande do Sul, Romaguera, 72, usa-se nesta acc.

Estraçalhar : verb. — estracinhar, estraçoar, fazer em pedaços.

Nota — Segundo C. de Figueiredo, (in *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, de 23 de Janeiro de 1907) tem a vantagem de estabelecer gradação entre *estracinhar* e *estraçoar*, para cima ; parece-nos, porém, que o verbo, essencialmente brasileiro, tem origem diversa daquelles, embora na acc. figurada, em que se applica usualmente, a elles se assimelhe.

Etym. : de *traça*, o insecto roedor ?

N. ap.

Estradeiro : adj. — I, esperto, velhaco, trapaceiro ; II, diz-se da cavalgadura que tem boa marcha.

Etym. : de estrada.

Estrovenga : sf. — engrenagem, cousa complicada, qualquer cousa que se não possa precisamente definir.

Etym. : de *estrovo* = *estropo*, italiano, *strop*.

Syn. : jóça.

Nota — C. de Figueiredo no *Supplemento* aponcta como termo de Ribatejo (Portugal) e define como correia ou cadeia que, nas carretas puxadas a quatro bois, prende a canga dos bois da deanteira á dos do coice.

N. ap. nesta acc.

Estudar: verb.— diz-se do animal, cavallo ou boi, que está á mangedoura sem comer.

Abon.: Franklin Tavora, no romance *O Matuto*, p. 4: «Do outro lado o alpendre mostrava-se inteiramente livre, como convinha, afim de terem os hospedes espaço para as suas redes, que elles armavam de um enxamel para outro, e donde podiam ver os seus animaes a alguns passos de distancia, comendo, si havia o que, ou *estudando*, como muitas vezes acontecia».

N. ap. nesta acc.

Excavação: sf.— nome dado pelos trabalhadores de estrada de ferro ás operações concernentes ao movimento de terras, como aberturas de *cortes*, terraplenagens, etc.

Etym.: de excavacar.

N. ap.

Extravio: sm.— terra extrahida dos córtes das estradas e não aproveitada nos aterros correspondentes.

Syn.: desperdicio, esperdicio.

N. ap. nesta acc.

F

Facada: sf.— acto de pedir dinheiro emprestado, ou dado.

N. ap. nesta acc.

Facadista: sm. — individuo que vive do expediente de dar *facadas*, isto é, pedir dinheiro emprestado, ou dado; corresponde ao *mordedor*, do Rio de Janeiro.

N. ap. nesta acc.

Fachina: sf.— I, varas finas e flexiveis, com que se fazem cêrcas cerradas, entretecendo-as verticalmente com outras varas mais grossas e horizontaes; II, campo de pastagem entremeado de arvoredo esguio; III, planta solanacea de Pernambuco, ainda insufficientemente determinada.

Nota — Não recolhido na I acc ; a II, dada por B. Rohan, 63, é tambem consignada approximadamente em Romaguera, 83. Ambos esses auctores referem-se mais especialmente a *fachinal*, que, entretanto, dizem ser o mesmo que o nosso voc.

Ar. geogr.: na I, Pernambuco; na II, S. Paulo, Paraná, Sancta Catharina e Rio Grande do Sul, *apud* B. Rohan, l. c.; C. de Figueiredo consigna nas II e III.

Falso-ao-corpo : sm.— *qui muliebriter concumbit.*

N. ap.

Farofa : sf. — I, iguaria que se prepara com agua quente, manteiga e farinha de mandióca que, assim, apenas soffre uma ligeira cocção ; II, basófia, pretenção.

Nota — B. Rohan, 64, consigna na I acc, mas descreve o preparo de um modo que de todo desconhecemos; C. de Figueiredo copia-o; na II não está ap., entretanto, o ultimo auctor dá com egual sign. *farofia*, usado em Portugal, mas não no Brasil.

Ar. geogr.: termo geral.

Favinha : sf. — arvore da familia das Leguminosas (Mimosaceas), que fornece uma madeira branca e leve, propria para trabalhos internos, marceneria, caixoteria, etc. Parece ser a *Pterodon pubescens*, Benth., conhecida na Amazonia por *Faveira do Mato* (Cf. Pio Corrêa, *Flora Brasileira*, 32).

Ap. insufficientemente.

Fazenda : sf. — I, estabelecimento de criação de gado, com especialidade vaccum e equino ; II, propriedade agricola de grande cultura.

Nota — B. Rohan, 64, consigna nas duas accs. e dá mesmo os synonymos *estancia* e *engenho*, exactamente definidos. C. de Figueiredo traz apenas a I e insufficientemente explicada.

Ar. geogr.: *Fazendas*, nas zonas I e II e parte da III (Bahia), são exactamente as de criação; apenas, nos ultimos tempos, tendo-se desenvolvido em Pernambuco o cultivo do café, começou-se a extender a essas propriedades, seguindo o exemplo do Sul, a mesma denominação; na IV e parte da V o voc. só tem a II acc. No Rio Grande do Sul na I acc. corresponde ao termo *estancia*, ao passo que a II se transmuda em engenho, na zona complexa a que primeiro nos referimos. Na VI, finalmente, cremos, as duas accs. mais ou menos se penetram.

Fedegôso: sm. — I, planta medicinal brasileira, da familia das Borragaceas (*Tiaridium elongatum*, Lehm.), empregada na therapeutica das affecções das vias respiratorias; II, Leguminosas (Cœsalpinaceas) do genero Cassia, taes como *C. occidentalis*, Linn., *C. falcata*, Linn. *C. hirsuta*, Linn. e *C. sericea*, Sw., e outras.

As raizes de todas estas especies possuem propriedades diuréticas e tonicas, e as folhas são purgativas.

Ar. geogr.: o voc. só designa o primeiro vegetal em Pernambuco; nos outros Estados passa a denominar as especies do genero Cassia. O *fedegôso* pernambucano é conhecido no resto do paiz pelo nome de *Crista de gallo*, ou de *perú* (na Bahia).

Syn.: (na II acc.) *manjirióba*, q. v.

Felô: sm.— rebuçado de assucar em poncto fraco, de modo a constituir uma massa maleavel.

Etym.: corr. de *alféloa* ‹ arabico *al-helâwa* (Dozy e Engelmann, *Glossaire*, 112). No velho portuguez chamava-se *alféloeiro*, segundo Viterbo, *Elucidario*, 55, aquelle que fazia doce de qualquer qualidade, e isso constituia profissão illicita, porque uma lei d'el-rei d. Manuel, de 1496, prescreve «que não haja alfeloeyros, e que pena haverão».

N. ap.

Femeiro: I, adj.— diz-se do touro e, provavelmente do garanhão tambem, cujos productos são, em grande maioria, do sexo feminino; II, sm.— conjuncto de meretrizes, que são ou estão em um logar.

N. ap.

Filustria: sf.— proèza, acto que chame attenção, fanfarronada

N. ap.

Fióta: s 2. e adj.— janota, casquilho, elegante.

Ar. geogr.: Pernambuco, Parahiba e Rio Grande do Norte, B. Rohan, 64.

Fisiolostria: sf.— physionomia, apparencia.

N. ap.

Fiteiro: sm.— vitrina ou mostrador dos estabelecimentos commerciaes, dentro do qual se expõem as mercadorias á venda.

Etym.: de *fit* (*a*) + suff. *eiro*, que designa o logar onde se guardam os objectos expressos pelo radical.

N. ap. nesta acc.

Fixa: sf.— I, travessa levemente despontada que se encaixa na parte posterior das portas e janellas não engradadas, para manter unidas as tabuas de que são formadas; II, chapa de ferro com que se ligam as pontas dos trilhos nas estradas de ferro; tala de juncção.

Nota — Taunay, 60, apresenta outra acc., não usada em Pernambuco, e na qual o voc. é termo de Topographia.

N. ap. nestas accs.

Fixe: adj.— firme, seguro, forte.

Etym.: de fixo.

N. ap.

Flautear: verb.— I, zombar, motejar, debicar: II, distrahir-se, espairecer.

N. ap.

Flauteio: sm.— zombaria, motejo, debique. Tambem se diz *flauta*.

N. ap.

Fogo-morto: (*de*): loc. adv.— diz-se dos engenhos que, por uma causa qualquer, já não fabricam assucar; por extensão, applica-se a qualquer estabelecimento fabril, e mesmo ás pessoas, quando em certos estados psychicos, ou physiologicos.

NOTA — B. Rohan, 64, consigna na acc. propria.

Fogueira: sf.— I, o mesmo que *gaiola*, q. v.; II, amontoado de materias combustiveis, em geral lenha, a que se lança fogo.

NOTA — Não ap. na I acc.; na II C. de Figueiredo consigna, definindo-a por *labarêda*!

Folóte: adj.— frouxo, lasso, muito largo.

N. ap.

Formicida: sm.— preparação chimica, de differentes especies, empregada na agricultura para extinguir os formigueiros, asphyxiando as formigas por meio dos gazes irrespiraveis produzidos.

ETYM.: de *formi* (*ga*) = *cida*} lat. *cœdo*, matar.

NOTA — Taunay, 61, consigna. Salvo engano, o termo foi creado pelo barão de Capanema, inventor do formicida do mesmo nome.

N. ap.

Fôrno (de farinha): sm.— plataforma, a cêrca de um metro do solo, geralmente circular, ladrilhada de grandes tijolos especiaes, e cercada por um rebordo do mesmo material com $0^m,20$ de alto, ligeiramente inclinada para fóra, sob a qual se faz fogo. Assenta peripffhericamente em um muro da mesma forma, e no centro sôbre um ou mais arcos de alvenaria. E' sôbre ella que se cóze e torra mais ou menos a farinha de mandioca, mantendo-a constantemente em movimento, por meio do rodo.

NOTA—B. Rohan, 64, aponcta, mas a descripção que dá é de um apparelho completamente desconhecido em

Pernambuco, onde é exclusivamenre usado o que acabamos de descrever.

N. ap. nesta acc.

Frechas : sf. pl. — lados verticaes do quadro, em que se tende a lamina da serra braçal.

N. ap. nesta acc.

Frége : sm. — casa de pasto ordinaria, tasca.

Etym. : de *fregir*, por *frigir*.

Abon. : do *Diario de Pernambuco*, n. 190, de 1911 : «Afinal, as auctoridades lançaram as vistas para um pequeno *frége*, de propriedade do Sr. José Siqueira Sobrinho, situado á rua do Sol n. 9.»

Syn. : *frége-moscas*, *mosqueiro*.

Está nos diccs., màs é peculiar a Pernambuco, apesar de já se ter extendido ao Rio de Janeiro.

Frége-moscas: sm. — Vide *frége*.

Frei Jorge : sm. — arvore da familia das Cordiaceas (*Cordia frondosa*, Scoth,) muito abundante nos Estados de Pernambuco e Parahiba.

Syn. : quiri.

Nota — C. de Figueiredo consigna ambas as denominações, mas apenas conseguiu saber a familia botanica.

Frêvo : sm. — ajunctamento de pessôas, nas ruas e praças, movendo-se ao som de musica, nas festas carnavalescas e outras.

Abon.: do *Jornal do Recife*, n. 32, de 1913: «Queiram ou não, a verdade é esta, e somente os amantes do *frêvo* é que têm dado a nota grotesca nas ruas da cidade, saracoteando funambulescamente, macabramente.» —D' *A Provincia*, n. 32, de 1913:

« O *frêvo*, palavra exotica,
Tudo que é bom diz, exprime,
E' inegualavel, sublime,

Termo raro, bom que dóe...
Vale por um diccionario,
Traduz delirio, festança,
Tudo salta, tudo dança,
Tudo come, tudo róe...»

ETYM. : metathese de *fervo* por *fervôr*. E' termo de creação recente.

N. ap.

Frito : I, sm. — iguaria feita de um picado de carne, peixe, etc., e frita em pequenas porções separadas, especie de *croquettes* ; II (*estar frito*), loc. — prompto, liquidado (referindo-se a pessôas).

N. ap. nestas accs.

Fructa-de-pomba : sf. — arvore da familia das Erythroxylaceas (*Erythroxylum subrotundum*, St. Hil.), cujas sementes servem para a nutrição das aves domesticas.

NOTA—Pio Corrêa, *Flora do Brasil*, 92, dá como patria desse vegetal os Estados comprehendidos entre Pernambuco e S. Paulo. Uma outra especie existe (*E. pelleterianum*, St. Hil.) que a mesma denominação vulgar tem, dada por aquelle auctor como se extendendo da Bahia ao Rio Grande do Sul e Minas.

N. ap.

Fuga : sf. — espaço, margem, sobra.

N. ap. nesta acc.

Fugicar : verb. — coser roupa velha, remendar ; coser ligeiramente e a largos pontos.

NOTA — B. Rohan, 65, dá *fuxicar* com acc. identica e como peculiar a Pernambuco ; parece nos que ouviu mal.

N. ap.

Fulustréco : sm. — fuão, fulano; designação vaga e depreciativa de alguem que se não quer nomear. «*Fulustréco* de Tal dos Anzóes Carapuça»...

ETYM. : corr. pejorativa de *fulano*.

N. ap.

Funje : sm. — reunião dançante entre gente de baixa condição.

ETYM. : os negros angolenses chamavam *funji* as papas de mandioca, que se faziam mexendo a substancia com um pau comprido. Talvez por translação de sentido, viesse a ter esse nome a festa dançante dos negros, ou gente baixa.

N. ap.

Fura-barriga : sf. — ave da familia Galbulidæ (*Galbula galbula*, Linn.)

N. ap.

Furduncio : sm. — mexerico, intriga, falatorio, chocalhice; assuada, barulho.

N. ap.

Fuso : sm. — Cf. *arrocho*.

NOTA — C. de Figueiredo dá como peça similhante nos lagares de azeite.

Fute : sm. — diabo, demonio.

SYN. : capirôto.

N. ap.

Futicar : verb. — I, espetar, furar; II, importunar, aborrecer.

ETYM. : de *fustigar?*

NOTA — B. Rohan, 65, dá como syn. de *fuxicar*, por *fugicar*, q. v. para S. Paulo, Bahia e Pernambuco, enquanto que a nossa versão é assignalada para o Rio de Janeiro.

N. ap. nesta acc.

Futrica : sm. — antiga designação escholar de quem não era estudante, ou de quem só tinha dous preparatorios; actualmente, individuo ordinario, sem importancia social.

NOTA — E', como *cafageste*, termo importado de Coimbra, de cuja celebre Universidade, ao serem installados os cursos juridicos de Olinda e S. Paulo, vieram os primeiros estudantes e, com elles, certos habitos, costumes e denominações.

ETYM. : de *futre*{ baixo latim *futrum*?

AR. GEOGR. : Pernambuco e S. Paulo.

G

Gaiola : sf. — especie de andaime, ou melhor, cavallête, formado de dormentes em camadas de dous, collocados em cada uma, perpendicularmente aos da precedente. Muito empregado nas estradas de ferro em construcção, ou mesmo em trafego, como poncto de apoio ou sustentação elevada do solo.

SYN. : fogueira.

N. ap. nesta acc.

Gaiteiro : sm. — logar nas emboccaduras dos rios, periodicamente alagado, onde cresce uma vegetação characteristica, na qual se encontra em abundancia o caranguejo vulgarmente chamado *aratú* (*Grapsus cruentatus*, Latreille).

NOTA — A vegetação, a que acima nos referimos, é constituida por um grupo de especies conhecidas por *mangues*. Uma dellas (*Rhizophora mangle*, Linneu) despede grandes raizes adventicias, nas quaes costumam subir os aratús em quantidade consideravel durante o fluxo da maré; óra, essas raizes são chamadas *gaitas*, em virtude da fórma que affectam; dahi o nome vulgar de *gaiteiro* a essa especie de mangue, e, por extensão, ao logar onde mais se encontram os alludidos crustaceos.

N. ap. nesta acc.

Gallega : sf. — ave da familia Columbidae (*Columba rufina*, Temm.) Tambem chamada *Pomba gallega*.

NOTA — Goeldi, *Aves* (Indice Alphabetico, 29), dá esses nomes como usuaes em Pernambuco.

N. ap. nesta acc.

Gallinha-chóca : sf. — I, individuo que não póde estar quiéto, que tem bicho-carpinteiro ; II, acanhado, imprestavel, cobarde.

NOTA — C. de Figueiredo consigna como adoentado.

Gallista: sm. — individuo que se occupa de criar, preparar e guiar durante a lucta gallos de briga, e que vive principalmente das apostas feitas sôbre elles.

N. ap.

Galopeado : sm. — I, iguaria constante de carne picada e guizada, no môlho da qual se incorpora, enquanto ainda está ao lume, farinha de mandioca para reduzi-lo a angú ; II, adj. — cavallo trenado para corridas.

SYN. : pitéo.

AR. GEOGR. : Na I acc. Pernambuco; na II Rio Grande do Sul, Romaguera, 91.

N. ap. nestas accs.

Galopear : verb. — I, galopar (verbo este pouco usado pelo povo) ; II, domar um cavallo.

NOTA — Só ap. em Moraes (7ª edição) que abona com citação de obra antiga (*Devoç. do Rosar.*, Dial. I) ; é este termo uma nova prova de que muitos vocs., hoje archaicos em Portugal, continuam a viver entre o povo do Brasil.

AR. GEOGR. : Na I acc. Pernambuco e Estados vizinhos; na II, Rio Grande do Sul, Romaguera, 91.

Galpão : sm. — I, telheiro, em geral coberto de zinco ondulado, para recolher carros, machinas agricolas, materiaes, etc; II, alpendre, casa aberta por um dos seus lados para usos similhantes.

ETYM. : E' voz pan-americana e deriva do nahuatl *calpulli*, sua fórma primitiva, que significa casa ou sala

grande; transformada em *galpon*, é actualmente usada nas republicas hispano-americanas com accs. eguaes ou approximadas das brasileiras (Cf. Lenz, *Dicc. Etim.*, 343).

AR. GEOGR. : Na I acc. é termo geral; na II Romaguera, 91, consigna para o Rio Grande do Sul.

N. ap. na I acc.

Gambá : sm. — individuo dado ao vicio da embriaguez.

ETYM. : t. guar. *gambà* (nome commum a diversos marsupios do genero Didelphys), composto de *gua*, seio + *ambá* = *embá*, vasio, ôco, allusão á particularidade anatomica que characteriza essa classe de mammiferos. — O Dr. Emilio A. Goeldi, *Mammiferos do Brasil*, 141, escreve : « Por toda a parte affirma-se que os Didelphyides gostam de embebedar-se, desde que se lhes apresente aguardente num prato raso ». Dahi, por analogia, a acc. pernambucana do vocabulo.

N. ap. nesta acc.

Gambêlo : sm. — cousa bôa, doce, agradavel. Usual na expressão : doce como um *gambêlo*.

N. ap.

Gamelleira : sf. — arvore da familia das Moraceas, de que ha varias especies, sendo mais conhecidas as duas seguintes : Gamelleira branca (*Ficus doliaria*, Mart.) e Gamelleira lombrigueira (*F. radula*, Willd.)

NOTA — A madeira de ambas (pêzo especifico da branca, 0,390) presta-se para a construcção de canôas, tabuados, caixoteria, gamellas, colheres e pasta de papel. A casca exsuda um latex com propriedades medicinaes, e que produz borracha, principalmente o da segunda ; é dessa casca que se extrahe o alcaloide *doliarina*.

AR. GEOGR. : Segundo Pio Corrêa, *Flora do Brasil*, 33, vive a primeira especie dos Estados do Rio de Ja-

neiro até o Rio Grande do Sul e Minas, e, provavelmente, outros do Norte; a segunda do Pará até o Piauhi. Podemos garantir que, pelo menos a *Ficus doliaria*, habita Pernambuco, onde arboriza muitas ruas e caes da capital.

Ap. muito insufficientemente.

Gamêllo : sm. — papagaio de papel formado de um triangulo isosceles com o vertice para baixo e de um trapezio assente sôbre sua base, sendo menor o lado superior deste.

N. ap. nesta acc.

Gamenhar : verb. — fazer-se gamenho, casquilho, peralta.

Abon. : Do jornal *O Carapuceiro*, n. 9, de 17 de Maio de 1837 : « Que Padres do ermo andão por ahi retezados e *gamenhando* no meio de nós . . . »

N. ap.

Gangorra : sf. — bicycleta.

Nota — O voc. tem na lingua outros signs. Quando appareceram em Pernambuco as primeiras bicycletas, certo commandante de policia prohibiu, sob pena de prisão, a passagem daquellas *gangorras* pela calçada de seu quartel. O termo foi á imprensa com as queixas dos cyclistas contra a violencia e passou ao povo, que consagrou pelo uso a inconsciente metaphora policial.

N. ap. nesta acc.

Ganguê : sm. — morrinha, indisposição physica, mal estar indefinido.

Etym. : Ha no guar. o adj. *canguer* = fraco, ou enfraquecido.

N. ap.

Ganzá : sm. — instrumento de folha de Flandres, o qual com sementes de milho, ou outras, produzindo som quando agitado, serve para marcar o compasso na dança vulgarmente chamada côco.

Etym. : provavelmente t. africano.

Garagem : sf. — cocheira de automoveis de aluguel para passeio ou carga.

Abon. : Lei de orçamento do Estado de Pernambuco de 30 de Junho de 1911 : «N. 50 — Por *garagem* de automoveis de passeio, etc.».

Etym. : do francez *garage* { *garer*.

Nota — A fórma franceza é usual no Brasil ; *garagem* é neologismo pernambucano. Em Portugal propuzeram, para substituir o gallicismo, o substantivo verbal *recolha*, de *recolher*, que pareceu excellente a Gonçalves Vianna (*Apostilas aos Diccionarios Portuguêses*, II, 353), contanto que se lhe antepuzésse a palavra *cocheira*, isto é, *cocheira de recolha*.

N. ap.

Garajáu : sm. — I, cesto grande oblongo para conducção de aves ; II, apparelho para conducção de peixes seccos ; III, idem para conducção de louça de barro, a cavallo, ou a pé. — Neste ultimo caso, empregam-se dous, pendentes das extremidades de uma vara, que se carrega ao hombro.

Etym. : parece t. guar. ; mas não encontramos etymo conveniente.

Ar. geogr. : A I acc. é peculiar a Pernambuco, conforme assignala B. Rohan, 67 ; a II a Parahiba e Rio Grande do Norte ; a III a Pernambuco.

Garapa : sf. — I, bebida formada pela mixtura de mel (de *furo*, em geral) com agua ; II, refresco confeccionado com qualquer fructa, assucar, ou mel e agua ; III, qualquer liquido que se põe a fermentar, para depois ser distillado ; IV, quando destinado ao mesmo fim, e só neste caso, o caldo de canna, que fornece a verdadeira aguardente de canna ; V. fig., cousa bôa, certa, facil de se obter. Diz-se : é aquella *garapa !* — para exprimir essa facilidade, ou certeza na obtenção do que se deseja.

Nota — Estas são as accs. genuinamente pernambucanas. B. Rohan, 67, consigna como geral a II e dá a IV, sem restricções, para S. Paulo, Goiaz e Matto Grosso; accrescenta que, em algumas provincias do Norte, se chama *garapa picada* ao caldo de canna fermentado; é possivel, porém não em Pernambuco, onde a denominação é *caldo picado*, ou *azêdo*.

Etym.: t. guar. *y-yar-ár*, agua que cáe; part. *yyaráhab*, tambem s., significando — o liquido excorrido. (Cf. B. Caetano, 210).

N. ap. nas outras accs.

Garapeira: sf. — especie de rancho, á margem das estradas, onde os almocreves, mediante pagamento, dão a beber *garapa* aos animaes.

Abon.: Lei municipal do Recife, n. 394, de 1905, art. 1º, § 67: « Licença para ter *garapeira* ou rancho nos logares permittidos pela municipalidade, 20$000.»

Etym.: de *garapa*.

N. ap.

Garganta: sf. — poncto mais baixo em que se póde transpôr uma serra, e donde partem valles oppostos.

Ar. geogr.: termo geral.

Ap. insufficiente, ou antes, pouco exactamente.

Gato: sm. — I, cavallo de corrida dado como de sangue inferior ao que effectivamente tem, ou com procedencia diversa da verdadeira; II, individuo esperto, ligeiro na capoeiragem.

N. ap. nestas acc.

Gavêta: sf. — dispositivo que tem por fim distribuir o vapôr aos cylindros das machinas movidas por esse fluido.

Nota — E' o correspondente brasileiro dos termos *tiroir*, francez, e *slide-valve*, inglez, de que os nossos operarios fizeram *sulaque*, q. v. (Cf. Picanço, 47).

Ar. geogr.: t. technico e, portanto, geral.

N. ap. nesta acc.

Gavião : sm.— ponta posterior do gume do machado.

N. ap.

Gaz : sm.— kerozene, petroleo.

Ar. geogr. : E' t. geral no Norte.

N. ap. nesta acc.

Gazeteiro : sm.— vendedor de jornaes.

Etym. : de gazeta.

Ar. geogr. : Parece t. geral.

N. ap. nesta acc.

Gebára : sf.— Vide *jebára*.

N. ap.

Gebú : sm.— explosão que fazem os busca-pés, *limalhas* e outros fogos de artificio por defeito de confecção.

Etym. : Parece onomatopaico.

N. ap.

Genero-de-estiva : sm. — designação dos generos que formam a base do commercio de seccos e molhados, applicada mais especialmente ao negocio dos mesmos generos em grosso.

Abon. : Lei municipal do Recife, n. 394, de 1905, tit. 6º, n. 4 : «Sobre armazem de fazendas, ferragens, miudezas, bacalhau, farinha de trigo, assucar, charque e *generos de estiva*....»

N. ap.

Gengibirra: sf.— I, bebida fermentada, em cuja composição entram fructas, gengibre, assucar e acido tartarico, fermento de pão e agua ; II, logar onde se vende a mesma bebida.

Etym. : de *gengibre*, e, talvez, de *birra*, cerveja em lingua italiana, o que seria facilmente explicavel, caso

tivesse sido algum limonadeiro dessa nacionalidade quem inventou ou introduziu entre nós tal bebida.

N. ap.

Genipapeiro : sm. — arvore da familia das Rubiaceas (*Genipa americana*, Linn.); existe outra especie denominada *Genipapeiro bravo,* e que é a *Tocoyena formosa,* de Schumann.

Etym. : t.— guar. *nhandipab* = *jandipab,* fructo de esfregar ou que serve para pintar (Cf. B. Caetano, 313, e Th. Sampaio, 125).

Nota — A madeira fornecida pela primeira especie, unica de que aqui nos occuparemos, presta-se excellentemente ás obras de construcção naval e civil e demais de carpintaria. E' egualmente bôa para confecção de peças de resistencia, carrocinhas, carroçaria, marcenaria, fôrmas de sapatos e objectos torneados. Seu pêzo especifico é de 0,670 a 0,850 e a resistencia á flexão de 5^{kg},200. A casca tem propriedades therapeuticas, serve para cortume e outras applicações na industria. As folhas são empregadas como forragem para o gado vaccum. O fructo, finalmente, é verdadeiro thesouro ; fornece : verde — materia tinctorial, de facil emprêgo domestico, além do industrial, e é de uso corrente nas tatuagens ; maduro — polpa aromatica, doce, refrigerante e medicinal. Fermentada esta, dá os justamente celebrados, licôr, aguardente e vinho de genipapo, elementos de uma prospera industria pernambucana. O ultimo — o vinho — com especialidade, é excellente tonico e reconstituinte.

Ar. geogr. : segundo Pio Corrêa, *Flora do Brasil,* 34, é seu *habitat* da Guiana ao Espirito Sancto e Minas, onde é tão abundante que o fructo é empregado na engorda dos porcos com optimos resultados.

Insufficientemente ap.

Genipapo : sm.—I, fructo do genipapeiro, q. v. ; II, mancha escura na parte inferior da região dorsal das creanças, tida como signal de mixtiçagem.

N. ap. na II acc.

Geniparana: sf.— arvore da familia das Lecythidaceas, da qual se conhecem duas especies : *Gustavia augusta*, Linn., e *G. brasiliana*, D. C.

Nota — A madeira de ambas presta-se para as construcções civis e para marcenaria ; as folhas e raizes têm propriedades medicinaes.

Etym : t. guar. de *genipa* (*po*) + *rana*, parecido, similhante.

Ar. geogr. : Pio Corrêa, *Flora do Brasil*, 34, dá como sua patria do Amazonas a Alagôas. Ao que nos consta, conserva o nome pelo menos em seus diversos *habitats* parciaes.

N. ap.

Gia : sf.— objecto roubado, furto.

Ar. geogr. : Archipelago de Fernando de Noronha

N. ap. nesta acc.

Gigo : sm.— engradado de verga ou junco, forrado interiormente de palha, empregado para o transporte de louça.

N. ap. nesta acc.

Ginga : sf.— canéco munido de longo cabo que, suspenso sôbre o assentamento, serve para baldear o caldo de uma tacha para outra nos engenhos de *banguê*.

N. ap. nesta acc.

Giquitaia : sf.— Vide *jiquitaia*.

Giro : sm.— ferragem que se adapta ás portas de certos moveis em vez de gonzos, e que consiste em dous pares de estreitas e

curtas laminas de ferro, duas das quaes se encastram nas partes inferior e superior da porta, aparafusando-se nesta, e as duas outras nos logares correspondentes da grade; as primeiras são munidas de pequeninas hastes verticaes, que penetram em orificios existentes nas segundas.

N. ap. nesta acc.

Giz : sm. — I, traço rectilineo, a ferro quente, com que se assignala o gado vaccum, indicando, por occasião do inventario, que esse animal já foi contado ; II, contra-marca que se põe em um animal, quando passa a outro possuidor.

AR. GEOGR. : segundo B. Rohan, 69, Pernambuco, Parahiba e Ceará ; suppomos, entretanto, que o termo é corrente em toda a zona norte-oriental.

Gizar : verb. — acto de assignalar o gado vaccum, por meio do traço a ferro quente, chamado *giz*.

AR. GEOGR. : B. Rohan, 69, Pernambuco, Parahiba e Ceará ; cabe aqui o que dissemos sobre *giz*.

Goderar : verb. — filar, ser *godéro*, q. v.

N. ap.

Godéro : sm. — I, ave da famila Icteridæ (*Molothrus bonariensis*, mélin) ; II, filante, parasito, o que procura obter alguma cousa sem gastar dinheiro.

ABON. : Quadra popular :

« *Godéro* disse
Que eu godérasse,
Comesse o dos outros
E o meu guardasse . . . »

NOTA — Gœldi, *Aves*, 281, refere-se áquella ave, que chrisma de *gauderio* ; mas o nosso povo chama-a *godéro*. Os signs. acima são relacionados entre si, porque a ave, commodista e preguiçosa, costuma deitar seus ovos no ninho de outras, principalmente do *Tico-tico*

(*Brachyspiza capensis*, Müll.), cujo desprendimento explora de maneira revoltante, como diz Gœldi, para criação de sua próle : é um filante, um parasito.

Etym. : Os diccs. trazem — *gauderio*, malandro, vadio.

N. ap.

Góga: sf. — valentia, fama de bravo. Ouve-se na giria : « *O cabra* é mettido a *brabo*, mas hei de tirar-lhe a *góga* . . . »

N. ap.

Gogó : sm. — osso hyoideo, ou maçã de Adão.

Ar. geogr. : Parece t. geral no Norte.

N. ap.

Gogóia : sf. — arbusto da familia das Solanaceas.

N. ap.

Gomma : sf. — amido, extrahido de qualquer substancia feculenta ; no Brasil, diz-se especialmente do obtido da mandioca (*Manihot utilissima*, Pohl).

Nota — B. Rohan, 70, e C. de Figueiredo, que o copía litteralmente dá como synonymo de *tapioca*, q. v. ; em Pernambuco, porém, este voc. designa uma iguaria de que ha differentes especies, ou a *gomma* reduzida a grumos, que mais propriamente se denomina *farinha de tapioca*. A verdadeira synonymia da *gomma*, em quasi todo o Brasil, *é polvilho*.

Gonçalo Alves : sm. — arvore da familia das Anacardiaceas (*Astronium graveolens*, Jacq.), de que se conhece tambem uma outra especie, a *A. fraxinifolium*, de Schott.

Nota — A madeira, que é magnifica, tem de pêzo especifico 0,855 a 1,049, e sua resistencia ao esmagamento é de 618 kilogrammas por centimetro quadrado, enquanto a do carvalho europeu é apenas de 600. Suas

principaes applicações são : construcção civil e naval, esteios, dormentes, marcenaria de luxo e obras de talha. Sua casca, rica em tannino, serve ao curtimento de pelles. Tudo o que acabámos de dizer se applica attenuadamente á segunda especie citada (Cf. Pio Corrêa, *Flora do Brasil* 34). C. de Figueiredo consigna, remettendo para *gurubu*, que aponcta como uma terebinthacea que serve em carpintaria e de que se extrahee tinta roxa ; na litteratura botanica ao nosso alcance não encontrámos tal vegetal ; entretanto, aqui fica a indicação para que outros, mais felizes de que nós, a aproveitem e identifiquem, si possivel fôr.

Ar. geogr. : Do Amazonas ao Rio de Janeiro, quer para o vegetal, quer para a denominação.

Gonguinha : sf. — garapa de assucar com farinha de mandioca.

N. ap.

Gornópe : sm. — qualquer porção de bebida alcoolica, que se toma de uma só vez.

Etym. : de *góle ?* E' bem provavel, por ter sido creado o termo pelo celebrado *Bodião de Escama*, que caprichava em dar aos vocs. uma feição altamente phantasista.

Syn. : remada, traço.

N. ap.

Gosmado : sm. — discurso, brinde, falação.

Syn. : *lenquencia*.

N. ap.

Grade : sm. (pronunciar *greid*) — serie de cótas que caracterizam o perfil longitudinal de uma estrada de ferro, e dão as altitudes de seus diversos trechos.

Etym. : do inglez *grade*, sem alteração.

NOTA — O voc. brasileiro é uma extensão do sign. na lingua de origem, pois *grade* em inglez é apenas: In a railroad highway the rate of ascent or descent (Cf. Webster, *American Dictionary of the English Language*, 583) — Picanço, 47, consigna.

N. ap.

Grammatica: sf.— aguardente, qualquer bebida alcoolica.

N. ap.

Grangazá: s 2 e adj. — individuo de elevada estatura e desengonçado; alto, grande.

N. ap.

Graucá: sm.— I, individuo que soffre de albinismo; II, nome de um caranguejo.

SYN: I, acc. aça, sarará.

N. ap.

Grelar: verb. — crescer, augmentar (o dinheiro); muito empregado por jogadores, referindo-se a uma entrada pequena, que a sórte torna apreciavel.

N. ap. nesta acc.

Grélha: sf.— cavallo magro e ordinario.

ABON.: *Diario de Pernambuco*, n. 127, de 1911: «... cavallo magrissimo, *grélha*, na linguagem popular».

N. ap. nesta acc.

Grilo: sm.— furto.

AR. GEOGR.: Archipelago de Fernando de Noronha.

N. ap. nesta acc.

Gringo: sm.— designação depreciativa dos subditos italianos, ou suppostos taes.

NOTA — Segundo Romaguera, 99, no Rio Grande do Sul significa extrangeiro, menos o portuguez e o hispano-americano.

N. ap.

Grude: sm. — iguaria feita de gomma secca e côco ralado mixturados intimamente, e assada ao fôrno, envolvida em folhas de qananeira.

NOTA — Quando, em vez da gomma, se emprega a massa de mandioca, toma o *grude* o nome de *mal casado*.

N. ap. nesta acc.

Grumixameira: sf. — arvore da familia das Myrtaceas (*Eugenia brasiliensis*, Camb); produz um saboroso fructo que, fermentado, dá apreciada bebida.

NOTA — As cascas e as folhas são aromaticas e adstringentes e têm applicações medicinaes. O lenho (pêzo especifico 0,670 a 0,757) serve para obras de carpintaria, marcenaria e caixotaria. — Quanto á classificação que demos ao vegetal, preferimos a da *Flora do Brasil*, p. 35, em vista da data de sua publicação (1909); entretanto, julgamos dever consignar que o doutissismo professor J. Huber, em trabalho publicado em o Boletim do Museu Gœldi, vol. IV, p. 387, de 1904, sôbre as arvores fructiferas do Pará, classifica o vegetal alludido, que aliás conheceu de viso, como sendo o *Stenocalix Brasiliensis*, Berg.

Ap. insufficientemente.

Grumixama: sf. — fructo da *grumixameira*, q. v.

ETYM.: t. guar. *curumim — cama* parvuli mamma, Martius, *Glossaria*, 394.

Guabirába: (ou melhor *Guabirobeira*, vísto o primeiro voc. designar mais especialmente o fructo): sf. — arvore da familia

das Myrtaceas (*Abbevillea maschalantha*, Berg.) de lenho resistente fructo comestivel (Cf. *Breve Noticia*, 15).

Nota — Reina na litteratura especial um verdadeiro cahos sôbre essa arvore: para começar, uns confundem *guabirába* e *guabiróba*, e são desse numero os illustres naturalistas patrios redactores da *Breve Noticia;* outros a distinguem e outros, finalmente, como Pio Corrêa, só citam *Guabiróba*. Desse conjuncto de informes dispares preferimos seguir os da referida *Breve Noticia,* por nitida e claramente darem como *habitat* do vegetal, de que nos occupamos, os Estados de Parahiba e Pernambuco, exclusivamente. In *Flora do Brasil*, 35-36, todas as especies consignadas pertencem aos Estados do Sul. B. Rohan, 70, um dos que distinguem as duas graphias, diz que a *Guabirába* de Pernambuco e Bahia é do genero Abbevillea, enquanto que a do Ceará é uma Eugenia, o que veio corroborar o nosso modo de ver.

Etym.: t. guar., talvez de *guab*, ao comer-se + *ráb,* desabrido, ou *rób*, amargo (Cf. B. Caetano, 130). Th. Sampaio, 126, propõe etymo concernente apenas á segunda fórma: *guab-iróba*, comida, aliás, fructa de comer amarga; *guabirába* é para esse auctor alt. do vocabulo.

Ap. insufficientemente.

Guabirú: sm. — uma especie de ratazana (*Mus tectorum*, Savi).

Nota — No antigo regime politico tiveram esse nome em Pernambuco os partidarios do barão da Bôa-Vista, em allusão a suppostas practicas de actos predatorios.

Etym.: t. guar. *guab-porú*, que devóra a comida, B. Caetano, 130.

Ar. geogr.: B. Rohan, 70, dá o termo como usual em Pernambuco e outras provincias do Norte.

Guacucúia : sm. — peixe acanthopterygio (*Malthea longirostris*, Cuv.) da Fauna maritima de Pernambuco.

N. ap.

Guagirú : (tambem graphado *guajurú*), sm. — planta da familia das Rosaceas (*Chrisobalanus icaco*, Linn.)

NOTA — Este modesto e despresado arbusto, pouco exigente como é, alastra-se pelos comoros de nossas praias. Apesar de humilde, quasi rasteiro, tem as seguintes utilidades, conforme á parte que se considere: folhas e casca — são adstringentes, empregam-se na medicina e para fortificar, tornando-os menos atacaveis pela agua do mar, os fios das rêdes de pesca; os fructos — fornecem alimento são e saboroso; o embryão das sementes—contém um oleo com applicação na industria. Ainda uma propriedade eminente, e esta a mais importante de todas, apresenta o nosso vegetal: a de fixar, como planta salicornia que é, as dunas invasoras, — acção que exerce espontaneamente, mesmo sem licença do homem. Conquanto consignado, insufficientemente, é certo, nos diccs., recolhemo-lo para, em obra mais manuseada que um catalogo botanico, chamar a attenção dos nossos patricios para mais uma das muitas riquezas inaproveitadas da nossa Flora.

ETYM. : t. guar., é voc. assás corrompido; pode-se, entretanto, suppôr *guá* por *abáybá*, fructo, e *jerú*, ou *jirú*, ou *jurú*, que não tem explicação, mas parece incluir o verbo *ú*, comer: fructo de comer ou comestivel? Abbeville escreve *ouagirou*; Gabriel Soares *abajerú*.

AR. GEOGR. : Guiana, Pará, e de Pernambuco a S. Paulo; littoral.

Guanandi : sm. — arvore da familia das Guttiferaceas (*Calophyllum brasiliense*, Camb.)

NOTA — A madeira desta arvore, cujo pêzo especifico é de 0,635 a 0,802 e a resistencia ao esmagamento é de 441^{kgs}, applica-se ás construcções civil e naval, mastros de navios, carpintaria e marcenaria. Sua casca exsuda uma gomma-resina abundante, espessa e amarellenta, com applicações medicinaes, veterinarias e industriaes. O fructo contém 44 % de oleo, e as flores são favoraveis á agricultura (Cf. Pio Corrêa, *Flora do Brasil*, 36).

ETYM.: t. guar., *guá* por *guará*, corr. de *ybyrá*, arvore + *nandi*, oleo, azeite.

AR. GEOGR.: do Amazonas a Sancta Catharina.

Guando: sm. — Vide *guandú*.

Guandú: sm. — arbusto da familia das Leguminosas (*Cajanus flavus*, De Candolle), que produz uma especie de ervilha excellente.

ETYM.: O nome parece africano, como o é o vegetal.

NOTA — B. Rohan, 70, consigna o voc. como peculiar a Pernambuco, conquanto nos seja mais familiar a denominação *Feijão-cuandú*. Chama-se tambem *Ervilha da Angola*.

Guaporanga: sf.— arvore da familia das Myrtaceas (*Marliera tomentosa*, Camb.), empregada para cabos de ferramenta, instrumentos agricolas e outros usos.

ETYM.: t. guar. — de *guá* por *guará*, corr. de *ibirá*, arvore + *poranga*, bella, bonita.

AR. GEOGR.: Pernambuco, S. Paulo e Rio Grande do Sul.

Guará: sm. — I, mammifero carniceiro (*Canis crysocyon) jubatus*, Dems.), muito abundante em todo o paiz; é o lobo brasileiro; II, ave da familia Ibididæ (*Endocimus ruber*, Linn.).

ETYM.: I, t. guar.— *aguára*, cão; II, tambem t. guar: — para B. Rohan, 71, vem de *guirá—piranga*;

mas é preciso suppôr grande agglutinação, ainda mesmo que *piranga* se alterasse em *pirã* e *pirá*, como é possivel; mais acceitavel é a explicação de B. Caetano, 25, embora dubitativa: de *guag*, adornos, enfeites + *ráb*, plumas. Tenha-se em consideração que as pennas dessa ave serviam de adôrno aos indios.

NOTA — B. Rohan, l. c., e C. de Figueiredo consignam; resolvemos, porem, recolher o voc. para dar aos animaes que designa a sua verdadeira denominação na systematica moderna.

Guarabú: sm.— arvore da familia das Leguminosas (Cæsalpinaceas), de que se acham descriptas duas variedades: a *Peltogyne confertiflora*, Benth, e a *P. discolor*, Vog.

NOTA — E' vegetal de elevado porte, e sua madeira serve para construcção naval e civil, peças de resistencia, esteios, varaes, dormentes, carroçaria, obras de tôrno e marcenaria de luxo. Tem por pêzo especifico 0,855 a 0, 933, e como resistencia ao esmagamento 725 kgs. Sua casca é adstringente.

ETYM: t. guar.— *guará* por *ibirá*, arvore *bú*, elevar, erguer: arvore que se eleva, ou se ergue. Occorre ainda com os nomes de *barabú* e *garabú*.

AR. GEOGR.: Pernambuco, e, segundo Pio Corrêa, *Flora do Brasil*, 37, do Espirito Sancto a S. Paulo e outros Estados.

Ap. insufficientemente.

Guaracapema: sm.— peixe acanthopterygio (*Coriphœna hippurus*, Cuv.) pertencente á ichthyofauna pernambucana. Tambem lhe chamam *Dourado*, denominação por que é mais conhecido.

ETYM.: t.-guar.— *guará acãpema*, peixe de cabeça chata, ou truncada, explicaria sufficientemente o objecto, porque *guará* pode ser *cará*; mas como as escamas são pequenas e lisas, vê-se que *cará* escamoso não exprimiria,

sendo, porém, o mais veloz dos peixes, suggere *aguãr* = *aguãn*, o ligeiro, *acapema*, de cabeça truncada (Cf. B. Caetano, 135).

N. ap.

Guarajuba sf.— I, arvore da familia das Combretaceas (*Terminalia acuminata*, Fr. All.); II, peixe de mar, que não foi possivel identificar, mas muito commum em Pernambuco.

Nota — Quanto ao vegetal: fornece madeira de 0,789 a 0, 963 de pêzo especifico, com applicações na construcção civil e naval, carpintaria, calhas de engenho, etc. Sua resistencia á compressão é de 727 kilogrammas.

Etym.: t. guar. — *guará* por *ibirá*, arvore + *iúba*, amarella, quanto ao vegetal; *acará* ou *cará*, peixe de escamas + *iúba*, amarella, quanto ao peixe.

Ar. geogr.: I, do Amazonas a Sancta Catharina, segundo Pio Corrêa, *Flora do Brasil*, 37; II, Pernambuco e Estados vizinhos.

Insufficientemente ap.

Guaratã sf. — ave da familia Cœrebidæ (*Cœreba chloropyga*, Cabanis).

Etym.: t. guar.— *guará* por *guirá*, ave + *atan*, forte, referindo-se ao canto da ave.

Nota — Tanto Gœldi, *Aves*, 267, como o *Catalogo das Aves do Brasil*, 345, dão esta ave como existente em Pernambuco. O primeiro diz que este volatil tem no Rio de Janeiro o nome de *Caga-sebo* e em Pernambuco o de *Guaratã*, tambem dado ás aves do genero Euphone. A estas ultimas sabemos que, de facto, se applica a denominação muito similhante *Guriatã*, e não *Gurinhatã*, como escreve a pag. 289, op. cit. A extensão do nome, porém, á *Cœreba chloropyga* nos é desconhecida. A denominação fluminense é a que se usa em Pernambuco.

N. ap. nesta acc.

Guarda-mór : sm. — titulo official do chefe da policia aduaneira nos portos ; representante do fisco a bordo dos navios.

Ar. geogr. : termo geral.

N. ap. nesta acc.

Guarda-moria : sf. — repartição annexa ás alfandegas, encarregada da policia fiscal nos portos e a bordo dos navios.

Ar. geogr. : termo geral.

N. ap.

Guarimpe : sm. — talude vertical, regularizado a bico de picarèta, nos *córtes* das estradas, quando se pretende conservá-los em caixão.

N. ap.

Guarú : sm. — peixe acanthopterygio (*Eleotris Mauritii*, Cuv.), habitante das costas de Pernambuco.

Etym. : t. guar. ? *Guarù* é nome de um sapo ou rã, cujo coaxar nas lagôas imita o escarneo ou motejo (*arú*) (Cf. Th. Sampaio, 127).

N. ap.

Guaxinim : sm. — carniceiro (*Procyon cancrivorus*, Cuv.), que se alimenta principalmente, como o indica seu nome scientifico, de caranguejos e outros crustaceos, que caça nos mangues.

Etym.: t. guar.: de *aguára*, cão + *chini* saltitante, pullador (Cf. Th. Sampaio, 127).

Ap. insufficientemente e, em B. Rohan, 72, com classificação antiquada ou erronea.

Guaxuma : sf. — planta da familia das Malvaceas (*Urena lobata*, Cuv.).

Nota — As suas resistentes fibras são usadas, com a denominação de *aramina*, para os mesmos fins e com egual successo que a *juta*, isto é, para a tecelagem, cordoaria e producção de estopa. Grande quantidade dos saccos, em

que se acondiciona o café em S. Paulo, são da preciosa *arámina*. C. de Figueiredo ap. remettendo para *Guaxima*, que diz ser uma malvacea e o mesmo que *malvaisco*. Ora, este ultimo vegetal (*Sphœralcea cisplatina*, de Saint-Hilaire), é, não só de especie, mas tambem de genero differente. Habita, além disso, o Rio Grande do Sul, como seu nome especifico faz prever, principalmente sendo devido a Saint-Hilaire, que tão bem conhecia o Brasil meridional. Não sabemos que publicação induziu em erro o illustre philologo e lexicographo portuguez ; mas a verdade é que, dirigir-se, sem erro, em nossa labyrinthica litteratura biologica, é empresa para a qual ainda se não inventou fio de Ariadne em absoluto fiel e resistente. . ,

ETYM. : t. guar. — *guacem* (Cf. Th. Sampaio, 126.)

AR. GEOGR. : Vegeta do Pará até S. Paulo (Cf. Pio Corrêa, *Flora do Brasil*, 94).

Guaxuma-do-mangue : sf. — planta da familia das Urticaceas (*Hibiscus pernambucensis*, Arruda Camara), descoberta e classificada em Pernambuco por esse illustre botanico patricio.

NOTA — Habita proximo ao mar, e seu liber offerece excellentes fibras para cordoaria.

AR. GEOGR. : Pernambuco.

N. ap.

Gueijo : sm. — instrumento para marcar a bitóla nas estradas de ferro.

ETYM. : do inglez *gauge*, bitola, distancia entre os trilhos das ferro-vias.

NOTA — C. de Figueiredo consigna *gueija*, com acc. similhante.

N. ap.

Guenzo : sm. e adj. — magro, enfesado, esgrouviado, pernilongo.

Nota — B. Rohan, 72, dá como peculiar a Pernambuco, Parahiba e Rio Grande do Norte.

Guío : sm. — cunha de ferro que serve para abrir ou lascar regularmente grandes blócos de pedra.

N. ap. nesta acc.

Guriatã : sf. — linda avesinha da familia Tanagridæ (*Euphonia aurea*, Pall.), que imita o canto dos outros passaros.

Nota — O *Catalogo das Aves do Brasil*, 346, consigna como existente em Pernambuco e, de facto, é muito vulgar. A mesma especie e outras proximas, do mesmo genero, são conhecidas nos Estados do Sul sob o nome de *gaturamo*, tão decantado pelos poetas.

Etym. : t. guar.— de *guirî-atan*, o que canta ou trina forte. (Cf. Th. Sampaio, 126).

N. ap.

H

Haja-pau : sm. — nome dos vales emittidos pela Companhia Ferro-Carril de Pernambuco, para pagamento das passagens em seus carros, e que, por occasião de grande escassez de moeda divisionaria, tiveram curso no commercio para pequenas transacções; consistiam em pequenos quadrilongos de papel molle e ordinario, destacaveis de uma cadernêta. O nome lhes veio das constantes desordens a que deram origem.— Em desuso.

N. ap.

Herva-andorinha : sf. — vegetal da familia das Euphorbiaceas, do qual duas especies (*Euphorbia brasiliensis* Lam., e *E. pilulifera*, Linn.) habitam Pernambuco. — Uma terceira especie (*E. cœcorum*, Mart.) floresce da Bahia para o Sul.

Nota — Estas plantas são empregadas nas doenças de olhos, por sua acção sôbre a córnea.

AR. GEOGR. : dá Pio Corrêa, *Flora do Brasil*, 94, para *habitat* da primeira da Guiana a S. Paulo, e da segunda do Amazonas ao mesmo Estado.

N. ap.

Herva-cidreira : sf. — planta da familia das Verbenaceas (*Lippia germinata*, H. B. K.)., que gosa de propriedades anti-spasmodicas, estomachicas e emmenagogas.

NOTA — Como se vê da denominação scientifica, tracta-se de planta muito diversa da *Herva-cidreira* commum (*Melissa officinalis*, Linn.), que pertence á familia das Labiaceas. A *Lippia germinata* é vegetal brasileiro e não cosmopolita.

AR. GEOGR. : Segundo Pio Corrêa, *Flora do Brasil*, 94, habita esta planta o Brasil oriental, isto é, a nossa II zona.

N. ap.

Herva-de-bicho : sf. — Vide *Pimenta d'agua*.

N. ap.

Herva-de-lagarto : sf. — planta da familia das Borragaceas (*Tournefortia lœvigata*, Lam.) com propriedades anti-hydropicas e anti-syphiliticas.

AR. GEOGR. : Do Amazonas a S. Paulo, apud Pio Corrêa, *Flora do Brasil*, 95.

SYN. : *Lingua de tejú*.

N. ap.

Herva-de-rato : sf. — diversas especies vegetaes da familia das Rubiaceas, das quaes a cognominada *amarella* ou *verdadeira* (*Psychotria chlorotica*, Muell. Arg.) é a mais toxica.

NOTA — O nome diz o emprêgo vulgar da planta. Uma outra especie (*P. ruelliœfolia*, Muell. Arg.) fornece um acido volatil, o myioctonico.

AR. GEOGR.: do Ceará para o Sul, conforme a especie citada, encontram-se em varios Estados. A primeira é muito commum em Pernambuco.

N. ap.

Herva de Sancta Maria: sf. — Vide *mentruz*.

N. ap.

Herva de saracura: sf. — planta da familia das Begoniaceas (*Begonia hirtella*, Lk.), diuretica e anti-thermica.

E' rica em oxalato de potassio.

AR. GEOGR.: Vegeta do Amazonas a S. Paulo.

N. ap.

Herva-moura: sf. — planta da familia das Solanaceas (*Solanum nigrum*, Linn.).

NOTA — As folhas têm propriedades calmantes, as bagas são narcoticas e, quiçá, venenosas.

N. ap.

Herva-picão: sf. — planta da familia das Compostas (*Bidens pilosus*, Linn.), dotada de propriedades estimulantes, anti-escorbuticas e anti-leucorrheicas.

AR. GEOGR.: Habita todo o paiz (Cf. Pio Corrêa, *Flora do Brasil*, 97).

N. ap.

Hervatario: sm. — individuo que se occupa em colher nos campos e mattas hervas medicinaes para vender nas pharmacias, ou a retalho.

ETYM.: de *herva* + suff. *ario*, designativo de profissão.

N. ap.

I

Ibijaú: sm. — ave da familia Caprimulgidæ (*Nyctidromus albicollis*, Gmélin).

Etym.: t. guar. — de *ibi*, terra + *ĩ*, demonstrativo, o que, aquelle que + *aú*, comer, devorar: o que come, ou devora terra (Cf. B. Caetano, 196). Para alguns, o nome é onomatopaico do canto da ave; mas, conforme ao testimunho de Gabriel Soares, *Tratado Descriptivo do Brasil*, p. 233, o seu grito é *cuxaiguigui*.

Ar. geogr.: o passaro é encontrado em S. Paulo, Matto Grosso, Rio Negro, Bahia, Minas Geraes, Rio de Janeiro, Perú, Equador, Guiana e Venezuela, além do nosso Estado.

N. ap.

Idiotar: verb. — tornar-se idiota, distrahir-se, estar alheio.

Syn.: lesar.

N. ap.

Imbaúba: sf. — arvore da familia das Artocarpaceas, de que se conhecem diversas especies, taes como *Cecropia adenopus*, Mart., *C. obtusa*, Trec., *C. palmata*, Willd., e *C. peltata*, Linn.

Nota — O lenho dessas arvores sociaes é optimo fornecedor de carvão para polvora e serve egualmente para pasta de papel. Da casca extrahem-se fibras muito resistentes que produzem tecidos, feltro e cellulose; o *latex* e os renovos têm applicações medicinaes.

— E' curiosissimo, e já tem feito correr rios de tinta, o phenomeno de verdadeira symbiose existente entre muitas das especies do genero Cecropia e as formigas *Azteca* (Forel), principalmente, quanto ao Brasil, as da especie *Azteca Mülleri*, Emery. Quem primeiro demonstrou essa singular associação foi o infatigavel Fritz Müller, de Blumenau, e seus conscienciosos estudos a respeito foram

posteriormente *in totum* confirmados pelo professor de Bonn, dr. A. F. Schimper, no trabalho *Die Wechsel-Beziehungen zwischen Pflanzen und Ameisen* (Iena, 1888). Esse sabio botanico, descobrindo que existem Cecropias não habitadas pelas formigas *Azteca*, provou que, nas que o são, se dá uma adaptação especial a esses insectos, e que consiste em uma região delgadissima e molle do tronco das *Imbaúbas* e na producção de um coxim de cabellos localizado inferiormente ao pedunculo da folha da *Cecropia adenopus* (e outras), secretores dos « corpusculos de Müller », ricos em albumina. Essa adaptação, que se realiza quando a arvore tem um anno, não se dá quando a especie não é habitada pelas *Azteca*. O proveito da *Imbaúba* é ficar exempta dos ataques destruidores das saúvas (Atta), que, apesar de maiores, não resistem ao furôr bellicoso de suas adversarias, guardas da arvore.

O facto, por mais provado que estivesse, encontrou, todavia, contradictores. Assim, o provecto director do Museu Paulista, professor dr. Hermann von Ihering, em *Die Cecropien und ihre Schutzameisen*, publicado no *Engler's Botanische Jahrbuch* (vol. 39, fasc. 3-5, 1907, pag. 666-714), procura demonstrar não haver symbiose, mas simples parasitismo. Entretanto, preferimos a primeira hypothese á segunda pelas seguintes razões : 1ª, só existe *parasitismo* quando a especie parasito, sem prestar serviço algum á parasitada, nella vive com evidente damno para a paciente ; 2ª, no parasitismo não se dão adaptações favoraveis ao parasito, e estas estão demonstradas para as Cecropias formicarias ; 3ª, essa adaptação foi *progressiva*, como provou Schimper, que encontrou uma Cecropia só habitada pela *Azteca Mülleri* em edade mais avançada, e que ainda não secreta os «corpusculos de Müller» ; 4ª, finalmente, porque dependendo a realidade do facto contestado de uma exacta e prolongada observação, alliada a uma perspicaz e correcta maneira de

interpretar o phenomeno biologico da adaptação, sentimos quanto de grave existe em ir de encontro ao parecer do illustre botanico cathedratico de Bonn e do indefesso Fritz Müller, a quem Darwin sagrou — principe dos observadores.

Etym.: t.— guar.: *ambá* = *embá* = *imbá*, ôco + *iba*, arvore: arvore de ôco (Cf. B. Caetano, 477). Tambem se escreve *Ambaiba*, *Embaúba* e *Umbaúba*.

Ar. geogr.: conforme a especie, todo o Brasil, segundo Pio Corrêa, *Flora do Brasil*, 38; dellas conhecemos três em Pernambuco.

Ap. insufficientemente.

Imbú: sm.— fructo do *imbuzeiro*, q. v. (*Spondias tuberosa*, Arr. Camara), de que, em coalhada, leite e assucar se faz uma deliciosa iguaria, a *imbuzada*; com esse fructo confecciona-se tambem excellente doce, constituindo esse fabrico uma industria pernambucana em rapido desenvolvimento.

Etym.: t. guar. — B. Caetano, 203, explica essa dicção, dubitativamente, por *i* — *mbúr*, em que *i* é agua e *mbú* fazer brotar, ou, contracto de *mboúr*, fazer vir. Parece-lhe que o nome antigo era *ibá* — *imbú*, fructo que faz vir, ou que dá agua. A queda das primeiras syllabas é facto frequente na lingua tupi.— Apparece tambem graphado *ambú* e *umbú*.

Ar. geogr.: Sertão norte-oriental.

Insufficientemente ap.

Imburana: sf.— arvore da familia das Burseraceas (*Bursera leptophlœos* (Mart., Engl.)

Nota — Serve sua madeira para carpintaria, construcções civis e marcenaria de luxo; a casca tem usos therapeuticos. C. de Figueiredo consigna como uma terebinthacea.

Etym. : t. guar. *imbú*, q. v. + *rana*, similhante, parecido.

Ar. geogr. : de Alagôas ; Bahia e Minas, segundo Pio Corrêa, *Flora do Brasil*, 39 ; mas tambem existe em Pernambuco, onde é vulgar.

Imbuzeiro : sm.— arvore da familia das Terebinthaceas (*Spondias tuberosa*, Arr. Camara).

Nota — O lenho desta arvore presta-se para obras internas, caixotaria e pasta de papel. A casca e os fructos são medicinaes ; as raizes, tuberosas, são comestiveis, refrigerantes e uma verdadeira providencia para os sertanejos, que dellas fazem farinha no tempo das sêccas. Demos para essa arvore a classificação antiga e não a da *Flora do Brasil*, por não comprehendermos a applicação do termo especifico (*purpurea*) ao vegetal considerado. Além disso, existindo mesmo differença de familias, optámos pelas Terebinthaceas, que diversos auctores consignam, em logar das Anacardiaceas, que sómente alli apparecem, temendo que a divergencia provenha de um simples *lapsus auctoris*.

Ar. geogr. : Sertão da zona Norte oriental.

Insufficientemente ap.

Immaculada : sf.— certa marca de aguardente de canna, de industria de Pernambuco ; por extensão, qualquer aguardente.

N. ap. nesta acc.

Immiscuir-se : verb. pr.— intrometter-se, tomar parte em alguma cousa.

Etym. : do latim *immiscere* ?

N. ap.

Ingá-cipó : sm.— arvore da familia das Leguminosas, divisão Mimosaceas (*Inga edulis*, Mart.)

NOTA — Fornece madeira para obras internas, lenha e carvão. Seu fructo é pouco apreciavel, mas a casca encerra 15 % de tannino, o que a torna util no curtimento de couros.

ETYM.: t. guar.— *igá*, embebido, ensopado, empapado, qualificativo que apparece com a possivel queda de um subs. por elle qualificado *iba*, *ibirá*, etc.; comprehende-se a denominação, porque se tracta de uma planta riparia, isto é, habitual moradora nas ribanceiras dos rios, lagôas e açudes; *cipó*, lit. *ici — pó*, de *ib*, arvore + *ci* pegar + *pó*, fibra: filamento que se pega ás arvores (Cf. B. Caetano, 198).

AR. GEOGR.: segundo Pio Corrêa, *Flora do Brasil*, 39, S. Paulo, Rio Grande do Sul e Matto Grosso; em Pernambuco é vulgar.

N. ap.

Ingá-mirim: sm.— Leguminosa Mimosacea (*Inga marginata*, Willd.), que fornece saboroso fructo.

NOTA — A madeira desta arvore, cujo pêzo especifico é de 0,675, serve para carpintaria, caixotaria, obras internas, carvão, etc.

ETYM.: t. guar.— de *ingá*, q. v. + *mirim*, pequeno.

AR. GEOGR.: De S. Paulo ao Rio Grande do Sul, e, talvez, quasi todos os Estados do Norte, conforme Pio Corrêa, *Flora do Brasil*, 40. Existe em Pernambuco.

N. ap.

Ingazeiro: sm.— Leguminosa da divisão Mimosacea, de que existem innumeras especies, todas do genero Inga.

NOTA — A madeira dessas arvores pouco valor tem, mas a casca de algumas especies encerra de 12 a 20 % de tannino, o que as torna proprias para os cortumes. O fructos são comestiveis e, alguns, saborosos.

AR. GEOGR.: da Guiana a S. Paulo, conforme a especie (Cf. Pio Corrêa, *Flora do Brasil*, 39).

Insufficientemente ap.

Inhame: sm. — planta trepadeira da familia das Dioscoraceas, de que se conhecem bem três especies e um grande numero de variedades. São ellas: *Dioscorea sativa*, Linn., conhecida em Pernambuco por *Inhame da Costa*; *D. piperifolia*, *Willd*, e a *D. illustrata*, Hort., que só vegeta em S. Paulo, segundo Pio Corrêa, *Flora do Brasil*, 98.

NOTA — A parte principal da planta é a sua raiz tuberosa, que constitue excellente manjar, nutriente e sadio.

AR. GEOGR.: A segunda especie, apud Pio Corrêa, l. c., extende-se do Amazonas a S. Paulo e Minas.

Insufficientemente ap.

Inquirideira: sf.— corda que suspende a carga aos cabeçotes da cangalha.

Ap. em Moraes; C. de Figueiredo não recolheu.

Inquirir: verb.— amarrar, atar, ligar.

N. ap.

Intimar: verb.— insultar, provocar para lucta, desafiar.

N. ap.

Intrico: sm.— cousa intricada, complicada, difficil de entender.

ABON.: publicação n' *A Provincia*, n. 255, de 1912: «... não precisando ser doutor em caixas ruraes, como deu a entender o Dr. Meirelles, que acha que só com uma propaganda de muitos annos poderão os nossos agricultores comprehender o *intrico* do mecanismo das caixas ruraes...»

N. ap.

Inzenza: sf.— nome dado ás raizes adventicias do *Timbó* (*Paullinia pinnata*, Linn.), da familia das Sapindaceas, e que é a

parte utilizavel da planta para a confecção de vassouras, chapeus, balaios e outras obras de verga.

Nota — E' curioso o modo de desenvolvimento desse vegetal : ao nascer, simples liana, sóbe enroscando-se ao tronco de qualquer arvore de porte, até alguma das mais altas bifurcacções, onde, á similhança de enorme epiphyta, se expande sua cópa, da qual descem as raizes aérias, a que nos referimos. A ablação simultanea dessas raizes occasiona a morte do vegetal. A'quella cópa chama o povo, com muita propriedade, *mãe do timbó*.

N. ap.

Irára : sf. — carnivoro da familia Mustelidæ, sub-familia Mustelinæ *(Tayra barbara*, Linn.), ainda mais conhecido pelo nome de *Papa-mel*.

Etym. : t. guar. — *ira* = *eira*, mel + *ra*, tomar, colher : o que colhe mel (Cf. B. Caetano, 175).

Nota — E' interessante o modo por que elle se banqueteia com o doce e aromatico licôr fabricado pelas abelhas, ás quaes não só rouba o fructo do seu trabalho, como tambem destróe a morada e, quiçá a existencia da propria sociedade, devorando as larvas. A sua *maneira*, que serve de indicio a quem procura o mel silvestre, consiste em, farejando ou vendo o cortiço no galho de uma arvore, excavar em volta do tronco, para verificar si este é ôco, e, nesse caso, descobrir uma abertura ou fenda por onde se introduza. Assim, tronco excavado em volta tem cortiço cheio, si a arvore está perfeita ; destruido, si a arvore é ôca.

Ar. geogr. : o animal é encontrado do Mexico ao norte da Argentina ; a denominação é geral (Cf. Dr. Hermann von Ihering — *Mammiferos do Brasil Meridional*, in Revista do Museu Paulista, tom. VIII, 1911, pags. 248 e segs.

Insufficientemente ap.

Isidóro : sm. — cama de varas, girão.

N. ap.

Itabirito : sm. — termo usado por especialistas sôbre a Geologia do Brasil para designar uma rocha schisto-granulada, a que se associa em proporção mais ou menos elevada o hematito laminar, e contendo accessoriamente ouro puro, talco, chlorito e actinoto.

Nota — O nome foi primitivamente proposto por Eschwege, em 1822, na obra *Geognostiches Gemalde von Brasilien*, como designativo de um minerio massiço e puro de ferro que fórma, além de outros, o pico de Itabira do Campo, em Minas Geraes, e onde elle se achava associado á rocha que acima definimos, a qual denominou *schisto-ferro-micaceo* (Eisenglimmerschiefer) ; o uso determinou que só a esta ultima rocha se applicasse a denominação creada para designar o minerio.

— Constitue, entre outros, um immenso deposito de 300 metros de espessura, em parte visivelmente estratificado, na serra da Piedade, perto de Sabará. Depositos egualmente extensos se encontram no Siluriano do Sulton, no Canadá, bem como no Massachusetts, na Styria, na Saxe, no Paiz de Galles, etc. (Cf. Orville A. Derby : *Os minerios de ferro do Brasil*, in Boletim do Ministerio da Agricultura, Industria e Commercio, anno II, n. I, 1913, pags. 88 e segs. ; Whitney : *The Century Dictionary*, pag. 3201 : e Brockhaus : *Konversations Lexikon*, vol. IX, pag. 749).

Etym. : de *Itabira*, t. guar., do nome do pico, em Minas Geraes (lit. *itá*, pedra + *bir*, levantar-se : pedra que se levanta, serro empenado (Cf. Th. Sampaio, 131) + *ito*, suff. de origem grega, que indica procedencia ou derivação de, ou immediata relação com a pessôa ou cousa designada pelo thema a que está ligado ; em Mineralogia indica particularmente especies mineraes e, por extensão, rochas em que uma dellas predomina.

T. erudito. Não está ap. nos diccs. da lingua. Assim, resolvemos offerecer-lhe este modesto abrigo, reivindicando-o para a lingua portugueza, porque, até hoje, como precito, só tem encontrado asylo em plagas extranhas.

Itaculumito : sm. — termo usado pelo geologos para designar um quartzito schistoso, characteristico do Brasil, de côr clara, constituido por pequenos e finos grãos de quartzo e folhêlhos de ferro micaceo, talco e chlorito, e contendo accessoriamente ferro magnetico e ouro nativo.

Nota — Constitue importante elemento da formação aurifera do Brasil, e Gorceix considera-o como a matriz do diamante. A maxima disseminação do *Itaculumito* é no Brasil, onde, ligado a antigos schistos crystallinos e principalmente assente em gneis, se extende por mais de 17° de latitude, formando duas immensas zonas de camadas que, segundo Hartt, pertencem á épocha pre-siluriana (Cf. Whitney : *The Century Dictionary*, p. 3201 ; e Brockhaus : *Konversation Lexikon*, vol. IX, pag. 750).

Etym. : de *Itaculumi*, t. guar., do nome da montanha em Minas Geraes (lit, *itá*, pedra + *curumim*, menino ; menino de pedra, o filho da pedra, ou a pedra e seu filho ; allusão ao facto de ser o pico, que tem esse nome, formado de um grande bloco rochoso, tendo juncto um outro muito menor, como si fossem mãe e filho (Cf. Th. Sampaio, 131) + *ito*, como em *Itabirito*, q. v.

T. erudito. Ap. em C. de Figueiredo, insufficentemente; e no *Vocabulario Orlographico*, de Gonçalves Vianna, aliás em ambos com graphia impropria — *Itacolumito*.

J

Jabirú : sm. — Vide *Jaburú*.

Jaborandi : sm. — arbusto da familia das Rutaceas (*Pilocarpus pnnatifolius*, Lem.), cujas folhas constituem o mais poderoso dos sudorificos conhecidos, actuando mesmo a frio.

NOTA — C. de Figueiredo ap. como nome de differentes plantas Piperaceas e Rutaceas ; ora, si, de facto, existe uma *Piper jaborandi*, com effeitos similhantes, conquanto incomparavelmente menores, a unica empregada na therapeutica é a especie das Rutaceas, que citamos, e que fornece o alcaloide *pilocarpina*, hoje tão variamente applicado. De qualquer modo, as plantas seriam apenas duas.

ETYM. : t. guar., difficil de explicar, segundo B. Caetano, 567.

AR. GEOGR. : Amazonas e de Pernambuco a Sancta Catharina (Cf. Pio Corrêa, *Flora do Brasil*, 98) ; quanto á denominação é universal.

Jabotapitá : sm.— arbusto da familia das Ochnaceas (*Ouratea parviflora*, Baill.)

NOTA — As folhas são estomachaes ; as sementes fornecem oleo solidificavel a 17°, e que tanto se emprega para condimento como para medicamento.

ETYM. : t. guar. — de *iboti*, flores + *apitã*, amarradas ?

AR. GEOGR. : do Rio Grande do Norte a S. Paulo e Minas, segundo Pio Corrêa, *Flora do Brasil*, 98.

Jaboti : sm. — Vide *jabuti*.

Jaburú : sm.— I, ave da familia Ciconiidæ (*Mycteria mycteria*, Licht.) ; II, individuo exquisito, feio, mal amanhado.

NOTA — Tambem se diz *Jabirú* em outros Estados. Apenas consignado, mas insufficientemente quanto á systematica, na I acc.

ETYM. : t. guar.— de *i*, demonstrativo, o que, aquelle que, o que tem ou está + *abirú*, farto, repleto, inchado : o que está farto, ou repleto, allusão ao grande papo da ave. (Cf. Th. Sampaio, 134).

AR. GEOGR. : t. geral na I acc. ; na II é pernambucano.

Jabarú-moleque : sm.— ave da familia Ciconiidæ (*Euxenura maguari*, Gmélin).

AR. GEOGR. : parece t. geral.

N. ap.

Jabuti : sm.— Chelonio muito vulgar (*Testudo tabulata*, Spix), decantado no folk-lore tupi, em que é tomado como symbolo da esperteza e da malicia.

ETYM. : t.guar.— de *ii-abú-ti* — o que tem folego tenaz, persistente ? (Cf. B. Caetano, 564) ; Th. Sampaio, 134, interpreta— *ia-u-tî*, o que come pouco, animal de pouco comer.

AR. GEOGR. : t. geral.

Ap. em C. de Figueiredo como *tartaruga*.

Jaçanã: sf. — ave de linda plumagem da familia Parridæ (*Parra jacana*, Linn.), habitual frequentadora das nossas lagôas e açudes, que embelleza com suas brilhantes côres, e alegra com gritos estridentes e caprichosos volteios.

NOTA — C. de Figueiredo, depois de consignar as três graphias —*jacana*, *jaçanha* e *jaçanan*, pergunta sorpreso : — « Serão três aves distinctas ? — equivoco de alguns escriptores, ou erro typographico ? » Tem razão o illustre lexicographo em fazer taes interrogações, e o mais curioso é que nenhum dos suggeridos alvitres é ainda o verdadeiro ! Não sendo, certamente, o meritorio philologo o unico a quem esse mysterio orthographico tenha completamente desnorteado, aqui deixamos para todos a chave do enigma. A palavra designativa da ave é tupi ; óra, sabe-se que os Jesuitas — os primeiros que se occuparam em systematizar este idioma — adoptaram o ç com exclusão do *s*, quer no principio, quer no meio dos

vocabulos, para graphar o som do *s* brando, bem como o til para a nazalização das vogaes ; assim, escreveram *jaçanã*, que é como se pronuncia. Tempos depois vieram os naturalistas e resolveram trasladar para o latim, unica lingua de que usavam, tudo quanto dissesse respeito aos assumptos de sua especialidade ; mas, ahi, se lhes deparou insuperavel difficuldade. De facto, a lingua de Cicero não conhece aquelles dous pequenos signaes (a cedilha e o til) e forçoso era, portanto, que se decidissem pela phonetica, ou pela orthographia em certos vocabulos. Optaram pela segunda, provavelmente por tambem desconhecerem o valor modificativo dos alludidos diacriticos. Os escriptores subsequentes, collocados entre o som, que perfeitamente conheciam, e a *sábia orthographia*, hesitaram um pouco ; mas depois, com muita razão, decidiram-se pelo primeiro, visto como as lettras são destinadas a representar os sons e não estes aquellas. Somente, não sendo possivel o indispensavel accordo prévio, cada um começou a escrever como melhor lhe parecia ; dahi as quatro fórmas que conhecemos, sem contar com outras provaveis ainda por nós ignoradas... Entretanto, esse illogico divorcio entre o phonema e seu symbolo acabou por chocar seus proprios auctores — os naturalistas — e alguns já têm procurado remedio ao mal. Uns, mais expeditos e radicaes, julgando sem duvida dever o latim amoldar-se ás necessidades da translitteração, quando pretende ser idioma erudito universal, adoptaram resolutamente a cedilha, e substituiram o til pelo *m* ou *n*, o que não repugna á lingua do Lacio. Outros, e á frente delles o sabio professor dr. Hermann von Ihering, provecto director do Museu Paulista, propuzeram a troca do *ç* por *ss*. Ambas as suggestões são, em grau diverso, acceitaveis ; infelizmente, a desejada unificação de pareceres ainda não se deu, e continuamos a vogar em pleno cahos. Contudo, é necessario não levar a seus ultimos limites as

consequencias logicas de qualquer das determinações; não transmudar, por exemplo, o *ç* em *ss* sinão quando aquelle fôr intervocalico, para que se não escreva, como preconiza o emerito scientista citado (Revista do Museu Paulista, vol. VIII, de 1911, pag. 169, in nota, reportando-se a um seu artigo in *Zoologischer Anzeiger*, vol. XXVIII, 1905, pag. 785 e segs.), ONSSA, que profundamente repugna ao genio da lingua portugueza.

O que fica dicto é, cremos, bem sufficiente para justificar a inclusão neste vocabulario de termo já tão copiosa e prodigamente consignado em outros de maior tomo; entretanto, em mais uma razão poderemos ainda nos estribar: a de chamar a attenção dos ornithologos para outra especie do mesmo genero, que occorre em Pernambuco, onde é conhecida por *Jaçanã azul,* e que, até o presente não vimos classificada. A especie de que, neste artigo, nos temos occupado, apparece entre nós com a denominação de *jaçanã vermelha.*

ETYM.: t.guar.— de *i*, demonstrativo, o que, aquelle que, o que tem ou está + *eçá,* olho + *enã*, alerta, attento, vigilante; o que está de olho alerta? (Cf. B. Caetano, 312); ou melhor, de *i-açã-nã:* o que grita forte, o que tem o grito intenso — como interpretou Th. Sampaio, 134.

AR. GEOGR.: da ave, Amazonas, Pará, Maranhão, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, S. Paulo, Rio Grande do Sul, Argentina, Paraguai, Matto Grosso, Equador e Venezuela (Cf. *Catalogo das Aves do Brasil,* 57); do vocabulo, geral.

Jacarandá: sm. — Diversas são as essencias designadas por este nome vulgar; de resto, o mesmo acontece, si não com todos, com quasi todos os seus congeneres, como bem o sabem aquelles que têm de desenvencilhar-se da embaraçada meada da Historia Natural Brasileira. Mas, si muitas vezes a confusão é apenas devida a méras

differenças especificas, ou á tão frequente e desconcertadora mudança de *criterium* na systematica, aqui o caso se nos afigura mais serio, pois temos ante nós differenças de familia. Não cabendo nos moldes deste artigo maiores explanações, limitar-nos-hemos a citar as especies que, sabemos, vegetam em Pernambuco : I, *jacarandá* (sem outra designação) arvore da familia das Begoniaceas *(Begonia cœrulea*, Willd.), que, salvo engano, foi encontrada aqui por Arruda Camara ; II, *jacarandá branco,* Leguminosa Papilionacea (*Machærium leucopterum*, Vog.) ; III, *jacarandá preto*, o verdadeiro jacarandá, tão conhecido nos mobiliarios antigos, Leguminosa, da mesma divisão, *M. incorruptibile,* Fr. All. e Mart., *egale,* Benth.

ETYM. : t.guar. ? B. Caetano, 565, interpreta dubitativamente por *i-acang-rantã,* o que tem cabeça dura, ou ainda por *acãrantã*, o que é de galho duro, mas adverte que é irregular esta ultima formação ; Th. Sampaio, 134, accórde com a primeira explicação, accrescenta-lhe apenas : o que tem centro duro, rijo. E', porém, duvidosa a procedencia tupi desta voz pan-americana, conforme nos induz o testimunho de Zorobabel Rodriguez, *Diccionario de Chilenismos,* 129 : « *Chacarandá* — Segun Salvá, és asi como debe llamarse la preciosa madera que llamamos *jacarandá* » — Lenz, *Dicc. Etim.*, não recolheu esta voz.

AR. GEOGR. : da ultima, unica verdadeiramente interessante, é, segundo Pio Corrêa, *Flora do Brasil,* 42, do Piauhi a Sancta Catharina.

Insufficientimente ap.

Jacumã : sm.— I, especie de andaime feito de três páus conjugados a dous terços de altura, empregado na construcção dos curraes de peixes ; II, pás com que remam os indios do Amazonas (A. Camara, 202) ; III, governo de uma canôa com um remo de mão numa das suas extremidades (Chermont, 50).

ETYM. : t. guar. — *iacumã*, leme, timão.

AR. GEOGR.: I, Ilha de Itamaracá; II e III, Amazonia.

N. ap. na acc. pernambucana; as outras o são insufficientemente.

Jacundá: sm.— peixe acanthopterygio da fluvio-fauna pernambucana (*Cichla monoculus*, Spix).

ETYM.: t. guar.—*ia-cû-etá*: *ia*, demonstrativo, o que + *cû*, tragar + *etá*, muito: o que traga muito (Cf. B. Caetano, 311).

Insufficientemente ap.

Jaguaráca: sf.— peixe da hydro-fauna pernambucana (*Bodianus jaguaraca*, Lacep.) da ordem dos Acanthopterygios.

ETYM.: t. guar. — de *jaguar* — *acã*, cabeça de onça, ou de cão?

N. ap.

Jaguará-murú: sm.— arvore da familia das Cordiaceas (*Cordia, grandifolia*, D. C.) que, além de um fructo comestivel, fornece madeira para construcção civil, obras internas e carpintaria.

ETYM.: t. guar.— Seria bem explicado por *iaguará* cão + *murú*, molhado, si fosse proprio para nomear um vegetal. Parece-nos tupi muito corrompido.

AR. GEOGR.: De Pernambuco a S. Paulo, apud Pio Corrêa, *Flora do Brasil*, 43.

N. ap.

Jaguarundi: sm.—uma especie de felino (*Felis iaguarundi*, Fisch.)

ETYM.: t. guar. — de *iaguar*, onça + *undi*, negracento, salpicado de preto.

NOTA — Esse felino é tambem conhecido por *Gato mourisco*.

Ar. geogr: Guianas, Brasil, Paraguai e norte da Argentina; a denominação parece egualmente geral.

N. ap.

Jagunço: sm. : — I, chuço; II, cangaceiro, na Bahia.

Abon.: I acc.: D'*A Provincia* n. 355, de 1912: «... no dia 17 do corrente um individuo, Severino Soares, armado de um *jagunço*, fez em Benedicto de tal diversos ferimentos que lhe produziram a morte immediata».

N. ap. na I acc.

Jaibradeira: sf. — ferramenta dos torneiros, similhante a um graminho, tendo, em vez do ponteiro, uma lamina curva com três dentes de serra. E' com esse instrumento que se abre o *jaibro* das aduélas.

Etym.: de *jabre*.

N. ap.

Jaibro: sm. — I, depressão longitudinal das hombreiras das portas e janellas, na qual estas se alojam; II, sulco proximo ás extremidades das aduélas dos barris, pipas, etc., no qual se encastra o testo.

Nota — C. de Figueiredo dá *jabre*, reportando-se a *javre*, que consigna com a II acc.

Jamegão: sm. — assignatura, firma, nome individual.

N. ap.

Janaúba: sf. — arvore da familia das Apocynaceas (*Plumeria drastica*, Mart.)

Nota — O lenho é empregado em remos, carpintaria, obras internas e caixotaria. A casca, medicinal e venenosa, exsuda um latex que entra, no Norte de Minas, na confecção da *tiborna*, e deixando como residuo uma borracha, com que, na Bahia, se falsifica a de mangabeira,

Etym.: t. guar. — *iana* = *iandi*, azeite, oleo + *uba* = *iba*, arvore : arvore de oleo.

Ar. geogr.: a arvore vegeta do Pará a Bahia e Minas (Cf. Pio Corrêa, *Flora do Brasil*, 43).

Insufficientemente ap.

Jandaíra: sf. — especie de abelha da familia Apidæ, de côr escura-avermelhada, que faz ninho em paús ôcos, produz excellente mel, muito abundante.

Etym.: t. guar. — *nhandè-ira*, o nosso mel; ou de *nhandai-ira*, mel fluente, corredor (Cf. Th. Sampaio, 135).

Jandáya : sf. — nome vulgar por que são conhecidos diversos Psittacidas, entre os quaes se contam, pelo menos, três especies perfeitamente determinadas. De todas a mais bella é, sem contestação possivel, a *Conurus auricapillus*, Kuhl., quiçá a que José de Alencar decantou nas paginas esculpturaes da *Iracema*. As outras são : *Conurus aurea*, Gmélin, tambem chamado *Periquito-rei*, e *C. jendaya*, do mesmo auctor.

Etym.: t. guar. — de *nheê*, falar + *ai*, mal ou muito (B. Caetano, 335), ou *nhand-ài*, correndo só, o corredor (Th. Sampaio, 135). O nome tambem occorre sob a graphia *Nandaya*.

Ar. geogr. : as duas ultimas especies existem sem duvida alguma em Pernambuco; da primeira o mesmo não se póde affirmar ainda em absoluto.

Insufficientemente ap..

Jangada-brava : sf. — arvore da familia das Tiliaceas (*Heliocarpus americanus*, Linn.), cuja madeira é usada em obras internas, caixotaria e pasta para papel.

Ar. geogr. : todo o paiz, quer o nome, quer o vegetal. (Cf. Pio Corrêa, *Flora do Brasil*, 43).

N. ap.

Jangada-do-alto : sf. — jangada propria para navegar no alto mar ; tem os bordos 1, 1 a 1, 3 metros de circunferencia.

AR. GEOGR. : A. Camara, 202, dá o termo como usual de Pernambuco ao Ceará.

N. ap.

Jangalamaste : sm. — o mesmo que *burrica*, q. v.

NOTA — B. Rohan, 78, inclue este termo entre os pernambucanos.

Janiparindiba : sf. — Myrtacea brasileira (*Gustavia brasiliana*, De-Candolle) que se presta a varias applicações.

ETYM. : t. guar. — de *iandi* azeite, oleo + *parî*, torta, melhor vergadinha + *iba*, arvore : arvore vergadinha de oleo ou azeite ?

NOTA — A raiz é amarga, acre e aromatica ; o lenho e as folhas trituradas são fetidas, mas com ellas se fazem cataplasmas contra a hepatite ; os fructos provocam vomitos, embebedam os peixes ; o seu succo tinge a pelle de preto.

AR. GEOGR.: Pará, Maranhão, Pernambuco.

Insufficientemente ap.

Japecanga: sf. — trepadeira da familia das Liliaceas (*Smilax japicanga*, Griseb.), tambem conhecida pela designação de *Salsaparrilha*.

NOTA — As denominações *Japecanga* e *Salsaparrilha* applicam-se indistinctamente a um grande numero de especies do genero Smilax, vastamente diffundido por quasi toda a America. De todas a mais apreciada em medicina é a *Smilax medica*, que floresce no Mexico. A que citamos existe certamente em Pernambuco, Alagôas e Rio de Janeiro, apud Almeida Pinto, *Diccionario de Botanica*, 249.

ETYM.: t. guar. — *iú*, espinho + *apecanga*, junco: junco de espinhos.

AR. GEOGR.: do vegetal, todo o paiz, segundo Pio Corrêa, *Flora do Brasil*, 99; do voc., geral.

Jaquirana-bóia: sf. — insecto hemiptero (*Fulgora lanternaria*, Linn.), de uns 8 a 10 centimetros de comprido.

NOTA — Sôbre esse inoffensivo insecto, a imaginação popular tem forjado as mais extravagantes lendas. E' corrente entre pessôas incultas e mesmo entre outras, cuja educação deveria pô-las ao abrigo de certas abusões ridiculas, que a *Jaquirana-boia* é portadora de tão mortal peçonha, que nem os gigantes das florestas podem sobreviver á sua fatal ferroada. Cega, em seu voar ás tontas, leva o lethal veneno, indistinctamente, a todo e qualquer ser vivo, animal ou planta, que se lhe depare, com a inconsciencia da sua finalidade. Até em seu nome scientifico esse pobre hemiptero foi calumniado; de facto, o nome com que Linneo o baptizou — lanterna fulgurante —, não corresponde absolutamente á realidade e é ainda a resultante de uma crendice, que affirmava luminosa a sua grande cabeça. E afinal, todo esse amontoado de absurdos, que ainda encontram quem lhes dê todo o credito, serve apenas para demonstrar quanto o estudo da Natureza tem sido, entre nós, systematicamente desprezado...

ETYM.: t. — guar. — *iaquirana-bói* cigarra-cobra, porque a cabeça do insecto se assemelha á de certas cobras. Altera-se em *gitirana-bóia*, que é como mais commummente se ouve em Pernambuco.

Insufficientemente ap.

Jaracatiá: sm. — arvore da familia das Bixaceas (*Carica dodecaphylla*, Vell.), muito similhante ao mamoeiro.

NOTA — O leite ou seiva é empregado como drastico em pequenas dóses; o fructo é comestivel, e do amago do tronco faz-se um doce, facilmente confundido com o

de côco (*Cocos nucifera*, Linn.), ao qual dão o nome de *cocada tamanduá*.

ETYM. : t. guar. — *iaracatiá*, que não está explicado nos auctores.

AR. GEOGR. : Pio Corrêa, *Flora do Brasil*, 99, dá como *habitat* do vegetal de Bahia a Rio Grande do Sul; é, porém, vulgarissimo e antigo em Pernambuco.

Insufficientemente ap.

Jararáca : sf. — I, nome vulgar de varios ophidios pertencentes á familia Viperidæ, sub-familia Crotaliniæ, genero Lachesis, de Daudin; II, mulher feia, de genio atrabiliario.

NOTA — Em Pernambuco são vulgares tres especies de jararácas, conhecidas sob os nomes de *jararáca* (sem outra designação), *jararáca-assú* e *jararáca de campina*; nenhuma dellas, entretanto, conseguimos identificar, principalmente a ultima, que aliás é a mais commum. O que de mais moderno havemos noticia a esse respeito é o excellente livro do dr. Vital Brasil — *Defesa contra o Ophidismo* (S. Paulo, 1911) e a não menos valiosa monographia — *As Cobras do Brasil*, pelo dr. Rodolfo von Ihering, in Revista do Museu Paulista, tomo VIII, 1911, pags. 273 e segs.; mas todas as jararácas, cujas diagnoses esses trabalhos contêm, são diversas das que infestam Pernambuco.

ETYM. : t. guar. — *iararág*, de *iara-roág*, que envenena a quem agarra (Cf. B. Caetano, 573); Th. Sampaio, 136, interpretou *iará-r-ag*, o que colhe ou agarra envenenando, ou, vulgarmente, o que tem bóte venenoso.

AR. GEOGR.: termo geral.

N. ap. na II acc.

Jaribára : sf. — galhadas de arvores abatidas que ficam presas ás ramagens de outras e cobertas de trepadeiras e epiphytas.

ETYM.: t. guar:— *iar*, estar pegado, unido, adherente; participio activo *iaribae*, o que é pegado, etc. Tambem se grapha *gebára* e *jebára*.

N. ap.

Jatahi : sm. — o mesmo que *Jatobá* — q. v.; II, sf. — abelha da familia Apidæ. (*Trigona droryana*, Frièse).

ETYM. : t. guar. : — I. B. Caetano, 574, explica por *y ãtã* + *yb* + arvore, de agua dura, ou de resina; Th. Sampaio, 138, interpretra *y* + *a* + *atã* + *y* + comp. de *a*, fructo, *atã*, duro, *y* = *yba*, arvore; achamos preferivel a primeira por salientar uma das qualidades essenciaes da arvore. II, *ei* + *etá* + *ei*, de muito mel abelha (Cf. B. Caetano, 184).

SYN. : I *jatobá*; II, *jati*.

Insufficientemente ap. em ambas as accs.

Jatobá : sm. — arvore da familia das Leguminosas (*Hymenœa courbaril*, Linn.), que dá fructos comestiveis e uma resina optima para a confecção de vernizes.

NOTA — Além desta especie, habitam tambem Pernambuco as seguintes: *Hymenœa stilbocarpa*, *H. martiana e H. olfersiana*, todas de Hayne.

ETYM : t. guar : *i* + *atã* + *obá*, o que tem dura a casca ou a superficie (Cf. Th. Sampaio, 136).

SYN : *jatahi* (I).

AR. GEOGR. : da primeira especie Minas, Bahia, Pernambuco e Amazonas; das tres ultimas Minas, Bahia, Pernambuco.

Ap. insufficientemente.

Jati : sf. — Vide *jatahi*, II.

Jebára : sf. — Vide *jaribára*.

N. ap.

Jégue : sm. — jumento, burrico.

Recolhido no municipio do Brejo da Madre Deus.

N. ap.

Jereré : sm. — apparelho para pesca de camarões, que consiste numa especie de redefolle presa a um semicirculo de madeira e munida de um longo cabo.

Etym. : t. guar. : *ieré*, virar, voltar ; frequentativo *iereré*, revirar, quiçá pelo modo de emprêgo do apparelho, que revolve as plantas ou vasas depositadas no fundo dos rios e estuarios para colher os camarões, ou outros crustaceos.

Ar. geogr. : B. Rohan, 79, dá como peculiar a Pernambuco, Parahiba e Rio Grande do Norte.

Jiquitáia : sf. — I, môlho de pimenta ; qualquer caldo picante ; II, pimenta malaguêta (*Capsicum baccatum*, Linn. e *C. pendulum*, Vell., — Solanacea) sêcca e reduzida a pó, com que se polvilha a comida e a que os Francêzes chamam *poivre de Cayenne*.

Etym : t. guar. : *iuqui*, sal + *táia*, ardente, que queima ; sal e pimenta. — Tambem apparece sob a graphia *giquitáia*.

João-Congo : sm. — ave da familia Icteridæ (*Cacicus hœmorrhous aphanes*, Linn.), de linda plumagem. Salvo engano, tambem o denominam *Rei-do-Congo*.

Ar. geogr. : Paraguai, Sancta Catharina, S. Paulo, Minas e Pernambuco, para a ave ; o nome parece geral.

Insufficientemente ap.

João-molle : sm. — arvore da familia das Nyctagaceas (*Pisonia tomentosa*, Casar.).

Nota — Fornece madeira para pequenas obras internas e externas, cabos de ferramentas, etc.

AR. GEOGR. : do Amazonas a Alagôas, S. Paulo, Minas e Goiaz (Cf. Pio Corrêa, *Flora do Brasil*, 44).

N. ap.

João-pobre : sm.— ave da familia Tyrannidæ (*Serpophaga nigricans*, Vieillot), frequentadora assidua das margens dos rios e riachos.

AR. GEOGR. : o nome parece geral ; quanto á ave, é muito vulgar em Pernambuco, apesar do *Catalogo das Aves do Brasil* dar, para seu *habitat*, do Rio de Janeiro para o Sul, até Argentina, inclusive.

N. ap.

Joazeiro : sm.— arvore da familia das Rhamnaceas (*Zizyphus joazeiro*, Mart.)

NOTA — A madeira é propria para construcções civis, carpintaria e marcenaria ; as cinzas, ricas em potassa, empregam-se na preparação da lixivia para o fabrico do sabão ; a casca tem usos therapeuticos ; as folhas servem como forragem durante as maiores sêccas, por serem persistentes, e os fructos, comestiveis, são acceitos por alguns animaes, e augmentam, parece, a secreção lactea das vaccas.

ETYM. : t. guar.— *juá* (de *iú* espinho, *á* fructa) + *z* euphonico + suff. port. *eiro*, designativo do nome de arvores e plantas.

AR. GEOGR. : do Piauhi a Bahia e Minas, segundo Pio Corrêa, *Flora do Brasil*, 44.

Ap. insufficientemente.

Jóça : sf.— engrenagem, cousa complicada, qualquer cousa que se não possa precisamente definir.

SYN. : *estrovenga*.

N. ap.

Jogo-de-bichos : sm.— especie de loteria que, annexa a outra,

jóga sobre os algarismos finaes dos numeros premiados. Ver o que ficou consignado em *bancar*.

Ar. geogr. : t. geral.

N. ap.

Jornada : sf.— scena cantada nos presépes e pastoris.

Abon. : Quadra inicial de uma dellas :

« Passei por campinas,
Campinas sagradas,
Pastoras me chamam
P'ra cantar *jornadas*... »

N. ap. nesta acc.

Juá : sm.— I, planta da familia das Solanaceas (*Physalis angu-ata*, Linn., e *P. brasiliensis*, Sendt.) ; II, fructo do *joazeiro*, q. v.

Etym. : t. guar. : *iú-á*, fructo de espinhos.

Nota — Os fructos (da I) são comestiveis ; o succo, as folhas, caule e raizes têm propriedades medicinaes.

Ar. geogr. : conforme a especie, do Amazonas a S. Paulo (Cf. Pio Corrêa, *Flora do Brasil*, 100).

C. de Figueiredo só consigna a II acc.

Jucá : sm. — arvore da familia das Leguminosas, divisão Cœsalpinacea (*Cœsalpinea ferrea*, Mart.)

Nota — A madeira desta arvore, cujo pêzo especifico é de 1, kg. 270, apresenta ao esmagamento uma resistencia de 951 kg. por cm², isto é, 50 % superior á do melhor carvalho ; serve para construcção civil e naval, carpintaria, marcenaria e peças de resistencia ; a casca fornece materia tinctural e, junctamente com as folhas, sementes e raizes, tem altas propriedades medicinaes.

Syn. : *Páu fẹrro.*

Ar. geogr. : do Maranhão ao Rio de Janeiro (Cf. Pio Corrêa, *Flora do Brasil*, 44).

C. de Figueiredo consigna como sendo a sapotacea *Lucuma gigantea.*

Junça : sf.— planta da familia das Cyperaceas (*Cyperus esculentus*, Linn.), que, de infusão em aguardente, é um poderoso anti-rheumatico ; o tuberculo terminal das raizes é comestivel e, dizem, aphrodisiaco.

Ar. geogr. : Pernambuco e Alagôas, principalmente.

Ap. sem designação das propriedades, nem de *habitat*, por mais vago que fosse.

Jundiá : sm.— peixe d'agua doce, da ordem dos Malacopterygios abdominaes (*Platystoma spatula*, Agassiz).

Etym :. t. guar.: de *iundi*, espinhal, barbas, espinhos + *á*, cabeça ; o que tem a cabeça cheia de espinhos ou barbas (Cf. Th. Sampaio, 136).

Ap. insufficientemente.

Jurema : sf.— arvore da familia das Leguminosas, divisão Mimosacea (*Acacia jurema*, Mart.)

Nota — A sua madeira emprega-se em construcções civis, carpintaria e marcenaria ; a casca para curtir couros; as raizes e sementes têm fama de venenosas, mas umas destroem os effeitos das outras.

Etym. : t. guar., mas sem etymo conveniente nos auctores.

Ar. geogr. : do Amazonas a Bahia e Minas Geraes (Cf. Pio Corrêa, *Flora do Brasil*, 44.)

Insufficientemente ap.

Jurema-preta : sf.— arvore da familia das Leguminosas, divisão Mimosacea (*Mimosa nigra*, Hub.), cuja madeira tem identicas applicações á da *Acacia jurema.*

Ar. geogr. : do Ceará a Alagôas (Cf. Pio Corrêa, *Flora do Brasil*, 44).

N. ap,

Jurubéba : sf.—planta arbustiva da familia das Solanaceas (*Solanum paniculatum*, Linn.)

NOTA — As folhas, as raizes e, sobretudo, os fructos, são optimos desobstruentes, indicados para combater as hepatites chronicas, a syphilis e outras doenças.

ETYM. : t. guar. B. Caetano, 598, dá *yurypé* (*ypé*, casca de arvore, *iú*, espinho) ; mas, como em outras regiões o mesmo vegetal occorre sob o nome de *jupeba*, póde-se suppôr *iú*, espinho + *péba*, chato, que não é fóra de proposito.

AR. GEOGR. : Pio Corrêa, *Flora do Brasil*, 100, diz vegetar nos Estados do Amazonas, Rio de Janeiro e São Paulo. E' evidente a deficiencia de informações ; em Pernambuco encontra-se com abundancia e, cremos, nos Estados vizinhos. Quanto ao voc. que B. Rohan, 81, dá como peculiar a Pernambuco, é perfeitamente geral.

Insufficientemente ap.

Jurupará : sm. — carnivoro da familia Procyonidæ (*Potos caudivolvus*, Gin.), tambem conhecido por *Macaco da meia noite*.

ETYM. : t. guar. : de *aiurú*, pescoço + *pará*, variegado, de muitas côres ?

AR. GEOGR. : do animal, I, II, III e IV zonas ; do nome, norte do Brasil.

N. ap.

Juriti: sf.— nome vulgar de um grande numero de especies de rolas, familia Peristeridæ, das quaes aqui citamos as que occorrem, com certeza, em Pernambuco ; são ellas : *Leptotila rufaxilla*, Rich. e Bern., e *L. ochroptera*, Pelz.

ETYM. : t. guar. : *aiurú*, pescoço + *tî*, branco. O nome altera-se em *juriti*, como é mais conhecido em Pernambuco.

AR. GEOGR. : da primeira especie : Bahia, Pernambuco, Pará, Amazonas, Guiana, Colombia, Equador, e da

segunda : Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná, Matto Grosso, Republicas platinas (Cf. *Catalogo das Aves do Brasil*, 23 — 24). — O nome é geral.

N. ap. C. de Figueiredo consigna *jurati*, que diz ser galinaceo e o mesmo que *juriti;* mas define esta especie de rola ..

Jussára: sf.— palmeira (*Euterpe edulis*, Mart.), muito commum nas mattas virgens. Ha variedades.

Etym. : t. guar. : para B. Caetano, 598, póde ser contracto de *b-yúhára*; a queda de *yb*, arvore, é explicavel, ficando apenas *yúhára ;* ora, o verbo *ú*, comer, tornado transitivo com o pref. *y*, inclue o sentido de fazer comichão, espinhar, picar, prurir ; *hára*, em guarani, equivalente a *çára*, tupi, é suff. que exprime a acção do verb. ; portanto, *iúçára* póde significar — o que faz comichão, o que espinha, pica ou produz prurido na pelle — natural designação de uma palmeira espinhosa, como algumas das variedades conhecidas.

Nota — Depois da *Imperial*, é a mais bella e elegante de todas as nossas palmeiras, e a que attinge maior altura.

Ar. geogr. : o t. é geral. Como toponymo designa uma serra no municipio de Bom Conselho.

Insufficientemente ap.

Jutahi : sm.— o mesmo que *Jatobá*, q. v.

Etym. : t. guar : de *iú-etá-ib*, arvore de muito espinho, ou de *i-atã-ib*, arvore de espinho forte (Cf. B. Caetano, 600).

Jutubarana: sf. — peixe da ordem dos Malacopterygios abdominaes (*Cynodon vulpinus*, Spix) pertencente á hydrofauna pernambucana.

Etym. : t.guar., sem explicação.

N. ap. C. de Figuieredo traz *jutuarana*, como peixe do Amazonas; como não vimos o seu nome na systematica, não podemos verificar si é o mesmo.

L

Lã : sf. — nome por que é exclusivamente conhecido, no sertão, o algodão em rama.

Nota — E' curiosa a applicação que têm no interior os fios de algodão que, excedendo a cobertura dos fardos, se apegam aos galhos das plantas mais ou menos espinhosas, que bordam as estreitas sendas sertanejas; segundo a direcção em que elles estão tendidos, indicam o sentido em que se deve caminhar para ir ter aos povoados, e não ás fazendas, de onde procede a fibra. E' o que os almocreves chamam o *rasto da lã*.

N. ap. nesta acc.

Labyrintho: sm. — trabalho de bastidor, que consiste em uma grade — como a talagarça — obtida quer na almofada de renda, quer se tirando fios do esguião, ou fazenda ainda mais fina — e da qual se enchem com passagens sucessivas de linha os quadriculos necessarios á confecção do desenho.

Etym.: O nome é allusivo ás mil voltas que a linha dá para a execução do trabalho.

Syn.: *crivo* e *lavarinto*, q. v.

Ar. geogr.: Pernambuco e outros Estados do Norte.

Lacraia : sf. — decapode venenoso do genero Scorpio, de que ha varias especies. E' duvidoso que occasione a morte do homem, como ainda ha quem affirme.

Etym.: corr. de *lacráu*.

Nota — C. de Figueiredo consigna como brasileirismo, com a sign., que desconhecemos, de pequena canôa.

N. ap. nesta acc.

Lageiro: sm.— vasto afloramento de rocha, mais ou menos plano ; lagêdo.

Nota — Na zona da *matta*, *lagêdo* é mais usual; os sertanejos, porém, dizem sempre *lageiro*.

N. ap.— C. de Figueiredo consigna *lageira* como provincialismo da Beira, com a mesma acc. ; assim, é mais uma persistencia archaica no sertão.

Lajões: sm. pl.— grandes lages para pavimentagem ou revestimento.

Nota — E' termo technico no Brasil e, como tal, consignado em Picanço, 51.

Etym: de *lage*.

N. ap.

Lambada: sf.— golpe com chicote, tabica ou rebenque.

Nota — Chermont, 53, consigna com a mesma acc. para a Amazonia; C. de Figueiredo dá como syn. de *paulada*, o que só por extensão se poderá ouvir em Pernambuco.

Etym.: de *lombo*, costas, provavelmente.

Ar. geogr.: julgámo-lo commum aos Estados do Norte.

Lambaio : sm.— I, especie de vassoura feita ordinariamente de pannos velhos ou estopa, que collocada á extremidade de uma vara serve para lavagem dos fórnos de padaria; II, idem de embira (vermelha, em geral) para limpar a espuma do assucar nas bordas das taxas de cozer, nos engenhos de *banguê* ; III, servente, ou creado de infima especie.

Etym.: de *lambaz*.

N. ap.

Lambança : sf.— discussão, recriminação, barulho, sem motivo.

Nota — B. Rohan, 82, Chermont, 53, e C. de Fi-

gueiredo consignam como — basofia, petulancia, — sign. que jamais tem em Pernambuco.

Ar. geogr.: Pernambuco.

N. ap. nesta acc.

Lambanceiro: adj. — qualidade do individuo que faz *lambança* q. v.

Nota — B. Rohan, 82, verba *lambança, in fine*, cita a nossa acc.

Ar. geogr.: Pernambuco.

N. ap. nesta acc.

Lamborada: sf. — chicotada, pancada com instrumento de açoite.

Etym.: de *lambada*?

N. ap.

Landuá: sm. — mentira, boato falso.

Nota — Recolhido na ilha de Itamaracá.

N. ap.

Lapada: sf. — pancada, golpe de chicote, ou tabica. C. de Figueiredo dá como provincialismo trasmontano, com a mesma sign. de *pedrada*.

Etym.: de *lapo*, q. v.

N. ap. nesta acc.

Lapear: verb. — chicotear, cortar com o chicote, ou com o *lapo*.

Etym.: de *lapo*, q. v.

N. ap.

Lapo: sm. — tira de sóla que se põe na ponta do rêlho, nos chicotes.

Etym.: onomatopaico.

N. ap.

Laranja-cravo : sf.— fructo de uma variedade da tangerina (*Citrus nobilis,* Loureiro), da familia das Aurantiaceas.

NOTA — Conquanto muito similhante, differencia-se, entretanto, daquella por characteres diversos, taes como côr, grossura da casca, perfume, etc.

AR. GEOGR. : Pernambuco e outros Estados do Norte.

N. ap.

Laranja-da-terra : sf. — fructo da laranjeira da terra (*Citrus vulgaris,* Risso), da familia das Aurantiaceas.

NOTA — Apesar do nome, não é indigena esse vegetal; além disso, em contrario do que geralmente se pensa, tem muitas outras applicações além do doce que della se faz. De facto, em todas as preparações pharmaceuticas, em que entra a *laranja*, flores, casca, ou folhas, é desta especie que se tracta.

N. ap.

Lastragem : sf. — espalhamento do *lastro*, q. v., ou balastro no leito das vias-ferreas.

ETYM. : de *lastro*.

SYN. : *lastreamento*.

AR. GEOGR. : Pernambuco.

N. ap.

Lastreamento : sm. Vide *lastragem*.

NOTA — *Lastreamento* é termo technico consignado por Picanço, 51 ; mas *lastragem* é, em Pernambuco, a fórma mais usual entre os trabalhadores ferro-viarios.

ETYM. : De *lastro*.

N. ap.

Lastro : sm. — camada de substancia permeavel, como areia, saibro ou pedra britada, que se extende na plataforma das estradas de ferro e sôbre a qual repousam os dormentes ; tem o duplo fim

de conservar estes, preservando-os da humidade, e de tornar mais macio o rolamento dos vagões, distribuindo melhor as pressões.

NOTA — E' termo technico geral, citado por Picanço, 51. Tambem se chama *balastro.*

ETYM. : de *balastro,* do francêz *balast?* Ou extensão do sign. de lastro?

N. ap. nesta acc.

Latomia : sf. — assoada, ruido, barulho.

NOTA — Lemos algures, nas *Peregrinações* de Fernão Mendes Pinto, com a mesma acc.

N. ap.

Lavarinto : sm.— O mesmo que *labyrintho,* q. v.

ETYM. : B. Rohan, 82, e C. de Figueiredo, alvitrando seja esta a verdadeira graphia do voc., propõem a derivação de *lavôr*; discordamos de tal etymo, porque *lavarinto* só é usado por analphabetos, e *lavôr* é termo litterario. Além disso, a mudança do *b* em *v* e vice-versa é muito commum nas corruptelas populares, v.g., *bassoura, basculho,* etc.

SYN. : Labyrintho, crivo.

AR. GEOGR. : Estados do Norte.

Lavrador : sm.— pessôa a quem um senhor de engenho concede uma casa e um tracto de terreno, sob a condição de plantar um minimo de cannas de assucar, cujo producto será partilhado; é cada vez mais vulgar ser movel a taxa dessa partilha, que desce á proporção que augmenta a producção : seus limites são, em geral, 50 e 20 °/o.

NOTA — O voc. nunca é empregado em Pernambuco em seu sentido proprio; nessa acc. diz-se agricultor.

AR. GEOGR. : Pernambuco, Alagôas, e Parahiba.

N. ap. nesta acc.

Leirão : sm.— leira de terra bastante alta e contínua no sentido longitudinal, empregada para plantação de tuberculos, princi-

palmente quando o terreno é humido ou por demais compacto, como o massapê.

N. ap.

Leiteiro : sm.— arvore da familia das Apocynaceas (*Tabernœmontana affinis*, Muell. Arg).

NOTA — Madeira para tabuado, vigotas, caibros, etc. Da casca, quando talhada, mana abundante latex. Pio Corrêa, *Flora do Brasil*, 45, consigna esta e outras especies sob o nome de *leiteira*.

ETYM. : de leite.

AR. GEOGR. : parece t. geral.

N. ap. nesta acc.

Lendea : sf.— pequeno pedaço, insignificancia.

N. ap.

Lenquencia : sf.— fallação, discurso, eloquencia.

ETYM. : corr. de eloquencia.

SYN. : gosmado.

N. ap.

Lesar : verb.— estar distrahido, andar sem destino, dizer tolices.

N. ap. nesta acc.

Leseira : sf.— idiotice, tolice, molleza.

N. ap.

Leso : sm.— idiota, tolo, paspalhão.

N. ap.

Libombo : sm.— léva de sertanejos que emigram annualmente, em busca de trabalho na zona da matta, ou sul, como elles chamam.

N. ap.

Ligeira : sf.— I, cabo de manobra da jangada e canôa de embono; serve para aguentar a verga no balanço; II, corda que

os vaqueiros e carreiros passam na laçada que prende a rez indocil pela raiz das pontas, e com a qual a desfazem e soltam o animal, sem perigo de uma cornada.

Nota — A. Camara, 203, consigna a I acc. como peculiar a Pernambuco, Alagôas e Ceará; Chermont, 54, consigna a II para o Marajó; B. Rohan, 82, dá duas outras accs., que desconhecemos, sendo uma para a Parahiba e outra para as provincias do Norte.

Lilí: sm.— feitiço, mau olhado, jettatura.

N. ap.

Lima: sf. (des.) — o mesmo que *lima-de-cheiro*, q. v.

N. ap. nesta acc.

Lima-de-cheiro: sf. (des.) — corpo espheroidal, formado por uma fina pellicula de borracha, cheia d'agua perfumada, com que se brincava o entrudo.

Nota — A principio, em vez de borracha, usava-se de cêra, o que occasionava accidentes graves, quando os olhos eram attingidos. B. Rohan, 82 diz que na Bahia, Sergipe, Alagôas e Pernambuco tinham esses objectos o nome de *laranjinha*, que, em nosso Estado, pelo menos, jamais foi usado.

N. ap.

Limalha: sf.— busca-pé grande, peça de fogo de artificio, geralmente usado nas noites de festa de Sancto Antonio, S. João e S. Pedro.

Etym.: o nome vem da limalha metallica, que na confecção se addicciona á polvora, e que outr'ora era de prata, quando havia a moda dos verdadeiros duélos entre a rapaziada de familia, para ver quem com mais galhardia supportava o perigo dos énormes busca-pés.

N. ap. nesta acc.

Limpação : sf.— série de operações destinadas a completar a edificação de um predio, como sejam cornijamento, ornato, pintura, etc.

N. ap.

Limpo : sm.— I, trecho de terreno desprovido naturalmente de vegetação ; adj.— II, diz-se do individuo desprovido de dinheiro.

N. ap. nestas accs.

Lingua-de-tejú : sf. — O mesmo que *Herva-de-lagarto*, q. v.

N. ap.

Lingua-de-vacca : sf.— planta herbacea da familia das Compostas (*Chaptalia integrifolia*, Baker), empregada como tonico e aperiente e, externamente, contra as ulceras.

Etym.: o nome vem da fórma da folha.

N. ap.

Linhas : sf. pl.— toadas rimadas, que os feiticeiros cantam nas sessões de *catimbáu*.

Abon. : Quadra de uma destas *linhas* :

«. . . Mestre Carlo é bom mestre,
Que aprendeu sem se *ensiná* ;
Tres dias caiu por terra
Debaixo do *juremá*
E quando se alevantou
Foi prompto para *curá*. . . »

N. ap. nesta acc.

Litico : adj.— legitimo, puro, verdadeiro ; que não contém mixtura.

N. ap.

Livél : sm.— vigota que une transversalmente as asnas de uma tesoura, a meio comprimento dellas, approximadamente.

Etym. : de *nivel*, allusivo á posição horizontal que tem a referida viga.

NOTA — C. de Figueiredo dá *livel* e manda ver *nivel*; Gonçalves Vianna, *Ortografia Nacional*, 164, *Apostillas aos Diccionarios*, II, 76, e *Vocabulario Ortografico*, 476, accentúa *livél*, mais conforme á etymologia do lat. *libellum*. Na acc. aqui consignada não ap. nos diccs.

Livro: sm. — o menor dos estomagos do gado vaccum, ou dos ruminantes em geral.

ETYM.: allusivo á forma de folhas successivas e ligadas como pela brochagem.

NOTA — Romaguera, 114, consigna para o Rio Grande do Sul, na mesma acc.; em castiço diz-se *folhoso*.

AR. GEOGR.: occorrendo em Pernambuco e Rio Grande do Sul, parece geral.

SYN.: *tantas-folhas*.

N. ap. nesta acc.

Locação: sf. — implantação no terreno de um projecto de estrada de ferro, de rodagem, obra d'arte, etc., por meio de estacas que, nas primeiras, marcam o eixo da linha, e nas outras, todos os ponctos necessarios á construcção da obra.

ETYM.: do lat. *locatio*, disposição, arranjo, talvez por intermedio do francez ou inglez — *location*.

AR. GEOGR.: é termo technico citado por Picanço, 53; portanto, geral no Brasil.

N. ap. nesta acc.

Locar: verb. — marcar com estacas os ponctos singulares de uma construcção, ou eixo de uma estrada.

ETYM.: do lat. *locare*.

AR. GEOGR.: t. geral.

N. ap. nesta acc.

Longerão: sm. — viga de ferro lateral do quadro que sustenta o estrado das locomotivas.

ETYM.: do francês *longeron*.

AR. GEOGR. : termo technico, consignado por Pi-cançο. 54, e Taunay, 86; portanto, geral.

N. ap.

Loja-de-miudezas : sf.— armarinho, casa de negocio em que se vendem miudezas, como cadarços, linhas, agulhas, sabonetes e outros objectos de pequeno valôr. Em Portugal, loja de capella, capellista.

AR. GEOGR. : B. Rohan, 9, verba *armarinho* — dá como peculiar a Pernambuco.

N. ap.

Lomba : sf.— preguiça, indolencia, indisposição para trabalhar.

N. ap.

Loróta : sf.— I, mentira, pabulagem, gabolice; II, designação depreciativa de certo agrupamento politico em Pernambuco.

SYN. : I, *potóca.*

N. ap.

Lorotagem : sf.— conjuncto de mentiras, de pabulagens ou embustes.

ABON. : do *Diario de Pernambuco*, n. 257, de 1911, (folhetim de J. Fernandes) : « . . . E basta conhecer Goiana e conhecer Caruarú, para ter a certeza de que aquelles telegrammas não passam de uma *lorotagem* col-lossal.»

N. ap.

Lorotar : verb.— mentir, practicar pabulagens ou embustes.

SYN. : *potocar.*

N. ap.

Loroteiro : sm. e ad.— mentiroso, embusteiro.

SYN. : *potoqueiro.*

N. ap.

M

Macaca : sf.— I, caiporismo, infelicidade; diz-se — *pegar no rabo da macaca*, quando o caiporismo é intenso e persistente, ou quando se insiste em algum emprehendimento, apesar do mau começo; II, chicote de cabo curto e grosso com que se açoitam os animaes de carga.

Abon.: II acc. — Do *Jornal Pequeno* n. 179, de 1911 : «... que depois de o ter amarrado em um esteio de uma cocheira, que tem nos fundos de sua casa, sita da Aldeia do 14°, deste districto, lançou mão de uma *macaca* de couro crú... »

N. ap. nestas accs.

Macaco : sm.— I, parallelepipedo de pedra para calçamento; II, pilar que leva apenas dous tijolos em cada camada.

Nota — C. de Figueiredo consigna a II, acc. apud B. Rohan, 83, na qual o termo é usado no Rio; a I é termo de cantéo, só empregado, ao que nos conste, em Pernambuco.

N. ap. na I acc.

Macadame : sm.— systema de empedramento do leito das estradas de rodagem, e que consiste em uma camada de pedra britada com cerca de $0^m,30$ de espessura, agglomerada com saibro ou areia grossa e comprimida a rôlo depois de regada. As melhores rochas para esse uso são o granito, gneis e o grés silicoso.

Etym. : do nome do engenheiro inglez Mac-Adam, que o inventou.

Nota — Picanço, 54, consigna; C. de Figueiredo aponcta com graphia ainda não alterada *macadam*.

Termo geral.

Macahiba : sf.— palmeira (*Acrocomia sclerocarpa*, Mart.) cujos fructos são comestiveis.

Etym. : t. guar.— *má* por *ibá*, fructo + *acã*, caroço + *iba*, arvore : arvore de fructo de caroço.

Syn. : *Macahuba.*

Ar. geogr. : B. Rohan, 83, dá como peculiar a Pernambuco.

Maçaió : sm. — O mesmo que *Maceió*, q. v.

Macaqueiro : sm. — cantéo que talha os parallelepipedos (*macacos*) para calçamento.

N. ap.

Maçarico : sm.— I, nome commum a diversas aves pernaltas e ribeirinhas, das quaes a mais conhecida em Pernambuco é a *Œgialeus semipalmatus*, Bp., da familia Charadriidae ; II, parte do assentamento nos engenhos de *banguê*, que conduz as chammas á chaminé.

Nota — Na I acc. é t. geral, sendo *habitat* da ave da especie citada Rio Grande do Sul a America do Norte, Rio de Janeiro, Bahia, Pernambuco, Pará e Sancta Catharina (Cf. *Catalogo das Aves do Brasil*, 48). Na II acc. é pernambucano.

N. ap. na II acc.

Maçaróca : sf. — I, extremidade cabelluda da cauda dos bovideos ; II, bóla formada na cauda dos cavallos por crinas de tal modo emaranhadas que é impossivel desfazê-las com o pente.

Ar. geogr. : da I acc. sertões da 2ª zona ; da II Amazonia (Cf. Chermont, 60).

N. ap. nestas accs.

Macahuba : sf. — Vide *Macahiba*.

Maceió : sm. — lagoeiro que se fórma no littoral, por effeito das aguas do mar nas grandes marés, e tambem das aguas da chuva,

Etym.: t. guar.— *ma* por *mbaé*, cousa + *çai*, extendida, dilatada : o espraiado, o alagado, o extenso ; ou

ainda *ma-çai-ó*, o que se extende, encobrindo, ou tapando (Cf. Th. Sampaio, 138).

SYN. : *Maçaió*.

AR. GEOGR. : B. Rohan, 84, dá como peculiar a Pernambuco, Parahiba e Rio Grande do Norte.

Macella : sf. — nome commum a diversas plantas da familia das Compostas, das quaes se conhecem bem as duas especies : *Achyrocline satureoides*, D. C., e *Egletes viscosa*, Less.

NOTA — Não se devem confundir estes dous vegetaes com a *macella* das pharmacias, que é da familia das Synanthereas-senecioides, e pertence ás duas especies : *Anthemis nobilis*, Linn., e *Matricaria chamomila*, Linn., tambem designadas pelo nome de *chamomila*. Das que citámos, a primeira serve para estofagem de mobilias, enchimento de colchões, etc., e a segunda tem propriedades estomachicas e anti-diarrheicas.

AR. GEOGR. : todo o paiz, conforme Pio Corrêa, *Flora do Brasil*, 101.

Só ap. como *chamomila*, voc. que C. de Figueiredo consigna sem o *h*, exigido pela translitteração do *chi* grego em symbolos latinos.

Maçella-branca : sf. — planta da familia das Amarantaceas (*Gomphrena jubata*, Moq.), de raiz tuberosa, purgativa e util nas indigestões.

AR. GEOGR. : do Ceará a S. Paulo, conforme Pio Corrêa, *Flora do Brasil*, 101.

N. ap.

Macheado : adj. — diz-se dos milharaes em que ha grande predominancia de flores masculinas, estereis portanto, de que se deveria ter feito ablação antes da inflorescencia das femininas.

N. ap.

Machear: verb.— ficar *macheado*, isto é ter o milharal grande predominancia de flores masculinas, estereis.

Macheiro: adj. — diz-se do touro (e do garanhão provavelmente), cujos productos são, predominantemente, do sexo masculino.

Etym. : de *macho*.

Ar. geogr : zona de criação norte-oriental.

N. ap.

Machos-de-governo: sm. pl.— tabuas pregadas nos *bordos*, que servem para nellas trabalhar o leme, e não estragar a madeira da jangada, que é muito fraca.

Ar. geogr. : A. Camara, 203, dá como peculiar a Alagôas, Pernambuco e Ceará.

N. ap.

Macuco: sm. — nome commum a diversas aves da familia Tynamidæ, especialmente do *Tynamus solitarius*, Vieillot, que Marcgrav descreveu como de Pernambuco e constitue excellente caça.

Etym. : t. guar.— Segundo B. Rohan, 84, contr. de *macucaguá*; *ma* por *ibá*, fructo + *cugiguár* por *curihár*, tragador (Cf. B. Caetano, 565). Pode ser tambem de *má*, como acima + *cuca*, tragar, engulir: o tragador, ou engolidor de fructas.

Ar. geogr. : apud *Catalogo das Aves do Brasil*, 4, Rio Grande do Sul a Bahia, S. Paulo, Rio de Janeiro, Sancta Catharina, Minas e Paraguai.

Ap. em C. de Figueiredo erroneamente quanto ao Brasil, pelo menos.

Mãe-da-lua: sf.— especie de ave da familia Caprimulgidæ (*Nyctibius æthereus*, zu Wied).

Ar. geogr.: da ave, apud *Catalogo das Aves do Brasil*, 131, Paraná, S. Paulo, Minas, Rio de Janeiro e Bahia. Existe em Pernambuco.

N. ap.

Mãe-do-timbó : sf.— cópa da planta *timbó* (*Paullinia pinnata*, Linn.) que se desenvolve na bifurcação de uma arvore (Cp. *Inzenza*).

N. ap.

Maenga : sm.— soldado de policia, guarda civica, ou municipal.

N ap.

Maiada : sf.— O mesmo que *malhada*, q. v.

N. ap.

Maitaca : sf.— I, nome commum a diversas especies de papagaios dos generos Pionipsittacus e Pionias, dado especialmente ao *Pionus Maximiliani*, Kuhl.; II, individuo fallador, tagarella, arengueiro.

ETYM. : t. guar.— de *mboé*, dizer, fallar + *etá*, muito, o fallador.

AR. GEOGR : do voc., Pernambuco; da ave, apud *Catalogo das Aves do Brasil*, 123, norte da Argentina, Paraguai, Rio Grande do Sul a Bahia, S. Paulo, Matto Grosso, Piauhi. Occorre tambem no sertão de Pernambuco, ou melhor, de toda a zona norte-oriental.

Insufficientemente ap. em ambas as accs.

Maláčas : sf. pl.— seios de mulher, magros e pendentes.

N. ap.

Malacachêta : sf.— Vide *malacaxêta*.

N ap.

Malacaxêta : sf. — mineral do grupo dos silicatos das rochas acidas, familia das Micas (nome por que é tambem vulgarmente conhecido), genero Muscovito, ou *mica branca*.

NOTA — Devido á facilidade extrema de sua clivagem, é obtido em grandes e finas laminas transparentes, empregadas para substituir o vidro, principalmente quando têm

de ser submettidas a uma alta temperatura. Abundante no Brasil em grandes laminas.

N. ap.

Malaguêta sf.— I, pedaço de pau em que se enrola o fio dos papagaios de papel ; II, uma qualidade de *pimenta*, q. v. ; III, planta da familia das Solanaceas (*Capsicum fructescens*, Willd.).

NOTA — Os fructos deste vegetal, que encerram os dous alcaloides *capsaina e capsinina*, são excitantes do apparelho digestivo e uteis no tractamento das meningites e congestões cerebraes.

AR. GEOGR. : I acc., Pernambuco ; II geral ; III Pará, Bahia, Minas, S. Paulo e Goiaz (Cf. Pio Corrêa, *Flora do Brasil*, 102). Occorre tambem em Pernambuco.

N. ap. na I acc.

Malamba : sf.— desgraça, infelicidade na vida ; lamuria.

N. ap.

Malambeiro : sm. — individuo que gosta de contar aos outros suas infelicidades.

N. ap.

Mal-casado : sm.— especie de *tapióca*, q. v., feita de massa de mandióca e recheiada de côco ralado.

NOTA — B. Rohan, 85, consigna para Sergipe como uma iguaria parecida, mas não egual ; C. de Figueiredo copía, sem citar a fonte.

AR. GEOGR. : provavelmente, os Estados do Norte, com pequenas variações no objecto designado.

Malhada : sf. — I, logar sombreado por grandes arvores, onde o gado costuma abrigar-se da soalheira ; II, logar onde habitualmente se reune o gado para ser trabalhado.

AR. GEOGR. : na I acc. parece geral, no Norte, ao menos ; na II, Amazonia, conforme Chermont, 55.

N. ap.

Malhar : verb.— I, estar na *malhada*, abrigar-se o gado da soalheira ; II reunir-se o gado, conforme a hora, em certos logares dos cercados, para pastar.

AR. GEOGR. : na I acc. é nortista ; na II é pernambucanismo da zona da matta.

N. ap.

Mal-triste : sm.— molestia microbiana, excessivamente contagiosa, enzootica ou epizootica, febril, de marcha agudissima, aguda, ou sub-aguda, sempre fatal no primeiro caso, e characterizada pela hemoglobinuria e pelo hypertrophismo do baço.

NOTA — Esta epizootia, verdadeiro flagello para os criadores e para a agricultura em geral, tem sido estudada por um grande numero de especialistas, taes como Smith, Kilborne, Schrader, Perroncito, Bonome, Babo, Lodovico, San-Felice e outros ; mas, infelizmente, não se estabeleceu accôrdo entre elles sôbre a causa originaria do mal. Alguns, com Smith, Kilborne, Wandolleck, Bonome e Perroncito, dizem-no produzido por um protozoario ; outros, com Babo, attribuem-no a uma bacteria palustre. Tambem sôbre o nome do agente morbigeno differem as opiniões, parecendo, entretanto, dever-se conservar o de *Pyrosoma bigeminum*, que lhe foi dado por Smith e Kilborne. Sôbre um poncto, porém, são todos accordes : quando, escudados na imponente auctoridade de Koch, accusam o carrapato *(Ixodes)* de innoculador do elemento morbido. Tem sido, egualmente, esse insecto por diversos modos baptizado ; mas, si, como parece, se tracta sempre do mesmo parasito cosmopolita, é claro que, pelas regras da systematica moderna internacional, as denominações *Boophilus bovis*, *Haemaphysalis rosea* e *Rhipicephalus annulatus*, Neumann, devem ir para a synonymia, e conservar-se a de *Ixodes americanus*, que lhe foi imposta por Linneu.

Surge, agora, uma nova questão : é, ou não, o *mal-triste* a mesma doença que o carbunculo symptomatico? O assumpto, depois de muito controvertido, parece resolver-se pela negativa. Realmente, como se sabe, foi a existencia dos *campos maldictos* da Beauce que levou o immortal Pasteur a instituir a sua celebre série de experiencias, terminadas victoriosamente pela descoberta da vaccina anti-carbunculosa. Ora, a characteristica desses campos era a impossibilidade já não de criar, mas de somente nelles se apascentar os rebanhos de ovinos; carneiro, que os utilizasse, succumbia quasi infallivelmente do terrivel *morbus*. Além disso, a infecção dava-se, não por intermedio de um parasito, mas pela via gastrica. Entretanto, nos logares em que grassa o *mal-triste*, o mesmo não acontece : conhecemos *de visu* innumeras pastagens pernambucanas (todas as da zona da matta), em que se criam anafados carneiros, sem um só caso de carbunculo, enquanto o *gado sujeito*, isto é, o proveniente de campo limpos do *Ixodes*, só raramente escapa; conhecemos mesmo uma propriedade que, de quatro em quatro annos, recebia um lote de reproductores ovinos adultos do Yorkshire, e nunca, um só que fosse, contrahiu a doença! Essa flagrante contradicção de effeitos parece-nos de uma eloquencia concludente.

Ainda mais, sendo o *mal-triste*, como é, uma affecção febril, de character palustre e pernicioso, deve ter para causa um hematozoario, conforme o provou Laveran para o homem; óra, o carbunculo symptomatico é doença bacteriana, cujo germe productor foi isolado por Pasteur. De qualquer modo que seja, porém, a sciencia actual armou os criadores de um meio prophylactico infallivel para se pôrem a coberto da epizootia : a vaccina immunizadora que, empregada a espaços convenientes, fará passar o antigo espectro da ruina á categoria de mytho das éras barbaras.

SYN.: Tristeza, febre do Texas, mal da passarinha, hemoglobinemia bacteridiana do bovino, hematuria microbiana, hematoglobinuria parasitaria, etc.

N. ap.

Mambembe: adj.— mediocre, inferior, ruim; applica-se geralmente ás companhias theatraes mal organizadas.

ETYM.: parece termo africano, provavelmente mbunda.

N. ap.

Mamoeiro: sm. — I, arvore da familia das Caricaceas (*Carica digitata*, Pœpp.) que, além do excellente fructo, contém na seiva a *papaïna*, substancia peptonizadora mais energica e regular do que a pepsina; existem muitas variedades, quiçá especies; II, individuo que se dá ao vicio da embriaguez, ebrio habitual.

ETYM.: de *mama*; na II acc., de *mamar* por translação do sentido de *beber*, *chupar*, q. v.

AR. GEOGR.: na I acc. geral; na II Pernambuco.

N. ap. na II.

Mamulengo: sm.— divertimento popular, que consiste em representações theatraes por meio de bonécos, por occasião de festas religiosas nos arrabaldes. E' o que os Francezes chamam *marionnettes*.

AR. GEOGR.: B. Rohan, 86, dá como peculiar a Pernambuco; mas é tambem usado nos Estados vizinhos.

Manacá: sm.— planta da familia das Escrophulariaceas (*Brunsfelsia hopeana*, Benth.)

ETYM.: t. guar.: — *man*, feixe, ramalhete + *eaquâ*, cheiroso, odorifero (Cf. B. Caetano, 217).

NOTA — As flores servem para perfumaria, tractadas pelo ether ou pelo sulfureto de carbono.

Ap. insufficientemente.

Mandacarú: sm.— planta da familia das Cactaceas (*Cereus peruvianus*, Mill.).

NOTA — Esta planta é uma verdadeira providencia para os sertanejos, como tambem para o gado, que vaquejam, no tempo das seccas rigorosas; o seu caule, desprovido dos espinhos pelo fogo, serve de forragem; o fructo é desalterante e comestivel.

ETYM.: t. guar.: corr.— *iamacarú*, de *ia*, demonstrativo, + *má* por *ibá*, fructo + *carú*, comestivel: o que tem fructo comestivel.— Diz-se tambem *jamacarú* e *jaramacarú*.

AR. GEOGR.: do Piauhi a S. Paulo.

Insufficientemente ap.

Mandioqueiro: sm.— pequeno lavrador que trabalha em terras aforadas ou arrendadas, e que se occupa quasi exclusivamente na plantação de mandióca.

N. ap.

Mané-gostoso: ms.— personagem do *bumba-meu-boi*, que apparece com andas, cantando esta e outras cóplas similhantes:

« Mané gostoso,
Perna de pau,
Elle dança, elle tóca
Seu berimbáu... »

Por extensão: qualquer pessôa com andas; bonéco, polichinello, calunga de engonço, sujeito malamanhado.

N. ap.

Maneira: sf.— abertura posterior das saias a partir do cós, afim de permittir que ellas passem pelos hombros e pelas cadeiras.

NOTA — Chermont, 56, consigna na mesma acc. para Amazonia, o que não é extranhavel, porque é termo geral no Brasil. C. de Figueiredo aponcta, mas define de um modo, com o qual, certamente, não concordarão as senhoras portuguezas...

Manga : sf.— I, parte do eixo de um vehiculo, que fica dentro da caixa de graxa e recebe todo o pêzo do carro ; II, cêrcas divergentes a partir da porta do curral, para facilitar a entrada nelle do gado ; III, especie de corredor, com paredes de varas, para guiar os bois a embarcar ; IV, parede de cêrca que desce da beira até ás azas dos curraes de peixe, perpendicularmente ao rio.

NOTA — Taunay, 88, consigna a I acc. e define do mesmo modo ; entretanto, a denominação se extende á mesma parte de todo e qualquer eixo.

AR. GEOGR. : na I acc., como termo technico, é geral ; na II, Rio Grande do Sul, Romaguera, 121 ; nas III e IV, Amazonia, Chermont, 56.

N. ap. nestas accs.

Mangabeira : sf.— arvore da familia das Apocynaceas (*Hancornia speciosa*, Gomez).

NOTA — A madeira serve para construcções navaes e civis, peças de resistencia e carpintaria ; os fructos são deliciosos, fornecem o melhor dos sorvêtes, excellentes compotas e, fermentados, optima bebida ; o succo das folhas é medicinal ; o latex, de 0, 908 de densidade, produz borracha de primeira qualidade, cuja exportação annual orça por 1.500 toneladas. Entretanto, o vegetal ainda não é cultivado !

ETYM.: t. guar.: *mã-guaba*, cousa de comer (Th. Sampaio, 138) + suff. *eira*, dos nomes de arvores e plantas.

AR. GEOGR. : o voc. é geral ; a arvore vegeta do Amazonas a S. Paulo, Minas e Goiaz, principalmente nas II e III zonas e parte da IV.

Ap. insufficientemente.

Mangabinha-do-Norte : sf.— arvore da familia das Apocynaceas (*Hancornia minor*, Muell. Arg.)

NOTA — Tem as mesmas applicações da mangabeira, variando apenas em grau.

Ar. geogr. : do Maranhão a Bahia, apud Pio Corrêa, *Flora do Brasil*, 48.

N. ap.

Mangalho : sm. — I, membrum genitale; II, productos da pequena lavoura e industria domestica, vendaveis nas feiras e mercados do interior. — Na II acc. é geralmente usado no plural.

N. ap.

Mangará : sm. — poncta terminal da inflorescencia da bananeira (Musaceas), constituida pelas bracteas que cobrem as pequenas pencas de flores abortadas.

Etym. : t guar. : *má* por *ibá*, fructo + *cará*, cascudo, ou *carã*, redondo.

Ar. geogr. : B. Rohan, 87, dá como peculiar a Pernambuco.

Mangue : sm. — planta dos estuarios e lagunas, da familia das Combretaceas (*Conocarpus erecta*, Linn.)

Nota — Fornece madeira para caibros, mourões, lenha e carvão excellentes.

Ar. geogr. : do Amazonas a Pernambuco e em Cananéa. — C. de Figueiredo, nesta acc., consigna erroneamente.

Mangue-branco : sm. — planta littoranea da familia das Combreaceas (*Laguncularia racemosa*, Gaertn.).

Nota — A casca é empregada nos cortumes, por conter 14,2% de tannino; as folhas servem ao mesmo fim e a madeira para traves, vigótas, esteios, etc.

Ar. geogr. : littoral brasileiro, conforme Pio Corrêa, *Flora do Brasil*, 48.

N. ap.

Mangue-vermelho : sm. — planta da familia das Rhizophoraceas (*Rhizophora mangle*, Linn.) o rei dos *mangues*.

NOTA — A casca contém 31,1% de tannino, e os fructos (com as radiculas) 16%; as folhas são, relativamente, tambem muito ricas do mesmo principio, e usadas na pharmacopéa. A madeira, cujo pêzo especifico é de 0,926 a 1,182, é empregada para vigas, caibros, esteios, obras immersas, mourões, calçamento, cabos de ferramenta, peças de resistencia, etc.

SYN.: *Gaiteiro*, q. v.

AR. GEOGR.: da Guiana a Sancta Catharina (Cf. Pio Corrêa, *Flora do Brasil*, 49).

N. ap.

Manicáca: sm. — individuo fraco, molleirão, pusilanime.

SYN.: *mucufa*, *mutange*.

AR. GEOGR.: recolhido na ilha de Itamaracá.

N. ap.

Maniçóba: sf. — I, a folha da mandióca (*Manihot utilissima*, Pohl.); II, planta de que se extrahe borracha (*Manihot dichotoma*, Ule, e outras especies).

ETYM.: t. guar. — de *mani* (de sign. não decifrada) + *hóba* = *çóba*, folha.

AR. GEOGR.: a I acc. é peculiar a Pernambuco e outras provincias do Norte (Cf. B. Rohan, 88); a II é geral.

Manipueira: sf. — succo leitoso da mandióca ralada, obtido por expressão, que fornece condimentos muito apreciados e contém a *manihotoxina*, principio activo venenoso que se decompõe ao calôr, a *sepsicolytina*, agente conservador da carne, e os acidos *manihotico* e *cyanhydrico*, que são venenos energicos.

ETYM.: t. guar.: *mani* (de sign. não decifrada) + *puêra*, suff. do preterito nominal: que foi e já não é.

AR. GEOGR.: conforme B. Rohan, 88, Pernambuco e outras provincias do Norte.

Maniva : sf.—I, o caule da mandióca *(Manihot utilissima,* Pohl.); II, a planta da mandióca.

Etym.: t. guar.: *mani* (de sign. não decifrada) + *iba*, arvore, páu: arvore do *mani*.

Ar. geogr.: Pernambuco e outras provincias do Norte (Cf. B. Rohan, 88).

Manjaléco : sm.— marmanjo.

Ar. geogr.: B. Rohan, 88, dá como peculiar a Pernambuco e Ceará.

Manjangôme : sm.— planta alimentar da familia das Portulacaceas (*Talinum patens,* Willd.). Tambem dizem *Brêdo-manjangôme*.

Ar. geogr.: a distribuição desta planta é extensiva, sob differentes denominações, a quasi todo o Brasil; mas o nome *manjangôme* é conhecido apenas em Pernambuco e Parahiba.

Insufficientemente ap.

Manjolão : sm.— individuo grande e desengraçado, correspondendo ao que o povo chama «cavallo grande, bêsta de páu.»

Ar. geogr.: Pernambuco.

N. ap.

Manobreiro : sm.— individuo encarregado das manobras nas linhas ferreas; agulheiro.

Etym.: de *manobr(a)* + suff. *eiro*, designativo de officio, profissão, etc.

N. ap. nesta acc.

Manqueira : sf. — epizootia que ataca o gado vaccum e cavallar.

Etym.: de *manco*.

N. ap. nesta acc.

Manteúdo : adj.— diz-se do cavallo ou boi que, apesar de trabalhar regularmente, se conserva em bôas carnes.

Nota — Romaguera, 122, consigna para o Rio Grande do Sul, na mesma acc.

Ar. geogr. : parece termo geral.

N. ap. nesta acç.

Mão : sf.— Cf. *arrocho*.

N. ap. nesta acc.

Mão de milho : sf.— cincoenta espigas de milho.

Ar. geogr.: Pernambuco e, provavelmente, toda a zona antigamente habitada pelos tupis, que, como é vulgar, usavam do systema de numeração que tem por base 5, numero dos dedos da mão.

N. ap.

Mapironga : sf.— espinha, furunculo, nascida.

Etym. : t. guar. *mbaê*, cousa + *pironga* por *piranga*, vermelha.

Ar. geogr. : Pernambuco.

N. ap.

Maracá : sm: I, chocalho que serve de brinquedo ás crianças; II, guiso, chocalho da cascavel (*Crotalus terrificus*, Laur.).

Etym. : t. guar. — *mbaracá* (instrumento musical usado nas solennidades religiosas e guerreiras dos tupis e guaranis), composto de *mbara*, forte, resistente, rijo + *cá*, a casca, a codea, o envolucro (Cf. Th. Sampaio, 139).

Ar. geogr. : com a acc. primitiva, é ainda usado na Argentina, Granada, 273. Na I acc., Pernambuco e outras provincias do Norte, B. Rohan, 89; na II, Amazonia, Chermont, 58.

Maracajá : sm.— gato do matto, da familia Felidæ (*Felis pardalis*, Linn.), de que ha pelo menos cinco variedades, ou antes, sub-especies.

AR. GEOGR. : do animal, toda a America do Sul e do Centro; do nome, Norte do Brasil.

Ap. insufficientemente.

Maracanã: sf.— ave da familia Psittacidæ (*Ara maracana* Vieillot).

ETYM.: t. guar.: de *maracá*, q. v. + *nã*, similhante, parecido.

AR. GEOGR. : apud *Catalogo das Aves do Brasil*, 110, Paraguai, do Rio Grande do Sul ao Pará, Rio de Janeiro e São Paulo. Em Pernambuco é muito commum no sertão e ainda mais no mercado...

Insufficientemente ap.

Maracatú: sm.— dança carnavalesca dos negros, em que transparecem, visivelmente, muitos dos habitos africanos.

ETYM. : poderia ser t. guar. *maracá*, q. v. + *tu*, tocar, bater; mas, tractando-se de uma *instituição* africana, em que não ha interferencia, ou não parece haver, do elemento indigena, vacillamos em acceitar aquelle etymo.

AR. GEOGR. : segundo B. Rohan, 89, Pernambuco.

Maria-angica : sf.— larva de um coleoptero, que ataca a canna de assucar, brocando-a da parte inferior ao olho.

N. ap.

Maria-farinha : sf. — crustaceo da ordem Decapoda, familia Ocypodidæ, bastante vulgar; parece ser a especie *Ocypode albicans*, Bosc., o que, aliás, não podemos affirmar.

AR. GEOGR. : Pernambuco e Estados vizinhos.

N. ap.

Maria-já-é-dia : sf. — ave da familia Tyrannidæ (*Elænea flavogastris*, Thunb.).

AR. GEOGR. : o termo é geral; a ave habita Paraguai, Matto Grosso, S. Paulo, Minas, Rio de Janeiro,

Bahia e Pará, conforme o *Catalogo das Aves do Brasil*, 281. Occorre tambem em Pernambuco.

N. ap.

Maria-preta : sf. — arvore da familia das Cordiaceas (*Cordia curaçavica*, Mart.), cuja madeira se presta ás obras de carpintaria e marcenaria.

AR. GEOGR. : do Piauhi ao Rio Grande do Sul, conforme Pio Corrêa, *Flora do Brasil*, 49.

N. ap.

Maritacáca : sf.— especie de carniceiro da familia Mustelidæ, sub-familia Melinæ (*Conepatus suffocans*.).

ETYM. : é voc. t. guar.

AR. GEOGR. : Pernambuco e outras provincias do Norte, conforme B. Rohan, 90.

Marombar : verb.— I, enganar, vadiar no trabalho ; II, vacillar entre alvitres oppostos, quando se tracta de interesse proprio.

ETYM. : relaciona-se com *maromba* — vara que auxilia o equilibrio dos dançadores de corda.

N. ap. nestas accs.

Marrafa ; sf.— pequeno pente ornamental empregado no toucado das senhoras.

NOTA — C. de Figuereido dá como parte do cabello, riçada e caïda sôbre a testa, ou como cada uma das duas partes em que, por meio de uma risca longitudinal, se divide o cabello.

ETYM. : de Marraffi, bailarino italiano que viveu em Lisbôa no seculo XVIII, segundo aquelle auctor.

N. ap. nesta acc.

Marréca : sf.— ave da familia Anatidæ (*Neltium brasiliense*, Gmélin), encontrada em Pernambuco por Marcgrav.

AR. GEOGR. : quasi todo o Brasil e algumas das

republicas vizinhas do Sul e Oeste, segundo o *Catalogo das Aves do Brasil*, 74.

Ap. na acc. geral de um dos palmipedes.

Marreteiro : sm.— operario que com a marreta percute a bróca para a abertura das camaras de mina nas pedreiras.

ETYM. : de *marret* (*a*) + suff. *eiro,* designativo de profissão, officio, etc.

N. ap.

Martélo : sm.— larva de certos mosquitos depositada n'agua estagnada.

ABON. : do *Diario de Pernambuco*, n. 78, de 1913 : « Trata-se, além disso, dum aguaçal que o Sr. João Elysio chrismou de *lagôa Gouveia de Barros*, o que veio ainda mais aggravar as cousas, porque os mosquitos, aproveitando a circumstancia desse patronato protector, estão enchendo aquillo de *martélos*, só pelo gostinho malevolo de dar o que fazer á brigada inimiga ».

ETYM. : do costume da larva em conservar a maior parte do tempo a cabeça, bastante volumosa, torcida em ralação ao eixo do corpo, que é delgado, assimilhando-se a um martélo.

N. ap. nesta acc.

Maruim : sm.— pequena mosca nematocera e hematophaga, commum no littoral e zona sujeita ás marés.

NOTA — O dr. Adolfo Lutz, in *Nota preliminar sobre os insectos sugadores de sangue, observados nos Estados de S. Paulo e Rio de Janeiro*, p. 7, considera o *maruim* como pertencente ao genero Ceratopogon ; entretanto, o dr. Emilio A. Goeldi, na memoria sôbre *Os Mosquitos no Pará*, p. 137, observa que, nos seus pormenores essenciaes, o *maruim* do Pará, que é o mesmo de toda a região littoranea brasileira, não quadra com descripção generica e illustração alguma da litteratura

dipterologica, sendo, portanto, incerta sua posição systematica; tambem não procede sua situação no genero Ceratopogon, porque os representantes deste genero ostentam vistosa antena de plumas, donde lhes vem o nome scientifico. Assim, creou o dr. Goeldi, para o insecto em questão, genero e especie novos: *Hæmatomyidium paraense*, Goeldi.

Incompetentes para resolver a contraversia, limitamo-nos a registrá-la.

Etym.: t. guar.: *merú*, mosca + *im*, pequena.

C. de Figueiredo consigna *marui*; usam-se tambem as fórmas *merui*, *meruim*, *mirui* e *miruim*; em Pernambuco a fórma predominante é a que aponctamos, e que é o nome de uma ilhota situada na fóz do Capibaribe.

Massapê: sm.—argila compacta, anegrada e extremamente fertil.

Nota —Segundo B. Rohan, 91, é esta especie de terreno produzida na Bahia pela decomposição dos schistos cretaceos, e nas provincias do Sul, pela de rochas graniticas. O de Pernambuco provém dos gneis e gneis-granitos, como os do Sul. E' curioso que se pronuncie aqui *massapê* e, para o sul, *massapé*.

Ar. geogr.: termo geral.

Ap. insufficientemente para o Brasil.

Massaranduba: sf.—arvore da familia das Sapotaceas (*Mimusops elata*, Fr. All.)

Nota — Muitas outras especies são conhecidas, sem que possamos affirmar sua occurrencia em Pernambuco. A que citamos, tambem conhecida por *Massaranduba vermelha*, existe com certeza; sua madeira tem os seguintes characteristicos: pêzo especifico 1,102 a 1,172; resistencia á flexão — 1 kg., 305; ao esmagamento: carga perpendicular — 191 kgs. — parallela — 506 kgs., sem

determinação de posição — 769 kgs. E' empregada em canôas, construcções civil e naval, obras hydraulicas e expostas, dormentes, esteios, calçamento de ruas, carpintaria e marcenaria. A casca exsuda latex espesso e abundante, e serve para o curtimento de couros; os fructos são comestiveis e saborosos.

Etym.: segundo A. de Carvalho: *O Tupi na Chorographia Pernambucana*, 53, t. guar: corr. de *mbaê-çarand-iba*, em que *mbaê-çaran* quer dizer — cousa resvaladia, e *iba*, arvore: arvore que dá cousa resvaladia, isto é, fructo escorregadio ou lubrico.

Ar. geogr.: do Amazonas a S. Paulo e Minas (Cf. Pio Corrêa, *Flora do Brasil*, 50).

Insufficientemente ap.

Masseira: sf. — Cf. *arrocho*.

N. ap. nesta acc.

Mastruço: sm. — O mesmo que *mentruz*, q. v.

Syn.: *Herva de Sancta Maria*.

C. de Figueredo ap. como crucifera.

Matolão: sm. — alforge de couro de carneiro curtido com a lã, com bocal fechado por correias, no qual os sertanejos conduzem roupa e utensis de viagem.

Etym.: metathese de *malotão*?

Ar. geogr.: conforme B. Rohan, 91, dá como peculiar a Pernambuco e outras provincias do Norte.

Matombo: sm. — O mesmo que *matumbo*, q. v.

Matráca: sf. — machina empregada na fabrica de phosphoros da Torre, Recife, destinada a fixar os palitos em grades, para applicação da parafina e da massa, que forma as cabeças.

Nota — O nome é dado pelos operarios e allusivo ao ruido ensurdecedor, que faz a machina quando funcciona.

N. ap. nesta acc.

Matta : sf. — uma das zonas geographicas em que se divide Pernambuco e Estados vizinhos, entre a praia e o *agreste*, characterizada pela fertilidade do sólo, exuberancia e grande porte da vegetação ; é, por excellencia, a zona assucareira.

N. ap. nesta acc.

Mata-burro : sm. — largo e profundo dreno sêcco, excavado na bocca dos córtes, para evitar a entrada de animaes nos mesmos.

N. ap.

Matto : sm. — designação vulgar com que os habitantes da capital denominam os suburbios.

Nota — No Rio de Janeiro, significa roça, fazenda.

Ar. geogr. : Pernambuco, capital.

N. ap. nesta acc.

Matumbo : sm. — grande e alta *cóva* (q. v.) em que se plantam quatro ou mais pés de mandióca ou macacheira, empregada nos terrenos baixos e humidos.

Nota — Os diccs. consignam *matombo e matumbo*, mas definem mal e incompletamente; a ultima fórma é a mais usada em Pernambuco.

Maturí : sm. — pedunculo do fructo do cajueiro (*Anacardium occidentale*, Linn.), antes do amadurecimento.

Etym. : t. guar. + *má* por *ibá*, fructo + *tirirí*, pequeno, minguado.

Nota — C. de Figueiredo consigna como *castanha do cajú*, porque copiou de B. Rohan, 92, que, provavelmente, foi mal informado, pelo menos relativamente a Pernambuco.

Ar. geogr. : Piauhi e de Pernambuco ao Ceará, segundo B. Rohan, l. c.

Maxixe : sm. — I, especie de dança ; II, casa de bailes publicos. Diz-se tambem *casa do maxixe*, isto é, onde se dança o *maxixe*.

ABON.: do *Diario de Pernambuco*, n. 188, de 1911: «Pouco antes de 1 hora da manhã de hoje, encontraram-se no *maxixe* do 1º andar do predio n. 43, á rua 15 de Novembro. . . »

NOTA — C. de Figueiredo consigna a I acc. erroneamente, como — especie de batuque.

AR. GEOGR. : a I acc. é geral; a II parece peculiar a Pernambuco, e inedita.

Mazombo : sm. — individuo nascido no Brasil, de paes extrangeiros, especialmente de portuguezes.

ABON. : Capistrano de Abreu, prologo da *Historia do Brasil* de frei Vicente do Salvador, in *Annaes da Bibliotheca Nacional*, vol. XIII, p. XVII: «. . .brasileiro era o nome de uma profissão; quem nascia no Brasil, se não ficava infamado pelos diversos elementos de seu sangue, ficava-o pelo simples facto de aqui ter nascido, — um *mazombo*.»

ETYM.: para B. Rohan, 92, o termo não é tupi e mais parece africano; B. Caetano, 554, alvitra etymo daquella primeira procedencia, de *má* por *ibá*, fructo + *açóg*, verme, bicho: bicho de fructo. Como a designação era depreciativa, verdadeiro apôdo, essa etymologia se nos afigura justa e acceitavel.

AR. GEOGR.: B. Rohan, l. c., consigna como peculiar a Pernambuco, mas accrescenta que caïu em desuso; de facto, ouvimo-lo uma só vez, de um octogenario, que não era pessôa culta.

Meião : sm. — grossa peça de madeira, diametralmente collocada, em que se encastra o eixo e que, com as quatro pinas, constitúe a róda dos carros de bois.

ETYM.: de *mei* (*o*) + suff. aug. *ão*.

N. ap.

Meio : sm. — andar intermédio em rapidez, entre o *baixo* e o esquipado, dos cavallos ensinados.

N.ap.

Meio-copeiro : adj. — diz-se do engenho de assucar, cuja róda se move com agua, que a toma pelo meio, abaixo do eixo.

Ap. em Moraes ; C. de Figueiredo não recolheu.

Meios : sm. pl. — os páus centraes, dos que formam a jangada.

Ar. geogr. : da Bahia ao Ceará (Cf. A. Camara, 203).

N. ap.

Meléca : sf. — secreção nazal.

Etym. : de *mel* + suff. *éca*, designativo de depreciação.

N. ap.

Meleiro : sm. — vendedor ambulante de mel de engenho, ou de furo.

Nota — Os diccs. consignam com outras accs. correlatas, não usadas em Pernambuco.

Mellado : sm. — I, caldo de canna já limpo e prompto para passar do caldeiróte, ou taxa de safar para as de cozer ; II, côr do cavallo, a que em outros logares se chama *baio,* e que varia do *mellado dourado* de crinas brancas, ao *mellado queimado* de crinas pretas.

Nota — Romaguera, 129, consigna para o Rio Grande do Sul na II acc,. mas com o sign. do que chamamos *aça* ; C. de Figueiredo aponcta em ambas as accs., mas na II como Romaguera.

Ar. geogr. : Pernambuco e, talvez, outros Estados do Norte.

Melipona : sf. — genero de abelhas.

NOTA — C. de Figueiredo consigna como brasileirismo, mas dubitavamente interroga: « Designação generica das abelhas ? Especie de abelha ? Insecto parecido á abelha ?» e accrescenta : « Vejo a palavra em naturalistas e escriptores brasileiros, mas não se me depara a noção clara do termo ». E' para admirar a duvida do illustre lexicographo lusitano, desde que, para solvê-la nem precisava de consultar tractado especial de Entomologia ; bastava-lhe abrir o *Dicc.* de Littré, *Supp.*, pag. 227, para ahi encontrar a seguinte definição, a todos os respeitos satisfactoria : « Genre d'insectes hyménoptères de la section des porte-aiguillons, famille de mellifères, tribu de apiaires, ayant les pattes plus larges que les abeilles, l'abdomen plus court et tout au plus de la longueur du corselet.»

ETYM. : do grego *meli*, mel + *ponos*, trabalho.

AR. GEOGR. : termo geral.

Menso : adj. — pendente, inclinado, torto, manco.

ETYM. : do latim *pensus*.

SYN. : *penso*.

N. ap.

Mentruz : sm. — nome dado pelo povo, em Pernambuco, ao *Chenopodium ambrosioides*, Linn., planta da familia das Chenopodiaceas. As pessôas educadas dizem commummente *mastruço*.

NOTA — Tem esta planta propriedades vermifugas e insecticidas e emprega-se na amenorrhéa e na expulsão de fétos mortos. C. de Figueiredo consigna, reportando-se a *matruz*, que define insufficientemente.

Mereré: sm. — lansquenè e por extensão qualquer jogo de azar.

N. ap.

Méro : sm. — peixe do mar, que occorre nas costas pernambucanas (*Pogonias chromis*, Cuv.).

Ap. por C. de Figueiredo com outra denominação scientifica.

Meruanha : sf. — especie de mosca hematophaga.

Etym.: t. guar.: *mberú* = *merú*, mosca + *ãi*, aspera, ou farpada. Tambem se diz *Muruanha*.

N. ap.

Mesa : sf. — sessão de *calimbáu*, ou feitiçaria.

N. ap. nesta acc.

Metralha : sf. — I, fragmentos de tijolo com que abusivamente se enche o espaço comprehendido entre os que formam os paramentos, nas paredes espessas; II, fragmentos de tijolo ou pedra, rebôco, etc., nas demolições de predios.

Nota — Na I acc. está em Picanço, 31, e Taunay, 46, como *criação*.

N. ap. nestas accs.

Metter-as-botas : loc. — fallar mal de alguem, maldizer, censurar.

Abon.: d'*O Carapuceiro*, n. 35, de 16 de agosto de 1837: «*Mette as botas* em Sancto Agostinho, em S. Jeronymo, em S. Cypriano...»

N. ap.

Mexeriqueiro : sm. — minusculo candieiro de folha de Flandres, com torcida livre, para kerozene.

Syn.: *alcoviteiro*, *periquito*.

N. ap. nesta acc.

Milongas : sf. pl. — enredos, mexericos, desculpas mal cabidas, palavrorio.

Etym.: segundo B. Rohan, 94, do mbunda *milonga*, plural de *mulonga*, palavra; Cannecatin, por elle citado, dá tambem o sign. de *questão*.

Ap. em C. de Figueiredo, sem maiores explicações.

Mimburas : sf. pl.— os dois páus extremos das jangadas.

ETYM.: deve ser tupi, quiçá corr. de *ibirá*, arvore, páu.

AR. GEOGR.: A. Camara, 204, dá como peculiar a Alagôas, Pernambuco e Ceará.

N. ap.

Mingáu-petinga : sm.— papa feita de massa de mandióca molle ou puba.

ETYM.: t. guar. : *mingáu*, papa + *petinga*, branco.

AR. GEOGR.: B. Rohan, 94, dá como peculiar a Pernambuco.

Minjoada : sf. — processo de pescaria, que consiste em fincar uma vara á borda do rio ou açude, de modo que o anzol fique immerso durante a noite, para se apanhar o peixe no dia seguinte, sem outra intervenção do pescador.

N. ap.

Missa-secca : sm. — designação depreciativa dos adeptos das diversas seitas evangelistas.

N. ap.

Mitra : sf.— astucia, manha.

AR. GEOGR.: Romaguera, 132, consigna na mesma acc. para o Rio Grande do Sul.

N. ap. nesta acc.

Miúça : sf. — designação do gado caprino e ovino, dada pelos sertanejos.

AR. GEOGR. : Pernambuco ao Piauhi.

N. ap. nesta acc.

Miudezas : sf. pl.— quinquilharias, pequenos objectos.(Cp. *Loja-de-miudezas*).

N. ap. nesta acc.

Mocado : sm.— porção de alimento, certa quantidade, pedaço; pequeno decurso de tempo.

Etym.: corr. de *boccado* } *bôcca*.

N. ap.

Mocambo : sm. — pequena casa coberta de palha, ou de zinco, com paredes de taipa, ou de tapona, ou mesmo toda de palha.

Syn.: *moquiço*.

Ar. geogr.: B. Rohan, 95, dá como peculiar a Pernambuco e Alagôas.

Mocica : sf.— I, sacudidela, empuxão que o pescador dá á vara ou linha de pescar, ao sentir que o peixe mordeu a isca; II, contracção brusca de um certo grupo de musculos, com apparencia de um movimento constante e ordinario; III, sacudidela que se dá á linha do papagaio de papel.

Etym.: t. guar.: *mbo=mo*, fazer + *cica*, chegar, puxar para si, attrahír.

Ar. geogr.: Pernambuco; quanto á I, B. Rohan, 98, accrescenta Parahiba.

Mocó : sm.— I, o pequeno roedor (*Cavia rupestris*, zu Wied); II, bolsa pequena que os sertanejos usam a tiracollo para guardar dinheiro e objectos miúdos.

Etym.: t. guar.: *mo-coó=mà-coó*, bicho que róe, animal roedor (Cf. Th. Sampaio, 140). Da pelle desse animal é que se fazem geralmente as bolsas, que têm seu nome; mas note-se que aquelle objecto tambem se chama *bocó*, que na lingua kariri significa *bolso, algibeira* (Cf. Mamiani: *Grammatica Kiriri*, 14).

Ar. geogr.: provincias do Norte, B. Rohan, 95.

Mocotó : sm. — I, juncta, articulação, tornozello; II, mãos de vacca ou boi ainda crúas, ou depois de guizadas.

Etym.: t. guar.: *mbo=mo*, fazer + *cotog*, jogar, oscillar, mover. B. Rohan, 95, dá apenas a II acc,

Moendeiro : sm. — trabalhador que, nos engenhos de *banguê*, põe as cannas na moenda.

N. ap. nesta acc.

Mofumbar : verb.— esconder, guardar em logar escuro.

Etym.: de *mofumbo*, q. v.

Syn.: *amofumbar*.

N. ap.

Mofumbo : sm.— logar escuro, esconderijo.

Etym. : o nome designa certa planta trepadeira que, entrelaçando-se, fórma verdadeiros esconderijos, onde se acoitam repteis e outros animaes.

N. ap. nesta acc.

Moirão : sm.— o mesmo que *mourão*, q. v.

Molecório : sm.— reunião de moleques, canalha, gentalha.

Abon. : da Secção *Por conta alheia* do *Jornal Pequeno*, n. 42, de 1913 ; «Inimigos gratuitos e perseguidores bandidos, que, com a vilania dos seus characteres, tentam ferir-me anonymamente, empregando o *molecório* para offender-me...»

N. ap.

Moléque : sm.— escóra com que se mantêm inferiormente as tabuas componentes de um fôrro de casa, enquanto se assentam as mesmas.

N. ap. nesta acc.

Molestia-magra : sf.— tuberculose, phthisica.

N. ap.

Mondrongo : sm.— inchaço, deformação apparente de qualquer membro do corpo humano.

N. ap.

Moquiço: sm. — casebre, habitação de gente pobre. Diz-se tambem *muquiço*.

Syn.: *mocambo*.

N. ap.

Morador: sm. — individuo que mora em um engenho e nelle exerce a pequena lavoura, sob condição de prestar certos serviços ao proprietario mediante retribuição fixa ou variavel. Distingue-se do lavrador por ter este a obrigação de plantar certa quantidade de cannas, cujo assucar é dividido entre elle e o senhor de engenho.

N. ap. nesta acc.

Morcegar: verb. — andar nos trens e bondes como *morcêgo*, q. v.

Abon.: do *Diario de Pernambuco*, n. 233, de 1911: « O menor Minervino, filho de José Francisco da Silva, na occasião em que *morcegava*, na estação da Lagôa do Carro, o trem de 6 1/2 da tarde, com o destino a Limoeiro, succedeu perder o equilibrio, caïndo entre os vagões, sendo então alcançado pelas ródas que o esmagaram completamente. »

Etym.: de *morceg (o)* + suff. verbal *ar*.

N. ap.

Morcego: sm. — I, garoto que anda nos bondes e trens, seguro aos balaustres e portinholas sem pagar passagem, e saltando sempre que se approxima o cobrador; II, papagaio de papel da fórma do *gamello* (q. v.), tendo a base superior do trapezio curva, com a concavidade voltada para cima.

Abon.: da I acc.: *Jornal Pequeno*, n. 183, de 1911: « O fiscal Marianno, no momento em que procurava afugentar um *morcego* com a chibata, deu uma brutal chicotada no rosto de uma filhïnha do sr. Daniel... »

ETYM.: de *morcego*, o conhecido chiroptero, pela similhança da postura em que ficam os que *morcegam*. A II acc. é allusiva á fórma das azas do morcego.

N. ap.

Moriçóca : sm. — nome commum a diversos dipteros hematophagos, pertencentes aos generos Culex e Anopheles.

ETYM.: t. guar.: *mberú* = *merú*, mosca + *çóca*, furadora.

AR. GEOGR.: parece privativo de Pernambuco e Estados adjacentes.

Na Amazonia dizem *moroçóca*; Chermont, 118, escreve *móróssóca*; no Ceará e Rio Grande do Norte, *sovéla* e *pereréca*; na Bahia, *muriçóca*, fórma que tambem occorre em Pernambuco.

N. ap. C. de Figueiredo consigna *muriçóca* — bichinho aquatico do Brasil (?).

Mosqueiro: sm. — casa de pasto de infima especie.

ABON.: do *Jornal Pequeno*, n. 231, de 1912: «...ganhámos a rua da Aurora, poncto da rua do Sol, e ao chegar na rua de S. Francisco entrámos no *mosqueiro* do Vicente, onde, por insistencia do meu companheiro, tomei um café...»

SYN.: *frége*, *frége-moscas*.

N. ap. nesta acc.

Mosquito : sm. — pequeno busca-pé sem bomba; bicha de rabear.

N. ap. nesta acc.

Mota : sf. — o mesmo que *quebra*, q. v.

N. ap. nesta acc.

Motorista : sm.— conductor ou machinista de automovel.

ABON.: annuncio d' *A Provincia*, n. 222, de 1912: « Aproveitando ainda a opportunidade, scientificamos

que, a começar de 15 do corrente, os *motoristas* dos nossos automoveis pedidos para a Garagem, darão aos passageiros que lhes pagarem as importancias das viagens uma pequena declaração impressa do pagamento...»

ETYM. : de *motor* + suff. *ista*, designativo de emprego, profissão, etc.

NOTA — E' termo de creação recente, melhor que *chauffeur*, mal empregado até no proprio francez.

N. ap.; mas usado não só em Pernambuco, como em outros Estados.

Mourão : sm.— I, grosso esteio solidamente fincado no solo e no qual se amarram as rêzes indoceis, para tractá-las, etc; II, vara enterrada nas margens dos rios tranquillos, na qual se amarram as canôas.

NOTA — No Rio Grande do Sul, segundo Romaguêra, 143, diz-se na I acc. *palanque*; a II é da Amazonia, apud Chermont, 63.

N. ap. nestas accs.

Movelaría : sf.— loja ou armazem de vender moveis.

ABON. : annuncio n' *A Provincia*, n. 209, de 1912 : « *Movelaría Pernambucana*. Nesta *movelaría* vendem-se moveis nacionaes e extrangeiros, etc.».

ETYM. : de *movel* + suff. *aría*, designativo de quantidade, repetição.

N. ap.

Moxicão : sm.— repellão, empuxão, pancada.

NOTA — Moraes regista o termo, reportando-se a Bluteau; C. de Figueiredo não recolheu. Parece ter caïdo em desuso em Portugal.

Muafa : sf.— bebedeira, embriaguez, carraspana.

N. ap.

Muafo : sm.— panno velho, roupa velha ; qualquer objecto antigo ; cacaréus. Mais usado no pl.

SYN. : cacarécos, mucumbagem, quimbembes, tróços.

N. ap.

Muamba : sf.— I, velhacaria, fraude, patranha ; II, compra de objectos furtados para revender.

Nota — B. Rohan, 97, consigna como t. geral.

Muambeiro : sm. — o que practica a *muamba* ; velhaco, patranheiro.

Mucica : sf. — o mesmo que *mocica*, q. v.

Nota — *Mucica* é fórma mais concordante com a pronuncia pernambucana.

Mucufa : sm. — individuo fraco, covarde, mofino.

SYN.: mutange, manicáca.

N. ap.

Mucumbagem : sf. — cacaréus, trastes velhos, cacos, cousa sem prestimo.

SYN. : cacarécos, muafos, quimbembes, tróços.

N. ap.

Mulungú : sm. — arvore da familia das Leguminosas (*Erythrina corallodrendon*, Linn.).

NOTA — E' um bello vegetal, na épocha da inflorescencia, pois que, despojado das folhas, parece um enorme ramo de flores. As suas propriedades medicinaes, como calmante do systema nervoso, são muito apreciadas.

AR. GEOGR. : da planta e do termo Parahiba, Pernambuco, Alagôas e Bahia.

Ap. com *habitat* indeterminado. Não é a mesma arvore que a africana *mulango*, como pergunta C. de Figueiredo, mas é especie vizinha.

Mumbanda : sf. — antigamente, escrava moça e predilecta; hoje, qualquer creada nas mesmas condições. O t. cáe em desuso.

Etym. : mbunda, *mi-n'banda*, mulher, B. Rohan, 98.

Ar. geogr. : esse auctor dá o voc. como peculiar a Pernambuco.

Munganga : sf. — tregeito, carêta, momice, esgares.

Etym. : corr. de *monganguice* ou *mogiganga*? B. Rohan, 98.

Ar. geogr. : o mesmo auctor consigna o t. como peculiar ás provincias do Norte; é usado em Pernambuco.

Muquiço : sm. — o mesmo que *moquiço*, q. v.

N. ap.

Muriçóca : sf. — o mesmo que *moriçóca*, q. v.

N. ap.

Murici-miúdo : sm. — arvore da familia das Malpighiaceas (*Byrsonima lancifolia*, Juss.).

Nota — A madeira serve para construcções civis, carpintaria e obras internas; a casca para cortume e della se extrahe materia tinctural; os fructos são comestiveis.

Ar. geogr.: do Amazonas a S. Paulo (Cf. Pio Corrêa, *Flora do Brasil*, 53).

N. ap.

Muruci-pitanga : sm. — arvore da familia da Malpighiaceas (*Byrsonima crassifolia*, H. B. K.)

Nota — A madeira, de pêzo espcifico egual a 0,670, presta-se a construcções civis, obras internas, carpintaria e marcenaria. A casca encerra 20 % de tannino e fornece materia tinctural; do fructo, pouco saboroso, fazem no Ceará uma bebida refrigerante chamada *cambica de murici*.

Ar. geogr. : do Piauhi a Pernambuco (Cf. Pio Corrêa — *Flora do Brasil*, 53).

N. ap.

Murta : sf. — arvore da familia das Rubiaceas (*Contarea hexandra*, Schum.), amarga e tonica, que serve de succedanea á quina.

Ar. geogr.: da Guiana a S. Paulo (Cf. Pio Corrêa — *Flora do Brasil*, 105).

N. ap. nesta acc.

Muruanha: sf. — o mesmo que *meruanha*, q. v.

N. ap.

Mururé : sm. — planta da familia das Nymphæaceas (*Calomba aquatica*, Aubl.), com propriedades medicinaes anti-diarrheicas e anti-hemorrhoidaes.

Ar. geogr.: de Guiana a Alagôas e tambem S. Paulo (Cf. Pio Corrêa, *Flora do Brasil*, 105).

N. ap. na acc. especifica.

Mussambê : sm. — planta da familia das Capparidaceas (*Cleome gigantea*, e *C. spinosa*, Linn.), hirta e aculeada até nas nervuras das folhas, gozando de diversas propriedades therapeuticas.

Etym.: t. guar. : *mó=pó*, fibra + *çaimbé*, aspero, lixoso.

Ar. geogr. : quasi todo o Brasil, a primeira especie; do Amazonas a S. Paulo, a segunda.

Insufficientemente ap.

Mutamba : sf. — arvore da familia das Sterculiaceas (*Guazuma ulmifolia*, Lam.).

Nota — Serve a madeira para obras internas, coronhas, caixotaria, etc. ; o liber para cordoalhas e tecidos, a casca para refinar assucar ; os fructos são comestiveis. Além de tudo isso, goza de propriedades therapeuticas,

AR. GEOGR : quasi todo o Brasil. (Cf. Pio Corrêa, *Flora do Brasil*, 53).

C. de Figueiredo ap. como arvore de outra familia.

Mutange : sm.— individuo fraco, covarde, mofino.

SYN. : manicáca, mucufa.

N. ap.

Mutuca : sf. — I, insecto tabanida do Brasil ; II, extremidade carbonizada de um phosphoro de cêra que se implanta na pelle, e que se accende, para despertar quem dorme ; III, adj.— diz-se do canario de briga surrado e medroso, que se emprega para estimular a combatividade de outros ; diz-se tambem, por extensão, do individuo pusilanime.

ETYM. : t. guar. : gerundio de *mbotug*, furar : a que fura ou aguilhôa, a perfurante.

Só ap., e insufficientemente, na I acc.

Mutum : sm. — nome vulgar de diversas aves grandes da ordem Galliformes e familia Cracidæ ; occorre em Pernambuco e parece ser o *Crax Blumenbachi*, Spix.

ETYM. : t. guar. : *mitum* por *pitun*, a noite ; por extensão, escuro, negro ; originariamente qualificativo, dizendo ave negra ou escura. Para alguns, é onomatopaico.

AR. GEOGR. : todo o Brasil, conforme a especie.

Insufficientemente ap.

Muxôxo: sm.— estalo produzido por certo movimento da bocca, em signal de desprezo.

C. de Figueiredo ap. com o sign. opposto de *caricia*.

N

Na estica : loc. adv.— penuria de meios, quebradeira.

N. ap.

Naufico : adj.— diz-se dos animaes que têm um quadril mais baixo do que o outro.

ETYM.: corr. de *náfego*.

N. ap.

Negrada: sf. — sucia, reunião de individuos para pandegas, ou para desordens; tratamento collectivo dado por um aos outros camaradas.

SYN.: communa, regencia.

N. ap.

Nenen-de-gallinha: sm. — insecto parasitario dos gallinaceos *(Goniodes stylifer)*.

SYN.: pichelingue, piolho-de-gallinha, cafife (na III acc.).

N. ap.

Nivelação: sf. — acto de regularizar o balastro das linhas ferreas para que os trilhos determinem uma superficie plana, ou conica (nas curvas). Termo usado pelos mestres de linha, que bem o distinguem do *nivelamento*.

N. ap.

Nordéste: sm. — epizootia que ataca os gallinaceos, produzindo grande mortandade.

ETYM.: o povo attribue esse mal ao vento do quadrante NE, o que talvez encerre algum fundo de verdade, por ser aquella monção characteristica, em Pernambuco, da mudança de estações.

N. ap. nesta acc.

Nova-seita: sm. — o mesmo que *missa-secca*.

N. ap.

Nove-horas: sf. pl. — subterfugios, evasivas, ceremonias.

ABON.: do *Jornal Pequeno*, n. 175, de 1911: «Aqui no seio da camaradagem, sempre lhes digo que elles tinham razão, porque, pondo de lado a Jesuina — que dessa então nem é preciso citar as qualidades — onde é

que se encontram assim três rapazes cheios de *nove-horas* como nós, três figuras, assim como as nossas, para todos os paladares?»

N. ap.

O

Obra: sf. — excremento, dejecção, fezes.

NOTA — Moraes consigna o termo, mas restringe a sua acc. ao effeito do vomitorio, ou da purga. E' mais lata a acc. pernambucana, aliás brasileira; pois que *obra* tanto póde ser effeito de remedio, como póde ser a dejecção natural.

N. ap. nesta acc.

Oiti: sm. — nome commum a algumas arvores da familia das Rosaceas. São mais conhecidas as especies *Oiti da praia (Moquilia tomentosa*, Benth.), *Oiti do sertão (Cuepia grandiflora*, do mesmo) e *Oiti Coróia*, q. v.

ETYM.: t. guar. Susceptivel de varias explicações: de *gui=ui=oi* por *ib*, arvore + *tir*, alta, elevada; de *ui*, farinha, massa + *tî*, branca; de *uî* como na precedente, e *ti*, sumo, alludindo á polpa meio farinacea do fructo; qualquer dellas acceitavel. (Cf. B. Caetano, 145, 211; Th. Sampaio, 142; Barbosa Rodrigues, in *Paranduba Amazonense*, 267; e dr. J. Huber, in Boletim do Museu Goeldi, vol. IV, 387); preferimos, porém, derivar o nome de *gui=ui=oi* por *ib*, arvore + *tî*, branca, porque tem as folhas albacentas quando em estado novo, e esse aspecto, differençando-a fundamentalmente das outras arvores, mais do que qualquer outro deveria impressionar o indigena ao nomear o vegetal.

AR. GEOGR.: t. geral.

Ap. insufficientemente.

Oití-coró: sm. — arvore da familia das Rosaceas (*Moquilia rufa*, Barb. Rod).

ETYM.: t. guar.: de *oití*, q. v. + *coróia*, brotado, gretado, porque o pericarpio do fructo tem essa feição. Fr. Vicente do Salvador, *Historia do Brasil*, p. 14: «*Gytis* he fructo de outras, o qual posto que feio á vista, e por isto lhe chámão *coróie* que quer dizer nodoso e sarabulhento, comtudo é de tanto sabôr, e cheiro, que não parece simplex, senão composto de assucar, ovos, e almiscar.» Tambem se diz *Oiti coróia*.

AR. GEOGR.: t. geral.

Ap. insufficientemente.

Oití-coróia: sm. — o mesmo que o precedente.

Olho-da-rua: loc. — fóra de casa; logar indeterminado para onde se manda alguem que se quer expulsar: — ponha-se no *olho-da-rua!* Equivale a: ponha-se no *meio-da-rua*, ponha-se *na rua!* ou abreviadamente: *rua!*

ETYM.: Gonçalves Vianna, in *Palestras Philologicas*, p. 99, pretende relacionar a expressão *rua!* ao imperativo *rú (a) h!* do verbo arabico *ráuah* = ir-se embora. Dá-se, realmente, notavel coincidencia entre aquellas expressões, não sómente pelo valôr phonetico, assim tambem pela accepção e pela idéia de mando que ambas incluem; mas, parece-nos, não é isso bastante para que se deduza etymo arabico ao termo portuguez. Não colhe a consideração adduzida pelo douto philologo, de que a exclamativa *rua!* tanto se applica na cidade como no campo, onde não ha ruas; porque, nesse particular, devemos ver simplesmente um caso de extensão de sentido, ou plasticidade de expressão, mui commum nos dominios da linguistica.

N. ap.

Orelha-de-páu: sf. — especie de fungo que vegéta sôbre páus podres, ou arvores mortas.

NOTA — No Chile, conforme ao testimunho do dr. Rodolfo Lenz, *Estudios Araucanos*, 442, chamam *oreja*

de palo a uma especie de Polyporus, que cresce nos troncos de differentes arvores, em paragens sombrias e humidas.

N. ap.

Ostra: sf. — I, assento adherente á parede dos amphitheatros nas casas de espectaculos; II, diz-se da pessôa que se accompanha sempre com outra.

N. ap. nestas accs.

Ovado: adj. — diz-se do peixe que contem óvas.

NOTA — Chermont, 70, consigna para a Amazonia, extendendo-o aos chelonios.

N. ap. nesta acc.

P

Palear: verb. — jogar ao longe terra com a pá, tombar terra.

ETYM.: de pá.

N. ap.

Paleio: sm. — I, pandega, tróça, zombaria; II, acção de *palear* (q. v.).

NOTA — C. de Figueiredo consigna como popular, com sign. de — lábia, festas ou caricias interesseiras, palavreado — usado na Extremadura e no Minho. Na linguagem popular de Baião (Portugal) tem a acc. de — namôro, conversa por passa-tempo (Cf. *Rev. Lus.*, vol. XI, p. 201).

N. ap.

Palmêta: sf. — calço de ferro em fórma de palma, que se introduz nas frinchas provocadas pela acção do *guio* (q. v.), e a este auxilia na abertura das pedras.

N. ap. nesta acc.

Pamonha: sf. — I, iguaria feita de fécula de milho verde, leite de côco, manteiga, canella, herva-dôce e assucar, cozinhada em tubos das folhas do proprio milho, fechados por atilhos nas extre-

midades; II, pessôa mollenga, indolente, incapaz de qualquer exforço.

N. ap. na II acc.; C. de Figueiredo traz a I, mas foi visivelmente mal informado, para a definição.

Pamparra: adj.— succulento, gostoso, grande, extraordinario.

Abon.: J. B. P. Côrte Real, romance *Os dramas do Recife*, p. 89: «— Deixemos de *tinhoso*, conego, e vamos ao que serve. Temos hoje uma ceia *pamparra!*»

N. ap.

Pampo: sm.— rebento tardio da canna de assucar, que pouco cresce e engrossa extraordinariamente, sempre pobre em saccharóse.

N. ap. nesta acc.

Panaço: sm.— golpe ou pancada com espada, sabre ou facão.

Etym.: de *pan (o)* + suff. *aço*, como em *trompaço*, q. v.

Abon.: d'*A Provincia*, n. 259, de 1912: «Accusam a policia local do grande esbordoamento, tendo sido a victima arrastada cerca de 300 metros, sob tremendos *panaços* de facão.»

Nota — B. Rohan, 104, consigna *panasio*, como peculiar a Pernambuco.

N. ap.

Panasio: sm.— vide *panaço*.

Paneiro: sm.— pedaço de folha de Flandres, ordinariamente velha, em que os pedreiros depositam a argamassa de que se estão servindo.

Panquéca: sf. — descanço, ociosidade, *farniente*; indifferença.

N. ap.

Pão-de-gallinha : sm. — larva de um coleoptero que ataca a canna de assucar antes de deitar gomo, e a inutiliza, cortando-a. Parece não estar ainda classificado.

N. ap.

Pãozeiro : sm. — entregador de pães nos domicilios; vendedor ambulante de pão.

N. ap.

Papa-angú : sm. — pessòa mascarada, folião carnavalesco; bôbo, grotesco.

N. ap.

Papa-capim : sm. — avesinha cantôra (*Sporophila cœrulescens*, Bonn. e Vieill.), muito commum em Pernambuco. No Rio de Janeiro conhecem-n'a por *Colleiro do brejo*.

N. ap.

Paquête : sm. — I, menstruação; II, jangada veloz que viaja na costa; têm os seus *bordos* 1, 1 a 1, 3 metros de circunferencia.

AR. GEOGR. : na I acc., de Pernambuco ao Ceará; na II, A. Camara, 204, Pernambuco e Alagôas.

N. ap.

Paquevira : sf. — planta da familia das Musaceas (*Heliconia pendula*, Wawra), que fornece magnificas fibras para tecidos.

NOTA — Diz-se *empacavirar* do acto, muito commum em Pernambuco, de enrolar o fumo nas folhas desse vegetal. A formação da palavra lembra a denominação *pacavira*, dada em outros Estados á mesma musacea.

N. ap.

Parahiba : sf. — arvore da familia das Simarubaceas (*Simaruba versicolor*, St. Hill).

NOTA — Sua madeira, branca e leve, tendo a grande vantagem de ser inatacavel pelos *cupins* (Termites), emprega-se em forros, obras internas, caixotaria e na fabricação

de tamancos. A casca e os fructos gozam de propriedades medicinaes.

AR. GEOGR.: Pio Corrêa, *Flora do Brasil*, 55, dá apenas para seu *habitat* da Bahia ao Rio de Janeiro e Minas; entretanto, pullula em Pernambuco, onde é a unica empregada na industria dos tamancos.

Pararí: sf. — pomba muito commum em Pernambuco (*Geotrygon montana*, Linn.), da familia Peristeridæ.

AR. GEOGR.: do nome, Pernambuco e Estados adjacentes; da ave, do Rio Grande do Sul ao Mexico e algumas das republicas vizinhas do Oéste.

Ap. insufficientemente.

Pardavasco: sm. e adj. — pardo, de côr escura, amulatado. Applica-se ás pessoas.

ETYM.: de *pardo*.

N. ap.

Parnahíba: sf. — faca de ponta.

NOTA — B. Rohan, 106, dá como peculiar á Bahia, com o sign. de especie de terçado com cabo de madeira, de que se usa nos açougues para retalhar carne. No Rio de Janeiro chamam *pernambucana*.

Parteira: sf. — guarda-chuva velho e ordinario.

ETYM.: seria, no principio, *guarda-chuva de parteira*; depois, pela absorpção do determinado pelo determinante, ficou simplesmente *parteira* para designar o objecto.

(Cp. Arséne Darmesteter: *La vie dès mots*, p. 54 e ss.)

N. ap. nesta acc.

Pássara: sf. — femea do perú, perúa.

NOTA — Este nome é usado pelos matutos, principalmente pelos vendedores de *criação*, que o fazem preceder sempre do sacramental — com licença da palavra.

N. ap.

Passarinha : sf.— nervura mediana da enxada.

N. ap. nesta acc.

Passeiro : adj.— I, diz-se do cavallo que tem bom passo ; II, do mesmo animal que tem uma variedade do baixo, meio e esquipado, isto é, do que não traça a pisada.

N. ap. nestas accs.

Pataqueiro : sm.— designação depreciativa dada pelos *cassacos* das estradas de ferro aos trabalhadores de eito nos engenhos de assucar.

Etym. : de *pataca*.

N. ap. nesta acc.

Patativa : sf.— avezinha da familia Fringillidæ (*Sporophila plumbea*, zu Wied), considerada, com justiça, como um dos melhores cantôres da ornis brasileira. As mais apreciadas são as da Parahiba.

Ar. geogr. : Paraná e S. Paulo, Bahia, Matto Grosso, Minas, Paraguai e Bolivia, apud *Catalogo das Aves do Brasil*, 374. Pode-se, áquelles Estados, junctar com absuluta certeza Pernambuco e Parahiba, onde são abundantissimas.

Insufficientemente ap.

Pato : sm.— pedaço de carne de charque correspondente á omoplata.

N. ap. nesta acc.

Patricia : sf.— aguardente de canna.

Abon. : Franklin Tavora, romance *O Matuto*, 147 : «— Molha a guélla, Lourenço, molha a guélla com a *patricia* — disse neste poncto ao cantador o Ignacio Macambira.— A *patricia* é o vinho do pobre — accrescentou Chico-rosado. »

Syn. : branca, branquinha, sinh'anninha.

N.ap.

Páu-d'agua : sm.— individuo que se dá ao vicio da embriaguez, ebrio habitual.

SYN. : mamoeiro, pé de canna.

N. ap.

Páu-de-jangada : sm.— arvore da familia das Tiliaceas (*Apeiba tibourbou*, Aubl.).

NOTA — Sua applicação principal, como o nome o indica, é á construcção das jangadas. A casca fornece materia textil, conhecida sob o nome de *embira de jangada*.

AR. GEOGR. : da Guiana a S. Paulo (Cf. Pio Corrêa, *Flora do Brasil*, 57).

N. ap.

Páu-de-lacre : sm.— arvore de familia das Guttiferaceas (*Vismia brasilensis*, Choysy, e *V. micrantha*, Mart.).

NOTA — A madeira serve para obras internas e carpintaria ; a casca exsuda gomma-resina com propriedades medicinaes, extensivas ás folhas.— C. de Figueiredo aponcta como uma *hypericacea*, de cuja casca se extrahe gomma-lacre. Não é, pois, a arvore brasileira.

AR.GEOGR. : apud Pio Corrêa, *Flora do Brasil*, 57, da Bahia ao Paraná e Minas ; é, entretanto, commum em Pernambuco.

Paulificancia: sf. — importunação, maçada.

ETYM.: de *paulificar*, q. v.

N. ap.

Paulificante: adj. — importuno, maçante, cacête.

ETYM.: de *paulificar*, q. v.

N. ap.

Paulificar: verb. — importunar, maçar, cacetêar.

ETYM.: de *páu* (cacête) por encadeiamento de sentido.

N. ap.

Páu-preto: sm. — poste do distanciado nos hippodromios.

N. ap.

Pecumã: sf. — penduricalho de fuligem, suspenso das chaminés.

ETYM.: t. guar:. *ape*, superficie + *cumã* por *humã*, toda negra (Cf. B. Caetano, 81). Altera-se em *picumã* e *pucumã*, que são as fórmas aponctadas por B. Rohan, 112, e delle recolhidas por C. de Figueiredo.

Pé-d'agua: sm. — chuva forte e passageira, aguaceiro.

N. ap.

Pé-de-arvore: sm. — O mesmo que *pé-de páu*, q. v.

N. ap.

Pé de-arvorêdo: sm. — O mesmo que *pé-de-pau*, q. v.

N. ap.

Pé-de-canna: sm. — individuo que se dá ao vicio de embriaguez, ebrio habitual.

SYN.: mamoeiro, pau-d'agua, chuva, porrista.

N. ap.

Pé-de-chumbo: sm. — alcunha dada em Pernambuco, nos tempos coloniaes, aos Portuguezes, e que ainda hoje persiste, como no sul *boava*, ou *emboaba*.

ABON.: Quadra popular celebre:

« Marinheiro *pé de chumbo*,
Calcanhar de frigideira,
Quem te deu a ousadia
De casar com brasileira? »

N. ap.

Pé-de-gallinha: sm. — nome commum a diversas especies de gramineas.

Nota — A mais conhecida em Pernambuco é a *Dactyloctenium egyptiacum*, W.

N. ap. nesta acc.

Pé-de-matto: sm. — o mesmo que *pé-de-páu*, q. v.

N. ap.

Pé-de-moleque: sm. — bôlo de mandióca molle, ovos, leite de côco, castanhas pisadas, herva-dôce e outras especiarias, que é characteristico das festas de S. João.

Ar. geogr.: B. Rohan, 108, dá como peculiar a Pernambuco e Alagôas; usa-se tambem na Parahiba e Rio Grande do Norte.

Pé-de-páu: sm. — arvore, arvorêdo.

Syn.: pé-de-arvore, pé-de-arvorêdo, pé-de-matto.

N. ap.

Pé-de-parede: sm. — jogo de apostas practicado entre garôtos, que consiste em atirar ao pé de uma parede um vintem, ganhando o parceiro que consegue collocá-lo mais proximo daquelle poncto.

N. ap.

Pedra: sf. — apparelho usado na fabrica de phosphoros da Torre, Recife, que consiste em uma placa de ferro, plana e munida lateralmente de duas régoas parallelas, tambem de ferro, na qual, por meio de uma chapa que deslisa sôbre aquellas régoas, se applica, em uma camada uniforme de 6 a 7 millimetros de espessura, a massa que tem de fornecer as cabeças ás extremidades parafinadas dos palitos.

N. ap. nesta acc.

Pê-ême: sm. — qui ad consuetudinem virilitatem non habet.

Etym.: das iniciaes *P. M*, de certa associação carnavalesca do Recife, de representação sibyllina.

N. ap.

Pé-frio: sm.— individuo infeliz no jogo ou nos negocios, cuja infelicidade se propaga aos que delle se approximam; jettatore.

Abon.: do *Diario de Pernambuco*, n. 287, de 1911: « Felizmente, ninguem se deixa levar pelas lábias do Sr. Trajano, a quem os proprios amigos chamam de *pé-frio*. »

N. ap.

Péga-pinto: sm. — planta herbacea, cuja classificação scientifica desconhecemos. E' tida por optimo agente diuretico.

N. ap.

Peiador: sm. — logar da perna dos animaes em que se prende a peia, logo abaixo do malleolo; travadouro.

N. ap.

Peitica: sf. — I, ave da familia Cuculidæ (*Tapera naevia*, Linn.), que, horas a fio, repete o mesmo som, similhante á palavra que lhe deu o nome; II, insistencia incommoda; pessôa impertinente, importuna.

Ar. geogr.: B. Rohan, 108, dá como usual de Pernambuco ao Ceará.

Insufficientemente ap.

Peixada: sf. — prato preparado de peixe fresco, cozido ou guizado.

N. ap.

Pendanga: sf. — pendencia, questão, briga.

Etym.: de *pendenga* } *pendencia*.

A acc. ap. por C. de Figueiredo é differente.

Pendas: sf. pl. — vide *prendas.*

N. ap.

Peneira : sf. — I, ave da familia Falconidæ; II, tela metalica posta transversalmente nas chaminés das locomotivas para obstar, quanto possivel, a saïda das faiscas.

N. ap. nestas accs.

Peneirar : verb. — adejar, manter-se (a ave) no vôo no mesmo logar.

ABON.: da poesia *O beija-flôr*, de Tobias Barreto de Menezes :

«Sente o aroma da donzella,
Peneira na face della
E quer-lhe os labios tambem ! »

N. ap. nesta acc.; mas parece geral no Brasil: o Dr. Emilio A. Goeldi, in *Aves do Brasil*, 62, emprega-o no seguinte passo: « Vi esta ave (o *Quiri-quiri*) se *peneirar*, inteiramente á maneira do *Tinnunculus alaudarius* da Europa.»

Penso : adj. — pendente, inclinado, tôrto, manco.

ETYM.: do lat. *pensus*.

SYN.: menso.

N. ap. nesta acc.

Pequiá : sm. — arvore da familia das Apocynaceas (*Aspidosperma gomesianum*, D. C.)

NOTA — Sua preciosa madeira tem os characteristicos seguintes: pêzo especifico 0,801 a 0,900; resistencia ao esmagamento: carga perpendicular 361 kgs., carga parallela 582 kgs., em posição indeterminada 741 kgs. Seus usos são: construcção naval e civil, tôrno, instrumentos de musica, xylographia, marcenaria de luxo, etc.

ETYM.: t. guar.: de *pé*, casca + *quiá*, suja, manchada.

AR. GEOGR.: da Bahia ao Rio de Janeiro, conforme Pio Corrêa, *Flora do Brasil*, 59; muito abundante em Pernambuco.

Ap. insufficientemente.

Pé-rapado: sm.— pobretão, individuo sem meios certos de subsistencia, pessôa sem representação social.

N. ap.

Perequeté: adj.— o mesmo que *prequeté*, q. v.

N. ap.

Periquito: sm.— I, candieiro de folha de Flandres provido de uma torcida de algodão para alimentar a luz de kerozene; II, signal sanguineo produzido na pelle pela sucção com os labios.

N. ap. nestas accs.

Perna: sf.— companheiro, parceiro, socio em folguedos.

ABON: Franklin Tavora, romance *O Matuto*, 145: « As filhas do almocreve, comprehendendo o perigo em que se achavam, de perder tão bôa *perna* para a folgança, como era Lourenço, espontaneamente uniram seus pedidos ao do pae ».

N. ap. nesta acc.

Perú: sm.—individuo que fica em volta das mesas de jogo para ver jogar.

N. ap. nesta acc.

Peso: sm.— calço de pedra que se põe sob outra maior, afim de deixar péga, quando se quer tombá-la.

N. ap. nesta acc.

Phosphorescencia: sf.— ignorancia, falta de estudos.

N. ap. nesta acc.

Phosphoro: sm.—I, ignorante, o que revela falta de estudos; II, individuo que vota nas eleições sem ser eleitor.

N. ap. nestas acccs.

Piaba: sf.— pequena quantia, cousa de pouca importancia.

Etym.: t. guar. *piaba*, nome de um pequeno peixe de rio que pode ser assim explicado: *piá*, afastar, apartar +*bae*, suff. do participio activo: o que se afasta ou aparta. A idéia de diminuição, que o voc. pernambucano exprime, vem da pequenez do peixe.

N. ap. nesta acc.

Piaça: sf.— correia com que se prende o jugo á testa dos bois nas carroças.

N. ap.

Picada: sf. — abertura mais ou menos larga, conforme o uso a que se destine, feita através de matta, ou de campo cerrado, para estabelecer communicação de um poncto a outro; é operação preliminar para o estabelecimento de qualquer estrada.

Nota— C. de Figueiredo consigna, mas com sign. algo diverso.

Picadeira sf.: — o mesmo que *cortadeira*, q. v.

N. ap. nesta acc.

Picadeiro: sm. — logar, nos engenhos de *banguê*, onde se depositam as cannas a moêr.

N. ap. nesta acc.

Pica-páu: sm. — I, nome vulgar de um grande numero de aves da familia Picidæ, de que occorrem certamente em Pernambuco as seguintes especies: *Colaptes campestris*, Vieill., *Chloronerpes erythropsis*, Vieill., *Chrysoptilus chrysomelas*, Math., *Melanerpes cruentatus*, Bodd., *Veniliornis taenionotus*, Reichenb., *V. ruficeps*, Spix, *Celeus ochraceus*, Spix, *Cerchneipicus torquatus*, Bodd., e *Ceophlocus erythrops*, Valenc. (Cf. *Catalogo das Aves do*

Brasil, 178 a 188); II, sf. — espingarda de cano comprido e fino, propria para passarinhar.

Ap. insufficientemente na I acc.; na II n. ap.

Pichelingue: sm. — o mesmo que *Nenen-de-gallinha*, q. v.

N. ap.

Pichulêta: sf. — membrum genitale pueri.

Etym.: Lenz, *Dicc. Etim.*, 587, consigna com acc. identica *pichula* e *pichúlita*, que deriva do mapuche *pichùlu* = pequeno; póde ser tambem, accrescenta, uma derivação antiga do castelhano *picha* (e *pija*) = penis. A origem mapuche, para o nosso voc., está fóra de discussão; o segundo etymo é, portanto, o mais provavel.

N. ap.

Picuaba: sf. — rebôco de argamassa de cimento, areia, e uma substancia colorante qualquer, com a qual se finge cantaría de pedras de diversas naturezas.

N. ap.

Picumã: sf. — o mesmo que *pecumã*, q. v.

Piloto: adj. — diz-se do individuo a quem falta um dos olhos.

N. ap. nesta acc.

Pimenta-d'agua: sf. — planta da familia das Polygonaceas (*Polygonum antihœmorrhoidale*, Mart.), com propriedades estimulantes, diuréticas e anti-febris.

Pinafres: sm. pl. — desarranjos indeterminados nos motores de automoveis. — T. usado pelos *motoristas*.

N. ap.

Pingolada: sf. — fornicatio.

N. ap.

Pinho: sm. — violão, instrumento de córda.

ETYM.: do nome da madeira de que é ordinariamente feito o instrumento, por synecdoche.

N. ap. nesta acc.

Pinicar: verb. — I, debicar, picar alguma cousa com o bico; diz-se das aves; II, beliscar, apertar a pelle com as unhas dos dedos pollegar e indicador; ferir levemente.

N. ap.

Pinóia: sf. — cousa ordinaria, objecto de má qualidade que póde enganar pela apparencia.

N. ap.

Pintavão: sm. — ave da familia Tyrannidæ *(Pitangus sulphuratus*, Linn.)

N. ap.

Pinteiro: adj. — diz-se do que furta pequenas quantias, do que faz *pinto*, q. v.

ETYM.: De *pint (o)* + suff. *eiro*, designativo de habito, costume.

N. ap.

Pinto: sm. — furto, lôgro, acto de enganar a bôa fé de alguem, apossando-se de pequenas quantias.

N. ap.

Piolho-de-cobra: sm. — especie de myriapode da familia Scolopendridæ.

N. ap.

Piolho-de-gallinha: sm. — o mesmo que *Nenen-de-gallinha*, q. v.

N. ap.

Pipôco: sm. — estalada, contenda violenta, desordem.

AR. GEOGR.: B. Rohan, 113, dá como peculiar a Pernambuco, Parahiba e Rio Grande do Norte.

Piquá: sm.— cacaréus, trastes ou utensilios velhos.

ETYM.: t. guar.: *api*, extremidade, poncta + *quá*, atada. O nome é applicado a diversas especies de utensis, como balaio, cesto, ou sacco, com abertura no centro, que servem para guardar roupa e outros objectos. E' translata a acc. pernambucana.

AR. GEOGR.: Pernambuco e Rio Grande do Norte (Valle Cabral, apud B. Rohan, 113).

Pistolão: sm.— protecção, pessôa que serve de empenho; carta de recommendação.

AR. GEOGR.: parece termo geral no Brasil.

N. ap.

Pitéo : sm.— o mesmo que *galopeado* (I acc.), q. v.

Os diccs. consignam em acc. indeterminada de iguaria saborosa, gulodice.

Pito : s m.— reprehensão, admoestação, carão. Diz-se — passar um *pito*, levar um *pito*.

ABON.: d' *A Provincia*, n. 189, de 1913: «Tivessemos ou não aberto (a janella) depois da denuncia e do *pito*, o emparedamento teria sido completo».

N. ap. nesta acc.

Pitú : sm.— grande camarão d'agua dôce.

N. ap.

Pituba : sm.— designação pejorativa dos sentenciados por crime de furto de cavallo.

ETYM.: t. guar: *pitúba*, fraco (Cf. *Diccionario Portuguez e Brasiliano*, 42).

AR. GEOGR.: archipelago de Fernando de Noronha.

N. ap. nesta acc.

Podrura : sf.— individuo sem prestimo, incapaz de qualquer serviço, preguiçoso, molle.

ETYM.: de *podre* } lat. *putris*+suff. *ura*, designativo de qualidade, natureza, etc.

AR. GEOGR. : recolhido no municipio do Brejo da Madre Deus.

N. ap.

Põe-mesa : sf.— especie de insecto orthoptero, de thoracête comprido e delgado (*Mantis religiosa*, Linn.). Tambem chamado *Louva-a-Deus*.

N. ap.

Poita : sf.— corda de embira empregada como amarra nas jangadas.

ETYM.: t. guar. ? Para José Verissimo : *A pesca na Amazonia*, 91, é corr. de *pitá*= *pytá*= *puitá*, parar, ficar, estar firme ; mas, em nota no mesmo logar, põe o auctor em duvida aquella etymologia, por ter verificado existir em Portugal a palavra *poita*, apesar dos lexicographos não a consignarem. Posteriormente, recolheram-na C. de Figueiredo e Gonçalves Vianna, nas *Apostilas aos Diccionarios portuguezes*, com sign. similhante.

AR. GEOGR. : para A. Camara, 206, é peculiar a Alagôas, Pernambuco e Ceará ; e, com ligeira variante de emprêgo, Amazonia.

Pomba-gallega : sf. — o mesmo que *gallega*, q. v.

Pomba-trocaz : sf. — ave da familia Columbidæ (*Columba picazuro*, Temm.), apreciadissima como caça saborosa.

AR. GEOGR. : Paraguai, Rio Grande do Sul, Bahia e Pernambuco (Cf. *Catalogo das Aves do Brasil*, 18).

N. ap.

Pombeiro : sm. — vendedor ambulante de peixes, o atravessador de peixes nas jangadas para vender a retalho.

NOTA — B. Rohan, 116, consigna outras accs.

deste termo, entre as quaes a de espião da policia, peculiar a Pernambuco, Parahiba e Rio Grande do Norte. A primeira é a mais generalizada.

ETYM. : mbunda : *pómbe*, mensageiro (Cf. Cannecatim, *Dicc. da Lingua Bunda*, 514).

Pombóca : adj. uniforme — diz-se do individuo molle, sem iniciativa para agir.

N. ap.

Ponteiro : adj. — diz-se do cavallo defeituoso, doente. T. usado pelos alquiladores.

N. ap. nesta acc.

Pórre : sm. — embriaguez, bebedeira.

N. ap.

Porrista : sm. — bebedo, ebrio habitual.

N. ap.

Positivo : sm. — correio particular, portador, expresso, proprio, individuo que se encarrega de levar uma carta, ou communicação de um poncto a outro.

N. ap. nesta acc.

Potába : sf. — I, dadiva, presente, legado; gorgêta; II, especie de isca para apanhar *pitú*.

ETYM. : t. guar. : *pó*, mão + *ta*, colher + suff. do participio activo *bae* : o que mão colhe. Altera-se *putába*.

AR. GEOGR. : B. Rohan, 118, consigna como peculiar a Pernambuco; mas é mui provavel que se extenda a outros Estados.

Póte : sm. — prisão, xadrez, xilindró.

N. ap. nesta acc.

Poticí : sm. — grande quantidade, abundancia, multidão; tambem se diz *puticí*.

ETYM. : t. guar?

N. ap.

Potóca : sf.— mentira, pêta, patranha, boato falso.

ETYM. : t. guar. ?

ABON. : d'*A Provincia*, n. 189, de 1913 : « E' a mentira maxima do seculo. E' o *record* da *potóca* universal. »

N. ap.— Na Bahia dizem *possóca* (Cf. B. Rohan, 118).

Potócar : verb.— mentir, pregar pêtas, propalar boatos falsos.

N ap.

Potóqueiro : adj.— mentiroso, o que gosta de pregar pêtas, ou propalar boatos falsos.

N. ap.

Poule-de-bicho : sf.— vale que os *banqueiros* emittem para garantia dos jogadores.

N. ap.

Preáca : sf.— instrumento para açoitar alimarias, feito de couro crú em tiras trançadas.

N. ap.

Preacada : sf.— pancada com a *preáca*, chicotada.

N. ap.

Prégar : verb.— empacar, emperrar, deter-se, deixar de andar a viatura.

ETYM. : de *prégo*, q. v.

N. ap. nesta acc.

Prégo : sm.— acto de *prégar*, de empacar ou emperrar a viatura. Dar o *prégo* : parar, deixar de andar ; ir no *prégo* : ir com atraso, fóra do horario.

ABON. : do *Jornal do Recife*, n. 32, de 1912 : «Sem fallar nos *prégos* de cada instante, no desmazelo dos empregados, etc.».

N. ap. nesta acc.

Prendas : sf. pl. — as duas peças de madeira que, embutidas nas duas forquêtas que formam as cangalhas, as ligam entre si.

ETYM. : de *prender*.

SYN. : *pendas*.

N. ap.

Prensa: sf. — Cf. *Arrocho*.

N. ap. nesta acc.

Prequeté: adj. — bonito, elegante, gamenho.

AR. GEOGR.: Pernambuco e outros logares (Cf. B. Rohan, 118).

Prisioneiro: sm. — parafuso de pressão, fixado em uma das peças a unir por meio de uma rosca sinistrosa.

N. ap. nesta acc.

Puba: adj. — diz-se da mandióca fermentada, ou curtida n'agua, para que elimine a manihotoxina, seu principio venenoso.

ETYM.: t. guar.: de *pur*, ferver ou fermentar, apodrecer + *bae*, suff. do participio activo: o que fermenta ou apodrece, o fermentado, apodrecido (Cf. B. Caetano, 426).

E' termo geral, parece, e está nos diccs. sem etymologia e insufficientemente definido.

Pubar: verb. — pôr a mandióca *(Manihot utilissima,* Pohl.) a curtir n'agua, que se muda diariamente.

ETYM.: de *pub* (*a*) + suff. verbal *ar*.

E' termo geral.

Puçá: sm. — pequena rêde de pescar camarões, *pitús*, siris e outros crustaceos, e que consiste em uma bolsa conica de malha,

fixa em um aro de ferro ou de madeira; collocada diametralmente, existe uma travéssa em que se pôe a isca.

ETYM.: t. guar.: *puçá* = *piçá*, rêde, renda, crivo.

NOTA — Chermont, 80, consigna para a Amazonia com identica acc. Os diccs. restringem a sign. a instrumento de pescar camarões.

Pucumã: sf. — o mesmo que *pecumã*, q. v.

Pulia: sf. — roldana plana para receber a correia transmissora nas machinas.

ETYM.: do francez *poulie*.

NOTA — E' o mais desnecessario e abusivo dos gallicismos.

N. ap.

Purrinhem: sm. — casa ou quarto pequeno e ordinario; qualquer cousa nas mesmas condições.

N. ap.

Putába: sf. — o mesmo que *potaba*, q. v.

Putici: sm. — o mesmo que *potici*, q. v.

N. ap.

Puxada: sf. — edificação annexa a uma casa e sempre muito mais estreita do que ella; prolongamento de uma de suas alas.

SYN.: dependencia.

N. ap. nesta acc.

Puxavante: sm. — I, empuxão; II, pedal que, por meio de uma biéla rigida ou flexivel, se prende á manivella, ou acotovelamento do eixo motor do tôrno, e que transforma o movimento rectilineo alternativo do pé em circular continuo; III, barra de ferro, horizontal, que connecta todas as manivellas das ródas motoras da locomotiva.

N. ap. nestas accs.

Q

Quadro : sm.— aggrupamento de pequenas casas, ou compartimentos, em quadrado, com area no centro e entrada commum ; cortiço.

ABON.: edital da Inspectoria de Hygiene, no *Diario de Pernambuco*, n. 220, de 1911 : « De ordem do Sr. Dr. Inspector geral de Hygiene, é convidado o Sr. proprietario do *quadro* n. 10, á rua das Nymphas... »

N. ap. nesta acc.

Quarador : sm. — logar onde se deixa a roupa corar, depois de ensaboada.

Etym.: corr. de *coradouro*.

N. ap.; parece t. geral.

Quarar : verb. — deixar a roupa ao sol, depois de ensaboada.

ETYM.: corr. de *corar*.

N. ap.; parece t. geral.

Quaresma.: sf — I, especie de orchidea do genero Lœlia (*Lœlia purpurata*) ; II, individuo mentiroso.

ETYM. : I, o nome vem da florescencia da planta, ordinariamente nos mezes de Março e Abril, coincidindo com o periodo da Quaresma dos catholicos ; II, do nome do major José Thomaz de Campos Quaresma, famoso pelas suas mentiras.

N. ap. nestas accs.

Quatí : sm. — I, carniceiro da familia Procyonidæ (*Nasua narica*, Linn.) ; II, empregado aduaneiro extranumerario.

ABON. : do *Diario de Pernambuco*, n. 193, de 1907 : « ...Na Alfandega, Armando foi o que alli se chama *quatí*, isto é, empregado sem titulo. »

ETYM.: t. guar. — *áqua*, poncta + *tî*, nariz ; nariz de poncta ou ponctudo (Cf. B. Caetano, 45).

N. ap. na II acc.

Quatí-mondéo : sm. — carniceiro da familia Procyonidæ (*Nasua narica*, Linn.).

NOTA — Durante muito tempo julgaram os naturalistas haver duas especiaes de *quatis*, o de *vara*, ou de *bando*, e o *mondéo*, ou *mondé* (como se diz geralmente em Pernambuco), chegando o Principe Zu Wied a descrevê-los como especies separadas sob os nomes de *Nasua socialis* e *N. solitaria*; os zoologos mordernos, porém, com Hensel, Winge, Burmeister e von Ihering, voltaram atraz do engano e só reconhecem a especie unica *Nasua narica*, de Linneo.

AR. GEOGR. : quasi todo o Brasil. C. de Figueiredo aponcta, remettendo para *caxinguelê*, que define, como era natural, como *roedor !*

Québra : sf. — I, desconto ou abatimento que se dá no pêzo de uma mercadoria, ou na venda de qualquer genero ; objecto que se dá a mais dos pagos, como agrado ao comprador.

NOTA — Na II, acc. usa-se no Rio Grande do Sul a palavra *móta* (Cf. Romaguera, 135).

N. ap. nestas accs.

Quebrado: adj. — qualidade do cavallo que obedece ao freio com facilidade e precisão. Tambem se diz *quebrado de bocca*.

NOTA — No Rio Grande do Sul, a loc. acima citada designa o animal desgovernado, por ter sido brutalizado durante o ensino. Nesta ultima acc. diz-se em Pernambuco e, cremos, tambem na Bahia, ter o cavallo a *bocca escaldada*. (Cf. Romaguera, 171).

N. ap. nesta acc.

Quebrados: sm. pl.— dinheiro miúdo em fracção inferior a mil réis.

N. ap. nesta acc.

Quebra-foice: sm.— arvore da familia das Leguminosas, divisão Mimosaceas (*Calliandra bicolor*, Benth.).

Nota — A madeira emprega-se na construcção civil, peças de resistencia, carpintaria, marcenaria, cabos de ferramenta, etc.

Ar. geogr.: Estados do Norte (Cf. Pio Corrêa, *Flora do Brasil*, 63).

N. ap.

Quebrar: verb.— diz-se, referindo-se ao cavallo, do acto de ensiná-lo a obedecer bem ao freio, a voltear, esbarrar, fazer voltas curtas, sem perder nem modificar a pisada.

N. ap. nesta acc.

Quecé: sf.— o mesmo que *quicé*.

Quedaço: sm.— trambolhão, tombo, quéda grande.

Etym.: de *qued* (*a*) + suff. *aço*, designativo de percussão, golpe, etc.

N. ap.

Quéda-de-braço: sf. — lucta de força entre duas pessôas, consistindo em fazer, com o seu, arrear o ante-braço do adversario sôbre o supporte horizontal em que se apoiam os cotovellos.

Abon.: Franklin Tavora, romance *O Matuto*, 5: « A *queda-de-braço* era já nesse tempo em grande uso entre os almocreves do Norte.»

N. ap.

Queimar: (tijolo ou telha) verb.— cozer esses productos ceramicos.

N. ap. nesta acc.

Quelêlê : sm.— discussão, matinada, barulho, disputa.

N. ap.

Quenga : sf.— I, endocarpio do côco (*Coccos nucifera*, Linn.), o qual, cortado pelo meio, produz dous vasos, que prestam os mesmos serviços da cuia ; II, prostituta de baixa condição.

NOTA — A I acc. está em B. Rohan, 120, como peculiar a Pernambuco e outras provincias do Norte ; a II é inedita.

Quengada : sf.— trapaça, esperteza, *escroquerie*.

ABON. : do *Jornal do Recife*, n. 260, de 1911 : « . . . O Sr. Anselmo Pereira, ignorante e não affeito a estas *quengadas* de que foi victima. . . »

N. ap.

Quengo : sm.— I, especie de vaso com cabo, feito da metade do endocarpio do côco (*Coccos nucifera*, Linn.), para tirar o caldo da panella ; II, individuo astuto, dado a trapaças, a negocios pouco licitos, espertalhão, cavalheiro de industria.

NOTA — A I acc. está em B. Rohan, 120, como peculiar a Pernambuco e outras provincias do Norte ; a II é inedita.

Quicê : sf.— o mesmo que *quicé*.

Quicé : sf.— faca velha descabada ; faca pequena.

ABON.: do *Diario de Pernambuco*, n. 254, de 1908 : « No logar Ambolé, na Varzea, a mulher Rosa Alves de Lima teve um desaguisado com uma desaffecta de nome Maria José da Silva, a quem aggrediu, ferindo-a com uma *quicé*. »

ETYM. : t. guar. : *quicé*, que parece a B. Caetano, 435, derivar-se do verbo *quii* ou *quir* cortar, de cujo participio *quihab* pode provir *quicé* = *quiheb*. — Note-se que o *h* guarani vale por *ç* no tupi.

NOTA — Altera-se em *quecé*, *quecê* e *quicê*. C. de Figueiredo adopta esta ultima graphia e muda o genero do voc.

AR. GEOGR.: conforme B. Rohan, 121, Pernambuco, Rio Grande do Norte e Ceará.

Quicúca: sf. — rôlo de matto que se faz nas roçagens em que se emprega o gancho. Tambem se diz *cúca* e *ticúca*.

N. ap.

Quilotado: adj. — I, diz-se do cachimbo, ou piteira ennegrecidos pelo succo do tabaco, que se deposita nas paredes internas e lentamente as atravessa; II, por analogia, diz-se tambem de quem está habituado ao desempenho de determinada funcção, ou affeito á certa ordem de cousas.

ETYM.: de *quilotar*, q. v. { francez *culotter*.

N. ap.

Quilotar: verb. — I, ennegrecer o cachimbo, ou piteira, fumando-os; II, estar habituado ao desempenho de determinada funcção, ou affeito a certa ordem de cousas.

ETYM.: do francez *culotter*: ennegrecer cachimbo.

NOTA — Na *Arte de Fumar*, poema de Barthellemy, vertido para o portuguez por Miguel Augusto de Oliveira, illustre Pernambucano que foi na Europa discipulo e amigo de Filinto Elysio, obra publicada em Paris, em 1845, encontra-se o seguinte verso:

« Il culottait bien mieux les pipes que les gens. . .»

assim traduzido:

« Melhor qu'a homens cachimbos fundilhava. . .»

Entretanto, linhas abaixo emprega o traductor o verbo *culotar*, provavelmente por um começo de adaptação do voc. francez ao vernaculo. Dahi e em continuação da mesma tendencia, aliás justificada pela absoluta falta do termo correspondente em portuguez, ter-se-ia dado a substituição do phonema francez *cu* pelo que delle mais se

approxima *qui*, e a formação do verbo *quilotar*, que é extranhavel se não encontre nos diccs. da lingua, apesar de extensamente usado em qualquer das duas accs. aponctadas aqui.

Quimbembe: sm. — I, pequena habitação de familia pobre; II, cacaréus, traste velho, imprestavel. — Na II acc. é mais usado no pl.

ETYM.: parece t. mbunda.

AR. GEOGR.: B. Rohan, 121, dá como peculiar a Pernambuco e outras provincias do Norte.

Quimbembé: sm. — bebida preparada com milho fermentado.

ETYM.: parece t. mbunda.

AR. GEOGR:. B. Rohan, 121, dá como peculiar a Pernambuco.

Quimbembéques: sm. pl. — berliques que as crianças trazem ao pescoço.

ETYM:. parece de origem mbunda.

AR. GEOGR.: B. Rohan, 121, dá como peculiar a Pernambuco.

Quina-do-matto: sf. — arvore da familia das Rutaceas (*Esenbechia febrifuga*, Mart.).

NOTA — O pêzo especifico da madeira é de 1,076; serve para construcções civis e carpintaria; a casca é succedanea da da quina do Perú.

AR. GEOGR.: do Pará ao Rio de Janeiro e Minas (Cf. Pio Corrêa, *Flora do Brasil*, 63).

N. ap.

Quinanga: sf. — vasilha de madeira em fórma de balde, em que os jangadeiros guardam a comida.

ETYM.: t. africano? Um passaro dentirostro, originario da Africa, tem o nome de *quinangabundo*.

AR. GEOGR.: A. Camara, 206, attribue a este termo uma extensão geographica de Alagôas até ao Ceará.

Quinguengú: sm. — vide *quinguingú*.

Quinguingú: sm. — serviço feito fóra das horas ordinarias do trabalho.

NOTA — Nos tempos da escravatura, tal serviço era muitas vezes obrigatorio, e em Pernambuco consistia principalmente na lavagem das moendas dos engenhos e limpeza das fabricas, nas primeiras horas dos domingos. Hoje diz-se de todo e qualquer serviço feito antes do almoço.

ETYM.: é t. importado pelo escravos africanos, possivelmente de origem angolense. Tambem se diz *quinguengú*.

AR. GEOGR.: B. Rohan, 122, consigna como peculiar a Pernambuco.

Quipá: sm. — uma especie de cardo rasteiro.

ETYM.: t. guar.— *qui* poncta, espinho + *pã* atolado, cravado, introduzido.

AR. GEOGR.: Pernambuco ao Ceará.

N. ap.

Quixó: sm. — armadilha para apprehender pequenos mamiferos.

ETYM.: não parece tupi; talvez pertença a algum dos dialectos tapuias.

AR. GEOGR.: segundo B. Rohan, 122, de Pernambuco ao Ceará.

R

Rabaçã : sf.— o mesmo que *Ribaçã*, q v.

N. ap.

Rebiçaca : sf.— rabanada, empuxão.

N. ap.

Rabichóla: sf. — larga tira de couro que se fixa nas intersecções das prendas inferiores com a forquêta posterior da cangalha, e passa por traz das pernas das cavalgaduras, para evitar o escorregamento da albarda para a frente nas descidas.

N. ap.

Rancho : sm. — palhoça para abrigo da commissão de engenheiros encarregados da exploração de uma linha, ou para uso dos *cassacos* durante a construcção.

Nota — Chermont, 83, consigna com identica acc. para a Amazonia ; Picanço, 69, faz o mesmo, o que prova ser geral o termo.

N. ap. nesta acc.

Rebaçã: sf. — o mesmo que *Ribaçã*, q. v.

N. ap.

Rebitar : verb. — unir duas chapas de metal por meio de *rebites*, q. v.

Nota — Taunay, 119, consigna ; é termo geral.

N. ap. nesta acc.

Rebite : sm. — cavilha de metal com cabeça, por meio da qual se unem duas chapas, cravando-as a martelo, malho, ou prensa hydraulica.

Nota — Picanço, 70, e Taunay, 119, consignam ; é termo geral.

N. ap. nesta acc.

Rebolada : sf. — grupo de arvores, ou de vegetação arbustiva, que se destaca em campo ou matta. Corresponde muitas vezes ao *capão*, mais usado no Sul.

Nota — Chermont, 83, consigna para o Amazonia com signs. similhantes, mas não identicos.

N. ap.

Rebôlo : sm.— parte da canna de assucar, com dous ou mais brótos, que se planta como semente.

N. ap. nesta acc.

Rebóque : sm.— rameira, *femme du trottoir*.

N. ap. nesta acc.

Reconhecença : sf.— signal em terra, por onde os navegantes podem reconhecer as paragens das costas.

Nota — Taunay, 179, consigna ; parece termo geral.
N. ap. nesta acc.

Recurso : sm. — casa de tolerancia ; diz-se tambem *casa de recurso*.

N. ap. nesta acc.

Reflada :sf. — pancada com o facão ou réfle.

N. ap.

Réfle : sm. — sabre-baioneta, facão comprido usado por policiaes.

Nota — C. de Figueiredo dá com o sign. de espingarda curta, especie de bacamarte, ou *rifle*.

Regencia : sf. — súcia, grupo de individuos que habitualmente se congregam para pandegas, ou para a practica de desordens.

Syn. : communa, negrada.
N. ap. nesta acc.

Reima : sf. — mau genio, ronha.

N. ap. nesta acc.

Reimoso : adj. — genioso, rusguento, que tem maus bófes.

N. ap. nesta acc.

Rejunctamento : sm. — filete de argamassa especial, de ordinario de cimento, com que se tomam as junctas das pedras nos pare-

damentos das obras. Esses filetes são em geral salientes e arredondados e constituem tambem um ornamento.

NOTA — Picanço, 70, consigna.

N. ap. nesta acc.

Rejunctar : verb. — tomar as junctas das pedras, nos paredamentos das obras, com argamassa especial, usualmente de cimento.

NOTA — Picanço, 70, consigna.

N. ap.

Remada : sf. — qualquer porção de bebida alcoolica, que se toma de uma só vez.

SYN. : gornópe, traço.

N. ap. nesta acc.

Remandiola : sf. — contra-tempo, vira-volta, vicissitude.

N. ap.

Remediar-se : verb. pr. — conseguir vencer difficuldades, financeiras ou outras, por meios só approximadamente proprios do objecto collimado.

NOTA — Chermont, 84, consigna para a Amozonia com sign. restricto de servir-se de um objecto estragado por falta de um outro melhor.

N. ap.

Rengo: sm. — molestia no jogo dos quadris dos cavallos, que os torna inaptos para qualquer serviço por lhes impossibilitar quasi o andar ; o animal fica, como diz o povo, *descadeirado*.

NOTA — Chermont, 85, consigna na mesma acc. para a Amazonia ; C. de Figueiredo ap. com sig. differente.

Repiquête: sm. — bordo curto que se faz para ganhar mais um pouco de barlavento.

NOTA — Taunay, 120, consigna ; parece que é termo geral.

N. ap. nesta acc.

Repuxos: sm. pl. — estreitas tiras de sóla que fixam antero e posteriormente a cangalha á *esteira*.

N. ap. nesta acc.

Requebem: sm. —parte extrema posterior do carro de bois.

N. ap.

Requifife: sm. — enfeite, adorno. Mais usado no pl.

NOTA— C. de Figueiredo consigna *requife*, colhido na *Brasileira de Prazins*, de Camillo Castello Branco, com o sig. de fita estreita de passamanaria, ou cordão de bicos para enfeitar ou debruar.

N. ap.

Retrêta: sf. — tocata nas praças publicas, ou em frente á residencia dos commandantes de corpos, generaes, etc., pelas bandas regimentaes do exercito ou policia.

ETYM.: do francez *retraite*.

AR. GEOGR.: parece termo geral.

N. ap. nesta acc.

Ribaçã: sm. — nome vulgar da pomba de bando (*Zenaida maculosa*, ex Goeldi).

ETYM.: corr. de *arribação*.

N. ap.

Ribeira: sf. — zona de criação determinada pela principal aguada nella existente, e que é a sua condição primordial; toma, em geral, o nome do mais importante povoado assente nos seus limites.

N. ap. nesta acc.

Rieira: sf.— sulco produzido nas estradas pelas ródas das viaturas.

NOTA— C. de Figueiredo dá com egual acc. *relheira*. Em Baião (Portugal) chama-se *rilheira* (Cf. *Rev. Lus.*, *vol. XI*, p. 204).

Riscado: adj.— meio ebrio, em principio de embriaguez.

Syn.: bicado.

N. ap. nesta acc.

Riscar: verb.— o mesmo que *esbarrar*, q. v.

N. ap. nesta acc.

Róça: sf.— I, terreno plantado de mandióca (*Manihot utilissima*, Pohl.); II, a propria mandióca.

Abon.: B. Rohan, 126: «Este anno não plantei *róça*, isto é, não plantei mandióca».

O mesmo auctor, l. c., dá como peculiares a Pernambuco as duas accs.

Roçagem: sf.— córte de qualquer vegetação arbustiva, ou mesmo arbórea em estado novo, por meio de foice; é a primeira phase do preparo do terreno para a plantação.

N. ap.

Rocéga: sf.— pedaço de vidro cortante que se ata ao rabo dos papagaios de papel para cortar, nos ares, o fio dos outros.

N. ap. nesta acc.

Róço: sm.— presumpção, vaidade, orgulho.

Nota — Chamava-se antigamente becco do *quebra-roço* o que vai da rua do Hospicio ao Cemeterio de Sancto Amaro, no Recife.

N. ap.

Rodado: adj.— diz-se do cavallo cujo pello é branco e preto, formando esta ultima côr malhas arredondadas; é o que os Francezes chamam *gris pommelé*. Indica o animal novo, por desapparecer, com a edade, tornando-se o cavallo *ruço* ou pedrez.

Nota — C. de Figueredo consigna como archaico e com sign. um pouco mais extenso do que o pernam

bucano. E' um novo caso de persistencia no Brasil de uma acc. perdida em Portugal.

AR. GEOGR.: Pernambuco, Parahiba e talvez Alagôas.

Rodélla: sf. — mentira, caraminhóla.

N. ap. nesta acc.

Roedeira: sf. — epizootia que ataca o gado vaccum, localizando-se na base dos chifres e determinando a queda destes.

N. ap.

Roedor: sm. — individuo dado ao vicio da embriaguez, ebrio.

N. ap. nesta acc.

Roêr: verb. — beber, embriagar-se, embebedar-se.

N. ap. nesta acc.

Roêr-coerana: loc. — estar despeitado por ciume ou inveja; por extensão, estar sem esperança de obter o que se deseja com ardôr.

ABON.: de uma modinha popular:

> « Si *coerana* se vendesse,
> Cada frutinha a tostão...
> Eu bem sei quem está *roendo*,
> Mas não dá demonstração... »

ETYM.: t. guar.: *cui* pimenta, *rana* similhante, parecido.

NOTA — A *coerana* é um vegetal da familia das Solanaceas, genero Cestrum, de que ha grande cópia de especies; o sabôr acre e desagradavel do fructo deu logar, por ironia, á expressão *roer-coerana*, para characterizar a situação do individuo que se encontra nas condições precitadas.

N. ap.

Roido: adj. — bebedo, embriagado.

N. ap. nesta acc.

Rôla-de-Fernando: sf.— ave da familia Peristeridæ (*Zenaida auriculata*, Des Murs), que, em immensos bandos, habita o Archipelago de Fernando de Noronha, e tem vasta distribuição no Brasil e republicas vizinhas.

AR. GEOGR.: do nome, Pernambuco.

N. ap.

Rolête: sm. — pequeno pedaço de canna de assucar, descascado ou não, e destinado a ser chupado.

N. ap. nesta acc.

Rondante: sm.— pequena peça de madeira que serve para apertar, por torcedura, qualquer amarração.

ETYM.: de *rodar*?

N. ap. nesta acc.

Ronqueira: sf.— o mesmo que *roqueira*, q. v.

Roqueira: sf.— peça feita da metade posterior de um cano de bacamarte ou espingarda, das de carregar pela bocca, encaixada em um cêpo de madeira e presa por aros de ferro; é utilizada para as salvas nas festas de Sancto Antonio, S. João e S. Pedro.

ETYM.: de *roca* (rocha) + suff. *eira*. — *Roqueira* ou *roqueiro* era uma antiga peça de artilharia que atirava pelouros de pedra.

N. ap. nesta acc.

Ruço: adj.— diz-se dos cavallos de pelle preta encabellada de branco e com crinas grisalhas.

NOTA— C. de Figueiredo ap. como *pardacento*.

Ruço-pombo: adj.— diz-se dos cavallos de pelle preta, coberta de pellos brancos e com crinas de egual côr.

N. ap.

Ruzagá: adj. — diz-se do individuo alvo e louro; ruivo.

N. ap.

S

Sabiá : sf. — nome commum a diversas aves das familias Turdidæ e Mimidæ, das quaes se conhecem em Pernambuco duas especies pertencentes á primeira (*Sabiá da matta* e *sabiá gongá*) ; e uma á segunda (*Sabiá da praia*, q. v.) ; daquellas uma é o *Turdus rufiventris*, de Vieillot ; não nos é possivel a identificação por falta da competente diagnose.

Etym. : t. guar. : contr. de *haã-pyi-har* aquelle que resa muito (Cf. B. Caetano, 147).— Note-se que o *h* guarani vale *ç* no tupi, bem como que as labiaes *b* e *p* frequentemente se permutam.

Nota — Em Pernambuco e Estados vizinhos o nome é do genero feminino.

Insufficientemente ap.

Sabiá-da-praia : sf. — ave da familia Mimidæ (*Mimus lividus* Licht.), apreciadissima como excellente cantôra.

Ar. geogr. : Amazonas, Pará, Pernambuco, Bahia e Rio de Janeiro ; a denominação é geral.

N. ap.

Saca-boi : sm. — apparelho de fórma de pyramide triangular, com uma das arestas para a frente, adaptado á parte anterior das locomotivas, com o fim de retirar da via os animaes por ellas apanhados e evitar descarrillamento.

Abon. : do *Jornal Pequeno*, n. 190, de 1912 : « Os *saca-bois* das duas machinas ficaram damnificados... »

Etym. : traducção de *chasse-bœuf*, nome adoptado pelos Francezes, que por sua vez o assimilaram de *cow-catcher*, dos Americanos do Norte.

Nota — O *saca-boi* differe do *limpa-trilhos*, simples barras de ferro recurvadas nas extremidades inferiores, e que deslisam a pequena distancia delles.

N. ap.

Saçanga : sf. — assoada, barulho, briga, motim.

N. ap.

Sacerdote : sm. — feiticeiro officiante nas sessões de *catimbau*.

N. ap. nesta acc.

Safrejar : verb. — explorar um engenho, plantando, colhendo e fabricando o assuccar e a aguardente.

ABON. : annuncio d'*A Provincia*, n. 24, de 1912 : « Vende-se o engenho Barra de Tiuma, distante 10 minutos da estação de Timbaúba, banhado pelo rio Capibaribe-mirim, com proporção para *safrejar* de 1.500 a 2.000 pães de assuccar, etc. »

ETYM. : de *safra*.

N. ap.

Sahira : sf. — linda avezinha da familia Tanagridæ, em que predomina a côr azul, e de que ha diversas especies ; em Pernambuco contam-se as seguintes : *Calospiza tatao*, Linn.; *C. fastuosa*, Less.; *C. cyaniventris*, Vieill.; V. *flava*, Gm.; *C. festiva*, Shaw.; e *C. cyanoptera*, Sw.

ETYM.: t. guar.: de *ça-ir*, tira os olhos ? aquelle que faz sair os olhos ; olhador, mirador. (Cf. B. Caetano, 86).

AR. GEOGR. : conforme á especie, todo o Brasil, pode-se dizer ; o voc. é geral. Está nos diccs. insufficientemente definido e com accento errado.

Sáia : sf. — parte dos aterros comprehendida entre as faces lateraes do prismoide determinado pela largura da platafórma e o talude natural das terras.

N. ap. nesta acc.

Salceiro : sm. — barulho, desordem, assuada.

ETYM. : ha em portuguez *salçada*, com acc. similhante ; a esta deve estar relacionado *salceiro* ou *sarceiro*.

NOTA — Roquette dá *salceiro* com o sign. de *motim*; C. de Figueiredo silencía.

Salsa-parrilha: sf.— vide *japecanga*.

Salta-caminho: sm.— ave da familia Fringillidæ (*Brachyspiza capensis*, Müll.)

NOTA — Goeldi, *Aves*, 66 (Indice alphabetico), dá este nome como usual em Pernambuco.

Saltador: sm.— ave da familia Fringillidæ (*Volatinia jacarina*, Linn.).— Cp. *Serrador*.

NOTA — Goeldi, *Aves*, 66 (Indice alphabetico), dá este nome como usual em Pernambuco.

Samba-caçóte: sm.— pequeno peixe de rio.

N. ap.

Sambongo: sm.— doce de côco ralado e mel de furo; algumas vezes, em logar do côco, fazem-no de mamão verde. Tambem se diz *sabongo*.

ABON.: d' *A Provincia*, n. 33, de 1907: «Chega o momento dos doces, marmelada, ou *sambongo*, compóta de pêras, ou baba de moça.»

ETYM.: t. africano.

SYN.: currumbá.

AR. GEOGR.: B. Rohan, 127, dá como peculiar a Pernambuco.

Sampaio: sm.—nome dos vales emittidos pela Companhia Ferro-Carril de Pernambuco, para pagamento de passagens em seus carros, e que, por falta de moeda divisionaria, tiveram curso no commercio para as pequenas transacções.

ETYM.: do nome do engenheiro Philippe de Araujo Sampaio, gerente da companhia e signatario dos vales.

NOTA—Em desuso. Figura n'*O Meio Circulante do Brasil*, de Julius Meilli, vol. III, sob os ns. 699, 701 e 703. N. ap.

Sanga: sf.— entrada do cóvo (armadilha de pesca) de fórma tronco-conica, feita de finas hastes, com as extremidades livres aguçadas, afim de impedir a volta do peixe caïdo na armadilha.

ETYM.: t. guar.: *çanga*, extendido, dilatado, o que se distende ou dilata.

N. ap. nesta acc.

Sangaio: sm.— nome por que ficaram conhecidos os vales falsos da companhia Ferro-Carril de Pernambuco.— Cp. *Sampaio*.

NOTA — A falsificação era tão evidente que o nome *Sampaio*, do signatario dos vales, apparecia escripto *Samgaio*; entretanto, taes vales circularam por algum tempo. Em desuso.

N. ap.

Sangangú: sm.—barulho, assoada, motim; mexerico, intriga.

ABON:.— de Faria Neves Sobrinho, no livro de contos *O Hydrophobo*, p. 20: «...Ao depois eu soube que elle tambem disse que o *sangangú* havia de ser hoje...»

N. ap.

Sangue-de-boi: sm.—ave da familia Tanagridæ (*Rhamphocelus brasilius*, Linn.).

NOTA—Goeldi, *Aves*, 293, dá como peculiar a Pernambuco.

N. ap.

Sangueiro: sm.— fabricante de *sanga*, q.v., e que em geral não é o mesmo que faz o cóvo, constituindo tal fabricação uma especialidade.

N. ap.

Sangrar: verb.— I, produzir, com a ferramenta appropriada, sulcos rectangulares, ou curvos, na madeira, ao torneá-la; entalhar normalmente a madeira para produzir os resaltos terminaes das molduras; II, abandonar o jogo, principalmente quando se está perdendo, antes delle terminar; III, deixar em meio qualquer empresa começada; IV, pedir dinheiro emprestado sem tenção de pagar; V, attender ao pedido de dinheiro.

N. ap. nestas accs.

Sanhassú: sm.—ave da familia Tanagridæ, de que se conhecem diversas especies, das quaes existem em Pernambuco, pelo menos, as seguintes: *Schistochlamys capistratus*, zu Wied, *S. ater*, Gm., e *Tanagra sayaca*, Linn.

ETYM.: t. guar.: de *sahi* (nome commum a diversos Cœrebides, dado por extensão aos Tanagrides, e que pode ser assim interpretado: *eçá*, olho, olhos + *i*, pequeno; vivo, esperto) + *açú*, grande.

AR. GEOGR.: das aves, muito variada, conforme as especies; do voc., t. geral.

Insufficientemente ap.

Sapata: sf.— parte inferior dos trilhos do typo Vignole; por extensão, qualquer alargamento horizontal sôbre que assenta qualquer cousa.

N. ap. nesta acc.

Sapiranga: sf.— molestia de olhos produzida por um parasito que ataca e faz caïr as pestanas (Blepharite ciliar).

ETYM.: t. guar.: *eçá*, olho + *piranga*, vermelho.

Ap. insufficientemente.

Saprêma: sf. —calço sôbre que se apoia uma alavanca, quando se quer com ella levantar pêzos.

N. ap.

Saprêmar: verb.— levantar pêzos por meio de uma alavanca.

N. ap.

Sapucaia : sf. — nome commum a diversas arvores da familia das Lecythidaceas (*Lecythis amazonum*, Mart., *L. ovata*, Camb. e *L. Pohlii*, Mart.).

NOTA — A madeira presta-se para construcções civil e naval, dormentes, carpintaria e marcenaria.

ETYM.: t. guar.

AR. GEOGR.: do Pará ao Espirito Sancto e Minas, conforme a especie (Cf. Pio Corrêa, *Flora do Brasil*, 65).

C. de Figueiredo consigna como arvores da familia das Myrtaceas, differentes das sapotas, o que é evidente, visto estas serem Sapotaceas...

Saracúra : sf.— ave da familia Rallidæ (*Limnopardalus nigricans*, Vieill.)

ETYM.: t. guar.: *çara* por *tara*, espiga + *cúra*, o que engole, ou traga.

AR. GEOGR.: da ave, Paraguai, Sancta Catharina, S. Paulo, Minas, Rio de Janeiro, Bahia, Pernambuco, Perú, Colombia e Surinam; da denominação — todo o Brasil (Cf. *Catalogo das Aves do Brasil*, 27).

N. ap. nesta acc.

Sarará : s2.— albino, individuo affectado de albinismo; o preto-branco.

ETYM.: t. guar. *sarará* (nome da formiga alada *Termita*), composto de *içá*, formiga + *àra*, dia + *rá*, nascer; porque emerge á luz nos dias de sol, depois de chuvas.

SYN.: aça.

AR. GEOGR.: Pernambuco, Paraïba e Rio Grande do Norte.

N. ap.

Sarceiro : sm.— vide *salceiro*.

Sarilho: sm. — roda dentada, de pequeno diametro, fixa ao eixo da roda d'agua nos engenhos assim movidos, e que serve para transmittir o movimento desta aos rodêtes, que por sua vez movem o tambôr superior.

N. ap. nesta acc.

Schip-chandler: sm. — estabelecimento commercial destinado a fornecer generos aos navios; por extensão, restaurante proximo aos caes de embarque, frequentado quasi exclusivamente por negociantes e maritimos.

ABON.: da lei municipal do Recife, n. 394, de 1905: « Art. 1°, n. 25 — Sobre *schip-chandler*, 30 %.»

ETYM.: do inglez sem alteração.

N. ap.

Sêbó: sm. — vide *caga-sebo* (I).

N. ap. nesta acc.

Seixeiro: sm. — calloteiro; o que não paga as prostitutas.

N. ap.

Seixo: sm. — callóte, falta de pagamento que é devido, especialmente ás prostitutas.

N. ap. nesta acc.

Sepultura: sf. — escotilha das *canôas de embono*, e *barcacinhas*, por onde recebem a carga.

AR. GEOGR.: Alagôas e Pernambuco (Cf. A. Camara, 207).

N. ap. nesta acc.

Serigolla: sf. — correia fina que passa sob a garganta das cavalgaduras, para prender a cabeçada.

ETYM.: de *serrar* = apertar + *golla* = *guella*?

NOTA — Chermont, 90, dá para a Amazonia como argola de ferro ou couro, passada na parede separatriz das fossas nazaes, para servir de freio aos *bois de montaria*.

N. ap.

Seriema: sf. — ave da familia Microdactylidæ (*Microdactylus cristatus*, Linn.).

ETYM.: t. guar.: de *çaria*, crista + *am*, em pê erguida; levantada; ou de *çaria*, como acima, + *ma* por *bae* suff. agente — que tem a crista, a cristada (Cf. B. Caetano, 90, e Th. Sampaio, 150).

AR. GEOGR.: termo geral. C. de Figueiredo consigna como *pequena ema*...

Sinh'anninha: sf. — aguardente de canna.

SYN.: branca, branquinha, patricia.

N. ap.

Sitio: sm. — I, chacara, casa de campo cercada de pomar; II, porção de terra cedida ou arrendada aos *moradores* e *lavradores* dos engenhos, mediante prestação de serviços ou partilha dos fructos.

N. ap. nesta acc.

Sobrôço: sm. — receio, medo, temôr.

NOTA — C. de Figueiredo dá como desusado, com a sign. dubitativa de acanhamento, timidez. A abonação de Bernardes, a que se soccorre: « ... o poder em sua presença dizer palavras sem *sobrôço*, justifica tambem o sign. pernambucano. Esta é uma das muitas palavras que, caïdas em desuso em Portugal, permanecem na linguagem popular do Brasil.

Socó-boi: sm. — ave da familia Ardeidæ. (*Botaurus pinnatus*, Wagler).

ETYM.: t. guar, *socó*, de *ço*, ir + *ço*, batendo, socando, ou manquejando: bate vai, ou batendo vai (Cf. B. Caetano, 165); ou de *çoó*, bicho + *có*, manter, apoiar, ou arrimar: bicho que se arrima, ave que se apoia em um pé só (Th. Sampaio, 150).

Ar. geogr. : S. Paulo, Matto Grosso, do Rio de Janeiro a Guiana, Bahia e Pernambuco (Cf. *Catalogo das Aves do Brasil*, 70). O t. é geral.

N. ap.

Socózinho : sm.— ave da familia Ardeidæ. (*Butorices striata*, Linn).

Ar. geogr. : do Paraguai e Argentina á Colombia e Venezuela; Rio Grande do Sul, S. Paulo, Matto-Grosso, Minas, Rio de Janeiro, Bahia, Pernambuco, Guiana e Amazonas; do voc. parece geral.

N. ap.

Sôlta : sf. — pastagem opulenta, onde se põe o gado para refazer e engordar.

Nota — Chermont, 92, consigna como termo de importação recente em Marajó. Parece geral.

N. ap. nesta acc.

Sucata : sf. — deposito de ferragens inutilizadas para o serviço a que se destinavam, annexo ás officinas dos estabelecimentos fabris.

N. ap.

Sueirá : sf. — trabalho penoso, cansaço.

Etym. : de *suar*.

N. ap.

Sula : sf. — vide *caçula*.

Etym. : como em *caçula*; *ca*=*cu*, demonstrativo verbal na lingua mbunda, como *to* no inglez, *zu* no allemão (Cf. M. Soares, 128).

Ar. geogr. : B. Rohan, 133, dá como peculiar a Paraïba; é usual em Pernambuco.

Sulaque : sm. — gavêta das machinas de vapôr; dispositivo da distribuição do fluido. A parte do cylindro, sôbre que ella escorrega, chama-se *espelho*.

ETYM. : do inglez *slider*, corrediça.

N. ap.

Sulipa : sf. — dormente, cada uma das traves a que se fixam os trilhos nas ferro-vias.

ETYM. : do inglez *sleeper*.

NOTA — Em Portugal, com identico sign., usa-se *chulipa*, que está nos diccs. *Sulipa* parece geral no Brasil; mas vai caïndo em desuso, substituido pelo portuguez *dormente*.

Surumbamba : sf. — vide *turumbamba*.

N. ap.

Suspensorio : sm. — dispositivo empregado nas machinas de vapôr para se obter a inversão da marcha e variação da expansão.

NOTA — Picanço, 30 consigna nesta acc. *corrediça*; no francez *coulisse*, no inglez *slide-valve*.

N. ap.

Sustancia : sf. — força, vigôr.

ETYM. : corr. de *substancia*, por intercurrencia do verb. *sustar*?

SYN. : talento.

N. ap. nesta acc.

T

Tabatinga: sf. — especie de argila branca, compacta, extremamente consistente, encontrada, em espessas camadas, no fundo dos rios e estuarios.

ETYM.: t. guar.: *toba-tî*, barro branco (B. Caetano, 534); *tauá-tinga*, com a mesma sign. (Th. Sampaio, 151).

AR. GEOGR.: é t. geral.

Tabica: sm. — I, nome de um vegetal que fornece hastes finas e flexiveis, empregadas commummente para tocar a montaria, sub-

stituindo o rebenque; II, por extensão, applicado a essas mesmas hastes.

Etym.: C. de Figueiredo deriva a palavra do arabico *tatbîca*, que se encontra em Dozy. Como em Portugal o voc. tenha accs. muito diversas das nossas, não parece que aquelle etymo se relacione com o termo brasileiro.

Nota — B. Rohan, 133, dá a II acc. como peculiar a Pernambuco. Os outros diccs. definem mal, sendo que o de Séguier dá como *cipó* de que se fazem chibatas. A *tabica* parece-nos uma Myrtacea, ou de familia similhante.

Taboleiro: sm. — extensa planicie elevada, geralmente arenosa e de vegetação baixa e acanhada.

Ar. geogr.: Bahia até Ceará (Cf. B. Rohan, 134).

Tabú: sm. — assucar que não coalha bem na fôrma, nem entesta para se lhe botar barro e purgá-lo, por ser queimado ao apurar, ou mal limpo (Cf. B. Rohan, 134).

Está nos diccs., insufficientemente definido.

Tabúa: sf. — nome vulgar de duas plantas brasileiras, uma da familia das Cyperaceas (*Cyperus giganteus*, Vahl) e outra da das Typhaceas (*Typha dominguensis*, Pers.).

Nota — A primeira fornece material para cestos e outras obras de espartaria; a segunda, cellulose quasi pura para o fabrico de papel translucido.

Ar. geogr.: da 1ª, todo o Brasil; da 2ª, do Amazonas a S. Paulo (Cf. Pio Corrêa, *Flora do Brasil*, 117.)

C. de Figueiredo consigna a 2ª, mas classifica como especie diversa.

Tacáca: sf. — transpiração fetida, mau cheiro do corpo humano.

N. ap.

Tacada: sf. — o mesmo que *facada*, q. v.

N. ap. nesta acc.

Tacaniça : sf.— viga que, da cumieira, vai ao canto formado pela parede lateral com as da fachada, nas casas com telhados de quatro aguas, e que, naquelles correctamente executados, deve fazer com a alludida cumieira um angulo de 135°.

NOTA — Chermont, 95, consigna para a Amazonia. — Tambem se chama *tacaniça*, por extensão, o telhado lateral e seu madeiramento, nos de quatro pannos. C. de Figueiredo ap., mas, pela sua definição, qualquer um dos dois pannos da coberta de um *chalet* é uma *tacaniça*.

Tacheiro : sm. — ajudante em segundo do mestre de assucar nos engenhos de banguê.

N. ap. nesta acc.

Tacho : sm.— dinheiro.

N. ap. nesta acc.

Taco : sm.— pedaço, boccado, pequena porção.

AR. GEOGR. : Pernambuco, Parahiba e Rio Grande do Norte (Cf. B. Rohan, 134).

Tajacica : sf.— peixe acanthopterygio da hydro-fauna pernambucana (*Gobios brasiliensis*, Bleh.).

N. ap.

Talento : sm.— força muscular, vigôr, robustez.

ABON.: «.... — Si você é homem, mostre agora seu *talento* — replicou Manuel Francisco, retesando o braço como quem queria entrar sem detença no momento decisivo» (Franklin Tavora, romance *O Matuto*, p. 6).

E' t. geral.

N. ap. nesta acc.

Talisca : sf. — peça estreita e fina de madeira, que se embute nos encaixos feitos longitudinalmente nas tabuas componentes de uma porta, janella, etc. ; por extensão, dá-se o mesmo nome aos sarrafos pouco espessos.

Ap. nos diccs. com a sign. inversa de encaixe, ou fenda.

Tamancos : sm. pl.— I, tabuas pregadas nos *bordos* da jangada, onde infincam os pés do banco do mastro; II, peças de madeira que nos carros de bois bem construidos se encastram nas *chêdas* e sobre as quaes giram os eixos, para não estragar estas; III, o mesmo que *cêpo* (I acc.), q. v.

Ar. geogr. : I, Alagôas, Pernambuco a Ceará (Cf. A. Camara, 208); II e III, Pernambuco.

N. ap. nestas accs.

Tamanduá: sm.— animal brasileiro da ordem dos Desdentados, de que se conhecem as seguintes especies : *Tamanduá bandeira (Myrmecophaga jubata*, Cuv.); *tamanduá-mirim (M. tamandua*, Cuv.) e *tamanduá-i* (*M. didactyla nicolor*, Linn.). São tambem conhecidos pelo nome de *Papa-formigas*, de que a denominação generica é apenas traducção.

Etym. : t. guar. de *tá*, contr. de *taci*, formiga: *monduar* caçar. B. Caetano, 477, acha difficil admittir a contr. de *taci* em *ta*, tanto mais quanto directamente se tem *taci-guara*, comedor de formigas, e aventa a possibilidade de *tama* de pellos + *uguai*, cauda, facil de mudar em *nduai*. Th. Sampaio, 151, diz que *tã* é radical de muitos nomes designando insectos, formigas, etc.

Ar. geogr.: T. geral.

Insufficiente ap.

Tamboatá : sm.— o mesmo que *Tamoatá*, q. v.

Tambueira : sf.— raiz mirrada da mandióca ou macacheira, inaproveitada na colheita.

Nota — Chermont, 96, consigna na mesma acc. para a Amazonia; C. de Figueiredo com a graphia *tabueira* aponta, dando ao termo mais extensão do que a real; com a de *tamboeira* diz ser *canna* de mandióca, que igno-

ramos o que seja... O *caule* da mandioca chama-se *maniva*.

Tamoatá : sm.— peixe malacopterygio da fluvio-fauna pernambucana (*Cataphractus callichys*, Lacp.). Tambem se escreve *tamboatá*.

ETYM. : t. guar.: B. Caetano, 478, alvitra dubitativamente *tama* por *taba*, pêllo + *antã*, duro ; tractando-se porém, de um peixe, que possúe a singular faculdade de caminhar no sêcco, fóra d'agua, melhor será de *caámbo-atá*, o que anda pelo matto.

N. ap.

Tangerino : sm.— conductor de manadas de gado vaccum do sertão para a zona da matta ; tangedor de gado.

ETYM. : de *tanger*.

AR. GEOGR. : Pernambuco ao Piauhi.

N. ap. nesta acc.

Tantas-folhas : sf. pl. vide *livro*.

N. ap.

Tapiá : sm.— arvore da familia das Capparidaceas (*Cratœva tapia*, Linn.).

NOTA — A madeira presta-se a obras internas, carpintaria e caixotaria ; a casca e as folhas são medicinaes; os fructos, comestiveis, dão bebida fermentada similhante ao vinho.

AR. GEOGR. : do Ceará ao Rio Grande do Sul.

Ap. insufficientemente.

Tapia-guassú : sm. — arvore da familia das Euphorbiaceas (*Alchornea iricurana*, Cars).

NOTA — A madeira, cujo pêzo especifico é de 0,370, presta-se á carpintaria, caixotaria e pasta para papel.

Ar. geogr. : do Pará ao Paraná (Cf. Pio Corrêa, *Flora do Brasil*, 68).

N. ap.

Tapióca : sf. — I, amido, gomma de mandióca reduzida a grumos por um processo especial de fabricação ; II, especie de biscoito molle, feito da gomma humida ; ha diversas qualidades ; III, papagaio de papel com a fórma de um quadrilatero.

Etym. : t. guar. : *tipiog*, coalho, coalhada, o que é coagulado, o residuo.

Ar. geogr. : na I acc. é t. geral ; nas II e III é pernambucano.

N. ap. na II ; insufficientemente na I, conforme ao sign. restricto que tem em Pernambuco ; n. ap. na III.

Taréco ; sm. — biscoito, bolinho secco feito de farinha de trigo, assucar e ovos para vendagem nas ruas, em pequenos pacótes.

N. ap.

Tatajuba :sf. — o mesmo que *tatajiba*, q. v.

Tâtajiba : sf. — arvore da familia das Artocarpaceas, pertencente ás duas especies *Maclura affinis*, Miq., e *M. tinctoria*, Linn.

Nota — A madeira tem de 0, 827 a 0,983 de pêzo especifico ; de resistencia ao esmagamento, sem designação de direcção 918 a 968 kgs. Seus usos são : tincturaria, construcção naval e civil, peças de resistencia, tôrno, portas nobres, marcenaria de luxo, etc : as cinzas são ricas em sóda. A casca emprega-se nos cortumes e fornece estopa mediocre ; a resina que della mana, bem como os fructos, são medicinaes. O que dissemos applica-se ás duas especies, sendo a primeira inferior á segunda.

Ar. geogr. : do Amazonas ao Rio Grande do Sul, conforme a especie. Cf. Pio Corrêa, *Flora do Brasil*, 69).

C. de Figueiredo ap. como *urticacea*.

Tatú : sm. — I, nome vulgar de diversos Desdentados, dos quaes se conhecem as seguintes especies, que, todas, occorrem em Pernambuco: *tatú-açú* ou *tatú-canastra* (*Priodontes giganteus*); *tatú-bóla* (*Dasypus tricinctus*, Linn.); *tatú-verdadeiro* (*D. longicaudus*, zu Wied); *tatú-péba* (*D. sexcinctus*, Linn.); e *tatú-rabo-de-couro* (*D. 12 cinctus*, Sehr.).

Etym. : t. guar. : de *ta* por *ca*, casca, escama + *tu*, encorpada, densa (Cf. B. Caetano, 490).

Ar. geogr. : quer o nome, quer o animal, é geral.

Ap. insufficientemente.

Tauassú : sm. — pedra ligada a uma corda e apertada por paus com pontas, para servir de ancora ás jangadas.

Etym. : t. guar. : *itá*, pedra + *uaçú* = *açú*, grande.

Ar. geogr. : A. Camara, 208, dá como usual em Alagôas, Pernambuco e Ceará.

Tayoba : sf. — planta comestivel, usada em esparregados, da familia das Araceas (*Xanthosoma violacea*, Schott.), commum em quasi todo o Brasil.

Insufficientemente ap.

Tejuassú : sm. — animal da ordem dos Saurios, divisão dos Lacertilios (*Tejus nigropunctatus*, Spix).

Nota — Esse lagarto é abundante em Pernambuco, e celebre pelos combates homericos em que se empenha com as mais venenosas cobras. Dizem ser sua cauda delicadissima iguaria. Da crença de ser a *Tournefortia lœvigata*, Lam., o seu contraveneno, veio a essa planta o nome de *herva de lagarto*.

Etym. : t. guar. : B. Caetano, 515, assim interpreta: de *teiú*, *tei*, do povo, da gentalha, *ú*, comida + *açú*, grande.

Ar. geogr. : geral até Bahia, onde se diz preferentemente *teiú*; *tejú*, nos outros Estados do Sul.

Ap. insufficientemente.

Tenda : sf. — officina de marceneiro, ferreiro, funileiro, sapateiro, etc.

N. ap.

Tenencia : sf. — energia, força, vigôr ; allivio, desafogo ; precaução, cuidado.

N. ap. nesta acc.

Terneiro : sm. — féto do gado vaccum.

NOTA — Segundo Coruja, 29, este nome se applica no Rio Grande do Sul ao bezerro até um anno. C. de Figueiredo traz como brasileirismo nesta segunda acc., preferindo a graphia *tenreiro*, que é trasmontanismo, conforme acreditamos.

Terreiro : sm. — I, espaço limpo, em geral batido como uma eira, na frente das pequenas casas dos *moradores*, matutos, etc ; II, pateo em frente das casas nobres.

AR. GEOGR. : I e II zonas.

C. de Figueiredo consigna com sign. mais lato do que o nosso.

Tesoura : sf. — crustaceo decapode da familia Ocypodidæ (*Uca thayeri*, Rathbun).

N. ap. nesta acc.

Têsto : sm. — primeira camada de barro especial que os purgadores põem sôbre os pães de assucar, para servir de filtro á *céva* e á agua, que o atravessam, arrastando o assucar incrystallizavel e as impurezas.

N. ap nesta acc.

Testos : sm. pl. — lados horizontaes da serra braçal.

N. ap.

Tiba : adj. — grande, grosso, consideravel, valente.

ETYM.: t. guar.

Tico : sm. — pedaço, pequena porção, parte minima de qualquer cousa.

AR. GEOGR. : B. Rohan, 138, dá como peculiar ao Rio de Janeiro ; em Pernambuco seu uso é frequentissimo.

Ticuca : sf. — vide *quicuca*.

N. ap.

Tigella : sf. — medida de capacidade para seccos, equivalente a um litro.

N. ap. nesta acc.

Tijúco : sm. — lamaçal, atoleiro, tremedal, charco.

ETYM. : t. guar. : *ti*, liquido + *iúc*, podre, desfeito, decomposto.

Timbú : sm. — nome commum a diversos marsupios do genero Didelphys.

ETYM. : t. guar. : *tim*, nariz + *bur*, espirrar ?

AR. GEOGR. : B. Rohan, 138, dá como peculiar a Pernambuco e Parahiba.

Tingui : sm. — o mesmo que *nordéste*.

N. ap. nesta acc.

Tiquinho : sm. — diminuitivo de *tico*, q. v.

Tiradeira : sf. — grossa corda formada por diversas pernas de outra mais fina, geralmente de couro crú, torcidas sobre si mesmas, para ligar a parte posterior de um cambão á chavêta do que lhe fica atraz, ou do cabeçalho.

N. ap. nesta acc.

Tirante : sm. — barra de ferro que, nas machinas, connectada na manivella da róda motora e na cabeça da haste do embolo, transmitte áquella o movimento deste, transformando o movimento rectilineo alternativo em circular continuo.

NOTA — Picanço, 77, consigna.

N. ap. nesta acc.

Tolête-da-poita : sm. — torno infincado na prôa das jangadas para amarrar a corda do *tauassú*.

AR. GEOGR.: segundo A. Camara, 208, Alagôas, Pernambuco e Ceará.

N. ap.

Tomada : sf.— reprêsa em um curso d'agua, que permitte a derivação de parte, ou do todo della, para uso industrial.

N. ap. nesta acc.

Tombador : sm. — trabalhador que conduz as cannas do *picadeiro* para a mesa da moenda, nos engenhos de banguê.

N. ap. nesta acc.

Topar : verb. — ferir o boi de frente com a aguilhada.

N. ap. nesta acc.

Torar : verb. — cercear, cortar rente.

C. de Figueredo dá como brasileirismo, com a ig. de *atravessar*.

Torcida : sf. — membrum genitale.

N. ap. nesta acc.

Tornos : sm. pl. — cavilhas de madeira que atravessam os paus da jangada e os unem ; por extenssão todas as cavilhas de madeira com identico fim ; é o *cravo*, de madeira.

AR. GEOGR.: segundo A. Camara, 208, Alagôas, Pernambuco e Ceará.

N. ap. nesta acc.

Torrado sm. — fumo bem secco ao fogo e reduzido a pó, para os mesmos usos que o rapé. — Tambem lhe chamam *caco*, voc. que C. de Figueiredo consigna.

N. ap. nesta acc.

Tôta: sf. — pequeno impulso que os jogadores de castanha dão ás mesmas para diversos fins no jogo.

N. ap.

Traçador : sm. — grande serrote de lamina eliptica, tendo nas extremidades cabos verticaes.

N. ap. nesta acc.

Traço : sm. — qualquer porção de bebida alcoolica, que se toma de uma só vez.

Syn.: gornópe, remada.

N. ap. nesta acc.

Trambecar : verb. — tropeçar, andar a trancos e barrancos caïr.

Nota — C. de Figueiredo regista *trompicar*, com acc. similhante, mas como provincialismo do Algarve e e Traz-os-Montes ; approxima-se de *tropicar*, que está nos diccs.

N. ap.

Tranca-trilhos : sm. — barra de madeira que se colloca transversalmente, presa por um cadeado, sôbre os trilhos das ferrovias dos engenhos, e que serve para interceptar o trafego pelos mesmos.

N. ap.

Trancão : sm. — repellão, encontro violento. — Dar *trancão* é, na gyria dos prados de corridas, cortar a luz a outro parelheiro, levando-o de encontro ás cercas interna ou externa da raia.

Etym. : de *trancar*.

N. ap.

Transito : sm. — theodolito americano que, sôbre os de fabricação ingleza, apresenta innumeras vantagens ; quasi exclusiva-

mente empregado pelos engenheiros brasileiros, em suas multiplas variedades.

N. ap. nesta acc.

Traque : sm. — pequeno fogo de artificio, bicha chineza.

Abon. : do *Jornal do Recife*, n. 173, de 1912 : « ... Motivou a questão ter Evangelista sacudido um *traque* acceso por traz de Arsenio ».

N. ap. nesta acc.

Traste : sm. — individuo inutil, sem prestimo.

Nota — Em Portugal, segundo C. de Figueiredo, este t. popular significa velhaco, biltre, tratante. E' mais benigna a acc. pernambucana, aliás brasileira.

Travadeira : sf. — pequeno instrumento com que os serradores e marceneiros inclinam, alternadamente para um e outro lado, os dentes das serras e serrotes, depois de os amolar.

Nota — C. de Figueiredo consigna *travadoira*, que não se usa no Brasil ; é commum, como se sabe, essa substituição desinencial.

Travagem : sf. — inflammação nos tegumentos que recobrem a abobada palatina dos cavallos.

Nota — Chermont, 104, consigna como usado na ilha de Marajó.

N. ap.

Travessão : sm. — cêrca forte e bem fechada, com a qual, quer no *agreste*, quer na *catinga*, se separam os terrenos de brejo das pastagens indivisas e não aproveitadas na cultura.

N. ap. nesta acc.

Tréla : sf. — travessura, traquinada de criança.

Syn. : arte.

N. ap. nesta acc.

Treliça: sf. — systema de vigas compostas, em duplo T, que consiste em terem a alma formada por barras entrecruzadas sob angulos constantes e cravadas nesses cruzamentos. Ha diversas especies.

Nota — Picanço, 79, e Taunay, 132, consignam.

Etym.: do francez *treillis*, grade.

Ar. geogr.: t. technico geral.

N. ap.

Treloso: adj. — travesso, traquinas.

Etym.: De *trél* (*a*) + suff. *oso*; designativo de plenitude, abundancia.

N. ap.

Trena: sf. — fita de aço ou panno, com que se effectuam medidas topographicas; por extensão, qualquer medida flexivel para outros mistéres.

Nota — Picanço, 80, e Taunay, 132, consignam.

N. ap.

Tribofe : sm. — I, trapaça practicada no jogo de corridas de cavallos; por extensão, em qualquer outro jogo e mesmo qualquer trapaça; II, namôro.

N. ap.

Tribofeiro : sm. — o que practica trapaças, ou *tribofes*.

Etym.: *tribof* (*e*) + suff. *eiro*, designativo de profissão, habito.

N. ap.

Tribuzana : sf. — barulho, assoada, motim, confusão.

N. ap.

Tróço : sm. — cacareus, trastes velhos, cacos, cousa sem prestimo. — Mais usado no pl.

Etym. : metathese de *tôrso*, lat. *torsus*.

SYN. : cacarécos, muafos, mucumbagem, quimbembes

N. ap.

Trolista : sm. — individuo encarregado de pôr em movimento o *troly*, por qualquer dos modos usados.

ETYM. : de *trol* (y) + suff. *ista*, designativo de emprego, profissão.

N. ap.

Troly : sm. — vagonête leve para transporte de pessoal nas vias-ferreas, movido por meio de varas, ou por meio de um machinismo accionado a braço; ao desta especie dá-se o nome de *trolf de manivella*.

NOTA — Ultimamente appareceram carros desse genero auto-motores. No sul do paiz é o nome applicado para designar uma carruagem usada nas fazendas.

ETYM. : do inglez *trolley*, de sign. identica á acc. pernambucana. O dr. John C. Branner, *A Brief Grammar of the Portuguese Language*, p. 167, em nota, diz derivar-se a palavra da acc. sulista, do termo inglez *trolly*, que Webster não consigna, tendo entretanto para nomear a carruagem em questão a palavra *buckboard*.

N. ap.

Trompaço : sm. — bordoada dada com as costas da mão.

ETYM. : De *tromba* (por cara) + suff. *aço*, designativo de percussão, golpe.

N. ap.

Tropilha : sf. — bando de pandegos, de bohemios.

SYN. : communa, negrada, regencia.

N. ap. nesta acc.

Troncho : adj. — torto, dissymetrico, curvado para um dos lados.

NOTA — C. Figueiredo dá com a sign. de *mutilado*, desconhecida em Pernambuco.

Truáca : sf.— embriaguez, carraspana.

N. ap.

Tucano-de-bico-preto : sm.— ave da familia Rhamphastidæ (*Ramphastos ariel*, Vig.) que occorre em Pernambuco.

N. ap.

Turumbamba : sf.— briga, conflicto, disputa, barulho.

ABON. : do *Jornal Pequeno*, n. 109, de 1911 : «... Ambos empunharam grossos cacêtes, recebendo Borba uma pancada na região occipital, produzindo-lhe um ferimento. Os outros individuos tractaram logo de se pôr á rua, assim que viram a *turumbamba*.» Cp. surumbamba.

AR. GEOGR : E' t. geral.

Turúna : adj.— bravo, valente, destemido.

ETYM. : t. guar. ?

N. ap.

Tutú : sm.— I, iguaria composta de carne de porco salgada, toucinho (picado), feijão e farinha de mandióca ; II, espectro, espantalho.

N. ap.

Tutuncué : sm.— magnata, mandão, o manda chuvas, individuo que exerce qualquer parcella do poder.

N. ap.

U

Ubáia : sf.— arvore da familia das Myrtaceas (*Eugenia arrabidea*, Berg., e *E. uvalha*, Camb.), cujos fructos são comestiveis.

ETYM. : t. guar.: de *ibá*, fructo + *áia*, azedo, acido, picante (Cf. B. Caetano, 473).

Ar. geogr. : Segundo B. Rohan, 143, Pernambuco, Paraiba, Rio Grande do Norte e Ceará; em outros. Estados chama-se *uváia*.

Ubarana : sf. — peixe dos malacopterygios abdominaes (*Bagres reticulatus*, Kner.), muito commum nas costas de Pernambuco.

N. ap.

Uçá : adj. — qualificativo de uma especie de Crustaceo decapode (*Cancer uca*, Linn.).

Etym.: t. guar.: contr. de *ub*, perna + *eçá*, olhos; é conforme B. Caetano, 552, que traduz litteralmente por *podophthalmos*, ou olhos nas pernas.

N. ap.

Umbigueira : sf. — bicheira que se desenvolve no umbigo dos bezerros recem-nascidos, e que os vaqueiros expremem e curam oito dias depois do seu apparecimento.

N. ap.

Unha-de-gato : sf. — leguminosa da divisão das Mimosaceas (*Acacia paniculata*, Willd.), com propriedades anti-rheumaticas e e anti-nevralgicas; combina-se bem com o mercurio.

N. ap.

Uribaco : sm. — peixe dos malacopterygios abdominaes (*Hœmelon caudinacula*, Cuv.), pertencente á ichthyo-fauna pernambucana.

N. ap.

Urú : sf. — I, ave da familia Odontophoridæ (*Odontophorus guianensis*, Gm.), que faz parte da ornis pernambucana ; II, cesta de palha de carnaúba, servida de alça, para ser conduzida pendente ao hombro.

Etym. : I, onomatopaico ; II, t. guar.: *i* demons-

trativo, o que, aquelle que + *rú*, conter, trazer : o que contém, ou traz, o continente.

AR. GEOGR. : I, geral ; II, Pernambuco, Ceará.

Insufficientemente ap.

Uruá : sm. — especie de molusco gasteropode do genero Ampullaria.

ETYM. : t. guar.: *iurú*, bocca + *á*, abrir: abrir a bocca, boquiaberto; ou melhor, *irú*, vaso, continente + *á*, nascer, surgir, brotar ; que nasce, surge ou bróta de dentro do vaso.

NOTA — Diz-se tambem *uruá*. Chermont, 107, além dessa acc., menciona tambem como acto lesbiano: « si mulier mulierem fricat, ea *fazer uruá* appelatur».

AR. GEOGR: Pernambuco, Parahiba, Rio Grande do Norte; Amazonia.

N. ap.

Urupema: sf. — peneira ou crivo feito de talas finas e trançadas de taquara, canna brava, etc.

ETYM.: t. guar.: *urú*, q. v. + *pêma* por *peb*, chato, raso.

AR. GEOGR.: é t. geral.

Ap. insufficientemente.

Urussú: sf.— especie de abelha grande, de côr amarellada e abdomen rajado; faz ninho no chão e mais commummente em paus ôcos. Familia Apidæ (*Melipona scutellaris*, Latreille).

ETYM.: t. guar.: *eir*, abelha + *uçú*, grande.

AR. GEOGR.: termo geral.

Ap. insufficientemente.

Urutáu : sm.— ave da familia Caprimulgidæ (*Nyctibius griseus*, Gm.).

ETYM.: t. guar.: *urú*, ave, corvo + *tau*, phantasma.

C. de Figueiredo consigna como *ave de rapina diurna*...

Urutaurana: sm.— ave da familia Falconidæ (*Spizaëtus ornatus*, Daud.).

Etym.: t. guar. — de *urutau*, q. v. + *rana*, similhante, parecido.

N. ap.

Urutú: sm.— peixe dos malacopterygios abdominaes (*Doras costatus*, Cuv.) assignalado entre os componentes da fauna chthyologica pernambucana.

N. ap. nesta acc.

Usina: sf.— engenho central, ou fabrica de assucar por processos aperfeiçoados.

Etym.: do francez *usine*.

Nota — Gonçalves Vianna, nas *Apostilas aos diccionarios portugueses*, regista o termo com acc. differente.

Ar. geogr.: é usual em Pernambuco e Estados, onde a industria da fabricação do assucar tem introduzido os aperfeiçoamentos modernos.

N. ap.

Usineiro: sm.— proprietario de engenho central, ou fabrica de assucar.— Cp. *usina*.

Etym.: *usin* (*a*) + suff. *eiro*, designativo de profissão, habito, etc.

N. ap.

V

Vaqueijada: sf. — o mesmo que *apartação*, q. v.

Ar. geogr.: Pernambuco ao Piauhi.

N. ap.

Vaqueirama: sf. — reunião que, annualmente, no inverno, fazem os vaqueiros de uma *ribeira*, afim de proceder á *apartação* ou *vaqueijada*.

Etym.: De *vaqueir* (*o*) + suff. *ama*, designativo de collecção, ou reunião.

Ar. geogr: Pernambuco ao Piauhi.

N. ap.

Vasqueiro : adj. — raro, pouco abundante, escasso, o que está em poncto de acabar-se.

Etym. : de *vasca*.

Nota — C. de Figueiredo ap. como desusado e com a sign. — que produz vascas ou ancias. — Séguier não dá.

Vassourinha-do-brejo : sf. — planta da familia das Scrophulariaceas (*Conobia scoporioides*, Benth.) empregada para combater o beri-beri.

N. ap.

Vá-vá-vú : sm. — barulho, vozeria, confusão, alvoroto, açodamento.

N. ap.

Velado : adj. — diz-se do côco (*Coccos nucifera*, Linn.), cuja amendoa, por secca, se desprendeu do endocarpio.

Ar. geogr.: segundo B. Rohan, 145, Pernambuco.

Vento-da-madeira : sm. — separação longitudinal interna em duas metades, que experimentam os troncos cortados das arvores, em virtude da contracção provocada pela evaporação da seiva.

N. ap.

Verdureiro : sm. — vendedor ambulante de hortaliças, fructas, etc.; quitandeiro.

Etym.: de *verdur* (*a*) + suff. *eiro*, designativo de profissão, habito, etc.

Syn : balaieiro.

N. ap.

Vigario : sm. — parte dos gomos extremos do *rebólo* da canna,

que se inutiliza, afim de apressar a germinação dos brotos. —Cp. *cabóge*.

Ar. geogr.: zona assucareira do Norte de Pernambuco.

N. ap. nesta acc.

Vinagre : sm.— prestamista, usurario; individuo que empresta dinheiro a juros altos.

N. ap.

Vinhatico-amarello : (ou como se diz mais usualmente— *Amarello-vinhatico*) sm.— Leguminosa da divisão Mimosacea (*Echirospermum balthazarii*, Fr. All.).

Nota— Excellente madeira, correspondente, em seus usos, ao carvalho europeu, ao qual sobrepuja em belleza ; seu pêzo especifico é de 0, 613 a 0,669 ; resistencia á compressão 86 kgs. para as cargas perpendiculares ás fibras ; 317 para as parallelas, e de 545 a 570 para as de direcção indeterminada. Seus principaes usos são : construcção naval e civil, obras expostas e internas, torno, marcenaria de luxo, etc.—E' curioso ser o termo *vinhatico*— utilizado no Sul para designar todas as especies parentes— substituido em Pernambuco pelo voc. *amarello*, enquanto que este, designativo de uma especie alli, é, entre nós, o termo generico.

Ar. geogr. : de Pernambuco a S. Paulo. (Cf. Pio Corrêa, *Flora do Brasil*, 72).—E' abundantissimo em Pernambuco, onde existem muitas outras especies, ou variedades.

N. ap.

Vira-bosta : sm.— ave da familia Icteridæ (*Aaptus chopi*, (Vieill.)

Ap., mas não identificado.

INDICE

DAS

Materias contidas no tomo LXXVI, parte 1ª da Revista

3590-913 — Rio de Janeiro — Imprensa Nacional — 1915